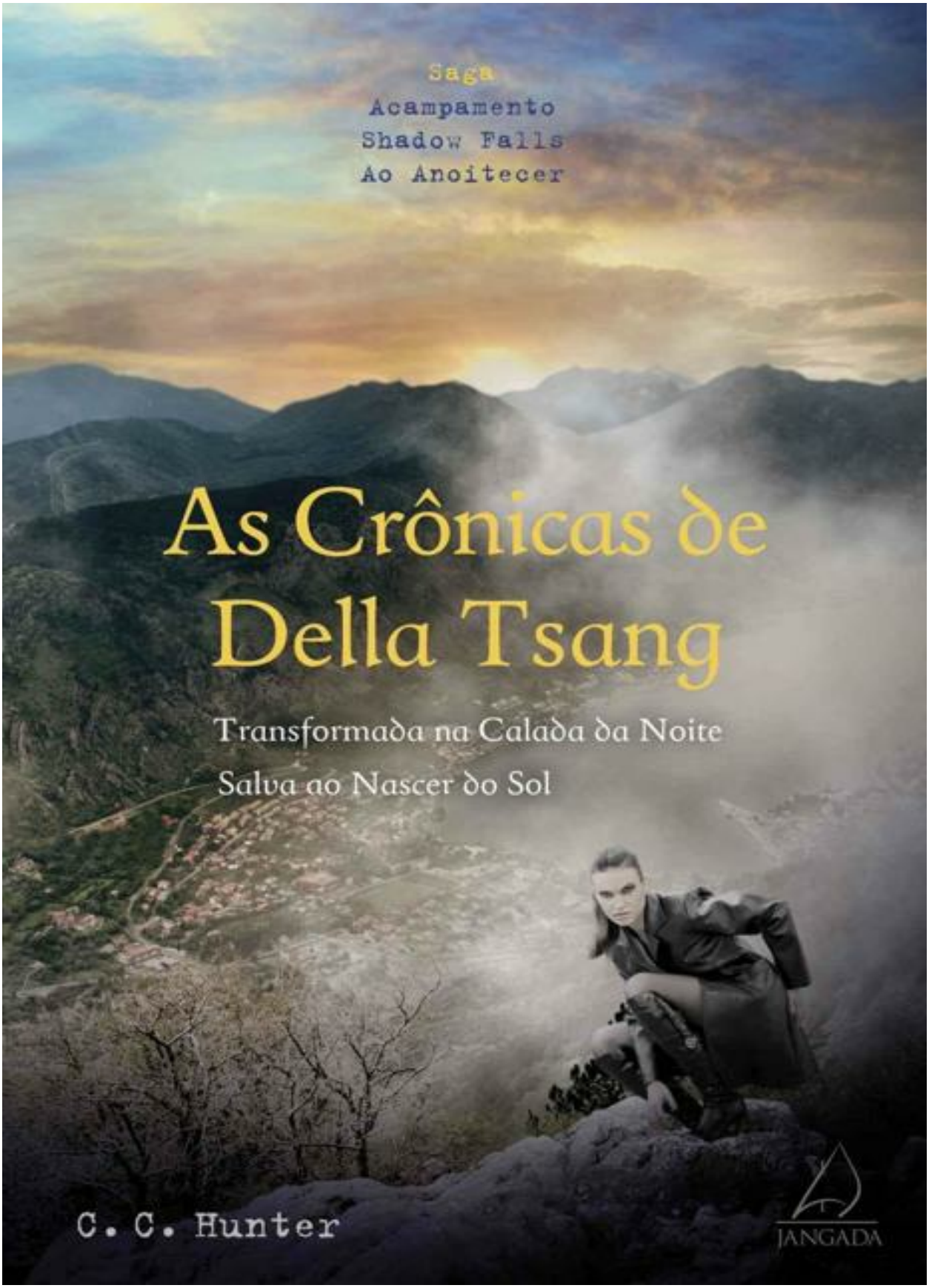

Saga
Acampamento
Shadow Falls
Ao Anoitecer
OS SOBRENATURAIS
C.C. Hunter
JANGADA


Saga
Acampamento
Shadow Falls
Ao Anoitecer
As Crônicas de
Della Tsang
Transformada na Calada da Noite
Salva ao Nascer do Sol
C. C. Hunter
JANGADA

AS CRÔNICAS DE DELLA TSANG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hunter, C. C.
As crônicas de Della Tsang / C. C. Hunter ; tradução Denise de C. Rocha Delela. — 1. ed. — São Paulo : Jangada, 2014.

Título original: Turnet at Dawn e Saved at Sunrise.
ISBN 978-85-64850-78-1
1. Ficção norte-americana I. Título.

14-09965 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

1ª edição digital - 2014
ISBN Digital: 978-85-64850-84-2

C.C. Hunter

AS CRÔNICAS DE DELLA TSANG

TRANSFORMADA NA CALADA DA NOITE

*

SALVA AO NASCER DO SOL

Tradução:
DENISE DE C. ROCHA DELELA



Título do original: *Turned at Dawn* e *Saved at Sunrise.*
Copyright © 2014 Christie Craig.



https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Copyright da edição brasileira © 2014 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com St. Martins's Press LLC.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2014.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz Produção editorial: Indiara Faria Kayo Editoração eletrônica: Fama Editora Revisão: Vivian Miwa Matsushita Produção de ebook: S2 Books Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.
Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Sumário

Capa
Ficha catalográfica
Folha de rosto
Créditos
Transformada na calada da noite
Salva ao nascer do sol
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis

TRANSFORMADA
NA CALADA DA NOITE

*D*ella Tsang, de 16 anos, nunca tinha visto um fantasma até que viu seu primo morto do outro lado da rua, entrando num beco. Se não fosse pelo poste de rua espalhando uma luz difusa na calçada, ela poderia nem tê-lo visto.

E se não fosse pela cicatriz no queixo, ela poderia ter pensado que era apenas alguém parecido com Chan. Pensando bem, já passava da meia-noite. Mas ela *tinha* visto a cicatriz. Uma cicatriz que de certo modo ela mesma provocara aos 6 anos, quando ele saltou de um trampolim e bateu o queixo contra a cabeça dela.

Della Cabeça-Dura ganhou esse apelido da família depois disso. Às vezes Della se perguntava se de fato era teimosa ou se o apelido tinha sido apenas outra coisa em que ela acreditara. Sendo de família oriental, os pais tinham grandes expectativas, às vezes altas demais. Mas, como ela e a irmã eram mestiças, o pai as fazia se esforçarem em dobro para provar que o amor entre os pais não tinha corrompido a árvore genealógica.

Dois faróis em movimento na rua desviaram a atenção de Della do beco por onde Chan desaparecera. Não que ela acreditasse completamente que fosse o primo. Ou será que era?

O carro se aproximou e, achando que poderia ser Lee vindo buscá-la, Della deu um passo para fora da varanda da casa de Lisa, sua melhor amiga, afastando-se do burburinho da festa, que ainda rolava solta.

Pelo menos duas vezes por mês, Della e Lee tentavam dar uma escapulida para passar uma noite inteira juntos. Della sabia que os pais a matariam se soubessem que ela e Lee estavam dormindo juntos. O fato de estarem praticamente noivos nem contava. Mas pelo menos Lee tinha conseguido a aprovação do pai dela. Felizmente, Della concordava com o pai. Não que concordasse com ele em tudo. No entanto, Lee era tudo que Della queria num namorado: sociável, inteligente e, para a felicidade do pai, de família oriental. Ela nem se incomodava que Lee não fosse muito de frequentar festas.

Della lançou um último olhar para o beco. Não poderia ser Chan. Ela tinha ido ao funeral dele menos de um ano antes, tinha visto o caixão ser abaixado na terra. Ela se lembrou de que não tinha chorado. O pai insistira para que não vertessem uma lágrima. Ela se perguntava se o pai ficaria muito decepcionado se soubesse que, naquela mesma noite, sozinha na cama, ela tinha chorado até ficar com os olhos inchados.

Quando o carro passou mais perto, Della percebeu que tinha se enganado. Não era Lee. Ela observou enquanto o carro descia a rua, passando pelo beco. Ficou ali, olhando, de repente se sentindo sozinha, no escuro, quando o celular tocou anunciando uma mensagem.

Ela o tirou do bolso do jeans e leu. *Pais ainda de pé. Só + tarde*.

Franzindo a testa, voltou a guardar o telefone e voltou o olhar para o beco. Será que faria mal se ela apenas... desse uma olhadinha? Só para provar que fantasmas não existiam?

Andando lentamente nas sombras, ela se aproximou do beco. O frio da noite de inverno atravessava sua jaqueta de couro e o leve ressoar dos seus pés no asfalto parecia muito alto. Talvez alta demais. Logo que virou a esquina, ouviu gritos. Parou. Sua respiração ficou presa na garganta assim que viu uma briga — na verdade, uma verdadeira guerra. O barulho de punhos batendo na carne encheu a escuridão fria e ela viu corpos sendo arremessados no ar como bonecas de pano.

Della podia não estar familiarizada com esse lado mais sombrio da vida, mas soube imediatamente com o que tinha se deparado. Uma disputa de gangues. Seu coração saltou na garganta. Ela tinha que sair dali, e rápido.

Deu um passo para trás, mas o salto do sapato virou e ela perdeu o equilíbrio. A perna subiu no ar e Della caiu com um baque forte.

Ao bater no chão, suas mãos voaram para trás, procurando apoio para se levantar. Ela sentiu uma dor aguda na palma da mão, sem dúvida por causa de um caco de vidro da garrafa de cerveja quebrada a poucos centímetros dali. Baixinho, ela xingou: — Merd... — O palavrão mal tinha deixado inteiramente seus lábios quando o silêncio de repente chamou sua atenção para o beco à frente. A luta tinha se interrompido e pelo menos seis homens, jovens, mais ou menos da idade dela, estavam começando a avançar em sua direção. Andando de um modo estranho, como... um bando de animais farejando uma presa.

A atenção de Della se desviou dos movimentos bizarros do grupo e se concentrou nos olhos deles. Seu coração começou a martelar loucamente no peito quando ela viu olhos brilhando num tom ardente de laranja. Então grunhidos baixos encheram as sombras.

— O que vocês...

Antes que pudesse terminar a frase, eles estavam em cima dela.

— Humana. Que delícia... — sussurrou um deles.

A tensão enrijeceu o peito de Della.

— Eu já estou indo. — Ela ficou de pé num salto.

De repente, ouviu passos atrás de si e soube que estava cercada. O rosnado ficou mais audível e por um segundo ela pôde jurar que os sons não eram humanos. Ela se virou, na esperança de encontrar para onde correr, mas no mesmo instante algo a agarrou pela cintura e um vento frio soprou contra o seu rosto. Ela se sentiu tonta, desorientada, como se de repente estivesse avançando em alta velocidade, como numa montanha-russa. Ela tentou gritar, mas nenhum som saiu. A escuridão a cercou e demorou um segundo para ela perceber que estava de olhos fechados. Della tentou abri-los, mas a corrente de ar que passava por ela era tão forte que a obrigou a fechá-los novamente. Que diabos estava acontecendo? Agora era como se... como se estivesse voando!

Ou caindo. Não, não caindo, alguém ou alguma coisa a carregava.

Seus pulmões gritavam por ar, mas o que ela achava que era um braço pressionava sua barriga, impedindo-a de respirar. Ela tentou se libertar, mas seus esforços foram em vão. Quem a segurava era forte como aço, e sua carne era fria e dura. Algo molhado parecia escorrer da mão dela e ela percebeu que era o seu próprio sangue que escorria do corte.

Logo em seguida, o corte começou a queimar. Queimar muito, como se alguém tivesse acabado de encharcá-lo com álcool. A dor lancinante pareceu subir pelo braço, até chegar ao peito e, por um segundo, seu coração parou de bater. Ela suspirou, esperando respirar, mas nada pareceu chegar aos seus pulmões. Recusando-se a deixar o medo detê-la, ela se forçou a falar.

— Me solte, seu imbecil!

Um choque percorreu seu corpo quando os pés tocaram o chão. O braço a soltou. Seus joelhos se dobraram, mas ela se equilibrou no último segundo e abriu os olhos. Piscando, tentou se concentrar, mas tudo parecia embaçado.

— Respire — disse alguém, e ela reconheceu a voz grave e masculina. Reconheceu Chan.

Fantasmas existiam mesmo?

Não, não era possível.

Alguns segundos depois, sua visão clareou e... minha nossa! Ela estava certa. Chan estava bem na frente dela. Náuseas a dominaram. A palma da mão ainda queimava. Ela apertou o estômago, inclinou-se para a frente e vomitou diante do primo morto.

— Ah, droga! — Ele deu um pulo para trás.

Ela se endireitou outra vez e olhou para a frente, esperando que a qualquer minuto fosse acordar. Ou talvez aquilo não fosse um sonho. Teria alguém colocado algo em sua bebida aquela noite? Ela cobriu os olhos com as mãos e nem se importou que o sangue do corte provavelmente mancharia todo o seu rosto.

Quando baixou as mãos, Chan a encarava, só que agora os olhos negros dele reluziam num tom verde brilhante.

Ele deu um salto para trás, afastando-se dela.

— Você está sangrando!

— E você está morto! — Ela pressionou a mão ensanguentada contra o estômago na esperança de diminuir o enjoo e a ardência.

Ele franziu a testa e olhou para ela com uma expressão preocupada.

— Mas que inferno! Você está se transformando...

— Não, eu não estou me transformando em nada! Estou aqui parada. No mesmo lugar — ela retrucou. Então, mais uma vez, sentiu tontura. Fechou os olhos e, em seguida, abriu-os novamente.

— Você precisou de ajuda então eu... Eu não sabia que você ia se cortar ou...

— Eu não preciso da sua ajuda, eu teria... Teria me virado sozinha.

Ele balançou a cabeça.

— Ainda cabeça-dura, hein?

Ela abraçou a si mesma.

— O que aconteceu? Não, o que *está* acontecendo? — Ela olhou em volta e viu que eles não estavam mais em algum lugar perto da casa de Lisa ou no beco escuro onde ela tinha ido à procura dele... — Você está morto, Chan. Como pode estar aqui?

Ele balançou a cabeça e olhou para a testa dela.

— Se soubesse que você estava sangrando, eu não teria... Eu devia saber que você era uma portadora. Mas se eu não tivesse tirado você de lá, os cachorros teriam te comido viva.

Ela parou de ouvir e tentou encontrar algum sentido no que tinha acabado de acontecer. Ela se lembrou de ver a luta das gangues, então tinha caído, e em seguida fora cercada e...

— Ah, droga, estou morta?

— Não. Mas você vai achar que está morrendo daqui a pouco. Você me tocou com uma ferida aberta. O vírus está se transformando neste exato momento. É por isso que você está se sentindo assim.

Ele parou de falar e farejou o ar.

— Mas que merda! Os cachorros estão atrás de nós. Tenho que tirar você daqui. — Ele estendeu a mão para a prima, mas Della saltou para trás.

— Fique longe de mim. Você está todo sujo de vômito.

— O vômito é seu.

— E daí? Não quero isso tocando em mim. Acho que... — O que quer que ela estivesse pensando se dissipou no ar. Mais uma vez, o vento soprou seus cabelos ao redor dos ombros. Os longos fios esvoaçavam com tanta violência que pareciam chicotes açoitando seu rosto.

*

A cabeça de Della doía demais. Seria a sua primeira ressaca oficial? Quantas cervejas ela tinha tomado? Apenas uma, certo? Nunca bebia mais do que... Ela abriu os olhos e se viu olhando para o teto do seu quarto. Ela sabia que era o quarto dela, porque podia sentir o cheiro das velas com aroma de baunilha e o perfume de limão do lustra-móveis que passava na mobília toda sexta-feira. E o travesseiro ainda tinha o cheiro de Lee, desde que ele a trouxera da escola na segunda-feira e não havia ninguém em casa. Ela adorava o cheiro dele.

Mas como tinha chegado em casa do...

Fragmentos de memórias começaram a se juntar: Chan, a briga de gangues, o voo. Voo?!

Ela se sentou na cama de um salto. Sua cabeça quase explodiu.

— Caramba... — resmungou e disse para si mesma que tinha sido um sonho.

— Ei, prima.

A voz dele chegou ao mesmo tempo que a náusea. Ela se virou e, pela segunda vez, vomitou sobre o primo morto.

— Ahh, mas que nojo! — exclamou Chan, então ele riu. — Eu acho que mereço isso. Não que eu queira que aconteça. Realmente não quero. — E, então, riu novamente.

Della não estava rindo.

— O que está acontecendo? — Lágrimas, em parte de frustração, em parte por causa da dor, enchiam os olhos de Della. Ela as reprimiu. Limpou a boca com a manga da blusa e viu o casaco de couro jogado aos pés da cama.

Chan colocou a mão no ombro dela e a empurrou com delicadeza.

— Deite-se que eu vou explicar.

— Era uma guerra de gangues... — ela murmurou tentando se lembrar.

— É, vampiros e lobisomens. Fui assistir. É legal ver a gente dilacerando os cachorros.

O celular dela, sobre a mesa de cabeceira, anunciou a chegada de uma mensagem. Della tentou alcançá-lo, mas sentiu dor ao seu mover. Outra onda de lágrimas encheu sua garganta.

— É o seu namorado — disse Chan. — Essa deve ser a décima mensagem que ele manda. Eu acho que você perdeu o seu encontro. — Chan balançou a cabeça. — Então, minha priminha está ficando com um cara, hein? Será que devo dar uma surra nele ou algo assim?

Ela caiu de costas na cama.

— Você quer que eu mande uma mensagem pra ele e diga que você está bem?

— Eu não estou bem! — Conversar fazia sua cabeça doer mais ainda. Perceber que ela estava falando com um fantasma deixava a coisa duplamente mais difícil. Sentiu uma pontada atrás dos olhos e os fechou, esperando até que a dor diminuísse.

— O que há de errado comigo? — murmurou para si mesma e não para Chan, porque a lógica lhe dizia que Chan não devia estar ali. Alguém devia ter colocado algo em sua bebida na festa. É. Tinha que ser isso.

Ela ouviu uma cadeira sendo puxada para perto da cama.

— Você não vai acreditar, e isso é normal. Vai levar um tempo para tudo fazer sentido. Como pode ver... Eu não estou morto. Eu... bem, a nossa família carrega esse vírus. Ele está incubado e pode-se passar a vida toda sem sequer saber disso, mas, se entrar em contato com um portador, especialmente se houver sangue na parada, o vírus se torna ativo.

— Eu tenho um vírus? — Ela engoliu para combater outro ataque de náusea.

— Tem.

— Gripe aviária? — perguntou ela.

— Não é bem isso.

— A doença da vaca louca?

— Não. Vampirismo.

Ela abriu um olho, isso foi tudo o que conseguiu fazer, e olhou para ele. Ela teria rido se não se sentisse à beira da morte.

— Eu sou um vampiro?

— Ainda não, leva quatro dias. E não vai ser fácil. Mas eu vou ajudá-la a passar por isso.

— Eu não preciso da sua ajuda. — Ela era filha de seu pai, sempre tentando descobrir como se virar sozinha. Della fechou um olho. Outra pontada na parte de trás da cabeça e ela percebeu que só podia ajudar a si mesma agora se pedisse ajuda. Mas não de um fantasma. Usando toda a energia que tinha, ela ficou de pé. O mundo começou a girar.

— Aonde você está indo? — Chan a amparou antes que ela caísse de cara no chão.

Ela tentou ignorar Chan, porque ele não era real, mas não tinha escolha a não ser falar com ele: — Tenho que falar com a minha mãe. — O que quer que alguém tivesse colocado na bebida dela era muito forte, porque ela estava sentada ali falando com um fantasma sobre vampiros!

— Eu não posso deixar você fazer isso. — Chan a empurrou de volta para a cama, sem que isso exigisse dele um esforço muito grande. Ela tinha tanta energia quanto um caracol bêbado, nadando numa xícara de chá de camomila.

— Mãããe! — Della gritou.

*

Della não tinha certeza se estava no hospital havia três horas ou havia dez. Ela não estava se sentindo melhor, mas pelo menos tinha parado de ter alucinações. Chan havia desaparecido. Ela não o via desde que a mãe a encontrara em posição fetal, vomitando mais uma vez.

As enfermeiras entravam e saíam do quarto dela, tentando forçá-la a beber alguma coisa. Ela não queria beber nada.

— Mas que diabos ela tomou? — Della ouviu o pai murmurar.

— Nós não sabemos se tomou alguma coisa — respondeu a mãe.

— Por que ela faria isso com a gente? Será que não sabe o que isso vai parecer? — perguntou o pai.

Della pensou em tentar explicar a eles, mais uma vez, que a única coisa que tinha bebido era cerveja. No início ela tinha quase confessado a sua teoria de que alguém poderia ter colocado algo na bebida dela, mas parou quando percebeu que isso poderia deixar Lisa em apuros. Melhor manter a boca fechada e enfrentar qualquer castigo que viesse.

— Eu não dou a mínima para o que parece! Eu só quero que ela fique bem — disse a mãe.

Era o mesmo argumento, numa versão diferente. A mãe detestava o orgulho do pai. Della não gostava também, mas entendia. Ela também detestava cometer erros. E, além disso, tinha visto a casa de um quarto, em cima de um restaurante chinês, em que o pai e os seis irmãos tinham sido

criados. Seu pai e a família mereciam estar orgulhosos do que tinham conseguido. E não tinham conseguido nada cometendo erros.

Della ouviu a porta do quarto de hospital se abrir novamente.

— Por que vocês não vão tomar um café? Vou ficar aqui por um tempo — disse uma voz feminina. Della achou que já tinha ouvido aquela voz antes. Provavelmente era uma enfermeira.

O barulho dos pais se afastando encheu o quarto. Della sentiu uma imensa gratidão por aquela enfermeira ter lhe poupado de ouvir a discussão entre os pais, mas não tinha como expressá-la.

— Seja bem-vinda! — disse a enfermeira, quase como se tivesse lido a mente de Della.

Della abriu os olhos. A enfermeira estava ao lado dela.

Piscando, Della tentou se concentrar, mas então algo estranho aconteceu. Ela podia ver... algo na testa da mulher. Uma coisa muito estranha. Algo parecido com linhas e outras coisas, como a tela de um computador em pane. Ela piscou com força e lentamente abriu os olhos novamente. Isso ajudou. As linhas estranhas tinham desaparecido.

Della tentou se sentar e percebeu que algo havia desaparecido. O corte em sua mão. Como ele tinha se curado tão rápido?

A enfermeira sorriu.

— Alguém já falou com você?

Della tentou alcançar um grande copo sobre a mesa de hospital.

— Sobre beber a minha água? Sim.

— Não, sobre o que está acontecendo com você. — A enfermeira pegou o copo da mão de Della. — Não beba nada. Isso só vai fazer com que se sinta mais doente.

— Mais doente? Descobriram o que há de errado comigo?

A porta se abriu de repente e um médico entrou, aproximou-se da cama e olhou para ela.

— Será que ela sabe? — ele perguntou à enfermeira.

— Sabe o quê? — Della deixou escapar.

— Eu acho que não. — A enfermeira ignorou a pergunta de Della.

— Sabe o quê?! — ela repetiu.

— Os pais dela não são portadores? — perguntou o médico.

— Não — respondeu a enfermeira.

— Querem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui?

O médico a fitou.

— Desculpe. Eu sei que é difícil. — A intensidade do olhar do médico a deixou perturbada. Por alguma razão, tudo nele a perturbava. O que era estranho. Ela normalmente não sentia uma antipatia instantânea pelas pessoas. De modo geral, era preciso pelo menos quinze minutos e uma boa razão.

Ela começou a fechar os olhos e... estava ali outra vez! A droga da coisa estranha apareceu na

testa do médico também.

O médico rosnou, um rosnado real. Della se lembrou dos membros da gangue fazendo a mesma coisa...

— Alguém sabe. — O médico acenou com a cabeça para a porta.

A porta do quarto se abriu com tanta força que bateu contra a parede e Della teve a impressão de ter visto voar pedaços de reboque. Della olhou para a frente, mas o médico bloqueou sua visão.

— Que diabos estão fazendo com ela? — Chan estava parado do outro lado da cama.

— Merda! — sussurrou Della. — Está acontecendo de novo. — E quando ela olhou para a enfermeira, aquela coisa louca na testa tinha aparecido novamente. Era como se Della pudesse ver dentro da cabeça da enfermeira, como naqueles filmes de terror baratos. Ela podia ver a frente... do cérebro dela! Sim, parecia um cérebro, só que não eram os miolos. Eram linhas estranhas em zigue-
-zague, como um cruzamento entre arte moderna ruim e hieróglifos antigos.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou a enfermeira.

— Eu estou... vendo fantasmas. — Della teve que fazer força para parar de olhar para o cérebro da mulher. Ela olhou para Chan e agora ele tinha algo na testa, também. Só que o cérebro dele parecia diferente.

— Nós estamos tentando ajudá-la — respondeu o médico a Chan.

Della ofegou.

— Você pode vê-lo, também?

Chan rosnou para o médico, expondo os dentes, e ela recordou a conversa insana sobre vampiros.

— Ela não precisa do seu tipo de ajuda, homem-lobo!

— Você fez isso com ela? — perguntou o médico. — Foi você quem a infectou?

— Sim — Chan fervia. — Mas eu não sabia que ela estava sangrando e, se quer saber, eu não tinha escolha. Era pegá-la e levá-la para fora do beco ou deixar que fosse morta pela sua cachorrada!

O médico franziu a testa.

— Você, pelo menos, explicou a ela?

— Eu tentei — disse Chan. — Mas ela não está acreditando.

— Acreditando em quê? — perguntou Della, piscando furiosamente, tentando deixar de ver aquela coisa estranha na testa de todo mundo. — Ele está morto — ela retrucou.

— Nós temos que levá-la para fora do hospital antes da Fase Dois — disse a enfermeira.

Fase o quê? Nada fazia sentido agora.

O médico olhou para Della.

— Olhe, seu primo não está morto. Ele é... um vampiro. E, graças ao descuido dele, goste você ou não, você está prestes a se tornar um também.

A cabeça de Della começou a latejar novamente.

— Eu tenho que ir — disse Chan. — Os pais dela estão saindo do elevador.

— Espere! — o médico disse a Chan. — Se eu der alta a ela, você vai ajudá-la a passar por isso?

— Não preciso da ajuda de ninguém! — Della insistiu.

— Claro que sim — disse Chan. — Ela é minha prima.

A enfermeira olhou para Della.

— Quando a transformação estiver completa, quero que você ligue para esta pessoa. — Ela entregou a Della um cartão. Quando viu que Della não iria pegá-lo, a enfermeira colocou-o na mão da garota.

— Ligar para quem? — Chan perguntou enquanto recuava para a porta.

— Holliday Brandon. É a diretora do Acampamento Shadow Falls. Ela pode ajudar.

— Ah, não! Della não vai para aquele acampamento idiota sofrer uma lavagem cerebral do governo.

Os ombros da enfermeira ficaram tensos.

— Eles não fazem lavagem cerebral em ninguém. Vão ajudá-la a decidir o que é melhor para ela.

— Eu sei o que é melhor para ela. Ela vai morar comigo.

Morar com Chan? Della lutava para acompanhar aquela conversa maluca, então ouviu as portas do elevador se abrindo, como se ele estivesse bem ao lado do quarto.

— E encenar a morte dela, como você fez? É por isso que ela pensa que você é um fantasma, não é? — A enfermeira balançou a cabeça. — Isso é realmente o que você quer para ela? Ter de se afastar de toda a sua vida, da família?

Chan não respondeu. Della só vi um borrão aparecer onde ele estava antes. A porta voltou a se abrir e, ao se fechar, fez com que mais fragmentos do reboque voassem para o chão. O médico e a enfermeira olharam para Della com piedade e compaixão. Della fez uma careta para eles.

— A enfermeira tem razão — disse o médico. — Ligue para Shadow Falls. Deixe seu primo ajudá-la nos próximos dias, mas, depois disso, não acredite em tudo o que ele disser. Você parece uma garota inteligente. Tire suas próprias conclusões. Com um bom planejamento, nós podemos viver uma vida normal.

— Nós? — perguntou Della.

— Nós, os sobrenaturais — disse ele, então apontou para o peito. — Eu sou um lobisomem. — Ele fez um sinal para a enfermeira. — Ela é *fae*. E você é um vampiro. Existem outros, mas você vai aprender sobre isso com o tempo.

Della caiu de volta no travesseiro.

— Então, é oficial... — ela murmurou.

— O que é oficial? — perguntou a enfermeira.

— Estou pirando.

*

— Você precisa comer e beber alguma coisa — disse a mãe de Della, entregando à filha uma xícara fumegante.

Della tinha saído do hospital no dia anterior. Sua cabeça ainda latejava como se tivesse um tambor dentro do crânio e seu corpo doía como a pior gripe que já tivera. E mentalmente ela estava entorpecida. Mas sua avaliação não se pautava no fato de que via Chan. Mas no fato de que estava quase acreditando nele. Ela estava se transformando num vampiro. E de acordo com Chan, os dois primeiros dias eram como um passeio pelo parque de chinelos em comparação com os dois seguintes.

Ela aproximou a xícara de chá quente dos lábios, fingindo beber, na esperança de que isso apaziguasse a mãe. A enfermeira, e depois Chan, tinha avisado que comer ou beber qualquer coisa só iria piorar as coisas. Ah, mas Della não tinha acreditado na palavra deles. Não. Ela tivera que provar por si mesma.

Ela nunca tinha ouvido falar de alguém vomitando um órgão vital, mas havia a probabilidade de que estivesse sem um dos pulmões no momento. Graças a Deus, ela tinha dois.

— Lee ligou de novo — disse a mãe, alisando as cobertas.

— Ele vai vir me ver? — Della conseguiu perguntar, dividida entre a vontade de encontrá-lo e o receio de que ele a visse naquele estado. Afinal, vomitar um pulmão não deixa ninguém com uma aparência muito boa.

— Eu disse a ele que podia vir, mas ele disse que a mãe estava preocupada com a possibilidade de você estar com algo contagioso.

— Ela nunca gostou de mim. — Della fechou os olhos.

— Por que acha que ela não gosta de você? — A mãe dela se levantou.

Porque sou mestiça.

— Eu não sei — Della mentiu e abriu os olhos. — Porque sou muito corajosa.

A mãe apertou a mão dela.

— Você é muito corajosa. Muito independente. Muito teimosa. Um pouco como o seu pai. Mas eu o amo, também. — Ela tirou a franja da filha da testa.

Quando a mãe deixou o quarto, Chan saiu finalmente do armário e foi até a cama dela.

— Você está prestes a entrar na Fase Três.

— Como você sabe? — ela perguntou e ah, droga, cada terminação nervosa do seu corpo parecia gritar. Se aquela era a Fase Três, ela não estava gostando nem um pouco dela!

— A sua frequência cardíaca está aumentando — disse ele.

Della afundou a cabeça no travesseiro e murmurou um palavrão.

— Ouça, Della. Isso é muito importante. Quando seus pais vierem aqui, você tem que agir normalmente. Aconteça o que acontecer, não podemos deixar que a levem de volta para o hospital.

— Por que não? — ela perguntou e gemeu.

— Há muito sangue lá. Você pode perder a cabeça. Só sentir o cheiro de sangue já pode ser demais para você. As primeiras vezes em que se alimentar têm que ser controladas.

Outra pontada de dor transpassou seu corpo e ela mordeu o lábio para não gritar.

— Posso morrer por causa disso? — Ela pegou um punhado de cobertor na mão e apertou. Ela odiava estar com medo. Odiava porque era um sinal de fraqueza.

Os olhos negros de Chan encontraram os dela.

— Pode.

Outra pontada forte explodiu em sua cabeça.

— Eu vou morrer? — Seus pensamentos desviaram-se para Lee. Ela queria que ele estivesse ali para abraçá-la. Se ela iria morrer, queria vê-lo uma última vez. Então seus pensamentos passaram para a irmã mais nova. Della tinha jurado que estaria sempre ao lado dela, para se certificar de que ninguém nunca a intimidasse, como tinham feito com ela. Por alguma razão, Della sabia que a irmã não era tão forte quanto ela mesma.

— Não, você não vai morrer — disse Chan, mas Della viu a dúvida nos olhos dele. — Você é muito teimosa. Della Cabeça-Dura não pode morrer. Está me ouvindo? Você não pode morrer, Della. Precisa aguentar firme.

*

Dois dias depois, Della acordou lentamente. Ela tivera um sono agitado nas últimas 48 horas. Lembrou-se de ter se sentado e fingido comer quando os pais chegaram, para que não fosse forçada a voltar para o hospital. E lembrou-se de ter falado com Chan algumas vezes. Mas ela tinha tanta febre e andava tão fora de si que sua memória ainda estava nebulosa. Ela abriu os olhos e cobriu-os rapidamente com a mão para bloquear o sol que entrava pela janela.

— Pare com isso! — sibilou.

— Com quem você está falando? — perguntou Chan.

— Com o sol — ela resmungou, quase cortando a língua nos caninos.

— A luz me irrita também. Somos pessoas da noite agora. Mas ele está prestes a se pôr. — Chan devia ter fechado as cortinas, porque a luz diminuiu. Ele continuou a falar. — Logo que

seus pais forem para a cama, nós vamos sair. Eu preciso educá-la.

— Me educar em quê?

— Na sua nova vida.

*

Ela tirou a mão dos olhos e olhou em volta. A primeira coisa que viu foram as flores. As rosas vermelhas. Lee? Sim, ela se lembrou da mãe trazendo o buquê e lendo o cartão. Lee dizia que a amava.

Ela sorriu e percebeu que não sentia dor. Nem na cabeça. Nem na barriga. Na verdade, ela se sentia... bem. Forte. Sentia-se mais viva do que nunca.

— Eu estou bem! — Ela estendeu os braços e ensaiou uma dancinha na cama.

— Tem razão, você parece bem. Me deu um grande susto nestes últimos dias, mas...

— Onde está meu celular? — Ela queria ligar para Lee.

— Na gaveta; assim eu não tive que ouvi-lo tocar o tempo todo. Seu namorado está preocupado com você.

Nesse exato instante, toda a conversa sobre vampirismo voltou à sua cabeça. Será que ela realmente acreditava naquilo? E se não acreditava, como podia explicar a presença de Chan? Ela afastou o pensamento e decidiu não se sentir como cocô de cachorro por alguns segundos, antes de trilhar aquele caminho. Um caminho que, de alguma forma, ela sabia que iria lhe causar muita dor.

Sentada na beirada da cama, ela se lembrou de Chan arrumando seus travesseiros e dizendo a ela para fingir estar bem, cada vez que ouviam os pais dela subindo as escadas. Della não conseguia lembrar se tinha se saído bem ou não, mas provavelmente não fora muito mal, porque eles não tentaram fazê-la voltar para o hospital.

Ela se levantou, espreguiçou-se e olhou para a cadeira posicionada ao lado da cama. Então se lembrou de Joy, a irmã mais nova, entrando no quarto. A menina tinha segurado a mão de Della e chorado. Chorado baixinho porque a irmã também sabia que o pai detestava fraqueza. As palavras de Joy soaram como o refrão de uma música triste na cabeça de Della. “Por favor, não morra, Della. Você tem que me ajudar, me ajudar a aprender a ser forte como você.”

Uma grande dor encheu o peito de Della. Ela estava muito feliz por não ter morrido e não ter entristecido Joy.

Olhando pela janela, ela tinha uma vaga lembrança de... estar de pé no telhado.

— Fomos a algum lugar? — perguntou a Chan.

— Sim, você estava sufocada aqui dentro; precisava testar suas asas. E foi muito bem.

De repente, ela se lembrou de ter se movido a uma velocidade incrível e sentido o vento no rosto. O que era real?

Seu estômago roncou.

— Estou morrendo de fome — ela murmurou.

Chan apontou para um grande copo de plástico com um canudo.

— Você não tomou o seu café da manhã.

Ela pegou a bebida e tomou um gole. Mil sabores diferentes explodiram em sua boca. Frutas vermelhas, chocolate amargo, melão picante. Sabores que ela nem sequer reconhecia, mas de alguma forma sabia que não poderia viver sem eles, agora que já os provara.

— O que é isso? — Ela lambeu os lábios e imediatamente começou a beber novamente.

A sobrancelha direita dele arqueou.

— É disso que você vai viver a partir de agora. Sangue.

Ela quase engasgou, então parou. Já tinha mordido a língua antes.

— Sangue não tem esse gosto. — Ela tirou a tampa do copo e avaliou... Aquilo parecia sangue.

— Como pode...

— Nada vai ter o mesmo gosto de antes. Não se lembra de como você engasgou com a canja de galinha que sua mãe trouxe?

Ela olhou para o primo e se lembrou vagamente do dia em que tentara tomar sopa.

— Diga que você está mentindo.

— Desculpe. Tudo é diferente agora. Não adianta eu tentar enfeitar a realidade. Apenas aceite-a.

Ela olhou para a substância vermelha e grossa no copo.

— Isso não pode ser real.

— É tão real quanto parece.

— Ah, meu Deus! — Ela colocou o copo na mesa de cabeceira e olhou para ele. — Que tipo de sangue é este?

— AB negativo. O tipo O é melhor, mas não consegui encontrar em lugar nenhum.

— Isso é o quê?... Sangue humano? — O estômago dela revirou.

Ele acenou com a cabeça.

— O sangue animal não é tão bom. Mas você vai aprender sobre isso no momento certo. Eu tenho muito para te ensinar.

Ela cobriu a boca com a mão e olhou para o copo. Só o pensamento de beber sangue já foi suficiente para deixá-la enojada. Mas, mesmo que uma parte dela prometesse a si mesma não se tornar um monstro, a boca ficou cheia de água só de pensar no gosto, em dar outro gole.

Ela nunca soubera o que era ter fome ou sede de verdade, mas isso... a sensação de que se não bebesse tudo poderia morrer, devia ser a coisa mais próxima disso que já experimentara.

Chan fez menção de pegar o copo. Antes que soubesse o que estava fazendo, ela deu um salto e fugiu dele, aparecendo do outro lado do quarto com o copo na mão.

Ele riu.

— Achei o máximo.

Ela terminou a bebida e olhou para Chan.

— Eu preciso de mais.

— Eu sei. Logo que você se transforma, fica faminto. Eu acho que bebi uns sete litros nos meus primeiros dias. Mas você vai ter que esperar até depois que seus pais forem para a cama.

— Eu quero agora! — ela sussurrou, nem mesmo reconhecendo a própria voz.

*

— Não vão pedir a minha identidade? — perguntou Della, seguindo Chan para dentro de um bar, várias horas mais tarde. O lugar era escuro, iluminado apenas por algumas velas, mas, surpreendentemente, ela não tinha dificuldade nenhuma para enxergar. Ou ouvir. O burburinho de uma pequena multidão, a vibração de diferentes conversas e das pessoas se virando em suas cadeiras vinham até ela de todas as direções, mas de alguma forma ela era capaz de silenciar a parte que não queria ouvir. Mas o ambiente não era composto apenas pelo barulho ou pela iluminação. A energia vibrava no local. Della a sentia, a sentia alimentá-la, como uma droga proibida.

— A única identidade de que você precisa para entrar neste lugar está aqui. — Ele tocou a testa dela. Imediatamente, Della se lembrou das coisas estranhas que estava vendo na testa de todo mundo. Ela segurou o braço dele.

— O que é isso? A coisa na testa?

Ele sorriu.

— É a sua identidade. Todos os seres sobrenaturais têm a capacidade de ler os padrões cerebrais, e logo você vai aprender a diferenciar cada espécie. E se você se concentrar um pouco mais vai poder ir além dos escudos das pessoas e saber quem é amigo e quem não é.

Ele apontou para o outro lado da sala.

— Veja o cara de camisa verde. Aperte os olhos e olhe para a testa dele e me diga o que você vê.

No início, tudo que Della viu foi a testa e depois...

— Estou vendo... linhas em redemoinho.

— Agora olhe para o meu padrão. — Vê alguma semelhança? — perguntou Chan.

— Sim. Mas não são idênticos — concluiu ela.

— Não são idênticos, mas ele também é um vampiro. Padrões cerebrais são como pegadas na neve, mais cedo ou mais tarde você vai ser capaz de dizer de que tipo de animal se trata pela pegada dele.

Ela assentiu com a cabeça e olhou ao redor da sala.

— Olhe o padrão daquele cara grande de casaco preto — sugeriu o primo.

Ela obedeceu. O padrão era completamente diferente. As linhas eram horizontais e...

— Agora olhe mais profundamente. Continue olhando. Abra sua mente.

Ela se concentrou e o que viu era preto e escuro, e dava a impressão de perigo. Ela deu um passo para trás.

Ele riu.

— Está tudo bem. Ele não vai fazer mal a você. Pelo menos não aqui. Mas encontre-o num beco escuro, e quem pode saber?

— Não estou com medo — ela insistiu, mas ela sabia que era mentira e ouviu seu próprio batimento cardíaco acelerar como se denunciasse a mentira.

— Pois deveria estar. Ele é um lobisomem e não alguém com quem você queira se associar.

Della se lembrou.

— O médico. Ele era um lobisomem e não parecia... ruim.

— Eles são todos ruins. — Chan olhou ao redor. — Aquela ali é uma *fae*, a morena bonita de vestido rosa. Bem, ela é metade *fae*, metade humana.

Della apertou as sobrancelhas e recordou o padrão da enfermeira no hospital.

— Eu acho que estou entendendo. Mas, se essas pessoas não se dão bem, como é que frequentam o mesmo bar? E por que trabalhariam juntos?

— Porque alguns sobrenaturais acham que devemos viver como uma grande família feliz. Como seres humanos que querem viver ao lado de leões. Eu admito que já me diverti muito brincando com algumas espécies. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Especialmente seres humanos. É divertido brincar com a comida.

Della deu um passo atrás.

— Você é humano. Como pode...?

— Eu já disse, não vou enfeitar a realidade. Não sou mais humano. Nem você. Você precisa começar a olhar para os seres humanos como presas, porque isso é tudo o que eles são para nós.

Della cobriu a boca com a mão.

— O sangue que bebi, você não fez... mal a ninguém, fez?

— Eu o consegui num banco de sangue. — Ele desviou o olhar, quase rápido demais, como se mentisse. — Ah, está vendo o rapaz de camisa preta? Verifique o padrão dele, mas... se ele olhar para o nosso lado, desvie o olhar depressa.

Emoções davam voltas no peito de Della. Ela olhou para Chan.

— Olhe para ele, Della. Isso é importante. Você precisa saber identificar quem é quem.

— Por quê?

— Porque ele é um metamorfo. Você precisa ser capaz de reconhecê-los para que possa ficar longe deles. Eles são uma raça de cabeça quente. Toda aquela mudança de forma mexe com a

psique deles. A maioria nos mataria sem pensar duas vezes.

As emoções dela estavam novamente fervilhando em seu peito.

— Não se preocupe — tranquilizou-a Chan. — O lugar onde você vai morar não...

Della se lembrou de trechos vagos da conversa entre eles sobre deixar sua família. Ela não podia fazer isso.

— Chan, eu...

— Eu vou levar você de volta para Utah comigo. É uma comunidade de vampiros. Estou pensando seriamente em entrar para uma gangue e, se você quiser, nós dois podemos...

Ela fez não com a cabeça.

— Mesmo se eu quisesse ir com você, meus pais nunca deixariam.

— Essa é outra razão por que estamos neste lugar. Há um cara aqui, um agente funerário, que vai nos ajudar a simular a sua morte. Como é que você prefere, acidente de carro? Talvez você caia e bata a cabeça quando sair da banheira. Ele é muito bom nisso.

Della ficou olhando para o primo, o ambiente à luz de velas fazendo tudo parecer surreal. Instantaneamente, ela se lembrou de como os pais de Chan tinham ficado devastados no funeral do filho, como ela e a irmã mais nova tinham chorado. Como Della tivera vontade de chorar, mas o pai dela não parava de olhar para lembrá-la de que ela tinha que ser forte.

— Não — ela disse a Chan. — Eu não vou fazer isso.

— Você não tem escolha.

— Não vou!

E foi então que ela sentiu uma aversão pelo primo. Ela tinha que ficar longe dele. Longe de tudo o que ele estava dizendo a ela. Ela o empurrou com força. Com mais força do que pretendia. E o viu voar para o outro lado do cômodo. Ela não esperou para vê-lo aterrissar, nem mesmo para ver se ele estava bem. Começou a correr. Lançou-se entre as mesas até que viu uma porta e correu para ela. O outro cômodo era ainda mais escuro, havia apenas duas ou três velas sobre um balcão. Ela correu para longe da luz, na esperança de se esconder, na esperança de se perder no meio da multidão.

De repente, um sujeito a segurou pelos antebraços.

— Devagar, docinho. Está tudo bem?

Docinho? Ela olhou para ele e, por causa das lágrimas, sua visão não estava muito nítida. Mas de repente a testa dele como que se abriu e ela viu o seu padrão. Ela não sabia o que era, mas, quando olhou mais fundo, teve uma leve sensação de aversão.

Ele se inclinou mais para perto. O hálito dele cheirava a cebolas.

— Eu pedi esta bebida para mim, mas acho que você precisa mais do que eu. — Ele colocou um copo quente na mão dela.

Ela estava prestes a recusar quando o cheiro a atingiu. Os sabores exóticos. Levou o copo aos

lábios e engoliu tudo num só gole. Era melhor do que qualquer tipo de álcool que ela já tivesse provado. Ainda melhor do que o sangue que ela tinha tomado antes.

— O que era isso? — Ela lambeu os lábios para recolher a última gota.

— Sangue O negativo. Recém-drenado. — O cara sorriu. — Meu nome é Marshal. Que tal irmos para a minha casa? Eu tenho um pouco mais disso lá.

A sensação repugnante que o homem lhe provocava de repente a dominou.

— Já ouviu falar de estupro, seu pervertido? — Della fervia, percebendo que o cara era mais velho do que o pai dela.

— Precisa de ajuda? — perguntou uma garota que de repente estava ao lado deles. Vestida em estilo gótico, seus olhos faiscavam num tom dourado. Della franziu as sobrancelhas para ler o padrão cerebral da garota e concluiu que ela provavelmente era um lobisomem. A garota agarrou o homem pela camisa.

Ele a empurrou e segurou Della pelo braço. Della perdeu a cabeça e jogou-o do outro lado do bar, do mesmo jeito que tinha feito com Chan; em seguida correu para outra porta, mas não antes de olhar para trás e ver a garota lhe mostrar os polegares para cima. Della não pôde deixar de se perguntar se Chan não estaria errado sobre os lobisomens.

*"Não acredite em tudo o que ele lhe disser. Voc*ê *parece uma garota inteligente. Tire as suas próprias conclusões."* As palavras do médico voltaram à sua cabeça, mas ela não teve tempo para pensar. Ouviu o velho tarado gritando ordens para outra pessoa, mandando-a encontrá-la e trazê-la de volta para que ele pudesse lhe dar uma lição.

Ela já tinha aprendido lições demais para um único dia, pensou. Correu mais rápido, derrubando mesas e cadeiras, e ocasionalmente cadeiras que não estavam vazias.

— Desculpe. Desculpe... — dizia enquanto avançava, atravessando o bar lotado e escuro. Ela sentia o cheiro de cerveja e ouvia o tilintar de cubos de gelo nas bebidas. O bar era como uma casa velha, com um monte de cubículos e salinhas cheias de mesas de jogos, onde as pessoas se agrupavam. Era como se alguém tivesse simplesmente construído os cômodos a esmo, criando um lugar semelhante a um labirinto. Ela avançou sem rumo, atravessou uma porta, depois outra, mas... talvez não estivesse andando tão sem rumo assim.

Ela seguia alguma coisa. Só não sabia o que era até... até que descobriu. O cheiro.

Sangue.

Ela entrou num outro cômodo e viu três homens estendidos na cama, com agulhas nos braços e sangue sendo drenado de seus corpos.

Seu primeiro pensamento foi que estavam sendo forçados a desistir da substância que lhes sustentava a vida; seu segundo pensamento foi... Humm. Seu estômago roncou e ela lambeu os lábios. Então, seu último pensamento a enojou. Ela deu um passo para trás, com medo dos

impulsos que vibravam através de seu corpo, mas então o cheiro entrou em suas narinas e sua boca se encheu de água.

— Se está querendo comprar sangue, vai ter que pedir no bar — disse um dos homens. — Trabalhamos para o Tony e ele vai expulsar a gente daqui se começarmos a vender. Mas se quiser o nosso cartão, podemos conversar mais tarde.

Della viu quando um homem se levantou, tirou uma agulha do braço e selou a bolsa de sangue com um tipo de grampo plástico. Mas o cheiro maduro de todos os sabores exóticos encheu a sala. Ela viu quando ele colocou o sangue numa bandeja de metal.

— Com fome, não é? — perguntou ele, sorrindo para ela. Della apertou os olhos e viu que ele tinha um padrão semelhante ao da enfermeira. Será que era *fae*?

Ela respirou fundo, o cheiro enchendo as suas narinas novamente. Se eles estavam dispostos a lhe vender sangue depois, obviamente não estavam sendo forçados a doá-lo. De alguma forma isso fez com que seu desejo pelo líquido vermelho parecesse menos hediondo.

O coração de Della disparou. Seu estômago resmungou e ela avançou na direção do homem, com o único objetivo, o único desejo de pôr as mãos naquela bolsa de sangue.

E conseguiu. Os outros homens se levantaram da cama, as agulhas arrancadas dos braços, o sangue se derramando no chão. Ela sibilou para eles pensando que iriam atacar, mas todos eles recuaram, como se ela os assustasse. Ela com certeza tinha assustado a si mesma. O ruído gutural que se desprendera dos seus lábios era diferente de qualquer outro som que já emitira.

Movendo-se para trás, Della encontrou a maçaneta da porta e fez menção de correr para fora, mas um ruído alto encheu sua cabeça. Alarmes. Ela apertou a bolsa de plástico cheia de sangue contra o peito e se abaixou entre as mesas lotadas. Cabeças se viravam e seguiam cada movimento dela. Ela se deu conta de que talvez os outros fossem como ela e provavelmente podiam sentir o cheiro do sangue. Mas não se importava. Precisava do sangue. Tinha que ficar com ele.

De repente, Della sentiu alguém agarrar o seu braço e puxá-la através da sala. Ela lutou, mas a força de seu agressor era parecida com a dela. Os alarmes não paravam de tocar, ela ouviu as pessoas correndo para longe dela e algumas em sua direção. Quem quer que segurasse seu braço continuou a puxá-la pela sala. Ela olhou para a frente e não viu uma porta, não havia como escapar. Será que iria morrer ali porque tinha roubado sangue? Ela tentou se libertar, mas não conseguiu. E então percebeu de repente que atravessavam uma vidraça, os cacos de vidro caindo ao redor, e em questão de segundos estavam voando.

— Aquilo foi uma tremenda idiotice! — gritou Chan. — Eles podiam ter nos matado!

Ela fechou os olhos com força, negando-se a demonstrar fraqueza, mas por dentro, onde contava mais, as lágrimas caíam. O que estava acontecendo com ela? Que tipo de monstro ela tinha se tornado?

Em questão de minutos, ela e Chan estavam do lado de fora da casa dela. Normalmente, eles aterrissavam sobre o telhado e se arrastavam através da janela do quarto dela. Mas não dessa vez. Ela pressionava a bolsa de sangue contra o peito, como se fosse uma pedra preciosa.

— Se é isso o que quer, é melhor tomar agora — disse ele, a frustração evidente na postura e no tom de voz. — Seus pais estão acordados e bem contrariados.

A bolsa de sangue na mão dela ainda estava quente. De alguma forma, o aroma vazou do plástico e encheu seu nariz. Della olhou para a casa.

— Como você sabe o que eles estão fazendo?

— Concentre-se. A sua audição sensível já deve estar funcionando.

Ela olhou para a janela do seu quarto.

— Eu não consigo ouvir nada... — Mas de repente ela percebeu que podia. A mãe chorava e o pai murmurava algo sobre encontrar uma boa clínica de reabilitação para drogados. Ela olhou para Chan. — Eu não estou consumindo drogas!

— Sim, mas está fazendo coisas que nunca fez, então eles simplesmente tiraram suas próprias conclusões. Meus pais fizeram a mesma coisa. — Ele suspirou. — Mas não importa o que pensam.

— Para mim importa! — Della retrucou.

Ele balançou a cabeça.

— Você não vê que vai ser impossível morar aqui? Não é como se pudesse manter um estoque de sangue na geladeira. Você não vai conseguir manter o mesmo estilo de vida que a sua família agora.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não posso... Não posso me afastar... de Lee. Não posso deixar a minha irmã. Ela precisa de mim. — E quisesse admitir ou não, ela amava os pais também.

— Della Cabeça-Dura — ele murmurou. — Eu devia saber que você ia querer resolver tudo por si mesma. Então tudo bem... fique andando por aí com o seu sangue e veja se consegue explicar isso. Ele ergueu as mãos como se estivesse exasperado. — Estou indo embora. Voltando para Utah. Como você vai conseguir sangue amanhã ou depois eu não sei. Você não pode mais morar com humanos. Você não vai conseguir.

— Eles são a minha família — insistiu ela.

— Não são mais. Eu sou a sua família agora. Os outros vampiros são a sua família. Você vai ver. Não pertence mais a este lugar.

Ela olhou para a bolsa de sangue. Suas mãos tremiam. Seu peito doía de emoção.

— Ah, dane-se — disse Chan e a fúria em seus olhos desapareceu. — Me dá aqui este sangue. Eu te devolvo mais tarde. Vá ver seus pais. Mas estou avisando, eu não posso ficar por aqui para te arranjar sangue para sempre. Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que deixar sua família. Você vai ver. Não importa quanto seja teimosa, mais cedo ou mais tarde, vai ter que aceitar a minha ajuda.

*

Della se recusava a chorar. Não importava o quanto as palavras do seu pai fossem duras, amargas. Ela ficou sentada ali no sofá, firme, ouvindo os insultos. Cada um doía um pouco mais. Mas ia aguentar firme. Não ia chorar. Seu pai não parava de falar, dizendo que ela era uma decepção para ele e a família. Que só tinha trazido vergonha para o nome de família. Que nunca mais seria capaz de enfrentar as pessoas novamente com o queixo erguido.

— Vá para o seu quarto e pense no que fez! — ele disse finalmente.

Ela saiu da sala. Não via a hora de ficar longe dele ou da mãe. A mãe tinha ficado impassível, deixando que o marido dissesse aquelas coisas horríveis. Tudo aquilo era mentira. Ela não estava usando drogas, nem vendendo seu corpo para alimentar sua obsessão. Ela tinha dado seu corpo a um homem, Lee, a quem amava e que a amava. Quando chegou ao quarto e bateu a porta, ela tentou engolir a vergonha, a raiva, a fúria que enchia sua garganta.

Em seguida, o cheiro doce de rosas encheu seu nariz. Seu olhar saltou para o arranjo. De repente, tudo em que podia pensar era Lee. Ela precisava dele para abraçá-la, para dizer a ela que tudo ficaria bem. Correndo para a janela, ela abriu a vidraça e olhou para a grama, dois andares abaixo. Ficou encostada ao parapeito por alguns segundos, sem saber como fazer aquilo, mas o desespero a fez saltar.

Ao cair em pé, sem sentir o impacto do salto, ela respirou fundo e começou a correr. A princípio correu mais devagar, então cada vez mais rápido. Logo não tinha certeza se seus pés estavam tocando o chão. Enquanto o vento soprava seu cabelo em torno do rosto, Della arquitetou um novo plano.

Ela não precisava morar com Chan em Utah; ela e Lee poderiam morar juntos. Eles já tinham conversado sobre isso. Podiam arranjar um emprego de meio período e estudar. Eles poderiam fazer isso.

Em menos de cinco minutos, ela estava na frente da casa de Lee. Ela olhou para a janela do quarto dele, mas estava tudo escuro. Claro que estava, eram duas da manhã, mas ela não se importava. Saltou, agarrando o parapeito e em seguida forçou a janela para cima. Felizmente não estava trancada.

Quando ela entrou no quarto, Lee se sentou na cama. Ele piscou, olhou para ela com os olhos castanho-escuros, e, em seguida, correu a mão pelo cabelo.

— Della?

Ela se aproximou.

— Eu... Eu tinha que ver você. Senti sua falta.

— Você está bem?

— Sim, estou bem.

— A sua mãe disse que os médicos não sabiam o que você tinha.

— Eles não sabiam, mas estou bem agora e estive pensando... Eu quero morar com você. Vamos alugar o nosso próprio apartamento como falamos.

Ele olhou para ela, o cabelo despenteado. Lee não estava usando camisa e tinha uma aparência atraente. Sexy. Ela se aproximou da beira da cama.

— Como você fez para... entrar? — Ele olhou para a janela.

— Estava destrancada.

— Mas a janela fica no segundo andar... — Ele coçou a cabeça.

Ela se sentou ao lado dele.

— Eu te amo, Lee. Quero ficar com você, para sempre. — Ela estendeu a mão para tocá-lo. A pele dele era tão quente, tão macia. Ela só queria se deitar ao lado dele, sentir seu abraço.

Mas ele se encolheu e se afastou.

— Você está fria. *Muito* fria.

As palavras dele trouxeram de volta algo que Chan havia dito quando ela ainda estava fora de si. Algo sobre seu corpo estar mais frio, que ela não podia mais deixar que os pais medissem a sua temperatura.

— O que há de errado com você? — perguntou Lee, afastando-se ainda mais dela. — Você ainda deve estar doente.

— Não — disse Della. — Eu estou bem, estou apenas... quer dizer... — O que ela iria dizer? Iria contar a ele a verdade? — Eu não estou com nenhuma doença contagiosa — disse ela.

— O que você tem? — Lee se encolheu na cama, quando tudo o que ela queria era que ele se aproximasse. Ela queria que ele a abraçasse, a beijasse e a fizesse esquecer tudo o que tinha acontecido nos últimos dias. Ele passou a mão pelo cabelo preto. — Você precisa ir embora. Se for pega aqui, sabe o que vai parecer.

— Vai parecer que estamos dormindo juntos. O que é verdade. E eu não me importo se as pessoas souberem.

Ela colocou a mão no ombro dele.

— Mas eu me importo — disse ele. — Não me toque. — Ele tirou a mão dela. — Eu... me desculpe, mas não gosto do jeito como você está agora. Você não parece... a mesma. É difícil explicar, mas você está muito estranha. Acho que devia ir para casa e falar com seus pais, conseguir a ajuda de que precisa.

Uma constatação a atingiu então. Atingiu-a como um caminhão sem freios. Lee nunca iria gostar do modo como ela era agora. Se ele estava com medo de pegar algum tipo de gripe, como se sentiria se soubesse que ela era um vampiro? Que bebia sangue?

Um nó se formou em sua garganta, mas, como a filha que seu pai a criara para ser, ela não deixou uma única lágrima encher seus olhos.

— Eu entendo. — Ela se levantou.

— Entende o quê? — ele perguntou.

Ela se aproximou da janela e jurou que não iria olhar para trás, mas não resistiu. Ela se virou e encontrou os olhos dele. Por alguma razão, de repente viu algo em Lee que nunca tinha visto antes. Ela viu seu pai. E, no entanto...

— Eu te amo. Eu sempre vou te amar. — E com isso ela pulou da janela do segundo andar. Ela o ouviu chamar o nome dela enquanto afastava as cobertas.

Mas ela desapareceu antes que os pés dele tocassem o chão.

*

Quando voltou para seu quarto, sentou-se na beirada da cama. Seu estômago roncou, sua boca se encheu de água e ela sabia do que precisava... Sangue. Onde estava Chan? E se ele tivesse tomado toda a bolsa de O negativo? Será que ele a abandonara? Ela se levantou e foi até o espelho e olhou para si mesma. Seus olhos já não eram castanho-escuros, mas dourados. De um tom brilhante e quente de amarelo, como se um fogo ardesse dentro dela. E ainda assim ela estava fria. Fria demais para Lee? Ela notou que seus dois caninos estavam... afiados.

Seu pulso acelerou e ela ouviu as palavras de Chan em sua cabeça.

— Você não pode viver com humanos. Você não pertence mais a este lugar.

Seu peito estava apertado e, dessa vez, ela começou a chorar. Lágrimas escorreram pelas suas bochechas. Aceitando o que era inevitável, ela pegou sua mala e jogou ali dentro algumas coisas. Quando Chan chegasse, ela estaria pronta. Então, percebendo que não poderia sair sem ao menos ver a família mais uma vez, ela saiu na ponta dos pés do seu quarto e desceu as escadas. A porta do quarto dos pais estava fechada, mas sem dificuldade ela a abriu um pouco. Apenas o suficiente para vê-los pela última vez. A mãe dormia com a cabeça sobre o peito do pai. A mãe podia não gostar do orgulho do marido, mas ainda o amava. Ela o amava, porque no fundo sabia que o pai havia abandonado o seu orgulho para se casar com alguém que não era da sua raça. Na verdade, ele amava a mãe mais do que o próprio orgulho.

Sua garganta apertou quando ela fechou a porta silenciosamente. Então voltou a subir as escadas, mas, em vez de caminhar para seu quarto, ela foi até o quarto de Joy. A porta não estava trancada. Ela entrou e se aproximou da cama. A irmã se virou para ela e abriu os olhos.

— Está se sentindo melhor? — ela perguntou.

— Sim. — Della tentou manter a voz firme.

Joy sorriu aquele seu sorriso sonolento que a fazia parecer mais nova que uma garota de 10 anos.

— Eu disse para a mamãe que você não ia morrer, porque você não ia me deixar. Você nunca me deixaria. — A menina se aconchegou sobre o travesseiro e voltou a dormir.

Lágrimas encheram os olhos de Della e a dor de saber que nunca mais veria a irmã pesou no seu coração. Ela se levantou e saiu do quarto. Fechou a porta e viu sua mala cheia de roupas. Ela tinha deixado a janela aberta, esperando que Chan voltasse. Uma brisa entrou. Estava... fria. Anormalmente fria. Um calafrio percorreu sua espinha.

Algo flutuou até o piso de madeira, chamando a atenção de Della. Ela olhou para o cartão. Pegou-o e viu o nome de Holliday Brandon escrito na parte superior. Abaixo do nome havia um número de telefone e as palavras “Acampamento Shadow Falls”.

Vagamente, ela se lembrou do médico e da enfermeira dizendo a ela que poderia ligar para alguém, alguém que poderia ajudá-la a decidir a coisa certa a fazer. Mas ela não poderia ligar para uma estranha e pedir ajuda. Ou poderia?

Seus pensamentos voaram para a irmã e Della pegou o telefone e discou.

— Acampamento Shadow Falls — uma mulher atendeu. Della não conseguia falar. — Tem alguém aí? — perguntou a voz sonolenta. — Alô?

Outra torrente de lágrimas deslizou silenciosamente pela bochecha de Della.

— Meu nome é Della Tsang e preciso de ajuda.

Fim

SALVA AO
NASCER DO SOL

Capítulo Um

— Não vá se colocar em perigo! Sua tarefa é se infiltrar na gangue, mostrando interesse em se juntar ao grupo, descobrir se estão usando assassinatos como ritos de iniciação e depois dar o fora. E viva!

— Esse é o meu plano, também — respondeu Della Tsang com insolência, olhando para Burnett James, um dos responsáveis pela Academia Shadow Falls e, por acaso, também agente da UPF, a Unidade de Pesquisa de Fallen, basicamente o FBI do mundo sobrenatural.

— Não queremos que você traga ninguém para Shadow Falls. Não queremos que se preocupe com aqueles maus elementos — continuou Burnett, olhando bem nos olhos dela.

O sol da tarde se infiltrava pela janela atrás dele. Os cristais nas prateleiras do escritório de Shadow Falls captavam a luz e lançavam miragens de arco-íris na parede. Elas dançavam e se moviam como se fossem mágicas. E talvez fossem. Coisas bizarras aconteciam o tempo todo ali.

— Na verdade — esclareceu Burnett, chamando a atenção de Della novamente —, não achamos que seja o grupo que estamos procurando, mas, se for o caso, com o testemunho de vocês vamos ter provas suficientes para conseguir um mandado de busca, e temos quase certeza de que vamos encontrar todas as provas necessárias para colocá-los no xadrez.

Burnett, um vampiro de mais de 1,80 metro de altura e cabelos e olhos escuros, era osso duro de roer, além de se preocupar demais, mas por ser da mesma espécie que ela, Della o respeitava e aceitava o seu jeito superprotetor.

Ela só queria que o respeito fosse mútuo. Será que ele não confiava nela? Não sabia que ela podia cuidar muito bem de si mesma? Será que ele tinha que passar o mesmo sermão toda vez que a incumbia de uma missão?

— Entendo, senhor — falou Steve, o cara musculoso e de olhos e cabelos castanhos, sentado ao lado dela, enquanto ela continuava quieta. Pela primeira vez, Della notou que a voz do garoto tinha um leve sotaque arrastado do sul.

Della olhou para ele enquanto Steve dava total atenção a Burnett. *Mas que puxa-saco!*

Steve era a prova de que Burnett não confiava nela. Por que outro motivo insistiria para que Steve fosse com ela? Ela não precisava do metamorfo. Ele só iria atrasá-la.

— Espere aí — pediu Burnett, andando pelo escritório novamente. — Vou reformular a frase. Eu não quero apenas que você saia de lá viva. Quero que saia exatamente do jeito que entrou. Intacta, sem nenhum ferimento e, pelo amor de Deus, não deixe nenhum cadáver para trás! Você entendeu?

— Mas, desse jeito, que graça vai ter? — Della perguntou, com sarcasmo.

— Eu não estou brincando! — Burnett rosnou. — E, se você não vai levar isso a sério, pode dar o fora daqui, porque não estou de brincadeira.

Della se reclinou na cadeira, sabendo que era hora de calar a boca. Ela realmente queria cumprir aquela missão para a UPF. Queria ganhar o respeito de Burnett. Todo mundo precisava de alguém para impressionar. E como impressionar os pais não era mais uma opção para ela, resolveu que se contentaria com Burnett.

Não que impressionar alguém fosse a única razão do seu desejo de cumprir a missão. Mesmo antes de ter sido transformada em vampiro, ela já pensava em seguir carreira na justiça criminal, algo que lhe permitiria chutar alguns traseiros por aí. É claro que seus pais não gostaram nem um pouco quando souberam. Queriam que ela fosse médica. Queriam que ela fosse um monte de coisas.

Menos um vampiro.

Não que soubessem o que ela era. Na opinião de Della, se eles quase tinham tido um chilique só porque ela deixara de comer arroz quando ele passou a ter cheiro de chulé, como iriam aceitar que ela tinha se transformado num vampiro bebedor de sangue? A resposta era óbvia. Eles não iriam, nunca poderia aceitar isso.

Por sorte, ela tinha sido aceita em Shadow Falls, uma escola para seres sobrenaturais, e não precisava mais se preocupar com o que os pais pensavam sobre sua opção de carreira ou se comia ou não arroz. E, no entanto... Della não podia deixar de se perguntar se eles ainda pensavam nela ou se preocupavam. Será que se sentavam para jantar e percebiam que a cadeira da filha mais velha estava vazia? Será que a mãe nunca se esquecia da filha e deixava sempre um prato extra na mesa?

Ela duvidava.

Tudo bem, eles nunca deixaram de vir a Shadow Falls, no dia das visitas dos pais, mas eram sempre os primeiros a sair e pareciam ansiosos para ir embora. Especialmente o pai, o homem que Della tinha passado a vida inteira tentando impressionar.

“A filhinha do papai”, era como sua mãe costumava chamá-la.

Em outros tempos...

Sem dúvida, a irmã já tinha assumido esse papel.

Tornar-se vampiro não tinha sido escolha de Della. Aquilo fora como uma daquelas rasteiras que a vida nos dá e cabe a nós apenas aceitar. O que significava que ela tinha que se conformar com o fato de que a família nunca mais seria capaz de aceitá-la. Não que isso realmente a incomodasse. Não incomodava mais.

Ela já tinha superado aquilo havia muito tempo.

— Estou sendo claro? — perguntou Burnett, puxando-a de volta para a realidade.

— Com certeza — assegurou Della, fazendo o possível para controlar seu temperamento

esquentado.

— Sim, senhor — Steve assentiu.

Olha lá, o bajulador outra vez.

— Ok, vocês se lembram das instruções? — perguntou Burnett. — Sabem aonde ir e qual é o disfarce de cada um? Eles esperam encontrar vocês às quatro da manhã. Não se atrasem nem cheguem cedo demais. Não deixem que os levem para a sede deles. O costume, se é que vão seguir o costume, é que três membros se reúnam com vocês para conversar. Vocês conseguem as informações sobre como ingressar na gangue e fim de papo, vão embora.

— Entendido. — Della levantou a pasta marrom com as orientações. *Já é a décima vez que voc*ê *repete isso.*

— Podem pegar suas coisas. — Burnett olhou para Della. — E, por favor, não me faça me arrepender de ter colocado você nesse caso.

— Você não vai se arrepender — disse Della.

Della e Steve se levantaram para sair.

— Steve — disse Burnett. — Me dê alguns minutos.

Della olhou de Steve para Burnett. Que diabos ele precisava falar com Steve que não podia falar na frente dela?

Burnett desviou o olhar para Della e indicou com os olhos a porta.

Franzindo a testa, Della se levantou da cadeira e saiu. Parou a alguns metros do alpendre, segurando a respiração e sem mover um músculo. Com esperança de que Burnett não estivesse ouvindo, ela sintonizou sua audição aguçada de vampiro e esperou para descobrir que diabos estava acontecendo. O sol da tarde derramava-se sobre as árvores, lançando sombras no chão, enquanto ela esperava imóvel no lugar.

— Posso confiar que você vai manter Della segura? — perguntou Burnett.

Della rosnou interiormente diante da atitude machista de Burnett e lutou contra a necessidade de correr de volta para dentro e dizer uns desaforos a ele. *Eu é que vou ter que proteger esse frangote!*

— Não acho que essa seja a gangue que estamos procurando. — A voz de Burnett era perfeitamente audível. — Ou eu não estaria enviando vocês dois. Só queremos descartar essa hipótese. Mas isso não significa que esse grupo não seja perigoso.

— Não se preocupe. — Ela ouviu a voz grave de Steve. — Vou ficar o tempo todo de olho nela.

Uma ova que vai! Ela já tinha planejado fazer um pequeno desvio, e não precisava de Steve bancando sua babá.

*

Às seis da tarde, chegaram à cabana que a UPF tinha alugado para eles, perto da sede dos vampiros. Dizer que o lugar parecia uma pocilga era quase um elogio.

Claro, ela e Steve tinham que parecer um casal adolescente de sobrenaturais fugitivos. Ela supôs que teria parecido suspeito se tivessem alugado um lugar mais decente. Mas, caramba! Essa não deveria ser uma viagem divertida?

Ela não era nem um pouco fresca, mas dormir num colchão contendo mais ácaros do que espuma, e em lençóis que pareciam que não eram trocados havia mais de um ano, não era sua ideia de diversão. As cobertas não cobriam todo o colchão e o travesseiro tinha uma mancha de gordura irregular bem no centro, como se alguém com o cabelo não muito limpo tivesse dormido ali.

Ou talvez morrido ali.

Por mais nojento que fosse esse pensamento, ainda havia coisa pior. Alguém provavelmente tinha feito uma orgia naquela cama...

Eca!

Ela provavelmente poderia pegar uma doença se dormisse ali.

Ao voltar para a pequena sala de estar, encontrou Steve olhando para o sofá com tanto nojo quanto ela, ao ver a cama.

— Pensando bem, fico com o sofá — disse ela. — E não quero ouvir reclamação. Nem ninguém zanzando pela sala durante à noite.

Eles tinham voado até lá. Mas não de avião. Ele fora como um falcão-peregrino, o que significava que era rápido, e ela como, bem, como um vampiro, o que significava que era mais rápida ainda. Vampiros e metamorfos eram as duas únicas espécies que realmente podiam voar. Bem, e as bruxas ocasionalmente, mas Miranda, sua colega de quarto wiccana, jurava que as bruxas nunca viajavam numa vassoura.

O modo de transporte de Steve e Della também significava que eles tinham ficado sem se comunicar desde Shadow Falls até entrarem na cabana e ele insistir para que ela ficasse com a cama. E por quê? Segundo ele, porque, se alguém entrasse pela porta, ele poderia deter o invasor.

Isso francamente a deixava possessa! Ela quase o chamou de machista filho da mãe, mas depois percebeu que, se quisesse escapulir mais tarde, não podia deixar que ele ficasse perambulando pela sala antes do amanhecer, só para descobrir que ela tinha desaparecido.

Como ele parecia um cara de bons modos, cheio de princípios, aquela coisa toda, que não entraria no quarto de uma garota sem ser convidado, ela tinha ficado de boca fechada.

Convenhamos, era melhor que ele descobrisse que ela tinha saído do que dormir na cama e ficar com o corpo todo infestado de carrapatos.

Steve desviou os olhos castanhos para ela e um sorriso surgiu em seus lábios. Ele passou a mão pelos cabelos, que usava um pouco mais comprido do que a maioria dos garotos. Os fios voltaram a cair sobre a testa, parecendo instantaneamente cheios de estilo. Ela duvidou que ele frequentasse um salão de beleza para ter aquela aparência, mas essa era a impressão que passava.

O sorriso dele se alargou e ele colocou uma mão no bolso do jeans. A postura deixou os músculos do braço mais aparentes.

— Então, o que você está dizendo é que a cama é pior do que o sofá?

— Eu não quis dizer isso. — Ela tentou não rir, mas um dos cantos da boca se ergueu involuntariamente. Tentou não olhar para o sorriso torto do garoto ou admirar os lábios e os olhos dele. Nem os braços musculosos, que pareciam um porto seguro onde qualquer garota gostaria de ancorar. Ela faria qualquer coisa, até abriria mão da metade do tamanho do seu sutiã, para que ele fosse... feio. E olhe que, ao contrário das suas colegas de quarto em Shadow Falls, ela não tinha muitos tamanhos de sutiã para oferecer!

Della continuou a olhar para ele. Ela conseguiria enfrentar muito melhor um rosto feio do que alguém que mais parecia modelo de um anúncio de sabonete masculino. *Mas que droga!*, pensou, inspirando o perfume dele. Ela não achava que, depois de passar as últimas duas horas na forma de pássaro, ele estaria exalando o aroma de um daqueles sabonetes masculinos de aroma picante, mas era exatamente isso que parecia...

Ele tinha um cheiro... delicioso, e aquilo a deixava irritada também.

Se fosse uma bruxa como Miranda, sua colega de quarto de peitos grandes, ela o transformaria numa ave de cheiro repulsivo. E também o faria parecer menos... simpático. Ela não gostava de gente simpática.

A única pessoa simpática por quem Della tinha se afeiçoado era Kylie. E ela nem era tão simpática assim, embora Della não conseguisse odiá-la. Bem, nesse exato momento, Della a odiava. Odiava por ter ido embora. E se ela não desse as caras em Shadow Falls muito em breve, Della iria arrastar a amiga de volta, nem que fosse esperneando e gritando. Ela sabia que Kylie tinha ido encontrar o seu recém-descoberto avô e aprender mais sobre sua espécie, mas a verdade pura e simples era que a amiga pertencia a Shadow Falls. Afinal alguém tinha que impedir Della e Miranda de se matarem. E para isso não havia ninguém melhor do que Kylie.

— Nós poderíamos dormir os dois no sofá? — sugeriu Steve, e o *maledetto* parecia estar falando sério!

— Nem em sonho, homem-pássaro! — ela retrucou.

— Puxa! — exclamou ele, rindo. — Eu só quis dizer que você dormiria com a cabeça para um lado e eu, para o outro. Só com os nossos pés se tocando.

— Então você tem um fetiche por pés, hein? — ela perguntou, antes que pudesse se conter.

Uma expressão de humor iluminou os olhos de Steve. Como ele estava bem na frente da janela

sem cortinas, iluminado pelos últimos raios de um por do sol radiante, ela pôde dar uma boa olhada naqueles olhos. Era impressão sua ou ele tinha raias verdes e âmbar naqueles poços castanhos?

O olhar dele baixou para os Nikes dela, tamanho 36.

— Não sei, não vi seus pés nus ainda.

Ouvi-lo dizer a palavra “nus” com aquele sotaque profundo do sul, mais profundo do que o Texas, fez com que o estômago de Della flutuasse como se ela tivesse doze anos de novo e nunca tivesse sido beijada. Meu Deus, o que havia de errado com ela? Desde quando achava o sotaque sulista sedutor?

Ela escondeu um pé atrás do outro.

— E você não vai vê-los nus! — ela retrucou, não gostando de saber que estavam ali havia menos de cinco minutos e já estavam... flertando. Pelo menos era o que parecia.

E Della Tsang não flertava.

Não mais.

O olhar dele percorreu-a desde os pés até o rosto.

— Isso nós vamos ver — disse ele.

Ficaram ali olhando um para o outro por um segundo. Então ele falou.

— Quer ir comer alguma coisa?

Ela franziu a testa.

— Trouxe alguns litros de AB positivo comigo na bolsa. — E que ela precisava colocar na geladeira. Embora a maioria dos vampiros preferisse sangue quente, Della gostava mais dele frio. Quando a temperatura do seu corpo gira em torno de 37 graus, você aprecia coisas mais frias do que quentes.

— Tudo bem, mas eu preciso de comida. Algo quente e gorduroso. Nutrientes para seja o que for que vá acontecer amanhã de manhã.

O disfarce de Steve era bancar seu namorado metamorfo, um cara que ela conheceu depois de fugir de casa. Eles não permitiam ninguém que não fosse vampiro na gangue, mas, se ela fosse aceita, ele poderia provar seu valor para eles e poderia ser aceito como um “extra”. Basicamente ele era alguém enviado para fazer o trabalho sujo. O que era parte da razão por que ela tinha se irritado tanto com a insistência de Burnett para que Steve viesse com ela. Extras eram considerados dispensáveis.

— Não se preocupe, eu vou te proteger — disse ela.

— Falando assim você me deixa comovido... — Ele colocou uma mão sobre o peito largo. — Vamos, venha comigo comer um hambúrguer.

Ele tinha falado de um jeito que fazia aquilo parecer um encontro ou algo assim. Franzindo a testa, ela estava prestes a repreendê-lo quando se lembrou de ter visto um Walmart não muito

longe dali, perto de algumas redes de *fast-food*. Ela poderia comprar lençóis, um cobertor e um desinfetante extraforte. Talvez assim conseguisse dormir na cama. Isso significava que ela poderia escapar do garoto sulista com fetiche por pés. Ela não pretendia demorar. Só precisava dar uma espiada. Uma espiada na vida que lhe fora roubada.

— Tudo bem. — Ela começou a sair do cômodo num passo rápido.

Ele saiu atrás dela e, em poucos segundos, tinha se transformado num veloz falcão-peregrino. Della não tinha certeza, mas achava que aquela era uma das aves mais rápidas do mundo. E não era um animal feio. Suas penas eram uma mistura de marrom, caramelo e preto. Seus olhos eram impressionantes, redondos, com grandes pupilas negras que pareciam sugar tudo à sua volta. E, quando ele estendia as asas, dava a impressão de que tinham manchas como as de um leopardo.

Della não sabia muita coisa sobre metamorfos, mas tinha ouvido dizer que a capacidade de se transformar rapidamente era um sinal do seu grande poder. Ele tinha se transformado em pássaro num piscar de olhos! Não que ela estivesse impressionada...

Assim como não flertava, Della Tsang não se deixava impressionar. Não quando o assunto eram garotos.

Pelo menos não deixava mais.

Não desde que tinha se transformado em vampira, seu corpo passara a ser frio como gelo e seu coração tinha sido feito em pedacinhos pelo sujeito que prometera amá-la para sempre.

*

Della aterrissou com um baque no chão, nos fundos do hipermercado. Steve, ainda na forma de pássaro, aterrissou elegantemente ao lado dela. Suas asas estendidas, exibindo toda a sua envergadura.

Imediatamente, ele começou a girar até voltar à forma humana, e como sempre acontecia quando um metamorfo se transformava, centelhas brilhantes começaram a flutuar à sua volta. Uma delas ficou pairando no ar da noite e bateu no braço dela, enviando uma pequena descarga elétrica até o cotovelo que a fez se encolher, como se ela andasse sobre um tapete e, de repente, tocasse algo metálico.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Steve, confuso.

— Vamos comprar roupa de cama e desinfetante. — Ela massageou o cotovelo e, em seguida, olhou para cima. O céu estava escurecendo e as estrelas ainda não tinham saído. Ao erguer o nariz, seu superolfato de vampira captou um leve odor de lobisomem sob um forte cheiro de óleo de motor.

— Algum problema? — perguntou Steve.

— Alguns lobisomens, mas não estão muito perto.

Ele franziu o cenho.

— Droga, vamos comprar o que você precisa, comer um hambúrguer e voltar quanto antes.

Ela sorriu.

— Você está com medo de um casal de lobisomens?

— Com medo? Não. Mas não precisamos arranjar nenhum problema no momento. — Ele começou a andar e ela o acompanhou.

— Às vezes arranjar problemas é divertido.

— Concordo, mas vamos poupar a nossa energia para qualquer problema que tivermos amanhã.

— Alguém já disse que você é um porre? — ela acusou.

— Não, mas admito que gosto mais de namorar do que de brigar.

Ela manteve os olhos fixos nas sombras escuras, certificando-se de que nada se escondia ali.

— Nossa! Isso é tão brega...

— Pode ser brega, mas é verdade. — Uma nota de humor soou na voz dele.

— Continuo achando brega... — ela murmurou.

Ela o imaginou sorrindo de novo, mas, com medo de se deixar envolver por aquele sorriso, não se arriscou a olhar para Steve. Ouvir o riso na voz dele a fez sentir borboletas no estômago. Ou será que ela estava apenas com fome e precisando de um pouco de sangue?

Depois de entrarem no hipermercado, compraram sem demora dois lençóis, um par de fronhas, dois cobertores e alguns desinfetantes. E Steve também jogou no carrinho um saco de batatas fritas. Na lanchonete ao lado, ele pediu um hambúrguer para viagem, mas devorou-o enquanto deixavam a lanchonete e procuravam um lugar isolado onde ele pudesse se transformar.

Steve terminou o hambúrguer quando entravam num beco escuro atrás do estacionamento do Walmart. Della notou que ele tinha enfiado a embalagem do sanduíche no bolso da jaqueta. O cara nem sequer jogava lixo no chão, embora o asfalto estivesse coberto de sujeira! Eles só tinham avançado uns três metros quando ouviram um grito.

O tipo de grito que só se dá em caso de vida ou morte.

Capítulo Dois

Della parou, seu olhar varrendo a escuridão na tentativa de localizar o autor do grito. Steve empurrou-a para as sombras. Uma mulher apareceu de repente, do outro lado do beco, correndo como se fugisse do diabo em pessoa. E poderia ser esse o caso, porque ouviam-se passos apressados de alguém correndo atrás dela.

Alguém do sexo masculino.

— O que eles são? — Steve sussurrou, tão perto que ela pode sentir o hálito dele contra a bochecha.

Os dois estavam muito longe da mulher para distinguir o padrão na testa que diferenciava as espécies e era algo que todos os seres sobrenaturais podiam ver. Mas Steve obviamente confiava no olfato dela. Della inspirou e tentou identificar os odores no ar, além do sabonete masculino que encheu seu nariz.

— Humanos.

— Ainda bem. — Ele saiu do beco.

A mulher gritou de novo quando o atacante a alcançou. Della, com a sacola plástica na mão, bateu levemente em Steve para que ele partisse para a briga. O homem foi para cima da mulher, atacando-a como se ela fosse um saco de pancadas. No mesmo instante Della correu e tirou o cretino de cima da vítima e o atirou a uns bons cinco metros no ar. Não era o suficiente para matá-lo, mas ela esperava que a queda pelo menos causasse algum estrago.

O sangue escorria do nariz e da boca da mulher, caída no chão.

— Você está bem? — perguntou Della, agachando-se ao lado dela. Quando o cheiro de sangue encheu seu nariz, Della teve que se esforçar muito para não deixar que seus olhos começassem a brilhar de fome.

— Estou. — A mulher falou com um soluço. — Ele é meu marido, mas está bêbado. — Ela limpou o sangue dos lábios. — Perde o controle quando bebe.

Mas ele não era o único que tinha bebido. Della podia sentir o cheiro de álcool no hálito da mulher.

— Isso não é problema de vocês — disse uma voz pastosa atrás Della. Se ela não estivesse tão concentrada na mulher, teria ouvido o homem se aproximar.

Della olhou para cima. Em pé diante deles, estava o marido bêbado, que Della obviamente não tinha jogado longe o suficiente. É claro que podia corrigir isso agora.

Ele estendeu a mão na direção de Della, com fúria nos olhos e cheiro de uísque em seu hálito.

— Mas agora o problema também é seu, cadela!

Antes que Della pudesse se levantar, Steve agarrou o homem pelo braço e o fez girar, para deixá-lo de frente para ele.

Começaram a trocar socos. Della ouviu o que parecia um punho batendo contra um osso. Ela poderia jurar que o idiota tinha acertado um soco em Steve. Quando saltou para a frente com a intenção de acabar com a briga, Steve deu o golpe final. Desferiu um soco violento de direita. O marido recebeu a direita de Steve bem no nariz e caiu duro no chão.

Teria sido bom saborear o momento de glória, mas um par de luzes azuis piscantes apareceu no final do beco. Steve virou-se para Della.

— É a polícia. Precisamos dar o fora daqui.

Della pegou a bolsa e a sacola e eles dispararam a toda velocidade. De longe, ouviram os policiais gritando para que parassem. Eles não pararam. Não podiam.

Burnett não tinha falado explicitamente que não podiam ser presos, mas Della tinha um palpite de que ele desaprovaria...

— Polícia! Eu disse pra pararem! — o policial gritou novamente.

Passos ecoaram atrás deles, perseguindo-os pelo beco.

Eles dobraram a esquina de um beco lateral, e Della não tinha certeza se teriam tempo de escapar, sem que os policiais os vissem.

*

A geladeira da cabana não tinha máquina de gelo. Ela supôs que deveria ficar feliz ao ver que dentro do refrigerador havia uma bandejinha com cinco cubos de gelo. Ela colocou os cinco cubinhos dentro de uma das fronhas novas e a entregou a Steve. O olho dele estava inchado e quase se fechando.

— Segure o gelo contra o olho — disse ela.

Eles tinham conseguido fugir da polícia, mas por pouco. Ela olhou para o olho inchado de Steve.

— Por que você não se transformou em algum bicho e mordeu a bunda dele? — Ela sugeriu com rispidez.

— Não nos transformamos na frente de humanos — explicou ele. — Essa é a regra número um dos metamorfos.

— Acho que a regra número um deveria ser salvar a própria pele.

— Está enganada — disse Steve.

Ela balançou a cabeça, mostrando desaprovação.

— Os dois estavam bêbados, quem teria acreditado neles?

Ele voltou os olhos para ela.

— E se os policiais me vissem durante a transformação?

Ela franziu a testa, aceitando o argumento dele, mas sem gostar nem um pouco.

— Coloque o gelo no olho. — Depois de um segundo, continuou: — Então você tinha que deixar que fizessem de você um saco de pancadas?

Steve deixou cair o gelo do rosto.

— Ele só me deu um soco, e quem é que ficou caído no chão quando saímos?

Della gemeu.

— Você deveria ter me deixado cuidar dele.

Steve a ignorou e estendeu a mão para tocar o olho.

— Ei... este olho vai estar bom amanhã. Sou um metamorfo durão, que não tem medo de uma boa briga.

Della revirou os olhos para ele do jeito que Miranda revirava os olhos para todos.

— Mas você acabou de quebrar uma das regras de Burnett. Vai voltar machucado.

Steve sorriu.

— Eu vou dizer a ele que foi você quem fez isso.

Della se sentou no velho toco de pinheiro que servia como mesa de centro.

— Ele saberia que isso não é verdade mesmo que não pudesse ouvir a mentira nas batidas do seu coração. Se você me irritasse, eu não teria parado num olho roxo. Você ficaria com hematomas no corpo todo.

— Essa é que é uma mentira deslavada! Eu não acho que você teria coragem de me machucar. — Ela ouviu seu sotaque sulista outra vez.

— Não tenha tanta certeza... — Ela fez uma pausa. — De onde você é?

— De onde acha que eu sou? — Ele sorriu, como se a pergunta o agradasse.

E Della sabia por quê. Ela tinha mostrado interesse por ele. Ela não deveria ter feito a pergunta, porque ele poderia pensar que ela realmente gostava dele ou algo assim.

— Acho que você é de algum lugar onde falam engraçado — ela provocou, levantando-se para pegar seu sangue na geladeira. Encontrou um copo no armário, enxaguou duas vezes, serviu nele seu jantar e sentou-se à mesa da cozinha.

Ele desabou na outra cadeira da mesa.

— Sou do Alabama. Meus pais me arrastaram para Dallas há dois anos.

— Você não gosta do Texas? — ela perguntou, franzindo o nariz quando percebeu que tinha feito de novo, demonstrado interesse por ele. Mas talvez ela devesse parar de implicar tanto consigo mesma; afinal, eles estavam numa missão e tinham que fingir que eram namorados. Se alguém lhe perguntasse alguma coisa, ela teria que saber responder.

— Desde que fui para o acampamento, neste último verão, passei a gostar do Texas. Antes disso... não gostava, não. Em Dallas, eu estudava numa escola preparatória esnobe, e nem era

para sobrenaturais. Essa escola tinha a ver com a maneira de pensar e de viver dos meus pais, mas eu não gosto muito de escolas esnobes.

Della também achava que Steve não combinava com esse tipo de escola. Não que não parecesse inteligente, ele parecia. Mas era um cara que vivia mais na dele, não alguém que gostasse de parecer superior.

Mais algumas perguntas surgiram em sua mente, mas ela hesitou em perguntar. Só virou o corpo nas mãos.

O silêncio deve ter pesado no ar para Steve também, porque ele continuou.

— Meu pai é presidente de uma petrolífera, minha mãe é médica. E eu sou apenas um garoto que não deveria se importar com o que quer, mas apenas crescer, se tornar o que os pais querem que ele seja, e fazer com que isso pareça bom aos olhos do mundo humano.

— Eles são metamorfos também, não são? — ela perguntou.

— Sim, mas quase ninguém percebe isso. Já faz anos que a minha mãe não se transforma. Meu pai só faz isso para aliviar o estresse, mas eles gostam de viver no mundo humano.

— E você não? — perguntou Della, pensando em quantas vezes ela tinha desejado poder voltar para o mundo humano e ser um deles. Claro, ela apreciava seus poderes, adorava saber que podia se dar muito bem numa briga. Mas preferia que a conquista desses poderes não lhe custasse tantas coisas na vida. Ou melhor, tantas pessoas que faziam parte da sua vida.

— Não quero fugir e me juntar a uma comunidade sobrenatural ou algo assim, mas tenho orgulho do que sou. Posso respeitar as regras, não me expondo na frente dos seres humanos. Não tenho nenhum problema com regras, mas não quero esconder essa parte de mim.

— Não censuro você. — Ela não achava que pudesse se esconder, também. Não agora.

— Não estou reclamando deles — Steve se explicou. — Quer dizer, contanto que a minha família não tenha que se ver com muita frequência, quase esquecemos que estamos todos desapontados uns com os outros.

Ela sabia muito bem qual era a sensação de decepcionar os pais. Suspirando, olhou para a fronha amarrotada contendo os cinco pedaços de gelo. Steve a trouxera até a mesa, mas não a estava usando.

— Você devia colocar isso no olho. É todo gelo o que temos.

Ele segurou a fronha contra o olho e olhou para ela com o outro.

— E qual é a sua história?

— Não tenho nenhuma história pra contar — mentiu.

Ele inclinou a cadeira para trás, apoiando-a sobre duas pernas. Com metade do rosto escondido atrás da fronha, olhou acusadoramente para ela com o olho bom.

— Mentirosa.

Ela engoliu em seco e se levantou, pegando o copo.

Ele não a impediu de se afastar.

— Acha que não vejo como você fica no dia de visitas? Parece totalmente infeliz quando vê seus pais entrando — Ele tirou o gelo do olho. — E só parece mais infeliz quando os vê indo embora.

Ela franziu a testa. Não gostava de saber que seus sentimentos com relação aos pais eram tão evidentes.

— Você não é *fae*, não pode captar as minhas emoções. Então pare de tentar. — Ela deu dois passos e, então, olhou para trás. — Hora de dormir.

Ele deixou a cadeira cair sobre as quatro pernas.

— Ainda é cedo. — Seus olhares se encontraram. — Me desculpe por dizer aquilo. Eu apenas pensei... Contei sobre os meus pais, então... Não temos que falar a respeito disso. Escolha um assunto e vamos falar sobre o que você quiser.

Ignorando a súplica em sua voz suave, ela pegou a sacola do Walmart e desabou no sofá. Tirou dali um lençol, um cobertor e a outra fronha.

— Precisamos estar de pé às três e meia da manhã. Então não me perturbe.

*

Ela pulverizou a cama três vezes com desinfetante, estendeu o lençol e, em seguida, amontoou a velha roupa de cama embaixo para fazer parecer que ela estava sob o cobertor. Esperava que, se ele desse uma espiada no quarto, presumisse que ela só estava sentindo frio — sem descartar o trocadilho...

O fato de ter o corpo frio, Della pensou, era a coisa que ela mais detestava em sua natureza de vampiro. Beber sangue era algo com que podia lidar, mas quando alguém esbarrava nela acidentalmente e se encolhia ao perceber a baixa temperatura do seu corpo, ela se sentia... um monstro.

Ela sabia por quê. Essa tinha sido a única coisa que impedira Lee de tocá-la depois da transformação. *Você está estranha*, ele dissera. *Está fria. Acho que ainda está doente*.

Um pensamento louco lhe veio à mente. Será que Steve também não gostava da frieza do corpo dela? Ela afastou o pensamento, porque na verdade não estava interessada em saber a resposta. Inclinando a cabeça para o lado, tentou ouvir o metamorfo. Quando estava fazendo a cama, tinha ouvido o parceiro fazer o mesmo com o sofá. Devia estar dormindo agora, porque ela só conseguia ouvir o som muito sutil de alguém respirando.

A conversa que eles tinham travado sobre os pais dele flutuava na cabeça dela e tocava seu coração, provocando uma leve emoção. Ele quase parecia conformado com o mau relacionamento com os pais. Ou será que estava apenas fingindo, como ela tinha feito tantas vezes?

Percebendo que estava deixando Steve monopolizar seus pensamentos, Della soltou uma profunda lufada de ar. Depois de ir até a janela, calmamente levantou a vidraça. Ficou ali por um segundo, ouvindo os sons da noite, e depois escalou o parapeito. Ficou sentada ali quase um minuto antes de saltar para a rua.

O tempo sombrio de setembro era frio, mais frio do que sua pele. O cabelo açoitava seu rosto e se espalhava por todos os lados, às vezes cobrindo seus olhos. Um barulho e uma leve brisa vieram da esquerda. Alguém a estaria seguindo? Ela ergueu a cabeça para farejar o ar. Não sentiu nenhuma outra criatura, mas com o vento forte que soprava em sua direção, não sabia ao certo se seu faro captaria alguma coisa com rigor.

Sem diminuir o passo, ela olhou para trás. Nada a não ser a noite a acompanhava.

Ela considerou a que distância estava da comunidade de vampiros e da sua gangue. O medo arrepiava sua pele, mas ela o afastou. Se fossem eles, ela já tinha um disfarce para estar ali. Certamente iriam fazer perguntas antes de atacarem. Assim esperava.

Em poucos minutos, avistou o lago que havia ao lado da casa dos pais e começou a descer em direção a ele. Seu coração deixou de sentir medo para sentir algo ainda mais desconfortável. Tristeza.

Ela estava a um quarteirão de casa, no parque do bairro. A blusa e o jeans pretos ajudavam-na a se camuflar na escuridão.

Movendo-se nas sombras para que ninguém a visse, notou luzes na sala de jantar dos pais. Ou a família estava jantando mais tarde ou se distraindo com jogos de tabuleiro. A mãe adorava esse tipo de jogo.

Enquanto andava entre os arbustos e a casa, Champ, o cachorro do vizinho que adorava cheirar as partes íntimas de todo mundo, latiu no seu quintal. Então Della ouviu o riso.

A risada do pai.

Seu coração se contraiu e a garganta se fechou. Ela ainda não o vira sorrir desde que se mudara para Shadow Falls. Avançando com mais cuidado ainda, espiou pela janela.

A cena parecia saída de um daqueles filmes da Sessão da Tarde, mostrando uma família feliz. Uma família a que ela na verdade não mais pertencia.

Lágrimas arderam em seus olhos quando ela viu. A mãe, a irmã e o pai jogando Palavras Cruzadas. Eles pareciam tão felizes, tão... completos. Será que não sentiam falta dela? Nem mesmo um pouco?

Um galho estalou às suas costas e seu coração subiu para a garganta. Della se virou. Champ, o mestiço de labrador e pastor alemão, olhou para ela; ou será que ele também estava olhando pela janela? Sua cauda começou a se agitar devagar.

— Como é que você escapou? — ela sussurrou para o cão enquanto sentia uma lágrima deslizar pelo rosto. Ele abaixou a cabeça, soltou um ganido baixinho e esfregou o focinho contra

o joelho dela. — O que foi? Nada de cheirar minhas partes íntimas hoje, ok? Eu estou sofrendo...

O cachorro olhou para ela como se realmente sentisse sua falta. Como aquilo era possível? O cachorro do vizinho sentia falta dela enquanto a própria família não sentia nada?

Saindo de trás dos arbustos, Della coçou a orelha do cão. Secou uma lágrima persistente e se foi.

Em menos de cinco minutos, estava na frente da casa de Lee. Quando a porta da garagem se abriu, ela correu para a lateral da casa. Um carro deslizou para fora da garagem e ela viu Lee no banco do motorista.

Onde será que ele estava indo? A um encontro? O coração dela sabia. Seu coração também dizia que ela deveria voltar para a cabana. Não precisava vê-lo.

Mas ela viu.

Kylie tinha dito a ela mil vezes que precisava esquecer Lee. Mas talvez fosse essa a única solução. Se visse Lee com outra pessoa, talvez conseguisse esquecê-lo. Ela poderia deixar de se agarrar à esperança de que ele se arrependeria e voltaria para ela, implorando por uma segunda chance.

Della o seguiu até uma casa do outro lado do bairro. Esperou alguns minutos nas sombras, ainda torcendo para que estivesse errada. Talvez ele só tivesse ido à casa de um amigo.

Quando ele saiu com uma garota ao seu lado, uma oriental, o nó no peito de Della voltou. Aquela era a noiva. A mesma com a qual, segundo ele, seus pais queriam que ele se casasse. Ver essa cena deveria ter sido suficiente. Ver como ela se agarrava ao braço dele. Della deveria ter se afastado logo em seguida, mas não. Quando o casal entrou no carro, ela o seguiu até o restaurante.

O Dragão Vermelho. Era um restaurante que pertencia a alguns amigos dos pais de Lee. A mãe dele várias vezes tinha tentado persuadir Della e Lee a irem lá. Mas Lee sempre dizia que não queria comer comida chinesa. Já comia o suficiente em casa.

Por que será que ele queria comida chinesa agora?

Della parou em frente ao restaurante, enquanto Lee estacionava o carro. Ela se escondeu atrás de uma grande estátua de dragão, esperando para vê-los passar. Um gatinho com cara de esfomeado se esgueirava perto do restaurante.

— Não tenho nada pra você comer. Mas tem uma lixeira ali nos fundos, posso sentir o cheiro daqui — ela sussurrou e, em seguida, ouviu passos.

Eles estavam de mãos dadas e a garota, a noiva de Lee, exibia um grande sorriso, os olhos brilhantes de tanto rir. Enquanto caminhavam para a porta, Della sentiu o aroma da colônia dele.

A raiva cresceu em seu peito. Della tinha comprado aquele perfume para Lee no Natal. Será que ele não se lembrava? Será que não se importava? Como ele podia usá-lo para sair com outra garota se Della é quem lhe dera o presente?!

Ela esperou uns dez minutos, tentando se convencer a ir embora. Dizendo a si mesma que estava tudo acabado. Mas, quando pensou em correr para longe, em vez disso deu meia-volta e entrou no restaurante.

Disse à recepcionista que estava procurando alguém e passou por ela, seguindo em frente, na direção do aroma picante com toques de gergelim. Passou por um grande aquário com peixes coloridos nadando em círculo, como se estivessem procurando uma saída. Ela continuou, passando por um casal, e percebeu pelo barulho de algo crocante se partindo que estavam abrindo seus biscoitos da sorte. Talvez ela devesse pegar um para ver seu próprio futuro. Porque só Deus sabia o que ela planejava fazer quando encontrasse Lee. Uma parte dela queria pular no pescoço dele por querer impressionar outra garota com o perfume que ela lhe dera. A outra parte queria cair de joelhos e implorar que ele pelo menos dissesse que sentia falta dela.

Durante todo aquele tempo ela acreditara que Lee tinha ficado noivo por causa da pressão dos pais. Agora, ela não sabia no que acreditar. Eles não pareciam ter sido forçados a nada. Ele na verdade parecia... feliz.

Vá embora. Vá embora. Vá embora. A voz da razão gritava em sua cabeça. Mas então ela os viu numa mesa mais atrás. Uma mesa à luz de velas. Romântica. Viu que conversavam. Não em inglês, mas em mandarim.

Della falava mandarim. Seu pai tinha feito questão disso. Mas Lee nunca tinha falado com ela naquele idioma. Nesse momento Della soube com certeza que não tinha sido abandonada porque se transformara em vampiro. Tinha sido abandonada porque era mestiça.

Ela ouviu a garota falar sobre nomes. Nomes que dariam ao seu primeiro filho. Lee inclinou-se e a beijou. Um beijo romântico, que foi como um soco no estômago de Della. Pela felicidade que percebeu na voz de Lee e pelo jeito como ele a beijou, Della suspeitou que a escolha da garota tinha sido mais por preferência dele do que dos pais.

Um garçom devia ter deixado cair uma bandeja, porque um barulho alto soou bem atrás dela. Della sabia que deveria se virar e correr ao ouvir o barulho, mas já era tarde demais. Ela assistiu com horror quando Lee largou a mão da noiva e olhou para a frente. Ela viu seus olhos se arregalarem ao vê-la. Eles teriam se arregalado de susto ou de alegria? Ela não sabia.

Vá embora! Não fique aí com esse olhar patético. Mas seus pés pareciam colados ao chão, e "patética" era exatamente como se sentia. Seus olhos se fixaram nos dele quando o viu se levantar e começar a se mover na direção dela. Direto para ela. E Della sabia que naquele momento ela parecia mais do que patética.

Ela parecia alguém digna de dó.

Triste.

Arrasada.

Constrangimento e vergonha tomaram conta dela. Mas não teve tempo para deixar que esses

sentimentos a dominassem. Alguém a agarrou pela cintura e a puxou para perto. Chocada, ela olhou para... para Steve! Ele sorriu para ela.

— Já estava sentindo sua falta... — disse ele e então a beijou. Não um beijo terno, mas um beijo que envolvia línguas e... toneladas de desejo.

Capítulo Três

Della sentiu a vergonha escoar para fora de si ao mesmo tempo que outra coisa a invadia. E não era apenas a língua de Steve. Era... paixão. Era a sensação de estar viva. Era a esperança de que sua vidinha triste não tivesse acabado. Desde que se tornara um vampiro, desde que perdera Lee, ela achava que não poderia mais sentir aquilo. Ou talvez só pensasse que não iria mais sentir.

Alguém limpou a garganta. Percebendo o som familiar de desaprovação vindo de Lee, ela colocou a mão no peito de Steve e o afastou com relutância. Encontrou os olhos dele brevemente. Ela sabia que ele a beijara para salvá-la da situação delicada, mas também sabia que ele tinha gostado tanto quanto ela. A prova estava lá em seus olhos castanhos e ardentes. Mesmo com um dos olhos machucados, ela viu em seu olhar o ardor de quem acabara de ser beijado.

Ela se virou para Lee e descobriu que ainda não tinha a menor ideia do que dizer a ele.

— Hã, oi. Eu...

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Lee. — Além de ficar se agarrando com esse cara no meio do restaurante, é claro...

E ele? Não tinha acabado de beijar a noiva?

Por mais incrível que parecesse, Della viu em Lee algo que nunca tinha visto antes. O pai dela. Ou, pelo menos, a mesma atitude de desaprovação. Será que Lee sempre fora assim e ela só tinha percebido naquele momento? Ou ele teria mudado?

— O que foi? Perdeu a língua? — ele insistiu.

As palavras causaram um curto-circuito na cabeça de Della e ela não conseguiu decidir o que sentir em relação a elas ou como responder. Além do fato de sua língua não conseguir acatar ordens, estava em choque por ter acabado de experimentar a língua de Steve.

— Estávamos jantando — respondeu Steve por ela. — Na verdade, estamos comemorando nosso aniversário de três meses. — O olhar dele se desviou para ela.

— Três meses? — Lee perguntou como se estivesse irritado por ela ter começado a namorar tão cedo depois do rompimento. Mas, dane-se, o cara estava noivo! O que ele estava pensando... Ela abriu a boca de novo para dizer algo, mas Steve se adiantou.

— Desculpe — disse Steve. — Não me apresentei. Você deve ser um velho amigo de Della. Eu sou Steve...

Lee o ignorou e olhou para Della.

— Pensei que você estava naquela escola.

Naquela escola? Será que ele não se lembrava nem do nome da escola que ela frequentava?

— Estou. — Ela finalmente conseguiu dizer. — Nós... só demos uma escapada.

— Então você o conheceu na escola? — perguntou Lee, e ela podia apostar que ele estava contrariado. A raiva começou a despontar dentro dela novamente. Ele não tinha o direito de estar contrariado. Nenhum direito!

Steve falou novamente.

— Foi amor à primeira vista. — Ele olhou para Della e passou a mão quente em torno da curva de sua cintura, puxando-a um pouco mais. Seu olhar disparou de volta para Lee. — Ainda não sei como fui tão sortudo. — Se não houvesse tanta honestidade na voz dele, poderia ter soado falso. Por um segundo, ela desejou ter escutado o batimento cardíaco dele, outro pequeno talento dos vampiros. Steve tinha se interessado por ela à primeira vista?

A noiva de Lee se levantou da cadeira, mais atrás, e parou ao lado de Lee. Della não pôde deixar de notar quanto ela era bonita — uma beleza bem de acordo com os padrões orientais. Seu cabelo era longo, mas elegantes e mais escuros do que os de Della. Seus traços eram de boneca. Um nariz minúsculo, uma boca bonita em arco e oblíquos olhos negros que brilhavam com inteligência. Sem dúvida, os pais de Lee tinham escolhido bem.

Ou será que Lee a escolhera? E se ele tivesse o tempo todo planejado romper com Della? Ele parecia muito feliz sentado ao lado da noiva até Della aparecer.

Não que Lee parecesse muito feliz agora. Franziu o cenho quando a noiva passou o braço pelo dele, mas fez a coisa certa e os apresentou.

— Mei, esta é Della, e seu... amigo. — A palavra “amigo” soou mais como um palavrão. — Um amigo que, pelo olho roxo, obviamente gosta de lutar.

Della ficou tensa, pronta para dizer que Steve só estava com o olho roxo porque se envolvera num briga para defendê-la. Algo que, de repente ela percebeu, Lee nunca tinha feito. Nem mesmo para defendê-la dos ataques dos pais dele.

— Na verdade — Steve falou novamente —, a gente estava na cama, brincando de luta, e Della me deu uma cotovelada sem querer.

Lee enrijeceu os ombros e tudo o que Della conseguiu pensar foi: *Continue, Steve!*

Mei olhou para Lee e pareceu perceber a reação do noivo. A garota franziu a testa ao olhar para Della, que sabia muito bem reconhecer um olhar de ciúme. Ela também franzia a testa cada vez que pensava em Lee com outra pessoa. Estranhamente, agora Della estava sentindo... O que ela estava sentindo? Raiva. Mágoa. Tristeza. Mas não ciúmes. Isso significava alguma coisa, Della sabia, mas agora não era o momento de pensar naquilo.

— A gente tem que... — As palavras dela ficaram pairando no ar quando encontrou os olhos de Lee novamente. O sentimento de tristeza cresceu em seu peito e ela encontrou um nome melhor para essa emoção. Luto. Ela amava Lee. Amava-o com todas as suas forças. E se entregara inteiramente a ele — seu coração, seu corpo, sua mente. Agora ela o perdera. E se lamentava por isso.

— ... ir. A gente precisa ir. — Steve terminou por ela. — Já paguei a conta. — Steve soltou a cintura de Della e estendeu a mão para Lee. — Foi um prazer conhecê-lo.

Lee não a apertou. O que era superestranho e não tinha nada a ver com Lee, que normalmente não era uma pessoa rude. Ou era? Será que ela não tinha reparado nisso também? Della acenou para o casal e, quando o braço de Steve enlaçou mais uma vez sua cintura, ela o deixou puxá-la em direção à porta.

Eles deixaram o restaurante e ela precisou sentir por alguns segundos o ar frio da noite em seu rosto para perceber que ainda estava abraçada a Steve. Segurava-o como se o navio de sua vida tivesse emborcado. Como se ele fosse a única coisa, nas águas tempestuosas dos seus sentimentos, que podia se agarrar.

A sensação de fraqueza, um sentimento em que ela facilmente poderia se afogar, tomou conta dela e provocou outro lampejo de raiva. Outro, ainda maior que o primeiro.

Ela se afastou do restaurante. A confusão revolvia suas entranhas. A dor se agarrava ao seu coração de tal maneira que, poucos minutos antes, ela precisara se segurar em Steve para não desabar no chão. Mas agora a raiva tinha voltado. Ela se abriu para essa emoção. Uma raiva com que ela podia lidar, a que podia dar vazão. Então extravasou-a, afastando as outras emoções que a deixavam fraca e vulnerável.

Ela olhou para Steve, que parecia feliz — exatamente o oposto de como ela se sentia.

— Você me seguiu! — acusou.

O leve sorriso nos olhos dele esmoreceu.

— Eu estava obedecendo a ordens — justificou-se ele. — Disseram pra gente ficar junto o tempo todo.

— Dane-se! Não dou a mínima para ordens. E não gosto de ser seguida. — A tristeza encheu seu peito e ela reconheceu que era culpa. Culpa por...

— Então, não fuja de novo — disse ele com naturalidade, começando a andar para a parte de trás do restaurante.

Droga! Culpa por agir como uma idiota com a pessoa que tinha acabado de salvá-la.

Ela foi ao encontro dele.

— Eu não terminei de falar! — ela fervia.

Ele estancou o passo e se virou.

— Mas eu já parei de ouvir. Você pode ficar com raiva quanto quiser. Eu só estava tentando ajudar.

Ele recomeçou a andar.

— Eu disse que não terminei! — Ela disparou na frente dele e se interpôs em seu caminho, estendendo a mão para detê-lo. Quando sua mão encontrou o peito quente do garoto, ela se

lembrou do quanto seu corpo era frio e recolheu o braço. Olhou para ele, que parecia prestes a mandá-la para o inferno, mas falou primeiro.

— Obrigada — sussurrou.

Ele abriu a boca como se quisesse dizer alguma coisa, mas nada saiu. Sem dúvida, estava chocado com o agradecimento dela. E ela sabia como ele se sentia. Della não tinha intenção de agradecer; não que ele não merecesse, ele merecia, mas...

— Uau! — Ele finalmente falou. — Acho que nunca ouvi alguém expressar gratidão num tom tão irritado e cheio de raiva!

— Isso é porque eu *estou* com raiva. Estou furiosa. Você me seguiu. Então você... você me beijou, um beijo de língua, na frente de todo mundo.

Os olhos castanhos de Steve se iluminaram com um novo sorriso. Ele se inclinou um pouco mais para perto. Seu hálito quente tocou a testa dela.

— E foi muito bom, não foi?

Ela olhou para ele e deu um passo para trás.

— Mas, se não é pelo beijo, pelo que está me agradecendo? — ele perguntou, confuso e ainda interessado.

Mais uma vez ela sentiu o mesmo que ele, a mesma confusão.

— Eu não sei! — Ela fervia. Mas, então, no mesmo instante, a resposta lhe ocorreu. Ele a salvara do olhar patético, da cara de ex-namorada com o coração partido.

— Você é mesmo uma figura, Della Tsang! — Ele estendeu a mão, como se para tirar uma mecha de cabelo do rosto dela.

Ela não sabia se isso era um elogio ou um insulto, então afastou a mão dele com um tapa, só para garantir.

Ele riu.

— Realmente não foi nada mau para um primeiro beijo, hein? Normalmente, é estranho. Mas esse beijo... não foi nada estranho. Foi ardente.

Ela pensou no beijo, no calor da sua boca, na sensação da língua. No sabor que ele tinha.

— Estou feliz que tenha gostado, porque foi o primeiro e último! — ela retrucou.

Ela se virou para começar a correr. Seus pés já não estavam inteiramente no chão quando ouviu a resposta.

— Vamos ter que rever isso.

Ela cerrou os dentes, continuou correndo em direção à cabana, e lutou contra o medo de que, se não fosse muito cuidadosa, ele poderia estar certo...

E isso seria errado.

Não seria?

*

As horas não poderiam ter demorado mais para passar. O lençol, a fronha e o cobertor novos e o desinfetante ajudaram, mas ela continuava acordando a cada poucos minutos. Como a cabana era na floresta, os únicos ruídos eram de alguns animais. Deveria ser um ótimo lugar para se ter uma boa noite de sono. No entanto, por ser um vampiro e, basicamente, um ser noturno, ela nunca dormia muito bem à noite.

Na noite anterior, achou que não conseguiria dormir porque a cama devia estar cheia de percevejos. Engraçado como a ideia dos percevejos não tinha se mantido depois do beijo de Steve... Então, o beijo dele a levou a pensar nos sentimentos malucos e confusos com relação a Lee.

Será que ela já tinha superado o que sentia por ele? Se de fato tinha, por que ainda doía? Mas, se ainda o amava, por que não sentia ciúmes de Mei? Em seguida, os pensamentos de Della se desviaram para a mãe, o pai e a irmã jogando Palavras Cruzadas sem ela. Por alguma razão, pensar em Lee e nos pais a ajudava a bloquear os devaneios sobre o beijo...

Ainda deitada na cama e fitando o teto manchado, Della ouviu o barulho de água correndo, o que significava que Steve estava tomando banho. Antes de ir para a cama, ela tinha borrifado desinfetante na cama e tomado uma ducha rápida.

Quando saiu do chuveiro, Steve estava sentado no sofá, olhando para a porta do banheiro. Como se esperasse vê-la saindo do banheiro vestindo algo sexy.

O pobre garoto tinha ficado decepcionado. Ou foi o que pareceu, pelo menos por uns dois segundos, até que ele baixou o olhar e então voltou a erguê-lo com um sorriso lento e sexy aparecendo nos olhos.

— Você estava certa — ele disse. — E também estava errada.

Ela gostou da parte do estar certa, mas...?

— Errada por quê?

O sorriso sedutor se manteve nos lábios enquanto ele baixava o olhar novamente até os pés descalços dela.

— Estava certa quando sugeriu que eu tinha um fetiche por pés. E errada quando disse que eu nunca veria seus pés nus.

Ela usou seus pés nus para correr para o quarto. No segundo em que bateu a porta, ele gritou que precisavam conversar sobre a missão. Ela gritou de volta, dizendo que poderiam fazer isso pela manhã. Então caiu na cama.

Mesmo cinco horas depois, ao se lembrar do jeito como ele olhara para ela — para os pés dela, pelo amor de Deus! —, sentiu um arrepio percorrê-la. Agora, quando o barulho do chuveiro

enchia sua cabeça, o mesmo acontecia com as imagens. Ela o imaginou de pé sob o vapor do chuveiro. E ela tinha um desejo estranho de ver os pés dele nus. E outras coisas mais...

Ela gemeu e pressionou as palmas das mãos sobre os olhos. Por que ele não podia ser feio?!

Respirando fundo e se enchendo de determinação, ela disse a si mesma que tinha de superar aquela atração. Além disso, tinha um novo dia pela frente. Deslizando para fora da cama, escovou os cabelos e vestiu o sutiã. Sentindo-se um pouco mais no controle, foi até a sala, esperar a sua vez de entrar no banheiro. Ela precisava escovar os dentes, e eles tinham que repassar os planos para a missão. Em seguida, precisavam cumprir seu dever. Pegar alguns vampiros maus.

Ela não tinha tempo para pensar em quanto Steve era gostoso ou que o beijo dele tinha derretido suas entranhas, como manteiga numa espiga de milho fumegante. Era hora de pensar em chutar o traseiro de vampiros fora da lei, não o bumbum bonito de Steve.

Tamborilando os dedos nos joelhos, ela viu sobre o sofá a pasta com as instruções que eles tinham que rever. Ela na verdade não tinha necessidade nenhuma de revê-las. Tinha lido o conteúdo da pasta uma dúzia de vezes e decorado tudo. Como os vampiros podiam reconhecer uma mentira pelo batimento cardíaco, eles tiveram que criar uma história fictícia que, com sorte, não seria interpretada como uma mentira. Ela, Della Tsang, tinha sido transformada em vampira e enviada para uma espécie de internato. A garota não aceitara muito bem as regras da escola, então ela e o namorado Steve, um metamorfo, tinham fugido. Mas, por causa das dificuldades que enfrentavam para conseguir sangue para ela, decidiram se juntar a uma gangue.

A porta do banheiro se abriu com um rangido e Steve saiu. Ele estava... ele estava seminu... Não! Ela tinha começado a pensar novamente naquele belo traseiro. E... o olhar dela desceu. Ele estava de meias.

Por alguma estranha razão, Della se lembrou de que alguém havia lhe contado que Steve já tinha dezoito anos. Ele parecia ter dezoito anos, ser um ano mais velho que Della. Os músculos ondulavam sobre o peito e os braços. Ela sabia que ele malhava, mas a maior parte do que via parecia natural.

Por um segundo, sua respiração ficou presa na garganta. Della já tinha visto Steve nadando e sem camisa, mas vê-lo com a pele nua e recém-saído do banho fez com que ela voltasse a sentir borboletas no estômago. Trouxe de volta a lembrança do beijo e de como suas mãos quentes enlaçaram a curva da sua cintura.

Ele encontrou o olhar dela e sorriu, como se de alguma forma pudesse ler a mente dela. Sentou-se numa cadeira e vestiu uma camiseta verde-escura. *Graças a Deus*.

— Está pronta para repassar tudo? — ele perguntou.

— Preciso escovar os dentes. — *Preciso recuperar o autocontrole e tenho certeza de que vou conseguir no banheiro*. Ela se levantou num pulo e correu para o banheiro. Quando voltou, três

minutos depois, já tinha extravasado toda a sua frustração com a ajuda da escova de dentes. Não havia um milímetro sequer de placa bacteriana em seus dentes brancos e brilhantes. E, enquanto não recuperava o autocontrole no vaso sanitário, passou um sermão em si mesma, obrigando-se a prometer que não agiria como uma adolescente enlouquecida pelos hormônios.

Claro que ela era uma adolescente, e provavelmente enlouquecida pelos hormônios, mas não precisa agir como tal.

Steve tinha a pasta aberta no colo quando Della entrou na sala de estar. Ela se sentou do lado oposto do sofá e ele começou a repassar as informações.

Ela não lhe disse que já sabia tudo porque talvez ele precisasse recapitular as instruções. Cinco minutos depois, ele fechou a pasta.

— Ok, a primeira coisa a lembrar é que, se eles insistirem para que eu me afaste, vou me transformar e ficar por perto. Não vou te deixar.

Della olhou para ele.

— Reconfortante, mas, se insistirem para que você se afaste, vou ficar bem. Sei me cuidar. Além do mais, eles sabem que você é um metamorfo, Steve. Não faça nada que possa pôr a operação em risco.

— Não vou fazer nada que possa colocá-la em risco. Mas não vou deixar você. — O tom do garoto era determinado, protetor. — Vou ter cuidado. Não vão perceber o que eu sou.

— Eles vão, sim. Não te ocorreu que, sabendo que você é um metamorfo, eles podem te pegar?

Ele olhou para ela por um longo segundo antes de falar.

— Então eles são mais espertos que você, né?

Ela apertou os olhos para ele.

— O que quer dizer?

— Você não sabia que eu estava lá noite passada. E me viu duas vezes.

Ela o estudou, confusa.

— Eu não...

— Eu era o cachorro de seu vizinho e também o gatinho. Se um metamorfo é cuidadoso ao escolher em que vai se transformar, ele se mistura com o ambiente e nunca levanta suspeitas. Por que você acha que somos uma das espécies sobrenaturais mais poderosas?

Primeiro, os metamorfos na verdade não eram uma das espécies sobrenaturais mais poderosas. Os vampiros, sim, e não que aquilo fosse uma competição. Então, de repente, ela sentiu o peito apertado e o rosto ardendo ao se lembrar da sua curta interação com o cachorro do vizinho. Ela não tinha dito algo sobre ele não cheirar suas partes íntimas?

— Não faça mais isso comigo. — Ela se levantou, foi até a porta e olhou para trás, por cima do ombro. — Está na hora de irmos.

*

Della e Steve chegaram ao local designado do parque estadual, cinco minutos depois. A clareira, isolada de qualquer estrada ou vida humana, era rodeada de árvores. Um lugar onde qualquer coisa podia acontecer e não haveria testemunhas. Della esquadrinhou a área, vendo apenas pinheiros altos misturados com alguns carvalhos e toneladas de vegetação rasteira espinhenta.

Não gostou nada.

À primeira vista, alguém poderia pensar que se tratasse de uma área abandonada. Apenas algumas estrelas iluminavam o céu noturno. Mas um bom faro poderia descobrir a verdade. Eles estavam ali.

Escondidos.

Esperando.

Mas para quê?

Para atacar?

E embora seu nariz não pudesse contar, ela sentia que havia mais de três.

Será que a gangue, de algum modo, sabia que Della e Steve estavam ajudando a UPF? Ou era assim que a gangue recepcionava todos os novos membros em potencial?

A sensação de perigo arrepiava a sua pele. Por mais emocionante que fosse, o medo oprimia seu peito. Ela se lembrou das imagens daqueles que tinham morrido nas mãos de supostas gangues de vampiros. Uma mãe e uma criança. Uma senhora idosa. Se essa fosse a gangue que defendia o assassinato como rito de iniciação, que tirava vidas inocentes, eles precisavam ser detidos e o risco valeria a pena. Claro, Burnett não acreditava que essa fosse a gangue, mas ele tinha dúvida, ou não teria enviado os dois nessa missão.

— Eles estão aqui! — Steve sussurrou.

— Eu sei — confirmou Della.

Um farfalhar na vegetação se fez ouvir à direita e depois à esquerda. E, em seguida, atrás deles. Della avistou outro vampiro saindo de entre as árvores à direita e caminhando na direção deles.

Ah, que maravilha...

Eles estavam cercados.

Capítulo Quatro

— Mas que recepção mais calorosa! — disse Della, recusando-se a reconhecer seu medo.

— Ela é bem atrevidinha... — comentou alguém às suas costas.

— Nada que uma boa surra não possa corrigir — respondeu o vampiro que caminhava em direção a ela, enquanto a olhava de cima a baixo.

— Acho melhor nem tentar — avisou Della.

— Também acho — Steve acrescentou, a voz grave num tom de advertência.

O vampiro apertou o olhar para verificar os padrões dos dois.

— Então você trouxe seu animalzinho de estimação com você, hein?

Della ouviu Steve respirar fundo, então estendeu a mão e tocou o braço dele. Certamente ele sabia que devia deixá-la cuidar daquilo.

— Ele não é meu animalzinho de estimação — resmungou, mais ofendida por ele do que ela percebeu.

— Ah, entendo — disse o líder com um brilho de malícia nos olhos. — Então você está dormindo com esse palhaço?

— Temos trocado fluidos corporais, se é isso que está querendo saber — ela respondeu, confiante e, de repente, satisfeita por terem "trocado saliva" na noite anterior, durante o beijo ardente.

O vampiro sorriu.

— Gosto da sua coragem. Talvez eu e você possamos trocar alguns fluidos corporais.

Steve ficou tenso ao lado dela.

— Eu não contaria com isso — disse ele.

— E eu também não — confirmou Della.

O vampiro franziu a testa como se estivesse desapontado ao ver que não tinha conseguido intimidá-los.

— Você sabe que primeiro vai ter que provar seu valor. Se for aceita, então o seu metamorfo aí vai ter que provar o dele, e mesmo assim só será considerado um extra. Extras... não duram muito.

A insinuação do vampiro deixou os nervos de Della à flor da pele, mas ela tinha que se concentrar no mais importante. O comentário sobre "provar seu valor".

Será que seria fácil? Será que, naquele dia, eles só iriam contar o que teriam que fazer para entrar na gangue e depois poderiam ir embora? Uma pequena parte dela esperava que não fosse tão simples. Ela já sentia antipatia por aquele vampiro e não se importaria em lhe dar uma lição.

— Exatamente como provamos nosso valor?

— Você sabe lutar?

Pode apostar que sim.

— Eu me garanto — disse Della.

O olhar do vampiro se desviou para Steve.

— Parece que o garoto metamorfo aí gosta de uma briga — disse ele, referindo-se, evidentemente, ao olho roxo de Steve.

— Posso me garantir, também — disse Steve.

— Quão forte você é, metamorfo? — O vampiro estudou Steve como se o avaliasse.

— O suficiente — respondeu Steve.

O outro riu.

— Então, por que mantém a forma humana quando luta? Você, obviamente, não é tão forte quanto pensa.

— Não deixe uma pequena contusão enganá-lo — disse Steve, apoiando os pés nos calcanhares por um instante.

Della ouviu a confiança na voz de Steve e, embora ela tivesse comprovado sua capacidade de se transformar rapidamente, na verdade não sabia calcular a força do metamorfo. Mas de algum modo sentia que, como ela, Steve estava escondendo o jogo. Não se deixava intimidar, nem deixava que soubessem exatamente o que esperar dele, se optassem por uma luta.

O vampiro riu como se não acreditasse em Steve.

— Bem, sigam-nos. Já temos um esqueminha montado e vamos ver se vocês dois se saem bem.

— Que tipo de esquema — perguntou Della, olhando ao redor, observando todos os vampiros em volta deles.

— Um pouco de combate corpo a corpo. Se se der bem, vamos pensar no seu animalzinho de estimação. Topa?

— Agora? — perguntou Della, lembrando muito bem de Burnett advertindo-os para não deixar que a gangue os atraísse para outro lugar. Os vampiros já tinham provado que não cumpriam sua palavra, porque haviam garantido que apenas três dos membros da gangue iriam conhecê-los para uma entrevista sem confrontos.

— Agora — disse o ladino, puxando uma faca de um coldre e limpando a lâmina no jeans sujo. Os caras à esquerda e à direita puxaram facas também.

Della ouviu um rosnado baixo e, embora não soubesse que metamorfos rosnavam, sabia que tinha sido Steve.

Ela também sabia que recusar o convite para o combate não era uma opção. Ou ela concordava em ir com eles ou teria que enfrentar a gangue armada de facas naquele mesmo instante.

— Vamos lá, então — concordou Della, esperançosa de que o que quer que os esperasse lhes desse uma oportunidade melhor de fuga.

Steve olhou para ela e em seu olhar estava escrito o que se passava em sua mente. *Não estou gostando nem um pouco disso*.

Bem, nem ela, mas não via outra escolha. Tinha feito uma contagem rápida e descobriu que eles estavam em doze. Ela provavelmente poderia dar conta de cinco ou seis, mas não de doze. Não armados de facas.

*

Eles foram levados a um velho armazém abandonado. Steve transformou-se num corvo preto e voava devagar. Os bandidos resmungavam palavrões, contrariados porque tinham que diminuir o ritmo para que ele os acompanhasse.

Della não pôde deixar de se perguntar se a escolha de Steve não tinha sido intencional. Será que se transformar num pássaro mais rápido exigiria mais dele? E será que ele estava tentando poupar energia? Ou sua capacidade de se transformar em certos tipos de animal era um sinal de poder, e ele estava evitando revelar todas as suas habilidades para os bandidos? Ocorreu a Della que, se fosse de fato trabalhar para a UPF, ela precisaria saber mais sobre todas as espécies.

Teria sido útil saber exatamente o que Steve estava planejando.

Quando chegaram, ela também observou que Steve levou vários minutos para se transformar. Ele foi muito mais lento do que antes. Foi aí que ela teve certeza de que ele estava escondendo o seu poder da gangue.

Um dos vampiros se aproximou e disse algo sobre torcer o pescoço do corvo. Della ficou entre ele e Steve.

Com Steve agora na forma humana, eles entraram num prédio escuro. Della podia sentir o cheiro de sangue velho e suor de vampiro. Embora não conseguisse ver um palmo na frente do nariz, ela podia sentir o cheiro de uma multidão sedenta de sangue. Não eram mais doze vampiros para enfrentar, mas mais de cinquenta. Seu peito apertou com medo e o pensamento de que talvez devesse tentar voltar para o parque.

As luzes de repente brilharam e a multidão que se escondia nas sombras apareceu. No meio da sala havia um ringue de boxe. Steve olhou para ela, a preocupação estampada no olhar.

A multidão bateu palmas e Della olhou em volta. Uma garota foi empurrada para o ringue. Ela parecia assustada, mas também determinada. Della apertou os olhos e viu que ela era meio lobisomem, meio vampiro, sendo a primeira sua espécie dominante. Ela era, obviamente, um extra. E pela sua postura, Della também achava que ela era uma voluntária.

— E eu pensando que só iríamos matar um humano ou dois... — disse Della, rezando para sua voz não tremer.

— Ah, vamos fazer isso também. Mas podemos mudar isso, para deixar tudo mais interessante.

Bingo, pensou ela. Eles poderiam ir embora imediatamente. Mas, infelizmente, ela não imaginava isso acontecendo.

A garota se virou e olhou para Della com algo semelhante a ódio no olhar. Della sabia que era com ela que deveria lutar.

O cheiro de sangue seco no ar advertiu Della dos extremos a que a luta poderia levar.

Ela olhou para o líder dos vampiros, que viera ao encontro deles.

— É difícil lutar com uma pessoa quando não se tem nada contra ela.

— Quando ela der o primeiro soco, você vai ter. Ela não é tão fraca quanto parece. Mais ou menos como você, aposto. — Ele tirou a faca novamente. — Vai lutar contra ela, senhorita Sass, e vamos ver se você é boa mesmo.

Della engoliu um nó de medo, mas se forçou a perguntar.

— Onde é que isso acaba?

— Como assim? — ele perguntou, mas seu sorriso dizia que sabia exatamente o que ela queria dizer.

— Eu a derroto e fim de papo, certo? — Ela ficou esperando a resposta.

Os olhos dele brilharam com maldade pura e simples.

— Que graça teria isso? — Ele trouxe a faca mais para perto e olhou a lâmina. — A luta termina quando uma de vocês parar de respirar e se tornar um doador de sangue de muita boa vontade... É aí que acaba. Então a questão é: será que vamos beber o seu sangue ao nascer do sol? Ou será o dela?

— Hmm — murmurou Della, fazendo o máximo para que o horror não transparecesse em seu rosto. Ela olhou para Steve. Ele desviou os olhos para o teto. Ela não sabia que diabo de mensagem era aquela, mas esperava que aquilo significasse que ele tinha um plano. Porque, que Deus a ajudasse, ela não conseguia pensar em nada no momento. E ela estava prestes a matar alguém ou a ser morta.

Capítulo Cinco

Della entrou no ringue pensando que ouviria um sino anunciando o início da luta ou que, a essa altura, já teria encontrado uma maneira de sair daquela encrenca, mas estava enganada — nos dois casos. Antes que tivesse chance de tomar fôlego, a menina atacou.

Della ainda não tinha a menor ideia do que fazer. Mas quando tomou um soco no rosto e viu que doeu como o inferno, ela decidiu que deixar a garota dar uma surra nela não era um bom plano.

Della abaixou quando a adversária desferiu o segundo soco. A multidão vaiou.

A loba veio para cima dela de novo e Della agarrou a menina pelo braço e sem cerimônia jogou-a para fora do ringue. A garota aterrissou no chão duro com toda a força, mas se levantou em segundos. Enquanto dançava ao redor dela, dando socos como uma rainha do boxe, Della localizou Steve brevemente no meio da multidão. Ele olhou bem para ela e depois desviou os olhos para cima novamente.

O segundo em que perdeu o foco custou caro a Della, pois a loba atacou novamente, dessa vez chutando-a nas costelas. O ar foi expulso dos seus pulmões e a dor a fez cambalear para trás. Foi quando seu olhar captou uma pequena abertura no teto, onde antes deveria haver um respiradouro.

Ok, agora ela sabia qual era o plano de Steve, mas será que ele não tinha se dado conta de que os outros vampiros também podiam voar?

Outro pé chutou Della no rosto. Ela agarrou a perna da garota pelo tornozelo e a atirou outra vez para fora do ringue. Uivos e gritos pedindo sangue ecoaram na multidão. A garota caiu no meio de um grupo de vampiros, mas devia ser feita de borracha, porque logo se recuperou e investiu novamente.

Ela saltou para o ringue. Seus olhos brilhavam na cor laranja típica de um lobisomem furioso. Deu um chute, Della avançou para bloqueá-lo. Um grande erro, porque ela não viu o que a cadela tinha nas mãos até que fosse tarde demais.

A faca voou na direção do coração de Della. Sua única defesa foi bloqueá-la com o braço. A lâmina cortou seu antebraço, e o corte doeu como uma queimadura, quente e frio ao mesmo tempo. O cheiro de sangue encheu seu nariz.

Seu próprio sangue.

Ela ouviu os gritos famintos da plateia.

A garota deu um passo atrás, mas apenas para atacar novamente. A faca tinha como alvo o lado direito do peito de Della. Um rugido, não da multidão, mas de um felino exótico chegou aos

ouvidos de Della.

Fúria, uma raiva vermelho-vivo, encheu o coração de Della, ao mesmo tempo que a faca afundou em seu peito, logo abaixo da clavícula. Surpreendentemente, ela sentiu mais raiva do que dor. Agarrando a menina pelos ombros, atirou-a longe. A queda pareceu acontecer em câmera lenta. Ela também sentiu em câmera lenta, quando a faca foi arrancada do seu peito. Segurou a respiração ao sentir a dor, viu quando a garota voou para longe, a faca ainda em suas mãos pingando sangue da ponta da lâmina.

Então Della viu o leão gigantesco, também conhecido como Steve, correndo para o ringue e investindo contra qualquer um que ousasse atravessar o seu caminho. É isso aí, Steve! Ela apontou para cima e, então, com todas as suas forças, deu um salto no ar, mal conseguindo sair pela estreita abertura. E logo atrás dela, quase a empurrando pelo buraco, havia um falcão-peregrino.

Ela continuou a subir, sabendo que os vampiros, pelo menos os que conseguissem passar pela abertura estreita, iriam atrás deles. Ignorou a sensação de queimação no ombro. De repente, consciente de que não ouvia mais o bater de asas do pássaro, olhou para trás. Steve tinha voltado ao telhado, se transformado em dragão e começado a cuspir fogo no respiradouro do antigo edifício. Droga, mas o cara até como dragão tinha boa aparência!

Obviamente, o edifício tinha algum tipo de isolamento que não era resistente a fogo, porque a fumaça começou a ondular para fora do telhado quase que imediatamente.

Em segundos, centelhas começaram a surgir em torno do dragão e Steve voltou a ser um falcão-peregrino. Eles voaram para longe o mais rápido possível. Della não parava de olhar para trás, rezando para que os bandidos não os perseguissem. Felizmente, só via a escuridão atrás deles.

De repente, Steve começou a descer.

— Não! — ela gritou para ele. — Precisamos continuar. Eles virão atrás de nós!

Ele não ouviu; continuou descendo e pousou num beco escuro muito parecido com o da noite anterior. Uma cerca de madeira de dois metros de altura impedia a passagem, como uma barreira para evitar invasores. Latas de lixo transbordantes, exalando o odor de frutas estragadas, pareciam segurar a cerca de tábuas apodrecidas. No momento em que ela tocou o chão, Steve já era humano.

— Merda! — disse ele, agarrando o braço dela. O cheiro doce do sangue de Della se sobrepunha ao fedor de lixo e enchia os seus sentidos.

— Sabe... — disse ela, encolhendo-se por causa da dor, que sentia tanto no braço quanto na parte superior do tórax —, você se saiu muito bem.

— Você não vai morrer! — Ele fervia.

— Quem falou em morrer? — Com dificuldade para se concentrar, ela piscou algumas vezes.

— Você acabou de me elogiar! — disse ele num rosnado baixo. — Isso só pode significar que o ferimento é grave.

Ela sorriu, mas não conseguiu manter o sorriso por muito tempo.

— Não estou tão ruim assim, estou?

— Não, você não está tão ruim assim. É só teimosa... — Ele encontrou o olhar de Della — e perfeita... — ele disse, mas a voz dele soou distante. — Preciso levá-la a um hospital.

— Não! — ela disse, sentindo os joelhos enfraquecerem. — É só tomar sangue e vou me curar. Nenhum órgão vital foi afetado, senão eu já estaria morta. Só me arranje sangue, Steve. Isso é tudo de que eu preciso. Vampiros se curam muito rápido.

Ele franziu a testa e puxou o telefone do bolso.

— Não se atreva a ligar para Burnett — ela fervia, mas os joelhos dobraram e ela desabou no chão. — Por favor — implorou, sentindo lágrimas encherem seus olhos. — Eu quero impressioná-lo. Não posso desapontá-lo. — Ela piscou para evitar as lágrimas e viu Steve olhando para ela com compaixão.

O alívio vibrou dentro dela quando o viu colocar o celular de volta no bolso.

— Obrigada — disse. — Obrigada — repetiu, mas ela mal tinha conseguido pronunciar a última sílaba quando sentiu um cheiro repugnante que recendia à carne podre. Eles tinham companhia. E não eram os vampiros desonestos.

Lobisomens.

Ah, merda! Ela realmente não queria morrer hoje.

Levantou-se e viu que todo o seu corpo tremia. E torceu para que parecesse muito mais ameaçadora do que se sentia. Eram três lobisomens, corpulentos e com cara de mau. Cabelos tão sujos que não se conseguia distinguir a cor, e roupas que pareciam tão imundas quanto.

Eles, evidentemente, tinham sentido o cheiro do sangue de Della e estavam à procura de algo para comer.

— Deem o fora daqui! — Steve rosnou para eles. — Ou vou matar vocês. — Centelhas começaram a aparecer à volta dele. Um rugido encheu o beco escuro. O leão tinha voltado, só que dessa vez ainda maior, quase do tamanho de uma van.

Dois dos lobisomens retrocederam, mas, obviamente, o mais burro deles começou a correr na direção de Steve, com os caninos à mostra e os olhos cor de laranja abrasadores. Steve levantou uma pata e golpeou o lobisomem, atirando-o do outro lado do beco. Ele bateu no muro com um baque forte. Os dois lobisomens mais espertos correram mais rápido que o diabo foge da cruz.

Demorou um segundo para Della perceber que não tinha feito nada. Não tinha sequer rosnado para os intrusos na tentativa de ajudar Steve a afugentá-los. Mas como poderia, se tinha usado todas as suas forças para ficar de pé?

Ao som dos passos desaparecendo pelo beco, ela viu o leão correndo para ela. Mas o que não

entendia era por que tudo estava girando. *O mundo gira depressa, ailili ailili ailou...* Ela repetiu a canção em sua cabeça enquanto uma sensação de leveza a envolvia. Justamente quando estava prestes a se acostumar com a sensação de leveza na cabeça, pontos negros começaram a aparecer diante dos seus olhos, como fogos de artifício.

A última coisa de que se lembrava era de estar caindo sobre o gigantesco animal e de pensar que, mesmo como um leão, Steve tinha um cheirinho de sabonete masculino.

*

Della sentiu alguém levantar sua cabeça.

Então ouviu uma voz masculina com um sotaque sulista tão sexy quanto profundo.

— Você quer acordar e beber isso ou vou ter que ligar para Burnett. Você está me ouvindo? Acorde, querida.

Querida? Della ergueu as pálpebras e olhou para o garoto de olhos castanhos suaves e cabelos escuros sentado ao lado dela na cama imensa. Ele tinha uma mão atrás da cabeça dela e a outra levava um copo até a sua boca. Levou um segundo para ela perceber quem era. Demorou mais um para se lembrar de tudo.

A missão.

Os vampiros.

Os lobisomens.

O beijo de Steve.

Ah, sim, ela se lembrou do beijo de Steve.

— Graças a Deus! — ele murmurou ao vê-la olhando para ele. — Consegue beber? — Ele apertou o copo contra os lábios dela. — Só dois golinhos.

O cheiro doce de sangue encheu seu nariz e ela abriu a boca e tomou um gole. Tinha um gosto tão bom que tomou outro em seguida.

Steve baixou a cabeça dela sobre o travesseiro, tão macio que praticamente engoliu sua cabeça. Ela olhou para o sorriso dele.

— Eu acho que você precisa beber mais, mas vamos te dar alguns minutos — disse ele.

O toque sedoso dos lençóis contra suas costas nuas e o travesseiro macio em torno da cabeça significavam duas coisas. Primeiro, que eles não tinham voltado à cabana, e segundo, que ela estava praticamente nua.

Ela olhou ao redor e viu o que parecia o quarto de um hotel de luxo. Então estendeu a mão para o lençol que cobria o peito e o ergueu alguns centímetros para verificar se estava vestida.

Ah, Deus! Estava nua! Bem, praticamente nua. Ainda estava com a calcinha de seda vermelha. E um curativo sobre a ferida.

Ela deixou cair o lençol sobre o peito e franziu a testa para ele.

— Onde estão as minhas roupas?

— Eu joguei na banheira e enxaguei para o caso de haver lobisomens ou vampiros por perto. Não quero que sintam seu cheiro.

Como ela podia contestar isso? Não podia. Bem, podia contestar, pois nem todo argumento tinha lógica, mas precisava admitir, ela estava cansada demais para contestar um argumento lógico, quanto mais um sem lógica.

— Pronta para tomar mais um pouco de sangue? — Ele ergueu o copo.

Ela queria dizer não, mas sabia que o sangue era a única coisa que poderia revitalizá-la. Quando se apoiou no cotovelo, ou pelo menos tentou, escorregou de volta no travesseiro. Olhou nos olhos suaves que a fitavam e se sentiu... nua, fraca e vulnerável. Esse não era o seu melhor dia.

Ele estendeu a mão e ajudou-a a se sentar. Ela sentiu o lençol deslizando para baixo e quase não conseguiu segurá-lo antes que expusesse seus seios. Ele segurou o copo contra os lábios dela e ela bebeu.

Quando ele afastou o copo, sorriu para ela de novo, com toda a doçura. Ele não estava olhando como se ela estivesse nua sob o lençol, como a maioria dos garotos faria. Estava sorrindo para ela como... como se fosse alguém com quem ele se preocupasse.

Definitivamente não era o seu dia.

Della não queria que Steve começasse a se importar com ela. Porque então ela poderia começar a se preocupar com ele. Isso era perigoso.

Fechando os olhos, ela se inclinou para trás e em poucos minutos sentiu o sono dominá-la.

Capítulo Seis

Della sentiu cócegas na testa e passou a mão ali para afastar a sensação. Então, as cócegas passaram para as costas da sua mão.

Seus olhos se abriram com um sobressalto. As cócegas eram a respiração de alguém, suave e regular.

E esse alguém era Steve.

Steve, dormindo na cama com ela. Steve, ao seu lado, dividindo o mesmo travesseiro.

Steve, nem mesmo um pouquinho feio, com longos cílios escuros nas pálpebras fechadas. Os cabelos castanho-escuros espalhados na testa.

Adormecido, ele parecia mais jovem, a não ser pela sombra de barba. Ela tentou se lembrar se ela tinha sentido os pelos ásperos quando ele a beijara na noite anterior no restaurante. Não conseguiu. Mas ela queria correr os dedos pelo queixo dele agora.

Seu olhar se desviou para o próprio peito, com seios pequenos. O lençol tinha escorregado e estava amarfanhado em torno da cintura.

Franzindo a testa, ela pegou o lençol e se perguntou se Steve tinha tirado proveito da vista privilegiada antes de adormecer. Claro que tinha, concluiu. Ele é quem tinha tirado seu sutiã e brincado de médico, antes de fazer o curativo. Um pensamento deprimente a atingiu. E se ele tivesse se decepcionado porque ela não tinha seios maiores?

Ela olhou para os dois pequenos montes que agora empurravam o lençol, com um pouco de esperança de que estivessem um pouco maiores. Nos últimos meses, ela tinha começado de fato a usar sutiã número 40. Não que tivesse esperança de chegar ao 44, como Miranda e Kylie. Mas um 42 seria bom.

Ela olhou para seu lado esquerdo e baixou o lençol um pouco para ver o curativo. Não parecia um trabalho amador. Ao mexer o ombro, percebeu que devia estar curado, porque não sentiu nenhuma dor. Então olhou para o braço onde estava o outro curativo.

Ela lembrava vagamente de Steve acordando-a e fazendo-a beber sangue duas ou três vezes. Também se lembrou de ouvi-lo dizer que a mãe era médica. Será que ele estava pensando em ser médico também? Deveria. O garoto tinha jeito pra coisa.

Estendendo a mão, ela tirou o curativo um pouco abaixo do ombro para ver o ferimento. O corte ainda era visível, mas estava quase cicatrizado.

— Parece bom — disse uma voz profunda e sonolenta ao lado dela.

Ela desviou os olhos para o garoto que dividia o colchão com ela e o encarou.

— Saia da minha cama.

Ele sorriu.

— Tecnicamente, é a minha cama. Eu aluguei o quarto.

Ela franziu o cenho.

— É muito cedo para tanta lógica!

Ele riu.

— Na verdade, também não é cedo.

Ela se sentou um pouco, segurando o lençol contra o peito, e se lembrou vagamente de que não tinha conseguido se sentar antes.

— Que horas são?

Ele se virou e olhou para o relógio na mesinha de cabeceira.

— Seis.

— É cedo — disse ela.

— Seis da tarde. — Ele passou a mão pelo cabelo despenteado pelo sono e pareceu adorável ao fazer isso.

— Espere aí. São seis horas da tarde? Merda! — Ela se sentou com as costas retas. — Eu dormi o dia inteiro? Burnett provavelmente está surtando. Já era para eu estar chegando em Shadow Falls.

— Eu já o avisei.

Ela franziu a testa.

— Você contou que eu me machuquei!

— Não, bem, sim, mas minimizei muito a situação. Tive que contar a ele que você foi obrigada a lutar, porque o incêndio no armazém e os relatos de leões gigantes na cidade acabaram virando notícia.

Ela se lembrou de que ele tinha se transformado em leão tanto no armazém, com os vampiros da gangue, quanto para afugentar os lobisomens.

— Você foi visto?

— Só por um bêbado no beco, por isso não é tão ruim.

— Desculpe — disse ela, lembrando-se de que ele levava a sério a regra de não se transformar em lugares públicos. E ainda assim ele se transformou porque... porque ela não pôde protegê-los.

— Tudo bem. — O olhar dele se suavizou de novo, como se ele se importasse com ela ou algo assim. — Nós saímos vivos. E cumprimos a nossa missão. Agora, a UPF pode entrar em cena e prender uns caras da gangue.

Ela assentiu com a cabeça.

— Estou surpresa que Burnett não tenha telefonado a cada quinze minutos.

— Acho que ele teria feito isso, se não estivesse resolvendo outro problema.

— O quê? — perguntou Della.

— Parece que Helen foi atacada.

— Helen? A nossa Helen? — Helen era uma tímida meia *fae* a que Della não podia acreditar que alguém faria mal. — Ela está bem? Quem fez isso?

— Burnett esteve no hospital com ela. Ele disse que ela está bem. Perguntei quem a atacou, e ele disse que não sabia. Mas você conhece Burnett, ele vai caçar os culpados e, quando encontrar, vai fazê-los em pedacinhos.

— É, e eu gostaria de ajudá-lo nessa tarefa. Graças a Deus ela está bem. — O estômago de Della resmungou, roncando alto e deixando-a constrangida.

Steve riu.

— Acho que você está com fome. — Ele saltou da cama. — Eu vou buscar pra você.

Ela se reclinou na cabeceira da cama e segurou o lençol sobre o peito. Então observou-o ir até o frigobar e retirar dali uma bolsa plástica com sangue. Mas não era o mesmo sangue que ela tinha trazido com ela na viagem. Esse sangue ela tinha deixado na cabana.

Perguntas pipocaram na cabeça dela.

— Esse não é o meu sangue. Onde é que você...

— Minha mãe trabalhou num hospital desta cidade por algumas semanas, quando nos mudamos do Alabama. Há um banco de sangue à direita, nesta rua, é por isso que escolhi este hotel.

As palavras de Steve ficaram dando voltas na cabeça dela.

— Você roubou sangue de um banco de sangue? — Ela balançou a cabeça. — Você nunca deveria ter feito isso!

— Não! Bem, não tecnicamente. — Ele foi até a cama e lhe entregou um copo.

Ela pegou o copo e olhou para ele. O aroma maravilhoso encheu seu nariz.

— É O negativo? — ela perguntou, lembrando o gosto bom que ele tinha quando ela estava quase inconsciente.

— Só o melhor pra você. — Ele lhe lançou um sorriso torto.

— Acho que você não pode devolvê-lo, não é? E se tentasse, eu poderia ter que te matar. — Ela tomou um grande gole.

Ele sorriu.

— Beba. Aliás, ele não foi exatamente roubado.

Ela olhou para Steve ainda com os lábios no copo. Ele continuou parado ali só olhando para ela.

— O que quer dizer com isso?

— Entrei para doar um litro e acabei saindo com ele.

Ela lambeu a última gota de sangue dos lábios.

— Você é O negativo? — Não era à toa que ele sempre tinha um cheiro tão bom.

Ele confirmou com a cabeça. Com seu sorriso agora se espalhando para os olhos, ele disse: — De nada.

— Eu não disse obrigada.

— Sim, mas vi nos seus olhos quanto você gostou.

Ela franziu a testa, esperando disfarçar sua satisfação. Então sentou-se um pouco mais ereta, esvaziou o copo e colocou-o sobre a mesinha de cabeceira.

— Onde estão as minhas roupas?

— No banheiro. Devem estar quase secas. Lavei-as muito bem. Mas antes que você se vista, preciso colocar mais pomada nos cortes. Uma última vez.

— Acho que já estou bem.

— Você está bem, sim — disse ele e sorriu —, mas o corte ainda precisa de mais uma aplicação de pomada. — Ele foi até o armário e pegou um tubo de alguma coisa, juntamente com outros materiais.

Sentou-se na beirada do colchão, colocou os materiais na mesa de cabeceira e cuidadosamente removeu a atadura do braço dela. Ele esguichou um pouco de remédio num cotonete e limpou o corte. Ela examinou o corte em seu braço e, como o outro, no peito, parecia quase curado.

Então ele estendeu a mão e baixou o lençol. Não o suficiente para ver alguma coisa, mas para sugerir os seios um pouco abaixo e ter acesso ao ferimento. Delicadamente, ele tirou o curativo e espalhou a pomada sobre o corte.

Quando ela olhou para Steve através dos cílios, ele estava olhando para ela.

— Você é linda, por sinal.

Sentiu o rosto esquentar. Ok, agora ele estava olhando para ela como um garoto comum, pensando que ela estava nua sob o lençol. No entanto, em vez de repeli-lo, ela ficou... Ficou aliviada de saber que ele não a achara pouco atraente. E ele, obviamente, a vira quase toda nua.

— Se contar a alguém que me viu sem roupa, você vai se ver comigo.

Ele jogou o cotonete na mesinha de cabeceira e, em seguida, estendeu a mão e levantou o queixo dela com o dedo indicador.

— Eu nunca diria a ninguém. — A voz dele saiu um pouco mais grave, e ele parecia completamente sincero.

Steve passou o dedo sobre os lábios dela.

— Você não vai me beijar — disse ela.

— Isso veremos — disse ele e, então, fez exatamente isso. Ele a beijou.

*

Como ele começou com um simples beijo e terminou com o corpo estendido ao lado dela, sem camisa e com o lençol amarrotado aos pés da cama, era um completo mistério. Um delicioso

mistério.

Sua boca se moveu dos lábios para o pescoço de Della e, então, mais abaixo. Ela gemeu, totalmente absorta em sentir como aquilo era bom. Mas, quando a mão dele deslizou de maneira suave e sedutora até mais abaixo da cintura dela, ela o deteve e engoliu uma grande dose de realidade.

— Sinto muito — ela murmurou e se sentou. — Eu não posso... Não podemos.

Ela o ouviu suspirar e sabia que ele estava cheio de desejo e vontade, assim como ela. Mas supostamente era ainda pior para um cara. Sempre tinha sido difícil para Lee antes... antes de ela deixar que ele fosse adiante.

O pensamento em Lee deixou sua respiração presa na garganta.

Lágrimas encheram seus olhos e ela só conseguia pensar que eles já tinham passado por isso antes. Ela tinha se entregado a Lee e olha só aonde aquilo a tinha levado.

— Vá tomar um banho frio. — Ela lhe deu as costas e puxou o lençol para se cobrir.

Ele respirou fundo várias vezes e, depois de alguns segundos, disse: — Eu não tinha intenção... Só ia te beijar. Droga! — A voz dele estava cheia de aversão por si mesmo. — Eu nunca quis tirar proveito do fato de você...

— Você não tirou. — Ela fechou os olhos. — Não tirou proveito. Eu também estava a fim. Mas... não devemos... ir até o fim.

— É cedo demais? — ele perguntou.

— É tudo demais — ela respondeu. *É bom demais. Real demais. Parecido demais com algo realmente especial. É demais para ter que lidar com a perda mais tarde*. — Se você não vai tomar banho, eu vou. Precisamos voltar para Shadow Falls.

Ela odiava a raiva em seu tom de voz e esperava que Steve entendesse que não era por causa dele. Era por causa dela. Ela simplesmente não podia seguir por esse caminho novamente.

*

Enquanto Della estava no chuveiro, um telefone tocou e ela ouviu Steve dizendo a Burnett que estariam de volta em algumas horas. Ele tomou banho depois dela e, trinta minutos mais tarde, eles entraram num elevador do hotel, onde ela não tinha nenhuma lembrança de ter entrado antes.

Será que ele a carregara no colo? Odiava não se lembrar de coisa alguma. Odiava saber que tinha ficado tão vulnerável.

Assim que chegaram no lobby lotado, ele a levou ao restaurante do hotel.

Uma queixa quase escapou de seus lábios, mas Della se lembrou de que ela já tinha se alimentado e ele não. Então ficou calada e seguiu a recepcionista depois de Steve pedir uma mesa para dois.

Ele pediu um bife com uma *baked potato* e um copo de chá gelado. Ela pediu uma sopa de cebola, a única coisa de que poderia realmente gostar, e uma Coca-Cola Diet.

Quando a garçonete se afastou com o pedido, Steve olhou para Della, ainda com um pedido de desculpas nos olhos. Sim, ele se sentia culpado por deixar que as coisas ficassem fora de controle. Mas ela não colocava toda a culpa nele. Ela poderia ter parado. Deveria ter parado.

— Como está o ombro? — ele quis saber.

Della estendeu a mão e tocou o lugar onde tinha sido esfaqueada.

— Completamente curado — disse ela. Então se lembrou de algo que ele tinha mencionado antes.

— Você aprendeu a fazer curativos com a sua mãe?

Ele confirmou com a cabeça.

— às vezes ela fazia trabalho voluntário em ambulatórios para pessoas de baixa renda. Eu costumava ir com ela nos fins de semana. Algumas coisas aprendo rápido.

Della suspeitava que ele aprendia qualquer coisa rápido. Ela não tinha percebido a princípio, mas a inteligência era evidente naqueles grandes olhos castanhos.

— E você não quer ser médico?

— Não disse que não quero.

— Mas você disse... Quer dizer, eu tive a impressão, quando você falou dos seus pais, que você não queria fazer o que eles queriam que fizesse.

— Ela quer que eu seja médico de seres humanos, porque é o que dá dinheiro. Eu quero estudar para tratar seres sobrenaturais. É nesse campo que as minhas habilidades serão mais úteis.

Ela assentiu com a cabeça.

— Entendi. — A garçonete deixou as bebidas. Della girou o canudo no copo e observou as bolhas subindo até a borda. — Meus pais queriam que eu fosse médica também.

— E você não quer?

— Claro que não. Quero trabalhar numa área ligada à justiça criminal.

— Advogada?

— Não. Não quero defender a lei. Eu quero aplicá-la. Antes de ser transformada, eu estava pensando no FBI ou na CIA. Agora estou pensando na UPF. É por isso que eu não queria que Burnett soubesse que estraguei tudo.

Ele balançou a cabeça.

— Você não estragou tudo.

— Deixei que me esfaqueassem. Essa é uma grande mancada. — Ela jogou o canudo no copo.

— Tivemos que lutar contra toda uma gangue de marginais. O fato de sairmos de lá vivos é um verdadeiro milagre.

Ela girou o canudo no copo outra vez.

— Mas foi você quem nos salvou. Foi você quem teve um plano e depois afugentou os lobisomens.

— Sim, mas você estava um pouco ocupada tentando não deixar que a loba vampira acabasse com você no ringue. E, quando os lobisomens apareceram, você já tinha sido esfaqueada e sangrava muito, mas ainda assim se levantou.

— Não fiz nada quando eles vieram — ela murmurou, envergonhada.

— Você se levantou e os enfrentou, deixando bem claro que não estava disposta a ser jantar de ninguém.

Ele olhou para o próprio copo por um segundo.

— Para ser sincero, eu estava totalmente impressionado com você. O tempo todo, eu estava pirando lá dentro. Meus joelhos tremiam e você era a calma em pessoa. Eu continuei olhando para você e me perguntando se você ia conseguir, se eu conseguiria, sair dali.

Ela soltou um suspiro profundo.

— Eu não estava calma. Estava apavorada, também.

Ele sorriu.

— Bem, é por isso que você é tão boa nisso, Della. Você não parecia assustada. Nem um pouco. Você é talhada para isso. Eu pessoalmente não gosto da ideia de você se colocando em perigo, mas nunca pense que estragou tudo. Você arrebentou naquele ringue.

Senti o elogio como se fosse um grande abraço. E, como Kylie e Miranda sempre diziam, ela não era muito de abraçar ninguém.

Olhando para sua bebida de novo, uma constatação a atingiu. Antes ela costumava gostar de abraços, mas agora, quando alguém colocava os braços quentes em volta dela, isso só a lembrava de como era fria.

De repente, percebeu que no momento em que Steve a beijou e a tocou, ela se esqueceu de que era fria. Pela primeira vez desde que tinha sido transformada, ela se sentiu normal novamente — se sentiu... humana. E aquilo era muito bom.

— Obrigada. — Ela olhou para Steve de relance, esperando que ele entendesse quanto aquilo significava para ela, porque ela não queria expressar sua gratidão de qualquer outra maneira que não fosse oferecendo essa palavra.

A garçonete trouxe a comida. Della deu algumas colheradas na sopa de cebola, ignorando o queijo. Mas, quando o saboroso caldo quente dançou em sua língua, ela não conseguia deixar de pensar no quanto o sangue de Steve era bom. Como seus beijos eram bons. Como era bom ser tocada e se esquecer de que era fria.

Enquanto ela tomava banho, notou um chupão entre o ombro e o seio esquerdo. Ela estava contente de que ele tivesse deixado sua marca na pele dela. Mas estava igualmente contente por

ela não ser permanente. Iria desaparecer em poucos dias. E era assim que deveria ser. Porque quando eles tivessem de volta a Shadow Falls, tudo estaria acabado.

Definitivamente.

Ela simplesmente não conseguia mais entregar seu coração. Lee, juntamente com seus pais, tinha lhe ensinado quanto era difícil amar alguém. Como era fácil ser decepcionada por alguém.

Ela não amava Steve, ainda não, mas aquelas últimas 36 horas tinham lhe ensinado quanto seria fácil amá-lo. Quando uma pessoa realmente valia a pena, o coração a acolhia naturalmente. Adicione a isso uma beleza natural e o fato de ele beijar maravilhosamente bem, e seu coração estenderia um tapete vermelho para ele e o recepcionaria com uma banda marcial e cartazes com letras chamativas, dizendo: “Seja bem-vindo!”

E isso era inaceitável. Ela não podia se apaixonar por Steve. Não. De jeito nenhum. Assim que eles retornassem a Shadow Falls, ela voltaria a ser a velha Della. Ponto final. Ela tinha Miranda, e tinha Kylie. Assim que a amiga voltasse.

Della não precisava de um garoto para fazê-la se sentir especial, para fazê-la se sentir bonita, para fazê-la se sentir... humana.

Steve pegou a faca e cortou um pedaço do bife.

— Ah, quando eu falei com Burnett esta manhã, ele mencionou que foi ver Kylie.

O coração de Della deu um salto.

— Ele sabe onde ela está? Será que ela vai voltar?

— Ele deve saber, porque disse que a viu, mas não disse nada sobre ela voltar. Só disse para lhe dizer que ela está bem e que perguntou de você.

Essa era Kylie, sempre se preocupando com os outros, muito mais do que consigo mesma. A garota era uma tonta. Bem, não uma tonta. Era apenas uma daquelas pessoas que realmente se importam com as outras pessoas. Mais ou menos como o maldito metamorfo com quem Della estava almoçando.

Della mergulhou a colher na sopa de cebola.

— Bem, se ele sabe onde ela está, então posso simplesmente ir até lá e trazê-la de volta.

— Raptá-la? — ele perguntou.

— Se eu tiver que fazer isso, sim. Ela pertence a Shadow Falls, como Miranda e eu.

Steve riu.

— Você não está falando sério.

— Uma banana que não estou! — respondeu Della com impaciência. — Kylie está voltando para casa e ponto final.

*

Cerca de trinta minutos depois, Della se sentiu em casa ao pousar os pés no chão, do lado de fora da cerca de Shadow Falls. Engraçado como o lugar parecia um lar para ela agora. Claro, talvez isso fosse previsível, agora que ela não se sentia mais em casa na companhia dos pais.

Steve pousou e se transformou.

— Precisamos ir até o escritório.

— Não. — Ela pegou o celular. — Estou ligando para Burnett e dizendo que cheguei, depois vou pular a cerca. Só quero ir para a minha cabana e relaxar... Não quero ser interrogada agora.

Della queria ter tempo para organizar os pensamentos.

Burnett atendeu ao segundo toque.

— Onde você está?

— Nós estamos aqui. Do lado de fora da cerca, no lado leste.

— Ótimo. Vamos jantar agora. Por que não vem conosco? Temos uma surpresa.

— Estou cansada. Nem um pouco a fim de surpresas. Só quero tomar um banho e relaxar. Podemos conversar amanhã?

— Você está bem? — Seu tom ficou sombrio, preocupado.

— Estou — ela rosnou.

Quando desligou, Steve começou a andar até ela. Ela observou a maneira como ele se movia, como um leão, ágil e com propósito. Ele parou bem na frente de Della e afastou uma mecha do cabelo dela, colocando-a atrás da orelha e mantendo a mão em seu rosto.

— Sabe, estou meio sem vontade de voltar. Gostei desse tempo em que ficamos sozinhos, só eu e você.

Ela tinha gostado, também. Demais.

Ela pegou a mão de Steve e tirou-a de seu rosto.

Engolindo um nó na garganta, cheia de arrependimento, ela se forçou a dizer. Parte dela esperava que não tivesse que insistir. Mas isso era para covardes. E Della Tsang não era covarde. Além disso, Steve merecia saber de antemão que o problema não era ele. Era ela.

— Olha, eu... eu gostei. De tudo. Realmente gostei, mas... acabou.

Ele balançou a cabeça.

— Por quê? Não tem que acabar.

— Tem, sim. — O coração dela de repente ficou pesado. Muito pesado no peito.

— Eu não... Eu não... Eu não estou pronta para isso. — Ela agitou a mão entre eles.

Aquele olhar de desculpas encheu os olhos de Steve outra vez.

— Eu disse que não queria que aquilo acontecesse. Não vou pressioná-la para ir além do que está preparada. Vai acontecer quando for pra acontecer. Vou ser paciente.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não estou me referindo só a isso.

Ele franziu a testa, preocupado.

— Então a que está se referindo?

— Estou me referindo a nós dois... e ponto final. Nós dois como um casal, como “nós”. Não estou pronta para isso.

Ele balançou a cabeça.

— Por quê? Pensei que estávamos nos dando muito bem.

— Saber por que não é importante. É simplesmente assim. Eu não quero. Estou muito feliz com tudo como está, feliz comigo... sem ser um casal. — Era uma mentira tão grande que ela podia ouvir seu coração aos saltos, com as batidas completamente irregulares, cada uma delas golpeando seu esterno e chamando-a de grandessíssima mentirosa.

— Não — ele disse. — Eu não posso aceitar isso.

— Você vai ter que aceitar. Porque é simplesmente assim que as coisas são, Steve. Fomos juntos a uma missão e nos saímos bem. Fizemos o que fomos enviados para fazer e graças a nós dois o mundo agora é um pouco mais seguro. Mas o que aconteceu entre nós precisa acabar. Não sou a pessoa certa para você.

Ele a estudou.

— E você é a pessoa certa para quem? — Ele parecia enciumado.

— Não sou a pessoa certa para ninguém — disse ela, e seu coração não pareceu considerar isso uma mentira. Ela já tinha amado. Amado e perdido. — Acabou, Steve. Apenas aceite.

Ela começou a correr e, um pouco antes de pular a cerca, ouviu.

— Isso nós vamos ver. — As palavras dele soaram nos ouvidos dela. Se era uma promessa ou uma ameaça, ela não sabia. Mas a ideia de que fosse uma promessa afugentou a maior parte da dor que ela carregava no coração.

Enquanto entrava na sua cabana, ela respirou os aromas familiares de casa, o cheiro do shampoo de fruta de Miranda e de suas velas perfumadas. Della conseguia captar até mesmo o cheiro da loção favorita de Kylie.

De pé na sala de estar, Della se permitiu sentir um pouquinho de orgulho pela missão concluída. O sentimento confirmava que ela queria se especializar na captura de bandidos.

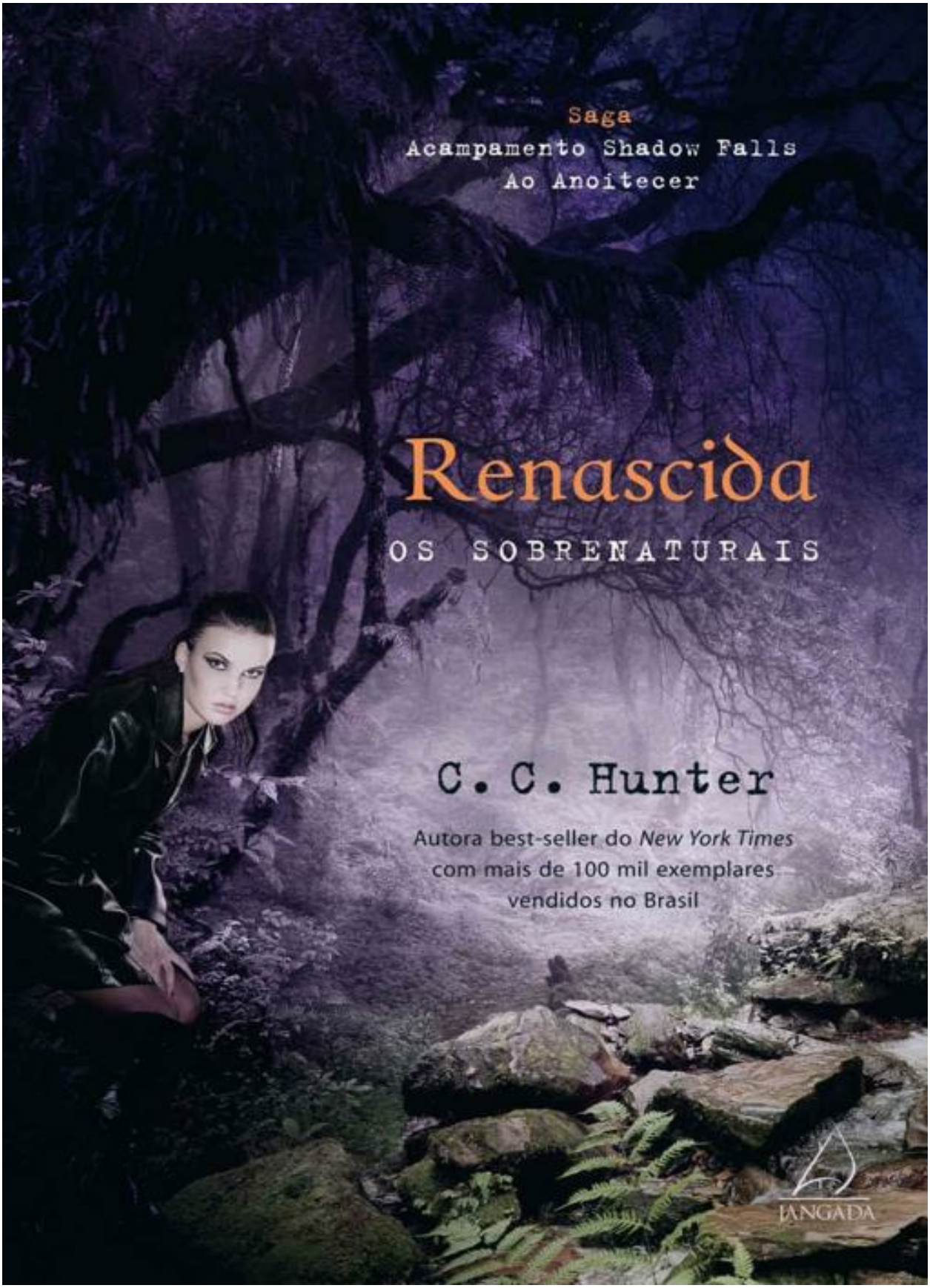
Ao entrar em seu quarto, abriu a gaveta e tirou as fotos. Imagens dela e da família, e outras dela com Lee. Todas elas momentos capturados com emoção. Lembranças que agora a feriam.

Ela pensou em rasgar todas, mas depois pensou melhor e jogou as fotos com a família de volta na gaveta. De algumas coisas ela não podia desistir. Mas de outras...

Rasgou as fotos dela com Lee e deixou que uma chuva de pedacinhos de papel caíssem dentro do cesto de lixo. Em seguida foi para a cama, deitou e olhou para o teto.

Isso nós vamos ver. As palavras de Steve ecoaram na sua cabeça como a letra de uma canção, uma boa canção, daquelas que não saíam da cabeça e cujo refrão se repetia sem parar.

Ela fechou os olhos. A vida poderia ter dado algumas rasteiras nela no último ano, mas Della Tsang não desistia fácil. Ela iria revidar.


Saga
Acampamento Shadow Falls
Ao Anoitecer
Renascida
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
Autora best-seller do *New York Times*
com mais de 100 mil exemplares
vendidos no Brasil
JANGADA

RENASCIDA

C.C. Hunter

RENASCIDA

OS SOBRENATURAIS

Tradução
Denise de Carvalho Rocha



Título do original: *Reborn*.
Copyright © 2014 Christie Craig.



https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Copyright da edição brasileira © 2015 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.
Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y. 10010.
Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.
1ª edição 2015.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.
A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.
Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra **Editora de texto:** Denise de Carvalho Rocha **Gerente editorial:** Roseli de S. Ferraz **Produção editorial:** Indiara Faria Kayo **Assistente de produção editorial:** Brenda Narciso **Editoração eletrônica:** Fama Editora **Revisora:** Vivian Miwa Matsushita **Produção de ebook:** S2 Books **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hunter, C. C.
Renascida : os sobrenaturais / C. C. Hunter ; tradução Denise de Carvalho Rocha. — São Paulo : Jangada, 2015.

Título original: Reborn.
ISBN 978-85-64850-96-5
1. Ficção norte-americana I. Título.

15-01959 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

1ª edição digital 2015
e-ISBN:978-85-5539-012-8

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

Aos meus amigos e a todos que ajudam meus livros a fazer sucesso.
Para meus leitores maravilhosos e amigos do mundo inteiro,
que estão sempre impulsionando as vendas apenas com a propaganda
boca a boca: Betty Hobbs, Susan e Ally Brittain,
Shawna Stringer e Lucero Guerrero. Obrigada a Natasha Benway,
a melhor bibliotecária para crianças que eu conheço.
E um grande agradecimento especial à minha equipe das ruas.
Vocês arrasam!

Agradecimentos

Para o meu marido, você é o meu mundo e a minha inspiração. Obrigada por me deixar correr atrás de um sonho e me fazer acreditar que eu podia alcançá-lo. Para a minha editora, Rose Hilliard, e a minha agente, Kim Lionetti — nós formamos um time da pesada. Obrigada às minhas assistentes, que me mantêm nos trilhos: Kathleen Adey e Shawnna Perigo. Obrigada aos meus amigos e colegas escritores, que estão ao meu lado em todas as desgraças, tristezas, surpresas e caminhadas: Lori Wilde, Susan C. Muller, Jody Payne, e R. M. Brand. Vocês são para mim como Kylie e Miranda são para Della — imprescindíveis para o meu bem-estar. Obrigada a todos vocês.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Coleção Saga Acompanhamento Shadow Falls

Capítulo Um

O monstro avançou pelo beco à luz do luar, bem na direção de Della Tsang. Mesmo no escuro, ela podia ver as presas amareladas, as garras encardidas e os chifres afiados e mortais. A criatura lembrava uma gárgula rechonchuda de tamanho extragrande, mas, com toda a franqueza, Della não fazia ideia do que era.

Não era um vampiro. Era feio demais para isso.

Talvez um lobisomem raivoso. Ela já tinha ouvido falar deles, mas nunca tinha visto um.

Tentou se concentrar na testa do monstrengo para examinar seu padrão. Cada espécie tinha o seu, e todo sobrenatural podia identificá-lo. Esse, no entanto, movia-se rápido demais.

Uma coisa ela sabia: ele não vinha em missão de paz. Os olhos vermelho-sangue, assim como o olhar de pura maldade, alertavam Della das suas más intenções.

Duas opções. *Voar ou lutar*, gritavam os instintos de Della. Seu coração batia forte. Só os covardes fugiam. Respirando fundo, ela puxou a bainha da blusa do pijama de Smurfs e se preparou para o ataque.

Pijama de Smurfs?

O que estava fazendo num beco vestindo um...?

As teias de aranha em sua mente se dissiparam e ela começou a perceber vagamente uma terceira opção. Poderia acordar.

Um sonho. Não era real.

Mas até acordar para fugir do sonho parecia um ato covarde. Della Tsang não era nenhuma covarde. Então ela permitiu que o pesadelo a envolvesse um pouco mais e observou, enquanto esperava o monstro chegar mais perto. Só lhe restavam alguns segundos.

Um.

Dois.

Três.

A criatura cheirava à morte. Estava a menos de um metro de distância quando saltou, deu uma pirueta no ar e aterrissou atrás dela. Della não tinha acabado de se virar ainda quando o brutamontes agarrou-a pelos ombros. Sentiu uma dor na base do pescoço como se uma garra ou presa tivesse perfurado sua espinha. Estendendo o braço para trás, ela enterrou os dedos numa

massa de pele flácida e jogou a criatura para a frente, com toda a força, por cima do próprio ombro.

— Toma isso, sua baleia asquerosa!

Um baque forte deixou Della totalmente alerta. Sentou-se com tudo na cama, o coração batendo na garganta, e viu seu travesseiro, o objeto que ela tinha confundido com uma baleia asquerosa, do outro lado do quarto, cravado onde abrira um buraco na parede da sua casa.

Correção. Da sua casa, não. Da casa dos pais!

Ela estava sendo obrigada a passar o fim de semana em casa. Como assim, *em casa?* A palavra afundou em sua mente como uma farpa.

Aquela não era mais a casa dela. Shadow Falls era sua casa. O acampamento/escola que aos olhos do mundo lá fora era uma espécie de reformatório para adolescentes desajustados, mas que na realidade era onde os adolescentes sobrenaturais iam aprender a lidar com o fato de serem... sobrenaturais.

Kylie, Miranda e todos os seus amigos eram a família dela agora. Aquele lugar... Ela olhou em volta do seu antigo quarto, cheio de lembranças do passado. Era um lembrete de tudo o que havia perdido.

Ela olhou outra vez para o travesseiro e a droga do buraco que ele abrira na parede.

Merda!

Recuperando o fôlego, tentou pensar em como iria explicar aquilo aos pais.

Na parede oposta, ficava a penteadeira com o espelho embutido. Quando olhou para ele, um plano lhe ocorreu. Só precisava mudar alguns móveis de lugar e o buraco ficaria escondido. Ela voltou a olhar para o travesseiro e, ao mexer a cabeça, uma dor aguda fisgou a parte superior do seu pescoço. Exatamente onde aquele maldito monstro a mordera no sonho.

Ela estendeu a mão para esfregar o local da dor e sentiu algo frio e pegajoso.

Retirou a mão e olhou o sangue. *Mas que diabos era aquilo?*

Voltando a pôr a mão no lugar, sentiu uma enorme espinha inflamada na base do pescoço. Talvez a espinha estivesse simplesmente doendo e ela a transportara para o sonho maluco. O cheiro do próprio sangue lembrou-a de que não se alimentava havia dois dias. Mas trazer uma bolsa de sangue para casa era arriscado demais.

Da última vez que viera, pegou a mãe vasculhando suas coisas. Ela tinha olhado para a filha com um ar culpado e gaguejado uma desculpa:

— Sinto muito, só queria ter certeza de que não trouxe nenhuma... Eu me preocupo com a sua irmã.

— Você não se preocupa mais comigo? — Della tinha perguntado. Não se importava que a mãe achasse que ela estava usando drogas, o que mais doía era saber que não se preocupavam mais com ela. Então ela tinha saído do quarto antes de ser obrigada a ouvir o coração da mãe denunciando a mentira que estava prestes a dizer.

Tentando deixar o passado para trás, Della pegou um lenço de papel na mesa de cabeceira para estancar o sangue. Em poucos minutos, jogou o lenço no lixo, puxou o travesseiro da parede e arrastou a penteadeira pelo quarto, para esconder seu pequeno deslize induzido pelo sonho.

Deu alguns passos para trás, admirando o móvel reposicionado, e suspirou de alívio. Eles nunca saberiam — pelo menos não tão já. Um dia seu pai acharia o buraco e provavelmente iria chamá-la e dizer novamente quanto estava decepcionado com ela. Mas levar bronca e sentir tristeza depois era melhor do que levar bronca e sentir tristeza ao mesmo tempo.

Ao olhar para a frente, viu-se no espelho e... a ficha caiu. Ela podia enfrentar monstros nos sonhos e até mesmo na vida real, mas a simples ideia de enfrentar os pais, de ver a enorme decepção estampada nos olhos deles novamente, fazia com que se transformasse numa garotinha aterrorizada.

Toda mudança pela qual passara desde sua transformação em vampiro era encarada pelos pais como uma forma de rebeldia. Eles a consideravam uma adolescente ingrata e sem sentimentos — provavelmente viciada em drogas, talvez até grávida —, e disposta a tornar a vida deles um inferno. Mas era melhor deixá-los acreditar naquilo do que contar que agora ela era um monstro.

Às vezes Della se perguntava se não teria sido melhor ter tomado o caminho mais fácil e apenas simulado a própria morte, como fazia a maioria dos adolescentes na mesma situação. Perder a família iria doer uma barbaridade, mas já não estava doendo de qualquer maneira? Dia após dia, pouco a pouco, sentia que estavam se distanciando. Mal falavam mais com ela, havia muito tempo não a abraçavam, Della não conseguia nem se lembrar de como era ser abraçada. E havia uma parte dela que sentia tanta falta deles que tinha vontade de gritar que não era sua culpa. Della não tinha pedido para ser transformada!

— O que está fazendo? — A voz quebrou o silêncio sombrio.

Della se virou. Com sua audição supersensível, ela normalmente conseguia até ouvir a irmã mais nova se virando na cama. Como podia não ter ouvido a menina entrar furtivamente no quarto?

— Ah, nada — respondeu Della. — O que está fazendo acordada?

— Eu ouvi você... — Os olhos de Marla se arregalaram. — Você mudou a penteadeira de lugar?!

Della olhou para o móvel.

— Mudei, eu não conseguia dormir então só... pensei em mudar o visual aqui dentro.

— Aquela coisa é pesada!

— É, bem, sempre como todos os legumes do meu prato...

Marla franziu a testa.

— Você não comeu quase nada no jantar. Mamãe está preocupada com você.

Não, ela não está, Della pensou.

Marla olhou ao redor novamente.

— Você perguntou à mamãe se podia mudar os móveis de lugar?

— Por que ela se importaria? — quis saber Della.

Marla deu de ombros.

— Sei lá, mas devia ter perguntado.

Della mordeu o lábio, percebendo que, antes da transformação, ela provavelmente teria pedido permissão até mesmo para fazer algo tão banal quanto aquilo. Eis uma vantagem de se morar em Shadow Falls. Holiday e Burnett, os líderes do acampamento, comandavam o lugar com rédeas curtas, mas davam aos estudantes corda suficiente tanto para se balançar quanto para se enforcar. Até o momento, Della não tinha tentado se enforcar. Bem, pelo menos não chegara a tanto. E nos últimos seis meses, tinha começado a apreciar o gostinho da independência.

Marla se aproximou. Sua camisola cor-de-rosa só ia até o meio da coxa. Della percebeu que a irmã estava mudando — crescendo. Agora, com 14 anos, ela já tinha perdido o ar infantil. Seus longos cabelos pretos eram mais escuros do que os de Della. Das duas, Marla era a mais parecida com o pai. Seus traços eram mais orientais. Aquilo devia deixar o pai feliz, Della pensou.

— Está tudo bem? — perguntou Marla.

Antes que Della percebesse o que Marla pretendia fazer, sentiu o toque da irmã. Della tentou se afastar, mas Marla segurou seu braço.

— Está, sim.

Marla fez uma careta.

— Você ainda está tão fria! E não age mais como antes. Está sempre franzindo a testa.

Porque estou com sede de sangue!

— Está tudo bem. É melhor você voltar para a cama.

Marla não se mexeu.

— Eu quero de volta a irmã que você sempre foi!

Lágrimas ardiam nos olhos de Della. Uma parte dela queria voltar, também.

— Já é tarde. — Piscou, dispersando sua fraqueza em forma de lágrimas. Em Shadow Falls, ela raramente chorava, mas na casa dos pais as lágrimas vinham com mais facilidade. Será que era porque ali se sentia mais humana? Ou porque ali ela se sentia como o monstro que, se soubessem a verdade, sabia que acreditariam que ela fosse?

— Papai está tão preocupado com você... — continuou Marla. — Ouvi ele e a mamãe conversando outra noite. Ele disse que você lembra o irmão dele. Disse que o irmão um dia também se tornou uma pessoa fria e ficou difícil conviver com ele. Então ele morreu. Você não vai morrer, né?

Della deixou as emoções de lado para digerir o que Marla tinha dito.

— Papai não tinha nenhum irmão.

— Eu também não sabia. Então perguntei à mamãe depois e ela disse que o papai tinha um irmão gêmeo que morreu num acidente de carro.

— Por que ele nunca fala do irmão?

— Você sabe como é o papai, ele nunca fala sobre as coisas que doem. Assim como não fala mais de você.

Della sentiu um aperto no peito. Ela sabia que a irmã não tinha falado por mal, mas, caramba!, aquelas palavras dela tinham sido uma facada no coração. Tudo o que ela queria era se enroscar na cama e chorar como um bebê manhoso.

Mas não podia fazer isso. Vampiros não eram fracos nem manhosos.

Duas horas depois, ainda não tinha amanhecido e Della estava ali com a cabeça no seu travesseiro monstro, com os olhos pregados no teto. Não dormir não chegava a ser algo incomum. Mas agora não eram apenas suas tendências noturnas normais que a mantinham acesa depois da meia-noite. A espinha em seu pescoço latejava.

Ela ignorou. Seria preciso mais do que uma espinha para derrubá-la.

Lembrou-se de um velho ditado que a mãe costumava usar: “Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca podem me ferir”.

Ah, como a mãe estava errada...

Você sabe como é o papai, ele nunca fala sobre as coisas que doem. Assim como não fala mais de você. Palavras podiam ferir o coração.

Ela ficou ali, sentindo a noite passar devagarinho, e então se lembrou de outra coisa que Marla tinha dito. *Ele disse que você lembra o irmão dele. Disse que ele se tornou uma pessoa fria e ficou difícil conviver com ele. Então ele morreu.*

As palavras de Marla continuavam dando voltas em sua cabeça, como se contivessem uma informação importante. Della se sentou na cama num salto quando percebeu por quê. Será que o pai queria dizer literalmente frio? Ou frio porque se tornou distante? Será que o tio também era... um vampiro? Será que simulou a própria morte para evitar que a família soubesse a verdade?

A suscetibilidade ao vírus do vampirismo estava no sangue das famílias. E ela sabia que seu primo Chan era vampiro. Só que um vampiro fora da lei, o que tornava mais difícil qualquer tipo de relacionamento entre eles.

Mas o irmão gêmeo do pai... se ele fosse como o pai, seria um homem severo mas de princípios. Seguiria as regras a ponto de se tornar um maníaco desumano. Mas não seria um fora da lei. Se... ele fosse como o seu pai.

Mas como ela iria saber? Como poderia descobrir se não tinha nenhuma pista sobre o tio? Obviamente o pai não iria dizer nada a ela. Nem a mãe. E suspeitava que Marla já tinha contado tudo que sabia.

Perguntas começaram a pipocar em sua cabeça. Qual seria o nome dele? Onde estaria morando quando desapareceu... ou quando morreu? Ela aceitou a possibilidade de que estivesse errada. O tio talvez tivesse realmente morrido.

Uma lembrança do passado de repente começou a se formar na sua cabeça. Um álbum. Um velho álbum de fotografias. O pai tinha trazido para mostrar uma foto da bisavó. Lembrou-se da

capa de couro velho e de que o pai costumava guardá-lo sob o armário de bebidas em seu escritório.

Será que ainda estava lá? E se estivesse, será que tinha uma foto do irmão gêmeo do pai? Talvez uma foto com o nome dele escrito? Ela se levantou, apertando os punhos. Tinha que olhar. Consultou o relógio e viu que eram quatro da manhã. Os pais só se levantariam às seis.

Respirando fundo, ela saiu silenciosamente do quarto, desceu os degraus e entrou no escritório do pai. Aquele era o refúgio dele, um espaço só dele. O pai era um homem reservado.

Ela hesitou e sentiu na garganta um nó de emoção. Violar o espaço do pai parecia errado, mas de que outra maneira ela conseguiria obter respostas?

Girou a maçaneta da porta e entrou. O cômodo tinha o cheiro dele. Sua loção pós-barba e o chá quente de ervas especiais, com o toque do conhaque caro que ele bebia aos domingos. Lembranças dos dois passando tempo juntos ali se esgueiraram até o coração de Della. Ele ajudando-a nas lições de matemática, sentado àquela mesa. Ele a ensinara a jogar xadrez, com seu amor pelo jogo; e depois disso, pelo menos uma vez por semana, eles ficavam ali jogando. O pai costuma ganhar. Ele era bom. Embora em algumas ocasiões ela suspeitasse que ele a deixava ganhar só para vê-la feliz. Ele podia ser rigoroso, até irascível, mas amava a filha. Quem adivinharia que seu amor era tão condicional?

Não haveria mais jogos agora. Nem momentos juntos, entre pai e filha.

Mas, se estivesse certa, talvez, apenas talvez, ela conseguisse encontrar um homem tão bom quanto o pai. Um homem que compreenderia as dificuldades que ela enfrentava. Um homem que pudesse se preocupar com ela, agora que o pai tinha lhe virado as costas.

Ela se ajoelhou na frente do armário. Se bem lembrava, o álbum estava atrás da garrafa de conhaque favorito do pai. Ela tirou o conhaque do armário e estendeu a mão até o fundo. Quando tocou algo que parecia um couro velho e macio, seu coração bateu mais depressa. Puxou o álbum do armário, sentou-se no chão e o abriu em seu colo. Ela precisaria de luz para ver as fotos. Lembrou que o pai costumava guardar uma lanterna dentro da escrivaninha para quando faltava luz. Ela se levantou e abriu a gaveta de baixo. Encontrou a lanterna, mas foi outra coisa dentro da gaveta que a fez prender a respiração: uma foto dela e do pai jogando xadrez num torneio. Ele costumava deixar a foto na prateleira da estante.

Ela olhou para lugar onde a foto costumava ficar. Estava tão vazio quanto o seu coração.

De repente, mais determinada do que nunca a encontrar o tio, ela voltou a se sentar no chão. Pôs o livro no colo e o abriu. Ligou a lanterna e iluminou o álbum. As fotos eram antigas e desbotadas e, mesmo com a lanterna, teve que apertar os olhos para enxergá-las.

Também havia algumas fotos antigas da família da mãe. Ela continuou a folhear o álbum, virando as páginas com cuidado, vendo rostos que de alguma forma pareciam familiares, embora ela não os reconhecesse. No formato do rosto ou do queixo dessas pessoas, ela via um pouco dos pais e de si mesma.

Quase no final, encontrou uma foto da avó e do pai com outro garotinho que se parecia com ele. Ela levantou a proteção de acetato e tirou cuidadosamente a foto do lugar. Envelhecida pelos anos, estava tão frágil que poderia se rasgar. Della prendeu o fôlego e delicadamente afastou a proteção, rezando para que na parte de trás das fotos encontrasse os nomes. Quando virou a foto, viu algo escrito ali. O coração quase parou quando leu: *Feng e Chao Tsang com a mãe*. O nome do pai era Chao. Feng devia ser o nome do tio. A foto parecia ter sido tirada em Houston, o que significava que o tio poderia estar na cidade quando foi transformado... ou morto. Mas, se ele realmente tinha sido transformado, ainda podia morar ali. Em Houston. Ou pelo menos nos Estados Unidos.

Ela colocou cuidadosamente a foto no bolso do pijama. Quando já ia guardar o álbum, viu outra foto em outra página e a tirou dali. Era um grupo de crianças, dois meninos e duas meninas. A imagem estava granulada, mas, quando olhou com mais atenção, presumiu que fosse o pai e o irmão gêmeo com duas garotas. Uma delas parecia a tia, irmã de seu pai. Ela virou a foto, mas não havia nenhum nome no verso. Depois de devolver a foto ao álbum, levantou-se e estava recolocando a garrafa de volta no armário quando a luz do cômodo se acendeu.

— Droga! — praguejou enquanto girava o corpo, completamente chocada ao ver que, pela segunda vez naquela noite, alguém tinha se aproximado sem que ela notasse. O que estava acontecendo com sua audição supersensível? Ela esperava que fosse Marla de novo, mas estava enganada.

O pai, com a raiva evidente nos olhos, olhava fixamente para ela.

— Então agora começou a roubar conhaque do seu pai, não é isso?

A ira, até a acusação dele, ela podia suportar. Mas a decepção em seus olhos a fazia ter vontade de correr e pular pela janela. Tudo o que ela queria era se afastar do pai e daquela vida que um dia amara e agora tinha perdido.

Mas ela ficou ali parada. E fez o que sempre fazia quando se tratava dos pais. Levantou-se e simplesmente deixou que pensassem o pior, porque a verdade os teria magoado muito mais.

— Voltou mais cedo? — perguntou Burnett, indo ao encontro dela assim que atravessou no portão da frente de Shadow Falls, depois de ter sido deixada ali pela mãe. A mãe, que não tinha pronunciado uma palavra durante todo o trajeto. Não que tivesse dito muita coisa antes de saírem. Mas isso não era nenhuma novidade. Era o que sempre acontecia.

— É — disse ela, sem vontade de falar. Ou, pelo menos, sem vontade de falar com ele. Burnett não só era o líder do acampamento, como trabalhava para a UPF — a Unidade de Pesquisa de Fallen, uma divisão do FBI que supervisionava a comunidade sobrenatural. Um trabalho que a própria Della cobiçava. E que ela sabia que seria sob medida para ela, apesar do quanto se sentia vulnerável agora. Ela já tinha ajudado numa missão e agora esperava outra oportunidade. Portanto, parecer fraca diante de Burnett não era boa coisa. Sabia quem ela queria e precisava ver agora: um certo metamorfo que sempre dizia a coisa certa. Mas era bem provável que ele não estivesse em Shadow Falls ainda.

— Alguma coisa errada? — Burnett perguntou, seus passos acompanhando o ritmo rápido e furioso dela.

— Não — ela mentiu, sem se importar se ele podia ouvir seu coração disparado, denunciando a mentira. Ou, que inferno! Talvez seu coração já estivesse tão dilacerado que nem tivesse mais condições de disparar. Pelo menos era o que parecia.

— Della, pare e fale comigo! — mandou Burnett, no seu tom mais autoritário.

— Falar o quê?!— perguntou Della, com irritação na voz. Ela já tinha sido obrigada a aguentar a frieza dos pais durante todo o fim de semana, não estava com paciência para ser interrogada agora pelo líder do acampamento.

De repente, Holiday, a outra líder do acampamento e esposa de Burnett, aproximou-se num andar bamboleante, sob o peso da sua barriga de grávida.

— Algo errado?

— Não há nada errado, eu simplesmente quero ir para a minha cabana.

— Você voltou cedo — comentou Holiday.

— Isso é crime? Se quiserem eu vou embora e volto daqui a quatro horas. Não me importo.

— Não, o que queremos é que você diga o que aconteceu! — Burnett fervilhava.

— Não aconteceu nada, caramba! — Della insistiu.

— Então por que você está chorando? — quis saber Holiday.

Ela estava chorando? Estendeu a mão e sentiu o rosto molhado.

— Alergia — mentiu.

Burnett gemeu de pura frustração.

— Não minta para...

— Vamos nos acalmar? — Holiday tocou o braço do vampiro com fama de mau. Incrível como bastava um toque da *fae* para Burnett derreter como manteiga.

É claro, o toque de um *fae* podia ser ultrapersuasivo, mas Della apostava que era mais o amor que ele tinha por Holiday que o mantinha na linha do que os poderes dela.

— Está tudo bem. — Della cerrou os dentes quando viu o olhar de compaixão que Holiday lhe lançou. Della odiava aquele olhar.

— Mas se precisar de qualquer coisa — continuou Holiday —, sabe que pode me chamar. — Ela esticou o braço e descansou a mão no braço de Della. Uma sensação de calma fluiu do toque caloroso e Della quase não conseguiu conter suas emoções. Quase. Nada a faria perder o controle.

— Obrigada — agradeceu Della, saindo em disparada, antes que Burnett decidisse discutir com a esposa grávida. Antes que ele percebesse a fraqueza de Della e decidisse que ela não era capaz de trabalhar nos casos da UPF.

— Lembre-se, estamos aqui se precisar... — As palavras de Holiday se tornaram como uma música de fundo enquanto Della corria.

A única coisa de que precisava era ficar sozinha. Ela correu mais rápido, sentindo o sangue correr nas veias enquanto seus pés lentamente começaram a se desprender do chão e ela se viu meio correndo, meio voando. Preferiu não acelerar ainda mais o ritmo para voar de fato; a batida dos pés no chão era um alívio necessário. Não importava que cada golpe dos pés na terra fizesse sua cabeça latejar. E o coração doer um pouco mais.

Ao chegar na trilha que levava à cabana, decidiu não pegá-la. Ainda não tinha controlado as emoções reprimidas que fervilhavam dentro dela. Deixou cair a mochila ao lado de uma árvore para pegá-la mais tarde e seguiu para o norte através da floresta, quebrando galhinhos e até mesmo alguns troncos mais finos com os braços.

Ela foi até os limites da propriedade e pensou em saltar sobre a cerca, mas sabia que o alarme dispararia e Burnett viria correndo, por isso fez uma curva fechada e seguiu para o leste. Deu duas voltas em torno da propriedade e estava prestes a tomar a trilha da cabana quando ouviu. Passos de outra pessoa. Passos que vinham em sua direção. Bem ao encontro dela.

Um aliviozinho minúsculo a inundou quando percebeu que sua audição tinha voltado a funcionar perfeitamente. Ela se concentrou na direção de onde vinha o barulho. Não podia ver de quem eram os passos em meio à densa floresta. Ergueu o nariz no ar levemente. O cheiro era de vampiro. Mas não um vampiro de Shadow Falls. Ela teria reconhecido se fosse.

Seria um intruso? Algum vampiro fora da lei, disposto a causar problemas em Shadow Falls? Instantaneamente sentiu seu instinto territorial pronto para entrar em ação e proteger o único lar que ela tinha agora; suas presas começaram a se projetar. Só de pensar que enfrentaria algum cretino já sentiu um arrepio de emoção percorrer seu corpo. No estado de espírito em que se encontrava, ficaria muito feliz se pudesse quebrar a cara de alguém. Especialmente se não precisasse se sentir culpada depois.

O ruído dos passos se interrompeu por um segundo. Será que a tinham ouvido? Ou farejado? Quando o barulho de repente começou a ficar mais distante, como se agora a pessoa estivesse correndo para longe, ela percebeu que tinha razão.

— Corra o mais rápido que puder — ela murmurou. — Isso só vai deixar tudo mais divertido. Mas eu vou te pegar! — Ela acionou seu lado vampiro e passou a voar sobre a copa das árvores para capturar a presa. Tinha que usar os músculos ao correr, mas para voar utilizava um tipo diferente de energia. Todos os músculos do corpo estavam tensos e focados.

O terreno abaixo dela se tornou um borrão, na velocidade vertiginosa em que se deslocava.

De repente, percebeu que o intruso tinha parado de correr para se esconder. Será que aquele vampiro era um idiota? Será que não sabia que ela também era um vampiro e podia farejá-lo? Deu de cara com uma clareira à beira do lago. O cheiro do vampiro vinha da floresta, logo atrás das árvores.

Um pensamento lhe ocorreu: Burnett viria correndo a qualquer minuto. E o vampiro malandro só podia ter pulado o portão. O alarme sem dúvida tinha sido acionado.

Ela só esperava alcançar o intruso primeiro. Talvez até conseguisse resolver o problema antes que o líder do acampamento aparecesse. Depois de ter sido pega chorando, ela gostaria de provar a Burnett que não era uma molenga. Provar que era capaz de ajudar em outros casos da UPF.

— Posso sentir seu cheiro! — ela gritou. — Saia agora e não dificulte as coisas. — Ela era justa. — Se não sair, vou até aí e pego você pelo pescoço!

Ela deu mais um passo em direção à fileira de árvores, observando tudo, à espera de um ataque.

Poderia jurar que ouviu o estalo de um galho. Começou a avançar, deixando seu olfato guiá-la. Quanto mais se aproximava, mais o aroma do vampiro se tornava familiar. Não era alguém de Shadow Falls, mas não era a primeira vez que sentia aquele cheiro. Ele já estava no seu banco de memórias sensorial. Um sentimento desagradável pressionou seu peito. A sensação de que, qualquer que fosse o lugar ou a ocasião em que tinha encontrado aquele vampiro antes, não tinha sido uma experiência muito agradável.

Os cabelos da nuca se arrepiaram. A dor de cabeça voltou. Ela continuou seguindo em frente, vendo apenas uma mancha espessa de vegetação.

Seus instintos lhe diziam que o intruso tinha se escondido ali. Um pouco assustada com o sombrio *déjà-vu*, ela respirou fundo, dando a Burnett mais um segundo para aparecer.

De repente, percebendo que sua pausa poderia ser interpretada como um claro sinal de fraqueza, avançou abruptamente, aterrissando no meio do mato, com as presas à mostra. Nada correu para fora. Mas ela viu alguma coisa no meio dos arbustos. Um pedaço de tecido azul. Uma camisa. Será que o palhaço tinha tirado a camisa para dispersar seu cheiro?

Sim, tinha, infelizmente, havia funcionado. Ela levantou o rosto para farejar outro rastro. O cheiro chegou ao mesmo tempo que a voz. Bem atrás dela.

— Está procurando por mim?

Capítulo Dois

Della se virou, sentindo seus caninos se projetarem ainda mais. Um garoto de cabelos castanhos e olhos verdes muito claros estava a poucos metros de distância. Usava jeans e camiseta, provavelmente a que estava por baixo da camisa deixada entre os arbustos. O olhar de Della percorreu a camiseta justa de algodão que cobria o peito musculoso e os ombros largos. Não que o peito ou os ombros importassem, ela lembrou, voltando a desviar os olhos para o rosto dele.

O cheiro era de vampiro, mas o fato de não estar com as presas projetadas nem com os olhos incandescentes, como a situação pedia, fez com que Della franzisse a testa para verificar o padrão na testa dele. Definitivamente tratava-se de um vampiro. Ela viu o sujeito verificando o padrão dela, também. Mas ainda não esboçava nenhuma reação ao encontro.

Será que ele nem sabia que deveria estar com medo?

— Você está invadindo Shadow Falls — ela disse com rispidez.

O vampiro arqueou uma sobrancelha para ela.

— Acha mesmo?

O tom debochado a tirou do sério e ela investiu com tudo, dando um empurrão no peito musculoso do vampiro. Ele caiu sentado. Com força. O choque estampado em seu rosto.

Satisfeita, ela inclinou a cabeça para o lado.

— É, acho mesmo.

Ele ficou de pé num salto, voou através dos poucos metros que os separavam e aterrissou a centímetros dela. Então se inclinou e colocou o rosto a um palmo do de Della.

— É bem esquentadinha para uma coisinha pequena como você, hein?

Ela teve que reconhecer que ele tinha coragem. Ou talvez só fosse burro.

Era uma cabeça mais alto do que ela. Não que o tamanho dele a intimidasse.

E para provar isso, ela já se preparava para dar mais um empurrão no vampiro, quando ele a segurou. Seus dedos se fecharam em torno dos pulsos dela com a força de um torno. Ela tentou empurrá-lo para longe, mas ele a segurou com mais firmeza ainda. Os olhos dele brilharam e ela viu a ponta dos caninos aparecendo sob os lábios superiores.

Ótimo! Pelo menos agora ele sabia que ela estava falando sério.

— Me solta! — ela sibilou.

Ao ver que ele não a obedeceria instantaneamente, Della entrou em modo de ataque total. Levantou o joelho para golpeá-lo no meio das pernas. Ele estendeu o braço e interceptou o joelho dela a meio caminho. Ela até agradeceu. Não estava nem um pouco a fim de tocar as genitálias

de ninguém — em particular de alguém que nem conhecia. Agarrou o braço livre do vampiro e o lançou no ar a mais de cinco metros. Mesmo pego de surpresa, ele caiu de pé, os caninos agora totalmente à mostra, os olhos de um amarelo brilhante.

— Está tentando provar o quê? — ele perguntou, andando na direção dela sem um pingo de medo.

Que eu sou perfeita para ser uma agente da UPF.

— Que escória como você não pertence a Shadow Falls! — ela respondeu, transferindo o peso do corpo das pontas dos pés para os calcanhares, com a intenção de saltar novamente. Só que dessa vez ela pretendia arrancar sangue daquele vampiro.

— Pare, Della! — Uma voz grave ordenou atrás dela.

Ela reconheceu a voz imediatamente.

— Por que demorou tanto? Encontrei esse cara invadindo Shadow Falls — disse ela, lançando um olhar rápido para trás, feliz por Burnett ter tido a chance de vê-la em ação.

— Você se deu ao trabalho de *perguntar* se ele estava invadindo a propriedade? — Burnett indagou com voz de poucos amigos.

— De certa forma. — Mas que merda! Della se encolheu por dentro, imaginando se tinha feito alguma besteira.

O olhar severo de Burnett voou para o outro vampiro.

— Você disse a ela que não estava invadindo?

Afinal, quem era aquele cara? Aluno novo? Ela nem perguntou porque não poderia ser outra coisa.

— Disse? — Burnett repetiu.

O invasor de araque deu de ombros.

— De certa forma.

Burnett levantou as mãos, exasperado.

— Então acho que “de certa forma” a culpa é dos dois por começarem essa confusão toda — ele se irritou. — Será que posso voltar ao que estava fazendo ou preciso bancar a babá de vocês dois? — O olhar de Burnett oscilou entre Della e o garoto de cabelos castanhos.

Ela franziu a testa, sem querer assumir toda a culpa. Olhou diretamente para o líder do acampamento.

— Você devia ter me contado que tinha alguém novo em Shadow Falls.

— Eu teria contado se você não tivesse fugido. — Dito isso, Burnett se afastou a toda velocidade.

Ela se virou e olhou para o recém-chegado com um meio pedido de desculpas na ponta da língua, mas depois se lembrou daquela sensação, do sentimento que ele tinha despertado nela antes. Inspirando, ela concluiu que aquele cheiro com certeza estava em sua memória. Mas de onde ela o conhecia? E por que tinha lhe provocado sentimentos tão negativos?

Ela quase perguntou se eles se conheciam, mas de repente ficou sem graça de falar com um cara que ela estava prestes a chutar um minuto antes. Sem dizer uma palavra, Della se virou e começou a voltar para sua cabana.

— Prazer em conhecê-la! — ele gritou no mesmo tom debochado de antes.

Ela não se virou nem disse nada, apenas estendeu a mão para trás e fez uma saudação com o dedo do meio.

A risada dele só conseguiu irritá-la ainda mais.

Della foi direto para a cama, o coração ainda apertado depois da visita à casa dos pais. Embora achasse que não conseguiria dormir, ela apagou. E ainda estaria assim se Kylie e Miranda não tivessem entrado na cabana e começado a bater na porta do quarto dela. Que parte sobre vampiros dormirem melhor durante o dia elas não tinham entendido? Por outro lado, estava ansiosa para ver as duas também.

Enquanto tivesse as duas amigas, que importava o que os pais pensavam dela, certo?

— Já vou! — ela gritou quando as batidas recomeçaram.

Abriu a porta e Kylie e Miranda correram para dar um abraço nela. Ela não era muito de abraços, quis lembrá-las. Mas, em vez disso, revirou os olhos e deixou que a cumprimentassem do jeito delas. E bem que gostou dos abraços!

— Por que não ligou para nós? — Kylie perguntou, a preocupação evidente em seus olhos e na voz. A camaleão loira era uma sobrenatural rara que podia se transformar em espécies diferentes. Além de tudo, Kylie era uma protetora — o que significa que não podia se proteger, mas, se tentassem machucar alguém de quem ela gostava, seus poderes se tornavam fenomenais. Mais do que fenomenais!

— Porque meu celular ficou sem bateria e eu me esqueci de levar o carregador — Della explicou.

— Mas você nunca esquece nada! — exclamou Miranda, a bruxa.

Miranda estava certa. Della nunca esquecia as coisas. O que havia de errado com ela? A vampira se sentia meio aérea na última semana. Esticou a mão para trás e tocou a espinha que estava provocando pesadelos estranhos. Estava quase desaparecendo. Beleza!

Percebendo que as duas olhavam para ela, Della fez uma careta.

— Então vai pegar no meu pé só porque me esqueci dessa vez?

Kylie suspirou.

— Só estávamos preocupadas. Foi muito ruim?

— Eles te obrigaram a fazer mais algum teste de gravidez? — Miranda perguntou.

— Não... — Della suspirou. — Mas vou precisar de uma Coca Diet, se vou ter que contar tudo que aconteceu. — Ela foi em direção à geladeira. — E como foi o fim de semana de vocês?

— Vou precisar de uma Coca Diet, também — disse Miranda. — Juro que minha a mãe é a maior megera que existe. Ela não falava em outra coisa que não fosse a filha da amiga que ganhou todas as competições Wicca. Ah, pelo amor de Deus, eu não quero ganhar nenhum

desses concursos idiotas! E daí se a Princesinha da Suzie consegue transformar um gafanhoto num vaga-lume? Estou até feliz por ser disléxica.

Della tinha acabado de pegar três latas de refrigerante na geladeira quando ouviu o coração da bruxinha disparar, denunciando a mentira. Cerrando os dentes, Della lutou contra a vontade de espremer uma lata até explodir. Ela ficava totalmente possessa ao ver quanto Miranda queria agradar à mãe. Queria que a amiga mandasse a mãe subir na sua vassoura e ir fazer feitiços no quinto dos infernos, isso sim.

Droga, Della não se importaria nem um pouco em fazer isso pela amiga. Uma coisa é ter pais decepcionados porque não sabem que você é um vampiro, outra bem diferente é ter uma mãe que simplesmente vê você como uma amolação. Della escutava as conversas entre Miranda e a mãe em quase todas as visitas dos pais, e às vezes só queria poder dar um chute na bunda daquela bruxa e ensinar algumas lições a ela.

Será que a mãe de Miranda não via quanto a filha queria a aprovação dela? E considerando que Miranda era disléxica, ela estava aprendendo a lidar com seus poderes de bruxa muito bem. Não tinha até transformado sem querer alguém num canguru ou num gambá um mês atrás? E para Miranda, aquilo já era muito bom.

Della passou a Kylie um refrigerante.

— Como foi o seu fim de semana?

— Não chegou a ser horrível. — Kylie abriu sua lata.

O barulhinho de gás encheu a cozinha. Curiosamente, Della tinha começado a associar aquele som com as conversas das três em torno da mesa da cozinha, que sempre aliviavam qualquer peso que tivesse nos ombros. O estalo borbulhante da lata significava um alívio para o estresse. Significava amigas que, embora pudessem não dar a mínima para os seus hábitos de sono ou sua ojeriza a abraços, ainda se importavam com ela.

— Já contou à sua mãe que você consegue ficar invisível? — Della perguntou a Kylie.

A camaleão tinha de fato contado à mãe que não era totalmente humana, mas não tinha contado todas as coisas incríveis que podia fazer.

— Não, tenho medo que ela surte — disse Kylie. — É mais ou menos como dizer a uma criança pequena de onde vêm os bebês; você tem que ir contando aos poucos.

Della achou graça.

— Sabem, eu vi um programa sobre partos. Era como um daqueles acidentes de trânsito que você não quer olhar, mas não consegue despregar o olho. — Della entregou a Miranda uma lata de refrigerante, em seguida abriu outra para si mesma. Deixando o som espumante absorver seus sentidos, ela desabou numa cadeira, enquanto suas duas melhores amigas faziam o mesmo. As conversas em volta da mesa, tomando refrigerante *diet*, eram uma parte normal da vida delas. Uma parte de Della não só adorava, mas precisava ter aquelas conversas. Ela tinha se apegado às colegas de quarto pra valer. O que era perigoso, porque, convenhamos, se os seus pais podem virar as costas para você, nada impede que seus amigos façam o mesmo.

Kylie girou a lata nas mãos.

— Senti falta de vocês o fim de semana inteiro.

— Mas de Lucas ela nem sentiu... — Miranda abriu sua Coca e se remexeu na cadeira. A bruxinha sempre se contorcia de empolgação quando fazia uma fofoca. Não que Della não confiasse em Miranda. As três tinham um pacto. O que era falado na Mesa Redonda do Refrigerante morria ali mesmo.

— A mãe dela deixou Lucas dar uma passada por lá! — disse Miranda, com um gritinho.

Della olhou para Kylie.

— Deixou? Mas não fez você ler dez panfletos sobre como evitar uma gravidez indesejada antes de ele chegar?

Kylie sorriu.

— Apenas um. Sabia que apenas cerca de cinquenta por cento das mães adolescentes se formam no ensino médio? E que os filhos das mães adolescentes são mais propensos a ter um desempenho escolar inferior e abandonar a escola ou a ter mais problemas de saúde ou a serem presos na adolescência? — Ela sorriu. — Pelo menos dessa vez não foi um panfleto sobre preservativos.

As três riram outra vez, algo que faziam muito naquelas reuniõezinhas.

— Ela deixou vocês saírem, tipo num encontro de verdade?

— Não, saímos com ela para jantar e depois Lucas e eu ficamos no meu quarto conversando.

— Aposto que conversaram muito. Cansaram a língua de tanto conversar — Della brincou, passando a língua sobre os lábios. Kylie e Lucas eram um casal de verdade, o que significa que já tinham transado. Não que Kylie falasse sobre isso. Bem, além de admitir que tinha sido o máximo. Della podia entender que ela não quisesse contar. Sério, sexo era... embaraçoso.

E às vezes maravilhoso. Por um segundo, ela lembrou como as coisas eram com o ex-namorado, Lee. Então recordou como as coisas tinham chegado perto de ficarem maravilhosas com Steve, o metamorfo gostosão. Graças a Deus, ela tinha recuperado a razão antes de enveredar por esse caminho.

— Ok, você já enrolou demais, agora pode começar a destravar a língua — Miranda disse a Della.

A vampira franziu a testa. Desabafar não era seu passatempo favorito. Embora sempre acabasse sendo catártico, também sentia como se estivesse se fazendo de vítima e sendo meio desleal. Desleal com os pais. Lealdade era uma coisa que o pai tinha incutido nela.

Ela se lembrou novamente da foto que tinha encontrado no álbum antigo. E foi aí que lembrou que havia deixado a mochila com a foto na bifurcação da floresta.

— Ah, essa não! — Della pulou da cadeira.

— O que foi? — perguntou Kylie.

— Deixei minha mochila na trilha.

— Não, não deixou, não — disse Miranda. — Estava na varanda da cabana. Eu trouxe para cá. Agora está no sofá.

— Burnett deve ter encontrado e... — Então algo ocorreu a Della. E se não fosse Burnett? Será que o vampiro babaca tinha trazido a mochila? Ele não sabia que a cabana era dela, mas poderia ter seguido o seu rastro.

Será que tinha xeretado nas coisas dela? Só pensar na possibilidade de ele ter olhando dentro da mochila fez com que ela fervesse de raiva. E não era apenas por causa dos seus sutiãs com enchimento, mas por causa da foto. Se ele tivesse amassado ou... Ah, que inferno! Para começo de conversa, por que ela tinha sido tão descuidada com a mochila? Ah, sim, ela estava um caos, emocionalmente.

— O que foi? — perguntou Kylie, obviamente captando o humor de Della.

De repente, ainda mais desconfiada, Della deu um salto da mesa e foi até a sala pegar a mochila.

— Tem um cara novo aqui. Pode ser que tenha sido ele quem trouxe a mochila para mim.

— É verdade — confirmou Kylie. — Lucas me disse que ele apareceu no sábado logo depois que saímos. Ele é vampiro.

Della fez uma careta.

— É um cretino!

— Por que é um cretino? — perguntou Miranda. — Se ele encontrou sua mochila e trouxe para você, qual é o problema?

— Ele pode ter remexido nas minhas coisas — disse Della, sem acreditar que as amigas não a entendiam. Quem queria um cara fuxicando suas roupas íntimas ou seu pijama de Smurfs?

Ela abriu a mochila e cheirou lá dentro.

— Ah, fala sério! O cheiro dele está por toda parte!

— Você já conheceu o cara? — perguntou Kylie.

— Sim, conheci. Burnett se esqueceu de me avisar que havia um aluno novo e, quando o encontrei, pensei que era alguém invadindo Shadow Falls.

— Ah, meu Deus! — Miranda deu uma risadinha. — Será que você chutou a bunda dele?

— Eu estava me preparando para isso quando Burnett apareceu.

— Ele é bonito? — quis saber Miranda. — Não que eu esteja em busca de... Bem, posso olhar, mas não tocar. — Ela riu novamente.

— Eu já disse, é um cretino. — Logo em seguida a imagem do vampiro vestindo uma camiseta justa e caminhando em sua direção encheu a mente de Della. Ela abriu a mochila, procurando a fotografia da avó com o pai e o irmão.

— Todo esse drama com a mochila é só um truque para você não ter que falar do seu fim de semana? — perguntou Miranda.

— Não, só quero ter certeza de que...

Ela abriu a mochila e procurou o pequeno envelope branco que tinha cuidadosamente colocado entre as roupas íntimas e o pijama. Não estava lá!

Ela começou a jogar tudo para fora. Virou a mochila de cabeça para baixo e sacudiu-a, rezando para que o envelope aparecesse. Nada. Nenhuma foto.

— Ah, não! — murmurou, pensando que talvez nunca mais conseguisse a foto de volta. Aquela provavelmente era a única foto que o pai tinha do irmão. Ela não podia tê-la perdido. O pai a mataria.

Não, ele não faria isso, lhe ocorreu. Ele só iria ficar ainda mais decepcionado do que já estava.

— Isso não pode estar acontecendo... — choramingou Della, agoniada.

— O que não pode estar acontecendo? — perguntou Kylie.

— Ele pegou. Mas pra quê, meu Deus?

— Pegou o quê? — perguntou a amiga.

Della não respondeu. Tinha que encontrar aquele vampiro de merda e achar a foto do pai. Ela disparou para fora da cabana.

Quando entrou em modo vampiro e começou a voar, percebeu que não estava sozinha. Kylie tinha se transformado em vampiro e saído correndo atrás dela.

— O que ele pegou? — ela perguntou novamente, o cabelo esvoaçando em volta do rosto.

— Uma foto — respondeu Della, esquadrinhando o terreno abaixo, à procura do ladrãozinho sujo. — Uma foto antiga que pertence ao meu pai. Juro, se aquele porco de uma figa fez uma dobrinha que seja na minha fotografia, eu vou...

— Por que ele iria pegar uma foto sua?

— Eu não sei, mas vou descobrir. E você talvez não queira fazer parte disso. Porque, se for preciso, vou arrancar uma resposta dele na base da porrada.

— Você não pode...

— Então só fica olhando... — ela retrucou. Quando localizou o cara andando na floresta, o sangue de Della começou a ferver de um jeito que só acontecia com os vampiros.

Capítulo Três

Um pouco antes de os pés de Della baterem no chão de terra, o olhar do vampiro larápio disparou para cima. Della aterrissou cerca de um metro e meio na frente dele. Kylie, sempre uma pacificadora, pousou entre eles.

— Onde está? — perguntou Della, abrindo e fechando os punhos, inclinando-se para a direita, para olhar por sobre o ombro de Kylie e fulminar sua vítima em potencial.

O vampiro focou os olhos em Kylie por um segundo, lendo seu padrão. Como ela se transformara em vampiro, ele não pareceu preocupado. Então, Della quase torceu para que o filho da mãe fosse para cima dela, ativando o modo protetor de Kylie. As duas juntas conseguiriam lançar aquele vampiro do outro lado da floresta, como um esquilo morto.

Ele desviou os olhos para Della.

— Ei, olha só, a garota Smurf está de volta! Pelo menos suas calcinhas não têm personagens da Disney.

A pressão arterial de Della subiu alguns milímetros, ou talvez *muitos* milímetros.

— Por quê? Você gosta de andar por aí de calcinha? Seu pervertido... — Della rosnou, um rosnado baixo e mortal. Dando um passo à frente, tentando passar por Kylie sem conseguir, ela ficou encarando o garoto. — Onde está? — perguntou pela última vez. É melhor que ele devolvesse de bom grado, do contrário teria que fazer isso na marra.

Kylie olhou para Della e estendeu a mão como se dissesse: *calma*. Ela não conseguia se acalmar. O cara tinha roubado a foto do pai dela. O fato de Della ter roubado primeiro não vinha ao caso.

— Você está falando disso? — O espertinho puxou o envelope dobrado do bolso de trás da calça.

Ela o arrancou da mão dele.

— Por que você pegou? — Abriu para se certificar de que ele não tinha rasgado ou danificado a foto. Parecia intacta. O alívio encheu seu peito.

— Eu ia levar pra você agora. Quando encontrei a mochila, dei uma olhada dentro para ver de quem era e depois deixei-a na sua varanda. Quando estava voltando vi o envelope no chão, bem onde eu tinha aberto a mochila, e achei que devia ter deixado cair.

— Mentiroso! — ela acusou, embora o coração do vampiro não indicasse que tinha mentido. Ela tentou passar por Kylie.

— Relaxa — pediu a amiga, ficando entre eles de novo e lançando a Della um olhar suplicante. — Você já pegou a foto de volta. E eu chequei o batimento cardíaco dele. Estava falando a verdade quando disse que ia levá-la pra você.

Dã, Della sabia disso, mas algo não estava cheirando bem e ela podia apostar que tinha a ver com o vampiro.

— Como você sabia que estava na minha mochila se não tinha meu nome na foto? Espere aí, como você sabe o meu nome?

O garoto sorriu para Kylie, então franziu a testa por cima do ombro dela, na direção de Della.

— O senhor James a chama de Della. E sua mãe escreveu o seu nome na etiqueta dentro da mochila. Provavelmente quando estava guardando seu pijama de Smurfs pra você.

Della rangeu os dentes. Mas, ah, Deus, como ela queria dar um chute na bunda daquele infeliz... Não conseguia se lembrar se havia mesmo uma etiqueta com seu nome na mochila, mas de fato parecia algo que sua mãe faria. Ou teria feito se ainda se preocupasse com ela. Mas ele podia apostar que ela iria checar.

— Ok, vamos embora — disse Kylie. — Já conseguimos o que viemos buscar.

Não, ela ainda não tinha conseguido o que queria. Queria carne de vampiro. Tentou contornar Kylie de novo, ficando a poucos centímetros do vampiro, e inclinou-se para dar uma longa fungada nele.

— Já nos encontramos antes?

Ele colocou as mãos nos bolsos do jeans e se inclinou sobre os calcanhares dos tênis.

— Puxa, será que já se esqueceu?! Sou o cara com quem você tentou brigar lá na floresta.

— Sei disso, idiota! Quero dizer antes.

Ele respirou fundo, como se checasse o cheiro dela.

— Eu acho que não.

Ela escutou os batimentos cardíacos dele. Não ouviu nenhuma mentira. Mas ela já tinha ouvido falar de vampiros que eram capazes de controlar o batimento cardíaco ou eram mentirosos patológicos, cujas mentiras nunca eram sequer registradas. Ele parecia um mentiroso patológico. Alto, arrogante e aqueles olhos verdes tão claros que nem pareciam de verdade.

Ela guardou o envelope no bolso de trás da calça. Virou-se e, dando as costas para ele, falou para Kylie:

— Vamos deixar esse cretino aí e dar no pé.

— Ah... — lamentou ele. — Agora que estava ficando interessante?

Della deu meia-volta e arqueou uma sobrancelha para ele.

— Interessante? Prefiro assistir unhas crescendo do que ficar aqui com você.

Ele riu. E Della ficou irritada ao ver que ela o divertia. Deixou escapar outro rosnado mortal.

— Ok, precisamos ir. — Kylie tocou o braço da amiga. Mas, então, como ela era Kylie e portanto incapaz de deixar uma má impressão, olhou de novo para o vampiro.

— Bem-vindo a Shadow Falls. Eu sou Kylie.

Della revirou os olhos. Por que Kylie achava que tinha que ser simpática?

— Você é Kylie Galen? — ele perguntou, olhando-a com admiração. — Uau! Já ouvi falar de você.

— Não acredite nem na metade — disse ela, um pouco tímida.

— Sou Chase Tallman — disse ele, tentando impressionar Kylie. Até estufou um pouco o peito, como um pássaro imbecil fazendo algum tipo de dança do acasalamento. *Isso, continue assim e eu conheço um lobisomem que vai fazer você engolir todos os dentes!* Inferno, ela ia ajudar Lucas a se vingar daquele... Chase Tallman. Della guardou o nome dele em seu banco de memória para referência futura — e não na gaveta das referências boas —, em seguida se virou e foi embora.

Ela não gostava do cara.

Não confiava nele. E não descansaria até descobrir de onde o conhecia, e por que e como ele estava mentindo.

— Eu odeio quando vocês duas me deixam pra trás! — Miranda choramingou quando Della, seguida por Kylie, voltou à cabana. — Eu queria ir também...

Della deu um suspiro exasperado. Era culpa sua que bruxas não podiam voar?

— O que você queria que a gente fizesse? Te carreguasse nas costas?

— Você bem que poderia... — a bruxinha lamentou. — Eu perco toda a diversão.

— Não foi nada divertido. O cara é um pervertido espertalhão de olhos verdes, tarado por calcinha.

Della foi direto para o sofá verificar se, dentro da mochila, havia uma etiqueta com o nome dela. E lá estava. Nossa, como ela queria pegar aquele vampiro miserável numa mentira! Voltou para a cozinha, jogou o envelope sobre a mesa e se sentou outra vez na sua cadeira.

— Ei, desembuchem! — gritou Miranda.

Della viu Miranda olhar para Kylie com perguntas nos olhos. Kylie deu de ombros como se dissesse “me inclua fora dessa”.

— Sério? — continuou Miranda. — O que estão dizendo por aí é que ele é gostoso à beça. Não que algum cara possa ser mais gostoso do que Perry. — Ela sorriu. A bruxa olhou para Kylie. — E aí? O cara é gostoso mesmo?

Kylie olhou para Della como se se desculpasse.

— Até que é. Mas ainda assim poderia ser um pervertido tarado por calcinha.

— Não são todos os caras uns pervertidos tarados por calcinha? — perguntou Miranda.

— Não, esse cara é assustador! — disse Della, entrando na conversa. — E egoísta. E seu cheiro... É familiar, e não no bom sentido.

— Será que ele só não tem um cheiro parecido com o de outra pessoa? — quis saber Kylie.

Della balançou a cabeça.

— Obviamente você não desenvolveu o seu olfato de vampiro ainda. Nós nunca esquecemos um cheiro. E se algo intenso estava acontecendo quando sentimos aquele cheiro, ele provoca

uma emoção em nós.

— Puxa! Lucas me disse que lobisomens também fazem isso! — disse Kylie.

— Não tão bem quanto os vampiros — disse Della, ofendida. — Quer dizer, eu sei que eles são lobos, mas para um vampiro, que não sai por aí enfiando o nariz em todo lugar, o traço emocional é mais forte.

— Você não sabia, Kylie — perguntou Miranda com sarcasmo —, que ninguém é tão bom quanto os vampiros?

Della fulminou a bruxa com um olhar do tipo "vá para o inferno", que não apenas mandava a amiga para o Hades, como ordenava que fosse num passo bem apressado.

Miranda riu.

Obviamente, o olhar "vá para o inferno" de Della não estava em sua melhor forma.

— Então, que emoção o cheiro dele provoca em você? — Kylie perguntou, e tanto ela quanto Miranda foram até a mesa e se sentaram.

— Perigo — disse Della, e pôs a foto mais perto para olhar a imagem. O tio dela realmente se parecia com o pai.

— Talvez seja o tipo bom de perigo — Miranda sugeriu. — Sabe, você se sente atraída por ele e está preocupada com o que está sentindo por Steve.

— Eu não sinto nada por Steve — respondeu Della, agressiva, e franziu a testa quando ouviu o próprio coração sair do ritmo. E daí se sentisse alguma coisa? Não ia deixar que aquilo fosse adiante. Engolindo em seco, ela se concentrou na foto novamente.

— Já percebemos — disse Miranda. — Senão andaria por aí pendurada nele.

— Isso soa tão idiota. O que "pendurada" realmente significa? Não sou uma macaca nem nada!

Kylie ergueu as duas mãos como se pedisse uma trégua.

— O que está acontecendo, Della?

— Nada está acontecendo — Della insistiu.

— Está, sim — disse Kylie. — Você está azeda.

— Estou sempre azeda! — justificou Della.

— Então você está mais arrogante do que de costume — Miranda rebateu.

— Existe uma diferença entre arrogância e autoconfiança — rebateu Della.

As amigas não estavam convencidas.

— O que aconteceu neste fim de semana? — perguntou Kylie.

Della sentiu uma onda de emoção crescendo dentro de si, mas a reprimiu e deixou trancada no fundo do peito para que não começasse a choramingar como um filhotinho abandonado. Então, num tom de voz monótono, contou sobre o fim de semana, o pesadelo, o buraco na parede, e sua irmã, Marla, dizendo que o pai não falava mais sobre ela. Contou às amigas elas que tinha descoberto sobre a possibilidade de seu tio ser um vampiro. Ah, e guardou o melhor para o fim:

ter sido pega no escritório do pai e ser praticamente acusada de tornar-se uma ladra viciada em conhaque.

Kylie ficou sentada ali, os olhos azuis fixos na amiga, cheios de preocupação. Miranda também ficou calada, a expressão tensa, os dedos entrelaçados, com exceção dos dedos mínimos, que giravam em pequenos círculos.

— Sinto muito — disse Kylie.

— Por quê? Você não fez nada! — disse Della, tentando deixar o clima mais leve.

— Mas eu poderia fazer — disse Miranda. — Poderia colocar uma maldição no seu pai. Provocar um caso horrível de pé de atleta. Ou uma micose na virilha. Eu sou boa nesse tipo de maldição. Teve um jogador de futebol na escola que...

— Deixe os pés e os genitais do meu pai fora disso!

— Só estou querendo ajudar — disse Miranda.

— Isso não ajudaria em nada — disse Della, numa voz mais calma. — Você não pode nem sequer culpá-lo. Parecia mesmo que eu estava roubando o conhaque dele.

— Por que você apenas não disse a verdade? — O tom chateado com que disse aquilo revelava quanto Kylie se compadecia da amiga.

O peito de Della ficou apertado. A preocupação de Kylie, e até mesmo o desejo de Miranda de jogar uma praga nos pés ou nas partes íntimas do pai, era a razão que fazia Della amar as duas melhores amigas. Ambas se importavam com ela. Todo mundo precisa de alguém que se importa com a gente. Graças a Deus ela tinha encontrado aquelas duas. Seus olhos ardiam, mas ela engoliu em seco para que as lágrimas não caíssem. Estendeu a mão para o envelope, lembrando-se da possibilidade de encontrar um membro da família que a entendesse. Que talvez até se importasse com ela.

— Você poderia ter dito que Marla mencionou que ele tinha um irmão e você ficou curiosa — continuou Kylie. — Talvez seu pai tivesse contado mais sobre ele.

— Você não conhece o meu pai. De qualquer forma, Marla disse que o ouviu dizendo isso para minha mãe e, apesar de ela ter perguntado à nossa mãe, meu pai provavelmente, não sabe que ela ouviu. A última coisa que eu quero é deixá-lo furioso com Marla. Ele já perdeu uma filha.

— Tem razão — concordou Kylie.

— Eu ainda acho que ele agiu como um idiota — concluiu Miranda.

— Ele agiu mesmo — disse Della —, mas, se eu tivesse fazendo de fato o que ele suspeitava, então teria o direito de agir assim.

— Mas você não estava roubando nada — Miranda rebateu.

— Não, mas eu fiz uma cara de culpada e não podia me defender. Então, a minha única opção é simplesmente aceitar.

— Isso é um pé no saco... — disse Miranda. — Estou tão feliz por não ter que aprender a lidar com a minha natureza sobrenatural e ao mesmo tempo escondê-la dos meus pais...

Mas isso não faz da mãe de Miranda alguém menos babaca. Quando Della estava prestes a abrir a boca para expressar em voz alta a sua opinião, decidiu que seria melhor ficar calada.

Como era mesmo que Holiday tinha falado? *Não é porque entrou bobagem por aqui* — ela dizia batendo na testa — *que precisamos deixar que saia por aqui*. Ela então tocava os lábios. A líder do acampamento também tinha dito que os cientistas sobrenaturais estavam pensando em fazer uma pesquisa médica para provar que faltava na cabeça dos vampiros o tal parafuso que os impedia de falar tudo o que lhes passava pela cabeça. Della não tinha certeza se Holiday estava brincando ou não.

Mas, considerando que a *fae* era casada com Burnett, famoso por falar o que pensava, Della achava que Holiday podia estar dizendo a verdade.

Pensando bem, Della costumava falar o que pensava mesmo antes de ter sido transformada.

Ela tinha sido suspensa no jardim de infância por falar à professora que ela parecia o Yoda de *Guerra nas Estrelas*: se Yoda fosse mais velho, mais gordo e tivesse um cheiro esquisito. Isso, claro, ela só falou depois que a professora perguntou a ela por que tinha um sobrenome oriental se quase não tinha traços orientais. Na época, Della tinha um supercomplexo por ser mestiça e não se parecer com todos os seus primos orientais. Especialmente por nem sequer se parecer com a mãe, que era uma típica loira americana.

Kylie inclinou-se e olhou para a foto.

— Você perguntou a Burnett se ele poderia ajudá-la a descobrir se o seu tio ainda está vivo?

Della suspirou.

— Não, eu não quero envolver a UPF nisso.

— Você acha que seu tio pode ser um fora da lei? — perguntou Kylie, parecendo preocupada.

— Não, se ele for como o meu pai é incapaz de violar uma regra. Mas, se não for um vampiro registrado ou algo assim, não quero ser eu a pessoa que vai lhe arranjar encrenca.

— Burnett não denunciou o meu avô e a minha tia quando os descobriu — disse Kylie.

— Isso porque eram camaleões. Se fossem qualquer outra coisa, ele provavelmente teria denunciado os dois. Como agente da UPF, ele tem o dever de denunciá-los. Na verdade, ele me disse isso uma vez, quando me perguntou sobre o meu primo Chan.

— Então como é que vamos encontrá-lo? — perguntou Kylie.

O fato de Kylie dizer “nós”, deixou as emoções de Della à flor da pele novamente. Elas eram aquele tipo de amigas. Quando uma delas estava em apuros, elas se uniam. Mas o que não era normal era Della se deixar levar pelas emoções daquele jeito. Será que havia algo errado com ela?

Engolindo a emoção novamente, dessa vez com um pouco mais de força, ela disse:

— Eu estava pensando em perguntar a Derek se ele podia me ajudar. Você disse que ele trabalhou para um detetive particular uma vez, e eu sei que ajudou você a resolver uns problemas com fantasmas.

— É uma ótima ideia. Acho que ele estava jogando basquete na quadra quando viemos para cá — disse Kylie. — Por que não vamos ver se ele ainda está lá?

— Temos mesmo que ir? — Miranda suspirou. — Não há nada pior do que assistir a um bando de caras gostosos, suados, jogando bola. Pensem, eles podem estar até sem camisa! — Ela sorriu. — Não que qualquer um deles chegue aos pés de Perry. Mas nem por isso deixam de ser um colírio para os olhos.

Rindo, elas se prepararam para sair. Della, menos triste agora, correu de volta até a mesa e pegou a fotografia, para o caso de Derek precisar vê-la. Quando colocou-a de volta no envelope, sentiu outra vez o cheiro de Chase Tallman, o Pervertido da Calcinha. As ondulações emocionais de medo e perigo a atingiram em cheio novamente, afugentando sua disposição alegre.

Ela realmente precisava descobrir quando e onde tinha entrado em contato com ele antes. E quanto mais cedo melhor.

— Eu avisei que eles podiam estar sem camisa... — Miranda sussurrou, dando uma cotovelada em Della.

Embora estivessem no mês de outubro, o outono não estava tão frio e um clima de verão se insinuava. Às duas da tarde, o sol incidia sobre a quadra. O olhar de Della, como que por vontade própria, percorreu os garotos à procura de um peito em particular. O metamorfo sexy, Steve.

Encontrou-o ao mesmo tempo que seus olhos castanho-claros encontraram os dela. Ele estava de camiseta, mas ela se moldava perfeitamente ao seu peito úmido. Suado, o cabelo parecia mais escuro e cacheado nas pontas. Ele segurava a bola de basquete nas mãos e sorria para ela. O coração de Della deu um salto e ela rezou para não exalar nenhum feromônio.

— Ah, meu Deus, Kylie tem razão, o Pervertido da Calcinha é uma graça! — comentou Miranda. — Não é à toa que ele te fez tremer nas bases.

Della entrou em pânico e percorreu o lugar com os olhos até encontrar Chase. Sem camisa. Seu peito parecia mais largo e mais musculoso do que quando estava vestido com a camiseta branca. Ela engoliu em seco e lembrou o comentário de Miranda sobre os colírios para os olhos. Afugentando o pensamento daquela sua cabecinha suja, jurou para si mesma que não iria mostrar nenhuma admiração pelo seu... pela sua falta de roupa. Então percebeu que já era tarde demais. Bastou ficar uma fração de segundo a mais olhando para o vampiro e ele já estava ali, mão na cintura, olhando dentro dos olhos dela, saboreando aquela fração de segundo. E sorrindo. Merda! E se ele tivesse ouvido Miranda, também?

— Olha só, se não é a garota Smurf! — Ele passou a mão pelo cabelo castanho-escuro. Mas mal as palavras saíram de seus lábios, a bola de basquete bateu com tudo na cabeça dele.

Todos riram. Até mesmo Della. Especialmente Della. Ela desviou o olhar para Steve e lançou para o metamorfo um sorriso agradecido. E foi aí que ouviu o rosnado de Chase e o viu ir com tudo para cima de Steve.

Capítulo Quatro

Della jogou os ombros para trás e se preparou para saltar bem no meio da quadra. Mas antes que Chase desse mais um passo, Derek e o namorado de Kylie, Lucas, já estavam entre ele e Steve.

— Regra número um: sem confusão na quadra — disse Lucas. — Se sair uma briga aqui, ficamos sem jogar por uma semana.

Enquanto Lucas optava por uma abordagem mais direta, Derek se aproximava de Chase e colocava a mão no ombro dele.

— Foi só um acidente — disse.

Não foi um acidente. Della sabia que Steve tinha feito de propósito, mas, se o vampiro era tão ingênuo, que acreditasse.

Chase afastou o ombro para evitar o toque *fae* de Derek, que sem dúvida tinha a intenção de acalmar o vampiro. E embora Chase de fato parecesse mais calmo, ele ainda assim lançou uma olhar frio para Steve. O metamorfo não recuou nem por um segundo, e Della ficou imaginando se os dois iriam começar a se estranhar. Não que ela tivesse alguma dúvida de que Steve não conseguisse se bancar. Ela o vira em ação quando estavam numa missão. Mas não queria que ele se metesse em encrenca por causa dela.

Steve não era o tipo de cara que vivia se metendo em brigas.

— Por que a gente não para por hoje — perguntou Lucas, e Della notou que ele estava olhando para Kylie como se estivesse morrendo de sede e ela fosse um copo de chá-mate gelado. Os dois eram tão apaixonados que não podiam olhar um para o outro sem ficar com aquele sorriso bobo na cara.

Outra razão que fazia Della manter distância do amor. Vampiros não ficavam andando por aí com um sorriso bobo na cara.

Lucas veio andando na direção delas e no caminho pegou a camisa do banco ao lado da quadra.

— Oi — cumprimentou, os olhos e os feromônios concentrados apenas em Kylie. — Quer dar uma volta?

— Tudo bem, mas primeiro preciso falar com Derek.

— Falar o quê? — perguntou Lucas, com uma ponta de ciúme.

— Um lance de Della. Posso te encontrar na frente do escritório em cinco minutos? — perguntou Kylie.

— Tudo bem — concordou o lobisomem. Ele estava franzindo a testa ligeiramente, mas se inclinou para beijá-la.

Della olhou para o outro lado. Infelizmente, seus olhos caíram bem em Miranda e Perry enquanto trocavam um beijo molhado e escandaloso.

— Que tal a gente se beijar também e mostrar a eles como se faz? — disse em seu ouvido uma voz grave com sotaque sulino. A voz pertencia a um corpo que ela não tinha ouvido se aproximar. O que estava acontecendo com a sua audição de vampiro?

Ela se virou e olhou para Steve. Ele estava tão perto que seu cheiro espalhava-se pelo ar; seus olhos castanhos, com pontinhos dourados, encheram os olhos dela. Inclinando-se um pouco, ela poderia sentir o hálito quente dele em seus lábios.

Seu primeiro pensamento foi ceder, deixar que ele a beijasse, que seus lábios se colassem aos dele, e mostrar àqueles amadores como era um beijo de verdade. Sentiu como se um bando de borboletas voasse na sua barriga quando pensou em como seria bom... Eles tinham se beijado pela primeira vez quando estavam numa missão da UPF. E, embora ela não achasse uma boa ideia, tinham se beijado várias outras vezes desde então. Ela culpava a eletricidade absurda que sentiam quando chegavam perto um do outro. Ele olhou para ela com expectativa e seu instinto disse que ela deveria fazer algum comentário bem constrangedor sobre ele estar esperando um beijo quando não estavam nem... ficando juntos. Mas lembrou-se de que ele tinha jogado a bola no Pervertido da Calcinha. Steve não merecia nenhum comentário desagradável. Ele provavelmente merecia um beijo, mas não ali. Talvez ela retribuísse o favor mais tarde, quando estivessem sozinhos.

Ela se afastou dele.

— Olá.

— Olá. — Ele se inclinou mais para o lado dela. — Está tudo bem?

— Sim, por quê?

— Será que esse novato fez alguma coisa que te irritou?

— Fez... Não, quer dizer, não fez nada.

A expressão de Steve ficou mal-humorada.

— Por que ele te falou aquela idiotice sobre os Smurfs?

Ela geralmente falava a verdade a Steve, mas de repente não quis que ele soubesse que ela usava um pijama de Smurfs.

— Eu achei que ele estava invadindo Shadow Falls e tivemos um bate-boca. — Ela olhou por cima do ombro de Steve e viu o Pervertido da Calcinha olhando para eles.

— Engraçado — Steve disse numa voz sombria. — Agora há pouco você não estava olhando pra ele do jeito que se olha para um sujeito com quem se bateu boca.

Della mordeu o lábio para não sorrir. Ela deveria estar envergonhada por Steve flagrá-la apreciando o corpo do Pervertido da Calcinha. E ela estava, mas seu orgulho ficou em segundo

plano diante da emoção que sentiu ao saber que Steve se importava o suficiente com ela a ponto de se sentir incomodado.

Inclinando-se sobre os calcanhares, ela o olhou nos olhos.

— Parece que alguém está com ciúme, mas só não sei por quê. A gente não está namorando nem nada. Somos apenas amigos, então... — Della encolheu os ombros, fingindo inocência.

Steve curvou os lábios num meio sorriso atrevido e deu um passo mais para perto. A eletricidade começou a crepitar. Eles estavam a menos de cinco centímetros de distância, mas Della, consciente apenas de Steve e da magia que ele provocava, recusou-se a dar um passo para trás dessa vez. Eles vinham fazendo esse joguinho havia semanas — flertando e provocando um ao outro cada vez que se viam —, e Della tanto podia ceder quanto podia resistir.

— Sim, somos apenas amigos, mas amigos cuidam uns dos outros e não deixam que o amigo fique encarando de olhos esbugalhados novos campistas de quem não sabem nada a respeito.

De olhos esbugalhados? Ela mordeu o lábio para não rir.

— Não tenho ideia do que você está falando. Deve estar vendo coisas. Vampiros nunca ficam de olhos esbugalhados. Talvez uma gota de suor caia nos olhos deles...

Ela estendeu a mão e limpou uma gota de suor imaginária na testa de Steve. Ela ouviu os batimentos cardíacos dele oscilarem no segundo em que tocou sua pele e desejou que não acontecesse o mesmo com seu próprio coração.

Ele pegou o pulso dela e desenhou um coraçãozinho minúsculo na pele macia acima das veias.

— Está sendo um pouco pretensiosa demais agora, Senhorita Esnobe.

Ela quase riu. Quase. Em vez disso, se deu conta imediatamente de que não estavam sozinhos, mas no meio de outros campistas — alguns deles com uma audição supersensível. E aquele jogo, aquele joguinho de sedução que ela e Steve jogavam, ela insistia que só jogassem a sós. Que diabos ela estava pensando. Ah, sim, claro, ela não estava pensando!

Della deu um passo para trás e, quando fez isso, viu Derek indo embora. Derek, com quem ela tinha ido ali falar sobre o tio desaparecido.

— A gente conversa depois — ela disse a Steve. — Preciso falar com Derek sobre uma coisa.

— Sobre o quê? — Steve perguntou como se tivesse todo o direito do mundo de saber.

Derek estava quase na trilha.

— Eu... Eu realmente tenho que ir. Te conto depois.

Ela voltou a olhar para as duas melhores amigas, ambas... esquecidas do mundo por causa dos namorados, e decidiu falar com Derek sozinha.

Deu uma corridinha e alcançou Derek justo quando ele entrava na trilha para a sua cabana.

— Derek! — ela chamou, tentando afastar o sentimento agradável e confuso que o encontro com Steve deixara nela. Maldito metamorfo que sempre conseguia um jeitinho de mexer com ela!

Derek parou e se virou.

— Sim? — perguntou ele.

— Eu... Você tem um minuto?

Ele quase franziu a testa.

— Só um minuto, porque vou encontrar alguém agora. Do que você precisa?

Será que ele estava se encontrando com Jenny? Provavelmente. Todo mundo ali parecia apaixonado ou em vias de se apaixonar. Exceto ela, disse a si mesma, sem querer aceitar que aquela "coisa" entre ela e Steve era mais do que uma fantasia passageira. E ia passar, porque era isso que ela queria.

Ela olhou para Derek.

— Eu estou... — Como iria explicar aquilo? Ela se forçou a simplesmente despejar tudo e, quando fez isso, percebeu quanto era difícil pedir ajuda a alguém. — Estou à procura de uma pessoa desaparecida. Eu queria que você... Eu queria saber se você pode usar seu talento para detetive e me ajudar a encontrá-la.

— Meu talento para detetive?

— É, o seu talento para fazer investigações — ela esclareceu. — Sei que você costumava trabalhar para um detetive particular e eu queria pedir a sua ajuda.

— Quem você está procurando?

— Meu tio.

— Há quanto tempo ele está desaparecido?

Della fez as contas de cabeça.

— Há uns 19 anos.

Derek arregalou os olhos de surpresa.

— O quê?

— Meu pai tinha um irmão gêmeo de quem nunca falou, e eu soube agora da existência dele. Supostamente, ele morreu num acidente de carro.

Os olhos de Derek se arregalaram um pouco mais e a testa se franziu em confusão.

— Se ele está morto, por que...

— Eu acho que talvez ele tenha sido transformado e simulado a própria morte como a maioria dos vampiros adolescentes faz.

— Você acha que ele foi transformado?

— Não sei, mas o vírus de vampirismo está no sangue da família e faria sentido... que isso tenha acontecido.

— Na verdade, não. Eu diria que as chances de que ele tenha morrido num acidente de carro são cinquenta vezes maiores do que as de ter sido transformado. E o vírus nem sempre está no sangue da família. Isso só acontece com cerca de trinta por cento dos vampiros — Derek explicou. — Chris e eu estávamos falando sobre isso outro dia.

— Eu sei, mas tenho um primo que é vampiro, também. Portanto... existe uma possibilidade. E minha irmã ouviu meu pai dizer que o irmão ficou frio e então foi embora, para depois morrer num acidente de carro.

— Você quer dizer fisicamente frio? — perguntou Derek, pela primeira vez parecendo acreditar nela.

— Eu não sei. Minha irmã só escutou meu pai dizendo isso à minha mãe, então não posso perguntar a ele. Mas achei que você pudesse fazer uma pesquisa. Ver se acha alguma coisa sobre ele.

Derek fez uma cara de quem diz "Como é que eu me livro dessa?...", e Della teve medo de que ele estivesse prestes a dizer não.

— Por favor! — implorou ela. Deus, como ela odiava ter que ficar implorado ajuda!

Ele suspirou.

— Eu não me importo de tentar, mas 19 anos é muito tempo. Normalmente encontro informações na internet, mas depois de tanto tempo as chances de encontrar alguma coisa são quase nulas. — Ele fez uma pausa, como se refletisse. — Espere aí, por que não procura Burnett? Ele provavelmente poderia...

— Eu não quero envolver Burnett enquanto não souber com certeza que meu tio está registrado; só vou recorrer a ele em último caso.

Derek franziu a testa.

— Você acha que ele poderia ser um fora da lei?

— Eu acho que não, mas não quero colocar toda a UPF em cima dele.

Derek assentiu e, em seguida, olhou para o relógio como se tivesse que ir a algum lugar.

— Você tem o nome e a data de nascimento dele, e o dia em que morreu?

— Tenho tudo isso, menos o dia em que morreu — disse Della. — Ah, e tenho uma foto. — Ela tirou a foto do bolso.

Derek levantou a mão.

— Eu tenho... Tenho um encontro com Jenny. Você pode digitalizar a imagem e me mandar por e-mail? E enviar qualquer informação que tiver sobre ele? Onde ele costumava morar, se ele tinha se mudado para outro lugar recentemente... Eu não prometo nada, mas vou tentar.

A esperança brotou em Della.

— Eu vou voltar para a cabana e enviar tudo para você agora.

Ele se virou para ir embora, mas Della ficou de repente tão eufórica com a possibilidade de tudo aquilo ser realmente verdade que pegou o braço dele e deu um aperto.

— Obrigada! — Levou apenas um segundo para ela perceber quanto aquilo tinha sido estranho. Imagine ela tomando a iniciativa de fazer algo que quase equivalia a um abraço!

— De nada — disse ele, e afastou-se, olhando para ela como se estranhasse a sua atitude. Mas dessa vez, ela não se importou. A ideia de que poderia encontrar, de uma forma lícita, um tio — um homem que se parecia com seu pai — e ter um membro da família que compreendesse a vida de um vampiro era o máximo!

Talvez, depois de encontrá-lo, ela não lamentasse tanto a perda da própria família. Talvez ela pudesse voltar a pensar na vida como uma aventura empolgante.

Naquela noite Della não conseguiu dormir. Devia estar exausta, depois de supostamente passar a noite anterior muito ocupada manguaçando o conhaque do pai e só ter dormido uma hora durante o dia, mas sua mente continuava pensando na possibilidade de encontrar o tio. Ela pegou a foto e olhou para o rosto dele. Parecia-se muito com o pai dela. Deviam ser gêmeos idênticos.

Ela não podia deixar de se perguntar se a aprovação do tio faria com que ela se sentisse tão orgulhosa quanto se sentiria se o próprio pai a aprovasse.

De repente lhe ocorreu que o primo Chan poderia saber algo sobre ele. Talvez, ao contrário do pai, a mãe dele tivesse mencionado alguma coisa sobre o tio. Ela se levantou, pegou o telefone da cômoda e digitou um número. Ela nem sequer se preocupou com o horário; considerando que ele era um vampiro e vivia na marginalidade, não tentaria conciliar seus hábitos de sono com os dos seres humanos.

O telefone tocou várias vezes. E finalmente caiu na caixa postal.

— Ei, é Della. Tem algo que eu queria te perguntar. Você pode me ligar?

Ela desligou, mas levou o telefone para a cama com ela. Será que ele retornaria a ligação? Della ficou ali vigiando o celular por mais uma hora, lembrando que ele tinha tentado falar com ela na semana anterior e ela não tinha retornado a ligação. Por fim, sentindo-se impaciente demais para ficar ali sem fazer nada, decidiu correr um pouco. Talvez se ela se cansasse, conseguisse dormir.

Vestiu o jeans e uma blusa, e então a ideia de que podia acabar topando com Steve fez com que ela corresse para o banheiro e penteasse os cabelos e enxaguasse a boca.

Enfiou o telefone no bolso de trás, abriu silenciosamente a janela e se afastou da cabana. A noite estava fria, mas isso não a incomodou. A lua, um crescente de prata, estava baixa no céu. Algumas nuvens se destacavam no céu negro, como se implorando por atenção. Ela correu até a borda da floresta, à procura de um certo pássaro que a olhava de cima. Diminuiu o passo para verificar se sua audição estava funcionando bem.

Ouviu pássaros piando, alguns voejando sobre seus ninhos mais acima, nas árvores. Alguns grilos cantavam sob os arbustos, e alguma coisa, um coelho ou um gambá, agitou-se no mato a alguns metros dela. Sua audição estava em forma. Mas olhando para cima, não viu o pássaro que procurava. Steve normalmente se transformava num falcão-peregrino, porque era o pássaro mais rápido, ele dissera uma vez.

Quando ela começou a correr, com os pés ainda batendo no chão, foi se desviando das árvores, evitando os galhos, para gastar um pouco da energia que borbulhava dentro dela. Ela se lembrou de que tinha corrido mais cedo, naquele mesmo dia, e encontrado Chase. Sua mente trouxe de volta a imagem dele, jogando basquete sem camisa.

Ela respirou fundo, farejando o ar para se assegurar de que o Pervertido da Calcinha não estava perambulando por ali aquela noite. Os únicos cheiros que captou foram os da natureza: o chão da floresta úmida e o cheiro do outono — aquele cheiro terroso de folhas perdendo a batalha pela vida, e da vegetação verdejante passando a adquirir tons dourados, vermelhos e laranjas. Por

mais belo que algumas pessoas considerassem o outono, era um período de morte. E isso era meio triste.

Ela deu a volta pela mata duas vezes — nunca chegando a alçar voo. O grande portão à sua direita delimitava o terreno de Shadow Falls. Seu coração batia forte no peito. Ela inspirou, o nariz captou novos aromas... Animais. Um cervo movendo-se por perto na floresta, seus cascos pisando a terra molhada, enquanto corria entre as árvores com graça. Acima, ela percebeu um pássaro. Ouviu as asas voando sobre ela. Olhou para cima, viu o falcão passar na frente da lua.

Steve?

Ela parou. Observou o pássaro voar em círculos e pousar numa árvore.

— Está me seguindo? — ela perguntou. Mas seu tom de voz não era de reprovação.

Ela apertou os olhos na escuridão e mal conseguia distinguir o pássaro.

— Eu sei que é você, então pode aparecer.

Ela ouviu o pássaro sacudir as asas. Será que estava bravo com ela?

Ao longe, ouviu o veado vindo em sua direção, mas ignorou isso e olhou para Steve empoleirado no galho. Dobrou os joelhos e saltou em cima da árvore. Steve deu um salto para trás e bateu as asas como se ameaçasse voar para longe.

— Pare de fingir — disse ela, e quando as centelhas não começaram a crepitar em torno do metamorfo enquanto se transformava, ela se lembrou de ter fugido dele na sua última tentativa de beijá-la, na quadra de basquete.

— Olha, eu tinha que pedir uma coisa a Derek. Não queria irritar você.

O pássaro baixou a cabeça e fez um pequeno ruído.

— Sinto muito se fui rude. Não foi minha intenção.

Ele mesmo assim não disse nada nem começou a se transformar.

— Está bravo porque não beijei você? Eu disse que não era do tipo sensível e sentimental. A gente nem devia ficar se beijando. Nós não estamos...juntos. — O pássaro inclinou a cabeça e olhou para ela com um olhar de pássaro. — Não olhe para mim assim. Eu sei que deixei você me beijar antes, mas... se você não beijasse tão bem, eu não ia me sentir tão tentada. — De repente, um barulho agitou um arbusto abaixo da árvore.

— Quer dizer que você e esse pássaro ficaram dando uns amassos por aí? — disse uma voz mais abaixo.

Della olhou para o veado no chão, olhando para ela. E veados que falavam como... Ah, merda! A lua irradiava apenas luz suficiente para que ela pudesse ver as centelhas brotando em torno do engraçadinho. Depois que desapareceram, Steve surgiu no lugar.

Ela olhou para o pássaro.

— Quem é você? — exigiu saber. O pássaro grasnou para ela.

— Tenho certeza de que é só um pássaro. Mas já que vocês dois já se conhecem tão bem a ponto de ter uma conversa íntima sobre beijos e tudo mais, acho que você devia dar um nome a ele.

Rosnando de raiva, envergonhada por ter sido enganada por um pássaro, ela desceu da árvore. Assim que seus pés tocaram o chão, Steve a segurou pela cintura e puxou-a para si. Suas mãos, que se ajustavam perfeitamente ao corpo dela, apertavam com firmeza e ainda assim com suavidade a curva da sua cintura. O que havia no toque dele que era tão delicioso?

— Então, agora você e o pássaro têm um rolo, hein? O humor brilhava nos olhos dele e seu cabelo castanho, cacheado nas pontas, parecia um pouco bagunçado. Ele usava uma camiseta caramelo com um logotipo esportivo e calça jeans, que aliás lhe caía muito bem.

Ela colocou as mãos no peito dele com toda intenção de empurrá-lo e fazê-lo cair sentado no chão, mas a sensação de sua pele contra as palmas das mãos a deixou constrangida. De repente, o desejo de dar uma lição em Steve tinha ido embora, e ela simplesmente queria tocá-lo. Seu peito masculino, quente e com músculos firmes, fez com que ficasse com vontade de se enroscar em seu pescoço e puxá-lo para lhe dar um beijo.

Então o riso nos olhos dele e o seu cheiro picante e especial fizeram o resto. Era tão difícil ficar brava com Steve — mesmo quando ele estava zombando dela. Não zombando de verdade, mas provocando, de um jeito totalmente inofensivo. Ele não tinha intenção de ser cruel ao provocá-la; sua provocação até fazia com que se sentisse especial.

Muito atraente, ela pensou. Steve era atraente até demais.

— É melhor você não rir — disse ela, tentando parecer brava, mas seu tom de voz não tinha nenhuma animosidade.

— Não consigo evitar — disse ele. — Estar com você me deixa feliz. Esperei quase a noite toda para ver se você vinha me procurar. Ainda bem que não desperdicei meu tempo.

— Eu não vim para ver você — disse ela. As palavras de Steve ecoavam na cabeça dela. *Estar com você me deixa feliz*. Uma emoção quente envolveu seu coração.

O coração mentiroso.

— Eu estava correndo, porque não conseguia dormir. — Aquilo era verdade, ela disse a si mesma, mas estava pensando nele quando saiu. Ela queria vê-lo. E aquela não era a primeira vez; longe disso. Pelo menos três vezes por semana ela saía à noite, e noventa por cento das vezes acabava indo ao encontro dele. Ah, Deus do céu, ela precisava parar de contar com ele.

Steve encostou a testa na dela.

— Eu não acredito em você.

— Você é impossível! — disse ela.

— Você é linda! — ele respondeu. — Disse alguma coisa sobre aquele pássaro beijar bem?

Ela olhou para ele.

— Você já está abusando da sorte...

— Com você, eu sempre tenho que abusar da sorte — ele disse, num tom um pouco mais sério. — Se não faço isso, você nem me dá bom-dia.

— Ainda não vou te dar bom-dia — ela provocou.

— Sim, mas acabou de admitir que gosta dos meus beijos. — Seus lábios roçaram nos dela.

Ela se afastou.

— Eu admiti que gostava dos beijos daquele pássaro. — Ela não pôde deixar de sorrir. Droga, ele a deixava feliz. E aquilo era perigoso.

— Vou me lembrar disso da próxima vez em que me transformar. De que espécie de pássaro você gosta mais?

Então ele a beijou — um beijo suave e doce que a tornava mais maleável que argila nas mãos dele.

Deixou-se ficar ali por alguns segundos, talvez um minuto; então se afastou, engoliu um pouco de ar e colocou a mão no peito dele para impedi-lo de beijá-la outra vez.

— A gente não devia...

— Por que não? — ele perguntou.

— Porque eu não...

— Está pronta para assumir um compromisso. — Ele franziu a testa. — Eu sei, você já me disse isso umas dez vezes. E eu posso aceitar, mas aqui, agora, estamos só você e eu. Não estamos assumindo nenhum compromisso, só estamos... nos beijando.

— Mas você sabe aonde isso vai levar e não estou pronta para isso também. — Ela olhou para o lado, em parte por vergonha e em parte porque pensou ter ouvido algo na floresta.

Steve tocou o rosto dela e a fez olhar para ele.

— Olha, eu gosto de beijar você e, se isso é tudo o que eu posso ter, então é só isso que vou querer. Pelo menos até que você esteja pronta para mais.

— E se eu nunca estiver pronta e você estiver apenas desperdiçando seu tempo?

Ele a puxou contra si novamente.

— Eu acho que posso convencê-la a mudar de ideia.

— Você acha que é tão bom assim?

— Eu sei que sou — disse ele, e riu. — Um passarinho me contou — ele brincou.

Ela lhe deu um leve soco nas costelas.

E logo em seguida, ouviu o barulho de novo. Ela se virou, levantou o nariz e sentiu o cheiro de outro vampiro. Um vampiro e sangue fresco. Muito sangue fresco.

Capítulo Cinco

— O que foi? — Steve perguntou, obviamente sentindo que a farejada rápida de Della significava problemas.

— Vampiro? — ela murmurou, e respirou fundo, esperando que fosse Chase, o tarado da calcinha.

Mas não era. O cheiro era diferente, e ela podia dizer isso com certeza, mesmo com o picante aroma de sangue fresco misturado. Sangue humano. B negativo e... outro tipo.

Della sentiu seus olhos ficarem mais brilhantes.

Ela olhou para cima e mal teve tempo de ver o vampiro sanguinolento passar voando sobre a cabeça deles. Pensou em ir atrás dele ou dela.

Antes que pudesse decidir, outro cheiro de vampiro a atingiu em cheio, e este ela reconheceu. Della se afastou de Steve.

Burnett apareceu ao lado deles. Vestia apenas jeans e o cabelo parecia amassado por causa do travesseiro. O homem era todo músculos e força.

— Está tudo bem? — perguntou.

— Tudo bem — disse Della e Steve ao mesmo tempo.

— Alguém pulou a cerca ao norte — disse Burnett, lançando-lhes um olhar desconfiado.

— Eu sei — disse Della, fazendo de tudo para não encarar o peito do vampiro.

O líder do acampamento podia ser velho, ou pelo menos muito velho para ela, mas ele poderia até fazer comerciais de Coca Diet.

— Eu o ouvi e farejei. Passou voando. Mas acho que já foi.

— É isso aí — confirmou Burnett. — Deu para sentir o cheiro?

— Sim — disse ela. — Sangue. Dois tipos diferentes.

Os músculos da mandíbula de Burnett ficaram tensos.

— Humano?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele praguejou baixinho.

— O que vocês dois estão fazendo aqui a esta hora da noite?

Della se encolheu por dentro.

— Eu não conseguia dormir — disse ela, e como aquilo era verdade, seu coração não disparou.

Burnett olhou para Steve.

— Eu estava... — O coração de Steve oscilou com a mentira. Ele olhou para Della e disse: — Eu estava esperando que ela não conseguisse dormir.

Della lhe lançou um olhar frio, mas Steve encolheu os ombros. Burnett suspirou.

Logo em seguida o celular de Burnett tocou. Ele o tirou do bolso da calça.

— Merda! — praguejou quando olhou o número. Ele se virou e atendeu a chamada. — Agente James.

Pela forma como respondeu, Della adivinhou que o telefonema era oficial. Ela sintonizou a audição para ouvir o interlocutor.

— *Encontramos dois corpos nos arredores da cidade. Parece que o nosso assassino é um vampiro.*

— Maldição! — Burnett deixou escapar. — Ele passou por aqui. Qual é a sua localização exata? — Burnett anotou o endereço. — Estou a caminho.

Ele desligou e encarou Della e Steve.

— Você quer que eu vá? — A possibilidade de participar de uma missão foi como uma injeção de adrenalina no corpo dela. Era isso que ela queria fazer, o que ela sentia que devia fazer.

— Não. Fique aqui e mantenha-se atenta. Chame Lucas, Derek, Perry e Kylie e os mantenha com você e Steve, e todos vocês fiquem de guarda. Me avisem se alguém passar por aqui de novo.

A decepção espiralou através de Della.

— Mas eu senti o cheiro, e só eu vou saber se era a mesma pessoa.

Burnett suspirou.

— Não vai ser uma cena bonita, Della.

— Não pensei mesmo que seria.

— Tudo bem. — Ele se virou para Steve. — Chame os outros e patrulhem a área.

Steve assentiu.

— Me encontre no portão, preciso pegar uma camisa. — Burnett decolou.

Della começou a alçar voo atrás dele, mas Steve pegou o braço dela.

— Tome cuidado — disse ele. Della podia ver a preocupação em seu olhar. Antes que ela adivinhasse sua intenção, ele se inclinou e beijou-a novamente. Ela deixou por alguns instantes. Por mais que fosse bom saber que Steve se importava com ela, esse era apenas mais um lembrete de que as coisas entre os dois já estavam indo longe demais.

Balançando a cabeça, ela decolou. Só tinha avançado alguns metros quando percebeu outro cheiro. Agora conhecido — Chase. Olhando para baixo, ela o viu entre as árvores. Havia quanto tempo ele estaria ali? Será que estava espionando ela e Steve? Della quase desceu para tirar satisfação, mas sabia que Burnett não toleraria atrasos. Então ela passou por Chase e foi ao encontro de Burnett no portão da frente.

Mas, mais tarde, ela e o Pervertido da Calcinha teriam uma conversinha, e não seria nada amigável.

Della disse a si mesma que poderia lidar com aquilo. Ela não era nenhuma criança. Sangue não a incomodava, só a deixava com fome. Na segunda em vez que vomitou, ela se perguntou como podia estar tão enganada.

Mas o sangue não era alimento quando vinha de cadáveres. Era feio. Emocional. Era morte e assassinato. E isso era tão errado!

Ela sentiu um toque no ombro. Sua audição devia estar falhando novamente. Rosnando, ela se virou, irritada e envergonhada ao perceber que alguém tinha testemunhado a sua fraqueza. Seu rosnado parou abruptamente quando seu olhar pousou em Burnett.

Ela tinha fugido da cena debaixo da ponte e se escondido atrás de algumas árvores. Obviamente, não tinha se escondido bem o suficiente.

— Eu estou bem. — Ela se afastou do toque dele. — Só comi comida humana demais quando estava na casa dos meus pais.

Ele arqueou uma sobrancelha, deixando pouca dúvida de que tinha ouvido o coração dela mentir, mas quando olhou em seus olhos, não foi condenação que viu, mas compreensão. Aquilo a irritou ainda mais.

— Estou bem — insistiu, agressiva.

Ele se inclinou e falou em voz baixa.

— Eu vomitava todas as vezes no primeiro ano em que trabalhei em casos como este. — A honestidade se destacava na voz dele em meio ao silêncio da noite. — Na verdade, se você não tivesse passado mal, eu teria ficado preocupado.

Suas palavras de conforto fizeram com que o nariz e a garganta de Della ardessem com as lágrimas que ela reprimia. Inesperadamente, a imagem do que ela tinha acabado de ver veio à sua mente. Duas vítimas caídas do lado de fora do carro. Gargantas rasgadas. Olhos abertos de horror. E todo aquele sangue — como se tivessem sido banhadas nele. O que elas devem ter sentido quando suas vidas lhes foram arrancadas?

— Como pôde... como alguém pôde fazer aquilo?

Ele suspirou.

— Às vezes é fome, nem sempre um vampiro recém-transformado tem alguém que o ajude na transição. Outras vezes é falta de respeito pela humanidade.

Della respirou profundamente e lutou contra a necessidade de vomitar de novo.

— Nós somos monstros — disse ela, sem intenção de expressar o pensamento em voz alta.

— Não, somos vampiros. E não somos mais monstruosos do que qualquer outra espécie. Inclusive os humanos. A bondade, a maldade e o mal não são exclusividade de nenhuma espécie. Nunca questione isso.

Ela piscou os olhos, odiando mostrar toda a sua insegurança para a pessoa que ela mais queria impressionar.

Ele estendeu a mão e lhe apertou o ombro. Ela assentiu com a cabeça e desviou o olhar.

— Você conseguiu uma pista do cheiro dele? — Burnett perguntou como se sentisse a necessidade de mudar de assunto. — Ou estava muito contaminado?

Della olhou para trás em direção à ponte, antes de olhar para o líder do acampamento. O brilho da lua crescente refletia no seu cabelo preto. Seus olhos castanho-escuros ainda tinham um toque de compaixão, mas ele já tinha voltado a ser o mesmo agente durão.

— Não posso afirmar com certeza, por causa do cheiro de todas aquelas pessoas, mas acho que era o mesmo vampiro que passou por Shadow Falls. Há vestígios de que se trata do mesmo cheiro.

Ele deu de ombros.

— O que significa que você vir aqui foi inútil. Lamento ter deixado que você...

— Eu não lamento ter vindo — disse ela. — Eu quero isso, Burnett. Quero fazer parte da UPF. Fui feita pra isso. Eu aguento. Pode acreditar. Mesmo que tenha dito que ficava enjoado a princípio.

Ele concordou com a cabeça.

— Acredito, mas... existem maneiras mais fáceis de se ganhar a vida, Della.

— Não quero nada fácil. Quero pegar criminosos. Quero fazer diferença. — As palavras saíam da sua boca com franqueza e sinceridade.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Tem certeza de que não quer simplesmente uma chance de extravasar sua raiva?

— Bem, quero, também — ela admitiu, e quase sorriu, esperando aliviar a tensão.

— É isso que me preocupa — disse ele com um tom tão sério que tirou o sorriso maroto dos lábios dela. — Você é durona, Della, eu sei disso. Mas vai se deparar com marginais ainda mais duros que você, e com o seu jeito de ser, vai acabar como a nossa vítima desconhecida lá atrás. Estar disposta e ansiosa para lutar não faz de você uma boa agente. Saber como evitar uma briga que vai perder e ser capaz de deixar o orgulho de lado são qualidades melhores. Qualidades que você não desenvolveu ainda.

Ela levantou o queixo e reprimiu a vontade de discordar da opinião de Burnett sobre a sua resistência e seu caráter.

— Vou aprender.

— Espero que sim. — Ele se virou.

Ela estendeu a mão e tocou o braço dele.

— Eu quero ajudar a investigar este caso. Quero fazer justiça para... eles. — Ela acenou para a cena do crime.

Ele suspirou.

— Vamos ver.

— Por favor — implorou ela.

— Eu disse, vamos ver. A investigação só vai começar depois que tivermos nas mãos os relatórios completos das autópsias.

Ele a deixou e voltou para onde estavam os outros agentes da UPF. Mas as palavras duras de Burnett — "qualidades que você ainda não desenvolveu" — ecoavam na mente dela e feriam seu coração. Na opinião dele, ela não tinha o que era preciso para ser agente da UPF.

De alguma forma, ainda não sabia como, ela provaria que ele estava errado.

E, para começar, ela se forçou para enfrentar a terrível cena do assassinato novamente. A cada passo que dava, prometia não vomitar de novo. Não importava que Burnett tivesse feito isso por um ano, com ela não aconteceria mais.

Ela provaria a ele que era talhada para o trabalho de agente. Então pegaria o filho da puta que tinha feito aquilo.

Eram quase quatro da manhã quando Della voltou para sua cabana. Kylie estava sentada à mesa, parecendo meio fantasmagórica ali no escuro, vestindo sua camisola branca. Seu cabelo loiro caía ao redor dos ombros e sua expressão era um misto de *O Exorcista* e *Sexta-feira 13*. Ou talvez Della estivesse exagerando um pouco depois de ver... a morte tão de perto.

— Ei, você está bem? — perguntou Della.

Kylie piscou.

— Sim, só não conseguia dormir.

Caramba! Era bem possível que Kylie tivesse companhia. E o tipo de companhia que Della não queria por perto.

— Estamos só eu e você aqui?

Kylie deu de ombros. Della gemeu. A camaleão era uma clarividente top de linha que falava com espíritos e, embora Della odiasse admitir, aquilo a deixava apavorada. Se Kylie não fosse uma de suas melhores amigas, Della teria chutado a ímã de fantasmas porta afora. Mas ser cruel com Kylie era o mesmo que ser cruel com um filhotinho faminto e com uma pata machucada. E, francamente, se alguém fosse cruel com Kylie, Della chutaria a bunda do cretino tão rápido que ele nem saberia o que o atingiu. Mas com certeza ficaria muitos dias com a lembrança do chute no traseiro.

— Não dê de ombros apenas. Diga a verdade, estamos sozinhas?

— Neste exato momento, estamos — disse Kylie como quem se desculpa.

— Mas alguém acabou de sair daqui?

— Alguém está brincando comigo.

— Brincando com você? Você fala como se isso fosse divertido.

Kylie franziu a testa.

— Não é divertido. Mas ele ou ela continua passando por mim a toda velocidade, sem dizer nada nem diminuir o passo para eu dar uma boa olhada. — Kylie fez uma careta. — Holiday diria que isso é um sinal. Quem eu conheço que passa zunindo e não diminui o passo o suficiente para ser reconhecido? — Ela inclinou a cabeça e, em seguida, apontou o dedo para Della. — Você.

— Desculpe, mas não estou morta.

— Não quero dizer que seja você exatamente. Quero dizer... um vampiro. Talvez o meu novo fantasma seja um vampiro.

— Mas que ótimo! Tem um vampiro morto e de mau humor perambulando por aí.

Kylie fez uma cara de frustração.

— Eu não disse que ele ou ela estava de mau humor.

Della andou até a mesa.

— Então, ele ou ela não está de mau humor?

— Sim, mas eu não disse. — Kylie sorriu.

Della revirou os olhos.

—- Sério, você está andando muito com Miranda. Está até usando a lógica dela.

— Às vezes eu gosto da lógica dela.

Della gostava, também, mas não estava num estado de espírito suficientemente animado para admitir. Ela voltou a olhar para a porta do quarto e pensou em dormir um pouco. Então olhou para a cadeira vazia em frente a Kylie e pensou sobre a possibilidade de ficar um pouco mais ali com a melhor amiga.

A cadeira venceu. Ela se sentou e tentou evitar que os ombros caíssem sob o peso da tensão.

— Onde você estava? — perguntou Kylie.

Della sentiu um aperto na barriga.

— Fui correr e encontramos um intruso voando sobre Shadow Falls. Captei o cheiro dele. Burnett apareceu um segundo depois e recebeu um telefonema da UPF. Fui com ele atender à chamada. — Ela mordeu o lábio, sem saber se conseguiria falar a respeito sem se sentir ainda pior.

— Que tipo de chamada? — perguntou Kylie.

Della hesitou, mas depois concluiu que, se queria mesmo fazer aquilo, ser uma agente — e era o que mais queria no mundo —, então precisaria aprender a lidar com aquele tipo de situação.

— Duas pessoas foram mortas aqui perto de Shadow Falls.

A expressão de Kylie era de pura compaixão.

— Uma delas era um vampiro?

Della entendeu aonde Kylie queria chegar. Ela achava que o fantasma que a procurara podia ser uma das vítimas. Della balançou a cabeça.

— Humanos.

Ela já tinha verificado. Por mais difícil que fosse olhar para eles diretamente, ela tinha feito isso.

— Mas parece que o assassino é um vampiro — Della se forçou a dizer.

Kylie fez uma careta.

— Burnett suspeita que sejam vampiros fora da lei?

— Eu não sei. Não estão suspeitando de ninguém ainda. Levaram os corpos para fazer a autópsia e depois vão acionar o código vermelho. — Código vermelho significava que iriam

camuflar a morte, como se tivessem acontecido num acidente de trânsito, para que o mundo humano não investigasse.

Os olhos de Kylie mostraram uma emoção sincera.

— Foi... horrível de ver?

— Não — Della mentiu. Então sua respiração tremeu, junto com seu coração mentiroso. — Sim, foi pavoroso.

— Sinto muito. — Kylie colocou a mão sobre a da amiga. — Quer um refrigerante?

Della quase disse sim, então suspirou.

— Não, preciso tentar dormir um pouco. — Ela tirou a mão de sob a de Kylie e se levantou. Imagine se não sentiu o vazio deixado pela falta do toque de Kylie... Se fosse só um pouquinho mais fraca, pediria à amiga um abraço. Um daqueles bem longos, que ajudam a curar os piores sofrimentos. Mas ela não era tão fraca.

— Por que não fica dormindo amanhã? — Kylie perguntou enquanto Della abria a porta do quarto.

Della olhou para trás e considerou a hipótese. Então se lembrou de que Burnett já a via como alguém que não era forte o suficiente.

— Não, vou ficar bem. — Ela precisava convencer Burnett de que podia lidar com aquilo. Lidar com os assassinatos, o caos e as noites sem dormir que acompanhavam tudo isso. Convencê-lo de que ela era perfeita para trabalhar na UPF.

Ela entrou no quarto, em seguida, olhou para trás.

— Obrigada.

— Pelo quê?

Della encolheu os ombros.

— Sei lá. Por estar acordada.

Kylie sorriu.

— Você vai ter que agradecer ao fantasma por isso.

— Só me faltava essa. — Della olhou ao redor. Ela não tinha certeza do que estava procurando, especialmente considerando que não podia ver fantasmas, mas às vezes, quando Kylie dizia que eles estavam presentes, ela sentia um calafrio. Um calafrio que lembrava a morte.

E com a morte vinham também os anjos da morte, aqueles que julgavam todos os sobrenaturais. E cuja punição era rápida e definitiva. Pois queriam que a vida dos sobrenaturais fosse um livro aberto e livre de erros. Deus sabia que ela tinha cometido muitos.

Percebendo que ela estava olhando para o nada, voltou a olhar para a amiga.

— Ele não está aqui agora, está?

— Não — garantiu Kylie.

— Ótimo, que continue assim. — Della finalmente entrou no quarto. Um cômodo silencioso onde ela podia ficar sozinha com seus pensamentos. Pelo menos esperava que estivesse sozinha.

Olhou ao redor, tentando perceber se o fantasma de Kylie havia retornado. Não sentiu nenhum calafrio antinatural.

Assim que se sentou na cama, sua mente se afastou do possível visitante de Kylie e passou a se concentrar na terrível cena que tinha presenciado aquela noite. Imagens pipocaram na sua cabeça novamente.

A mulher era só alguns anos mais velha do que Della, e o rapaz parecia ser seu namorado. Pelo visto tinham estacionado o carro ao luar, provavelmente para namorar, e enquanto trocavam beijos e carícias tinham sido atacados e arrancados do carro. Duas pessoas curtindo uma noite romântica e então brutalmente assassinadas. Talvez pensar no fantasma fosse melhor.

As palavras que Burnett dissera mais cedo encheram sua cabeça. *Nós não somos mais monstruosos do que qualquer outra espécie*. Seu coração palpitou e parecia em carne viva. Não importava o que ele dizia. O fato de que um vampiro tinha praticado aquele ato desprezível envergonhava sua espécie. Era uma vergonha que os vampiros precisassem de sangue para sobreviver.

Uma ova que não eram monstros! Se ela não estivesse com tanto medo de que seus próprios pais a vissem como um monstro, ela lhes contaria a verdade. Ainda poderia fazer parte da família. Ainda poderia ser a garotinha do papai. Em vez disso, era uma estranha forçada a visitá-los, apenas para perceber quanta coisa tinha perdido. Forçada a deixá-los pensar que ela provavelmente estava usando drogas, estava grávida e tinha se degenerado a ponto de roubá-los.

Ela tentou afastar as imagens dos dois corpos deitados de costas no chão molhado, o pescoço mutilado pelas mordidas, os olhos abertos, sem sinal de vida. Tentou, mas não conseguiu tirar a imagem da cabeça.

— Somos monstros — sussurrou no silêncio, com sorte, no quarto livre de fantasmas.

Sentiu lágrimas deslizando pelo rosto e as secou. O fato de que ela queria pegar o sanguessuga que tinha assassinado o casal inocente — de que queria fazê-lo pagar por isso — fazia com que se sentisse um pouco menos monstruosa.

— Eu vou pegar você — disse Della, jurando nunca esquecer o cheiro do assassino que tinha voado por ali aquela noite. Um dia, mais cedo ou mais tarde, ela iria encontrá-lo novamente. — E quando isso acontecer — ela falou no quarto escuro: — Eu não ligo para o que Burnett disse, vou adorar extravasar a minha raiva em você.

— Della?

A voz profunda ecoou em sua mente e penetrou no seu sonho. Um sonho familiar. Ela se levantou novamente naquele beco escuro vestindo seu pijama de Smurfs. O monstro, a gárgula rechonchuda e de tamanho extragrande, estava a cerca de cinco metros dela. Seus olhos com um brilho vermelho e maldoso. Sua intenção de atacá-la era clara pela baba de aparência gosmenta que escorria de suas mandíbulas.

Mas que diabos aquele verme horroroso, flácido e babão queria com ela?

— Della, você está bem? — A voz soou de novo, por trás da lata de lixo. O que era uma pena, porque era exatamente onde ela planejava lançar o monstro asqueroso, que começava a investir contra ela.

Ela se encolheu, preparou-se para lutar e instantaneamente a voz ficou mais coerente.

— Della? — Dessa vez a voz não tinha vindo de trás do lixo, mas do outro lado da cortina escura da sua mente. Do lado em que a vida real existia. Onde não havia gárgulas. Onde os monstros que andam sobre a terra eram simples vampiros.

Quando sentiu um toque na testa, ficou totalmente alerta. Com a velocidade e a força de um vampiro, e antes mesmo que seus olhos se abrissem, ela agarrou a mão e segurou-a longe do rosto.

Sua visão não estava nítida ainda quando ela reconheceu o metamorfo de cabelos e olhos castanhos em pé diante dela.

Ela afrouxou o aperto em seu pulso.

— O que você está fazendo aqui?

Steve franziu a testa.

— Bati na sua janela e como você nem se mexeu fiquei preocupado.

— Então você simplesmente decidiu invadir o meu quarto? — ela perguntou bruscamente, irritada com a constatação de que sua audição devia ter falhado novamente. Mas o que, afinal, estava acontecendo com ela?

— Vim para ver como você está. Você geralmente acorda assim que eu me aproximo da sua janela. Fiquei uns cinco ou dez segundos batendo e você nem se mexeu. Está se sentindo bem?

Steve estendeu a mão para tocar a testa dela de novo e ela interceptou a mão dele.

— Não me toque.

Ele franziu a testa para Della.

— Estou checando sua temperatura. Você não parece bem. — Ele colocou a mão na testa da vampira.

Della quase deu um tapa na mão dele novamente, mas percebeu que estava despejando a frustração com o sonho e seus problemas de audição em cima dele.

— Sou um vampiro. Meu corpo é frio, lembra?

Ele fez uma careta enquanto sua mão acariciava com ternura a testa dela.

— Eu sei, é por isso que tem algo errado. Você não está... tão fria. Acho que pode estar com febre.

— Estou bem. — Ela se sentou na cama. — Simplesmente não consegui dormir. — Seu olhar se desviou para a janela. O sol não tinha afugentado completamente a noite, no entanto o pedacinho do céu que ela podia ver através da vidraça estava tingido de rosa.

— Que horas são?

— Cinco e meia.

Ela voltou a deitar a cabeça no travesseiro.

— Isso significa que dormi uma hora inteira — ela murmurou.

— Desculpe acordá-la. Eu estava preocupado. Disse para você me ligar e você não ligou.

— Quando foi que você me disse para ligar? — Ela desviou os olhos para ele, agora sentado em sua cama, parecendo bem-disposto como se tivesse acabado de acordar. Ela detestava gente cheia de disposição pela manhã. Então tentou se lembrar do último encontro que tiveram, quando Burnett apareceu. — Você não me disse para ligar.

— No bilhete, eu disse para me ligar assim que você voltasse.

— Que bilhete?

Ele puxou um pedaço de papel de caderno de debaixo do ombro dela.

— Esse em que você está dormindo em cima. Depois que você foi embora, fiquei preocupado, então vim aqui e deixei um bilhete na sua cama. Eu dormi supermal, ficava acordando de dez em dez minutos, checando o telefone. Não me saía da cabeça que algo devia ter dado errado.

E tinha dado errado, Della pensou. Duas pessoas inocentes tinham sido assassinadas e, em seguida, ela descobriu que Burnett não achava que ela tivesse as qualidades necessárias para ser uma agente da UPF.

As imagens das vítimas surgiram em sua cabeça, e seu peito ficou tão pesado ela teve a impressão de que estava cheio de xarope. Do tipo mais espesso de xarope. Mas não havia nada doce na sensação de peso. Apenas pesar pelos dois jovens namorados.

— Eu então decidi vir aqui e ver por mim mesmo se estava tudo bem — justificou-se Steve. — Além disso, tenho que sair em dez minutos.

Ele estava preocupado. Ele estava de saída? A mente de Della girou para tentar entender o que ele dissera. Era segunda-feira, ele não ia brincar de médico numa segunda-feira — não que ele realmente brincasse. Assim como ela desejava ser uma agente da UPF, Steve desejava ser médico, um médico sobrenatural. Como não existiam escolas onde se pudesse estudar medicina para sobrenaturais, quem quisesse estudar esse campo tinha que se formar numa escola de medicina regular ou em medicina veterinária, e trabalhar sob a supervisão de outro médico paranormal. Steve, tentando se antecipar, era assistente do único médico sobrenatural da cidade.

— Eu não vi o bilhete. Eu... estava exausta.

Ele passou a mão pelo braço dela.

— Você está bem mesmo?

— Estou.

Os olhos dele brilharam.

— Você de fato parece bem. Gosto especialmente do pijama de Smurfs.

Viu? Não havia nada de errado com o seu pijama de Smurfs! Merda! Por que ela estava pensando naquele vampiro sem caráter?

— E se aquele novo vampiro mencionar seu pijama de novo, talvez eu tenha que dar uma lição nele.

Por que ele estava pensando...?

Steve endireitou a gola do pijama dela e depois inclinou-se um pouco mais.

— Eu sou o único que pode provocar você, dizendo com o que vai dormir ou não. — Ele arqueou as sobrancelhas e depois abaixou-se para dar um beijo nela.

Ela tinha toda intenção de afastá-lo, mas no momento em que os lábios dele roçaram nos dela, ela... Bem, ela não fez droga nenhuma. Mas não foi justamente assim que se meteu em apuros durante aquela missão? Deixou que ele a beijasse na cama, e quando viu suas roupas já começavam a se espalhar pelo chão.

Sim, foi isso que aconteceu, e ela ia parar aquilo agora mesmo. Colocou a mão sobre o peito dele para dar um empurrão de despedida. Não forte demais para machucá-lo, apenas... Então a mão dele escorregou por baixo da blusa do pijama dela e a palma deslizou com tanta suavidade pela curva da cintura... Bem, talvez ela não fosse parar com aquilo naquele *exato* instante, mas com certeza antes que suas roupas começassem a...

Justamente quando ela começava a sentir tudo formigar, ele se afastou, a expressão perplexa, os lábios um pouco molhados pelo beijo.

— Você está menstruada?

A boca de Della se abriu e ela bateu forte no peito dele com a palma da mão.

— Um cara nunca deveria fazer uma pergunta dessas a uma garota. E se pensa que eu ia...

— Não! — Ele balançou a cabeça e riu quando se sentou. — Eu não quis dizer... Estou perguntando como médico, não como namorado.

— Você não é meu namorado.

— Certo — ele disse, como se não acreditasse.

Ah, Deus, será que ele era mesmo namorado dela? Será que ela tinha marcado bobeira e deixado que as coisas saíssem do controle?

— Agora falando sério, você está menstruada?

Ela franziu o cenho para ele.

— Você também não é meu médico.

Ele balançou a cabeça como se ela estivesse bancando a menininha boba.

— Olha, às vezes, quando uma vampira está naqueles dias, sua temperatura fica ligeiramente mais alta. Você realmente está mais quente. — Ele colocou a mão na testa dela outra vez.

— Eu só não dormi o suficiente — disse ela, mas depois se lembrou da dor de cabeça e dos problemas de audição. Será que tinha pegado algum tipo de gripe?

— Está menstruada? — ele perguntou de novo.

Ela revirou os olhos e negou com a cabeça. Não era exatamente a verdade; ela ficaria nos próximos três dias. Ela se perguntou se a TPM poderia afetar sua audição também.

Sentou-se e olhou para ele sentado na beira da cama, como se tivesse todo o direito de estar ali. Então se lembrou de ele dizendo que estava de saída.

— Aonde você vai?

— Trabalhar com o doutor Whitman.

Ela balançou a cabeça.

— Mas você não vai às segundas-feiras.

— Agora vou. Ele perguntou a Holiday se eu poderia ir quatro dias por semana em vez de três e ficar lá durante a noite também. Metade da clientela sobrenatural vem depois do expediente. Ele tem uma sala onde eu posso dormir, na parte de trás da clínica. — Ele estudou a expressão dela. — Eu ia contar para você ontem à noite, se não tivesse fugido para brincar de agente da UPF.

Não tinha sido uma brincadeira, Della pensou, e então sua mente voltou para Steve e seus novos horários.

— E as aulas? — Della não estava gostando nem um pouco daquilo. Não gostava de saber que ele não estaria por perto à noite, quando ela saísse para correr e esfriar a cabeça. Então não gostou do fato de não ter gostado. Depender das pessoas é uma furada. Fala sério! Ela já estava começando a depender dele? Precisava admitir, com Miranda namorando Perry e Kylie com Lucas sempre a tiracolo, ela tinha bastante tempo livre.

Não que ela os culpasse... bem, ela meio que culpava, sim, mas também entendia. Quando estava namorando Lee, basicamente ignorava os amigos também.

— As aulas não são tão importantes — disse Steve. — Antes mesmo de vir para cá eu já tinha feito o teste para me formar no secundário antes do tempo.

— Eu sabia que você era esper... tinho — disse ela, na esperança de esconder o seu abalo emocional com humor. Mas que um raio a partisse ao meio se o seu coração não ficava apertado quando pensava em Steve longe dela.

— Como se você não fosse. — Ele sorriu. — Mas Holiday vai me aplicar provas todas as sextas-feiras para registrar minha presença aqui. Isso vai ser bom para o meu currículo quando eu começar a faculdade. — Ele afastou com ternura uma mecha de cabelo escuro do rosto dela.

— Vai sentir a minha falta?

Ela franziu a testa. Ele podia ler mentes agora?

— Não — ela mentiu.

Ele fez uma careta ao ouvir a resposta.

— Eu vou sentir a sua. Mas vamos nos ver às sextas, a cada quinze dias, e nos fins de semana. É claro que, se você parasse de fingir que não gosta de mim ou que não quer ser vista comigo em público, então poderíamos passar mais tempo juntos. Eu não teria que esperar até o meio da noite ou de manhã cedo para roubar um beijo.

Steve se inclinou para roubar um então, e ela levantou a mão e colocou o dedo sobre os lábios dele.

— É tarde, eu já devia estar me vestindo.

— Não seja por isso, pode começar. — Ele se jogou na cama e descansou a cabeça nas mãos como se estivesse pronto para vê-la trocar de roupa. Sua posição reclinada era uma maravilha

para mostrar os músculos dos braços e do peito dele. Ele abriu aquele sorriso sexy e preguiçoso e ela quis torcer o pescoço dele.

— Fora daqui! — ordenou.

Ele se sentou.

— Só depois que você me der um beijo de despedida.

— Ah, tenha dó! Você é incorrigível. — Ela balançou o dedo para ele. — Atrevido. Arrogante.

— Pode me xingar do que você quiser, mas, se quiser que eu vá embora, vai ter que me dar um beijo.

— E impossível! — ela resmungou. — Você sabe que eu poderia pegar você pelo pescoço, girar no ar como um bastão e então te atirar pela janela, não sabe?

— Poder e querer são duas coisas bem diferentes, docinho.

Filho de uma mãe! Como é que aquele cara a conhecia tão bem? Quando é que ela tinha aberto a porta e o convidado para entrar na sua vida? No seu coração?

Ele se inclinou e roubou um beijo. De dois segundos, pois foi tudo o que ela permitiu. Mas muito mais do que deveria ter permitido. Logo em seguida ela percebeu que a ausência dele até que vinha a calhar. Ela precisava mesmo colocar uma certa distância entre eles. Precisava pôr o pé no freio.

— Vejo você na sexta-feira. Mas me prometa que vai me ligar.

— Eu não faço promessas. — Ela sentiu um pequeno nó na garganta ao ver a expressão no rosto dele. — Eu vou tentar. — *Tentar não ligar*, emendou mentalmente. Ela tinha que refrear suas emoções. Parar de sentir tudo aquilo antes que a situação saísse do controle.

Ele colocou uma perna para fora da janela e, então, olhou para trás.

— Fique longe daquele vampiro novato. Não vou com a cara dele.

Nem eu, ela pensou, mas não disse.

*

Della ficou sentada ali, abraçada aos joelhos, olhando pela janela aberta, tentando não se preocupar com aquele metamorfo engraçadinho, que tinha ido embora e levado com ele toda a sua animação. Uma lufada de vento frio serpenteou pelo quarto e ela estremeceu. Pulou da cama para fechar a janela, e foi quando, de repente, se deu conta. Ela estava com frio.

Desde que tinha sido transformada, ela percebia a temperatura, mas não sentia frio de fato. Lembrou-se de Steve insinuando que ela poderia estar com febre. Colocando a mão na testa, ela andou até a janela. Chegou lá a tempo de ver Derek observando Steve se afastar da cabana dela.

Ótimo. Agora o garoto-fada ia pensar que ela e Steve estavam se atracando em meio aos lençóis. Derek olhou para a janela, com um meio sorriso, e recomeçou a andar. O primeiro impulso de Della foi desejar bom-dia com o dedo do meio e bater a janela. Então se lembrou de que ele iria ajudá-la a procurar o tio. Será que estava ali por isso? Será que já tinha alguma novidade? Ela saltou pela janela e o encontrou no meio do caminho.

— Eu *não* estou dormindo com Steve — disse ela antes de mais nada, decidindo deixar tudo bem claro desde o início.

Ele revirou os olhos.

— E eu não estou nem aí. — Então seu olhar passeou pelo corpo dela. — Então você dorme com os Smurfs... — Ele riu.

— Ah, pelo amor de Deus, dá um tempo. Se querem fantasiar que as garotas só dormem vestindo lingerie sexy, problema de vocês. Usamos o que é mais confortável. O que mais gostamos. Então, é melhor sair dessa ilusão!

Ele coçou o queixo.

— Eu vou tentar.

Ela balançou a cabeça, os cabelos lisos e escuros se agitando na frente do rosto.

— Você usa calcinha e sutiã rendado quando vai para cama? — ela perguntou.

— Hã, não.

— Bem, as garotas também não. Então, se não gosta de sentir um fio dental enfiado no rabo, por que a gente ia gostar?

— Eu... — Ele gaguejou. — Eu não disse nada... Quer dizer, só não esperava encontrar um vampiro que gostasse de criaturazinhas fofas azuis.

— Por que não? Não sou preconceituosa — disse ela. — Gosto de pessoas de todas as cores, nacionalidades e espécies. Gosto até de você. Um pouco.

Ele pareceu surpreso.

— Você sabe que os Smurfs não existem, não é?

— Claro que sei. E você sabe que nem todas as garotas usam calcinha ou sutiã sexy pra dormir. E usar pijama dos Smurfs não é estranho. — Steve até gostava dele.

Derek teve a decência de corar, e levantou uma mão.

— Esqueça o que eu disse.

Ela percebeu que estava exagerando e sendo mal-humorada, especialmente se considerasse que ele provavelmente estava ali para ajudá-la.

— Desculpe. Não dormi o suficiente. — E o insulto do vampiro a respeito do seu pijama obviamente a afetara mais do que deveria. — Você achou alguma coisa sobre o meu tio?

Ele confirmou com a cabeça.

— É por isso que estou aqui.

Capítulo Seis

— O que conseguiu? — perguntou Della, sentindo que a resposta dele poderia mudar tudo. Se o tio estivesse vivo...

Derek deu de ombros, como se estivesse prestes a desapontá-la.

— Não muito, mas consegui encontrar o obituário dele em alguns jornais antigos que consultei na base de dados da biblioteca. — Ele puxou do bolso uma folha de papel. — Eu imprimi. Claro, isso não significa que ele tenha realmente morrido. Mas é um ponto de partida para investigar se a morte dele foi simulada. E eu ainda não desisti de pesquisar na internet. Se conseguir descobrir que escola ele frequentou, se houve uma festa para reunir os ex-alunos, os colegas podem ter postado alguma coisa.

Della pegou o papel dobrado e franziu a testa.

— Eu não sei para que escola ele foi, mas vou ver se consigo descobrir.

Ele assentiu.

— Só lembre que as chances nunca são muito boas quando se trata de algo que aconteceu há muito tempo.

A decepção sussurrou dentro dela.

— Ah! — ele disse. — Posso te pedir um favor em troca?

Bem, ela não podia dizer não, agora, poderia? Mas que raios Derek poderia querer que ela fizesse?

— O quê?

— Eu espero... que você possa ser simpática com Jenny.

Então era realmente verdade. Derek estava mesmo a fim de Jenny.

— Ser simpática com ela? — perguntou Della. — Mas eu não sou antipática com ela.

Della não poderia dizer o mesmo de todo mundo ali na escola, mas como Kylie gostava de Jenny e meio que a tratava como sua protegida, uma irmã mais nova, por assim dizer, Della evitava ser antipática com a garota.

— Eu não disse “não ser antipática” com ela, eu disse “ser simpática” com ela. Existe uma diferença, sabe?

Della balançou a cabeça.

— Para mim não ser antipática *é* o mesmo que ser simpática.

Derek olhou para ela com um ar de frustração.

— Olha só, Jenny na verdade... está meio insegura no momento. Ela vê o tipo de amizade que você, Kylie e Miranda têm e se sente meio de lado.

— Meio de lado? Kylie visita Jenny sempre que pode e fica com ela quase todos os dias na hora do almoço.

— Eu sei, mas vocês não se sentam com elas.

— Isso porque elas se sentam na mesa dos camaleões, seu besta!

Ele franziu o cenho.

— Não existem camaleões suficientes para que *exista* uma mesa de camaleões. Jenny quer sentir que está se entrosando. E por alguma razão, ela te admira. Acha você legal.

— Eu sou legal.

— Tá, tudo bem, mas você pode ser legal e um pouco mais simpática?

Della suspirou.

— Tudo bem, eu vou... tentar.

— Obrigado. E eu vou continuar tentando ver se consigo encontrar alguma coisa sobre o seu tio. E me avise se descobrir que escola ele frequentou no colegial.

Della observou enquanto o *fae* se afastava, olhou para o obituário em sua mão, imaginou como ela poderia descobrir qual tinha sido a escola do tio e se perguntou como ia ser simpática com Jenny. Não tinha nada contra a garota, mas não estava a fim de fazer novos amigos. Sua cota de amizades estava cheia. Kylie e Miranda eram tudo de que ela precisava.

Ela deu meia-volta com seu traseiro coberto de Smurfs e voltou a pular a janela. Virou-se para fechar a porta, e quando fez isso, sentiu o cheiro *dele* novamente.

Chase.

Aquele vampiro absurdamente irritante! Ela rosnou para o vento que carregava seu cheiro picante e lembrou-se de que ele estava na floresta na noite anterior, quando ela tinha ido ao encontro de Burnett. Será que o Pervertido da Calcinha estava apenas passando a caminho do refeitório, para tomar seu café da manhã? Será que a noite anterior só tinha sido mais uma coincidência? Ou por alguma razão desconhecida, ele estava de olho nela? De alguma forma, fosse qual fosse, ela precisava descobrir.

Cinco minutos depois, já vestida para o café da manhã e segurando na mão o papel dobrado do obituário, ainda não lido, ela olhou para a porta ao ouvir alguém bater.

— Quem é? — gritou.

Kylie abriu a porta com um olhar preocupado no rosto.

— Você está bem?

— Tudo bem, por quê?

— Várias razões — disse Kylie. — Primeiro, você está aqui. Não foi à reunião dos vampiros.

Della encolheu os ombros.

— Eu dormi até mais tarde. — Ignorou o fato de que Steve teve de acordá-la. Ignorou o fato de que, depois da noite anterior, só a ideia de beber sangue já a deixava enjoada.

— Imaginei. Está se sentindo melhor?

Toda a lembrança dos cadáveres e da decepção por saber que Burnett não confiava nela voltou novamente.

— Vou sobreviver.

Kylie abriu um sorriso de compreensão.

— Era disso que Derek estava falando?

— É. — Ela levantou o pedaço de papel dobrado. — Ele encontrou um obituário do meu tio.

— Então... ele está realmente morto?

— Não, necessariamente. As famílias geralmente colocam um obituário da pessoa, se acham que ela está morta.

— Entendi — disse ela, e mordeu o lábio inferior. Kylie sempre fazia isso quando estava nervosa. Mas estaria nervosa com o quê?

Della se lembrou de Kylie falando sobre as "várias razões" por que estava preocupada com Della.

— Qual é a outra razão... A razão por que você está preocupada comigo?

Kylie cravou os dentes superiores no lábio novamente.

— Eu... É sobre o fantasma.

Ok, lá vinha chumbo grosso.

— O que é que tem o fantasma?

— Lembra que eu te disse que achava que ele era um vampiro?

— Lembro.

— Bem, tenho certeza agora. Não que ele já tenha se manifestado completamente, mas... eu não acho que ele esteja procurando por mim. Não fica perambulando pelo meu quarto.

— Por onde ele fica perambulando, então? — Della perguntou... e, embora ela fosse inteligente o suficiente para adivinhar, estava torcendo muito para que estivesse errada.

Kylie hesitou.

— Pelo seu quarto.

— Ah, inferno, essa não... Não tenho a mínima vontade, nem em sonho, de ver um fantasma perambulando pelo meu quarto. Diga a ele para ir assombrar em outras bandas.

Kylie suspirou.

— Não é assim que funciona. E geralmente, quando um fantasma aparece, existe uma razão. Eu estava... Eu estava aqui pensando se não seria o seu tio.

O estômago de Della se contraiu.

— Por que você diz isso?

— Eu não tenho certeza, eu só... Você está procurando por ele e todo mundo diz que ele morreu, eu pensei que talvez...

— Ele não pode ter morrido. Preciso que ele esteja vivo. — E ela não percebeu quanto aquilo era verdade até que dissesse. Precisava de alguém, alguém da família, em sua vida. Alguém que

não a olhasse como se ela fosse um monstro.

Ela balançou a cabeça.

— Não, não é ele.

Kylie concordou com a cabeça, mas não parecia convencida.

— Eu... vou me encontrar com Lucas para um piquenique no café da manhã. Então é melhor eu me apressar. E Miranda teve uma reunião do Conselho das Bruxas esta manhã. Receio que você vá ter que tomar café da manhã sozinha.

— Eu não me importo — disse Della, preocupada com a coisa toda do fantasma.

Kylie acenou com a cabeça e começou a se afastar.

— Ei! — chamou Della. — Ele não está aqui agora, está? O fantasma?

— Não. — Kylie estava séria. — Você tem certeza de que está bem? Até Miranda está preocupada com você.

— Claro que estou. — Della não precisava que ninguém sentisse pena dela, só precisava de um ambiente livre de fantasmas. E que o tio estivesse vivo. Por isso estava relutando tanto para ler o obituário.

As imagens da morte da noite anterior surgiram em sua cabeça outra vez.

— Pode ir. — Ela acenou para Kylie, despedindo-se. Quando a porta se fechou, olhou em torno da cabana silenciosa. Colocou o obituário no bolso, decidindo encarar ovos fritos com bacon antes de enfrentar a possibilidade de que o tio estivesse realmente morto.

Della entrou no burburinho do refeitório lotado. Estava decidida a se juntar a outros vampiros que tivessem obviamente desistido de tomar café da manhã cedo aquela manhã quando avistou Jenny. A garota estava sentada sozinha numa mesa e parecia solitária. Sabendo que era a coisa certa a fazer, ela pegou uma bandeja e ocupou um assento ao lado da pequena camaleão.

— Oi — cumprimentou Della, olhando para os seus ovos e a gosma amarela onde boiavam. Cruzes, ela não ia comer aquilo mesmo! Então viu que o bacon estava na verdade queimado.

— Olá! — respondeu Jenny, parecendo se animar, seus olhos castanhos se iluminando com um sorriso.

Della teve que se esforçar para não franzir a testa. Era cedo demais para alguém parecer tão animado, mas ela devia aquilo a Derek, por tê-la ajudado.

— Você viu Kylie esta manhã? — Jenny perguntou, como se simplesmente precisasse de algo para dizer.

— Vi — respondeu Della. — Ela e Lucas iam fazer um piquenique de café da manhã. — O que significa que estavam por aí, aos amassos, em algum lugar. E talvez até pelados. Embora Della não achasse que Kylie tiraria a roupa no meio do mato; ela era muito discreta e inteligente para fazer isso. Tirar a roupa no meio do mato era um convite para levar picadas de larvas e insetos em lugares bem desagradáveis.

— Que legal! — Os olhos de Jenny percorreram o refeitório. Della seguiu seu olhar e viu que ela estava com os olhos pregados na mesa dos *faes*. Particularmente na ponta da mesa, onde

Derek estava sentado. O *fae* de cabelo castanho estava rindo de alguma coisa que uma das garotas *fae* estava dizendo. Ele não parecia estar fazendo graça como se estivesse flertando, mas Della viu um toque de decepção nos olhos de Jenny.

— Então, o que está rolando entre você e Derek? — perguntou Della, espetando os ovos meio cozidos com o garfo.

— Não está acontecendo nada.

— Eu pensei que vocês estavam ficando. Quero dizer, você dormiu com ele quando chegou aqui.

O rosto de Jenny ficou vermelho.

— Não! Nós dormimos na mesma cama, mas não fizemos... não fizemos nada. Somos apenas amigos.

O coração da camaleão só acelerou um pouco quando ela disse a última frase, por isso não era totalmente mentira, mas também não era totalmente verdade.

— Não que isso seja da minha conta, mas acho que ele gostaria que fossem mais do que amigos. — Della viu que o bacon no prato de Jenny estava praticamente cru. Exatamente como Della gostava. Seu estômago roncou.

— É. Ele já sugeriu isso... — confirmou Jenny.

Della continuou com os olhos no bacon de Jenny.

— Você vai comer isso?

— Não. — Ela torceu o nariz. — Está muito malpassado.

— Quer trocar o meu bacon queimado pelo seu cru?

Jenny empurrou a bandeja para Della e a vampira roubou o bacon cru e deu uma mordida. Depois de engolir a primeira mordida, perguntou: — Então o garoto fada não mexe tanto com você, hein? Isso me surpreende. Quero dizer, Kylie ficava de quatro por causa dele.

O olhar de Jenny perdeu toda a animação.

— É, eu sei.

Della de repente percebeu o que suas palavras davam a entender.

— Eu não quis dizer... de quatro tipo... Eles só ficaram juntos por um tempo.

Jenny pegou o garfo e mudou seus ovos de lugar no prato.

— É, eu ouvi dizer que ela estava indecisa entre Lucas e Derek.

Della percebeu algo mais no tom da menina.

— Você sabe que Kylie e Lucas estão namorando pra valer agora, não sabe?

Ela assentiu com a cabeça, mas não parecia convencida.

— É isso que está impedindo você de ficar com Derek? Está preocupada com ele e Kylie?

— Não — ela disse, mas seu coração disparou com a mentira.

Della lhe lançou um olhar gelado.

— Por que as pessoas tentam mentir para mim?

— Ok, talvez eu esteja um pouco preocupada. Gosto muito de Kylie e não quero que um lance entre mim e Derek possa causar problemas.

— Você precisa conversar com Kylie — sugeriu Della, enquanto mastigava outro pedaço de bacon. — Eu sei que ela ia dizer para você não desistir dele. Derek é um cara decente. Se ele faz seu tipo...

Jenny olhou novamente para a mesa dos *fae* e depois de volta para Della.

— Ele pediu para você falar comigo, não foi?

— Nãão! — respondeu, e não gostou de como a resposta soou. — Quero dizer, ele não me pediu para falar sobre ele.

— Sobre o que ele pediu para você falar comigo?

Ok, ela não tinha escapatória agora. Então enfiou o resto do bacon na boca. Depois de engolir, disse: — Ele não me pediu para falar com você.

— Agora, quem está mentindo? — A descrença brilhou nos olhos verdes de Jenny, e por algum motivo Della pensou nos olhos verdes de Chase. — Só fale a verdade.

Por um instante Della não soube se deveria ser totalmente sincera ou não, então percebeu que o que tinha dito não era uma mentira.

— Eu não estou mentindo. Ele não me pediu para falar com você. — Ser simpática e falar eram duas coisas completamente diferentes. O olhar no rosto da garota dizia que ela ainda não estava convencida. *Ah, que se dane*. — Ele me pediu para ser simpática com você.

Os ombros dela caíram um pouco.

— E é por isso que você se sentou aqui comigo.

— Não! Ok, talvez, mas não porque eu não goste de você.

— Sei. É só porque eu sou diferente, um camaleão, e você me acha estranha?

— Por que você diz isso? Kylie é minha melhor amiga e ela é um camaleão. Eu não dou a mínima para o que você é.

Jenny olhou para ela.

— Então por que você está sempre assim... distante?

— Porque... esse é o meu jeito. Eu não faço amigos com muita facilidade.

Jenny olhou ao redor do refeitório.

— Todo mundo aqui só fica olhando o meu padrão como se eu fosse uma aberração.

— Nem todo mundo. Mas o que eu posso dizer é que de fato existem alguns idiotas aqui. — Della olhou em volta do salão e encontrou Chase. Ela ainda precisava achar uma maneira de ter uma conversa com ele. Ele se virou e olhou para ela. Estaria ouvindo a conversa delas? Ela deu outra mordida no bacon e deu com Jenny olhando o próprio prato.

— Você não gosta daqui de verdade, né? — perguntou Della, quase num sussurro.

— Eu me sinto meio deslocada aqui. Mas me sentia deslocada em casa, também. — A emoção encheu a voz da garota.

As palavras de Jenny deram voltas na cabeça de Della e depois se esgueiraram até seu coração. E Della por acaso não sabia o que era se sentir deslocada em sua própria casa? Era como se alguém tivesse lançado uma bola de demolição contra os alicerces da vida dela. Simplesmente se sentia sem chão.

— Dê uma chance a Shadow Falls — ela aconselhou, com pena da camaleão. — Este lugar não é tão ruim assim.

— Eu não disse que era ruim. Simplesmente não me encaixo aqui. — Lágrimas rolaram dos olhos da menina. — Tenho que ir. — Jenny levantou-se e saiu.

Della assistiu Jenny se afastar e ficar invisível antes de sair pela porta. Della ouviu alguns campistas ofegarem ao ver aquilo. Aquela coisa de ficar invisível que os camaleões faziam — e que, assim como os próprios camaleões, era algo raro de ser ver na comunidade paranormal — ainda assustava algumas pessoas.

A decepção acabou com o humor de Della. Ela não tinha certeza se aquela tentativa de ser simpática com Jenny tinha ajudado muito. Poderia até mesmo ter piorado as coisas. Alguém parou ao lado de sua mesa, e o fato de ela não ter ouvido a pessoa se aproximar acabou de vez com o seu humor.

— Eu disse para ser simpática, não para ferir os sentimentos dela — disse Derek. — O que você disse?

Della bufou e olhou para o garoto. Por ser *fae*, ele podia sintonizar seu radar emocional para captar os sentimentos das outras pessoas. Della tinha ferido os sentimentos de Jenny? Mas não era essa a sua intenção. Ela sinceramente sentia muito por Jenny. *Eu me sinto deslocada aqui. Mas me sentia deslocada em casa, também*. Ela voltou a ouvir as palavras de Jenny.

— Eu não... Quer dizer, tudo o que eu fiz foi... Ah, mas que inferno, eu disse que não era boa em ser simpática.

Derek saiu às pressas como se quisesse alcançar Jenny, e Della jogou o último pedaço de bacon intocado na bandeja, com o coração dolorido pela garota camaleão. Adivinhe se ela não estava relacionando aquilo com o fato de também se sentir deslocada na companhia da própria família. Imagine ver pessoas que nunca pensou que virariam as costas para você fazendo justamente isso. Mas, que inferno!, ela já tinha problemas demais para começar a se preocupar agora com os problemas dos outros!

Viu? Era por isso que ela não queria começar a ser simpática com ninguém!

— Não deixe de comparecer ao sorteio da hora do encontro. — disse uma voz, surgindo do nada. A voz de outra pessoa em pé ao seu lado e que ela não tinha ouvido se aproximar. Que raios havia de errado com sua audição?

Della olhou para Chris, o vampiro loiro que coordenava a Hora do Encontro, basicamente uma tática para incentivar campistas de diferentes espécies a passar uma hora juntos. Os nomes eram sorteados e anunciados em duplas. E a única forma de garantir uma hora com alguém de sua escolha era doar um litro de sangue.

O garoto alto, de olhos azuis e pinta de surfista californiano estava de pé ali, sorrindo como um gato que tinha acabado de engolir um passarinho. Um passarinho dos gordos.

— Por quê? — ela perguntou ao vampiro com cara de quem se achava o tal e supergostosão.

— Por quê? Porque faz parte das regras que todos os vampiros compareçam à Hora do Encontro. É a nossa maneira de conseguir sangue. Verifique no seu livrinho de regras, Senhorita Esquentadinha.

Ele tinha falado a verdade. De fato, a regra era aquela, mas nunca tinha sido aplicada. Adicione a isso o fato de que os olhos azuis dele a fitavam com um brilho malicioso e ela começava a suspeitar de que ele estava escondendo alguma coisa. Algo que tinha a ver com ela.

Ah, droga! Será que alguém tinha doado sangue para poder passar uma hora com ela?

Capítulo Sete

— A curiosidade matou o gato — Della murmurou baixinho, de pé no meio dos outros alunos, tentando ignorar a leve dor latejante na parte de trás da cabeça. Ela tinha decidido não aparecer na Hora do Encontro, já tinha até começado a seguir em direção ao bosque para fazer uma longa caminhada e ler o obituário ainda enfiado no bolso. Não se importava em quebrar aquela regra nunca obedecida, mas no último momento se virou e voltou para o refeitório.

Ainda bem que ela não era um gato.

O pedido de Chris para que ela estivesse presente significava que alguém queria passar uma hora com ela, não é mesmo? E se ela estivesse certa, quem seria? Steve não estava em Shadow Falls.

Ela considerou que poderia ser Chase, mas por quê? Qual seria o objetivo dele? Sim, ela precisava ter uma conversa com ele, mas ele não sabia disso e nem ia gostar muito do que ela tinha a dizer. Ela se lembrou de ter pensado quanto era estranho ele ter roubado a foto do tio dela. Claro, ele alegou que ela tinha simplesmente caído da mochila, mas aquela história não convencia ninguém. Especialmente pelo fato de ela ter certeza absoluta de que seus caminhos já tinham se cruzado antes.

Della ouviu duas pessoas andando atrás dela. Ah, então sua audição estava de volta? E reconheceu os passos, também.

— Ei! — chamou Kylie, parando de um lado dela e Miranda do outro.

Della olhou para Kylie.

— Como foi o piquenique?

— Bom — disse Kylie, sempre evitando dar detalhes quando falava do seu namoro com Lucas. — Ele deveria me encontrar aqui — disse ela, olhando em volta.

— Você viu Perry por aí? — perguntou Miranda, colocando atrás da orelha o cabelo loiro com mechas cor-de-rosa, verdes e pretas.

Della nunca tinha entendido muito bem aquele cabelo psicodélico de Miranda, mas parecia ser sua marca registrada, e, talvez, uma vontadezinha de se destacar na multidão.

— Não — disse Della, pensando em sua manhã. — Acho que não o vi no café da manhã também. Lançou alguns feitiços no seu encontro de bruxas?

— Não. — Miranda revirou os olhos. — Não ficamos lançando feitiços o tempo todo.

— Por que não? — perguntou Della. — Se eu pudesse lançar feitiços, faria isso o tempo todo.

Miranda balançou a cabeça.

— O nosso lema é não causar nenhum mal.

— Isso não parece muito divertido.

— Ainda bem que você não é bruxa! — exclamou Miranda. — Esse seu jeito só lhe traria karma ruim.

— Não há nada de errado com o meu jeito — Della insistiu.

— Sejam boazinhas, vocês duas — disse Kylie, fitando as duas amigas com um olhar severo.

— Desculpe, mas ser boazinha é um pé no saco — disse Della, lembrando-se de Jenny.

Ela olhou ao redor para ver se a garota estava por ali. Não estava. Mas ela viu Chase a poucos metros dos outros, olhando para o bosque como se quisesse sumir dali. Como se não se sentisse muito entrosado. Della recordou sua primeira semana ali. Se não tivesse sido por Miranda e Kylie, ela teria se sentido perdida. De repente, Chase olhou para trás. Seu olhar encontrou o de Della e o prendeu.

Ela franziu a testa.

Ele sorriu.

Miranda bateu nos ombros de Della.

— Eu acho que ele gosta de você.

— Pois não deveria — Della rebateu e desviou o olhar.

— Por que não? — perguntou Perry, parando ao lado de Miranda e deslizando a mão pela cintura dela. Sempre que a bruxinha estava dentro do raio de alcance do metamorfo, os braços dele estavam à volta dela. — Ele parece um cara decente para mim. É claro que Steve vai matar o vampiro se ele começar a dar em cima de você.

— Steve e eu não... — Della parou de falar e ficou enfurecida quando Miranda ficou na ponta dos pés e lascou um beijo de desentupidor de pia no metamorfo.

— Eles são uns fofos, não acha? — Kylie sussurrou no ouvido dela.

Della olhou para Kylie e copiou a marca registrada de Miranda revirando os olhos de modo exagerado. Kylie deu uma risadinha.

Ela abriu a boca para avisar Kylie que estava dando o fora dali quando Chris começou a falar. Suspirando, Della olhou para a frente e sua curiosidade voltou a espicaçá-la.

— Bem-vindos! — disse ele, falando de um jeito que fazia a Hora do Encontro parecer mais um espetáculo circense. O cara realmente gostava de ser o centro das atenções. Como era da Califórnia, ela se perguntava se ele não teria um pezinho no mundo do cinema. Tinha aparência e personalidade para isso.

— Vamos ver o que temos aqui primeiro... — Seu olhar passeou pela multidão.

Della prendeu a respiração, esperando que estivesse errada em suas suposições. *Que ele não olhe para mim. Que ele não olhe para mim.*

Ele olhou para ela. *Droga! Droga! Droga!*

Chris puxou um pedaço de papel do seu chapéu idiota. Desdobrando-o lentamente, como se quisesse deixar tudo ainda mais dramático, ele nem sequer olhou para baixo antes de começar a

falar. Não precisava; obviamente sabia o que iria dizer. Sorriu e fez uma pausa, apenas para aumentar a expectativa.

Deus do céu! Ela tinha vontade de ir até lá e puxar as orelhas daquele vampiro até ele falar de uma vez!

Chris finalmente limpou a garganta.

— Della Tsang, eu, Chris Whitmore, estou disposto a doar um litro de sangue ao nosso banco, para passar uma hora com você.

Chris?! O queixo dela caiu. Os olhos de todos estavam sobre ela.

Suspiros e exclamações jorraram da multidão.

— Olha só!... — murmurou Perry.

— Olha o quê? — perguntou Lucas, parando ao lado de Kylie.

— Chris acabou de doar um litro para passar uma hora com Della — respondeu Miranda à pergunta de Lucas.

Lucas olhou para Della.

— Eu não estou surpreso. Faz um tempão que ele está a fim de você. E agora que Steve está passando mais tempo ajudando o médico, Chris está tentando tirar vantagem disso.

— Um pouco ardiloso da parte dele, eu diria — comentou Perry.

— O que você esperava? — acrescentou Lucas. — Ele é um vampiro!

Kylie deu uma cotovelada nas costelas de Lucas. Ele resmungou e olhou para Della.

— Desculpa.

Normalmente, Della faria um comentário mal-humorado, mas não disse uma palavra. Estava... atordoada. Claro, ela se lembrava de uma vez em que tinha sentido certa tensão no ar entre Steve e Chris, e ouvido um boato de que os dois estavam a fim dela, mas... Bem, ela não tinha acreditado muito.

— Eu doo dois litros para passar uma hora com ela! — falou uma voz na multidão.

O olhar de Della procurou o dono da voz. Chase.

Ela prendeu a respiração e apertou as mãos em punho.

Chris olhou em torno, localizando Chase, e a expressão do vampiro loiro endureceu. Seus olhos azuis brilharam iridescentes.

— Talvez de onde você venha os vampiros bebam sangue uns dos outros, mas aqui não.

O queixo de Della caiu um pouco mais. Aquilo não ia acabar bem...

— Eu não vou doar o *meu* sangue — disse ele. — Estou oferecendo dois litros do meu estoque pessoal. Quando vim para cá, estava por conta própria. Não viajo sem um estoque de sangue. Então, trouxe um pouco extra.

— Não importa — Chris rebateu. — Não é assim que as coisas funcionam por aqui. Isso não é um leilão.

— Eu pensei que se tratasse apenas de doação de sangue. — A disputa se acirrou. — Quanto mais sangue melhor. Talvez vocês não precisem realmente de sangue.

Os olhos de Chris ficaram mais brilhantes.

— Tudo bem.

— Agora Steve vai ter que matar duas pessoas... — Perry comentou.

— Você está bem? — Kylie murmurou perto do ouvido de Della.

— Claro que não! — disse ela. — Isso é ridículo!

— Eu doo três — Kylie falou instantaneamente.

Todo mundo se virou e olhou para Kylie. Incluindo Della. Kylie sempre vinha em seu socorro.

— Eu cubro a sua oferta e doo mais um — rebateu Chase.

— Cinco! — Kylie disse, sem recuar e fazendo cara feia para Chase.

Chris abriu um sorriso com malícia para Chase. Mas, então, Peter, o assistente de Chris na Hora do Encontro, falou.

— Você não pode doar cinco litros. Não é permitido.

— Não sou eu quem vai doar todos os cinco — respondeu Kylie, e pareceu hesitar um pouco, enquanto pensava. — Eu vou doar um, Miranda vai doar um e Lucas e... Perry e...

— São apenas quatro — concluiu Chase.

Della viu Kylie olhar em volta como se procurasse outra pessoa. Só mais uma pessoa, que se disporia a doar para Della.

— E Derek... ele vai doar mais um — disse Kylie com confiança.

Os olhos de Derek se arregalaram. Della esperou que ele dissesse a Kylie que não toparia. Estava chateado com ela por ferir os sentimentos de Jenny, mas alguns segundos de clima pesado se passaram e ele não disse nada. Na verdade, os olhos dele encontraram brevemente os dela e ele concordou.

— Conte comigo.

— E eu vou doar um litro, também — uma voz feminina disse baixinho atrás deles. Della se virou e seu olhar encontrou o de Jenny.

A camaleão parecia nervosa com todos os olhos sobre ela, porém não recuou. Mas Della não tinha acabado de ferir os sentimentos da garota? Não intencionalmente, mas... Jenny não sabia disso.

— Meu sangue é tão bom quanto o de qualquer pessoa aqui — ela disse, com os ombros tensos, mostrando que tinha coragem.

Chris voltou a olhar para Chase.

— Você está fora da disputa? — Todo mundo fitou o novo vampiro, esperando para ver se ele faria o seu lance. A pergunta não formulada pairava no ar: *Quanto sangue extra aquele novato tinha?*

— Acho que eu perdi. Ou não. Parece que vamos ter muita comida por um tempo. — Ele olhou para Chris e sorriu como se esse tivesse sido o seu plano o tempo todo. — Aliás, é assim que se deve promover uma campanha de doação de sangue.

Enfiando as mãos nos bolsos do jeans, ele se afastou. Não como um derrotado, mas com uma confiança que beirava a arrogância.

Della ficou olhando para ele, ainda confusa. Era isso que ele estava fazendo? Apenas tentando garantir um bom estoque de sangue para os vampiros? Ou...?

— Ok, vamos seguir em frente. — Chris começou a anunciar o nome das duplas que passariam uma hora juntas na Hora do Encontro.

Kylie se aproximou de Della.

— Eu não sei se ele zoou com a nossa cara ou não.

Della rangeu os dentes.

— Nem eu. Sinto muito.

— Não sinta. É por uma boa causa. E... Eu não quero que você tenha que fazer algo que não queira.

— Obrigada — agradeceu Della, a cabeça ainda em parafuso com o que tinha acontecido. E não apenas por causa de Chase, mas pelos doadores de sangue que tinham se oferecido para salvá-la.

Jenny se aproximou.

— Onde é que eu preciso ir para doar?

Kylie sorriu para ela.

— Eu vou mostrar a você hoje à tarde.

Della encontrou os olhos castanhos de Jenny.

— Valeu.

— Não foi nada — respondeu a menina.

Della imediatamente se sentiu mal, como se não merecesse a gentileza. Ela olhou para as pessoas que estavam à sua volta. As pessoas que tinham se disposto a doar sangue apenas para poupá-la de passar uma hora com alguém com quem ela não queria estar.

Amigos. Todos eles. Ela dizia a si mesma que só tinha amizade com Kylie e Miranda, mas tinha se enganado. Cada uma daquelas pessoas tinha se disposto a ajudá-la e, com certeza, se elas precisassem ela faria o mesmo.

Sem aviso, seus olhos começaram a arder e lágrimas ameaçaram deslizar pelo seu rosto. Ela desviou o olhar, piscando a fraqueza aquosa dos olhos. Ok, aquilo era só uma prova de que suas suspeitas estavam certas. Ela tinha que estar doente; por que outra razão estaria tão chorona?

*

Como sua hora tinha sido paga com sangue e ninguém esperava mesmo que ela a passasse com eles, Della começou a voltar para sua cabana. Leria o obituário e talvez uma soneca antes do início das aulas.

A ideia de matar aula e dizer que estava doente era uma tentação, especialmente com a leve dor de cabeça que ainda persistia. Mas como não queria, de maneira nenhuma, parecer fraca

diante de Burnett, desistiu de fazer o tipo “garota frágil” e disse a si mesma que podia ser durona.

Ela estava a meio caminho da sua cabana quando um som a fez parar. Água. Como um chuveiro ligado. Não, não era um chuveiro, era uma queda-d’água. Seria a cachoeira, o lugar assustador e misterioso que tinha dado nome à escola? O lugar que, segundo se dizia, era o ponto de encontro dos anjos da morte, os espíritos sobrenaturais responsáveis pelo julgamento dos sobrenaturais?

Ela inclinou a cabeça e escutou. Não poderia ser a cachoeira. Mesmo com sua superaudição, não poderia ouvi-la dali.

Compelida a ir vê-la, Della seguiu para a floresta, acompanhando o tilintar da água, que por alguma razão parecia mais sereno. Vários passos depois, deixou a luz do sol brilhante para trás e entrou na penumbra do bosque. O cheiro intenso de terra encheu o ar espesso. Algumas sombras provocadas pelo sol acima dançavam no chão da floresta. Não estava frio, na verdade, mas sob a égide das árvores o frescor do outono pairava no ar. Olhando para cima, ela observou as cores do outono: vermelhos, laranjas e tons de marrom-escuro tingiam as folhas. As cores da morte, lembrou a si mesma.

Ela continuou andando. Continuou ouvindo o som, sentindo-se quase fascinada, atraída pelo barulho suave de água jorrando. Depois de vários minutos, percebeu que devia ser a cachoeira mesmo que estava ouvindo, porque ela estava de fato indo na direção dela.

Della só tinha visitado o lugar uma vez. Kylie tinha implorado para que ela e Miranda fossem com ela. As duas tinham se recusado a ir, então se sentiram culpadas e foram atrás da amiga.

De repente parou de andar. Que diabos estava fazendo? Por que estava indo para a cachoeira? O lugar quase a matava de medo.

Ou pelo menos costumava ter esse efeito sobre ela.

Mas agora... ela não sentia tanto medo quanto antes... curioso. Ficou ali parada, remexendo a terra com a ponta da bota preta na tentativa de descobrir o que a fazia continuar em frente. Ah, mas que inferno, os anjos da morte ficavam na cachoeira. Diziam que eles dançavam nas paredes atrás da queda-d’água. Ela não tinha necessidade nenhuma de vê-los dançar ou de ser julgada por eles.

Della não achava que tinha cometido nenhum crime tão grave a ponto de quererem queimá-la viva — e de acordo com Miranda, isso poderia realmente acontecer —, mas de jeito algum ela poderia afirmar que sua alma era pura como um lírio branco. Droga, só naquela manhã ela tinha levado Jenny às lágrimas ao dizer a coisa errada. E seu fracasso parecia ainda pior quando Jenny a defendeu, oferecendo-se para doar sangue por ela.

Arrepios percorreram suas costas. Ela realmente devia dar meia-volta e retornar para sua cabana. Mas, então, o som ficou mais alto. Como música sendo tocada à distância. E se ela só chegasse mais perto, sem percorrer todo o caminho até lá?

Ela continuou avançando, mais assustada pela sua falta de medo do que pelo próprio medo.

Algo não parecia certo.

De repente, ansiosa para acabar logo com aquilo, começou a correr — um movimento rápido, tão rápido que as árvores tornaram-se apenas borrões à esquerda e à direita. Tão rápido que a respiração dela estava ofegante e seu cabelo voava para todo lado, chegando a pinicar um pouco quando batia em seu rosto. Mas ela seguiu em frente. Continuou esperando por aquele sentimento incômodo, aquela sensação de que não deveria chegar mais perto.

Ela não veio.

Della nem sequer pensou em que direção tomar, simplesmente seguiu o barulho da água. O som borbulhante e suave tornou-se hipnótico. Ela parou abruptamente na beira do lago. Uma fina cortina de água caía de uma altura de cerca de vinte metros, espalhando minúsculas gotas d'água sobre as pedras e uma variedade de plantas.

Embora a maior parte da floresta tivesse se transformado com a estação, estranhamente ali a cor verde predominava. A paisagem até exalava um aroma verdejante. Fresco, limpo. Um pouco como a primavera. Cheirava à vida, à vida renascendo.

O sol pulverizava a luz dourada através das árvores, fazendo com que todas as gotículas de água brilhassem como luzes de Natal. A vista parecia saída de um conto de fadas. Um mágico país das maravilhas que não existia.

Della se lembrava claramente de estar de pé quase no mesmo ponto, meses antes, e não sentir nada que não fosse o mais puro terror. Onde estava esse terror agora?

Era assim que Kylie via aquele lugar? Mas, uau!, por que ele parecia tão diferente agora? O que isso significava? Será que significava alguma coisa?

Ela queria entrar na água, entrar atrás da lâmina d'água, para absorver tudo, mas algo a deteve. Algo dentro dela disse: *Ainda não, e talvez nunca*.

De onde diabos vinha aquela voz?, perguntou-se, e, em seguida, sentiu-se um pouco ofendida.

— Por que não agora? Por que não já? — As perguntas escaparam de seus lábios e, por mais ilógico que parecesse, ela sentiu como se alguém a escutasse. Mas quem? Quando nenhuma resposta flutuou no ar, ela lançou no ar outra pergunta. — Quem é você?

Nenhuma resposta ainda. Ela teve, então, a impressão de que não deveria estar ali. De que não era bem-vinda. Deu um passo para trás, todo o seu ser imediatamente se enchendo do mesmo terror que sentira da última vez. A beleza do lugar subitamente desapareceu aos olhos dela, e somente o terror se manteve. Quando estava prestes a se virar e voar dali, ela ouviu. A pressão sutil de um galho. Havia alguém... ou algo... atrás dela.

A dor explodiu na parte de trás da sua cabeça, como se tivesse sido atingida por... por...

Ela caiu de joelhos, manchas negras apareceram diante dos seus olhos, e a última coisa que viu foi a figura sombria de algo dançando atrás da queda-d'água.

Capítulo Oito

O cheiro era medonho. A náusea começou a contrair sua garganta.

— Será que ela está acordando? — perguntou uma voz em algum lugar distante. Ela reconheceu a voz. Holiday.

Della sentiu a mão de alguém se movendo debaixo do seu nariz, aproximando dela o cheiro. Rosnando, ela estendeu a mão e pegou a outra para afastá-la do nariz. Só então abriu os olhos. Só então viu o dente de alho descascado.

Só então descobriu que estava bem diante de Steve.

— Sou eu — avisou ele.

— Isso fede! — ela rugiu, sacudindo a mão dele até que derrubasse o alho.

Ele olhou para ela com preocupação.

— O alho funciona como sais de cheiro para os vampiros. — Seu olhar saltou para a mão dela. — Você se importa de *não* quebrar o meu pulso?

Ela afrouxou o aperto e tentou recuperar o controle da situação. Tentou entender o que estava fazendo... ali. Tentou descobrir onde era "ali" e como, pelo amor de Deus, ela tinha ido parar... Ali.

— O que aconteceu? — Uma voz grave perguntou de repente. A pergunta deu várias voltas no seu cérebro dolorido.

Cérebro dolorido ou cabeça dolorida?

Seu olhar se moveu e ela viu Burnett em pé a vários metros de distância da maca em que ela estava deitada.

Mas que ótimo! Queria tanto parecer capaz aos olhos dele e agora isso! Mas exatamente o que tinha acontecido, isso ela ainda não sabia.

— Graças a Deus você está bem! — Holiday, com sua imensa barriga, correu até a maca.

— O que aconteceu? — perguntou Burnett novamente.

Della piscou e tentou encontrar a resposta à pergunta de Burnett, bem como a cerca de uma dezena de outras que pululavam na cabeça dela.

As palavras "não sei" formaram-se na sua boca, mas ela sabia que seriam mal recebidas por Burnett, então se esforçou para encontrar uma resposta melhor.

O problema era que ela não tinha nenhuma melhor.

— Eu... Eu... — Fragmentos de lembrança começaram a voltar à sua memória. Ela tinha ido dar uma volta e terminou na... Ela queria se sentar.

Steve, de pé perto dela, tentou ajudá-la. Ela não aceitou. Não precisava de nenhuma ajuda, muito obrigada.

Sentando-se, balançou os pés na borda da maca e olhou ao redor do cômodo. Em meio ao cheiro de alho e o aroma picante de Steve, ela sentiu o cheiro de... animais.

Um cartaz de dois gatinhos perseguindo uma borboleta chamou sua atenção, e, em seguida, seu olhar voou de volta para Steve. O preocupado Steve.

Ela se deu conta de que estava no consultório do médico veterinário. Que funcionava também como consultório médico para seres sobrenaturais. Pelo menos uma de suas perguntas estava respondida. Agora ela só precisava saber por quê.

Burnett limpou a garganta, o olhar fixo nela, como se esperasse que ela respondesse à sua pergunta. E ele não parecia estar com muita paciência.

— Saí para correr um pouco. — Ela se esforçou para pensar. — Acabei na cachoeira.

Lembrou-se de ouvir o barulho de água corrente, mas por alguma razão aquilo parecia loucura demais para dizer.

— Eu... Eu estava indo embora, mas ouvi alguma coisa, ou alguém, atrás de mim.

— Isso explica o galo na sua cabeça — disse Steve. — Alguém bateu em você com alguma coisa.

O olhar de Della voou para Holiday.

— Será que os anjos da morte fariam isso?

As sobrancelhas de Holiday se uniram.

— Por que eles iriam bater na sua cabeça?

— Porque não me queriam lá, porque são uns idiotas, porque a mãe deles os vestia com roupinhas ridículas quando eram apenas querubins de fralda. Sei lá! — A náusea voltou a atacá-la quando sentiu o cheiro do alho ainda no chão.

— Eu não acho que tenham sido os anjos da morte — disse Burnett. — O alarme tocou cerca de três minutos antes de Holiday encontrá-la.

Holiday inclinou-se um pouco na direção de Burnett.

— Poderia ter sido apenas alguém curioso para ver a cachoeira e que se assustou quando Della apareceu.

— Isso não dava a ninguém o direito de bater nela — rebateu Steve, a emoção endurecendo a sua voz.

Burnett fez uma careta e olhou para Steve.

— Você pode, por favor, tirar esse alho daqui?

Steve concordou a cabeça, em seguida olhou para Della.

— Fique longe da cachoeira de agora em diante.

Della lhe lançou um olhar duro. Já era ruim o suficiente ter que aguentar Holiday e Burnett. Steve não tinha o direito de ficar lhe dando ordens. Ele não era nada dela. O metamorfo pegou o dente de alho e saiu da sala.

Holiday se aproximou no seu andar gingado de grávida.

— Felizmente, eu estava indo para a cachoeira, ou você ainda poderia estar lá inconsciente.

Então Holiday a tinha encontrado.

— Por que alguém iria aparecer só para bater na minha cabeça? — Instantaneamente, a fúria de Della irrompeu. — Que tipo de covarde bate na cabeça alguém? Por que não me enfrentou e lutou?

— Talvez tenha algo a ver com a pessoa que matou o casal — disse Burnett. — Se você farejou o cheiro dele, quando sobrevoou Shadow Falls, talvez ele tenha sentido o seu também. Você sentiu o cheiro do intruso antes que ele batesse em você?

Della tentou se lembrar.

— Não, eu... não senti. — Ela se perguntou se o seu olfato ia e vinha assim como sua audição. Como ela estava num consultório médico, talvez devesse mencionar isso, mas lembrando-se da convicção de Burnett de que ela não era forte o bastante para ser uma agente da UPF, mordeu a língua. — Eu... acho que estava meio assustada por estar na cachoeira. — Não era mentira, mas...

Burnett assentiu como se entendesse. Della desejou acreditar também. Alguma coisa estava acontecendo com ela.

— Mas, se era o mesmo cara que matou o casal, por que ele iria se contentar em bater na minha cabeça? Nós já vimos do que ele é capaz.

Ela se encolheu por dentro ao recordar a imagem do casal banhado em sangue.

— Talvez os anjos da morte a tenham salvado — sugeriu Holiday, que por ser capaz de falar com fantasmas, tinha uma certa conexão com os anjos da morte também. — Talvez o tenham assustado. — Ela colocou a mão no braço de Della. O toque quente da *fae* afugentou o pânico que brotava no peito de Della. Pânico que provavelmente Holiday tinha captado com suas habilidades de *fae*.

Constrangida por se deixar dominar pelo pânico, ela afastou o braço do toque de Holiday.

— Eu estou bem.

— Deve ter sido perturbador — disse Holiday.

Perturbador? Foi irritante, isto sim.

— Eu estou bem — ela murmurou novamente.

Ficaria bem quando pegasse o desgraçado que tinha batido na sua cabeça.

Burnett olhou para Holiday.

— Se os anjos da morte a protegeram, você acha que poderia levá-los a nos dizer alguma coisa?

A ideia de realmente tentar se comunicar com os anjos da morte causou outro arrepio na espinha de Della.

— Eu acho melhor não incomodá-los com isso — disse Della. — Se foram eles que bateram na minha cabeça, podem decidir agora voltar para terminar o serviço.

Holiday balançou a cabeça.

— Eu não acho que os anjos da morte fizeram isso, Della. — Então ela olhou para Burnett. — Não é como se eu pudesse simplesmente pegar o telefone e perguntar a eles.

Burnett não parecia feliz.

— Mas você já recebeu mensagens e visões deles.

— Quando eles sentem que é necessário — disse Holiday, e então parou. — Francamente, o meu nível de comunicação não chega nem perto do de outra pessoa.

— Kylie — adivinhou Burnett, acenando com a cabeça. — Logo que eu voltar, vou falar com ela sobre isso.

Steve voltou para a sala, e dessa vez o doutor Whitman estava com ele.

— Olá. — O médico usava um avental branco e cheirava à anestesia e a cachorro. Sem dúvida, ele realmente cuidava também dos animais no consultório. Claro, ela devia ter adivinhado pelo pote de biscoitos de cachorro em cima do balcão. Della deu uma espiada no padrão do homem, metade *fae* e metade humano.

O olhar do médico recaiu sobre Holiday.

— Como está se sentindo? Lembra-se de que temos um encontro na próxima semana?

— Nós vamos estar lá — disse Burnett. Por alguma razão, ele agora parecia menos o sujeito durão e mais um marido amoroso. Pensando bem, ela já tinha chegado à conclusão de que ele não era o cara durão que fingia ser.

Holiday acenou para Della.

— Ela vai ficar bem?

— Ah, está falando desta vampirinha aqui? — O médico se aproximou de Della. — Eu acho que ela vai ficar bem — disse ele, mas pareceu aturdido quando levantou o queixo de Della para olhar nos olhos dela. — Você tem uma concussão. Mas... praticamente nunca se ouviu falar de concussões em vampiros. O vírus...

— Eu tenho um vírus? — Della perguntou, pensando que poderia ser a causa das falhas na sua audição.

— O vírus do vampirismo — disse Steve.

— Ah... — disse Della, pensando que o médico havia encontrado outra coisa.

O doutor Whitman continuou:

— O vírus V1 na realidade fortalece todos os vasos sanguíneos e promove a cura antes que ocorra qualquer inchaço real ou concussões.

— Então por que eu tenho uma concussão?

O médico acendeu uma luzinha em seus olhos.

— Bem, existe uma exceção. — Sua testa se franziu como se ele estivesse perplexo novamente. — Mas eu não teria notado se não tivesse...

— Não tivesse o quê? — perguntou Della, não gostando de ver que o homem não terminava suas sentenças.

Ignorando a pergunta de Della, ele andou ao redor da maca e começou a separar o cabelo de Della, tocando no galo da cabeça. Ela se forçou a não se encolher de dor.

— Dói? — o médico perguntou.

— Na verdade, não — ela mentiu.

— Dói, sim — desmentiu Burnett, o detector de mentiras ambulante, franzindo o cenho.

Della revirou os olhos para ele.

O médico continuou a examinar o galo.

— Você tem um galo do tamanho de um ovo de ganso. E...

— E o quê? — Della murmurou, sentindo-se como uma idiota por estar ali.

— E eu estava certo — disse o médico.

Della se virou e olhou nos olhos castanhos do homem.

— Estava certo sobre o quê?

— Ontem havia um artigo na revista *Supernatural Medical* dizendo que um golpe num ponto exato, um centímetro e meio atrás da orelha direita, pode causar uma ligeira hemorragia num ponto fraco do cérebro afetado pelo V1. Embora as chances de causar um dano real sejam poucas, pode deixar um vampiro inconsciente.

— O que poderia ser considerado um dano — Burnett concluiu.

— Não estou gostando disso — acrescentou Steve, olhando para Della, a preocupação ainda evidente em seus olhos.

O médico coçou o queixo.

— É quase coincidência demais.

— O que é coincidência? — perguntou Della.

— Ler sobre isso num dia e vê-la com um ferimento assim no dia seguinte. É quase como se...

— Você está sugerindo que alguém que tenha lido esse artigo fez isso de propósito? — Burnett perguntou, parecendo irritado com o diálogo inacabado entre Della e o médico. — Por que diabos alguém iria publicar uma coisa dessas? Por que revelar ao mundo o nosso ponto fraco?

— O artigo era sobre um estudo médico — respondeu o médico, como se isso o tornasse inofensivo. — E eu não estou dizendo que foi intencional, eu... Estou dizendo apenas que é uma coincidência.

— Eu não acredito em coincidências — afirmou Burnett.

Nem Della. Mas o tipo de cara que lê revistas médicas não costuma sair por aí golpeando as pessoas na cabeça, certo? Aquilo não fazia sentido nenhum.

Mas, por outro lado, nada em sua vida fazia muito sentido, não desde que tinha contraído o maldito vírus V1. Ela devia estar acostumada com coisas bizarras. Não estava acostumada era com gente golpeando sua cabeça. Gente fazendo com que ela ficasse mal na frente de Burnett. Desse jeito, ela nunca iria provar que podia ser uma agente da UPF.

Mas assim que descobrisse quem tinha feito aquilo com ela, o folgado iria pagar caro por isso. E ela iria garantir pessoalmente que ele pagasse. Assim talvez subisse no conceito de Burnett.

Ela até esperava que ele fosse o assassino do casal, porque isso tornaria sua justiça ainda mais doce.

Poucos minutos depois, o médico tinha acabado de verificar sua pressão sanguínea e instruído Della para que pegasse mais leve nos próximos dias, quando escutaram alguém bater na porta.

Uma garota de uns 17 anos colocou a cabeça para dentro. Seus cabelos loiros iam até os ombros. Os grandes olhos azuis oscilaram entre o médico e Steve e, de repente, seu sorriso se alargou.

— Chegou um pessoal aqui. Amigos da paciente. — Ela olhou para Della. Seu sorriso desapareceu. — Ah, e pai, a senhora Ledbetter está aqui com seu gato. Eu a coloquei na sala dois.

— Tudo bem — disse o médico. — Já vou.

A garota deu um pequeno passo para trás, e Della viu Miranda e Kylie atrás dela. Miranda, sempre a mais impaciente das duas, se espremeu entre a garota e a porta e correu para Della.

— Você está bem? — perguntou Miranda, os olhos verdes cheios de lágrimas.

— Está tudo bem — disse Della, odiando parecer uma criancinha doente sentada num consultório médico. Um consultório médico que cheirava a cachorro.

Miranda soltou um suspiro profundo.

— Lucas disse que viu Burnett carregando você para o carro e trazendo-a para cá. Kylie e eu entramos em pânico.

— Ela vai ficar bem — tranquilizou Holiday.

— Estávamos preocupadas. — Kylie se dirigiu a Holiday enquanto entrava na sala.

— Por que não ligaram para nós?

— Porque eu não queria preocupá-las. Ia agora mesmo avisar vocês.

— Vocês deveriam ter me contado. Eu poderia ter... ajudado.

Por “ajudar”, Della sabia que Kylie queria dizer “curá-la”. Entre os vários talentos de Kylie, ela também era uma agente de cura. O único problema era que, toda vez que Kylie curava alguém, seu corpo começava a brilhar.

— Eu não preciso que ninguém me cure. Estou bem.

— Sempre há um risco quando se sofre um trauma na cabeça — disse Holiday. — Meus instintos diziam que eu precisava levá-la ao médico.

— Bem, seus instintos estavam errados. Eu estou bem — Della insistiu novamente. Ela olhou para cima e viu a loira, obviamente a filha do médico, ainda parada na porta. O olhar da menina estava fixado em Steve. Della verificou o padrão e viu que ela era em parte *fae*, em parte metamorfa. Um sentimento nada bonito se agitou dentro de Della quando ela sentiu o cheiro dos feromônios da garota poluindo o ar. Então ela tinha uma quedinha por Steve...

Não que Della tivesse algum direito sobre ele. Eles não eram namorados. Mas ainda assim...

— O que importa é que você está bem — disse Steve, falando como alguém que se importasse de verdade. Della também notou que ele não estava prestando atenção na loira. No entanto, a

garota prestava atenção suficiente pelos dois...

Kylie foi até a maca e apertou a mão de Della.

— Não me assuste assim. O que aconteceu?

— Que tal sairmos deste consultório lotado e que ainda fede a alho? Podemos explicar mais tarde. — Burnett acenou em direção à porta.

Seguindo as ordens de Burnett, todo mundo começou a se dirigir para a porta como bons soldadinhos. Della deslizou o traseiro para fora da maca.

Seus pés ainda não tinham encostado no chão quando Steve foi até ela e a segurou pelo braço como se tivesse medo que caísse.

— Para com isso! — ela sibilou em voz baixa.

— Parar com o quê? — ele perguntou.

— De me tratar como se eu fosse de porcelana.

— Só estou te tratando como alguém que se preocupa com você. — Então ele sussurrou no ouvido dela. — Me ligue quando chegar em casa. — E correu a mão pelo braço dela. O toque provocou uma pontada de emoção no peito dela.

Ela fez que sim com a cabeça e então franziu a testa quando percebeu que Steve continuaria ali, no consultório. Ali com a loira que poluía o ambiente com feromônios.

Estavam todos no estacionamento de Shadow Falls. Depois de receber na marra mais alguns abraços de Miranda, Della ficou olhando enquanto as duas amigas se afastavam. Ela estava entre Burnett e Holiday, esperando para ver se ia levar bronca por ter ido à cachoeira sozinha — esperando para ver se teria uma chance para perguntar a Burnett se já havia alguma novidade sobre o caso do assassinato.

— Você precisa ir para a cabana descansar — Holiday a aconselhou.

— Não, estou bem — Della insistiu.

— Não, você não está bem — rebateu Holiday. — Vá descansar e eu te encontro lá daqui algumas horas para conversarmos.

Ah, então a bronca viria mais tarde...

— Mas...

Burnett rosnou.

— Não discuta com Holiday.

Della soltou um profundo suspiro de frustração.

— Você já soube alguma coisa sobre a autópsia?

— Ainda não — disse ele.

— Quando receber, por favor me ligue.

— Não se preocupe com isso agora — aconselhou-a Burnett. — Você vai fazer o que Holiday disse e descansar.

— Vai me deixar trabalhar no caso, não vai?

Ele grunhiu outra vez.

Percebendo que era melhor ficar de boca fechada, Della se virou e começou a voltar para a cabana. Ao fazer a primeira curva da trilha, olhou para a floresta. Será que o rastro de seu agressor ainda estaria na cachoeira? Provavelmente era tarde demais.

Ou será que não?

A lembrança do terror que sentira durante aqueles poucos segundos antes do ataque fez seu estômago se contrair. Não era medo do intruso, ela nem tinha visto quem a atacara, mas medo da cachoeira, dos anjos da morte e do que representavam: julgamento. Ter sua vida devassada e todos os seus pecados atirados na cara como pedras.

O medo revirou suas entranhas e, jurando nunca deixar que ele a detivesse, Della se embrenhou floresta, de volta ao lugar onde toda a encrenca tinha começado, naquela manhã.

A sensação desagradável de não ser bem-vinda cresceu no seu peito enquanto se aproximava, mas ela não deu bola e seguiu adiante, sem deixar que aquilo a intimidasse.

Os anjos de morte iam ter que engolir sua visita.

Ou tentar impedi-la. Mais uma vez. Será que eles poderiam ter feito aquilo?

O que a confundia era não entender por que diabos ela não tinha sentido o mesmo incômodo ao ir até lá pela manhã. E por que, por alguns instantes, a cachoeira tinha parecido uma espécie de paraíso, e não um ponto de encontro arrepiante de mortos-vivos.

Parando a poucos metros da borda da floresta, ela respirou fundo. O barulho da cachoeira ecoava alto demais, como se quisesse afugentá-la. A umidade parecia deixar as árvores pesadas. Sombras escuras dançavam no chão, aumentando a atmosfera sobrenatural.

Ela afastou o terror que rastejava pela sua espinha como uma aranha de pernas peludas, levantou o queixo e respirou, esperando sentir algum cheiro.

Apenas o cheiro de terra molhada permanecia no ar. Mas, se alguém tivesse tocado em algo, o cheiro teria ficado por mais tempo. Ela chegou mais perto de algumas árvores, supondo que alguém pudesse ter tocado um galho. Nada. Seu olhar se desviou e recaiu sobre uma pedra no chão. Não era justamente o ponto onde ela tinha sido atingida? Será que era a pedra com que tinham batido na cabeça dela? Ela a pegou. Aproximando a pedra do rosto, respirou fundo.

Quando o cheiro penetrou o seu nariz, sua respiração ficou presa. Fúria, pura e simplesmente, começou a se acumular dentro dela, borbulhando no peito. Ela deixou cair a pedra, soltou um grunhido e saiu para fazer justiça com as próprias mãos.

Capítulo Nove

Della se escondeu atrás de um abrigo, em frente ao prédio da escola, checando o celular a cada minuto. Holiday não tinha avisado a que horas planejava fazer sua visita, mas se ela chegasse e Della não estivesse “descansando”, alguém pagaria caro por isso.

Della não planejava pagar nada, ela planejava cobrar.

E de uma pessoa em particular.

Olhava para uma das três salas de aula, mas sabia que não podia chegar perto o suficiente para sentir se ele estava lá... bem, pelo menos não sem ser vista. Mas as aulas acabariam em poucos minutos e, se ele não estivesse ali, ela teria que... A porta da sala se abriu e o vampiro novato foi o primeiro a sair; ela sentiu sua fúria aumentar um pouco mais.

Ele começou a caminhar em linha reta em direção à floresta.

Ótimo! Ela preferia não tirar satisfação em público.

Esperou alguns minutos até o amontoado de alunos se dispersar, então o seguiu.

Será que ele sabia que ela estava ali? Provavelmente. Como ela já tinha guardado na memória o cheiro dele, ele provavelmente tinha feito o mesmo.

Mas Della não se importava que ele soubesse. Era hora de terem uma conversinha. E ela não ia ser nada agradável. O inferno raramente era.

Ela viu a camiseta verde e a calça jeans desbotada movendo-se por entre as árvores. Della mal tinha passado a primeira fileira de arbustos, quando percebeu que ele tinha desaparecido. Ela rosnou, sentiu os olhos se incendiarem de raiva e ergueu o rosto na direção do vento para farejar o cheiro dele.

— Por acaso está me procurando? — Uma voz soou de cima.

Ela olhou para o alto. Ele estava sentado em cima de um galho, a cerca de quinze metros do chão, balançando descontraidamente as pernas, como se estivesse empoleirado ali o dia todo. Ou como se estivesse se exibindo.

Mas por quê? Então ele sabia trepar em árvores. Trepar em árvores bem rápido. Será que, só por fazer aquilo, ele se achava especial?

O sol espreitou por trás de uma nuvem e a fez piscar. Quando ela abriu os olhos, ele tinha desaparecido novamente.

Que tipo de joguinho ele estava fazendo?

— Eu vou encontrar você — ela resmungou. — E quando encontrar...

— Não vai ter que procurar muito. Estou bem aqui — veio a voz de trás de uma árvore.

Ela se atirou para a frente, pronta para esganá-lo, mas só encontrou espaço vazio.

— Atrás de você — disse ele, tão perto que ela pôde sentir seu hálito na nuca.

Ela deu meia-volta, agarrou-o pela camisa e deu um puxão.

— Pare com isso! — ela sibilou, esmagando entre os dedos um punhado de tecido de algodão verde.

— Parar com o quê? — ele perguntou, com os olhos claros de jade tão próximos que ela viu as pupilas dele se dilatarem.

Ela torceu o tecido na mão, quase a ponto de rasgá-lo, só para que ele soubesse que ela falava sério.

— Você me agrediu e vai se arrepender por isso.

— Agredi você? De onde tirou essa ideia?

— Seu cheiro estava naquela pedra perto da cachoeira.

— Sim, o senhor James, quer dizer Burnett, me pediu para ir até lá ver se alguém tinha deixado algum rastro, enquanto ele a levava ao médico.

Ela percebeu que o coração dele batia num ritmo normal. É claro que ele ainda poderia estar mentindo, mas... Por que mentiria se tudo o que ela tinha que fazer era perguntar a Burnett?

Um leve sorriso apareceu nos lábios dele, como se soubesse exatamente a que conclusões ela tinha chegado. Ele se inclinou um pouco na direção dela. Sua respiração agitou o cabelo de Della.

— Você fica uma gracinha quando está com raiva.

Ela o empurrou para trás.

Ele mal se moveu, dando a ela só uma folga de alguns centímetros, o que não era grande coisa. Ela ainda podia sentir a presença dele. Sentir o cheiro da sua pele. Ver o humor dançando nos olhos dele.

— Esta cachoeira é um lugar assustador, por sinal — comentou ele.

Ela quase perguntou se ele tinha conseguido sentir algum cheiro, mas não queria ficar devendo nada a ele.

Aposto que os anjos da morte estão loucos para pôr fogo nos fundilhos desse vampiro metido à besta. Ela lembrou a outra razão por que precisava ter uma conversinha com ele.

— Na noite passada, você estava me seguindo?

— Seguindo você?

Os caninos dela se projetaram um pouco.

— Eu vi você quando fui encontrar Burnett no portão para ir...

— Investigar o caso da UPF? — perguntou ele, terminando a frase por ela.

Ela apertou as mãos em punho.

— Você estava lá.

— Sim, mas não estava seguindo você. Eu não conseguia dormir e resolvi ir correr um pouco. Desculpe, não queria interromper o seu pequeno encontro.

Então o cretino tinha visto ela e Steve juntos. Será que ela tinha ao menos tentado detectar alguém? Della rosnou para o vampiro.

O sorriso dele se alargou, como se ele se deleitasse em saber que a tinha pego no flagra. O que significava que, a partir daquele momento, ela não podia deixar que ele a pegasse desprevenida. Tinha que ignorá-lo. Dar tanta atenção a ele quanto daria a um inseto perambulando furtivamente por uma folha morta.

— Tudo bem. — Ela se virou para ir embora, mostrando desinteresse; os saltos de suas botas pretas deixando sulcos na terra. *Adios, muchacho!*

— Ei, não tão rápido! — ele exclamou, aparecendo na frente dela e bloqueando o caminho.

Caraca, ele era rápido! Quase tão rápido quanto Burnett. Não era à toa que tinha conseguido se esconder dela nas árvores.

Della cruzou os braços e o fuzilou com seu melhor olhar "Vá pro inferno!". Ele não foi a lugar nenhum, só ficou ali encarando-a, como se esperasse ela pedir licença. Mas se Della reclamasse, isso significaria que ele estava levando a melhor, então ela ficou ali, como se a presença ou o olhar dele não a afetasse nem um pouco.

Mas afetava. E isso a irritava a ponto de querer arrancar os cabelos.

— Será que dá pra você fazer uma trégua? — ele finalmente perguntou.

— Trégua pra quê? Pra você fugir antes que eu te quebre ao meio?

Ele riu. E ela não tinha intenção de ser engraçada. Mas que maldição! O cara era como um pernilongo zumbindo no ouvido dela. Tudo o que ela queria era esmagá-lo entre as mãos e limpar os restos na calça.

Ela o contornou e continuou a seguir em frente.

— Será que não podemos conversar? — ele perguntou, como se estivesse bem atrás dela.

Sobre o quê? Que diabos ele tinha para conversar com ela?

— Sem chance! — ela rugiu, e continuou andando. Queria sumir dali, colocar a maior distância possível entre eles, e quanto mais rápido melhor, mas isso só iria fazer com que ele soubesse quanto a deixava irritada.

— Ah, fala sério. Eu quase acabei com o meu estoque de sangue só para você não ter que passar uma hora com aquele sanguessuga oxigenado.

Ela parou e se virou tão rápido que ele trombou com ela. Então Chase a pegou pelos braços e a segurou. Seus corpos estavam colados. Os peitos dela pressionados contra o peito dele. E como os peitos em questão não eram tão grandes assim, isso significava que estavam muito, mas muito próximos mesmo. Ela deu um passo para trás.

— Pensei que tinha feito aquilo só pra ajudar na doação de sangue. Quer dizer que foi pra me irritar?

Ele deu de ombros.

— Talvez tenha sido um pouco de cada.

— Por quê? — ela perguntou, agora curiosa e ainda mais desconfiada. Ela tinha quase certeza de que já tinha cruzado com aquele vampiro antes. Seu cheiro, seu rastro, estava em seu banco de memória. E isso despertou nela um vago sentimento de perigo.

— Por que o quê?

— Por que você iria desistir do seu sangue por mim?

— Para bater um papo. — Ele deu de ombros. — Acho que começamos com o pé esquerdo.

Ela ouviu novamente o coração dele bater firme e sincero.

— Eu sou novo aqui — continuou ele. — E vou te falar... este lugar não é exatamente um coração de mãe. Você é a única com quem me dei bem.

Como é que é? Quando é que eles tiveram...

— A gente não se deu bem porcaria *nenhuma*! — ela retrucou. — Se não se lembra, eu estava a ponto de quebrar a sua cara.

Ele sorriu.

— Mas não quebrou.

— Teria quebrado se Burnett não tivesse aparecido.

— Você teria tentado. Mas vou deixar isso passar batido.

Ela mal conseguiu abafar um grunhido frustrado.

— Sabe, se você não fosse tão insuportavelmente arrogante, conseguiria fazer alguns amigos por aqui.

— Eu não sou arrogante. Sou confiante. Sei que às vezes parece quase igual, mas não é.

Della tinha uma vaga lembrança de dizer quase a mesma coisa a Miranda. Mas ela não tinha que dizer a ele que concordava. Francamente, ter alguma coisa em comum com aquele bocó a deixava fula da vida.

— Ah, tá, vai sonhando... — Ela se virou e começou a voltar pelo mesmo caminho.

— O que foi? Tem medo que seu amiguinho metamorfo não goste de ver a gente andando junto por aí?

Ela parou e se virou novamente, mas dessa vez colocou as mãos na frente do corpo, para evitar que ele a tocasse. Não deu certo. Agora ele não estava tocando no corpo dela, mas ela sim. As palmas das mãos dela pressionavam firmemente o peito de Chase. O coração do vampiro batia contra o peito e a vibração derretia nas palmas dela. Ele podia sentir sua sólida massa muscular, sentir o toque gelado da sua pele de vampiro. Ela encolheu os braços.

— Eu não tenho medo de nada. — Era mentira. Ela tinha medos, sim, uma penca deles. Dos anjos da morte, de fantasmas, de perder as pessoas que amava, de vez em quando até de uma aranha, mas esperava que ele não estivesse ouvindo o ritmo revelador de seu coração mentiroso.

— Então vocês dois não têm um rolo? — ele perguntou, arqueando uma das sobrancelhas pretas.

O celular no bolso de trás da calça dela tocou. Usando-o como desculpa para não responder à pergunta, e talvez até para não pensar no assunto, ela pegou o celular cor-de-rosa. Sua mente foi

imediatamente para o primo vampiro fora da lei, Chan, que ainda não tinha retornado a ligação dela. Mas e daí? Ela também não tinha retornado a ligação dele uma semana antes, embora na mensagem ele tivesse avisado que não era nada importante. Provavelmente tinha ligado de novo para tentar convencê-la a deixar Shadow Falls. Ele parecia não entender por que ela gostava de morar ali em vez de fica nas ruas. E ela não conseguia entender como ele conseguia viver daquele jeito.

Seu olhar captou o número no visor do aparelho. Merda!

Não era Chan.

Era Holiday. Sem dúvida ela estava na cabana de Della e, provavelmente, aborrecida por a vampira não ter seguindo suas instruções e descansado. Mas, dane-se, ela não precisava de descanso. E nem que Holiday ou Burnett ficassem aborrecidos com ela...

— Tenho que ir — ela gemeu, e decolou.

— Vamos bater outro papinho um dia desses! — ele gritou.

— Claro, quando começarem a servir sorvete de graça no inferno! — ela gritou e continuou em frente, sabendo que provavelmente era para lá que Holiday a mandaria quando a encontrasse. E depois Holiday contaria a Burnett, que a mandaria para o inferno de novo, caso ela já tivesse voltado de lá.

Della avistou Holiday antes de aterrissar. A *fae* grávida de cabelo ruivo estava sentada na varanda da cabana, com os pés balançando e a mão na barriga, com uma expressão de ternura enquanto sussurrava palavras carinhosas para o bebê. Della tinha quase mandado uma mensagem em resposta para Holiday, mas ela teria levado o mesmo tempo para chegar à cabana.

Ao aterrissar, derrapou diante dos degraus. Holiday olhou para ela. A boca apertada numa curva de desaprovação. Fossem quais fossem as palavras de afeição que ela dizia ao bebê, não seriam endereçadas a Della.

— Você deveria estar descansando — repreendeu-a Holiday.

Della subiu os degraus da varanda.

— Desculpe, eu... Eu estava vindo para cá e de repente senti necessidade de voltar à cachoeira para ver se conseguia encontrar um rastro ou uma pista de quem fez isso.

— Sentiu necessidade de me desobedecer? — Holiday rebateu.

— Não, senti necessidade de pegar o otário que me nocauteou.

Holiday suspirou.

— Você desmaiou, Della. O médico disse para você ir com calma. Eu não queria que você saísse correndo por aí.

Della sabia que Holiday estava dando uma bronca porque se preocupava com ela, mas...

— Era importante para mim. Eu não gosto... — Sua garganta se apertou com a frustração e ela sentiu os olhos arderem, enquanto as lágrimas ameaçavam cair. Ignorando o sentimento, tentou explicar novamente. — Eu quero trabalhar para a UPF. Achei que se eu conseguisse descobrir quem tinha feito aquilo, Burnett veria que eu não sou fraca.

Holiday pareceu surpresa.

— Burnett não acha que você seja fraca.

— Ele acha, sim. Ele me disse que não acha que eu tenha capacidade para trabalhar para a UPF.

Ela fez uma careta.

— Eu não acho... Ele tem um grande respeito por você, Della.

— Não é suficiente para que ache que eu seria uma boa agente. E ainda disse que existem maneiras mais fáceis de se ganhar a vida. E isso porque sabe quanto eu quero ser agente.

O olhar de Holiday estava cheio de compreensão.

— Se ele estava tentando desencorajar você, e eu não estou dizendo que estava, provavelmente é porque é machista.

Della ficou chocada com a confissão de Holiday. Ela achava que a *fae* defenderia o marido.

— Foi isso o que eu pensei — disse Della. — É só porque sou uma garota, não é?

— Não me entenda mal, eu amo aquele homem mais do que a minha própria vida, e ele é do jeito que é porque se preocupa muito, mas, é verdade, ele é mais protetor com relação às mulheres. E, se esse bebê for uma menina, eu tenho um palpite de que ela e o pai vão travar uma batalha desde o primeiro dia para impor suas vontades.

— Não é justo! — exclamou Della.

— Eu sei que não. Mas... — Ela apontou o dedo para Della — se há uma coisa que Burnett procura num agente é obediência. Se não consegue acatar ordens, ele nunca vai confiar a você uma missão. E esse, senhorita, é o seu maior problema. A sua sorte é que eu decidi não telefonar para ele quando não a encontrei aqui.

Della quis argumentar, dizer que ir à cachoeira não tinha sido tanta desobediência assim, mais um desvio necessário às regras. Ela tinha as palavras na ponta da língua, mas as engoliu.

— Eu vou me esforçar para mudar isso — ela finalmente disse. Então se perguntou se o plano de Holiday não era levá-la a ver suas próprias falhas. Sim, Holiday era muito boa em manipulação... Bem, talvez não em manipulação, mas em incentivar a pessoa a ver que não estava agindo da maneira certa.

Holiday sorriu.

— Bem, e eu vou me esforçar para garantir que ele não deixe o machismo impedir você de realizar o seu sonho.

— Obrigada.

Holiday apoiou as palmas das mãos nas costas e se inclinou para trás. Sua barriga redonda era ainda mais evidente com as costas ligeiramente arqueadas.

— Agora que já resolvemos esse assunto, podemos falar sobre o que aconteceu este fim de semana na casa dos seus pais, e depois sobre a noite passada?

Della puxou as pernas contra o peito e passou os braços ao redor delas com força.

— Temos mesmo que falar sobre isso?

— Se temos? Não, mas eu gostaria que você se abrisse comigo. — Holiday olhou para Della. — Eu sei que você não gosta de falar dos seus problemas particulares. Respeito que seja um vampiro e que isso faz com que seja um pouco menos aberta. Sou casada com Burnett, que acha que pode resolver os problemas dele e do mundo sem a ajuda de ninguém. Mas até mesmo o meu marido está aprendendo que não é fraqueza nenhuma se abrir com alguém. — Ela olhou para o céu e depois voltou a olhar para Della. — Eu posso sentir a sua dor, e não estaria fazendo meu trabalho de conselheira se não tentasse ajudar.

Por um segundo Della pensou em dizer a Holiday sobre o tio, mas o medo de que, se ele estivesse vivo, não fosse registrado na UPF fez com que reconsiderasse. Holiday provavelmente contaria a Burnett, e ele podia se sentir obrigado a denunciá-lo.

— Não vai ajudar em nada eu falar dos meus pais — desabafou Della, decidindo que, embora não pudesse contar tudo a Holiday, talvez algumas coisas pudesse dizer.

— O que aconteceu?

— A mesma velha história de sempre. Eles veem todas as mudanças provocadas pelo vampirismo como uma espécie de rebelião da minha parte. Eu diria a eles a verdade se não soubesse que será mais difícil aceitarem isso do que qualquer coisa de que suspeitem que esteja errado. — O peito dela ficou pesado. — Eu odeio decepcioná-los. Eu odeio... — Ela engoliu em seco. — Odeio saber que estou magoando meus pais. — Lágrimas encheram seus olhos e ela desviou o olhar. — Sinto como se não pertencesse mais à minha própria família.

Ela secou as lágrimas que escorriam pelo rosto.

Holiday colocou a mão no ombro de Della. O calor do toque da *fae* aliviou a dor no peito de Della. Por mais que ela detestasse precisar daquele alívio, saboreou o toque reconfortante. Não é de admirar que Burnett tivesse caído de amores por Holiday. O toque da mulher era mágico!

— Eu sei que é difícil viver com um segredo entre vocês — disse ela. — E é tão injusto! Também sei que seria mais fácil fazer o que a maioria dos vampiros faz, deixá-los pensar que você morreu. É preciso coragem para fazer isso que você está fazendo. Admiro-a por isso. E por mais difícil que seja, vejo que acaba funcionando.

— Como pode funcionar se... acham que sou uma filha viciada e mentirosa.

Holiday suspirou.

— Assim que você atingir a idade adulta, eles vão reconhecer que você é um membro funcional da sociedade, presumir que sua fase de adolescente difícil já passou e vão superar tudo isso. Assim você vai poder manter o relacionamento com eles. Se seguir pelo outro caminho, vai perdê-los para sempre.

— Eu não tenho certeza se não vou perdê-los de qualquer maneira — disse Della. — Eu acho que já estão desistindo de mim. — O pai nem sequer falava sobre ela.

— Não, eles não desistiram — afirmou Holiday. — Eles te amam. Se não amassem, não se importariam. Sua mãe me liga pelo menos uma vez por semana apenas para saber como você está.

— Mas o meu pai, não — rebateu Della, e apesar de saber que tinha razão, ela prendeu a respiração esperando que Holiday dissesse que estava errada.

— Ele é homem. Os homens lidam com as coisas de forma diferente.

Sim, alguns homens simplesmente param de amar. Por alguma razão, ela se lembrou de Steve e da filha do médico. Será que Steve acabaria desistindo dela?

Della abraçou as pernas e deixou o silêncio pairando no ar. O fato de saber que a mãe estava ligando enviou uma onda revigorante de emoção ao peito dela... ou seria o alívio de saber que pelo menos um dos pais ainda a amava?

— Sobre ontem à noite e o que você viu... — disse Holiday.

— Está tudo bem — Della insistiu. — Se quero trabalhar para a UPF, vou ter que aprender a lidar com isso. E eu posso. — Pelo menos as imagens do crime tinham aparecido menos em sua cabeça.

— Sim, você vai ter que aprender, mas não tem que lidar com isso sozinha. Della, não diga a Burnett que eu contei, mas até ele precisa de alguém em quem se apoiar. Se você realmente quer trabalhar para a UPF, tem que aceitar que vai precisar de outras pessoas. Você tem que combater o mal com o bem. Senão, vai se perder na maldade de tudo isso. Ele pode obscurecer a sua alma e você vai perder toda a alegria de viver.

— Alegria será pegar o filho da puta que fez aquilo — sibilou Della, e logo em seguida a cena voltou a surgir na sua mente. Seu coração se encheu de vontade de fazer justiça. — Eu nem conhecia aquele casal, mas eles não mereciam aquilo.

— Eu sei. — Holiday segurou a mão de Della. — Mas antes que você comece a ajudar os outros, precisa começar a ajudar a si mesma. Eu tenho um palpite de que está procurando alguma coisa. Algo que você anseia. Mas também captei a sensação de que está adiando isso.

A verdade das palavras da *fae* causaram um baque em sua consciência. O tio dela. Encontrar algo para substituir o sentimento de família que ela sentia que tinha perdido. E o que ela estava adiando? Ler o obituário. Della desviou o olhar, não gostando de que Holiday pudesse ler os sentimentos dela de forma tão clara.

— Não se preocupe, não vou forçá-la a me contar nada. Só vou dizer uma coisa: seja o que for que esteja procurando, vá atrás, mas cuidado para não se arriscar demais. Eu conheço você, Della, e às vezes sei que age por impulso.

— Talvez eu só pense rápido. — Della sorriu, na esperança de deixar a conversa mais leve.

Holiday revirou os olhos como se soubesse exatamente qual a intenção de Della.

— Esse jeito de fazer as coisas faz parte da natureza dos vampiros, mas também faz parte da sua personalidade. Você tem mais coragem do que qualquer pessoa que eu já conheci. A coragem é uma qualidade admirável. Mas só receio que, mal utilizada, ela possa fazer mais mal do que bem.

Della assentiu.

— Vou tentar me lembrar disso.

— Faço questão — reafirmou Holiday, suspirando. Em seguida, a *fae* se sentou e colocou a mão em sua barriga de gestante.

Ainda querendo mudar de assunto, Della perguntou:

— O bebê está se mexendo muito?

— O tempo todo. Eu acho que vai ser impaciente como o pai. Quer sentir?

Della hesitou.

— Você não se importa?

— Nem um pouco. — Ela pegou a mão de Della e colocou-a sobre a barriga.

Della sentiu o movimento.

— Uau! Eu acho que o seu bebê acabou de me chutar. Isso é muito legal! — exclamou Della, com sinceridade. Ela não conseguia imaginar como era a sensação de ter uma pessoa crescendo dentro de si. — Estranho, mas legal. — Ela sorriu para a líder do acampamento. — E você está imensa. Tem certeza que não há dois desses aí dentro?

Holiday olhou para ela, carrancuda.

— Quer dizer que estou imensa? Muito obrigada...

Della franziu a testa.

— Desculpe, eu só quis dizer...

— Não se preocupe. — Holiday inclinou-se e bateu no ombro dela. — Eu estou imensa *mesmo*. E, não, não são gêmeos. Mas parece que meu bebê vai ser um vampiro dominante.

— Você fez um daqueles raios X? O que revela o padrão do bebê?

— Uma ecografia especial pode mostrar isso. Eu pedi para não me contarem. Quero que seja uma surpresa.

— Então, como tem certeza de que ele será um vampiro dominante?

— Os sobrenaturais só muito raramente têm uma gravidez de 40 semanas. Mas o ciclo gestacional de um vampiro pode realmente variar. Às vezes pode durar só uns quatro ou cinco meses.

— Uau! Então você pode ter o bebê a qualquer momento?

— Isso mesmo.

— Você está com medo? Do parto? — Della tinha visto um parto num documentário esquisito uma vez e tinha sido apavorante. Mostraram tudo. Até o bebê saindo. Depois disso Della passou a dar atenção redobrada aos métodos contraceptivos.

A *fae* olhou para a própria barriga.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não estou um pouco apreensiva. Mas estou mais preocupada com o bebê do que comigo.

Ela tirou o cabelo do ombro e deixou que a mão descansasse sobre a enorme barriga. Então, de repente virou a cabeça e olhou para trás, depois para a direita. O movimento rápido lembrou Della de quando Kylie...

— O que foi? — perguntou.

— Nada — tranquilizou-a Holiday, mas a frequência cardíaca da *fae* revelou que ela tinha contado uma mentirinha.

— É o fantasma? — Della puxou os joelhos para mais perto do peito.

Holiday fixou os olhos verdes em Della e em sua testa franzida.

— Sim. Como você sabia?

— Kylie disse que havia um por perto. Ela acha que pode ser um vampiro.

Holiday assentiu.

— Eu acho que ela está certa. Ele passou por aqui a toda velocidade.

Della também se lembrou de Kylie suspeitar de que poderia ser seu tio.

— Você o viu?

— Não — disse Holiday, continuando a olhar para a esquerda e a direita.

— Ele está se movendo realmente rápido!... — Ela encolheu os ombros. — Ele fez contato com Kylie? Ela sabe o que ele quer?

Della balançou a cabeça.

— Não, a menos que ela o tenha visto esta manhã.

— É estranho — disse Holiday.

— O que é estranho?

— Eu não entendo por que ele está visitando Kylie e eu. Geralmente eles só escolhem uma pessoa para fazer contato. E não devia estar por aqui se está tentando fazer contato com ela.

Ela se lembrou de Kylie dizendo que achava que o fantasma estava ali por causa de Della. Um arrepio percorreu sua espinha. De jeito nenhum ela queria que um fantasma se apegasse a ela!

Endireitando os ombros, Della olhou ao redor e, em seguida, perguntou:

— Você pode pedir a ele que vá embora?

— Não funciona bem assim com fantasmas...

— Por que eu sabia que você ia dizer isso? — Provavelmente porque Kylie já tinha dito.

Holiday tirou o telefone do bolso.

— Ai, Deus! Eu tenho que atender Perry no escritório agora!

Algo no tom de Holiday lhe chamou a atenção.

— Tem alguma coisa errada com ele?

Holiday hesitou.

— Não. Na verdade, não. É melhor eu ir. — Ela lançou um olhar severo para Della e apontou para a porta da cabana. — Agora você vai dormir um pouco e, se eu encontrar você correndo novamente por aí, terá que se entender com Burnett da próxima vez.

Holiday, com aquela barriga enorme, lutou para ficar de pé. Della se levantou de um salto para lhe oferecer a mão.

— Não faça isso parecer tão fácil! — murmurou Holiday, mas ela aceitou a mão de Della.

Della assistiu Holiday descer os degraus gingando, a barriga roliça seguindo na frente. Della se lembrou de repente.

— Ei, e o fantasma?

— Tenho certeza de que vai atrás de mim — afirmou Holiday. — Um fantasma normalmente só fica em torno de pessoas que podem detectá-lo.

Della esperava que a amiga estivesse certa. Mas, enquanto atravessava a soleira da porta, ela podia jurar que sentiu uma lufada de ar frio contra o braço. Um ar frio como se alguém passasse voando. Como se um vampiro passasse voando. Ela parou e olhou ao redor. Nenhum vampiro, nem mesmo um vislumbre de um vampiro muito rápido.

Mas o sentimento, a sensação de que não estava sozinha não desapareceu.

— Ah, merda! — murmurou.

Um fantasma normalmente só fica em torno de pessoas que podem detectá-lo. As palavras de Holiday ecoaram na cabeça de Della. Se ela sentia alguma coisa, não era porque estava detendo a presença de um fantasma? Ou ela tinha só imaginado? Nesse exato instante, algo vibrou contra o seu quadril. Ela quase pulou de susto antes de perceber que era seu celular. Devia ter acidentalmente colocado o aparelho no modo vibrar.

Feliz por terem interrompido seus pensamentos assombrados, ela tirou o celular do bolso. Achando e de fato esperando que fosse Chan, olhou o visor. Não era ele.

Capítulo Dez

— Por que você não me ligou? — Steve perguntou antes de qualquer outra coisa.

— Tinha umas coisas pra resolver e fiquei ocupada — justificou Della, sabendo que não era totalmente verdade. A verdadeira razão pela qual ela não tinha ligado era o medo. O medo de acabar despejando em cima dele algum comentário desagradável sobre a filhinha toda fofa do médico que tinha poluído o ar com todo tipo de feromônios enquanto devorava Steve com os olhos e aquele sorriso de anúncio de pasta de dente.

Della não podia estar com ciúme. Bem, pelo menos não devia. Ela não mandava em Steve. Não tinha o direito de exigir que ele ficasse longe da sirigaita loira de peitos maiores do que os dela, e que estava babando pelo corpo dele.

Mas dizer isso a si mesma não adiantava nada. Só deixava o ciúme ainda pior. Porque ela na verdade não tinha pensado sobre os peitos da garota até então.

— Muito ocupada para me ligar? — ele perguntou, parecendo ofendido.

— Foi mal... — desculpou-se ela, entrando no quarto, fechando a porta e se jogando sobre a cama. — Eu queria voltar para a cachoeira assim que tivesse uma chance. Ainda poderia farejar o rastro da pessoa que bateu na minha cabeça.

— O doutor Whitman disse para você descansar.

Ela revirou os olhos.

— Steve, eu já ouvi um sermão da Holiday hoje, não preciso que você me passe outro.

Ele bufou.

— Eu não estou... Só estou preocupado. O médico estava examinando o seu prontuário que eu preenchi depois que você saiu notou que sua temperatura estava elevada. Lembra que eu disse que você estava quente esta manhã? De qualquer forma, ele queria saber se eu tinha perguntado sobre o seu ciclo menstrual. E eu disse a ele que você ia ficar menstruada, mas a preocupação dele só me deixou mais preocupado.

Della estendeu a mão e tocou a própria testa. Será que ela estava com febre?

— Eu particularmente não gosto de saber que alguém bateu na sua cabeça. Será que Burnett tem ideia de quem fez isso?

— Não, acho que não. — Ela quase contou a ele que o cheiro de Chase estava na pedra, mas decidiu não falar nada. Steve já tinha deixado claro que não ia com a cara do vampiro e ela não queria pôr mais lenha na fogueira.

— Será que tem algo a ver com o caso que você está ajudando Burnett a investigar e com o intruso que farejou na cachoeira?

Ela franziu a testa.

— Ele mencionou que existe uma possibilidade.

— Por acaso o casal de namorados que morreu tem a ver com esse caso?

A imagem surgiu na cabeça de Della.

— Como você sabe do casal?

— Eu li sobre o acidente no jornal. Sei que às vezes camuflam as mortes quando se trata de seres sobrenaturais, então só supus... — Ele fez uma pausa. — Droga, eu não gosto nem um pouco disso... Um assassino pode estar atrás de você!

— Não sabemos se foi ele. E se voltar, ele é quem vai precisar de um médico.

Um silêncio pesou na linha e no quarto. Della olhou em volta. A porta do quarto estava aberta. Ela não a tinha fechado?

— Você viu mesmo? — perguntou Steve. — Viu o casal morto?

Ela inspirou, afastando os pensamentos da porta e voltando a pensar nas mortes.

— Sim.

— Puxa, lamento muito, Della. Quero dizer, deve ter sido uma barra pesadíssima.

— Foi, mas só me deixou mais determinada e com a certeza de que é isso que eu quero fazer. Capturar filhos da mãe como aquele. Fazê-los pagar pelo que fizeram. Impedir que façam novamente.

— Sim, mas eu não gosto de pensar em você andando por aí atrás desses psicopatas desgraçados...

E eu não gosto que você ande por aí com loiras burras a tiracolo! O silêncio pairou do outro lado da linha.

— Sinto muito. — A linha ficou em silêncio novamente. Ela tentou pensar em algo para dizer. *Então me fale sobre a filha do médico e da paixonite aguda que ela tem por você*. Ela mordeu a língua e pensou em outra coisa para dizer. Algo que não desse tanta bandeira de que estava morta de ciúme. — Então, você examina todos os pacientes que chegam na clínica? Até os animais?

— Examino — ele confirmou, como se soubesse que Della estava tentando mudar de assunto.

— E você gosta? — ela perguntou. *Gosta de ficar esbarrando toda hora na filha do médico?*

— Gosto. O doutor Whitman sugeriu que eu faça Veterinária se quiser exercer medicina para sobrenaturais. Ele disse que os poucos médicos sobrenaturais que ele conhece e que passaram pela escola de medicina regular têm muito mais problemas. E disse que eu poderia trabalhar com ele, se entrasse na faculdade. Além disso, gosto de animais.

Ela não pôde deixar de se perguntar se o bom doutor estava pensando em Steve como um genro em potencial.

— Você não tem que trabalhar como veterinário. Médicos sobrenaturais trabalham em hospitais normais. Eu sei, porque quando me transformei fui tratada por uma enfermeira e um

médico.

— Sim, mas com que frequência você acha que os sobrenaturais procuram um pronto-socorro? O que significa que eu iria atender principalmente humanos. Eu poderia abrir a minha própria clínica, mas ia enlouquecer como todas aquelas regulamentações do seguro saúde. Jessie me contou que o doutor Whitman e o sócio estavam conversando sobre a possibilidade de arranjar mais um sócio daqui a alguns anos, então quando eu me formasse não teria nem que abrir uma clínica e conseguir pacientes.

— Quem é Jessie? — perguntou ela, com medo de que já soubesse.

— A filha do doutor Whitman. Acho que você a conheceu. Aquela garota de sorriso bonito.

De sorriso bonito?

— Entendi... — disse Della.

E ela de fato entendia. A loira de sorriso bonito pelo jeito já estava com a vida toda planejada. E Steve fazia parte dela.

A pergunta era se Della estava pronta para se tornar um empecilho aos planos da garota. Ou melhor, se Della estava pronta para entregar seu coração.

Uma hora depois, quase às quatro da tarde, o conselho de Holiday para que Della fosse dormir ainda não tinha sido seguido. No entanto, não por falta de tentativa.

Depois de terminar a ligação com um certo metamorfo, Della ficou pensando nos peitos grandes de Jessie e no sorriso bonito da garota.

Cobrindo-se até o queixo, ela ficou praticando seu sorriso. Não tinha certeza se conseguiria sorrir tanto quanto Jessie nem se alguém lhe pagasse.

Quando não estava pensando nisso, estava pensando no fantasma. Peitos, sorrisos e fantasmas... aqueles pensamentos insanos não paravam de rodopiar na sua cabeça. Acrescente a isso uma visão ocasional da cena de horror da noite anterior, acompanhada da necessidade de fazer justiça pelo casal, e a cabeça de Della já estava girando e latejando. Assim como seu coração.

Ela poderia até jurar que sentia uma corrente de ar frio no quarto. Aconchegou-se mais nas cobertas e olhou para o teto. Um besouro de algum tipo andava pelo gesso branco. Até mesmo o inseto se movia devagar, como se estivesse com frio.

Quando Kylie via um fantasma aparecer, a temperatura do ambiente caía. Poderia ser isso? Ou será que a febre de Della estava subindo? Ela preferia que fosse a febre. Uma gripe ela poderia encarar, mas um fantasma, nem tanto.

Também tenho a sensação de que está adiando isso. As palavras de Holiday sussurraram em sua cabeça.

O obituário ainda estava dobrado e enfiado no bolso da calça jeans.

Sentando-se, ela o puxou para fora do bolso. Seu olhar se desviou para a porta novamente.

Ela não tinha fechado a porta? Tinha. Podia jurar que tinha.

Olhando ao redor do quarto, do teto ao chão, Della sussurrou: — Quem está aqui? É você?

— Com quem você está falando? — Uma voz falou da porta.

Assustada, Della olhou para Miranda e Kylie, paradas lado a lado na entrada.

— Ninguém — Della se apressou em dizer, e viu Kylie franzir a testa e olhar para cima como se... como se estivesse olhando para um visitante indesejado.

— Está aqui? — Della perguntou, sem se importar que soubessem que ela estava assustada.

— Do que você está falando? — perguntou Miranda.

Kylie fez uma careta.

— Estava, mas já foi embora.

— O que foi embora? — Miranda voltou a perguntar.

Kylie olhou para Miranda.

— Um fantasma.

Os olhos de Miranda se arregalaram.

— Kylie, você está com outro fantasma?

Kylie deu de ombros.

— Eu não acho que esse esteja comigo.

A boca de Miranda se abriu e ela olhou para Della.

— Você está com um fantasma? Você não pode estar com um fantasma. Você não fala com fantasmas.

— Nem quero falar! — exclamou Della, e olhou para Kylie. — Então, como isso pode estar acontecendo?

Kylie entrou no quarto e se sentou na beirada da cama.

— Eu... Eu me lembro de Holiday dizendo que alguns fantasmas têm tanta energia que podem aparecer para pessoas normais.

— Sim, mas eu não sou uma pessoa normal. Já fui chamada de muitas coisas, mas nunca de uma pessoa normal.

— Você é normal o bastante para gostarmos de você. — Miranda se jogou na cama com um salto. Então seu olhar se desviou para Kylie. — Ele já foi, né?

Kylie confirmou com a cabeça e seu olhar se voltou para Della.

— Você sabe quem é agora?

— Não — disse Della, abraçando as pernas.

— Ele não apareceu para você? — perguntou Kylie.

— Não — Della repetiu.

— Não falou com você?

— Não — disse Della novamente.

— Então como você sabia que ele estava aqui?

— Porque sim... porque o quarto estava frio e... e eu meio que senti algo se encostar no meu ombro. Ah... e eu tenho quase certeza de que ele abriu a porta do meu quarto.

— Abriu a porta? — Kylie franziu a testa.

— É.

Kylie balançou a cabeça.

— Isso é improvável. Fantasmas geralmente só têm energia para mover objetos pequenos, como um celular.

— Bem, então me explique como é que eu fechei a porta e depois ela apareceu aberta?

Kylie olhou misteriosamente para a porta, mas a descrença brilhou em seus olhos azuis.

— Talvez você só tenha achado que fechou.

— Por acaso agora eu sou louca?

Kylie balançou a cabeça.

— Eu não disse isso.

— Eu não imaginei tudo isso. — Della cobriu os olhos com as mãos. — Tem alguma coisa errada. Muito, muito errada. Francamente, não entendo por que você não pode pedir para um fantasma dar o fora. O que eles têm de tão especial?

Miranda deu uma risadinha.

— Eu acho que eles sentem que o fato de estarem mortos dá a eles alguns direitos. Talvez esteja no contrato de morte. Sabe, quando a gente morre, não tem que seguir mais nenhuma regra. Pode fazer o que quiser.

— Não estou brincando — disse Della. — Não gosto disso.

— Foi mal — desculpou-se Miranda. — Mas essa pancada na cabeça fez você ficar ainda mais rabugenta.

Della rosnou para a bruxa.

— Se você tivesse um fantasma andando na sua cola, não ia sair por aí jogando beijinhos como a Miss Simpatia!

— Sem brigas! — Kylie exigiu, e logo em seguida o telefone dela tocou. Ela checou o visor.

— É Holiday. — A camaleão atendeu à chamada. — Oi.

Della continuou a franzir a testa para Miranda e se concentrou para tentar ouvir a voz de Holiday, mas não conseguiu. Sua droga de audição estava falhando novamente.

— Sim — disse Kylie, e olhou para Della. — Não, mas ela está na cama. Ok. — Kylie desligou.

Della olhou para ela.

— Ela queria saber de mim?

— Queria. Disse que você precisa ficar na cama e que ela vai trazer o jantar.

— Ela me disse que você foi à cachoeira de novo — disse Miranda. — E você devia estar dormindo. Por que foi até lá da primeira vez? Aquele lugar é sinistro! Você podia ter topado com um anjo da morte.

Quando Della não respondeu, os olhos de Miranda se arregalaram.

— Você viu mesmo um anjo da morte?

— Eu... não de fato — Della respondeu. — Eu vi algumas sombras, só isso. E aconteceu no instante em que bateram na minha cabeça, então provavelmente só... imaginei. — E era aquilo que Della continuava dizendo a si mesma.

— Que tipo de sombras? — perguntou Miranda. — Elas pareciam monstros ou... o quê?

Della viu os olhos de Kylie se acenderem de interesse. Pelo fato de também falar com fantasmas, Kylie tinha a mesma ligação de Holiday com os anjos da morte.

— Não — disse Della. — Só sombras. — Quando viu que a bruxinha não pareceu feliz com a resposta, ela acrescentou: — Ah, pergunte a Kylie. Ela é tipo... a melhor amiga deles.

Sentindo todos os olhos agora sobre ela, Kylie falou:

— Eles não são monstros. Imagine um ser espiritual.

Miranda balançou a cabeça.

— Eles me deixam apavorada.

O olhar da bruxa se voltou para Della.

— Eu ainda não entendo por que você foi lá.

Della rosnou.

— A segunda vez que fui, eu queria saber quem me bateu. A primeira... Eu... Eu não sei por que fui da primeira vez. Eu estava correndo e, quando vi, estava lá.

— Então, da próxima vez dê meia-volta e corra para o outro lado — aconselhou Miranda.

— Eu ia fazer isso, mas fui agredida antes que tivesse a chance. — Então Della se lembrou. — Burnett pediu para você ver se foram os anjos da morte que fizeram isso comigo?

Kylie assentiu.

— Eu perguntei em voz alta, mas não obtive nenhuma resposta. Talvez eles não estivessem lá.

— Parece que estavam, sim — disse Della. — Eu... Senti como se eu estivesse invadindo o lugar. Como se alguém ali fizesse eu me sentir assim. — Ela estremeceu levemente. — Ainda acho que foram eles que me acertaram...

— E ainda assim você voltou lá mais uma vez? — Miranda roubou um dos travesseiros de Della para se apoiar nele. — E eu que pensei que você fosse esperta.

Della fez uma careta para a bruxa irritante.

— Eu te disse, estava esperando encontrar uma pista do filho da mãe que me acertou.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou Kylie.

Della assentiu.

— Chase.

O queixo de Kylie caiu.

— O quê?

Miranda levantou de um salto da posição reclinada em que estava.

— Chase foi quem deu uma pancada na sua cabeça? — Os olhos dela se arregalaram. — E eu pensei que ele gostasse de você. Ah, Deus, Burnett vai chutar aquele vampiro daqui quando souber que ele mexeu com sua vampira favorita.

Della balançou a cabeça.

— Primeiro, eu não sou a vampira favorita de Burnett.

— Você é, sim! — insistiu Miranda.

Della olhou para Kylie, que acenou com a cabeça como se estivesse concordando com a bruxa. Se Della era a vampira favorita dele, por que queria impedi-la de entrar na UPF? Ela pôs de lado o pensamento para refletir mais tarde.

— Em segundo lugar, eu disse que senti o cheiro dele lá, mas em seguida o encontrei. Ele me disse que Burnett mandou-o lá para ver se conseguia encontrar o rastro de quem me acertou.

Kylie puxou um joelho até o peito.

— Você perguntou a Burnett?

— Não, mas não acho que Chase iria mentir descaradamente sobre algo que eu podia checar com facilidade.

Miranda cruzou as pernas.

— Talvez ele tenha achado que você iria pensar justamente isso e não perguntar.

— Talvez... — concordou Della, e tentou pensar como ela poderia formular a pergunta a Burnett.

Kylie se encostou na cabeceira da cama.

— Esse é o obituário?

Ela acenou para o papel dobrado, agora descansando ao lado da cama.

— É — respondeu Della.

— Obituário de quem? — perguntou Miranda.

— Do meu tio. — Della tirou as cobertas de cima dela, reparando que o frio tinha passado. — Derek encontrou alguns arquivos de jornais antigos.

Miranda fez um beicinho.

— Por que é que Kylie sempre sabe das coisas antes de mim?

Della desviou o olhar para Miranda e fez uma cara feia.

— Porque você está sempre por aí, com Perry, deixando que os glóbulos das suas orelhas sejam sugados...

Miranda pegou um travesseiro e atirou em Della.

Frustrada, Della pegou-o com as duas mãos e, acidentalmente, o rasgou em dois. Penas de pato explodiram no ar como neve e, então, caíram do alto.

Miranda começou a rir. Kylie se juntou a ela. Della, por fim, não conseguiu mais resistir e caiu na gargalhada também. As risadas eram contagiantes.

Elas riram por uns bons cinco minutos, jogando punhados de penas umas nas outras, até que as três estivessem cheias de penas no cabelo e no rosto. Miranda ainda teve que tirar algumas de dentro do sutiã. Quando pararam de rir, Kylie encontrou o obituário dobrado debaixo de uma pilha de penas.

A camaleão olhou para Della com compaixão.

— Você quer que eu leia pra você?

Della quase disse não, para que não pensassem que ela era muito fragilzinha para lê-lo por si mesma. Parte dela ainda se sentia culpada. O fato de querer tanto que o tio estivesse vivo não daria a impressão de que a sua família de Shadow Falls não lhe bastava? Mas se havia alguém que podia entender e tornar aquilo tudo mais fácil eram Kylie e Miranda.

— Sim. Mas acho que antes vou precisar de uma Coca Diet.

Elas começaram a se levantar, mas todas as três congelaram quando a porta do quarto bateu. O ar na sala se tornou instantaneamente gélido. As penas, principalmente sobre a cama, ergueram-se no ar e começaram a rodopiar.

O ar frio ficou preso nos pulmões de Della. Ela olhou para Kylie.

— Você ainda acha que estou louca?

— Caramba! — disse Kylie. — Isso não é nada bom...

Capítulo Onze

As penas voaram ao redor do quarto por mais alguns segundos. Encolhidas sobre a cama, com o medo pairando no ar frio, elas ficaram mudas até que a última pena caiu e o quarto ficou mais aquecido.

— Já foi? — Miranda puxou os joelhos até o peito, os olhos arregalados de pânico.

Kylie assentiu. As três se levantaram cautelosamente e foram para a cozinha, pegaram as bebidas e se acomodaram em torno da mesa. Ninguém falou nada, como se estivessem com medo de atrair o fantasma de volta.

— Ele ainda está aqui? — Della finalmente perguntou a Kylie.

— Não — Kylie girou a latinha de Coca-Cola na mão, em seguida olhou para Della. — Por que disse ele? Você acha que é um homem?

— Eu não sei. Você disse que achava que poderia ser meu tio.

— Era só um palpite. — Kylie mordeu o lábio. — Eu acho que é melhor chamarmos Holiday.

— Não!

— Por que não? — Miranda e Kylie perguntaram ao mesmo tempo.

— Porque ela vai querer saber quem achamos que é e depois acabaríamos falando do meu tio e, se não for ele, então, ela vai contar a Burnett e depois, se ele não estiver registrado...

— Você não sabe se ela contaria a Burnett — disse Kylie.

Della fez uma careta.

— Eles são casados. Contam tudo um para o outro. Aposto que você conta tudo para o Lucas.

Kylie suspirou e assentiu com a cabeça.

— Tem razão. Mas...

— Não é você quem sempre diz “nada de ‘mas’”? — perguntou Della.

— Sim. Mas... Ela fechou a boca por um segundo e, em seguida, continuou: — No entanto, Holiday talvez saiba melhor como lidar com isso.

— Não! — insistiu Della. — Kylie, Holiday me disse que ela sentia que eu estava em busca de alguma coisa e entendeu que eu não queria falar a respeito. Disse para eu empreender essa busca, mas não correr riscos idiotas. E é isso que eu quero fazer. Lembra quando você estava lidando com aquelas aberrações que ficavam te perseguindo? Bem, você lidou com aquilo sozinha. Vocês duas têm enfrentado seus próprios problemas em vez de saírem correndo para pedir ajuda. — Ela viu certa compreensão nos olhos das amigas.

Miranda se reclinou na cadeira.

— Ela está certa. Temos todo o direito de cuidar dos nossos próprios problemas, às vezes.

— Tudo bem — disse Kylie. — Mas vamos pelo menos fazer o que Holiday disse e evitar correr riscos idiotas.

— Vamos? — perguntou Della? — Vocês duas não...

— Ah, pelo amor de Deus! — Miranda rebateu. — Imitando alguém que eu conheço, “Suas bocós!”. Somos uma equipe. Trabalhamos juntas.

— Ela tem razão — concordou Kylie. — Com a gente é assim. Um por todos e todos por um!

Della sentiu novamente um aperto no peito.

— Ok, nada de riscos idiotas. — Della levantou a Coca Diet. Quando todas brindaram com as latas, Della acrescentou: — E um brinde aos grandes amigos! — Ela não queria parecer sentimental demais, mas podia jurar que não sabia o que seria dela sem as suas melhores amigas.

— Agora, como é que vamos descobrir se o seu tio está vivo? — perguntou Miranda. — Precisamos de um plano.

Sim, sem elas estaria perdida. Completamente perdida.

— Eu acho que temos que começar lendo o obituário — disse Kylie, ainda segurando a folha de papel.

Della assentiu.

— Derek também me pediu para ver se eu conseguia descobrir onde ele estudava quando morreu. Eu tenho certeza de que é a mesma escola que meu pai frequentou. Acho que eu poderia perguntar à minha mãe. Só não sei se ela vai falar.

— Por que não falaria? — perguntou Miranda.

— Ela estava uma fera quando me trouxe para Shadow Falls. Acho que não trocou uma palavra comigo durante todo o trajeto. — A lembrança disso ainda fazia o peito de Della doer.

— Sim, mas ela é sua mãe — racionalizou Miranda. — Não vai ficar com raiva de você a vida toda.

Della encolheu os ombros. Ela gostaria de poder acreditar nisso. Então novamente se lembrou de Holiday dizendo que a mãe dela costumava ligar uma vez por semana. Isso significava que ela se importava, mesmo que nem sempre demonstrasse.

— Você quer que eu leia agora? — Kylie perguntou, segurando o papel dobrado.

— Você acha que é seguro? — perguntou Della, apertando a lata de refrigerante. O frescor da bebida parecia estranho em suas mãos, lembrando-a de que ela ainda podia estar com febre. — É quase como se o obituário tivesse despertado o fantasma.

Kylie olhou ao redor da cozinha, como se procurasse fantasmas.

— Ele não está aqui agora. — As palavras de Kylie não tinham deixado completamente seus lábios quando uma pena solitária veio espiralando do teto, flutuando no ar, lenta e estranhamente, no centro da mesa.

— Tem certeza? — perguntou Miranda.

Elas ficaram sentadas ali em silêncio por alguns minutos, esperando que a pena se erguesse no ar e flutuasse novamente. Quando isso não aconteceu, Kylie falou em voz baixa, como se tivesse medo de que não estivessem sozinhas.

— Jenny me ligou duas vezes para saber se você estava bem. Eu acho que ela realmente gosta de você por algum motivo.

— Por que você fala como se isso fosse uma surpresa? — perguntou Della.

Miranda engasgou.

Della lançou para Miranda um olhar de "Vá para o inferno" e, em seguida, voltou a observar a pena para ter certeza de que não começaria a se mover outra vez.

— Eu não quis dizer isso — disse Kylie. — Só quis dizer que ela parece te admirar.

— A pobre garota está desorientada... — Miranda riu. — Brincadeira... — justificou ela quando a amiga vampira lhe fez uma saudação com o dedo do meio.

Della suspirou e olhou para Kylie.

— Eu gosto da Jenny, também. Ela... ela me lembra um pouco você quando chegou aqui.

— Eu não mudei — disse Kylie.

Miranda e Della fizeram caretas para Kylie.

— Você mudou para melhor — disse Miranda. — Você é... mais ousada.

— Ser ousada é bom — disse Della, e todas elas se voltaram para olhar a pena. Por fim, Kylie pegou o papel com o obituário.

— Preparadas?

Della e Miranda fizeram que sim.

Kylie começou a ler.

— Perdemos em 23 de dezembro Feng Tsang, um jovem dedicado, que já tinha um projeto de vida. Ele seria médico e se casaria com sua namorada de infância, Jing Chen. Leal à família, ele trilhava um caminho que deixaria sua família orgulhosa. Agora, seu caminho o leva em outra direção. Amado por...

— Espere! — disse Della. — O que isso quer dizer? A última frase.

Kylie olhou para o papel.

— "Agora, seu caminho o leva em outra direção."

Della balançou a cabeça, sem saber o que responder.

— Não é estranho para um obituário?

— O quê? — perguntou Miranda.

— Essa coisa de o caminho dele levá-lo em outra direção. Não dizem que ele está morto. É como se a pessoa que escreveu o obituário soubesse que ele não morreu.

— Eles usam a palavra "morto" em obituários? — perguntou Kylie. — Parece cruel.

— Cruel? — Della balançou a cabeça. — Eles estão mortos, então por que seria cruel?

— Eu acho que poderiam dizer outra coisa, como faleceu ou descansou.

— Sim, mas eles nem sequer usam a palavra "faleceu". — Ela suspirou. — Acabe de ler.

Kylie voltou a fitar o papel.

— Amado por muitos, a sua presença será sentida por todos. Feng deixou seus pais, Wei e Xui Tsang, suas irmãs Miao e Bao Yu Tsang...

— Espere! — pediu Della. — Meu pai tem apenas uma irmã.

Kylie deu de ombros.

— Só estou lendo o que está escrito aqui.

Della recordou a imagem de quatro crianças que tinha visto no velho álbum de fotografias.

— Ei, se você acha que seu tio é um vampiro, talvez sua tia também seja! — sugeriu Miranda.

Seria possível? A mente de Della fervilhava.

Kylie olhou para baixo novamente e começou a ler de onde tinha parado.

— ... e seu gêmeo, Chao Tsang, cujos laços com o irmão eram indissolúveis.” — Kylie olhou para a frente e franziu a testa, como se soubesse quanto tinha sido difícil ouvir aquelas palavras, em seguida continuou: — “Embora longe de nós, a pessoa que ele era permanecerá em nossos corações. O velório será realizado na Funerária Rosemount.”

— De novo! — disse Della. — Longe de nós. “De *nós*”, como se ele não tivesse realmente longe de todos.

Kylie deu de ombros.

— Sei lá. Pode ser apenas um jargão dos obituários ou só uma coincidência.

Della lembrou-se de Burnett dizendo que não acreditava em coincidências. Perguntas corriam pelo seu cérebro como camundongos assustados. Será que seu tio estava realmente morto? O que teria acontecido com a outra irmã do pai dela?

Caramba! Será que Della tinha outra tia que tinha sido transformada também? As palavras de Kylie flutuaram na cabeça dela novamente. *Seu gêmeo, Chao Tsang, cujos laços com o irmão eram indissolúveis*.

A garganta de Della apertou quando ela pensou em como seria perder a irmã. Marla era um pé no saco às vezes, mas Della faria qualquer coisa por ela. Ela só podia imaginar quanto tinha sido difícil para o pai perder o irmão gêmeo, especialmente na adolescência. E o que teria acontecido com a outra irmã? A dor deve ter sido imensa. Não importava nem mesmo se a perda significasse apenas que o tio, e possivelmente até mesmo a tia, tivessem se transformado e simulado a própria morte. A dor seria a mesma.

Será que a pessoa que tinha escrito o obituário sabia que seu tio não tinha realmente morrido? Como ela poderia encontrar a pessoa que escrevera aquilo?

Della tomou o papel das mãos de Kylie e o releu em voz baixa. Outra coisa a incomodava, também. Mas ela não podia tocar no assunto.

Com a emoção fazendo seu coração martelar, ela se lembrou de ter pensado na possibilidade de simular a própria morte e logo em seguida ter constatado que nunca poderia fazer aquilo. Podia ser um martírio deixá-los acreditar no pior dela, sentir que vivia desapontando-os, mas

Holiday estava certa. A morte era o fim — fosse uma morte forjada ou uma morte real. Ela levaria essa dor para quem soubesse que nunca a veria outra vez.

Olhando para o papel, ela releu as palavras, à espera de descobrir o que tanto a incomodava.

Kylie tomou um gole do refrigerante diet.

— Você precisa falar com Derek para ver se ele consegue descobrir algo sobre essa sua tia que você não conhece.

Della concordou com a cabeça e voltou a ler. Seus olhos pousaram no nome da funerária. *Rosemount*. O endereço ficava em Houston. Ela não tinha certeza, mas achava que o pai tinha morado do outro lado da cidade. Por que a família tinha escolhido uma funerária tão longe de casa?

Funerária Rosemount. Seu olhar voltou para o nome do lugar e uma lâmpada se acendeu em sua cabeça.

— É isso! — disse ela.

— O quê? — perguntou Miranda.

— Funerária Rosemount foi o lugar onde fizeram o velório do meu primo Chan. Seu velório falso. Os clientes dessa funerária devem ser os vampiros que fazem esse tipo de coisa.

Della suspirou e algo semelhante à emoção encheu seu peito.

— Meu tio está vivo. Ele forjou a própria morte como Chan.

— Você não sabe com certeza — ponderou Miranda.

Della fechou os olhos. Por mais que ela quisesse negar, não podia. Precisava de provas.

— Então quem é o fantasma? — perguntou Kylie.

Della encolheu os ombros.

— Talvez você esteja errada. Talvez ele não esteja aqui por minha causa, mas por causa de você. Ou talvez seja apenas um defunto qualquer perambulando por aí.

Kylie ergueu um ombro sem parecer nem um pouco convencida.

— Eu não acho.

Miranda se apoiou num cotovelo.

— Ok, digamos que você esteja certa. Se o seu primo usou a mesma funerária que o seu tio, como ele sabia que atendiam vampiros lá? Simplesmente descobriu por acaso? Os vampiros contratam seu próprio funeral? Geralmente é a família quem faz isso. Mas talvez os vampiros tenham que se virar sozinhos.

— Eu não sei. — A mente de Della estava a mil por hora, imaginando onde ela poderia obter aquela informação. Não poderia perguntar a Burnett ou Holiday sem que eles pensassem que ela queria forjar a própria morte. Ou sem que fizessem perguntas. E nenhum dos vampiros ali tinha falsificado a própria morte. Apenas alguns tinham sido transformados na adolescência; a maioria tinha nascido com o vírus ativo — o que significava que os pais eram vampiros no momento em que tinham concebido um filho.

Kylie ficou olhando para Miranda.

— Mas essa é uma boa pergunta. — Kylie pegou o papel e analisou-o. — Sabe, se Chan deu um jeito de providenciar o próprio velório, será que ele não sabia do tio? Ei, espere! — Os olhos de Kylie se iluminaram como se tivesse acabado de chegar a uma conclusão. — Se Chan foi quem causou a sua transformação, Della, será que foi o seu tio quem transformou Chan? Talvez tenha sido assim que ele soube da funerária.

— Chan não quis me transformar — disse Della. — Eu tinha um ferimento aberto...

— Eu sei — disse Kylie —, mas talvez a mesma coisa tenha acontecido com Chan e seu tio.

Tudo o que Kylie e Miranda tinham dito dava voltas na cabeça de Della, criando um turbilhão de pensamentos que se transformavam em perguntas. E só havia alguém que poderia respondê-las, se ele fizesse o grandessíssimo favor de retornar a ligação dela. Ela sacou o celular do bolso e ligou para Chan.

Capítulo Doze

O telefone do primo tocou, tocou... então a ligação caiu na caixa postal.

— Me liga, droga! — Della murmurou, então desligou o telefone. Com a frustração se avolumando dentro de si, ela pegou a lata de refrigerante, bebeu o último gole, então a apertou e amassou até transformá-la numa bola de alumínio.

Será que Chan estava com raiva porque ela não tinha retornado a ligação que ele lhe fizera na semana anterior? Não, ele tinha dito que não era importante.

— Uau! — exclamou Miranda, olhando para a nova versão que Della criara de uma bolinha antiestresse. — Você é poderosa, hein?

Della não estava nem aí com seu poder de amassar latinhas.

— Eu quero respostas.

— Então vamos atrás delas! — sugeriu Kylie. — Eu tenho uma ideia. Minha mãe vive me dizendo para convidar vocês duas para passar o fim de semana lá em casa. A funerária é a uns dez quilômetros de casa. Se formos até lá e constatarmos que ela é dirigida por sobrenaturais, é provável que você esteja certa. Além disso, vai ser divertido ter vocês duas na minha antiga casa. Antes que a minha mãe a coloque à venda.

A esperança começou a encher o peito de Della.

— Se eles forem sobrenaturais, eu posso conversar com o dono.

Kylie parecia insegura.

— Lembre-se da regra de Holiday. Nada de correr riscos idiotas.

Della teve uma ideia.

— Vamos procurar a funerária na internet. — Ela se levantou e foi para a mesa do computador, do outro lado da cozinha. A página da funerária logo apareceu. Havia até mesmo um link chamado “conheça o dono”. Uma foto de um tal Tomas Ayala, um homem latino-americano com uma cara de Matusalém mas parecendo respeitável, apareceu.

— Ok, vamos dar uma olhada nesse cara. — Della olhou para as duas amigas ainda sentadas à mesa. — Você vai me dizer que é arriscado conversar com ele? É só um velhote.

— Tudo bem — disse Kylie. — Agora a questão é: você acha que seus pais vão deixá-la ir à minha casa?

— Os meus vão! — respondeu Miranda no mesmo instante.

Della apertou a bola de alumínio até transformá-la quase numa bola de pingue-pongue.

— Eu não sei se minha mãe vai concordar com isso — disse Della. — Talvez se eu implorasse...

— Você vai implorar? — Miranda deixou escapar. — Eu adoraria ver isso.

Della rosnou para a bruxa, então olhou de volta para Kylie.

— Vou falar com a minha mãe amanhã.

— Ótimo! — disse Kylie.

Ótimo? Aquilo não tinha nada de ótimo. Della odiava a ideia de implorar. Ela odiava a ideia de esperar até o fim de semana para obter respostas, mas não tinha escolha. Pelo menos agora tinha um plano.

Holiday apareceu na cabana por volta das seis da tarde e trouxe para Della um copo de sangue e um prato de canja com macarrão estrelinha. Com a bandeja na mão, a líder do acampamento a despachou de volta para a cama. Graças a Deus Della tinha varrido as penas do travesseiro.

Della grunhiu ao ouvir a ordem de ir para cama, mas, na verdade, não tinha intenção nenhuma de grunhir. O barulho vinha de seu estômago... que estava completamente vazio. Ela não tinha percebido que estava morrendo de fome até que sentiu o cheiro do sangue. Apoiada em três travesseiros, saboreou cada gole, mas a certo ponto teve que afastar o pensamento da cena do assassinato.

No fundo, ela sabia que beber sangue não a tornava um ser maléfico; matar para conseguir sangue é que tornava um vampiro imoral e perverso. O que ela nunca teria que pensar em fazer, graças às reservas de sangue doado de Shadow Falls. Como Kylie tinha dito uma vez, as pessoas doam sangue para ajudar a salvar vidas, que diferença faz doar sangue para manter um vampiro saudável?

Com certeza, não havia nada como as palavras de sabedoria de Kylie, mesmo meses depois de terem sido ditas, para ajudar Della a passar por uma fase difícil.

Com Holiday vigiando, Della até tomou a sopa. Tinha um gosto horroroso, mas havia algo de nostálgico na visão de macarrõezinhos em forma de estrela boiando no caldo de galinha. A mãe sempre fazia aquela sopa quando ela estava doente.

Mas Della não estava doente. Ou estava?

— Estou contente de ver que está comendo — disse Holiday, e fez uma pausa, como se precisasse dizer alguma coisa. A *fae* tinha o dom de captar as emoções das outras pessoas, mas não conseguia esconder as próprias.

— O que foi? — perguntou Della.

— Eu tive que ligar para a sua mãe para contar sobre o seu pequeno acidente.

— Ah, droga! Por quê?

— Porque eles ainda são seus pais — justificou a líder do acampamento. — Eu não contei que você desmaiou, só disse que tinha caído e batido a cabeça. Garanti que estava tudo bem.

— E ela? — Della perguntou, preocupada com a possibilidade de a mãe ter falado que não se importava. Apesar de Holiday ter garantido que ela ligava uma vez por semana, Della ainda se

lembrava do silêncio e do ar decepcionado da mãe, no trajeto para Shadow Falls no domingo.

— Ela está preocupada. Pediu para você ligar.

Della suspirou.

— Eu precisava falar com ela de qualquer maneira.

— Sobre o quê?

— Kylie convidou Miranda e eu para irmos à casa dela neste fim de semana.

Holiday sorriu.

— Parece divertido. Mas também vai ter que convencer Burnett.

— Por que diz isso?

— Se ele achar que a agressão que você sofreu era algo pessoal, pode ficar preocupado em deixar você sair.

— Por que se preocupar comigo? Eu vou ficar bem. Além disso, estou com Kylie, uma protetora. De que mais preciso?

Holiday encolheu os ombros.

— Eu concordo, mas ainda terá que pedir autorização a Burnett. Eu nunca o vi tão assustado como quando carregou você para fora daquele bosque.

Della revirou os olhos.

— Eu estou bem. E vou ficar bem na casa de Kylie.

— Eu sei que você acha que está tudo bem. Mas, esta manhã, você estava inconsciente. E o médico me ligou querendo confirmar se está menstruada. Você aparentemente estava com uma temperatura um pouco elevada. Está menstruada, não está?

— Nossa! Shadow Falls inteiro está querendo saber do meu ciclo menstrual? Será que algumas coisas não podem ser simplesmente particulares?

— Não se trata de invadir sua privacidade, mas de cuidar da sua saúde.

— Tudo bem — Della suspirou. — Sim, eu estou praticamente naqueles dias.

— Praticamente? — questionou Holiday.

— Vai vir a qualquer momento. Como um reloginho. O tio Chico nunca me deixa na mão. — De jeito nenhum Della iria dizer a Holiday sobre a possibilidade de estar gripada. Ela nunca concordaria em deixar Della ir à casa de Kylie se estivesse doente.

Holiday foi embora logo depois disso, mas não sem deixar muitas recomendações. Della tinha que ligar para a mãe e ir para a cama cedo. Ela não tinha permissão para sair para uma corrida até que conseguisse dormir um pouco. Como Holiday sabia das corridas noturnas de Della, isso era um mistério. Pensando bem, Holiday provavelmente sabia muito mais sobre ela do que deixava transparecer.

Sentada na sala silenciosa, Della pegou o telefone na mesa de cabeceira. Seu estômago doía só de pensar em falar com a mãe. E em como iria convencê-la a deixar que passasse o fim de semana na casa de Kylie.

Ela ainda estava olhando para o celular e pensando num método convincente quando o apaelho tocou. Torceu para que fosse Chan. Ela olhou o visor. Não. Estivesse preparada ou não, chegara a hora de falar com a mãe.

Della teve uma ideia: incorporar a antiga Della, aquela que não era insegura com relação ao amor materno. Aquela que costumava saber exatamente como convencer a mãe a ceder. Aquela que ainda não era um vampiro.

— Oi, mãe! — Della fez uma careta com a falsa jovialidade em sua voz.

— Você está bem?

— Estou bem. De verdade.

— Holiday disse que bateu a cabeça.

— Não foi nada. Holiday está grávida, e anda preocupada demais ultimamente. Sério, eu não consigo nem sentir onde foi a batida. — Ela estendeu a mão e se encolheu quando descobriu o enorme galo, o que fazia das suas palavras uma grande mentira.

— Você parece bem — concordou a mãe, e Della deu parabéns a si mesma por fingir tão bem. Talvez a mãe estivesse fingindo, também. Um relacionamento de mentira não era melhor do que o que elas tinham ultimamente?

— Eu *estou* bem. — Della mordeu o lábio, em dúvida se deveria trazer o assunto à baila. — Sinto muito — ela deixou escapar. — Desculpe... pelo que aconteceu.

— Você estava tomando o conhaque do seu pai, não estava?

Maldição. Por que ela não tinha dito nada? Deveria apenas dizer sim, admitindo algo pelo qual não tinha culpa? Ela abriu a boca para dizer sim, mas em vez disso falou:

— Eu não toquei no precioso conhaque dele! Nunca faria isso. Eu estava... Eu estava pensando em Chan e queria ver uma foto dele. Lembrei que o papai tinha um álbum de fotos lá.

O silêncio encheu a linha. Ah, merda! Ela realmente tinha posto tudo a perder agora. A mãe provavelmente iria folhear o álbum e ver que faltava uma foto.

— Por... por que você não disse? Por que não disse a seu pai que era isso que estava fazendo?

— Papai não parava de me acusar. Ele está... ele está tão decepcionado comigo, eu só... Fiquei sentida. — Ainda estava.

— Você deveria ter falado — disse a mãe.

— Vou tentar me lembrar disso. — Della percebeu que a conversa parecia estar minguando, e ela ainda precisava falar duas coisas. — Ah, mãe. Eu... Eu queria saber se você se importaria se eu passasse o próximo final de semana com uma amiga. Kylie, minha colega de alojamento, você já a conheceu, ela convidou Miranda, a minha outra colega de alojamento, e eu para irmos à casa dela.

— Para fazer o quê? — perguntou a mãe, desconfiada.

— Para passarmos o final de semana juntas. Sabe, como eu costumava fazer com a Chelsea. Fazer a lição de casa juntas. — A mãe costumava ser menos rígida quando se tratava de qualquer coisa envolvendo estudos em grupo. Em todos os encontros com o ex-namorado, Della

costumava levar seus livros de escola, e ela de fato chegou a abri-los pelo menos uma vez, então não tinha que mentir quando dizia que tinham passado “um tempo” com o nariz enfiado nos livros.

— Você não pode fazer isso na escola?

— Não é tão divertido.

A mãe ficou quieta.

— Posso falar com os pais dela?

— Tenho certeza de que a mãe dela teria o maior prazer em falar com você. — Era o que Della esperava.

— Se a mãe dela vai falar comigo, então... então...

— Obrigada! — disse Della, não querendo dar à mãe a oportunidade de voltar atrás. — Ah, mais uma coisa. Estamos fazendo uma redação, e uma das coisas que temos que mencionar é onde os nossos pais estudaram. Em que escola o papai estudou?

— No Colégio Klein. Você não quer saber onde eu estudei? — a mãe perguntou, lembrando Della de que a mãe antigamente tinha um pouco de ciúme do relacionamento dela com o pai.

— Eu sei onde você estudou — disse Della. — No Colégio Freemont. Você já me disse. — E Della se lembrava. Lembrou-se de que costumavam conversar muito. Ela costumava conversar muito com ambos os pais. No entanto, só agora percebia que o pai mal falava sobre o seu passado. Ele estava sempre focado no futuro.

Silêncio do outro lado da linha novamente.

— Eu me lembro da história que você me contou de quando você e outras duas meninas foram pegas soltando os sapos que seriam usados nos experimentos de laboratório.

A mãe riu.

— Não pensava nisso há muito tempo. — Ela suspirou. — Eu sinto sua falta, Della.

Lágrimas encheram os olhos de Della. Será que a mãe estava fingindo, também? Ou elas estavam sendo verdadeiras?

— Eu sinto sua falta, também. — Deus, o que ela estava dizendo? A última coisa de que precisava era que a mãe tentasse fazer com que ela voltasse para casa. — Não que eu não goste daqui. — Della limpou uma lágrima solitária que tinha escapado. — Mais tarde eu te envio uma mensagem com o número da senhora Galen.

— Tudo bem — concordou a mãe.

Della estava prestes a desligar.

— Della? — chamou a mãe de repente.

— Sim?

— Eu sei que seu pai é bem rígido com você, mas ele...

Vocês dois são rígidos comigo, Della pensou, lembrando-se de quando ela flagrou a mãe revirando suas bolsas, com medo de que a filha tivesse trazido drogas para casa e pudesse passá-las à irmã. Mas Della não disse nada.

— Ele o quê? — perguntou Della.

— Ele ama você.

— Eu sei — disse Della. Parte dela quase acreditava.

Quase.

Por volta das oito da noite, Miranda tinha saído para encontrar Perry. Kylie tinha dado a Della o número da mãe e então ido ao encontro de Lucas. Sozinha, e exausta, Della apagou as luzes. Surpreendentemente, ela conseguiu dormir. Bem, até as quatro da manhã. Ela não tinha certeza do que a fez acordar. Enfiou os pés sob as cobertas para evitar que os dedos congelassem. Ok, talvez ela soubesse o que a tinha acordado e apenas não quisesse admitir.

Ela ficou na cama, coberta até o queixo, desconfiada do frio. Um frio que não sentia havia muito tempo. Seria o fantasma ou a febre?

Ela temia que fosse o fantasma. Tentando afastar o pensamento, outro igualmente preocupante lhe ocorreu, e dessa vez com imagens. Ela viu a garota morta. Em seguida, sua mente criou imagens de sua luta com um agressor sombrio. Luta que acabou perdendo.

A tentação de acordar as amigas bateu forte. Mas o medo de parecer covarde bateu mais forte ainda.

Rastejando para fora da cama, ela colocou um jeans e uma blusa de manga comprida e pulou a janela. Como já tinha dormido algumas horas, não estava quebrando as regras de Holiday. A única desvantagem era que não poderia ter esperança de encontrar Steve por acaso. Os pensamentos em Steve a levaram a pensar em Jessie, a filha do médico, e ela correu mais rápido ainda.

Querendo sentir o ritmo de seus pés batendo no chão, ela não chegou a alçar voo. Mas correu o mais rápido que pôde. O vento frio varreu a maior parte de seus sentimentos negativos. A corrida naquela velocidade oferecia uma sensação de liberdade e uma fuga dos estresses do dia a dia. Não, não resolvia os problemas, mas lhe dava a chance de adiar o momento de enfrentá-los.

Em questão de minutos, tinha dado duas voltas pelo perímetro de Shadow Falls. Seu coração batia contra o peito, a pele vibrava no ar de outubro e ela sorvia o oxigênio com dificuldade, em grandes goladas.

Diminuindo o ritmo da corrida, colocou as mãos nos joelhos e esperou que seu coração desacelerasse. Quando foi se levantar, viu uma figura atrás das árvores, logo depois da cerca. Seu primeiro pensamento foi Steve. Apesar do olhar sedutor da filha do médico, apesar da insistência dela de que precisava instituir uma “operação tartaruga” entre eles, um sorriso caloroso encheu seu peito.

Ela ergueu o rosto para sorver um pouco de ar, na esperança de identificar o cheiro dele. Não sentiu nenhum cheiro. Mas viu a pessoa se mexer de novo. Dessa vez, isso não a fez se lembrar de Steve.

Ela inspirou novamente. O cheiro do mato e das árvores, adornadas pelas cores de outono e se preparando para perder as folhas, encheu suas narinas. No entanto, nenhum outro aroma se

destacou.

Então seu olfato estava falhando como sua audição, hein? Mas não os seus olhos. Por entre as árvores, ela podia ver a figura. Não o suficiente para enxergar o rosto, mas o suficiente para saber que era do sexo masculino.

Seria Chase?

Ela começou a correr novamente, quase até chegar à cerca, e farejou o ar mais uma vez. Ainda não sentia nenhum cheiro.

— Apareça! — ela exigiu, sem saber se era amigo ou inimigo.

Achou que poderia ser o vampiro que tinha matado o casal ou talvez o culpado por bater na cabeça dela. Seus músculos ficaram tensos. Ela ficou em dúvida se pulava a cerca e ficava frente a frente com o canalha. Mas sabendo que isso aborreceria Burnett, obrigou-se a não agir.

— Então você se esconde como um covarde, não é? — ela disse num tom de desafio, segurando a cerca e sacudindo-a.

O intruso se embrenhou na floresta, escondeu-se por um segundo e depois foi embora. Rápido. Mas não rápido o suficiente para ela não reconhecê-lo.

Capítulo Treze

Seu andar. Seu cabelo preto retinto, típico dos orientais. Suas pernas esguias.

— Chan, pare! Eu preciso falar com você! — gritou Della.

Ele não parou; correu para a floresta e tornou-se nada mais que um pontinho no meio da noite.

— Me ligue! — ela gritou. — Eu preciso...

Por que diabos ele teria fugido dela? Ou melhor, por que ele tinha vindo até ali? Ela lhe dissera várias vezes que Burnett tinha instalado um alarme. Mas, pensando bem, ele não estava na propriedade. Ainda não, mas sem dúvida estava prestes a saltar a cerca. Ele tinha vindo para vê-la, certo? Então por que não tinha falado com ela?

Logo em seguida, ela ouviu o som revelador de alguém voando por perto. Tinha companhia. Por isso Chan tinha dado o fora. Ela virou a cabeça e farejou o cheiro. Dessa vez o nariz funcionou. Aquele cretino do Chase ia impedi-la de obter informações.

— Quem é Chan? — perguntou a voz grave do Pervertido da Calcinha, atrás dela.

Ninguém, ela queria dizer, mas teria sido mentira. E ele saberia.

— O meu primo. — Ela se virou para encará-lo. — Eu pensei tê-lo visto, mas ele desapareceu, então existe uma possibilidade de eu ter me enganado. — Ela formulou a resposta de modo que não parecesse uma mentira. O fato de ela não acreditar nessa possibilidade era outra história.

Chase levantou o rosto, em busca de um rastro. Della sentiu o estômago se contrair.

— Eu não sinto o cheiro de ninguém — disse ele.

— É, como eu disse, acho que estava enganada. — Ela escolheu as palavras para que ele não pudesse ler suas inverdades, mas voltou a olhar para o bosque, aliviada por Chan ter fugido e levado seu cheiro com ele.

— Você sentiu algum cheiro? — perguntou Chase.

— Não — ela disse, outra verdade. O fato de sua capacidade de sentir cheiros ter falhado novamente devia preocupá-la, mas isso era uma vantagem agora. O que quer que estivesse interferindo em seus sentidos, porém, tinha que passar rápido... O olfato e a audição eram parte de seu mecanismo de defesa. Ela precisaria deles se quisesse trabalhar para a UPF.

— Não deu pra ver alguma coisa? — ele perguntou.

Della fez uma careta sem que ele visse. Será que Chase a estava testando? Tentando ver se estava mentindo?

— Eu vi, mas apareceu e sumiu muito rápido. E como não estava na nossa propriedade, poderia ter sido qualquer um. — Ela olhou para o outro lado da cerca e torceu para Chan não

voltar. Caramba, por que ele tinha vindo, afinal de contas? Tudo bem, ela tinha ligado para ele, mas nenhuma vez tinha pedido para que ele viesse a Shadow Falls.

Sentindo Chase às suas costas, Della torceu para que o vampiro fosse logo embora. A presença dele a incomodava. Seu cheiro a incomodava. Por alguma razão, ela recordou o encontro anterior entre eles: *Você fica uma graça quando está brava.* Ela continuou a olhar para a floresta escura. À distância, podia ouvir os animais do parque de vida selvagem. Um elefante. Um leão.

Na verdade, Chase tinha se aproximado um pouco mais. Ela podia senti-lo a apenas alguns centímetros de suas costas. Podia ouvir o som do coração dele batendo ainda mais rápido. Seu cheiro ficou mais forte.

— Tem certeza de que não era o mesmo vampiro que atacou e matou aquele casal?

Ela virou e olhou para ele com os olhos apertados. Estava tão perto que deu um passo para trás.

— Como você sabe sobre isso?

— Estou trabalhando no caso com Burnett e a UPF.

Ele estava trabalhando com Burnett? Ela não tinha dito ao líder do acampamento que queria fazer justasmente isso?

— Burnett não permitiria. Ele mal conhece você. — Além disso, aquele caso era dela. Ela já estava investindo nele. Tinha encontrado um rastro. Fazia dias que estava com a imagem dos cadáveres na cabeça.

— Eu acho que algumas pessoas aqui são mais confiáveis do que outras.

Ela olhou para ele e saiu a toda. Eram quase cinco da manhã agora. Se Burnett já não estivesse de pé, estava prestes a se levantar.

Della pousou na varanda da cabana de Holiday e Burnett. A porta da frente se abriu e Burnett, com o cabelo desgrenhado e parecendo sonolento, estava lá, vestindo apenas uma cueca. Ele tinha uma calça jeans nas mãos, como se tivesse planejado se vestir e constatado que não tinha mais tempo.

— Algum problema? — perguntou, o tom firme, mas a voz rouca de quem acabara de acordar.

Então, num movimento rápido, ele vestiu o jeans. Della viu suas pernas musculosas desaparecerem dentro da calça.

— Você designou Chase para o caso recente da UPF? — ela perguntou.

Burnett passou a mão pelo rosto como se ainda estivesse tentando acordar.

— Você... você veio aqui a esta hora para me perguntar isso?

— Designou?

Ele suspirou.

— Você não podia ter esperado mais uma hora?

Ela poderia, mas não quis.

— São quase cinco horas, achei que já estaria de pé. Você está evitando a minha pergunta? — Ela levantou o queixo, ofendida e determinada a fazê-lo ver o erro que tinha cometido. Ela queria

trabalhar naquele caso. Depois de ver a barbaridade que aquele canalha tinha cometido, ela queria ajudar a colocá-lo atrás das grades.

— Não, estou optando por não responder a *nenhuma* pergunta neste momento.

— Está tudo bem? — Holiday saiu vestindo um roupão e com uma expressão sonolenta.

Della não se importava em acordar Burnett, mas acordar Holiday grávida, parecendo duplamente cansada, pesou na sua consciência.

— Desculpe, mas eu... encontrei Chase e ele me disse que Burnett o tinha designado para trabalhar no novo caso. O caso em que eu disse a Burnett que queria trabalhar. Agora ele não quer nem me dizer se isso é verdade.

Holiday olhou para Burnett como se estivesse esperando que ele respondesse à acusação.

— Você estava doente — justificou Burnett.

— Eu levei uma pancada na cabeça. Mas estava bem, eu disse que estava bem. Eu me lembro que o médico teve que vir aqui uma vez cuidar de você quando foi nocauteado por um um fantasma. Ninguém tirou o seu direito de trabalhar no caso por causa disso.

— Eu não designo uma pessoa para um caso só porque ela quer trabalhar nele. E eu não fui nocauteado.

— Eu consegui um rastro do suspeito.

— Assim como Chase. Ele estava fora aquela noite quando o vampiro disparou o alarme.

— Eu fui com você até a cena e vi o que ele fez com aquele casal. Eu disse que queria trabalhar no caso. E, além disso, você mal conhece Chase. Ele não está aqui nem há uma semana. Você confia mais nele do que em mim?

— Eu nunca disse que não confio em você. Ele tem certos talentos que vêm a calhar.

— O quê, como um pênis? — Della cruzou os braços.

— O que disse? — perguntou Burnett, o choque arregalando seus olhos.

— Eu fiz tudo o que você recomendou para trabalhar na UPF. E você me enviou só para um caso. Um! — Della tentou manter a voz estável. — Você está sempre me ignorando e enviando Derek ou Lucas. E agora é Chase. Por que está tentando barrar o meu caminho?

Burnett olhou para Holiday quase como se pedisse ajuda.

Ela não abriu a boca e isso fez Della se lembrar do que a *fae* tinha dito antes.

— É porque sou uma mulher? Você acha que não posso fazer isso porque tenho peitos? Bem, só vou te dizer uma coisa, meus peitos não são tão grandes e o que me falta em força nos membros superiores, eu compenso em inteligência e coragem.

— Não é porque você é uma mulher. — Ele olhou para Holiday de novo e, quando ela não saiu em sua defesa, ele rosnou.

— Não é por causa disso!

Della ouviu o coração dele perder uma batida, indicando a ligeira mentira. Não era uma grande mentira, mas...

— Seu coração acabou de dar uma cambalhota, amigão!

Burnett olhou para Holiday de novo, como se pedisse para ela intervir, mas a esposa permaneceu em silêncio. A *fae*, obviamente, sabia que Della estava certa. Burnett não estava sendo justo. Ele estava sabotando Della e escolhendo rapazes para fazer o trabalho.

— Por que você não acha que eu seja capaz de fazer isso? — ela perguntou de novo. — Se não é porque você é machista, então me diga por quê. Diga o que eu preciso fazer para atender aos seus padrões!

— Eu não sou... É porque não quero que acabe ferida.

— E você acha que vou acabar me ferindo só porque sou uma garota — disse ela.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Eu me importo, droga! Eu me importo com todo mundo aqui, mas você é... diferente. Você é especial. E talvez, apenas talvez, seja um pouco porque você é uma garota, mas isso nem conta, na verdade. Eu só porque eu me importo com você.

As palavras dele tocaram o coração de Della. Seu peito ficou apertado. A parte fraca dela queria abraçá-lo. Mas, mais do que a afeição de Burnett, ela queria seu respeito.

— Mas isso não está certo.

— E você é teimosa — acrescentou ele. — Tenho medo de que a sua teimosia coloque você em perigo. E eu sei que isso pode acontecer porque eu era exatamente como você quando jovem.

Holiday balançou sobre os calcanhares e sorriu como se estivesse completamente satisfeita com o rumo que as coisas tinham tomado.

Della teve de engolir em seco para desfazer o nó na garganta. Todos sempre diziam que Burnett era parcial com ela, mas tudo o que ela via era o lado agressivo dele. Pensando bem, talvez fosse só um modo mais rude de amar. Mas ele ainda estava sendo rude e Della não gostava nem um pouco disso!

— Eu não sou tão teimosa quanto você — ela disse ao vampiro. — E se importar comigo não é razão para me impedir de realizar o meu sonho. Você não acha que Holiday se importa com você? E nem por isso ela fez você parar de trabalhar para a UPF.

Burnett entrelaçou as mãos atrás do pescoço e o apertou. E sem camisa, o movimento só deixou mais em evidência os músculos e o peito largo.

Holiday era uma garota de sorte por tê-lo. Claro, Della também sabia que ele tinha ganhado na loteria ao conquistar a *fae*.

— Vamos fazer um acordo — sugeriu ele. — Você reflete sobre a sua teimosia e eu vou refletir sobre a minha relutância. Ok?

Ela concordou com a cabeça.

— Mas eu quero trabalhar nesse caso. Eu continuo vendo a garota, a vítima, na minha cabeça. Morta. Preciso achar quem fez isso com ela.

Ele franziu o cenho.

— “As vítimas”, eram duas.

— Eu sei — disse Della. — Mas, por alguma razão, eu continuo vendo a garota. Me deixe ajudar nesse caso, por favor.

— Eu vou pensar.

Ela queria dizer que isso não bastava, mas um olhar de advertência de Holiday a fez mudar de ideia. Della se virou para sair e então se voltou novamente para Burnett.

— Obrigada por... — *se importar*... — pelo acordo.

Holiday esfregou as mãos, um sorriso brilhante nos olhos verdes.

— Por que vocês dois não se abraçam e acabam logo com isso? O momento é perfeito! Não há nada de errado em demonstrar emoções.

— Tudo bem... — Burnett e Della responderam ao mesmo tempo.

Os dois riram e, embora não tenham se abraçado, Burnett chegou mais perto e segurou o ombro dela. *Foi,* Della pensou enquanto ia embora, *tão reconfortante quanto um abraço*.

Quando ela se aproximou da sua cabana, o céu ainda estava escuro. Apenas algumas estrelas piscavam acima, como se já fosse hora da aurora afugentá-las. À distância, os sons do novo dia. Alguns grilos cantando, um pássaro batendo as asas, preparando-se para fazer o seu voo matinal. A sensação quente de afeição provocada pela visita a Burnett enchia o seu peito. Pelo menos até que o Pervertido da Calcinha surgisse voando e aterrissasse bem na frente dela.

— Então, acredita em mim agora? — ele perguntou, o sorriso confiante deixando Della fula de raiva.

Ela deu um passo para trás, percebendo que ele estava perto demais.

— Acredito que você é mais irritante do que um mosquito tentando pousar no meu jantar.

— Ah, fala sério. Você gosta um pouco de mim. Eu sinto.

— Você é pirado. Não bate bem da cabeça. Vive na terra do faz de conta. Eu não gosto de você, nem um pouco!

— Então me dê uma chance de fazê-la mudar de ideia.

Ela sentiu o queixo cair.

— Por quê?

— Porque não sou tão ruim assim. Porque acho que temos mais em comum do que você pensa.

— O que temos em comum? Ah, espera... você se acha um pé no saco também?

Ele sorriu, mostrando os dentes brancos sob os lábios.

— Olha só, isso é parte do que temos em comum.

— Eu não tenho nada em comum com você! — insistiu ela, tentando não olhar os lábios do garoto.

— Eu quis dizer, nós dois somos metidos a espertos — disse ele. — Nós dois somos vampiros. Nós dois somos resistentes como aço.

O elogio a pegou de surpresa e ela não conseguiu pensar em nenhum comentário debochado para fazer.

Ele se aproveitou da perplexidade momentânea dela. Deu um passo para a frente e deixou seu olhar pairar sobre ela. Della sentiu também. Lento e fácil como um sopro suave contra a pele.

— Nós dois somos meio *calientes* — ele disse, a voz profunda e baixa.

— Eu não acho... — *Você* é *caliente*. Ela parou no meio da frase, sabendo que teria sido uma mentira e que Chase teria ouvido o coração dela. Teve que pensar rápido. — Você "acha" que é *caliente*. Por que não estou surpresa? E só para registrar, eu não me considero...

Ele pressionou um dedo nos lábios dela.

— Você é *caliente*. E tem esse jeito "não mexe comigo". O que só atiça um cara a querer mexer com você.

— Eu aconselho você a não fazer isso... — Ela tirou o dedo dele dos lábios e soltou-o antes que ficasse tentada a parti-lo em dois. Que tipo de joguinho ele estava tentado fazer? E por que ela o deixava ir em frente?

— Ei! — Ele estendeu a mão para tocar nela.

Della levantou uma mão.

— Faça o favor de ficar fora do meu caminho ou vou esmagar você como o inseto insuportável que você me lembra. — Ela bateu as mãos como se matasse um pernilongo. — E vou gostar disso.

*

Della teve outra dor de cabeça durante a aula de matemática. Tio Chico finalmente tinha resolvido aparecer para a sua visita mensal. Entre as aulas, as têmporas latejando, Della voltou à cabana para pegar absorventes. Enquanto caminhava, pensou na visão de Chan na noite anterior. Ela tinha imaginado? Se não tinha, o que ele estaria fazendo no Texas? Sim, ele tinha vindo a Shadow Falls muitas vezes, mas geralmente ligava antes. Pensou nas razões que ele teria para não retornar sua ligação. Estaria muito ocupado? Em apuros? Mas por que viria até ali se não quisesse falar com ela? Ela tirou o celular do bolso. Encontrou a mensagem do primo da semana anterior e ouviu-a novamente.

Oi... só pensei em te ligar. Não tenho notícias suas há um tempo. Você não está cansada dessa prisão ainda? Quer sair comigo e se divertir um pouco? De qualquer forma, isso não é importante, mas me ligue quando tiver uma chance.

Decidida a tentar novamente, ela discou o número do primo.

A ligação foi para a caixa postal. De repente, lembrou-se de uma mensagem que Chan tinha enviado meses atrás do telefone de um amigo. Ela procurou um pouco e encontrou a mensagem e o número. Com raiva de si mesma por não ter se lembrado disso antes, ligou para o cara.

O telefone tocou duas vezes.

— Alô? — respondeu uma voz grave.

— Oi, aqui é Della Tsang, prima de Chan Hon. É Kevin que está falando?

— Eu não conheço ninguém chamado Chan Hon.

Sim, ele conhecia. Ela podia ouvir a mentira. E ele não negou que era Kevin.

— Aqui é a prima vampira dele — disse Della, pensando que ele poderia achar que ela era humana. — É Kevin Miller? Ele usou seu telefone uma vez para me enviar uma mensagem.

O silêncio encheu a linha. Por fim, ele falou.

— Você é a que frequenta aquela escola de araque? Eu estava aí com Chan, no Texas, quando você pegou o vírus e Chan cuidou de você. Você é a mestiça, não é?

Parecia que ele iria usar isso contra ela. Com um nome como Kevin Miller, ele não deveria ser branco em vez de oriental?

— É, estou tentando entrar em contato com Chan e não consigo.

— Ele se mudou para o Texas.

Então era Chan no portão. Ela sabia.

— Vários do grupo dele se juntaram à gangue Sangue Rubro. Estão na área de Houston.

Della gemeu por dentro. Chan teria entrado para uma gangue? Até agora, ele tinha evitado fazer isso, porque sabia que poderiam lhe causar um monte de problemas.

Della nunca tinha ouvido falar da Sangue Rubro. Nem todos os grupos eram ruins, mas a maioria deles era composto de marginais. E com um nome como Sangue Rubro, ela não poderia esperar muito daquela.

— Você sabe onde é a sede dessa gangue? — perguntou Della, imaginando se seria por isso que Chan tinha ligado na semana anterior. A culpa se agitou em seu peito. Se ela tivesse retornado a ligação, talvez tivesse conseguido falar com ele.

— Não, porque, como já estou numa gangue, não fiz questão de saber.

— Você poderia perguntar por aí? — pediu Della. — Eu ficaria grata — ela acrescentou, percebendo quanto aquilo pareceu idiota no momento em que disse. Os vampiros não estão nem aí com a gratidão, especialmente os membros de gangues.

Ele riu.

— O que eu vou fazer com a sua gratidão?

Ok, talvez ela pudesse usar aquilo a seu favor.

— Nunca é demais ter alguém lhe devendo um favor. Se você um dia vier ao Texas.

Ele hesitou.

— Eu vou muito ao Texas.

— Então, talvez você saia ganhando assim como eu.

— Você sabe que isso pode sair caro pra você, não sabe? — perguntou ele.

— Sei. — Mas para encontrar Chan ela estava disposta a pagar qualquer preço.

Ele suspirou.

— Eu vou ver se consigo alguma coisa.

— Obrigada. — Ela desligou, agora mais confusa do que nunca. Se Chan tinha ido a Shadow Falls na noite anterior, ele obviamente queria vê-la. Então, por que não atendia aos telefonemas dela?

Todos os tipos de resposta se formaram em sua cabeça. Ele tinha perdido o celular. Ele não tinha grana para pagar a conta de telefone. Ela teria que achar uma maneira de encontrá-lo. Mas como?

Quarta-feira pela manhã, na Hora do Encontro, todo mundo estava na frente do refeitório. Della, na verdade, tinha dormido muito bem. Os flashes da garota morta que pipocavam em sua cabeça tinham diminuído e não havia mais penas nem a sensação da presença de fantasmas. Isso só lhe deu a certeza de que a coisa toda não estava ligada a ela própria, mas a Kylie. Era a amiga, afinal de contas, que falava com fantasmas.

Talvez Della só quisesse acreditar nisso, mas até que se provasse o contrário ela iria continuar acreditando.

Chris apareceu com seu chapéu idiota.

— Bem, não temos encontros especiais hoje.

O que significava que ninguém tinha doado sangue para escolher alguém em particular.

— Que surpresa! — Chris lançou a Chase um olhar gelado. O vampiro só olhou de volta, como se não desse a mínima para o que Chris estivesse sentindo. Como os dois eram vampiros, supunha-se que se entenderiam com mais facilidade.

Esse pensamento lembrou Della do que Chase tinha dito sobre terem muito em comum. Não que isso fosse verdade.

O vampiro louro limpou a garganta e tirou dois sacos do chapéu. Então retirou um nome de cada um deles e começou a procurar com os olhos os campistas sorteados. Della ficou tensa, esperando para saber com quem passaria a hora seguinte. Sessenta minutos podiam ser uma eternidade caso você fosse obrigado a passá-los com um otário. O olhar de Chris parou nela.

O vampiro suspirou, acrescentando um pouco de drama à ocasião.

— Della, você vai passar uma hora com Jenny Yates, nossa nova campista camaleão.

Della relaxou. Ela não tinha tido mesmo chance de conversar com Jenny desde que a garota contribuíra com um litro de sangue para livrá-la do encontro com Chase.

Quando ela se preparava para ir ao encontro da garota, Derek parou ao seu lado.

— Seja gentil, ok? — ele murmurou.

Della fez uma cara feia. Ultimamente, o fato de parecer que todo mundo a achava rude começava a aborrecê-la.

— Mas que droga! — ela exclamou, mal-humorada. — Acho que isso significa que não posso sugar todo o sangue dela e depois atirá-la aos lobisomens para servir de brinquedinho de morder...

Derek balançou a cabeça.

— Você sabe o que quero dizer.

Ela tinha passado uma hora e pouco conversando com Derek no dia anterior sobre o tio e a tia. E implicar com ele não iria ajudá-la em nada no momento, mas não conseguiu se conter.

— Sim, eu sei — ela disse. — Você acha que sou uma lambisgoia capaz de magoá-la de propósito. — Ela se afastou de Derek e foi até onde Jenny a esperava, tentando não deixar que a opinião das pessoas a afetassem. Ela se lembrou de novo do antigo ditado que a mãe costumava repetir: "paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca podem me ferir".

A mãe estava errada. As palavras podiam machucar, sim. E, depois que eram ditas, não adiantava voltar atrás.

— Foi Derek quem armou isso? — Jenny perguntou quando Della se aproximou.

— Armou o quê?

— Este encontro?

— Não. Você só foi azarada. — Ela começou a andar para longe do tumulto, ainda chateada com o comentário de Derek.

Jenny só arqueou uma sobrancelha e a seguiu.

— Está tudo bem com você? — Jenny perguntou quando pareceu que Della não ia falar mais nada.

— Está. Vamos para a minha cabana?

— Claro. — Jenny olhou para trás, na direção de Derek. — O que ele te disse?

Della fechou a cara.

— Para eu ser gentil.

Jenny fez uma careta.

— Não sei por que ele acha que tem que cuidar de mim.

— Ele gosta de você — disse Della. *E acha que eu tenho a delicadeza de um trator ao lidar com as pessoas.*

Elas pegaram a trilha, afastando-se dos outros campistas. O ar da manhã estava claro e fresco. Jenny chutou um pedregulho e olhou-o enquanto ele caía no meio dos arbustos.

— Steve gosta de você e ele não fica por aí pedindo que as pessoas a tratem com gentileza — disse Jenny.

— Eu não estou aqui porque Derek pediu. — De repente, Della se deu conta do outro comentário que Jenny tinha feito. Então parou de andar. — Como você sabe que Steve gosta de mim?

Jenny deu de ombros.

— Todo mundo sabe que ele gosta de você. É totalmente óbvio pelo jeito como ele te olha. Como se tudo a seu respeito fosse fascinante, uma coisa impressionante que ele não cansa de contemplar. Eu já o peguei simplesmente ouvindo a sua voz no corredor e se desligando de tudo à volta só para olhar para você. É muito fofo.

Della soltou um suspiro e desejou que ela não achasse aquilo muito fofo.

— Você não gosta dele? — Jenny perguntou.

— Você não gosta do Derek? — Della rebateu, achando que a garota captaria a mensagem de que algumas coisas eram pessoais demais para se perguntar.

— Eu gosto, mas estou meio assustada. E você?

Della não esperava que a outra fosse responder, e agora a gentileza tinha que ser recíproca.

— Idem.

— Uau! Não pensei que você se assustasse com alguma coisa.

Della se arrependeu da confissão, mas já era tarde demais. Ela chegou à cabana e se sentou no chão da varanda.

— Acho que não sou tão durona quanto você imagina.

— Não, você é só humana. Ah, quer dizer, não humana, mas simplesmente... normal.

Della olhou para Jenny.

— Ser normal é chato. Eu quero fazer sucesso. Realizar alguma coisa. — *Quero mostrar a Burnett que sou boa o suficiente para trabalhar na UPF*.

— Eu adoraria ser normal — disse Jenny, sentando-se ao lado de Della. — Pelo menos todo mundo pararia de olhar para mim.

— Você vai acabar se acostumando. Kylie se acostumou. — Della se reclinou para trás e se apoiou nos cotovelos. — Mas eu concordo, é um saco. Não podemos escolher o que somos ou como nos parecemos.

— O que é que você *não* quer ser? — Jenny perguntou.

— Eu não estava falando de mim. — Mas a palavra "vampira" pipocou na sua cabeça. E quantas vezes ela não quis se parecer mais com o pai, só por achar que assim ele seria mais feliz? Mas esse era só um dos motivos.

— Sei — Jenny respondeu, sem acreditar.

Della bufou. Então, sem saber por quê, decidiu baixar um pouco a guarda.

— Eu não quero ser fraca, e não quero depender das pessoas. Quero ser capaz de cuidar de mim mesma e de me sentir bem comigo mesma. — Uma leve brisa soprou e algumas folhas de um bordo prateado flutuaram no ar. — Mas não é tão fácil assim. Às vezes é duro estar tão distante dos meus pais, e eu não estou falando da distância física.

Outra brisa soprou mais algumas folhas para longe.

— Derek me disse que está ajudando você a encontrar seu tio e talvez uma tia. É por isso que você está à procura deles?

Della franziu a testa ao pensar em Derek conversando sobre seu assunto particular, mas achou que não podia se queixar.

— Por isso também, mas não conte essa história a ninguém.

— Ah, não precisa se preocupar. — Jenny fez uma pausa. — O que você vai fazer se encontrá-los? Vai embora daqui e morar com eles?

— Não — respondeu Della. — Só vai ser bom ter alguém da família que me entenda.

— Eu sei o que quer dizer — disse Jenny, fazendo-a se lembrar de que nem tudo eram rosas no relacionamento de Jenny com os pais. Della supôs que Jenny e ela tinham muita coisa em comum.

O silêncio ficou pairando no ar.

— Derek me beijou... — confessou Jenny de repente.

Della olhou para ela, feliz por afastar seus pensamentos de Steve e dos pais.

— E aí?...

— E aí o quê?

— Um beijo sempre vem com uma história. Um beijo nunca é apenas um beijo. Você gostou? Virou um tapa na cara dele? Foi de língua? Sentiu um arrepio? Você que se afastou primeiro?

Jenny deu um sorrisinho.

— Não acha errado beijar e sair por aí contando?

— Isso só vale para os garotos — disse Della. — As garotas podem contar. — Ela sorriu de volta. — E não se preocupe, não vou sair por aí contando.

Jenny fez uma pausa.

— Eu disse a ele que não devia ter feito aquilo, mas não tentei detê-lo enquanto estava fazendo. Então acho que gostei. — Ela suspirou. — E quando ele me beijou foi como se... tudo ficasse diferente. Mais bonito.

Dela já tinha ouvido aquilo antes, de Kylie, mas não achava que Jenny lhe daria ouvidos se falasse.

— Se gostou, por que falou que ele não deveria ter te beijado?

— Não sei... pareceu estranho. Fiquei me perguntando se ele não gostava mais de beijar Kylie. Se ele só gosta de mim porque eu lembro Kylie, por também ser camaleão. Mas não sou tão especial quanto ela.

— Por que simplesmente não pergunta a ele?

— Se eu começar a fazer perguntas, ele vai achar que estou com ciúme.

Agora, aquilo era uma coisa que Della podia entender. E era exatamente a razão por que ela não perguntava a Steve sobre sua enfermeirazinha assistente.

— Você está com ciúme?

— Não. Talvez. Mas não devia.

Idem, Della pensou. Ela também não devia ter ciúme. Especialmente porque não tinha nenhum compromisso com Steve.

Jenny tirou o cabelo castanho do rosto.

— Acho que ela já não está mais apaixonada por Derek, mas será que ele já a esqueceu?

— Você deveria conversar com ele. — respondeu Della. — E com Kylie também. Acho que ela poderia ajudá-la com isso.

Jenny fez uma careta.

— Seria muito estranho.

Della rolou o corpo até ficar de bruços no chão da varanda, levantou os pés e olhou para Jenny.

— Às vezes a gente tem que deixar de lado a pose de durona e fazer o que é preciso. — Mas quando Della pensava em perguntar a Steve sobre Jessie, não parecia tão fácil. Ela sentia que

ainda não estava preparada para deixar de lado a sua fama de mau.

Jenny olhou para Della.

— E o que vai fazer sobre você e Chase?

O queixo de Della caiu.

— O quê?

— Ele ofereceu o próprio sangue para passar uma hora com você e fica te encarando quando você não está vendo. Não com o mesmo carinho de Steve, mas dá pra ver que sente alguma coisa por você.

— Ele só ofereceu sangue para pressionar outras pessoas a doarem mais. E ele não olha pra mim do jeito que você está pensando.

— Ele tentou beijar você?

— Não. — Mas Della se lembrou de Chase dizendo que ela era *caliente* e tocando os lábios dela. Ele provavelmente só estava tentando irritá-la. E tinha conseguido. — Eu não gosto dele.

— Porque gosta de Steve?

— Simplesmente não gosto dele. — Ela não queria contar que o cheiro do vampiro não lhe era estranho. Não queria admitir que o achava... atraente. Ou que tinha pensado na sensação do dedo dele sobre seus lábios. Não, ela não queria levar aquilo adiante, porque não significava nada.

— Acho que você está certa de desconfiar dele.

Foi o modo como Jenny disse aquilo que chamou a atenção de Della.

— Por quê? O que você sabe?

O breve silêncio de Jenny era sinal de que a garota sabia alguma coisa.

— O que é, Jenny? Desembucha! Ou vou precisar te sacudir pra você falar? — E lá se fora a promessa de Della de ser gentil com a garota...

Capítulo Catorze

— Por favor — pediu Della.

Jenny franziu a testa.

— Só se você prometer não contar a ninguém.

— Meus lábios estão selados.

— Eu costumo fazer caminhadas. Não saio de Shadow Falls, mas ainda assim tenho que sair escondido porque meu irmão acha que não devo sair sozinha por aí. Mas não estou fazendo nada, só dando uma volta pelo bosque. Pensando.

— Eu saio também quase toda noite — confessou Della. — E nunca vi você.

— Nem daria. Eu fico invisível. Só me sinto melhor quando sei que ninguém pode me ver. Mas vi você uma vez. Eu ia aparecer, mas você estava indo rápido demais.

Della puxou um joelho até o peito para afastar um arrepio pouco natural. Olhou em volta, rezando para não ver nenhuma pena de ganso, depois se concentrou outra vez em Jenny.

— E o que isso tem a ver com Chase?

— Às vezes eu vejo esse cara andando por aí à noite, também. Sempre bem tarde. E uma vez o ouvi conversando com alguém. Uma pessoa que estava do lado de fora da cerca. Eles estavam conversando bem baixinho. Não sei por quê, mas parecia... que conversavam em segredo.

Dela se lembrou de ver Chan do lado de fora da cerca. Será que Chan conhecia Chase? Será que era por isso que sentia já ter encontrado Chase antes? Por que Della se lembrava do cheiro dele?

— Esse cara com quem ele estava falando era oriental? — Della perguntou.

— Eu não vi direito. Chase estava na frente.

Della pensou a respeito.

— Foi ontem à noite?

— Não. Terça-feira à noite.

Então não tinha sido na mesma noite. Mas não seria coincidência demais se uma coisa não tivesse nenhuma ligação com a outra? A mente de Della estava a mil por hora. O que, pelo amor de Deus, Chase tinha a ver com Chan? E se Chase conhecia Chan, por que não tinha contado a ela?

— Espere aí! — disse Della. — Você não podia vê-lo, mas podia ouvi-lo. O que Chase e esse cara estavam conversando?

— Eu não sei, tentei não ouvir. É errado ouvir a conversa dos outros e Burnett me avisou, muitas vezes, que eu não devo usar a minha invisibilidade para fazer isso. Então eu me afastei. Mas, quando estava indo embora, vi Chase olhar ao redor, como se estivesse com medo de que alguém o visse. Acho que ele estava fazendo algo que não devia. Agia como se estivesse com medo de ser pego.

Depois das aulas, Della se deitou em sua cama, lutando contra uma leve dor de cabeça e sentindo que não estava fazendo nenhum progresso. Ainda não tinha descoberto nada de importante com relação ao tio. Ainda não sabia quem a tinha golpeado na cabeça. Burnett ainda não tinha autorizado que ela trabalhasse no caso dos assassinatos. Ela não conseguia entrar em contato com o primo e agora tinha o mistério de Chase e sua visita enigmática para investigar.

Não que ela não quisesse confrontar o Pervertido da Calcinha.

Mas ainda não era hora.

Queria primeiro conversar com o primo. Da próxima vez que acusasse Chase de algo, não queria que ele pudesse encontrar um jeito fácil de se safar. Ela queria provas. Só precisava que Chan retornasse sua ligação.

Sua frustração com Chase tinha se tornado frustração com o primo. Ou talvez não chegasse a ser frustração, só preocupação. Se Chan tinha entrado para uma gangue, eles poderiam não permitir que ele retornasse ligações. Ela tinha ouvido falar que algumas gangues forçavam seus membros a desistir de todo mundo que fazia parte da sua antiga vida. Será que era isso que estava acontecendo com Chan? Ela torcia muito para que ele não tivesse se transformado num deliquente. Delinquentes faziam coisas perversas às vezes. Muitas gangues de foras da lei se alimentavam de seres humanos. Será que Chan fazia isso?

Fechando os olhos, ela se lembrou de que Chan a ajudara a enfrentar a parte mais difícil da sua transformação. Ele só saía do lado dela quando a mãe dela ou outra pessoa entrava no quarto. Ou quando eles a levaram para o hospital. E mesmo assim ele a visitava para ver como Della estava. Ele poderia tê-la abandonado. Deixado-a sozinha. Largada à própria sorte. Ela poderia ter acabado matando alguém. Muitos vampiros recém-criados supostamente faziam isso.

Mas Chan não tinha deixado. Ele não era ruim. Podia ter se juntado a uma gangue, mas certamente não era nenhuma que tolerasse matar seres humanos.

Mais uma vez, ela lamentou não ter retornado a ligação do primo. Lamentou não ter tentado com mais afinco ser uma parte mais importante da vida dele. Deus do Céu, ela não só era uma megera, como também uma péssima prima!

Mas não tão péssima a ponto de acreditar que Chan poderia matar pessoas inocentes. A imagem da garota morta apareceu em sua cabeça novamente. Ela a tirou da cabeça e voltou a pensar no primo.

— Me ligue, Chan, por favor... — murmurou, como se ele pudesse ouvi-la.

O telefone tocou. Della se sentou num salto e pegou o telefone, olhando o visor. Mais uma vez, não era Chan. Era a mãe dela.

— Oi, mãe! — cumprimentou Della, tentando parecer alegre.

— Falei com a senhora Galen. Eu acho que não há problema em você ir, mas... não conte para o seu pai.

Por quê? Della queria perguntar, embora já soubesse: o pai dela não concordaria. Só pelo prazer de *não* ver Della feliz, porque ele provavelmente ainda achava que ela tinha roubado o conhaque dele.

— Obrigada — agradeceu Della, e depois, como a conversa começou a ficar meio esquisita, ela perguntou: — Como foi seu dia?

— Tudo bem.

De repente, Della não conseguiu mais reprimir a curiosidade.

— Mãe, posso perguntar uma coisa?

— Pode.

— Por que o papai nunca fala do passado? Da infância dele? — *Do irmão gêmeo morto e da irmã desaparecida?*

— Que pergunta mais estranha! — exclamou a mãe.

— Eu sei — Della admitiu. — Mas é simplesmente esquisito que ele não fale da vida dele como você. Você conta da época em que fazia colegial. — Se sentindo com mais coragem, ela acrescentou: — E fala até sobre o seu irmão que morreu de câncer. Mas papai não fala nada... de nada.

— Ele... ele não teve uma infância muito fácil — disse a mãe, mas Della podia perceber pelo tom de voz que ela já sentia que estava traindo o marido só por ter falado aquilo.

— O que fez com que fosse tão difícil? — Della perguntou. Então ouviu vozes ao fundo, do outro lado da linha. A voz do pai.

— Tenho que desligar. — Então a linha ficou muda.

O som solitário ecoou no peito de Della.

Bem, a breve conversa não a tinha levado a lugar nenhum. Só servido para deixá-la mais deprimida. Era muito triste saber que a mãe tinha que esconder que estava falando com ela.

Não querendo chafurdar na autopiedade, decidiu que era hora de enfrentar Burnett e contar que passaria o fim de semana na casa de Kylie. Se tivesse sorte não seria tão difícil.

Por que ela não perdia a mania de esperar que algo fosse fácil?

— Por que não posso ir? — insistiu. — Até a minha mãe disse que eu posso.

Della olhou primeiro para Holiday e depois para Burnett.

Holiday deu um passo para trás como se quisesse ficar fora da discussão. Mas como poderia, se Burnett estava sendo completamente irracional? Della não tinha nem terminado a pergunta quando ele balançou a cabeça numa negativa.

— Se esqueceu de que há chance de você ainda ser alvo de um assassino?

— Como pode dizer isso? Se o cara quisesse me matar ele já poderia ter feito isso. Eu estava desmaiada, pelo amor de Deus! Será que é tão difícil assim me matar? — Ela correu um dedo

pelo próprio pescoço.

Os olhos de Burnett ficaram um pouco mais brilhantes de irritação.

— É como Holiday disse, os anjos da morte podem tê-lo afugentado.

— Afugentá-lo uma ova! Eu ainda suspeito que os anjos da morte é que me acertaram. E, francamente, não acho que você ainda acredite que tenha sido o assassino ou estaria em pé de guerra.

A expressão de Burnett revelou a Della que ela tinha acertado na mosca com a observação.

— Eu não disse que acreditava, eu disse que havia uma chance.

— E há uma chance de um asteroide se chocar contra a Terra e matar todo mundo amanhã!

— Eu sou responsável pela sua segurança! — ele sibilou. — E não posso ficar de olho em você se não estiver no acampamento.

— Mas eu não vou sozinha. Miranda e Kylie vão estar lá e, eu não sei se você se esqueceu, mas Kylie por acaso é uma protetora e provavelmente poderia dar um chute num asteroide se ele tentasse pousar em mim.

Quando viu que a expressão de desaprovação não deixou o rosto de Burnett, ela resolveu chutar o balde e dizer o que realmente pensava. Era um argumento antigo, mas o melhor que tinha.

— Eu sei do que se trata. É porque somos garotas, certo? Se Lucas, Derek e Perry quisessem ir a algum lugar, você não teria questionado. Quer saber? Você não passa de um porco chauvinista. Ah, e só para lembrar, é por isso que não quer que eu trabalhe nesse caso, não é? Eu sou uma garota.

— Não é isso! — Burnett retrucou e olhou para Holiday como se pedisse para ela intervir, mas, mais uma vez, a esposa não disse uma palavra.

O que significava que ela ainda concordava com Della. E isso aumentou o fogo nas entranhas da vampira.

— Então você vai me deixar trabalhar no caso? — ela perguntou, decidindo que, se já o irritara, poderia muito bem ir até o fim.

— Nós não avançamos no caso ainda.

— Você não respondeu à minha pergunta — Della ressaltou.

Aparentemente, o grande vampiro mau não gostava de ser pressionado.

Ele resmungou.

— Você é uma vampirinha teimosa e irritante. Além disso, precisa aprender a respeitar autoridades.

— Vou respeitar a autoridade, quando a autoridade me respeitar! E isso inclui os meus peitos!

Burnett olhou novamente para Holiday.

— Você não pode dar um jeito nela?

Holiday encolheu os ombros.

— Eu acho que os dois têm razão.

Agora Burnett olhava para Holiday com raiva.

— Ela não está sendo razoável.

— Eu acho que ela só está acusando você da mesma coisa — argumentou Holiday.

Isso mesmo, o clima afetuoso e acolhedor entre Della e Burnett, que quase tinha valido como um abraço na outra noite, não passava agora de uma vaga lembrança. Eles estavam de novo dando cabeçadas como dois touros furiosos.

Della continuou, porque Burnett não era o único cabeça-dura.

— Se você puder me dizer, sem que o seu coração denuncie, que se fosse Lucas ou Chase pedindo um fim de semana fora você não autorizaria, vou calar a boca.

Ele não podia dizer isso a ela. Ele nem tentou mentir. Então ela não se calou. E depois de mais alguns minutos de falatório e alguns toques da mão de Holiday, o vampiro turrão concordou em deixá-la ir à casa de Kylie.

Ela já estava voltando para sua cabana quando se deu conta de que ele nunca concordaria em deixá-la trabalhar no caso. A tentação de voltar bateu forte, mas seus instintos diziam que ela deveria travar aquela batalha outra hora.

O que importava era que, no sábado, Della poderia ir até a funerária que tinha ajudado a forjar a morte do tio e de Chan. E, embora ela estivesse fora de casa, esperava obter uma vantagem sobre a gangue Sangue Rubro. Se o dono da funerária atendia vampiros que queriam forjar a própria morte, ele poderia ter alguma informação sobre as gangues locais. Caramba, talvez o velhote tivesse contato com Chan!

Mas mesmo que ela descobrisse onde ficava a sede da gangue Sangue Rubro, não sabia se conseguiria encontrar um jeito de ir até lá. Lembrou-se da regra de Holiday sobre não correr riscos.

Della suspirou. Ela só tinha que esperar e ver o que conseguiria na funerária; só então decidiria se seria muito arriscado.

Mas sentindo-se mais produtiva, depois de levar a melhor na discussão com Burnett, ela decidiu não parar por aí. Em vez disso, foi procurar Derek e ver se ele tinha descoberto alguma coisa com relação à tia e ao tio. Naquele mesmo dia, Della tinha dado a ele o nome da escola e Derek dissera que iria pesquisar na internet.

Respostas, Della pensava. Seria muito bom se descobrisse alguma coisa. Algo que pelo menos lhe desse a certeza de que o tio e a tia estavam realmente vivos.

Zero. Nada. Essa tinha sido a resposta de Derek. Bem, quase nada. Ele tinha encontrado um antigo colega de classe do Colégio Klein que estava pensando em vender seu anuário. Della concordou de bom grado em entregar a Derek cinquenta dólares para pagar a maldita coisa. O *fae* entrou na internet logo em seguida e disse ao sujeito que eles tinham o dinheiro, mas então o cara começou a dar pra trás. Talvez quisesse vendê-lo, talvez não.

Francamente, Della não sabia muito bem por que o bendito livro era tão importante. Ela já tinha uma foto do tio, mas Derek explicou que um anuário poderia dar a eles os nomes das

pessoas com quem o tio dela andava, os interesses fora da escola e outras dicas como aquelas. Mas Della não queria mais dicas, queria respostas.

Chan teria respostas. Agora, de volta à cabana, deitada na cama, ela olhava para o celular sobre a mesa de cabeceira, torcendo para que tocasse.

Quando o telefone tocou, ela quase deu um pulo da cama.

Com o coração acelerado, pegou o telefone, achando que poderia ser Chan, e olhou o visor.

Não era Chan.

Era Steve. Ela tinha falado com ele na noite anterior e mal conseguido desligar o telefone sem bombardeá-lo com perguntas sobre Jessie, a peituda sorridente. A última coisa que queria era bancar a namorada ciumenta.

Ela olhou para o telefone tocando. E atendeu.

— Oi — disse ela.

— Oi, achei que você não fosse atender.

— Desculpe, eu estava ocupada fazendo... uma coisa. — *Decidindo se devia ou não atender ao telefone*.

— Está tudo bem?

— Sim, tudo bem. Como estão as coisas com você? — *Está se divertindo com Jessie?*

— Sentindo sua falta. Acordei durante a noite e só conseguia pensar em você.

Mas não durante o dia, quando Jessie está por perto, hein? Ela mordeu o lábio para não expressar seus pensamentos em voz alta.

— Lamento muito — ela disse em vez disso.

— Por quê? Eu gosto de pensar em você.

Ela fechou os olhos.

— Não é saudável... Ficar sem dormir assim. — Ela mesma não tinha dormido muito bem.

Ele fez uma pausa.

— Você não pensa em mim às vezes? Em quando nos beijamos? Quando estamos quase...

— Às vezes — admitiu ela abruptamente, sem querer que ele a fizesse se lembrar daquelas coisas.

— O que exatamente você pensa?

— Para com isso!

— Parar com o quê?

— De falar como quisesse fazer sexo pelo telefone.

Ele começou a rir.

— Eu nunca disse nada sobre fazer sexo pelo telefone.

Ela sorriu. Della gostava da risada de Steve — gostava de saber que ela o fazia rir. Será que Jessie o fazia rir também?

— Bem, é o que parece. Com essa sua voz grave e sexy de caipira sulino.

— Você acha que minha voz é sexy?

— Para de falar sobre sexo! — ela cortou.

— Você que começou.

— Bem, estou parando, então!

— Só mais uma pergunta — ele implorou. — E então vou calar a boca.

— Tudo bem — disse ela, sabendo que Steve não era alguém fácil de se convencer. Às vezes o cara parecia mais um vampiro do que um metamorfo. Não que ele realmente tivesse alguma coisa de vampiro. Ele era apenas teimoso, às vezes. Por mais irracional que aquilo parecesse, ela admirava aquilo nele.

— Você já fez sexo por telefone?

— Não, só vi num filme.

— Que tipo de filme? — ele perguntou, parecendo intrigado.

— Não do tipo que está pensando. Era uma comédia romântica. Um filme água com açúcar.

— Hmm... Como é que foi?

— Não vou dizer. Você disse só uma pergunta.

— Tudo bem. — Ele fez uma pausa. — Ah, me lembrei de algo que você disse e que nunca me explicou. Disse que tinha algo para falar com Derek. O que era?

Ela não tinha dito a Steve sobre suas descobertas de fim de semana, e parte dela não sabia se deveria, mas de repente teve vontade de contar.

— Eu... acho que tenho um tio que é vampiro. E talvez até mesmo uma tia.

— O quê? Como... O que a faz pensar assim?

Ela contou a Steve sobre o que a irmã tinha dito e, em seguida, sobre a foto. E sobre Derek ter encontrado o obituário. E que tinha lido a respeito de uma tia que ela não sabia que existia.

— Caramba! E agora? Você vai pedir a Burnett para ajudá-la?

— Não, eu não quero deixá-los em apuros, se não forem registrados.

— Mas se não forem registrados, então podem ser deliquentes.

— Ou podem apenas fazer parte do grupo de vampiros que não confia na UPF. Só porque alguém não está registrado não significa que seja ruim. Meu primo Chan não é ruim. Ele é apenas um não conformista.

— Eu sei, é só que... Eu fico preocupado.

Eu também. Sobre você e Jessie.

— Você não tem que se preocupar. Eu posso cuidar de mim. — Os resquícios da raiva que restara da conversa com Burnett reacenderam. — Fica preocupado porque sou uma garota e você acha que não posso cuidar de mim?

— Não. É... porque quando um cara gosta de uma garota, tanto quanto eu gosto de você, ele quer protegê-la.

— Então pare de gostar tanto de mim! — disse ela, esfregando a têmpora para amenizar a dor.

— É um pouco tarde para isso. — O silêncio encheu a linha. — Você precisa que eu ajude em alguma coisa?

— Não, acho que está tudo sob controle. — Ela já tinha aceitado a ajuda de Kylie e Miranda. Já eram duas pessoas que podiam ter problemas se as coisas não corressem bem. Ela não queria acrescentar uma terceira na equação.

— Tem certeza? — ele perguntou.

— Tenho! — exclamou, esperando que no sábado ela pelo menos tivesse algumas respostas.

Uma batida soou do outro lado da linha.

— Só um segundo — pediu Steve. — Jessie está na porta.

Jessie estava na porta do quarto dele? Para quê?

Della podia adivinhar o que ela queria. Apertando as mãos, tentou escutar alguma coisa.

— Vou colocá-la na sala dois — disse a voz feminina. Della quase podia ouvir a adoração na voz sedutora e suave da garota.

— Eu já vou — respondeu Steve.

— Talvez seja melhor pôr uma camisa primeiro — disse Jessie com uma voz provocante. — Desse jeito você pode provocar um ataque cardíaco nela.

Della rosnou, lembrando-se claramente de que Steve, sem camisa, era de arrancar suspiros. Logo em seguida sua antipatia pela filha do médico aumentou um pouco mais. Ok, bem mais do que um pouco mais.

— Mas, pensando bem, ela provavelmente morreria feliz... — acrescentou Jessie.

Steve riu.

— Não se preocupe, vou me vestir.

Então Jessie riu. E ela sabia flertar. Jessie estava flertando com o namora... com Steve, que nem sequer percebia. Ou será que percebia?

— Ei, Della, tenho que desligar. Temos uma paciente. Mas eu mal posso esperar até amanhã. Precisamos conversar.

— Conversar sobre o quê?

— Sobre nós.

— Nós?

— Desculpe, mas tenho que ir — disse ele. — Vejo você amanhã, ok? Talvez você me conte sobre aquele filme do sexo pelo telefone.

Della rosnou novamente.

Steve riu.

Ela franziu a testa. E foi só quando desligou que percebeu que não tinha contado a ele que passaria o fim de semana fora. Ele não ficaria nada feliz. Mas ela também não estava feliz. Pensar nele brincando de médico com Jessie não a enchia de alegria.

*

Seria melhor pedir permissão ou pedir perdão? A pergunta pairava na cabeça de Della, pesando na sua consciência.

Ela sentou-se em frente ao computador na quinta de manhã, vestida de preto, enquanto perdia a primeira aula e olhava um rosto na tela do monitor. O cabelo castanho de Lorraine Baker descia em cachos sobre os ombros. Seu sorriso era... magnético. Seus olhos verdes, brilhantes e cheios de vida. Mas aquela luz não existia mais.

Ela estava morta.

Della não tinha conseguido dormir na noite anterior, depois do telefonema de Steve, de modo que tinha se levantado e começado a navegar na internet, procurando algo suficientemente entediante para deixá-la com sono. Em vez disso, encontrou uma história sobre Lorraine no jornal da cidade. Uma estudante universitária de 19 anos, com um futuro promissor, que tinha morrido tragicamente num acidente de carro com o noivo.

Tudo mentira, Della pensou. Lorraine e o noivo haviam morrido tragicamente nas mãos de um vampiro.

E naquele dia seria o enterro dos dois. Della não tinha a menor ideia de por que se sentia compelida a ir. Mas a compulsão era forte dentro dela.

Num canto da sua mente, ela já podia ouvir Burnett fazendo uma lista das razões pelas quais ela não deveria ir. Razões que não significavam nada para Della.

Permissão ou perdão?

Ela pegou o celular para ver as horas. Tinha que resolver.

Capítulo Quinze

— Burnett está aqui? — perguntou Della, enfiando a cabeça pela fresta da porta do escritório de Holiday.

— Não, ele foi chamado e vai passar o dia fora.

— Pela UPF? — Della deu mais um passo para dentro quando Holiday assentiu. — É sobre o caso do assassinato recente? — perguntou Della, prestes a ficar furiosa porque ele não a tinha levado junto.

— Não, é um caso em Dallas. — Holiday ergueu o barrigão da cadeira.

A barriga da *fae* estava ficando maior a cada dia. Della não podia deixar de se perguntar qual seria a sensação. Ter uma vida crescendo dentro de você.

De repente, Della reparou no vestido preto de Holiday. Ao contrário de Della, a *fae* nunca se vestia de preto. As cores vivas eram sua marca registrada.

— Algum problema? — perguntou Holiday, ao ver Della olhando fixamente para ela.

— Não, eu só... você está vestida de preto.

Holiday assentiu.

— Estou indo a um velório.

Eu também.

— De quem? — perguntou Della.

Holiday franziu a testa como se estivesse preocupada.

— Você não deveria estar na aula?

E foi então que Della pressentiu, instintivamente.

— Você está indo ao velório de Lorraine Baker, não é?

Holiday se encostou na mesa e confirmou com a cabeça.

— Ela me fez uma visita, mas ainda não se comunicou. Achei que, se fosse ao velório, poderia conseguir ajudá-la.

— Ajudá-la a fazer o quê? — perguntou Della. — O que ela quer de você?

— Eu não sei. Eles geralmente querem alguma coisa. Mas, em alguns casos, especialmente em mortes repentinas, o espírito só precisa ser consolado e saber que não há problema em fazer a passagem.

— Ou talvez ela queira saber algo sobre o assassino. Talvez queira que você ajude a pegar aquele monstro.

— É uma possibilidade, também — concordou Holiday.

Della hesitou por um segundo.

— Eu também quero ir — afirmou.

Holiday tirou o cabelo do ombro e o torceu.

— Não sei se esse é o protocolo para uma candidata a agente.

— Eu não estou nem aí com o protocolo. Olha, vou dizer a verdade. Eu já tinha decidido ir — avisou Della. — Só que ia sair de fininho, então resolvi convencer Burnett a me deixar ir. Era isso que eu queria falar com ele. Encontrei o artigo sobre ela na internet ontem à noite, e eu... Eu quero ir.

— Eu sei que foi desagradável para você ver a cena do crime, mas...

— Eu preciso fazer isso, Holiday. Não sei por quê, mas simplesmente preciso dizer que lamento muito. Por favor, não tente me deter.

Um sentimento de compreensão encheu os olhos verdes de Holiday.

— Que lamenta muito? Por acaso acha que a morte dela pode ser culpa sua, Della?

— Não, mas... o assassino era um vampiro e... Eu quero fazer a coisa certa. — Mesmo quando dizia isso, sabia que não poderia fazer a coisa certa. Não havia como trazer Lorraine de volta. Mas algo dentro dela dizia que ir ao velório era o melhor que podia fazer.

A atmosfera de dor era tão pesada que Della mal conseguia respirar. Apesar do fato de não conhecer a vítima, o sentimento de perda oprimia seu peito.

Homens de terno escuro arrumavam buquês e coroas de flores em volta do caixão. O cheiro doce de flores também impregnava o ar. Embora estivessem frescas, seu cheiro combinado com o da morte fazia Della questionar o costume de se usar arranjos florais em enterros.

Ela e Holiday tinham chegado dez minutos antes e se sentado nos fundos da igreja, que eram os últimos lugares vagos. A multidão ficava cada vez maior. As pessoas foram se aproximando até que todos estivessem praticamente ombro a ombro. Della lutou contra a necessidade de gritar para que lhe dessem espaço para respirar. Mas ela sabia que a sensação de asfixia em meio à aglomeração era mais psicológica do que física.

Emoções demais — por causa de todos os seus problemas. Embora, no momento, o mais importante em sua mente fosse a pessoa no caixão. A culpa que de alguma forma ela carregava pela morte do casal... culpa só por pertencer à raça dos vampiros.

O burburinho da multidão parecia reverberar no teto. Obviamente Lorraine tinha muitos amigos e entes queridos.

Della ficou ali em silêncio, ouvindo os murmúrios tristes. Algumas pessoas choravam. Outras simplesmente suspiravam — a compaixão impregnada naquele som baixo. Outras falavam sobre ela, pequenos detalhes. *Ela adorava sorvete de menta com chocolate. Detestava álgebra. Ela bufava quando ria muito alto*. Diziam coisas como se o fato de fazer isso de alguma forma mantivesse Lorraine viva.

Della inclinou-se na direção do ombro de Holiday e perguntou:

— Ela está aqui?

Della devia ter ficado assustada com a ideia de um fantasma rondando por ali, mas estranhamente não estava. Se Holiday conseguisse alguma pista relacionada à morte da garota, ela poderia encontrar o filho da puta responsável pela morte de Lorraine. E realmente queria encontrá-lo.

— Não a vi nem senti — Holiday sussurrou de volta. — Mas há outro espírito aqui. Acho que pode ser o mesmo que está acompanhando Kylie. Ele fica passando rapidamente. Com certeza é um vampiro.

Della fechou os olhos por um segundo, sem querer acreditar que se tratasse do espírito do seu tio ou tia, mas fazia sentido.

— Eu, na verdade, estava esperando que Lorraine estivesse aqui — sussurrou Holiday.

— Se ela aparecer, não esqueça de perguntar sobre o assassino.

Della deixou os olhos vagarem pela sala e por fim pousou-os no caixão, colocado na frente dos bancos e cercado de pessoas.

— Ela parece bem — uma mulher na frente disse a outra, ao lado. — Nem parece que morreu num acidente tão grave.

Parece bem? Ela está morta, Della queria gritar.

Em seguida, uma visão de Lorraine, ensanguentada e machucada, surgiu na cabeça de Della. A visão continuou mostrando os dedos da garota cheios de sangue. Della piscou e se encolheu.

— Você está bem? — perguntou Holiday, sem dúvida captando as emoções instáveis de Della.

— Tudo bem — mentiu.

Holiday descansou a mão sobre a de Della. Um pouco do peso que sentia desapareceu.

Fragmentos de diálogo ecoavam ao redor da igreja.

Tão triste. Ela estava apenas começando a viver. Você sabia que ela tinha adotado um cachorrinho?

Della fechou os olhos. Por que sentira o impulso de vir ao velório? Como sua presença ali iria ajudar a pobre garota assassinada ou o noivo dela? Como isso iria ajudá-la encontrar o assassino?

Não iria, Della constatou. De alguma maneira inexplicável ela estava ali pela culpa que sentia. Culpa porque alguém da sua espécie tinha feito aquilo.

Funerais não são para os mortos, são para os vivos. Della se lembrou das palavras do pai, quando ela lhe implorou para que não a obrigasse a ir ao enterro de Chan. Ela não queria ver a tia chorando ou vê-los colocar o caixão do primo na terra. De certa forma, sentia que, se não fosse forçada a ir ao enterro, poderia fingir que ele ainda estava vivo. Mal sabia ela que ele estava vivo de fato.

Um soluço escapou de alguém ao lado do caixão.

— Você vai amanhã ao velório de Jake? — Uma jovem perguntou a outra garota sentada duas fileiras à frente. O diálogo soou como uma música distante. Música sobre uma vida perdida. Della se obrigou a escutar.

— Provavelmente. Eu só fico me perguntando se isso teria acontecido se Phillip não a tivesse deixado.

— Ela amava Jake.

— Eu acho que amava mais Phillip.

— Phillip a magoou muito quando foi embora.

Então Lorraine tinha problemas com os garotos como todo mundo, Della pensou.

— Pelo menos ela e Jake morreram juntos.

Como isso pode tornar a coisa toda melhor?, Della se perguntou, sem querer pensar em como tinham sido aterrorizantes os últimos momentos da vida de Lorraine. Diante de um monstro. Temendo por sua vida e temendo pela de alguém que amava.

A música começou a tocar. O pastor subiu ao púlpito e falou sobre o amor de Lorraine pela vida e pela vontade de ajudar os outros. Após uma cerimônia de dez minutos, a multidão se levantou e fez uma fila diante do caixão. Della quase quebrou a corrente humana para não ter de ver o corpo. Em seguida, percebendo que isso poderia ser um insulto, ela lentamente, com Holiday atrás, fez a peregrinação até o caixão.

Disse a si mesma que não iria olhar, que não era necessário. Mas, quando estava em frente a ele, seu olhar foi atraído pela garota imóvel, trajando um vestido cor-de-rosa. O cabelo preto era a única coisa nela que não parecia morta. As mãos — não mais ensanguentadas como apareciam nos pensamentos de Della — estavam unidas. Os olhos, fechados. A garganta não mais mutilada.

Della ficou parada em frente ao caixão de madeira polida apenas por tempo suficiente para fazer uma promessa.

Vou pegá-lo. Vou pegar o monstro que fez isso com você.

Logo antes de Della se afastar, uma pequena pena veio flutuando de cima e pousou suavemente no rosto da garota, quase como uma lágrima. Della lutou contra a necessidade de tirá-la dali, mas hesitou em tocar o corpo e seguiu a multidão para fora da igreja.

— Então, você não a viu nenhuma vez? — Della perguntou a Holiday enquanto a *fae* dirigia de volta para Shadow Falls.

— Não — negou Holiday —, mas talvez ela volte mais tarde. Às vezes... — O telefone de Holiday tocou e ela o tirou da bolsa e verificou o visor. Franzindo a testa, aceitou a ligação. — Está tudo bem?

Della tentou ouvir a chamada, mas não conseguiu identificar a voz do outro lado da linha. Sua audição estava falhando novamente, mas observou a expressão da amiga. E sabia que as notícias não eram boas.

— Estamos a cerca de dois minutos — disse Holiday. — Leve-o para o escritório. Diga que a filha está na cabana e que você vai chamá-la. — Quando Holiday desligou, ela olhou para Della com os olhos cheios de preocupação.

— O que foi? — perguntou Della, preocupada que um dos pais de suas amigas estivesse causando problemas. Tanto Kylie quanto Miranda tinham problemas em casa.

Mas, que droga!, poderia ser até Jenny.

A expressão de Holiday exprimia compaixão.

— É o seu pai, Della. Hayden disse que ele está muito aborrecido. Disse que você pegou alguma coisa em casa que ele quer de volta imediatamente.

O coração de Della gelou e ela sentiu um nó no estômago.

Holiday olhou para ela com perguntas nos olhos.

— Você tem ideia do que ele está falando?

Della foi direto para a cabana pegar a foto. Com cuidado para não amassá-la, guardou-a num envelope branco imaculado e foi para o escritório. A única coisa que dissera a Holiday é que tinha pego uma antiga fotografia da família. Embora a *fae* esperasse que Della explicasse por que tinha pegado a foto, ela não deu nenhuma explicação. Apenas olhou pela janela do carro. Percorreram os quilômetros que faltavam em total silêncio, enquanto o burburinho caótico da mágoa que corroía o coração de Della soava mais alto.

Agora, enquanto caminhava em direção ao escritório de Holiday, com a foto nas mãos, todo o seu corpo tremia de nervoso diante da ideia de enfrentar o pai. Ou melhor, de enfrentar a decepção que sabia que veria nos olhos dele. A lembrança da expressão nos olhos do pai quando a pegou no seu gabinete ardia como uma queimadura. A acusação de que ela roubara seu conhaque vibrava em seus ouvidos.

Ela subiu os degraus do escritório, mas parou na porta. Que diabos iria dizer a ele? Ela não podia dizer a verdade, que Marla tinha ouvindo a conversa sobre o irmão gêmeo. O pai valorizava a privacidade, ele ficaria furioso. E Della não iria colocar a irmã em maus lençóis. Preferia assumir a culpa e ficar ela própria em maus lençóis. Além disso, no que dizia respeito aos pais, ela já estava em maus lençóis — e já tinha sido acusada várias vezes.

Perguntas rodopiavam em sua cabeça enquanto ela dava os últimos passos até o interior da cabana. Como o pai tinha descoberto que a foto não estava no álbum? Será que ele tinha o hábito de ver aquelas fotos? De repente Della se lembrou da conversa ao telefone com a mãe, quando ela tinha negado que bebera o conhaque do pai e contara que estava olhando as fotos de Chan. Tinha sido uma mentira, mas estava mais perto da verdade.

A mãe devia ter contado ao pai e aquilo o fizera procurar o álbum. Ela quase podia imaginá-lo folheando-o com raiva, suspeitando de que ela tinha pegado alguma coisa. E, dito e feito, ele viu que estava certo. Pelo menos dessa vez, ela era realmente culpada pelo crime do qual ele a acusava.

Ela entrou na sala de reunião, o estômago contraído de nervoso. O pai estava sentado à mesa, de frente para a porta. Ele franziu o cenho quando ela apareceu na porta. Não que Della esperasse algo diferente, mas aquilo doeu — uma dor profunda que feria sua alma.

Houve um tempo em que os olhos dele se iluminavam de amor. Agora tudo o que ela via eram carrancas, desaprovação e decepção.

Onde estava o amor que ele sentia por ela? Será que tinha acabado tão depressa? *E não é culpa minha, pai. Eu peguei um vírus, não queria isso para mim.*

Ela respirou fundo e sentiu sua respiração falhar.

As sobrancelhas dele estavam unidas numa expressão que parecia de raiva, decepção. Ela preferia a raiva. Ele apontou um dedo para a filha.

— Essa por acaso é a minha fotografia?

Ela se aproximou e colocou o envelope sobre a mesa. O grande nó na garganta quase impediu-a de falar.

— Eu... a encontrei sem querer e pareceu que... você tinha um irmão gêmeo. Fiquei curiosa.

— Você não tinha o direito de mexer nas minhas coisas pessoais.

Por que você me odeia, papai? Ela respirou fundo para reprimir as lágrimas e assentiu.

— Sinto muito — disse ela, sabendo que argumentar não adiantaria.

— Você disse à sua mãe que não estava bebendo — disse ele. — Por que não me disse na hora?

— Você estava com tanta raiva... Eu não achei que fosse acreditar.

— O que estava procurando? — ele perguntou, o tom ainda hostil. Ela suspeitava que a mãe já tinha lhe contado o que ela dissera, então repetiu a mentira.

— Eu estava pensando em Chan e imaginei que talvez você tivesse uma foto dele.

Ele se levantou.

— Chan está morto. Que descanse em paz.

Mas ele não estava morto, Della pensou. E talvez o tio não estivesse também. Ela viu o pai começar a se afastar. Ele não a abraçava desde que ela tinha sido transformada.

— Papai? — chamou.

Ele se virou e olhou para trás. Por um segundo, pelo tempo de um piscar de olhos, ela poderia jurar que viu tristeza nos olhos dele. Tristeza por tudo que tinham perdido.

— O quê?

Ela correu para ele, querendo sentir seus braços protetores ao redor dela. Querendo ter certeza de que ele não a odiava.

Antes que ela chegasse até ele, o pai estendeu a mão para detê-la. Seu coração se apertou num grande nó de dor.

Ela respirou e engoliu. Se não iria ganhar um abraço, talvez pelo menos obtivesse respostas.

— É seu irmão gêmeo na foto?

Os lábios dele se apertaram. Ela pensou que o pai fosse simplesmente sair sem responder, mas ele finalmente falou.

— Eu vim pegar o que é meu, não vim dar respostas.

— Por que você nunca falou dele? — Della perguntou, não querendo desistir tão facilmente.

— Por que trazer à tona lembranças dolorosas? Algumas coisas é melhor esquecer.

Como eu, Della pensou. Ele estava tentando esquecê-la.

Ele se virou para sair.

— Eu ainda te amo — disse ela, com a voz baixa e cheia de mágoa.

Os passos dele vacilaram por um, talvez dois segundos. Então ele continuou a andar. E não olhou para trás. Não disse que a amava. Por que diria? Ela não importava mais. Era só uma lembrança dolorosa.

— Já está pronta para ir? — Kylie perguntou enquanto ela e Miranda se aproximavam apressadas, na sexta-feira após as aulas. Kylie estava sorrindo. Desde que ela e Lucas tinham começado a namorar, a camaleão sorria muito. — Mamãe disse que estará aqui por volta das quatro.

— Minha mala já está pronta, mas preciso fazer uma coisa primeiro. — Uma coisa apenas, no entanto Della se sentia puxada em mil direções diferentes. O velório tinha lhe dado determinação para convencer Burnett de que era digna de trabalhar para a UPF. A visita de seu pai tinha lhe dera determinação para encontrar o tio e a tia. E, de alguma forma, ela tinha que encontrar Chan e convencê-lo a sair da gangue. E então havia Steve.

— O quê? — perguntou Miranda. — O que você tem que fazer? — A bruxa recusava-se a deixar que alguma coisa ficasse no ar. Na noite anterior, quando Burnett tinha chegado em casa e convocado Della para uma visita, a bruxa a teria deixado maluca se Della não contasse tudo. Ela dissera às amigas que o vampiro não tinha ficado feliz com o fato de ela ter ido ao velório de Lorraine.

Della ainda podia ouvir as palavras do vampiro zumbindo nos ouvidos. *Um agente tem que manter certa distância emocional.* Sim, ela tentaria se lembrar daquilo assim que seu coração parasse de doer.

Ele também tinha perguntado a ela sobre a visita do pai. Della contou o mesmo que dissera a Holiday quando seu pai havia partido. Ela tinha pegado uma fotografia antiga dele e de seus irmãos e ele descobrira que ela não estava no álbum. Diferentemente de Miranda, Holiday e Burnett não se intrometeram. Ah, Della suspeitava que os dois líderes do acampamento sabiam que havia mais nessa história, mas eles obviamente respeitaram seu direito à privacidade.

Algo que Miranda precisava aprender. Não que Della guardasse muitos segredos das duas melhores amigas. Ela até contara sobre a visita do pai.

— O que poderia ser mais importante do que a nossa viagem? — perguntou Miranda.

Mas, Santo Deus!, aquela garota não ia desistir nunca?

Della soltou um rosnado baixo. Ela quase tinha sido malcriada com a bruxa e dito que não era da conta dela. Mas antes que as palavras saíssem de seus lábios, percebeu que não estava realmente irritada com Miranda ou com as perguntas dela. Ela estava irritada com a situação. E embora Della tivesse muitas situações complicadas acontecendo em sua vida, o que a deixava mais sobrecarregada naquele instante era a sua situação com Steve.

Ele tinha aparecido para as aulas naquele dia, como disse que faria. E como sabia que ela não queria assumir diante dos olhos de todos que estavam juntos, ele não tinha se aproximado muito.

Mas ela podia jurar que, toda vez que olhava para ele, o metamorfo estava olhando para ela através dos seus cílios espessos e escuros, com um sorriso sexy no rosto. Ela apostaria seu melhor sutiã que ele estava pensando nos dois se beijando. Sobre como seria quando fossem bem além dos beijos.

E ver o metamorfo e seu sorriso de tirar o fôlego a fez pensar naquilo também. Era como se seu cérebro precisasse de um jeito de fugir dos problemas, por isso a fazia pensar nele. Ele a levou de volta à lembrança dos lábios de Steve sobre os dela, da sensação do seu toque.

Mas, dane-se, ela não queria pensar naquilo! Especialmente no meio da aula de matemática, com vários alunos capazes de farejar seus feromônios.

Tampouco queria pensar em ter que dizer a ele que iria viajar logo depois das aulas. Mas ela tinha que dizer. Não podia simplesmente ir embora. Isso seria muito rude. Della podia não ser uma miss simpatia, mas se esforçava para não ser rude. Bem, pelo menos a maior parte do tempo.

Miranda limpou a garganta e trouxe os pensamentos de volta ao problema que tinha à frente: a bruxinha intrometida.

— Não vai demorar muito — disse Della, bufando.

— O que você tem que fazer? — Miranda perguntou, o tom cheio de impaciência.

Della quase quebrou a regra de não ser rude.

— Eu tenho que falar com Steve! — ela quase gritou.

— Meu Deus, e qual o problema em nos dizer isso? — Os olhos de Miranda se arregalaram. — Ah, espera aí. Você vai tirar satisfação com ele sobre a filha do médico?

Kylie deu uma cotovelada forte nas costelas de Miranda.

Della franziu a testa.

— O que você sabe sobre isso?

A expressão de Miranda assumiu um falso ar inocente.

— Eu não sei de nada.

Miranda olhou para Kylie e, em seguida, se pôs atrás da camaleão como se Della pudesse atacá-la.

Della estava pensando nessa possibilidade...

— Desembucha! — Della esfregou a testa quando a dor latejante na têmpora direita ficou um pouco mais forte.

Kylie suspirou.

— Ela... não sabemos de nada. — Ela puxou Miranda para trás de si. — Olha, nós duas percebemos que a garota não tirava os olhos de cima de Steve. Ela parecia ter uma quedinha por ele.

Elas não disseram nada que Della já não tivesse concluído, mas doía saber que não era a única a perceber.

— Eu... Eu tenho que ir. Vou estar aqui antes das quatro. — Della saiu, sem nem saber direito para onde estava indo, exceto que queria encontrar Steve. Droga, não sabia o que iria dizer a ele, a não ser que iria passar o final de semana fora. Mas a mágoa e o ciúme que irradiavam dela feriam seu coração. Lembravam-na do modo como se sentira quando o pai tinha ido embora no dia anterior.

Capítulo Dezesseis

Della terminou indo à cabana de Steve. Em vez de bater na porta, espiou pela janela. Com o coração pesado ainda, ela o observou. O metamorfo estava deitado na cama, numa posição confortável. Sua camiseta laranja jogada num canto da mesa de cabeceira. Toda aquela pele dourada cobrindo o peito e as costas parecendo tão macia ao toque... Os músculos dos ombros e dos braços fazendo-a se lembrar da sensação de encostar o corpo no dele. O jeans desbotado caindo perfeitamente — não muito apertado a ponto de parecer vulgar, mas justo o suficiente para delinear o corpo firme sob o tecido.

Minha nossa, a vontade que tinha era de pular pela janela e deitar naquela cama junto com ele. E sentir todo o corpo dele contra o dela. Queria esquecer seus problemas e apenas deixá-lo fazê-la se sentir... viva e amada.

Não era só porque se sentia muito atraída por Steve. Ela gostava de como ele a fazia se sentir com relação a si mesma. Fazia com que se sentisse normal. E sexy. Um sorriso apareceu nos lábios dela novamente, enquanto se permitia apreciar a vista um pouco mais.

Instantaneamente se lembrou de quando Jessie tinha batido na porta do quarto dele, enquanto conversavam pelo telefone, e comentado que ele estava sem camisa. O fato de não ser a única que gostava de ver Steve seminu fez o peito de Della se contrair de ciúme. E aquele sentimento confirmou seu medo.

Ela estava muito perto de se apaixonar pelo metamorfo afetuoso e atraente deitado naquela cama. Mas será que ela realmente queria se apaixonar de novo? O amor já não a decepcionara uma vez?

Steve olhou para a frente e um sorriso sexy e preguiçoso se espalhou pelo seu rosto. Então ele saltou da cama e abriu a janela.

— Eu estava esperando você aparecer. — Ele ofereceu a mão a ela.

Ela pensou em lhe dizer para ir ao encontro dela ali fora, e assim evitar qualquer comentário sobre ter sido pega em flagrante no quarto dele. Pensando bem, ele já tinha sido surpreendido saindo do quarto dela. Claro que Derek não era do tipo que espalhava fofocas, mas, de acordo com Jenny, todos já sabiam que Della e Steve tinham “uma coisa”.

Defina “uma coisa”, seu coração gritou quando ela colocou a mão na dele. A palma quente aqueceu a dela. O toque foi suficiente para fazer todo o seu corpo vibrar com a eletricidade. O toque de Steve era como um fio desencapado, e ainda assim, apesar de sua intensidade, ela ainda queria mais.

Sua respiração ficou presa. Ela iria deixar aquilo continuar? Ou era melhor cortar o mal pela raiz antes que... antes que fosse tarde demais?

Pode já ser tarde demais, sussurrou uma voz dentro de sua cabeça.

Ela deixou que Steve a ajudasse a escalar a janela, mesmo que não precisasse da ajuda dele.

Seus pés ainda não tinham tocado o chão quando ele a puxou para si e a beijou.

Ela espalmou as mãos no peito dele para protestar, mas nada dentro dela queria protestar. Então, ela... não protestou. Deixou acontecer, como tinha deixado todos os outros beijos acontecerem. Será que algum dia conseguiria se afastar de um beijo dele? Achava que não. Quando se tratava de Steve, sua vontade era fraca. Era errado não odiar aquilo?

O beijo tinha um gostinho de hortelã. Um gostinho de Steve.

E ela adorava aquele gosto.

A língua dele deslizou lentamente pela dela. As mãos quentes encontraram sua cintura e ele a puxou um pouco mais contra si. De todos os lugares do mundo, aquele, os braços de Steve, era onde ela mais queria estar...

Ela se deixou apoiar no corpo dele só um pouquinho, e só por um instante.

Desde que tinha sido transformada, tinha jurado que não precisaria mais de ninguém. Nem dos pais, nem de Lee, nem mesmo dos amigos de sua antiga vida. Mas, quando Steve a abraçava, ela já não tinha tanta certeza se aquilo continuava sendo verdade.

— Senti sua falta... — disse ele, afastando-se um pouco.

Também senti sua falta. As palavras estavam na ponta da língua, mas ela não as pronunciou. Olhando para cima, viu que as pupilas dele estavam dilatadas. Seu hálito quente roçou no rosto dela.

Ela engoliu em seco e tentou pensar em como dizer a ele que iria passar o final de semana fora. Tentou descobrir se tinha o direito de questioná-lo sobre Jessie.

Ele se aproximou para beijá-la de novo e ela colocou os dedos nos lábios dele.

— Steve, eu... Eu preciso... precisamos conversar.

— Eu sei. — Ele sorriu. — Minha mãe e meu pai estão vindo amanhã e eu queria que você fosse jantar com a gente. Eles querem conhecer você.

Conhecer os pais dele? Eles queriam conhecê-la? Sentimentos ruins começaram a fervilhar em sua cabeça. Sentimentos que a levavam de volta ao relacionamento com Lee e à lembrança de que os pais dele não tinham gostado dela.

— Por quê?

— Por quê?

— Por que seus pais querem me conhecer?

— Porque eu falei de você e eles ficaram curiosos. Porque acho que sabem que você é importante para mim.

Importante para ele? Ela balançou a cabeça.

— Não acho uma boa ideia.

— Por quê?

Porque, se eu conhecer seus pais, a coisa passa a ser oficial. Vou ser oficialmente sua namorada. E eles podem não gostar de mim.

— Porque eu não vou estar aqui.

Não era uma mentira completa. Era reconfortante saber disso.

Ele franziu a testa.

— Este não é o fim de semana dos pais.

— Eu sei, mas estou indo para a casa de Kylie. Miranda e eu. Foi isso que eu vim dizer.

Ele fez uma cara decepcionada.

— Meus pais quase nunca saem nos finais de semana. Você não pode ir à casa de Kylie depois?

Ela balançou a cabeça.

— Não, porque eu vou... Não estou indo só para uma visita, vou até à funerária onde foi o velório do meu tio. Lembrei que o velório do meu primo Chan foi no mesmo lugar. Então talvez eles possam me dar alguma informação sobre o meu tio e minha tia.

Com um ar infeliz, ele balançou a cabeça, compreensivo.

— Como você descobriu isso?

— Pelo obituário. Lembra que eu disse que Derek o encontrou?

— Sim, mas você não me contou sobre a funerária. Ou sobre os seus planos. — Ele franziu mais a testa e estreitou os olhos. — Entrar numa funerária que forja a morte de pessoas pode ser perigoso. Você contou a Burnett?

— Ele permitiu que eu fosse para a Kylie — respondeu. — E Kylie é uma protetora. — Steve não precisava saber que só tinha conseguido a autorização por causa do poder de persuasão de Holiday. Ou que eles não sabiam nada sobre...

Steve andou pelo quarto e, então, confrontou-a novamente.

— Della, eu não gosto disso.

— Eu vou ficar bem — garantiu ela, sabendo que ele realmente se importava, mas percebendo que ter pessoas que se preocupavam com ela tinha um preço alto. Como o ex-namorado. Como o pai.

Ela encontrou o olhar de Steve. Ele parecia chateado, os músculos da mandíbula contraídos.

— Por que você não me contou isso antes?

Ela esperava que ele ficasse chateado, mas não tanto.

— Desde quando eu tenho que pedir permissão a você para...

— Eu não disse permissão, eu só quis dizer...

— Eu sei exatamente o que você quis dizer — disse ela. — Olha, eu... — Ela tentou deter o enxame de emoções que fervilhava no seu cérebro. Mas depois de tudo o que tinha acontecido, o velório, a breve visita do pai, a descoberta de que Chan podia estar envolvido com uma gangue,

ela já estava no limite. — Eu provavelmente teria dito quando estávamos conversando, mas você foi convocado por... Jessie e...

— O quê? Convocado por Jessie? — ele perguntou, obviamente percebendo a emoção reprimida na voz dela com relação à garota de peitos grandes e sorriso bonito.

— Fomos interrompidos no telefone por ela — explicou Della, tentando não deixar transparecer suas emoções. *Quando você estava sem camisa, aliás, e ela fez questão de comentar sobre isso, também!* Naquele instante, Della se perguntou se Jessie sabia que Steve estava conversando com Della. Será que Jessie tinha feito o comentário de propósito? Droga, Della ainda não tinha pensado nessa hipótese e agora a coisa tinha ficado ainda pior.

Steve ficou lá com uma expressão intrigada no rosto, como se estivesse tentando acompanhar a conversa.

— Tinha chegado uma paciente — disse ele. — Não era nada pessoal.

— Tem razão. Você não fez nada de errado. — Pelo menos Della esperava que não. — Isso não importa. — Ela olhou pela janela, realmente querendo sair antes que dissesse mais alguma coisa. Algo como: *Esqueça a ideia de me apresentar aos seus pais. Isso não está acontecendo. De qualquer maneira, eu aposto que eles gostariam mais da filha do médico*. — Olha, eu só vim aqui para dizer que estou de saída. A mãe de Kylie deve chegar a qualquer momento. Eu preciso ir.

— Droga, Della! Por que está agindo assim? Está contrariada porque estou trabalhando com o doutor Whitman? Mas é a minha formação. É importante.

— Encontrar a minha família também é — rebateu ela.

Ela se virou para a janela.

Ele a segurou pelo braço.

— Espere. — Ela podia ouvir na voz dele que estava tentando conter a frustração.

— Esperar por quê? — ela perguntou, os olhos apertados de raiva.

— Eu não posso acreditar que você não me disse isso antes — ele deixou escapar, seu tom agora era mais amargo, mais profundo.

— Bem, se você tivesse me contado que os seus pais viriam, eu teria dito antes que não poderia jantar com vocês. — *Não teria ido mesmo que não tivesse que passar o fim de semana fora*.

Ele soltou o braço dela e entrelaçou os dedos atrás do pescoço. Os olhos castanhos dele brilhavam num tom âmbar.

— Eu não estava me referindo só a isso. Estava falando dessa coisa do seu tio e da funerária. E me contaram que você foi ao velório da garota assassinada. E você já estava conversando com Derek sobre o seu tio, pedindo a ajuda dele, e nem tinha me dito nada. Você não me conta as coisas. Não confia em mim?

— Eu não tive chance de te contar porque você estava ocupado.

— Então você está contrariada *mesmo* por eu estar trabalhando com o doutor Whitman?

É a filha do médico que me incomoda.

— Eu só estou dizendo que você não estava aqui.

— Não me venha com essa, Della. Fiquei aqui o domingo todo e a segunda-feira de manhã. Vi você na clínica e nos falamos pelo telefone quase todas as noites. — Ele suspirou alto e fitou o teto. Então olhou para ela. — Está acontecendo de novo, como sempre acontece. Sempre que me aproximo um pouco mais, você começa a se afastar. Por que diabos faz isso?

Ela sentiu a garganta apertar. Abriu a boca, mas as palavras não saíram.

Seu celular tocou. Ela o tirou do bolso, grata por ter uma razão para desviar os olhos da mágoa no semblante de Steve. O nome de Kylie encheu a tela e então ela viu as horas. Eram quatro e cinco da tarde. Estava atrasada.

— Eu tenho que ir.

— Tudo bem, então vai!

Ela pôs uma perna para fora da janela e olhou para trás.

— Sinto muito — ela disse. Então saiu antes que ele visse o brilho das lágrimas nos olhos dela.

Mas por que diabos ela estava se desculpando? Por afastá-lo dela? Por não querer afastá-lo? Por ir à casa de Kylie? Por não querer conhecer os pais dele? Por ter medo de amar? Caramba! Ela era uma confusão!

— Você está bem? — perguntou Kylie a Della, trinta minutos depois, dentro do carro.

— Sim — Della mentiu. Mais tarde, poderia contar a verdade a ela e a Miranda. Embora não tivesse certeza de qual era realmente a verdade, a não ser que ela e Steve haviam tido a primeira briga. Claro, eles já tinham brigado antes, mas aquela briga tinha sido diferente. Era como... como se pudesse significar o fim.

— Você ainda está chateada com seu pai? Ou é sobre você e Steve? — perguntou Kylie.

— Eu estou bem — ela insistiu, perguntando-se se a insistência de Miranda tinha contagiado Kylie. Ela não podia simplesmente deixá-la em paz? Não via que era difícil para ela falar a respeito?

A dor que pesava em seu peito era um lembrete nada sutil da razão por que não deveria ter deixado a "coisa" entre ela e Steve ir tão longe. Por que não devia deixá-lo seguir em frente.

Talvez fosse melhor se tudo acabasse. Seu peito apertou e um grande *"não!"* pareceu soar no coração dela. Ela não queria que tudo acabasse. Mas também não queria que fosse adiante, queria? Não queria conhecer os pais de Steve ou começar a confiar nele.

Ela apertou as mãos no colo. A confusão envolvia seu coração dolorido e a cabeça latejava.

Engolindo as lágrimas antes que entupissem seu nariz e enchessem seus olhos, ela olhou para Miranda, sentada no banco da frente, tagarelando com a mãe de Kylie sobre como era ser uma bruxa. A mãe da amiga tinha acabado de descobrir os talentos sobrenaturais de Kylie — e sobre os seres sobrenaturais em geral — e era evidente que ainda estava digerindo os detalhes da vida da filha.

— Nós na verdade não voamos em vassouras — explicava Miranda à senhora Galen. — Isso é lenda. E a primeira regra que aprendemos é não fazer mal a ninguém. Não que todas as bruxas sigam essa regra. Mas, se forem pegas em flagrante... bem, vou apenas dizer que o crime não compensa. E se fizerem um estrago realmente grande, os anjos da morte não vão deixar barato.

A mãe de Kylie olhou pelo espelho retrovisor e seus olhos verdes se fixaram em Della. Era pelo menos a sexta vez que Della surpreendia a mulher olhando para ela com um ar de... suspeita ou desconfiança. O que estava acontecendo?

Uma possível razão para aqueles olhares desconfiados ocorreu a Della.

Ela se inclinou na direção de Kylie e sussurrou:

— A sua mãe sabe que eu sou um vampiro?

A expressão da camaleão respondeu à pergunta antes que ela abrisse a boca.

— Ela me perguntou de repente. Eu tinha que contar. Espero que você não se importe.

— Que ótimo! — disse Della. — Agora ela está morrendo de medo de mim.

— Não, ela não está — Kylie sussurrou. — Está só... tentando se adaptar. Eu, pessoalmente, acho que está indo muito bem. Eu estava com medo que ela se arrependesse do convite. — Kylie se encolheu como se percebesse que tinha dito a coisa errada. — Ela vai ficar bem, eu prometo. Lembre que também desconfiei de você no começo.

Porque sou um monstro. Porque a minha espécie sai por aí se alimentando de pessoas.

— Dê uma chance à minha mãe, por favor — Kylie sussurrou.

Della soltou um suspiro profundo.

— Você tem certeza que ela não vai cravar uma estaca no meu coração enquanto eu estiver dormindo?

Kylie riu.

— Não, mas pode tomar um banho de alho. — Quando viu que Della não iria fazer nenhum comentário bem-humorado, Kylie perguntou: — Você e Steve brigaram?

Della concluiu que negar não adiantaria nada. Ela iria acabar contando, como sempre fazia.

— Sim.

— Ele não gostou de saber que você viria conosco?

— Ele não gostou de um monte de coisas. — Della olhou pela janela para as árvores passando, o coração pesado.

— Que tipo de coisas?

Della olhou para a frente e viu a mãe de Kylie olhando para ela pelo retrovisor. Mais uma vez.

— Conversamos mais tarde, ok?

— Ok. — Kylie apertou a mão de Della. A camaleão devia ter se transformado em *fae*, porque seu toque foi extraquente e reconfortante.

Della sentiu a dor no peito diminuir, mas tão logo relaxou outro pensamento causou novamente um aperto em seu peito. Chan. Será que ele estava envolvido com alguma gangue? Se

estava, será que Chase também estava? Ela precisava descobrir o que estava acontecendo. E rápido.

— Merda! — Kylie murmurou baixinho.

— Merda o quê? — Della murmurou de volta.

Kylie estendeu a mão até o cabelo de Della e tirou algo dali. Ela levou um segundo para perceber o que era. Outra pena.

Ah, mas que inferno! O fantasma estava de volta.

Della engoliu o pânico.

— Eu ainda acho que ele está aqui por causa de você ou de Holiday — ela sussurrou para Kylie. — Ele apareceu quando Holiday e eu estávamos no velório.

— Sim, mas você também estava lá — Kylie sussurrou de volta. — E eu só o vi perambulando perto do seu quarto, e não acho que Holiday o tenha visto sem você por perto. Então, ainda acho que é seu tio ou talvez sua tia.

Quase como se o fantasma a ouvisse, mais duas peninhas brancas caíram numa espiral, passado pelo nariz de Della e pousando em seu colo, e não no de Kylie.

Della esmagou-as no assoalho do carro. Será que ela já não tinha o suficiente em que pensar?

Capítulo Dezessete

O maldito fantasma não havia se mostrado ainda, mas, de acordo com Kylie, tinha ficado no carro com elas a maior parte do trajeto. A senhora Galen ficava o tempo todo mexendo no aquecedor do carro e reclamando que o clima estava esfriando cada vez mais cedo. Quando estavam a cerca de cinco quilômetros da casa de Kylie, a temperatura dentro do carro subiu e ainda estava quente quando pararam em frente à garagem.

— Isso significa que ele não sabe onde estamos? — perguntou Della quando desceram do carro.

— Lamento, mas, quando um fantasma está ligado a você, ele parece que tem um GPS embutido. Se quer achar você, ele acha.

— Isso parece mais uma perseguição.

— É mais ou menos isso — confirmou Kylie. — Desculpe.

— Eu adorei a sua casa! — exclamou Miranda à senhora Galen, quando a bruxinha saltou na calçada em frente.

Enquanto Della admirava o sobrado, ela estendeu a mão e esfregou a têmpora. Estava fazendo muito isso ultimamente. A dor leve mas persistente na cabeça não passava por nada nesse mundo. Ela queria culpar sua menstruação, mas ela já tinha acabado.

— Obrigada — respondeu a senhora Galen. — Estou tentando vendê-la, mas não consegui ainda. — Ela olhou para Kylie. — Sei que Kylie não quer que eu me mude, mas esta casa é grande demais para mim.

— Não é que eu não queira que você se mude — justificou Kylie. — Eu só... vou sentir falta dela.

Della pensou em como se sentiria se os pais vendessem a casa em que moravam. Ela ficaria triste, mas nada comparado ao que sentiu ao perder a família. E depois da visita do pai, Della realmente se sentia como se a tivesse perdido. Por um segundo se perguntou se não teria sido mais fácil se ela tivesse forjado a própria morte. Então, aquela pequena centelha de esperança de que pudesse ter um tio e até uma tia cintilou dentro dela.

Ela começou a andar pela calçada até a varanda da frente. O sol estava baixo, tingindo o céu ocidental de uma variedade de cores, enquanto a escuridão tentava afugentá-las. Um vento frio passou e agitou as árvores. Uma cascata de folhas mortas espalhou-se no chão, lembrando Della das penas.

Ela se inclinou para trás, aproximando-se de Kylie.

— Quanto tempo geralmente leva para que um fantasma apareça ou diga o que ele quer? — perguntou Della, apegando-se à esperança de que o tio ou a tia estivessem vivos.

— Isso depende do fantasma — respondeu Kylie.

Della suspirou. Ela detestava esperar. Mas talvez não tivesse que esperar muito. A visita à funerária poderia esclarecer algumas coisas. Ela olhou para o céu escuro, que parecia refletir o seu humor. Bem que precisava de um pouco mais de luz.

Luz que não vinha com nenhum tipo de problema. Se ela metesse Kylie e Miranda em apuros ou, Deus do céu, se elas se machucassem, ela iria se sentir muito mal. Muito mesmo!

Uma hora depois, Miranda, Della e Kylie estavam no sofá, cortando uma pizza na mesinha de centro e examinando o menu do Netflix à procura de um bom filme. Della tinha conseguido comer uma fatia de pepperoni, e estava tentando deixar de lado a sua preocupação com a futura visita à funerária. Mas a pontada de preocupação continuava com ela.

Levantando do sofá, foi até a cozinha para pegar outro refrigerante, na esperança de tirar da boca o gosto da pizza. Ela tinha tomado um grande copo de sangue no almoço, para que não precisasse ingerir mais até que estivesse de volta a Shadow Falls no domingo. A última coisa que queria era que a mãe de Kylie a visse bebendo sangue. Quem gostava de ser encarado com repugnância?

Quase como se seus pensamentos a houvessem conjurado, a senhora Galen entrou na cozinha e parou abruptamente na porta quando se deparou com Della.

— Ah... hã, precisa de alguma coisa? — perguntou ela, tropeçando nas palavras.

O medo brilhou nos olhos da dona da casa e ver essa cena magoou Della. *Alguns litros do seu sangue,* Della quase deixou escapar com sarcasmo, porque podia perceber pela expressão da mulher que era isso que ela esperava que Della dissesse. Forçando-se a ser educada, disse a verdade.

— Eu só estava pegando outro refrigerante.

— Eles estão ali — disse ela, apontando para baixo, com os pés firmemente plantados na porta, como se estivesse com medo de chegar mais perto. — No fundo da gaveta.

Della pegou uma bebida diet, então voltou a olhar para a mãe de Kylie. O medo em seus olhos parecia mais forte e, antes que pudesse se conter, Della disse:

— A senhora sabe que não vou machucá-la, não sabe?

O rosto da senhora Galen adquiriu um constrangedor tom vermelho tomate.

— Sinto muito. Acho que estou sendo muito transparente, não é?

— Receio que sim. — Della abriu a lata, o som efervescente enchendo seus ouvidos, e lamentou sua franqueza. — Mas entendo que seja difícil aceitar. E agradeço por ter confiado em mim o suficiente para me convidar. — Sem saber mais o que dizer, ela começou a sair da cozinha.

— Sua mãe me pareceu uma boa pessoa — a senhora Galen deixou escapar, como se estivesse tentando se conciliar com Della.

Della se virou. Se a mulher estava disposta a tentar, por que ela não deveria fazer o mesmo?

— Obrigada. E obrigada por falar com ela.

A senhora Galen brincou com a barra da blusa, obviamente ainda nervosa.

— Ela não sabe, não é? Quero dizer, sobre você ser uma vampira.

Della se encolheu.

— A senhora não disse nada, não é?

— Oh, não. Burnett deixou muito claro que eu nunca deveria falar a ninguém sobre nada disso, a menos que ele já tenha dito. Eu... fiquei apenas curiosa, acho.

— Curiosa com o quê?

— Para saber como isso acontece... Você foi mordida por outro vampiro?

— Não. Quer dizer, algumas pessoas são transformadas dessa forma. A maioria dos vampiros que não nasceram com o vírus ativo, ou seja, que não têm pais vampiros, passa a ter o vírus ativo quando têm uma ferida aberta e entram em contato com outro vampiro.

— Como é que uma pessoa normal sabe se é portadora do vírus? — ela perguntou, como se estivesse assustada com a possibilidade de ser uma delas.

— Elas geralmente não sabem. Mas a UPF divulgou estatísticas de que menos de um por cento da população é portadora. Então eu não acho que a senhora precise se preocupar.

A senhora Galen assentiu como se estivesse envergonhada de novo.

— Então acho que isso faz de você alguém especial — ela concluiu com um sorriso. Este de fato parecia verdadeiro.

— É, pode-se dizer que sim — respondeu Della, mas sem muita certeza de que concordava. Ser “especial”, como a senhora Galen tinha falado, tinha um preço alto. A família dela. Sua vida como a conhecera antes.

Della então se perguntou por que os pais não podiam aceitar isso se a mãe de Kylie tinha aceitado. Será que um dia ela poderia contar aos pais a verdade?

A senhora Galen se aproximou e encostou a mão no ombro de Della como se para mostrar que não estava mais com medo. Mas Della ainda sentiu um leve tremor no toque. Não que ela não tivesse apreciado o gesto; ela apreciou. Tanto que seu coração se contraiu com uma emoção indesejada.

— Kylie me contou quanto você e Miranda significam para ela — a senhora Galen continuou. — Ela disse que vocês duas foram amigas dela quando ninguém mais queria aceitá-la. Eu quero que saiba que sou muito grata por isso.

— Ela tem sido uma boa amiga para mim, também — disse Della.

A mulher chegou um pouco mais perto, como se quisesse abraçar Della. Para evitar isso, e não ver o choque nos olhos dela quando sentisse a temperatura fria de Della, a vampirinha deu um passo para trás.

— Obrigada pelo refrigerante. — *Obrigada por tentar me aceitar*.

— Pode ficar à vontade. Pegue o que quiser.

Quando Della voltou para a sala de estar, Kylie olhou para ela com uma cara preocupada, como se tivesse ouvido a conversa.

— Está tudo bem?

— Sim — confirmou Della. — Agora acho que ela não vai mais cravar uma estaca no meu coração hoje à noite.

— Eu não teria deixado, de qualquer forma — disse Miranda, e ambas riram.

— Eu falei que ia ficar tudo bem — disse Kylie. — Minha mãe tem os seus defeitos, mas não é de todo ruim.

— Você tem sorte. — Della se sentou no sofá do outro lado de Kylie.

Miranda se inclinou para a frente e sorriu para Della.

— Por que acha que ela tem sorte? Porque não podia ter duas amigas mais bacanas?

— Não. — Della revirou os olhos. — Porque ela tem uma mãe legal. — Della recordou o olhar no rosto do pai quando tentou abraçá-lo. Ele nunca iria aceitá-la. Ela estava se enganando se achava que um dia isso iria acontecer.

— Bem, isso também. — Miranda olhou para Kylie. — Sua mãe é bem simpática.

— Eu acho que tenho sorte de ter todas vocês. — A camaleão sorriu. — Adoro que estejam aqui na minha casa. É como se eu finalmente pudesse incluir vocês nesta parte da minha vida. — Kylie estendeu a mão e apertou o braço de Della e de Miranda.

— Abraço coletivo! — Miranda saltou do sofá, ficou em frente às duas amigas e colocou os braços ao redor delas. Della suspirou e tolerou a proximidade. Pensando bem, não foi tão difícil tolerar. A cada dia o vínculo entre as três parecia ainda mais especial. O sentimento terno de carinho encheu o peito de Della, fazendo-a reconsiderar a decisão de levar as amigas com ela à funerária.

E se alguma coisa ruim acontecesse?

— Sabe de uma coisa, garotas? — disse Della, afastando-se do abraço. — Eu acho que amanhã é melhor eu ir sozinha à funerária. É só vocês me deixarem...

— Não! — disseram Kylie e Miranda ao mesmo tempo.

Kylie franziu a testa.

— Você prometeu a Holiday que não faria nada arriscado. E embora eu não ache isso perigoso, ir sozinha é um risco. E isso significaria que você não está mantendo sua promessa. Sério, e se alguma coisa acontecer e você correr algum perigo?

Era exatamente por isso que Della não queria as duas lá.

— Eu acho que há mais chance de eles falarem comigo, uma vampira, se eu estiver sozinha.

— Eu posso me transformar numa vampira — disse Kylie.

— Mas se entrarmos juntas, eles podem se sentir ameaçados. Me deixe entrar sozinha.

— Não! — Kylie disse de novo, e sua voz soou firme como se ela tivesse se transformado numa protetora.

No entanto, protetora ou não, ela ainda poderia ser ferida. E Miranda era tão indefesa quanto um cachorrinho. Além disso, o perigo não era só que as duas se machucassem. Elas poderiam ser pegas e levar uma bronca enorme de Burnett. Se Della fosse pega e arranjasse problemas, não importava, mas ela não queria envolver as amigas.

Della suspirou, frustrada.

— Eu pensei a respeito. Se entrar sozinha, tenho duas opções. Se o velhote estiver disposto a cooperar, só vou fazer perguntas. Se eu sentir que ele não vai falar, posso fingir que estou lá para providenciar o meu próprio funeral. Se ele engolir, então pelo menos vamos ter certeza de que fazem funerais falsos e estão por trás do de Chan e provavelmente do funeral do meu tio, que ainda pode estar vivo.

— Você não vai sozinha! — insistiu Miranda.

— Espere aí. Ela pode ir sozinha. — Kylie sorriu. — Ou pelo menos é o que vai parecer. Eu posso ficar invisível e segurar a mão de Miranda; então eles não vão saber que estamos lá. Assim, se houver algum problema, eu posso entrar em ação. E Miranda vai... — Kylie olhou para Miranda como se soubesse que a bruxa não gostava de se sentir como se não pudesse contribuir. — Ela vai transformá-los em cangurus — completou Kylie, sorrindo.

— Eu poderia fazer isso só com o dedo mindinho — disse Miranda, erguendo a mão.

— Isso só pode funcionar — disse Della, gostando do plano de Kylie. Gostando muito. Se Della fosse cuidadosa e não criasse problemas, então ninguém iria saber que Kylie e Miranda estavam lá. E Della iria se empenhar muito para evitar qualquer encrenca.

— Ou eu poderia fazer nascer espinhas neles — Miranda deixou escapar. — E algumas erupções e coceiras desagradáveis nas partes íntimas. E nós sabemos como os caras se preocupam com suas partes íntimas.

Della não pôde evitar: ela riu. Como tinha sorte de ter encontrado aquelas duas!

Capítulo Dezoito

— Dirija com cuidado! — A mãe de Kylie acenou da porta na manhã seguinte, quando as três entraram no carro de Kylie.

Cuidado era a palavra-chave, Della pensou, e entrou no banco de trás.

Ela ainda achava o plano de Kylie muito bom, mas não tinha conseguido parar de imaginar o pior.

Miranda se sentou no banco da frente. Na noite anterior, antes de ir para a cama, ela tinha anunciado que iria no banco da frente. As três tinham se deitado na cama *queen* de Kylie e falado sobre a vida e os garotos. Kylie tinha tentado fazer Della falar sobre Steve, mas a dor que sentia por causa da briga ainda era muito recente, por isso ela evitou tocar no assunto.

Della não tinha dormido bem na noite anterior, preocupada justamente com aquele assunto e a palavra "segurança". E, ocasionalmente, se preocupando com a possibilidade de que penas voltassem a aparecer.

Mas nenhuma pena apareceu. Em vez disso, ela tinha ficado remoendo tudo sem parar, racionalizando que aquilo não era muito arriscado. Tudo o que tinham a fazer era ir à funerária para fazer algumas perguntar a um velhote que maquiava pessoas mortas.

— E divirtam-se! — a senhora Galen acrescentou quando Kylie saiu com o carro da entrada de automóveis.

Um velhote e gente morta. Esse passeio vai ser superdivertido! Della acenou para ela, os pensamentos voltando para a questão da segurança. O velhote era provavelmente um vampiro e, se ele não gostasse de perguntas, isso poderia significar problemas. Mas o lado racional do cérebro de Della rebatia, dizendo que ele estava ajudando vampiros, então não poderia ser de todo ruim. Mas quanto aquilo poderia ser arriscado?

— Me ligue e fique com o celular ligado! — a mãe de Kylie gritou mais alto.

Tinham falado a ela que estavam indo fazer compras. E como Kylie não queria que fosse mentira, ela insistiu para que realmente fossem a uma loja. Só Kylie mesmo para se preocupar em não mentir quando havia tantas outras coisas em jogo.

Enquanto Kylie dirigia, Miranda digitou o endereço da funerária no GPS. A bruxa devia estar cometendo algum erro ortográfico ao digitar o nome da rua ou digitando os números da rua de trás para a frente. Como era disléxica, tinha problemas com esse tipo de coisa. Por mais tentador que fosse apenas lhe dizer para passar o maldito GPS, Della não disse nada. Para Miranda, ser disléxica era um assunto tão delicado quanto era para Della o fato de seu corpo ser frio.

Della esperou até que o GPS desse as instruções para começar a pôr seu plano em prática.

— Pare na rua a alguns quarteirões e vamos a pé. Você não pode abrir portas quando está invisível, certo?

— Não — confirmou Kylie.

— Então, quando vocês duas ficarem invisíveis, fiquem perto de mim. Eu não quero ter que me preocupar com vocês enquanto estiver tentando obter informações.

— Você não vai ter que se preocupar. Estaremos bem atrás de você.

O GPS anunciou que estavam chegando ao destino. Kylie passou em frente à funerária e estacionou no meio do quarteirão seguinte.

Saíram do carro. O sol da manhã estava brilhante; o ar de outubro, muito claro. A sensação de frio em sua pele lembrou Della de que ela ainda podia estar com uma ligeira febre. Quanto tempo podia durar uma gripe?

Kylie se moveu e ficou atrás do carro, olhando ao redor como se verificasse se não vinha ninguém para que ela pudesse ficar invisível.

Della fez o mesmo. Um carro passou zunindo, um quarteirão abaixo, algumas pessoas caminhavam pela rua, mas não havia ninguém por perto que pudesse realmente perceber o que estava acontecendo.

— Tudo pronto? — Kylie olhou para Della.

Della assentiu e seu coração disparou com a ideia de encontrar respostas.

Em poucos minutos ela realmente poderia saber com certeza se tinha um tio e uma tia em algum lugar.

Kylie pegou a mão de Miranda e perguntou:

— Você está pronta?

— Sim — garantiu Miranda. — Vamos nessa. Já treinei meu feitiço de micose na virilha. — Ela mexeu o dedo mindinho. E, diante dos olhos de Della, as duas ficaram invisíveis.

Della começou a descer a calçada em direção à funerária. Por causa da insistência de Burnett para que Kylie usasse seu dom da invisibilidade com extrema cautela e nunca invadisse a privacidade de ninguém, Kylie não o praticava com muita frequência. Era estranho saber que Kylie e Miranda estavam atrás dela, mesmo sem poder ouvi-las, vê-las ou farejá-las. Ela farejou o ar de novo, mas não sentiu nada. Pensando bem, ultimamente seus sentidos estavam falhando tanto que ela poderia nem ter percebido que estavam lá. A tentação de falar com as amigas aumentou, mas ela decidiu que era melhor resistir.

A cada passo dizia a si mesma que era bobagem se preocupar. Tudo o que ela queria era fazer algumas perguntas.

A tensão ainda contraía seu estômago enquanto ela olhava ao redor. Menos da metade de um quarteirão acima, dois homens de aparência rude corriam pela avenida de quatro pistas. Mesmo à distância, Della sentiu que olhavam para ela. Respirou fundo para ver se sentia algum cheiro. Seu nariz finalmente funcionou.

— São apenas humanos — sussurrou para Kylie e Miranda.

Os dois homens atravessaram a avenida e começaram a andar perto dela. Um deles tropeçava nos pés como se estivesse bêbado. Ela foi mais para o lado, dando espaço a eles. Ignorou-os, mas verificou seus padrões para se certificar de que seu nariz não a tinha enganado. Para garantir que eram seres humanos. Humanos babacas, emendou mentalmente quando viu a forma como os dois homens pareciam despi-la com os olhos.

Sem querer arranjar problemas, ela se afastou e começou a andar pela faixa de grama na calçada, esperando que finalmente a ultrapassassem.

Suas esperanças foram em vão. Eles saíram da calçada, bloqueando seu caminho.

— Ei, gata, quer ganhar uma grana? — perguntou o primeiro, com cara de bêbado, ostentando um rabo de cavalo sujo. Ele arqueou os quadris.

Ela lutou contra o impulso de pegar o canalha por aquele rabo de cavalo sujo e girá-lo no ar até arrancar o cabelo pela raiz, em seguida chutar a bunda dele e fazê-lo voar até o outro lado da avenida. Em vez disso, ela simplesmente foi para o outro lado da calçada.

Olha só, Burnett, pensou, *eu consigo me controlar*.

Ela não pensava só em dar porrada.

— Estou ignorando — Della murmurou, tranquilizando a si mesma e a Kylie, caso a protetora que existia dentro da amiga sentisse a necessidade de quebrar a cara de alguém.

Os dois safados fizeram mais alguns comentários rudes, mas não a seguiram. Nem a tocaram. Ela deu graças a Deus, porque o cheiro azedo dos dois ainda estava poluindo o ar.

Ela passou por uma loja de bebidas e por outra de penhores antes de chegar à funerária. O prédio de tijolinhos brancos tinha uma aparência mal-conservada e a placa que dizia “Funerária Rosemount” precisava urgentemente de uma nova camada de tinta. Olhando ao redor, ela percebeu que toda a vizinhança precisava de uma reforma.

Enquanto se aproximava da porta da frente, ela se lembrou do pai reclamando porque sua irmã tinha escolhido aquele lugar para fazer o velório de Chan. Mas será que tinha de fato sido escolha da tia? Della não sabia como funcionava quando alguém forjava a própria morte.

Com sorte, em questão de minutos teria as respostas. Abriu a porta, segurando-a aberta por um segundo para Kylie e Miranda poderem entrar também.

O cheiro da funerária incomodou seu nariz. Aquilo era formaldeído? Não era o que usavam em cadáveres? Ela inspirou novamente para ver quem poderia estar ali, mas o primeiro odor impediu-a de sentir qualquer outro rastro.

Será que aquilo não era de propósito? Ela afastou o pensamento e olhou ao redor.

A iluminação era suave, fazendo com que tudo parecesse cinza e pesado. Della olhou para os lados, observando o piso de madeira não muito polido e uma escrivaninha vazia, adornada com um vaso de flores murchas.

A tensão pesou sobre os ombros dela. Tentou não prestar atenção no ambiente sem atrativos. O que ela procurava era um vampiro esquisitão. Não localizou nenhum. Não localizou ninguém.

Ela deu uma volta completa, observando duas portas que levavam para a entrada. Será que havia alguém ali? Pensar que nos fundos provavelmente havia defuntos aninhados em caixões lhe causou um arrepio. Lembrou-se do velório da garota assassinada em que estivera apenas alguns dias atrás. Sua promessa de encontrar o assassino de Lorraine não tinha sido da boca pra fora, só que...

— Posso ajudar? — A voz grave num tom irritado saiu do nada, e ela quase deu um pulo.

Caramba! Como não tinha ouvido ninguém se aproximar?! Sua audição devia estar em pane novamente. Ela se virou e tentou disfarçar o pânico em seu rosto. O homem estava numa das portas e não era um homenzinho qualquer.

Era um cara gigantesco, ou um vampiro gigantesco, nem perto de ser um velhote qualquer. Cabelos castanho-escuros e pele cor de oliva, ele lembrava Burnett, um pouco mais velho, mas tão ameaçador quanto.

Ela o viu verificar seu padrão. Sua sobrancelha esquerda se arqueou ligeiramente e ele quase sorriu, como se estivesse feliz em vê-la. A tensão em seu estômago piorou um pouco mais.

— Na verdade, eu estava procurando o dono.

— E você o encontrou!

— Eu pensei… O site mostrava um...

— Meu padrasto morreu recentemente. — Ele não parecia chateado.

— Então nesse caso... Sim. Você pode me ajudar. — O coração dela disparou. Tinha chegado a hora decisiva. Pedir informações a ele sem rodeios ou fazer perguntas como se estivesse interessada em forjar a própria morte.

— Eu estava... O velório do meu primo foi feito aqui.

— É mesmo?

Ele não parecia ser do tipo que dava informações.

— Meu primo não estava realmente morto — disse ela.

O vampiro brutamontes assentiu.

— Devo supor que você esteja querendo seguir os passos dele? Há quanto tempo foi transformada?

— Eu pensei em forjar minha própria morte — ela respondeu, grata por aquilo ser verdade. Mas ela se negou a responder à segunda pergunta. — Também tive um tio que foi velado aqui... anos atrás.

— O vírus que sua família carrega deve ser forte.

— Eu estava com esperança de encontrar a minha família. Você... você guarda os registros?

— Eu? Não chego a tanto. Mas meu padrasto, que Deus guarde sua pobre alma, fazia questão disso. — Seu sorriso frio revelou quão pouco ele se importava com o padrasto. — É claro que o negócio agora não é mais dele. As regras e tudo mais mudaram.

— Você ainda tem os registros? — perguntou ela.

— Você tem sorte de eu ainda não ter jogado tudo fora. Mas, como eu disse, o negócio não é mais do meu padrasto. Eu... não ofereço meus serviços de graça. Ofereço o início de uma nova vida. E em troca peço alguns anos de contribuição para mim ou para os meus clientes que precisam de serviçais.

— Serviçais? — ela perguntou, achando que "escravos" era uma palavra melhor. Esse tipo de coisa não acontecia no passado e eles não eram chamados de servos contratados?

Os olhos dele passearam pelo corpo dela com o mesmo tipo de olhar repulsivo que o do bêbado na rua. Tinha a sensação de que sabia a que tipo de serviços ele se referia.

— Se você quiser, podemos ir à minha sala e discutir os assuntos legais do contrato. — Ele acenou para que ela o seguisse.

— Existe um contrato? — Ela não se moveu, sem ter muita certeza se entrar com ele ali era uma atitude sensata. Mas, pensando bem, precisava ver aqueles arquivos. Decisões, decisões...

— Oh, sim. Temos o cuidado de não violar as leis que possam nos causar problemas. Como é uma recém-criada, você pode não saber, mas há autoridades que controlam os sobrenaturais. Idiotas que acham que deveríamos ser registrados e regulamentados.

Sim, eu meio que ajudo esses idiotas.

— Sério? — ela perguntou, sem mentir novamente. Mas era uma pena que ele não quisesse problemas. Porque, assim que fosse embora, ela iria entrar em contato com Burnett e a UPF para contar sobre aquela pequena operação. Ele lhe passaria o maior sermão da vida por ter ido até lá, mas valeria a pena. Seus instintos lhe diziam que aquele cara precisava ser detido.

Ela sentiu que alguém andava atrás dela. E não era Kylie ou Miranda. Os passos pesados lhe diziam que era alguém grande. Ela realmente precisava que sua audição parasse de deixá-la na mão, de modo que pudesse se preparar melhor para lidar com surpresas como aquela.

— Por que não fazemos como o senhor Anthony sugeriu e vamos atrás dele?

O cara atrás de Della deu um cutucão nas costas dela — um cutucão bem forte. O que a deixou com uma forte suspeita de que a assinatura daquele contrato não era realmente uma escolha.

Ela deu mais alguns passos, depois hesitou, rezando para que Kylie e Miranda a acompanhassem. Quando o grandalhão a cutucou novamente, ela continuou a seguir o senhor Anthony.

Ele a levou a um enorme escritório, com uma parede inteira forrada de arquivos. Ela acenou para eles.

— Aqueles são os registros do seu padrasto?

Ele olhou para trás.

— Por acaso, são. — Ele sorriu. — Deixe-me explicar como isso funciona. — Ele fez um gesto para que ela se sentasse numa cadeira de espaldar reto diante da grande mesa de carvalho.

— Por que você não aumenta a possibilidade de fazermos negócio me deixando primeiro dar uma espiada nos arquivos do meu tio e do meu primo?

Ele se apoiou na lateral da mesa e riu.

— Você é bem petulante. Mas tenho vários clientes que, na verdade, preferem serviçais com um pouco de coragem.

Ele não fazia ideia de quanta coragem ela tinha.

— Sente-se — ele ordenou.

Ela se perguntou se não ganharia mais fazendo o que ele dizia e então decidiu tentar. Sentou-se. Seu cotovelo tocou em algo grudento. Olhando para baixo, notou uma fita adesiva pendurada no braço da cadeira, como se alguém tivesse sido preso ali.

Tentando não demonstrar nenhuma emoção, especialmente a ponta de medo que crescia em seu peito, ela o encarou novamente.

— E agora? — perguntou. Seu olhar se desviou para trás do homem, onde havia cerca de seis rolos de fita adesiva em cima de um dos arquivos. O negócio dele devia ser prender gente com fita adesiva.

Ele se levantou, estendeu a mão até a escrivaninha e entregou a ela uma folha de papel.

— O contrato é simples. Você concorda em trabalhar durante dois anos, exclusivamente para a pessoa que eu designar como seu guardião. Seu título e o tipo de trabalho exigido de você dependerão do que o seu guardião... precisa.

A maneira como ele disse “precisa” fez a pele dela arrepiar.

— E se eu não gostar do trabalho?

— Se optar por não cumprir as tarefas atribuídas a você, seu guardião vai tentar convencê-la de outra forma.

— Me convencer? Me batendo, por exemplo?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Seu guardião é muito parecido com um pai. Se você seguir as regras, não vai ter por que receber uma punição.

Sim, ela acreditava nisso.

— Tenho certeza de que, sendo uma recém-criada, você sabe das dificuldades que é encontrar comida. Você já matou?

Ele disse aquilo friamente, como se quisesse ver a reação dela. Ela decidiu não responder e deixá-lo concluir o pior.

— Então já. Você precisa de ajuda, senhorita...?

— Tsang.

— Oriental? — perguntou ele, estudando-a como se não acreditasse.

— Mestiça. — A palavra deixava um gosto ruim em sua boca.

— Muitos dos meus clientes gostam de orientais.

Ela tinha certeza que ele não queria que ela notasse o tom sórdido em sua voz, mas ela notou. Apertou as mãos até que suas unhas ferissem as palmas.

— Pelo seu espírito de lealdade, é claro — acrescentou.

Ah, ela era leal com certeza. E agora sua lealdade iria mandar aquele cara para o quinto dos infernos.

— As estatísticas comprovam que, sem ajuda, um recém-criado pode matar dez pessoas em seis meses. Não é culpa deles, pois são simplesmente incapazes de se conter. Isso se conseguirem viver mais seis meses, é claro. Veja só, existem outros sobrenaturais, como os lobisomens. Para eles, a tarefa de encontrar e matar as vítimas é quase um esporte.

Della sabia que a maior parte do que ele estava dizendo era mentira, mas ela não conseguiu deixar de se perguntar se não engoliria as mentiras caso não tivesse Chan, caso não tivesse encontrado Shadow Falls. E quantos novos vampiros tinham agora que servir aquele cretino e seus clientes? Esse pensamento revirou seu estômago.

Ele tirou uma caneta do bolso e entregou a ela.

— Tudo o que eu preciso é que você assine na linha pontilhada e depois vamos tentar encontrar os arquivos que você quer e preparar seu funeral.

Quando viu que ela não começava imediatamente a assinar seu nome no papel, ele continuou:

— Acredite, se seus pais souberem o que você é, ficarão gratos se tiver preferido forjar a própria morte para que eles não tenham que vê-la assim.

Ela olhou para o papel, tentando descobrir quando colocar um ponto final naquele papo absurdo.

— Dois anos parece um tempo muito longo.

— Não é nada. Para dizer a verdade, eu vinha fazendo isso na minha outra funerária havia anos. Existem muitos serviçais que optam por não deixar seus guardiões. Depois que você aprende a satisfazer as expectativas deles, é fácil viver a vida que seu guardião estabeleceu para você. Você recebe comida e proteção. Não é uma vida ruim.

E eu aposto que os donos de escravos diziam a mesma coisa no século XVII.

Ela balançou a cabeça.

— Sinto muito incomodar, mas acho que gostaria de ver esses arquivos antes de tomar uma decisão.

A mão do brutamontes, em pé atrás dela, desabou sobre o seu ombro.

— Não vamos chatear o senhor Anthony. Ele não é nada agradável quando está irritado.

Ele começou a apertar o ombro dela com força, e depois mais forte ainda. A dor tornou-se quase insuportável.

— Isso é realmente necessário? — Della perguntou com os dentes cerrados, tentando não parecer aliviada quando o aperto diminuiu. Ela olhou de volta para o senhor Anthony, que já tinha pegado a fita adesiva.

Ela já tinha ouvido dizer que era possível prender quase tudo com fita adesiva, mas será que realmente conseguiria segurar um vampiro? Ela não queria ter que testar.

Deixou a caneta cair.

— Ops! — Ela se inclinou e sussurrou para Kylie: — Eu acho que posso resolver isso sozinha.

— O que você disse? — perguntou o senhor Anthony.

Quando Della se pôs de pé, o brutamonte atrás dela agarrou seu braço. Ela não hesitou. Virou-se e com toda a força e enterrou a caneta no braço dele. O homem rugiu.

O senhor Anthony, rolo de fita na mão, pulou por cima da mesa. Quando começou a desenrolar a fita, Della chutou-o com tudo no rosto. Ele caiu para trás contra a mesa. Ela sorriu com orgulho. Ou pelo menos até a porta se abrir e três vampiros com cara de Poderoso Hulk invadirem o lugar.

— Agora é que a coisa ficou interessante... — Della sibilou.

Kylie então apareceu, de pé em frente a eles, em toda sua glória. Tudo nela brilhava com o poder. O cabelo, os olhos, a pele. Ela agarrou um cara grande e, usando-o como bola de boliche, derrubou os outros dois capangas.

Mas um deles ficou de pé num instante; os olhos, verdes de fúria, e os caninos, projetados.

Della estava prestes a ajudá-la a derrubar o brucutu quando o senhor Anthony se recuperou do chute na cara e saltou sobre ela.

A vampira se abaixou quando o punho veio na direção de sua mandíbula, e ao mesmo tempo golpeou-o com outro chute certeiro nas costelas.

Kylie saltava ao redor da sala, distribuindo chutes, socos e excedendo em força os dois outros vampiros. Della continuava atacando o senhor Anthony.

— Que diabos é você? — um dos bandidos que brigava com Kylie gritou.

— Seu pior pesadelo! — respondeu ela.

— Olha o que eu encontrei! — gritou o capanga que ainda tinha uma caneta enterrada no braço.

Della, ainda concentrada no senhor Anthony, não queria olhar, mas quando ouviu o grito de Miranda não teve outro jeito.

O vampiro com a caneta cravada no braço pegou Miranda pelo pescoço. O peito de Della quase explodiu de fúria. Ela sentiu as presas se projetarem e ouviu e sentiu o rugido de Kylie pela sala.

— Só mais uma passo e eu quebro o pescoço da bruxinha! E vou gostar de fazer isso.

Capítulo Dezenove

Della viu o olhar no rosto do brutamontes. Ele falava sério. Mataria Miranda.

Della lançou um olhar rápido para Kylie. Seus olhos se encontraram brevemente e a decisão foi tomada. Kylie ergueu as duas mãos, como se avisasse que não queria arriscar a vida de Miranda. Della fez o mesmo. Medo e pânico cresceram no peito dela. Ela tinha que encontrar uma forma de dar um jeito naquilo.

Voltou a olhar para Miranda, esperando ver completo terror nos olhos dela. Em vez disso, a bruxinha estava fitando as mãos. Della seguiu o olhar de Miranda e a viu remexer o dedo mindinho.

Ela não tinha se dado conta completamente do que a bruxa estava fazendo quando aconteceu. Os cinco vampiros robustos se transformaram em cangurus. Cangurus enormes, muito irritados e confusos, mas cangurus.

E era muito bom que estivessem confusos. Isso deixava Della e Kylie em vantagem.

O canguru brutamontes que apertava a garganta de Miranda começou a agitar os bracinhos, como se tentasse alcançar o pescoço da bruxa. Della saltou no ar e chutou com os dois pés o focinho do animal. Ele levantou no ar suas patolas de canguru e desabou no chão, desacordado.

Sem perder tempo, Della se virou para ajudar Kylie. Para sua decepção, a camaleão já estava parada diante de quatro cangurus desmaiados.

— Todo mundo bem? — Kylie perguntou, a voz mais grave agora que estava no seu modo protetor.

— Sim. — Della olhou para Miranda, parecendo em pânico com os braços abraçando a própria cintura. — Tudo bem?

A garota assentiu.

Della sorriu para a bruxinha.

— Nunca pensei que diria isso, mas você salvou nossa pele.

Miranda ergueu o olhar e a expressão de pânico desapareceu. Os ombros se endireitaram e um leve sorriso surgiu nos seus olhos.

— Salvei, não foi mesmo?

O canguru com a caneta enterrada no braço acordou e saltou sobre os pés como se já estivesse pronto para mais uma rodada. Sem perder tempo, Della acertou seu nariz cor-de-rosa horroroso, fazendo-o desmaiar outra vez. Então olhou de volta para Kylie e gesticulou para algo sobre os arquivos.

— A fita adesiva. Vamos acabar com esse problema agora mesmo.

Della arrastou o canguru de pelo avermelhado para perto dos outros quatro, jogando-o sobre a pilha. Era meio embaraçoso que Kylie tivesse derrubado quatro e ela só um, mas ela, afinal de contas, era uma protetora. Della ainda podia sair dali de cabeça erguida.

Kylie passou dois rolos de fita para Della. Elas grudaram a ponta das fitas na pilha de marsupiais e então começaram a dar voltas ao redor deles, enrolando os cinco numa grande bola de fita adesiva de dois metros e meio de largura. Quando quatro rolos acabaram, Miranda deu a elas outros quatro, que tinha encontrado num canto.

— Muito simpático da parte deles deixarem a fita para nós, não é mesmo? — Miranda sorriu.

Della voltou a fitar a cadeira com a fita adesiva ainda grudada num dos braços. Não podia deixar de imaginar o destino da última pessoa que se sentara ali.

— É, muito simpático.

Elas acabaram com os oito rolos. Na realidade, à exceção de um focinho farejando que ficara de fora, mal dava para ver pelo de canguru através do bolo de fita.

Quando a bola gigantesca começou a se mexer, Miranda sorriu.

— Eles devem estar tentando coçar o saco. Joguei um feitiço para que tivessem micose de virilha também.

Della soltou uma gargalhada. Quando parou de rir, tirou o celular do bolso.

— Tenho que ligar para Burnett.

Kylie concordou com a cabeça.

— Era o que eu ia dizer. Mas o que você vai falar para ele? Vai contar sobre o seu tio e a sua tia?

Della hesitou. Ela teria que contar tudo a Burnett?

— Tem razão. Primeiro, vou checar os arquivos.

Ela começou a vasculhar os arquivos o mais rápido que pôde. Encontrou o de Chan primeiro. A bola de fita adesiva sacudiu ainda mais e ela se apressou até encontrar a pasta T, de Tsang.

Seus dedos pararam na pasta com o nome Feng Tsang.

— Encontrei a do meu tio — Della disse, e continuou a procurar os arquivos. — Mas não a da minha tia. — Ela puxou a pasta do tio e leu só o suficiente para saber que era verdade. Seu tio não estava morto. Ele tinha sido transformado e forjado a própria morte.

Uma emoção inesperada encheu seu peito. Lágrimas umedeceram seus olhos. Ela tinha um tio vampiro. Bem, a menos que ele fosse um fantasma.

— A bola está se mexendo bastante... — disse Kylie. — Eu acho...

— Já sei! — Della disse. — Meu plano é o seguinte: vou dizer a Burnett só uma parte da verdade. Eu vim aqui para ver se conseguia encontrar Chan. Ele não vai saber que estou mentindo se eu disser a verdade. — Ela pegou o celular para ligar para o vampiro.

Mas, antes que pudesse apertar o primeiro número, ouviu um estrondo vindo da frente do prédio e então passos rápidos, como se uma pessoa, ou mais de uma, estivesse correndo bem na

direção da sala onde estavam.

— Merda! — Della soltou as pastas sobre a mesa, a pele arrepiada com a sensação de perigo. Saltou em direção à porta, mas Kylie chegou antes.

Della inspirou, preparando-se para lutar quando o barulho de passos ficou mais próximo. Então três figuras vieram pelo corredor a toda. Ela encontrou o olhar do líder e o medo foi embora. O metamorfo teimoso com seus lindos olhos castanhos parou de correr. Alívio se estampou nas feições de Steve. Então o alívio se tornou raiva.

Atrás de Steve, Perry e Lucas estacaram. Então os três entraram na sala, parecendo furiosos.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Della inquiriu.

— Mas que droga é essa? — Perry perguntou, apontando para a bola gigante de fita adesiva se mexendo no chão.

— Só uns marsupiais... — respondeu Miranda, e correu para Perry, apoiando as mãos no peito dele. — Salvei Della e Kylie transformando estes brutamontes em cangurus.

— Eu te disse que isso podia ser perigoso — Steve grunhiu.

Della franziu a testa para ele.

— E eu disse que ia ficar tudo bem. E estou bem, todas nós estamos.

— E pegamos os bandidos. — O sorriso de Miranda tinha uma pontinha de orgulho. — E ele é mesmo um bandido.

— Vocês não deviam ter tentado fazer isso sozinhas — repreendeu-as Lucas, os olhos ainda com um brilho laranja; mas ele olhava para Kylie, não para Della.

Kylie deu um passo na direção dele.

— Não estávamos tentando fazer nada, não achamos que ia ser perigoso. Mas não importa, porque demos conta da situação.

— Você podia ter se machucado — disse Lucas. — Todas vocês podiam. Por que não contaram para nós? Teríamos dado um jeito.

Della ainda tinha a testa franzida. O que Lucas tinha contado a eles? Droga, ele tinha que ter contado quase tudo para que estivessem ali.

— Foi burrice — acusou-as Lucas.

Por alguma razão, as palavras de Lucas a lembraram da atitude machista de Burnett e o resquício de raiva em seu peito se reacendeu.

— Por que burrice? — quis saber Della. — Por que a gente devia correr para chamar vocês em vez de dar conta do recado? Por que somos garotas? Vocês acham que são superiores só porque têm um pênis?

Perry riu.

— Não é o pênis, é a força.

— Força? — Della repetiu, fumegando. — Quer que eu te mostre quem tem mais força?

Perry soltou uma risada como se ela não estivesse falando sério. E, tudo bem, talvez o idiota fosse capaz de se transformar num dragão gigantesco e fazer mais flexões de braço ou levantar

um automóvel com mais facilidade do que ela, mas Della tinha velocidade.

— Força não é tudo! — rebateu Miranda, a voz denotando orgulho enquanto franzia a testa para o seu amado metamorfo. — Não sou muito forte, mas salvei o dia.

— Isso podia ter terminado muito mal. — Lucas olhou para Della.

Della o encarou de volta.

Lucas olhou para Kylie como se esperasse que ela o defendesse.

— Todas vocês poderiam ter se machucado.

— Poderíamos — concordou Kylie, não com raiva, mas demonstrando confiança e firmeza. — Assim como você em qualquer uma das suas missões para o Conselho dos Lobisomens.

— Minhas missões são completamente diferentes. — Lucas apontou a massa de fita adesiva se remexendo no chão. — Nós teríamos mais condições de lidar com isso.

Kylie ergueu o queixo e Della percebeu que a camaleão não iria recuar.

— Detesto admitir, mas acho que Della tem razão. Vocês — ela passou os olhos por Steve e Perry —, vocês três acham que, por sermos garotas, somos fracas. Mas não somos. E não estávamos fazendo nada perigoso. Viemos fazer algumas perguntas a um vampiro idoso. Um vampiro idoso que, como sabíamos, costumava ajudar outros vampiros. Só não tínhamos ideia de que íamos dar de cara com uma quadrilha de traficantes de vampiros.

— Caramba! É isso que é esse lugar? — Perry perguntou.

Miranda assentiu, novamente parecendo orgulhosa. Não que Della se importasse. Miranda realmente salvara a pele delas.

Kylie continuou.

— Como dissemos, demos conta da situação. E com classe, devo dizer. — Ela fez um gesto indicando a bola de cangurus presos com fita adesiva. — E, se isso não é ter capacidade, eu não sei o que é.

— Não se trata de quem tem mais capacidade, droga! — criticou Steve. — É o fato de que nos preocupamos com o que acontece a vocês. É claro que você — ele apontou para Della — tem mais medo de que alguém se importe com você do que de qualquer encrenca em que possa se meter! — ele explodiu.

Della ficou ali parada, constrangida com o jeito como Steve tinha deixado escapar uma coisa tão pessoal. A pior parte era que ela não podia negar. Preferia enfrentaria criminosos do que confiar seu coração a alguém.

Kylie, parecendo meio zangada, ergueu a voz.

— Olha só, vamos ligar para o Burnett e resolver isso de uma vez. Se ele surtar, é melhor que vocês não estejam envolvidos nisso.

Lucas soltou um suspiro longo e frustrado. Mas, quando Kylie indicou a porta, ele não discutiu. Começou a andar em direção a ela. Perry dirigiu a Miranda um olhar quase de desculpas e o seguiu.

— Porcos machistas! — Della esbravejou, ainda fervendo de raiva, o coração ainda apertado.

— É mais forte do que eles — justificou Kylie. — Holiday diz que está no DNA dos homens. Acham que estão neste mundo para nos proteger. Mas isso não quer dizer que temos que gostar, ou aceitar.

— Eu também não gosto — Miranda disse, então sorriu. — Mentira. Eu gosto um pouquinho. Adoro quando ele se preocupa comigo. Acho que isso faz de mim uma fracote, não é?

— Não, não faz, não — garantiu Kylie. — Eu gosto que Lucas queira cuidar de mim também, só não gosto quando ele age como se eu não soubesse tomar conta de mim mesma.

Elas olharam para Della como se quisessem saber a opinião da amiga, mas tudo o que ela fez foi balançar a cabeça. *É claro, você tem mais medo de que alguém se importe com você do que de qualquer encrenca em que possa se meter.* As palavras de Steve martelaram na cabeça dela, fazendo seu coração doer. E que Deus a ajudasse, pois ela só conseguia pensar que, se Steve estava tão preocupado com ela, era porque talvez não estivesse tudo acabado. Então outro pensamento desconcertante cruzou sua mente. Como Miranda, ela gostava um pouco que Steve fosse protetor. Mas, ao contrário do que Kylie dizia, via isso como uma fraqueza. Uma fraqueza que ela precisava vencer.

Kylie olhou para a bola de cangurus enrolados com fita adesiva.

— É melhor ligar para o Burnett antes que eles deem um jeito de sair dali.

— Eu adoraria vê-los tentando... — murmurou Della. Ela começou a discar o número de Burnett e então parou. — Por que vocês duas não vão embora também? Digo a ele que saí escondido e fiz isso sozinha.

Kylie fez uma careta.

— Você acha que ele vai acreditar que conseguiu fazer tudo isso sozinha?

Della franziu a testa. Kylie tinha razão. Ela poderia ter derrubado dois brutamontes, mas cinco era demais.

— É, e como você vai explicar o fato de terem sido transformados em cangurus? — Miranda perguntou.

Della deu um sorrisinho.

— Bom, achei que você podia transformá-los em homens outra vez antes de sair, mas, pensando bem, quando um deles contar que ficou dando pulos de raiva, Burnett vai ver dedinho seu aí.

Della fez uma pausa e olhou outra vez para a bola de pilantras.

— Mas vocês sabem que ele vai ficar furioso. Detesto a ideia de ver vocês duas se metendo em encrenca por minha causa.

— Não vai conseguir ficar mais furioso do que no dia em que *ele* foi transformado em canguru... — Miranda disse.

— Não pode ficar furioso — Kylie garantiu. — Nós pegamos uma quadrilha. E não sofremos nem um arranhão.

Kylie estava errada. Burnett pareceu furioso desde o instante em que atendeu ao telefone. Della contou a ele a dose de verdade que tinha decidido compartilhar. Ela tinha ido à funerária ver se conseguia descobrir alguma coisa sobre o primo Chan e acidentalmente cruzara com uma quadrilha que forçava vampiros recém-criados a se tornarem quase escravos. Como a parte sobre Chan não era mentira, Burnett não tinha como saber se ela estava omitindo alguma coisa.

Ele se acalmou um pouco quando ela garantiu que estavam bem, sem nem um arranhão. Ainda ao celular com ela, ele usou o telefone do escritório e ligou para algumas autoridades da UPF em Houston. Eles garantiram que estariam na funerária em cinco minutos. Burnett chegaria em mais ou menos meia hora. O fato de Burnett conseguir chegar lá em tão pouco tempo a deixou impressionada. Será que ele era tão rápido?

Quando desligou, ela saiu do prédio rapidamente para esconder os arquivos do tio no carro de Kylie. Assim que escondeu a pasta no porta-malas e o fechou, um falcão-peregrino pousou sobre o capô do carro.

Della fitou o pássaro.

— A UPF vai chegar a qualquer momento. É melhor ir embora ou vai se dar mal.

Ela observou o pássaro virar a pequena cabeça para a esquerda e então para a direita, como se checasse se havia alguém por perto. Então centelhas mágicas, carregadas de eletricidade, começaram a surgir em torno dele.

— Não estou nem aí se me meter em encrenca — disse Steve, saltando para o chão e aterrissando a poucos centímetros dela.

Della balançou a cabeça.

— Bem, eu não quero que você se meta em encrenca, então vá embora.

Ele fechou os olhos por um segundo, então voltou a abri-los.

— Eu só queria... Sinto muito, ok? Sinto muito por ter exagerado ontem e agora há pouco também. Eu só... me preocupo com você. — Havia honestidade e emoção na voz grave do metamorfo.

Ela sentiu um aperto no peito.

— Eu estou bem. Veja, não estou machucada.

— Então por que está sangrando?

— Não estou sangrando

— Seu nariz. — Ele puxou a barra da camiseta e a levantou até o nariz dela.

Quando baixou a mão, Della viu a mancha vermelha. Ela tocou o nariz.

— Eu nem me lembro de terem me acertado.

— Você não se lembraria mesmo — ele disse. — Tenho certeza de que estava mais preocupada com as suas amigas do que consigo mesma. — Ele soltou a barra da camiseta e roçou o dedo pela bochecha dela. — Estou perdoado?

O toque suave provocou em Della uma torrente de emoção de tirar o fôlego e que foi direto para o seu coração.

— Não era eu quem estava com raiva.

— Eu sei, mas também não foi você quem perdeu a calma. E eu só vim aqui hoje porque... Surtei com a possibilidade de você estar machucada e só conseguia pensar em como eu tinha te tratado.

Ela engoliu o nó que se formou em sua garganta.

— Não posso prometer nada, Steve.

— Isso veremos — ele disse, e sorriu.

Essa era a maneira dele de dizer que provaria que ela estava errada. E parte dela quase desejava que estivesse.

— Você descobriu alguma coisa sobre o seu primo e o seu tio?

Ela assentiu.

— É verdade, o meu tio foi transformado em vampiro.

— Você sabe onde procurá-lo?

— Não, mas pelo menos tenho certeza agora. — Era um começo, Della disse a si mesma, e sabia que não iria parar até ter todas as respostas. Mas agora ela precisava investigar sobre a tia.

— Vou ajudar de todas as formas que puder. — Ele se inclinou e beijou a bochecha dela. Um beijo doce e suave. As pálpebras fechadas dela estremeceram e ela teve vontade de se inclinar um pouco mais e chegar mais perto. Ansiava por estar nos braços de Steve, sentir sua força em torna dela.

Quando ele recuou, estava com uma expressão séria.

— Você ainda está quente. — Ele estendeu a mão para tocar a testa dela.

Della interceptou o braço de Steve.

— Eu devo estar com um resfriado ou coisa assim. Agora vá embora antes que te peguem aqui.

— Um resfriado?

— Vai! — ela insistiu.

— Tudo bem. Mas me ligue assim que puder.

— Ela assentiu, e as centelhas apareceram à volta de Steve quando ele voltou a assumir a forma de pássaro. Então, sem querer deixar Kylie e Miranda sozinhas com a bola de cangurus por muito tempo, ela se virou para a porta da funerária.

Antes que pudesse entrar, ouviu dois sedãs de cor escura cantando pneus até parar em frente à funerária e seis agentes da UPF disparando para fora do carro, com as armas apontadas para ela. Antes que Della pudesse dizer alguma coisa, ela já estava cercada. Dois vampiros, um lobisomem, um bruxo e dois metamorfos. E, pelo jeito que a olhavam, pareciam não saber se ela estava do lado deles ou não.

Um deles agarrou seu braço direito e outro segurou o esquerdo. Fantástico. Primeiro ela era atacada pelos bandidos e agora pelos mocinhos.

— Me larguem! — ela sibilou. — Fui eu quem chamou vocês.

Um metamorfo com cara de esquentadinho parou bem na frente dela. Inclinando-se sobre o ombro de Della, agarrou seu cabelo e puxou sua cabeça para trás.

— Você só fala quando falarem com você — disse numa voz ameaçadora.

Antes que pudesse questionar a sabedoria dessas palavras, ela dobrou um joelho e acertou o imbecil bem no meio das pernas.

Capítulo Vinte

Os agentes da UPF se acalmaram assim que Della lhes disse seu nome e repetiu que tinha sido ela quem chamara Burnett. Bem, todos eles se acalmaram, exceto um, que gemia no chão. Quando ele conseguiu ficar de pé, investiu contra ela como se quisesse agredi-la. A única agente do sexo feminino, uma lobisomem, colocou-se entre Della e o metamorfo contundido.

— Saia da minha frente! — sibilou o agente furioso, com a mão ainda entre as pernas.

A agente olhou para Della, como se estivesse refletindo, em seguida voltou a fitar o agente irritado.

— Ela é uma das alunas de Burnett James, e a última pessoa que afrontou uma delas está agora atrás de uma mesa de escritório em alguma cidadezinha desconhecida de Montana. Você realmente quer isso pra você?

— Eu não estou nem aí pra...

— Qual é o problema? — Burnett aterrissou com um baque surdo ao lado do grupo.

— Ela me agrediu! — vociferou o metamorfo.

Com a voz entrecortada e muito poucas palavras, Della contou sua versão da história. A agente confirmou quando Burnett perguntou se tinha sido aquilo mesmo.

Os olhos de Burnett ficaram vermelhos com a fúria que sentiu contra todos os agentes por serem hostis depois que ele já os tinha informado da situação.

Infelizmente, ele reservou um pouco da sua ira para Della, Miranda e Kylie. Ou, pelo menos, foi o que pareceu três minutos depois, quando as fez se sentarem no sofá, na parte de trás do escritório da funerária, e ameaçou fazê-las em pedacinhos se qualquer uma delas se atrevesse a fazer mais do que respirar. Ele não disse mais nada, nem fez nenhuma pergunta. Ele e os outros seis agentes ficaram de pé ao redor da bola de cangurus embrulhados em fita adesiva, cada um parecendo mais intrigado que os outros.

— Que tipo de animal é esse? — um deles perguntou, apontando para o focinho projetado de uma pequena abertura no bolo de fita adesiva.

A agente virou a cabeça e analisou o focinho.

— Parece um... canguru. — Burnett fulminou Miranda com os olhos.

A bruxinha sorriu, mas então franziu a testa quando viu a expressão de Burnett.

— Como ele pode ficar zangado?

— Ficar zangado, para Burnett, é como piscar. É um reflexo natural — explicou Kylie. Burnett virou a cabeça e olhou para Kylie. — Mas não se preocupe, ele sempre acaba mudando de ideia

— ela acrescentou com uma voz confiante.

— Espero que sim — Della sussurrou, fitando a equipe e pensando que um dia ela estaria fazendo aquilo. Bem, ela esperava não topar com uma bola de cangurus, mas estaria resolvendo outros casos. Lidando com bandidos. Caramba, era muito bom saber que ela tinha ajudado a impedir o senhor Anthony de escravizar vampiros recém-criados. Será que Burnett via isso como uma vantagem para ela? Ou será que iria acusá-la de ter feito uma loucura? Conhecendo Burnett, a segunda opção era bem mais provável.

O grupo de agentes começou a discutir se seria melhor que os criminosos voltassem à forma de vampiros antes de serem libertados da fita adesiva. O agente que mais chamava a atenção de Della era a mulher. Ela parecia experiente, mas dura como um prego. Sem maquiagem ou joias, nada naquela mulher era feminino. Até o cabelo era curto.

Será que eram assim as mulheres que trabalhavam na UPF? Era preciso deixar de lado qualquer coisa feminina e fazer o tipo “é melhor não mexer comigo”? Seriam todos os agentes do sexo masculino como Burnett, e uma agente feminina tinha que ficar constantemente com a guarda levantada, temendo ser considerada fraca?

Burnett e o agente bruxo foram até o sofá.

— Por favor, me diga que você pode transformá-los em seres humanos novamente — pediu Burnett diretamente a Miranda.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Que tipo de feitiço é esse? Sangue ou ervas? — o bruxo perguntou.

Miranda fez uma cara preocupada.

— Mente para mindinho. Não foi planejado nem resultado de um comando.

O agente franziu a testa e voltou a olhar para Burnett.

— Ela está mentindo. Só uma alta sacerdotisa poderia lançar de improviso um feitiço de transformação de cinco partes.

— Ela é uma alta sacerdotisa — disse Della, contendo-se para não chamar o homem de idiota. Como ele ousava questionar Miranda quando a prova estava enrolada em fita adesiva.

— Eu não sou uma alta sacerdotisa — disse Miranda, parecendo envergonhada. Ela tocou o braço de Della, como se dissesse que estava tudo bem. — Minha mãe é, ou foi. Ela já renunciou.

Burnett olhou para Miranda.

— Você está mentindo sobre o feitiço? — perguntou, ouvindo o coração da bruxinha. Della se sintonizou também. Não porque duvidasse de Miranda, mas para verificar se sua audição estava funcionando bem.

— Não — ela disse. O coração da pequena bruxa não vibrou.

Burnett olhou para o agente.

— Mas ela não poderia...

— Você ouviu o que ela disse — disse Burnett com rispidez.

O bruxo não parecia convencido.

— Mas para lançar uma maldição como essa seria preciso ter muito poder.

— Então eu não recomendo que você irrite Miranda chamando-a de mentirosa — Della despejou. — Às vezes, ela tem dificuldade para se controlar. Pergunte a Burnett.

Burnett soltou um rosnado baixo e fez sinal para que o agente se afastasse. Então ele olhou para Miranda.

— Como você conseguiu fazer isso?

Miranda deu de ombros.

— Eu não sei. — Os olhos verdes da menina se encheram de lágrimas. — Eles iam machucar Della e Kylie. Entrei em pânico, só isso.

Della sentiu seu peito se enchendo de emoção. Kylie estendeu a mão e segurou a mão de Miranda.

— E você fez um ótimo trabalho — disse Kylie. — Estou tão orgulhosa de você!

— Eu também — acrescentou Della.

— Abraço coletivo! — exclamou Miranda, estendendo os braços.

— Nada desses malditos abraços agora! — Burnett esbravejou. — Você pode desfazer isso, certo?

— Acho que posso.

— Ah, droga! — Ele passou a mão pelo rosto. — Então tente. Tente com todas as suas forças. Eu não acho que as nossas celas estejam preparadas para receber cangurus.

Dez minutos depois, os seis agentes — sete com Burnett — já tinham algemado os cinco vampiros e estavam na porta, esperando o camburão para transportá-los para a prisão da UPF. Eles passariam o dia no tribunal, mas as provas que tinham encontrado no telefone do senhor Anthony praticamente os condenavam.

Miranda conseguiu transformá-los de volta, sem problemas. E Della, Miranda e Kylie permaneceram no sofá a que Burnett as tinha confinado, assistindo tudo isso acontecer.

O bruxo ficou de olho em Miranda. Della não tinha certeza se ele estava impressionado ou com medo da bruxa. De qualquer maneira, isso fez muito bem para o ego da amiga.

O camburão devia ter chegado, porque os cinco suspeitos foram conduzidos para fora.

— Ah, droga. — Miranda deu uma risadinha.

— Droga por quê? — Della e Kylie perguntaram ao mesmo tempo.

— Notei que eles estão andando de um jeito esquisito. Esqueci de tirar o feitiço da micose na virilha...

— Ah, cara! — exclamou Della. E todas riram.

O bom humor desapareceu no ar quando Burnett fez uma parada rápida na frente delas.

— Agora, vou cuidar de vocês três.

— Não, você vai resolver isso comigo — disse Della. — Eu praticamente as obriguei a me ajudarem. Elas não queriam vir. — Era uma mentira deslavada, mas ela tinha que tentar.

— Ela não nos obrigou! — Kylie desviou os olhos do celular, onde parecia estar verificando seus e-mails.

— Não! — disse Miranda. — Se punir uma de nós, vai ter que punir todas.

Della fitou a bruxinha com um olhar frio. Por que raios ela estava encorajando Burnett a puni-las?

— Quem diabos vocês pensam que são, garotas? As Panteras? Por que eu iria...?

— Nós até que parecemos as Panteras, não acha? — Miranda sorriu.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Kylie.

— Do filme. — Miranda olhou para Della. — Você é Lucy Liu e eu sou Drew Barrymore e você é... — Ela olhou para Kylie — Aquela tal de Cameron... qual é mesmo o sobrenome dela?

— Parem! — Burnett rosnou. — Vocês três têm alguma ideia de como isso podia ter acabado mal?

— Sim, nós temos — disse Kylie. — Mas não sabíamos que ia dar no que deu. Por isso não é culpa nossa.

— Como, pelo amor de Deus, vocês puderam pensar que podiam vir até aqui...?

— Olha aqui! — Kylie ergueu o celular para Burnett ver. — Aqui está uma foto do dono da funerária. Tomas Ayala tem pelo menos 90 anos aqui. Não tínhamos ideia de que ele tinha morrido e seu enteado, assumido a direção.

Burnett olhou para a tela do telefone, mas não parecia convencido.

— Vocês vieram a um estabelecimento comercial clandestino, dirigido por um vampiro.

— E por que isso é errado? — perguntou Della. — Daqui a um ano, vamos estar todas nos formando em Shadow Falls e passaremos a viver no mundo normal. Num mundo onde outros seres sobrenaturais vivem. E, surpresa, nem todo mundo é registrado. O que você espera que a gente faça? Nunca saia de casa? Shadow Falls serve justamente para nos ensinar a sobreviver no mundo normal. E o mais incrível é que a gente não só sobreviveu, como pegamos alguns marginais.

— Você deveria ter me contado suas preocupações com o seu primo — disse Burnett.

Della balançou a cabeça.

— A última vez que toquei no nome dele, você me perguntou quantos anos ele tinha. E eu sei por que fez isso. Porque, se ele fosse maior de idade, você teria que investigar se ele não era um delinquente.

Burnett cerrou os dentes antes de falar.

— Se ele é adulto, precisa ser registrado.

— Num mundo perfeito, sim, mas este mundo não é perfeito.

— Eu sei, droga!, e é por isso que eu me preocupo com você andando por aí metendo o nariz em coisas que poderiam ser fatais.

Della se levantou do sofá.

— Eu sei que você se preocupa com a gente. Mas exagera. E não é nem de longe tão severo com os alunos do sexo masculino. Nós não somos fracas. Acabamos de provar isso, e você ainda se recusa a considerar a bola de cangurus como prova.

Ele cerrou os dentes outra vez, os músculos da mandíbula se contraindo. Mas Della viu algo em seus olhos. Compreensão. Ela podia não ter ganhado a guerra com ele, mas tinha ganhado essa batalha. E considerando-se que a batalha era com Burnett, isso era algo de que ela tinha que se orgulhar.

Ele suspirou.

— Vocês três vão voltar comigo para Shadow Falls.

— Não! — disse Della. — Nós vamos ficar na casa de Kylie o final de semana todo. Você já concordou com isso.

Os olhos do vampiro ficaram incandescentes, mas ele soltou um profundo suspiro frustrado.

— Tudo bem. Mas tenham cuidado, pelo amor de Deus!

— Nós vamos ter. — Della sorriu, sentindo-se vitoriosa. — Obrigada — disse, e Miranda e Kylie se levantaram.

Elas estavam quase na porta quando Burnett acrescentou:

— Vocês se saíram bem. Todas vocês. Esse sujeito, Craig Anthony, estava no radar da UPF havia alguns anos, mas ainda não tínhamos conseguido provas que o ligassem a nenhum crime.

As três se viraram e olharam para Burnett. Tinham a impressão de que lhe custara muito dizer aquilo. Custara para ele admitir que três garotas tinham feito algo que os agentes da UPF não tinham conseguido realizar. E, no entanto, ele tinha dito de qualquer maneira. Como Kylie dissera, Burnett geralmente mudava de opinião.

— Obrigada — agradeceu Della.

— Amo você, cara! — Miranda correu e o abraçou. Burnett enrijeceu, mas não a afastou.

— Por favor, tomem cuidado! — recomendou para as três quando Miranda finalmente o largou.

Della começou a sair com Kylie e Miranda, mas Burnett a deteve.

— Della, posso falar com você um segundo?

Ah, céus. Será que ela ainda estava encrencada? Ele fez um gesto para que Kylie e Miranda continuassem andando.

— Pois não? — Della perguntou.

— Eu obtive informações sobre o casal assassinado. Na semana que vem, mando você para um trabalho externo relacionado ao caso.

Della assentiu, sorrindo com orgulho.

— Eu agradeço. É melhor eu voltar para Shadow Falls hoje?

— Não, isso pode esperar até amanhã.

Ela ficou parada ali sorrindo, pensando que naquele dia não só tinha conseguido informações sobre o tio como recuperado a confiança de Burnett.

— Pode ir agora.

— Ok. — Ela se virou para a porta, mas olhou para trás. — Obrigada.

Ele assentiu.

Enquanto Della se dirigia para o carro de Kylie, Burnett ficou no meio-fio, observando-a como um pai preocupado.

Quando elas pararam no primeiro semáforo vermelho, Miranda, que dessa vez tinha ido no banco de trás, se inclinou para a frente.

— Vocês conhecem mais alguns bandidos que poderíamos pegar? Acho que eu poderia entrar nesse negócio de capturar criminosos. Você viu como o bruxo ficou chocado ao saber que transformei todos aqueles cinco caras ao mesmo tempo? Sou boa ou não sou?

Della lançou um sorriso para a bruxinha. Ela merecia se vangloriar um pouco.

— Você foi demais! — disse Della.

— Sua mãe teria ficado orgulhosa — acrescentou Kylie.

Os olhos de Miranda brilharam.

— Ela ficaria, não ficaria? Eu gostaria de conseguir fazer o mesmo nas competições.

Quando Kylie começou a falar sobre correrem para o shopping, os pensamentos de Della se voltaram para a segunda chance que ela tinha conseguido de trabalhar no caso da UPF. Fazer justiça por Lorraine.

Enquanto Della refletia mentalmente sobre os detalhes do caso, Kylie se virou para ela.

— Tome.

— O quê? — perguntou Della, olhando para a camaleão, dirigia com uma mão e segurava algo com a outra.

— O seu nariz está sangrando. Pegue o lenço de papel.

Antes que Della levasse o lenço ao nariz, duas pequenas penas flutuaram na frente de seu rosto e ficaram presas em seu lábio superior.

Quando ela as tirou dali viu que estavam sujas de sangue. E aquilo parecia duplamente estranho.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

De repente, Kylie pisou no freio. O carro derrapou e parou com um solavanco.

— O que foi? — Della perguntou, olhando para a frente, sem ver nenhum carro ou qualquer outro motivo para a freada brusca.

— O fantasma! — Kylie parecia em pânico.

— Você o viu? — Della prendeu a respiração.

— Eu... passei em cima dele. — Kylie mordeu o lábio. — Não gosto de passar em cima das coisas, nem mesmo de fantasmas.

Todas se viraram em seus assentos e olharam para trás. Não havia nada na estrada. Claro que não havia nada na estrada. Um carro azul parou atrás delas.

— Mas você o viu? — Della se voltou para Kylie.

— Não deu tempo de dar uma boa olhada, ele apareceu logo antes... de eu passar em cima dele. — Kylie recomeçou a dirigir, mas suas mãos tremiam no volante.

A camaleão respirou fundo, em seguida, olhou para Della.

— Eu não sei se era homem ou mulher, mas... Vi algo preto.

— Preto?

— Cabelo preto. Bem preto. E brilhante.

— Podia ser oriental?

Kylie assentiu.

— Sinto muito, Della, mas deve ser sua tia ou seu tio.

Della olhou pela janela, vendo as lojas passarem num borrão, suas emoções tão distorcidas quanto a paisagem do lado de fora. Era estupidez sofrer por alguém que ela nem conhecia?

— Como podemos fazer com que o fantasma fale conosco?

— Não dá! — lamentou Kylie. — Eles falam quando estão prontos. Você pode falar com um fantasma quando senti-lo ou, no seu caso, quando as penas aparecerem, mas esse aí não fica parado por tempo suficiente para deixar você falar.

— Então não posso fazer nada para descobrir que droga ele quer ou quem ele é?

— Acho que não — disse Kylie. — Lamento.

Capítulo Vinte e Um

Naquela noite, Della deitou-se na cama de Kylie, prensada entre as duas amigas.

Mais cedo naquele mesmo dia, elas tinham parado num shopping e entrado e saído, só para Kylie poder dizer à mãe que tinham ido lá. Quando chegaram em casa, a mãe de Kylie levou-as para jantar fora. Della pediu uma sopa de cebola, o seu prato favorito quando se tratava de comida humana. Enquanto comiam, a senhora Galen bombardeou Miranda e Della com perguntas sobre os pais. A intenção da mãe de Kylie não era fazê-la sofrer, mas até engolir a sopa ficou mais difícil com o nó na garganta que a conversa sobre a mãe, o pai e a irmã tinha provocado nela.

— Estou surpresa que a sua mãe não tenha ligado para saber se chegaram bem — ela disse a Della. — Quer dizer, desde que falei com ela pela primeira vez.

Della não estava surpresa.

Quando chegaram em casa, a senhora Galen se recolheu em seu quarto.

— Desculpe o interrogatório — disse Kylie.

— Todos os pais fazem — disse Miranda.

— Tudo bem, não me importo — mentiu Della. Em seguida pegaram refrigerantes e foram para o quarto de Kylie assistir a um filme antigo, *Como Perder um Homem em Dez Dias*. Um filme com alguns conselhos aos quais Della provavelmente deveria prestar atenção. Mas, por outro lado, ela não queria perder Steve, queria?

Apagaram a luz um pouco depois das onze, mas nenhuma delas tinha sono. Sem dúvida o dia as tinha deixado com muitas coisas em que pensar.

Especialmente Della.

Ignorando a ainda presente dor de cabeça, ela fixou os olhos no ventilador de teto. A mente de Della dava voltas, cheia de perguntas. A maior delas era como diabos iria encontrar Chan? Ela adoraria saber se ele sabia alguma coisa sobre o tio e a tia. Saber se ele estava bem. Ela até tentou ligar para o amigo dele, Kevin Miller, novamente. Ele não havia atendido ao telefone, então ela tinha deixado uma mensagem. Disse que estava em Houston e perguntou se ele tinha descoberto alguma coisa sobre a sede da Sangue Rubro. Ele não ligou de volta.

O olhar de Della desviou-se para a janela. Ela podia sair pela noite e fazer a sua própria investigação sobre a gangue Sangue Rubro. Não seria tão difícil farejar outro vampiro. Certamente algum vampiro desgarrado saberia algo sobre a gangue. Mas então ela realmente estaria quebrando a promessa de Holiday de não correr riscos. Uma coisa era tentar falar com um

vampiro velhote... outra bem diferente era sair em busca de uma gangue da qual ela não sabia quase nada.

Della estaria tão desesperada a ponto de quebrar a promessa que fizera a Holiday? A ponto de passar por cima de um Burnett já furioso e fazê-lo reconsiderar a promessa de permitir que trabalhasse no caso? Ela realmente queria muito trabalhar naquele caso. Sua mente conjurou a imagem de Lorraine novamente, deitada no caixão, tão fria, tão morta! O pensamento lhe provocou um calafrio. Ela se cobriu um pouco mais para se proteger do frio e tentou pensar em algo mais agradável.

Infelizmente seus pensamentos se voltaram para Chan e para o modo como ele a ajudara na transformação. E ele ainda não tinha retornado seu maldito telefonema. Talvez valesse a pena contrariar Holiday e Burnett se isso lhe desse uma chance de ajudar o primo. Mas sozinha desta vez. Não queria arrastar Kylie e Miranda com ela.

Fechando os olhos, ela ouviu os batimentos cardíacos das duas amigas. Elas ainda não estavam dormindo. Teria que esperar um pouco mais para sair de fininho.

Miranda se virou na cama. Deixou escapar um profundo suspiro e sentou-se.

— Posso perguntar uma coisa a vocês?

Della piscou quando a amiga acendeu o abajur.

— Se disséssemos “não” você desistiria?

Kylie deu uma cotovelada nela.

— Brincadeira — reconsiderou Della.

— Pergunte de uma vez — disse Kylie.

A bruxa puxou os joelhos contra o peito.

— Como é que é?

— Como é que é o quê? — perguntou Della, embora já soubesse do que a bruxinha estava falando.

— Ah, já sabem, sexo.

Sim, era isso que Della temia que ela dissesse.

— Não me diga que quer falar de sexo, por favor! — Della deixou cair o braço sobre os olhos. O que lhe rendeu outra cutucada de Kylie nas costelas.

Kylie se sentou.

— Eu tenho toda uma gaveta de panfletos se você quiser ver.

— Eu não quero ler sobre sexo. Quero que vocês me contem como é.

Della se sentou.

— Ok, aqui vai o básico. Vocês tiram a roupa e conectam o plugue azul na tomada rosa.

Kylie riu e Miranda resmungou.

— Estou falando sério. Vai acontecer em breve e eu só quero estar preparada.

— O que você quer saber? — perguntou Kylie.

— É verdade que no começo dói?

— Doeu da primeira vez — disse Kylie.

Miranda olhou para Della como se precisasse da opinião das duas. Della concordou com a cabeça.

— Valeu a pena? — perguntou Miranda.

— Valeu — garantiu Kylie. — É incrível. Quando estamos juntos, é emocionante e romântico e eu me sinto tão perto dele... — Ela suspirou. — Admito que foi constrangedor no início. E às vezes ainda é. — Ela sorriu. Eu ainda fico vermelha quando ele me vê sem roupa, mas tudo bem. Eu realmente acho que é a mais pura forma de compartilhar o amor que a gente sente. Mas eu tinha certeza de que ele era o cara certo antes de acontecer.

Valeu a pena? A questão rolava no cérebro de Della, e ela sabia que Miranda esperava que Della respondesse. Era uma pergunta que ela tinha feito a si mesma recentemente. A pergunta que ela ainda tinha que responder.

Miranda olhou para Della.

A emoção encheu seu peito. Ela tinha se entregado totalmente ao ex-namorado, Lee, e ele tinha desistido dela. Em menos de três meses, ele já tinha assumido compromisso com outra pessoa. Como poderia ter valido a pena dar seu coração e seu corpo a ele?

— Não, não valeu a pena — disse Della. — Mas não me entenda mal. Eu não estou dizendo para você não transar com Perry. Só acho que você precisa ter certeza de que o cara para quem você vai entregar essa parte de você é o cara certo.

— Eu acho que Perry é o cara certo — assegurou Miranda. — Estou apaixonada por ele.

— Eu achava que Lee era o cara certo, também — disse Della. — E não estou dizendo que o cara certo tem que ser o único da sua vida ou o cara com quem você se casar. Mas ele não deve ser alguém que poderá simplesmente virar as costas e ir embora. Ele me fez sentir que eu não era tão especial para ele quanto ele era para mim. Ainda me sinto traída e com raiva. Gostaria de poder voltar atrás. — Sua voz estava embargada e ela engoliu em seco.

Kylie tocou o braço de Della e o conforto quente do seu toque indicava que a camaleão tinha se transformado em *fae*.

— Holiday disse mais ou menos a mesma coisa — acrescentou Kylie. — Ela disse que dormiu com vários caras e algumas lembranças eram como tatuagens que ela não podia apagar. Então acho que o conselho de Della é bom. Só tenha certeza de que, não importa o que aconteça, Perry é de fato especial e você não vai se arrepender. Mesmo que o pior aconteça e vocês não fiquem juntos.

— Como você sabe que não vai se arrepender? — perguntou Miranda.

— Eu... Eu apenas sinto — disse Kylie. — Eu sabia que Lucas era o cara certo. Mas... se você pergunta isso, então é porque não tem certeza.

— Não é isso que eu queria ouvir... — disse Miranda, deitando-se outra vez na cama.

— Sinto muito — disse Della. — Eu devia ter ficado de boca fechada.

— Não, você foi sincera — disse Miranda.

Della suspirou.

— Às vezes a verdade é uma droga... — E ela não estava falando só de Lee, mas da possibilidade de o fantasma ser o tio ou a tia dela. E sobre o fato de não saber onde Chan tinha se enfiado.

— Tem razão — concordou Kylie. — É por isso que temos umas às outras.

*

O ligeiro zumbido do celular fez Della entrar em alerta total. Ela não tinha dormido ainda, porque não parava de analisar os prós e contras de sair no encalço de uma gangue.

Cuidadosamente, saiu da cama, pegou o telefone e foi até o banheiro. Quando fechou a porta, viu que eram duas da manhã.

Ela checou o número. Seu primeiro palpite era de que era Chan.

O segundo era de que era... Kevin Miller. E era Kevin.

— Alô? — disse ela, esperançosa.

— Della?

— Sim.

— É Kevin.

— Eu sei, você encontrou Chan?

— Onde você está?

— Eu te disse na mensagem, estou em Houston. — De jeito nenhum ela iria dar o endereço de Kylie. Della apostava que a senhora Galen só aguentaria um vampiro por vez sob o seu teto.

— Houston é perfeito. Que região?

— Por quê?

— Estou aqui sozinho. E tenho... notícias.

— O quê?

— Acho que a gente devia se encontrar.

— Por quê?

— Você quer informações ou não?

Hora da decisão. Merda. Merda. Merda. Lembrou-se de Chan tomando conta dela quando ela se transformou, umedecendo sua testa com um pano úmido, dizendo que ela não podia morrer. Ela tinha que fazer isso por ele.

— Onde você quer se encontrar?

Della aterrissou no parque, a noroeste de Houston, onde Kevin tinha sugerido. Estava a apenas uns dez quilômetros da casa de Kylie, mas já era tarde da noite. Miranda tinha se mexido na cama quando ela foi trocar de roupa, então esperou alguns minutos para que a bruxinha voltasse a cair no sono.

Estava escuro no parque. As folhas dos pinheiros escondiam a meia-lua. Ela respirou fundo, tentando farejar se ele estava por ali. Não sentiu nenhum cheiro. Olhando em volta, ela reafirmou

seu objetivo: obter informações sobre Chan e dar o fora. Com sorte, sem que Kylie ou Miranda ficassem sabendo que ela tinha saído — especialmente sem que Holiday ou Burnett soubessem da sua escapadinha.

Ela tirou o celular do bolso e checou as horas. Será que ele já tinha chegado e ido embora? Ela ouviu a noite. Silêncio. Tudo muito silencioso.

Ela esperaria mais cinco minutos e então daria o fora dali.

— Você demorou. — A voz veio de trás dela e ecoou na escuridão da noite.

Ela quase perdeu o fôlego. Caramba! Seus sentidos estavam falhando novamente. Ela tinha pensado em dar uma volta no parque antes, para ver se via alguém. Mas como estava atrasada, acabou confiando nos seus sentidos. Um erro.

O que aquilo iria lhe custar?

Tentando disfarçar a expressão de choque, ela se virou, os saltos das botas abrindo sulcos na terra molhada sob uma camada de agulhas de pinheiro. Ela olhou na direção em que tinha ouvido a voz. Não viu nada a não ser um bosque de pinheiros altos, pairando sobre a terra como vigilantes do parque.

A partir dali ela tinha que ser extremamente cuidadosa. Poderia dar de cara com uma emboscada. Ou talvez isso já tivesse acontecido. Com pelo menos oito pinheiros à distância, e mais alguns em torno dela, ela poderia estar cercada de maus elementos. Ela respirou fundo outra vez, tentando farejar o ar da noite para detectar algum cheiro.

Só detectou um. Ou pelo menos era isso que seus sentidos revelavam. Mas ela ainda podia confiar neles?

Claro que não. Della ficou tensa, pronta para brigar se necessário.

O estalido súbito de um galho se quebrando encheu a escuridão. O vento devia ter soprado uma nuvem, porque o brilho da lua surgiu e tocou o chão coberto de agulhas.

Outro passo quase imperceptível veio da mesma direção.

Por sorte, apenas um sujeito saiu de trás de uma árvore. E com o brilho da lua ela o viu. Loiros, olhos claros. Ele lembrava Chris, de Shadow Falls. Em tamanho menor. Magro e provavelmente com um pouco mais de 1,70. Ela poderia dar conta dele se fosse preciso.

Enquanto o avaliava, notou que ele fazia o mesmo. O mais provável, no entanto, era que ele a subestimasse. Ela era mais forte do que parecia.

— Você não se lembra de mim, não é? — ele perguntou.

Della inspirou uma grande lufada de ar outra vez, e então reconheceu o cheiro.

— Vagamente. Deve ter sido logo depois que me transformei.

Ele continuou a encará-la.

— Chan trouxe você. Estava meio fora de si. — O olhar dele desceu pelo corpo dela, dess a vez avaliando-a de um modo diferente, mais masculino.

Será que ela tinha agido de maneira imprópria quando se encontraram pela primeira vez? Deus, ela esperava que não.

Ele se aproximou um pouco mais. Ela ergueu um pouco o queixo.

— Agora não estou mais.

— Pode relaxar, não estou aqui pra causar problemas.

— Certo — ela disse, como se tivesse acreditado nele. — Você está aqui para me dar informações sobre Chan. Onde ele está?

Ele olhou para o chão e chutou uma pilha de agulhas de pinheiro. O cheiro da terra verde levantou no ar e chegou ao nariz dela. Ao longe ela ouviu o chamado de um pássaro. O som solitário pareceu ecoar nas árvores, e Della sentiu o vento frio de outubro através da camiseta preta de mangas longas.

— É por isso que eu trouxe você aqui — disse ele.

— Como assim? — Ela tentou ignorar o frio e o que aquilo significava: a temperatura dela ainda estava alta.

— Eu sabia que você não iria acreditar. Eu não queria acreditar.

Ela começou a ficar com um pressentimento muito ruim.

— Acreditar no quê?

— Eu sabia que você ia ter que vê-lo, então eu...

— O quê? — Ela deu um passo ameaçador para a frente.

Ele não recuou. Olhou diretamente para ela, mas seus olhos não expressavam desafio ou ameaça. A compaixão brilhou nos seus olhos azuis.

— Chan está morto.

— Não! — Della ofegou. — Eu o vi, uma noite dessas.

— Não, você não viu. Não poderia ter sido ele. Ele morreu há dez dias. Eu só descobri esta noite.

— Isso só pode ser um engano. Eu... — A dor, uma dor amarga e crua, inundou seu coração; então algo roçou em sua bochecha. Ela levantou a mão para pegar o mosquito. Mas, quando abriu o punho, o que viu foi uma pena.

A dor latejante dentro dela aumentou e ficou difícil respirar.

Chan estava morto.

Chan tinha ido embora.

Ela tinha deixado que se fosse. Ele a ajudara quando ela precisou e ela tinha falhado com ele.

Capítulo Vinte e Dois

— Eu sabia que você não iria acreditar em mim, então tive que desenterrá-lo. — Kevin deu um passo e, em seguida, olhou para trás. — Quer vê-lo, não quer?

Não. Eu não quero vê-lo. Della o seguiu de qualquer maneira. Talvez para punir a si mesma. Talvez porque ainda houvesse um pouco de descrença dentro dela.

Ele a levou para trás das árvores até uma clareira. O luar incidiu sobre uma lona que encobria algo. Algo que poderia ser um corpo. Ao lado da lona havia um buraco no chão.

O peito de Della ficou mais apertado e sua visão nublou.

Kevin se abaixou e puxou o plástico.

Ela deveria ter sentido o impacto do cheiro da morte. Mas nenhum cheiro tocou suas narinas. Nem mesmo o cheiro de Chan. Ela esperava ver um corpo inchado, se deteriorando. Talvez uma ferida que indicasse como ele tinha morrido. Nada disso.

Ela piscou para afastar as lágrimas dos olhos. Era Chan. Chan, nem um pouco inchado. Chan nem um pouco deteriorado. Chan sem feridas abertas ou sinais que revelassem como ele tinha morrido. Mas o corpo dele estava deitado ali, sem respirar. O rosto sujo. As roupas sujas.

Chan... morto.

— Como... quem fez isso? O que aconteceu? — Ela mal conseguia falar, a emoção fechando suas amígdalas.

— Ninguém fez isso — disse ele. — Quando ele foi para o Texas, não estava se sentindo bem. Disseram que ele ficou doente, teve uma erupção de pele estranha nas costas, e, então, cerca de dez dias atrás, morreu. Simplesmente morreu. É uma loucura. Vampiros quase nunca ficam doentes.

— Mas como... — Ela não conseguiu terminar a pergunta.

— A gangue o enterrou aqui — Kevin concluiu. — Eles sabiam que ele tinha forjado a própria morte, por isso não acho que tenham avisado alguém da morte dele.

O nó na garganta de Della dobrou de tamanho junto com a dor em seu coração. Chan nunca tinha ficado doente. Ele tinha ligado para ela e Della não havia retornado a ligação. Que tipo de prima fazia aquilo?

Sua mente evocou a visão do corpo impecável de Lorraine no caixão. Ela ficou de joelhos e espanou a terra do rosto do primo; depois encostou o queixo no peito e soluçou. Ela não se importava que Kevin ouvisse ou a achasse fraca. Seu coração estava dilacerado e ela não estava nem aí com o que pensavam dela.

Della parara de chorar, mas ainda não tinha saído do lado de Chan quando Burnett apareceu. Ela tinha mandado Kevin embora e chamado Burnett para lhe dizer que tinha encontrado o primo e que ele estava morto. Ela queria que Chan fosse enterrado na sepultura onde estava sua lápide — aquela onde seus pais achavam que tinham colocado o filho havia quase dois anos. E como ela não achava que poderia fazer aquilo sozinha, chamou alguém que podia.

Claro, Burnett provavelmente ficaria possesso por ela estar ali, podia até impedi-la de trabalhar para a UPF um dia, mas agora ela não se importava. Tinha deixado Chan na mão, então o mínimo que podia fazer era colocar o corpo dele onde realmente deveria estar.

Burnett não falou nada; simplesmente se aproximou e se ajoelhou ao lado de Della. Colocou a mão no ombro da vampira e ela ofegou.

— O que aconteceu? — perguntou ele, sem demonstrar raiva na voz, apenas preocupação.

Demorou um segundo para ela engolir as lágrimas presas na garganta e responder.

— Ele veio para cá e se juntou a uma gangue, a Sangue Rubro. Dizem que ele morreu. Morreu de repente. — Ela piscou. Disseram que foi há dez dias, mas pode não ter sido. Ele não parece... como se estivesse morto há dez dias. — E ela o vira. Viu-o do outro lado da cerca de Shadow Falls. Seria possível que...?

— Eles podem estar dizendo a verdade. O vírus V-1 torna mais lenta qualquer forma de deterioração em nós. Pode levar até duas semanas para que o corpo de um vampiro comece a entrar em decomposição. Mas vamos fazer uma autópsia. Se alguém estiver mentindo, você sabe que vou fazer o máximo para capturar os responsáveis.

Ela assentiu com a cabeça. E de repente não conseguiu mais conter as lágrimas.

— Ele me ligou. Ele me ligou algumas semanas atrás e eu não retornei a ligação.

— Você não poderia adivinhar que isso ia acontecer — disse Burnett e, em seguida, levantou-se. — Venha, vou te levar de volta para Shadow Falls. Holiday está preocupada com você.

Ela também se levantou e depois parou.

— Não, eu... Kylie e Miranda nem sabem que eu saí.

— Vou ligar para elas e avisá-las do que aconteceu e que você está bem. Uma equipe vai chegar a qualquer minuto para levar o corpo. Precisamos fazer isso antes que amanheça.

Della olhou pela última vez para Chan, sabendo que ela nunca mais veria seu rosto novamente. Nunca mais veria aquele sorriso bobo, bem dele, novamente.

Mas quando começou a andar com Burnett, percebeu que estava errada. Chan estava olhando para ela de detrás de uma árvore. E não estava sozinho. Alguém estava com ele, meio escondido. Chan acenou. Ele tinha um sorriso triste no rosto. Della perdeu o passo.

Desculpe. Eu sinto muito, Chan.

— Você está bem? — perguntou Burnett.

— Sim — disse ela. — Eu só pensei... — Quando ela olhou para trás, o primo tinha desaparecido.

— Pensou o quê?

Pensei ter visto um fantasma.

— Deixa pra lá, só estou cansada.

Mas ela não estava tão cansada. Estava vendo fantasmas. Como aquilo era possível?

Às dez da manhã, Della sentou-se sozinha à mesa da cozinha na cabana. Depois de várias horas sem dormir e sentindo-se como se estivesse morrendo por dentro, ela descobriu que até mesmo respirar doía. Mais cedo, havia falado com Kylie e Miranda brevemente e prometido que explicaria tudo mais tarde. Elas estariam lá depois do almoço, o que lhe dava algumas horas para se preparar para contar a história novamente.

Ela também descobriu que Steve tinha voltado no dia anterior para o consultório veterinário. O que explicava por que ele não estava ali quando ela chegou. Ela apostava que Jessie tinha ficado feliz.

Holiday havia passado várias horas ali consolando Della e oferecendo toques quentes e reconfortantes. Mas o seu conforto não durou muito. Até Holiday admitiu que a dor pela morte de uma pessoa querida era o único sentimento que o toque de um *fae* não conseguia amenizar.

Mas Della não sabia muito bem que sentimento era maior. A dor ou a culpa.

E a líder do acampamento percebeu isso também. Disse a Della mil vezes que a culpa não era dela por não falar com Chan.

Della não se convenceu. Talvez Steve e seu amigo médico pudessem ter feito alguma coisa. Ou talvez ela pudesse ter pedido a Kylie para curá-lo. Se tivesse retornado a ligação.

E se? E se? E se? Por que raios ela não tinha ligado de volta para ele?

Ela quase havia contado a Holiday que vira Chan no portão e novamente aquela noite, mas no último minuto decidiu esperar e perguntar a Kylie sobre isso. O fato de que ela poder ver fantasmas devia deixá-la morta de medo, e talvez deixasse mesmo se ela não estivesse mergulhada em outras emoções.

Depois que Holiday foi embora, Jenny veio fazer uma visita. Ela queria entrar e oferecer suas condolências, mas Della não deixou.

— Eu só preciso ficar sozinha.

A menina balançou a cabeça, com um olhar de quem se sentia rejeitada, e se virou para ir embora.

A culpa espicaçou a consciência de Della.

— Jenny? — A garota se virou como se esperasse que Della tivesse mudado de ideia. É claro que ela não tinha. — Obrigada por compreender.

A menina balançou a cabeça novamente, subiu as escadas correndo e abraçou-a.

— Eu sei que não sou tão legal quanto Kylie, mas considero você minha amiga. E sei que deve estar sofrendo e gostaria que você soubesse que me importo com você. Gostaria de poder me transformar numa *fae*, como Kylie, e tirar toda a sua dor. Mas ainda não consigo fazer isso.

— Está tudo bem, mas obrigada. — Della se forçou a dizer a coisa certa. Não só porque seria rude da parte dela se não dissesse, mas também porque ela realmente gostava de Jenny. E ela

observou a garota se afastar em meio a uma cortina indesejada de lágrimas. Finalmente sozinha outra vez, Della voltou a entrar e se sentar na cadeira da cozinha. Ela ouviu a mensagem de Chan mais uma dezena de vezes e, a cada vez, doía mais.

Olhou para o telefone sobre a mesa. Parte dela dizia que deveria ligar para Steve. No dia anterior ela tinha prometido a si mesma que faria isso. Mas, se ligasse para ele agora, poderia começar a chorar. E ela não queria chorar mais.

O que queria era abrir o peito e arrancar a dor dali. Queria voltar no tempo e fazer as coisas de modo diferente. Retornar a ligação de Chan. Nunca ter se entregado a Lee. Fazer seu pai amá-la um pouco mais para que ele não virasse as costas para ela.

Ouviu passos em direção à cabana. Será que Steve tinha ouvido a notícia e ido visitá-la? Seu coração doía com a vontade de tê-lo ali.

Ela respirou fundo. Não era Steve.

O cheiro de Chase entrou pelas suas narinas — um cheiro que mais uma vez ativou a sua memória. Ela com certeza não queria ter de lidar com ele agora. Logo em seguida se lembrou de sua teoria de que Chase tinha conhecido Chan. Ela obviamente estava errada.

Uma batida soou na porta da cabana. Por que ele viera até ali?

— Vá embora! — disse ela, de cabeça baixa, olhando para as mãos entrelaçadas. Ela podia ouvir a Coca-Cola Diet efervescente que tinha aberto, mas não tinha bebido ainda. Ela quase sentia a mesmo efervescência na cabeça, dentro do coração.

A porta da cabana se abriu e ela farejou e ouviu o vampiro de cabelos castanho-escuros dar alguns passos para dentro.

Ela não tirou os olhos das mãos.

— Eu disse...

— Eu sei, ouvi o que você disse.

Ela finalmente olhou para ele. Ele ficou ali, olhando para ela, com os braços cruzados, numa postura que expressava rebeldia.

E ainda assim você entrou de qualquer maneira. Era por isso que o cara a tirava do sério.

— Vá embora! — ela sibilou. Já tinha muita coisa em que pensar, não queria ter que lidar com ele também.

— Eu ouvi sobre seu primo. Só queria dizer que... Sinto muito.

O peito dela apertou.

— Tudo bem, você já disse. Pode ir embora agora.

Ele deu mais alguns passos para dentro.

— Você não precisa ficar aqui. Precisa correr, se mexer um pouco. Gastar um pouco de energia. Vai ajudar... em tudo isso.

— Você não sabe do que eu preciso! — ela retrucou, e era bom ter um alvo que não fosse ela mesma para concentrar a raiva.

— Sim, eu sei. Eu sei... — Ele fez uma pausa. — Eu sei como você está...

— Estou o quê? Não se atreva a dizer que sabe como estou me sentindo. Você não tem a menor ideia do que estou sentindo. Você não me conhece, você é apenas... — *Um vampiro pirado e mentiroso que sei que já conheço, mas não me lembro de onde*. — Cai fora daqui! — Ela rosnou, mostrando os caninos.

Ele ainda assim não se moveu. Será que ela teria que chutá-lo dali?

— Olha só, eu perdi toda a minha família num único dia. Meu pai, minha mãe, minha irmã. Droga, tudo que eu tinha era Baxter, meu cachorro. Então, sei como você se sente. E sei que apenas ficar sentada nessa mesa, se consumindo de tristeza, não vai ajudar em nada. O que *vai* ajudar é se mexer. Gastar um pouco de energia. Isso vai ajudar você a enfrentar a dor. Então vamos dar uma corrida. Venha.

Ela não se moveu. Sua mente ruminou o que ele disse. Ele tinha perdido toda a família. Seria mentira?

Ela não achava que fosse.

— Não me faça ter que arrastá-la para fora daqui — disse ele.

Ela franziu a testa.

— Você não conseguiria me arrastar.

— Ah, sim, eu conseguiria. — Ele deu um meio sorriso, como se fosse gostar do desafio.

— Venha. Prometo que vai te ajudar.

Engolindo seu orgulho, ela balançou a cabeça.

— Tudo bem. — Ela se levantou da mesa de repente e saiu da cabana. Ele saiu atrás dela.

A princípio, ela manteve os pés no chão. Os passos duros contra a terra sólida lhe faziam bem. Ela começou a correr cada vez mais rápido, mais rápido, até que estava em pleno voo. Mas a força que precisava fazer para manter o movimento, e cada vez mais rápido, era extrema. Sua intenção não era que aquilo se transformasse numa corrida, mas acabou se transformando. Ela iria ficar na frente dele, e ele teria que correr mais rápido. A energia carregada de emoção alimentava sua velocidade.

Mas não importava quanto ela fosse rápida, nunca ficava mais do que alguns centímetros na frente dele. Cada vez que Chase a ultrapassava, olhava para trás como se jogasse uma isca. E toda vez ela mordia a isca.

A que velocidade aquele cara podia correr? Tão rápido quanto Burnett?

Eles não chegaram a sair do terreno de Shadow Falls. Ela perdeu a conta de quantas vezes deram a volta na propriedade. As copas das árvores pareciam borrões enquanto ela se movia. Não sabia direito havia quanto tempo estava correndo, apenas continuava em frente. Todo o seu foco passou a ser voar, e a dor no seu coração, a tristeza e o pesar finalmente diminuíram.

Droga, Chase tinha razão. Aquilo a estava ajudando.

Mas por quanto tempo conseguiria continuar? Quanto tempo conseguiria levar seu corpo até o limite? *Quanto pudesse*, ela pensou. Mas depois de mais cinco minutos, diminuiu a velocidade e

admitiu que ele tinha ganhado. Foi perdendo altura, até pousar à beira do lago. Sua descida não foi bonita. Ela bateu no chão, perdeu o equilíbrio e rolou.

Antes que pudesse parar completamente, ele a pegou pelo braço e a levantou.

— Está tudo bem — tentou dizer, mas não conseguiu pronunciar as palavras, enquanto ainda tentava respirar.

Ela se dobrou para a frente, os pulmões se esforçando ao máximo para sorver o oxigênio. Só quando finalmente recuperou o fôlego, seu estômago se rebelou. Incapaz de evitar, ela se levantou e despejou no chão todo o conteúdo do estômago. Tudo nos pés de Chase.

Por alguma razão desconhecida, ela achou engraçado. Limpou a boca e endireitou as costas. A expressão no rosto dele, olhando para as botas cobertas de vômito, deixou tudo ainda mais divertido. A risada irrompeu da sua boca antes que ela pudesse contê-la.

Ele levantou os olhos.

— Mas que nojo! — exclamou ele. Os olhos verdes tinham um brilho bem-humorado, enquanto um sorriso se abria em seus lábios. — Você está melhor? — ele perguntou, parecendo genuinamente preocupado.

— Sim — admitiu ela, dando-lhe o crédito que merecia. Ah, ela ainda não gostava dele, nem confiava nele, mas era justa o suficiente para concordar que ele estava certo.

Chase começou a limpar os sapatos, esfregando-os na grama. Quando parou, olhou para cima.

— Você devia correr assim duas vezes por dia. Correr até ficar enjoada. É do que você precisa agora.

Todo o humor foi sugado do momento. Della se lembrou do que ele tinha contado a ela sobre sua família.

— O que aconteceu? — perguntou ela, antes que pudesse se conter.

— Quando você vai além do seu limite, muitas vezes põe tudo pra fora. — Ele sorriu, mas o sorriso saiu meio forçado. — Só que você simplesmente pôs tudo pra fora em cima das minhas botas.

— Não, estou falando da sua família — disse ela, mas tinha uma suspeita de que ele sabia a que ela se referia e só não estava disposto a falar a respeito.

Ela devia entender. Ela mesma tinha sua caixinha de segredos. Mas se ele não queria que perguntasse, não deveria ter dito nada. Então, por que contou a ela?

Ah, sim, para fazer com que ela fosse correr. Mas por quê? Por que ele se importava? Não fazia nenhum sentido.

— Eu já disse — ele falou, enquanto fitava o lago. — Eles morreram.

— Como? — perguntou ela.

— Dê mais trinta voltas comigo e eu conto.

— Tudo bem — disse ela, percebendo que não deveria ter perguntado. Ela não apenas deveria respeitar sua necessidade de privacidade, como também não queria saber mais sobre ele. Saber mais sobre uma pessoa só abria espaço para amizades e relacionamentos. Jenny era um exemplo

disso. Della não queria cultivar nenhum laço de amizade com ela, e ainda assim ele tinha se formado de qualquer maneira. Ela até deixara a pequena camaleão abraçá-la. Mas Della não tinha espaço em sua vida para mais uma pessoa. Não mais alguém com mania de abraços e, especialmente, não uma pessoa em quem não confiava.

De repente, o som da água encheu seus ouvidos. Ela olhou em direção à floresta. Estava ouvindo o som de água corrente ou seria... a cachoeira de novo? Não deveria ser possível ouvir a cachoeira dali.

— Eu preciso voltar para a cabana — ela disse, e começou a decolar.

— Então vai voltar a se lamentar e sentir pena de si mesma?

Irritada ao ver que ele fazia a sua dor parecer autopiedade, ela se virou, deu dois passos na direção dele e rosnou.

Chase não se moveu, fazendo do destemor uma mensagem. Não que isso importasse. Ela não estava com medo dele também.

— Não! — ela sibilou. — Eu vou voltar porque Kylie e Miranda chegarão à cabana a qualquer momento.

— Ótimo, então você não vai ficar sozinha.

O que havia com ele? Desde quando ele se importava com ela?

Della continuou a olhar para o vampiro como se o paradoxo do que ele era de repente fosse se tornar mais claro. Mas nada ficou mais claro. Exceto que a proximidade intensificou seu cheiro no nariz dela. E ela mais uma vez percebeu a familiaridade — familiaridade de alguma forma ligada ao medo. Mas que droga! Ela queria saber onde encontrara antes o Pervertido da Calcinha. Queria saber por que seus instintos lhe diziam que ele estava tramando alguma coisa.

— Você quer correr novamente esta noite? — ele perguntou.

— Não. — *Não com você. De onde diabos eu te conheço? Com quem você estava conversando na cerca no meio da noite?* Havia um monte de perguntas na ponta da sua língua, mas ela já tinha feito a maioria delas, então por que se preocupar? Não que ela fosse parar de procurar respostas. Mais cedo ou mais tarde, iria chegar ao fundo de tudo aquilo.

— Vamos lá, vamos correr juntos. Ali por volta das três da manhã.

— Por que eu faria isso?

— Porque, como eu disse, você precisa correr, gastar energia para poder... enfrentar as coisas...

— Por que você se importa com o que eu estou enfrentando?

Ele se apoiou nos calcanhares e enfiou os polegares nos passantes do cinto.

— Você ainda não percebeu? E eu pensei que fosse inteligente.

— Percebi o quê? — Será que ele ia finalmente contar a verdade?

— Que eu gosto de você, Della Tsang.

— Não é tão fácil assim gostar de mim.

Ele sorriu.

— Tenho que admitir que você torna tudo mais difícil.

Capítulo Vinte e Três

Quando saiu do bosque, Della viu Steve sentado na varanda. Ele começou a andar em direção a ela e, pela expressão no rosto dele, ela podia dizer que ele sabia sobre Chan.

Por um segundo, um breve segundo, ela se sentiu culpada pela corrida com Chase. Mas afastou a culpa. Não tinha feito nada errado. E se Chan tinha feito alguma coisa por ela, ela, por outro lado, tinha basicamente só mandado ele embora.

Quando Steve chegou perto o suficiente, ele a puxou para si.

Della se apoiou contra seu peito, esperando que ninguém estivesse por perto para vê-los.

— Pensei que você já tivesse ido para o consultório do doutor Whitman — ela disse, se afastando. Mas um pouco antes de afastar o nariz do ombro dele, cheirou sua camiseta. Perfume feminino. Uma garota tinha chegado muito perto de Steve. E ela apostava que sabia que garota era. Quando o ciúme começou a tomar forma dentro dela, esmagou o sentimento como esmagaria um mosquito. Já tinha muita coisa com que lidar; simplesmente não conseguiria lidar com aquilo agora. E, além disso, Jessie podia ter esbarrado acidentalmente nele. Ela queria acreditar nisso.

— Eu já estava lá, mas planejava voltar para vê-la esta tarde. Então liguei e quando você não atendeu...

— Não recebi nenhum telefonema. — Ela enfiou a mão no bolso de trás. Droga. Onde estava o telefone dela? — Devo ter deixado o celular aqui. — Mas ela sempre o colocava no bolso.

— Quando você não atendeu, eu liguei para o telefone de Kylie. Ela me contou o que aconteceu. — Ele ergueu o queixo dela um centímetro para olhá-la nos olhos. — Por que você não me ligou? Eu teria vindo na mesma hora.

Ela viu a decepção em seu olhar. Parecia que estava sempre decepcionando Steve. Isso só não era tão ruim quanto ter decepcionado Chan.

— Eu... Eu sabia que se ligasse eu ia começar a chorar de novo. — Por que Steve sempre trazia à tona o seu lado mais fraco? Ela não sabia. Nem gostava.

Como se para provar que estava certa, lágrimas brotaram nos olhos dela. Ela começou a andar em direção à cabana. Steve seguiu ao lado, tão perto que ela sentiu o calor do corpo dele contra seu quadril.

Quando fechou a porta, ele estendeu a mão para Della novamente.

— Talvez você precise chorar.

— Não. — Ela evitou o abraço dele e enxugou os olhos. — Eu já chorei. E isso não vai mudar absolutamente nada. — Ela foi até a mesa da cozinha verificar se o celular estava lá. Não estava. Ela provavelmente o perdera quando estava voando como uma maluca, tentando correr mais do que Chase.

Seus pais iriam matá-la se ela não conseguisse encontrá-lo. Não, eles não iriam matá-la, simplesmente ficariam desapontados com ela. Mais uma vez.

Steve franziu a testa.

— Me conte o que aconteceu.

Então ela se tocou de que o celular era o menor de seus problemas. Ela o procuraria mais tarde e poderia encontrá-lo ou não.

Ela desabou no sofá. O estofamento suspirou, um lamento baixo e triste. Ou talvez tudo parecesse triste para ela naquele dia.

Steve sentou-se ao lado e colocou o braço ao redor dos seus ombros. O cheiro de perfume na camisa dele encheu suas narinas novamente. Será que ela iria perder Steve para aquela loira sorridente?

Della afastou o pensamento e contou a ele o que tinha acontecido a Chan. Apesar de não querer, quando chegou à parte em que viu Chan com o rosto parcialmente coberto de terra, sentiu uma lágrima deslizar pelo rosto.

— Eu estava tão obcecada com a ideia de encontrar meu tio e minha tia que não percebi que estava sendo negligente com o membro vampiro da família que eu já tinha. Como pude ser tão cega?

O braço de Steve se estreitou um pouco mais ao redor dela.

— Primeiro, você não estava sendo negligente com Chan. Você me disse dezenas de vezes que quase implorou para que ele viesse para Shadow Falls. Você tentou, Della. Além disso, você me contou que ele disse ao telefone que não era importante. E, procurar pelo seu tio, que era irmão gêmeo do seu pai era... Você queria muito se reconectar com seu pai. É compreensível que sentisse mais necessidade de se reconectar com ele.

As palavras de Steve faziam sentido. Ela queria encontrar o tio para preencher o vácuo deixado pelo pai. Mas fazer sentido não tornava sua atitude correta.

— Ele não deveria ter sido mais importante do que Chan. Eu poderia ter me esforçado mais. Poderia ter retornado a ligação dele. Cinco minutos. Isso é tudo que teria me custado.

Os dedos de Steve passaram a acariciar o cabelo dela, como se ele quisesse confortá-la.

— Não é culpa sua.

— Mas é o que parece, droga!

— Isso é porque você gostava dele e está com raiva porque ele morreu. O mais incrível é que geralmente, quando você é mesmo culpada, tende a pôr a culpa em outras pessoas. Quando não é culpada, joga a culpa em si mesma.

Ela descansou a cabeça no ombro dele, ouvindo seus batimentos cardíacos. Então escutou ao fundo outro som rítmico. Passos. Alguém estava se aproximando da cabana. Ela ouviu os passos pararem, em seguida começarem a se mover novamente. Ela farejou o ar.

Ah, droga, era Chase.

Ouviu uma batida na porta. Ela se levantou e foi atender, pronta para despachá-lo dali no mesmo instante e preocupada que Steve ficasse chateado.

— Sim?

Ele olhou para ela e, em seguida, olhou por cima do ombro. Para Steve. Não que Chase pudesse ficar surpreendido ao ver Steve ali. Ele já deveria ter farejado o metamorfo. Será que o vampiro tinha vindo só causar problema? Ela podia sentir o olhar de Steve em suas costas.

— Oi — disse Chase, dirigindo-se a Steve.

— Oi — Steve respondeu, mas de alguma forma a palavra saiu como um "Vá pro inferno".

O olhar de Chase voltou a se concentrar nela.

— Espero não estar interrompendo nada.

Ela fez uma cara feia para ele.

Chase não pareceu nem um pouco preocupado.

— Você deixou cair isso quando estávamos no lago. — Ele estendeu o celular dela

— Obrigada. — Um sussurro de alívio deixou seu peito mais leve por um segundo. Mas a tensão que irradiava dos dois fez com que o alívio durasse bem pouco. Ela pegou o celular da mão de Chase e fechou a porta.

Ela se virou para Steve, percebendo que ele não estava nada feliz. Ele se sentou, apoiou os cotovelos nos joelhos e olhou para ela. Sua expressão tinha se alterado para decepção. Mais uma vez.

De pé no mesmo lugar, ela ouviu enquanto os passos de Chase se afastavam da cabana.

— Você estava com ele? — Steve se levantou.

— Eu estava correndo — disse ela.

— Com ele?

A palavra "não" se formou em sua língua. Mas, dane-se, ela não iria mentir. Não estava fazendo nada errado.

— Sim. Ele ouviu sobre a morte de Chan e veio sugerir uma corrida para que eu me sentisse melhor. Então corremos em torno da propriedade.

— Então vocês dois estão correndo juntos, como dois bons amigos, hein? — Os olhos dele adquiriram um tom dourado, indicando seu mau humor.

— Nós não somos amigos — disse ela com firmeza.

Steve olhou para o chão, como se tivesse encontrado algo fascinante ali, mas Della sabia que ele estava perdido em pensamentos. Finalmente olhou para ela.

— Eu vim correndo para cá pensando que você poderia precisar de um ombro amigo, mas parece que já encontrou um.

— Não é nada disso — assegurou ela.

Ele suspirou.

— Como você mesma disse, mas é o que parece, droga!

— Não faça disso algo que não é — disse ela.

— Chase gosta de você! — ele acusou, como se fosse culpa dela.

— Tudo que fizemos foi correr. Passamos menos de três minutos falando um com o outro. Nada aconteceu.

— Não minta pra mim — disse ele.

— Eu não estou mentindo! — Steve não costumava ser tão acusador. Por que ele estava tão certo de que ela tinha feito algo? Então a resposta, a mesma que ele tinha acabado de dar, tornou-se dolorosamente clara. *O mais incrível é que geralmente quando a culpa é sua, tende a pôr a culpa em outras pessoas*.

— E Jessie gosta de você, certo? — perguntou ela.

Um lampejo de culpa cruzou a expressão dele. Uma nova onda de dor atravessou-a. Exatamente pelo que ele estava se sentindo culpado? Algo estaria realmente acontecendo entre os dois?

Steve fechou os olhos por um segundo, em seguida abriu-os.

— Eu disse a ela que não ia acontecer nada entre nós.

— Antes ou depois de se beijarem? — Della perguntou, agora sabendo que o perfume na camisa de Steve não tinha sido um esbarrão acidental. Jessie estava nos braços dele, provavelmente tinha descansado a cabeça ali, perto do ombro que Della tanto adorava. A dor que sentia com a lembrança de perder Lee voltou a assombrá-la.

Steve passou a mão no rosto como se estivesse tentando se livrar da culpa.

Sentiu o peito apertando ainda mais, com a culpa e a dor por perder Chan. Ela balançou a cabeça.

— Sabe de uma coisa? Eu não posso lidar com isso agora. Já tenho coisa demais na minha cabeça. É melhor você ir embora.

— Olha, Della, me desculpe — disse ele. — Ela me beijou. Eu não... eu sei que provavelmente deve parecer... Caramba! Sinto muito.

Ela ouviu o remorso na voz dele e sabia que estava sendo sincero, e por alguma razão, aquilo só fez doer mais.

— Por que você sente muito? Pelo que está se desculpando? Você e eu não estamos namorando nem nada.

E ela precisava se lembrar disso também. Quantas vezes disse a si mesma que precisava colocar freios naquele assunto? Bem, os freios estavam puxados agora.

— Eu não tenho nenhum direito sobre você. Não estamos juntos.

Ela ouviu vozes e passos do lado de fora. Vozes familiares.

— Miranda e Kylie estão chegando. Você precisa ir.

— Não, nós precisamos conversar.

— Não dá — disse ela. — Vá embora. É muita coisa para eu enfrentar num dia só.

Ele ficou ali e apenas olhou para ela.

— Por favor.

— Della, eu não quis... Eu não vou desistir de nós.

Ela fechou as mãos em punhos.

— Não existe “nós”, Steve. Não existe nem nunca existiu.

A decepção brilhou nos olhos dele, e ela percebeu quanto detestava desapontar as pessoas. Chan, os pais dela e agora Steve. O nó na sua garganta dobrou de tamanho.

— Vá embora.

Kylie e Miranda apareceram minutos depois de Steve partir. Della já tinha colocado três Cocas Diets sobre a mesa. Elas a forçaram a suportar abraços de condolências, e então se sentaram à mesa para ouvir o que aconteceu. A última coisa que Della queria era ter que descrever a morte de Chan novamente, mas ela tinha prometido explicar. Não ia faltar com a palavra — nem mesmo se isso a machucasse.

Contou às amigas sobre o telefonema do amigo de Chan. Mal conseguiu descrever como encontrou o corpo do primo. Não disse nada sobre Steve. Francamente, ela se sentia uma idiota por ficar chateada com algo tão trivial quanto uma briga, não que fosse mesmo uma briga, quando tinha a morte do primo em que pensar.

Mas doía. Seu coração estava pesado com a consciência de que tinha perdido mais uma pessoa. Nem sequer importava que, pela lógica, Steve nunca tivesse sido realmente dela para que pudesse perder.

— Você já o viu de novo? — perguntou Kylie.

Della hesitou, achando que Kylie soubesse de Steve.

— Viu quem?

— Chan? Mais alguma pena apareceu? Quer dizer, parece que ele poderia ser o fantasma. Você não acha?

Della assentiu.

— Sim, eu o vi. Lembra que eu contei que tinha visto meu primo no portão semana passada? E, então, quando Burnett e eu estávamos saindo do parque, eu o vi de novo.

Os olhos de Miranda se arregalaram.

— Você realmente viu um fantasma? Isso não é inédito para um vampiro?

— Nem tão inédito assim — Kylie respondeu a Miranda. — Burnett vê fantasmas às vezes. — Em seguida, a camaleão olhou para Della. — Então, ele se mostrou a você. Disse o que quer?

Della balançou a cabeça, sentindo a emoção apertar a garganta.

— Não. Apareceu e, no segundo seguinte, já tinha sumido. E havia alguém com ele. — E ele tinha olhado para Della com olhos tristes.

— Talvez só quisesse dizer adeus — disse Miranda. — Não que isso torne tudo melhor. É mais assustador ainda.

— Ele está bem. — Kylie colocou a mão sobre a de Della. — Mas é mais provável que ele quisesse mais do que apenas lhe dizer adeus. Então ele não disse nada?

Della negou com a cabeça.

— Provavelmente queria me dizer que eu o decepcionei. — E ia doer demais ouvir isso, mas ela merecia. Ela tinha de fato decepcionado o primo.

— Eu não posso acreditar nisso — disse Kylie. — Você não o decepcionou coisa nenhuma.

— Sim, todo mundo não para de me dizer a mesma coisa, mas eu não vejo da mesma forma.

— Então, você não está vendo direito — disse Miranda com a voz severa. — Della Tsang não decepciona as pessoas. Quero dizer, olhe para nós. Brigamos o tempo todo. Eu sei que você não me suporta às vezes, e ainda assim nunca me decepcionou. Mesmo quando está com raiva de mim, você sempre supera a raiva. É por isso que eu te amo. — Lágrimas encheram os olhos da bruxa.

A emoção no peito de Della tornou difícil para ela respirar.

— Obrigada. — Mas ela não tinha certeza se Chan seria da mesma opinião.

Miranda secou as lágrimas do rosto.

— Talvez o seu primo soubesse do seu tio e quisesse te contar.

— Poderia ser isso — disse Kylie, e então olhou para Della. — Você contou a Holiday que viu Chan?

— Não. Eu não disse nada a ela sobre o fantasma. Ainda não.

— Você deveria — disse Kylie. — Ela poderia ajudá-la a enfrentar toda essa coisa do fantasma.

— Primeiro tenho que enfrentar a morte de Chan.

— Eu sei — Kylie esticou o braço para colocar a mão sobre a de Della. — Sei como é difícil. Quando perdi Nana, isso quase me matou.

— Eu não perdi ninguém, mas posso imaginar como dói — disse Miranda. — E nós duas, Kylie e eu, estamos aqui para apoiá-la. Eu não vou nem ficar com raiva de você quando perder a cabeça. Você tem passe livre para perder a cabeça comigo.

— Passe livre para perder a cabeça com você? — Della repetiu e, embora achasse graça naquilo, sentiu o ar em seus pulmões tremer de emoção.

— Isso mesmo — disse Miranda com convicção.

— Ah! — exclamou Kylie. — Eu trouxe os arquivos do seu tio. — Ela tirou uma pasta da bolsa sobre a cadeira e entregou-a a Della. — Você contou a Derek sobre isso? Ele pode ajudá-la a encontrar alguma coisa.

— Não, ainda não. — *Estive muito ocupada rompendo com Steve*. Della abriu a pasta e leu o que estava escrito. A culpa por se preocupar mais em encontrar o tio do que em telefonar para o primo fez seu coração pesar novamente.

— Você parece exausta — disse Kylie. — Dormiu um pouco?

— Ainda não. — Della massageava as têmporas novamente. A dor de cabeça tinha voltado com tudo. Puxa, a vida dela era uma confusão! Estava tudo desmoronando, peça por peça. Seu pai a odiava. Ela tinha sido golpeada na cabeça por um assassino ou pelos anjos da morte. Steve tinha beijado Jessie. Seu primo estava morto. E ela estava vendo fantasmas. Será que mais alguma coisa poderia acontecer?

Sim, poderia. Ela descobriu na segunda-feira à tarde. Burnett tinha ligado e pedido a Della para encontrá-lo em seu escritório. Ele começou dizendo que a autópsia de Chan tinha sido adiada e que seria só uma semana antes de poderem colocar o primo dela no túmulo com a lápide que registrava sua morte falsa.

— Por que tanto tempo? — Pensar no corpo de Chan esperando em algum necrotério frio a deixava arrasada.

— Como não há sinais de crime, a autópsia vai demorar um pouco mais do que eu esperava.

Della assentiu.

— Eu quero estar lá. — O peito dela ficou pesado.

— Na autópsia? — ele perguntou, confuso.

— Não, no enterro.

Ele suspirou como se não concordasse.

— Vai ser feito no meio da noite e rapidamente.

— Não me importo. Eu não quero que ele seja enterrado sozinho. — Ela não tinha visto Chan na forma de fantasma novamente e, embora talvez ele já tivesse feito sua passagem, pelo menos ela estaria lá quando seu corpo fosse colocado na terra. Lembrou-se da multidão que tinha ido ao velório de Lorraine. As pessoas que estavam lá para mostrar o amor que sentiam por ela. Della não suportaria pensar em Chan largado numa cova sem ter ninguém — nem uma única pessoa ali para chorar por ele.

Burnett olhou para ela com um ar desafiador e Della suspeitou do que ele estava prestes a dizer.

— Com tudo o que você passou, não acha que seria mais sensato não trabalhar no caso recente de assassinato?

As suspeitas dela se confirmaram.

— Não! E não use isso como uma desculpa para me impedir.

Ele ergueu a mão, apertando os olhos.

— Eu só acho que você já tem muito em que pensar.

É claro que tinha muito. Ela sentia como se estivesse morrendo por dentro, mas não fazer nada seria muito pior.

— Não importa. Não só quero trabalhar nesse caso, como preciso de algo em que pensar que não seja a morte do meu primo. — Outra coisa que não seja o ódio do pai dela e toda a esperança

de que ela e Steve ficassem juntos. — Por favor. Eu, com a ajuda de Kylie e Miranda, não mandei bem na funerária ontem? Pegamos aquele cara.

— Você mandou bem. Mas ainda não acho que tenha sido uma boa ideia vocês três irem àquela funerária sozinhas.

— Mesmo assim tudo acabou bem — ela insistiu.

Quando os ombros dele caíram, ela percebeu que ele tinha aceitado.

— Tudo bem. Então você começa esta noite. Tenho algumas informações sobre o ponto de encontro de uma gangue da região. Eu quero que você e Chase deem uma passada lá para ver se...

— Chase? — Della perguntou, o pânico formando uma bola na boca do seu estômago. — Vou trabalhar com Chase?

Burnett assentiu.

— Você tem alguma coisa contra Chase?

— Talvez — disse ela. Deus, claro que sim, ela tinha alguma coisa contra Chase. Sabia que, quando ele trouxe seu celular, tinha feito isso com a intenção de criar problema. E tinha conseguido.

Não que a culpa fosse dele que Steve tivesse trocado saliva com Jessie, mas a participação de Chase no problema irritou-a ainda mais. Ela estava com tanta raiva que tinha até mesmo evitado fazer contato visual com ele durante as duas aulas que assistiram juntos. Ah, sim, ela sentiu o olhar de Chase sobre ela, mas não tinha olhado para ele nem de relance.

E a questão do celular era apenas uma parte do problema. Havia também o fato de ela já tê-lo encontrado antes e, depois, o que Jenny havia dito sobre ele ter encontrado alguém no portão. Ela quase contou a Burnett sobre a descoberta de Jenny, mas então se lembrou de que Jenny lhe pedira para não dizer nada.

— Qual é o seu problema com Chase? — perguntou Burnett.

Ela não podia mentir descaradamente, mas omitir a verdade não era nenhum pecado.

— Por que não manda Lucas no lugar dele?

Burnett franziu a testa.

— Você prefere trabalhar com um lobisomem e não com outro vampiro? Isso é estranho.

— Na verdade, não. Eu conheço Lucas. Confio em Lucas. Além disso, não é disso que se trata Shadow Falls? Aprender a se dar bem com outras espécies? Eu posso me virar bem com Lucas.

Burnett recostou-se na cadeira, e o móvel gemeu com a sua nova posição.

— Por que você não gosta de Chase? — ele perguntou sem rodeios, como se soubesse que ela estava evitando falar a verdade.

Capítulo Vinte e Quatro

Della ainda não tinha desistido de evitar dizer a verdade.

— Ele parece cheio de segredos.

— Que tipo de segredo? — perguntou Burnett.

— Se eu soubesse, não seriam segredos. — Sim, ela poderia estar deixando de ver o maior deles.

Burnett franziu a testa.

— Chase já está trabalhando nesse caso.

Della se inclinou para a frente na cadeira. Foi a vez de ela colocar Burnett na berlinda.

— Por que você confia em Chase? Ele não está aqui nem há uma semana e você já o recrutou. Voce não costuma agir assim. Por acaso já o conhecia?

— Não — respondeu ele e, embora Della tentasse ouvir o coração do vampiro, ela não conseguiu. Sua audição estava falhando. Que raios havia de errado com seus sentidos?

Burnett continuou:

— Acho que mencionei que ele tem me impressionado com as suas habilidades.

— Que habilidades? — Della tinha notado a velocidade de Chase, mas...

— Todas elas — ele respondeu, mas parecia incomodado com a curiosidade dela.

Ela suspeitava que havia coisas que o líder do acampamento não estava lhe dizendo, mas, se ela continuasse a interrogá-lo, ele poderia decidir que ela não deveria trabalhar no caso. A última coisa que queria era que ele a deixasse de fora.

Burnett se inclinou para a frente, colocando os cotovelos sobre a mesa.

— Se você não se sente à vontade para...

— Não, tudo bem — concordou Della antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

— Mas se você não confia nele...

— A melhor maneira de eu começar a confiar em Chase é trabalhar com ele, certo? — Ela sentiu o estômago se contrair ao pensar que Burnett poderia tirá-la do caso.

Ele continuou a olhar para ela. Fixamente. Mas não disse nada. Ela podia ver a dúvida nos olhos dele. Dar-lhe o caso ou tirá-lo dela. E a balança não parecia estar pesando a seu favor.

— Eu quero pegar esse assassino — disse ela. — É o mínimo que posso fazer.

A expressão de Burnett ficou mais séria ainda.

— Della, existe uma linha tênue que os agentes têm de respeitar. Essa linha fica entre o desejo de fazer justiça e o sentimento de ser de alguma forma responsável pelas coisas horríveis que

veem. Há casos que nunca são resolvidos. As pessoas morrem. As pessoas que amamos morrem, como Chan, e eu sei que você se sente responsável, mas...

— Eu sei que não causei a morte dele.

— Mas você ainda se sente responsável, não é? — perguntou ele com firmeza.

Era uma pergunta direta. Ela não podia mentir.

— Se eu tivesse atendido à ligação dele ou voltado a ligar, poderia ter evitado que ele morresse. Mas a morte de Chan não tem nada a ver com o meu trabalho nesse caso.

— O estado emocional de um agente sempre afeta a sua capacidade de trabalhar num caso.

— Eu posso dar conta disso, Burnett.

Ele colocou as duas mãos sobre a mesa. A luz que entrava pela janela incidiu sobre o cabelo preto dele, tornando-o quase azul. Ele pegou uma caneta e girou-a nas mãos.

E continuou a analisá-la.

— Quando eu tinha 14 anos, havia uma garota de quem eu gostava. Metade humana, metade *fae*. Nós costumávamos ir para o lago e nadar o dia todo.

Ele fez uma pausa e pôs a caneta na mesa como se a lembrança o levasse de volta ao passado.

— Uma tarde, ela ligou e queria que eu fosse nadar com ela. Um amigo meu tinha me pedido antes para ir correr com ele, e eu não queria desapontá-lo. Ela foi para o lago com outros amigos. E se afogou naquele dia. Eu fiquei arrasado e por cerca de um ano me culpei. Se eu estivesse lá, ela ainda poderia estar viva. Demorou muito tempo para eu perceber que, às vezes, coisas ruins acontecem e não é culpa de ninguém.

Della olhou para ele.

— Talvez com o tempo eu mesma chegue a essa conclusão. Mas só se eu ficar ocupada com outras coisas. — Como a captura de um assassino.

— Bem. Você pode trabalhar no caso com Chase, mas não me faça me arrepender dessa decisão.

— Eu não vou. Prometo.

O olhar dele se encheu de compaixão.

— O tempo é sempre nosso amigo — ele disse. — Mas, enquanto isso, tente pegar leve consigo mesma. Nosso coração fica muito pesado se carregamos muita culpa e tristeza por aí o tempo todo.

Ela sentiu o peso em seu peito naquele momento. Assentiu com a cabeça.

— Você está começando a falar como Holiday.

— Ela de fato tem o dom de me incutir suas ideias. — A expressão preocupada dele se suavisou.

Amor, Della pensou. Burnett e Holiday eram loucos um pelo outro. Assim como Kylie e Lucas, Miranda e Perry. Até mesmo os pais dela. Será que ela nunca mais seria capaz de amar novamente?

Os pensamentos de Della se desviaram do amor e se concentraram no caso.

— Você suspeita de uma gangue de vampiros assassinos?

— Não temos uma pista muito boa ainda — disse ele. — O relatório da autópsia é um pouco confuso. O assassino se alimentou do sangue das vítimas, era fisicamente mais violento do que o normal, o que é quase uma certeza de que o assassino tinha uma motivação, a raiva. A vítima do sexo masculino sofreu ainda mais do que a do sexo feminino.

— Você acha que o vampiro os conhecia?

— É uma possibilidade, mas é mais provável que ele fosse um recém-criado e estivesse simplesmente fora de controle.

— Ele? — perguntou Della, se perguntando como ele sabia que não era uma mulher.

— Normalmente os homens são menos violentos com as mulheres. E o tamanho da marca da mordida é mais condizente com a mandíbula de um homem. Também encontraram um fio de cabelo. O resultado do exame de DNA não chegou ainda, mas o fio era castanho e curto.

— Não poderia ser o cabelo de outra pessoa?

— Tinha sangue de ambas as vítimas nele — disse Burnett com naturalidade. — Então, é improvável. Mas ainda assim é possível.

Ela quase estremeceu com o pensamento.

— Então, um homem de cabelos castanhos curtos.

Burnett assentiu.

— Talvez um recém-criado. — Ele hesitou. — Temos esperança de que, se você e Chase passarem algum tempo com membros da gangue, acabem ouvindo alguma coisa que possa ajudar. E como tanto você quanto Chase sentiram o cheiro do assassino, se ele estiver por lá, vocês vão saber. Por outro lado, a minha maior preocupação é que, se vocês sentiram o cheiro *dele*, ele pode muito bem ter sentido o de vocês.

— Eu acho que não — disse Della, que já tinha pensado nisso. — Ele estava fugindo, correndo. Não acho que seus sentidos estivessem em alerta. Eu só senti o cheiro dele porque era tarde da noite e eu sabia que ele só podia ser um intruso.

— Talvez. Mas eu ainda quero que você fique de olhos bem abertos. E enquanto estiver fora de Shadow Falls, sob nenhuma circunstância você pode se afastar de Chase. — Burnett apontou um dedo para ela, e sua expressão era severa. — Se você desobedecer a essa regra, suas chances de trabalhar em outro caso da UPF são nulas. Está claro?

Ah, estava claro, mas ela não gostou. A última coisa que queria era ter que ficar na barra da saia do Pervertido da Calcinha. Mas, se era isso que era preciso para que pegassem o vampiro vil que matara Lorraine e o namorado, ela teria que se acostumar com a ideia de tê-lo como parceiro.

— Está claro, Della?

— Claríssimo! — ela garantiu.

Gostasse ou não, ela e Chase eram uma equipe. Como Steve iria se sentir quando soubesse disso?, pensou com seus botões.

Não que precisasse se preocupar. Qualquer coisa que tivesse acontecido entre eles já era passado. Ela tinha que aceitar isso.

Quando Della entrou na cabana, Miranda e Kylie estavam sentadas à mesa da cozinha com três Cocas Diet fechadas. Um sinal claro de que alguém estava com um problema e elas precisavam conversar. De repente, ela se lembrou de Miranda se perguntando se deveria ou não transar com Perry. Teriam surgido problemas no paraíso?

— Algo errado? — perguntou Della, olhando para a bruxinha, esperando que ela e seu metamorfo não estivessem com problemas. Da última vez que tinham brigado, Miranda chorara durante 24 horas e devorara um caminhão de sorvete. Tinha deixado Della quase louca.

— Esta é uma intervenção — disse Miranda. — Sente-se. — Ela pegou um lápis e se sentou sobre uma almofada.

— Uma intervenção? Que intervenção?

Miranda continuou a olhar para ela.

Ah, não!

— A minha intervenção? O quê? Agora você quer que eu faça um teste de doping ou de gravidez como meus pais exigiram?

— Não é esse tipo de intervenção — disse Miranda, como se fosse algo sério.

Della fez uma careta e olhou para Kylie, a amiga mais sensata.

— O que está acontecendo?

— Miranda está dramatizando um pouco — disse Kylie. — Mas... Perry disse que Steve contou a ele que vocês dois tiveram uma briga.

— Uma briga daquelas, envolvendo aquela garota do consultório do veterinário — Miranda acrescentou.

Della quase caiu da cadeira.

— Ah, mas que inferno! Será que nada pode ser particular neste lugar?

— Isso não deveria ser particular — rebateu Miranda. — Nós somos as suas melhores amigas e supostamente contamos tudo umas para as outras. Você precisa de nós, mas nem nos deixa ajudá-la. Então precisamos fazer uma lista de coisas que a ajudarão a lidar com isso. — Ela pegou um papel. Eu já tive algumas ideias.

Della gemeu.

— Neste momento, Steve é o menor dos meus problemas.

Ela dizia isso para si mesma desde que ele tinha saído por aquela porta, e talvez se repetisse várias vezes conseguisse se convencer de que era verdade. Claro, aquilo não era nada comparado à morte de Chan ou à captura do assassino a quem ela queria dar uma lição, mas ainda assim doía como uma unha encravada.

— É por isso que estamos preocupadas — disse Kylie. — Você anda sofrendo golpes duros ultimamente. O caso da UPF, seu pai, Chan, a tentativa de encontrar sua tia e seu tio, e agora Steve. Nós só queremos ajudar.

— Ajudar como? — perguntou Della. — Não há nada que possam fazer. Nada que qualquer pessoa possa fazer. — Seu peito imediatamente ficou pesado. — Além disso, essa briga provavelmente foi a melhor coisa que podia ter acontecido. Não estávamos realmente juntos. Eu não quero que a gente se torne um casal. Eu nem sei por que deixei que isso fosse tão longe.

— Você gosta dele, é por isso — disse Miranda. — Não sabe como seus olhos brilham quando olha pra ele! Steve te faz feliz. Agora você não está feliz. E desde a última semana, a sua aura tem ficado bem escura. É uma cor turva meio estranha. Eu disse a Kylie alguns dias atrás que algo estava errado. Agora parece ainda pior.

— Minha aura é sempre meio escura. Eu sou um vampiro, lembra? Você me disse isso uma vez.

— Sim, mas não escura desse jeito. Agora ela está de uma cor que até assusta.

— Então faça algum feitiço para tingi-la de outra cor — sugeriu Della. E quando a bruxa fizesse o feitiço, talvez ela pudesse dar um jeito na sua audição também, que estava com defeito. Della tinha tentado sintonizar os sons distantes no caminho até lá e não tinha conseguido.

— Se eu pudesse clarear a sua aura, faria isso. Mas só você pode deixá-la mais clara. O que podemos fazer é dar ideias. Coisas que você pode fazer para ficar mais feliz e que podem iluminar a sua aura. Eu já fiz uma lista. — Ela começou a ler: — Contemplar um pôr do sol. Fazer uma caminhada em meio à natureza. E, o melhor, observação de aves. Alguma coisa nos pássaros sempre clareia a nossa aura. — Miranda sorriu como se estivesse muito orgulhosa de si mesma.

Della roubou a caneta e o papel de Miranda.

— Espera aí, eu tenho algumas ideias melhores. — Ela começou a rabiscar o papel e ler enquanto escrevia: — Encontrar o meu tio e a minha tia, encontrar um assassino, fazer o meu primo ser enterrado, esquecer que o meu pai me odeia, parar de sentir falta de Steve. Droga, parece que não vai dar tempo de admirar nenhuma droga de pássaro! — Della jogou o lápis longe e disparou pela cozinha até seu quarto.

Dez minutos depois, bateram à porta de Della. Dez minutos inteiros que Della tinha aproveitado para perceber que ela estava descontando seus problemas nas amigas.

— Pode entrar! — Ela se sentou, pronta para assumir a culpa.

Kylie entrou no quarto.

— Oi.

— Nem precisa gastar saliva. Eu sei que fui uma mocreia e vou pedir desculpas à bruxa. — Ela fez uma careta. — Mas observação de aves já é demais!

Kylie riu.

— Pessoalmente, achei que contemplar um pôr do sol fosse tirar você do sério. Mas... — O sorriso de Kylie desbotou. — Miranda anda mesmo preocupada. Essa coisa de aura a deixou apavorada.

Della suspirou.

— As auras não têm a ver com o nosso humor?

— Eu acho que sim. Mas não entendo muito de auras.

— Bem, meu estado de espírito de fato anda meio sombrio. Então é compreensível.

— Mas Miranda acha que uma aura muito escura pode trazer mais escuridão, como se coisas ruins atraíssem coisas ruins. É por isso que ela quer que você... encontre alguma coisa que a deixe feliz.

— O que vai me deixar feliz é encontrar um assassino e fazer Chan ser enterrado devidamente na sua sepultura.

Kylie deitou-se na cama.

— É sobre isso que Burnett queria falar com você?

— É. Vai levar uma semana para que possam concluir a autópsia de Chan, e não vão poder enterrá-lo antes disso. E eu começo no caso em... menos de uma hora.

— Menos de uma hora? Vai fazer o quê?

— Vou a um lugar em que gangues de vampiros costumam ir. Ah, e o pior é que vou trabalhar com Chase.

Kylie fez uma careta.

— E você ainda não gosta dele.

— Não é óbvio?

Kylie fez uma cara engraçada.

— Eu não sei, você que me diz.

Della balançou a cabeça.

— Eu não gosto dele. Eu não confio nele.

— Ele é um gato — disse Kylie, a voz cheia de humor. — Será que não é por isso que você não quer passar muito tempo com ele?

Della balançou a cabeça.

— Não é por isso. Ele é muito... irritante.

A testa de Kylie agora estava franzida com desconfiança. Della finalmente deixou escapar a verdade.

— Tudo bem, ele é um gato. Mas isso não quer dizer nada. Não é como se ele fosse...

— Steve? — perguntou Kylie.

— É — Della admitiu, embora odiasse ter que fazer isso.

Ficaram ali sentadas em silêncio por um segundo, e então Kylie perguntou: — Por que você não contou pra gente sobre Steve?

Della deu de ombros.

— Parece que tudo o que eu tenho feito ultimamente é choramingar. E dói falar sobre ele.

— Mas nós somos suas melhores amigas. Só queremos te ajudar.

— Eu sei.

— E realmente acabou?

— Eu acho que sim. — Della mordeu o lábio e de repente sentiu vontade de falar. — Ele beijou Jessie. Ou, devo dizer, ela beijou Steve. E ele estava se sentindo superculpado, por isso sei que ele gostou. Isso me deixa furiosa, mas... no último fim de semana, ele queria que eu conhecesse os pais dele, e eu surtei. Eu não quero conhecer os pais dele. Não quero nada que torne a coisa... oficial. Então, é justo deixar essa "coisa" entre nós continuar se eu não sei se vou deixar que ela progrida?

— Ele ligou para você depois da briga?

— Não. E provavelmente é melhor assim. — Mas não passava um minuto sem que Della checasse o celular. Ela não tinha certeza se era alívio ou decepção o que sentia quando descobria que ele não tinha tentado entrar em contato.

Kylie voltou a se deitar na cama e olhou para o teto.

— Holiday me disse uma vez que as mulheres que têm problemas com os pais normalmente encontram uma maneira de ter problemas com os homens. Nós projetamos nossos problemas com nossos pais nos outros caras. Pareceu bobagem no início, mas será que foi coincidência eu ter finalmente dado uma chance a Lucas depois que resolvi meus problemas com meu padrasto?

Della se reclinou na cama ao lado de Kylie.

— Então você está dizendo que eu só vou conseguir ter um namorado depois que resolver o meu relacionamento com meu pai? — Ela deu um tapa na testa. — Droga, acho então que vou ser lésbica, porque não acho que isso vá acontecer um dia!

Kylie riu.

— Lamento, mas já sou comprometida.

Socks, o gato de Kylie, pulou na cama e se esfregou em Della. Ela sorriu.

— Eu sei, com um lobisomem gostosão. Sabe, o meu amigo Socks aqui não aprova o vira-lata em tudo. Eu acho que Socks tem medo de que Lucas lhe passe pulgas.

Kylie franziu a testa enquanto acariciava o gato.

— Lucas não tem pulgas. E além disso, eu aprovo Lucas. — Os olhos dela se arregalaram com carinho. — Eu o amo tanto! Mesmo quando ele é arrogante e um pouco machista como foi na funerária. Ele faz com que eu me sinta... completa. E eu acho que você merece isso também. Alguém que faça com que você se sinta bem por dentro. Ele toca você e você se derrete. Olha para você com aquele olhar sexy e você se aquece toda. Ele te abraça e qualquer problema que você tenha, parece que perde a importância.

— Talvez esse não seja o meu destino. — Della olhou para Socks. — Vou ficar velha e ter um monte de gatos. Parece que é isso que as mulheres fazem quando não se casam. — Mas Della não pôde deixar de pensar em como se sentia quando estava com Steve. E nenhum gato jamais a faria sentir a mesma coisa.

— Eu não acredito — Kylie insistiu. — E talvez tudo isso que esteja acontecendo agora esteja mexendo com a sua cabeça. Se nada disso tivesse acontecido, você talvez não tivesse entrado em pânico quando Steve te convidou para conhecer os pais dele.

— E o que me diz de ele beijando Jessie e gostando? — perguntou Della.

— Ele disse que gostou? — perguntou Kylie. — Porque eu já vi a maneira como ele olha pra você, e acho difícil acreditar que ele goste de beijar outra pessoa.

— Ele não disse que gostou, mas ele é homem. Claro que gostou.

Kylie fez uma careta.

— Ok, eu não vou discutir isso, mas para mim é como se você estivesse procurando um motivo para se distanciar dele. Talvez o que realmente esteja acontecendo é que você sabe quanto gosta dele e está com medo.

Della abriu a boca para negar, mas não conseguiu falar nada. Kylie estaria certa?

— Eu ainda não consigo suportar a ideia de que ele a beijou, mesmo que ela tenha provocado. — Della murmurou e, em seguida, querendo mudar de assunto, perguntou: — Miranda ainda está aqui? Quero dar o braço a torcer e pedir desculpas. Odeio dar o braço a torcer...

Kylie sorriu.

— Não, Perry ligou e pediu que ela fosse encontrá-lo.

— Então eles estão por aí se amassando, hein? — brincou Della, esperando desviar a conversa dos seus próprios problemas com garotos, concentrando-se no namoro de outra pessoa.

Kylie franziu os lábios como se estivesse bem consciente da manobra de Della. Aquela garota era muito inteligente.

— Olha, você não tem que gostar de Steve beijando outra garota. É natural que fique chateada, pode acreditar, eu sei o que estou dizendo, mas isso não precisa ser motivo para vocês romperem. Veja Miranda e Perry, e o meu relacionamento com Lucas. Nós dois passamos por situações parecidas e não pense que estou defendendo Steve, estou mais preocupada com você. Siga o meu conselho e dê mais uma chance a essa “coisa” que você tem com Steve. Não desista dele.

Della olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Ela tinha que se encontrar com Chase.

— Nossa, eu tenho que ir!

*

— Você sabe que devíamos pelo menos conversar — disse Chase, num sussurro.

Pelo menos sua audição não estava falhando.

— Sobre o quê? — Ah, ela sabia o que gostaria de dizer a ele, mas não tinha certeza se aquela era uma boa hora.

Della olhou para o vampiro sentado do outro lado da mesa, desejando que fosse outra pessoa sentada ali. Desejando não apreciar tanto a largura dos ombros, a maneira rebelde como ele se comportava ou o queixo anguloso que o fazia parecer mais um homem do que um garoto. Eles tinham se encontrado e voado para uma velha casa abandonada no meio da floresta que a gangue da região tinha transformado num bar onde serviam sangue. Não era um ambiente muito

agradável, mas havia pelo menos seis vampiros ali. Pelo visto, com a gangue local na área, os donos do negócio achavam que haveria movimento suficiente para torná-lo lucrativo.

Della deu mais uma olhada casual no ambiente e tomou um gole do sangue que Chase tinha pedido para ela. Era A positivo e não estava fresco, mas ela não tinha jantado, então bebeu sem reclamar.

— Eu não sei. Poderíamos falar sobre o tempo, esportes ou talvez o que te deixou tão aborrecida comigo — disse ele, concluindo obviamente que não precisava mais sussurrar.

— Ouviu dizer que vai chover amanhã? — ela disse sarcasticamente.

Ele riu.

Della olhou para dois rapazes sentados do outro lado da sala. Vampiros de aparência rude, diante de uma garrafa de uísque que não paravam de despejar nos seus copos de sangue. Um deles era loiro, o outro tinha cabelos castanhos, mas eram longos e estavam presos num rabo de cavalo.

Durante os primeiros quinze minutos, todos os clientes, até mesmo o barman, não fizeram outra coisa que não fosse encarar Della e Chase, mas agora pareciam ter perdido o interesse. Della permaneceu atenta. Ela tinha que permanecer. Seu sentido do olfato ainda não tinha voltado. Então ela ficou analisando as pessoas, à procura de alguém suspeito. Qualquer pessoa com cabelo castanho e curto ou que parecesse um assassino. Não que ela soubesse o que fazia alguém parecer um assassino, mas, caramba, o que custava tentar?

— Fala sério, o que eu fiz para te deixar tão furiosa?

Ela olhou nos olhos de Chase, sua fúria ainda equivalente à de uma galinha encharcada de chuva e com TPM, mas sua necessidade de vingança teria que esperar. Eles tinham um caso em que se concentrar.

— Engraçado, eu não achava que você fosse do tipo que engole sapo — ele disse, provocando-a.

Ele tinha razão. Ela nunca acreditara naquele papo de que o silêncio vale ouro. Ah, que diabos, nada os impedia de conversar sobre qualquer coisa que não fosse a missão.

— Você só queria me arranjar encrenca quando foi devolver meu celular.

Ele franziu os lábios como se pensasse numa resposta.

— Talvez.

Ela fez uma cara feia.

— Ok, provavelmente. — Ele admitiu, por fim. — Mas achei que o cara precisava saber que tinha concorrência. Enquanto você estava fora, na sexta-feira, uma garota — a mesma garota — ligou para ele três vezes. E ela estava flertando com ele. Eu não sei o que vocês dois têm, mas não achei aquilo certo.

O coração de Della despencou até o estômago. Jessie estava ligando para Steve? Ah, mas aquele não era o momento de ficar com dor de cotovelo. Ela lançou a Chase um olhar frio.

— Isso não é da sua conta. Você não deveria ter bisbilhotado as ligações dele.

— É verdade, mas fiz isso em interesse próprio. Como eu disse, gosto de você. Eu acho que essa nossa parceria pode dar certo. Então, quero cuidar de você.

— Eu não preciso que você cuide de mim. E, para que isso dê certo, eu tenho que gostar de você também.

— Você gosta de mim — disse ele com um sorriso confiante, e ela teve que admitir que sentiu borboletas no estômago ao ver aquele sorriso sexy. — Você simplesmente não percebeu isso ainda. Eu sou do tipo que se aprende a gostar com o tempo. Como uma daquelas cervejas estrangeiras esquisitas. Demora um tempo para se acostumar comigo.

— Eu não gosto de cerveja. E não gosto de...

— Mas você está aqui.

— Só porque... — Ela fechou a boca. — E existe pelo menos umas dez pessoas com quem eu preferia estar agora.

— Só umas dez? Você se importa de me dizer o nome delas? Elas vão se ver comigo.

Ela lhe mostrou as presas.

Ele riu e pegou seu copo de sangue, olhando-a por cima da borda de plástico.

— Como você está fazendo com... com aquela coisa toda do seu primo? — A leveza tinha desaparecido da voz dele.

Ela relembrou a história dele, de que tinha perdido toda a família. Ele provavelmente tinha inventado aquilo tudo.

— Como você está fazendo com aquela coisa toda da *sua* família? — ela disse em tom de acusação.

Algo brilhou nos olhos dele... raiva, tristeza. Talvez Chase não tivesse inventado aquela história.

— Então você não estava mentindo?

— Não. — Ele desviou o olhar, levantando o nariz para verificar se sentia algum cheiro conhecido no bar.

— Sentiu alguma coisa? — perguntou ela.

Ele olhou para ela, quase rápido demais.

— Não. E você?

De jeito nenhum ela iria dizer a ele que o seu olfato estava uma droga. Ela levantou o rosto, como se farejasse o ar.

— Não.

Passos soaram ao fundo na direção deles. Della preparou-se para ter companhia e possíveis problemas. Um dos caras de aparência rude que bebia uísque desabou na cadeira ao lado e se inclinou na direção dela.

— E aí, lindinha! — disse ele, com a boca muito perto da dela.

Capítulo Vinte e Cinco

— Vocês dois são novos por aqui.

Della se afastou um pouco. Ele parecia ter uns vinte e poucos anos, mas com a aparência de quem não tinha uma vida fácil. Olhou-a de cima a baixo e em seguida encarou Chase.

— Como parece que você não é o tipo dela, achei que ela poderia gostar mais de mim.

Então o malandro estava ouvindo a conversa deles. Não que ela também não estivesse espionando ele e o amigo. Mas a conversa deles sobre como jogavam futebol no colegial não tinha sido tão interessante.

— A gente só estava tendo uma briguinha — disse Chase, com a voz profunda. — Ela está comigo.

— É isso mesmo, gatinha? — o estranho perguntou a Della. — Sabe, no começo pensei que você trabalhasse aqui. Uma profissional, quero dizer.

Ele tinha acabado de dizer que ela se parecia com uma prostituta? Della franziu a testa.

— Em primeiro lugar, eu não trabalho aqui. Em segundo lugar, o meu nome não é Gatinha. E em terceiro lugar, se eu fosse namorada de alguém aqui, seria deste cara na sua frente. — Ela se virou para Chase e, quando ele abriu um sorrisinho quase perverso, ela revirou os olhos. — O que na verdade eu não sou — Della acrescentou rapidamente.

— Que pena — disse o vampiro meio bêbado, voltando o olhar para Chase. — Olha só, eu não sou do tipo que as garotas só gostam com o tempo… eu sou gostoso já na primeira mordida.

Ele mostrou os caninos — que precisavam de uma boa escovação — e Della suspeitou de que o jogo de palavras era intencional.

Ela se afastou, mas isso não o impediu de estender o braço sobre o encosto da cadeira de Della e tocar seu cabelo. Ela também gostaria de brincar com o cabelo dele — agarrar aquele rabo de cavalo e fazê-lo girar no ar.

— De onde vocês dois são? — ele perguntou. O vampiro tocou o pescoço de Della e ela reprimiu um arrepio. De puro asco!

Della pensava se valeria a pena quebrar os dedos do rapaz. Ela podia agarrar a mão dele e quebrar os ossinhos num piscar de olhos. Mas não sabia se seria mais produtivo fingir um pouco para conseguir algumas informações.

— Sou da Califórnia — respondeu Chase. — Ela é da região de Houston.

— Por que deixou a Califórnia? — O cara de rabo de cavalo perguntou, inclinando a cabeça para o lado como se tivesse ouvido uma inverdade. Della tentou escutar também, mas não

conseguia ouvir o batimento de Chase. Em vez de se preocupar, ela estudou a expressão do vampiro.

— Minha mãe se mudou para cá — explicou Chase.

O idiota sentado ao seu lado pareceu convencido de que Chase falava a verdade. No entanto, ele não lhe dissera que a mãe tinha morrido? Sim, ele tinha, e ela também ouvira seu coração e constatado que ele falara a verdade na ocasião. Della lembrou que os olhos de Chase tinham se desviado para a esquerda, quando ele respondeu à pergunta do vampiro meio bêbado. Ela tinha ouvido falar que, se uma pessoa desvia os olhos para a esquerda quando fala, isso é um sinal de que está mentindo.

Ela tinha razão de não confiar nele. Reservou essa informação para mais tarde e se concentrou no problema em questão. Na "mão" em questão. A palma daquele cretino estava agora deslizando sob a gola da blusa dela e tocando a base do seu pescoço.

Ela mexeu o ombro, como se para espantar um inseto, esperando que ele entendesse a deixa.

Ele não entendeu.

O olhar de Chase desceu para o pescoço dela. Seus olhos brilharam de descontentamento. Mas, se alguém ia dar uma lição naquele babaca, era ela.

Della lançou um olhar para Chase que significava "deixa comigo".

— Eu estou procurando uma pessoa — disse ela, lutando para ignorar o toque do vampiro. — Acho que ele foi transformado recentemente. Tem cabelo castanho e curto.

— Ele é um daqueles dez caras com quem você preferia estar agora, em vez dele? — O homem acenou com a cabeça para Chase, mas não olhou para ele. Isso era bom, porque a expressão que vira ao olhar rapidamente para o parceiro não era nada amigável. Presas projetadas e olhos verdes brilhantes como neon.

— Sim, eu prefiriria estar com esse cara. — Ela se concentrou no idiota, sabendo que o que seu coração revelava era verdade. Ela preferia estar com o assassino de Lorraine agora. Ela ainda esperava que ele a atacasse, porque assim ela poderia revidar. Dar algumas lições nele antes de entregá-lo a Burnett.

O vampiro assentiu.

— Eu ouvi falar que um recém-criado estava na área semana passada. A Gangue dos Trapaceiros estava tentando recrutá-lo. — Os dedos do imbecil escorregaram mais para dentro da gola de Della, deslizando até o ombro. A pele dela se arrepiou de aversão, mas ela queria respostas mais do que o ódio que sentia do toque dele.

— Onde podemos encontrar essa gangue?

— Não sei. Não faço parte de nenhuma gangue. Não preciso. Sei me cuidar. É claro que, de vez em quando, gosto de cuidar de uma gatinha bonita como você. — Ele aproximou mais a cadeira e sua mão escorregou um pouco mais para dentro da blusa dela. Toda a sua palma fria descansou sobre o ombro nu de Della. E ela não queria mais quebrar os dedos dele. Quebrar o pescoço bastaria.

— Você conhece algum dos membros da gangue? — perguntou ela com os dentes cerrados.

— Não, só estou aqui há uma semana. Mas notei um ou dois perambulando por aqui.

Ela baixou a voz.

— Tem algum aqui agora?

— Não sei. Desde que entrou, só tenho olhos para você. Novinha. Pele macia. — Ele mexeu os dedos.

— Por que você não dá uma olhada ao redor e vê se algum deles está por aqui?

Ele não respondeu. Seus dedos se moveram sob a alça do sutiã. Ela fechou mais os lábios para esconder as presas que se projetavam e, com o canto do olho, viu Chase assistindo, seu rosto uma máscara de fúria.

Por que ele estava tão contrariado? O cretino não estava enfiando a mão na cueca *dele*. Ela teve que apertar as mãos para evitar nocautear aquele bêbado nojento.

— Olhe em volta — disse ela novamente. — Por favor. — Della mexeu a sobrancelha de um jeito que esperava que parecesse um gesto sedutor.

Ele desviou os olhos e olhou em volta, seu dedo se movendo para trás e para a frente sob a alça do sutiã, cada vez mais mais perto do seu seio esquerdo. Cada vez mais deixando-a com uma crescente vontade de trucidá-lo.

— Não, não tem ninguém da gangue aqui agora. — Os olhos do cara de rabo de cavalo encontraram os dela novamente.

— Que tal se a gente fosse dar um rolê?

— Que tal você me dizer o que ouviu falar sobre esse recém-criado? — ela precisou fazer muito esforço para manter a voz calma. — Será que ele tinha cabelo curto e castanho?

— Que tal falar enquanto andamos?

Um rosnado profundo e sinistro soou do outro lado da mesa.

— Que tal você tirar essas mãos imundas de cima dela? — Chase inclinou-se sobre a mesa, as presas totalmente projetadas, os olhos agora de um verde tão fosforescente que era preciso óculos escuros para olhar para ele.

O idiota olhou para Chase. Por um segundo se surpreendeu com o brilho de seus olhos, mas então pareceu deixar a preocupação de lado. Della não estava certa de que aquela era uma boa ideia.

— Olha só, amigão — disse o cara de rabo de cavalo —, eu não ouço a gatinha aqui reclamando.

Aquela foi a gota-d’água. E provavelmente a que faltava para causar uma tormenta.

— Eu já te disse, meu nome não é gatinha! — Ela tirou o braço do vampiro do ombro e torceu-o quase a ponto de quebrá-lo.

Ele rosnou, quase alcançando a mão dela com a outra mão, mas ela torceu um pouco mais o braço dele, deixando bem claro que bastaria um movimento para que ele se dobrasse num ângulo

estranho. E ela tinha certeza de que não seria um ângulo muito bonito. Claro, vampiros se curavam rapidamente, mas ela tinha ouvido dizer que um osso quebrado doía como o inferno.

O canalha olhou para ela.

Ela olhou de volta, então desviou o olhar para o bar. Todos os clientes assistiam a cena com um ar malicioso. E ela teve a sensação de que não prestavam atenção no cara de rabo de cavalo. Ela e Chase provavelmente poderiam dar conta de uns quatro, mas, se todos se unissem, ela poderia comprovar a teoria do osso quebrado por si mesma. Eles tinham que sair dali. Ela olhou para Chase e indicou com os olhos a saída. Então largou o braço do cara e disparou em direção à porta, presumindo que Chase faria o mesmo, e bem rápido.

Ela presumiu errado.

Parou na última mesa antes da saída.

Chase, sem nenhuma pressa, levantou-se da cadeira, mas nem se deu ao trabalho de afastar a mesa. Olhou para baixo, na direção do cara de rabo de cavalo. A postura de Chase e sua expressão hostil praticamente imploravam para que o babaca tentasse alguma bobagem. Será que Chase tinha perdido o juízo? Será que não sentia os olhares de todos sobre eles?

Será que não percebia que estavam em desvantagem?

— Vamos dar o fora daqui! — pediu Della.

Mal tinha falado e já percebeu que cometera um erro.

— Você sempre faz o que essa puta manda? — o idiota perguntou a Chase, esfregando o braço.

— Você acabou de chamá-la de “puta”? — Chase cerrou o punho.

Todos os músculos do corpo de Della se contraíram, preparando-se para lutar. Mas antes que ela desse um passo, Chase prensou o idiota na parede. E não a parede ao lado da mesa onde estavam sentados, mas a que ficava do outro lado do bar. Como? Ela nem tinha visto ele se mover. Caramba! Aquele Pervertido da Calcinha era assim tão rápido?

Ele segurava o rapaz pelo pescoço, apertando-o contra os painéis de madeira desbotados. Os pés do cretino agitavam-se fora do chão. Ele devia estar chutando, mas pela cor do seu rosto, não devia estar respirando e, provavelmente, sabia que bastava um movimento errado para que sua traqueia fosse esmagada.

— Peça desculpas a ela — exigiu Chase.

— Se quebrar alguma coisa, vocês é que vão pagar! — o barman gritou, do outro lado do balcão. — Se querem se matar, façam isso lá fora. Vamos com vocês apostar em quem vai levar a melhor.

Chase, obviamente ignorando o barman, não se mexeu.

— Eu já disse, peça desculpas a ela!

O idiota, o rosto agora um pimentão, não conseguia falar, mas moveu os lábios.

— Eu não ouvi — Chase sibilou. — Tente de novo.

O amigo do homem se levantou da cadeira. Della voou na direção dele, mas antes que chegasse onde o cara estava, ele atirou uma mesa em Chase.

Sem nem olhar para trás, Chase agarrou uma perna da mesa com a mão livre e segurou-a no ar como uma espécie de malabarista.

— Cole esse seu rabo de volta na cadeira! — Chase rosnou, e embora ele nem tivesse chegado a olhar para o vampiro que atirara a mesa, não havia dúvida de que estava falando com ele.

Della olhou ao redor da sala, esperando o próximo ataque, preparando-se para intervir, se necessário. Curiosamente, o cara que tinha jogado a mesa parecia ser a única ameaça. Todo mundo só parecia entretido.

Chase baixou a mesa. Quase gentilmente, sem quebrá-la. Então virou a cabeça, olhando de relance o bar.

— Eu disse pra você se sentar!

O amigo do homem continuou de pé, como se ainda não tivesse decidido o que faria.

— Eu ainda tenho uma mão livre — disse Chase, acenando com o braço esquerdo. — Coloque essa sua bunda na cadeira ou vou prensar você na parede junto com este cara e estrangular os dois de uma vez só! E se alguém tentar alguma coisa, vou fazer o mesmo com o otário no segundo em que acabar de esmagar a traqueia desses delinquentes.

O amigo do cara de rabo de cavalo caiu para trás em sua cadeira.

— Eu nunca gostei muito desse cara mesmo...

O barman e os outros clientes riram, achando graça.

Chase não pareceu apreciar o humor. Ele olhou de volta para o vampiro de cara vermelha e olhos esbugalhados, que segurava contra a parede.

— Agora você vai pedir desculpas? Ou posso quebrar seu maldito pescoço?

O cara gaguejou um som. Chase pareceu ter ficado satisfeito, porque tirou a mão do pescoço do cara, que desabou no chão como um saco de batatas.

O vampiro tossiu e esfregou a garganta. Chase ficou ali por vários segundos, observando o cara tentar sorver oxigênio através da garganta machucada, como se dando a ele a chance de se levantar e revidar. Ao ver que ele não faria nada, Chase andou na direção da porta. Seu andar era lento e confiante. Nem um pouco preocupado com a possibilidade de alguém atacar.

Ele parou ao lado de Della e fez sinal para que saísse primeiro.

Infelizmente, ela não seguia ordens. Acenou para que ele fosse na frente.

Ele revirou os olhos, mas depois saiu. Enquanto passava pela porta, ela ouviu alguém dizer:

— Não sei que tipo de sangue aquele garoto estava bebendo, mas quero um pouco dele também.

Della saiu para o ar fresco de outubro. A noite tinha ficado mais escura. Mas a lua, quase cheia, lançava uma luz prateada sobre o terreno de terra batida. Ela olhou ao redor em busca de ameaças, vendo apenas um casal encostado nos fundos de um edifício, quase sem roupas.

Desviando o olhar, ela observou Chase andando na frente dela. Ela não queria ficar impressionada. Mas, caramba! Ela já estava. Queria um pouco do que Chase estava bebendo também.

Dez minutos depois, ela o seguia numa corrida veloz, ou pelo menos tentava segui-lo. Ele continuava avançando, cada vez mais rápido. Seu único comentário quando saíram do bar foi, “Me acompanhe se puder”.

Se tinha uma coisa que Della odiava mais do que aceitar um desafio que não tinha chance de vencer era desistir sem tentar. Seus pés golpeavam a terra fria. Ela manteve o foco em Chase, que parecia correr sem fazer nenhum esforço. Seus pés deixaram o chão e ele começou a voar. Della fez o mesmo, mas a força de que precisava para voar naquela velocidade fez sua barriga doer.

No meio do voo, Chase se virou e olhou para ela, checando se ela estava bem. Como se notasse o esforço que ela fazia, ele começou a diminuir a velocidade, passando a voar entre as árvores e o chão. Ele parou sem fazer nenhum esforço, sem nem mesmo respirar com dificuldade, e olhou enquanto ela descia.

Della pousou no chão com um baque, mas felizmente conseguiu se manter de pé. Tentou não dar na vista o fato de que seus pulmões estavam quase explodindo. Então, como na outra noite em que tinham saído para correr, seu estômago se contraiu. Ela se virou rápido e vomitou num arbusto.

Quando se levantou e limpou a boca com as costas da mão, Chase estava ao lado dela.

— Pelo menos dessa vez não foi nas minhas botas.

Ela olhou para ele. Della normalmente não vomitava depois de correr, mas, pensando bem, nunca correra tanto assim.

— Ok, você é mais rápido do que eu — ela reconheceu. — Mas não fique se vangloriando. — Admitir aquilo era um golpe no seu orgulho.

— Eu vou tentar não me vangloriar. — Por um lapso de segundo ela viu o que parecia ser preocupação nos olhos dele. — Correr é bom para você, venha. Isso vai te ajudar. — Ele se virou e decolou novamente.

Ela não o acompanhou.

Quando estava a uns 50 pés, ele parou e voltou até ficar na frente dela.

— Não dê uma de garotinha frágil...

Ela ignorou o insulto.

— Correr ajuda em quê?

Ele hesitou antes de responder.

— A aliviar a tristeza.

— Estou lidando muito bem com isso. — E por mais que ela odiasse admitir, era verdade. A dor parecia menor quando ela se concentrava em encontrar o assassino de Lorraine.

— Não tão bem assim. — Ele começou a andar, rápido. Ela o acompanhou.

Não se falaram por alguns minutos.

— Está pronta? — perguntou ele.

— Para procurar a Gangue dos Trapaceiros? — ela perguntou, deixando de lado as diferenças entre eles.

— Não, para correr. Chega de trabalhar nesse caso por hoje.

— Chega? Como podemos...?

— Alguém vai contar à gangue que estávamos procurando e eles vão estar aqui amanhã, quando voltarmos.

— O que faz você pensar que alguém vai contar a eles?

— Porque bares como esse são leais às gangues locais. Eles dependem delas para ter proteção e clientes.

— Como você sabe tanto sobre gangues e bares como esse? — ela perguntou, sua mente voltando a alimentar as mesmas dúvidas de antes com relação a ele. De onde diabos ela o conhecia? Será que ele fazia parte da gangue com que Chan estava brigando quando ela o viu pela primeira vez?

— Eu fiquei nas ruas por muito tempo — explicou ele.

— Quanto tempo? Quando você foi transformado? — Ela parou para ver se ele iria responder.

Ele deu mais alguns passos, então a encarou novamente.

— Eu tinha 14 anos.

Ele se pôr em movimento outra vez, mas não a uma velocidade vertiginosa. Ela se juntou a ele.

— Como sobreviveu? — Os músculos das pernas dela doíam por causa do esforço anterior.

— Vamos correr de volta para Shadow Falls. Se você ganhar, eu respondo à sua pergunta.

A vontade de competir com ele acelerou sua pulsação, mas ela não era idiota.

— Eu já admiti que você é mais rápido.

Ele parou.

— Corra comigo e eu te respondo só por tentar.

Ela não gostava de perder ou receber prêmios de consolação.

— Talvez eu não queira tanto saber. — Ela queria, mas seu interesse por ele a aborrecia mais do que qualquer outra coisa.

— Claro que quer — afirmou ele, presunçoso. — Você não teria perguntado se não quisesse saber.

Ela franziu a testa e tentou achar uma maneira de virar o jogo a seu favor.

— Vamos fazer o seguinte, eu corro com você se... ganhando ou perdendo, me disser de onde eu te conheço. E dessa vez, não minta para mim.

Ele piscou, com um ar confuso.

— Eu não sei do que você está falando.

— Eu acho que sabe, sim. — Ela o desafiou com o olhar.

— Você não consegue ouvir meu coração? Eu não estou mentindo.

— Você está esquecendo que eu ouvi o que você disse para o nosso amigo lá atrás. Você me disse que seus pais estavam mortos e disse a ele que a sua mãe morava aqui. Então, eu sei que você mentiu para um de nós, e seu coração em nenhum momento saltou uma batida. — Pelo menos ela tinha presumido que não tinha saltado quando ele dissera aquilo para o idiota do bar.

Chase pareceu convencido.

— Eu minto quando tenho que mentir.

— Ou quando é mais conveniente. — *Talvez você seja um mentiroso patológico.*

— Eu gostaria que tivesse sido assim tão fácil. Controlar meu coração é algo que me custou muito tempo.

Ela se lembrava de ter visto a expressão dele mudar quando achou que ele estava mentindo antes. Ela ficou na frente de Chase e estudou seu rosto, mas inclinou a cabeça para o lado para fingir que estava tentando ouvir o coração dele.

— Sua mãe mora aqui?

— Eu já disse que eles morreram. — Os olhos de Chase não se desviaram.

— Onde nos encontramos antes? — Ela fez a pergunta e nem respirou, na expectativa.

— Eu não acho que os nossos caminhos tenham se cruzado um dia. — Ele não piscou, mas o supercílio esquerdo se contraiu. Isso era suficiente para presumir que ele mentia?

E se ele estava mentindo, por que faria isso? O que ele não queria dizer a ela?

Ele começou a andar novamente. Ela o seguiu, tentando descobrir seu próximo movimento.

Depois de alguns minutos de silêncio, ele falou.

— Você nunca deveria ter deixado que aquele cara tocasse você.

Quando ela não respondeu, ele saltou na frente dela e começou a andar de costas, tornando difícil ignorá-lo.

— Ele estava respondendo às minhas perguntas — disse ela. — Mais do que você agora.

— Eu poderia ter conseguido aquelas respostas eu mesmo.

Ela levantou o queixo.

— Eu não acho que você fizesse o tipo dele.

A risada de Chase a pegou desprevenida. Soou profunda e sincera. Ela se lembrou de como ele agira no bar. Irritava-a pensar que ela tinha ficado impressionada. Impressionada com um mentiroso.

— Está pronta para correr outra vez? — ele perguntou, como se pensasse que tinha conseguido algum tipo de trégua. Não havia trégua. Não até que ela soubesse qual era a dele. Ela se lembrou da conversa com Jenny. Com quem Chase estaria se encontrando tarde da noite junto à cerca de Shadow Falls?

— Vamos fazer uma corrida rápida — ele propôs.

— Estou cansada de correr. — Por que ele tinha aquela mania de correr? Por acaso estava treinando para as Olimpíadas?

Ela desviou dele rapidamente, avançando na direção de Shadow Falls.

— Vamos lá. Correr é bom para você — disse ele, vindo para o lado dela novamente.

— Saber a verdade é bom para mim. — Ela o sentiu muito perto. Como se fossem velhos amigos.

Eles caminharam em silêncio. A noite parecia muito silenciosa. Apenas o barulho de seus passos sobre a terra macia e as folhas mortas enchia a noite.

Eles estavam quase no acampamento quando ele falou.

— Meu pai era médico. Ele tinha um pequeno avião. Estávamos todos voando nele. O avião caiu.

Ela olhou para Chase. Nada na expressão dele revelava que estivesse mentindo. Muito pelo contrário. O luto era evidente em seus olhos.

— Eu fui o único a sobreviver. Mas fiquei muito ferido. O cara que me encontrou era vampiro. Eu era portador do vírus e, quando ele me ajudou, eu me transformei.

— Então ele te acolheu?

— Sim.

— Ele era um fora da lei? — Ela estava curiosa para saber por que ele estava em Shadow Falls. Será que estaria ajudando alguma organização ou gangue que queria fechar a escola por causa de sua filiação com a UPF?

Essa não seria a primeira vez.

— Depende do que você chama de fora da lei. Ele é um cara decente, mas não é registrado.

De todas as coisas que ele poderia ter dito, essa era a que ela mais podia entender. Não era justamente essa a razão que a levara a ocultar de Burnett informações sobre Chan? Por que ela não mencionava o tio ou a tia?

— Então, por que veio para Shadow Falls? — perguntou ela.

— Eu ouvi sobre esse lugar. Achei que poderia ser interessante. — A pupila do seu olho esquerdo se dilatou ligeiramente.

Então ele estava ali por uma razão, mas qual? Ela quase o chamou de mentiroso, mas, agora que conseguia identificar melhor as inverdades dele, talvez fosse mais aconselhável ver o que poderia descobrir. Deixar o cara se enrolar nas próprias mentiras até cair em contradição.

Ao olhar para a frente, ela viu a cerca de Shadow Falls. Tirou o celular do bolso para ligar para Burnett. Ela tinha perdido duas chamadas, mas não havia nenhuma mensagem de voz.

Verificou os números. Por um segundo não reconheceu o primeiro, mas depois se lembrou. Era de Kevin, o amigo de Chan. A dor que ela tinha reprimido voltou com força total.

O que Kevin queria com ela? *Retribuir favores era uma chateação*. Agora ela devia um a ele.

O segundo número brilhou na tela e ela sentiu um aperto no peito por outro motivo. Colocou todas as emoções de lado para tratar delas mais tarde e começou a ligar para Burnett. Mas o telefone tocou primeiro. O número de Burnett iluminou a tela do celular.

— Estamos de volta. Na cerca do lado norte — informou ela, em vez de dizer alô.

— Está tudo bem? — O tom do líder do acampamento era pragmático. Mas tenso.

— Tudo bem.

— Venham para o escritório. Agora — ele exigiu.

Ah, mas que inferno, Della pensou. Parecia que tinham jogado mais merda no ventilador.

— Estamos a caminho.

— Não — Burnett rebateu. — Só você. Só quero ver você agora. Entro em contato com Chase quando precisar dele. — O líder do acampamento desligou.

Obviamente ouvindo a conversa, a testa de Chase instantaneamente se franziu de preocupação e ela não soube dizer quem estava em apuros. Ela ou o Pervertido da Calcinha.

Capítulo Vinte e Seis

Burnett estava em silêncio na varanda do escritório, esperando Della chegar. Quando ela pisou nos degraus da frente, ele ficou parado ali, nariz no ar e a cabeça ligeiramente inclinada, como se para garantir que não tinham companhia.

Quando o olhar do vampiro se fixou no dela, sem aquela carranca que ele normalmente fazia quando Della estava em apuros — um olhar com que ela já estava até acostumada —, ela suspeitou que quem estava na lista negra do líder do acampamento era Chase e não ela.

— Como foram as coisas? — ele perguntou finalmente depois de conduzi-la para o escritório e fazer sinal para que se sentasse. Enquanto ela só obedecia, ele desabou na cadeira atrás da enorme escrivaninha de mogno. De alguma forma ele ainda conseguia fazer a mesa parecer pequena.

Ela começou a descrever os detalhes da noite, mas ele ergueu a mão.

— Eu sei o que aconteceu. Tinha outros agentes lá e eles já me passaram o relatório.

Ela franziu a testa.

— Você não confiou...

Burnett bateu as palmas das mãos na mesa com um baque.

— Não comece. Isso não é uma questão de confiança. Sempre há um agente na retaguarda em casos em que agentes mais jovens, ainda em estado bruto, estão trabalhando.

Ela se ressentiu de ser considerada alguém “em estado bruto”, mas continuou com a boca fechada.

— O que eu preciso saber é como foram as coisas entre você e Chase. Você ainda desconfia dele?

— Eu... — Ela se lembrou de Chase quase mandando o cara para o inferno por chamá-la de puta. Ela encontrou o olhar de Burnett. — Por quê?

— Apenas me responda, por favor.

Ela teve que parar um segundo para pensar na resposta.

— Sim. Eu ainda desconfio. Mas provavelmente não tanto quanto antes.

— E você ainda não vai me dizer por que tem dúvidas com relação a ele?

Della ruminou a pergunta por um segundo. Ela não podia dizer a Burnett que Jenny o tinha visto, mas...

— Eu reconheci o cheiro dele quando o encontrei pela primeira vez em Shadow Falls. Não sei de onde o conheço. Mas foi como se eu sentisse uma coisa negativa ligada ao cheiro dele.

— E você preferiu não me dizer isso antes. — As sobrancelhas de Burnett se uniram.

— Eu queria ter certeza de que estava certa. — Ela ficou um pouco mais de sobreaviso, preparando-se para uma possível bronca.

— E você estava?

Ela hesitou, algo de que Burnett não gostou.

— Della, você confia nele ou não?

— Não totalmente, mas não consegui me lembrar de onde o conheço.

— Já perguntou a ele?

— Já, e ele me disse que estou enganada.

— Mas você ainda não acredita nele. — Burnett inclinou-se sobre a mesa, a preocupação constante contraindo sua expressão. — Você não ouviu...?

— O coração dele mente às vezes. Não foi você quem disse isso? — De repente, ocorreu a ela que Burnett tinha a suspeita de que Chase podia mentir, ou ele o teria interrogado, em vez de Della. Francamente, ela também queria saber como alguém podia treinar para fazer isso. Poderia ser muito útil ao trabalhar para a UPF.

Burnett cruzou as mãos sobre a mesa.

— Em qualquer momento dessa operação você temeu pela sua segurança? Ou achou que Chase poderia machucá-la? Ou traí-la?

Della pensou um pouco e tudo de que ela conseguia se lembrar era a raiva que ele demonstrou quando o cretino tomou liberdade com ela e a tocou.

— Não.

— Mas você ainda não confia nele.

— Não totalmente. — Ela disse a verdade e, em seguida, rebateu. — E nem você. O que está pegando?

— Eu não...

— Você confiava nele esta manhã e agora... nem tanto.

Burnett colocou as palmas das mãos sobre a mesa.

— Logo antes de você ligar, algumas informações que ele me deu se revelaram... duvidosas.

Então ela e Burnett tinham a mesma preocupação.

— Ele me disse que os pais morreram num acidente de avião. Ele foi transformado em seguida, aos 14 anos ano de idade, quando um vampiro o encontrou.

— Eu já confirmei que os pais dele morreram num acidente de avião — disse Burnett.

Della não pôde deixar de imaginar quanto tinha sido difícil para o jovem Chase perder a família e ser transformado no mesmo dia. Não que isso significasse que ela podia confiar nele. Coisas ruins aconteciam às pessoas e, às vezes, isso era o que as levava para o mau caminho.

— Então o que é duvidoso? — ela perguntou a Burnett.

— Onde ele morava. Coisas básicas.

— Ele disse que na Califórnia — contou Della, e então perguntou: — Que outras coisas básicas? — Ela se lembrou de Chase lhe dizendo que o homem que o resgatou não era registrado. Se era isso que ele estava escondendo, ela com certeza não podia culpá-lo.

— Eu já estou investigando isso — disse Burnett, e essa era a maneira de o líder do acampamento dizer "não se intrometa". Della hesitou em dizer mais alguma coisa, mas então...

— Você sabe que pode haver razões para ele estar escondendo coisas de você. Razões que não necessariamente significam que ele é ruim.

Só Deus sabia que ela também tinha os seus segredos. A maioria deles dolorosos.

Burnett franziu um pouco mais a testa.

— É verdade, mas eu preciso me certificar de que esses segredos não prejudicarão Shadow Falls ou a UPF. E, infelizmente, também aprendi que, quando as pessoas escondem coisas, geralmente isso não é bom. — Ele se inclinou para a frente. — Você confia nele ou não? Por que estou percebendo alguns sentimentos conflitantes em você?

Você gosta de mim. Só não percebeu isso ainda. As palavras de Chase surgiram na cabeça de Della e ela ainda viu seu sorriso sexy.

— Eu... não sei. Quero dizer, eu não confio nele como confiaria em alguém daqui, como Lucas ou Derek, ou... Steve, mas eu... Não acho que ele seja de todo ruim. — A verdade tinha um gosto estranho na sua boca.

— Tudo bem. — Burnett bateu as mãos sobre a mesa. — Enquanto isso, me avise se descobrir alguma coisa.

Sentindo que a reunião tinha acabado, ela se levantou.

— Alguma notícia sobre a autópsia de Chan?

— Ainda não. Desculpe.

Ela assentiu com a cabeça, sentindo a frustração ainda pesar no seu coração, e então se afastou. Tinha acabado de passar pela porta quando ouviu o vampiro estoico dizer:

— Bom trabalho esta noite, Della. A prisão de Craig Anthony e agora isso, estou orgulhoso de você.

Ela não olhou para trás, mas sussurrou:

— Obrigada. — Um sentimento de orgulho cresceu dentro dela e ela se agarrou a ele com o seu coração sedento. Precisava de alguma emoção boa para combater tudo que tinha de ruim na sua vida.

Quando saiu, seu telefone apitou avisando da chegada de uma mensagem. Por alguma razão ela suspeitava que fosse Steve. O alívio durara pouco.

O caminho de volta para a cabana parecia muito calmo e os pensamentos em Steve foram ofuscados pela atmosfera sobrenatural da noite. Ela tirou o celular do bolso e verificou a mensagem. Tinha se enganado. Não era uma mensagem de Steve. Era de Kevin, o amigo de Chan.

Me liga.

Ela apertou algumas teclas para retornar a chamada. Ela caiu no correio de voz.

— E aí? É Della. — Ela desligou, e logo em seguida um calafrio percorreu sua espinha.

Algumas nuvens passavam na frente da lua, encobrindo seu brilho prateado. Ela não sabia o que era mais assustador, o brilho prateado, a escuridão sufocante ou o silêncio frio.

De repente, sentiu que não estava sozinha. Ergueu o rosto para ver se sentia algum cheiro, só para se lembrar de que seu olfato não estava funcionando bem. Desviou os olhos para a esquerda e para a direita. O par de olhos amarelos de um gambá a vigiavam. Mas não era um gambá que ela sentia.

Lembrou-se do fantasma de Chan. Seu coração ficou instantaneamente pesado. Ele estaria ali? Ela achava que ele já tivesse feito transição, mas talvez estivesse errada.

— Chan, é você? — O vento frio pareceu sugar a pergunta para a escuridão da noite.

As nuvens mudaram de lugar novamente, oferecendo a ela brilho suficiente para ver o caminho. Ouviu um leve sussurro no ar e olhou para cima, esperando ver penas. Mas só uma folha alaranjada flutuava no ar, enquanto caía. Uma folha morta.

Será que Chan tinha passado de penas para folhas? Ou ela estava simplesmente exagerando?

— Se você está aqui, quero que saiba que sinto muito. Eu não tinha a inteção de ignorar você.

A lua sumiu novamente. Da escuridão veio um som. Passos atrás dela. Chan?

Será que os passos de um fantasma faziam barulho? Uma onda de medo a percorreu. Ela lutou contra a voltade de correr. Mas lembrou-se de que era Chan. Mesmo morto, ele era seu primo. Um primo que ela decepcionara.

Ela se virou. Seu coração sacudiu quando viu a figura atrás dela. Como não conseguia sentir nenhum cheiro, o pânico fez suas presas se projetarem.

— Sou só eu — disse uma voz suave. Uma voz suave e conhecida.

— Mas que droga, Jenny! Nunca chegue de surpresa perto de um vampiro. Eu poderia ter te agredido.

— Sinto muito — disse Jenny, sem chegar mais perto. — Eu não tive a intenção... — ela olhou ao redor inquieta. — ... de me intrometer. Tem algum fantasma por aqui?

— Você está sentindo algum? — perguntou Della, a voz quase demonstrando o mesmo tremor instável da voz de Jenny.

— Não, eu não sinto fantasmas. — Jenny ficou onde estava. — Mas você estava falando com... o seu primo. Aquele que morreu. Você sente fantasmas?

— Não... não realmente. — Ela não tinha certeza de que era uma mentira. Ela tinha visto Chan, mas não sabia direito se o tinha sentido. Pelo menos não da maneira como Kylie sentia fantasmas.

— Então não tem ninguém aqui? Tem certeza? — perguntou Jenny.

— Não tem ninguém aqui. — E Della queria mesmo acreditar no que dizia.

— Que bom! — disse Jenny, aliviada. — Derek ligou pra você?

— Ele ia ligar? — Della continuou andando e, embora odiasse admitir, sentia-se melhor agora que não estava sozinha.

— Ele está com o anuário do seu tio. Encontrou os dois, sua tia e seu tio, e seu pai também.

Algo semelhante à esperança encheu o peito de Della. Ela poderia ter uma família de verdade, afinal. Ela pegou o telefone para ligar para Derek.

— Ele está na sua cabana agora. Com Kylie. Sozinho com Kylie — Jenny murmurou. — Eu vi Miranda saindo com Perry. — O tom de voz da garota era acusador.

Della, ansiosa para ver o livro, colocou o celular de volta no bolso e começou a andar um pouco mais rápido. Só depois de vários metros percebeu que Jenny tinha ficado para trás.

Della olhou por cima do ombro.

— Você não vem?

— Não — disse Jenny, batendo com a ponta do tênis no chão.

Della sabia o que estava acontecendo na mente de Jenny, e suspirou. Deixou de lado sua própria urgência.

— Olha, Jenny. Não está acontecendo nada entre Kylie e Derek.

— Você não pode ter certeza.

— Uma ova que não. Kylie está tão apaixonada por Lucas que ela não tocaria em Derek nem matando. E, para Derek, Kylie é passado. Olha, um vampiro pode farejar feromônios, e Derek não polui o ar quando está perto dela. — Pelo menos não poluía quando o nariz dela estava funcionando. — Por outro lado, quando ele está perto de você, eu mal consigo respirar.

— Mas ele admira Kylie.

— E daí? Ela é uma protetora. Eu a admiro e não estou apaixonada por ela.

Jenny fez uma careta.

— Como posso competir com Kylie? Ela é tão incrível...

— É exatamente isso que estou tentando dizer, droga! Você não está competindo. — Della teve uma ideia. — Você não vai acreditar até ver com os próprios olhos, não é?

— Ver o quê?

— Ver os dois juntos. Vê-los sem fazer nada. Deixe-me provar isso a você. Vamos ficar as duas invisíveis e entrar na cabana.

— Eu... Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não? Você vai finalmente saber a verdade. Talvez então consiga superar essa insegurança.

Jenny franziu a testa.

— Mas... mas eu não sei se consigo deixá-la invisível. Eu não tenho tanta experiência quanto Kylie. E... Burnett disse que não era para eu ficar ouvindo a conversa dos outros.

— Sim, mas você não vai ficar ouvindo a conversa de ninguém, só quer provar uma coisa. É diferente.

— Burnett deixou essa regra muito clara.

— Às vezes as regras têm que ser violadas. Além disso, você não está violando as regras quando fica correndo por aí invisível?

— Sim, mas...

— E como sabe que não consegue me deixar invisível se ainda não tentou? — Della viu a tentação nos olhos da camaleão. A menina tinha bom senso. Talvez por isso Della gostasse dela. — Venha. Vamos tentar. — Ela segurou a mão de Jenny. — Fique invisível.

— Isso é legal, mas meio estranho — disse Della. Ela podia se sentir mas não se ver. Também não conseguia ver Jenny. Ficaram na varanda olhando pela janela e ouvindo Kylie e Derek conversando sobre a mãe dele.

— Shh — disse Jenny, apertando a mão de Della.

Kylie ofereceu a Derek uma bebida e se sentaram à mesa.

— Você quer que eu ligue para Burnett e descubra se Della vai chegar muito tarde? — Kylie perguntou.

— Não, vou esperar mais um pouco e se ela não chegar deixo o livro. Podemos conversar amanhã. Eu sei que ela vai querer ver isso, embora, infelizmente, não vá revelar muita coisa agora. Mas espero que nos dê alguma pista.

Kylie assentiu.

— Então, como vão as coisas entre você e Jenny?

O aperto da mão de Jenny aumentou.

Della ficou preocupada com a possibilidade de seu plano sair pela culatra. Não que Kylie e Derek ainda sentissem alguma coisa um pelo o outro, mas ele poderia dizer algo sobre Jenny que ela não quisesse ouvir... Ah, merda. Talvez a regra de Burnett estivesse certa.

— Vão devagar... — Derek parecia desapontado.

— Você falou com ela? — perguntou Kylie. — Contou o que sente?

Della relaxou um pouco.

— Mais ou menos — disse Derek. — Eu a beijei.

— Beijar não é o mesmo que falar. Se você realmente gosta dela, precisa falar.

— E se ela disser que não está interessada, isso só vai afastá-la ainda mais. Eu não quero assustá-la.

— Eu acho que quem está com medo é você — disse Kylie. — Como Della diria, “Pelo amor de Deus, se entendam de uma vez!”.

— Eu vivo falando isso! — Della riu.

— Shh — implorou Jenny.

— O que eu devo dizer a ela? — perguntou Derek.

— Eu não sei. Por que não começa dizendo o que sente? — Kylie fez uma pausa. — O que você sente por ela?

— Eu gosto dela, gosto *muito* dela. Posso sentir as emoções de Jenny com mais clareza do que as de qualquer outra pessoa. Quero dizer, mesmo agora eu a sinto em algum lugar lá fora, se

sentindo insegura por algum motivo.

— Pare de sentir isso! — Della sussurrou.

— Eu não consigo! — Jenny retrucou. — E eles não podem nos ouvir quando estamos invisíveis, então você não precisa sussurrar.

— Mas eu estou tentando ouvir — Della rebateu.

Derek balançou a cabeça como se estivesse pensando.

— Ela é generosa e incrivelmente corajosa. Mesmo sendo nova aqui e todo mundo sempre olhando pra ela daquele jeito por ela ser um camaleão, ela lida com isso com desenvoltura e tranquilidade. — Ele fez uma pausa. — Ela é linda, mas não como aquelas garotas que sabem que são lindas. Ela é inocente, mas ao mesmo tempo está ansiosa para experimentar coisas novas. É inteligente e, às vezes, meio dona da verdade.

Ele sorriu, então suspirou.

— Eu adoro a forma como ela vê a vida. E quero estar lá para... bem, para compartilhar essas experiências novas e, claro, para ter certeza de que ela não vai se magoar.

— Isso é tão fofo! — disse Jenny, seu tom soando como Miranda quando falava de Perry sugando os lóbulos das suas orelhas.

Della se perguntou se a camaleão sabia que algumas das experiências novas de que Derek falava provavelmente eram proibidas para menores... Mas, pensando bem, isso não importava agora. Jenny estava certa. Era fofo.

Só porque Della não estava pronta para aproveitar todas as delícias de um romance isso não significava que não reconhecia que os romances tinham seu lado bom. Algum dia talvez sua vida entrasse nos eixos e ela poderia desfrutar um pouco dessas delícias também.

— Ele realmente gosta de mim! — exclamou Jenny.

— Eu te disse. Agora será que eu posso falar com Derek e ver o livro que me custou a mesada deste mês?

Às dez horas da noite Della estava deitada na cama folheando o anuário. Ela olhava para o rosto de todos os Tsang, mas especialmente o de sua tia desaparecida e do tio. Antes de ir embora, Derek tinha anotado os nomes das pessoas com quem o tio e a tia tinham tirado fotos e prometido entrar em contato com elas pelo Facebook para ver se tinham mais informações.

— É incrível quantos casos de polícia ou investigações são resolvidos por meio das mídias sociais! — ele tinha comentado.

Della começou a se sentir mal por depender tanto do *fae* e ofereceu:

— Eu poderia fazer isso.

— Se você quiser — ele respondeu —, mas precisa saber como perguntar ou pode pôr tudo a perder...

No fim, ela concordou em deixá-lo cuidar daquilo. Além disso, já tinha muito com que se preocupar.

Seu celular apitou novamente, avisando-a de que tinha chegado outra mensagem enquanto ela conversava com Derek. Ela tinha dado uma olhada na hora. Era de Steve. Mas ela não tinha lido. Não queria lê-la. Não achava que poderia ler sem morrer de saudade dele, sem ficar superchateada com ele por ter beijando Jessie e ainda mais chateada por permitir que Jessie ligasse para ele. Três vezes!

Virando a página do anuário, ela soltou um profundo suspiro. Não. Ela não estava pronta para lidar com Steve.

Talvez dali a alguns anos. Gemendo, enterrou a cabeça no travesseiro por alguns minutos antes de voltar a folhear o livro.

Numa foto de um clube de debate, ela notou um rosto familiar. Havia pessoas demais na foto para terem os nomes citados, por isso ela não tinha certeza se era o tio ou o pai. Eles tinham que ser gêmeos idênticos! Ela delineou o rosto com a unha, se perguntando se iria sentir com o tio a mesma ligação que costumava sentir com o pai.

Ou que ainda sentia. Ele é que tinha desistido dela, não o contrário.

Ela fechou os olhos novamente, a emoção apertando sua garganta.

Engolindo a dor, ela ouviu passos na frente da cabana. Droga! E se fosse Steve? Ela inspirou o ar para ver se conseguia sentir algum cheiro. Não. Seu nariz ainda não estava funcionando direito.

O coração dela se contraiu. Ainda não estava pronta para enfrentá-lo.

Capítulo Vinte e Sete

Della se concentrou na cadência dos passos. Não era Steve. Os passos eram leves demais. Pareciam... A porta da cabana se abriu.

— Tem alguém em casa?

— Aqui. — Della foi até a porta, lembrando-se de que ainda precisava se desculpar com a bruxa por se irritar, aquela tarde, com aquele papo de aura e observação de pássaros.

— Oi — cumprimentou-a Miranda, sem nem parecer chateada.

Della pensou em esquecer o pedido de desculpas — ela odiava admitir que estava errada —, mas devia isso à bruxinha.

— Sinto muito sobre o que aconteceu hoje, eu fui uma idiota.

— É, você foi. Mas tudo bem — garantiu Miranda. — Eu já disse, estou aguentando esse seu mau humor por causa de tudo isso por que está passando. Vou continuar suportando esse seu jeito por umas duas semanas, depois disso meu mindinho vai entrar em ação.

Esse meu jeito? Della conteve as palavras e se obrigou a bancar a simpática.

— Agradeço, mas ainda sinto muito.

— Eu aceito suas desculpas. — Miranda sorriu. — Kylie está em casa?

— Não, ela e Lucas saíram para dar uns amassos de fim de noite.

Miranda foi até a geladeira e pegou dois refrigerantes. Della desabou na cadeira. A bruxa lhe entregou uma lata e observou Della com um olhar atento.

Della descobriu o que a bruxa estava fazendo: inspecionando sua aura.

— Como está?

— Ainda perigosamente escura. — Parecendo preocupada, Miranda abriu seu refrigerante, mas continuou olhando para Della enquanto o som efervescente enchia o cômodo. Finalmente perguntou: — O que aconteceu entre você e Steve?

— Jessie o beijou. — Della não gostava de ter de falar sobre isso... novamente. Mas, se a bruxa descobrisse que ela tinha contado a Kylie e não a ela, ficaria chateada. Ou talvez o seu dedo mindinho entrasse em ação. E isso poderia ser perigoso.

— Então ele rompeu com você para ficar com ela?

— Não — disse Della. — Tivemos uma discussão e eu disse que não ia conseguir lidar com isso agora. — Pensando bem, ela não tinha lido a mensagem de Steve ainda. Ele podia estar dizendo que estava apaixonado por Jessie agora. Mas, mesmo chateado, ela não achava que era esse o caso.

— Ele pediu desculpas? — perguntou Miranda.

— Sim, mas...

— Mas você ainda está furiosa, certo?

Della afundou um pouco mais na cadeira.

— Sim, mas não é como se a gente estivesse namorando nem nada.

— Que bobagem! Vocês dois estavam namorando. Você só não contou a ninguém.

Della queria negar, mas não conseguiu.

Miranda tomou um gole de refrigerante.

— Você acreditou em Steve quando ele disse que Jessie o beijou? Ou você acha que ele a beijou?

— Eu acredito nele — disse Della —, mas não é esse o problema.

— O problema é que você ainda está magoada, né?

Della suspirou.

— Talvez. Acho. Sim. Merda, ainda estou mesmo.

Miranda assentiu com um ar de compreensão. Elas ficaram ali sentada num silêncio confortável por um instante, como os amigos fazem, a bruxa enrolando uma mecha do cabelo cor-de-rosa no dedo. Seus olhos se arregalaram de repente.

— Eu tenho uma ideia, mas você vai pensar que sou louca.

— Como eu já acho que você é louca, pode me dizer.

— Funcionou com Perry quando ele ficou com raiva de mim por ter beijado Jacob.

Miranda fez uma pausa, como se quisesse criar um clima mais dramático.

— Ele beijou Mandy, tivemos uma briga feia, então nos perdoamos.

Della balançou a cabeça, sem entender direito o que Miranda queria dizer com aquilo.

— Você está dizendo que quer que eu beije Perry?

— Não, não Perry. Mas você precisa beijar outro cara para conseguir superar a raiva que está sentindo de Steve.

Della revirou os olhos.

— Eu sei que matemática não é seu forte, mas ninguém nunca lhe disse que dois erros não fazem um acerto?

— Fazem se consertarem as coisas. Você realmente gosta de Steve. Sei que gosta. E ele gosta de você. Então beije outra pessoa. Ei, que tal se Chase for esse cara? Basta procurá-lo e dar um beijo bem indecente nele, o placar vai ficar empatado e você vai conseguir superar isso. Você e Steve poderão voltar a ficar juntos, a sua aura vai ficar iluminada e todos ficarão felizes. Quero dizer, ou você faz isso ou terá que optar pela observação dos pássaros. O que prefere?

Della não pôde deixar de rir.

— Desculpe, eu sei que você está apenas tentando ajudar, mas esse é provavelmente o pior conselho que já me deram.

— Observação de pássaros?

— Não! Beijar Chase!

Della ignorou Chase durante toda a manhã. Ou pelo menos tentou. Quando caminhava para o refeitório e Miranda, Kylie e Jenny conversavam no trajeto, Chase deu um passo para o lado dela e pegou-a pelo braço.

— Pode me dar um minuto, por favor? — Ele puxou-a para dentro da floresta. — Já trago Della de volta! — gritou ele para as amigas.

Della poderia ter se livrado dele, mas só conseguiu pensar na sensação fria do toque do vampiro. Isso significava que ela ainda estava com febre? Droga, ela não tinha notado a dor de cabeça ultimamente e tinha simplesmente concluído que a gripe estava melhorando. Bem, a não ser pelo seu olfato, que ainda estava falhando.

Foi então que a ficha caiu. Como a bicada de um pássaro mental. Chan tinha morrido depois de ficar doente. E se...?

Ah, que inferno, o que ela estava pensando? Estava com gripe, com um viruzinho à toa. Kevin disse que Chan tinha ficado muito doente. Della não estava muito doente. E ela não era uma hipocondríaca maluca.

Deixando de lado aquela linha de raciocínio, desviou os olhos para o grupo de amigas e viu Miranda olhando para ela com um grande sorriso no rosto. Della devolveu o olhar com uma cara feia, sabendo muito bem o que a bruxinha estava pensando. Nem morta Della iria lascar um beijo indecente no Pervertido da Calcinha! Sem chance!

Ele continuou puxando-a pelo braço e, só Deus sabia por quê, ela deixou.

— O que foi? — Della finalmente perguntou quando chegaram entre as árvores.

— Três coisas. Primeira: que horas vamos nos encontrar hoje à noite?

— Eu acho que Burnett disse para nos encontrarmos no escritório às oito. Próxima?

Ele franziu o cenho.

— Você sabe por que o grande líder com fama de mau de repente perdeu a confiança em mim?

— Passo. Próxima? — Della não queria falar sobre a falta de confiança de Burnett em Chase. Ou na sua própria falta de confiança. Ela ainda não tinha processado muito bem o fato de ter praticamente defendido Chase na frente de Burnett.

— Ele me chamou ao escritório ontem à noite e me interrogou por mais de uma hora.

— Bem, vá se acostumando. Ele faz isso com todo mundo.

— Eu não acho. Ele disse alguma coisa sobre não confiar em mim?

Por um segundo ela quase contou a ele. Contou que Burnett tinha descoberto que ele tinha mentido sobre algumas coisas. Ela abriu a boca, em seguida pensou melhor e fechou-a de repente.

Os olhos brilhantes de Chase se apertaram.

— Então, algo está acontecendo?

— Você vai ter que perguntar a Burnett. E você deveria...

— Deveria o quê?

— Falar com ele. Ele não é... Eu sei que ele às vezes age como um idiota, mas pelo menos sessenta por cento do tempo ele é justo.

— Então você costuma contar tudo a ele? — Chase perguntou, de um jeito quase suspeito.

Menos sobre o meu tio.

— Quase tudo. — Logo em seguida o som da cachoeira ecoou em seus ouvidos.

— Ouviu isso? — Della perguntou.

— Ouvi o quê?

Lamentando ter perguntado, ela retrucou:

— Nada. — Ela começou a bater o pé contra o chão de terra. — Mais alguma coisa? O que mais você quer?

— Fazer uma pergunta perigosa — disse ele, numa voz sexy, cheia de provocação.

Ela cruzou os braços e olhou para ele.

— Minhas amigas estão me esperando.

Ele pegou o celular.

— Qual é o seu número? — Ao ver que ela não falava nada, ele explicou: — Assim, da próxima vez que eu tiver uma pergunta, posso simplesmente telefonar e não terá que interromper o seu joguinho de fazer de conta que Chase não existe...

— Eu não estava...

— Você me ignorou o dia inteiro. E se esforçou muito para isso.

Ela bateu o pé um pouco mais e se sentiu infantil por agir assim, ou melhor, ela se sentiu infantil por ser pega agindo assim. Mas que escolha ela tinha? Desde que ele tinha mostrado seu interesse por ela, a última coisa que queria era encorajá-lo.

— Estou esperando... — Um toque de impaciência transpareceu na voz dele quando olhou para cima, desviando os olhos do celular. E daí se ele se sentisse ofendido?

E daí se ela se sentisse um pouco mal? Então a constatação de que ela se importava com o que ele sentia enviou uma onda de pânico através dela.

— Só me dê o seu número — implorou Chase.

Concluindo que dar seu número a ele seria melhor do que ficar ali sozinha na floresta com o vampiro, ela concordou.

— Valeu. Eu te ligo mais tarde, então você também vai ter o meu número.

Eu não preciso do seu número, ela quase gritou, mas mordeu a língua. Eles estavam trabalhando juntos, então poderia precisar do número dele. Na verdade, ela só desejava ter o número dele para saber ao certo o que ele estava aprontando. Ou se estava mesmo aprontando alguma coisa.

Antes que ela pudesse se virar para ir embora, ele estendeu a mão e afastou uma mecha do rosto dela.

Ela deu um tapa na mão dele.

Chase riu e então ficou sério.

— Como está se sentindo? — Ele enfiou a mão no bolso da calça jeans.

— Por quê? — ela quis saber, se perguntando se ele tinha notado sua temperatura.

Ele hesitou.

— Como está lidando com a morte do seu primo? — perguntou Chase, parecendo sincero.

— Estou bem. — Ela suavizou o tom de voz, desejando que ele parasse com aquela história de ser gentil com ela. Para que ela pudesse parar com aquela história de ser uma megera com ele. No entanto, ela não tinha certeza de como mostrar desinteresse sem ignorá-lo ou ser grossa. Não que esse comportamento fosse desnecessário.

Ela não confiava nele, mas estavam trabalhando juntos e ela praticamente o defendera para Burnett.

Ela não gostava dele, mas sentia pena por Chase ter perdido a família daquele jeito.

Ela sabia que ele estava escondendo coisas dela e de Burnett, mas ela não estava escondendo coisas de Burnett também?

Onde diabos tinha sentido o cheiro dele? Por que Chase iria mentir sobre isso? E se ela estivesse errada sobre ele estar mentindo? Era possível que ela tivesse sentido o cheiro dele, mas ele não tivesse sentido o dela?

Era possível.

E você está impressionada com as habilidades dele, disse uma vozinha em sua cabeça. Ela ignorou a voz, concluindo que seus sentimentos sobre aquele cara eram muito bem definidos. Preto no branco, yin e yang. O problema era que o preto estava ficando cinza e o yin, cada vez mais yang.

Não que houvesse qualquer coisa romântica acontecendo. *Ei, que tal se Chase for esse cara? Basta procurá-lo e dar um beijo bem indecente nele.*

Bem indecente. Seu olhar desceu para os lábios dele e ela se perguntou como seria... Santo Deus! Por que ela estava pensando naquilo?

— Tenho que ir — disse ela, percebendo que eles estavam parados ali, apenas olhando para a boca um do outro, como num filme idiota.

Ela só estava a alguns metros de distância quando ouviu:

— Vejo você à noite. — A expectativa era evidente na voz profunda dele e ela tinha um palpite de que não era apenas por causa do caso da UPF.

As palavras “sem chance” estavam na ponta da língua, mas ela já tinha dito aquilo a ele. Já tinha dito a si mesma também, mas só para garantir repetiu mentalmente. Então se afastou.

Saiu do bosque e viu que todas as três garotas estavam esperando por ela com uma expressão de curiosidade. Miranda, sendo Miranda, deixou escapar a pergunta primeiro.

— Fez o que eu disse?

Fazendo uma cara feia para a bruxa, ela murmurou:

— Claro que não!

— Não te disse que ela não ia fazer? — disse Kylie.

Della olhou para Kylie.

— Então ela contou a vocês o conselho que me deu? Onde é que ela arranjou uma ideia tão idiota?

— Eu acho uma ótima ideia! — rebateu Miranda.

— Eu até entendo por que poderia funcionar — Jenny acrescentou, entrando na conversa —, mas também pode ser perigoso. E se ela gostar de beijar Chase? O que isso pode significar para ela e Steve?

— Eu não ia gostar — afirmou Della. — Porque... Eu simplesmente não ia. — Ela olhou de Jenny para Kylie, esperando que as duas camaleões não tivessem os seus poderes de vampiro para ouvir seu coração pular uma batida.

— Eu não sei. Ele é um gato. — O sorriso de Kylie revelava que ela estava falando de brincadeira, só para provocar Della.

Pena que Della não estava muito para brincadeira.

— Então beije-o você. Vá em frente. Tasque um beijo de língua nele! — disse Della, acenando para a floresta.

— Não, eu já tenho o cara que eu quero. — Kylie deu uma rápida olhada para Jenny.

— Ei — Miranda entrou na conversa. — Tudo o que eu estou dizendo é que funcionou com Perry e eu. E você devia pelo menos tentar.

Della revirou os olhos.

— Vou fazer isso assim que começarem a distribuir picolés de graça no inferno. Agora, pare de falar de mim beijando Chase. Isso está me fazendo pensar coisas malucas.

— Que tipo de coisas? — Miranda perguntou com uma sobrancelha arqueada, em seguida balançou os ombros como um cão abanando o rabo.

Della rosnou bem quando o telefone tocou. Ela suspeitava que fosse Chase, deixando o seu número. Pegou o celular para verificar.

Estava errada.

— Quem é? — perguntou Miranda.

— Ninguém! — Della grunhiu, desejando que a bruxa parasse de ser tão intrometida.

— Então é Steve, não é? — disse Miranda.

Della rosnou novamente e começou a andar mais rápido, querendo fugir dos pensamentos em Steve, Chase e suas amigas curiosas.

Mas, quando seu telefone apitou com uma mensagem de voz, ela sabia que mais cedo ou mais tarde teria que enfrentar Steve. Mas como?

É incrível quantos casos de polícia ou investigações são resolvidos por meio das mídias sociais! As palavras de Derek começaram a soar em sua cabeça durante a aula de Inglês, sua última do dia. Sim, talvez fosse uma tática para não ter outros pensamentos idiotas, mas bem que vinha a calhar. Porque a ideia que tinha pipocado em seu cérebro parecia boa.

Facebook, aqui vou eu!

Ela podia não saber como abordar os antigos colegas de escola de seu pai e dos irmãos dele, mas sabia como lidar com garotas adolescentes. E talvez, apenas talvez, algo que pudessem dizer lhe desse uma vantagem sobre o assassinato de Lorraine. Sim, era um tiro no escuro. Assassinatos de vampiros eram diferentes de assassinatos diários normais. Mas não custaria nada tentar.

Como?

Fácil. Ela descobriu tudo muito rapidamente.

Quanto mais descobria sobre Lorraine, mais doía. Mais ela percebia que era um desperdício alguém tão decente, com tanta vontade de viver, ter sua vida ceifada deste mundo.

Della começou a procurar mais informações no Facebook e no Twitter, além de checar alguns jornais de bairro on-line. Descobriu que Lorraine tinha frequentado uma escola de dança em Nova York no verão. Della ainda encontrou por acaso várias fotos no Twitter do novo cachorro de Lorraine. Um daqueles de nariz achatado e orelhas grandes tão feios que só a mãe consegue amar.

Ou até o filhote fofinho ser transformado em vampiro, uma voz cínica sussurrou em sua cabeça.

Espantando esse pensamento da mente, Della solicitou a amizade de cerca de seis pessoas que afirmavam conhecer Lorraine. Felizmente, a maioria delas aceitava a amizade de qualquer um, de modo que isso foi um ponto a favor de Della. Dentro de uma hora, Della era amiga do Facebook de quatro amigas de escola de Lorraine.

Della enviou mensagens a elas, dizendo que conhecera Lorraine em Nova York no ano anterior e tinha acabado de saber que ela tinha morrido. Havia a possibilidade de uma dessas pessoas ter ido para Nova York com Lorraine e seu disfarce ser descoberto. Mas esse não parecia ser o caso.

Três das meninas responderam em uma hora e Della conversou com todas as três separadamente. Agora ela tinha três versões do que acontecera com Lorraine antes do assassinato. Della também descobriu tudo, desde a cor favorita de Lorraine até a briga que tivera com a mãe na noite em que morreu.

Muita informação, mas nada que ajudasse no caso.

— O que você está fazendo? — perguntou Kylie, entrando na cabana.

— Investigando sobre o caso.

— Daquele casal?

— Sim. — Della se perguntou por que a sua curiosidade não se estendia ao namorado de Lorraine. Talvez se identificasse mais com Lorraine apenas por também ser uma garota.

— Você vai jantar? — perguntou Kylie.

— Não, tenho um pouco de sangue aqui.

— Tudo bem, mas, se você se sentir sozinha, vá nos encontrar. Vamos acender uma fogueira às margens do lago e assar marshmallows.

— Lamento. Vou trabalhar no caso novamente esta noite.

A preocupação brilhou nos olhos azul-claro de Kylie.

— Eu gostaria que Burnett me deixasse ir com você por precaução.

Della balançou a cabeça.

— Você é uma protetora, não uma agente.

— Achei que tínhamos feito uma boa parceria na funerária. — Kylie disse enquanto se preparava para sair da cabana.

— Fizemos mesmo — Della sorriu e se despediu com um aceno, então voltou a se concentrar na tela.

Lindsey, uma das garotas, finalmente escreveu algo interessante. *Quando eu soube do acidente, juro que suspeitei de Phillip. Você sabe, jogado o carro deles para fora da estrada ou algo assim.*

Não, a menos que ele seja um vampiro, Della pensou e lembrou-se de alguém no velório falando que Phillip era o antigo namorado de Lorraine. Della digitou uma resposta. *Sim, eu ouvi dizer que eles se separaram. Mas ele não era tão ruim assim, era?*

Lindsey respondeu. *Não, no início ele não era, mas depois que entrou naquela banda, isso ferrou com tudo. Eu não sei se era droga ou o quê.*

Hmm, então Phillip tocava numa banda? E ferrou com tudo. Transformar-se em vampiro poderia de fato ferrar com tudo. Os dedos de Della pararam sobre o teclado, digitando para uma amiga e, em seguida, para outra. *Qual era o sobrenome de Phillip? Eu esqueci,* ela perguntou a Lindsey e às outras duas.

Lance, Lindsey respondeu, ela era a mais ansiosa para responder às perguntas.

Ah, sim, agora me lembro, Della digitou. *Você já o ouviu tocando na banda? Qual era o nome dela?* Ela enviou a mesma pergunta às duas meninas, achando que a banda seria um bom lugar para começar a pesquisar sobre Phillip.

Lindsey respondeu. *Ela mudou de nome várias vezes, mas o último antes de o grupo se separar era Sangue Rubro.*

Sangue Rubro? Era o nome da gangue em que Chan estava. Um arrepio percorreu a espinha de Della. Será que isso poderia ser apenas uma coincidência? Della se lembrou de Burnett dizendo que não acreditava em coincidências.

Mas como ela poderia chegar ao fundo dessa história? Seus dedos de repente coçaram com a necessidade de obter mais informações. *Eu nunca entendi por que Lorraine gostava tanto desse cara. Acho que vi uma foto do Phillip uma vez. Ele nem era bonito. Não tinha cabelo ruivo?*

Ninguém respondeu por alguns minutos. Finalmente, Lindsey digitou uma resposta. *Não, castanho. Até que era gato. Tinha uma tatuagem de caveira no pescoço.*

Merda! Desviando os olhos para o relógio do computador, ela viu as horas. Não tinha tempo para descobrir mais nada. Tinha que ir se encontrar com Chase no escritório. Considerou a possibilidade de contar a Burnett o que tinha descoberto, mas decidiu não falar nada. Ela até podia ouvir Burnett repreendendo-a por não manter uma distância emocional do caso e

lembrando-a de que era bem pouco provável que o vampiro assassino tivesse ligação direta com a vítima. Mas não se a vítima tivesse um ex que fosse vampiro.

Tenho que ir, Della escreveu para todas as três meninas e depois saiu do Face. Ela decidiu que pesquisaria sobre a banda Sangue Rubro quando voltasse. E então percebeu que Kevin, o amigo de Chan — o mesmo que a tinha levado até onde estava o corpo do primo — conhecia alguns membros da gangue Sangue Rubro. Ela tinha que falar com Kevin. Talvez ele pudesse lhe dizer se havia um Phillip Lance na gangue.

Seus instintos diziam que sim, mas era só um palpite. Palpite ou não, era uma possibilidade e ela iria investigar.

As vozes altas que ecoavam do bar silenciaram quando ela e Chase aterrissaram. Della avistou um casal aos beijos atrás de algumas árvores. Namorados? Ou seriam garotas de programa vendendo o próprio corpo? A ideia deu um nó no estômago de Della.

— A gangue está aqui — disse Chase num sussurro.

Ela assentiu com a cabeça.

— Fique por perto — disse ele.

Ela fez uma expressão descontente e eles continuaram em direção à porta. O cômodo parecia mais escuro, como se a multidão de vampiros tivesse sugado a luz do ambiente. *Todos de auras escuras,* Della pensou e inspirou, tentando ver se o seu olfato tinha voltado à ativa. Não.

— Ali — disse Chase, apontando para uma mesa vazia.

Della sentiu todos os vinte pares de olhos sobre ela. Caramba!, se as coisas dessem errado, ela e Chase estaria fritos. Ela sentiu um ar frio sob o suéter, indicando que sua temperatura ainda não estava normal. Mas agora não era o momento de se preocupar com isso.

O barman, o mesmo da noite anterior, veio andando ao longo do balcão.

— O que vão querer esta noite? Eu tenho B positivo. Vai bem com uma dose de Jack.

— Vamos só de sangue — disse Della, não querendo saber de álcool. Eles iriam precisar ficar totalmente alertas aquela noite.

O barman balançou a cabeça e saiu. Ela deu uma olhada ao redor do bar e descobriu que nem todos os clientes eram vampiros. Localizou alguns lobisomens e bruxos sentados entre eles. Portanto, nem todo mundo ali fazia parte da gangue. Quando Della fixou os olhos numa mesa com quatro pessoas, reconheceu três.

Agentes da UPF — uma delas era a agente que tinha ido ajudar na confusão dos cangurus. E aqueles eram apenas os três agentes que ela reconheceu. Só Deus sabia quantos ali também eram agentes.

Della não sabia se deveria ficar aliviada por não estarem sozinhos ou ofendida com Burnett por pensar que poderiam precisar de ajuda. Mas, depois de outro rápido olhar sobre os personagens indesejáveis ali, decidiu que Burnett poderia estar certo sobre enviar outros agentes.

— Está tudo bem? — perguntou Chase.

— Está — respondeu ela.

Um par de copos cheios de sangue pousou na mesa. A garçonete era uma jovem vampira. Ela deu uma boa olhada de cima a baixo em Chase e, pelo jeito como passou a língua nos lábios, Della diria que ela gostou do que viu. O Pervertido da Calcinha sorriu para ela e Della não teve nenhuma dúvida de que, em outras circunstâncias, ele e a garçonete terminariam a noite se amassando num canto escuro. Por outro lado, Chase não parecia o tipo que pagaria para ter sexo, e Della apostava que os serviços da garota não seriam de graça.

— Eu acho que ela gosta de você — disse Della, quando a garçonete se afastou.

Ele olhou para Della sob os cílios escuros.

— Ela não faz meu tipo.

— Que garota faz seu tipo? — ela perguntou, no mesmo instante em que desejou enfiar as palavras de volta na boca.

— Eu gosto de um desafio. Ou pelo menos é o que parece ultimamente. — Os cantos dos olhos dele se franziram ligeiramente com um sorriso, não deixando dúvidas do que ele queria dizer. — As morenas me agradam, também. Alguém que fala o que pensa. Eu nem me importo se for um pouco cabeça-dura. Uma boa briga de vez em quando e depois só deixar o sangue fluir. Assim fica mais divertido fazer as pazes.

Maldição, ela tinha começado aquela conversa, mas agora como punha um ponto-final?

— Bem, há um monte de garotas assim por aí.

— Eu não tenho tanta certeza — disse ele, arqueando uma sobrancelha. — E você? Tem um tipo que goste mais? — Ele girava o copo nas mãos.

— Não. — Ela olhou para o sangue em seu copo.

— Mentirosa.

Ela ergueu o olhar.

— Pare de agir como se você me conhecesse. Você não me conhece.

Ele deu de ombros.

— Você gosta de morenos. Alguém forte o suficiente para enfrentar você, mas não muito teimoso. Alto, um pouco musculoso. O tipo gostosão.

— Você realmente tem um ego do tamanho do Texas, não acha?

Ele sorriu.

— Eu estava descrevendo Steve. Mas obrigado.

Ela rosnou. O sorriso dele não vacilou.

— Eu talvez seja um pouco teimoso demais para você.

— Nisso você acertou.

— Mas provavelmente poderia me convencer a melhorar essa minha teimosia.

Ela revirou os olhos. Outro casal de clientes entrou no bar. Chase olhou causalmente em volta e ela viu seus ombros enrijecerem levemente. Então começou uma conversa sobre lugares que visitou. Paris, Alemanha, China. Della sabia que ele estava apenas tentando encontrar um

assunto que não os deixasse em evidência. Sabia que ele suspeitava que alguém estivesse ouvindo a conversa dos dois.

Ela ouviu com interesse e quase se esqueceu de analisar o rosto dele para saber se estava mentindo.

— Que parte da China? — ela perguntou, seu olhar agora no olho esquerdo dele.

— Xangai, Pequim, Wuhan — disse ele, e não parecia mentira.

— Está falando sério?

— Estou, e não foi só uma vez.

Chase olhou ligeiramente para a direita, como se quisesse dizer alguma coisa a ela. Só então Della ouviu os passos.

Um sujeito grande, com vinte e poucos anos, cabeça raspada, tatuado, com piercings suficientes para atrair ímãs de geladeira, parou ao lado da mesa deles.

— Ouvi dizer que você está fazendo perguntas sobre um dos meus rapazes? — O cara perguntou a Della. Pelas palavras dele, ela supôs que fosse o líder da gangue. Ela não pôde deixar de se perguntar se o líder era sempre o cara que tinha mais piercings. Ela contou oito peças de metal no rosto dele.

— É isso aí! — disse Della, tentando não olhar para o aro que pendia do nariz dele. Cara, aquilo não era um perigo quando ele estava lutando? — Ouvi dizer que um recém-criado entrou para a sua gangue pouco tempo atrás. Estou à procura de um cara de cabelos castanhos curtos.

— E por que está à procura dele? — perguntou o grandalhão, num tom abrupto.

Hora de mentir ou omitir a verdade.

— Na verdade, eu tive um breve encontro com ele. — Isso era verdade. Ele tinha voado sobre ela em Shadow Falls.

— Mas você não sabe o nome dele? Não é estranho?

— Não tão estranho assim — falou Chase, por ela, usando toda a sua habilidade para mentir. — Ela o conheceu logo depois que ele se transformou, e você sabe como um vampiro pode ficar insandecido durante as primeiras 48 horas. De qualquer forma, nem teve chance de perguntar o nome dele. Louco, né?

O Senhor Piercing não parecia muito convencido.

— Eu pensei que ela fosse a sua garota. Ouvi dizer que quase estrangulou um cara porque ele mexeu com ela.

Chase deu de ombros.

— Bem, digamos que eu esteja tentando convencê-la a ser minha garota. Ela acha que talvez sinta alguma coisa por esse outro cara. Foi um encontro casual e nada mais; uma noite com alguém não significa nada. Eu não me importo quanto ele seja bom de cama.

O quê? Chase praticamente a tinha chamado de puta! Pois seria o mesmo que dizer que ela tinha tido um caso de uma noite só com um estranho enlouquecido. Ele não poderia ter pensado numa história melhor para enganar o vampiro?

— Mas... — Chase continuou, ainda de olho no vampiro — eu acho que assim que ela bater o olho nele, vai perceber que eu sou a melhor escolha.

O líder da gangue perfurava Chase com os olhos.

— Talvez você esteja interessado em se juntar a nós...

— Eu não sou muito de andar em grupo — Della respondeu.

O líder da gangue olhou para Della.

— Na verdade, estamos mais interessados no seu amigo aqui. Mas, se você estiver disposta a ser tão fácil assim comigo também, pode acabar me convencendo.

Ela rosnou.

— Ei! — Chase interveio, parecendo um pouco exaltado. Mas com que direito? Ele era o culpado por começar aquilo. — Ela não foi assim tão fácil comigo — disse Chase. — É por isso que estou meio curioso para conhecer esse cara e ver o que ele tem que eu não tenho.

O líder da gangue pareceu ter engolido a mentira. Della não sabia se ficava feliz ou com raiva.

— Bem, estou curioso para ver que tipo de músculo você tem. Ver se é tão forte e rápido quanto estão dizendo por aí.

Chase recostou-se na cadeira.

— Diga o que você tem a oferecer. Você nos consegue um encontro com o seu novo membro, e você e eu podemos ver quem é o melhor numa luta amigável, um contra um, num beco qualquer.

— Que tal fazer isso agora? — O vampiro carregado de piercings projetou suas presas e Della sentiu que o seu convite para uma luta não era tão inocente assim.

Ah, mas que porcaria! Isso não ia acabar bem.

Capítulo Vinte e Oito

Della desviou os olhos para a mesa de agentes. Pelo menos não estariam sozinhos.

— Melhor não — disse Chase, mantendo a calma, mas com os olhos visivelmente mais brilhantes. — Eu gosto mais da minha ideia.

— E eu não. — O líder da gangue encarou Chase. — O que te deixa mais a fim de testar os punhos? Se eu mexer com a sua putinha aqui?

— Não — Della rebateu, não gostava de ser chamada de putinha ou ser usada como isca, mas estava mais furiosa ainda por ser vista como alguém que não podia travar suas próprias batalhas. — Isso *me* deixaria mais a fim de testar os *meus* punhos. Então você morreria de vergonha por levar uma surra de uma garota. — Ela deixou suas presas se projetarem e olhou para a mão que ele estendeu.

— Nada de briga, Luis! — o bartender gritou. — Esse é o nosso negócio. Você ainda não pagou os prejuízos do último quebra-quebra que seus caras começaram aqui.

O cretino fez um gesto obsceno com o dedo médio para o bartender, depois voltou a se concentrar em Chase.

— Agora vejo por que você gosta dessa bonequinha. Ela tem atitude e não é nada feia também.

— Temos um acordo ou não? — Chase fervia, já não fazia questão de ser simpático. — Traga o cara para uma conversa e a gente vai lá pra fora, o barman não vai implicar.

— Vamos ver — disse ele. — Vou fazer alguns telefonemas e ver se o meu novo membro está interessado em vir ver seu amor perdido. — Luis, pois obviamente esse era o nome dele, olhou para Della. — Mas você sabe, considerando que seja um recém-criado, há uma boa chance de ele nem se lembrar de você. Isso não vai partir o seu coraçãozinho?

— É melhor que se lembre. — Della tentou esconder o veneno na voz.

Três minutos depois que o brutamontes se afastou da mesa, Chase voltou a falar sobre suas viagens. Só parou quando o telefone de Della apitou com a chegada de uma nova mensagem. Ela checou, esperando que não fosse Steve novamente. Não era.

Saiam do bar! Agora! Burnett escreveu.

Ela passou o telefone para Chase.

Ele não pareceu feliz, mas, quando ela se levantou, ele a seguiu. Com o canto do olho, viu os agentes observando. Que diabos estava acontecendo?

— E o nosso acordo? — perguntou Luis, do bar.

— Já voltamos! — gritou Chase. — Só vou drenar o lagarto.

— E ela vai segurá-lo pra você? — alguém no bar perguntou.

Risos explodiram.

Della saudou os presentes com o dedo do meio.

Eles saíram para a noite escura. Chase correu até os fundos do edifício, à margem da floresta. Levantou o nariz, farejando o ar, verificando se havia alguém nas proximidades.

Não detectou ninguém, pelo visto, porque perguntou:

— Mas que merda está acontecendo?

— Não sei — respondeu Della. — Mas Burnett não fala nada à toa.

— Ele não pode nos enviar numa missão e então nos mandar recuar!

— Pois ele acabou de fazer isso. E...

Chase pressionou dois dedos sobre os lábios dela e acenou com a cabeça para a floresta, puxando-a mais para perto do prédio, longe do brilho da lua.

Della tentou detectar algum cheiro, mas não conseguiu. Porém, quando sintonizou a audição, ouviu vozes. Muito próximas. E elas estavam vindo de duas direções diferentes. Não havia nenhum lugar onde se esconder. Eles poderiam ter corrido, mas agora já era tarde demais.

Della viu um grupo de quatro sujeitos saindo das árvores à sua esquerda. Outros dois vinham pela direita. Tinham o rosto voltado para cima, como se já tivessem detectado seus rastros. De fato, já era tarde demais. E se estivessem com a gangue, isso podia significar problemas. A única ideia que Della teve foi passar despercebida. E a única maneira de fazer isso era...

Ela se virou, colocou os braços em torno de Chase e o beijou. Um beijo quase indecente. Os lábios dele eram frios, mas macios e úmidos. Tinha um gostinho de hortelã, como se ele tivesse acabado de escovar os dentes. E algo naquele gostinho a tinha feito quase esquecer o motivo que o levara a beijá-lo.

Se houve alguma hesitação da parte dele, durou uma fração de segundo. Os braços a enlaçaram, a palma das mãos pousaram na curva da sua cintura, em seguida deslizaram pelas suas costas. Em seu abraço e total envolvimento, ele a girou de forma que ela ficasse de costas para os vampiros que se aproximavam.

Della ouviu risos e um dos caras disse:

— Essas putas estão sempre ocupadas.

Um sentimento de fúria encheu seu coração, mas rapidamente desapareceu quando o doce calor do desejo se espalhou pela sua barriga. Ela percebeu que suas mãos estavam no peito dele, a sensação do seu corpo rijo fazendo seu coração bater mais rápido. As mãos de Chase deslizaram para cima e para baixo, acariciando suavemente as laterais dos seios. Então seu polegar roçou no mamilo rijo. Ela quase gemeu. E teve certeza de que ouviu um suave murmúrio no fundo do peito dele.

Era tudo encenação, ela disse a si mesma, mas seu corpo respondia ao toque dele e a cada centímetro do seu corpo firme e delicioso contra o dela.

Pare com isso. Pare com isso!, disse a si mesma, tentando lutar contra a paixão que crescia dentro dela.

Com os poucos neurônios que não estavam anestesiados com o beijo, ela ouviu os passos do grupo de vampiros se distanciando. Eles mal tinham passado pelo edifício quando Chase se afastou. Seu olhar encontrou o dela e ela viu o calor em seus olhos brilhantes. Brilhantes por causa do perigo ou do beijo, ela não sabia. Então, sem fôlego, ele pronunciou:

— Uau!

Ok, então provavelmente era por causa do beijo.

Outra voz soou à distância, e sem dizer uma palavra ele pegou a mão dela e começou a correr feito louco. Puxando-a com ele. Sem aviso, os pés dela se ergueram no ar e Chase começou a arrastá-la com ele.

Não que as solas das botas dela tivessem saído do chão; ela se sentia flutuando desde que a boca de Chase encontrara a dela. Por fim, a sensação de perigo aumentou e o desejo, por maior que fosse, foi varrido com o vento. E seu primeiro pensamento foi o quanto aquela ideia do beijo tinha sido ruim.

Eles não tinham passado a primeira fileira de árvores quando ouviram alguém gritar:

— Aonde diabos pensam que vão? — Ela reconheceu a voz do líder da gangue.

E ele estava muito perto.

Chase moveu-se mais rápido, ainda segurando a mão dela. Ela tentou se equilibrar, tentou sustentar o próprio peso, mas simplesmente não era tão rápida. Ouviu o som inconfundível dos vampiros atrás deles.

Chase corria em ziguezague entre as árvores, como se quisesse que os vampiros perdessem seu rastro. Ela ainda ouviu vozes à distância. Depois disso, tudo o que viu foi Chase pegando-a nos braços, segurando-a contra seu corpo e voando como o vento. As árvores se tornaram um borrão. Ela já não sabia ao certo o que era céu e o que era terra. Para cima, para baixo, sobre um galho, embaixo de outro, ele avançava mais rápido do que ela julgava ser possível.

Sentiu picadas na pele enquanto eles cortavam o ar. Ela teve que enterrar o rosto no peito dele para evitar que os olhos ardessem.

Ela podia não ser capaz de detectar qualquer rastro, mas com a proximidade, colada a ele, podia sentir o cheiro do vampiro novamente. O mesmo aroma picante de sabonete masculino e o cheiro natural da pele que a cercara quando eles se beijaram invadiram novamente seus sentidos e confundiram sua cabeça. Um aroma fresco. Limpo. Maravilhoso. Ele devia ter tomado banho pouco antes de encontrá-la.

Ela sentiu o rosto dele pressionado contra a cabeça dela. Seriam seus lábios em sua testa?

As palavras de Chase soaram no seu ouvido.

— Vou voar em círculos para ter certeza de que não vão conseguir seguir nosso rastro até Shadow Falls.

Ela não respondeu. Não achou que ele esperasse resposta.

Um minuto depois, talvez dois ou, sabe-se lá, talvez cinco — ela perdeu a noção do tempo —, ele aterrissou. O coração dela batia no peito, ou será que era o coração dele que ela sentia? Chase segurou-a até que tocassem o chão, mas mesmo depois não a soltou. Ela abriu os olhos e viu que eles estavam perto de um lago. Não, não era qualquer lago, mas o lago de Shadow Falls.

Ele ergueu o rosto no ar como se para garantir que não tinham sido seguidos. Só então olhou para ela. Seus olhos verdes brilhantes sorriam. Chase parecia feliz consigo mesmo. E tinha razão. Onde diabos ele aprendera a voar daquele jeito?

— Tudo bem? — ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, precisando engolir a saliva antes de falar.

— Me coloque no chão.

Ele a baixou devagar, mas antes que sua mão esquerda se afastasse da cintura dela, ele a puxou contra si. Sua boca encontrou a dela. Suave. Úmida.

Dessa vez, ele tinha um gosto diferente. Ainda melhor.

Ele tinha um gosto de perigo. Tinha o gostinho de algo que ela nunca provara antes.

Tinha gosto de... algo proibido.

Ah, mas que inferno! Ele era proibido. Dando um chute rápido e certeiro nele mentalmente, ela se afastou. Bateu as duas mãos no peito do vampiro e o empurrou. Ele caiu sentado no chão.

— Pare com isso!

— Você é que começou — disse ele, e sorriu.

Sorriu. Como ele ousava sorrir quando...? Ela rosnou.

— Eu só fiz aquilo para que pensassem...

— Que estávamos prestes a arrancar a roupa.

— Então eles não pensariam...

Lasque um beijo em Chase. Ela ouviu a voz de Miranda.

— Eu só fiz aquilo porque... — *Talvez porque aquela bruxa maluca colocou isso na minha cabeça*. E se Miranda tivesse colocado uma maldição nela? Não, ela não teria feito isso, mas não importava, apenas o fato de ter cogitado aquela ideia já tinha causado um belo estrago. Um estrago e tanto. Della não queria gostar dos beijos de Chase. Não queria querer... Era isso, ela ia torcer o pescoço de Miranda.

Ela virou-se e saiu. Chase a seguiu. Seus passos encheram a noite.

— Ei, precisamos conversar.

— Não! — ela retrucou, e seguiu para o lago. Mas estava tão confusa que nem sabia direito qual era a trilha para a sua cabana.

— Não fuja!

— Eu não estou fugindo — ela sibilou. — Estou andando.

— Della? — Chase chamou.

Andando para longe de você. Ela olhou os próprios pés para confirmar se era verdade, e antes que olhasse para a frente, trombou com um peito sólido. Maldito seja Chase e sua velocidade!

Sem pensar, cega de fúria, ela colocou as mãos no peito o vampiro. Deu um grande empurrão e ele bateu o traseiro no chão novamente.

Então ela ouviu. Ouviu os passos de Chase atrás dela. Mas, se ele estava atrás dela... De quem era aquele peito que ela tinha acabado de empurrar?

— Por que diabos você fez isso? — perguntou Burnett, levantando-se de cara feia e com os olhos brilhantes de irritação.

Incapaz de falar, ela apenas o encarou.

Então jurou que o líder do acampamento levantou o rosto para farejar o ar. Maldição! Ele provavelmente detectava feromônios. E, sim, ela provavelmente estava exalando alguns.

Nunca iria admitir, mas ela não podia negar que tinha gostado do beijo. Queria insistir que tinha sido só... o perigo, a situação.

Mas ela não podia negar.

Tinha gostado.

— Qual o problema, droga? — perguntou Burnett novamente.

— Nada... Eu não sabia que era você.

— Como não saberia?

— Porque... — Ela ouviu Chase dar um passo e ficar ao lado dela. *Eu estava entorpecida pelo beijo dele. Porque meus sentidos estão falhando*. Com um suspiro profundo, ela afastou o beijo para a parte de trás do compartimento de problemas do seu cérebro e evocou a adulta que havia dentro de si para pensar sobre o caso.

— Porque estou chateada. Por que você nos fez recuar?

— Assim que o líder do grupo deixou a mesa, ele ligou para alguém e disse para convocarem toda a gangue. Eles tinham planos de subjulgar vocês.

— Como sabe disso? — Chase perguntou, agora tão perto que ela sentiu o quadril dele ao lado dela.

— Burnett tinha agentes lá — respondeu Della, olhando para o líder, mas nem um pouco disposta a olhar para Chase. Ainda não. Ela só precisava de mais alguns segundos para tirar o beijo de sua mente. Infelizmente, a maldita lembrança enterrou suas garras e se agarrou ali, recusando-se a ser deixada de lado. A sensação dos lábios dele contra os dela. O cheiro que ele tinha. A forma como seus lábios tinham...

— O quê? — perguntou Chase. — E nenhum de vocês dois achou que eu precisava saber disso?

— Eu não sabia. Só soube quando os vi lá — explicou Della, olhando rapidamente para ele. Seu olhar deslizou para a boca, ainda molhada. Ela desviou o olhar.

— Por que você não contou pra nós? — Chase perguntou a Burnett.

O líder do acampamento não reagiu à atitude autoritária de Chase. Respondeu com calma.

— Eu nunca envio novos agentes para campo sozinhos, se há uma chance de que a situação se complique.

— Eu daria conta — disse Chase.

Della odiava concordar com Chase, mas depois de ver quão rápido ele podia voar e de vê-lo enfrentar o valentão na noite anterior, ela não tinha certeza de que era exagero. Havia alguma coisa de que ele não desse conta? Lutar? Voar? Beijar?

— Talvez — disse Burnett. — Mas era um risco que eu não estava disposto a correr. O que importa é que o pegamos. O recém-criado, um tal de Billy Jennings, apareceu segundos depois que vocês partiram. E o líder da gangue perguntou a ele sobre o encontro com Della. — Burnett olhou para ela. — Quando ele foi embora com os outros vampiros, meus agentes os seguiram e eu acabei de saber que eles conseguiram detê-lo. Ele está sendo levado para...

Della parou de ouvir. *Eles o pegaram!* Uma sensação de alívio caiu sobre ela como uma chuva fina. *Nós o pegamos, Lorraine*. Della não sabia por que sentia como se a garota pudesse ouvir seus pensamentos — droga, ela realmente esperava que não pudesse —, mas disse de qualquer maneira. *Pegamos o desgraçado que fez aquilo com você.*

— Vou precisar que vocês confirmem se foi mesmo o cheiro dele que sentiram aquela noite.

Merda! Um ataque de pânico começou a crescer dentro dela. Se o seu olfato ainda estivesse de férias, como ela iria saber com certeza se era ele? Mas se dissesse a Burnett que aceitara a missão sem ter todos os seus sentidos em perfeitas condições, ele a faria em pedacinhos!

Se não ela, sua carreira com certeza.

Burnett abriu uma porta e fez sinal para que Della e Chase entrassem numa salinha. Pintado de cinza fosco, o cômodo parecia sombrio. Triste. Uma parede era de vidro, por onde era possível ver outra sala.

Uma sala vazia.

— Eles vão trazer o suspeito daqui a pouco — disse Burnett. — Vocês poderão vê-lo, mas ele não poderá ver vocês. E há dutos de ventilação, portanto vocês dois poderão sentir o cheiro dele.

Deveria poder sentir, Della pensou.

— Eu já volto. — Burnett saiu. O clique da porta se fechando mexeu ainda mais com os nervos dela. Nervos que já estavam à flor da pele.

— Você está bem? — perguntou Chase, como se estivesse captando as emoções dela.

Ela assentiu com a cabeça e tentou deter a tagarelice em sua cabeça. Inspirou, testou o ar, esperando ver se seu alfato estava novamente em perfeitas condições. Nada. Ela não conseguia nem sentir o cheiro de Chase.

Um barulho veio do outro lado do vidro. Uma agente trouxe um garoto para a sala e apontou a cadeira para ele. Não um garoto qualquer, ela lembrou a si mesma, mas Billy Jennings, o suspeito. Muito possivelmente a pessoa que tinha matado violentamente Lorraine e o namorado.

Della inspirou novamente, esperando captar o cheiro dele. Ainda nada. Seu estômago se contraiu.

Ela olhou para o rosto de Billy. Lembrou-se de ter tentado identificar um assassino antes, mas nem em um milhão de anos teria escolhido aquele. Tudo bem, ele tinha cabelo castanho e curto,

mas parecia mais jovem do que ela e com uma aparência tão pacata que ele podia muito bem pertencer à banda marcial do colégio — podia ser alguém que tocava trompete ou clarinete.

Ele exalava inocência. Suas bochechas eram ainda rosadas como as de um garoto de um comercial de sucrilhos. O tipo de adolescente que nunca tinha provado cerveja, muito menos sangue.

Ela sentiu Chase olhando para ela e sabia qual era a pergunta que ele estava prestes a fazer.

Ela já tinha decidido que não iria mentir. Não podia. Até podia esconder de Burnett que seu olfato estava uma droga, mas não acusaria ninguém sem provas.

— O que você acha? — ele perguntou.

Ela olhou para Billy. Ele parecia estar com medo, muito medo. Lembrou-se de como ela mesma se sentira na semana em que foi transformada. Como ficou a vida dela quando soube que tinham lhe roubado a vida. Ela odiava a si mesma, odiava aquilo em que tinha se transformado.

Inocente. Inocente. Inocente. A palavra dava voltas na cabeça dela.

Apesar de fria, a sala de repente ficou abafada, como se as paredes estivessem se fechando sobre ela. O sangue correu pelos seus ouvidos e ela começou a sentir tontura. Tinha que sair dali.

Virou-se, abriu a porta e desceu para o saguão, até ver uma porta que conduzia para fora. Ela não respirou até sair do prédio — até que estivesse no estacionamento, a lua e as estrelas piscando lá em cima.

— Ei! — Chase tinha vindo atrás dela. — Relaxe. — Ele colocou as mãos nos ombros dela. Seu toque era frio, mas reconfortante. Ela quase queria se recostar nele. Então se lembrou do beijo. — Vai ficar tudo bem.

— Não, não vai. — Ela balançou a cabeça. — Eu não posso... Não posso fazer isso. Meu... Eu não sei se é ele. Eu não estou certa. — Então lhe ocorreu: ela não tinha que ter certeza. Virou-se e olhou para Chase. — Você sentiu o cheiro dele, também. É ele? Foi ele quem matou aquele casal?

Ele fez uma pausa, então confirmou lentamente com a cabeça.

— Sim. — Mas, mesmo em meio à escuridão, ela notou a sobrancelha esquerda dele se contraindo.

Della balançou a cabeça.

— Você está mentindo. Você não tem certeza.

— Eu posso não ter cem por cento de certeza, mas tenho certeza suficiente.

Inocente. Inocente. Inocente. A palavra começou a se repetir na cabeça dela novamente.

— Não, se você não tem certeza absoluta, então não pode acusar o garoto.

— Della, pare e pense. — Ele segurou-a pelos ombros. — Ouça o que eu vou dizer, está bem? — Só quando ela olhou para a frente, ele começar a falar. — Eu sei que é difícil ter certeza, mas ele bate com a descrição e com o *modus operandi* da pessoa que a UPF acha que fez aquilo. Antes de condenarem o garoto, vão fazer um teste de DNA, por isso, se estivermos errados, ele não vai ser condenado.

— Ele pode não ser condenado, mas até lá, vai ser acusado de assassinato. E ele vai pensar que fez aquilo, porque não vai conseguir se lembrar. — Ela sentiu a emoção apertar seu peito quando se lembrou do dia em que fora levada àquele mesmo lugar para passar por testes e provar que não tinha matado uma pessoa quando tinha sido transformada. Nunca tinha se sentido mais monstruosa do que naquele dia.

Era assim que Billy estava se sentindo agora?

— Isso não está certo — disse ela, tentando controlar o tremor na voz. — Nós não podemos acusá-lo se não temos certeza de que ele é o assassino.

— O que não está certo é ele ser solto e depois descobrirem que é o culpado. E ele terá desaparecido. Você acha que, se ele conseguir dar o fora daqui hoje, não vai sumir? Ele vai. Seria louco se não se mandasse daqui, culpado ou não. Ele não vai querer a UPF correndo atrás dele. A gangue não vai querê-lo de volta, agora que a UPF está atrás dele. Ele vai passar a vida fugindo. E, estatisticamente, quando um recém-criado mata, as chances de voltar a matar são duas vezes maiores.

— Você não tem certeza.

— Eu tenho. Já foi comprovado. Confie em mim.

— Como? Quem comprovou? Como você pode achar que sabe tanto assim?

— Isso não importa. — O músculo da mandíbula de Chase se contraiu, como se ele tivesse dito algo que não deveria dizer.

Mas aquilo importava, sim. Tudo importava. Lorraine e John importavam. Billy Jennings importava.

Chase pegou o queixo dela e forçou-a a olhar para ele novamente.

— Della, eu realmente acredito que o cheiro era dele. Confie em mim.

Ela balançou a cabeça.

— Mas você não está cem por cento certo.

— Alguém neste mundo está cem por cento certo? — Ele suspirou de pura frustração. — Olha, se ele for inocente, tudo isso só vai lhe custar um dia na cadeia. Isso pode não ser fácil, mas, se ele for o culpado, vai custar a vida de alguém. Você quer ser a responsável se ele matar de novo? Ele já não feriu pessoas suficientes?

A mente de Della voltou para a visão de Lorraine e John, as gargantas dilaceradas. Será que ela devia sua lealdade aos mortos ou a um garoto assustado que podia não ser culpado por nada além de ter sido transformado?

Inocente. Inocente. Inocente.

— Eu não posso afirmar com certeza — disse Della a Burnett dez minutos depois. Todos os três estavam sentados a uma mesa na sala ao lado. Della olhava para os dois, tentando não olhar para Billy.

Burnett não parecia feliz. Nem Chase. Mas por que ele estava tão contrariado?

Burnett apoiou-se nos cotovelos e debruçou-se sobre a mesa.

— Eu pensei que você tivesse sentido o cheiro dele.

— Eu também pensei. Mas tem alguma coisa errada. Eu... Me desculpe, eu não posso afirmar com certeza. — Ela ficava desviando os olhos do vidro entre as duas salas.

— Eu sei que é difícil, Della — disse Burnett —, mas se esse garoto fez aquilo...

Inocente. Inocente. Inocente.

— Sim, é difícil, mas esse é o problema. Eu não sei se ele fez mesmo. Eu não posso... Não tenho certeza.

Burnett soltou um profundo suspiro e olhou para Chase.

— Por favor, me diga que você pode afirmar alguma coisa — disse ele.

Chase assentiu.

— É ele.

Della observou-o piscar. Involuntariamente, ela olhou para Billy. Ele tinha lágrimas nos olhos, olhos que expressaram repugnância por si mesmo. A respiração de Della expandiu-se em seu peito e ela se levantou. Levantou-se tão rápido que sua cadeira tombou para trás, batendo no piso de ladrilho.

Inocente. Inocente. Inocente.

— Chase não está sendo completamente sincero — ela disse a Burnett. — Ele não tem certeza. Você não pode culpar o garoto pelos assassinatos. — Ela sabia como era se sentir um assassino. A dor e a vergonha poderiam acabar com a pessoa.

Burnett parecia chocado. Ele olhou para Chase.

— Isso é verdade?

— Não — disse ele.

Della não conseguia acreditar na ousadia de Chase, no atrevimento dele.

— Olhe para ele, Chase! — ela insistiu, apontando para a parede de vidro. — Ele não passa de uma criança. Você vai deixá-lo passar por isso mesmo sem ter certeza?

Chase não olhou para Della. Ele olhou para Burnett.

— O garoto é culpado.

Capítulo Vinte e Nove

— Della! — Burnett chamou-a de volta quando ela saltou do carro às pressas em direção à sua cabana, ao voltarem dos escritórios da UPF. Ela correu para o portão e pensou na possibilidade de ignorar o chamado. Mas conhecendo Burnett como conhecia, ela sabia que ele viria ao encontro dela.

Então se virou e viu o líder do acampamento acenando alegremente para Chase. Ela esperava que ele fosse para o inferno também. Pelo menos se Billy Jennings fosse inocente. *Mas e se ele não fosse?* Não que ela não tivesse considerado a possibilidade. Ela tinha, mas... tudo dentro dela dizia que ele era inocente.

Tudo. Incluindo aquela voz idiota.

— Eu sinto muito — disse Chase ao passar por ela. — Fiz o que achei certo.

Della fez uma cara feia para ele. Chave estava mentindo. Então como poderia ter feito o certo?

Burnett andou até ela e fez um sinal para que o acompanhasse até o escritório. Ah, droga, além de estar chateada, ela ainda iria levar um sermão. Não estava nem um pouco a fim de aguentar aquilo.

Precisava ficar sozinha. Já era uma hora da manhã e sua mente sempre acabava levando-a de volta aos mesmos problemas. Ela tinha beijado o Pervertido da Calcinha. E, pior ainda, tinha gostado. Estava preocupada com a possibilidade de ter o mesmo vírus que tinha matado o primo. E havia descoberto que era uma negação como vampiro. E tinha ajudado a arruinar a vida de um garoto que poderia muito bem ser inocente.

Holiday encontrou-os na entrada do escritório. Pela expressão do seu rosto, Burnett já tinha falado com ela e avisado sobre o que tinha acontecido.

— Eu sei que deve ter sido difícil — Holiday disse quando Della se acomodou no sofá. Holiday se sentou ao lado dela e descansou uma mão na barriga cada vez mais protuberante. Burnett se encostou na mesa do escritório. Ele parecia chateado, mas não tanto quanto Della. *Ou Billy*, ela pensou, só imaginando o que o garoto estava passando no momento.

— O mais difícil é ver que ele prefere aceitar a palavra de Chase em vez da minha! — Ela disse a Holiday, mas olhando para Burnett. — Mesmo depois de me dizer que sabe que Chase não está sendo sincero.

— Eu não prefiro aceitar a palavra dele em vez da sua — disse Burnett.

— Você deixou o garoto preso lá.

— Eu o deixei lá porque ele é suspeito de assassinato.

— Uau, e eu que pensei que as pessoas fossem inocentes até que se provasse o contrário.

— Eu disse “suspeito”, não assassino. Ainda não existem provas de que ele seja culpado.

— Você já podia muito bem ter essas provas se não o tivesse prendido. Ele sabe que você acha que ele cometeu um assassinato. E como não se lembra, provavelmente também acredita que é culpado. Ele é um recém-criado, já pensa que é um monstro e agora você está confirmando isso para ele.

Burnett balançou a cabeça.

— O que aconteceu com a Della que me procurou há alguns dias? Tudo o que você queria era justiça para as vítimas. Até foi ao velório da garota. Insistiu em dizer que queria pegar o filho da mãe que fez aquilo. E agora...

— Nada mudou! — ela rebateu. — Eu quero justiça — confirmou. — E se o garoto é culpado, então coloque-o atrás das grades, mas não até que ter certeza de que foi ele quem fez aquilo. Você não tem provas suficientes para prendê-lo lá. Nem Chase nem eu temos absoluta certeza, apesar do que ele disse.

Holiday estendeu a mão e tocou o braço de Della.

— Vamos manter a calma.

Della sentiu a tensão diminuir no peito, mas não o suficiente. *Inocente. Inocente. Inocente.*

Burnett passou a mão sobre o rosto e em seguida olhou-a nos olhos.

— Mesmo que Chase não tivesse reconhecido o cheiro do garoto, eu o teria mantido lá até receber o resultado do teste de DNA.

— E se ele for inocente, está sofrendo à toa. — Della fez uma pausa. — Por que você simplesmente não verifica as marcas da mordida dele, como fez comigo quando me trouxe aqui? Pelo menos agilizaria as coisas e ele não sofreria desnecessariamente.

Burnett se encolheu como se também não gostasse daquela lembrança.

— As marcas de mordidas não eram claras, as feridas eram muito profundas. — Ele suspirou alto. — Olha, Della, mesmo que esse garoto não tenha cometido os assassinatos, ele se juntou a uma gangue de delinquentes. Esse medo todo que ele está sentindo pode servir para endireitá-lo.

Ela sentiu a emoção formando um nó em sua garganta.

— Quando fala assim percebe-se que você nasceu com o vírus ativo. Não tem ideia de como se sente um recém-transformado.

— Eu sei que isso...

— Não, você não sabe! Nunca teve que se sentir um monstro. Aposto que os recém-criados entram em gangues para não cometer assassinatos, não para poder fazer coisas terríveis. Chan me disse que as gangues assumem o compromisso de fornecer sangue e só matam quando necessário.

— Eu sei disso, Della, mas meu trabalho...

— Seu trabalho é fazer justiça, e esta noite eu não tenho tanta certeza de que foi isso que aconteceu ao Billy.

— Por que você está tão certa de que ele é inocente? — perguntou Burnett.

Ela fez uma pausa ao ouvir a pergunta. Della tinha feito a mesma pergunta a si mesma e não encontrara a resposta.

— Eu não sei, mas meus instintos me dizem que ele é. — Seus instintos e aquela voz idiota em sua cabeça.

Della vacilou quando a imagem do casal brilhou em sua cabeça.

Ela olhou para Holiday.

— Lorraine voltou a vê-la? Você poderia perguntar a ela, talvez ela pudesse dizer se ele é inocente.

Holiday balançou a cabeça.

— Ela não apareceu novamente. Eu não sei se fez a passagem ou simplesmente não quis se comunicar ainda.

Della se voltou para Burnett.

— Você vai continuar a trabalhar no caso? Investigar outras pistas?

— Não temos mais nenhuma pista.

Eu tenho. Ela pensou na mensagem do Facebook que recebera de Lindsey, a amiga de Lorraine, sobre a banda Sangue Rubro.

— Lorraine tinha um antigo namorado e as amigas dela acham que ele poderia ser o assassino.

Burnett olhou para Della como se estivesse completamente louca.

— O sujeito que procuramos é um vampiro.

— Eu sei, e talvez ele seja...

— Não seguimos ninguém apenas com base num simples “talvez”. Seguimos pistas e pistas que parecem boas.

— O nome da banda...

— Você não está se baseando em nenhuma evidência concreta...

Della rangeu os dentes. Burnett já tinha uma opinião formada sobre o caso. Ela tinha que falar com Kevin.

— Posso ir embora agora?

Burnett fez uma careta e olhou para Holiday.

— Já é tarde — disse Holiday, e novamente esfregou a barriga.

— Tudo bem — concordou Burnett. — Conversamos amanhã.

Sim, eles fariam isso, Della pensou, e ela esperava que tivesse algo concreto para contar sobre Phillip Lance. Algo que ajudaria Billy Jennings.

Della estava a caminho da cabana quando pegou o telefone e procurou a mensagem de Kevin.

Ainda está em Houston? Preciso falar com você.

Ela parou de andar e fechou os olhos quando enviou a mensagem. Será que ele a leria? E responderia?

Olhando fixamente para o celular, ela viu o pequeno ícone que indicava que ela tinha uma mensagem de voz. De Steve.

Mordendo o lábio, talvez porque achasse que não deveria sentir o que estava sentindo naquele momento, ela digitou o número da caixa postal e colocou o telefone no ouvido.

Eu sei que você não está falando comigo, mas só quero que saiba que sinto muito. E embora não tenha sido eu quem começou o beijo, sei que eu ficaria chateado se soubesse que alguém beijou você. Então, fique com raiva de mim. Eu mereço, mas... droga, Della, eu gosto de você. Eu não gosto dela. É você que eu quero. Por favor, me ligue.

A emoção inundou seu coração. O que ela não daria para ele estar ali agora — apenas para abraçá-la, ajudá-la a entender toda a loucura que estava vivendo.

Ela colocou o dedo sobre o botão REDIAL e hesitou. O que ia dizer a ele?

O telefone apitou com a chegada de uma mensagem.

Kevin.

Me ligou por quê? Outro favor? Vai ter q me pagar. Estou falando em tirar a roupa.

Ele tinha acrescentado uma carinha sorridente ao lado da mensagem. Ela esperava que isso significasse que ele estava brincando. Mas e daí? Ela já tinha sido acusada de ser uma puta. Ela não era, mas ele não sabia.

Tanto faz. Onde vc está?

Perto do acampamento. Onde quer me encontrar?

Della pensou em pular a cerca — encontrá-lo em algum lugar em Fallen. Burnett teria um ataque. Ela teria que ouvir mais um sermão. Então lhe ocorreu: por que não fazer o que Chase fazia com o fulano com quem estava se encontrando em segredo e encontrar Kevin na cerca? Contanto que ele não tocasse na cerca, ninguém os pegaria ali. Não havia por que violar uma regra quando podia simplesmente contorná-la.

Ela mandou uma mensagem para Kevin e informou-lhe o local exato onde encontrá-la. *Não pule nem toque a cerca.*

Dez minutos depois, Della esperava por ele ao lado da cerca, onde o riacho passava. Sentada sobre uma árvore caída, ela abraçou os joelhos. O ar frio entrou por baixo da blusa, provocando arrepios em sua pele, o que provavelmente significava que sua temperatura não estava normal. Os ruídos da noite ecoavam à distância. Havia um coro de sapos e insetos, e algumas pequenas criaturas corriam pelo mato, tentando se manter aquecidas.

Sentindo-se sozinha, ela pegou o celular para lhe fazer companhia. Lembrou-se da mensagem de voz de Steve. Verificou suas mensagens de texto e encontrou uma dele que não tinha lido ainda.

Sinto sua falta.

Ela sentia falta dele, também. Fechando os olhos, sentindo o cansaço provocado pela falta de sono, ela encostou a testa nos joelhos. Imaginou o rosto dele. Seu sorriso. A maneira suave como ele a beijava e como o beijo tornava-se aos poucos mais e mais ardente.

A culpa se agitou dentro dela por ter beijado Chase. Ela tinha feito aquilo para proteger seu disfarce. Não tinha? Ou a semente que a bruxinha tinha plantado em sua cabeça tinha brotado e a levado a fazer aquilo?

Logo em seguida ocorreu-lhe que ela já não estava mais com tanta raiva de Steve por... por deixar Jessie beijá-lo. Magoada, talvez, mas não com raiva. Ela nem podia ficar brava que ele tivesse gostado. Ela também tinha gostado do beijo de Chase, não tinha?

Será que a ideia de Miranda tinha funcionado? Não, disse a si mesma. Dois erros ainda não faziam um acerto, mas talvez, experimentando na pele o mesmo que ele, Della percebesse que o beijo não significava que Steve não se importava com ela, ou que ele necessariamente beijaria a garota de novo.

Ela não iria beijar Chase novamente. Não iria deixá-lo beijá-la novamente, também.

Será que iria?

Não.

Levantando-se, ela voltou a olhar para o celular e a mensagem de Steve, e digitou: *Vamos conversar este fim de semana, ok*? Levou mais tempo para apertar o botão ENVIAR do que para escrever a mensagem.

Trinta segundos depois, chegou uma mensagem: *Ok. Saudade*.

Seu coração se apertou. Ele devia estar acordado, olhando para o celular. Esperando que ela escrevesse uma mensagem ou ligasse para ele. A lembrança da dor que tinha visto em seus olhos quando tinham brigado a fez suspirar. Ela digitou de volta. *Saudade também*.

Poucos segundos depois, outro alerta do celular: *Quer convesar agora? Vou ligar para Burnett e ir*.

O pânico se agitou dentro dela. Não só porque estava à espera de Kevin, mas também porque não estava completamente pronta para conversar com Steve. O que iria dizer a ele sobre Chase? Ela iria concordar em... tornar real a coisa que existia entre eles? Ou simplesmente esperaria que as coisas continuassem como estavam? Não, ela não estava pronta para falar com ele ainda.

Não. Este fim de semana. Ok?

Ok.

Ela ouviu um barulho distante e colocou o telefone no bolso. Inclinando a cabeça, concentrou-se no som leve. Passos macios se aproximavam pela trilha. Vindo do outro lado da cerca. Ao inflar as narinas, ela esperava que seu olfato tivesse retornado e ela reconhecesse o cheiro de Kevin. Não sentiu nada.

Enquanto o som de passos continuava, os ruídos da floresta ficaram em suspenso.

Nenhum pássaro, nenhum inseto, até mesmo as árvores ficaram em silêncio apesar do vento.

Tinha que ser Kevin, disse a si mesma. Mas lembrando-se de como tinha sido golpeada na cabeça não muito tempo antes, ela se levantou e ficou atrás de uma árvore. Inclinando-se um pouco para ver atrás do tronco, fixou os olhos na direção de onde vinha o barulho.

Capítulo Trinta

Della localizou Kevin andando entre os arbustos. Ele levantou o nariz, testando o ar para encontrá-la.

— Estou aqui! — Ela deu um passo para fora da fileira de árvore e começou a caminhar na direção da cerca.

Ele se aproximou, e estava prestes a encostar as mãos na cerca quando ela avisou: — Não! Eu disse para não tocar a cerca.

Ele afastou as mãos.

— Então é verdade que Shadow Falls tem alarmes?

— É.

— E você não pode simplesmente voar sobre a cerca?

— Não sem dispará-los.

— Droga! Eu nunca poderia viver num lugar assim.

— O alarme é para impedir que pessoas de fora invadam, não que as de dentro saiam.

— Certo.

Della franziu a testa.

— Olha, eu estava esperando que você pudesse me ajudar. Estou à procura de alguém que acho que pertence à Sangue Rubro.

— Por quê?

— Ele era ex-namorado da garota que eu conheci. — O fato de que a garota estava morta não vinha ao caso.

— Acho que não conheci todos eles. Só andei com essa gangue por alguns dias.

— O nome dele é Phillip Lance. Ele costumava fazer parte de uma banda. Tem cabelos castanhos. E a tatuagem de uma caveira no pescoço.

— Isso não vai me causar problema, vai?

— Não — ela garantiu.

— E o que eu ganho por fazer todos esses favores a você? — Ele sorriu.

— Eu fico te devendo uma.

— Você já me deve uma.

— Eu fico te devendo mais uma.

Ele deu de ombros.

— Eu não sei por que gosto de você. — Ele suspirou e hesitou antes de finalmente falar. — Conheci um Phillip. Não sei o sobrenome dele, mas tem cabelos castanhos. E não sei se ele tocava numa banda.

Ele olhou para a frente, como se estivesse em dúvida se deveria falar mais, mas em seguida deixou escapar: — Ele tem uma tatuagem, mas eu não tenho certeza do que é.

Tinha que ser ele. Ela assentiu com a cabeça e uma sensação de sucesso encheu seu peito.

— Obrigada. — Agora, só precisava conseguir mais uma coisa. — Onde é que eles ficam? Para que eu possa ir dar uma olhada nele.

Kevin ergueu as mãos.

— Agora você está pedindo demais.

— Por favor... — Ela não se incomodava em ter quase que implorar quando era pelo bem de outra pessoa. E dessa vez era pelo bem de Billy.

Ele hesitou.

— Olha, eu não posso dizer onde é a sede da gangue, mas há um bar sobrenatural no lado norte de Houston chamado Hot Stuff.

— Chan me levou lá uma vez — disse Della, lembrando-se de alguns fragmentos do que tinha acontecido na primeira semana em que tinha sido transformada. Ela achava que conseguiria encontrar o bar novamente se preciso.

— Bem, vários membros da Sangue Rubro frequentam esse bar. Se for lá, vai acabar topando com alguns.

Ela assentiu com a cabeça.

— Obrigada.

Ele a observou por um segundo, correndo os olhos pelo corpo dela, avaliando-a.

— Você tem namorado? — Kevin perguntou, os olhos azuis brilhando de interesse.

— Sim. — Quando o coração dela não falhou uma batida, ela percebeu que era verdade. Steve era o namorado dela. Ela não sabia como as coisas seriam depois daquele fim de semana, mas...

— Que pena. — Ele fez uma pausa. — Então, você conseguiu que Chan tivesse um enterro decente?

— Ainda não. A UPF está fazendo uma autópsia para confirmar a causa da morte.

— Tinham que fazer mesmo — disse ele. — Me disseram que foi estranho o jeito como ele ficou doente.

Della lembrou-se da preocupação de que ela pudesse, na verdade, ter o mesmo vírus que Chan.

— O que... o que você quer dizer com “estranho”?

— Eles disseram que ele não estava se sentindo bem havia um tempo. Quer dizer, ele não estava se sentindo normal quando foi para o Texas, e disseram que ele tinha umas perebas bem feias.

Della inspirou, sentindo um pouco de alívio. Ela não tinha nenhuma pereba.

Kevin balançou a cabeça.

— Você sabe que ele é o primeiro vampiro que eu já ouvi falar que morreu de uma doença. Quer dizer, perdi vários amigos em brigas de gangue e tudo mais, mas não sabia que a gente podia ficar doente.

— Existem vírus e tudo mais — disse Della, pensando que ela por acaso podia ter um. Ainda estava enfrentando uma gripe, só não sentia mais dor de cabeça. E quanto mais cedo tudo isso acabasse mais rápido seu olfato voltaria.

— Sim, mas são como um resfriadinho à toa, nada que possa matar. Quer dizer... — Kevin inclinou a cabeça para trás. — Vem vindo alguém. Até mais! — E saiu correndo.

Della inspirou, mas ainda não sentiu nada. Então ela ouviu, uma lufada de ar. Foi rápido. Rápido o suficiente para que soubesse que só podia ser uma dentre duas pessoas. Burnett ou Chase.

O Pervertido da Calcinha pousou ao lado dela e deu uma farejada do ar.

— Quem estava aqui?

— Só alguém com quem eu queria conversar — justificou Della.

Ele desviou o olhar.

— Por que você queria conversar com alguém tão tarde da noite?

— Não é da sua conta. — Ela começou a andar, em seguida virou-se para trás, decidindo que seria melhor não mencionar Jenny, mas podia contar a ele o que sabia. — A menos que você queira me dizer com quem você esteve aqui, conversando, outro dia, tarde da noite.

Chase arregalou os olhos de surpresa.

— Eu não sei do que você está falando. — Sua testa se contraiu.

— Uma ova que não sabe!

Ele parecia confuso.

— Como é que você... Ok, tudo bem, era um velho amigo. — A testa dele continuou igual, assim como os olhos. Tinha dito a verdade.

— Por que o sigilo? — ela perguntou.

— Ele não é registrado. — A expressão dele continuou impassível.

Ela acreditou.

— E agora é a sua vez — disse ele. — Por que estava se encontrando com alguém aqui a esta hora da noite? — Ele parecia preocupado. Por quê?

— Digamos que eu esteja tentando consertar a confusão que você causou. Estou seguindo outra pista do assassino.

Ela o viu inclinar a cabeça para ouvir a frequência cardíaca dela.

— É verdade, mas a resposta é muito vaga.

— Você só merece uma resposta vaga. Mentiu para Burnett sobre Billy.

— Eu acredito que o garoto seja culpado, e tenho quase certeza de que era o cheiro dele aquele dia, de modo que não é realmente uma mentira.

— E eu acredito que ele seja inocente — Della rebateu.

Chase não disse uma palavra.

— Eu já estou indo — disse ela, se afastando.

— Espere!

Ela fez parou, mas não olhou para trás. E, apesar de não querer, sua mente a levou de volta ao beijo. A como tinha se sentido ao ser abraçada e beijada por ele.

— Por quê?

— Para conversarmos.

— Você não tem nada para dizer que eu esteja interessada em ouvir. — Ela estava entre as árvores quando ouviu.

— E se eu lhe disser que sei de onde a conheço?

De todas as coisas que ele podia dizer, aquela era a que mais a interessava. Della diminuiu a velocidade e o ouviu andando até ela.

Quando ele chegou ao lado dela e não disse nada, ela falou: — Estou esperando.

— Vamos correr, então eu conto. — Ele estudou o rosto dela, como se estivesse procurando alguma coisa. O quê? O que a expressão dela poderia revelar a ele? Chase podia ouvir o batimento cardíaco dela e saber se ela estava dizendo a verdade.

— Não — ela disse, e voltou a caminhar. — Eu não estou fazendo tratos com você.

— Não é um trato. É uma corrida. Você quer saber, admita. — Desta vez ela estudou o rosto dele e não viu nenhum tique na sobrancelha nem um piscar de olhos. Não parecia certo ceder. Mas a curiosidade era grande.

Enorme.

Chase apareceu diante dela. Parou bem perto. Tão perto que ela podia sentir o cheiro dele... Mais uma vez ela se lembrou de seu perfume quando ele a abraçou e voou como o vento. Quando seus braços a seguraram com força.

— Uma corrida, uma volta ao redor de Shadow Falls... e se você responder a uma pergunta, eu conto.

Ela deu um passo para trás.

— Primeiro era apenas uma corrida, agora é uma corrida e uma pergunta.

— É uma pergunta fácil. — Ele se moveu um centímetro. — Eu quero saber se você gostou do beijo. Quer dizer, acho que você gostou. Eu sei que eu gostei.

Ela ergueu o queixo e desejou muito que pudesse dizer não.

— Então você sabe beijar, isso não significa nada.

Ele sorriu.

— Isso pode significar que posso ter sorte e roubar outro beijo.

— Nem pensar.

O sorriso desapareceu dos olhos dele.

— Então você realmente está a fim do Metamorfo, hein?

— Você disse só uma pergunta — ela resmungou.

— E uma corrida. — Ele decolou.

Della se perguntou se deveria segui-lo ou não, mas queria saber onde ela o conhecera. Ela decolou, dando tudo de si até que quase o alcançou. Ele acelerou. Ela se esforçou um pouco mais, mas não a ponto de vomitar. Já tinha feito isso demais.

Quando Chase percebeu que ela não iria se esforçar para correr mais rápido, diminuiu o ritmo. E, surpreendentemente fiel à sua palavra, quando tinham completado uma volta, ele começou a descer.

Ela aterrissou ao lado dele, um pouco sem fôlego, mas não tão vergonhosamente.

Ele olhou para ela.

— Você poderia ter ido mais rápido.

— Já é tarde — ela justificou.

Ele assentiu com a cabeça.

— Tem razão.

O celular de Della apitou anunciando a chegada de uma mensagem. Ela ignorou, achando que era de Steve. E ela não queria escrever uma mensagem de volta na frente de Chase.

— Ok, agora fala logo! — exigiu ela. — Onde é que nos conhecemos?

Chase foi até a árvore caída onde Della tinha ficado no outro dia e se sentou ali também, fazendo sinal para que se juntasse a ele.

— Apenas me diga — disse ela.

— Eu vou dizer, mas isso vai exigir uma explicação. Então, sente-se.

Ela obedeceu, mas deixou um grande espaço entre eles.

— Já estou sentada — ela disse, perdendo a paciência. — Não enrola!

Capítulo Trinta e Um

— Eu fazia parte dos Lâminas.

Dos Lâminas? Della sentiu um aperto na boca do estômago e o local onde ela tinha levado uma facada um dia voltou a doer. Chase tinha pertencido aos Lâminas. Uma gangue diferente da Sangue Rubro, mas fora da lei também. Ela e Steve tinham saído em missão para investigar se aquela gangue era do tipo que matava seres humanos como iniciação. Era. Ela tinha sido esfaqueada durante a investigação e poderia ter morrido se Steve não tivesse lhe doado sangue.

— Você é um fora da lei — disse ela em tom de acusação e se afastou um pouco mais.

— Não, eu... me juntei à gangue por uma razão.

— O que quer dizer?

Ele soltou um suspiro.

— Se eu contar, você me dá sua palavra de que vai guardar segredo? Não vai contar pra alguém? Incluindo Burnett?

Della decidiu ser sincera.

— Se isso puder colocar alguém em risco, eu não posso guardar segredo.

— Isso não põe ninguém em risco. — Ele fez uma pausa. — Fui enviado numa missão, à procura de alguém. Eu estava disfarçado, trabalhando para o Conselho dos Vampiros.

Agora ela sabia que ele estava aprontando alguma.

— Os membros do Conselho dos Vampiros são sujeitos fora da lei que se opõem à UPF.

— O Conselho não é fora da lei. Eles não concordam com todas as regras da UPF, mas não são maus.

Em seguida, outra coisa lhe ocorreu. Algo pessoal.

— Você ia deixar os Lâminas me matarem. E eles teriam feito isso se...

— Não! — insistiu ele. — Eu impedi que seguissem você e Steve naquela noite. O incêndio que Steve começou apenas serviu para atrasá-los.

Será que ele estava dizendo a verdade? Parecia que sim, mas...

— Por que você está aqui? O Conselho dos Vampiros está tentando acabar com Shadow Falls?

— Não. Eles veem este lugar como uma coisa boa.

— Então *por que* você está aqui?

Ele hesitou novamente.

— Eu ainda estou procurando uma pessoa.

— Quem?

— Isso eu não posso dizer.

— Se você encontrar essa pessoa, vai fazer algum mal a ela? — Ela estudou os olhos verdes dele.

— Não, estou tentando ajudá-la.

A sinceridade era evidente em sua voz.

— Ela está aqui?

— Eu não posso responder isso também. — Chase se inclinou para trás.

De repente, uma outra questão lhe ocorreu.

— Por que você está me contando isso?

A expressão dele mudou e algo lhe dizia que ele ia mentir.

— A verdade. Diga-me a verdade.

A mão dele, descansando na coxa, se contraiu.

— Porque provavelmente você vai descobrir.

— Como?

Ele balançou a cabeça.

— Eu não posso dizer mais nada. — Uma mecha de cabelo castanho caiu sobre a testa dele e ela teve o insano desejo de afastá-la. Ela cruzou as mãos para resistir ao impulso.

E suspirou de frustração. Ela tinha realmente dado a sua palavra de que não contaria nada daquilo a Burnett?

Della precisava de mais informações antes de decidir se isso era algo que Burnett precisasse saber.

— Por que você está tentando entrar para a UPF?

— Eu não estava. Na verdade Burnett é que me procurou. Ele ficou impressionado com a minha força e velocidade, e eu pensei que poderia ajudar a capturar o assassino.

— Pensou errado — disse ela. — A culpa é sua por Billy ainda estar preso. Ele não é o assassino.

— Não é só culpa minha, Della. Pense. Burnett não confia mais em mim, o que significa que ele não teria mantido o garoto preso com base só na minha palavra se não acreditasse que ele pode ser culpado.

— Então vocês dois estão errados.

Chase se inclinou e seus ombros quase se tocaram.

— Ok, se estou errado, me dê uma chance de fazer isso direito. Diga-me quem você pensa que fez isso. Vou ajudar a encontrá-lo.

Ela se afastou dele. Aquela proximidade a deixava nervosa.

— Por que eu iria contar alguma coisa a você agora?

Ele franziu a testa como se estivesse ofendido.

— Então eu lhe digo a verdade e agora você não confia mais em mim?

— Sim, só agora você está me dizendo a verdade. Você tem escondido coisas de mim o tempo todo.

Ele balançou a cabeça.

— Você é durona.

— Eu sou sincera — discordou ela. — Algo que você deveria ter tentado ser desde o início. — Ela se levantou do tronco de árvore, espanou a parte de trás da calça e começou a andar.

— Ei! — Alguma coisa na voz dele a fez se virar.

Ele ficou bem atrás dela. Tão perto que a respiração dos dois se misturou no ar da noite. Aquilo trouxe as lembranças do beijo de volta.

— Continue correndo, ok? Uma ou duas vezes por dia.

Por que aquele cara achava correr algo tão especial? Pensando bem, talvez ela também achasse, se pudesse correr e voar tão rápido quanto ele.Ela inclinou a cabeça para trás, percebendo que o tom de voz e as palavras dele soavam como um conselho de despedida.

— Você está indo embora? — perguntou ela.

— Eu não tenho escolha. — Ele deu um meio sorriso, que brilhou em seus olhos, mas não tocou seus lábios. — Eu acho que não confio em você também. Você vai contar a Burnett.

Ela não tinha tomado aquela decisão ainda.

— Eu estou pensando. Mas, tem razão, minha lealdade em primeiro lugar é com a minha escola.

Ele riu.

— Você é sincera, hein?

— Você deveria tentar algum dia. — O sarcasmo soou alto na voz dela.

— Eu tentei. Agora mesmo, e não funcionou muito bem. — Ele olhou para ela enquanto os segundos se passavam lentamente. — Não se preocupe, não culpo você. — Ele tirou uma mecha de cabelo do rosto dela.

Ela quase bateu na mão dele, mas se segurou.

— Steve é um cara de sorte. — Seus dedos pousaram na bochecha dela e algo que parecia pesar encheu seus olhos verdes.

Antes que ela percebesse o que Chase pretendia fazer, ele a beijou. Não como antes. Não o mesmo beijo sensual e ardente.

Esse foi breve e doce. Seus lábios macios nos dela se afastaram rápido demais.

Era um beijo de despedida.

Ele se virou e começou a se afastar. Ela viu seus ombros largos desaparecerem entre as árvores.

Ela não gostava dele, disse a si mesma. Então por que seu coração estava tão pesado? Por que queria chamá-lo de volta?

Ok, ela gostava dele. Um sentimento sem nenhum cabimento. Parte admiração, parte... ela não sabia definir. Mas não era o mesmo que sentia por Steve. Talvez ela sentisse pena de Chase por

ter perdido a família tão jovem. Ou talvez fosse pelo jeito protetor com que ele tinha cuidado dela no bar.

Ou talvez... Ah, mas que inferno!, por que ela estava tentando analisar aquilo? Ele estava indo embora. E mal tinha deixado uma marca na vida dela.

Então ela percebeu que as pegadas recentes dele não estavam indo na direção da cerca, mas de volta ao acampamento. Ele estava mesmo indo embora ou tinha mentido na esperança de ganhar outro beijo?

Ela não iria deixar aquilo passar em branco. Droga de Pervertido da Calcinha!

Olhou para o celular para ver quem tinha mandando uma mensagem. Era Kevin.

Ela ligou para ele. Tocou duas vezes.

— Alô?

— Sou eu, Della.

— Como você... — A ligação começou a falhar. Ele devia ter uma péssima operadora.

— Me ligue de volta. — A linha ficou muda.

Confusa sobre Chase, ela virou-se para ir embora. Algo roçou contra seu rosto. Ela chegou até a pensar que alguma ave tinha acabado de fazer cocô sobre ela, mas não tinha. Quando pôs a mão, viu que era uma pena.

Ela parou no meio da floresta escura, sentindo o ar da noite mais frio. Olhando para o bosque espesso, procurou um fantasma magricela de olhos puxados. Deu uma volta completa e observou as sombras.

Nenhum fantasma.

Talvez não fosse um sinal de Chan. Ela olhou para o céu, salpicado de estrelas que piscavam de volta para ela. A lua, que dali a duas noites estaria cheia, pendurada no céu. Outra pena caiu em espiral na frente do seu rosto. A pena girou em círculos — uma vez, duas — e pousou aos seus pés.

Chan ainda estaria ali. Por quê? Será que a presença do primo ali tinha a ver com o assassino de Lorraine? Como eles faziam parte da mesma gangue, aquilo até fazia sentido.

— É isso que você quer me dizer? — ela deixou escapar no vento frio. — Pare de mandar essas malditas penas e me diga!

Já passavam das três da manhã quando Della chegou à cabana. Mesmo exausta, mal dormiu aquela noite, pensando em Chan, preocupada com Billy e querendo descobrir como proceder para investigar Phillip Lance. E mesmo sem desejar, pensou em Chase. Será que ele realmente estava indo embora? E por que diabos ela se importava com isso?

Quando o sol finalmente invadiu seu quarto, a sua vontade era puxar as cobertas sobre a cabeça e dormir. Colocando a mão sobre os olhos, percebeu que a dor de cabeça estava de volta. No entanto, depois de ter faltado ao ritual matinal dos vampiros muitas vezes, ela se forçou a sair da cama. Obrigou-se a se vestir. Mas cansada demais até para escovar os cabelos, prendeu-os

com uma fivela. O resultado foi algo quase no estilo Medusa. *Dane-se*, pensou. Alguém que se atrevesse a dizer alguma coisa!

Ela foi até a clareira onde os vampiros sempre se encontravam. O sangue estava sobre as mesas e todos estavam sentados em volta, conversando. O burburinho fez sua cabeça doer ainda mais. Chris veio na direção dela — até mesmo os passos dele soavam alto na sua cabeça. Ele parou ao seu lado.

— Você está com uma cara de merda.

Ok, alguns se atreveriam a dizer alguma coisa, mas ela estava ocupada demais, olhando em volta à procura de Chase, para se incomodar com Chris. Ela até conseguiu emitir um grunhido fraco para ele.

O vampiro loiro soltou uma risada. Ela lhe lançou um olhar fulminante e ele riu ainda mais alto, mas o humor deixou seus olhos quando Burnett surgiu ao lado dele. Sem dúvida, a expressão do líder do acampamento era mais contrariada do que a dela.

— Vamos dar uma volta. — O tom de Burnett era sinistro.

Della esperava que Chris respondesse, quando, de repente, percebeu que Burnett não estava falando com o vampiro. Maldição. E agora?

Antes que saíssem do alcance da voz dos outros vampiros, Della já tinha uma boa noção do que se tratava. Chase.

— Você viu Chase depois que saiu do escritório ontem à noite?

Às vezes ser sincero não era tudo aquilo que se dizia.

— Sim. — Era a hora da decisão. Contar ou não contar. Ela não sabia muito bem por que sentia um pingo de lealdade pelo Pervertido da Calcinha, mas sentia. Ele tinha deixado em seu peito uma emoção indesejada.

— Ele mencionou que estava deixando Shadow Falls?

— Mais ou menos.

— E você não acha que deveria ter me avisado?

— Eu não tinha certeza se deveria acreditar nele. Pensei que iria encontrá-lo aqui esta manhã.

O vinco de preocupação entre as sobrancelhas de Burnett se aprofundou.

— Ele disse para onde estava indo?

— Não.

— O que ele disse?

Era uma pergunta direta e que ela se sentia obrigada a responder.

— Ele me disse de onde nos conhecemos. Ele fazia parte da gangue dos Lâminas quando Steve e eu fomos investigá-los disfarçados. — Ao ver que Burnett não dizia nada, ela decidiu que era hora de soltar a bomba. — Ele disse que trabalhava para o Conselho dos Vampiros.

— Eu já sabia — disse Burnett.

Della olhou para ele e interpelou-o com as mesmas palavras que ele usara.

— E você não acha que deveria ter me avisado?

— Isso é diferente.

— Sim. A diferença é que você espera que eu seja completamente sincera com você, enquanto você faz exatamente o contrário.

A carranca dele se aprofundou.

— Mas como você não é sincera comigo, o seu argumento de nada vale. — Ele passou a mão no rosto.

— Se ele fosse embora, eu tinha planejado contar a você — garantiu ela.

— E já seria tarde demais para eu fazer alguma coisa — ele sibilou.

Della não podia discordar.

— Como ele saiu sem disparar o alarme?

— Ele não pulou a cerca. Ligou no meio da noite e disse que tinha que ir ver um velho amigo que estava em apuros. Eu acreditei. Mas... considerando as minhas suspeitas, eu mandei alguém segui-lo.

— Então você não o perdeu de vista. Qual é o problema?

— Ele despistou o agente.

— Ele é rápido.

Burnett assentiu.

— Quando fui à cabana de Chase esta manhã, as coisas dele tinham desaparecido. — Burnett hesitou. — Ele disse mais alguma coisa?

— Só que estava procurando alguém.

— Quem?

— Ele não disse. — Della soltou um suspiro. — Mas, considerando que ele foi embora, eu suponho que não tenha encontrado essa pessoa aqui.

— Então por que ficou tanto tempo? E por que concordou em ajudar a desvendar o caso?

— Eu também me perguntei isso. Ele disse que foi você quem sugeriu. E como é bom no que faz, achou que poderia ajudar a encontrar o assassino. Talvez tenha sido por isso que ficou.

— Você acredita nele ou acha que ele tinha algum motivo oculto para estar aqui?

Ela debateu mentalmente a questão por alguns segundos.

— Eu não tenho certeza absoluta, mas acho que acredito nele. — Ela esfregou a têmpora, que ainda latejava. Não uma dor aguda, mas forte o suficiente para incomodar.

Quando ela olhou para a frente, viu que Burnett a encarava.

— O que foi?

— Chris está certo, você não parece bem. Anda se sentindo mal?

Ela sorriu.

— Chris disse que eu estava com uma cara de merda.

Burnett arqueou uma sobrancelha.

— Holiday fica em cima de mim por causa da minha boca-suja. Disse que muitos alunos estão falando palavrões, especialmente os vampiros. Que sou má influência para eles. — Ele olhou

para ela como se a acusasse de ter uma boca-suja também.

— Mas que coisa mais feia! — Della sorriu, achando engraçado que o vampiro fodão levasse bronca por causa dos palavrões que falava. Quando ele não reagiu à piada dela, ela ficou séria. — Eu vou prestar mais atenção ao que digo quando estiver perto dela, para que você não fique em apuros. — Ela fez uma pausa. — Como ela está?

— Como você. Parece cansada, exaurida. Mas ela tem uma razão. Você... Eu não tenho tanta certeza.

— Eu não estou grávida, se é isso que está insinuando.

Ele pareceu chocado.

— Eu não estava dizendo isso.

— Foi uma longa noite — disse Della. — Eu vou ficar bem. — Ela deixou cair a mão que pressionava a têmpora. Do nada, uma imagem de Billy encheu sua cabeça. — Aposto que estou melhor do que Billy.

— Tenho que concordar com você sobre isso. Chegou o resultado do teste de DNA do cabelo.

— E então? — perguntou Della, querendo esfregar no nariz dele que estava certa. Ela merecia isso. Então lhe contaria sobre Phillip Lance.

— Coincide com o de Billy — disse Burnett. — Eles o prenderam oficialmente hoje, em torno das cinco da manhã.

— Não! — A dúvida cresceu em seu peito. — Ele não fez aquilo... Eu ainda não...

— Ele é culpado, Della. Sei que você não quer acreditar. — Ele pousou a mão no ombro dela. — E se isso faz com que se sinta melhor, vamos pegar leve com ele porque... recém-criados nem sempre têm controle. Mas ele vai passar um tempo na cadeia, e esperamos que nos próximos anos a gente consiga reabilitá-lo.

— Mas eu tenho outro...

— Fim de papo. O relatório deu positivo. Eu tenho que ir, finalizar a papelada e registrar a sentença. Agora vá tomar seu café da manhã, e, se ainda estiver cansada, falte nas primeiras aulas e durma um pouco mais.

— Você não entende... — Della murmurou. — Eu tentei te dizer, mas você não quis ouvir. Eu acho que encontrei outro suspeito.

— Você é quem não me escuta — disse ele. — O DNA é o mesmo. — Ele franziu a testa, mas com empatia. — Neste trabalho, depois de ver as vítimas, a coisa mais difícil às vezes é prender o culpado, especialmente os recém-criados. Dói pra caramba... merda... perceber que, às vezes, pessoas boas podem fazer coisas horríveis.

Della engoliu em seco e tentou aceitar aquilo, mas aquela voz idiota começou a falar novamente em sua cabeça, e no mesmo ritmo que o latejar na sua cabeça.

Inocente. Inocente. Inocente.

Capítulo Trinta e Dois

Della não compareceu à Hora do Encontro, voltou para a cabana disposta a fazer uma pesquisa na internet sobre Billy Jennings. Ela estava certa: ele pertencia à banda da escola. E o clube de xadrez. O garoto era um aluno exemplar. E nem mesmo um aluno exemplar descolado. Era um nerd. Como alguém assim... tão nerd, poderia matar Lorraine e John?

Sentindo-se como se não pudesse fazer absolutamente nada para ajudar Billy, ela desligou o computador e foi assistir à primeira aula — ciências. Mas no momento em que se sentou na sala, sua cabeça latejava tanto que parecia que seus olhos iam saltar das órbitas.

O senhor Yates, irmão de Jenny e seu professor, estava de pé na frente da classe falando sobre como funcionavam os celulares e as torres de transmissão.

Della não prestava a mínima atenção. Só conseguia pensar na dor de cabeça e em Billy: numa semana andando por aí despreocupado e na semana seguinte sendo preso por assassinato.

— Existe uma torre a alguns quilômetros daqui — Perry falou, mas sua voz parecia distante, como se ele estivesse muito longe. — Mas o sinal está sempre fraco.

De repente, o telefone do senhor Yates tocou.

— Bem, alguém não está na zona morta. — Ele atendeu à chamada. Em seguida o professor olhou para Della, com um olhar quase de raiva. — Inocente. — Sua voz ecoou como se eles estivessem numa caverna. — Inocente! — ele gritou.

— O quê? — perguntou Della. Mas quando ela piscou o senhor Yates não estava olhando para ela, estava falando no celular. O que estava acontecendo, afinal? Ela tinha apenas imaginado...?

Ela piscou novamente e o entorpecimento em seu cérebro aumentou. O ar mudou de repente e ele cheirava à terra molhada. E agora era noite. Ela olhou ao redor, esperando ver a sala de aula, mas só viu uma floresta, as árvores encarando-a de volta. Ela olhou para as mãos. Um anel de diamante, um anel de noivado, brilhava na sua mão esquerda. Um anel de noivado? *Que diabos?*

De repente as mãos não se pareciam mais com as dela. Ela sacudiu a cabeça, sentindo sua realidade indefinida. Nada fazia sentido. Nada importava, a não ser arrancar aquele maldito anel do dedo. Ela começou a arrancá-lo, mas suas mãos estavam cobertas de sangue. Muito sangue. Mas o sangue não parecia importar tanto quanto o anel. Ela tentou novamente tirá-lo, mas por mais que tentasse não conseguia. Ela se sentia paralisada ou... morta.

Seu coração deu um salto. Ela não estava morta. O cheiro de terra desapareceu, mas o sangue em suas mãos, não. Ela sentiu a carteira da escola bater com força contra as suas costas. Começou a se levantar num salto, mas então o sangue desapareceu.

O anel desapareceu.

Sua respiração ficou presa.

— Della? Della?

À distância, alguém chamava seu nome. Mas ela não se importava. Estava olhando para as mãos, virando as palmas para cima e para baixo.

Caramba! O que tinha acontecido?

Ela fechou os olhos. *Inocente. Inocente. Inocente.* As palavras ecoaram ao redor da sala de aula, como se todo mundo recitasse-as em coro. Della pulou da carteira e olhou em volta. Todo mundo estava olhando para ela, mas ninguém estava falando ou recitando nada.

— Della? Della?

O nome dela ecoou novamente. Dessa vez reconheceu a voz do senhor Yates.

Obrigou-se a olhar para ele. Ele olhou para ela, parecendo aturdido. Della olhou em volta, vendo todos encarando-a como se ela estivesse louca. E talvez estivessem certos.

— Della? — chamou o professor novamente.

— Sim? — ela conseguiu responder, mas só depois que rosnou para os colegas de olhar abobalhado.

— Você está bem? — Ele foi até a carteira dela.

Não. Eu estou pirando. Ela assentiu com a cabeça.

— Você me ouviu? — ele perguntou.

Ela olhou para ele fixamente e ele deve ter percebido que ela não tinha ouvido coisa nenhuma.

— Holiday quer vê-la. No escritório.

Sentindo-se trêmula por dentro, ela pegou seus livros e foi se encontrar com Holiday. Encontrá-la e lhe dizer para ligar para o hospício. Porque Della estava prestes a precisar de uma camisa de força e uma cela acolchoada.

No momento em que chegou ao escritório, já tinha se convencido de que a vida numa cela acolchoada não era sua vocação.

Holiday se levantou de sua mesa. Estava com uma expressão preocupada.

— Qual o problema? — Della perguntou, já imaginando o pior, algo que não tinha nada a ver com visões de sangue ou anéis de noivado. Teria acontecido alguma coisa a alguém da sua família?

Holiday fez sinal para ela se sentar. Ignorando o pedido, Della ficou no meio do escritório, ainda sentindo-se tonta.

— O que foi?

— O espírito de Lorraine Baker passou por aqui esta manhã. Rapidamente. — A líder do acampamento acariciou a barriga.

— E aí? — perguntou Della, tentando se convencer de que essa era uma boa notícia. Pensou em Billy. Talvez agora eles conseguissem resolver o caso.

— Quando tentei fazê-la falar comigo, ela me avisou que já estava se comunicando com alguém. Mas essa pessoa não era uma boa ouvinte.

A mente de Della começou a girar.

— Então ela está mentindo, porque Kylie é muito boa nisso. Você perguntou a ela? Talvez Lorraine tenha contado a Kylie alguma coisa. — Algo que ajudasse Billy. Algo que mantivesse o despreocupado jogador de xadrez fora da prisão.

Holiday colocou o cabelo sobre o ombro e torceu-o. A preocupação brilhava em seus olhos.

— Não é Kylie — disse Holiday. — Ela disse que está falando com você.

Ok, sentar-se de repente pareceu uma boa ideia. Della deu dois passos até o sofá e desabou nele. O sofá suspirou com seu peso, como se soltasse um lamento. Mas não tão alto quanto Della queria suspirar.

— Mas eu sou um vampiro. — Um arrepio percorreu a espinha de Della e ela percebeu que de fato já tinha se comunicado com *um* fantasma. Chan. Mas o que Kylie tinha dito? Ah, sim, que alguns espíritos com uma forte ligação podem aparecer para uma pessoa normal, que não tenha o dom de falar com fantasmas. Ela achava que Della era uma dessas pessoas. Não tanto normal, mas alguém que não saía por aí falando com pessoas mortas o tempo todo. — Os vampiros não falam com fantasmas — argumentou Della.

— Sim, foi nisso que eu sempre acreditei, também. Mas, então, Burnett... e agora isso. Eu admito que estou intrigada. Sempre pensei que, como não conhecemos a herança genética de Burnett, ele poderia ser descendente de uma tribo indígena e que era por isso que tinha uma ligação com a cachoeira e o mundo espiritual.

— Eu sou chinesa, não...

— Você é chinesa só por parte de pai — disse Holiday. — Eu me registrei no site ancestry.com para tentar descobrir a história da família de Burnett, por isso, antes de te ligar, coloquei o nome de solteira da sua mãe no site para ver se havia alguma evidência de que ela pudesse ser uma descendente.

— E então?

— Nada apareceu. — A líder do acampamento suspirou ao mesmo tempo que Della, mas o suspiro da *fae* parecia mais de decepção e o dela, de alívio. Ela não queria fazer parte de nenhuma linhagem que se comunicava com fantasmas.

— No entanto — continuou Holiday —, vamos nos preocupar com isso depois. Agora precisamos ajudar Lorraine. O que ela disse?

— Ela não me disse porcaria nenhuma! Eu não a vi. Ela deve ter mentido sobre... — Della lembrou-se da voz que ela estava ouvindo.

— O que foi? — perguntou Holiday.

— Eu tenho ouvido uma voz. Eu achava que... Achava que fosse eu mesma pensando. Como uma música que não sai da nossa cabeça.

— O que ela diz?

— Tudo o que ela diz é... “inocente”. Só fica repetindo isso. — A constatação de que ela não tinha um, mas dois fantasmas se comunicando com ela deixou-a apavorada. No entanto, Della decidiu surtar mais tarde. — Lorraine deve estar tentando me dizer que Billy é inocente. Tem que ser isso.

Holiday franziu a testa.

— Burnett disse que o teste de DNA deu positivo. Ele está lá agora apresentando o caso ao conselho da UPF e decretando a sentença de Billy.

— Tudo no mesmo dia? — perguntou Della.

Holiday assentiu.

— Por acaso não existem mais julgamentos nem um júri?

— Não é assim que funciona na UPF. Quando alguém é preso, o caso passa antes pelo conselho da UPF e eles declaram a sentença quase imediatamente. E... a má notícia para Billy é que é praticamente impossível anular uma sentença.

— Então temos que fazer alguma coisa. — Della pegou o celular no bolso de trás da calça. Vendo suas mãos, ela se lembrou da visão que teve.

— O anel? — disse Della.

— O quê? — perguntou Holiday.

— Na sala de aula, eu... — Deus, será que Holiday ia achar que ela estava louca?! Então Della se lembrou de que Kylie tinha aquele tipo de visão o tempo todo. Ah, mas que inferno!, Della não queria seguir o mesmo caminho. Mas ela iria se preocupar com aquilo depois, também.

— Eu tive uma visão, eu...

— Que visão?

— Vi minhas mãos cobertas de sangue e eu estava usando um anel. Um anel de noivado. Eu sentia... repulsa por ele. Queria tirá-lo, mas não conseguia.

Holiday ficou ali, acariciando a barriga enquanto pensava.

— Você acha que isso significa alguma coisa? — perguntou Della. — Ela está tentando me dizer alguma coisa?

— As visões sempre significam alguma coisa. A parte difícil é descobrir o quê. Os mortos têm um jeito estranho de se comunicar. — A *fae* estendeu o braço para a parte de trás da cadeira, pegou a bolsa e colocou-a no ombro.

— Vamos.

— Para onde?

— Falar com Burnett. Você está certa, temos que fazer alguma coisa.

— Não podemos simplesmente ligar? — Della pegou o celular.

— Não. Amo aquele homem, mas ele nunca escuta a voz da razão quando está no telefone. Para falar a verdade, ele não costuma ouvir a voz da razão em nenhuma circunstância. Não quando acha que está certo. E ele está certo de que Billy é culpado.

— Então o que vamos fazer? — perguntou Della, seguindo Holiday para fora do escritório.

— Convencê-lo de que está errado.

— Como?

— Espero descobrir no trajeto até lá.

Elas chegaram sem nenhuma ideia em mente, mas isso não as impediu de entrar correndo no edifício da UPF. Bem, Della entrou correndo. Holiday, usando um vestido amarelo de mangas e muito justo na barriga arredondada, andava atrás da vampira com dificuldade. Ela lembrava mais um pato rechonchudo. Um pato gordinho e lindo de cabelos ruivos. Se aquilo não fosse tão sério, Della teria achado engraçado.

— Bom dia, senhor Adkins — disse Holiday para o homem na recepção, abrindo um grande sorriso. — Eu preciso falar com meu marido.

O senhor Adkins, que não sorriu de volta, provavelmente porque era um lobisomem — Della tinha verificado seu padrão —, olhou para Holiday.

— Eu sinto muito, o senhor James está numa reunião com a Comissão Julgadora.

Holiday fez cara de súplica.

— É importante!

— A reunião também — disse ele.

Holiday estendeu a mão para tocar o lobisomem, mas ele recuou.

— Não é permitida influência *fae* neste edifício.

Holiday lançou a Della um olhar rápido e indicou com os olhos o corredor que levava aos fundos do prédio. Della não podia ter certeza absoluta, mas algo lhe dizia que ela tinha de correr por ele.

Della não pensou duas vezes.

— Ora, o senhor não vai querer que Burnett fique aborrecido por não ter sido informado de que sua esposa grávida está aqui, não é mesmo? — Holiday perguntou, chamando a atenção do homem.

— Desculpe, mas regras são regras. — As vozes ecoavam atrás de Della conforme ela se esgueirava pelo corredor.

Ela sintonizou a audição para ignorá-las e distinguiu outras vozes vindo de uma sala no final do corredor.

Infelizmente, ouviu também o lobisomem gritando para que ela parasse. O que significava que tinha que correr mais rápido! Ouvindo passos atrás de si, ela abriu as portas com força demais. Os pesados painéis de carvalho bateram contra a parede e uma delas se desprendeu das dobradiças.

Opa!

Um rápido olhar ao redor e Della contou quatorze figuras na sala. Todos homens. Mas ela sabia que estava na sala certa quando reconheceu uma daquelas figuras como o líder do acampamento durão. Mas, caramba!, todos eram homens! Ela sabia que a UPF era machista, mas, Santo Deus, em que século estavam?

Os treze homens saltaram de seus assentos.

O único que permaneceu sentado foi alguém que ela também reconheceu. Billy. Ombros caídos, cabeça baixa, olhando para o colo, como se seu destino estivesse selado e ninguém no mundo se importasse com ele.

Della se importava. Burnett se importava. Ela só precisava fazê-lo voltar à razão.

Uma respiração pesada soou atrás dela.

— Sinto muito, vou tirá-la daqui imediatamente. — O lobisomem entrou com tudo na sala.

— Não! — Burnett exigiu. — Deixe que eu cuido disso. Ela é inofensiva.

Só para o caso de o cretino não ter ouvido Burnett, Della deu meia-volta e lhe mostrou a ponta dos caninos. Quando ele deu outro passo à frente, ela acrescentou:

— Encoste em mim e vou dar um chute tão forte no seu saco que vai desejar ter sido castrado quando filhote.

Burnett pigarreou.

— Ok, ela não parece inofensiva, mas é. — O olhar de Burnett dizia que era ele que não seria tão inofensivo se ela não se comportasse. — Della, este não é um bom momento!

— É, sim! — Uma voz veio de trás dela. A voz de Holiday.

Della adorava quando as coisas aconteciam com tanta sincronicidade.

Os olhos de Burnett se arregalaram com a visão da esposa. Ele olhou para as outras pessoas na sala, depois de volta para Holiday, que gingou até o centro da sala.

— Eu acho que todos vocês conhecem minha esposa — disse Burnett, com uma cara nada feliz.

— Conhecemos — disse um homem, parecendo irritado.

Isso foi o bastante para que Burnett se virasse para ele com um olhar carrancudo.

— Algo errado? — Burnett perguntou, seu olhar duro amolecendo quando voltou a olhar para a esposa.

— Sim — disse Holiday. Burnett parecia prestes a correr para ela, sem dúvida temendo pela criança. — Billy Jennings é inocente.

Os ombros de Burnett afundaram com o alívio, e Billy finalmente se empertigou e olhou para cima. O garoto parecia condenado, perdido, e tinha lágrimas nos olhos, mas por um segundo surgiu dentro deles um brilho de esperança.

— E como você chegou a essa conclusão? — perguntou a Holiday um dos membros da Comissão Julgadora, um vampiro loiro.

— Lorraine Baker o declarou inocente — Holiday afirmou com orgulho.

— Eu não achava que tinha feito aquilo... — gaguejou Billy. — Eu disse a eles que não achava que poderia ter feito. Eu só não me lembro de tudo. É tudo muito vago.

— Receio que esteja enganada — disse o vampiro mais velho da sala com um ar superior. — Lorraine Baker é uma das vítimas. Ela não poderia declarar nada.

Os ombros de Burnett se curvaram.

— Minha mulher raramente erra. Ela é uma médium talentosa.

Della se perguntou por que Burnett não tinha compartilhado essa informação com a UPF.

Mas segundos depois, ela descobriu por quê. Todos os doze homens da comissão pareceram um pouco chocados, ou talvez "aterrorizados" fosse uma palavra melhor.

Que bando de covardes!, Della pensou. Claro, fantasmas a deixavam apavorada, mas ela não era um figurão da Comissão Julgadora da UPF. Não era muito estranho que membros de um comitê incumbido de julgar as pessoas temessem os mortos e os anjos da morte que os julgavam?

Outro dos homens, dessa vez um bruxo, levantou-se e se dirigiu a Burnett.

— E você espera que acreditemos mais na palavra da sua... gravidíssima esposa do que num teste de DNA? Sem ofensa, mas a gravidez tende a diminuir o QI de uma mulher.

Burnett virou-se para o bruxo, mas antes que ele pudesse dizer o que pensava daquele comentário, que não parecia nada muito agradável — Holiday interveio ela própria.

— Mas que engraçado! — ela disse, sem um pingo de humor na voz. — Eu já ouvi dizer também que a gravidez nos torna agressivas se provocadas. E para o seu governo, eu ficaria feliz em medir o meu QI com o seu, grávida ou não.

— E eu teria que concordar — Burnett sibilou, fulminando o bruxo com os olhos. — Também gostaria de acrescentar que ela me ajudou a resolver vários casos. Antes e depois da gravidez.

É isso aí, Burnett! A maneira como ele defendia a esposa era a coisa mais romântica que Della já tinha visto. Não havia dúvida de a quem ele era mais leal.

— Então, se minha esposa diz que Lorraine Baker afirmou que Billy não é o assassino, então eu recomendo que investiguemos um pouco mais o caso. — Burnett voltou-se para Holiday. — Exatamente o que Lorraine Baker lhe disse?

Ah, merda, lamentou Della. Era hora de sair do armário e começar a contar a Burnett toda aquela história de falar com os mortos. Ela deu um passo à frente.

— Lorraine não contou a Holiday. Ela contou a mim.

— Agora chega! — disse outro homem, dessa vez um *fae* ruivo. — Você é um vampiro. Nós todos sabemos que falar com os mortos não é um dom da sua espécie. Isso é ridículo.

— Eu também achava — disse Della, percebendo que Burnett não tinha contado a eles sobre suas próprias habilidades. Mas se ela tivesse que trabalhar com aqueles idiotas, não iria contar merda nenhuma a eles também. — Eu não entendo, talvez ela tenha se ligado a mim porque eu estive na cena do crime — disse com sinceridade, esperando que fosse verdade.

Outro dos doze membros da comissão, este de têmporas grisalhas, sacudiu a cabeça.

— Nós simplesmente não podemos aceitar que a palavra de uma vampira desajustada decida o destino de um assassino.

— Ela não é desajustada! — rebateu Burnett ao mesmo tempo que Holiday.

Uma emoção quente se espalhou pelo peito dela ao ver que ambos estavam do lado dela. Mas esse pensamento levou-a de volta a Billy, que sentia que não tinha ninguém. E Della sabia que

sua principal defensora não era ela nem mesmo Holiday, mas Lorraine. O respeito de Della pela garota aumentou.

Burnett concentrou-se em Della.

— Você tem alguma coisa para nos oferecer em termos de prova? — E ela podia dizer pela expressão de Burnett que ele tinha esperança de que ela tivesse.

Mas Burnett não era o único com essa esperança — nem quem tinha mais a perder. Uma tempestade de emoção encheu o peito de Della enquanto ela olhava para Billy, seus olhos azul-claros fitando-a cheios de fé. E ela desistiria do seu melhor sutiã em troca de alguma prova.

Mas não tinha nenhuma.

Capítulo Trinta e Três

O estômago de Della se contraiu.

— Sinto muito. Eu... — A voz de Lorraine ecoou em sua cabeça e ela sentiu um frio na ponta dos pés que percorreu toda sua coluna vertebral. *O anel de noivado*.

— O anel de noivado! — ela disse, não sabendo o que significava, mas rezando para que essa fosse a resposta.

— O anel de noivado? — perguntou o bruxo do grupo.

— Isso é ridículo! — disse outro homem, um metamorfo.

— Talvez não tão ridículo — disse outro vampiro, de pé ao lado de Burnett. — Recebi um telefonema da família esta manhã. Eu não mencionei porque achei irrelevante. No entanto, os pais estavam verificando os pertences de Lorraine e disseram que havia um anel numa caixa que não pertencia a ela. Ou melhor, não pertencia mais a ela. Era o anel dado a ela pelo noivo. Queriam saber como ele tinha chegado a ela novamente. — Ele hesitou um segundo. — O relatório dizia que ela estava usando o anel.

Della sentiu uma onda de alívio.

— O nome dele é Phillip Lance — acrescentou Della. — Ele era o ex-noivo de Lorraine. Eu acredito que vocês vão descobrir que ele pertence à gangue Sangue Rubro. Pelo que ouvi, eles costumam frequentar um bar chamado Hot Stuff.

— Eu acho que eu o conheci — disse Billy, a esperança ressoando em sua voz. — Eu estive com essa gangue no bar. Quase me juntei a eles, mas... Não sei o que aconteceu. A maior parte é só um borrão. Mas eu me lembro de um Phillip. Acho que brigamos.

— O que explicaria como a prova do DNA foi transferida — disse o lobisomem grisalho, que parecia o líder da comissão. Ele olhou em volta para os outros. — Parece que todo esse caso precisa ser revisto. E eu não vou negar... — seu olhar fixo em Burnett — que estou decepcionado com essa investigação.

Burnett não piscou.

— Na verdade, senhor, a única coisa que me deixa decepcionado é que quase condenamos um garoto inocente. E, francamente, embora o crédito não seja meu, essa é a investigação em curso. — Ele acenou para Della. — Eu gostaria de lhe apresentar Della Tsang. Ela é a agente secreta que o senhor aprovou para nos ajudar no caso. A mesma que levou à prisão Craig Anthony, condenado ontem. Eu acho que ela fez um excelente trabalho aqui.

— Concordo — disse o velho lobisomem. — Nós a aproveitaremos em projetos futuros.

Della queria sorrir, mas se conteve. Era preciso admitir, lobisomens não se mostravam "felizes" com frequência.

O lobisomem olhou para a porta.

— No entanto, a senhorita Tsang e sua... adorável esposa... — ele acenou para Holiday — poderiam nos fazer a gentileza de sair enquanto discutimos o caso? Por mais amáveis que sejam, estão atrapalhando o andamento da nossa reunião.

— Vamos. — Holiday piscou para Burnett e, estranhamente, seu olhar se deslocou em direção ao teto.

Quando Della saiu, Billy sorriu para ela. Ela viu gratidão no rosto dele.

Esperando até estarem fora do alcance da audição deles, Della olhou para Holiday.

— Será que é preciso um diploma de pedantismo para participar da Comissão Julgadora?

Holiday achou graça.

— E não havia uma só mulher no grupo! — exclamou Della.

— Eu acho que você pode mudar isso um dia — disse Holiday.

— Estou tentada. — Os passos das duas ecoavam no chão de mármore.

Della massageou a têmpora novamente, percebendo que a dor de cabeça voltara, mas feliz demais para se importar. Eles praticamente tinham dito que ela tinha um futuro na UPF.

— Arrasamos, não acha?

— Pode apostar! — concordou Holiday. — Especialmente para uma vampira desajustada e uma mulher grávida sem nenhum QI. — Ela riu e em seguida se encolheu, colocando a mão na barriga enorme. — E, se esse chute for um sinal, acho que o bebê está de acordo.

Quando chegaram ao carro, Holiday destrancou a porta e então olhou para cima.

— Você percebeu que salvou Billy?

— Não, Lorraine o salvou. — Quando Della se sentou no banco do passageiro, ela se lembrou da segunda pessoa que tinha visto quando encontrou o corpo de Chan. Será que era Lorraine?

Della mordeu o lábio.

— Mas, por favor, me diga que ela vai embora agora.

O sorriso de Holiday pareceu quase angelical.

— Ela foi. Eu a vi fazendo a passagem no tribunal. Ela está em paz.

A *fae* se espremeu atrás do volante, em seguida colocou o banco mais para trás. Fez uma pausa, como se estivesse pensando, então se concentrou em Della.

— Chan estava lá, também. Pelo menos, estou supondo que fosse Chan. Tinha traços orientais. Mas ele não a seguiu.

Della engoliu em seco.

— Você o viu?

A *fae* fez uma expressão intrigada.

— Sim. Não que ele estivesse lá por mim. Ele estava em pé ao seu lado. Não falou com você?

— Não — Della confessou. — Mas eu já o vi. — Ela fechou os olhos por um segundo.

— Há quanto tempo você está consciente da presença dele? — perguntou Holiday.

— Desde a época em que ele morreu. Kylie o sentiu, mas não o viu. Então eu comecei a senti-lo, então... ele começou a deixar penas.

— Penas?

— Tudo começou quando eu rasguei um travesseiro sem querer e elas começaram a girar à minha volta. Depois disso, eu podia estar na rua ou no carro e as penas começavam a cair.

— Será que Chan tem alguma história relacionada a penas?

— Não. Não que eu soubesse. Por quê?

— Bem, os fantasmas geralmente estão tentando nos dizer alguma coisa. Eles usam símbolos ou pistas. Às vezes não são muito bons nisso.

Della balançou a cabeça.

— Por que isso está acontecendo comigo? Eu sou um vampiro.

— Como eu disse, não sei explicar — admitiu Holiday. — Burnett sente os mortos, também. Mas tente não ver isso como algo ruim. É um dom. Veja quanta coisa boa esse dom permitiu que acontecesse. Você foi capaz de ajudar Billy e de pegar o assassino de Lorraine e do namorado. — Holiday ligou o carro.

Della finalmente conseguiu perguntar.

— Chan disse alguma coisa a você? Ele está com raiva de mim por não... por não ter retornado a ligação dele?

— Ele não falou comigo. Mas... — Ela hesitou, como se estivesse em dúvida se deveria contar ou não. — Mas eu senti as emoções dele. — A ruga de preocupação apareceu novamente na testa de Holiday. — Ele não estava bravo ou chateado. Parecia preocupado... com você. E isso me preocupa. — Antes de dar a partida, ela suspirou. — Você precisa falar com ele. Às vezes os mortos precisam que nós os ajudemos, como Lorraine, mas outras vezes eles estão aqui para nos ajudar. Acho que Chan está tentando avisá-la de alguma coisa. Algo que ele sente que é sério.

Enquanto Holiday dirigia, Della refletiu sobre o que Chan estaria querendo avisá-la. Como ele estava na mesma gangue de Phillip Lance, ela supunha que ele quisesse dizer alguma coisa sobre os assassinatos. Mas, se ele ainda estava por ali, e Holiday estava certa a respeito da preocupação dele com ela, será que poderia saber algo sobre seu tio e sua tia que quisesse dizer a ela? Mas isso seria um aviso? Certamente o tio e a tia não eram... ruins. Ou poderiam ser?

Ou será que era algo completamente diferente?

O celular de Della tocou. Ela o tirou do bolso e viu o número. Kevin. Lembrar-se de Kevin lhe trouxe à memória a conversa sobre Chan ter morrido de alguma doença estranha. E isso trouxe de volta a sua preocupação sobre estar sentindo efeitos colaterais estranhos de algum vírus. Poderia ser isso que Chan estava tentando avisá-la?

Não, Kevin dissera que Chan tinha ficado muito doente e tido uma espécie de erupção cutânea. Della não estava realmente doente. O que era um pouco de dor de cabeça? Seu celular tocou novamente.

Olhando para Holiday, ela perguntou:

— Você se importa se eu atender?

— Não.

— Ei, linda! — cumprimentou Kevin, logo que ela atendeu.

Della revirou os olhos, na esperança de que Holiday não tivesse ouvido Kevin.

— Eu não conseguia entender uma palavra do que você estava dizendo ontem à noite quando ligou. A ligação estava muito ruim.

— Eu estava perguntando sobre Chase — disse ele.

Della desviou os olhos para Holiday, que estava ocupada dirigindo com uma mão e esfregando a barriga com a outra.

— Como você sabe sobre ele?

— Ele veio ver Chan.

O coração de Della disparou.

— Ele conhecia Chan?

— Sim. Ele ficou lá com ele por alguns dias antes de Chan partir para o Texas. Eu senti o cheiro dele, mas não percebi quem era até que decolei. Eu ia voltar, mas captei o cheiro de outro vampiro. Alguém estava perambulando pelo lado de fora da cerca na noite passada.

Della não se importava com quem estivesse perambulando por ali, ela queria saber por que diabos Chase não tinha dito a ela que conhecia Chan.

O que mais o Pervertido da Calcinha estava escondendo?

— O que ele queria com Chan? — perguntou ela.

Kevin respondeu, mas a ligação estava ruim.

Holiday olhou para Della.

— Seu celular está prestes a perder o sinal.

— Olha, eu estou chegando numa zona morta, posso ligar para você mais tarde?

A linha ficou muda. Della, confusa e furiosa, enfiou o celular no bolso.

— Algo errado? — perguntou Holiday, provavelmente captando as emoções de Della.

— Sim — disse ela.

— Quer me contar? — perguntou Holiday.

— Chase conhecia Chan e nunca me disse — disse Della. — Alguma coisa ele está tramando, Holiday.

Holiday soltou um gemido profundo e desviou o carro para o acostamento.

Della não entendeu a reação abrupta de Holiday. Mas quando olhou para a *fae*, viu que as mãos dela estavam agarradas com força ao volante.

O gemido de Holiday não tinha a ver com Chase.

— Você está bem?

— Não — grunhiu Holiday com os lábios apertados. — Alguma coisa está... o bebê. — Ela gemeu novamente.

Della pegou o telefone do bolso para ligar para Burnett, mas se lembrou de que estavam numa zona sem sinal.

Holiday soltou outro gemido profundo. Um som de água escorrendo encheu o carro. A saia do vestido amarelo de Holiday, principalmente entre as pernas, estava mais escura.

— A bolsa... — Holiday encostou a cabeça no volante, parecendo sentir uma dor extrema.

— Ok. Ok. — Della disse a si mesma para se acalmar, mas calma era a última coisa que sentia. — Me deixe dirigir. Vou levá-la ao doutor Whitman.

Holiday assentiu, mas parecia não conseguir soltar o volante.

Della saiu pela porta do passageiro e contornou o carro correndo. No momento em que chegou do outro lado, viu a amiga caída no acostamento.

— Holiday! — Della se ajoelhou ao lado dela. — Holiday, fale comigo! Por favor, fale comigo!

A *fae* levantou uma mão.

— Eu... o... bebê está vindo.

— Eu vou pedir ajuda.

— Não se atreva a me deixar aqui! Vou mandar os anjos de morte atrás de você, se fizer isso. — Holiday segurou a mão de Della tão forte que poderia ter quebrado um osso.

Ameaças não faziam o estilo de Holiday, então Della soube que era sério.

— Eu não vou deixar você. — Ela viu Holiday estender uma mão para baixo e abraçar a barriga. Foi quando Della viu o sangue. A frente do vestido de Holiday agora estava ensanguentada.

Lágrimas encheram os olhos de Della. Algo estava errado? Ela se lembrou do programa em que vira uma mulher dando à luz. Havia sangue, mas ela não se lembrava muito daquele detalhe.

— Me ponha no banco de trás — pediu Holiday.

Della respirou fundo. Abriu a porta traseira do carro, ergueu Holiday delicadamente e colocou-a no banco.

Tão logo deitou Holiday no banco, a amiga soltou um grito. E alto.

— Minha calcinha! — gritou Holiday. — Tire-a!

— Tem certeza de que não quer que eu a leve ao médico? Eu posso dirigir rápido.

— Não há tempo — disse ela. — O bebê está vindo!

Della evocou mentalmente a garota destemida que existia dentro de si e puxou a calcinha de Holiday para baixo. Já havia uma poça de sangue entre as pernas. O medo fez o estômago de Della se contrair.

Se algo acontecesse com Holiday ou o bebê, Della não conseguiria se perdoar. Mas, pensando bem, ela não teria que se perdoar: Burnett a mataria bem antes disso.

Holiday pressionou a cabeça contra o banco e começou a grunhir. Della viu o que parecia ser a cabeça do bebê entre as pernas de Holiday.

Se, pela manhã, alguém tivesse perguntado o que ela faria aquele dia, nem em um milhão de anos diria “trazer um bebê ao mundo”. Engolindo uma tonelada de inseguranças, ela pegou a bolsa de Holiday. Encontrou a bisnaga de álcool gel que a amiga sempre carregava e esguichou-o nas mãos.

— O que está fazendo? — perguntou Holiday.

— Está tudo bem — Della mentiu. — Eu vi um programa mostrando um parto uma vez. — Ela tentou parecer confiante, mas estava sentindo tanta confiança quanto uma formiga andando no meio de uma multidão de maratonistas.

Holiday, muito ocupada tentando respirar para responder, assentiu.

— Eu estou vendo a cabeça do bebê — disse Della. — Acho que é quando você tem que empurrar. Assim que o bebê nascer, vou levá-la ao médico.

Holiday fez o que parecia um abdominal e soltou outro grito de perfurar os tímpanos. O bebê saiu tão rápido que Della quase não conseguiu pegá-lo. Ele... não, ela! Era uma menina.

— É uma menina! — disse Della em voz alta. Mas o bebê estava viscoso e sangrento, lembrando mais um filhote de cachorro molhado.

O pânico invadiu o coração de Della quando ela percebeu que o bebezinho não estava respirando.

Lembrando-se novamente do programa, ela colocou um dedo na boca do bebê e usou-o para tirar dali qualquer fluido que estivesse obstruindo sua garganta. Em seguida, encaixou a palma da mão sobre o peito do bebê e virou-o. Bateu em suas costas. Uma. Duas vezes.

— Respire!

Ele não respirava.

— Não... — Della murmurou. Ela virou o bebê de volta, massageado seu peitinho, em seguida, virou-o de novo e deu-lhe outro tapinha, só que mais forte.

O bebê se contorceu, gorgolejou e inspirou o ar pela primeira vez. Della, sem nem mesmo perceber que não estava respirando, inspirou também. Somente quando a criança soltou um grito é que Della olhou para Holiday.

— Ela está bem. — O alívio de Della desapareceu. O bebê não era o único em apuros. Holiday estava inconsciente.

— Oh, não! — gemeu Della. — Holiday?

Quando a líder do acampamento não respondeu, Della sintonizou sua audição, ignorou os gritos do bebê e finalmente ouviu o batimento irregular do coração, ainda bombeando no peito de Holiday.

Ela olhou para o cordão umbilical ainda ligando o bebê a Holiday. Lembrou-se de como eles tinham cortado o cordão no programa de TV. Pegando a bolsa de Holiday novamente, ela encontrou uma embalagem de fio dental e usou-o para amarrar o cordão umbilical. Em seguida, pegou outro pedaço e torceu-o bem apertado em torno do cordão até cortá-lo. Quando viu que Holiday ainda não se mexia, Della percebeu que tinha que pedir ajuda. E rápido.

Ela colocou o bebê chorando ao lado da mãe inconsciente e fechou a porta do carro. Sentou-se no banco da frente e dirigiu tão rápido quanto um morcego fugindo do inferno, direto para o consultório do doutor Whitman.

Enquanto os pneus cantavam no asfalto e com o sangue de Holiday nas mãos deixando o volante pegajoso, Della rezava em voz alta com a voz trêmula: — Olha, Deus, vamos fazer um acordo. Se você estiver precisando atingir sua cota semanal de almas, pode me levar. Mas não leve Holiday. Por favor.

*

Della sentou-se no consultório do veterinário, batendo os pés no chão e torcendo as mãos sobre o colo. Ela tinha ligado para Burnett tão logo o médico e Steve levaram mãe e filha para dentro. Quando Burnett atendeu, a garganta de Della estava tão apertada de emoção que ela mal conseguiu explicar. A única coisa que saiu foi: — Consultório do doutor Whitman.

— Holiday? — ele perguntou.

— Sim — ela murmurou.

— Está tudo bem?

— Não. Nem tudo está bem.

Então ela ligou para Kylie, achando que os poderes de cura da amiga poderiam ser úteis. Della praguejou. Kylie não atendia. Ela deixou uma mensagem: — Holiday precisa de você. Estamos no consultório do doutor Whitman.

A porta do consultório se abriu menos de dois minutos depois. A dor enchia a expressão de Burnett. E tudo que ela podia pensar era em como ele tinha sido romântico quando defendera Holiday na frente da Comissão da UPF. O amor que ele tinha pela esposa era uma parte tão importante dele que, se a perdesse, seria, sem dúvida, como perder um braço ou uma perna.

Ou talvez algo ainda pior, o coração.

As lágrimas que Della tinha conseguido conter até então caíram logo que ela o viu. Lágrimas grossas e copiosas que se derramavam numa torrente. Burnett não pediu detalhes. Sem dúvida, ele viu a gravidade da situação na expressão dela. Ele seguiu para a parte de trás do consultório.

Vozes ordenando que ele saísse ecoaram atrás da porta. Ordens que Della sabia que não seriam obedecidas. Burnett nunca sairia. Ele nunca deixaria Holiday.

Mas, meu Deus, será que Holiday teria chance de não deixá-lo?

Della puxou os joelhos contra o peito, abraçou-os e continuou a chorar.

— Leve-me no lugar dela. Leve-me no lugar dela — ela continuou murmurando.

— Ei — disse uma voz. A voz de Steve. Ela o tinha visto brevemente quando tinham levado Holiday e o bebê para dentro, mas ainda não tinham se falado.

Della enxugou as lágrimas e olhou para cima.

— Elas estão bem?

— O bebê vai ficar bem.

— E Holiday? — perguntou ela, sua respiração uma grande bolha de dor em seus pulmões.
A expressão de Steve não parecia otimista e mais lágrimas caíram dos olhos de Della.

Capítulo Trinta e Quatro

— Ela ainda está inconsciente — disse Steve. — Perdeu muito sangue. Mas o doutor Whitman fez uma transfusão e agora está esperando que ela reaja.

— Esperando? Ele está só esperando? — A voz dela tremeu. — Não há mais nada que ele possa fazer? Ela não pode morrer! — exclamou Della. — Ela não pode! Você vai voltar lá e dizer a ele para fazer alguma coisa!

Steve sentou-se ao lado da vampira e colocou o braço ao redor de Della. Ela escondeu o rosto em seu ombro.

— Você fez um trabalho incrível fazendo o parto do bebê e trazendo-as aqui tão rápido. Elas só estão vivas por sua causa — disse ele. — Talvez seus pais estejam certos sobre você ser médica.

— Não, eu odiei cada segundo. Se ela morrer, a culpa vai ser minha. Ah, Deus. A culpa é minha.

— Não, não é. — As palavras soaram tão perto de seu ouvido que ela pôde sentir a respiração dele. — Não desista de Holiday ainda.

Della engasgou com um soluço.

— Shh... Holiday é uma guerreira. Ela vai sair dessa.

— E se não sair? — perguntou Della, sentindo no peito um grande nó de dor. — Você sabe como ela estava animada com esse bebê? Agora há uma chance de o bebê nunca conhecê-la! E Burnett?... Holiday é a vida dele. — Della enterrou a cabeça no peito de Steve para que ele não pudesse vê-la chorar, mas não conseguiu conter os soluços que sacudiam seu corpo.

Steve acariciou os cabelos dela e beijou o topo de sua cabeça.

— Nós apenas temos que esperar, rezar e confiar que Holiday vai acordar. Como você disse, ela quer muito esse bebê e ama Burnett. Então, tem muito pelo que viver.

Della fechou os olhos contra o ombro de Steve, os soluços se espaçando. Sua respiração se acalmou e ela deixou que o calor do corpo dele a envolvesse.

No fundo, sabia que precisavam falar sobre seus próprios problemas, mas eles pareciam muito triviais quando pensava que a vida de Holiday estava por um fio. Fechando os olhos, ela rezou novamente ela amiga. Com mais fervor do que jamais tinha rezado por qualquer coisa em sua vida. Deus amado, ela já tinha perdido Chan, não podia perder Holiday também.

Della não sabia ao certo quanto tempo tinha se passado — dez minutos ou trinta — quando o doutor Whitman saiu da sala. Ela se levantou. O sorriso no rosto dele deixou-a imediatamente à

vontade.

— Tudo vai ficar bem — disse ele. — Graças a você. — Ele olhou para Della.

Ela quase desabou de alívio, e Steve teve que colocar o braço ao redor de seu corpo para sustentá-la.

Logo em seguida, a porta da frente se abriu e Kylie irrompeu na sala, os olhos brilhantes de emoção.

— Onde ela está? — A voz dela soou profunda, como sempre ficava quando ela estava no modo de proteção.

— Ela está lá atrás — disse o doutor Whitman. — Mas vai ficar bem.

— O que aconteceu? — perguntou Kylie.

— Parece que ela teve um leve descolamento de placenta — o doutor Whitman respondeu.

— Leve?! — Della repetiu com ironia. Nada parecia leve quando se tratava do que tinha acontecido naquela última hora.

— Quando digo leve não significa que não tenha sido sério, mas se o descolamento tivesse sido grave o bebê definitivamente teria morrido e Holiday poderia ter sangrado até a morte, também. Do modo como foi, ela perdeu muito sangue. Se tivesse perdido mais...

— Eu preciso vê-la — Kylie insistiu. — Posso ajudar. Sou uma curadora.

— Ela está pedindo para ver Della — disse o doutor Whitman. — Vocês duas podem entrar, mas apenas por alguns minutos. Ela precisa descansar. E em primeiro lugar vocês precisam ir se lavar. — Ele olhou para Steve. — Você tem uma camisa para emprestar a Della?

Della não tinha percebido, mas estava toda suja com o sangue de Holiday. Lágrimas encheram seus olhos.

Steve levou Della e Kylie para o banheiro na parte de trás, em seguida voltou com uma camiseta azul-marinho na mão. Ele a entregou a Della e saiu. Kylie fechou a porta.

— Você está bem? — perguntou Kylie.

— Sim — Della mentiu, e, em seguida, tirou a blusa, dura com o sangue da amiga, e vestiu a camiseta de Steve. A sensação do algodão em sua pele era fresca e suave. Della puxou o tecido até o nariz. O cheiro de Steve estava impregnado na peça de roupa.

Ela tinha sentido falta daquele cheiro.

Tinha sentido falta de Steve.

Quando Della entrou e viu Burnett segurando a filhinha nos braços, as lágrimas quase se formaram em seus olhos novamente. Holiday ainda estava pálida, mas sorriu.

— Obrigada — disse ela a Della, em seguida acenou para Kylie.

— Nós estávamos indecisos quanto ao segundo nome — disse Burnett. — Mas decidimos pôr o seu nome, Rose.

Kylie riu e olhou para Della.

— O seu nome do meio é Rose?

Della franziu a testa para Kylie e então olhou para Holiday.

— Não faça isso! — disse Della. — Eu odeio esse nome. Parece atriz de filme pornô!

— Não! — disse Burnett. — Eu gosto. Ela vai se chamar Hannah Rose James. Em homenagem à irmã de Holiday e você. O médico disse que você salvou as duas. Parece que eu vou ter que ser mais bonzinho com você de agora em diante.

— Não tenho muita esperança... — disse Della, esperando que o humor a impedisse de derramar mais lágrimas.

— Você realmente fez o parto? — perguntou Kylie.

Della assentiu.

— Não tive muita escolha. Holiday ameaçou enviar os anjos de morte atrás de mim se eu a deixasse lá.

Todos riram.

— Eu sinto muito — disse Holiday, mas ela ainda estava sorrindo.

— Não precisa — disse Della.

— Isso deve ter sido incrível — disse Kylie, entrando na conversa.

Della olhou para a mãe e o pai orgulhosos.

— Sim. E se vocês dois um dia decidirem ter outro filho, me avisem para eu ter tempo de sair da cidade. Não vou fazendo isso de novo. E no minuto em que fizer 18 anos, vou amarrar as trompas. Eu era muito nova para ver isso.

Risos encheram a pequena sala novamente. E isso foi bom.

O bebê arrulhou. Burnett olhou para o pequeno pacotinho em seus braços. O coração de Della derreteu-se ao ver o amor nos olhos do vampiro durão. Ela não pôde deixar de pensar em seu próprio pai, se quando ela nasceu ele a amava tanto assim. Mas não querendo pensar nos seus próprios problemas, afastou o pensamento e fitou o bebê que, infelizmente, teria o seu segundo nome.

Limpinha agora, ela parecia menos um filhote de cachorro molhado e muito mais uma pessoinha. Uma linda pessoinha. Della observou o padrão da criança. Ela era metade *fae* e metade vampiro, mas seu padrão tendia mais para os vampiros. Ela era definitivamente mais vampiro do que qualquer outra coisa. Como Burnett era o pai, isso não era nenhuma surpresa. Nem o fato de Hannah Rose James já parecer a filhinha do papai.

A criança segurava a ponta do dedo mindinho de Burnett com seu pequeno punho — sendo que o dedo mindinho dele era maior do que toda a mão da filha. Seu cabelo castanho e espesso parecia o de Burnett, mas seus traços femininos e delicados eram certamente os de sua mãe.

— Ela é linda! — Kylie olhou para Holiday. — Posso lhe oferecer um toque de cura, Holiday?

— Eu acho que estou bem — disse Holiday.

— Só para ter certeza, deixe-a fazer isso — disse Burnett.

— Ela não deve desperdiçar sua energia se eu estou bem — insistiu Holiday.

— Não foi você que teve que vê-la deitada aí sem vida menos de uma hora atrás — rosnou Burnett para a esposa antes de olhar para Kylie. — Faça. Eu seguro Holiday, se for preciso.

— Faça no bebê, também — disse Della, olhando para a frágil criança e se lembrando dela quando não estava respirando.

De repente, Della sentiu seus olhos ficarem úmidos. Lágrimas de alívio. Mas, caramba, aquele tinha sido um dia difícil. Mas um dia de milagres.

Billy não iria para a cadeia, e Holiday e o bebê tinham sobrevivido.

Leve-me no lugar dela. Della recordou-se da sua oração. Pelo jeito, Deus não precisava de uma alma extra no final das contas.

Poucos minutos depois, o doutor Whitman enxotou todos do quarto, exceto Burnett. E como o médico queria manter Holiday e o bebê em observação por alguns dias, Della esperava que o médico não se importasse que elas tivessem companhia, porque ela apostava seus caninos que Burnett não sairia do lado da esposa.

Quando elas se viraram para sair, Burnett perguntou a Della se ela poderia voltar com Kylie e deixar o carro de Holly, pois o carrinho do bebê estava no porta-malas. Ela concordou e saiu do quarto de Holiday. Steve estava esperando por ela do lado de fora. Della olhou-o nos olhos e se lembrou de como era bom quando ele a abraçava.

— Eu vou dar uma carona a Della — disse ele, como se tivesse ouvido os planos de Burnett.

Kylie olhou para Della como se estivesse esperando que ela argumentasse. Nenhum argumento saiu de sua boca. Ela e Steve precisavam conversar... Se ela soubesse o que dizer. Ou o que não dizer. *Ei, eu beijei Chase*. Ou *ei, eu acho que perdoo você*.

E só então ela se lembrou do que Kevin tinha dito um pouco antes de toda aquela coisa do bebê acontecer. Chase tinha conhecido Chan. Ela pensou em voltar e contar a Burnett, mas aquilo parecia egoísta. Ele merecia celebrar o nascimento da filha sem ter que se preocupar com qualquer outra coisa.

Mais tarde, Della pensou. Ela diria a ele mais tarde.

— Você vai comigo? — perguntou Kylie.

Percebendo que estava perdida em pensamentos, ela olhou para o metamorfo, que a abraçara com tanta ternura quando ela precisou dele.

— Não, Steve vai me levar.

Um sentimento de alívio encheu os olhos de Steve.

E os olhos azul-claros de Kylie se encheram de surpresa.

— Eu vejo você na cabana. Com uma Coca Diet na mão.

Della sorriu e observou-a se afastar.

Steve levou-a de volta a Shadow Falls num Honda Civic novinho.

— Belo carro! — disse ela depois de dez minutos de silêncio, enquanto se perguntava se o Honda seria de Jessie. Será que eles eram tão amigos agora a ponto de ela lhe emprestar seu carro novo?

— Obrigado, ganhei de aniversário dos meus pais.

— De aniversário?

Ele confirmou com a cabeça.

Della engoliu em seco, cheia de arrependimento.

— Foi por isso que eles o levaram para jantar?

— Foi.

Ela soltou um suspiro.

— Eu não sabia que era... seu aniversário.

— Eu sei — disse ele.

— Eu queria que você tivesse me contado. — Ela olhou pela janela do carro, não querendo ver a decepção nos olhos de Steve.

— Você já tinha planejado ir para a casa de Kylie e à funerária. Tudo bem.

Não estava tudo bem. Ela se sentia muito mal. Steve a convidou para sair com ele e os pais, no aniversário dele, e ela tinha surtado, como se ele a tivesse pedido em casamento ou algo assim. Ela nem tinha lhe desejado feliz aniversário. Não que ela soubesse que era aniversário dele, mas ainda se sentia como a maior decepção do mundo.

Droga, ela era uma péssima namorada. Ou uma péssima "quase" namorada.

Ela finalmente olhou para ele.

— Você sabe quando é meu aniversário?

— Dezoito de novembro — disse ele.

— Como você sabe?

— Olhei no seu documento uma vez.

Ótimo. Agora, ela se sentia muito pior.

— Eu sinto muito — disse ela.

— Por quê?

— Por não saber quando é o seu aniversário. Por ser uma mocreia. — *Por ter beijado Chase.*

— Você não é uma mocreia. Você está com medo — disse ele. — Muitas pessoas te decepcionaram. E eu fui mais uma. Sou eu quem deve pedir desculpas por ter deixado... Jessie me beijar. Eu estava com pena de mim mesmo, acho, e talvez um pouco chateado. E foi ela quem realmente me beijou, mas eu não a repreendi. Sabia que ela tinha uma queda por mim e eu deveria ter avisado antes que não aconteceria nada entre nós, mas...

Della olhou para ele.

— Mas foi bom ver que ela estava prestando atenção em você quando eu não estava. E você estava desapontado comigo. — Seria por isso que ela tinha beijado Chase, também? Podia ser.

Ele parou, estacionou na frente de Shadow Falls e olhou para ela.

— Sim, mas foi errado. E eu me sinto péssimo.

— Você não deveria. — Mas ela não se sentia péssima tambem?

— Eu cometi um erro, Della. Já sou maduro o suficiente para admitir.

Ela devia fazer o mesmo, não devia? Ela estudou suas próprias botas no assoalho do carro.

— Eu beijei Chase — disse ela. Pronto. Agora Steve poderia ficar furioso com ela e não consigo mesmo.

Ela não tinha certeza do que esperava que ele dissesse, mas, quando Steve não disse nada, isso a assustou. Ela olhou para ele.

— Viu? Você não precisa se sentir tão mal assim.

Ele não parecia aliviado. Parecia indignado. Não era esse o plano? Tirar um pouco a culpa dos ombros dele? Mas talvez não fosse um plano tão bom assim, afinal de contas.

— Você fez isso para se vingar de mim? — ele perguntou, num tom amargo.

— Não, eu... Eu acho que não. Talvez um pouco. É complicado, mas eu estaria mentindo se dissesse que uma parte de mim não queria se vingar de você. Fiquei magoada, muito magoada. — Ela fez uma pausa e tentou descobrir como explicar; então decidiu apenas dizer a verdade. — Miranda colocou na minha cabeça que, se eu beijasse alguém, conseguiria perdoar você, porque foi isso que Perry fez depois que ela beijou outro cara um tempo atrás.

— Essa é a coisa mais idiota que eu já ouvi.

— Eu sei. Eu disse isso a ela, também.

— Mas mesmo assim você seguiu o conselho dela — disse ele, numa voz cheia de mágoa.

— Não, quer dizer... não foi por isso. Ok, talvez o conselho dela tenha ficado em algum lugar do meu cérebro, mas não foi realmente por isso que aconteceu. Nós estávamos numa missão e já deveríamos ter dado o fora. Alguns membros de uma gangue chegaram e eu estava tentando fazê-los acreditar que éramos... — "Uma prostituta e um cara qualquer" não soava muito bom, então ela disse: — Só parte da multidão.

Por um minuto, ele olhou pela janela, para as árvores mais além. Elas balançavam ao vento e Della percebeu que, como as árvores, as coisas entre ela e Steve poderiam estar balançando também. Ela sabia que caminho queria seguir, mas não sabia dizer se era o caminho certo.

Se ela tinha sido uma péssima "quase" namorada, como seria num namoro de verdade?

— Funcionou? — ele perguntou.

— Sim, eles não viram quem éramos.

Ele olhou para ela.

— Estou me referindo ao plano de Miranda.

Ela odiava admitir isso, mas...

— Por mais louco que possa parecer, pode ter funcionado.

Ele suspirou.

— Você gostou de beijá-lo?

Demais. Ela quase mentiu, mas então...

— Provavelmente não mais do que você gostou de beijar Jessie. — E ela sabia que ele tinha gostado, porque parecia bem culpado no dia em que ela ligou.

Ele olhou pela janela novamente.

— Você poderia ter mentido.

— Eu estou me tornando uma grande defensora da verdade, ultimamente. — Especialmente depois de descobrir quantas pessoas tinham mentido para ela. Seu ex-namorado. Os pais dela — que nunca tinham lhe contado sobre o tio e a tia. Chase — qual era a ligação dele com Chan?

E, no entanto, por mais irritantes que aquelas mentiras fossem, ela tinha continuado a mentir, não é? Ela não tinha contado aos pais que era um vampiro — por razões muito boas, mas ainda assim era uma mentira. E ela não tinha contado a Burnett sobre seu tio e sua tia, e não achava que faria isso. Mas no momento, pelo menos com Steve, ela queria ser sincera.

— Me desculpe, eu o beijei. Estávamos numa situação de perigo e tudo era muito intenso, mas não era... Não era você. E depois... — Della continuou: — Eu queria que fosse você. — Além disso, Chase já foi embora agora.

— Isso é exatamente o que eu sinto — disse ele. Eles estavam sentados no banco da frente do carro, apenas olhando um para o outro. — E o que isso quer dizer? — perguntou Steve.

— Eu sei o que quer dizer para mim. Quero ficar com você, mas ainda estou com medo.

— Então é só a gente ir devagar.

Ela olhou para ele e seu coração era um misto de esperança e medo.

— Não era isso que estávamos fazendo e não funcionou?

— Então não vamos tão devagar. Vamos fazer com que vá mais rápido! — disse ele com cautela e esperança.

Ela mordeu o lábio.

— Eu nem sabia que era seu aniversário. Eu não sei se vou ser boa em... nessa “coisa” entre nós. — Ela fez um gesto com a mão entre eles. — Provavelmente você merece coisa melhor.

— Não vai ser melhor se não for com você. — O verde e o dourado dos olhos dele brilharam quando ele sorriu. Steve se inclinou e, encaixando a mão atrás da cabeça dela, ele a puxou para mais perto. — Você é linda e divertida. E inteligente. — As palavras dele soaram junto aos lábios dela. Seus lábios finalmente roçaram um no outro. — Eu já disse linda? Eu adoro te ver usando a minha camiseta. — Suas bocas se uniram por fim. A palma da mão dele deslizou pelo pescoço dela e emoção irradiava de seu toque. Ele se aproximou mais do console central, tentando chegar mais perto dela.

Ela fez o mesmo.

Suas línguas se encontraram e o beijo passou de romântico para algo mais. O coração dela disparou, sua pele estava supersensível. Tudo o que ela queria era chegar mais perto.

Queria arrancar o console entre eles; em vez disso, pulou a maldita coisa. Mas quando seu traseiro bateu no volante, a buzina tocou.

Os dois riram e se abaixaram no banco para o caso de alguém ter olhado. Steve alcançou uma alavanca embaixo do seu assento e reclinou o banco vários centímetros, abrindo espaço para ela em seu colo. Não tinha muito espaço, mas ela tentou dar um jeito. Ele se espremeu no banco e ela escorregou as pernas em volta da cintura dele. A posição era apertada, mas ultrasexy. O coração de Della disparou e ela podia sentir que o de Steve seguia no mesmo ritmo.

Ela se afastou apenas um centímetro, olhando para a sua boca úmida.

— Você sabe que estamos em plena luz do dia e alguém pode estar olhando?

— E daí? — Ele a puxou para si. Suas mãos deslizaram sob a camiseta dela. Depois se fecharam em torno da cintura, tão quentes, tão certas. Lentamente, seu toque deixou a cintura e passeou até a lateral dos seios. Ela queria as mãos dele lá. Queria as mãos dele em todos os lugares.

Steve terminou o beijo muito antes do que ela queria. Ele estava ofegante e seus olhos brilhavam com o mesmo sentimento que ela, desejo. Necessidade. Ardor.

Os olhos dele exprimiam uma coisa, mas a expressão facial exprimia outra.

— O que foi? — estranhou ela.

Capítulo Trinta e Cinco

— Seu corpo está fervendo, Della!

— O seu também!

— Não! — Ele tirou a mão de dentro da camiseta de Della e colocou-a no rosto dela. — Não nesse sentido. — Ele balançou a cabeça. — Você é sexy demais, mas o que eu quero dizer é que ainda está com febre. O que está acontecendo?

— Ah. Eu... Tenho certeza de que não é nada sério. — Ela disse a ele o que andava dizendo a si mesma nas últimas semanas. — Eu não acho que esteja com febre. Só não estou tão fria. — E sem querer pensar na possibilidade de estar doente, ela procurou algo para distraí-la. Tentou beijá-lo novamente.

Ele colocou a mão entre sua boca e a dela.

— Pode ser algo bem sério. E se você não está tão fria, então significa que você está com febre. Agora volte para o seu banco.

— Por quê?

— Estou voltando ao consultório do doutor Whitman, para que ele examine você.

— Não. — Della descansou a testa contra a dele.

— Por que não? — Ele inclinou a cabeça para trás e estudou o rosto dela.

— Porque... Eu estou bem. E não quero preocupar Burnett e Holiday neste momento. Se não voltar ao normal em poucos dias, eu irei, ok? Ou melhor ainda, vou pedir a Kylie para fazer em mim aquela coisa de curar com as mãos.

A expressão dele era de decepção.

— Curadores não resolvem tudo. — Ele a observou. — Quais são os seus sintomas?

Eu não tenho nenhuma pereba. Não era isso que era importante?

— Steve, eu estou bem. E para sua informação, Kylie curou o câncer da amiga dela. Eu tenho certeza de que ela pode dar conta de um vírus à toa. — Ela se sentiu melhor dizendo aquilo, também. Mas se dissesse a Steve que suspeitava de que tinha a mesma coisa que Chan, ele iria surtar. Com um Steve surtado ela não podia lidar.

— Quais são os seus sintomas? — ele repetiu com firmeza. — Sente dor em algum lugar?

— Não... Bem, eu tive dor de cabeça por um tempo, mas já passou.

Ela não ia mentir, apenas minimizar um pouco.

— E? — insistiu ele.

Ela não tinha dito “e”, mas Steve sempre fora capaz de captar o que ela sentia.

— Isso fica entre nós — disse ela. — Sigilo entre médico e paciente, certo?

Ele olhou para ela.

— Você está sentada no meu colo. Minha mão estava deslizando sob a sua camiseta.

— É a sua camiseta — corrigiu ela, e sorriu.

— Tanto faz, o que estou dizendo é que estou falando com você como seu namorado.

Ela sorriu.

— Isso soou bem... gostei.

A expressão séria dele se suavizou.

— Eu também. — Mas então ele franziu a testa novamente. — Agora me diga quais são os seus sintomas.

Talvez ela pudesse se abrir um pouco.

— Você promete que não vai dizer nada? — Ela tocou a boca de Steve. Era tão suave ao toque dos seus dedos quanto tinha sido sobre os lábios dela.

— Tudo bem. Eu prometo.

— Minha audição supersensível de vampiro e o olfato, eles estão falhando. É muito louco. Uma hora estão normais, outra hora não.

A expressão dele endureceu e seus olhos castanhos, que tinham um brilho sensual segundos atrás, agora pareciam inquietos.

— Você está começando a se parecer cada vez mais com um médico — ela o acusou.

Ele gemeu.

— Deixe-me levá-la agora para ver o doutor Whitman, Della. Por favor. Ele precisa examinar você, fazer um exame de sangue. Vou ficar mais tranquilo.

— Não. Como eu disse, em poucos dias, quando Holiday voltar para casa e estiver tudo bem com o bebê, eu vou, mas não agora.

— Mas...

— Pare de fazer tempestade em copo d'água! — Ela estava bem, disse a si mesma. Vampiros raramente ficavam doentes. *E, no entanto, alguns ficavam doentes e morriam.*

A voz ecoou dentro da cabeça dela e, caramba!, se não era uma voz muito parecida com a de Chan.

Mas logo em seguida, Della ouviu outras vozes. Vozes e risos. Essas vieram de fora do carro. Steve levantou a cabeça e olhou pela janela.

Através de alguns fios de cabelo, ela olhou para Steve, esperando, rezando, para que estivesse errada. Ele finalmente olhou para ela.

Ela mordeu o lábio antes de perguntar:

— Por favor, me diga que ninguém nos viu no maior amasso, como um casal de adolescentes cheios de tesão, namorando dentro do carro.

Ele afastou o cabelo do rosto dela.

— Será que isso ainda importa?

— Quantos? — perguntou ela.

— Quantos o quê?

— Quantos eu vou ter que matar?

Um sorriso iluminou seus olhos, e ele olhou para trás, para a direita e em seguida para a esquerda.

— Seis. Não, sete. Espera aí. Oito. Isso é bastante gente pra você matar. — O sorriso dele se alargou.

Ela sentiu o rosto ficar quente, imaginando por quanto tempo todas aquelas pessoas tinham ficado assistindo.

— Acho que eu deveria sair do seu colo.

Ele arqueou as sobrancelhas de maneira provocante.

— Ah, não sei. Eu estou gostando muito...

Ela começou a puxar uma perna de trás dele.

— Se minha bunda tocar a buzina de novo, vou *morrer* de tanta vergonha, aqui e agora.

O sorriso dele desapareceu e ela sabia exatamente no que ele estava pensando.

— Você não vai morrer, Della.

Ela tinha começado a se concentrar em sair do colo de Steve quando ele tocou o rosto dela e puxou seu queixo, para olhar seu rosto novamente.

— Dois dias, Della. Se você não for ao consultório do doutor Whitman, eu vou arrastar você até lá.

— Desculpe, mas foi engraçado. — Miranda riu e tirou três Cocas Diet da geladeira. — E não sabíamos que era você. Tudo que vimos foi um casal se agarrando no banco do motorista. — Ela colocou as bebidas sobre a mesa. — E não reconhecemos o carro.

— Não é engraçado! — Della rosnou.

Miranda, Kylie, Perry e cinco outros alunos tinham ficado na entrada de Shadow Falls, espiando ela e Steve. Della não tinha ideia de como pôde não tê-los visto quando Steve estacionou, mas, pensando bem, toda a atenção dela estava concentrada no motorista.

Toda a sua atenção estava no toque de Steve, em como se sentia ao ser beijada por ele. Em como se sentia ao ser compreendida por ele. Era isso que fazia dele alguém tão especial? Ele a aceitava do jeito que ela era. E gostava dela assim.

— Ei... tudo o que você fez foi beijá-lo — Kylie tentou tranquilizá-la, mas até mesmo a camaleão estava sorrindo por dentro; Della podia ver isso nos olhos da amiga.

— Eu não sei — disse Miranda. — A mão dele estava embaixo da blusa dela e a gente não podia ver onde as mãos dela estavam.

Della lançou um olhar frio na direção da bruxa.

— Para com isso antes que eu vá aí e faça você parar!

— Certo, vamos mudar de assunto — disse Kylie. — Nós estamos felizes. Holiday e Hannah vão ficar bem. Graças a você, por sinal. E você e Steve fizeram as pazes.

— Graças a mim! — frisou Miranda. — Eu te disse para beijar Chase. Foi por isso que funcionou.

— Beijar Chase foi um erro. — A mente de Della voltou a se lembrar de que ele conhecia Chan e ela precisava ligar para Kevin e ver o que mais ele sabia sobre o Pervertido da Calcinha, mas ela não queria pensar sobre Chase no momento. Kylie estava certa. As coisas estavam boas demais para que ela se preocupasse. E se isso significava ignorar a leve dor de cabeça que sentia, que assim fosse.

— Apesar de tudo — disse Kylie, dando uma batidinha com o dedo na lata de refrigerante —, o dia foi ótimo!

E eu salvei Billy, Della pensou, abrindo seu refrigerante.

Quando Della olhou para ela, Miranda a encarava com os olhos apertados e a testa franzida.

— O que foi?

A bruxa baixou a lata de Coca-Cola.

— Você está feliz, mas...

— Mas o quê? — perguntou Della.

— Sua aura ainda está escura. Até mais do que antes.

— Bem, então o seu detector de auras está com defeito.

Miranda balançou a cabeça.

— Amanhã você vai observar aves. E não me importo se tiver que arrastar os pássaros até você.

Por volta das oito da noite, Della estava sentada sozinha na mesa da cozinha, sentindo solidão. E um tremendo mal-estar. A dor de cabeça tinha aumentado. Ela sentia não só as têmporas latejarem, mas também a base do pescoço. Talvez tivesse sido melhor se ela tivesse deixado Steve levá-la de volta ao consultório do doutor Whitman, afinal. Ou talvez devesse ter pedido a Kylie para fazer a sua magia com as mãos antes de sair.

A verdade era que as duas melhores amigas a tinham abandonado mais de uma hora antes, para ficar com os namorados. Ela não podia ficar com raiva. Se Steve estivesse ali, ela estaria com ele.

Olhando para o celular, ela torceu para que ele tocasse. Ela tinha retornado a ligação de Kevin duas vezes, na esperança de que pudessem terminar a conversa sobre Chase, mas a ligação tinha caído na caixa postal e ele não havia ligado de volta. A pergunta pesava na mente dela cada vez mais. Por que Chase não tinha contado a ela que conhecia Chan? O que isso poderia significar?

As paredes da cabana pareciam gemer. Seria imaginação dela ou a temperatura do ambiente tinha caído alguns graus? Ela cruzou os braços e olhou em volta. Chan estaria ali? Ela não deveria ter medo dele, se estivesse. Mas a sensação desconfortável na boca do estômago não ia embora. O que o primo queria com ela? Seria algo sobre Chase?

Ela se lembrou de Chase dizendo-lhe que estava à procura de alguém. Será que ele estava mentindo?

De repente, a pele na base do seu pescoço se arrepiou. Ela virou a cabeça, meio que esperando ver alguém parado ali, olhando para ela.

O cômodo estava vazio. Ou pelo menos vazio de qualquer pessoa que ela pudesse ver.

— É você, Chan? — sussurrou.

O silêncio foi a única resposta. Pegando o celular, ela pensou em ligar para Steve, mas já tinha ligado mais cedo e ele dissera que estava com um paciente e retornaria a ligação assim que pudesse. Pensamentos sobre Jessie estar com ele espicaçaram seu estado de espírito já impaciente. Confiar em Steve era uma coisa, confiar em Jessie era outra. Sua cabeça latejou ainda mais.

Quando outro arrepio percorreu sua coluna, ela se levantou e decidiu tomar um banho quente. Foi até o banheiro, ligou o chuveiro e tirou a roupa. O barulho da água caindo parecia ecoar no ambiente e por algum motivo ela se lembrou da cachoeira. Olhou para a cortina do chuveiro. O vapor saía em ondas. Colocou uma toalha sobre o balcão da pia. Massageando as têmporas, olhou no espelho e viu seu reflexo nu. Então ela o viu.

— Merda! Saia daqui, Chan! — Com o medo que sentia do primo morto ela talvez conseguisse lidar; lidar com esse medo enquanto estava "nua", isso já era demais. Ela pegou a toalha e virou-se para encará-lo. Ela esperava que ele fosse embora, mas ele não foi. Ficou ali em meio a uma nuvem de vapor.

— Olhe atrás de você — disse ele.

— Saia daqui! — ela repetiu, ainda ajustando a toalha e lutando contra a dor.

— Olhe atrás de você! — disse ele de novo, e agora era ele que parecia estar com medo.

Ela olhou por cima do ombro, a respiração presa, sem saber o que veria. Não havia nada atrás dela, apenas seu reflexo e o reflexo do primo morto, olhando para ela com olhos tristes.

Ela se virou e encarou-o de novo, e o leve movimento fez com que tudo começasse a girar em volta dela. Ela esperou até que a tontura passasse.

— Olhar o quê? — ela conseguiu perguntar, segurando-se na pia com medo de cair.

Ele levantou o braço e apontou para algo atrás dela. Ela olhou para trás mais uma vez e não viu nada. Mas então, no meio do nevoeiro, a imagem de Chan foi se desvanecendo.

Ela lentamente virou a cabeça para a frente outra vez. Ele tinha desaparecido.

Olhe atrás de você. As palavras ecoaram em sua cabeça. *Olhe!*

Tremendo por dentro, ela não sabia o que era pior. Vê-lo ou ouvi-lo em sua cabeça.

Ainda assim, ela fez o que ele disse e olhou por cima do ombro novamente.

— O que é que eu vou ver? — perguntou, suas palavras parecendo sugadas pelo vapor. A dor de cabeça parecia se espalhar pelos ombros. — O que é que eu vou ver? — perguntou novamente, sua paciência por um fio.

Apenas um silêncio mortal lhe respondeu. Ela não conseguia mais ouvir a água do chuveiro caindo. Não conseguia nem ouvir a própria respiração.

Ela piscou e estava prestes a se virar quando viu o desenho de uma seta aparecer no espelho embaçado. Apontava para o seu reflexo. Ela seguiu a seta. E viu.

— Merda! — Deixou cair a toalha. Todo o medo de fantasmas, de aparecer nua na frente deles, desapareceu. Um tipo diferente de medo brotou no seu peito.

Seu coração disparou e, simultaneamente, a dor na cabeça e nos ombros voltou com mais força. Nua no banheiro cheio de vapor, ela ouviu as palavras de Kevin ecoarem na sua cabeça. *Disseram que ele ficou doente e então umas perebas estranhas apareceram nas suas costas e, então, ele morreu*. *Simplesmente morreu*.

Della olhou para as marcas vermelhas começando a se espalhar na parte de trás do pescoço e avançando pelas costas. Elas pareciam... penas.

Ela caiu na real. Tinha a mesma coisa que Chan. Tinha a mesma coisa que o matou.

A porta do banheiro se abriu. Ela esperava que fosse Kylie ou Miranda.

Estendeu o braço para pegar a toalha. Usando toda a sua energia, levantou-se e sentiu a cabeça rodar. Pontos pretos apareceram diante dos seus olhos, mas ela se concentrou na porta. Conteve o fôlego quando percebeu que tinha se enganado. Não era Kylie nem Miranda.

— Que diabos você está fazendo aqui?

Capítulo Trinta e Seis

— Você mentiu! — Della gritou, encarando Chase, chocada, por vê-lo ali em seu banheiro. — Você não estava à procura de ninguém.

— Eu estava — disse ele. — Estava procurando você.

Ela teve que fazer um grande esforço para se concentrar apesar da dor.

— Você conhecia Chan, meu primo.

— Sim. — O olhar dele percorreu-a de cima a baixo.

— Vá embora! — ela disse, quando se deu conta de que estava apenas com uma toalha.

— Eu tentei. Não consegui. É terrível quando se adquire consciência das coisas. Goste ou não, você e eu estamos ligados.

— Ligados? — Ela balançou a cabeça, apenas para perceber que qualquer tipo de movimento só fazia a dor piorar.

O olhar de Chase percorreu o corpo dela enrolado na toalha.

— Poderia ser pior. Você poderia ser feia.

— Saia do meu banheiro!

Ele saiu, mas não fechou a porta. Ela se encostou na pia, com tontura novamente. O nevoeiro no banheiro parecia infiltrar-se na sua mente. Chase estivera ali realmente? Ou ela só tinha imaginado? Será que tinha imaginado Chan e a erupção de pele também?

— Aqui! — O Pervertido da Calcinha, real, não imaginado, voltou a entrar no banheiro, como se tivesse todo o direito de estar ali. Ele trazia roupas numa mão e o celular dela na outra. Colocou as roupas na bancada da pia.

— Vista-se.

— Saia! — Um calafrio, este vindo de dentro dela, percorreu sua coluna vertebral. Ela sentiu um tremor por dentro. Sua cabeça latejava.

— Vista-se ou seu amigo metamorfo vai ficar puto se nos vir juntos e você estiver nua. Não que ele não vá ficar puto de qualquer maneira. — Chase disse aquela segunda frase quase para si mesmo. — Mas é tarde demais para tentar encontrar outra pessoa.

— O quê? — perguntou ela, sem entender.

— Vista-se.

— Com você aqui? Nem pensar! — Sua voz tremeu e ela teve que apertar a mandíbula para controlar o tremor.

Ele lhe deu as costas.

— Vista a roupa. Não temos muito tempo.

— Tempo para quê? — ela perguntou com os dentes cerrados.

Um tipo estranho de *déjà-vu* a atingiu. Lembrou-se de se sentir assim antes. Os calafrios. E a dor.

E Chan estava com ela.

Olhando fixamente para as costas de Chase, ela deixou cair a toalha e estendeu a mão para pegar as roupas. Pelo espelho ela o viu se virar de frente.

O olhar dele percorreu seu corpo nu.

Ela rosnou. Seu foco foi para o espelho, para os olhos dele.

— Desculpe. Pensei que já estivesse vestida.

Desculpe, uma ova! Ele sabia muito bem que ela ainda estava seminua. Della lhe mostrou as presas, então continuou a se vestir.

Ele continuou a assistir.

— Por que você estava na casa de Chan? — perguntou ela, tentando deslizar a camiseta pelas costas suadas. Mas cada movimento fazia sua cabeça latejar ainda mais. Com mais força ainda.

Chase olhou para o celular dela.

— Vamos começar chamando o seu metamorfo aqui.

Ele apertou um botão.

A dor no pescoço irradiou para a coluna vertebral. Recusando-se a deixá-lo criar mais problemas entre ela e Steve, Della estendeu a mão para tomar de volta seu celular. Chase pegou a mão dela. Sua dor se intensificou. Ela não tinha forças para se afastar. Seus joelhos cederam e ela caiu sobre ele. Chase colocou o braço ao redor dela e segurou-a em pé. Por que ele parecia tão quente e ela tão fria?

— Está tudo bem — ele sussurrou no ouvido dela. — Vamos dar um jeito nisso. — Ela sentiu a mão dele se mover suavemente nas suas costas.

Não estava tudo bem!

Ela conseguiu afastá-lo e segurar-se na bancada da pia, mas todo o seu corpo latejava. Músculos que ela não sabia que tinha se contraíram. Lágrimas encheram seus olhos. Era exatamente daquele jeito que ela se sentira quando fora transformada.

— Ei, Steve! — disse o Pervertido da Calcinha ao telefone, sem tirar os olhos dela. — É Chase.

Della poderia jurar que ouviu a voz de Steve responder irritada.

Ela tentou pegar o telefone novamente. Chase a segurou com uma mão, delicadamente, sem nenhuma agressividade em seu toque. Ele não precisava ser agressivo. Ela não tinha forças para brigar com ele. Mas se ressentia de sentir seu toque tão suave.

Ela caiu para trás, contra a pia novamente. Respirar agora era um martírio.

— Cale a boca e ouça! — sibilou Chase ao telefone, enquanto olhava para ela com preocupação. — Della está correndo contra o tempo. Vou levá-la para a cabana de Holiday.

Encontre-nos lá. Eu sei o que tenho que fazer para salvá-la, mas vou precisar da sua ajuda. — Chase desligou.

Della olhou para ele.

— O que está acontecendo?

— Você se lembra de quando foi transformada em vampiro?

O fato de que saber o que tinha sentido a assustava, deixava-a confusa.

— Sim. Por quê?

— Existem alguns sortudos ou, na maioria dos casos, uns azarados, que passam por isso duas vezes.

Ela balançou a cabeça.

— Eu nunca ouvi falar disso.

— Você não poderia. É uma raridade. — Ele estendeu a mão para ela. — Vamos.

— Não! — Ela levantou a mão. — Não até que você me explique.

Ele franziu a testa.

— Ok, uma explicação rápida. Das centenas de linhagens que carregam o vírus, existem seis que estão propensas a um renascimento.

Ela tentou pensar apesar do latejar na cabeça, da dor que oprimia seus ombros. Pensou na erupção na pele.

— É a mesma coisa que aconteceu com Chan?

Chase assentiu.

— Você fez aquilo! — Della o acusou. — Você envenenou a gente ou algo assim.

— Nada disso.

Sua mente só conseguiu discernir que ele não piscara. Então estaria dizendo a verdade? Será que ela ainda tinha lucidez suficiente para julgar?

— O negócio é o seguinte — ele continuou. — Menos de três por cento dos Renascidos sobrevive. Mas os poucos que conseguem, têm dez vezes mais poder. Felizmente, um estudo feito por um médico associado ao Conselho dos Vampiros encontrou uma maneira de aumentar as chances de sobrevivência.

— Que maneira?

— Estabelecendo uma ligação com outro Renascido.

— Ligação? Ligação como?

— Por meio de uma transfusão completa. Você adquire os anticorpos de alguém que sobreviveu. É a mesma premissa utilizada para criar vacinas. Mas, nesta situação, ela liga os dois vampiros. Eles se tornam quase parte um do outro. Isso tem sido comparado ao relacionamento compartilhado por gêmeos idênticos ou talvez almas gêmeas.

Ela tentou entender aquilo tudo que ele estava dizendo. Ela olhou para ele.

— Você é um Renascido?

Ele confirmou com a cabeça.

— Ainda bem que gostamos um do outro, não é?

— Não fale por mim! — ela retrucou. — Eu não gosto de você.

Ele se inclinou.

— Seu coração não mente, Della Tsang.

Então, talvez ela gostasse dele, mas...

— Eu não quero ter nenhuma ligação com você. — Seu coração não saltou dessa vez. Ela não tinha certeza se queria ter uma ligação com quem quer que fosse, mas, se fosse obrigada, havia um metamorfo em quem ela estava de olho.

Chase suspirou.

— Para ser sincero, no começo eu também não estava muito entusiasmado com a ideia, mas vamos tentar tirar partido disso. — Ele estendeu a mão. — Venha, vamos acabar logo com isso. Quanto mais cedo fizermos, menos a gente vai sofrer.

— A gente? — perguntou ela. O que ele queria dizer com aquela besteira de "a gente"? Ele, obviamente, não estava sofrendo nem um pouco.

— Eu vou passar por todo o processo com você. Quando estiver doando o meu sangue.

A mente dela disparou. Ele iria sofrer... de livre e espontânea vontade? Ele tinha que estar mentindo.

Ela não pegou a mão dele.

— Eu vou pedir a Kylie para me curar. Eu não preciso de você... Ligue pra ela. — Ela apontou para o celular.

— Curadores são maravilhosos, mas nesse caso não servem pra nada. Durante os últimos quinhentos anos, os poucos Renascidos que sobreviveram tiveram que cruzar os braços e assistir suas famílias inteiras morrendo. Por mais poderosos que fossem, recorriam a bruxas, feiticeiros e aos mais talentosos curadores. Em vão, receio dizer.

— Como você sabe tanto? — Uma dor agonizante comprimia seu peito e ela mal podia respirar. Seus joelhos começaram a ceder.

— Depois de passar por isso, eu me interessei em descobrir o que estava acontecendo. — Ele se adiantou e segurou-a nos braços. — Hora de ir.

Ela colocou as mãos no peito de Chase, quando ele começou a levá-la para fora do banheiro.

— Eu não quero.

— Você prefere morrer? — Ele saiu na varanda. O vento frio agitava seu cabelo. Ela estremeceu em seus braços.

— Talvez eu não vá morrer. Talvez eu seja uma dos três por cento. — Nesse exato instante, ela se lembrou da prece, *Leve-me no lugar dela.*

Talvez Deus precisasse de uma alma extra, no final das contas.

— As probabilidades são realmente ruins. — Chase disparou para fora, em pleno voo, sem nem começar a correr primeiro.

Ele voava mais rápido que o vento, segurando-a contra o peito como se ela fosse um tesouro precioso. Se ela era um tesouro, não pertencia a ele.

Ele pousou na frente da cabana de Holiday e entrou como se fosse o dono do lugar. Deitou-a no sofá. Havia uma mesa com alguns equipamentos médicos esperando, como se ele já tivesse preparado tudo de antemão.

Outra pontada atravessou seu corpo, começando no pescoço e se espalhando pelas costas. Parecia que sua coluna estava se partindo ao meio. Ela cerrou os dentes para não chorar.

Quando passou, arquejou, desesperada para respirar. Ele passou a mão na testa dela.

— Você não precisa bancar a corajosa. Eu sei que dói pra caramba.

Um segundo depois, sentiu um pano úmido sobre sua testa. O toque suave lembrou-a de Chan. Ele tinha ficado ao lado dela. Da primeira vez. Foi então que algo lhe ocorreu.

— Isso não vai funcionar — ela disse.

— O que não vai funcionar?

— A coisa da ligação. Você estava com Chan. Não conseguiu salvá-lo.

A expressão de Chase endureceu.

— Eu não tentei isso com ele.

A dor que sentia pelo primo borbulhou dentro dela junto com a dor física.

— Você o deixou morrer?

A culpa surgiu e desapareceu dos olhos de Chase.

— Eu tentei salvá-lo, mas ele não era como você. — Ele olhou para a porta como se estivesse impaciente. — Quanto tempo leva do consultório do veterinário até aqui?

Ela não respondeu.

— Como assim, ele não era como eu? Ele era meu primo. Somos da mesma família.

— A mesma família, sim, mas ele era fraco. Não tinha determinação. Nenhuma força interior. Você vai além do seu limite. É uma guerreira. Ele não tinha garra.

— Chan lutou por mim. Ele me fez aguentar da primeira vez. Não me devia nada, mas ficou comigo. Ele se importava. Se não fosse ele, eu não sei o que teria acontecido.

— Eu não disse que ele não era uma boa pessoa. Eu disse que ele era fraco. Tentei fazê-lo correr, tentei ajudar a prepará-lo para o que ele iria passar. Ele nem sequer tentou. Ficou ali parado, esperando a doença tomar conta dele. Mesmo se eu tivesse me ligado a ele, as chances de ele sobreviver seriam muito pequenas. E eu teria...

— Você... teria o quê? — ela perguntou, com dificuldade para respirar.

— Ele não teria sobrevivido. Não tinha vontade nenhuma de viver. E se eu tivesse tentado, não teria sido capaz de...

— De quê? E como você sabe que ele não teria sobrevivido se nem sequer tentou? Você deixou que ele morresse.

Chase soltou um suspiro.

— Eu queria salvá-lo, mas não pude.

A cabeça dela latejava, seu coração doía.

— Eu não quero seu sangue em mim.

A porta da frente se abriu violentamente e bateu contra a parede. Della mal podia se sentar, mas conseguiu ver Steve irrompendo para dentro da cabana. Ele rosnou, um som baixo e sinistro, dirigido a Chase; em seguida, correu e caiu de joelhos ao lado dela.

Ela sentiu a mão dele em sua testa.

— Você está queimando! — Ele deslizou um braço para debaixo dela. — Eu vou te levar para o consultório do doutor Whitman.

— Não, você não vai! — disse Chase atrás dele. — Deixe-a onde está.

Steve se afastou.

Della sentiu uma pontada na barriga e se encolheu, em posição fetal.

Através dos olhos cheios de lágrimas, viu Steve investindo contra Chase. Centelhas mágicas irromperam do metamorfo, que sem dúvida planejava se transformar em algo feroz.

Chase agarrou Steve antes que ele completasse a transformação e empurrou-o contra a parede.

— Ouça, antes de se transformar em algo que não pode raciocinar. Se você não quer que Della morra, vai ter que fazer exatamente o que eu disser. Eu sei o que estou falando. É por isso que vim para cá.

Chase olhou por cima do ombro, na direção de Della.

— E nós estamos ficando sem tempo.

Sem tempo. Sem tempo.

Ela fechou os olhos e, quando os abriu, Chan estava ao lado dela. Ele abriu aquele sorriso torto bobo que ele tinha. E dessa vez pareceu diferente. Ele não estava ali com ela. Ela é que estava ali com ele. Nuvens passavam flutuando.

Ele estava bem, ela pensou. A morte não era tão ruim quanto pensava. E Holiday estava viva.

Capítulo Trinta e Sete

Della devia ter desmaiado. Ou talvez não completamente. Ela ouviu Chase dar instruções a Steve, mas parecia que eles estavam se afastando, ficando cada vez mais distantes. Ou talvez ela estivesse se afastando. E estava tudo bem. Ela se deixou ser arrastada para longe.

Algo a acordou ou a trouxe de volta. Ela sentiu uma picada no meio dos dois braços. Algo quente fluiu através de uma das agulhas em sua veia.

Apertando os olhos, ela ansiava por algo. Mas pelo quê?

Então, ela percebeu. Era aquele lugar. Um lugar de leveza e luz. Brisa suave e calma. Lembrou-se de Chan. De estar com ele.

Instintivamente, sabia que não estava com ele agora. Vagamente, ela se lembrou dele acenando para ela através das nuvens. Adeus. Ele dava adeus. Ela pediu para ele parar de se afastar, mas depois percebeu que Chan não estava partindo. Ela é que estava.

— Não! — ela quase gritou, percebendo o que tudo aquilo significava. Preocupada com as consequências. Tinha sido seu acordo com Deus — para salvar Holiday e o bebê.

Mas alguma coisa, talvez a gravidade, puxou-a de volta... Não, não era a gravidade. Eram silhuetas. Duas delas, trajando vestes compridas e, enquanto a traziam de volta um deles, de olhos azul-claros, tinha sussurrado: — Não é a sua hora.

Então ela a ouviu. A água. A catarata.

Anjos da morte.

Logo em seguida percebeu que não estava mais tão frio.

— Ei! — A voz de Steve a fez abrir os olhos. Ele se ajoelhou ao lado dela, verificando a agulha cravada em seu braço. Sua testa tinha linhas profundas e seus olhos estavam cheios de preocupação.

Ela piscou. Mais acordada, percebeu que a dor ainda oprimia seu peito, mas não com tanta força. Ela viu o cateter no braço e percebeu o que estava acontecendo.

— Pare com isso! — disse ela, a voz quase um sussurro, e tentou puxar a agulha do braço.

— Não! — Steve pegou a mão dela. — O que Chase disse faz sentido, Della. Você está recebendo os anticorpos dele. A febre cedeu.

Ela molhou os lábios. Estavam tão secos...

— Ele disse que eu ficaria... ligada a ele.

A expressão séria de Steve se aprofundou como se Chase tivesse contado a ele também.

— Eu não vou deixar isso acontecer. — Ele afastou o cabelo dela da testa suada.

Ela ouviu um gemido e, virando a cabeça, viu Chase. Estendido sobre a mesa, parecendo inconsciente.

— O que está acontecendo? — ela perguntou.

— Ele está recebendo o seu sangue e passando pelo mesmo que você.

Ela continuou a olhar para Chase. Suas costas arqueadas de dor. A dor que ela sentia. Ele não deveria...

— Pare com isso! — disse ela, e novamente tentou puxar a agulha do braço.

— Não podemos parar agora. — Steve pegou a mão dela. — Ele deixou isso muito claro. Se eu parar agora, ele vai morrer. Temos que ir até o fim para que ele sobreviva também.

Ela fechou os olhos, mas ouvir os gemidos de Chase despertou uma lembrança da dor mais forte que sentira no próprio corpo. As lágrimas encheram seus olhos. Por que ele tinha feito aquilo?

Ela engoliu em seco, sua garganta raspando. Ele a tinha salvo, mas porque não tinha feito o mesmo por Chan?

Ele estava muito fraco. Ela ouviu as palavras de Chase, mas ainda doía.

Steve passou um pano úmido pelos lábios dela, como se soubesse quanto ela estava sedenta.

— Você ainda está com febre, mas está baixando. Logo vai ficar bem. Apenas descanse agora.

Ele deu um beijo na testa dela.

— Eu vou cuidar de você. Estou bem aqui. — Mas, mesmo quando disse aquilo, ela sentia o sangue sendo bombeado para dentro de suas veias. O sangue de Chase.

Ligados.

O cheiro era horroroso. Algo tocou o nariz dela e ela estendeu o braço para afastar aquilo quando ouviu um estrondo. Tentou abrir os olhos; eles estavam secos, inflamados. Sua língua estava grudada no céu da boca.

— Eu disse que o alho não era uma boa ideia — disse uma voz. — Ela não teve intenção de derrubar você. Agora você pode, por favor, tirar isso daqui?

Ela reconheceu a voz, mas não era de Steve. Era... Chase?

Lembrou-se de ouvi-lo gemer. Lembrou-se de ter pensado que ele poderia morrer. Isso não teria sido certo.

Forçando as pálpebras a se abrir, ela percebeu que não estava mais no sofá, mas numa cama. Olhou em volta, tendo que apertar os olhos para focá-los. O quarto de Holiday.

Burnett estava sentado numa cadeira ao lado da cama. Algo se moveu no chão. Ela levantou um pouco a cabeça e viu que era o doutor Whitman. *Ela não teve a intenção de derrubá-lo.* As palavras de Burnett ecoaram em sua cabeça.

E se ela tivesse feito aquilo?

Burnett inclinou-se e olhou para Della.

— Ela está acordada — disse ele ao médico. — Você pode nos deixar sozinhos?

— Você tem certeza de que é seguro? — o médico perguntou enquanto ficava de pé.

— Eu vou ficar bem — respondeu Burnett, olhando para ela.

Della passou a língua seca sobre os lábios ressecados.

— Onde está Chase?

Burnett franziu a testa.

— Ele se foi.

Ela levantou a cabeça do travesseiro quando a emoção encheu seu peito.Ele tinha morrido para salvá-la. Mágoa, real e profunda, encheu seus pulmões e ficou quase impossível respirar.

— Ele morreu? — Era como se seu coração tivesse sido arrancado. Um buraco vazio deixado em seu peito, onde antes ele batia.

— Não — disse Burnett. — Ele saiu. Provavelmente não queria me enfrentar.

O sentimento de perda não diminuiu. Não era tanto de dor, mas muito mais... de raiva. Ele a tinha deixado? Salvado a vida dela e em seguida fugido? Que tipo de pessoa fazia aquilo?

Burnett estendeu para ela um copo com um pouco de água.

— Beba. Eu sei que está com sede.

Ela estendeu a mão, e rapidamente puxou o copo para si.

— Devagar — disse ele. — Ou vai quebrá-lo.

Ela fez uma careta e pegou o copo na mão. Ele se estilhaçou.

— Merda — ela murmurou, e olhou para o vidro e a água em seu peito.

Burnett fez uma cara feia.

— Eu avisei. — Ele se levantou. — Não se mexa, vou cuidar disso.

Ele puxou um cesto de lixo mais para perto e, usando uma toalha, cuidadosamente removeu os cacos de vidro.

— Vai levar um tempo para você se acostumar com isso.

Então se sentou na cadeira e pegou a mão dela para verificar se estava machucada. Nem um arranhão e, se houvesse, ele já estaria cicatrizando.

— Se acostumar com quê? — A cabeça dela ainda girava, atordoada. Seu coração ainda doía com o abandono.

— Os seus novos poderes.

Ela fechou os olhos e se lembrou de Chase lhe dizendo algo sobre isso, mas muito do que tinha acontecido agora era só uma vaga lembrança. Normalmente a ideia de ter mais poderes teria feito com que ela pulasse de alegria, mas não agora.

Aquilo parecia, por algum motivo, insignificante. Chase tinha ido embora.

Ela se sentou. Talvez ela pudesse encontrá-lo.

— Para onde ele foi?

— Quem, Steve?

— Não. Chase. Você sabe para onde ele foi?

— Não — Burnett olhou para ela como se algo estivesse errado.

— O que foi?

— Nada. Eu só... Eu não entendi bem essa parte.

De que parte ele estava falando? Ela balançou a cabeça.

— Você se importa em dizer que parte você *entendeu*? Porque eu não estou entendendo nada. E adoraria que alguém me explicasse.

Ele se inclinou para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Eu tinha 14 anos. Fiquei doente. A dor era insuportável. Meus pais adotivos me levaram ao médico, mas eu não me lembro disso. Disseram que eu quase morri. Quando acordei, eu estava muito mais forte do que eu costumava ser. Isso é tudo de que eu me lembro.

Ele fez uma pausa e respirou fundo.

— Todos os médicos sobrenaturais são registrados. E quando o meu relatório foi parar nos escritórios da UPF, eu recebi a primeira visita de um agente.

Pequenos fragmentos do que Chase tinha dito começaram a voltar, e de repente ela percebeu o que Burnett estava dizendo.

— Você é um Renascido.

Ele assentiu com a cabeça.

— Mas eu não entendo. Por que você não disse nada? Eu sei que é forte, mas eu nunca o vi fazer o que... Chase faz.

— A gente não pode dizer a ninguém, Della. A sociedade dos vampiros, principalmente a sociedade dos fora da lei, mas até mesmo alguns caras do bem, tem uma mentalidade do Velho Oeste. A arma mais rápida da cidade não passa de um desafio. Alguém está sempre querendo levar a melhor sobre você.

Ele olhou para as mãos cruzadas e, em seguida, voltou ao assunto.

— Olhe o que aconteceu quando Chase mostrou seu poder no bar. O líder da gangue o chamou para uma disputa. Seus poderes são um dom, mas um dom que você precisa minimizar constantemente e utilizar apenas em emergências extremas. Você não tem que se fingir de fraca, mas nunca mostre todas as suas cartas. Caso contrário, você coloca sua vida e a daqueles que ama em risco. É pior do que ser um protetor, que é visto como algo nobre. Isso faz com que você seja visto como um encrenqueiro. Torna você um alvo de ataques.

Ela fechou os olhos um minuto, enquanto ouvia o que ele estava dizendo, mas aquilo não lhe pareceu algo com que precisasse se preocupar. Ela queria recordar tudo o que tinha acontecido e tentar encaixar as peças no lugar.

— Você sabia que Chase era um Renascido? — ela perguntou. — Como?

Burnett assentiu.

— Eu o vi voando no primeiro dia em apareceu aqui, o que ele não deveria ter feito num lugar em que alguém pudesse vê-lo. Eu imediatamente comecei a investigá-lo. Eu me preocupei com a possibilidade de haver uma razão para ele estar aqui. Então fiquei esperando que fosse apenas uma tentativa de trabalhar para a UPF. Eu não sabia que ele estava aqui por sua causa.

— Ele estava aqui por minha causa? — A voz dela saiu rouca e seca. A pergunta tinha acabado de deixar seus lábios quando ela se lembrou. Ele tinha falado que estava ali à procura de alguém e, em seguida, admitiu que era ela.

— Sim. — Burnett pegou a jarra de água e derramou um pouco no copo. Então entregou a ela. — Ele disse a Steve que tinha sido enviado para se certificar de que você sobreviveria.

Ela pegou o copo com cuidado. Sua mente girava. Tomou um pequeno gole. O líquido queimou sua garganta, assim como o seu próximo pensamento. Chase tinha sofrido por ela. Suportado a dor. Em seguida, algo lhe ocorreu: ele tinha feito aquilo por ela, mas não por Chan.

— Chase poderia ter salvo meu primo?

Burnett assentiu.

— Eu não acho que tenha sido culpa dele, Della. Chase disse a Steve que Chan estava muito fraco. Suas chances de sobrevivência eram muito pequenas. Isso só funciona se o Renascido for forte. Eu não sei se tudo isso é verdade, essa estratégia da transfusão é uma coisa nova, mas neste momento faz sentido.

O coração de Della apertou. Ela não sabia se devia ficar agradecida ou zangada. Talvez as duas coisas.

— Talvez Chase só pudesse salvar um de vocês. E ele escolheu quem sabia que teria mais chance de sobreviver.

Uma nova emoção encheu o peito de Della. Ela sabia o que era. Culpa. Chase só poderia salvar um e ele tinha escolhido a ela. Ela tinha vivido e Chan tinha morrido.

— Agora — Burnett continuou —, eu acho que a grande questão é quem o enviou?

Meu tio e minha tia. Aquela era a única coisa que fazia sentido. Talvez, quando ela tivesse oportunidade de processar tudo aquilo, contaria a Burnett. Mas não agora.

— Há relatos de que alguns anos atrás um médico, não associado à UPF, estava pesquisando Renascidos para ver se conseguia uma taxa melhor de sobrevivência. No relatório, disse que a condição era supostamente hereditária.

Burnett fez uma pausa.

— Eu passei a ter um interesse pessoal em descobrir tudo o que fosse possível sobre ele quando Holiday ficou grávida. Se o meu próprio filho estivesse sujeito a isso, eu iria até os confins deste mundo para salvá-lo. Mas tudo que consegui descobrir foram relatórios inconclusivos.

Pela primeira vez, Della pensou em Holiday e Hannah e se sentiu egoísta.

— Como elas estão?

— Estão bem. Lindas! — disse ele, com os olhos brilhando de amor. Então fez uma pausa. — A verdade é que eu aprendi mais sobre esse processo hoje do que em qualquer um dos nossos arquivos. Sinto muito que você tenha precisado passar por isso, mas nos deu um monte de informações. Assim, você pode ter salvado a vida da minha filha duas vezes. E por isso serei

eternamente grato. Se Holiday não estivesse tão determinada a dar à nossa filha o nome Hannah, eu daria a ela o seu primeiro nome também.

Della ofereceu a ele um sorriso fraco e engoliu mais um gole de água.

Alguns minutos de silêncio se passaram.

— Phillip Lance foi preso. Ele confessou o assassinato de Lorraine e do namorado. Você fez um excelente trabalho, Della. Vai ser uma agente e tanto um dia.

Ela assentiu com a cabeça e tentou ficar feliz com isso, mas não sentiu nenhuma felicidade. Seus pensamentos se voltaram para Chase. E ela fez a pergunta que, por algum motivo, mais a preocupava.

— Aquela coisa da ligação, o que você sabe sobre isso?

Burnett suspirou.

— Sinto muito. Steve mencionou essa tal ligação, mas eu nunca ouvi falar. — Ele parou um minuto. — Você ficou preocupada? Sente-se diferente com relação a Chase agora?

— Não. — Ela se ouviu e sentiu o coração pular.

E Burnett ouviu também.

Ela queria negar.

— Ele salvou minha vida. Desistiu de parte do seu poder e suportou a dor por mim. É compreensível que eu me sinta grata, não é?

— Acho que sim — disse Burnett, mas ele não parecia convencido.

Ela engoliu em seco, a garganta ainda ressecada. Seus pensamentos se voltaram para o primo.

— Ele deveria ter tentado salvar Chan. — As lágrimas encheram os olhos dela. — Isso só faz com que eu me sinta pior. Chan me ajudou a enfrentar a minha primeira transformação e por minha causa, porque eu era um pouco mais forte do que ele, ele foi preterido. — Ela enxugou as lágrimas dos olhos. — Isso é justo? Eu sobrevivi e ele morreu.

— Não — disse Burnett. — Mas a vida raramente é justa. — Ele colocou a mão no braço dela. — Mas eu posso dizer o que é justo. Você ainda está com a gente. E... — Ele apontou para a porta. — Na sala de estar estão vários amigos seus muito preocupados e que também estão gratos que você esteja viva. Kylie e Miranda não saem da cabana há dois dias.

— Dois dias? Eu fiquei inconsciente por dois dias? — Sua pergunta seguinte era havia quanto tempo Chase tinha deixado Shadow Falls, mas ela não quis formulá-la em voz alta. Não queria pensar nele, mas não conseguia evitar. O que aquilo significava? Ou será que significava alguma coisa?

Burnett assentiu.

— Nós todos ficamos preocupados. E eu sei que estão todos ansiosos para vê-la, mas você está pronta para vê-los?

Não, ela pensou, mas fez que sim com a cabeça. Se fosse Kylie ou Miranda em seu lugar, ela estaria em pânico.

— Lembre-se, Steve sabe de tudo. O médico sabe apenas de alguns detalhes. E eu sei que você conta tudo a Kylie e Miranda, e, embora não possa impedi-la, neste caso, vou sugerir que não conte.

Guardar segredos de suas duas melhores amigas? Estava fora de cogitação.

Depois de se lavar, Della acenou para Burnett, que estava na parte de trás do quarto e abriu a porta. Todos dispararam para dentro do cômodo. Kylie, parecendo em pânico, entrou primeiro. Miranda, logo depois, com lágrimas nos olhos. Perry estava ao lado dela. Steve entrou atrás deles, e, em seguida, Jenny e Derek. Ela ainda viu Lucas mais atrás.

Amigos. Ela tinha aos montes.

Miranda, a rainha dos abraços, caiu sobre a cama e quando tentou sufocá-la em seus braços, Della levantou a mão.

— Eu estou bem. — No mesmo instante ela olhou para cima e encontrou o olhar de Steve. Ele piscou para ela, mas ela viu outra coisa nos olhos dele. Medo. E ela sabia exatamente o que ele temia.

Fragmentos da conversa que tiveram quando ela estava febril soaram em sua cabeça. *Ele disse que eu ficaria... ligada a ele.* Ela havia dito a Steve sobre Chase.

Eu não vou deixar isso acontecer, Steve tinha respondido. Mas ele devia saber que talvez não conseguisse impedir essa ligação. No entanto, ele tinha colaborado. A emoção apertou o peito dela. Chase tinha arriscado sua vida, suportado a dor para salvá-la, e Steve o ajudara no processo, sabendo que podia perdê-la.

— Não se atreva a fazer isso de novo! — Miranda exclamou.

— Eu vou tentar. — Della encontrou os olhos de Kylie. — Eu estou bem, então pode começar a tirar esse olhar de preocupação do seu rosto.

— Eu tentei curá-la — disse Kylie, com os olhos brilhantes por causa das lágrimas não derramadas. — Não consegui. Minhas mãos não ficavam quentes e você não acordava.

Della lembrou-se de Chase dizendo que curadores não iriam conseguir ajudá-la.

— Mas estou melhor agora. Portanto, sem dramas, está bem?

— Meu Deus! Oh, meu Deus! — Miranda começou a guinchar enquanto quicava a bunda na cama.

— Que parte do “sem dramas” você não entendeu? — perguntou Della.

A bruxa revirou os olhos verdes.

— É melhor eu ficar feliz que sua rabugice não passou.

— Sua o quê? — perguntou Lucas.

Della suspirou.

— Eu só estou feliz — disse Miranda. — É a sua aura. Não está mais escura. Quer dizer, ainda está escura como a de todos os vampiros, mas não está tão feia.

— Nada em Della pode ser feio. — Steve aproximou-se e sentou-se ao lado dela. Ele ainda parecia preocupado. Sua mão tocou o pulso dela. Quase como se a testasse.

Ela gostaria de poder lhe dizer para não se preocupar.

Mas ela podia, não podia?

Ninguém a controlava. Era escolha dela. Ela tinha que acreditar nisso. Passando a mão por cima do corpo, ela entrelaçou os dedos nos dele. Segurou-os bem apertado, mas seu coração ainda doía. Doía com a falta que Chase fazia.

Uma hora depois, Della estava de volta à sua cabana — sozinha em seu quarto. Andando de um lado para o outro. Da esquerda para a direita. O cômodo pequeno tornava isso mais difícil.

Steve tinha ido embora com Miranda e Kylie. Quando ele viu que as duas amigas não iriam lhe dar um tempo sozinho com Della, ele a beijou na bochecha — na frente delas — e disse que ligasse para ele quando pudessem conversar.

Della não tinha ligado ainda. Ele iria lhe perguntar. Perguntar se ela se sentia diferente com relação a Chase. O que iria dizer? Ele merecia a verdade. E, no entanto...

Ela ainda não tinha dito a Miranda ou Kylie nada sobre o que realmente tinha acontecido. Della tinha certeza de que estavam esperando que ela explicasse tudo. Elas tinham saído para tomar uma Coca Diet. Mas Della tinha alegado cansaço e ido para o quarto.

Ok, tudo bem, ela estava sendo uma péssima amiga e uma namorada pior ainda. Mas ela precisava de um tempo, pelo amor de Deus! Como iria explicar algo que não entendia? Ou dizer a verdade quando não sabia a verdade?

Ligados? Mas que diabos significava aquilo?

Ela não queria acreditar que pudesse significar alguma coisa.

E ainda assim não tinha parado para pensar nele. Suas emoções oscilavam como uma montanha-russa movida a cafeína Irritada.

Confusa.

Em dívida.

Tudo isso relacionado ao mesmo cara.

Quase tão frustratantes — quase — eram seus novos poderes. Que ela entendia ainda menos do que a palavra “ligados”. É claro que podia ser porque ela não os tinha testado ainda. E quando teria oportunidade?

Ela tinha um palpite de que Burnett começaria a observá-la de perto como um falcão para se certificar de que não se exporia — assim como tinha feito com Chase.

Francamente, ela não culpava Chase. Qual a vantagem de ter poderes se ela nunca poderia usá-los?

Ou, como nesse caso, se quase nunca poderia usá-los. Burnett tinha dito que só poderiam ser usados em situações de extrema emergência. Defina “situação de extrema emergência”.

Della pegou o telefone. A mãe dela tinha deixado uma mensagem. Ela precisava retornar a ligação. Mas isso não devia ser uma extrema necessidade, porque ela não queria ligar. Ou talvez só não soubesse o que dizer a ela assim como não sabia o que dizer às outras pessoas.

Ah, ela sabia o que queria dizer: *Ei, mãe. Você sabia que Chan morreu? Eu sei que você pensa que ele morreu há muito tempo, mas ele não estava morto. E, adivinhe só, agora eu não sou apenas um vampiro, mas um vampiro turbinado! E, ah, sim, eu supostamente estou ligada a um cara. Apesar de não fazer a mínima ideia do que isso significa. Então, você poderia deixar de ser tão ridícula e me contar sobre a irmã e o irmão do meu pai, que eu tenho certeza de que enviou esse cara aqui para se "ligar" comigo?*

Ah, sim, isso tudo soaria tão bem quanto um peido no meio da igreja.

Ela ouviu alguém andando até a cabana. Ergueu o rosto e inspirou, querendo poder sentir um certo cheiro. O cheiro de Chase.

Mas o que ela queria com ele?

Respostas, disse a si mesma. Chase tinha algumas explicações a dar. E não apenas sobre essa ligação entre eles e tudo mais, mas sobre quem o enviou à procura dela.

Não era Chase.

Ela ouviu Derek perguntar onde ela estava e em seguida Miranda dizer:

— Você vai dizer a ela agora?

Ela abriu a porta.

— Me dizer o quê?

Ambas, Kylie e Miranda, pareciam preocupadas.

Derek foi até o sofá e se sentou.

— Apenas me diga — disse Della. — É sobre Chase, não é?

— Não — disse Derek.

— Então o que é?

— Alguns dias atrás, finalmente encontrei alguém da escola do seu pai para conversar comigo sobre o seu tio e sua tia.

— E então?

— Sua tia... morreu.

Della ouviu, mas não quis acreditar.

— Então você encontrou o obituário dela. Ela pode ter forjado a própria morte, assim como meu tio.

— Eu acho que não — discordou ele.

— Por que não? Só porque ela não estava na mesma funerária? Pode haver outras que...

— Não é isso — disse ele. — Ela foi assassinada.

— Assassinada? — Della sentiu um aperto no peito. Alguém tinha matado sua tia?

— Quando? Como?

— Foi cerca de um ano depois que seu tio supostamente morreu num acidente de carro.

— Quem a matou? — Ela pensou no pai, na dor que ele devia ter sentido depois de perder primeiro o irmão gêmeo e depois a irmã. Não era nenhuma surpresa que ele não falasse sobre o passado. — Será que pegaram o filho da puta?

Os olhos de Derek se encheram de pesar.

— Quando descobri isso, procurei meu amigo detetive e pedi para que ele desse uma investigada. Ele tem vários amigos detetives. — Derek cruzou as mãos e fez uma pausa.

— E então?

— Ele pediu a alguém para puxar o arquivo. É considerado um arquivo morto. Nunca prenderam ninguém, porque não havia provas suficientes.

— Então não tinham suspeitos? Nada? Alguém mata a irmã do meu pai e simplesmente sai impune?

Derek fez uma pausa e ela pressentiu que ele não queria contar a ela.

— Fala de uma vez!

— Havia apenas um suspeito.

Ela esperou que ele dissesse mais alguma coisa. Sua paciência estava se esgotando.

— Meu bom Senhor! Será que eu tenho que torcer o seu pescoço pra fazer você falar? Quem fez isso?

Ele ainda hesitou.

— O seu pai.

Della engoliu em seco.

— Eles acharam que... Isso não faz sentido. Meu pai nunca seria...

— Eu não disse que ele é o culpado, eu só disse que ele era o único suspeito.

Della viu a maneira como Miranda e Kylie olhavam para ela. Compaixão. E a bruxinha estava prestes a tentar abraçá-la novamente.

— Ele não fez isso! — Della sibilou. — Eu estou dizendo que ele não fez isso!

— Nós acreditamos em você! — disse Kylie. — Só lamentamos que tenha que ouvir isso. E você está doente e...

Querendo gritar, ou melhor, querendo correr, ela disparou para fora da cabana. De início se esqueceu de não correr muito rápido. Mas depois diminuiu suficientemente o ritmo para que Burnett não precisasse sair atrás dela. Ela deu sete voltas em Shadow Falls, rápido como o demônio, e não se cansou. Por fim, parou. Não havia nenhum ruído. Silêncio total.

Então o telefone dela apitou com uma mensagem de texto.

Tirou o celular do bolso. E sua respiração ficou presa. Era Chase.

Preocupado com vc. Precisamos conversar.

— Não me diga, Sherlock! — ela exclamou e começou a digitar uma resposta, mas então ouviu e sentiu alguém vindo.

Kylie, com Miranda nas costas, pousou ao lado dela. Della enfiou o telefone de volta no bolso.

— Você está bem? — perguntou Kylie.

— Não — disse Della, sem nenhuma vontade de fingir. — Eu não estou.

— Precisa de um abraço? — perguntou Miranda.

Della olhou para a bruxinha e pensou em cerca de dez respostas malcriadas, mas, quando abriu a boca, nenhuma saiu.

— Sim — disse Della, e algumas lágrimas escorreram dos seus olhos. — Eu acho que sim. — A confusão, a ponto de doer, cresceu dentro dela. Seu pai era suspeito de matar a irmã. Ela estava ligada a um cara que mal conhecia e não sabia o que aquilo significava. Mas, por mais que quisesse negar, sentia que aquilo significava alguma coisa.

De pé no meio de um abraço coletivo, sem nenhuma pista do que podia fazer, ela teve um momento de clareza. Tinha uma lista de perguntas que precisavam de respostas e grandes decisões a tomar, mas uma coisa ela sabia. Tinha as duas melhores amigas do mundo!

E se ao menos se lembrasse disso, conseguiria sobreviver àquele furacão. Sobreviver e encontrar respostas. Ela tinha que conseguir.

Afinal de contas, era uma Renascida. E aquilo tinha que significar alguma coisa.

Coleção Saga Acampamento Shadow Falls

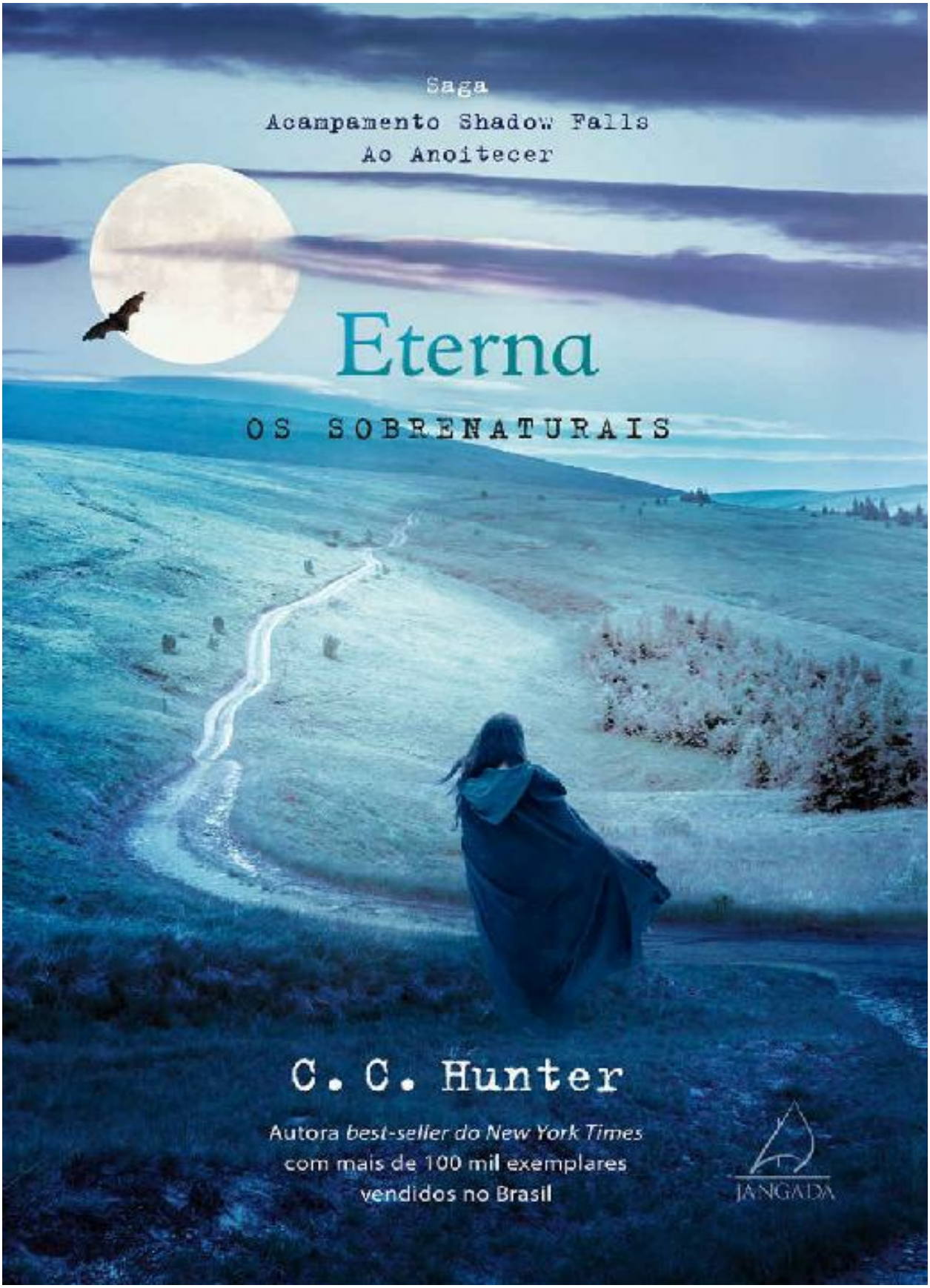


Coleção Saga Acampamento Shadow Falls – Ao Anoitecer



A jornada de Della continua!

Não perca Eterna, **o próximo volume da Saga Acampamento Shadow Falls - Ao Anoitecer.**


Saga
Acampamento Shadow Falls
Ao Anoitecer
Eterna
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
Autora best-seller do New York Times
com mais de 100 mil exemplares
vendidos no Brasil
JANGADA

ETERNA

C.C. Hunter

ETERNA

OS SOBRENATURAIS

Tradução
Denise de Carvalho Rocha



Título do original: *Eternal*.
Copyright © 2014 Christie Craig.



https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Copyright da edição brasileira © 2016 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.
Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y. 10010.
Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.
1ª edição 2016.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.
A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.
Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.
Editor: Adilson Silva Ramachandra Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz Produção editorial: Indiara Faria Kayo Assistente de produção editorial: Brenda Narciso Editoração eletrônica: Fama Editora Revisão: Vivian Miwa Matsushita Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hunter, C. C.
Eterna : os sobrenaturais / C. C. Hunter ; tradução Denise de Carvalho Rocha. — São Paulo : Jangada, 2016.

Título original: Eternal
ISBN 978-85-5539-038-8
1. Ficção norte-americana I. Título.

15-10362 CDD-813

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura norte-americana 813

1ª Edição digital: 2016
e-ISBN: 978-85-5539-050-0

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.
Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a

propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Para Lily, que já me disse um milhão de vezes,
“Vovó, conta uma história”.

Mal posso esperar, mocinha,
até que possa ler as histórias de Kylie e Della.

Agradecimentos

Para todos os fãs que escrevem apenas para me contar que minhas histórias os mantêm acordados a noite toda e os faz pensar sobre o valor dos amigos, do amor e das risadas. Obrigada por ler as minhas histórias.

Agora o agradecimento é para toda a minha família e amigos, que tornam a minha vida completa. Vocês sabem a quem estou me referindo. E cada um de vocês é essencial na minha vida.

Para a minha agente, Kim Lionetti, que me incentiva a seguir os meus instintos. Para a minha editora, Rose Hilliard, cuja fé em mim é inspiradora. Obrigada.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Um

Della Tsang pôs uma perna para fora da janela do seu quarto. O sol estava mais alto no céu, mas ainda no horizonte, só derramando luz suficiente para pintar uma faixa vermelho-sangue no espaço. Aquela cor a deixava com água na boca.

Seu estômago roncou de fome. Ela precisava de sangue. Mais tarde.

Primeiro o mais importante.

Ela sabia o que precisava fazer — quase não tinha dormido à noite por causa disso.

Uma rajada de vento de final de outono agitou seus cabelos negros, cobrindo seus olhos. O ar estava frio em seu rosto, mas não frio como na época em que ela estava febril.

Desde que tinha acordado do coma, dois dias depois de ter renascido — uma segunda transição incomum entre os vampiros —, todos os sintomas, semelhantes aos de uma gripe, haviam desaparecido.

Ela pulou do parapeito da janela e as botas bateram na terra fofa e molhada. Parou em frente à cabana para ver se o barulho tinha acordado Miranda ou Kylie, suas colegas de alojamento em Shadow Falls, quase desejando ter companhia.

Só o silêncio enchia seus ouvidos.

As duas tinham ficado fora até tarde na noite anterior com os namorados. Della tinha visto Steve, também, mas tinha dado a desculpa de que estava cansada e ido para a cama cedo. Ela deu um passinho, ainda prestando atenção para captar qualquer sinal de que estavam acordadas.

Eu não preciso delas. Não preciso. Della tinha que fazer aquilo por conta própria.

Sozinha.

Aquele tinha sido seu mantra na última semana. Bem, não exatamente aquele — era mais algo como: *Não com Chase*. O vampiro conivente e mentiroso a quem ela tinha se ligado a contragosto quando ele convenceu Steve, o "quase namorado" de Della, a deixá-lo misturar seu sangue com o dela para aumentar as chances de a vampira sobreviver ao tal renascimento.

Ligados. Ela se lembrou de que Chase não tinha lhe dado quase nenhuma informação a respeito. *Isso liga os dois vampiros. Eles se tornam quase parte um do outro. É algo comparado à relação de gêmeos idênticos ou talvez almas gêmeas.*

Afastando aquelas palavras da mente, ela olhou novamente para o bosque escuro, sentindo algo esperando por ela... chamando-a. Era um caminho sem volta.

Estendendo o braço para trás, ela fechou a janela do quarto. Um galho estalou dentro do bosque. Della se virou e olhou para as árvores, inspirando o ar para farejar o cheiro de alguém.

Nada, a não ser o cheiro úmido e almiscarado de um gambá.

Ela começou a andar. Assim que entrou na floresta, os ruídos da noite se desvaneceram. Até as árvores pareciam segurar a respiração. Portadora do vírus do vampirismo, ela tinha se

transformado quase um ano antes. A segunda transformação, extremamente rara, significava que ela estava ainda mais forte e mais rápida — ou seja, ela era do tipo que podia chutar o traseiro de alguém e perguntar depois.

Mas não hesitaria em abrir mão daquele poder se isso trouxesse seu primo Chan de volta.

Talvez ela devesse se sentir sensibilizada pelo que Chase tinha feito por ela, impedindo que ela morresse, mas Della preferia que ele tivesse feito isso pelo primo. Burnett, o líder do acampamento e outro Renascido, tinha sobrevivido ao seu renascimento sem uma transfusão; ela provavelmente conseguiria também. Além disso, Chase tinha feito tudo às escondidas e mentido para ela até o fim.

Mas o pior de tudo era que... ele ainda não tinha parado de mentir.

Ela tinha lhe mandado uma mensagem perguntando: *Quem mandou você ficar de olho em mim e em Chan?*

A resposta — *Não sei. Só estava seguindo ordens* — era conversa fiada.

Ele tinha enviado uma mensagem para ela na noite anterior. *Cinco minutos... me dê cinco minutos. Estou no portão.*

Ela respondeu: *Até que me dê respostas, não tenho cinco minutos para você.*

Não até que ele jogasse limpo. O cara tinha mais segredos do que um lobisomem delinquente tinha pulgas.

Se suas suspeitas estavam certas, e ela apostava seus caninos de que estavam, ele tinha informações sobre o tio desaparecido dela que tinha sido transformado e forjara a própria morte na adolescência. Quem mais se importaria com ela? Quem mais saberia que Chan era seu primo? E se era o seu tio que estava por trás de tudo, por que não tinha se importado o suficiente para salvar Chan também?

Pensar no tio a levou automaticamente a pensar no pai e na facilidade com que ele tinha virado as costas para ela. Para piorar ainda mais a sua dor de cabeça, havia a descoberta de que ele era suspeito de matar a própria irmã.

Aquilo Della não conseguia aceitar. Seu pai nunca teria feito uma coisa dessas.

Ela continuou andando, seus passos escorregando no chão encharcado. Já tinha chovido um bocado aquela noite. Em vez de dormir, ela tinha ficado ouvindo a garoa tamborilando no telhado de zinco da cabana. Mas não foi só o barulho da água que ela ouviu.

O barulho da cachoeira tinha ecoado à distância. Mesmo com a sua audição de vampira, não havia como ela ouvir a cachoeira da sua cabana. O que significava que a cachoeira a estava chamando.

Por ter a fama de ser um lugar mágico, embora assustador, a cachoeira era considerada a morada dos anjos da morte — os seres místicos que presidiam o julgamento de todos os sobrenaturais.

O barulho das águas ecoou mais alto.

— Não se preocupe. Eu estou indo. — Ela não iria voltar atrás, e não simplesmente porque a cachoeira a estava chamando — Della nunca fora o tipo de pessoa que obedecia a ordens. Ela só estava indo porque tinha se lembrado de algo que Kylie uma vez lhe dissera. *Eu vou à cachoeira para encontrar respostas*.

Se aqueles anjos da morte podiam responder às perguntas de Kylie, então, droga, eles poderiam responder às de Della também. Não importava que a última vez que ela tinha ido lá depois de se sentir chamada, alguém... talvez os próprios anjos da morte... a tinha golpeado na cabeça com uma pedra.

Um arrepio de nervosismo a percorreu, mas ela continuou. Para obter respostas, correria o risco.

Mas se os anjos da morte fossem de fato os responsáveis pelo golpe em sua cabeça, era melhor que se prevenissem. Desta vez seria muito mais difícil derrubá-la.

Quando Della se aproximou da cachoeira, a inquietação evaporou e uma sensação de bem-estar brotou em seu peito.

Ela se colocou entre as árvores e avistou a queda-d'água. Virou a cabeça para um lado e depois para o outro, querendo absorver tudo que havia ali. Árvores rodeavam a área. Seus galhos formavam um arco mais acima, quase abraçando a catarata, fazendo-a parecer um pequeno recanto mágico. O sol, ainda nascendo, lançava seus primeiros raios dourados por entre as árvores. O ar estava fresco, verdejante e tranquilo. Ela nunca tinha pensado em qual seria o cheiro de um ar "tranquilo", mas agora sabia.

O ambiente lembrava a Della um templo budista que ela tinha visitado na China, quando tinha 12 anos. Sem precisar de nenhuma explicação, de repente soube que os anjos da morte não tinham batido na cabeça dela.

— Então quem foi? — murmurou, sem se sentir nem um pouco paranoica por formular a pergunta em voz alta para a floresta vazia.

Só porque ela não podia vê-los, isso não significa que não estivessem ali.

Ela não estava sozinha.

Ela os sentia. Pela primeira vez desde que tinha acordado do coma depois de renascer, ela se sentia... menos sozinha. Mais completa.

— Quem foi o quê? — a voz se misturou com o rugido da cachoeira. Seu coração saltou e seu olhar se deteve num ponto da cortina d'água que se turvou quando uma figura emergiu.

O reconhecimento foi imediato e acabou com a sensação de paz que envolvia Della.

— O que *você* está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Provavelmente a mesma coisa que você. — O olhar de Chase percorreu-a. — Eu não parava de ouvir a cachoeira na noite passada.

— Você me seguiu! — ela o acusou.

Ele sorriu.

— Agora você não está sendo lógica. Eu cheguei aqui primeiro. Se alguém aqui foi seguido, esse alguém foi eu.

— Eu não segui ninguém. — A dúvida retumbou dentro dela e a fez cerrar os punhos. Ela deveria dar o fora dali e continuar com a sua promessa de não falar com Chase enquanto ele não dissesse a verdade sobre quem o enviara? Ou deveria ir até onde ele estava e arrancar a verdade à força?

Ela sabia qual das duas opções era a sua preferida. Estranhamente, brigar num lugar onde a paz perfumava o ar parecia errado. Decisão tomada, ela deu meia-volta e começou a andar. Com sorte ele a seguiria até um lugar que não parecesse tão sagrado e ela poderia dar uma boa surra nele então.

— Espere aí! Pare! — Chase pediu.

Ela o ignorou. Ignorou o barulho da cachoeira. E continuou andando, olhos fixos no chão, na forma como a terra molhada enlameava as laterais das suas botas. Com o olhar ainda baixo, de repente outro par de botas de couro molhado apareceu em sua linha de visão.

Ela parou, mas não olhou para cima. Não precisava olhar. Ela sabia que eram as botas de Chase. Seu coração deu outro salto. A velocidade dele ainda a maravilhava.

Será que sou rápida assim agora?

Ela realmente não tinha tido chance de testar seus limites. Não com Burnett monitorando seus poderes a cada minuto. Não com todas as suas questões prementes.

Mas essas questões não precisavam de sua atenção imediata, por isso ela afastou esses pensamentos para lidar com o problema que tinha à mão — ou melhor, o problema que tinha aos seus pés. Chase. Erguendo o olhar, os detalhes visuais — os detalhes de Chase — a pegaram de surpresa. Ela olhou, absorvendo-os como uma esponja ressecada absorve a água.

Detalhes como seu cabelo preto e molhado caído na testa. A camiseta branca colada ao tórax, mostrando cada reentrância e curva dos seus músculos. O modo como ele parecia despretensioso, ou talvez apenas tivesse se esquecido de que parecia um modelo de capa de revista masculina. Ela odiava toda aquela perfeição!

— Ei! — Aquela única palavra suave parecia flutuar no ar enquanto ele se aproximava mais, deixando a pele dela extremamente sensível. Talvez ela não odiasse tanto a perfeição dele. Será que Chase sempre exercia aquele efeito sobre ela ou era só aquela droga de ligação?

Della grunhiu, irritada com a sua própria fraqueza. Mas jurava por Deus que não conseguia recuar. “Olhe, mas não toque”, era a regra que ela se impunha.

Ele sorriu como se pudesse ler a mente dela.

Ela rosnou mais alto.

— Você é um colírio para os olhos. — Ele estendeu a mão, como se fosse puxá-la de encontro a ele. Ela encontrou forças sabe Deus onde e saltou para trás, deixando marcas de sola na relva molhada.

A “regra olhe mas não toque” continuava firme e forte.

Ele deu um passo na direção dela. O perfume dele, almíscar e hortelã, invadia suas narinas. Chase levantou a mão.

Ela sugou o oxigênio frio entredentes antes de falar.

— Sua cara não vai ser a única coisa dolorida se você me tocar!

Ele levantou ambas as mãos, em sinal de submissão, mas seu sorriso sexy sinalizava problemas. Ela não iria, não poderia, ceder àqueles sentimentos insanos. Como poderia ceder se parte de seu coração já pertencia a outra pessoa?

— Tudo bem, eu vou manter as mãos longe de você. — Ele olhou por cima do ombro, na direção da queda-d'água e em seguida voltou a olhar para ela. — Mas você percebe que é o destino?

Um raio de sol se infiltrou por entre as árvores e lançou rodamoinhos de sombras sobre o rosto dele. Foi quando ela percebeu a mancha roxa sob o olho de Chase. Considerando que os vampiros não se machucavam com facilidade, aquilo tinha que ter sido um soco.

— Que destino? — Della perguntou, tentando não se importar com o fato de ele ter recebido um soco.

De estar machucado. De que poderia estar morto.

Ligados.

— Isso — disse ele, movendo as mãos entre eles.

— Do que você está falando? — perguntou ela.

— De nós dois.

— O que é que tem nós dois?

— Nós dois. Aqui.

Ela olhou para ele.

— Você esqueceu como é que se formula frases completas? — ela perguntou com deboche.

Ele meio que riu.

— Qual é. Não parece estranho nós dois sermos atraídos para cá? — Ele se mexeu um pouco e a preciosa luz dourada do sol tocou seu rosto. Seu cabelo, molhado com a água da cachoeira, parecia quase preto, e seus olhos, de um tom verde-claro dourado, quase cintilavam com o sol incidindo sobre eles. Mas observando a mancha roxa novamente, ela sentiu uma pontada de dor sob seu olho esquerdo.

Ela tinha que se lembrar de não se deixar hipnotizar por aqueles olhos — se perder em emoções que não conseguia explicar.

— Eu não fui atraída. — O coração de Della dançava em volta da mentira como o som da cascata cantarolando ao fundo. — Eu vim aqui por uma razão. — Isso era verdade. Ela enrijeceu os ombros.

— Que razão? — ele perguntou.

— Encontrar respostas. Respostas que você não está me dando. — A acusação era explícita em seu tom de voz. Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para ele. Estranhamente, ela tinha se

esquecido de como ele era alto. Assomava-se sobre ela. Della não estava acostumada a se sentir pequena ou feminina, mas a presença dele fazia isso.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e se inclinou para trás, se apoiando nos calcanhares.

— Que respostas?

Ela ergueu o queixo e estudou-o, tentando não notar a mancha roxa ou se preocupar com o que ele tinha feito para ganhá-la.

— Quem mandou você ficar de olho em mim e em Chan?

Por uma fração de segundo, ele hesitou, então falou:

— Eu já respondi isso. O Conselho dos Vampiros. — Mas o vampiro sorrateiro desviou o olhar tão logo as palavras saíram da sua boca. E ela sabia que Chase sempre fazia isso quando mentia.

— Isso é papo-furado — disse ela. — Você ainda está escondendo alguma coisa de mim.

Ele olhou para Della.

— Não é mentira. Eu recebo ordens do Conselho.

Ela olhou para ele com toda a atenção. Dessa vez, ele não piscou nem desviou o olhar. Isso significava que estava falando a verdade?

Não, ela não confiava nele. Se Chase tinha aprendido a controlar os batimentos cardíacos quando mentia — e ele admitiu que podia fazer isso —, então podia ter aprendido a controlar suas reações faciais. Certamente agora ele já tinha deduzido por que ela constantemente desconfiava do que ele dizia.

— Será que eles também lhe deram ordens para deixar Chan morrer? — No momento em que a pergunta saiu dos seus lábios, ela sentiu sua determinação aumentar. Não importava que sua força viesse da culpa — Della a usaria.

Chase inspirou e olhou para o chão, fincando a ponta da bota direita na terra molhada. Quando ele olhou para cima, ela viu um lampejo de emoção em seus olhos.

— Não. Deixar Chan enfrentar o renascimento sozinho foi decisão minha. Eu já disse, não achei que ele fosse sobreviver e, se eu tivesse tentado salvá-lo, não teria conseguido salvar você.

— Você tem alguma ideia de como eu me sinto quando diz isso? — Sua garganta estava apertada. Para salvá-la, ele tinha deixado Chan morrer.

Os ombros dele afundaram alguns centímetros. Ao voltar a fitar os olhos de Chase, ela viu compaixão dentro deles.

Della odiava compaixão. Vinha logo depois da piedade, na sua lista de coisas que odiava.

Ela se virou para ir embora. Ele a deteve. Delicadamente.

Seu polegar deslocou-se em pequenos círculos no cotovelo dela.

— Sinto muito. Mas não sou responsável pela morte dele mais do que você. Nós não fizemos aquilo acontecer. E eu fiz o que achava que era certo. Não foi fácil para mim, também. Eu gostava de Chan. Mas ele era simplesmente muito fraco.

A pele dela formigava onde as pontas dos dedos de Chase a tocavam. Lembrando-se da sua regra de não tocar, ela sacudiu a mão.

— E é exatamente por isso que você devia tê-lo ajudado. Se duas pessoas estão se afogando num rio, você salva a pessoa que não sabe nadar.

— E devia deixar que você se afogasse? — ele perguntou.

— Eu poderia ter passado sozinha pelo processo de renascimento. Burnett conseguiu. — No segundo em que as palavras saíram de sua boca, ela se perguntou se Chase sabia que Burnett era um Renascido, mas como ele não demonstrou surpresa isso a deixou mais tranquila.

Uma expressão de desagrado surgiu no rosto de Chase, fazendo aparecer pequenas rugas nos cantos dos olhos.

— Burnett é uma exceção. Menos de três por cento dos Renascidos sobrevivem. As chances não estavam a seu favor.

— Eu teria virado essas chances a meu favor se você tivesse me dado essa escolha. Mas não me deu. Você nem sequer me disse que Chan estava morto, e você sabia. Guardou em segredo essa coisa toda de renascimento e o fato de estar aqui para me ajudar. E por quê? Porque você sabia que eu seria contra.

Ele chutou uma pedra no chão. O seixo subiu no ar e bateu numa árvore com um baque seco.

— Então, eu sou um cara do mal por querer salvar a sua vida?

Ela se inclinou, aproximando-se mais dele.

— Você é um cara do mal por não ser sincero. E ainda está agindo assim.

Ele apertou os lábios e cruzou os braços sobre o peito.

— Ok. Eu não te contei tudo. Fique com raiva de mim por causa disso. Mas você não pode simplesmente me ignorar ou o fato de que estamos ligados. Você sente isso. Eu sinto. Você não pode negar.

— Espere sentado. Você vai ver que quanto eu sou boa em negar! — Ela sibilou e contornou-o para recomeçar a andar.

— Deus do Céu! Como você é teimosa! — ele gritou, em seguida apareceu novamente na frente dela.

Ela teve que parar com tudo, batendo as mãos no peito dele para não cair de cara no chão. Ele a segurou pela cintura. Delicadamente. Seu toque fez o coração dela acelerar dessa vez.

— Ou você me diz a verdade ou me deixa ir embora — exigiu ela, evitando o abraço. Era um ultimato. — Com quem você está confabulando além do Conselho dos Vampiros, e não me diga que não é com ninguém, porque o meu detector de mentira dispara cada vez que você me diz isso.

Capítulo Dois

Chase ficou ali, olhando para ela. Ela queria tanto poder ler a mente dele!

A paciência de Della finalmente esgotou.

— Saia daqui! Se Burnett encontrar você, ele vai... — Em seguida, ocorreu-lhe que Burnett já devia ter encontrado Chase. O alarme teria disparado. Por que o líder do acampamento já não tinha encostado Chase na parede e o interrogado? Havia algo errado ali.

A expressão de confiança de Chase confirmou a suspeita dela.

— Ele sabe que eu estou aqui. Tive uma reunião com ele. — A sinceridade aprofundou a voz de Chase.

Ela tentou não deixar que sua decepção transparecesse, mas sua expressão endureceu. Burnett estaria em conluio com Chase de novo? Ele não tinha ficado tão chateado quanto ela quando o garoto tinha juntado suas coisas e desaparecido?

— Quando acabamos, pedi para vir à cachoeira. Eu disse que não parava de ouvi-la. — Chase deu de ombros. — A única regra de Burnett era não chegar perto da sua cabana, e eu não cheguei. — Ele deu de ombros, com uma expressão quase culpada. — Ainda não, de qualquer maneira. Mas eu provavelmente teria que fazer isso antes de ir embora. Eu precisava ver você. Ele poderia ficar furioso comigo se quisesse.

Ele deu um passo na direção dela.

Ela deu um passo para trás.

— Por que você teve uma reunião com Burnett?

— O Conselho me mandou de volta.

— Enviou você de volta para quê?

Ele não respondeu.

Cansada daqueles joguinhos, ela o contornou e disparou para longe dali, seu único objetivo era fugir dele — se afastar da tentação de se recostar nele, descobrir o que aquela ligação realmente significava. Ou se não significava nada, ela pensou, querendo que isso fosse verdade.

Dessa vez, ele não a seguiu. Ótimo, pensou ela, esquivando-se dos galhos das árvores, movendo-se rapidamente. Isso é o que ela queria. Então, por que não se sentia vitoriosa? Por que agora estava ouvindo a cachoeira ainda mais alto? Será que estava se sentindo atraída por ela? A catarata a estavam atraindo? Ou seria Chase?

Eles o mandaram atrás de você. As palavras soaram.

Ela parou bruscamente.

De onde vinha aquela maldita voz? Ela ficou ali, olhando de um lado para o outro.

Você me ouviu?

Dessa vez ela sabia que as palavras não tinham vindo nem da esquerda nem da direita. Tinham vindo de dentro dela. Ela se lembrou de já ter ouvido vozes interiores como aquelas. Chan? Mas ele já tinha feito sua passagem, não tinha? Ela tinha certeza. Ou ele estava esperando até que a UPF, o departamento de investigação de Fallen — o FBI dos sobrenaturais — liberasse seu corpo e o sepultasse.

Você está ouvindo?

Sim, eu estou, Della respondeu, percebendo que a voz era do sexo feminino.

— Lorraine? — Della sussurrou o nome da garota assassinada, o último espírito que tinha ouvido em sua cabeça.

Mas Holiday não tinha garantido que Lorraine havia seguido em frente, feito a sua passagem?

Então, quem diabos poderia ser?

Será que Della tinha outro fantasma na barra da sua saia?

— Merda! — murmurou.

Você me ouviu mesmo?, a voz repetiu, como se caçoasse dela.

— Gostaria de não ter ouvido. — O coração de Della bateu contra o peito. Ela lutou contra o pânico que crescia dentro de si. Respirou fundo, tentando se acalmar. Ela já tinha feito aquela coisa de falar com fantasmas. Primeiro comunicando-se com Chan, depois com Lorraine. Aquilo não devia assustá-la.

Que brincadeira era aquela? Comunicar-se com espíritos era um talento raro, que assustava a maioria dos seres sobrenaturais. E com ela não era diferente. A adrenalina lhe causava arrepios de cima a baixo, ao longo da sua coluna vertebral, e depois até os dedos dos pés, que ela contraiu dentro das botas.

O Conselho dos Vampiros o mandou atrás de você, a voz repetiu. *Você não está curiosa?*

Pela primeira vez, ela realmente ouviu o que a voz disse.

— O que o Conselho dos Vampiros quer comigo? — perguntou em voz alta. E de repente o medo foi substituído por...

Claro que estou curiosa! Tinha que ser o tio dela, droga!

Ela se virou e começou a voltar — rápido. Numa corrida insana... mas esperando que o fantasma não fosse com ela.

O som de suas botas batendo na terra molhada enchia os seus ouvidos e soava como música de fundo para o rugido da cachoeira. À medida que se aproximava, ela viu a figura de Chase desaparecer por trás da parede de água.

Ou, pelo menos, ela pensou que era ele. Na realidade, poderia ter sido qualquer pessoa.

Ela não se importava. Curiosidade e algo mais... algo que ela não conseguia explicar, a impeliu para a frente.

Ligados. A palavra ecoou em seu coração como uma explicação, mas ela se recusou a acreditar.

Continuou correndo, com os pés espirrando água enquanto atravessava o riacho. Seu rosto bateu na cortina de água fria, mas não gelada. Ela se derramou sobre sua cabeça, seus ombros, encharcando suas roupas. No segundo em que se viu do outro lado, Della não viu mais nada. A escuridão da caverna a engoliu. Ela piscou e esperou que os olhos se ajustassem à pouca luz.

Um segundo.

Dois.

Nenhuma luz. Nada. Até mesmo o barulho da cascata tinha desaparecido.

Algo não estava certo.

Capítulo Três

Presa. Claustrofóbica. Faminta. Ela se sentou no chão frio.

Emoções percorreram Della como querosene a que se ateia fogo. Então, ela ouviu. Uma respiração.

Inspirando.

Expirando.

Ar sendo puxado para outros pulmões.

Lembrou-se de que não estava sozinha.

— Chase? — Ela sussurrou o nome dele, mas assim que chamou já soube que não era ele.

Era Liam.

Mas quem diabos era Liam? Ela não conhecia nenhum Liam, então, como sabia o nome dele? Seu coração começou a bater um pouco mais rápido e ela sentiu gosto de sangue na língua.

Caraca! Que diabos está acontecendo?

— Você está bem? — perguntou uma voz, a voz de Liam.

— Não — disse Della. *Eu tenho certeza de que estou perdendo o juízo*.

— Tome. Beba um pouco mais.

Ela farejava outro vampiro. Liam era um vampiro. Mas ela já sabia disso. Como ela poderia saber e não saber uma coisa ao mesmo tempo? Um braço, um forte membro de carne e sangue, aproximou-se da sua boca.

— Vamos, beba um pouco mais.

Com os joelhos contra o peito, o estômago vazio se contraiu quando ela percebeu o que ele estava lhe oferecendo. Os vampiros não bebem sangue de outros vampiros. Pelo menos não os que ela conhecia.

— Não. — Della empurrou o braço, mas quando ela tocou o membro, as pontas dos seus dedos tocaram pequenas feridas... feridas que pareciam marcas de dentes.

Quando ela descansou o braço no joelho nu, sentiu as mesmas minúsculas feridas em seu pulso.

— Beba, Natasha. Vamos, eu estou bem. — O braço se aproximou de sua boca de novo, e Della gentilmente o conteve, segurando-o um segundo a mais do que o necessário, precisando do contato.

Ela começou a dizer que não era Natasha, mas teria sido mentira. Ela era Natasha. De alguma forma, de alguma maneira, ela estava dentro de Natasha. Então ela se lembrou de que isso já tinha acontecido antes, com Lorraine. Mas Lorraine estava morta. Será que esses dois... Ela piscou e tentou enxergar alguma coisa à sua volta. Só escuridão encheu sua visão.

Ela estava trancada num lugar escuro e úmido que cheirava a terra molhada, com um rapaz chamado Liam. O sabor picante de sangue permaneceu em seus lábios. Em seguida, a constatação a atingiu. Eles não estavam mortos. Não pareciam mortos. Eles estavam na verdade tentando sobreviver. E para fazer isso, Liam e Natasha vinham se alimentando do sangue um do outro.

— Sério, eu estou bem — Liam repetiu.

— Eu não estou com fome — ela mentiu. Ela mal notou o salto no seu coração, ao ouvir o som de sua voz. Não a voz de Della. A voz de Natasha.

Quem era Natasha?

O pânico começou a crescer dentro de seu peito. Ela enterrou as unhas na terra molhada onde estava sentada e quase gritou de dor. Obviamente, já tinha tentado sair dali usando as unhas.

E não tinha funcionado.

Eles não poderiam continuar se alimentando um do outro. Ela e Liam iriam morrer.

Não, Natasha e Liam iriam morrer.

Mas a constatação não fez Della se sentir melhor. Um sentimento, uma necessidade de salvar Natasha e Liam a invadiu. Não, não a invadiu. Era como se ela estivesse tatuada em sua alma, como se fosse parte de seu destino. Como se não fazer aquilo significasse a morte não apenas de Natasha e Liam, mas de parte dela mesma. Parte de sua alma.

Salve-a! Salve-a! As palavras ecoaram como se à distância. A mesma voz que tinha ouvido antes de vir parar ali dentro da caverna. Um fantasma? Talvez.

— Você está bem? — Outra voz, agora masculina e profunda se esgueirou pela sua consciência e fez cócegas no seu subconsciente. — Você está bem? — a voz profunda repetiu.

Não era Liam dessa vez.

O tom grave tinha um tom de confiança que ela reconheceu. Um tom que ela admirava, mas desejava não admirar. Outro sentimento brotou dentro dela e uma palavra ressoou no seu coração.

Ligados.

Chase.

Ela se esgueirou mentalmente para fora do estranho sonho em que tinha mergulhado. Chase a segurou pelos ombros e a sacudiu levemente.

— Ei! Está tudo bem? — ele perguntou, com a testa franzida, os lábios quase brancos, enquanto a segurava com firmeza. — Responda. — Ele tocou o rosto dela. As mãos dele deslizaram pelos braços da vampira. Seu toque... era tão bom... Mas parecia errado. — Della?

— Pare de me alisar. — Ela deu um tapa na mão dele e um passo para trás, seu olhar percorrendo a caverna.

— Eu não estava... o que aconteceu? — ele perguntou.

Ela prendeu a respiração, imaginando quanto tempo tinha ficado ali, perdida naquele outro lugar. Ou não exatamente perdida, mas presa. Presa como Natasha.

De repente, ela se lembrou do que o fantasma — ou quem quer que fosse — tinha dito a ela sobre Chase.

O Conselho dos Vampiros mandou Chase atrás de você.

— O que o Conselho dos Vampiros quer comigo? — ela perguntou.

Capítulo Quatro

Um olhar de surpresa se estampou no rosto de Chase.

— Eu não disse que eles me mandaram aqui atrás de você. — Ele se abaixou e se sentou numa grande rocha. A luz filtrada da cachoeira lançava sombras em torno dele. Um pouco da luz tinha raios minúsculos de cor, como um miniespetáculo de luzes.

— A verdade, Chase. Por favor. — O "por favor" não caiu bem. Ela não deveria ter que implorar pela verdade. E era por isso, ela se lembrou, que não podia nunca realmente confiar naquele cara.

Ele suspirou.

— Eles querem que você trabalhe num caso. — Ele soltou o ar como se estivesse frustrado. — Burnett vai me matar por contar a você, mas essa é provavelmente uma vantagem para você, não é?

Ela ignorou o comentário sobre a possibilidade de Burnett matá-lo e a ligeira mágoa na voz dele, e se concentrou na informação que Chase finalmente tinha deixado vazar.

— Um caso? Que tipo de caso?

— Um que você já resolveu parcialmente.

— O quê?

— Supostamente, você capturou e depois levou a UPF até aquele cafajeste, Craig Anthony, que estava escravizando novos vampiros e usando uma funerária como fachada.

Sim, ela topara com aquela organização quando tinha ido fazer perguntas sobre Chan e o funeral de seu tio, mas...

— Craig Anthony foi pego, então do que se trata esse caso?

Olhando para a cachoeira, Chase descansou as mãos sobre os joelhos. Seu jeans, ainda molhado, estava esticado sobre as pernas musculosas.

— Anthony foi capturado, mas ele não está falando. Tanto na UPF quanto no Conselho, temos certeza de que já puxamos as rédeas da maioria de seus clientes que escravizava vampiros. Mas, de acordo com algumas pistas, ainda pode haver uns vinte ou trinta recém-criados sob o domínio de alguém.

— Então a UPF e o Conselho dos Vampiros na realidade trocam figurinhas?

Chase franziu a testa.

— Não com muita frequência, e só quando é vantajoso para a UPF.

— Ou o contrário — disse Della. Então ela se lembrou de quanto Craig Anthony era desprezível, e que ela não tinha dúvida de que aqueles novos vampiros estavam recebendo um tratamento abominável. Alguém precisava encontrá-los. Por que não ela?

— Então, eles querem que eu trabalhe com a UPF para encontrá-los?

— Não é bem assim. Eles querem que a gente encontre esses vampiros. — Chase estudou o rosto dela. — Eles querem que você venha trabalhar para o Conselho.

Della olhou para a parede de água, tentando digerir a notícia. Desde que soubera da existência do Conselho, ela achava que estavam na clandestinidade. A UPF era o legítimo departamento do governo sobrenatural. Saber que Chase era praticamente associado ao Conselho dos Vampiros denegria um pouco a visão que ela tinha dele.

Ela olhou para Chase em suas roupas molhadas. A ideia de trabalhar com ele, de estar com ele, fazia com que um sentimento de pânico brotasse dentro dela novamente.

— Vou ter que pensar nisso.

— Não perca tempo. Burnett já negou o pedido do Conselho.

Ele negou?

— Tenho certeza que vai falar sobre isso comigo — disse Della, esperando que estivesse certa, mas aceitando que provavelmente não estava. Primeiro, ela sabia que Burnett não confiava no Conselho dos Vampiros. Segundo, mesmo com seus novos poderes, conhecendo-o como ela conhecia, sabia que ele provavelmente ainda hesitaria em deixá-la trabalhar em qualquer caso que considerasse perigoso. Mas a decisão não deveria ser dela?

Droga, claro que sim!, a voz fantasmagórica gritou dentro dela. *Encontre Natasha!*

E foi assim que ela soube que as duas coisas estavam conectadas. Natasha e Liam eram vítimas de Craig Anthony. Ele podia ter sido pego, mas aqueles que ele tinha aprisionado e escravizado ainda estavam lá fora.

— Burnett negou o meu pedido no mesmo instante — disse Chase com sarcasmo. — Ele mantém todo mundo em rédea curta.

Deixando de lado seu último pensamento para se ocupar de Chase, ela juntou as mãos e considerou a acusação que ele tinha feito sobre o líder do acampamento. Della sabia que o que Chase dissera era verdade. Ela tinha passado a maior parte dos últimos meses tentando justamente afrouxar essa rédea, mas sua lealdade a Burnett exigia que ela o defendesse.

— Não tão curta. Pegamos Craig Anthony, não pegamos?

— Isso é verdade — admitiu Chase. — Mas aposto que você só fez isso porque violou algumas das regras dele.

Certo novamente. Mas ela não iria admitir. Encontrou o olhar do vampiro, observando o hematoma debaixo do olho dele.

— Algumas regras existem por uma razão. Como a que não devemos revelar nossos poderes de Renascidos. Foi assim que você conseguiu esse olho roxo? Arranjando encrenca por aí porque fica se exibindo?

— Eu não saio por aí arranjando encrenca, mas resolvo as que aparecem.

— Bem, então pare com isso. Pare de ficar exibindo o que pode fazer. Burnett tem razão. Isso é só um convite para que todo tipo de gente queira mostrar que pode mais do que você. Da próxima vez, em vez de ganhar um olho roxo, você pode acabar com o pescoço quebrado.

Um lento sorriso surgiu no rosto dele.

— Olha lá, você está quase falando como se importasse...

Droga! Ela se importava. *Ligados*. Que diabos aquilo realmente queria dizer? Ela quase lhe pediu para explicar mais, mas por que diabos iria confiar em alguém que estava sempre cheio de segredos?

Ela se virou para ir embora, mas, antes que atravessasse a queda-d'água, ele apareceu na frente dela.

— Não vá — pediu Chase.

Ela balançou a cabeça.

— A única conversa que eu quero ter com você é a em que vai me dizer quem te mandou ficar de olho em mim e em Chan.

— Eu já disse — ele rosnou, a frustração evidente em seu tom de voz. — O Conselho dos Vampiros.

Della analisou o rosto dele, percebendo que dessa vez ele não tinha vacilado. Será que estava dizendo a verdade? Será que não sabia quem mais estava por trás daquilo? Ah, que inferno, ela não sabia mais em que acreditar!

— Então como é que eles sabiam de mim? — ela perguntou.

— Della, eu trabalho para eles, assim como você trabalhar para a UPF. Eles contam tudo pra você? Claro que não. Burnett nem sequer nos disse que tinha enviado outros agentes quando estávamos procurando aquele garoto, Billy.

A verdade das palavras dele deixou mais uma dúvida pairando na cabeça de Della e em seu coração. Ela odiava a incerteza.

E ele pareceu perceber isso.

— Nós pertencemos um ao outro agora. — Ele se aproximou e pôs a mão no ombro dela. — Por que você está lutando contra isso? — Chase olhou fixamente para ela e de repente franziu os lábios. — É Steve? Você ainda sente alguma coisa por ele?

Ela inclinou a cabeça para trás.

— Sim, eu sinto algo por Steve.

Della não iria mentir. Ela e Steve estavam praticamente juntos agora. Naquele último fim de semana, quando ele tinha aparecido no acampamento, ela tinha parado de fingir na frente de todo mundo. Steve tinha até colocado o braço em volta da cintura dela quando foram para o refeitório na sexta-feira. E porque ela tinha sentido que aquilo era uma espécie de teste, acabou deixando. Droga, ela não queria falhar naquele teste.

Ela não queria falhar com Steve. No entanto, havia uma partezinha dela que se preocupava com a possibilidade de ela estar predestinada a falhar com ele. E tudo por causa daquela ligação idiota com o cara parado na frente dela.

— E isso — Della acenou com a mão entre eles —, *isso* não é a mesma coisa. — Ela teve que ir lá no fundo do seu coração para encontrar algo para explicar o que sentia.

Ela viu emoções brilhando nos olhos dele. Decepção, raiva, talvez até ciúme.

— Você mesmo disse. Essa coisa de ligação pode ser comparada ao relacionamento entre gêmeos idênticos.

A sobrancelha dele arqueou em completa descrença.

— Então, você me ama como a um irmão? Aquele beijo da última semana...

— Não exatamente como um irmão, mas... mas... — As palavras de Chase ecoaram em sua cabeça. Ou, pelo menos, uma palavra ecoou. *Ama*. — Eu não te amo e ponto final. — Ela entrelaçou os dedos. — Eu não sei nem se *gosto* de você. — Se sentir atraída por ele, se preocupar com o fato de ele ter sido machucado, isso era outra coisa. Uma coisa em que ela não queria pensar. Uma coisa que ela estava tentando negar.

Ele soltou o ar.

— Isso é papo-furado.

De repente, sentindo urgência em resolver outros assuntos — que não tinham nada a ver com ele —, Della relanceou os olhos para outro arco-íris de cores dançando nas paredes.

— Eu tenho que ir. — Levantando-se rápido, ela deu um passo para fora da caverna. O frio da cachoeira parecia quase surreal. A água encharcou seu cabelo e se infiltrou por baixo da sua camiseta. Imediatamente, ela sentiu uma sensação de perda ao sair. *Eu voltarei.*

— Vai fazer o quê? — Chase estava bem atrás, mas ela continuou andando. Recusou-se a olhar para trás e recusou-se a reconhecer que o sentimento de perda tinha tudo a ver com ele e nada a ver com a cachoeira. Por favor, que seja apenas a cachoeira.

— O que você tem que fazer? — Chase repetiu a pergunta quando ela não respondeu.

— Conversar com Burnett — Della respondeu, pensando no líder do acampamento negando o pedido do Conselho para ela trabalhar no caso, sem sequer falar com ela. E então ela se lembrou da coisa toda do fantasma e da visão maluca que tivera. — E com Kylie e Holiday — disse ela em voz alta enquanto elaborava seu próprio plano. Se alguém podia explicar o que tinha acontecido ali, eram elas.

— Falar sobre o quê? — A pergunta dele foi feita a centímetros da orelha dela. A proximidade era boa e ruim ao mesmo tempo.

— Sobre eu trabalhar com o Conselho dos Vampiros. — Ela voltou a pensar em Holiday e Kylie. — Sobre encontrar Natasha e Liam — murmurou em voz alta, mais para si mesma do que para ele.

Lembrando quanto tinha ficado desesperada durante a visão, ela começou a correr. O sol já estava mais alto no céu. No entanto, ele ainda tinha o tom dourado do amanhecer. O calor do sol aquecia sua pele úmida e ela não pôde deixar de se lembrar da escuridão que sufocava Natasha e Liam.

Quando seus passos ecoaram no chão, ela se deu conta de que Chase não mais a seguia. Ela estava a meio caminho do escritório, quando de repente percebeu que ele não tinha perguntado

quem eram Natasha e Liam. Um pensamento louco lhe ocorreu. Será que ele de alguma forma havia tido a mesma visão?

Ela estava tentada a dar meia-volta e encontrá-lo, para perguntar. Mas não, era loucura. Em primeiro lugar, porque arrancar respostas dele era como arrancar os dentes de um leão raivoso, e segundo, porque... certamente uma dupla visão como essa não poderia ser possível. Mas Della se lembrou de como ele parecia abalado quando ela despertou daquele lugar escuro e úmido. Seria a reação dele ao ver a angústia dela ou será que eles tinham vivido a mesma experiência?

Correndo um pouco mais devagar, ela tirou o celular do bolso e discou o número de Kylie. A camaleão respondeu com uma voz um pouco sonolenta, mas preocupada.

— Algo errado?

— Não... sério. Estou bem. Só tenho perguntas. Me encontre no escritório de Holiday, por favor. — Ela desligou, confiante de que Kylie estaria lá. A amiga nunca a decepcionava.

Enquanto ela continuava seguindo para o escritório, outro pensamento lhe ocorreu. Ela tinha ido à cachoeira para obter respostas, mas tinha saído com mais perguntas. Aquilo era justo? Por que os anjos da morte respondiam às perguntas de Kylie e não às dela?

— Isso não poderia acontecer, poderia? — Della estava sentada no sofá do escritório de Holiday, contando sobre a voz, sobre a visão, e perguntando se elas achavam que Chase poderia ter tido a mesma visão que ela.

A *fae* líder do acampamento estava sentada à sua mesa, com uma expressão perplexa. Kylie, com uma expressão quase tão confusa, estava sentada ao lado de Della.

— Uau! — exclamou Holiday. — Você teve um dia e tanto, e não são nem sete horas da manhã.

— Nem me diga! — exclamou Della, estatelada no sofá, com o coração pesado. — Então com o que estou lidando aqui? — Ela voltou a pensar em Natasha e Liam. Se Holiday ou Kylie não pudessem ajudar, como, pelo amor de Deus, Della iria salvá-los? Ela não tinha a menor ideia de como dar sentido a tudo aquilo.

— Você conhece alguém chamado Natasha ou Liam? — perguntou Holiday.

— Não — admitiu Della. — Mas... acho que pode ter algo a ver com o caso de Craig Anthony. Chase me disse que ainda existem muitos recém-criados que não foram localizados. E se foi Anthony quem os prendeu lá?

Holiday assentiu.

— Isso é possível, mas... normalmente existe mais de uma conexão.

— Talvez este caso não seja normal. — Ela apertou as mãos.

— Em primeiro lugar, não fique assustada — disse Holiday.

— Eu não estou — Della insistiu, e então percebeu que Holiday estava captando as emoções dela. Mas a *fae* estava errada. — Quero dizer, tudo bem, essa história não me agradou em nada e, quando ouvi pela primeira vez sobre os fantasmas, eu me apavorei um pouco. — Seu coração saltou, denunciando uma mentira. — Ok, me apavorei muito, mas eu já superei esse medo. O que

está me assustando agora é que o tempo de Natasha e Liam está se esgotando. Eles não podem viver assim por muito mais tempo.

Della viu a maneira como Kylie e Holiday olharam uma para a outra, como se soubessem de algo que ela não sabia.

— O que foi? — perguntou Della.

Holiday se levantou e se sentou ao lado de Della, do outro lado do sofá. A expressão em seu rosto era de pura compaixão. O fato de ela se aproximar era para Della um sinal de que o que a amiga estava prestes a dizer não era bom. Na verdade, era tão ruim que ela sabia que Della precisaria de um toque calmante ao ouvir a notícia.

Quando a mão de Holiday chegou mais perto, Della saiu do sofá.

— Não, não me toque. Apenas me diga. O que é que você acha que eu não vou querer ouvir?

Capítulo Cinco

Della ouviu Kylie suspirar. A camaleão sempre suspirava quando estava preocupada ou estressada.

Della viu os olhos azul-claros da amiga cintilarem de preocupação e perguntou:

— O que foi? Podem começar a falar.

Kylie olhou para Holiday e a líder do acampamento assentiu.

— Normalmente — Kylie começou —, quando se tem visões, aquelas em que a gente é realmente a pessoa, é porque... porque ela já está morta.

— Eu sei, mas dessa vez eles não estavam mortos.

— Eles podem parecer vivos, mas estão mostrando a você...

— Não. — Lágrimas brotaram nos olhos de Della. — Então por que raios ela iria me mostrar aquilo?! Se estão mortos, que diabos eu posso fazer? Isso é errado! É doentio! Por que ela me faria passar por tudo aquilo?

Kylie assentiu.

— Eu me senti da mesma forma quando aconteceu da primeira vez comigo, mas...

— Eles fazem isso porque querem ser encontrados — Holiday falou. — Porque querem que a pessoa que os matou seja detida.

Della tentou digerir aquilo. Mas doía. Doía demais, caramba!

Então ela se lembrou de outra visão que tinha tido — a visão em que ela era a garota assassinada, Lorraine, olhando para suas mãos cheias de sangue. De alguma forma, na visão, Della tinha percebido que a garota estava morta. Mas não dessa vez.

— Não, dessa vez foi diferente — Della insistiu. — Eles estão vivos — disse ela. — Eu sinto isso.

Uma lágrima caiu dos olhos de Della, e ela a sentiu, quente, rolando pela sua pele fria. Ela enxugou-a. Então se lembrou da voz do fantasma. *Encontre Natasha*.

— Não — disse Della novamente. — O fantasma me disse para encontrar Natasha. O fantasma não era Natasha.

Holiday se levantou e deu alguns passos na direção de Della.

— Mas, se você estava no corpo de Natasha, isso normalmente significa...

— *Normalmente*. Você continua usando essa palavra. Mas o que é normal quando se trata disso? Eu sou um vampiro, eu não devia nem mesmo me comunicar com fantasmas. Talvez eu esteja fazendo essa coisa toda de fantasma de um jeito anormal!

Holiday passou o cabelo ruivo por cima do ombro e torceu-o, como costumava fazer quando estava pensando.

— Eu não vou dizer que seja impossível, Della. Você e Burnett são os primeiros vampiros que conheço que são médiuns. Mas eu só estou dizendo em que eu acredito.

— Mas você sabe — Kylie acrescentou, e olhou para Della como se quisesse ajudar — que a avó de Sara veio me pedir para curar Sara quando ela estava com câncer. Então, talvez esse fantasma tenha vindo procurar você para ajudar alguém.

— Verdade — disse Holiday. — Mas você nunca esteve no corpo de Sara, esteve?

— Não. — Kylie se encostou no sofá e encontrou o olhar de Della.

Della desviou o olhar da expressão cheia de compaixão da amiga. Ela entendia que elas estavam tentando ajudar e estavam apenas dizendo o que pensavam ser verdade. Della simplesmente não acreditava naquilo.

Ou será que ela não queria acreditar? Seu coração apertou, e a dor — dor de verdade — encheu seu peito. Ela sentiu a compaixão das duas e tentou afastar a dor, assim como tinha feito com todos os seus outros problemas, para pensar neles mais tarde.

Mais tarde. Ela estava se tornando uma especialista naquela técnica de adiar crises emocionais...

Soltando um suspiro decepcionado, fez a pergunta seguinte.

— E aquela coisa toda do Chase? De ele ter a mesma visão que eu?

— Isso é possível — disse Holiday. — Especialmente pelo fato de vocês dois estarem na cachoeira. É um lugar mágico.

Della quase concordou com ela, mas, ao se lembrar de que achavam que Natasha e Liam estavam mortos, ela se perguntou como o lugar poderia ser mágico se dava notícias tão ruins.

Mágico seria se eles estivessem vivos. Se ela tivesse chance de salvá-los. Não, a verdadeira magia teria sido se eles nunca tivessem que passar por aquela situação.

Mais tarde, ela disse a si mesma de novo, afastando a emoção que tentava invadir seus pulmões.

Holiday torceu mais uma vez o cabelo.

— O fato de Chase estar na cachoeira me diz que ele poderia muito bem ter a mesma capacidade de se comunicar com fantasmas que você e Burnett. E isso poderia ser porque... A *fae* olhou para Kylie e parou de falar.

— Por quê...? — perguntou Kylie.

— Eu não sei — disse Holiday, dando de ombros.

Della sabia o que ela iria dizer. Porque todos os três eram Renascidos. Será que todos os Renascidos tinham propensão para se comunicar com fantasmas? Della viu o olhar perplexo no rosto de Kylie. Até agora, Della não tinha falado com Kylie ou Miranda sobre aquilo. Elas ainda pensavam que ela tinha simplesmente contraído um vírus estranho. Ela sabia que não poderia manter aquilo em segredo das amigas para sempre, mas estava esperando conseguir lidar melhor com aquela habilidade antes de tentar explicá-la.

Della inclinou a cabeça para o lado. Ela ouviu uma pessoa subindo os degraus da cabana. Levantou o nariz. Correção. Duas pessoas. Embora só dois pés estivessem entrando.

Uma dessas pessoas era doce e inocente, e cheirava a talco de bebê. A outra... a outra era alguém com quem Della tinha um assunto espinhoso a tratar. E com toda a angústia que se agitava dentro dela, ela nunca se sentira mais preparada para uma discussão do que naquele momento.

Burnett entrou no escritório de Holiday sem bater, a filha deles, Hannah, em seu colo. Ele olhou de Holiday para Kylie e, em seguida, para Della.

— Qual o problema? — Seu olhar fixo em Della sem dúvida captando a expressão de desagrado da vampirinha.

Ela nem sequer teve que responder à pergunta — ele fez isso por ela.

— Aquele sanguessuga ordinário filho da puta! — rosnou Burnett. — Eu o proibi de...

Hannah começou a chorar.

— Veja, nem a nossa filha aprova o seu linguajar. — Holiday se aproximou dela. — Eu juro, se a primeira palavra que sair da boca da minha filha for um palavrão, eu vou lavar a boca do pai dela com sabão duas vezes ao dia pelo resto da vida. — O lado maternal de Holiday sempre falava mais alto.

Burnett, que obviamente não gostou nem um pouco da ideia, fez uma careta.

— Desculpe — ele disse, dando um beijo no cabelo escuro de Hannah com uma gentileza que parecia quase impossível para o vampiro alto e sombrio.

— Não fale palavrão como o seu pai — disse ele para a criança. Depois de entregar o pacotinho em seu colo para a mãe, seu olhar se voltou para Della, e toda a expressão terna e afetuosa desapareceu.

— Meu escritório — ele ordenou, fazendo um gesto para ela segui-lo.

Della não hesitou. Ela começou a andar atrás dele, preparando-se mentalmente para outro bate-boca com o vampiro teimoso e machista. Se ele achava que iria impedi-la de tentar encontrar Natasha e Liam — mesmo se já estivessem mortos — junto com os outros recém-criados que tinham sido forçados à escravidão, os minutos seguintes não seriam nada agradáveis.

Burnett acomodou-se sem falar nada atrás de sua grande mesa de carvalho, que ocupava a maior parte do pequeno escritório. Ao contrário do escritório de Holiday, que tinha um ar feminino e um pouco mágico, o escritório de Burnett parecia totalmente sem graça. Os únicos objetos pessoais no cômodo eram as fotos de Holiday e Hannah sobre a escrivaninha.

Della, braços cruzados sobre o peito, desabou na cadeira em frente ao vampiro, olhando furiosamente para ele. Burnett sustentava o olhar dela, como se quisesse provar que estava com a razão.

Ela decidiu deixá-lo começar a conversa... deixá-lo soltar os cachorros e tentar expor seus argumentos. Infelizmente, ele tinha mais paciência do que ela e esperou até que Della finalmente despejasse tudo:

— Você pelo menos ia me contar?

— É claro que eu ia te contar — ele disse numa voz muito mais calma do que a dela.

— Mas você não acha que deveria ter me contado antes de dizer a eles que eu não iria? Desde quando eu *não* posso mais decidir o que vou fazer ou não?

Ele se inclinou e olhou nos olhos dela de forma calculada.

— Acalme-se.

— Eu não vou me acalmar. Você me negou...

Ele bateu a mão na mesa.

— Sim, eu disse que você não vai trabalhar para eles. Mas eu já dei um telefonema e estou tentando entrar em contato com alguém para fazer uma contraproposta. Mas, para responder à sua pergunta, você realmente não tem poder de decisão quando eu sinto que vai colocar a sua vida em perigo. — Ele expeliu o ar por entre os dentes cerrados. — E antes que você comece, não é porque você é uma garota! Eu não teria permitido que ninguém aqui em Shadow Falls fizesse isso.

Ela descruzou os braços, ouvindo a sinceridade tanto no tom de voz dele quanto em seu coração firme.

— Que tipo de contraproposta?

— Vou sugerir que eles permitam que Chase venha trabalhar com a gente e vocês dois trabalhem juntos no caso. — Ele levantou uma mão. — Eu poderia... *poderia* estar disposto a fazer uma concessão e deixar que ele se reportasse tanto ao Conselho quanto à UPF, mas apenas se concordarem com as minhas condições.

— Que condições?

— Todas as tarefas têm que ser atribuídas por mim, e eu tenho o direito de mandar outros agentes cobrir vocês dois, se sentir que é necessário.

— E se eles não concordarem com isso? — perguntou ela, pensando em Natasha e Liam.

— Então, não há nenhuma razão para que a UPF não possa iniciar a sua própria investigação. Nós já fizemos o trabalho pesado e prendemos o homem.

— E você vai me colocar no caso? — ela perguntou, precisando de garantia.

— Isso terá de ser autorizado pela UPF, mas eu não vejo nenhuma razão para que não autorizem. Você já tem uma boa reputação com eles.

Della relaxou na cadeira, gostando de ouvir aquilo, mas não se sentiu muito aliviada com relação aos seus problemas reais.

— Obrigada.

Ele balançou a cabeça, em seguida franziu a testa.

— Tudo isso poderia ter sido evitado se Chase não tivesse jogado merda no ventilador.

— Você quer dizer “não tivesse causado problemas” ou talvez “jogado caca no ventilador” — corrigiu Della com ironia.

Quando ele pareceu confuso, ela explicou:

— Você não pode falar palavrão, lembra? — Um leve sorriso roçou os lábios dele quando se lembrou da ameaça de Holiday de lavar a boca do marido com sabão.

— Causado problema — disse ele, corrigindo-se.

— E... — continuou ela —, sinceramente, Chase não esperava causar problema. Só aconteceu de ele estar na cachoeira quando fui até lá. — O coração dela deu um pequeno salto, porque ela realmente não acreditava que tinha sido uma coincidência. Eles haviam sido atraídos para lá. Mas Della estava falando de Chase e ela ou de Natasha e Liam?

— Mas ele ainda assim contou a você sobre o caso — disse Burnett, seu tom de voz mais grave por causa da raiva.

— Na verdade, não. Quer dizer, alguém me disse e eu só pedi que ele confirmasse.

Burnett estudou-a, provavelmente ouvindo para ver se o coração dela tinha marcado as palavras como uma mentira.

— Ninguém mais sabe — disse ele.

— Alguém sabe — disse Della.

— Quem? — A testa de Burnett se franziu e ele se inclinou para a frente.

— Um fantasma — disse Della, e sentiu a preocupação surgindo dentro de si.

— O quê? Um fantasma? — ele perguntou, olhando em volta como se esperasse que o fantasma estivesse ali.

Ela contou a Burnett o que tinha acontecido na cachoeira, falando inclusive sobre a voz, a visão de duas pessoas alimentando uma a outra. Ele pegou um lápis e o rolou nas mãos enquanto ouvia.

— Você contou tudo isso a Holiday?

Della confirmou com a cabeça, sentindo um aperto no peito quando ela se lembrou de que a líder do acampamento tinha lhe dado poucas esperanças.

— Ela acha que Natasha e Liam estão mortos.

— E você não? — Burnett parou de rolar o lápis enquanto esperava ela responder.

— Não. Eu acho que o fantasma é alguém que quer que eles sejam resgatados. Ela se referiu a Natasha pelo nome. Ela não disse “me encontre”.

Burnett recostou-se na cadeira, fazendo-a ranger.

— Ela?

Della assentiu.

— E, estranhamente, ela não mencionou Liam. É como se ela estivesse mais preocupada com a garota.

Burnett rolou outra vez o lápis entre as palmas das mãos.

— Mas na maioria das vezes, quando Holiday tem visões semelhantes... como a que você teve...

— Eu sei — cortou-o Della. — Na maioria das vezes a pessoa está morta. Mas eu não sou Holiday. Talvez, por ser uma Renascida, as coisas sejam diferentes para mim. — Ela olhou para

ele. — Para nós. Você já teve alguma visão em que eles não estavam mortos?

Burnett pareceu chocado com a ideia de se comunicar com espíritos, como se ela tivesse lhe pedido um conselho sobre o melhor absorvente interno para usar.

— Eu não... Eu nunca tive uma visão. Apenas os sinto quando estão perto de Holiday e posso ouvi-los, às vezes. Mas eu, na verdade, só vi um fantasma: Hannah, a irmã de Holiday.

— Sorte sua.

— É verdade — ele concordou, quase de todo o coração, mas depois acrescentou: — Mas é porque você vê e ouve fantasmas que nós capturamos o último assassino e não prendemos o cara errado. Holiday insiste em dizer que isso é um dom. E às vezes eu não posso discordar dela.

— Eu sei e, se não se tratasse de pessoas mortas, eu poderia concordar. — Um sentimento de pavor percorreu a sua espinha só de pensar nisso. Ela estaria condenada a ser como Kylie agora? Fantasmas aparecendo o tempo todo? Mas, caramba, ela não queria isso.

Burnett deu de ombros e acenou com a cabeça, ao mesmo tempo, como se quisesse discordar, mas não pudesse. Ele se inclinou para a frente outra vez.

— Holiday também disse que, quando você começa a ter esse tipo de visão, é normalmente alguém que você conhece ou alguém que está ligado a você de alguma forma.

Della assentiu.

— Ela me disse isso, também, mas eu não conheço Natasha ou Liam. Foi o fantasma que me disse para encontrá-los. Então, talvez ela conheça Natasha, porque eu não conheço.

— Ok, digamos que você esteja certa e o fantasma não seja Natasha. Você acha que pode conhecer o fantasma?

— Eu acho que não. Acho que ela só me escolheu porque estou ligada ao caso de Craig Anthony.

A sala ficou em silêncio por um minuto e os pensamentos de Della voltaram a se concentrar no outro problema.

— Você realmente já falou com alguém do Conselho dos Vampiros?

— Liguei e disseram que alguém vai entrar em contato.

— Em contato hoje ou esta semana? — perguntou Della, a preocupação deixando sua voz tensa. Se Della estivesse certa e Natasha e Liam estivessem vivos, eles precisavam de ajuda, e rápido. Ou será que Holiday, que tinha mais experiência com essa coisa de fantasmas, estava certa e eles já tinham encontrado o seu destino?

Burnett ajustou seu peso na cadeira novamente.

— A bola já está em jogo. Se eu tentar pressionar, isso poderia ter um efeito negativo. Mas eu vou seguir em frente e dar início às investigações por conta própria. E vou arranjar alguém para verificar todos os arquivos que confiscamos de Craig Anthony. Talvez possamos encontrar algumas informações sobre... Natasha e Liam. Você por acaso não sabe os sobrenomes, sabe?

— Não.

— Conseguiu qualquer outra coisa que possa nos ajudar a localizá-los?

Ela deixou sua mente voltar à visão.

— Nada além de um lugar escuro que cheirava a sujeira. Como se fosse subterrâneo. *Enterrados vivos*. O pensamento provocou calafrios na sua espinha. — Mas...

— Mas o quê? — perguntou Burnett.

— Eu não sei ao certo, mas Chase pode saber de algo sobre isso, também.

— Como é que ele pode saber?

— É só um... Eu posso estar errada, mas acho que ele pode ter uma ligação com essa visão, também. Nós dois fomos atraídos para a cachoeira por uma razão, e eu acho que foi por isso.

— Você quer dizer que ele teve essa visão, também?

— Sim, Holiday disse que é possível. — Ela hesitou. — Será que ele já deixou Shadow Falls?

— Sim. Logo antes de eu vir para cá.

Ela pegou o celular e discou o número dele. Burnett inclinou-se sobre os cotovelos e tamborilou os dedos na mesa. A chamada caiu no correio de voz de Chase.

— Ei, sou eu, Della. Eu... tenho algo para te perguntar. Você pode me ligar?

Quando desligou, Burnett olhou para ela.

— Ele retorna os seus telefonemas?

— Não sei, nunca liguei para ele. — Ela estava orgulhosa de nunca ceder à vontade de ligar para ele. Mas isso era diferente. Não era para falar de si mesma. Ela para falar sobre Natasha e Liam.

— Minha intuição me diz que ele vai retornar — acrescentou, lembrando quantas vezes ele já tinha enviado mensagens para ela e telefonado. Então, novamente, ela se lembrou de uma das últimas coisas que ela disse a ele. *Eu não te amo, ponto final*. *Não sei nem se gosto de você.*

As palavras tocaram seu coração, que de repente pareceu ficar mais terno, ao recordar a dor nos olhos dele. Então, jurando não se deixar levar por todo aquele sentimentalismo, obrigou-se a se concentrar em outras questões. Ela olhou para as próprias mãos por um segundo, uma pergunta dando voltas na sua cabeça, mas sabendo que a resposta a assustaria. No entanto, ficar sem saber não ajudaria ninguém, então ela perguntou:

— Quanto tempo? Quanto tempo os vampiros podem sobreviver se alimentando uns dos outros?

Burnett largou o lápis e entrelaçou os dedos, descansando as mãos em cima da mesa.

— Por que não tentamos simplesmente encontrá-los? — disse. — Além disso, se Holiday estiver certa, o tempo não é...

— Mas só no caso de eu estar certa e eles estarem vivos. Eu preciso saber. Quanto tempo eu tenho para encontrá-los?

Capítulo Seis

Burnett apertou mais as mãos e sua expressão deixou claro para Della que ele tinha achado a pergunta tão odiosa quanto ela.

— Della, você teve algumas semanas bem difíceis. Não carregue nos ombros as preocupações do mundo inteiro. É domingo, vá ser uma adolescente. Vamos esperar até conseguirmos carta branca para trabalhar no caso, depois nos preocupamos com...

— Pare de dar uma de difícil — Della sibilou. — Apenas me diga!

Ele soltou o ar.

— Depende. Se eles estiverem tomando cuidado para não se esgotarem demais, podem durar umas três semanas.

Era mais do que ela esperava, então tentou encontrar conforto nisso.

Mas a verdade pura e simples continuou inalterada. Se eles ainda estivessem vivos, e se Chase não tivesse compartilhado com ela a visão, então a maior parte da responsabilidade de encontrá-los recaía mesmo nos ombros dela.

Bem, não totalmente. Havia o fantasma. O estômago de Della se contraiu ligeiramente. Quem era o fantasma? E por ela tinha procurado a ajuda a vampira?

Mas mais importante do que a identidade do fantasma, ou da ligação dele com os dois vampiros, era saber como iria fazer para conseguir informações. Por Deus, se aquele espírito que tinha aparecido sem ser convidado queria que Natasha fosse encontrada, ela precisava se mexer e dar a Della algo em que trabalhar! Um sentimento de pânico cresceu dentro dela quando se lembrou de Kylie lhe dizendo, mais de uma vez, que não dava para pressionar ou apressar os fantasmas para que eles falassem.

Mas não era justamente disso que Della precisava? Outro sujeito irracional e difícil de lidar?

Ela olhou para Burnett. Ele se inclinou para a frente.

— Estou falando sério, você precisa ir e...

— Aproveitar a adolescência — Della terminou por ele. — Eu já ouvi você dizendo isso. — Como ela poderia aproveitar alguma coisa, droga, com tantas malditas perguntas dando voltas na sua mente, apertando o seu coração e pressionando a sua consciência?

Quando ela se levantou para sair, uma daquelas questões veio à tona. Ela parou na porta e olhou para trás.

— Alguma notícia sobre quando vamos conseguir sepultar Chan?

A expressão de Burnett revelou frustração.

— Eu verifiquei isso esta manhã. Ainda estou esperando um retorno.

Esperar. Parecia que tudo em sua vida se resumia a esperar.

Depois de ficar horas em seu quarto, só se preocupando, Della decidiu dar ouvidos ao conselho de Burnett. Obviamente, ficar sentada ali esperando uma pessoa morta aparecer não era fácil. Tanto Miranda quanto Kylie tinham saído, provavelmente com os namorados, por isso Della resolveu sair à caça do seu "quase namorado". Depois de tê-lo abandonado cedo na noite anterior, ela queria passar um pouco mais de tempo com Steve antes que ele fosse trabalhar com o médico e a filha do médico.

Pensar em Steve trabalhando com Jessie, que tinha uma queda por ele, ainda a incomodava. Mas, considerando que ela própria provavelmente iria trabalhar com Chase de novo, supôs que não devesse tocar no assunto.

Assim que ela deixou as sombras do bosque e viu a cabana de Steve, viu Perry saindo pela varanda. Ela parou a alguns poucos metros. Antes que ele a notasse, viu sua expressão: triste e perturbada.

— Algum problema? — ela deixou escapar, e ele deu um pulo ao ouvir a voz dela.

— Não — disse ele rápido. Rápido demais, e Della ouviu o coração dele dançando um tango com a mentira.

E só havia uma razão para ele mentir. Ela cruzou os braços sobre o peito e analisou-o.

— Você sabe que eu gosto de você, certo?

— Sei — disse Perry, como se não soubesse o que ela queria dizer.

— Bom, então você não vai levar para o lado pessoal se esse "não" que você disse magoar Miranda e eu tiver que chutar o seu traseiro.

Ele fez uma careta.

— Eu só estou dizendo que gosto de você, mas gosto mais dela. E se você magoá-la...

Ele soltou um rosnando baixo.

— Ok, vou mudar a resposta, então: não é da sua conta. E se você acha que eu magoaria Miranda de propósito, você é uma idiota.

Della observou o metamorfo loiro sair dali apressado, achando aquilo muito estranho. A raiva não era uma emoção comum em Perry. Ele geralmente fazia algum comentário sarcástico, usando o humor para encobrir o que estava sentindo de verdade ou para pôr panos quentes na situação.

O que significava que o que quer que estivesse errado devia ser ruim o suficiente para tirar o senso de humor do metamorfo.

Quando ela se virou, viu Steve em pé na porta, esperando com um meio sorriso. Os meios sorrisos de Steve sempre eram sexies. Talvez fossem os olhos semicerrados, os cílios reduzindo aqueles olhos castanhos calorosos a duas fendas. Seu cabelo castanho estava despenteado, como se ele tivesse acabado de levantar da cama. Ela sempre gostou dele um pouco bagunçado. Steve usava um jeans justo nos lugares certos e uma camiseta azul-marinho que parecia tão macia que dava vontade tocar. Ah, e ele estava descalço. Até isso a atraía.

Suas preocupações com Perry e Miranda passaram para o segundo plano e ela teve vontade de encostar a cabeça no peito dele e sentir seus braços em volta dela. Deixar a magia que envolvia Steve fazer seus problemas parecerem menores. E se isso fizesse com que ela também parecesse menor, que fosse. Ela bancaria a garota madura depois.

Além disso, estava apenas seguindo ordens de Burnett. *Aproveitando a adolescência*.

Quando ela subiu os degraus da varanda, o meio sorriso dele desapareceu. Todos os sentimentos suaves que ele despertara se foram e ela se lembrou de Chase e da loucura que tinha acontecido na cachoeira.

— O que há de errado? — ele perguntou.

A expressão dela estaria tão azeda quanto a de Perry?

Ela abriu a boca, mas não tinha a menor ideia de por onde começar. Ou o que dizer. Ela deveria contar tudo?

Que Chase tinha ido vê-la?

Que o Conselho dos Vampiros queria que ela trabalhasse para eles?

Que havia um fantasma andando atrás dela de novo?

Que ela achava que havia um casal de vampiros enterrado vivo e talvez coubesse a ela encontrá-los?

Ela tinha um palpite de que Steve não iria gostar de ouvir nada daquilo.

Ela franziu a testa.

— Posso apenas dizer “tudo” e deixar por isso mesmo?

— Claro que não. — Steve estendeu a mão para ela e puxou-a de encontro a ele. A cabeça dela encontrou aquele lugar especial que ela tanto adorava. Depois de um abraço de dois segundos, ele se virou e começou a entrar na cabana.

— O que está acontecendo? — ele perguntou depois de fazê-la se sentar no sofá e se acomodar ao lado da vampira. O calor do corpo dele aquecendo o dela, seu braço ao redor de seus ombros.

Quando ela não começou a falar, Steve ergueu o queixo dela e a fez olhar para ele.

— Por que eu acho que tem algo a ver com Chase?

Ah, mas que inferno! Ela estava certa. Steve não iria gostar de ouvir aquilo.

— Eu fui até a cachoeira — contou Della.

— Por quê? — ele perguntou, falando como Miranda.

— Porque eu não parava de ouvi-la. Holiday diz que a cachoeira chama a gente. Enfim... — Ela engoliu em seco e apenas disse: — Chase estava lá.

Ela sentiu os músculos de Steve ficarem tensos e podia jurar que a temperatura do seu corpo subiu alguns graus.

— Ele invadiu Shadow Falls? Burnett não o pegou no flagra e lhe deu uma lição?

— Não, porque ele... ele na verdade estava aqui para falar com Burnett.

— Por quê?

— O Conselho dos Vampiros quer que eu e Chase trabalhemos juntos para encontrar uns recém-criados que aquele cretino do Craig Anthony vendeu como escravos.

— E Burnett vetou, certo? — Os olhos castanhos de Steve adquiriram um tom âmbar escuro, enquanto ele esperava pela resposta dela.

— Ele está tentando fazer um acordo para que a gente trabalhe para a UPF, não para o Conselho.

— Mas você vai trabalhar com Chase? — perguntou Steve, o tom de voz tenso.

Ela se recusou a mentir.

— Se eles concordarem...

— Eu não gosto disso. Sério, você já capturou aquele cafajeste do Anthony, agora deixe que outra pessoa faça o resto.

Ela juntou as mãos.

— Eu não posso.

— Por que não?

Porque é a coisa certa, porque...

— Um fantasma.

— Chan? — ele perguntou, arregalando um pouco os olhos.

— Não, outro fantasma. Ela está me pedindo para salvar uma garota chamada Natasha.

— E você tem que fazer o que o fantasma pede? E se ela pedir para você se jogue de uma ponte ou coma uma tigela de...

Della pressionou um dedo contra os lábios macios de Steve.

— Ela de alguma forma... me fez ter uma visão, e eu era Natasha. Ela está presa, Steve, num lugar que parece um túnel, ou uma câmera subterrânea, com outro vampiro e... — Ela teve que puxar o ar lá do fundo para continuar: — Ela e outro vampiro estão se alimentando um do outro. — Os olhos de Della arderam quando ela se lembrou do horror que sentira na visão. — Ela está com medo, não, ela está apavorada! E... e eu sei tudo isso porque eu me transformei nela durante aqueles poucos minutos, eu estava no corpo dela, e eu senti. Eu tenho que ajudá-la, Steve.

Ele olhou para ela, a cor de seus olhos se suavizando e voltando ao tom caloroso de castanho com manchas verdes e douradas. Ela sabia que Steve estava aceitando — que ele tinha entendido. Della não podia afirmar que ele estava empolgado com isso, pois seu olhar ainda era de frustração, mas não iria tentar impedi-la.

Ele afastou uma mecha de cabelo da bochecha dela.

— Você sempre tenta bancar a durona, mas, sinceramente, não há nada duro em você. Você ajudaria o seu próprio inimigo.

— Não me dê muito crédito.

— É você que precisa se dar mais crédito. — Ele expirou profundamente e continuou a olhar para ela. — Ok, você me disse por que *você* tem que trabalhar neste caso, mas por que Chase

também? Por que ele tem que trabalhar com você? Por que eu não poderia trabalhar com você? Ou Lucas?

Ela hesitou antes de dizer, mas depois decidiu que ele merecia a verdade.

— O motivo que o fez estar na cachoeira é que ele se sentiu chamado também. Eu acho que Chase teve a mesma visão. Por alguma razão, nós deveríamos fazer isso juntos.

Ele caiu contra o encosto do sofá com um suspiro.

— Eu não... Eu simplesmente não gosto de você na companhia dele.

Ela olhou-o bem nos olhos.

— Eu não gosto de você com Jessie, também.

— Pelo menos eu não estou... ligado a ela. Seja o que for que essa droga signifique. — Ele estendeu a mão novamente e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. — E eu sei que você não gosta de falar sobre isso, e eu estou tentando realmente respeitar isso, mas preciso que você me tranquilize.

Ah, que inferno, o que ele queria que ela dissesse? Que ela não dava a mínima para Chase? Isso seria mentira. Que ela não estava nem um pouco atraída por ele? Isso seria mentira, também. Que ela não tinha medo do que sentia? Outra mentira.

Ela estava assustada. Tinha medo de onde tudo aquilo iria dar, mas a única coisa que sabia, a única coisa de que tinha certeza era... Steve. De como ele a fazia se sentir.

Segura.

Aceita.

Amada.

Ele a conhecia e gostava dela assim mesmo, ainda queria fazer parte da vida dela.

Ele se importava.

Ele cuidava dela. Esperando. Esperando alguma coisa.

O coração dela doía com a indecisão e a necessidade que sentia de oferecer algo a ele tornava essa dor ainda maior. Por fim, ela encontrou uma verdade. Uma verdade que podia lhe oferecer.

— Eu estou aqui, não estou?

Ela se aproximou e apertou os lábios contra os dele. Devia ter sido suficiente, ou pelo menos o suficiente por ora, porque ele retribuiu o beijo.

Capítulo Sete

Os lábios de Steve eram quentes, o gosto viciante. E a magia, a magia que era puramente Steve, aconteceu. Della deixou todos os seus problemas de lado, todas as angústias, medos e assombrações do passado, e não se deixou arrastar para nada que não fosse aquele beijo. A maravilhosa sensação dos lábios dele contra os dela.

Aquele sentimento levou a outros sentimentos e sensações. Formigamentos. Vontades. Desejos.

O que os levou a se mexerem. Se aproximarem. Reclinarem-se, lado a lado no sofá.

Em poucos minutos, estavam ainda mais perto. Braços e pernas emaranhados, os corações batendo na mesma sintonia. Apesar da sua baixa temperatura de vampiro, ela ardia... no fogo do corpo rígido de Steve pressionado contra o dela. Absorta em como a respiração suave dele arrepiava o seu pescoço.

A mão dele deslizou por sob a blusa dela e ela não o impediu. Della queria aquilo tanto quanto ele. Não que ela planejasse deixá-lo ir tão longe, mas aquilo... aquilo era o que ela precisava. Della estava seguindo ordens. Estava sendo uma adolescente.

Mas então ela as ouviu. Vozes. Vozes e passos vindo na direção da cabana.

Ela suspirou e segurou a mão dele.

— Eu acho que estamos prestes a ter companhia.

Ele rosnou e levantou a cabeça do ponto sensível em que beijava o pescoço dela.

— Você quer matá-los você mesma ou prefere que eu faça isso?

Ela deu uma risadinha.

Quando ela encontrou os olhos sedutores dele, enevoados, e viu fogo e desejo ali, sua respiração ficou presa e as mesmas emoções encheram seu peito. Se ela não tivesse ouvido as vozes novamente, teria cedido e voltado a beijá-lo. Voltado àquele lugar, àquele lugar maravilhoso em que ela se refugiava para esquecer as coisas e que também a fazia esquecer seus limites. Mais cedo ou mais tarde, eles não conseguiriam mais parar.

Ela estava pronta para se entregar a Steve?

Ah, mas que inferno, ela tinha acabado de encontrar outra coisa com que se preocupar.

Depois de um beijo de despedida, cheio de frustrações reprimidas, Steve acompanhou-a até a porta dos fundos para evitar a companhia que se aproximava.

— Vou partir daqui uma hora — disse ele.

Ela assentiu com a cabeça e entrelaçou os dedos nos dele.

— Comporte-se. — Uma indesejada visão de Jessie encheu sua cabeça.

— Você também — disse Steve e ela podia adivinhar o que ele estava imaginando.

Ele apertou a mão dela, então se inclinou e a beijou novamente. Os pássaros e o suave sussurro da brisa servindo como música ambiente.

Aquele beijo foi provavelmente quase tão ardente quanto o beijo que trocariam se estivessem se entregando um ao outro, pensou ela, mas depois ela descobriu que até a breve sensação de seus lábios sobre os dela era sedutora.

Ela só tinha se afastado alguns metros quando seu celular emitiu um bipe, avisando da chegada de uma mensagem de texto. Seu coração disparou pensando que era Chase. Mas ela só verificou quando chegou a um bosque de pinheiros, carvalhos e um bordo ou dois, fora do ângulo de visão de Steve. A ideia de magoá-lo fazia com que sentisse uma grande dor peito.

E, no entanto, se agora Steve estivesse recebendo uma mensagem de texto de Jessie, aquilo doeria como o diabo. Se Steve se importasse com Jessie uma fração do que ela se importava com Chase, Della ficaria muito aborrecida.

Merda. Ela com certeza estava magoando Steve. Mas como poderia corrigir isso? Só havia duas opções. Apenas duas. Deixar Steve ou se recusar a trabalhar com Chase no caso. Recusar-se a fazer qualquer coisa relacionada com Chase novamente.

E a constatação caiu em seu colo como uma bola de espinhos. Algumas lágrimas ameaçaram cair quando seu celular bipou novamente. Ela olhou para ele.

Não era Chase. Era Burnett. A mensagem dizia: *Venha ao escritório*.

Della não hesitou.

Quando ela irrompeu no escritório do líder do acampamento, ele olhou para cima.

— Achei que você estivesse por perto. Se não estava, veio muito rápido. Eu te avisei que não queria que...

— Eu estava por perto — disse ela e não era totalmente mentira. Ela estava por perto, mas provavelmente tinha ido mais rápido do que ele gostaria. Pelo menos ser uma Renascida lhe dava algumas regalias, sendo sua supervelocidade uma delas.

— O que é?

— Eu recebi um telefonema do Conselho dos Vampiros.

— Eles vão deixar Chase e eu trabalharmos juntos com a UPF?

— Não. Um dos membros do Conselho ligou para perguntar se tínhamos notícias de Chase. Ele faltou a uma reunião com eles e não está respondendo aos telefonemas. Disseram que ele não costuma fazer isso.

Della sentiu sua pressão arterial subir.

— Eles acham que aconteceu algo a ele? — Ela ainda se lembrava de como Chase gemia quando recebeu o sangue dela durante o renascimento. Quando ele tinha de bom grado feito isso, aceitando voluntariamente sentir dor para salvá-la. *Eu não amo você e ponto final. Não sei nem se gosto de você*.

— Não. Ele parecia mais preocupado com a possibilidade de eu tê-lo convencido a trabalhar exclusivamente para a gente. Quando lhe assegurei de que não era esse o caso, ele insistiu que

você deveria saber onde ele estava. Eles acham que ele andava meio obcecado com você ultimamente.

Obcecado comigo? Ela balançou a cabeça.

— Ele não ligou nem me mandou nenhuma mensagem depois que nos vimos na cachoeira. Se tivesse feito isso, eu te diria.

— Foi o que eu garanti a eles — disse Burnett.

Della pegou o celular novamente e digitou outra mensagem para Chase. *Preocupada. Conselho Vamp procurando vc. Tudo bem?*

Ela olhou para o telefone, a respiração presa, rezando para que ele respondesse.

Depois de alguns segundos, quando isso não aconteceu, ela olhou para Burnett.

— Talvez seja melhor eu ir procurá-lo.

— Onde?

— Eu não sei, mas...

— Não. Se você soubesse onde ele está, tudo bem, mas...

O telefone bipou. Ela olhou o número. Era Chase.

— É ele. — Ela leu a mensagem para si mesma.

Preocupada significa que se importa.

Ela cerrou os dentes.

— E aí? — perguntou Burnett.

Ela ignorou Burnett e digitou: *Está tudo bem?*

A resposta veio rapidamente. *Bem. Trabalhando no nosso caso. Até mais tarde*.

Della olhou para cima, inalando o ar.

— Tudo o que ele disse é que está bem e trabalhando no caso.

Ela achava que Burnett iria pedir para ver as mensagens. Ele não pediu, o que mostrava muita confiança de sua parte. Ela apreciava aquilo mais do que ele imaginava.

— Mande outra mensagem, dizendo que eu pedi para ele entrar em contato com o Conselho. Precisamos dele para cair nas graças desses vampiros agora.

Ela fez o que Burnett pediu. Eles se sentaram no escritório em silêncio por vários minutos, à espera da resposta. O telefone não fez bipe.

Por fim, Della colocou o celular sobre a mesa.

— O que Chase ou o Conselho dos Vampiros poderia saber que nós não sabemos? Como ele pode estar trabalhando no caso?

A expressão de Burnett endureceu.

— Eu não sei. Meu pessoal ainda está analisando os arquivos que temos. Eu sei que uma das casas de Anthony Craig foi descoberta antes de chegarmos lá. Talvez alguém do Conselho tenha encontrado algo. Mas eu não acho. Nós encontramos a maioria das nossas provas nos arquivos da funerária, no celular e no computador dele.

— Eu odeio isso — disse Della, e dessa vez não falava dos seus sentimentos pelo vampiro louco, mas de Natasha e Liam.

— Eu sei, mas agora não há nada que possamos fazer.

De repente, o celular de Burnett tocou. Ele olhou para o telefone.

— Eu preciso atender.

Della imaginou que ele estava querendo dizer que queria que ela saísse, então ela se levantou.

Quando ela deu um passo em direção à porta, ela ouviu a voz do outro lado da linha.

— É Leo. Eu tenho a aprovação, mas vamos no escuro. Não pegamos o proprietário. Dito isto, é bom que seja esta noite. Três horas da manhã.

O que estava rolando? Será que envolvia Chase? O caso? Ok, ela não queria ser rude, mas estava curiosa. Talvez muito curiosa. Ela deu mais um passo em direção à porta, mas não a abriu.

— Ok, eu vou para lá — veio a voz de Burnett.

Assim que ela estendeu a mão para pegar a maçaneta, Burnett disse:

— Della?

Droga. Ele estava aborrecido porque ela tinha escutando? Ela se virou, sentindo-se culpada. Tinha sido rude.

— Eu sinto muito, deveria ter saído, mas pensei que talvez fosse...

— Sente-se. — Ele desligou o telefone. Seu olhar encontrou o dela, e ela viu. O telefonema tinha algo a ver com ela.

Della não fez o que ele mandou.

— O que foi? — Ela sentiu a hesitação dele e aquilo só poderia significar uma coisa. Uma coisa ruim.

— Sente-se — repetiu ele. — Precisamos conversar.

O relógio no criado-mudo de Della mostrava que eram 2h55 da manhã. Ela tinha cinco minutos. Olhou para suas roupas. Estava pronta.

Roupas pretas.

Botas pretas.

Jeans pretos e uma camiseta justa preta.

Tudo preto, para não ser vista à noite.

Aquela era a primeira regra de ouro que seu primo, Chan, tinha lhe ensinado sobre ser um vampiro. O melhor era que aquela cor era a mais adequada para a ocasião. Preto para o luto. Preto para a dor. Preto para depositar o corpo de Chan na terra e dizer adeus.

O telefonema que Burnett tinha recebido aquele dia, enquanto ela estava em seu escritório, era sobre Chan. Eles finalmente haviam terminado a autópsia e estavam liberando o corpo dele. Pelo menos agora ele seria sepultado. Quando ela pensasse no primo, não imaginaria o corpo dele em algum necrotério frio.

Burnett havia tentado convencê-la a não ir. Eles haviam descoberto que o cemitério pertencia a lobisomens e era dirigido por eles, e eles não estavam respondendo aos seus telefonemas. Mas

Burnett tinha sido implacável e insistido em dizer que precisavam que Chan fosse enterrado em sua própria sepultura. Depois de não conseguir sobreviver ao renascimento, outros vampiros sem registro o haviam enterrado numa sepultura não marcada, na floresta, para evitar que os seus segredos fossem revelados.

Agora que ele tinha sido encontrado, merecia que houvesse uma pessoa que o amava presente em seu sepultamento. Mesmo que ela tivesse que desrespeitar as ordens de Burnett, ela estaria lá para vê-los baixar o caixão do primo.

Pela segunda vez.

Droga, Chan! Deveria ter sido eu. Ela engoliu a sensação de aperto na garganta, lembrando-se do primeiro funeral do primo. O falso. Não que ela soubesse que tinha sido uma farsa. Quando tinha sido transformado, ele forjara a própria morte, como a maioria dos vampiros fazia para pôr um ponto final à sua vida humana. E Della tinha chorado na ocasião assim como chorava agora. Só que, da primeira vez, ela não tinha sentido culpa.

A culpa por ter sobrevivido, explicou Holiday. Lembrando que Chase tinha escolhido salvar Della vez de Chan. Della não ligava para o nome que se dava àquela emoção. Ela ainda se sentia uma merda.

Respirando fundo, foi até a janela e ficou ali. Algumas estrelas brilhavam. Uma nuvem flutuava no céu, encobrindo tudo, com exceção de uma pequena lasca da lua. Ela observou enquanto o nevoeiro cinzento avançava, lembrando-a dos fantasmas.

Não que ela tivesse recebido alguma visita desde a cachoeira, mas eles não se afastavam de seus pensamentos.

Seu telefone bipou com a chegada de uma mensagem. Ela tirou o celular do bolso, esperando que fosse Chase dizendo que tinha conseguido descobrir algo sobre Natasha e Liam. Ela tinha enviado uma mensagem para ele novamente depois de sair do escritório de Burnett, mas ele não havia retornado. Será que não iria responder porque estava chateado com o que ela lhe dissera antes?

Agora não era o momento de se preocupar com coisas triviais. Podia não ser algo insignificante, mas, quando comparado à vida ou à morte, perdia um pouco da importância. No momento, tudo o que ela precisava de Chase era saber se ele tinha compartilhado com ela a visão de Natasha e Liam. Se a resposta fosse sim, será que ele tinha visto alguma coisa que pudesse ajudar a encontrá-los?

Um peso agitou seu peito quando a mensagem apareceu na tela iluminada do telefone. Não era Chase. Apenas Burnett dizendo que se atrasaria uns cinco minutos.

Ela enviou a Burnett um "*Entendido"*. Então, com a mente em Natasha e Liam, localizou as mensagens anteriores de Chase.

Suspirando, digitou "*Me liga"* e estava quase apertando o botão enviar quando adicionou um "*por favor*".

Ainda olhando para o telefone, ouviu atrás da parede do quarto o barulho sutil de um colchão de molas se ajustando a um corpo revirando na cama. Algo estava mantendo acordada a amiga bruxa, Miranda, colega de alojamento de Della.

Será que isso tinha algo a ver com Perry e aquilo que o deixara irritado mais cedo?

Ela realmente não tinha tempo para dar uma olhada na bruxa, disse Della para si mesma. Além disso, além da tristeza por causa de Chan, a preocupação com coisas como visões e sua própria família e questões românticas... ela não devia estar querendo resolver os problemas de outra pessoa. Mas, então, ouviu a amiga fungar.

Ah, droga, não era uma pessoa qualquer. Era Miranda. Se Della estivesse em apuros, a bruxinha estaria ali num piscar de olhos. Cinco minutos, pensou, saindo do quarto e batendo levemente na porta de Miranda.

— Entre — a voz da bruxa soou baixa e insegura.

Della entrou.

— Só tenho alguns minutos, mas... tem alguma coisa errada?

Miranda se sentou e puxou as cobertas dos joelhos até o peito.

— Sim, mas não posso falar sobre isso.

— Por que não? — Della deu mais alguns passos.

— Prometi que não iria falar.

— Por que você iria fazer promessas estúpidas como essa? Nós contamos tudo umas pras outras. — Mesmo quando Della disse isso, sabia que também guardava segredos de Miranda e Kylie. Mas não por muito tempo. Ela precisava contar a elas.

— Eu sei que contamos, mas... Eu não posso. — Miranda deu um suspiro trêmulo.

Della deu mais um passo, odiando ouvir a dor na voz da amiga.

— Eu preciso bater em alguém? Você não precisa nem dizer por quê, só me que diga quem e eu vou. Então, nenhuma promessa será quebrada.

— Não — ela disse. — Mas eu adoro saber que você faria isso por mim.

— É Perry? — perguntou Della. Se fosse, Della iria acabar com ele, mas ela definitivamente não era a pessoa certa para oferecer conselhos. Kylie era a guru dos relacionamentos.

Kylie era capaz de consertar quase qualquer tipo de desastre romântico. Bem, exceto os de Della. Seus sentimentos por Steve e seus laços emocionais com Chase devido à “ligação” — qualquer que fosse o significado daquilo — era um mistério até mesmo para um guru dos relacionamentos.

— Eu não posso falar sobre isso — disse Miranda novamente, soltando um soluço.

Isso significava que era Perry ou não? Della tirou o celular do bolso e olhou a hora. Ela precisava ir.

— Posso chamar Kylie para ela vir falar com você?

Era preciso admitir, Della não era a melhor pessoa para consolar as amigas. Mas doía um pouco saber que Miranda não confiava nela.

Miranda balançou a cabeça.

— Não. — Ela enxugou o rosto. — Mas eu gostaria de ganhar um abraço.

— Isso é bem a sua cara... — Della murmurou baixinho enquanto se aproximava e deixava a bruxa abraçá-la. O calor de Miranda lembrava a Della a sua própria temperatura corporal, algo em que ela odiava pensar. Mas pelo bem da amizade, ela ainda deu um tapinha nas costas da bruxa bem de leve — embora, um pouco sem jeito.

— Onde você está indo? — Miranda se afastou, seus grandes olhos verdes cheios de lágrimas encarando a amiga.

Della esfregou as palmas das mãos na parte de trás da calça jeans.

— Nós vamos enterrar Chan.

— Ah, foi mal... — disse Miranda. — Eu estou aqui te pedindo um abraço, quando é você quem mais precisa. Venha cá. Venha. — Ela estendeu os braços e mexeu os dedos.

— Não, eu estou bem. — Della deu um passo para trás, mas seu peito apertou um pouco mais ao se lembrar da dor. Isso é o que os abraços faziam às vezes, traziam tudo à tona. Algumas coisas não precisavam vir à tona.

Miranda pulou da cama, sua camisola cor-de-rosa com estampa de coraçõezinhos tremulando ao redor dela.

— Por que Kylie e eu não vamos com você? Espere. — Miranda agitou as mãos no ar como se apagasse o pedido. — Esqueça que eu perguntei, nós vamos mesmo que você não queira a gente lá. Você não pode ir a um funeral sozinha. — Ela começou a ir para a porta como se fosse acordar Kylie.

— Nãããão! — Della pegou-a pelo braço. Droga, ela tinha ido lá para ajudar Miranda, não para começar a Terceira Guerra Mundial. E era assim que acabavam todas as discussões com a bruxa.

— Por quê? Steve vai com você? — perguntou Miranda.

A pergunta tocou fundo o coração de Della. Bastava ouvir o nome dele para ela já se sentir assim, e o sentimento vinha com uma pontada de culpa. Culpa pelo que ela sentia por Chase. Não que ela já tivesse definido o que significava “aquilo”, mas era real. E negar não iria fazer com que deixasse de existir.

— Não, ele não vai comigo. — Della tinha dito a verdade e um pensamento lhe ocorreu: se Steve soubesse, ele gostaria de estar ao lado dela. Steve era assim. Ele se importava. Ela se importava com ele, também. Mas será que ela se importava o suficiente para deixá-lo ir? Para parar de magoá-lo?

Miranda tirou delicadamente a mão de Della do seu braço.

— Desista, vampira. Porque não tem jeito, você não vai sozinha. Kylie e eu vamos com você. — Ela até balançou a cabeça daquele jeito que fazia Della se lembrar dos bibelôs de cachorro que balançavam a cabeça quando colocados no painel do carro.

A frustração fez o estômago de Della contrair.

— Baixe a vassoura, bruxa! — disse Della. — Você não pode ir. Além disso, não é um funeral — ela continuou, o tom de voz ficando mais irritado. Se ela aparecesse com Miranda e Kylie a tiracolo, Burnett teria um ataque. E Della evitava a todo custo que Burnett tivesse ataques.

Vendo a determinação e o amor nos olhos de Miranda, Della estendeu a mão, tentando encontrar paciência, tanto pelo bem da bruxa quanto de si mesma.

— Olha, Burnett nem queria que eu fosse. Eles vão enterrar Chan na sepultura falsa, onde ele deveria ter sido enterrado antes. Então, é um pouco perigoso, desenterrar um caixão, colocar um corpo lá dentro e fazer tudo isso sem que ninguém veja. Violar sepulturas pode dar cinco a dez anos de prisão. E laranja não é a sua cor.

— Eu fico tão bem de laranja quanto você — a bruxa retrucou, enquanto torcia uma mecha do seu cabelo multicolorido. Então ela franziu a testa e seus olhos voltaram a se encher de lágrimas. — Por favor. Eu ainda não quero que você vá sozinha. Dói bem aqui. — Ela colocou a mão no peito.

O coração de Della bateu mais forte com as palavras da amiga.

— Burnett vai estar lá — assegurou.

Miranda fez uma cara que incluía seu típico revirar de olhos.

— Como se ele fosse te dar um abraço, se você precisar.

Della não achava que Burnett fosse abraçá-la, mas não tinha dúvida de que ele iria oferecer a sua solidariedade. E entre vampiros, aquilo era mais do que suficiente.

— Eu vou ficar bem. — E ela ficaria, Della disse a si mesma. Enterrar Chan sob sua lápide era a coisa certa a fazer. Mesmo que a morte dele não fosse.

— Eu tenho que ir. — Ela deu um passo em direção à porta.

— Espere! — disse Miranda. — Um abraço para deixar você mais forte.

A palavra “não” dançava na língua de Della, mas impedir Miranda de abraçar era o mesmo que impedir um cão de fazer xixi num poste. Impossível.

Della inclinou-se e se afastou rápido, observando a bruxa e ainda vendo preocupação em seu rosto.

— Mais tarde vamos ter uma “Sessão Coca Diet” e contar nossos problemas. Mas antes, você precisa encontrar quem fez você prometer que não ia contar o que aconteceu e pôr um fim a essa promessa.

O lábio inferior de Miranda tremeu um pouco.

— Eu não posso.

Della franziu a testa.

— Tudo bem, então não vou contar o que está acontecendo comigo. E é coisa que não acaba mais...

— Isso não é justo! — protestou Miranda.

— Não, não é. É um saco ter amigos que esperam que você despeje todos os seus problemas, mas isso é o que nós fazemos. Então, prepare-se para despejar tudo. Mais tarde.

Ela disparou para fora do quarto de Miranda e para fora da cabana, correndo para encontrar Burnett — esperando que enterrar Chan pelo menos colocasse um ponto final naquele problema, deixando-a livre para resolver os outros.

Natasha e Liam eram os primeiros da lista.

Em seguida, vinha o dilema "Steve ou Chase". Ou talvez tentar novamente encontrar seu tio. Com todos os problemas que tinha, ela podia escolher por qual deles queria começar.

As nuvens fantasmagóricas tinham ido embora e a meia-lua, acompanhada de estrelas, só irradiava luz suficiente para deixar o céu azul-marinho. Burnett, todo de preto, esperava no portão da frente de Shadow Falls. Seu olhar recaiu sobre Della como se ele estivesse tentando avaliar seu estado de ânimo. Ou talvez sua capacidade de não desmoronar emocionalmente. Mal sabia ele que ela já tinha desmoronado meses antes.

Às vezes, Della não sabia como tinha conseguido seguir em frente, mas tinha a sensação de que tinha tudo a ver com Shadow Falls. As pessoas dali. As amizades. Não necessariamente os abraços — embora a vampira amasse Miranda por causa disso, ela poderia ficar sem eles. Mas só saber que outras pessoas se preocupavam com ela tinha sido suficiente para ajudá-la a juntar os cacos depois de cada uma das decepções da sua vida.

Ela se preocupava com todos eles. Até mesmo com o líder do acampamento durão.

Era preciso admitir, ficar no fundo do poço significava decepcionar pessoas. Se o seu pai de ascendência oriental tinha instilado alguma coisa nela, era lealdade. O que provavelmente explicava por que, até quando seu pai parecia ter desistido dela, ela não tinha desistido dele.

— Pronta? — perguntou Burnett.

Ela assentiu com a cabeça.

Ele começou a correr, as botas batendo contra a terra três ou quatro vezes antes de levantar voo. Della não sabia se poderia fazer o mesmo, mas, quase vendo aquilo como um desafio, ela tentou. Suas próprias botas bateram no chão umas sete vezes antes que ela sentisse a força. Forçando todos os seus músculos a entrar em ação, ela sentiu-se se erguendo no ar. Um sentimento de orgulho a preencheu e, por um segundo, ele se sobrepôs à dor do que ela estava prestes a enfrentar.

Burnett olhou para ela. Seu olhar quase lembrava o jeito como o pai a contemplava quando ela fazia uma boa jogada no xadrez.

Uma sensação quente encheu o peito de Della quando ela fez um ligeiro aceno de cabeça para Burnett.

Isso mesmo, Della pensou. A única coisa que a impedia de desmoronar tinha tudo a ver com as pessoas que tinha encontrado em Shadow Falls. Se ela desmoronasse, eles levariam aquilo para o lado pessoal. E a vampira não iria deixá-los assumir a culpa pelo que estava acontecendo a ela.

Demorou uns 20 minutos, voando numa velocidade que Della nem podia calcular, para ela avistar o cemitério. Assim que o seu destino apareceu, Burnett desacelerou para o que poderia ser considerada a velocidade normal de um vampiro.

Quando circularam a propriedade, ele começou aterrissar no meio de algumas árvores.

Os pés de Della ainda não estavam firmes no chão quando ela sentiu o cheiro.

Olhou ao redor e depois para Burnett. Ele tinha erguido o nariz, também. Aparentemente, tinha sentido o mesmo cheiro.

— Alguém que você conheça? — ela perguntou, esperando que os agentes que trariam o corpo de Chan fossem lobisomens.

Os olhos de Burnett, já de um verde brilhante, responderam antes de qualquer outra coisa. Della não teve tempo para pensar antes de ver três figuras saindo de um bosque e vindo na direção deles.

Capítulo Oito

— Parem aí mesmo! — A ordem de Burnett ecoou pelo cemitério.

Caramba! A ordem seria para ela, também? Preparando-se para lutar, Della teve que cravar as unhas nas palmas das mãos para atender ao pedido dele. Parada ao lado de Burnett, cada músculo do seu corpo gritava *perigo*.

Soltando grandes lufadas de ar, que tinham até mesmo um gosto de ameaça, ela fitou a testa dos três atacantes em potencial para ler seus padrões. Todos os seres sobrenaturais tinham padrões que identificavam suas espécies, e eles confirmavam o que seu faro já tinha identificado.

Lobisomens.

Ela também notou os uniformes — seguranças. Que piada.

— Não vamos lhes fazer nenhum mal — Burnett anunciou. Ele puxou a camisa escura para mostrar seu distintivo da UPF preso no cinto.

Della tinha que dar crédito ao homem por sempre seguir as regras. Não que ela conhecesse todas as regras da UPF, mas pretendia aprendê-las em breve.

Seu foco se voltou para Burnett, que estava ali altivo, o distintivo ainda à mostra. Ele exalava tamanha autoridade que ela foi tomada de assombro e admiração. Um dia, ela queria um daqueles distintivos.

— Nós também usamos distintivos, sanguessuga! — disse o lobisomem de cabelo ruivo desgrenhado. Ele estufou o peito e Della viu um distintivo com uma cruz celta verde e azul preso à sua camisa suja de algodão.

— Aposto que o meu pesa mais do que o seu — Burnett sibilou, os olhos agora de uma cor dourada.

Os olhos do lobisomem ficaram de um tom laranja brilhante, mas desta vez seu olhar parou por mais alguns segundos no distintivo de Burnett.

O lobisomem do meio, um pouco maior que os outros dois, falou em seguida.

— Já ouvi dizer que as gangues têm um monte de distintivo da UPF falsos.

— Este não é falso — acrescentou Burnett, seu tom ficando mais grave e perigoso.

Della sentiu seu estômago se contrair, preparando-se para enfrentar qualquer ameaça que quisessem fazer a eles. Mas eles não eram, na verdade, uma ameaça tão grande assim. Estavam apenas em três. Ela e Burnett poderiam dar conta deles com as mãos amarradas nas costas. Droga, com seus novos poderes, ela provavelmente poderia dar conta deles sozinha.

— Como espera que a gente acredite que o distintivo é de verdade? — falou o de cabelo ruivo. — Você aparece no meio da noite, no nosso cemitério, com esse seu “brinquedinho” aí, e espera que a gente engula que está aqui a trabalho?

O comentário sobre o “brinquedinho” fez com que Della não conseguisse ficar de fora. Ela rosnou, sua visão mais brilhante, indicando que seus olhos também deviam estar, e seus caninos entraram em cena.

— Ela não é meu “brinquedinho”. — Os olhos de Burnett agora brilhavam num tom verde-limão, mas seu olhar se desviou para o homem de pé entre os outros dois, como se sentisse que ele era o líder da alcateia. — Mostre-me seus registros e diga ao seu amigo bocudo ir mais devagar ou vocês todos vão passar uma noite em custódia da UPF.

— Faça o que ele diz. — O cabeça do pelotão puxou a carteira.

Della viu o ruivo tirar algo do bolso. Ela viu o probleminha imediatamente. Não era uma carteira. Era uma lâmina.

Com uma velocidade que desconhecia, ela arremeteu para a frente. Antes que ele pudesse dizer a palavra “tio”, ou até mesmo *pensar* em dizer a palavra “tio”, ela pegou o lobisomem pelo pulso e torceu o braço dele atrás das costas. Noutra fração de segundo, derrubou-o de joelhos. Burnett de repente apareceu ao lado dela, mas ele ficou simplesmente ali assistindo. Significava que tinha confiança nela. O peito de Della se encheu de um orgulho semelhante ao que ela tinha sentido antes do voo. Deixar Burnett orgulhoso era quase como deixar seu pai orgulhoso.

Ela pegou a faca da mão do lobisomem, em seguida derrubou-o de bruços na grama e colocou o joelho em suas costas para mantê-lo imobilizado. Por incrível que pareça, sua respiração ainda estava uniforme, seu pulso não tinha acelerado. Ela não tinha nem precisado se esforçar.

— Faça o favor de ficar no chão! — disse Della ao cão malcomportado embaixo dela. — Ou não fique. Uma boa briga só me faria bem.

O lobisomem ergueu a cabeça. Della viu a cor laranja brilhante dos olhos dele refletida no chão.

— Eu tinha que pegar a faca para chegar ao meu crachá — ele rosnou.

— Sim, e o brinquedinho aqui teve que tirá-la de você — Della retrucou.

Della poderia jurar que ouviu a risada de Burnett.

— Cala a boca, Evert — mandou o líder dos lobisomens. — Sinto muito pelo comportamento dele. Ele é novo aqui e obviamente muito cabeça quente para este trabalho. — O lobisomem estendeu para Burnett um crachá de identificação, basicamente uma carteira de motorista, mas com uma marcação que significava que ele era registrado.

— Eu não sabia que você era da UPF mesmo — o cara sob o domínio de Della rosnou.

O outro lobisomem puxou a carteira e pegou seu próprio crachá.

Burnett olhou para os crachás, em seguida voltou a entregá-los. Avançou um passo mais para perto de Della e ajoelhou-se ao lado do cara de bruços no chão.

— Eu vou tentar convencer minha agente em treinamento a liberar você, mas é melhor se levantar devagar. Então vai ter que pedir desculpas, e eu vou deixar que ela decida se vai aceitá-las ou não.

Della saiu de cima das costas do canalha. Ele se levantou, mantendo os olhos brilhantes alaranjados colados nela o tempo todo.

— Desculpe — ele murmurou, mas seu tom deixou claro que ele considerava o pedido de desculpas degradante. Ela se perguntou se era porque ela era um vampiro ou porque era uma garota. Um "brinquedinho". Acho que ele pensaria duas vezes antes de chamar alguém daquele jeito outra vez.

Burnett balançou a cabeça.

— Com certeza você consegue fazer melhor do que isso.

Ele olhou para Burnett e depois voltou a olhar para Della.

— Sinto muito. — A fúria irradiava do seu tom de voz.

Por alguma razão, a mente de Della voou para o último cara que tinha forçado alguém a lhe pedir desculpas porque a tinham desrespeitado. Chase. Ela afastou o pensamento e o ligeiro sentimento de saudade que tomou conta dela.

Burnett olhou para ela.

— Você acha que devemos levá-lo e deixar que passe a noite arrependido do seu comportamento?

Della olhou para Burnett. Ele iria realmente deixar que ela decidisse? Ela olhou para o arremedo de faca que o lobisomem tinha puxado do bolso.

— Não, mas acho que ele precisa saber que, se vai puxar uma faca para um vampiro, ela tem que ser bem maior do que um canivete. — Ela entregou a lâmina de cinco centímetros para Burnett.

Burnett acenou para o lobisomem.

— Caia fora antes que eu mude de ideia.

O ruivo fugiu, com o andar ágil característico de todos os lobisomens. De repente o silêncio caiu como uma chuva suave, e aquele silêncio pareceu ecoar dentro de Della. Enfiando a ponta do sapato no gramado verde bem cuidado, ela assistiu enquanto o lobisomem desaparecia até se transformar num pontinho preto na paisagem.

Pela primeira vez, ela prestou atenção nos arredores. A luz prateada da lua se derramava sobre o terreno nivelado. Tumbas se erguiam do chão como braços de cadáveres estendidos para o céu, querendo fugir da terra fria.

A cada poucos metros, uma estátua envelhecida de um santo ou anjo se projetava acima das pedras, como se guardasse os túmulos. Mas eles estavam protegendo os mortos ou mantendo-os enterrados em suas tumbas?

O ambiente triste e mal-assombrado trouxe tudo de volta — a razão de ela estar ali. Para enterrar Chan. Mas o frio sobrenatural e o pensamento de corpos embaixo da terra também trouxeram à sua mente Natasha e Liam.

Um sentimento pesado de tristeza, acompanhado de um agudo senso de urgência, preencheu seus pulmões. Della engoliu um suspiro e se perguntou como e quando o corpo de Chan iria

chegar.

Um formigamento frio percorreu a sua espinha. Seria um fantasma? Sentindo-se atordoada, ela se forçou a olhar para trás, na direção das pessoas que estavam à sua direita. Burnett deu um passo adiante em direção ao líder da alcateia.

O lobisomem, vários centímetros mais baixo do que Burnett, não demonstrou medo, nem a sua postura inspirava agressividade.

— Não que eu queira defender o meu ex-funcionário — ele disse —, mas devo dizer que você aparecer num cemitério dirigido por lobisomens é bastante estranho.

Burnett se empertigou um pouco. Não ao ponto de ficar na defensiva, mas apenas o suficiente para mostrar que não tinha apreciado o comentário do homem.

— A UPF tentou entrar em contato com o proprietário, o senhor Henderson, mas a recepcionista nos disse que ele estava fora do país.

— E me deixou no comando — declarou o lobisomem. — Por que você não entrou em contato comigo? — Suas palavras eram quase desrespeitosas, mas o seu tom exibia cautela, assim como sua postura.

— Se você der uma olhada no seu celular, vai ver que a UPF deixou três mensagens. E eu, pessoalmente, deixei outra esta tarde.

O lobisomem ergueu os ombros um pouco.

— Então você resolveu ignorar os procedimentos legais para, obviamente, fazer algo moralmente antiético. É desse jeito que a UPF costuma trabalhar?

Os olhos de Burnett ficaram mais brilhantes. Mas Della podia dizer que ele estava se contendo. Sem dúvida, estava pronto para resolver as coisas na conversa e evitar um confronto físico.

— Eu não estou aqui para fazer nada antiético.

O lobisomem ergueu as sobrancelhas com descrença.

— Depende de para quem perguntar. É óbvio que está aqui para exumar um corpo e obter algum tipo de prova. Sendo você vampiro, provavelmente para tentar prender um lobisomem por assassinato.

Della não pôde deixar de se manifestar.

— Está redondamente enganado. Ninguém é mais justo do que o homem diante de você.

O lobisomem olhou de relance para Della, então voltou a se concentrar em Burnett como se ela não merecesse atenção. Mas, caramba, o “brinquedinho” já não tinha provado seu valor? Ela soltou um grunhido de advertência. A vontade de agir, de exigir respeito, a espicaçava.

O olhar de Burnett deslocou-se para ela ligeiramente. Naquele breve olhar, ela quase pôde ler a mente dele. *Deixe isso comigo*.

O líder da alcateia ajustou sua postura, ficando um pouco mais na defensiva.

— Você sabe quantos problemas isso pode trazer para o meu patrão? Os humanos consideram algo muito grave profanar cadáveres. Poderiam provocar um escândalo.

Burnett estava de pé, os pés ligeiramente afastados, braços ao longo do corpo, e recebia os ataques verbais do homem sem parecer insultado. Ele quase parecia confiante demais — como um jogador de pôquer que sabia que tinha um trunfo.

— Tem razão — concordou Burnett. — No entanto, seria um escândalo menor do que, digamos, um cemitério aceitar subornos de uma funerária para sepultar caixões vazios. Todo o mistério sobre onde os corpos vão parar não iria somente aparecer no noticiário local, mas poderia acabar em rede nacional. Eu quase posso ler as manchetes: "Famílias de insepultos desesperadas para encontrar os restos mortais de entes queridos". — Ele deixou seu olhar vagar pelo cemitério ao redor. — Quantos caixões vazios vocês aceitaram de Craig Anthony e seu padrasto?

A postura do lobisomem ficou menos confiante, assim como a do lobisomem em pé ao seu lado. Burnett, obviamente, tinha a melhor cartada.

Embora o líder dos lobisomens não quisesse admitir de imediato.

— Sendo um vampiro, você deve saber que essa prática é vista com pouco rigor pela UPF.

Burnett cruzou os braços sobre o peito largo.

— Não quando os recém-criados se tornam escravos.

— Não sabíamos o que esse homem estava fazendo. Nosso contrato era com o padrasto.

— Vamos esperar para ver como as coisas vão ficar depois que a nossa investigação estiver completa. No entanto, isso me leva de volta à razão para eu estar aqui — disse Burnett, relaxando a postura, como se para deixar o lobisomem saber que um acordo conciliatório não estava fora de questão. — Eu estou com o corpo de alguém cujo caixão está aqui, vazio. Eu simplesmente quero colocar o falecido para descansar em sua própria sepultura.

O lobisomem não devia gostar muito de fazer acordos.

— Isso não está no protocolo. Se começarmos a fazer isso, vamos viver enterrando e exumando corpos. Além disso, se o recém-criado morreu, a família nunca vai saber. Eles já acham que ele está no caixão. O que não sabem não pode afetá-los. Eles são apenas seres humanos.

Apenas seres humanos!

— Eu vou saber — disse Della, o tom de voz mais sombrio e seus olhos, dois tons mais brilhantes.

O lobisomem chegou a dar um passo para trás.

— Bem. Desenterrem quem vocês quiserem. Eu até empresto a retroescavadeira. Se o chefe quiser matar alguém por causa disso, vou dizer para ele resolver com a UPF.

*

Trinta minutos depois, com o túmulo já aberto, Della se sentou na grama verde invernal. Passava as mãos sobre as folhas bem aparadas, enquanto observava a retroescavadeira tirar o caixão de Chan de dentro da cova. Antes de os dois seguranças irem embora, os outros agentes tinham

aparecido. O saco preto com zíper que eles tinham trazido agora esperava à direita da lápide, já identificado com o nome completo de Chan.

Ela sabia que o corpo de Chan estava dentro do saco plástico. Fechando os olhos, tentou decidir se queria vê-lo. Ela deveria guardar a última lembrança que tinha do rosto dele? A última vez que o vira tinha sido quando estava no processo de Renascimento e tinha entrado em coma. Eles estavam nas nuvens, e ele tinha aquele sorriso feliz e bobo na cara e a provocava com um comentário sobre alguma coisa. Mas sobre o quê?

Ela vasculhou sua mente e a lembrança que parecia tão longínqua voltou com tudo.

Chan estava brincando com ela por causa da sua inaptidão para jogar boliche e um episódio particularmente memorável. Ela tinha feito um movimento para trás com o braço, para atirar a bola, e esta havia desencaixado dos seus dedos e voado para trás, na direção oposta à da pista de boliche. Todas as cinco pessoas que esperavam sua vez de jogar tinham se atirado no chão para sair do caminho da bola, tentando evitar o impacto. Chan haviam insistido para que contassem a jogada como um *strike*, porque ninguém tinha ficado de pé.

Uma lágrima escapou de suas pálpebras fechadas, ao se lembrar daquele momento nas nuvens e como o sorriso dele parecia com o velho Chan que ela conhecia. Della enxugou algumas lágrimas rebeldes. Sim, era assim que ela queria se lembrar dele — não morto dentro de um saco.

Della ouviu alguém dizer algo em voz baixa, como se fosse de propósito, para que ela não ouvisse. Abriu os olhos. Os agentes, entre eles Burnett, estavam ao lado da sepultura, olhando para o caixão aberto, como se houvesse algo ali dentro.

Della prendeu a respiração. Será que alguém tinha se apossado do caixão de Chan?

— O que foi? — ela disparou. Se fosse um cadáver, seria melhor que ele tirasse sua bunda apodrecida de lá ou estava prestes a ser despejado. Aquele era o caixão de Chan e, por Deus, ele iria ser colocado ali para descansar!

Capítulo Nove

O coração de Della deu um salto mortal antes que ela fixasse os olhos no caixão aberto e, possivelmente, num corpo em decomposição que teria de remover dali.

Um suspiro, que parecia de alívio, escapou de seus pulmões e lábios. Não era um corpo. Apenas uma caixa. Uma caixa grande de sapatos.

Ela tinha que admitir que era bem estranho, mas o olhar de perplexidade no rosto dos três agentes e de Burnett parecia um exagero.

Então ela viu. A caixa pulsou. Como se ali dentro houvesse um coração.

Tum.

Tum.

Tum.

Logo em seguida, os raios de prata da lua foram bloqueados por uma grande nuvem cinzenta que flutuava no céu. O suspiro de alívio se tornou um arquejo.

É só *um rato,* disse a si mesma. Mas, então, o som familiar de um coração batendo saiu da caixa.

— Alguém precisa ver o que tem aí dentro — disse o agente mais jovem, um bruxo, mas pelo tom de voz ficou claro que ele não seria voluntário.

— Quem disse que temos de abri-la? — disse outro dos agentes, um vampiro.

Como se a maldita caixa tivesse ouvido, ela começou a pulsar mais rápido e, então, a tampa voou. Della queria dizer a si mesma que era o vento, mas o ar da noite estava tão parado que nem mesmo as folhas se mexiam.

Com a lua coberta pelas nuvens, o conteúdo da caixa não era identificável. Della se inclinou para vê-la melhor. Havia algo de metal por cima, mas ela não conseguia identificar o quê. Então viu o que pareciam fotografias.

Será que eram as coisas de Chan? O coração de Della deu outro salto. Será que o espírito dele tinha feito a caixa pulsar? Será que ele queria que ela olhasse lá dentro? Della olhou para o saco preto onde o corpo de Chan jazia absolutamente frio. Absolutamente morto. Logo em seguida, uma sensação de frio se apoderou dela.

É você, Chan?

Rendendo-se às evidências, ela expirou o ar viciado dos pulmões.

— Ergam um pouco mais o caixão e eu pego a caixa — disse Della, finalmente.

— Não, eu faço isso. — Burnett parecia constrangido por ela ter se oferecido antes dele. Ele olhou para o agente *fae* que tinha dirigido a retroescavadeira e agora estava com eles.

— Erga um pouco mais o caixão.

O agente voltou para a retroescavadora, quase ansioso para se afastar dali. Della ficou observando e ouviu quando as correntes puxaram um pouco mais o caixão da lama endurecida.

Quando Burnett estava prestes a alcançar a caixa, Della o deteve.

— Era de Chan. Acho que eu é que devia fazer isso.

Ele balançou a cabeça, concordando. Ela pegou a caixa e viu os olhos arregalados de todos os agentes, como se temessem que a coisa fosse mordê-la.

Não mordeu. Pelo menos não fisicamente. Emocionalmente, ela foi mordida tão logo olhou para baixo e identificou o objeto de metal na parte superior. Um dos muitos troféus de boliche de Chan. Ele tinha dito a ela, uma vez, que não se importava que ser um campeão de boliche o fazia parecer um idiota. Aquele era o único esporte em que ele era bom. No entanto, ele nunca foi realmente um idiota, apenas um garoto magricela de família oriental, meio rebelde mas de bom coração.

Sentindo os olhos arderem, ela se afastou até um local mais reservado. A nuvem se afastou da lua e a luz prateada chegou até ela. Por mais louco que parecesse, o brilho da lua quase aqueceu sua pele como o sol.

Ela sentou-se entre as fileiras de lápides e colocou diante de si a caixa aberta e sua tampa. Depois de ver a caixa pulsar, deveria estar com medo, mas estranhamente não sentia isso. Aquilo tinha a ver com Chan. E Chan nunca iria machucá-la.

Em questão de segundos — observando apenas os itens que estavam por cima —, ela entendeu o significado da caixa. Chan tinha enterrado sua antiga vida. Todos os itens da caixa eram coisas que tinham significado para ele. Todas as coisas que ele tinha perdido no dia em que foi transformado. E, caramba, ela sabia o que era aquilo!

Não, ela não tinha forjado a própria morte, mas tinha perdido tanto quanto ele. Ela passou o dedo sobre o troféu de boliche com o nome de Chan. Viu as fotos da família e dos amigos dele, e uma carta da sua primeira e única namorada. Percebendo que poderia ser pessoal, ela não leu.

Em vez disso, pegou e analisou algumas fotos: Chan com a irmã mais nova andando de bicicleta; um retrato de família com a mãe, o pai, a irmã, todos juntos em torno de uma toalha de piquenique. Fotos dele, em sua formatura no colegial — seu corpo magro vestido com um smoking e a namorada, uma garota oriental gordinha, usando um vestido rosa rodado. Um sorriso inesperado se abriu nos lábios de Della ao ver o primo magricela com uma gravata borboleta.

Quando Della colocou as fotos de volta na caixa, avistou o colar. Sua respiração ficou suspensa. Ela tinha dado a ele em sua última festa de aniversário — no boliche. Era o símbolo da paz e, quando ela o encontrou, enquanto fazia compras uma semana antes do aniversário dele, pensou em Chan, que sempre tinha sido um pouco *hippie*.

Ela pegou o colar na palma da mão, em dúvida se deveria ficar com ele, mas então percebeu que a peça não lhe pertencia. Pertencia a Chan. E agora seria enterrado com todas as coisas que tinham sido importantes para ele. Aquilo parecia o correto.

Della olhou para cima e viu que os agentes tinham colocado o corpo de Chan no caixão e estavam esperando que ela se decidisse se iria vê-lo ou não. Instantaneamente, soube que a visão nas nuvens era a lembrança que ela queria guardar. Ela olhou para Burnett e disse não com a cabeça. Ele recomeçou.

— Você quer ficar com a caixa? — perguntou, obviamente entendendo que tinha decidido não ver Chan.

— Não — disse Della, e a palavra soou tão pesada quanto o seu coração, naquele momento. — Ela pertence a Chan. — Della pegou a tampa e colocou-a no lugar. Quando se levantou para passá-la a ele, a tampa voou.

Burnett e Della soltaram ambos um arquejo de surpresa.

— É só o vento — disse Della, mesmo sem acreditar.

— Bem que eu gostaria. — Burnett olhou ao redor.

— Ele está aqui? — Della perguntou, sentindo o frio, mas sem ter certeza se era mesmo Chan.

— Alguém está — disse Burnett. — Você acha que talvez ele queira que você fique com a caixa?

Ela pensou na pergunta e encontrou a resposta rapidamente.

— Não, são as coisas *dele*. — Ela entregou a Burnett a caixa. Então percebendo que os agentes esperavam, ela estendeu a mão para a tampa. Antes que conseguisse encaixá-la, uma foto saiu voando de lá, espiralou no ar por um segundo e depois pousou em seu sapato.

Ela pegou a foto e a examinou. Era Chan, a mãe dele e... outra garota. Ela parecia mais velha do que Chan, um ano ou coisa assim. Della olhou mais de perto a imagem. A garota parecia Della e a irmã. Uma mistura de orientais e americanos.

Mais uma vez dizendo a si mesma que era apenas o vento, ela colocou a foto na caixa, por cima das outras coisas. Mas ela voou novamente, pousando em seus pés.

Os olhos de Burnett se arregalaram.

— Eu acho que alguém quer que você fique com essa foto.

Della assentiu, engolindo um desconfortável nó na garganta. Ela pegou a foto e lentamente recolocou a tampa na caixa. Ambos, tanto ela quanto Burnett, ficaram ali sob o luar prateado, esperando para ver se a tampa voava outra vez. Ela não voou.

O olhar de Burnett, cheio de compreensão, encontrou os dela; em seguida, ele se virou e caminhou de volta para o túmulo. Com a foto na mão, Della o viu se ajoelhar e colocar a caixa no caixão. Então ele se levantou e fechou a tampa.

O som pesado do caixão se fechando ecoou na noite. Parte dela queria gritar para eles pararem. Ela deveria ter se forçado a olhar para Chan, para dizer adeus fitando o seu rosto?

Mas, se ela o visse, iria querer tocá-lo e ela não queria senti-lo morto.

Segurando as lágrimas, ela observou enquanto os agentes baixavam o caixão. O ronco do motor da retroescavadeira e o rangido das correntes soaram altos e tristes. Ela sabia que Chan não estava realmente naquele caixão. Seu espírito estava nas nuvens, num lugar feliz.

Mas ainda assim não era justo. Ele deveria ter sobrevivido.

Um frio gélido a percorreu novamente. Talvez Chan não estivesse nas nuvens; será que ele estava de volta? Será que era ele quem queria que Della ficasse com a foto?

Ela olhou para a foto novamente, mas, através das lágrimas, tudo o que pôde ver foi Chan.

— Eu vou sentir sua falta — sussurrou Della e se deixou cair no chão, lutando contra a necessidade de chorar. Enquanto ela assistia à pesada pá mecânica jogar terra sobre o caixão de Chan, abraçou os joelhos e engoliu as lágrimas.

Seu peito estava oco e ao mesmo tempo pesado. Os agentes e Burnett estavam a menos de cinco metros de distância, no entanto a solidão ainda rastejava dentro dela. Então o frio a cercou como uma nuvem invisível e Della soube que não estava sozinha. Alguém estava ali com ela. Mas quem?

— Chan? — Della sussurrou, deslocando seu olhar para a esquerda e depois para a direita.

Ela não viu nada, mas sentiu muito.

Mas não parecia que era Chan. Ela se lembrou de Holiday dizendo que provavelmente havia uma conexão entre Della e o fantasma que queria que ela encontrasse Natasha.

— Quem é você? — ela sussurrou.

Então a ficha caiu. Ela estava num maldito cemitério! Della olhou para as centenas de lápides. Se realmente podia sentir fantasmas, como suspeitava Holiday, o frio que sentia poderia ser de qualquer pessoa, ou de várias pessoas.

Podia haver centenas de almas ali, ao seu lado. O pensamento fez até seus ossos tremerem. Se ela não devesse aquilo a Chan, daria o fora dali tão rápido que até o vento ficaria com inveja.

Poucos minutos depois, Burnett veio e se sentou ao lado dela na grama macia e bem cuidada. O frio tinha desaparecido. Se ele ou ela ou eles tinham ido embora ou simplesmente se afastado, Della não sabia. Mas dava graças a Deus.

Burnett colocou a palma da mão no ombro dela. Não era quente nem muito afetuoso, mas o toque suave veio com uma carga de emoção.

— Você está bem? — ele perguntou.

Della tinha passado do medo para a tristeza, novamente.

— Tenho certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vai melhorar, mas agora está doendo pra caramba. Ele era... ele era da família.

A mão de Burnett apertou seu ombro, tornando o toque quase tão terno quanto um abraço, mas não completamente.

— Eu sei que você está sofrendo. Família é... — Ele fez uma pausa e em seguida começou a falar. — Um pouco mais de um ano atrás, eu teria rejeitado a ideia de ter uma família. E olhe para mim agora.

Della acenou com a cabeça, afastando a tristeza para pensar na pequena Hannah.

— Vocês três são uma família perfeita.

— Três? — Burnett riu. — Minha nossa, quando eu me apaixonei por Holiday, eu me apaixonei por Shadow Falls e por todos vocês. Não temos o mesmo sangue, Della, mas você faz parte da nossa família, jamais se esqueça disso.

A emoção apertou os pulmões de Della. E que Deus a ajudasse, porque ela estava prestes a se inclinar e descansar a cabeça no ombro dele. Talvez até mesmo pedir que ele a abraçasse.

Talvez ela devesse ter trazido Miranda e Kylie, afinal. Droga, será que estava ficando viciada em abraços? Haveria algum remédio para ajudá-la a se livrar dessa necessidade? Algo como uma pílula antiabraço?

Capítulo Dez

— Eu vou dispensar os outros agentes — disse Burnett.

Della assentiu e piscou para afastar as lágrimas que ameaçavam cair.

Quando ele se afastou, ela analisou a foto novamente. A garota. Quem seria ela? Virou a foto e não viu nada na parte de trás.

Passos desviaram sua atenção e ela olhou para cima. Era o agente bruxo da UPF. Não parecia muito mais velho do que ela. Embora tivesse cabelos curtos, alguns cachos rebeldes provavelmente o faziam parecer mais jovem. Ele parou a alguns metros da vampira. Ela não gostava de ter de olhar para cima, então se levantou e colocou a foto no bolso de trás.

— Oi — ele disse, cumprimentando-a também com a cabeça.

Ela respondeu com um gesto similar.

— Hã... eu estava pensando se você não gostaria que eu desse um jeito no gramado para que não parecesse... remexido, apenas para o caso de outro parente vir, assim não haverá perguntas.

— Tudo bem — disse ela.

Ele olhou para trás e fez um gesto com a mão. Sob o luar prateado e com a sua magia de bruxo, os montinhos irregulares de terra foram nivelados. Lâminas perfeitas cresceram até o comprimento de grama aparada, e até um par de flores amarelas apareceu ao lado da lápide. A brisa agitou as flores e elas roçaram na lápide com o nome de Chan.

— Obrigada — Della conseguiu dizer, percebendo que não tinha pensado em trazer flores.

— De nada. — Ele parecia um pouco tímido, como se quisesse perguntar algo. — Você é a mesma Della que ajudou a prender Anthony Craig?

Ela assentiu com a cabeça e lembrou-se de que havia um agente bruxo lá, mas esse garoto era mais jovem.

— Então você conhece Miranda? — perguntou.

— Sim — disse Della, surpresa.

— Eu morava no mesmo bairro que ela. Ela era amiga da minha... irmãzinha. Você pode dizer a ela que Shawn Hanson mandou um olá? E que... que eu ouvi falar do que ela fez aquele dia, salvando vocês com aquele feitiço incrível, e só achei que... Achei legal que ela finalmente esteja se virando bem sozinha. Sempre suspeitei que ela fosse mais talentosa do que as pessoas diziam.

— Vou dizer a ela — disse Della, farejando os feromônios dele. Então quer dizer que o agente Hanson tinha uma quedinha por Miranda, hein? Della poderia apostar que Miranda iria gostar de ouvir aquilo. Não que ela fosse trocar Perry por ele, mas que garota não gosta de saber que um cara está a fim dela? Especialmente um cara mais velho.

Ele balançou a cabeça e se afastou. Logo em seguida, ela ouviu a voz contrariada de Burnett. Ergueu os olhos e viu que ele estava falando no celular e agora colocava o aparelho no bolso. Ela

estava tão concentrada no bruxo que não tinha ouvido a conversa.

Burnett se aproximou, sua postura dizendo que tinha má notícias.

— O que foi? — perguntou ela.

Ele fez sinal para que ela o seguisse. Eles ficaram entre as árvores novamente.

— Você tem ouvido falar de Chase? — ele perguntou, sua voz ainda baixa.

— Não, por quê?

— Eu acho que ele invadiu a sala de arquivos da UPF.

Della franziu a testa.

— Por que ele faria isso?

— Para espiar a pasta de Craig Anthony que nós confiscamos.

— Como você sabe que era ele? — perguntou Della.

— O invasor foi descrito como um jovem de cabelos escuros que conseguiu escapar dos melhores agentes. Quem você acha que é?

Della não podia explicar por que estava feliz de Chase ter conseguido escapar, mas estava.

— Será que ele pegou alguma coisa?

— Uma pilha de arquivos que tínhamos deixado de lado para analisar. — Ele suspirou e a olhou nos olhos. — Aqueles que continham duas recém-criadas chamadas Natasha.

O coração de Della bateu contra o peito.

— Você encontrou arquivos sobre duas garotas chamadas Natasha? Por que não me contou?

— Nós só descobrimos por volta das onze da noite de hoje. Eu ia te contar tão logo... isto estivesse acabado.

— Você encontrou algum registro de um rapaz chamado Liam?

— Não.

De repente, ela sentiu um ligeiro pânico.

— Se não foi Chase quem pegou os arquivos, então nós os perdemos.

— Eu tinha mandado digitalizá-los. Então, está tudo bem. Mas acho que nós dois sabemos quem fez isso. E ele não pode fazer esse tipo de merda. Ninguém pode irritar a UPF!

Della assentiu, mas não disse nada. Droga, se ela soubesse que os arquivos estavam lá, também teria invadido o depósito da UPF para pegá-los.

Então, de repente, Della percebeu o que isso significava. Chase estava na visão com ela. Por que mais ele teria roubado apenas aqueles arquivos?

— Eu vou com você — disse ela, a urgência que sentira na cachoeira para encontrar Natasha retornando com força total.

— Não — ele disse. — Eu ainda não tenho liberação para que você trabalhe no caso. Devo ter amanhã à tarde, então definimos o que você vai fazer. Eu sei que é difícil, mas por ora... volte para Shadow Falls e tente descansar um pouco. Você não dormiu. Falte nas aulas hoje. Vamos precisar de você na sua melhor forma amanhã.

— O difícil é saber que eu poderia estar fazendo alguma coisa, em vez de ficar de braços cruzados. Por que não posso só...?

— Não — ele disse com firmeza. — Vá descansar um pouco.

Della cerrou os dentes para evitar discutir, então disse:

— Eu quero ficar aqui um pouco e depois... depois quero ver Steve. Descanso mais tarde. — Ela ainda não tinha pensado em ver Steve, mas no momento em que pensou, soube que não era simplesmente o que ela queria, mas o que precisava.

Ela precisava de Steve. Precisava... dos braços dele ao redor dela. Mais abraços? Droga, ela realmente tinha que procurar um emplastro antiabraço!

Talvez até mesmo um emplastro anti-Steve.

— Tudo bem. Eu preciso ir para a UPF. Você quer que eu peça a um agente para escoltar você?

— Você quer parar de me mimar? Eu posso cuidar de mim mesma, ou você já se esqueceu?

Burnett franziu a testa.

— Tudo bem, se cuida, então. Mantenha a velocidade baixa e voe abaixo das árvores se estiver sob a luz do dia.

— Ok.

— E se tiver notícias de Chase, diga que quero vê-lo imediatamente e depois me ligue.

Ela assentiu com a cabeça, mas não foi um aceno muito confiante. O que Burnett estava indo fazer? Ele se virou como se fosse embora e ela percebeu que precisava de respostas.

— Espere! — pediu Della. — O Conselho dos Vampiros já deu alguma resposta? Chase entrou em contato com eles? A UPF já tomou alguma decisão definitiva sobre mim e Chase trabalharmos juntos? — Se Burnett não tivesse contado a ela sobre os arquivos, havia uma chance de que não tivesse contado outras coisas também.

Pelo olhar estampado em seu rosto, ela estava certa.

— O Conselho dos Vampiros telefonou e eu perguntei sobre a possibilidade de Chase trabalhar para a UPF. Ou pelo menos você e Chase colaborarem um com o outro, e me disseram que eles iriam pensar. Tenho certeza que a UPF vai aceitar, mas...

— Mas o quê? — ela perguntou.

Ele olhou para trás, através das árvores, para garantir que os outros agentes tinham ido embora.

— Mas se eles descobrirem que foi ele quem levou os arquivos, não vão deixá-lo trabalhar com a gente. Vão prendê-lo na primeira oportunidade. Ele não pode fazer merdas como essa. A UPF não tolera desobediência. E, se você gosta dele, faça com que ele entenda isso.

Se ela gostava dele?

Ela gostava. Então se tocou que tinha acabado de planejar ver Steve — de quem ela também gostava. Foi então que se lembrou da constatação a que chegara mais cedo. Ela estava fazendo Steve sofrer. Só tinha duas escolhas. Desistir de trabalhar com Chase. Ou desistir de Steve.

O simples pensamento de perder Steve fez cada fibra do seu corpo se rebelar e cantar uma música triste. Mas a ideia de se afastar de Chase e diminuir suas chances de encontrar Natasha e Liam também machucavam.

Não havia realmente nenhuma outra maneira?

Encontre Natasha! Encontre Natasha!

O coração de Della deu um salto quando ela ouviu a voz, mas, sinceramente, ela não tinha certeza se era o fantasma falando ou apenas a sua lembrança.

— Eu tenho que ir — disse Burnett, trazendo Della de volta ao presente.

— O que você vai fazer? — perguntou ela.

Ele olhou para Della.

— Sobre o quê?

— Sobre Chase. — Então, de repente, ela preferiu que Burnett não respondesse, por medo de que não fosse gostar da resposta. — Olha, você não pode dizer a UPF que foi ele quem levou os arquivos. — Ela sentia que Chase iria ajudar a encontrar Natasha. Que de alguma forma ele fazia parte do plano e que tinha sido esse o motivo que o levara a ir até a cachoeira. — Não faça isso por Chase, faça por Natasha e Liam.

Burnett passou a mão na nuca e a apertou como se para aliviar um pouco a tensão.

— Eu não estava pensando em delatá-lo, mas vamos esperar que ele não tenha deixado nenhuma evidência para trás e que possa levar a UPF até ele. Eu não vou poder detê-los caso descubram que era ele.

Ela assentiu com a cabeça.

— Tem certeza de que não posso ir? Eu poderia começar a investigar os arquivos que você tem sobre as duas garotas chamadas Natasha.

Burnett fez cara feia para ela.

— Della, eu estou quase certo de que você vai trabalhar nesse caso e que Chase será o seu parceiro, mas você precisa chorar a perda do seu primo por pelo menos um dia. Você precisa de um tempo para se recuperar.

— Eu já estou chorando a perda do meu primo há quase um mês — disse ela. — Isso... — Ela acenou para a sepultura. — Isso foi o ponto final.

Seus lábios se apertaram de frustração, como sempre acontecia quando ela discutia com ele. No entanto, ela sabia que não poderia discordar da lógica de Burnett. O fato de que suas emoções não tinham lógica era o segredo dela. Ela tinha um palpite de que demoraria muito tempo para se recuperar da morte de Chan.

— Eu entendo, mas mesmo assim você ainda não pode ir esta noite. Eu não tenho autorização para incluí-la no caso. Vá ver Steve e então vá descansar. Esteja pronta para começar amanhã.

Ele decolou. Della voltou para o túmulo de Chan. Ela se deixou cair outra vez na terra fria e ficou ali sentada, enrodilhada, tentando se conciliar emocionalmente com seus problemas mais urgentes.

A morte de Chan.

Natasha e Liam.

Steve e Chase.

As estrelas e a lua lentamente desapareceram. Uma pequena fatia de sol espantou a noite, mas, mesmo com a promessa de um novo dia, uma sensação de isolamento a preencheu. Ela se sentou em meio ao silêncio profundo, cercado de lápides. Sozinha.

O frio voltou e ela teve que alterar seu último pensamento. Talvez não estivesse realmente sozinha. Olhou em volta. Não viu ninguém. Mas sentiu alguém. Arrepios espiralaram pelos seus braços e pela coluna vertebral.

— Eu te conheço? — Suas palavras pareciam ser engolidas pela névoa cinzenta da madrugada. Ela olhou para o túmulo de Chan. O sol espreitou uma pouco mais alto acima do horizonte, e as faixas de cor-de-rosa e púrpura brilhante apareceram.

Ela assistiu enquanto a bola alaranjada lentamente se levantava no céu, ofuscando as cores do amanhecer, mas trazendo uma luz diáfana e nuvens brancas que pairavam no céu azul. Ela tentou ignorar o frio. Um frio que parecia mal-assombrado.

Seu olhar se fixou no céu quando o frio em torno dela aumentou e as nuvens começaram a tomar forma. Formas que pareciam quase como três pessoas posando para uma...

Lembrando-se da imagem, ela tirou a foto do bolso e estudou-a novamente. Quando olhou para cima, para comparar a louca formação de nuvens, elas já tinham se dissipado. Olhou novamente para a foto, em seguida virou-a. Ali, rabiscados a lápis, tão clarinhos que ela mal tinha percebido antes, havia três nomes. Chan, Miao — que era a mãe de Chan — e...

— Maldição! — A voz dela parecia fraca no grande lugar mal-assombrado.

Natasha.

Chan conhecia Natasha? Seria a mesma Natasha? Mas qual seria a ligação entre eles?

Levantando-se, caminhou até o túmulo de Chan. Olhou para a lápide, a leve brisa fazendo as flores amarelas dançarem em frente à sepultura.

— Quem é Natasha? Qual é o sobrenome dela? — Ela não sabia com quem estava falando. Com Chan ou com o fantasma de antes — aquele que falava com uma voz feminina. Mas era melhor que alguém respondesse. E rápido.

— Ou é Natasha Owen ou Natasha Brian — uma voz falou atrás da vampira bem quando ela ouviu os passos de alguém golpeando o chão.

Capítulo Onze

Levou apenas uma fração de segundo para que a voz masculina se tornasse familiar e seu cheiro chegasse ao banco de memória de Della.

Ela se virou e viu Chase.

No silêncio de um dia que não tinha amanhecido completamente, eles se encararam.

— Você está bem? — ele perguntou finalmente, parecendo pesaroso, até como se desculpasse.

Ela supôs que sua expressão e seu tom fossem por causa de Chan. Como que por um passe de mágica, seu ressentimento contra ele ressurgiu, por não se esforçar o suficiente para salvar seu primo. Então, como se a varinha de repente tivesse dissipado a mágica, ela se viu questionando a justiça daqueles sentimentos.

Recordou com clareza quanta dor ela tinha sentido na segunda transformação, e que Chase tinha sofrido com ela, só para lhe dar mais chance de sobreviver. Então ela se lembrou dele lhe dizendo mais de uma vez que não acreditava que Chan tivesse sobrevivido, mesmo com a ajuda dele. Será que ela teria sofrido por alguém que mal conhecia, se não achasse que essa pessoa iria sobreviver? E conscientemente deixado que outra pessoa inocente morresse, alguém que ela achava que teria mais chance?

Ela respirou fundo, afastou aqueles sentimentos e decidiu que voltaria a pensar sobre aquilo mais tarde.

— Como você sabia que eu estava aqui? — perguntou ela.

— Acabei de falar com Burnett, pelo telefone. — Ele enfiou uma mão no bolso do jeans.

Ou é Natasha Brian ou Natasha Owen. As palavras de Chase davam voltas na sua cabeça. Infelizmente, apenas os primeiros nomes estavam escritos no verso da foto.

— Então foi você quem invadiu o depósito da UPF?

Ele confirmou com a cabeça.

— Eu não queria perder mais tempo.

— Se eles descobrirem que foi você, não vão trabalhar com você ou com o Conselho, nem deixá-lo trabalhar comigo no caso.

Ele franziu a testa.

— Eles não vão descobrir. Não deixei rastro. E não acho que Burnett vá me delatar. — Ele deu um passo mais para perto.

Na luz dourada da manhã, seus olhos pareciam de um verde cristalino. Ele manteve uma mão no bolso, fazendo um ombro parecer ligeiramente mais alto do que o outro.

Algo sobre sua postura parecia menos confiante agora, ligeiramente vulnerável. E a maneira como ele a estudou a fez se perguntar se era por causa dela que Chase estava assim, talvez por causa do que ela tinha dito a ele.

Eu não te amo, ponto final. Não sei nem se gosto de você. Aquilo não era totalmente mentira. No entanto, percebendo quanto suas palavras eram difíceis e dolorosas para ele, lamentou tê-las pronunciado.

Os ombros dela se contraíram, sentindo uma tensão louca na presença dele, e ainda assim, ao mesmo tempo, saber que ele estava ali lhe causava algum tipo de paz interior. Ela se lembrou do que sentira na cachoeira também. Pensar na cachoeira fez com que sua mente se desviasse para outro assunto.

— A visão... Você a viu ou vivenciou tudo, não foi?

Ele suspirou como se não quisesse admitir.

— Sim, mas nunca contribuí para que nada daquilo acontecesse. Eu não sabia bem o que aquilo significava. Foi só quando você disse o nome deles que eu soube que você tinha visto também.

— Você era Liam? — ela perguntou.

Ele confirmou com a cabeça.

— Sim, seja ele quem for. Eu não consegui encontrar nada sobre esse sujeito. E verifiquei todos os arquivos. — Havia um toque de desespero na voz dele que espelhava o que ela sentia.

Della se lembrou de que sabia certas coisas sobre Natasha durante a visão.

— Quando a visão estava acontecendo, você descobriu alguma coisa sobre ele ou ficou sabendo de algo?

— Apenas seu primeiro nome e que ele estava com medo. E... que ele... ele daria todo o seu sangue a Natasha para salvá-la. Ele estava mais preocupado com a possibilidade de ela morrer do que com sua própria vida. Ele está apaixonado por ela.

Ouvir aquilo fez com que o coração de Della doesse dentro do peito como um pássaro aprisionado. Lágrimas encheram seus olhos e ela olhou para baixo, evitando o olhar de Chase. Ela se lembrou de Liam insistindo para que Natasha bebesse mais de seu sangue. Della tinha percebido que ele se preocupava com Natasha. Mas o que Natasha sentia por Liam? Della não podia dizer com certeza, mas ela tinha recusado o sangue dele.

Os olhos de Della se umedeceram ainda mais com o pensamento de duas pessoas, possivelmente apaixonadas, presas e se sentindo tão desesperadas. Lembrou-se do que Holiday e Kylie acreditavam sobre eles. Essa possibilidade doía ainda mais.

Ela piscou para conter as lágrimas de fraqueza e olhou para Chase. Por um segundo, pensou em não dizer nada a ele, mas depois percebeu que ele tinha o direito de saber.

— Holiday, ela é uma especialista em fantasmas, e... tem receio de que Natasha e Liam já estejam mortos.

— Não — disse Chase inflexível, a luz verde dos seus olhos brilhando de emoção. — Se nós não os encontrarmos, eles vão morrer. Eu continuo ouvindo aquela voz me dizendo para encontrar Natasha.

— Eu também — disse Della, achando estranho terem ouvido a mesma voz, mas por algum motivo aquilo lhe deu mais esperança. Mas como Holiday era uma espécie de especialista em tudo o que dizia respeito a fantasmas, ela não conseguiu dissipar todas as suas preocupações. — Isso tudo ainda me assusta porque ela acha...

— Eu não me importo com o que Holiday acha. Ela está errada — Chase insistiu.

— Eu acho que precisamos acreditar nisso. — E de pé ali, a apenas alguns metros dele, concordando com ele, Della teve algum tipo de estranha epifania. Os dois, ela e Chase, estavam destinados a fazer aquilo. Eles deveriam trabalhar juntos naquele caso. Mas quem tinha decidido isso? O destino? Os anjos da morte? O fantasma? E quem diabos esse fantasma era? Como tudo isso estava interligado?

— Você já passou por isso antes? — perguntou Chase.

— Pelo quê? — ela perguntou, depois de se distrair com os próprios pensamentos e perder o fio da meada da conversa.

— Visões? Vozes?

Como a confissão de Chase, a dela veio com um toque de hesitação.

— Sim. Chan, e depois... Lorraine. Mas a visão com Lorraine era diferente.

Ele franziu as sobrancelhas como se estivesse avaliando o que ela tinha dito.

— Lorraine? A vítima que foi assassinada no caso em que trabalhamos? — Ele franziu a testa. — Por que você não me disse?

Talvez porque você não me conte nada também. Ela respirou uma lufada de ar da manhã e ela veio com o cheiro dele: hortelã, algum tipo de erva e luz do sol.

— Eu... Eu ficava ouvindo a voz, mas não tinha certeza e... — O vento jogou o cabelo dela no rosto e ela o afastou. — Droga, se eu dissesse que estava ouvindo fantasmas, você teria pensado que eu estava louca.

Ele tirou a mão do bolso.

— Provavelmente. Eu não achava que nós, vampiros, fizéssemos essa coisa de se comunicar com fantasmas. — Seu olhar se desviou e Chase olhou em volta, para as lápides.

Será que ele sentia o mesmo clima mal-assombrado? Como se alguma coisa ansiasse para que ela andasse pelo cemitério e procurasse alguma coisa, mas o que poderia ser encontrado aqui, além de gente morta? Almas perdidas.

— Holiday acha que temos essa capacidade porque somos Renascidos.

Perguntas sobre quando Chase tinha renascido começaram a pipocar na cabeça dela.

Chase fora um dos poucos que tinha sobrevivido sozinho, ou será que alguém o tinha ajudado? Ele estaria ligado a outra pessoa? Agora não parecia a hora de começar a enchê-lo de perguntas. Além disso, ele não era muito de dar respostas.

Ele passou a mão pelo rosto, como se para combater o nervosismo.

— Burnett enfrenta essa merda também?

Ah, ele estava ficando bom em fazer perguntas, não estava?

Será que dar informações sobre Burnett era errado? Os olhos de Chase encontraram os dela e a vampira decidiu que precisava da verdade. Não achava que Burnett discordaria.

— Ele não tem visões, mas sente uma ligação de algum tipo. Supostamente, qualquer um que pode visitar a cachoeira sem se sentir repelido tem um pouco desse... dom. "Dom" é a palavra que Holiday usa, não eu.

Ele ficou parado ali como se estivesse pensando e, em seguida, perguntou:

— Podemos nos comunicar com qualquer um que estiver morto?

Ela teve a sensação de que Chase estava pensando em sua família, que, segundo Della recordava, tinha morrido num acidente de avião. Inesperadamente, sentiu-se tocada ao pensar em tudo o que ele tinha perdido.

— Eu não sei como funciona. Holiday poderia te dizer...

O olhar dele se voltou para a lápide de Chan.

— Eu sei que isso é difícil.

Chase fez uma pausa e o silêncio do cemitério pareceu quase alto. Então a voz dele soou novamente e foi como se o vento a tivesse levado para longe.

— Você realmente falou com Chan? — Ele olhou para ela.

Mais perguntas. Tudo o que Della pôde fazer foi acenar com a cabeça.

Os olhos dele se apertaram com alguma emoção que ela não conseguiu decifrar.

— Será que ele me culpa, também? Por ter morrido?

De repente, ela reconheceu aquele olhar. Culpa. Della não tinha pensado que Chase se importava. Será que tinha se enganado?

— Ele não culpa ninguém — respondeu ela, sentindo um aperto na garganta. — Esse não era o estilo de Chan. — Della sentiu a emoção dominá-la novamente, dessa vez por tudo o que *ela* tinha perdido.

Mais alguns minutos de silêncio encheram o lugar assombrado. Seu celular tocou, o barulho parecendo ricochetear nas lápides.

Ela olhou para o aparelho e viu o número de Burnett.

— Burnett sabia que você estava vindo para cá?

— Ele me proibiu de vir aqui — Chase disse sem rodeios. — Mas acho que ele é muito esperto pra acreditar, então provavelmente sabe que eu viria de qualquer maneira.

— Você parece gostar de quebrar regras.

— Não é intencional. Só faço o que é preciso.

Ela praticamente agia da mesma forma, de modo que com certeza não podia julgá-lo por isso. Ela olhou para o telefone e tomou uma decisão. Colocou o aparelho para vibrar e enfiou-o de volta no bolso.

A voz de Chase, profunda e reverente, soou de novo.

— Você quer ver os arquivos?

Ela tinha dito a Burnett para onde estava indo, e ele provavelmente ficaria zangado com a vampira, tanto por não atender ao telefone quanto por se desviar dos planos. Emoções ligadas à visão — desespero, fome, medo — atravessaram seu coração, deixando pegadas pesadas. Burnett poderia ficar furioso, se quisesse.

— Estou pronta, quando você quiser. — Mas ela olhou para o túmulo de Chan mais uma vez.

Chase decolou, e era preciso reconhecer, voou entre as árvores. Eles tiveram de aterrissar duas vezes para correr em áreas urbanas, onde o tráfego do início da manhã era intenso e eles poderiam ser vistos. Della seguia logo atrás dele, recordando vagamente que antes era incapaz de acompanhá-lo. Não que Chase estivesse voando em velocidade máxima; ele parecia disposto a respeitar as regras de Burnett de não demonstrar seu verdadeiro poder. Mas antes, mesmo a essa velocidade, correr mais de dez minutos teria sido demais para a resistência dela.

A rota de Chase era um pouco diferente da de Burnett, mas ela reconheceu o terreno abaixo. Estavam voltando para Fallen, Texas... em direção a Shadow Falls. A alguns quilômetros do acampamento, ele seguiu por uma estrada de terra cheia de curvas e desceu numa espécie de clareira na floresta.

Os pés dela tocaram o chão com um ligeiro solavanco. Ela olhou para trás e viu uma cabana. Não era como as cabanas de Shadow Falls, mas o tipo de chalé elegante que se alugava para pessoas ricas fazerem retiros de yoga ou para entrarem em contato com o seu eu interior.

Quem o projetara fizera um bom trabalho. As vigas formavam uma estrutura na forma de A, construída para fazê-lo parecer totalmente integrado à paisagem natural. À toda volta, havia uma grande varanda, com sofás de vime e cadeiras de balanço. A apenas alguns metros da varanda da frente havia cinco alimentadores de pássaros entre as árvores. A parte da frente do chalé tinha mais vidro do que madeira, por isso quem estava dentro dele não se sentia confinado num espaço fechado.

Chase caminhou até a varanda da frente. Ela o seguiu. Quando subiu os degraus, ela viu um veículo estacionado ao lado da casa. Um conversível azul brilhante. Ela estava longe de ser uma especialista em carros, mas esse parecia rápido e caro.

Seria de alguém ali? Ela farejou o ar, mas não sentiu o cheiro de ninguém. Com exceção... de um cachorro.

Quando passou por uma das cadeiras de vime, notou um par de binóculos sobre uma almofada. Ela olhou para os alimentadores de pássaros e se lembrou de Miranda dizendo que observar pássaros era bom para a aura e a alma das pessoas. Voltando a olhar para Chase com incredulidade, ela perguntou:

— Você é um observador de pássaros?

— Não — ele negou, um pouco rápido demais. Ela olhou através das grandes janelas de vidro e viu uma decoração no estilo de uma casa de veraneio. Grandes móveis de couro, piso de madeira e tapetes coloridos.

— Quem mora aqui? — perguntou ela.

— Eu — disse ele. — Bem, eu e Baxter.

— Baxter? — ela perguntou.

Ele deu um passo para o lado e abriu a porta.

— Conheça Baxter.

Um grande labrador preto com um focinho cinza correu para fora. Embora ele tivesse corrido direto para Chase, Della deu um passo para trás.

Ela não tinha medo de cães, era apenas cautelosa.

Chase coçou atrás da orelha do cão e o animal sacudiu o traseiro com entusiasmo. Della se lembrou de Chase dizendo que a única "pessoa" que ele não tinha perdido no acidente de avião era o seu cão. Seria esse mesmo cão? Ela suspeitava que sim.

— Ele não vai morder — disse Chase, quando ela ainda estava um passo atrás. — Vai, Baxter? — ele perguntou ao cachorro.

Baxter pareceu interpretar isso como um convite e se aproximou. Embora seu focinho cinza indicasse que ele já era idoso, seu corpo tonificado e os movimentos ágeis não demonstravam sinais de idade. Ela estendeu a mão para ele farejar, então lentamente virou-a e alisou a cabeça dele.

O cão aceitou seu toque, mas olhou para ela com cautela.

Della puxou a mão de volta.

— Você não é muito de cães? — perguntou Chase.

— Não, eu gosto de cães. Mas meu pai não gostava muito, por isso nunca tivemos um. Mas meu vizinho teve vários ao longo dos anos, e eu meio que me apeguei a alguns deles. Meu vizinho era um homem divorciado que estava sempre esquecendo de dar comida ao cachorro; algumas noites ele nem sequer voltava para casa. Eu pedia para a minha mãe comprar ração e sempre o alimentava quando via que o dono não estava em casa depois de escurecer.

Um lento sorriso apareceu nos olhos de Chase.

— Então Della Tsang, na verdade, tem um ponto fraco?

— Não é um grande ponto fraco. — Ela lhe lançou um olhar severo. A verdade era que ele era maior do que ela gostaria.

Ela se mexeu e um pássaro voou através da varanda. Ela olhou para a criatura de penas que pousou num dos alimentadores. Ele ensaiou parte de uma canção, quase dizendo obrigado, cravou o bico na malha de arame para pegar um pedaço de comida e, em seguida, voou para longe.

— Eu sabia que tinha ouvido um... — disse Chase.

Ela olhou para ele. Chase estava com o binóculo colado aos olhos e, quando os baixou, sua expressão parecia vitoriosa.

— Esse pássaro não deveria estar aqui agora — disse ele.

Ela quase sorriu com o entusiasmo dele.

— Então você não é um observador de pássaros, hein?

Chase na verdade não pareceu envergonhado, apenas pego no flagra.

— Talvez um pouco. Mas fui forçado. Minha mãe era uma ávida observadora de pássaros. Ela me arrastava para os encontros de observação de pássaros quatro ou cinco vezes por ano.

Della ouviu devoção na voz dele quando falou sobre a mulher que o criou nos primeiros 14 anos de vida, e isso a fez perceber que não sabia quase nada sobre aquele garoto. Não era exatamente culpa dela. Ele tinha sido lacônico desde o início.

E ainda era. Seus instintos lhe diziam que ele sabia mais sobre quem o tinha enviado para verificar como ela e Chan estavam. E esse alguém poderia ser a pessoa que Della estava procurando: seu tio. Recentemente, ela tinha descoberto que o irmão de seu pai era um vampiro que tinha forjado a própria morte anos antes, e ela se perguntou se ele teria feito contato com Chase.

Ela não iria esquecer que não confiava completamente em Chase. Com sorte, se eles colaborassem com o Conselho dos Vampiros, ela poderia obter respostas. Droga, seu tio poderia até ser um dos membros do Conselho. Esse pensamento a fez sentir uma onda de urgência para iniciar o caso — encontrar Natasha e suas próprias respostas.

Capítulo Doze

Outro pássaro passou voando e um clima estranho os envolveu. Della e Chase ficaram ali na enorme varanda, olhos ao longe, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

Ela voltou a fitar as árvores e fez outra pergunta.

— Esta casa era dos seus pais? — Quando Chase não respondeu, ela olhou para ele.

— Não — disse ele, observando os alimentadores de pássaros. — Mas a minha mãe a teria adorado.

E, subitamente, apesar de dizer a si mesma que não confiava nele, ela percebeu que queria saber mais. Mais sobre o passado dele, sobre o seu presente. Aquele desejo de repente pareceu errado e perigoso. Proibido. Uma imagem de Steve brilhou na cabeça dela quando a culpa se esgueirou para o seu coração.

Della engoliu o sentimento desconfortável na garganta e lembrou-se da razão por que estava ali.

— Precisamos olhar aqueles arquivos.

A sobrancelha direita dele se arqueou levemente, como se Chase soubesse que ela estava mudando de assunto de propósito, mas ele abriu mais a porta de vidro para deixá-la entrar.

O aroma de madeira e couro impregnava a sala, juntamente com um leve traço do cheiro de Chase e de seu amado Baxter.

— Sente-se — disse Chase. — Vou pegar os arquivos.

Ela não se sentiu confortável para se sentar. Sozinha, parou junto da grande mesa de centro e do sofá de couro marrom, e observou o ambiente. Olhou para cima, um pouco impressionada com o teto alto e a decoração imaculada. Contra uma parede havia uma enorme estante de pinho com um grande aparelho de TV. Ela imaginou Chase sentado ali na sala, com Baxter enrodilhado ao lado dele, assistindo TV. Na estante, notou alguns porta-retratos que decoravam as prateleiras. Ela apurou os ouvidos para ter certeza de que ele não iria pegá-la bisbilhotando. Ao ouvi-lo remexendo uma gaveta, ela se aproximou e olhou para a primeira imagem — duas meninas abraçadas, rindo como se fossem amigas. A segunda era uma foto em grupo. Ela pegou a foto que parecia um retrato de família.

Reconheceu um Chase mais jovem, provavelmente com uns 13 anos, alto e um pouco magro, mas já mostrando sinais de se tornar um homem. A menina, que se parecia com sua irmã, era uma das garotas da primeira foto. Della suspirou, pensando em Marla e em quanto era difícil elas se verem agora.

Tocando no vidro, ela passou o dedo sobre as imagens das outras pessoas.

Família. Família perdida. Ela sentiu de repente um vazio no peito quando se lembrou das fotos de sua própria família. Fotos agora escondidas numa gaveta, não em porta-retratos. Será que isso

significava que perder alguém para a morte era mais fácil do que ver sua família virar as costas para você?

Ela olhou a imagem de Chase na foto. Feliz. Rodeado de pessoas que amava. Agora elas já não estavam mais ali. Ela supôs que isso também doesse muito.

Suas narinas começaram a arder. Engolindo em seco, colocou a foto de volta.

Baxter se aproximou dela e sentou-se ao lado de sua perna. O animal a olhou com intensidade. Seu olhar não era ameaçador, era como se ele estivesse apenas avaliando-a.

Ela baixou a mão para deixá-lo sentir seu cheiro novamente. Ele esbarrou o focinho molhado nos nós dos dedos dela e farejou. Não só uma, mas duas vezes. Lentamente, sua cauda começou a balançar e ele se aproximou mais, inclinando carinhosamente a cabeça contra sua perna.

Era quase como se o cão pudesse sentir o cheiro do sangue de Chase dentro dela. Isso era possível? Será que ela tinha um cheiro diferente agora que tinha o sangue dele? Ela levantou a mão e cheirou o próprio pulso. Não detectou nada de diferente.

Ela se ajoelhou e olhou nos grandes olhos castanhos do cão.

Depois se inclinou perto do ouvido dele.

— Eu não estou aqui para machucá-lo, apenas para trabalhar com ele. — Ela sussurrou as palavras bem baixinho para que Chase não a ouvisse. — Não que eu não queira chutar a bunda dele às vezes.

Ela passou a mão no cão. Tocou a coleira e sentiu uma gravação no couro macio e envelhecido. Alisando o pelo para trás, virou a coleira para ler a inscrição.

Ouviu o barulho de passos de alguém entrando no cômodo.

— Nunca vire as costas para um desafio — ela repetiu o que tinha lido. — Isso é para o cão ou para você?

— Para nós dois — disse ele.

Um lampejo de emoção tocou os olhos dele. Ela tinha a sensação de que o provérbio queria dizer alguma coisa, mas o quê? Ela reprimiu a curiosidade. Estava ali para trabalhar no caso, não para fazer amizade com Chase.

— Vocês dois ficaram amigos? — ele perguntou, olhando para o cão.

Os dois arquivos estavam nas mãos dele.

— Parece que sim. — Della se levantou e andou até a grande mesa. O cão seguiu-a e se esfregou em Chase, que se juntou a eles no centro da sala.

Ela se sentou numa cadeira. Chase sentou-se ao lado dela. Não tão perto que seus ombros se tocassem, mas perto o suficiente para que ela pensasse na proximidade dele.

Ele empurrou os arquivos para ela, as sobrancelhas franzidas.

— Eu já li os dois. Dezenas de vezes. Não sei se vão ajudar. Para ter mais informações seria preciso que fizéssemos uma visita a Craig Anthony ou a um de seus capangas contratados. Tenho a sensação de que a UPF não vai permitir isso.

— Burnett vai — disse ela, certa de que Burnett faria tudo que estivesse ao seu alcance para salvar alguém. Ela puxou os arquivos mais para perto.

— Tudo o que temos são dois nomes possíveis. Não há nada aqui que possa nos dizer qual é a nossa Natasha. E apesar de parecer importante saber o nome dela, eu não tenho certeza se vai nos ajudar.

— Tem que nos ajudar. — Della abriu o primeiro arquivo.

Ela o examinou rapidamente, procurando... encontrou o nome da mãe de Natasha Owen. Jenny Owen.

— Não é Natasha Owen. — Ela o fechou e estendeu a mão para a outra pasta.

Chase colocou a mão sobre o arquivo.

— Como você sabe?

Ela decidiu não mentir.

— Porque o nome da mãe não é oriental. — Havia uma ligeira possibilidade de que a mãe de Natasha pudesse ter assumido um nome americano. Muitos orientais faziam isso, mas geralmente eram os mais jovens. Alguém com mais de 30 ou 40 anos normalmente era mais apegado à cultura dos pais.

— O quê? Como assim? Não estou entendendo — disse ele.

— Natasha é mestiça. — Ela tentou puxar o arquivo de debaixo da mão dele, mas Chase pressionou a palma da mão em cima.

— Como você sabe disso? Estava tão escuro naquela visão que você... você não poderia ter visto.

— Eu não vi. — Ela se levantou da cadeira e tirou a foto do bolso de trás. — Mas eu tenho isso. — Ela pensou em não mostrar a foto enquanto ele não tirasse a mão de cima do arquivo. Mas estava cansada de joguinhos. Eles tinham que confiar um no outro.

Não num nível pessoal, ela se lembrou, ainda acreditando que ele guardava segredos dela, mas o suficiente para trabalhar no caso.

O suficiente para salvar duas pessoas... duas pessoas possivelmente apaixonadas, que precisavam e mereciam ser salvas.

Salve Natasha.

Ela entregou a foto a ele e passou os olhos pela sala.

Chase estudou a foto.

— Vire-a — disse ela.

Ele obedeceu e, em seguida, olhou para ela como se estivesse perplexo.

— Virar para ver o quê?

Ele devolveu a foto. A respiração dela ficou presa.

— Eu não... Mas era... Havia nomes aqui antes. Tinha o nome de “Natasha”, juntamente com o da minha tia e de Chan. — Olhando para cima, com os olhos cheios de dúvida, ela franziu a testa. — Estou falando a verdade!

Ela olhou novamente para o verso em branco da foto, sem nada que identificasse a imagem. Ah, inferno, será que sua mente estava lhe pregando uma peça?

Ou seria o fantasma?

*

Della olhou para Chase de pé ao lado da geladeira.

— Estava aqui antes — disse ela, pela décima vez em cinco minutos.

— Então você acha que o fantasma escreveu, e em seguida apagou? — Ele estendeu uma lata de refrigerante para ela.

— Eu... Eu não sei. — Ela aceitou o refrigerante. Não era diet, mas ela tomou assim mesmo. O frio gelado contra a palma da mão a fez se lembrar de como se sentia quando um espírito vinha lhe fazer uma visita — quando estava bem perto. Ela abriu a lata. O som efervescente desencadeou uma necessidade urgente de estar com Kylie e Miranda numa de suas mesas-redondas — para ajudá-la a dar sentido a tudo aquilo, porque certamente não estava fazendo sentido nenhum para ela agora.

Mas, pensando bem, por que deveria? Nada fazia sentido. Fantasmas, visões, a ligação entre ela e Chase — que a fazia se sentir emocionalmente ligada a um total estranho. Tudo parecia insano. E aquele se tornou seu argumento.

— Eu sei que não parece lógico, mas alguma coisa dessa merda toda parece lógico para você? Estamos lidando com uma mulher morta e tendo visões onde somos pessoas diferentes. Diga o que faz mais sentido do que isso e vou aceitar que estou imaginando coisas e procurar um psiquiatra.

— Eu não disse que você estava imaginando coisas, eu só acho que parece... confuso.

— Tudo isso é muito confuso!

— Sim, é. — Ele abriu a bebida.

Ambos tomaram alguns goles de refrigerante, em seguida ela contou sobre a caixa de sapatos que pulsava no caixão vazio e como a tampa tinha caído e a foto voado para fora.

Franzindo a testa, ele olhou para a foto como se estivesse com um pouco de medo.

— Ok, então digamos que seja Natasha. Como é que saber o sobrenome dela vai realmente nos ajudar a encontrá-los? — Chase caiu para trás na cadeira.

— Eu não sei. Mas deve ser importante. O fantasma queria que eu visse isso.

Ele se inclinou na direção dela. Seu antebraço sólido pressionado contra o dela. Um leve arrepio fez seu coração acelerar e ela se afastou.

Chase a olhou de lado como se a achasse uma tola. Mas aquilo não parecia tolice para ela. Nenhum arrepio era permitido.

Ela estendeu a mão para o arquivo da segunda Natasha. Encontrou o nome da mãe da garota e bufou de frustração.

— E então? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Kathy... não é um nome oriental. Quer dizer, a mãe poderia ter mudado de nome, mas...

— Mas isso significa que ainda não sabemos qual Natasha é a nossa Natasha.

— Certo.

A sala ficou em silêncio. Baxter se esfregou contra a perna do dono em busca de afeto. Chase baixou a mão para acariciar o animal, mas sua atenção continuou em Della.

— E você realmente acha que é importante obter essas informações?

Ela refletiu sobre a pergunta.

— Sim, eu acho.

— Ok, então vamos descobrir o sobrenome de Natasha. — Ele se levantou.

Ela também se levantou, pronta para entrar em ação.

— O que vamos fazer? Ir à casa dos pais e ver se algum deles é oriental?

— Não, vamos fazer do jeito mais fácil.

— Mais fácil?

— Vamos falar com a sua tia, a mãe de Chan.

Ela se reclinou outra vez na cadeira.

— Sem chance.

— Nós não vamos dizer a ela a verdade. Invente uma história sobre como você achou a fotografia e veja o que ela sabe.

— Não — disse Della novamente. — Vamos ver se conseguimos encontrar os pais de Natasha. — Ela pegou os arquivos e os verificou. As duas garotas viviam fora de Houston, mas suas famílias poderiam ter se mudado depois que as filhas desapareceram. Quem sabia havia quanto tempo essas meninas tinham sido escravizadas?

Quando ela olhou para cima, Chase a fitou.

— Por que você está com medo de ver a sua tia?

— Eu não estou. — O celular dela emitiu um curto zumbido, avisando da chegada de uma mensagem de texto e dando-lhe o motivo perfeito para não responder.

Para não pensar nisso.

Ela pegou o celular no bolso.

Onde você está? Não desligue essa merda! Responda. Burnett.

De repente, ter ido à casa de Chase sem avisar o líder do acampamento não lhe pareceu uma boa ideia. Aborrecer Burnett não iria levá-la a lugar nenhum, a não ser fazê-la levar uma bronca daquelas.

Ela e Chase precisavam que aquele caso fosse aprovado pelo UPF e o Conselho dos Vampiros. Embora Della gostasse de pensar que eles poderiam fazer tudo sozinhos, ela não era idiota.

Ela olhou para Chase.

— É Burnett novamente. — Della suspirou. — Precisamos ir. Vamos dizer a ele que queremos visitar os pais das duas Natashas.

— Talvez eu deva ir sozinho e conseguir as respostas já — ele sugeriu. — Você volta para Shadow Falls.

Será que Chase estava com medo de levar bronca por ter ido ao cemitério? Provavelmente. Ela não o culpava. As broncas de Burnett não eram moleza. Embora ela ainda achasse engraçado que Chase, alguém que aparentemente não temia coisa alguma, tivesse medo do líder do acampamento. Mas, pensando bem, ela tinha ido à casa dele sem que Burnett soubesse. Chase não era o único com problemas.

E a bronca que ela levaria seria pior. Quando se tratava de alguém de quem Burnett gostava, era sempre pior.

— Não — disse Della. — O fantasma deu a foto para mim. Acho que eu deveria ir. Além disso... — Ela percebeu o desconforto na expressão dele. — você vai ter que enfrentá-lo, mais cedo ou mais tarde.

— Sim, mas sempre fui de adiar as coisas...

— Então você é um banana, hein? — ela perguntou, levantando uma sobrancelha para que seu comentário ficasse ainda mais insolente.

Chase olhou para ela.

— Se vamos ser uma dupla neste caso, você tem que aprender a trabalhar com Burnett. — E eles seriam uma dupla, porque alguma droga de força superior aparentemente queria.

Ela gostaria de chutar a bunda daquele poder superior, mas isso não era o mais importante agora. O mais importante era que eles tinham um trabalho a fazer e, se falhassem, uma pessoa — na verdade duas — iria morrer.

— Burnett late mais não morde — disse ela.

— Eu não gosto que latam para mim. — O tom de voz dele se aprofundou.

— Eu também não, mas dou a Burnett o direito de dizer o que pensa. E você devia fazer o mesmo.

— Por quê?

Ela pensou em dar uma resposta evasiva, mas decidiu que a verdade faria muito bem.

— Porque ele nunca late apenas por latir. Ele late porque se preocupa. E, goste ou não, todos precisamos de alguém que se preocupe com a gente.

Chase suspirou.

— Não é porque uma pessoa se preocupa com alguém que isso lhe dá o direito de mandar na vida dela.

— Sim, ele tem um pequeno problema com isso, mas está se esforçando para mudar.

Defender a teimosia de Burnett parecia esquisito, mas estranhamente também parecia certo.

Chase a fitou como se ligasse mentalmente os pontos. Mas que tipo de pontos? Por que Della tinha a sensação de que o quebra-cabeça que ele tentava montar naquele instante dizia respeito a ela?

Fique longe dos meus pontos, garotão!

Ele caiu para trás na cadeira ao lado dela, ainda mais perto dessa vez.

— A sua tia não se importa? É por isso que não quer vê-la?

— Você sabe, eu “adoraria” passar algumas horas falando do meu drama familiar, mas não temos tempo. — Para ser sincera, ela só desabafava suas amarguras com Kylie e Miranda. E só Deus sabia quanto precisava de um tempinho com elas agora, em volta da mesa, tomando uma Coca Diet.

Della se levantou de um salto.

— Você vem ou não?

Capítulo Treze

Cinco minutos, exatamente. Esse foi o tempo que Burnett passou no escritório de Holiday. Della sabia, porque ela e Chase estavam de frente para o relógio de parede e, em vez de ficar vesga de tanto observar Chase, ela tinha observado os ponteiros do relógio tiquetaqueando. Eram quase nove da manhã e ela não tinha ido para a cama ainda.

— Por quê? — Burnett finalmente falou, andando de um lado para o outro na sala. Ainda bem que eles tinham ido para o escritório de Holiday, pois o dele não tinha espaço para tanto.

— Por que o quê? — perguntou Della, tentando não ser grossa, mas sem conseguir segurar a língua.

Ele rosnou.

— Por que eu dou ordens se vocês dois não escutam? E por que eu iria permitir que trabalhem com a UPF se não conseguem seguir ordens?

— Porque os anjos de morte e um fantasma sem nome se certificou de que faríamos isso — Della suspirou.

Um segundo depois e com uma voz mais calma, ela explicou que tinha visto os nomes no verso da foto e que, no momento em que a mostrou a Chase, até parecia que o fantasma queria que ela fosse com ele.

— Você não trabalha para o fantasma! Você trabalha para a UPF e *eu* digo o que fazer!

— Eu não trabalho para a UPF — Chase rebateu.

Della estremeceu interiormente, desejando que ele não provocasse Burnett.

— Então você não quer trabalhar com Della nesse caso? — Burnett perguntou com rispidez. — Porque você pode sair daqui agora e eu vou fazer tudo para que não a veja nunca mais.

— O que você disse? — Della bufou baixinho, soltando uma lufada de ar quente. — Desde quando...

Chase a interrompeu.

— Só estou dizendo que, até o momento, eu não tenho que seguir suas ordens.

Burnett rebateu.

— Eu disse a você que ela já tinha o suficiente em que pensar, para deixá-la em paz. Era muito difícil fazer isso?

Chase ergueu o queixo.

— Era. Nós estamos ligados e, se ela está sofrendo, eu preciso ter certeza de que está bem. Você não faria o mesmo por Holiday?

O que você disse? Della olhou para o cara.

— Só porque você me deu sangue, isso não significa que eu preciso de você para cuidar de mim!

— Eu não disse que você precisava de mim — contestou Chase. — Eu expliquei por que desobedeci à ordem, uma ordem que eu não estava oficialmente obrigado a obedecer. — Ele olhou para Burnett como se quisesse frisar seu argumento mais uma vez.

Della soltou um silvo.

— Bem, do jeito que você disse parecia...

— Parecia o quê? — Chase a enfrentou. — Nós estamos ligados, quando você vai aceitar isso?

— Talvez nunca! Eu não pedi para ficar ligada a você.

— Parem vocês dois! — Burnett gritou. — Quem está furioso aqui sou eu!

— Não! — retrucou Della. — Eu estou furiosa também. Não gosto de ser usada como um meio para se conseguir alguma coisa. — Ela olhou para Burnett, e então para Chase. — E eu não gosto que você coloque nós dois na mesma categoria de Burnett e Holiday. Estamos trabalhando num caso. Só isso!

— Me mostre a foto — Burnett mandou. — Quando viu que Della e Chase ficaram ali parados, olhando um para o outro, Burnett repetiu: — Me mostre a droga da foto!

Della respirou fundo e tirou a foto do bolso de trás da calça jeans.

Burnett virou-a, procurando pelos nomes. Ok, então ela tinha se esquecido de mencionar a parte sobre eles terem desaparecido.

— Sobre isso... — disse Della. — Os nomes, eles... eles desapareceram.

Burnett olhou para ela com perplexidade.

— Como desapareceram?

— Suponho que o fantasma tenha feito isso.

Burnett piscou.

— Você está me dizendo que o fantasma escreveu os nomes aqui e depois apagou?

— Está vendo? — disse Chase. — Não sou o único que acha difícil acreditar.

Della queria poder dar uma cotovelada bem dada em Chase. Mas ela se contentou em dar um chute na canela.

Ele murmurou um palavrão e, sentindo-se um pouco vingada, ela o ignorou e manteve a atenção em Burnett.

— Eu não sei como ela fez isso — disse Della. — Mas não me diga que é impossível. Você viu a caixa pulsando, a tampa voando e a fotografia aparecendo ali.

Burnett se encostou na mesa de Holiday e passou a mão no rosto, exasperado.

Della se inclinou para a frente.

— Acho que nós dois temos que visitar os pais das duas Natasha e descobrir qual é a nossa Natasha. O fantasma me deu essa foto como uma pista, eu tenho que segui-la.

Burnett olhou para a foto.

— Quem é essa mulher na foto?

Della ficou tensa.

— Minha tia.

— Você não pode apenas perguntar...?

— Não — decretou Della.

Burnett ficou olhando para ela.

— Por quê?

— Não. — Ela encontrou os olhos dele, implorando em silêncio para que Brunett cedesse.

Ele suspirou.

— O problema é que esses pais pensam que as filhas estão mortas. Aparecer na casa deles e fazer perguntas não é uma boa ideia.

— Nós não vamos fazer perguntas. Basta ver se um dos pais é oriental. Já que sabemos que a nossa Natasha é mestiça.

Burnett não pareceu convencido.

— Os pais podem ter se divorciado ou um deles, morrido.

— Eu sei — disse Della. — Mas a foto era uma pista e eu acho... — Ela odiava dizer isso, mas precisava dizer — que é o que o fantasma espera que a gente faça.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Burnett.

— Eu não sei. Sinto como se isso fosse o que ela quer. — E Della sentia mesmo.

— Merda... — Burnett resmungou. Então fez uma pausa e disse: — Eu vou ligar e ver se consigo ter esse caso apurado imediatamente. — Ele apertou a parte de trás do pescoço. — Já liguei para ver se uma delas, Natasha Owen ou Natasha Brian, tinha carteira de motorista. Nenhuma das duas tinha. — Burnett olhou para Della. — Você vai descansar até que eu obtenha a autorização. Está de pé desde as três da manhã e eu duvido que tenha ido para a cama ontem à noite. Você — ele olhou para Chase — vá para... para onde tiver que ir e fique preparado para quando eu ligar. Enquanto isso, vou ver se Derek consegue encontrar alguma coisa sobre uma dessas garotas na internet. O fantasma pode querer que você vá fazer perguntas, mas eu, pessoalmente, não gosto muito dessa ideia.

Della e Chase começaram a falar ao mesmo tempo.

— Só mais uma coisa — disse Burnett, e se virou para eles. — Nós achamos que sabemos quem é Liam.

— Como? — perguntou Chase. — Não havia um arquivo sobre ele.

— Eu sei — Burnett sibilou, falando como se se lembrasse muito bem de que Chase tinha invadido os arquivos da UPF. — Mas havia um relatório de uma pessoa desaparecida no arquivo da polícia de Houston. Um tal de Liam Jones desapareceu há três semanas. O relatório diz que ele pegou uma gripe forte, em seguida desapareceu. Morava a poucos quarteirões da funerária de Anthony.

— Então ele foi transformado e um dos capangas de Anthony o pegou — concluiu Della.

— É o que parece. Eu colocaria outro agente para dar uma olhar nisso, mas aconteceram alguns problemas em Dallas e vários dos nossos homens ainda estão ocupados resolvendo as coisas por lá.

— Eu quero trabalhar no caso — Della insistiu. — O fantasma quer que eu trabalhe nisso.

— Quer nós dois — disse Chase.

Burnett concordou.

— Vou conseguir mais informações sobre Liam e passá-las a vocês antes de começarem.

Eles se voltaram para a porta e estavam quase saindo quando Burnett falou novamente.

— Della? Posso falar com você um segundo?

Chase olhou para trás e franziu a testa, como se não gostasse de ser deixado de fora.

— Pode ir — Burnett disse a ele.

Chase acenou para a vampira antes de sair. Della, de repente inquieta, voltou ao escritório de Holiday.

Burnett esperou Chase se afastar antes de falar.

— Duas coisas. Em primeiro lugar, há alguma coisa sobre a sua tia que eu deveria saber?

Della franziu a testa.

— Não. Se eu for procurá-la e começar a fazer perguntas, ela vai contar ao meu pai e ele... isso pode causar problemas. — Incrível como aquilo podia parecia simples, mas doer tanto. — Meu pai já não tem nenhuma confiança em mim, então, qualquer comportamento suspeito só vai fazer com que eu pareça ainda mais uma filha drogada e problemática.

Burnett assentiu, não muito feliz, mas aparentemente resignado com a resposta.

— Outra coisa. — Ele fez uma pausa, como se escolhesse as palavras com cuidado.

— O quê? — ela insistiu, a pausa matando-a de ansiedade.

— Quando liguei para você mais cedo, para passar as informações que tinha obtido sobre Liam, e você não respondeu, achei que estivesse com Steve. Liguei para ele e disse que você tinha mencionado que iria vê-lo. Disse também que havia acabado de sepultar o seu primo. Ele ficou chateado por você não ter dito nada. Talvez você queira ligar para ele agora.

Della concordou com a cabeça. Seu estômago se contraiu. Como ela iria explicar aquilo a Steve? *Ah, eu estava vindo para cá, mas Chase apareceu, então fui para a casa dele em vez disso.*

Ah, maldição! Não importava que nada tivesse acontecido. Ela estava enganando Steve novamente. Qual era a outra opção? Mentir?

Não, se ele descobrisse, isso só iria deixá-lo ainda mais magoado. E Steve acharia que ela estava escondendo algo porque... porque era culpada. Ela não era culpada, então por que estava se afogando em culpa agora?

Era justo continuar fazendo aquilo com ele? O pensamento a deixou desconfortável. Mas ele não estava fazendo aquilo com ela, também? Passava de segunda a quinta no consultório do veterinário, trabalhando lado a lado com Jessie. Jessie, que não estava ligada a Steve, mas definitivamente morria de paixão por ele.

Percebendo que Burnett estava olhando para ela enquanto chafurdava na autopiedade, deu um passo para trás em direção à porta.

— Obrigada... Vou ligar para ele.

Della saiu, suas últimas palavras se repetindo na sua cabeça. *Vou ligar para ele. Vou ligar para ele*. E ela iria, tão logo descobrisse uma forma de explicar por que não tinha ido vê-lo.

Della estava a meio caminho da cabana, quando se desviou da trilha e se escondeu atrás de um amontoado de árvores. Pegou o celular. Ela tinha que fazer aquilo da maneira certa. Olhando fixamente para o aparelho, de repente achou estranho que Steve não tivesse ligado. Se ele sabia que Della tinha enterrado Chan, deveria ter ligado para ver como ela estava. Não ligar não era o estilo de Steve.

Será que ele já estava com raiva dela? Com raiva porque ela não tinha ligado e contado que o primo estava sendo enterrando? Ou ele tinha adivinhado que ela estava com Chase? *Eu não fiz nada!* Ela começou a preparar sua defesa.

Um sentimento de pavor começou a brotar em seu peito quando percebeu que, mesmo sem ter feito nada, o simples fato de ter buscado o conforto de Chase iria magoar Steve.

Sua cabeça dizia o que ela precisava fazer — deixá-lo livre —, mas seu coração se recusava a aceitar isso.

Ela engoliu um nó de dor e ele caiu como uma pedra em seu estômago.

Respirando fundo, sua mente ainda hesitante, Della discou o número de Steve.

Tocou uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

Então a ligação caiu no correio de voz.

— Oi... Estou em Shadow Falls... Burnett disse que ligou para você e... Me liga, está bem?

Ela fechou o telefone e os olhos por um segundo. Steve sempre respondia às suas chamadas.

Talvez ele estivesse ocupado com um paciente. Uma emergência de algum tipo. Um cão que tivesse engolido uma meia, um lobisomem com um espinho na pata. Isso era o que ela queria acreditar. O que ela iria acreditar até... até que descobrisse algo diferente. Ela simplesmente tinha problemas reais demais para começar a imaginar mais um.

— Merda! O que Burnett disse? — perguntou Kylie.

— O que ele disse antes ou depois de nos passar um belo sermão? — Della perguntou, agradecida pelas suas duas colegas de quarto e melhores amigas terem dispensado o almoço para conversar com ela. Às vezes a solidariedade e a compreensão das duas eram a única coisa que a impedia de desabar.

— Caramba! — exclamou Miranda. — Os sermões de Burnett me lembram a carne assada da minha mãe, dura e difícil de engolir.

Della pegou a lata vazia de Coca Diet e apertou-a até transformá-la numa bola. Ela tentou dormir como Burnett tinha mandado, mas não tinha conseguido. Apesar de estar um farrapo, contou às amigas quase tudo sobre os lobisomens no cemitério, a caixa pulsando, o incidente

com a foto. Contou também que Chase tinha aparecido, desobedecendo às ordens de Burnett, e que ela tinha ido ver os arquivos na casa dele.

Ela só não tinha mencionado toda aquela coisa sobre ser Renascida — isso teria que esperar até outro dia —, desabafar muita coisa de uma vez podia debilitar um vampiro!

Della viu o celular em cima da mesa e se lembrou de que não tinha contado a elas sobre Steve, também. Mas isso porque não havia nada a dizer. E o fato de que já tinham se passado várias horas e ele não tinha ligado agora era um fardo duro e pesado em seu coração.

— Então os nomes apenas desapareceram completamente? — Kylie perguntou, intrigada com isso e por uma boa razão; fantasmas eram a especialidade de Kylie.

— Sim — disse Della.

Kylie refletiu um pouco.

— Eu acho que esses nomes nunca estiveram realmente escritos ali.

— Eu vi! — insistiu Della, pensando que Kylie seria a última pessoa a questionar isso.

— Eu não estou dizendo que seja mentira sua, só que o fantasma fez você pensar que os viu. Como uma espécie de visão. Você estava sentindo o fantasma quando viu os nomes?

Della se lembrou de ter sentido frio várias vezes enquanto estava no cemitério.

— Sim. — Ela pensou nisso por um momento. — Isso faz com que o que eu vi seja... menos verdade?

— Não — disse Kylie. — Fantasmas normalmente não mentem. Burnett vai deixar vocês visitarem os pais?

— Assim que receber o aval da UPF para que a gente trabalhe no caso. Ele deveria ter ligado, horas atrás. — Ela olhou para o telefone novamente e sua mente foi para a outra chamada que ela esperava. A de Steve.

Sentir sua própria angústia lembrou-a de ouvir Miranda chorando de madrugada.

Olhando para a bruxa, ela perguntou:

— Você abriu mão da sua promessa para que possa nos dizer o que está acontecendo?

— Abrir mão de que promessa? — perguntou Kylie.

Della, ansiosa para deixar de lado seus problemas e se concentrar nos de outra pessoa, olhou para Kylie.

— A nossa bruxinha aqui está fazendo segredo conosco.

Com as duas amigas olhando fixamente para ela, Miranda se encolheu na cadeira, cheia de culpa.

Della apontou para a bruxa.

— Ela estava chorando às três da manhã, mas disse que não poderia contar o que estava errado, porque tinha prometido a alguém que não iria falar nada.

— Qual o problema, Miranda? — A preocupação era evidente nas palavras de Kylie.

— Eu ainda não posso falar sobre isso. Não até...

— Até o quê? — perguntou Della.

— Até que alguém diga alguma coisa. — Miranda olhou para Della.

E, de repente, Della teve a sensação de que aquilo tinha a ver com ela.

— Você sabe que não vamos contar a ninguém — assegurou Kylie.

— Eu sei. — Depois de olhar para as mãos, Miranda voltou a olhar para Della.

— Isso tem alguma coisa a ver comigo? — perguntou Della, esperando que estivesse errada, porque do contrário iria realmente ficar brava.

Seu foco em Miranda se desviou rapidamente quando ela ouviu passos na frente da cabana. Ela inclinou a cabeça para ouvir a cadência dos passos e imediatamente soube quem era.

Capítulo Catorze

A batida que Steve deu na porta soou muito alta. Della pensou em se esconder e dizer às duas amigas para mentirem.

— Entre! — Kylie gritou antes que Della pudesse pôr seu plano em prática.

Steve abriu a porta. Della pousou os olhos nele. Então Miranda soltou um suspiro estranho. Voltando a olhar para Miranda, Della viu culpa brilhando nos olhos da garota. Merda! O que quer que a bruxinha estivesse escondendo não envolvia apenas Della, mas tinha algo a ver com Steve, também.

— O que está acontecendo? — Della murmurou para a bruxa.

Miranda afundou mais na cadeira como se a culpa estivesse pesando sobre ela.

— Posso falar com você? — perguntou Steve, e seu tom de voz fez o coração de Della acelerar.

Ela olhou para Steve, realmente olhou, e a mágoa nos olhos dele foi um golpe tão duro no coração que Della não teve nenhuma dúvida de que tinha deixado uma marca ali.

Ela respirou fundo, mas seus pulmões só aceitaram um pouquinho de ar, fazendo sua respiração estremecer. Ela não tinha ideia do que se tratava, mas de alguma forma, uma coisa estava muito clara. Steve sabia que ela tinha estado com Chase.

Eu não fiz nada errado. Eu não sou culpada. Mas maldito seja se ela não se sentia como se tivesse sido empanada e depois frita numa culpa profunda!

— Eu não vou prendê-la por muito tempo — disse ele, o tom sombrio da voz ecoando na cabeça dela.

— Claro. — Ela pegou o celular para não perder a ligação de Burnett, uma ligação que mais uma vez a aproximaria de Chase.

Duas escolhas, sua mente gritava. *Deixe Steve ir ou se recuse a trabalhar com Chase*.

Ela se levantou, sabendo o que tinha que fazer. O medo e uma dor que deixava seus nervos em farrapos transbordavam do seu coração e enchiam seu peito, espalhando-se pelos seus membros e percorrendo todo o seu corpo, dos pés até o couro cabeludo. Até seu dedo mindinho doía.

Ela era um metro e sessenta de nada além da mais pura dor. Mas a única coisa que doeria mais do que perder Steve era saber que ela o estava magoando.

Decisão tomada. Pronta para dar a cara a tapa, ela seguiu Steve.

Ele a conduziu através dos bosques. Parecia saber aonde estava indo. Ela nem sequer reparou na direção, apenas o seguiu, o coração e a mente concentrados no que tinha que dizer.

Steve não falou nada, nem ela. O barulho dos seus passos parecia ser engolido pelas árvores, como se eles respirassem som, não ar.

Ele parou num local perto da lagoa onde nadavam, abandonado agora pela maior parte dos campistas por causa do frio do outono. Os vampiros, mais resistentes à temperatura do que os outros, ainda visitavam o lugar, mas não com tanta frequência. Tudo parecia muito mais divertido quando os outros campistas estavam presentes.

Hoje, no entanto, não havia sons de risos ou água espirrando. A água estava parada, um espelho para as árvores vestidas para o outono. Amarelo e laranja e um tufo ocasional de folhas vermelhas refletiam a quietude tranquila do lago. Della tentou extrair alguma calma da paisagem que alguns achavam bela. Não conseguiu. O outono significava a morte das folhas, e Della sentia que uma parte dela morreria ali também.

O som da respiração de Steve fez Della desviar os olhos da água e olhar para ele.

Seus olhos castanhos refletiam arrependimento, tristeza, dor. E culpa também?

— Não dá mais. — Eles falaram ao mesmo tempo e as mesmas palavras.

Della viu no rosto de Steve a mesma surpresa que ela sabia que estava estampada no rosto dela. Sua garganta apertou.

— Eu não fiz nada errado. — Ela não sabia por que estava dizendo aquilo, mas sentia que era importante. Steve não merecia se sentir traído.

E talvez ela não quisesse ser vista como alguém que traía, também.

Ele deu um passo mais para perto. Tão perto que podia tocá-la se quisesse. Ele não quis. E isso quase a levou às lágrimas.

— Não aconteceu nada entre...

— Eu sei. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. Arrastou os pés e olhou para o chão, mas não antes que ela visse novamente um brilho do que parecia ser culpa. Um pensamento desagradável a atingiu... será que Steve a havia traído? Teriam ele e Jessie ficado juntos? E se ela tivesse errado em confiar nele?

— Você? — perguntou ela, e não teve que dizer mais nada. Quando Steve olhou para cima, Della soube que ele tinha entendido a pergunta.

— Não. Deus, não. — Havia sinceridade na voz dele e ela acreditava em Steve.

Ele suspirou e passou a mão no rosto.

— Você estava morrendo, Della — Steve declarou como se fosse um texto ensaiado, mas ele tivesse esquecido o começo. — Naquele dia, quando Chase me ligou... ele me disse que vocês dois ficariam ligados. Eu nunca tinha ouvido falar em nada parecido, mas também sabia que não importava. Se isso significasse que eu não ia perder você, eu aceitaria. Mas agora...

Os olhos dele ficaram mais escuros e os de Della se encheram de lágrimas.

— Você não me perdeu — ela disse. De repente ela queria tudo de volta. Ela não podia perdê-lo.

— Não completamente, mas...

Quando ele não continuou, ela disse:

— Você me disse que não deixaria essa coisa da ligação entre mim e Chase mudar as coisas — ela o lembrou, mesmo sabendo que era melhor deixá-lo ir, mesmo que ela tivesse aceitado que isso tinha que acontecer, mas por alguma razão ainda parecia errado.

— Eu sei, e pensei que conseguiria. Mas quando eu penso em você e ele...

— Eu não fiz nada. Nós não...

Ele tirou a mão do bolso e pressionou um dedo sobre os lábios dela.

— Eu sei. — Seu toque quente trouxe mais lágrimas aos olhos dela e ela sentiu algumas deslizarem de seus cílios e escorrerem pela bochecha. — O que temos... — ele acenou com a mão — é real e eu quero isso mais do que você imagina. Mas existe algo... algo entre você e Chase, também. Eu vi isso na maneira como vocês dois se olharam hoje.

Ele tinha visto isso? Visto hoje?

— O quê...? Como...?

— Quando Burnett me ligou e você não apareceu, fui até a casa de Chase. Eu o tinha seguido até ali um tempo atrás.

Della se lembrou do pássaro, o mesmo que Chase apontara para ela, e agora ela sabia que era Steve.

— Você tem tão pouca confiança em mim que...

— Não é em você que eu não confio. É em Chase. É essa coisa toda da ligação... Eu esperei semanas para que você pudesse me assegurar de que não é real, que não significa nada, mas você nunca fez isso.

Ele passou a mão na testa.

— Não que eu possa culpá-la por isso, também. Você não queria mentir para mim e, quando eu vi o jeito como vocês dois se olharam, eu percebi que não dava mais pra mim.

Ela sentiu a necessidade de dizer alguma coisa, mas o quê? Então ela não falou nada, apenas ficou ali e ouviu enquanto ele lhe dizia adeus.

— Nessas últimas semanas eu só consegui pensar em você e ele. Segurando a respiração, esperando que o inevitável acontecesse. Eu resolvi segui-lo por aí. Estava tão consumido de ciúme que não conseguia pensar direito. Eu não sou assim. Eu odeio me sentir assim. — Ele passou a mão sobre o rosto outra vez. — Durante toda a minha vida, eu me senti como se estivesse em segundo lugar em comparação à carreira dos meus pais. Aos sonhos e objetivos deles. Eu não quero mais ficar em segundo lugar na vida de ninguém.

Nossa, aquilo doeu.

— Você acha que está em segundo lugar? Como poderia...?

Ele a ignorou e continuou:

— Lembra quanto tempo levou para você aceitar falar comigo? E então... — Ele fez uma pausa como se admitir a verdade fosse muito difícil, como se ferisse seu orgulho. — Chase chega e, sem fazer nenhum esforço, tem você na palma da mão. Eu não quero competir pela sua afeição.

Ela enxugou as lágrimas do rosto.

— Não é uma competição.

— É o que parece. — Ele voltou a enfiar as mãos nos bolsos. — Além disso, você acabou de me dizer que para você também não dá. Você sabe que eu tenho razão.

— Sim. — *Mas por razões diferentes*. Ela não iria deixá-lo ir porque não podia confiar nele, mas porque achava que o estava magoando.

Steve soltou um longo suspiro, do fundo do coração.

— Precisamos dar um tempo.

Tempo? Mais algumas lágrimas escorreram dos olhos dela. Parecia que ele tinha percebido, porque começou a estender a mão em direção a ela.

— Não. — Confusa, a vampira estendeu a mão para deter o toque dele. Ele não estava rompendo com ela? Querendo dar um tempo? Aquilo parecia... errado.

Steve tentou tocá-la novamente.

— Eu estou bem. — A voz dela tremeu junto com seu coração ao dizer aquela mentira deslavada, mas ela se agarrou a pouca força que lhe restava. Não importava o quanto aquilo doía, ela tinha que aceitar que era o melhor.

Ele balançou a cabeça e novamente olhou para longe, como se se esforçasse para encontrar alguma coisa para dizer. Mas ele já não tinha dito?

— Estou indo embora — Steve finalmente deixou escapar.

Ela não tinha pensado que poderia sentir mais dor, mas aquelas palavras conseguiram essa façanha. Steve estava indo embora. Ela não iria mais vê-lo. O coração dela deu um salto mortal dentro do peito.

As perguntas saíram da sua boca antes que ela pudesse contê-las.

— Indo embora de Shadow Falls? Por quê? Para onde?

— Para a França. Uma escola em Paris. Especialmente para metamorfos. É muito elitizada, só convidam dois ou três por ano, e eu e Perry fomos convidados para assistir a algumas aulas especiais.

Ela notou um pouquinho de orgulho na voz dele. Steve estava animado. Tinha o direito de estar, ela disse a si mesma. No entanto, toda aquela dor se agitou dentro dela até que sentisse raiva.

— Desculpe por não dar os parabéns. — A voz dentro de sua cabeça dizia que sua raiva não se justificava. Ou será que sim? — Há quanto tempo você recebeu o convite? — A pergunta saiu como uma acusação.

Ele olhou para ela, confuso — ou seria culpa de novo?

— Quanto tempo?

Quando ele não respondeu, ela expressou seus pensamentos em voz alta.

— Você não está usando essa coisa toda de “Chase” só para justificar que está indo embora?

Steve balançou a cabeça.

— Eu descobri há um mês, mas ainda não tinha decidido se iria.

Ele sabia daquilo havia um mês? Um mês que ele tinha feito tudo para conquistar o coração dela, roubando beijos, fazendo-a gostar dele, e o tempo todo pensando em ir embora?

Ela fechou os olhos por um segundo, enfrentando um enxame de emoções. As palavras dele finalmente fizeram sentido. Della abriu os olhos.

— Espere, você disse que Perry está indo com você?

Ele confirmou com a cabeça.

— É um privilégio ser convidado. Ele não podia recusar.

Ela pensou em sua companheira de alojamento/melhor amiga perdendo seu amado Perry. A bruxa iria ficar superinfeliz, inconsolável. E Della ficaria com ela. Inferno, Della iria até sentir falta de Perry!

Steve apenas ficou ali, olhando para ela. Della piscou para afastar mais algumas lágrimas, sabendo que era isso que sua companheira de alojamento estava escondendo. Felizmente, ela se sentia tão arrasada por causa de Steve, por causa do que Miranda estava sentindo, que não tinha nenhuma vontade de repreender a garota por guardar segredos.

Não. Toda a sua angústia estava projetada numa só direção. No metamorfo sexy na frente dela.

— Divirta-se na França. — Ela se virou para ir embora, mas o ouviu chamar o nome dela. Por alguma razão desconhecida — talvez masoquismo —, Della se virou.

— Isso não tem nada a ver com a escola, Della! Eu queria ir para lá? Droga, sim. Eu me sinto dividido entre ir e deixar você? Sim. Mas então me ocorreu que não era apenas a falta que você me faria que me fazia não querer ir. Era o medo de te perder. Perder você para Chase. E foi aí que eu comecei a questionar tudo. E então vi vocês dois olhando um para o outro e eu soube... Eu soube que, mesmo que eu recusasse a oportunidade de estudar fora, havia uma boa chance de eu perder você de qualquer maneira. Existe algo entre vocês dois e você precisa descobrir o que é. E eu não posso ficar aqui assistindo tudo sem enlouquecer.

Ela assentiu com a cabeça, sem lhe oferecer nada além daquilo. Mas se Steve queria que ela dissesse que tudo bem — tudo bem que ele tivesse feito com que ela baixasse a guarda, passasse a gostar dele, sabendo o tempo todo que estava indo embora —, bem, Della não podia dizer que estava tudo bem!

Um mês antes, ela poderia tê-lo deixado ir e não doeria tanto, se ao menos ele tivesse contado. Se ao menos ele não tivesse invadido suas corridas noturnas. Invadido sua vida. Invadido seu coração.

Steve começou a falar e ela teve que se concentrar para ouvir suas palavras, porque dentro dela tudo o que podia ouvir era seu coração se partindo.

— As aulas podem durar de três semanas a seis meses — disse ele —, dependendo do nosso aproveitamento. Há uma chance de que eu seja aceito para o curso completo e isso significaria quatro anos, mas é uma chance muito pequena. — Os olhos dele ficaram úmidos de emoção e o nó na garganta que ela sentia dobrou de tamanho.

Não importava por que ele estava indo embora, ou se ele estava certo ou errado, ainda assim estava machucando. Mas a culpa era dela? Steve é que tinha iniciado os beijos em todas aquelas corridas tarde da noite!

Mas agora ela via uma dor verdadeira nos olhos dele. E, caramba, ela ainda se preocupava com ele. Se preocupava por ele estar sofrendo.

Um raio de dor atingiu seu peito. Como a dor dele podia machucá-la mais do que a sua própria?

Ela queria desmoronar ali mesmo no chão e soluçar. Não, não apenas soluçar, mas implorar para que ele não fosse. Implorar para que ele entendesse toda aquela coisa da ligação quando ela mesma não entendia. Será que aquilo era justo?

— Acho que vou estar de volta daqui alguns meses — disse Steve. — Talvez... talvez enquanto eu estiver fora você possa... — Ele olhou para os próprios pés por um segundo. — Você precisa descobrir exatamente o que é essa coisa de ligação. Talvez então a gente possa... ver como ficam as coisas.

Ela não sabia o que dizer. Mas aqueles montes de “talvez” a feriam. Doía demais pensar, mas muito menos do que tentar formar palavras.

O celular tocou e ela sabia que era Burnett dizendo que era hora de ir.

Della nem sequer atendeu.

— Eu tenho que ir — disse ela, e foi o que fez.

Um salto e ela já estava no topo das árvores. Deixou para trás o silêncio do lago. Deixou para trás Steve.

Será que ele ainda a procuraria para se despedir? Ou esse era um adeus? Ela o ouviu gritar seu nome, mas dessa vez não olhou para trás.

Capítulo Quinze

Kylie e Miranda sentaram-se na varanda da cabana, esperando, preocupadas, Della voltar. Quando ela subiu as escadas, viu marcas de choro nos olhos de Miranda. Marcas muito parecidas com as que ela própria teria se não tivesse parado alguns segundos para limpar as evidências.

Della viu a dor nos olhos de Miranda. Será que ela tinha contado a Kylie sobre Perry? Provavelmente.

Della teria gostado de pegar outra Coca Diet e se solidarizar com a bruxa, ou talvez até mesmo extravasar um pouco de raiva por ela guardar segredos, mas não se daria esse luxo. E sua conta bancária emocional já estava no negativo.

O telefonema era de Burnett, e ele tinha mandado que ela estivesse no escritório em quinze minutos. Ela tinha exatamente dez minutos agora para limpar o rosto um pouco mais e enterrar o turbilhão emocional.

Parando na frente das duas amigas, disse:

— Burnett me ligou e eu não tenho tempo para conversar. Desculpe.

— Mas você está chateada. Precisa desabafar — insistiu Miranda, enquanto mais lágrimas se acumulavam em seus grandes olhos verdes. Olhos que mostravam tanta preocupação com Della quanto tinham demonstrado com a sua própria dor.

— Eu estou bem — insistiu Della. Ela começou a se afastar, depois parou e olhou para Miranda, que tinha se levantado para olhar para Della com a testa franzida. — E você vai ficar bem, também.

Miranda assentiu.

— Nós vamos passar por isso juntas, certo?

— Certo — disse Della, e como ela não tinha escolha, deixou a bruxa lhe dar um abraço, por um segundo. Então correu para dentro e fechou a porta do quarto, permitindo-se um minuto de autopiedade.

Três minutos depois, já saía pela porta da cabana — acenando para suas duas melhores amigas, mas sem lhes dar tempo para dizer coisa alguma. A culpa por deixar Miranda em plena crise se esgueirou dentro dela, mas Kylie estava com Miranda, disse a si mesma. E Kylie era excelente em consolar pessoas. A camaleão sempre sabia o que dizer, enquanto Della sempre dizia a coisa errada.

Além disso, enterrar toda aquela dor excruciante tinha sido difícil, mantê-la enterrada seria mais difícil ainda. Falar sobre aquilo com suas melhores amigas só iria tornar tudo mais doloroso. Deus, ficar perto de Chase seria pior ainda! Mas ela se esforçaria ao máximo. Ela tinha que se esforçar. Poderia se desesperar depois. Poderia consolar Miranda depois. O problema de

Natasha — cara a cara com a morte — fazia os problemas de Della e da amiga parecerem pequenos. E era isso que Della precisava saber para se concentrar, antes que fosse tarde demais.

Burnett informou que Derek não tinha encontrado nenhuma foto das garotas em nenhum dos sites de mídia social. Aquilo era muito estranho. E depois de uma conversa unilateral em que Burnett expôs suas regras sobre segurança e avisou que seu toque de recolher era oito da noite, Della seguiu Chase até o estacionamento onde estava o carro azul brilhante. Burnett tinha insistido para que andassem de carro durante o dia. Ele devia ter dito isso a Chase quando ligou para ele, porque era o mesmo carro que estava estacionado na casa dele.

Chase acionou a chave para destrancar o veículo. Della observou o modelo dessa vez. Um Camaro. Deslizou pelo couro macio do banco do passageiro, que gritava “caríssimo” ao lado do nome do carro.

Ela quase pisou num estojo grande no assoalho.

— Desculpe — disse ele. — Eu trouxe minha câmera. Posso colocá-la na parte de trás.

— Pode deixar. Tenho muito espaço para colocar os pés.

Quando Chase se sentou atrás do volante, ela olhou para a frente. Aquelas tinham sido as primeiras palavras que ela tinha falado para ele.

Della não tinha tido chance... no momento em que entrara no escritório onde Burnett e Chase estavam, Burnett tinha começado a falar. Durante a ladainha do líder do acampamento, ela sentiu Chase estudando-a. Engoliu em seco e tentou manter o rosto impassível, escondendo quaisquer vestígios de dor.

Ela ainda podia sentir o olhar dele. Chase ligou o carro. O motor roncou. Ela ouviu outro barulho suave de vibração e a capota do carro começou a baixar. Uma brisa fresca jogou alguns fios de cabelo no rosto dela.

Ela olhou de relance para o lado do motorista e buscou um assunto que estivesse o mais longe possível da dor pulsante que latejava em seu peito.

— Bonito estojo para uma câmera. Provavelmente tem uma boa câmera dentro — disse ela, olhando para o chão. — Belo carro. Ela olhou para o céu azul, preenchido com algumas nuvens brancas. — Bela casa a que você mora, também. Será que o Conselho dos Vampiros paga tão bem assim ou você já era rico?

Parecia que ele não iria responder, mas depois ele deslizou a mão pelo volante com um certo orgulho masculino.

— Eu mesmo paguei por este carro. A cabana é alugada, mas estou pensando em comprar. O Conselho não paga muito bem.

— Então, você já era rico, certo?

Ele deu de ombros.

— Não eu. Meus pais. Como para o mundo humano, eu estava morto também, Jimmy, que me encontrou, conseguiu dar um jeito. Todo o dinheiro do meu pai e a indenização do seguro de

vida foram para um estudo clínico que meu pai estava ajudando a financiar. Mas quando fiz 18 anos, Jimmy entregou-o a mim.

— Foi Jimmy quem criou você? — ela perguntou. — O sobrenatural que não tem registro na UPF?

Chase assentiu com a cabeça e ela podia jurar que ele tinha se encolhido um pouco como se estivesse arrependido de ter contado a ela sobre Jimmy. E isso só a fez querer saber mais. O que Chase estava escondendo? E por quê?

— Esse Jimmy conheceu o seu pai? — perguntou ela, determinada a desenterrar todos os segredos de Chase.

Ele saiu do estacionamento. Seus ombros estavam tensos. Não iria responder? Estaria tentando inventar uma mentira?

— Sim. Eles se conheciam — ele disse finalmente, sua voz misturada com o ronco do motor.

O carro ganhou velocidade. O cabelo de Della voou na frente do rosto.

Para que pudesse enxergar e estudar a expressão dele, ela o jogou por sobre o ombro e segurou-o com a mão. Se Chase mentisse, ela conseguiria detectar.

Ele fitou a estrada, mas continuou a falar. Ela manteve os olhos no rosto dele e encolheu as pernas para não pisar na câmera.

— Eles se conheciam havia quase um ano. — Ele não pestanejou e não pareceu vacilar.

Será que ela acreditava nele? Sim, por algum motivo, acreditava.

— Seu pai sabia que Jimmy era um vampiro? — perguntou ela, sentindo que, se tinha respondido a uma pergunta, ele poderia responder outras.

Ela viu seu pomo de adão subindo enquanto ele engolia. Será que era difícil para Chase responder àquela pergunta? Se era, por quê?

— Jimmy trabalhou meio período com o meu pai numa clínica. Ele descobriu que o meu pai era portador do vírus. Foi sincero com ele.

— E seu pai acreditou? Quer dizer, Jimmy simplesmente disse: “Ei, eu sou um vampiro e você é um portador de um vírus que pode transformá-lo em vampiro também”. Isso não parece muito realista. — Quantas vezes ela tinha pensado se conseguiria contar aos pais sobre si mesma?

Chase olhou para ela e quase sorriu, antes de voltar a olhar para a estrada.

— Jimmy disse que ele poderia provar que estava falando a verdade. Ele convenceu meu pai a dirigir até uma estrada rural em algum lugar. Então levantou voo e, quando isso não o convenceu, ele levantou o Porsche do meu pai. Aquilo chamou a atenção dele. Ninguém mexia com o carro do meu pai.

A risada na voz de Chase revelava a admiração que sentia pelo pai, e Della se perguntou se seria por isso que Chase tinha comprado aquele carro — porque o pai teria gostado.

Chase estava com os olhos na estrada, fazendo as curvas e trocando as marchas com agilidade. O motor ronronava. Della não era ligada em carros, mas tinha que admitir que tinha gostado

daquele. Da potência. De como Chase o dirigia. Do seu cabelo ao vento, da confiança que irradiava sentado no banco do motorista e trocando as marchas.

— Eu adoraria ter visto a expressão do meu pai — disse Chase, aparentemente ainda com o pai na cabeça. — Levou meses para que ele concordasse que fôssemos testados.

— Quem foi testado? — perguntou Della.

— Minha irmã e eu. — Ele olhou para a estrada e as mãos apertaram o volante. — Era do local do teste que vínhamos quando o avião caiu.

Ele nunca tinha falado tanto sobre si mesmo, e ela quase se sentia sedenta de informações, querendo mais.

— Jimmy é um Renascido?

Chase ergueu os ombros como se ele de repente se sentisse desconfortável com a conversa.

— Sim. — Ele desviou os olhos para ela. — No porta-luvas tem coisas de prender o cabelo, se quiser.

Então, você já levou outras garotas para passear neste carro? Ela afastou o pensamento e voltou a se concentrar na conversa.

— Ele é, é quem... Você está ligado a Jimmy?

— Sim — disse ele.

Ela deixou que o pensamento desse voltas na sua cabeça.

— Como é que é isso?

— O quê? — ele perguntou.

— Ser ligado a duas pessoas... — Ela olhou no porta-luvas e pensou em pegar uma daquelas coisinhas de cabelo. — A quantas pessoas você é ligado?

Chase olhou para ela, seu sorriso diferente dessa vez, quase como se tivesse lido a mente dela.

— Cuidado, quase parece que você está com ciúme.

Não era ciúme, ela queria insistir, mas não conseguia pensar em como explicar o que era. Inferno. Ela não conseguia explicar porque não entendia.

— Eu só estou curiosa para saber como isso funciona — Della rebateu. O vento fez voar mais alguns fios do seu cabelo, que açoitaram sua bochecha. Ela devia estar acostumada com o cabelo no rosto, mas, obviamente, ficar sentada no vento era bem diferente de voar sentindo o vento.

Inclinando-se para a frente, ela abriu o porta-luvas. Um pacote fechado com três elásticos de cabelo se encaixou nas pontas dos seus dedos.

— Eu os comprei no caminho para cá, quando Burnett disse que tínhamos de ir de carro. Minha irmã odiava quando meu pai baixava a capota. E o dia estava bonito demais para não dirigir com ela abaixada.

Então nada de garotas?

— Obrigada — ela disse, e então, por algum motivo, desejou não ter dito. Ser grata a ele parecia errado quando ela estava tão arrasada... *Agora não era hora!* Ela precisava pensar em Natasha.

Depois de pegar um elástico da embalagem, ela devolveu os outros para o porta-luvas e puxou o cabelo para trás. Um novo raio de sol se infiltrou por uma nuvem branca e aqueceu o rosto de Della.

Chase olhou para ela, seu sorriso já se fora.

— Eu só estou ligado a Jimmy e a você.

Della tinha tantas perguntas na ponta da língua! E não apenas para compreender Chase, para descobrir seus segredos, mas para entender o que estava acontecendo com ela.

— Com quantas pessoas um vampiro pode se ligar? Quantos Renascidos ele pode salvar?

— Isso na verdade não foi comprovado — disse ele, voltando a se concentrar exclusivamente na estrada.

— Com quantos esse Jimmy tem ligação?

As mãos dele apertaram o volante, a pergunta sem dúvida o deixava desconfortável. Ela percebeu que ele ficava mais à vontade para falar sobre si mesmo do que sobre Jimmy. Ele estaria com medo de que ela passasse para Burnett a informação sobre um vampiro não registrado?

Por um segundo, Della quis contar a ele sobre seu tio e que ela também não tinha falado a Burnett sobre ele porque também temia que ele pudesse não ser registrado, mas ela não estava pronta para se abrir tanto.

Afinal, confiança era algo a ser conquistado. E Chase ainda tinha de conquistar a dela. Mas estava chegando perto, disse uma voz dentro dela. Ele estava respondendo às suas perguntas.

— Eu não... Eu não me importo se Jimmy é registrado ou não. Preciso saber tudo isso por mim — assegurou ela.

Você precisa descobrir exatamente o que é essa coisa de ligação. As palavras de Steve ecoaram dentro dela.

— Eu preciso saber — Della repetiu, mais uma vez afastando a dor.

Chase não olhou para ela, mas seus ombros relaxaram.

— Jimmy é ligado a três pessoas, mas da última vez ele quase morreu. E...

— E o quê? — perguntou ela quando Chase parou de falar.

Ele suspirou.

— Cada vez que um Renascido se liga a alguém, ele abre mão de um pouco do seu poder. Jimmy está quase se tornando um vampiro comum agora. Ele não pode se dar ao luxo de fazer isso novamente.

Della digeriu aquilo.

— Você... perdeu um pouco do seu poder quando se ligou a mim?

— Um pouco. — Ele se inclinou para a frente para ver a placa da autoestrada à distância, então acelerou e ultrapassou um carro para pegar a rampa.

Então Chase não só tinha sofrido, como desistido do seu poder? E considerando como ele dirigia, ela tinha um palpite de que poder significava muito para ele. Chase mal a conhecia. Por

que tinha feito aquilo?

— Você não deveria ter... — Ela caiu para trás no assento. — Eu ainda acho que eu poderia ter conseguido sozinha.

— Nós todos queremos pensar assim. — Ele desviou o olhar para ela de novo e a vampira viu emoção em seus olhos. — Eu não me arrependo — disse ele num tom de voz terno.

Ela não queria ternura nenhuma.

Chase trocou a marcha e Della viu como ele fazia isso com facilidade.

— Você sabe dirigir? — ele perguntou, provavelmente por vê-la observando-o.

— Claro.

— Trocar marchas?

— Não.

— Eu vou te ensinar.

— Não precisa — disse ela, mas não podia negar que parecia mais divertido do que dirigir um carro automático. — Eu não quero destruir o seu carro.

— Se você fizer isso, eu simplesmente compro outro.

— Pare — disse ela.

— Parar com o quê?

— De ser bonzinho.

Ele riu.

Ela desviou a atenção de Chase e de sua amabilidade e olhou para os arquivos enfiados entre os bancos — os arquivos com os endereços das duas Natashas.

Pelo menos descobririam o sobrenome da Natasha de sua visão em breve. Será que isso ajudaria a encontrá-la? Por alguma razão o fantasma parecia pensar que sim. E Della poderia ter uma esperança.

Encontre Natasha.

Della estremeceu ao som da voz. Dessa vez ela não se perguntou se realmente tinha ouvido ou se estava apenas evocando a lembrança da voz.

Ela tinha ouvido. Sentiu os pelos da nuca se eriçarem, como se as palavras tivessem lhe causado um calafrio.

O fantasma estava ali.

Della olhou para o banco de trás. Vazio. Talvez o fantasma não estivesse realmente no carro, apenas na sua cabeça.

O motor do carro rugiu mais alto. Ela olhou novamente para Chase. As mãos dele seguravam o volante com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Você ouviu isso também, não é?

— Merda, ouvi... — disse ele, entendendo perfeitamente o que ela queria dizer. Então o carro disparou para a frente.

Como se tentasse ultrapassar o fantasma.

Mas, se o que Holiday e Kylie diziam sobre os fantasmas e sua obstinação era verdade, o Camaro de Chase não tinha nenhuma chance.

Capítulo Dezesseis

— Chegamos.

Menos de uma hora depois, Chase parou o carro em frente a uma casa térrea de tijolos vermelhos, com várias janelas, numa estrada de terra de uma cidadezinha nos arredores de Houston.

Maior do que a casa em que Della tinha crescido, esta tinha uma varanda que rodeava a casa toda, com um balanço de vime que oscilava ligeiramente com a brisa da tarde. Um grande carvalho, duas vezes mais alto do que a casa, erguia-se à direita da propriedade, e um balanço do pneu pendia de uma corda. Parecia envelhecido, como se tivesse sido brinquedo de alguém e essa criança já tivesse crescido.

Mas algo na casa evocava uma família, um lugar onde nas tardes preguiçosas de domingo pessoas que se amavam se reuniam na varanda para tomar sorvete caseiro. Della se lembrou de que também fazia isso no quintal da casa dos pais quando ela fazia parte de uma família amorosa. Ou na casa da sua tia Miao, quando eles iam jantar lá.

Afastando esse pensamento, ela observou os canteiros meio abandonados na frente da casa. O sinal de negligência dava a entender que todos aqueles momentos agradáveis tinham se perdido no tempo.

Será que era ali que Natasha tinha morado? Onde seus pais ainda viviam e choravam pela filha que pensavam estar morta? E que estaria mesmo morta se Della e Chase não conseguissem encontrá-la?

A tensão contraiu o peito de Della. Seria a tristeza que sentia com aquele lugar imaginado ou essa seria outra pista?

Ela quase perguntou a Chase se ele estava sentindo a mesma coisa, mas ficou preocupada com a possibilidade de ele achar que era loucura.

Os pneus do carro de Chase esmagaram o cascalho quando ele parou completamente. Ele desligou o motor e virou a cabeça para o lado no mesmo instante que ela, para ver se conseguiam captar algum som vindo de dentro da casa.

— Parece que não tem ninguém em casa — disse ela.

— Talvez estejam no trabalho — disse Chase. — Ou talvez estejam só descansando e não andando pela casa. O carro pode estar na garagem.

Ele baixou um pouco a cabeça e olhou com atenção a garagem anexa.

Aquele era um daqueles dias em que ela perdia a noção do tempo, então Della pegou o telefone para ver a hora.

— É quase cinco da tarde. — Soltando o telefone no colo, ela pegou os arquivos. — Esta é a casa dos Owen ou dos Brian?

— Dos Owen — respondeu Chase.

Della olhou para as informações que havia no arquivo — basicamente os nomes e endereço dos pais, o nome do cemitério onde um caixão tinha sido colocado numa cova para fazer os pais acreditarem que Natasha Owen estava morta. Era o mesmo cemitério que Chan e outros recém-criados tinham usado em seus funerais falsos. O mesmo em que o corpo de Chan estava realmente enterrado agora. Ela olhou através do para-brisa à luz do sol poente. O dia estava terminando. O céu já estava escurecendo.

— Você quer tocar a campainha só para ter certeza de que eles não estão? — ele perguntou.

Ela olhou para Chase. Eles não tinham pensado num plano infalível. Ela só queria verificar se um dos pais era oriental.

— Acho que sim — disse ela, sua mente agitada, ainda sentindo uma tristeza e uma solidão inexplicáveis. Era por causa daquela casa ou suas emoções com relação a Steve estavam finalmente tomando conta dela?

O olhar de Chase ficou em seus olhos por um segundo a mais do que o necessário. Ele se inclinou, aproximando seu rosto do dela... aproximando sua boca da dela. Ela recuou depressa, batendo o ombro na porta do carro.

— Eu não estava... — Com as sobrancelhas franzidas, ele se virou para pegar algo no banco de trás. Quando se afastou, deixou cair alguns papéis no colo dela.

— Eu estava apenas pegando isso. Achei que poderíamos dizer que estamos vendendo revistas para pagar uma viagem ao México, onde ajudar a construir casas para os pobres.

Irritada com a sua reação exagerada, Della murmurou:

— Então talvez seja melhor você avançar mais uns quarteirões e esconder o carro.

— Por quê? — perguntou.

— Porque pessoas que dirigem Camaros conversíveis não vendem revistas para ajudar os pobres. — Della se encolheu por dentro. Por que ela estava sendo tão antipática?

— Tudo bem. — A cara feia dele piorou. Chase desceu a estrada de terra e fez uma curva para que o carro ficasse fora do ângulo de visão de quem estava na casa. Quando estacionou, ele olhou para ela.

— Mas você está errada. Minha irmã e eu fazíamos isso duas vezes por ano. E provavelmente daria para cobrir todo o estado do Texas com a quantidade de revistas que minha mãe comprou. Claro, ela acabava doando-as para abrigos. A maioria mesmo antes de abri-las.

— Desculpe. — Ainda mais envergonhada, Della saiu do carro com as revistas na mão.

Ele fez o mesmo e, num piscar de olhos, estava do lado dela.

— Eu não achava que você fosse preconceituosa. O que você tem contra as pessoas com dinheiro?

— Eu não... sou preconceituosa. Me desculpe. — Della fechou a porta do carro e o barulho pareceu ecoar através da área arborizada que os rodeava. Sentindo-se quase observada, ela olhou

ao redor, a placa de “lotes a venda” fincada no chão. Algumas árvores grandes e belas já tinham sido cortadas e jaziam mortas no meio do mato.

— Então é só comigo? — Chase se aproximou e ela deu um passinho para trás. Seu traseiro encostando contra o carro.

— Sim. É você. — Ela disse a verdade. — E tudo mais. Eu estou no limite.

— Você me culpa, não é? — A proximidade dele parecia desafiá-la.

Ela não se mexeu, não querendo que ele soubesse que a perturbava tanto.

— Culpo você pelo quê? — Ela inclinou o queixo e encontrou os olhos dele.

— Por Steve ir embora.

Della franziu a testa.

— Como você sabe?

— Hoje, depois que eu saí do escritório de Burnett, ouvi alguém dizendo que Steve estava partindo.

Emoção — raiva, mágoa, e talvez até mesmo culpa — vieram à superfície, saindo daquele lugar onde ela as tinha enterrado mais cedo. E a constatação de que Steve tinha dito a todos que estava indo embora antes de dizer a ela também foi um golpe no seu coração. Ela odiava pensar naquilo. Engoliu um nó que apareceu em sua garganta. Mas a maldita coisa não descia.

Ele só crescia cada vez mais.

— Sinto muito — disse Chase, tão perto que a respiração dele fez cócegas na testa dela.

Não foi preciso mais nada. Sua respiração e duas palavras foram suficientes para que todas as emoções viessem à tona e ela as despejasse em cima dele.

— Não minta. Você não sente muito. — Ela bateu no peito dele com a palma da mão.

Chase não se moveu. Ficou olhando para ela, em seus olhos, como se pudesse ler seu coração, sua mente e sua dor. E durante aquele segundo, ela achou que não havia segredos entre eles. Chase sabia tudo. Mais do que pretendia saber. Ele conhecia todos os fracassos dela, todos os seus pesares.

Ela não gostava da ideia de alguém conhecendo-a tão bem.

— Tem razão — disse ele, sua voz profunda e sincera. — Eu não lamento que Steve esteja indo embora. Eu não lamento que eu tenha uma chance de provar que você e eu pertencemos um ao outro. Mas não se atreva a duvidar que eu lamente ver o seu sofrimento. E a dor em seus olhos quando você entrou naquele escritório, a dor que você está se esforçando tanto para esconder agora, eu vi. Eu a sinto. E por isso, caramba, eu sinto muito.

Ela não sabia quando tinha começado a chorar. Della não chorava fácil. Mas tinha perdido Steve. E ainda assim, ali estava ela com Chase, algumas horas depois. Sentia-se culpada, dizia a si mesma que a única razão pela qual estava ali era o caso, mas no fundo sabia que era algo mais. Ela inclinou a cabeça para a frente, apoiando-a no peito de Chase e deixando cair mais algumas lágrimas. Ele passou os braços ao redor dela e a abraçou.

E por mais insano que fosse, ela se sentiu bem. Aquilo parecia tão certo! E, no entanto, ainda assim parecia errado. Terrivelmente errado.

Ela deu um passo para o lado, para longe do abraço, e limpou as lágrimas do rosto.

— Temos que ir ver se tem alguém em casa — disse ela, se esforçando para manter a voz firme.

Chase balançou a cabeça, aproximando-se, e com um dedo, enxugou uma lágrima no rosto dela.

— Vai ficar tudo bem. Acredite em mim.

Ela se virou e começou a andar. Em seguida, uma constatação bateu forte dentro dela.

Bateu com toda a força.

Numa fração de segundo.

Ela acreditou nele. Mas não sabia o que era aquele "tudo bem" e o que significava. Porque tudo na vida dela estava mudando. Mais uma vez. E ela odiava mudança.

Ninguém atendeu na casa dos Owen, de modo que eles foram embora e decidiram ir à casa dos Brian, que ficava a cerca de 30 quilômetros de distância. Della não falou durante os primeiros quinze minutos. Nem Chase.

Tudo o que ela fez foi descansar a cabeça em seu peito. E deixar que ele a envolvesse em seus braços. Por que aquilo parecia mais do que um simples abraço?

A resposta veio. Veio com clareza. Porque ela se apoiava nele. Fisicamente. Emocionalmente.

Della Tsang não era de se apoiar nas pessoas. Pelo menos não em muitas pessoas. Definitivamente não em alguém que mal conhecia. Especialmente alguém que tinha praticamente causado o problema que agora a devastava.

Mas que inferno! Ela estava tão confusa!

Della olhou para os carros em movimento nas quatro pistas, suas emoções tão congestionadas quanto aquela autoestrada.

Um sedã verde costurava entre as pistas dois carros à frente. Os motoristas de Houston dirigiam como lobisomens tentando alcançar uma presa fresca antes que outro lobo ficasse com a melhor parte. De repente, ela reconheceu o trecho da autoestrada. Ficava a apenas alguns quilômetros do acesso para o seu bairro.

E foi então que se lembrou do dia em que estava no carro com seu pai e ele lhe ensinou a dirigir.

É como jogar xadrez. Você tem que ficar na ofensiva e na defensiva. Tem que adivinhar o que o motorista do carro ao lado vai fazer.

O engraçado é que ele nunca tinha perdido a paciência com ela, nem mesmo quando Della acidentalmente raspou a lateral na porta da garagem e passou por cima dos tacos de golfe dele. Seu peito ficou mais pesado quando se lembrou do que Derek tinha dito sobre o homem calmo e gentil que a tinha criado e a amava... costumava amá-la. A polícia suspeitava que ele fosse o culpado pelo assassinato da irmã, Bao Yu. Ele simplesmente não podia ser.

Ele nunca tinha batido nela ou na irmã. Ele não precisava. O olhar de decepção em seus olhos era castigo suficiente tanto para ela quanto para Marla. Logo em seguida, uma nova dor atingiu seu coração. Ela sentia falta deles. Sentia tanta falta que até doía.

Ela esfregou um dedo na têmpora, perguntando-se por que estava de repente pensando naquilo tudo.

— Droga! — Chase sibilou.

Della olhou de relance quando uma van vermelha entrou com tudo na pista de Chase. Ele desviou para a faixa da esquerda, os pneus guinchando, entre dois carros em alta velocidade. Em seguida, o motorista do carro na frente deles pisou firme nos freios. Chase fez o mesmo, e, então, para não bater na traseira do carro, ele puxou o volante com tudo, voltando para a outra pista. Buzinas explodiram ao redor deles.

Della viu o acidente em sua mente: carros com a lateria amassada, pessoas feridas, sangue, muito sangue. Mas Chase de alguma forma, só Deus sabia como, conseguiu evitar a batida.

Chase, as mãos ainda segurando o volante, murmurou um palavrão. Della, adrenalina correndo nas veias, ofegou.

Então ela olhou pela janela lateral e viu um Honda dourado se aproximando da sua janela. Em câmera lenta, viu o motorista começando a virar a cabeça.

— Merda! — Com sua supervelocidade de vampiro, ela tirou o cinto de segurança. Seu olhar dardejou para o assoalho do carro, já ocupado pelo enorme estojo da câmera cara. Ela fez a única coisa que podia para se esconder do outro motorista: se jogou sobre o console, entre a alavanca do câmbio e os assentos e batendo o rosto no colo de Chase.

— Ai! — ele gemeu, dando um pulo no banco.

Ela tinha a impressão de que seu queixo tinha batido nos testículos dele. Ela de fato tinha um queixo muito duro... Mas não importava. Ah, importava, sim. Aquele era o último lugar em que ela queria estar. Mas Della não estava se movendo. Não podia.

Entre enterrar o rosto no colo de Chase e deixar seu pai vê-la andando de carro por Houston num Camaro esportivo e com um cara bonitão, ela preferia a virilha de Chase. O pai teria um ataque.

Provavelmente a tiraria de Shadow Falls e a internaria em algum reformatório. Ela não podia perder Shadow Falls. Não podia perder Kylie, Miranda, Holiday, Burnett e até mesmo a pequena Hannah Rose. A virilha de Chase era uma escolha melhor. E ela ficaria ali, com o nariz enfiado no meio das pernas dele, até que ele saísse da rodovia. Mas se Chase soltasse gases, ela teria que matá-lo!

Capítulo Dezessete

— Della? — Chase sibilou.

— Saia da autoestrada — ela retrucou, então se lembrou de que o pai provavelmente pegaria a saída seguinte. — Não, não saia da autoestrada. — Ela virou a cabeça um pouco para o lado e a ponta do nariz roçou no zíper.

— Della? — disse ele, mais firme. — Que diabos você está fazendo?

Você quer dizer além de estar tentando não pensar em onde está meu nariz?

— O que você acha que estou fazendo? — Então, percebendo qual poderia ser a resposta de Chase, ela acrescentou: — Esqueça que eu perguntei isso. Estou me escondendo. O meu pai está no Honda dourado na pista da direita.

— Merda! — exclamou ele.

— Eu já disse isso — rebateu Della. E, em seguida, uma outra onda de pânico a invadiu. — Ele me viu? Está olhando para o seu carro?

— Não — ele disse.

— Então por que você disse "merda"?

— Porque...

— Eu machuquei você? — ela perguntou, lembrando a força com que tinha batido no colo dele, e sentiu o rosto ficando quente de vergonha.

— Um pouco.

— Desculpe — disse ela, acariciando o lado da perna de Chase antes de perceber quanto aquilo podia parecer estranho. As mãos dela sobre a perna dele. Então, pensando bem, por que acariciar a perna dele poderia ser mais estranho do que enterrar o nariz em suas partes íntimas?

O próximo som que ele produziu foi uma risada. Profunda, sincera e quase musical. Aquilo só serviu para irritá-la.

— Não ria — disse ela entre os lábios apertados.

— Desculpe, mas é engraçado.

— Não, não é — Della retrucou.

— Ah, é sim. — Ela sentiu a mão de Chase tirar suavemente alguns fios de cabelo da bochecha dela. O freio de mão do carro cutucava suas costelas.

Ela fechou os olhos, o calor da humilhação queimando seu peito.

— Será que ele não deixou a rodovia ainda?

— Ainda não — disse Chase. — Não saia daí. — O dedo dele tocou na orelha dela, como se traçasse as bordas externas.

— Você está prestando atenção na estrada? — ela deixou escapar.

— Estou.

— Então pare de brincar com a minha orelha.

Ele riu novamente.

— Você está preocupada com a sua orelha?

Ela gemeu.

Chase riu novamente.

— Tente não se mexer muito.

Alguém poderia morrer de vergonha?, Della se perguntou. E, depois de alguns segundos, ela questionou:

— Você não está mentindo, está?

— Sobre o quê?

— Sobre o meu pai ainda estar na rodovia.

— Não. Eu não estou mentindo. Ele está prestes a sair. Aviso quando a barra estiver limpa. — Ele fez uma pausa de um segundo. — Pode levantar.

Ela se levantou. E sem nenhuma outra opção, olhou para Chase, que desatou a rir.

— Seu rosto está tão vermelho... — disse ele em meio às risadas.

Ela rosnou para ele e, então, por razões que não podia explicar, tudo de repente pareceu engraçado para ela, também. A risada explodiu e Della não conseguiu mais parar. Eles riram praticamente ao longo de todo o caminho até o segundo endereço.

Eles voltaram às 7h59. Um minuto antes do toque de recolher. Burnett estava sentado do lado de fora da varanda do escritório, o telefone na mão, quando os dois chegaram. Della não tinha chegado ao escritório ainda quando se lembrou de toda história sobre a partida de Steve.

— Eu estava prestes a ligar para vocês — disse Burnett, e levantou-se para abrir a porta da cabana. Chase e Della o seguiram até o escritório de Holiday.

— Alguma coisa? — perguntou ele enquanto andava em direção à mesa.

Della de repente desejou que tivesse dito a Chase para não mencionar o desastre de quase topar com o pai dela. Conhecendo Burnett, o mínimo detalhe poderia fazer com que ele voltasse a ficar superprotetor com relação a ela.

— A família Owen não estava em casa — contou Chase.

Della prendeu a respiração, esperando e rezando para que ele não trouxesse o encontro com o pai dela à tona e pronta para intervir com algum outro assunto, se ele fizesse isso.

— Demos uma passada na casa da família Brian — acrescentou Della.

— Vocês conseguiram alguma coisa lá? — Burnett se encostou na escrivaninha de Holiday.

— Sim. Nenhum dos pais é oriental. — Della contou a Burnett sobre a ideia de tocar a campainha tentando vender revistas.

— Eu sabia — acrescentou Burnett. — Logo depois que vocês saíram, finalmente me enviaram cópias das carteiras de motorista deles. Eu também chequei o senhor e a senhora Owen. Brancos também.

Della assentiu.

— Mas como você disse...

— Poderia apenas significar que eles não são os pais biológicos de Natasha — Burnett acabou a frase por ela.

— Eu ainda acredito que seja um deles — disse Della. — Na verdade, eu acho que ela é Natasha Owen. — No momento em que ela disso, teve certeza. — Se tivéssemos tempo, teríamos voltado à casa deles. — Ela quase tinha ligado para Burnett e pedido que o toque de recolher fosse prolongado, mas como era sua primeira noite trabalhando no caso, sabia que ele iria recusar. — Mas se voltarmos agora...

— Não, já é tarde. Vocês precisam descansar. Podem ir amanhã à noite.

Burnett passou a mão pelos cabelos e olhou para a porta. Della podia ouvir alguém subindo os degraus do escritório, lá fora. Em seguida ela ouviu o balbuciar de um bebê.

— Por que você acha que o sobrenome dela é Owen? — perguntou Burnett, desviando os olhos para a porta, obviamente esperando que a esposa e a filha entrassem.

Della olhou para Chase. Ela não tinha perguntado a ele mais cedo. Provavelmente porque não queria pensar nisso.

— Eu senti algo na casa dela. Uma tristeza. Eu acho que o fantasma estava lá. Não senti o mesmo na casa dos Brian.

Chase franziu a testa.

— Você sentiu também? — Della perguntou a ele.

— Sim — disse ele. — Mas eu achei que tinha imaginado.

Eu também, Della pensou, mas não disse.

— Tudo bem — disse Burnett. — Vocês podem voltar amanhã. Talvez descubram alguma coisa.

— Ei, vão devagar! — disse Holiday, de pé na porta com o bebê apoiado no quadril. — Estou um pouco preocupada com isso.

Hannah Rose começou a agitar as mãos ao ver o pai. Burnett estendeu a mão para ela, aproximando a garotinha do peito.

— Eu consultei a polícia local sobre a família Brian e os Owen. Nenhuma das duas famílias tem histórico criminal. Eu não acho que representem qualquer perigo.

Holiday franziu a testa.

— Não é com eles que estou preocupada. — O olhar da *fae* de cabelos ruivos passou de Della para Chase.

— Então, com quem é? — perguntou Della, quase certa de que a amiga iria dizer alguma coisa sobre Chase. Os ombros de Chase enrijeceram como se ele tivesse pensado a mesma coisa.

— O fantasma — explicou Holiday.

— Por que o fantasma iria nos fazer algum mal? — perguntou Della. — Tudo o que ela quer é que a gente encontre Natasha.

— Eu concordo — disse Chase.

— Talvez. — Holiday pegou uma mecha de cabelo e a enrolou no dedo. — Mas ela conseguiu fazer com que vocês dois tivessem a mesma visão, e se ela fez o que Burnett me contou, com aqueles nomes na parte de trás da foto, então é muito poderosa. Um fantasma com esse tipo de poder, e desesperado, pode ser perigoso. Mesmo que suas intenções não sejam ruins. Já se sabe que os espíritos podem causar deslizamentos de terra, tornados. O último engavetamento de vinte carros que aconteceu em Los Angeles foi provocado por um espírito.

Della pensou no acidente que quase tinha acontecido na autoestrada. Aquilo não teria sido obra de um fantasma, teria? Por que ela iria tentar prejudicá-los se estavam tentando ajudá-la?

— Eu não vou parar de procurar Natasha — Della insistiu e lançou um olhar para Chase com a esperança de avisá-lo para que não falasse sobre o acidente em que quase tinham se envolvido. Se Holiday ou Burnett pensassem que o fantasma era perigoso, ficariam mais propensos a pôr um fim na investigação.

Os olhos de Chase se arregalaram quando ele se lembrou do acidente. Della sacudiu a cabeça muito discretamente.

Holiday falou outra vez.

— Eu não estou sugerindo que vocês parem. Só tentem conseguir um pouco mais de informações antes que o fantasma envie vocês em tentativas inúteis de encontrar uma pista.

Della agradecia a preocupação de Holiday, mas...

— Você disse que fantasmas fazem o que querem, quando querem. Não é como se eu pudesse mandar uma mensagem para ela me enviar mais informações.

— Mas se você parar de seguir as orientações dela, ela vai ser forçada a recorrer a outra coisa. Quanto mais informações ela der a vocês, mais serão capazes de descobrir.

— Eu não quero parar — disse Della, e o fantasma não queria que ela parasse, também. Ela sentia isso, não gostava de sentir, mas sentia. — Natasha e Liam vão morrer se a gente não encontrá-los. E rápido.

Della viu nos olhos de Holiday novamente. Ela não achava que eles estivessem vivos.

— Não diga isso! — disse Della, inclinando o queixo em desafio.

— Não diga o quê? — perguntou Chase.

Della olhou para ele.

— Eu disse a você, ela acha que eles já estão mortos.

— Eles não estão mortos — disse Chase, com a mesma convicção de Della.

Encontre Natasha!

A voz veio tão alto em sua cabeça que Della se encolheu. Quando olhou para Chase, ele estava com os olhos fechados. Ele tinha ouvido, também.

— Eu sei que é difícil aceitar, mas nós não sabemos se eles estão vivos — disse Holiday.

No mesmo instante, a temperatura na sala caiu tão abruptamente que todos começaram a exalar vapor com a respiração. Um vaso de vidro com flores que estava na borda da mesa de Holiday

explodiu em pedaços. O vidro caiu de um lado, a água de outra. A água se transformou em pedacinhos de gelo, como sorvete, e todos os pedacinhos rolaram pela mesa até formar letras.

V

I

V

A

Logo depois que o A se formou, a porta do escritório de Holiday bateu com um estrondo tão alto que produziu um eco através do ar gelado.

Todos os pedacinhos de gelo rolaram pela mesa e caíram no chão, quicando até derreter.

Della prendeu a respiração, com medo de respirar. Ela viu o mesmo pânico evidente no rosto de Chase. Burnett apertou mais a filha no colo.

Holiday simplesmente levantou a sobrancelha direita.

— Então, tudo bem — disse ela, parecendo completamente calma. — Talvez eles estejam vivos.

Trinta minutos depois, Della e Chase foram dispensados após mais avisos para que tivessem cautela, mas com a promessa de Holiday e Burnett, e até com um balbucio de aprovação de Hannah, de que avançariam na investigação.

Burnett concordou que poderiam ir no dia seguinte à tarde ver se encontravam a família Owen em casa. Eles também dariam uma volta pelo bairro onde Liam morava para ver se conseguiam descobrir alguma coisa.

Burnett iria voltar e interrogar os homens presos durante o caso Craig Anthony e ver se ele conseguia “persuadi-los” a dar alguma informação sobre os últimos vampiros desaparecidos. Pelo olhar de preocupação do vampiro durão, Della teve certeza de que não queria saber que método de persuasão ele usaria.

Enquanto caminhavam para a varanda, Chase ficou perto dela. Sob a lua quase cheia, ela se afastou da varanda e se voltou para a trilha de volta à sua cabana.

— Venha comigo até o carro — disse ele em voz baixa.

— Por quê? — Uma imagem de Steve, com os olhos cheios de dor, encheu a cabeça e o coração de Della, e a mesma culpa de antes se esgueirou pela sua consciência.

Franzindo a testa, Chase desviou os olhos de volta para a cabana, como se dissesse que ele queria ter certeza de que ninguém estaria ouvindo.

Ah, mas que droga, ela só ia levá-lo até o carro. Tinha passado o dia com ele, ela poderia ficar mais alguns minutos. Além disso, uma vozinha um pouco culpada sussurrou que Steve tinha ido embora.

Quando passaram pelo portão até o estacionamento, o ombro de Chase roçou no dela e ela deu um passo rápido para o lado. Ele olhou para ela e franziu a testa, e depois falou.

— Aquilo foi assustador.

— Não se preocupe, eu vou te proteger — disse ela com ironia.

Chase olhou para ela.

— Você sempre tem que bancar a espertinha?

— Só com pessoas especiais — disse ela.

— Então você admite que sou especial. — Ele sorriu. Mas o sorriso desapareceu rapidamente. Chase passou um dedo sob o olho dela. — Você parece cansada.

Ela afastou o dedo dele.

— Eu estou bem. — Mas, na verdade, ele estava certo. Ela estava cansada. À beira da exaustão. E não tinha sequer começado a digerir tudo o que tinha acontecido naquele dia. Chase balançou a cabeça.

— Você acha que foi o fantasma que quase causou o acidente na estrada?

Um frêmito de medo agitou suas entranhas quando Della pensou na possibilidade de que o fantasma tivesse todo aquele controle.

— Eu não vejo por que ela faria isso.

— Eu sei, mas foi estranho. Eu não sei se você viu, mas todos os carros começaram a andar de um jeito meio louco antes de tudo acontecer. E por um segundo, foi quase como se o carro estivesse fora de controle.

— Você acha que ela tomou posse do carro? Tomou posse de um monte de carros na autoestrada? — Della perguntou, sem querer acreditar. Não. Não ela não queria!

— Depois do que ela fez lá, eu acho que é possível. Além disso, Holiday disse que...

— Não. — Della balançou a cabeça. — Ela fez aquela coisa esquisita com o gelo só para provar que estava lá. Não precisava provar nada na rodovia.

Ele suspirou como se acreditasse nela só até certo ponto. Para ser sincera, ela também só acreditava até certo ponto.

— Tudo que eu sei é que não gosto disso. — Chase baixou a voz como se tivesse medo de que o fantasma pudesse estar ouvindo. — E eu quero que você diga a ela para parar com essa merda. Faça com que ela saiba que faremos o máximo para achar Natasha e Liam, mas só se ela parar de mexer com o meu carro e com a minha cabeça.

— Espere aí! — disse Della. — Deixe-me ver se entendi... Você quer que *eu* diga isso a ela? — O sarcasmo exalava das palavras da vampira.

— Quero — Chase afirmou, como se não visse problema algum.

— Por que você mesmo não diz? — ela rebateu, com a mão na cintura.

Ele fez uma careta.

— O fantasma é seu.

— É meu? Por que diabos o fantasma é *meu*?

— Porque está mais perto de você.

— Quem disse?

Chase abriu a boca e nada saiu imediatamente. Em seguida as palavras jorraram dos lábios dele.

— Porque... Porque ela... — Seus olhos se arregalaram como se ele tivesse pensado em algo. — Porque ela deu a você a foto de Natasha. E Natasha tem alguma ligação com a sua família.

O raciocínio dele fazia sentido, todo o sentido, mas Della não queria ver dessa forma. Recusava-se a enxergar dessa maneira. Ela não queria ficar sozinha nessa com uma pessoa morta. Compartilhar com *ele* não era a situação ideal, mas a ideia não tinha sido dela.

— Isso não faz com que ela seja minha — Della insistiu. — Ela fala com nós dois. Nós temos a guarda conjunta aqui, amigo. Você devia ter pensado nisso antes de se ligar a mim. E não tente fugir da sua responsabilidade.

— Ela é um fantasma! — Chase contestou. — Não um bebê.

— É a mesma coisa! — ela murmurou e se virou para ir embora.

— Há uma grande diferença. — As palavras dele ainda chegaram aos ouvidos dela. — Tchau — Chase disse quando ela não parou de andar. — Até amanhã.

— Tchau — Della gritou, mas sem olhar para trás.

Ela começou a descer a trilha escura. Uma dor apertou o seu peito. Cada passo na direção da cabana machucava um pouco mais. Machucava como se ela estivesse se afastando de algo que a fazia se sentir em casa, em vez de estar andando em direção a ela. A sensação de estar sozinha a consumia.

Ou talvez não tão sozinha.

Um estranho ruído repetitivo de sopro a acompanhava. Um tipo de sopro repetitivo e bem assustador. O coração dela deu um pequeno salto.

Será que fantasmas provocavam aquele ruído? E cheiravam... à galinha?

Capítulo Dezoito

Recusando-se a ceder à vontade de sair correndo dali, Della se virou, as presas já projetadas e os olhos como se já brilhassem.

Um pássaro enorme ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Sou só eu. — A voz de Perry saiu do bico do pássaro enquanto bolhas brilhantes começaram a aparecer, sinalizando que o metamorfo estava mudando de forma.

— Você tem noção de que eu poderia ter arrancado a sua cabeça? — ela sibilou, assistindo enquanto o pássaro sumia e Perry aparecia em seu lugar.

— Porque eu a assustei ou porque você está com raiva de mim? — ele perguntou, as palavras um pouco atrapalhadas pelo bico em processo de se transformar em lábios. Della desviou o olhar, era muito assustador assistir aquilo.

Olhando para as árvores, levou apenas uma fração de segundo para ela se lembrar da razão por que deveria ficar furiosa com ele. Perry estava indo embora. E sem contar o fato de que ela iria sentir falta do imbecil. Uma das melhores amigas da vampira ficaria devastada.

Della não gostava de pessoas que devastavam alguém de quem ela gostava. Mesmo quando a pessoa que estava causando essa devastação também fosse seu amigo.

Ela se virou para Perry novamente.

— Definitivamente, porque estou furiosa. E eu não estava com medo! — Seu coração batia com a melodia de uma mentira, mas metamorfos não podiam ouvi-la, então sua pequena mentira branca não contava. — Você sabe o que sua partida vai fazer com Miranda?

Ele franziu a testa e chutou a terra.

— Vai me machucar também. Mas o que eu posso fazer? Recusar a oferta? É a minha única chance de talvez...

— Talvez o quê? — perguntou Della.

— Nada — disse ele.

— Não venha com essa de “nada” pra cima de mim! O que você ia dizer?

Perry chutou outra pedra no chão.

— De mudar as coisas.

— Mudar o quê?

— Eu — ele disse.

Della balançou a cabeça.

— Não há nada de errado com você.

— Certo — ele disse, como se achasse que Della só estava falando por falar. Será que ele não podia ver que ela estava cansada demais para só falar por falar?

— O que há de errado com você? — perguntou ela, de repente, percebendo que não entendia por que Perry estava indo para aquela escola. Ela conseguia entender por que Steve iria. Ele faria um curso intensivo de medicina sobrenatural. Mas Perry não estudava medicina.

— Desembucha, menino pássaro! — Della soltou. — Estou morta de cansaço e não quero demorar muito nessa conversa.

— Você ainda não percebeu que eu tenho que me esconder no dia dos pais? E se Burnett me convoca para um caso, eu já tenho que ir transformado?

— Por quê?

— Porque eu não consigo controlar as coisas.

— Que coisas? — perguntou Della.

— A cor dos meus olhos. E quando fico nervoso eu... me transformo sem querer.

Della vasculhou a memória.

— Então você se transformou num dragão e num leão descomunal uma ou duas vezes. Isso não é o fim do mundo.

— Não aqui, certo? Mas se for no mundo humano? Isso poderia provocar um verdadeiro caos.

Della não podia negar. Seria uma notícia em rede nacional. Ela podia até imaginar a CNN noticiando. Eles provavelmente colocariam a culpa num dos partidos políticos. Ou então nas pesquisas relacionadas às células-tronco.

— E você realmente não consegue controlar?

— Bem que eu gostaria.

Seu coração, já partido de uma centena de maneiras diferentes, ainda se condoía pelo metamorfo.

— Então vá aprender a se controlar e volte logo. Miranda é louca por você, eu tenho certeza de que ela vai esperar.

— Ela não deveria.

— O quê? — perguntou Della. — Ah, droga! Por favor, não me diga que você está rompendo o namoro com ela.

— Não estou rompendo, apenas dando um tempo.

— Dá no mesmo, idiota. Você não pode fazer isso com ela!

— Você e Steve fizeram.

Della ficou atônita.

— Não. Steve e eu não estávamos juntos. Você não pode romper com ninguém se não estiver namorando a pessoa. — Era mais uma mentira do ponto de vista emocional. Eles estavam namorando, sim, mas ela ignorou esse detalhe, ignorou a pontada de dor que a mentira provocara. Neste momento, ela apenas sentia por Miranda.

— Por que diabos você está fazendo isso? — Della fervia.

Os olhos azuis dele se estreitaram.

— Ela precisa descobrir o que quer.

— Dã, ela já sabe! Ela quer você. — E foi então que um pensamento lhe ocorreu. E esse pensamento disparou para seu estômago, queimando e a deixou completamente fora de si. A raiva espantou sua exaustão. — Isso tem a ver com sexo? — ela perguntou. — Porque se tiver, eu vou torcer o seu pescoço.

A pergunta pareceu chocá-lo.

— Não!... Quero dizer...

— Homens! — Ela fervia. Della se aproximou e espetou o dedo no peito do metamorfo. — Ouça aqui, seu tarado! Ninguém deve ser forçado a fazer algo se não está preparado. Especialmente quando se trata de tirar a roupa.

— Não é... Você não entende.

— Ah, eu entendo muito bem. — Ela deu outro cutucão em Perry. — Os caras são uns cretinos que pensam que, se não podem conseguir o que querem de uma garota, só têm que seguir em frente e tentar com outra pessoa.

— Pode parar! — ele ordenou, seu tom profundo vibrando de frustração. — Você não entende.

Os olhos dele ficaram vermelho brilhante. Perry estava prestes a se transformar em algo grande e cruel, mas, com o humor em que Della estava, ela ficaria feliz se isso acontecesse. Estava louca para torcer o pescoço dele.

Mas, antes que começasse a se transformar, o banana se virou e foi embora.

— É isso mesmo! — ela gritou para ele. — É melhor você pôr o rabo entre as pernas e correr. — Então Della se tocou. — A propósito, você foi capaz de se controlar muito bem! Você não precisa ir para Paris. Fique com Miranda.

Perry não respondeu. Apenas continuou andando. Irritada, ela começou a correr para a sua cabana, pronta para encontrar Miranda chorando. Para sua grande surpresa, apenas o silêncio a recebeu quando ela abriu a porta.

Silêncio e um calafrio.

Ela parou e olhou em volta, à espera de que pedacinhos de gelo começassem a cair. Mas então o frio desapareceu. Dizendo a si mesma que estava imaginando coisas, ela se dirigiu para seu quarto, mas viu o bilhete sobre a mesa da cozinha. Chegou mais perto, quase com medo de que tivesse sido deixado pelo fantasma, mas relaxou quando viu que estava escrito na caligrafia de Kylie.

Della, não sabíamos quando você voltaria. Miranda foi para uma reunião de bruxas e estou com Lucas. Mas, se precisar de nós, é só ligar e voltamos num piscar de olhos. Vou ouvir você e Miranda desabafarem.

Melhores amigas para sempre!

Della suspirou.

Aquelas duas eram demais. Ela quase tirou o celular do bolso, mas não quis dar uma de carente. Ela as veria quando chegassem em casa. Ao entrar em seu quarto, seu olhar se concentrou na cama.

Instantaneamente, tudo o que ela queria fazer era rastejar até lá e cair no sono. Não queria pensar. Não queria chorar. Sono e esquecimento. Uma hora, talvez duas. Desde que ela tinha renascido, isso era de tudo que realmente precisava para ficar novinha em folha.

Caiu de costas na cama, com os olhos fechados no momento em que seu corpo encontrou o colchão. O sono demorou segundos, estava tão perto como se ela pudesse tocá-lo, mas seu telefone, ainda enfiado no bolso, vibrou com a chegada de uma mensagem.

Não olhe, uma voz sussurrou dentro de sua cabeça. Ela gemeu, então, incapaz de resistir, tirou o celular do bolso e ficou de costas. Tinha que se concentrar para ficar de olhos abertos.

Assim que viu o número, baixou a cabeça e ficou de bruços, sobre a almofada. E a dor que ela estava ignorando aumentou em seu peito.

Levantando-se novamente, leu a mensagem.

Oi... Achei que seria mais fácil simplesmente dizer adeus dessa forma. Vou sentir sua falta. Bye, Steve.

Ele enviou a ela uma carinha infeliz. Como se a carinha infeliz fosse fazê-la se sentir melhor. Ela enfiou o rosto no travesseiro e chorou até dormir.

Duas horas mais tarde, Della despertou com alguém subindo os degraus da varanda. Ela abriu as pálpebras pesadas e fungou o ar para ver se conseguia identificar o visitante. A porta da cabana se abriu e Della reconheceu o cheiro fresco de ervas que pertencia a uma certa bruxa. Relembrando seu breve encontro com Perry, o coração de Della imediatamente ficou apertado pela amiga.

Miranda abriu uma fresta da porta e enfiou a cabeça.

— Você está acordada?

Della se sentou.

— Sim. Mas nada de abraços, ok? — As palavras saíram da sua boca antes que ela visse o olhar nos olhos inchados da amiga.

Della não tinha sido a única a chorar aquela noite. Naquele momento, ela desejou ter chutado o traseiro de Perry.

A amiga não merecia aquilo.

E Miranda merecia mais do que Della. A bruxa merecia Kylie. Kylie sabia como lidar com mágoas. Della sempre dizia a coisa errada. Mesmo quando se esforçava para dizer a coisa certa.

— Você está bem? — Miranda perguntou.

A bruxa estava sofrendo, estava em pedaços, Della quase podia ouvi-la chorando por dentro e, ainda assim, a sinceridade na voz de Miranda dizia que a garota estava preocupada com ela.

— Você me conhece, nada consegue me derrubar. — O coração dela deu um salto, revelando a grande mentira.

— O que Steve queria? — perguntou Miranda.

— Terminar comigo — disse Della, reprimindo qualquer indício de fraqueza.

— Eu queria ser mais parecida com você — disse Miranda.

Não, você não queria.

— Como você está? — perguntou Della, porque parecia a coisa certa a dizer, mas ela realmente não queria ter perguntado. A dor de Miranda pairava no ar como uma nuvem.

— Arr... asada. — A respiração de Miranda tremeu com um suspiro.

Droga, Miranda era sua amiga.

— Ok, um abraço — Della concordou. Ela conseguiria suportar um; então, se tivesse sorte, Miranda iria para a cama.

A bruxa entrou como um tufão no quarto, caiu sobre a cama e colocou os braços ao redor de Della. E não foi somente um abraço e ir para a cama. Era o tipo de abraço que a pessoa dá quando não quer mais ir embora.

E por mais louco que aquilo fosse, nem Della queria que a amiga fosse embora. Queria que as coisas continuassem do jeito que estavam. *Vai ficar tudo bem*. Ela ouviu as palavras de Chase, mas Della sabia que “tudo bem” significava que Steve não estaria por perto. E nem Perry.

Capítulo Dezenove

— Eu só... não entendi essa droga de história de... dar um tempo — Miranda chorava no ombro de Della. — As pessoas não fazem esse tipo de coisa.

Sim, elas fazem. As lágrimas quentes da bruxa molhavam a camiseta de Della e a vampira pensava em todas as pessoas que tinham saído da sua vida nos últimos tempos. Então, finalmente se sentindo desconfortável com o abraço, conseguiu se desvencilhar dos braços de Miranda. Abraços nunca deviam durar mais do que quinze segundos.

— Vai ficar tudo bem. — Della repetiu as palavras de Chase, mas sem a mesma convicção de quando ele as tinha dito. O que ela queria dizer era que tudo aquilo era uma droga. E no topo da lista de coisas que eram uma droga estava o fato de Della ser uma droga em consolar pessoas.

— Não, não vai! — Miranda rebateu. — Eu disse que esperaria por ele. Três semanas, meses, anos. Eu não me importo. Mas Perry disse que não, que não era justo pedir que eu esperasse. Então ele falou que, se eu ainda amá-lo quando ele voltar, nós podemos voltar às boas e ser felizes.

— Voltar às boas? Quem é que ainda diz uma merda dessas? — Della berrou, dizendo a primeira coisa que lhe veio à mente, e pela expressão nos olhos de Miranda talvez tivesse sido a coisa errada.

A bruxa respirou algumas vezes em meio aos soluços, cobriu o rosto com as mãos, e chorou por mais um minuto inteiro. Então olhou para cima com os olhos tão borrados de rímel que ela parecia mais um guaxinim.

— Quer que eu leve você pra cama? — perguntou Della, esperando que a bruxa dissesse que sim antes que ela falasse algo que deixasse tudo pior.

Miranda nem a ouviu, ou não conseguiu, no seu estado emocional.

— Perguntei se ele ainda me amava. Sabe o que ele disse?

— Algo terrível, tenho certeza — respondeu Della.

— Disse que não podia nem imaginar o que era não me amar.

— Babaca! — xingou Della, ainda tentando dar o seu melhor, mas se encolhendo ao perceber quanto era incapaz de consolar alguém.

— Então ele disse que precisávamos olhar para isso de forma racional. — Miranda soltou um gemido alto e agudo. — Ele está agindo como... um adulto!

Ela disse a última palavra como se tivesse sentido um gosto ruim na boca.

— Sim, quem quer uma coisa dessas? — disse Della.

— Eu sei. Não quero ser adulta quando se trata desse assunto — continuou Miranda. — Eu sei que um relacionamento à distância vai ser difícil, mas será que ele se importa tão pouco comigo

a ponto de não querer nem tentar? Vai simplesmente desistir. Acho que ele pensa que não vale a pena nem tentar fazer com que dê certo.

Um nó se formou no peito de Della. Não era isso exatamente que ela sentia com relação a Steve? Ele estava desistindo dela, dos dois, e mesmo que ela tivesse alguns sentimentos confusos com relação a Chase, não estava pronta para desistir de Steve.

Ah, ela sabia que não era justo querer se agarrar a ele, mas, caramba, aquilo doía!

— Eu sinto muito — disse Della, dessa vez com total sinceridade, e deu na bruxa outro abraço, seu coração tão dolorido quanto o da amiga.

Uma hora depois, Della estava em silêncio. Miranda, ocupando metade do travesseiro de Della, tinha chorado até dormir.

Della ouviu Kylie entrar na cabana. A camaleão parou na sala de estar e escutou. Provavelmente tinha virado vampiro para sintonizar a sua superaudição e saber quem estava em casa.

Ela foi até a porta de Della e abriu uma frestinha. Ela só rangeu uma vez.

— Shh — implorou Della numa voz mais baixa que um sussurro. — Se acordá-la, você é que vai ter que fazê-la dormir da próxima vez. Isso me custou cinco abraços.

Della se arrastou para fora da cama com a lentidão de uma lagarta. Kylie voltou para a sala de estar e Della fechou a porta com cautela e silenciosamente. Elas saíram da cabana e foram até a varanda da frente. Cada uma se sentou numa ponta e deixaram os pés balançando alguns centímetros acima da relva.

— Sinto muito. — Kylie olhou para ela e mordeu o lábio inferior. — Eu devia ter voltado horas atrás. Holiday perguntou se Lucas e eu poderíamos ir ao Walmart. Eles ficaram sem ovos e perguntou se podíamos dar uma corridinha até lá. Liguei para Miranda e ela disse que tudo bem. Eu não achei que você já estivesse em casa. E não sabia que íamos demorar tanto.

— Está tudo bem — disse Della.

Kylie olhou para trás, em direção à porta.

— Ela está muito arrasada?

— Está simplesmente sendo Miranda — disse Della.

— Então ela está arrasada. — Kylie sorriu tristemente. — E você cuidou dela apesar de estar sofrendo também. Que droga!

— Eu estou bem — disse Della.

— Mentirosa. — Kylie, obviamente, ainda no modo vampira, inclinou a cabeça ligeiramente para o lado como se ouvisse o coração de Della vacilar.

— Ok, estou sofrendo, mas sou mais dura na queda.

— Não — disse Kylie. — Você apenas finge melhor. — Ela olhou para Della como quem diz “desembucha”. — O que Steve queria?

Della suspirou.

— Como se Miranda não tivesse contado.

— Ela contou — disse Kylie —, mas eu tinha receio de que tivesse algo mais.

— Teve algo mais — disse Della, seu coração revivendo a dor. — Ele disse que não suporta ver Chase e eu trabalhando juntos.

— Não é a mesma coisa que vê-lo trabalhar no consultório do veterinário com aquela sirigaita sorridente que morre de tesão por ele?

— Ele não acha.

— O que você acha? — perguntou Kylie.

— Eu acho... Ah, eu não sei o que eu acho. Sinto um milhão de coisas diferentes agora, e nenhuma delas é boa.

Kylie soltou um suspiro profundo, cheia de empatia.

— Então, ele vai embora mesmo?

Della assentiu com a cabeça e sentiu um nó na garganta, então seus pensamentos se voltaram para Miranda dormindo em sua cama.

— Eu até entendo por que Steve está fazendo isso, mas Perry... Isso me irrita. Você acha que é porque Miranda não transou com ele? Eu fui direta e perguntei, mas ele negou e seu coração não o acusou de ser mentiroso, mas eu não tenho certeza se acredito nele.

Kylie puxou uma das pernas e abraçou-a.

— Eu posso estar errada, mas não acho que seja isso. Não Perry. Ele é tão apaixonado por Miranda!

— Sim, mas você sabe o que eles amam mais do que qualquer outra coisa.

Kylie deu de ombros.

— Por mais triste que pareça, eu realmente acho que Perry está tentando fazer a Miranda um favor. Eu encontrei com ele esta tarde e parecia tão deprimido que dava até dó.

— Dã. Então, ele que não faça essa droga de viagem para Paris! Isso é tão difícil?

— Muito difícil — disse Kylie. — Coloque-se no lugar dele. Ele praticamente não pode entrar em contato com o mundo humano. Você e eu, nós pensamos em fazer faculdade e no que vamos fazer da vida. Ele não pode fazer a mesma coisa. Se não conseguir aprender a se controlar, vai ter que se esconder pelo resto da vida. E tenho certeza de que Miranda fala sobre o que ela quer fazer. Perry deve se sentir um empecilho na vida dela.

— Caramba! Ser um adolescente sobrenatural é um saco.

Kylie suspirou.

— Eu achava um saco ser uma adolescente humana, também.

— Eu não achava — disse Della. — Era ótimo.

Kylie olhou para ela.

— Você não me disse que seus pais queriam que você fosse médica?

— Sim — confirmou Della.

— E você ia fazer isso apenas para agradá-los?

— Não — disse Della.

— Então cedo ou tarde você seria obrigada a enfrentá-los, e então as coisas não seriam tão maravilhosas assim. Eu só estou dizendo que tanto os seres humanos quanto os seres sobrenaturais têm que enfrentar uma barra-pesada quando são adolescentes.

— Talvez — disse Della num tom insolente. — Mas ser vampiro só põe mais lenha na fogueira. E não conseguir impedir a si mesmo de se transformar num dragão cuspidor de fogo deve ser pior ainda.

— É verdade — Kylie admitiu. — Ver o seu falecido pai andando por aí quando você nem sabia que ele era seu pai também não é moleza. Mas eu conheço crianças humanas que tiveram que passar por coisas tão ruins quanto isso.

Kylie mordeu o lábio.

— Olhe a minha amiga, Sara. Ela tinha câncer.

Della balançou a cabeça.

— Sabe, você parece Holiday quando fala. Lógica, otimista.

— Nossa, pareço tanto assim? — Kylie franziu a testa. — Eu detesto quando ela fala de algo absurdo e argumenta de um jeito que aquilo até passa a fazer sentido.

Della riu.

— Você seria uma conselheira perfeita. — Depois acrescentou: — Pense nisso, talvez você possa me ajudar a fazer com que alguma coisa faça sentido.

— Conselheira Galen a seu dispor! — Kylie brincou. — O que a aflige? Espere. Deixe-me adivinhar. Um certo vampiro tentou te beijar hoje e você não sabe como se sente a respeito?

Della franziu a testa.

— Não é isso. — Ele não a tinha beijado, mas Kylie tinha acertado em cheio ao dizer que ela não sabia como se sentia.

— Então ele não tentou beijá-la? — Kylie perguntou, inclinando a cabeça para ouvir o coração de Della.

— Não. Eu pensei que ia fazer isso, mas não fez.

— Então ele não estava muito romântico?

A mente de Della levou-a de volta ao momento em que ela se inclinou sobre Chase, em que ele a envolveu em seus braços. Então ao momento em que ele tocou a orelha dela. E isso a levou de volta à toda aquela história do nariz na virilha dele. Um riso inesperado escapou de seus lábios.

— O que foi? — perguntou Kylie.

Della não sabia se contava ou não, mas então se deu conta de que aquilo era exatamente o tipo de coisa que elas contavam uma para a outra. As coisas loucas, idiotas, constrangedoras. Era para isso que serviam as amigas. Para contar tudo uma às outras.

Apesar da temperatura baixa, o rosto de Della ficou quente. Então ela não aguentou e contou a Kylie que tinha visto o pai na autoestrada.

— Será que ele viu você? — Kylie perguntou com preocupação.

— Não. Eu... me escondi. O estojo da máquina de Chase estava ocupando o assoalho do carro, então eu... eu tive que deitar de bruços no colo dele. E acho que o meu queixo talvez tenha machucado os testículos dele.

Kylie começou a rir e Della se juntou a ela. Elas riram tanto que não ouviram uma pessoa se movendo atrás delas.

— O que é tão engraçado? — perguntou Miranda, parecendo sonolenta. Ela se sentou ao lado das amigas, balançando os pés do lado de fora da varanda também. Della repetiu a história sobre enfiar o nariz na virilha do Pervertido da Calcinha.

E as três ficaram lá, sentadas no escuro, os grilos cantando à distância, rindo como garotas. Quando conseguiram parar, Kylie olhou para Della.

— Então, por que você precisa da minha ajuda para algo fazer sentido?

Della olhou para Miranda, sabendo que a garota não iria gostar do assunto. Droga, Della não gostava do assunto também, mas precisava de conselhos e Kylie era muito boa nessas questões. Especialmente se fosse algo que ela não queria que Holiday ou Burnett soubessem.

— Fantasmas.

Kylie fez uma cara engraçada, então olhou para Della toda séria.

— Fantasmas raramente fazem sentido.

Miranda soltou um gemido.

— Eu prefiro pensar que vocês é que estão pondo o nariz onde não são chamadas.

Della fez uma careta.

— Então talvez você prefira voltar lá para dentro.

— Acho que não. Prefiro ficar aqui, com vocês duas falando de fantasmas, do que sozinha lá dentro sabendo que vocês estão aqui falando de fantasmas. Minha imaginação pode ser mais assustadora do que a verdade.

Della não concordava. O que ela tinha para falar era bem assustador.

Capítulo Vinte

Della contou a Kylie sobre o acidente na autoestrada e o que Holiday tinha dito sobre fantasmas que são capazes de causar confusões como aquela.

— Você viu o fantasma quando isso aconteceu? — perguntou Kylie.

— Não, eu não a vi em momento algum. Eu só a ouço. Sinto uma presença fria.

— E você ainda não sabe quem ela é?

Della se lembrou de que Holiday e Kylie haviam dito que ela provavelmente tinha uma conexão com o fantasma.

— Não. Mas nós já sabemos qual é a conexão. É que Chan conhecia Natasha.

Kylie fez uma expressão de dúvida.

— Na maioria das vezes, é mais do que isso.

— Bem, desta vez não é — insistiu Della.

— Você a sentiu quando o acidente estava prestes a acontecer? — perguntou Kylie.

— Eu não sei — Della respondeu com sinceridade. — Aconteceu tão rápido e então eu vi meu pai e...

— Foi quando você viu seu pai? — perguntou Kylie.

— Sim — confirmou Della, percebendo que não tinha associado as duas coisas. — Você acha que ele tem alguma coisa a ver com isso?

— Dã — acrescentou Miranda, intrometendo-se na conversa.

Della fez cara feia para a bruxa.

— Se você não pode dizer nada construtivo, então fique de boca fechada.

A bruxa fez uma careta de volta.

— Eu poderia dizer algo construtivo, mas você não vai querer ouvir.

— O que eu não quero ouvir? — Della perguntou, irritada.

Miranda olhou para Kylie como se pedisse permissão para falar.

— Você não precisa da aprovação dela. Basta dizer — Della despejou.

— Bem. Você age como se você não soubesse quem é o fantasma, mas eu acho que está na cara.

— Não é Natasha — Della discordou.

— Eu não estou dizendo que é Natasha.

— Então, quem é? — Della e Kylie perguntaram ao mesmo tempo.

Miranda olhou para ambas e, em seguida, pareceu estar quase com medo de dizer.

— Sua tia.

— Minha tia Miao está viva.

— Não, a outra.

Della ofegou.

— Você quer dizer Bao Yu?

— Ela não foi assassinada?

Della assentiu.

— É, é ela. Isso faz sentido. Ela viu seu pai, se assustou e fez todos os carros perderem o controle...

— Não! — Della sentiu um ardor no peito e seus olhos ficaram incandescentes. — Meu pai não matou a irmã!

Miranda deu um pulinho para o lado, afastando-se da vampira.

Kylie estendeu a mão e gentilmente segurou o braço de Della. A emoção calma que irradiava do toque dizia a Della que a camaleão tinha se transformado em *fae*.

— Eu não disse que ele a matou — respondeu Miranda, num tom compreensivo.

— Ela poderia ter surtado por vários motivos ao ver seu pai.

— Que motivos? — perguntou Della, o toque calmante de Kylie amenizando sua fúria, mas não o medo. Gostasse ou não, o que Miranda dissera fazia sentido. E Della na verdade não queria acreditar.

As sobrancelhas de Miranda se ergueram.

— Eu não consigo pensar em nada agora, mas tenho certeza de que existem alguns. Não existem, Kylie?

— Claro! — disse Kylie, não parecendo muito confiante. — Mas primeiro precisamos saber se é de fato o fantasma da sua tia. Em segundo lugar, supondo que o fantasma seja ela, ainda não sabemos se ela provocou a perda de controle dos carros porque está com raiva.

— Certo — disse Miranda. — Talvez ela quisesse que você e seu pai se vissem para que fizessem as pazes e parassem de brigar. — Miranda colocou os braços sob a blusa para se proteger do frio.

— Se ele tivesse me pego andando por aí com um cara gostoso num conversível caríssimo, não teríamos feito as pazes.

Kylie puxou o outro pé e abraçou os dois joelhos.

— Talvez ela estivesse avisando que ele estava lá, pois não queria que você fosse apanhada. — Miranda desviou os olhos para Kylie. — Você se tocou que ela chamou Chase de o cara de gostoso?

Della rosnou.

— Não pode ser minha tia. O que a minha tia, uma adolescente que foi assassinada há quase vinte anos, teria a ver com Natasha?

Logo em seguida, uma brisa tão fria que veio com pedacinhos de gelo soprou sobre elas. Pedacinhos minúsculos de granizo começaram a quicar no alpendre.

Calafrios arrepiaram os pelos do pescoço de Della e ela se lembrou do que tinha acontecido mais cedo no escritório com a água e o gelo. Olhou para Kylie e a amiga encontrou seu olhar, os

olhos arregalados como se estivesse tentando dizer alguma coisa.

Miranda começou a bater os dentes quase no mesmo ritmo do gelo, contra a cerca de madeira.

— Me digam que... — plin, plin — Essa... essa é uma tempestade normal.

— Esta *é* apenas uma tempestade normal — disse Kylie, se levantando. Della nem sequer tentou ouvir o coração de Kylie para saber se ela estava mentindo. A verdade, juntamente com o medo, estava refletida em seus olhos azul-claros.

Miranda se encolheu toda e olhou para a camaleão.

— Você está querendo me enrolar, não é?

— É isso aí! — Kylie olhou em volta. Della seguiu seu olhar e não viu nada, mas isso não significava que o fantasma não estivesse lá.

— É melhor a gente ir para dentro — Kylie sugeriu, parecendo desconfiada. E logo em seguida um raio atingiu o chão, na frente da varanda. A corrente elétrica vibrou no ar. Os pelos dos braços de Della se arrepiaram.

Sem perder tempo, Miranda ficou de pé e atravessou a porta da cabana. Della esperou por Kylie para seguir a bruxa. Com suas amigas seguras lá dentro, Della deu um passo para fazer o mesmo. Antes que ela cruzasse o limiar, a porta se fechou com um estrondo que foi seguido por outro raio de sacudir o chão.

— Merda! — Kylie gritou do outro lado da porta. — Della, você está bem?

Della, sentindo os dedos gelados com um medo paralisante, mas muito teimosa para admitir, se virou e olhou para a tempestade e o fantasma.

— Quem é você? Diga logo, droga!

E foi então que a escuridão a engoliu. Seus braços e suas pernas ficaram dormentes. Seu coração parou de bater. Ela se sentiu congelada.

A escuridão desapareceu e a parte de trás de suas pálpebras ficou vermelha. Ela se forçou a abrir os olhos e viu.

Viu seu pai quando jovem, de pé diante dela. Na mão direita, uma faca. Sangue, espresso e vermelho, pingava da lâmina e se derramava no chão de madeira ao lado de onde ela estava deitada.

Onde ela estava... sem respirar.

Onde ela estava... morta.

Sentindo como se estivesse flutuando, ela deixou o corpo. Viu a cena sangrenta novamente de cima. A pessoa no chão, caída numa poça de sangue, não era ela. Longos cabelos pretos e sedosos da uma garota oriental espalhavam-se ao redor de seu corpo; seus olhos estavam abertos, olhando para o nada, mas havia tanto sangue em seu rosto que era quase impossível ver suas feições. Della viu apenas os olhos.

Tão parados.

Tão tristes.

Mas o pai dela estava lá.

Ele estava de pé sobre o corpo, a faca na mão, o assassinato em seus olhos.

Não!

Não!

Não!

— Della? Della?

Ela ouviu a voz de Kylie. Profunda e grossa, como se estivesse no modo proteção. O som de uma porta sendo arrombada ecoou à distância. Então Della sentiu as mãos de Kylie em seus ombros.

A visão de Della se desvaneceu e a camaleão loira, com um brilho cintilante em torno dela, apareceu de pé na sua frente. Atrás de Kylie estava Miranda, lágrimas de medo empoçadas em seus olhos verdes.

— Você está bem? — perguntou Kylie.

Bem?

De jeito nenhum!

Ele havia dado a vida a ela. Ele a amava. Lia livrinhos infantis para ela quando criança. Ele a ensinara a jogar xadrez. Ajudava-a na lição de álgebra.

Ele tinha matado a irmã.

Seu pai era um assassino.

Não!

Tudo nela queria negar. Mas ela tinha visto. Como poderia *não* acreditar?

Não, ela não tinha visto. Havia muito sangue no rosto da menina, ela não sabia se era realmente sua tia ou outra pessoa.

— Eu estou bem — Della mentiu. Então se afastou de Kylie e passou correndo por Miranda.

Della entrou em seu quarto, virou-se, segurou a maçaneta da porta e olhou para suas melhores amigas. A preocupação enchia os olhos das duas, mas Della não podia lidar com isso agora.

— Nós precisamos conversar — disse Kylie.

— Não. — Não dessa vez. Ela não podia dizer isso a ninguém. Não queria pensar sobre isso. — Eu só quero ficar sozinha! — Bateu a porta.

Quando se virou, viu o livro sobre a cama. O anuário que ela tinha conseguido para ajudar a encontrar o irmão gêmeo do pai. Não estava ali quando ela saiu. Como tinha ido parar ali...?

O fantasma? Ela poderia ter...?

E, de repente, sua mente começou a ligar os pontos.

Um ponto.

Dois pontos.

Três.

— Eu sinto muito. — A voz de Kylie veio por trás dela com o clique da porta sendo aberta. — Não me importo com o que disse, você não precisa ficar sozinha. Acabou de ter uma visão, não é? Eu sei como elas fazem a gente se sentir.

— Nós somos amigas. — A voz de Miranda ecoou atrás dela. — Não batemos a porta na cara umas das outras.

Della virou-se, ouvindo o que elas diziam, mas perdida em seus próprios pensamentos.

— Eles são gêmeos. Pode não ter sido ele...

— O quê? — Kylie e Miranda perguntaram ao mesmo tempo.

— Meu tio não estava morto na época. Ele era só um vampiro. Então poderia ter sido ele, o gêmeo do meu pai, que eu vi de pé diante dela.

— O que seu tio poderia ter feito? — Kylie chegou mais perto. Seus olhos azuis se enchendo de compaixão.

— Eu estava morta. Não sei quem eu era. Poderia ser minha tia. E meu tio pode tê-la matado.

— Sua tia? — disse Kylie. — Então Miranda estava certa, a sua tia é o fantasma?

Della balançou a cabeça.

— Eu não sei. Tinha tanto sangue no rosto dela!

— Tenho certeza de que estou certa — disse Miranda. — Quem mais poderia ser?

— Eu disse que não sei com certeza! — Della protestou.

Kylie ficou parada ali como se estivesse pensando.

— Ela lhe contou qual a ligação entre ela e Natasha?

— Não. — Della lutou contra o ardor em suas narinas. — Eu a vi morta. Vi um homem que se parecia com meu pai de pé sobre ela com uma faca ensanguentada.

— E você acha que era o seu tio?

— Tem que ser — disse Della. — Tem que ser.

Della passou o resto da noite mais se revirando na cama do que propriamente dormindo. Não que isso a surpreendesse. A visão tinha mexido tanto com ela quanto sua primeira visita à UPF, quando ela tinha visto dois corpos. Della quase caía no sono e então acordava com um sobressalto ao ver a imagem do pai — não, do tio — segurando a faca ensanguentada.

Tinha que ser o tio. Acreditar nisso tornava tudo quase aceitável. E daí que ela tinha grandes esperanças de encontrar o tio? Ela abriria mão de ter um membro da família que fosse vampiro, que a compreendesse e a amasse. Ela jogaria tudo isso fora para não ter que acreditar que o pai fosse capaz de matar.

Della rolou novamente na cama. Da sua janela, podia ver uma lasca do céu ficando lentamente mais cor-de-rosa com o sol nascente. Um novo dia. Um dia melhor, ela esperava. No momento em que a luz tinha conseguido tornar as sombras mais brilhantes, ela ouviu os passos.

Passos em direção à sua cabana... à sua janela. Apenas uma pessoa entrava pela sua janela com certa regularidade. Uma pessoa que tinha dito que não queria dizer adeus pessoalmente e mandado uma mensagem com uma carinha triste.

Desde a visão da noite anterior, ela tinha colocado toda a mágoa de Steve num saquinho apertado e o enterrado no coração. Mas aquele barulho. Aqueles passos tão familiares — tanto a dor quanto o prazer de tudo que Steve representava em sua vida dançaram no seu coração.

Antes que Della pudesse decidir se corria e se escondia ou o deixava entrar e lhe dava um pontapé na bunda, um rosto triste apareceu na sua janela. Ela se levantou e apertou as mãos em punhos. Ela queria gritar, rir e chorar ao mesmo tempo.

Ele abriu a janela e saltou para dentro como se pertencesse àquele lugar. Pertencesse ao seu quarto e à sua vida.

E, dane-se, ela não o condenava, porque não tinha certeza se não era verdade.

Capítulo Vinte e Um

Steve deu um passo em direção a ela. Della deu um passo para trás. Atrás dele, o sol nascente deixava o céu púrpura.

— Você disse...

— Eu não consegui.

— Não conseguiu ir embora? — Della prendeu a respiração, não piscou, até seu coração parou de bater enquanto ela esperava, rezando para que ele dissesse que ela estava certa. *Mas e depois?*, uma voz dentro dela perguntou. *E Chase?*

— Não, eu não poderia ir embora sem dizer adeus... Mas deixar você vai ser um inferno.

Ele deu um passo para a frente e colocou as mãos quentes em torno da cintura dela. Lentamente, Steve a puxou contra si e ela não resistiu. Não conseguiu. O pensamento de chutar a bunda dele já esquecido.

Ele não a beijou, apenas a abraçou. A cabeça dela descansou naquele lugar especial em seu peito. O que agora Della insistia em pensar que pertencia a ela. Seu cheiro, um perfume picante de terra misturado com o aroma de vento fresco, encheram seus sentidos.

Ela o respirou avidamente. Lágrimas se formaram em seus olhos.

Quando Steve se afastou, até mesmo os olhos dele estavam úmidos.

— Quero que saiba que não importa o que aconteça, eu nunca vou me arrepender do que vivemos. Do que tivemos. E, se eu te perder, você será sempre aquela que saiu da minha vida mas eu nunca vou esquecer.

Ele parou e olhou para o teto por um segundo. Dois. Três.

Depois soltou um suspiro e sua respiração soou trêmula. Ou seria a dela?

— Me prometa — disse Steve, olhando para ela. — Me prometa que você não vai fazer nada idiota e se matar por aí. Me prometa que você vai parar de deixar a ignorância dos seus pais te machucar tanto. Você não merece isso. Me prometa que, antes de se apaixonar por Chase, você vai se lembrar de que eu amei você primeiro.

Foi nessa hora que a vontade de chutar a bunda dele voltou!

Ela bateu no peito dele com a palma da mão. Steve cambaleou para trás, mas manteve-se firme.

— Por que você me fez gostar tanto de você quando sabia que estava indo embora? Você poderia ter me deixado em paz! Eu não estaria sofrendo agora! Por quê?

Ele a segurou e a beijou, então. Seus lábios tinham um gosto quente, tinham um gosto de Steve — tão doces, mas estranhamente salgados. Talvez por causa das lágrimas dela, e talvez até mesmo das dele. Antes que ela percebesse, muito antes do que ela queria, o beijo terminou. Della

abriu os olhos. Ele tinha ido embora. Ela viu várias pequenas centelhas flutuando no ar. Então avistou o pássaro, um falcão-peregrino empoleirado em sua janela.

Numa postura altiva, quase régia, o pássaro inclinou a cabeça para ela, em seguida, saltou e voou para longe. Com ele, foi embora uma parte do seu coração. E ela não tinha certeza se teria aquela parte de volta um dia.

Della ouviu Miranda e Kylie deixarem a cabana a tempo de tomarem o café da manhã. Della perdeu o café e a Hora do Encontro. Mas conseguiu se recompor o suficiente para ir à primeira aula. Matemática. De lá, ela foi para a de Ciências. A aula estava pela metade e Haden Yates, irmão de Jenny, falava sobre ondas sonoras. Podia ser até interessante, se ela conseguisse prestar atenção.

Mas não conseguia.

Não enquanto ainda se recuperava da visão da noite passada. Ruminava a possibilidade de que o pai e, se não fosse ele, o tio, fosse um assassino. Além do fato de que mais um dia tinha se passado e ela ainda não tinha nem ideia de onde encontrar Natasha. Acrescente a isso tudo o fato de que uma parte de seu coração estava sobre o oceano voando em direção à França, e era alguma surpresa que ela não conseguisse dar a mínima para as ondas sonoras?

Alguém no fundo da sala riu. Della olhou para trás e à direita, em seguida percebeu que algo não estava certo. Ela virou a cabeça ao redor para ter certeza de que não estava enganada. Não. Não se enganara. Ela estava tão ocupada chafurdando na autopiedade que não tinha percebido que Kylie e Miranda não estavam na sala. Droga.

Que tipo de amiga ela era? Especialmente considerando que Miranda estava no mesmo barco furado que ela. Bem, ela não tinha uma tia morta assombrando-a, mas não havia dúvida de que, do ponto de vista da sua vida amorosa, o coração da garota tinha sido arrancado do peito.

Della se levantou da carteira para sair da sala, mas se lembrou de que ninguém simplesmente se levanta e deixa uma sala de aula no meio de um debate sobre ondas sonoras.

— Della? — disse Yates.

Ela olhou para ele. Ia começar a explicar que precisava encontrar as amigas, mas isso não lhe pareceu uma desculpa razoável para deixar a sala. E, ultimamente, o senhor Yates andava se queixando das faltas de Della — mesmo quando eram aprovadas por Burnett.

— Hã... Eu preciso ser dispensada.

— Por quê...?

— Razões pessoais — disse ela, esperando que ele não discutisse, porque, se fizesse isso, ele não ia gostar da desculpa alternativa que ela tinha para sair da aula. Mas Della iria usá-la... mesmo que fosse uma mentira.

— Que tipo de razões pessoais? — ele perguntou, parecendo um pouco irritado.

Dane-se, ela tinha tentado poupá-lo. Della colocou a mão no quadril e encontrou o olhar contrariado do professor.

— Estou naqueles dias e precisando dar uma geral. Claro, você não iria entender.

O queixo do senhor Yates caiu, mas ele não a dispensou da aula, então ela simplesmente continuou.

— Quero dizer, eu sei que vocês não entendem toda essa coisa de menstruação.

A cor vermelha dele subiu do pescoço para o rosto e ele ficou parecendo quase um personagem de desenho animado, mas ainda assim não a dispensou.

— Mas, falando sério, se o seu pênis sangrasse uma vez por mês...

— Pode sair! — ele quase gritou e ela mal o ouviu por sobre o riso dos outros alunos.

— Obrigada. — Ela disparou para fora da sala e não diminuiu o ritmo até parar na sua cabana.

Ela podia ouvir Miranda e Kylie lá dentro. A voz chorosa de Miranda era a que ecoava mais alta.

Sentindo-se muito mal por abandoná-las depois de ter recebido tanto apoio delas nos últimos meses, Della irrompeu cabana adentro. Estavam sentadas à mesa da cozinha. Miranda tinha um pote de meio litro de sorvete nas mãos e três potes vazios jaziam ao lado, sobre a mesa. E eles pareciam ter sido lambidos, de tão limpos.

Kylie encarou Della como se não soubesse mais o que fazer com a bruxa. Não que Della tivesse grandes ideias.

— Sinto muito. Eu não sabia que estávamos dando uma festa do sorvete.

Della parou ao lado da mesa.

Miranda soltou mais um soluço e colocou outra colher grande de sorvete de banana na boca.

— Ele ne...nem me ligou — ela choramingou com a boca cheia de sorvete.

Della respirou fundo e pediu a Deus para que tivesse paciência.

— Ele está no meio do caminho. Depois que se chega a cerca de 20 mil pés de altitude, é meio difícil encontrar uma torre de celular...

— Eu dei a ele um telefone especial. — Miranda soluçou. — Ele não precisa de uma torre de celular.

— Todos os telefones celulares precisam... Ah, você quer dizer um telefone mágico?

Miranda assentiu com a cabeça e soltou outro soluço.

— Que legal! — admirou-se Della.

— Não é legal se ele não me... liga. Por que ele... não me ligou?

Kylie franziu a testa para Della como se dissesse que não sabia o que dizer.

— Tenho certeza de que ele vai ligar — disse Kylie e o coração da camaleão deu uma cambalhota, denunciando a mentira.

Della caiu numa cadeira e se perguntou se mentir não era de fato a melhor opção. Ela tentou imaginar Perry voando e de repente surgiu uma dúvida.

— Como Perry está voando com os seres humanos se ele não pode se controlar quando está perto deles?

Miranda mergulhou a colher de volta no pote de sorvete.

— Burnett deu um antialérgico a ele. O remédio diminui a capacidade de um metamorfo de mudar de forma.

Della refletiu sobre aquilo.

— Então por que ele simplesmente não toma antialérgicos todo dia? Assim não teria que ir para escola nenhuma aprender como não se transformar.

— Ele teve que tomar mais de dez comprimidos — disse Miranda.

— Mais de dez? — perguntou Kylie.

— Bem, aí está a explicação, dã — disse Della. — Talvez ele tenha desmaiado no avião e é por isso que não te ligou.

— Acho que ele não me ligou de propósito — Miranda gemeu.

— Eu não acho — disse Kylie, e seu coração deu mais cambalhotas no peito, dizendo a Della que era exatamente isso que Kylie pensava. Inferno, Perry provavelmente já tinha confidenciado a Kylie que não telefonaria para Miranda.

Droga, Perry! Não importava que o motivo que o tivesse levado a romper com Miranda fossem suas próprias inseguranças. Mesmo assim ele ainda iria partir o coração e o espírito dela. O espírito de Miranda era frágil. E aquilo elevava a fúria de Della à décima potência. Ela respirou fundo e tentou acalmar a fúria que deixava seus olhos incandescentes.

Miranda encheu a boca com outra colherada de sorvete, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela parecia patética e nojenta, porque seu nariz estava escorrendo, molhando todo o lábio superior, e ela ainda assim não parava de comer.

E de repente Della perdeu a paciência. Não conseguiria ficar ali parada, vendo Miranda daquele jeito.

— Chega! — ela gritou e tirou o pote de sorvete das mãos da amiga.

— Devolve isso! — Miranda exigiu e se levantou, tentando enfiar a colher dentro do pote.

— Não vamos brigar — disse Kylie. — Devolva o sorvete.

— Não! — Della afastou o pote da colher de Miranda. Mas a bruxa tentou alcançá-lo novamente.

Della enfiou o dedo no sorvete.

— Meus dedos estão imundos! — Ela encarou a companheira de quarto chorosa. — Eu estava com o nariz escorrendo hoje de manhã. — Ela continuou, cutucando o sorvete com o dedo, na esperança de desencorajar a garota.

— Eu não me importo! Eu quero o meu sorvete! — Miranda gritou e avançou para pegar o pote.

— Parem com isso! — disse Kylie.

Della ignorou Kylie, saltou para trás, e enfiou o dedo mais fundo na massa gelada. Então fingiu que iria entregar o pote à Miranda, mas em vez disso jogou-o no chão e, em velocidade de vampiro, começou a pisar com os saltos das botas sobre o pote de sorvete até deixá-lo em tal estado que a bruxa precisaria de um canudinho se quisesse recuperá-lo do chão.

Miranda ficou ali, olhando para aquela sujeira toda com fúria nos grandes olhos verdes.

— Eu cabulei aula para comprar esse sorvete.

Parecendo completamente fora de si, ela levantou o dedo mindinho e começou a girá-lo.

— Pare com isso! — Kylie gritou.

— Não. Deixe que ela faça isso! — Della encostou o rosto no de Miranda. Seu nariz quase tocava o da bruxa. E isso era meio nojento, porque o nariz dela estava cheio de sorvete. Pelo menos Della esperava que fosse sorvete e não...

— Não faça isso! — Kylie puxou Miranda para trás. — Pode acabar muito mal.

Della ergueu a mão.

— Fique fora disso! — ela disse para Kylie. — Deixe a bruxa me transformar em canguru ou me encher de espinhas, eu não me importo! — Della voltou a olhar para Miranda. — Você é minha amiga, droga! E eu não vou ficar parada olhando você comer até ficar enjoada e gorda como uma porca.

— Eu não me importo de ficar gorda! — protestou Miranda.

— Bem, eu me importo! — Della rebateu.

— Você não entende! — Miranda soluçou.

— Uma ova que não! — disse Della e de repente as lágrimas encheram seus olhos. — Olha, eles nos deixaram! Nós não queríamos isso. Não pedimos por isso. Eles é que devem ficar no fundo do poço, não nós!

— Mas eu amo...

— Eu sei que você ama Perry, mas você não merece isso. Eu não mereço isso! Steve e Perry basicamente nos disseram a mesma coisa: para descobrir o que queremos. Bem, caramba, isso é o que você deve fazer. Você não vai ficar chafurdando nessa merda de autopiedade e ficar imensa de tanto tomar sorvete. Você vai seguir em frente com a sua vida e descobrir o que você quer! E adivinha? Você pode descobrir que quer mais do que um namorado como Perry.

— A vampira tem razão — concordou Kylie.

Miranda fungou.

— Mas eu não quero...

— Olha, eu não estou dizendo que você vai se apaixonar por outra pessoa, mas talvez paquerar um pouco, se abrir para outras possibilidades. Você pode até mesmo se divertir.

— Quem é que eu vou paquerar? Todos aqui sabem que...

— Bem, paquere alguém que não seja daqui.

— Eu não quero paquerar ninguém...

E de repente Della se lembrou de algo que não tinha contado a Miranda. Sobre o bruxo agente da UPF que tinha ajudado a enterrar Chan. Ela teve que vasculhar o cérebro para se lembrar do nome dele, mas conseguiu.

— Que tal Shawn Hanson?

A boca de Miranda se abriu de surpresa. Em seguida, fechou de repente.

— Sua vampira sanguessuga de uma figa! Você leu o meu diário? — O dedo mindinho de Miranda voltou a girar. — Eu devia, eu devia...

— Eu não li merda nenhuma! — Della fez uma careta. — Mas teria lido se soubesse que você tinha um diário. Onde ele está? Aposto que eu daria boas risadas com ele.

— Não minta pra mim — Miranda rebateu. — De que outra forma você saberia sobre Shawn?

— Eu sei sobre ele porque o conheci.

— Mentira! — Miranda acusou e olhou para Kylie. — Vire vampira e verifique o batimento cardíaco dela.

Kylie deu de ombros.

— Eu já me transformei em vampira e ela não está mentindo.

Della abriu um sorriso de vitória.

— Ouça a camaleão, ela está falando a verdade.

Quando Miranda não disse nada, Della continuou.

— E não é só isso. Quando eu disse o seu nome, ele começou a poluir o ar com todo tipo de feromônio. O cara é louco por você.

— Agora eu sei que você está mentindo.

— Eu juro! — disse Della.

Miranda fez uma careta.

— Como ele sabia que você me conhecia? Onde você o encontrou?

— Ele estava ajudando no enterro de Chan. E sabia que eu conhecia você porque todo mundo estava falando da prisão e de como você transformou aqueles cinco capangas em cangurus. Ele me disse que você era amiga da irmã dele e que ele sempre soube que você tinha mais talento do que as pessoas acreditavam.

Os olhos de Miranda brilharam um pouco.

— Todo mundo estava falando disso? Sério, ele realmente disse essas coisas sobre mim? Que eu sou talentosa?

Della pôs a mão no coração.

— Palavra de honra. Que um raio me parta se eu estiver mentindo.

— E eu posso enfiar uma agulha no seu olho se você estiver mentindo? — perguntou Miranda.

— Sim, a agulha, também — disse Della.

— E os feromônios... Ele realmente...?

— Eu juro!

Miranda caiu para trás na cadeira. Ela ficou ali sentada pensando durante vários segundos. Em seguida, seus olhos perderam o brilho.

— Eu ainda não quero Shawn. Eu quero Perry.

— Eu sei. Mas você não pode ficar doente se Perry não ligar até voltar. Olhe para isso como uma oportunidade para ter certeza de que é ele mesmo que você quer. É difícil. Mas, que droga, vá beijar alguns sapos para ver se algum se transforma em príncipe.

Miranda cruzou as mãos no colo e, em seguida, olhou para Della.

— Você vai fazer isso?

— Eu não conheço nenhum sapo — disse Della.

— Não, eu quero dizer, você vai se abrir e ver se Chase na verdade não é um sapo, mas um príncipe?

— Eu não acho que o Pervertido da Calcinha seja...

— Pare aí mesmo! — Miranda voltou a ficar de pé e lançou para Della o que se poderia considerar um olhar fulminante. — Você não pode destruir o pote de sorvete de uma pessoa, ficar despejando conselhos em cima dela e depois não segui-los você mesma.

— A bruxa tem razão — disse Kylie.

— E tem mais! — acrescentou Miranda. — Você não chamava Chase de Pervertido da Calcinha há um bom tempo. Por quê?

Porque ela tinha parado de desconfiar tanto dele, Della pensou. E porque ele não tinha dito mais nada sobre as calcinhas dela, o motivo pelo qual ele tinha ganhado o apelido, para começo de conversa.

— Bem. Eu vou seguir meu próprio conselho. — De certa forma, ela já tinha feito isso. E talvez devesse se lembrar do quanto desconfiava de Chase no início, também.

— Promessa de mindinho! — Miranda estendeu o dedo mindinho.

Della entrelaçou seu dedo mínimo no da bruxa, mas não pôde deixar de se perguntar qual seria o castigo em caso de quebra de uma promessa de mindinho. No dia anterior, ela tinha confiado nele, hoje não confiaria. Não até que suas dúvidas com relação ao Pervertido da Calcinha se desvanecessem completamente.

— Diga que promete — Miranda repetiu.

— Prometo — disse Della, percebendo que a promessa não incluía confiar no garoto. Tudo o que ela tinha prometido era tentar descobrir se Chase era um sapo ou um príncipe. E daí se ele fosse um príncipe? Aquilo não significava que ele era o príncipe *dela*.

Capítulo Vinte e Dois

Della foi para a sua última aula e, logo depois que acabou, foi direto para a cabana, onde ligou para Derek e perguntou se podiam se encontrar. Por mais que ela estivesse pensando em Steve e em Perry e Miranda, não tinha esquecido a visão. E se havia alguém que poderia ajudá-la a encontrar respostas, era Derek. Ele era ex-namorado de Kylie e já tinha trabalhado no escritório de um detetive particular, então tinha ajudado Della a desenterrar informações sobre sua família no passado. Fora ele quem descobrira sobre o assassinato de Bao Yu.

— O que manda? — ele perguntou.

— Só algumas perguntas... sobre o caso da minha tia.

Ele parou um minuto.

— Eu na verdade não sei muito a respeito.

— Eu gostaria que me contasse tudo o que sabe — disse ela.

— Ok. Estou com Jenny, ela pode ir junto?

— Claro! — disse Della, percebendo que tinha sido negligente com a promessa que fizera a si mesma de ser mais amiga de Jenny, a nova camaleão do acampamento. Mas Della andara meio ocupada, certo? Um fio de culpa se esgueirou através dela.

Della sentou-se na varanda para esperar, depois que desligou o celular. O clima de outono era agradável, o céu era de um azul perfeito e o sol estava quente em seu rosto. Um lindo dia para se pensar em assassinatos. Para pensar num assassinato que tinha acontecido anos atrás, mas o fantasma tinha dado a ela uma imagem, e ela só poderia presumir que era importante. Ou talvez só precisasse provar a si mesma que não era o seu pai o assassino.

Quando ouviu os passos de duas pessoas se aproximando pela trilha, ela ergueu os olhos e viu Derek e Jenny surgindo numa curva do caminho. Estavam de mãos dadas e conversavam em voz baixa, sorrindo.

O coração de Della deu um mergulho, sentindo uma fisgada ao ver duas pessoas tão perfeitas uma para a outra. Ela sempre tinha esse sentimento quando via Kylie e Lucas juntos. E talvez até um pouco com Miranda e Perry — o babacão.

Jenny viu Della, soltou a mão de Derek e correu para abraçá-la. Della permitiu.

— Eu sei que você está trabalhando num caso para a UPF, mas senti a sua falta. E fiquei preocupada com você... quando Steve foi embora.

— Eu estou... está tudo bem e me desculpe — disse Della, sua mente ainda às voltas com as pessoas perfeitas uma para a outra, e perguntou-se se as outras pessoas viam ela e Steve assim também.

— Está se desculpando pelo quê? — perguntou Jenny.

— Por ser muito ocupada. Vamos almoçar juntas amanhã.

— Eu estou convidado? — perguntou Derek.

— Não — disse Jenny. — Não poderemos falar de você, se estiver lá. — A garota riu, parecendo quase inebriada. Será que era o amor?

Derek franziu a testa.

— O que você vai dizer sobre mim?

— Você nunca saberá! — brincou Jenny. — Mas tenho certeza de que vai ser algo bom.

Della revirou os olhos. Seu coração podia estar meio mole, mas aquilo estava ficando sentimental demais.

— Vocês querem entrar? — Della ofereceu antes que os dois começassem a se beijar ou algo assim.

— O dia está tão bonito! Por que a gente não pode simplesmente se sentar aqui fora? — respondeu Jenny.

Eles se sentaram, encostando-se na parede da cabana. Derek dobrou um joelho e, quando olhou para Della, ela sabia que ele estava se perguntando por que tinha pedido para vê-lo.

— Eu acho que já contei tudo o que descobri.

— Você não me disse como ela morreu — corrigiu Della. — Você conseguiu uma cópia do relatório?

— Não, meu amigo investigador só me disse o que o detetive amigo dele contou. — Ele fez uma pausa como se pensasse, então franziu a testa. — Tenho certeza de que ele disse que ela foi espancada até a morte. Disse que no relatório estava escrito que havia muito sangue.

— Então não foi esfaqueada? — ela perguntou. — Se tivesse sido esfaqueada, estaria escrito lá, certo?

Derek considerou um minuto.

— Acho que sim. Por quê?

— Nada importante — ela mentiu, agora ainda com mais certeza de que o fantasma que a assombrava era realmente sua tia. Só porque ela era oriental, isso não significava que estivesse envolvida. Tudo bem, isso podia ser só um desejo seu, mas Della merecia poder desejar um pouco.

Então, de repente, ela percebeu que não tinha visto o fantasma realmente ser esfaqueado. Só tinha presumido que a vítima tivesse sido morta pela faca. Ah, inferno, agora ela estava mais confusa do que antes.

— Você consegue se lembrar de mais alguma coisa? Talvez tenha esquecido algo. Ou não achado que era importante. Você pode pedir a ele para contar tudo de novo?

Derek parecia que iria dizer não, mas então suspirou.

— Eu vou perguntar, mas...

— Mas o quê? — ela perguntou.

— É só que... você não gostou muito do que eu descobri da última vez... Sobre seu pai ser o único suspeito... e eu não acho que vai ser diferente.

— Eu preciso saber — disse Della. — Se vou gostar ou não, isso não interessa.

Algumas horas depois, Della avistou o Pervertido da Calcinha assim que fez a primeira curva da trilha que levava ao escritório. Ele tinha lhe mandado uma mensagem mais cedo, dizendo que precisava vê-la.

Ele andava com senso de propósito... não, era mais com confiança. Usava jeans, uma camisa amarela brilhante e um blusão com capuz marrom com o zíper quase todo fechado. As botas combinavam com o blusão, desbotadas, mas ainda quentes. O amarelo da camisa deixava seus olhos verdes ainda mais claros. Quase de um verde dourado.

Ela sentiu o pulso acelerar como se pela expectativa de vê-lo. Não era isso, Della disse a si mesma, mas sentia que era mentira.

— Algum problema? — ele perguntou, tão logo chegou perto dela.

— Como assim? — respondeu ela com outra pergunta para evitar ter que mentir.

A expressão dele dizia que Chase tinha percebido. Ela não se importava. Simplesmente não era justo que Chase conseguisse controlar o batimento cardíaco dele e, portanto, mentir. Claro, ela quase podia saber se ele estava mentindo através das expressões faciais, mas esse não era um método 100 por cento preciso.

— Sobre o que você precisa conversar? — Aquela tarde, ela tinha começado a se preocupar com a possibilidade de Chase ter tido a mesma visão que ela na noite anterior.

Se isso fosse verdade, será que ele suspeitava que a vítima estava relacionada a Della? Será que ele sabia que seu pai ou seu tio era responsável por um assassinato? Chase poderia facilmente juntar os fatos se o que ela suspeitava fosse verdade — que seu tio era a pessoa por trás do Conselho dos Vampiros que o enviara para ver como ela e Chan estavam. Seu tio poderia até mesmo ser do Conselho.

Ou Chase poderia estar falando a verdade quando dizia que estava apenas obedecendo ordens.

De qualquer maneira, isso a levou ao problema que precisava resolver. Quando ela iria se encontrar com o Conselho e ter a chance de ver se o tio estava envolvido?

— Você me responde e eu te digo.

— Responder o quê? — Ela continuou andando. Chase estendeu a mão e pegou-a pelo cotovelo. Não apertou, foi um toque suave. Como se isso significasse alguma coisa. Isso a incomodou.

— Para de enrolar, Della. Me diga o que está errado.

Isso significava que ele sabia? Ou que ele só sabia que ela estava evitando mentir? O coração dela deu algumas cambalhotas.

— Por que você acha que algo está errado? — Ela se afastou da mão dele e continuou andando em direção ao escritório.

— Você parece triste. — Chase acertou o passo com o dela.

— Dia ruim — Isso não era uma mentira. Ela quase tinha sido transformada em canguru por uma de suas melhores amigas. E, pela sua conversa com Derek sobre a tia Bao Yu, dava para

adivinhar que tudo o que ela pensava era verdade.

Ela não olhou para Chase enquanto andava, só olhava para os próprios pés. Suas botas pretas ainda tinham restos de sorvete. O cheiro de sorvete de banana exalava das solas. Ela provavelmente deveria ter passado um paninho nelas.

Quando inspirou novamente, sentiu o cheiro de sabonete masculino picante e perguntou por que ela não tinha nem se preocupado em trocar de roupa. Então se lembrou de que não deveria se preocupar com a própria aparência. Eles estavam numa missão, não numa droga de encontro romântico.

— Eu acho que é mais do que apenas um dia ruim — disse ele.

Della parou de andar e olhou para ele.

— Por que você acha que é mais?

— Quer parar de responder a uma pergunta com outra pergunta? Apenas converse comigo.

Mais desconfiada do que nunca, ela levou uma mão ao quadril.

— O fantasma disse alguma coisa a você? — No momento em que fez a pergunta, Della se arrependeu.

Chase olhou para ela.

— Não. Eu apenas... Eu posso ler você... faz parte da ligação, eu acho.

— O que você quer dizer com “ler”? — Certamente ele não poderia saber o que ela estava pensando. Isso seria desastroso.

— Posso dizer se você está chateada só olhando pra você.

— Como? — perguntou ela.

— Eu observo detalhes. Coisas que eu não notaria antes.

— Que coisas?

— Em primeiro lugar, esse seu jeito malcriado está um pouco mais evidente. — Ele quase sorriu. — E, em segundo lugar, a sua sobrancelha direita ergue quase um centímetro quando você está tensa.

Della relaxou propositadamente as duas sobrancelhas.

Ele riu.

— Você também não passou a perceber coisas em mim?

Ela queria muito dizer que não, mas seria mentira e ele saberia. Ela já não tinha notado como a cor da camiseta dele mudava o tom dos seus olhos? E a confiança ao trocar as marchas. E...

— Eu sempre fui do tipo observador. — Havia alguma verdade naquilo também.

O brilho nos olhos dele desapareceu.

— Sério — ele disse. — O que há de errado?

— É pessoal. — Chase não podia argumentar com isso. Ela recomeçou a andar.

— Espere. — Ele pegou o braço dela novamente.

Talvez ele pudesse argumentar, sim.

— O fantasma lhe disse alguma coisa? É isso?

Veja só, ela tinha razão quando concluiu que aquilo tinha sido um erro. Della se afastou.

— Burnett está à nossa espera.

— Estamos adiantados, lembra? Droga, fale comigo! Se o fantasma...

— Eu já disse, é um assunto pessoal.

— É porque Steve foi embora? — A decepção tocou a voz dele e seus olhos ficaram um pouco mais brilhantes como se a ideia o incomodasse.

O primeiro impulso dela foi dizer que Steve não era da conta dele, mas talvez ela pudesse usar isso para fazer Chase parar de ficar no seu pé. Della levantou o queixo.

— E isso é pessoal.

Ele assentiu como se estivesse satisfeito em saber que aquilo era tudo o que a preocupava.

— Tudo bem, mas se quiser conversar, eu vou ouvir.

Ela tinha certeza de que Chase não tinha a mínima vontade de ouvi-la se lamentando por causa de Steve, mas parecia ter sido sincero.

— Ah, tá, como se isso fosse acontecer... — disse ela.

— Lá vai ela ser malcriada de novo...

— Mas eu sou tão boa nisso! — Della respondeu, meio de provocação.

— Ah, isso é verdade! — Ele sorriu.

O sorriso dele, genuíno e sexy, a pegou de surpresa e ela olhou para Chase por uma fração de segundo a mais do que deveria. Ele notou, também. Ela podia dizer pela forma como o olhar dele — suave e sedutor — buscou lentamente os olhos dela.

Afastando o pensamento, ela endireitou a postura.

— O que você precisa falar comigo antes de conversar com Burnett?

Ele parou de andar e afastou um galho de uma árvore que estava no caminho.

— Eu quero pedir que ele adie um pouco o toque de recolher. Se vamos à funerária ver se encontramos alguém que saiba alguma coisa sobre Liam, podemos precisar ficar lá um tempo. Mas, se você acha que Burnett vai dizer não, então a gente talvez precise seguir a teoria de que é melhor dizer que estamos arrependidos do que pedir permissão.

Ela fez uma careta.

— Burnett não gosta dessa teoria.

— Tudo bem, vamos pedir.

— É assim que você trabalha com o Conselho dos Vampiros? — Ela aproveitou a oportunidade para desviar a conversa para o Conselho.

Ele fez uma cara de “cai na real”.

— Os caras do Conselho dos Vampiros não são superprotetores como Burnett. Parece até que você é filha dele!

— Então eles não se importam com você.

— Eles se importam, mas acham que eu vou conseguir fazer o meu trabalho sem que tenham de supervisionar cada pequeno detalhe.

Ela começou a andar novamente.

— Imagino que, quando eu for uma agente de verdade, não só uma agente júnior temporária, Burnett também agirá assim comigo. — Ela não poderia deixar de defender Burnett, mas, em seguida, acrescentou: — Mas estou ansiosa para conhecê-los.

Quando Chase não respondeu, ela olhou para ele.

— Quando você acha que vai ser?

— Quando vai ser o quê? — ele perguntou, e Della reconheceu a sua própria tática de responder a uma pergunta com outra pergunta.

— Agora quem está fazendo isso? — ela perguntou. Chase fingiu inocência. — Encontrar o Conselho dos Vampiros — ela respondeu diretamente. — Quando é que vai acontecer?

— Eu não sei se isso vai acontecer.

— Ah, eu simplesmente presumi que, já que eles têm participação no nosso trabalho, eu iria encontrá-los assim como você se encontrou com Burnett.

— Eu posso averiguar — disse ele. — Mas tenho a impressão de que Burnett não aprovaria.

— O que Burnett não sabe não vai matá-lo — Della respondeu.

— Mas você quer perguntar a ele sobre protelar o toque de recolher. Isso faz sentido?

— Ele saberia se eu ficasse fora até tarde — disse ela, apontando a diferença.

— Ele não tem como saber...

— Eu ainda acho que vai pegar mal pedir para ficar na rua com você até mais tarde; ele vai dizer não.

— Pedir algo que pega mal nunca matou ninguém. E a gente não vai saber se não perguntar.

— O que me faz voltar ao mesmo ponto — disse ele. — Vamos perguntar sobre você se encontrar com o Conselho dos Vampiros.

— Não — ela disse.

Chase franziu a testa e uma fina linha — de preocupação, talvez — apareceu entre os olhos dele. Ela teve a nítida sensação de que não era apenas Burnett que não aprovava seu encontro com o Conselho dos Vampiros. Haveria uma razão para Chase não querer que ela os encontrasse?

Poderia ser porque ela estava certa? O tio dela fazia parte da organização? O tio dela, que ela acreditava ter assassinado sua tia?

E Chase sabia disso.

Ela se lembrou da promessa do mindinho para Miranda. Descobrir se Chase era mais um sapo do que um príncipe. Agora, o Pervertido da Calcinha estava mais para quem comia gafanhotos no jantar.

Burnett entregou-lhes uma foto de Liam Jones.

— Ele é um bom garoto. Sem ficha criminal. Ia fazer engenharia. É parte afro-americano e parte branco. E morava com a mãe.

Della olhou para a foto e, embora estivesse muito escuro para ver o rosto dele na visão, de alguma forma ela sabia que aquele era de fato Liam.

Chase olhou para a foto e Della poderia dizer que ele sentiu o mesmo. Esse era o Liam que estavam procurando. Ele olhou para Burnett.

— Aliás, nós vamos precisar de um toque de recolher estendido esta noite.

A expressão de Burnett endureceu.

— Quanto tempo a mais?

— Quanto for preciso — disse Chase, olhando para a foto. Della podia dizer que ele quase sentia um vínculo com Liam. Não que ela pudesse culpá-lo, ela sentia uma espécie de ligação com Natasha também. Sentir como se estivesse na pele dela, na cabeça dela, provocava esse tipo de coisa.

— Nós vamos ficar bem — acrescentou Della. — Você sabe que a gente sabe se cuidar.

— Ser forte e rápido não faz de ninguém invencível. — Ah, cara, Della tinha ouvido aquilo uma centena de vezes desde que tinha Renascido.

— Quase faz — argumentou Chase.

Della interiormente se encolheu. Essa não tinha sido a coisa certa a dizer. Ela lançou a Chase um olhar de advertência.

— E isso explica por que eu não posso confiar em você.

— Você quer que a gente procure Liam ou não? — perguntou Chase.

Burnett contemplou-o por alguns longos segundos, silenciosos. Mas não ficaria em silêncio por muito tempo. Ele nunca ficava.

— Sim — ele disse, com firmeza —, mas vou mandar outro agente acompanhá-los durante essa parte da noite.

Chase se inclinou para a frente.

— Eu odeio discutir com você, mas andei fazendo umas investigações. Há umas duas gangues sobrenaturais à solta por aí. Gangues de adolescentes. Nós não precisamos de um velho babão saindo com a gente. Ele vai acabar com o nosso disfarce num segundo.

Os olhos de Burnett ficaram mais brilhantes.

— Eu mesmo vou.

— E eu insisto na mesma coisa. — Chase cruzou os braços sobre o peito.

Puta merda! Chase tinha chamado Burnett de velho babão?

Della prendeu o fôlego, com medo de que Burnett cancelasse toda a missão.

Os olhos de Burnett se iluminaram e ela o viu apertar a mandíbula como se para refrear sua vontade de chutar Chase dali.

— Vou mandar um agente mais jovem.

Chase bufou.

— Nós realmente não...

— Eu. Vou. Enviar. Um. Agente. Mais. Jovem. — A voz grave e alta de Burnett deixou claro que ele não admitia discussão.

Quando Chase se reclinou em sua cadeira, Burnett continuou, num tom de voz mais normal.

— Eu vou ligar passando os detalhes depois.

— Tudo bem. — Chase se levantou e começou a deixar o escritório.

Della saiu atrás dele, mas olhou para trás, na direção de Burnett, que ainda parecia contrariado. Ela deixou Chase se afastar um pouco e, então, enfiou a cabeça pela fresta da porta.

— Eu não acho que você pareça um velho babão. Ele nunca viu você sem camisa.

— Obrigado — disse ele —, eu acho. — Burnett se levantou. — Tome cuidado. E fique de olho nele. Chase pode ser mais inconsequente do que você.

— Vou ficar.

Havia um rádio ligado dentro da casa dos Owen. Mas, desta vez também, parecia que não tinha ninguém em casa. Ou a pessoa lá dentro estava dormindo e respirando tão baixinho que eles não conseguiam ouvir. Della farejou o ar. Ela teve que ignorar o aroma de banho de Chase para ver se conseguia captar quaisquer vestígios de humanos.

Conseguiu.

— Eu estou farejando...

— Eu sei, mas senti esse mesmo cheiro ontem — disse Chase. — Eles provavelmente têm uma sala de ginástica e ela está cheirando a suor. Você nunca foi a uma academia humana? O cheiro é quase insuportável.

Della não ia a uma academia desde que tinha se tornado vampira. Deu uma olhada rápida nele, se perguntando por que ele iria a uma academia. Os aparelhos não eram fortes o suficiente para oferecer a um vampiro um treino de verdade. Então ela se lembrou da razão por que a maioria dos caras vai a academias: para conhecer garotas gostosas.

Ela bateu mais uma vez na porta com força. Ficaram mais alguns minutos na porta da frente, sem que ninguém atendesse. Della levantou a mão e torceu o rabo de cavalo; usava o elástico de cabelo do porta-luvas do Camaro outra vez.

No trajeto para lá, Chase tinha tentado iniciar uma conversa, mas ela tinha evitado. Ainda estava pensando na possibilidade de ele realmente saber do seu tio.

— Nós temos algumas opções — disse Chase, dando alguns passos para trás e olhando para cima.

— Que tipo de opções? — perguntou Della, lutando contra a onda de decepção e também com a tristeza esmagadora — a mesma que sentira ali no dia anterior. Seria a casa? Ou o fantasma?

— Nós poderíamos entrar e ver se conseguimos encontrar fotos que possam nos dizer com certeza se Natasha Owens é a nossa garota.

— Eu acho que o nome disso é arrombamento e invasão — disse Della.

— Só vamos entrar — disse ele. — Eu vi uma janela no andar de cima que está aberta. E nós ouviríamos se um carro entrasse na garagem.

Ela lembrou as palavras de despedida de Burnett sobre Chase ser inconsequente. Mas a tentação venceu.

— Não é como se fôssemos roubar alguma coisa — acrescentou.

Ela recuou e olhou para a janela do segundo andar, cuja vidraça estava aberta uns bons dez centímetros. Ah, inferno, o que de pior poderia acontecer?

Você poderia ser pega, presa e, então, com certeza seu pai iria tirar você de Shadow Falls.

Na mente dela passou uma imagem de Natasha e Liam. Ok, será que a voz era do fantasma? Ou era apenas ela aceitando que às vezes simplesmente precisava correr riscos?

— Vamos nessa.

Capítulo Vinte e Três

— Ou talvez seja melhor a gente não fazer isso — acrescentou Della um segundo depois, quando percebeu que o que eles estavam prestes a fazer era na verdade um crime. E aos 17 anos, ela poderia ser julgada como um adulto.

Chase olhou para ela.

— Você quer esperar aqui fora?

— Não — ela retrucou, sentindo como se ele a chamasse de covarde.

Ele olhou em volta e inclinou a cabeça para o lado, como se para confirmar que nenhum carro estava se aproximando.

— Então, vamos. — Chase saltou, agarrou o parapeito da janela, soltou uma mão e, em seguida, abriu a janela. Só depois que ele tinha entrado, Della saltou para cima.

Agarrou o parapeito da janela e Chase ofereceu uma mão. Ele a ignorou e alçou o corpo, entrando no cômodo. Uma sala de jogos. Havia um grande sofá de couro marrom num canto e uma imensa TV de tela plana no outro. Uma esteira e um conjunto de pesos estavam arrumados ao lado, o que ela esperava que explicasse por que o cheiro de seres humanos era tão forte.

Música, uma canção da cantora Dido, inundava o cômodo, vindo de dois alto-falantes instalados no teto. Della olhou para o interior agradável, percebendo o sentimento de tristeza ainda mais forte do que lá fora. Ela olhou ao redor, procurando fotos de família, mas, com exceção de algumas gravuras de animais selvagens, não havia nada pendurado na parede.

Chase andou até a porta, abriu-a lentamente e começou a entrar pelo corredor. Della, sentindo-se uma criminosa, se esgueirou atrás dele. Chase parecia ter a intenção de descer as escadas, mas seu olhar se desviou para a parede do saguão, onde havia o que pareciam ser fotos de família.

— Olhe! — Della sussurrou, ainda nervosa. Seu olhar passou da foto dos pais — a mãe era americana e o pai parecia ao menos em parte oriental — para o de uma garota. Natasha. O coração de Della cantou uma pequena canção de vitória. — É ela! — confirmou Della. — Eu sabia.

— Tudo bem — disse Chase. — Agora sabemos que o nome dela é Natasha Owen. Vamos ver se conseguimos encontrar seu quarto e alguma pista lá dentro que possa nos ajudar.

Ele andou até a primeira porta à direita e abriu-a. Um quarto. Decorado em suaves tons de creme, mas desprovido de personalidade. A cama parecia recém-arrumada ou talvez ninguém dormisse ali. Quarto de hóspedes, Della supôs, e tanto ela quanto Chase deram um passo para trás ao mesmo tempo. A porta fez um leve tilintar quando ele a fechou.

O próximo quarto, ao ser aberto, despejou sobre Della uma onda quente de emoção. Pintado e decorado com um tom vibrante de roxo e móveis brancos caiados, era um típico quarto de

adolescente. Até a colcha, de um roxo chamativo, deixava evidente que aquele quarto tinha sido ocupado por uma jovem. Alguém que amava a vida e a vivia com prazer.

Não havia dúvida. Era o quarto de Natasha. Della sabia disso.

Três pares de sapatos estavam espalhados pelo cômodo, jeans e algumas blusas tinham sido empilhadas num canto, como se da última vez que Natasha estivera ali, ela não tivesse certeza do que vestir e tivesse trocado de roupa várias vezes.

Será que ela tinha um encontro? Ou ia sair para comer pizza com os amigos? Por mais estranho que fosse, de pé ali, Della sentia traços da personalidade de Natasha se infiltrarem pelos seus poros. Alguns CDs estavam sobre a cômoda. A garota adorava música. Talvez até mesmo para dançar.

Afastando aqueles pensamentos malucos para longe, Della começou a fazer o que eles tinham se proposto ali: ver se conseguiam encontrar alguma pista.

A cama não estava feita, como se o mundo tivesse parado no dia em que Natasha tinha desaparecido ou, como os pais dela o viam, no dia em que ela morreu.

Por um segundo, Della lembrou que a mãe não tinha mudado nada, no quarto dela, depois que ela tinha se mudado para Shadow Falls. Seria esse um sinal de amor?

Na mesa de cabeceira, havia uma foto de Natasha e duas outras meninas, todas rindo, fotografadas num momento de felicidade, de amizade.

Della se aproximou da foto e pensou nas suas duas amigas, Miranda e Kylie. Será que essas eram as melhores amigas de Natasha? Será que também tinham ficado devastadas ao saber da suposta morte da amiga?

Pegando a moldura, Della se lembrou dos poucos amigos que tinha deixado para trás, na sua antiga vida. Estranhamente, eles não eram nem de perto tão importantes para ela quanto Miranda e Kylie.

Afastando os pensamentos do seu passado, notou uma outra foto de três garotas com chapéus de formatura na cabeça. Natasha era mais velha do que Della pensava. Isso, ou ela tinha terminado o secundário mais cedo.

Ela colocou o porta-retrato na cômoda e pegou outro. O rosto de Natasha chamou sua atenção. Havia algo... quase familiar nele. E não era só por já tê-lo visto na foto com Chan e sua tia.

O ruído de Chase abrindo gavetas e vasculhando as coisas de Natasha atrás dela chamou sua atenção. Com a forte sensação de que ele estava invadindo o santuário pessoal que os pais de Natasha tinham feito para a filha, ela colocou a foto de volta no lugar, quase desejando que não tivesse nem mesmo a tocado.

Della olhou para Chase.

— Não tire as coisas do lugar — disse ela, sentindo que a mãe ou o pai iam muitas vezes ao quarto e tinham memorizado onde estavam todas as coisas da filha. Coisas que contavam um pouco da vida dela.

— Eu só estou procurando alguma coisa que possa nos ajudar a encontrá-la.

Della não sabia o que seria, mas sabia que encontrariam algo ali, quase como se o fantasma os tivesse levado até lá. Em cima da cômoda havia o retrato de um homem. Cabelos escuros, olhos puxados. Della tinha quase certeza de que era o mesmo homem na foto de família que ficava no corredor.

Engraçado como Natasha parecia mais oriental do que o próprio pai. Sorte dela, Della pensou, lembrando que ela mesma mal parecia filha de um oriental.

De repente, por trás da música suave e da voz da cantora, veio o barulho de um carro em movimento na rua.

— Está chegando alguém! — disse ela.

— Eu sei — disse Chase.

No momento em que se aproximou da janela, o carro estava avançando pela entrada de carros.

— Merda! — Della murmurou.

— Tudo bem — disse Chase. — Vamos esperar até que ele abra a porta, então vamos pular pela janela. Vai ficar tudo bem — disse ele, quando a sentiu quase em pânico.

Sentiu corretamente. A adrenalina de Della bombeava a toda velocidade. A ideia de ser pega fazia o medo correr pelas suas veias. E então ela ouviu. Não o motorista dentro do carro que desligava o motor. O carro era o menor dos problemas. O que Della ouviu foram passos. Passos subindo os degraus da escada.

Alguém *já estava* no interior da casa. Tinha estado lá o tempo todo. E se tivesse ouvido ela e Chase? Estaria vindo verificar?

Chase, obviamente ouvindo os passos também, voltou a olhar para a janela.

— Ele ainda está no carro. — A voz dele mal chegava aos ouvidos de Della.

— O que vamos fazer? — ela respondeu no mesmo tom baixo.

— Plano B — ele disse.

— Qual é?

Ele fez uma pausa de um segundo.

— Não faço a mínima ideia.

— Merda! — Ela sussurrou de novo.

Os passos chegaram mais perto, vindos pelo corredor, e estavam quase em frente ao quarto. Nada além de uma fina lâmina de madeira os separava do momento em que seriam pegos, invadindo a casa.

Nunca Della invejou tanto o dom da invisibilidade de Kylie. Mas ficar ali lamentando não ter esse dom não a levaria a lugar nenhum — ela precisava de um plano. E rápido.

— O armário. — Ela enganchou o braço no de Chase e o puxou para dentro.

Mal tinham fechado a porta e se agachado entre sapatos e peças de roupa caídas quando os passos pararam. Bem do lado de fora da porta.

Dela puxou os joelhos na direção do peito. A escuridão enchia o espaço exíguo. O ombro dela pressionava o de Chase. Precisando de mais ar para vencer o pânico que comprimia seus

pulmões, respirava rápido e superficialmente, esperando não fazer muito barulho. O aroma de perfume e xampu, obviamente de Natasha, impregnava o ar. Então o cheiro picante do sabonete masculino de Chase, misturado com o aroma de ar fresco, encheu os pulmões de Della. Embora ela não conseguisse enxergar um palmo na frente do nariz, fechou os olhos. Com força. E rezou.

Que ninguém entre. Que ninguém venha até aqui.

A porta se abriu e os passos entraram no quarto. Passos suaves como os de uma mulher. O que aconteceria a seguir? Se a pessoa a quem pertenciam os passos realmente os tivesse ouvido, será que olharia dentro do armário? Ah, não! Por que Della tinha escolhido o armário?

Della sentiu o estômago se contrair ao pensar em ter de explicar aos pais por que ela tinha invadido a casa de alguém.

Droga! Droga! Ela e Chase iriam ser pegos e aquilo acabaria muito mal. Realmente muito mal.

Os passos circularam pelo quarto. Com os olhos ainda fechados com toda a força, Della ouviu a pessoa soltar um suspiro profundo. Os lábios de Chase se aproximaram do ouvido dela.

— Se abrirem a porta, saltamos voando pela janela. É só manter a cabeça abaixada e procurar cair na grama. Se for bem rápido, eles não vão conseguir nos descrever para a polícia.

Della abriu os olhos. Uma réstia de luz entrava por baixo da porta do armário. Aquilo ou seus olhos tinham se acostumado à escuridão, e ela passou a enxergar as coisas à sua volta — as roupas no chão, o par de tênis desgastados no canto do armário. Ela voltou a fitar a porta, preparando-se para correr como louca se ela se abrisse.

Della contou até três, achando que já era hora de a pessoa se decidir se iria examinar o armário.

Um.

Dois.

Três.

A porta não se abriu.

O barulho do colchão cedendo sob o peso de alguém acrescentou outra camada de tristeza à música que tocava ao fundo.

Então ela ouviu um soluço sentido. Um soluço feminino. Não fazia parte da música. Era algo que vinha do fundo do coração. E parecia dor. Pura. Dor.

— Por que eu continuo ouvindo você? — disse a mulher. — Você está aqui, querida? Por que eu não aceito que você se foi? Pode me ouvir? Eu amo você. Sinto muito a sua falta.

Ela não se foi, Della queria dizer. Lágrimas encheram seus olhos. Enquanto sentia o peito doer por Natasha e sua mãe, Della não pôde deixar de imaginar se a mãe sentia a falta dela.

Será que algum dia a mãe tinha entrado no quarto dela e chorado?

Della não percebeu que ainda segurava a mão de Chase até que os dedos dele se entrelaçaram nos dela e os apertaram levemente. Será que ele lamentava a dor da mãe de Natasha também? Era como se ele estivesse tentando comunicar que tudo ficaria bem.

Mas como isso era possível? A tristeza da mulher ficou ainda mais evidente, pesando no ar, até dentro do pequeno armário. O sentimento de injustiça, de pesar, inundou o peito de Della e a fez

se sentir sufocada.

A música de repente parou e o toque de um telefone soou em algum lugar.

O toque foi substituído por uma voz eletrônica anunciando: *chamada de Miao Hon.*

Dela segurou a respiração. Com certeza ela ouvira errado. Mas a mensagem se repetiu. *Chamada de Miao Hon*.

Por que a sua tia, mãe de Chan, estaria ligando para a mãe de Natasha?

Della respirou com um tremor. Ela desviou os olhos para Chase, mas ele parecia não ter associado o último nome de Chan com a pessoa que estava ligando.

O leve barulho do colchão se infiltrou pela porta. Então os passos deixaram o quarto. O clique da porta do quarto sendo fechada chegou aos ouvidos de Della, mas soou diferente. Distante.

Muito distante. Imediatamente, o armário pareceu mais escuro. Em vez de num esconderijo, ela estava agora numa prisão.

Dela se virou para falar a Chase que ela queria ir embora — queria sair dali, afastar-se da dor —, mas não era mais Chase sentado ao seu lado.

Capítulo Vinte e Quatro

O medo era a emoção que a impelia, mas, quando o sentiu, ele se transformou em outra coisa. Algo que a fez sentir borboletas no estômago. Uma sensação boa.

Com os ombros contra os dele, ela olhou para o garoto, tentando entender. Ele tinha olhos castanhos, quase pretos, amendoados, e pele cor de café com leite com muito leite. Seu cabelo curto era preto e caía em cachos na testa. Seus traços eram... perfeitos, exceto por uma cicatriz ainda recente sobre a sobrancelha esquerda. Algo sobre ele agitou seu banco de memória, mas ela não conseguiu detectar o quê. No entanto, ela tinha o estranho desejo de passar os dedos pelo ferimento em fase de cicatrização.

De repente, outra lembrança sussurrou nos recônditos do seu cérebro. Ela não via nada, mas captou um vago vislumbre de uma briga e soube que ele tinha sido ferido enquanto tentava protegê-la.

Ele olhava para ela com carinho e paixão. Ela queria diminuir a distância entre eles, mas de repente não precisou mais. Ele se inclinou, chegando mais perto, a boca quase na dela. Sua leve respiração tocou seus lábios.

Ele ia beijá-la.

Correção. Ele a estava beijando.

Não, não ela. Ele estava beijando Natasha.

Ele era Liam. E Natasha correspondia ao beijo.

— Você está tão linda! — ele sussurrou, afastando os lábios e percorrendo os dela, ainda úmidos do beijo, com os dedos.

— Não estou, não. Meus cabelos estão duros de sujeira. Preciso de um banho — ela disse rindo.

— Não é o que eu vejo — ele disse.

— Que bom que aqui está escuro! — ela exclamou.

Ele a beijou outra vez e dessa vez o beijo começou suave e depois ficou mais ardente. A boca de Liam tinha um gosto bom. Era doce e tinha um leve sabor acre de sangue. Do sangue dela. Do sangue dele.

Eles deviam ter acabado de se alimentar do sangue um do outro. Mas dessa vez ela não sentia repulsa. Estava muito envolvida com o beijo, com Liam, para se importar.

Ela podia estar frente a frente com a morte, mas no momento queria se sentir viva. Sentir paixão. Tocar. Ser tocada.

Quando viu, eles estavam deitados lado a lado. O chão duro de terra nem parecia tão desconfortável. Tudo o que importava era Liam. Ele estava deitado ao lado dela. Sem camisa. Ela traçou com o dedo a tatuagem de uma cruz de contornos estranhos no ombro dele.

A mão dele se esgueirou por baixo da camiseta dela e os beijos ficaram mais quentes, mais doces.

Natasha acariciou o abdômen e a cintura dele. Eles tinham que parar antes que fossem longe demais, mas então a lógica interveio. Tudo o que eles tinham era um ao outro. Como poderia ser errado se agarrar a isso?

Os dedos dele deslizaram por baixo do sutiã e roçaram o bico do seio dela. O toque era tão divino e real! Até mais real do que antes.

Ela virou a cabeça, abriu os olhos e viu um tênis. O tênis de Natasha. O armário de Natasha. Então sentiu uma mão outra vez, sobre o seu seio.

— Merda! — Della murmurou entredentes, saltando para trás. — Tire a mão do meu...

— Shh. — A outra mão de Chase, aquela que não estava acariciando seu seio, pressionou os lábios dela.

Della instantaneamente se lembrou da razão por que tinha que ficar em silêncio. Mas a mão dele, ainda envolvendo delicadamente seu seio, ficou onde estava. E, embora ela odiasse admitir, seu toque era celestial. Mas aquilo era errado. Muito errado.

— Tire a mão daí, agora! — ela sussurrou num tom de voz baixo o suficiente para que ele não pudesse reclamar. Mas Chase devia ter sentido a ameaça na voz dela, pois seus olhos se arregalaram.

— Desculpe, eu não... eu não tinha... — A voz dele soou mais baixa que um sussurro, só audível aos ouvidos dela. — Ah, droga, eu tiro a mão se você tirar a sua.

Minha mão? Ainda lutando para restabelecer a ligação com seu próprio corpo e dissipar a visão, ela segurou a respiração ao constatar algo alarmante. Chase não era o único com mão boba ali. A mão dela estava na parte de trás da calça dele, sob o algodão macio da cueca, e acariciava o seu traseiro. O sangue afluiu para o rosto dela instantaneamente.

Ela tirou a mão de dentro da cueca o mais rápido possível.

— Calma — ele disse novamente, tirando a mão de debaixo da camiseta dela e puxando-a para perto dele. Ela começou a lutar para se desvencilhar de Chase e ele sussurrou:

— Você vai bater na parede do armário e vão nos pegar aqui.

Pegos no maior amasso dentro do armário de Natasha, enquanto os pais dela estavam no andar de baixo, disse uma voz dentro da cabeça dela. Ela apurou os ouvidos, não para ouvir nenhuma voz, mas para o que estava acontecendo dentro da casa. Claro que ela ouviu vozes, um homem e uma mulher.

Ela respirou fundo e lentamente foi se afastando de Chase, colocando alguns centímetros entre os dois. Mas isso não fez com que se sentisse melhor. Como poderia?

Ela tinha simplesmente trocado carícias íntimas com o Pervertido da Calcinha. Não intencionalmente. Mas ainda assim dava no mesmo, não dava?

Ela tentou se lembrar do que tinha acontecido — de Chase tocando-a, ela tocando-o —, mas só conseguiu se lembrar de que era Natasha e ela estava inebriada com os beijos de Liam.

Foi nesse momento que se deu conta de que Chase estava enxergando pelos olhos de Liam, assim como ela estava enxergando pelos olhos de Natasha. Isso significava que ela não podia ficar furiosa com Chase? Provavelmente. De algum modo, ela tinha a impressão de que não tinha sido ele quem deslizara a mão *dela* para o interior da cueca *dele*. Ela tinha feito isso por conta própria. Ou com a ajuda de Natasha.

Ah, mas Della ainda queria ficar furiosa com Chase.

E, quando ele olhou para ela, a vampira o encarou com raiva. Ela podia estar errada, mas mesmo assim a sensação de raiva era boa.

Chase franziu a testa.

— Eu acho que podemos sair... em silêncio. Parece que os dois estão no andar de baixo. Precisamos abrir a janela e pular sem que nos vejam.

Ela tentou engolir a tensão. Dois tipos de tensão. Aquela que sentia no fundo da barriga, por causa do toque de Chase, e outra, diferente. Do tipo que dizia que eles ainda não estavam livres de encrenca. Ainda podiam ser presos por arrombamento e invasão. Não importava que a janela estivesse aberta.

Engatinhando, ela o seguiu para fora do armário. Quando ficou de pé, seu olhar subiu até o traseiro dele, um bumbum atraente e musculoso, e ela corou novamente.

Ele levantou a vidraça com todo o cuidado para não fazer barulho e olhou para ela.

— Pule mais para a direita, assim eles não vão ver você da janela da frente. Fique atrás das árvores e vá para o carro. Eu vou estar bem atrás. — As palavras dele vieram tão baixas que ela mal ouviu.

Della fez o que Chase disse e aterrissou bem à direita da janela. Então correu até a fileira de árvores. O sol já tinha começado a se pôr no horizonte. A luz dourada capturada nas folhas vermelhas e amarelas fazia com que parecessem ainda mais brilhantes.

A adrenalina a ajudou a dar mais alguns passos, e então ela parou. Não o ouvira atrás dela. Ela olhou para trás. Chase não estava ali. Onde diabos ele estava?

Um. Dois. Três. Ela iria contar até dez, depois iria atrás dele.

Estava chegando ao nove quando ele finalmente apareceu na janela e saltou, aterrissando de pé a três metros do ângulo de visão da janela.

Juntos, eles correram até um canteiro de árvores na rua. Quando Della localizou o Camaro azul, quase conseguiu respirar.

— Por que você demorou tanto? — ela perguntou.

— Entre, depois eu falo.

E foi então que Della notou um volume sob a camiseta dele.

— Você pegou alguma coisa! — ela sibilou. — Eles vão notar, caramba! Provavelmente sabem de cor tudo o que tem naquele quarto.

— Estava no armário, atrás de umas caixas de sapatos. Acho que eles nem sabem que estava lá. — Ele tirou de debaixo da camiseta um livreto. — Acho que é um diário.

Della instantaneamente pensou em Miranda e no seu diário. Claro, Della tinha brincado com a amiga, dizendo que gostaria de ver o que ela escrevia ali, mas na verdade não faria isso. Eram coisas particulares.

— Você não pode pegar assim o que não é seu! — ela contestou.

— Se nos ajudar a encontrar Natasha e Liam, vou aceitar qualquer bronca que você me der por causa disso.

Della lutou contra a sua consciência, em dúvida se ele estava certo ou errado, depois decidiu que ela provavelmente faria a mesma coisa. Mas por alguma razão aquilo não a impediu de achar que Chase estava errado.

Talvez ela só estivesse furiosa com ele por causa de outras coisas. Coisas que envolviam ambos dentro do armário. Ah, sim, aquilo tinha sido muito errado!

Eles entraram no carro e Chase subiu a capota para que não ficassem tão expostos, depois deu a partida e arrancou. Quando passaram pela casa, um homem e uma mulher estavam do lado de fora da casa, olhando para cima, na direção da janela aberta. Eles passaram rápido, mas Della notou que o homem parado ao lado da mãe de Natasha não era o mesmo homem da foto de família. Mesmo assim, ver os dois do lado de fora foi para Della a prova de que eles por pouco não tinham sido pegos.

Por muito pouco mesmo.

— Achou alguma coisa útil? — Chase perguntou quinze minutos depois. Ela não tinha falado desde que tinham deixado o bairro de Natasha e Della começara a ler o diário.

— Não — respondeu ela. — São só coisas normais. De dois anos atrás. — Ela examinava as anotações escritas à mão do diário de Natasha.

Outros dois minutos tinham se passado quando ele perguntou:

— Quer falar a respeito?

— Do diário? — ela perguntou, apesar de saber a que Chase se referia. Ou pelo menos, tinha receio de saber.

— Você está se recusando a falar comigo. Acho melhor conversarmos.

Ela de fato não tinha falado com ele de propósito. Estava concentrada na leitura do diário de Natasha e se sentindo culpada por fazer isso. E, depois, tentando descobrir por que sua tia tinha ligado para a mãe de Natasha.

Havia uma ligação entre as duas. Uma ligação que, segundo tinha presumido, era apenas Chan. Mas, se a mãe de Chan estava ligando para a mãe de Natasha, a ligação não era só essa. Della teria que descobrir o que era. Mas como, sem visitar a tia? Sem deixar o pai furioso com ela?

— Você ouviu o que eu disse? — ele perguntou.

— Sim e não.

— O quê? — Chase perguntou, confuso.

— Sim, eu ouvi você, e não, não quero conversar a respeito...

— Você não pode me culpar pelo que aconteceu.

— Claro que posso! — ela sibilou em voz baixa.

— Você não está sendo justa.

— Onde você arranjou essa ideia de que eu sou justa?

Ele riu.

— Ei, você estava com a mão na minha bunda e eu não estou furioso com você.

— Bem, isso é só uma prova de que eu sou mais sensata. Porque você devia estar furioso. Apalpar estranhos não é...

— Nós não somos estranhos. — Chase voltou a olhar para a frente, mas não antes de ela ver o brilho de humor nos olhos dele. Segundos depois, com um ar sério novamente, ele acrescentou: — Estamos ligados. Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que aceitar isso.

Della começou a dizer a ele que nunca aceitaria, mas nem sabia mais se isso era verdade. Então ficou de boca fechada. Por mais incrível que pudesse parecer, isso o aborrecia mais do que qualquer outra coisa. Ela guardou a informação na memória para outro dia.

— Olha — ele começou —, aconteceu por causa da visão. E, em vez de ficar encanada com isso, a gente deveria tentar descobrir se a visão pode nos ajudar em alguma coisa.

— Tem razão — ela admitiu.

— Uau, você acha que eu tenho razão? Pode me dar isso por escrito? — ele respondeu com sarcasmo.

Della franziu a testa e fechou o diário. Natasha tinha escrito sobre um garoto de quem gostava e sobre o que as amigas diziam. Aquilo quase partiu o coração de Della, porque o relacionamento entre Natasha, Amy e Jennifer parecia muito especial. Tão especial quanto o seu relacionamento com Miranda e Kylie.

O que teria acontecido com essas garotas? Será que sentiam falta de Natasha?

— Eu não me lembro muito da visão — disse Della.

— Eu pude ver melhor desta vez — disse Chase. — Não sei se foi porque havia mais luz no lugar onde estavam ou porque o fantasma nos deixou ver mais.

— Eu consegui ver melhor também. E acho que por esses dois motivos. — Della tentou se lembrar dos detalhes. — Liam tinha um corte na sobrancelha. — Ela deixou sua mente voltar à visão e tentou encaixar as peças. — Ele se machucou quando tentava proteger Natasha.

— De quem? — Chase perguntou, como se Della pudesse ter a chave para descobrir o mistério.

E bem que ela queria, droga!

— Eu não sei, eu só... Natasha pensou sobre a briga e eu vi Liam sendo agredido e ela tentando apartar a briga e se sentindo culpada. O que Liam estava pensando? — ela perguntou.

Ele a olhou de relance, parecendo quase culpado. Ela soltou um grunhido baixo.

— Ah, droga... Por que eu fui perguntar? Você só conseguia pensar em tirar a roupa dela, não é?

— Ei, isso era ele! Não eu! — Chase voltou a olhar para a frente. — E eu não acho que ele era o único pensando nisso.

Dela não podia negar. Natasha desejava Liam também. Della só queria que isso não a tivesse levado a passar a mão na bunda de Chase.

— Ela tinha uma tatuagem — disse Chase, trocando a marcha.

— Ela não parecia o tipo de garota que teria uma tatuagem — estranhou Della.

— Bem, mas ela tinha. No ombro. — Della de repente se lembrou de ver uma no ombro de Liam também. Estranhamente, ela se lembrava de Natasha passando o dedo sobre ela, como se já soubesse seu contorno, embora Della mal conseguisse enxergá-la.

— Isso é estranho — murmurou Della.

— O que é estranho?

Um toque soou no carro. Ela interrompeu a conversa e tirou o celular do bolso. Seu coração acelerou.

Que não seja Steve.

Quando ela viu que não era Steve, seu coração voltou a bater normalmente. Então ele ficou apertado. Ele não tinha ligado para ela. Provavelmente não ligaria mais. Assim como Perry. Caramba, aquilo doía!

Encarando o telefone, ela se obrigou a falar.

— É Burnett.

Chase corrigiu a postura no banco, fazendo o couro do estofamento estalar.

— Com certeza para se certificar de que não fizemos nenhuma idiotice.

— Nós fizemos uma idiotice — ela disse.

— Aquilo não foi uma idiotice. — Chase olhou para ela com um sorriso sexy. — Pode me odiar se quiser, mas eu gostei.

Della rosnou para ele.

— Olha só, você é como todos os outros caras. Só pensa em sexo. Eu estava falando em invadir a casa.

— Ah, mas aquilo definitivamente não foi uma idiotice. Descobrimos o que precisávamos saber.

Ela concordou com ele, mas não deixou de achar que também tinha razão.

— Seria idiotice se tivessem pegado a gente.

— Mas não pegaram — ele justificou. Então olhou para a estrada e depois para ela novamente. — E não é só isso que eu penso. Não com relação a você.

— Certo. — Della olhou de volta para o telefone que ainda tocava.

— É melhor atender ou ele vai ter um aneurisma.

Ela lançou um olhar desaprovador para Chase.

— Você precisa parar com essa animosidade com Burnett.

— Ele é superprotetor demais!

— Porque ele se preocupa. — Ela atendeu o telefone. — Oi — Della cumprimentou, falando perto do fone.

— Onde vocês estão? — A voz de Burnett explodiu dentro do carro.

Della ficou tensa na hora, mas decidiu ignorar a tensão e torcer para que o tom de voz exaltado fosse só o jeito normal de o vampiro dizer “Eu estou preocupado, por isso pareço furioso”.

— Saímos da casa dos Owen há uns quinze minutos.

— E então?

— É ela — confirmou Della, sentindo o olhar de Chase sobre ela. E sem conseguir evitar, olhou para ele também. Chase parecia preocupado e estava com a mão estendida como se quisesse falar com Burnett também. Ela balançou a cabeça.

— E os pais? Vocês não complicaram as coisas, né? — A pergunta era quase uma defensiva.

Talvez um pouquinho.

— Não fizemos nada muito grave! — ela respondeu, esperando ter evitado a mentira.

— Então quer me explicar por que a polícia está atrás de vocês agora?

Capítulo Vinte e Cinco

Della foi obrigada a explicar a Burnett tudo o que tinha acontecido. Sim, ele ficou muito contrariado quando ela contou que tinham invadido a casa, mas não tanto quanto achou que ficaria. Parece que obviamente ele também tinha sua cota de arrombamentos no passado. Por que outro motivo não teria surtado?

Ela se perguntou se o motivo de Chase e Burnett baterem de frente tantas vezes era porque os dois eram muito parecidos. Ela se lembrou de quando Kylie tinha lhe contado que Della e Burnett costumavam se estranhar porque pensavam e agiam da mesma forma. Esse era o jeito de Kylie falar que os dois eram cabeças-duras que nunca pensavam antes de abrir a boca.

Seria essa também a razão por que ela e Chase viviam discutindo? Não, eles não eram nada parecidos. Ele era um pé no saco.

Mas tinha um traseiro bem gostoso. Della deu um chute bem dado naquele pensamento e expulsou-o da sua mente. Deixando um vazio no lugar... e adivinha que pensamento o preencheu?

Um certo metamorfo, cujo traseiro era igualmente gostoso. Cujo traseiro tinha partido para longe e a abandonado. Cujo traseiro estava agora em Paris, provavelmente flertando com todas aquelas beldades francesas. E numa cultura na qual a televisão e os livros fazem com que o sexo seja encarado como uma prática tão comum quanto escovar os dentes. Houve uma época em que essa cultura a intrigava, mas não agora que o cara de quem ela gostava, um cara supergato, estava à solta por lá.

Droga! Droga! Droga!

Tentando afastar aquele pensamento, ela pensou no telefonema que a mãe de Natasha tinha recebido. Por mais que Della detestasse a ideia, se eles não encontrassem outra solução, ela teria que visitar a tia.

E a tia provavelmente contaria ao pai dela. E então o pai provavelmente a tiraria de Shadow Falls. Sim, ela se lembrava de ter ouvido o pai dizer à mãe, quando ela sugeriu que levassem Della para ver a tia: *Não lavamos nossa roupa suja fora de casa*.

Roupa suja.

O pai dela achava que ela era sua roupa suja.

Ela soltou um suspiro trêmulo. *Desculpe, pai!*

O pensamento no pai a levou de volta à visão em que viu o pai ou o tio de pé ao lado do corpo da tia, com uma faca ensanguentada na mão. Correção, seu tio. Ela já tinha se convencido de que o pai não poderia ter feito aquilo. Ele não poderia. Ela o conhecia muito bem. Ela o conhecia!

— Vamos sair ou ficar sentados aqui simplesmente? — A voz de Chase a tirou da sua pequena sessão de autopiedade.

Ao erguer os olhos, ela percebeu que ele tinha estacionado em frente ao restaurante onde deveriam encontrar outro agente — uma retaguarda para o caso de se virem em apuros.

— Não, acho melhor a gente ficar sentado aqui — ela disse, com ironia, e saiu do carro.

Ele a esperou enquanto Della contrornava o carro e então caminharam na direção do restaurante.

— Qual o problema? — ele perguntou.

Bastou aquela pergunta, ou talvez o tom preocupado com que Chase a fez, para que um nó se formasse na garganta dela. Ela engoliu aquilo inteiro também. Não daria para começar a desfazê-lo naquele momento.

— Vamos só fazer o nosso trabalho — ela disse, tentando não ser sarcástica. Della olhou para a placa de neon pendurada sobre o prediozinho do restaurante. Buck's Burgers, mas o B estava faltando, então se lia Uck's Burgers. Não era um nome muito apetitoso.

Ela abriu a porta do restaurante e farejou o ar para detectar alguém sobrenatural. O cheiro de carne na grelha e óleo velho de fritar batatas enchia o ar de tal maneira que Della não conseguiu ter certeza.

Uck's Burgers de repente pareceu um nome apropriado. Ela já tinha sido apaixonada, um dia, por comida barata e gordurosa, mas, desde que tinha se transformado, aquela paixão tinha esfriado bastante.

Um coro de vozes ecoava pelo salão, junto com o chiado de carne fritando na grelha. O lugar não era o que ela chamaria de restaurante fino. O chão parecia precisar de muita água e sabão, e a superfície do balcão tinha um aspecto pegajoso. Aquele era com certeza um reduto de caras da pesada.

Della farejou o ar novamente, tentando detectar o cheiro do agente. Ela podia jurar que havia um vampiro ali, mas não tinha certeza absoluta. Chase parou ao lado dela e sussurrou:

— Você não disse que conhecia esse cara?

— Eu conheço. — Della foi olhando de assento em assento.

— Onde ele está? — Chase perguntou.

— Ali. — Della andou até Shawn Hanson, o bruxo que tinha sido tão gentil no enterro de Chan e tinha uma queda por Miranda.

Chase insistira com Burnett de que eles precisavam de alguém com uma aparência jovem. Burnett tinha conseguido. Shawn não podia ter mais de 20 anos, talvez 19, mas parecia ter uns 16 anos, usando um blusão de capuz e um jeans gasto. Com o brinco, ele não só parecia jovem, mas meio rebelde e bem gato.

O cabelo loiro e encaracolado parecia meio despenteado — ele não era como aqueles caras que andam por aí com o cabelo todo estiloso. Ela tinha a impressão de que aquele era o Shawn que tinha agradado Miranda também. De certa forma, aquele visual meio desleixado, o ar afável e os olhos azuis lembravam um pouco Perry.

— Oi — disse ela.

— Por que demoraram tanto? Estou esperando há quase meia hora. — Os olhos dele se estreitaram como se dessem um aviso.

Não que ela precisasse. O fato de Shawn entrar imediatamente no disfarce deixava claro que alguma coisa estava acontecendo. Ela lutou contra a necessidade de levantar o nariz e farejar o ar outra vez.

— Foi mal — desculpou-se Chase, entrando no disfarce também. — O pai de Della mostrou o revólver outra vez. Acho que a gente não devia ter se beijado na frente dele. — Ele empurrou-a para o lugar vago no banco e depois se sentou ao lado dela.

— Ele vai te dar um tiro qualquer dia desses se você não respeitá-lo — disse Della.

Shawn deu uma risada.

— Vamos pedir alguma coisa pra beber ou vamos para o parque andar por lá e dar um gole naquilo que eu trouxe? — ele perguntou, se inclinando sobre a mesa.

A princípio, Della achou que ele se referia a alguma coisa real.

— Eu trouxe o que vocês pediram. — Obviamente isso fazia parte do disfarce.

Ele pegou a mochila que estava no banco, ao lado dele.

— Um litro de O. E está fresco.

Isso foi o suficiente para que Della soubesse que qualquer que fosse o sujeito para quem Shawn estava fazendo aquela encenação toda era um vampiro. Quando ela inspirou novamente, detectou o cheiro deles. Estavam em dois, não, três.

Então Della farejou um cheiro forte e doce. Droga, Shawn tinha de fato trazido sangue, e tinha até cheiro de O. Sua boca encheu de água... já fazia tempo que ela não conseguia nada tão fresco.

— Por mim, podemos ir — disse Chase, se levantando e oferecendo a mão a ela.

Della se levantou sem a ajuda de ninguém. Quando ficou de pé, ela viu três sujeitos sentados num canto. Vampiros. Com uma aparência jovem, mas malcuidada. Possivelmente membros de uma gangue. Chase pôs a mão na cintura dela enquanto andavam até a porta. Ela saiu do alcance dele e no mesmo instante captou outro cheiro. Um lobisomem. Bem perto.

O cheiro dele penetrou no nariz de Della e despertou uma memória. Ela queria poder olhar em volta para encontrá-lo. O cheiro não estava ligado a uma lembrança negativa, mas, com exceção dos lobisomens de Shadow Falls, as memórias que ela tinha dessa espécie raramente eram boas.

Eles cruzaram a porta de saída e Shadow esperou até que se afastassem para sussurrar:

— Estou supondo que eles vão nos seguir.

— Ainda não saíram — disse Chase.

— Você viu o lobisomem? — Della perguntou a Shawn, que estava à sua direita, enquanto Chase andava à esquerda. — O cheiro dele é familiar.

— Não vi nenhum lobisomem — disse Shawn. — Mas havia uns seis caras lá de boné e um casal trabalhando nos fundos. Poderia ser um deles.

— Eu também senti o cheiro dele — disse Chase, olhando para Della. — Você sabe onde já o viu antes?

— Não, não era um cheiro associado a nada ruim. Só me deixou meio desconfiada.

— É de Shadow Falls? — Chase perguntou.

— Não. Eu não desconfio dos lobisomens de Shadow Falls.

Eles continuaram andando pela calçada. Os olhos azul-claros de Shawn fitaram Chase.

— A propósito, eu sou Shawn Hanson. Muito prazer.

Chase acenou com a cabeça.

— Prazer.

Shawn olhou para Della e algo em sua expressão mudou.

— Você está bem?

Ela sabia que ele se referia à morte de Chan.

— Sim, tudo bem — ela disse e quase se sentiu culpada por não ter ficado muito tempo arrasada com a morte do primo. — Obrigada novamente por... dar um jeito no lugar da sepultura.

— Não foi nada.

Della sentiu o ombro de Chase roçar no dela e ela olhou para ele.

— Shawn foi um dos agentes que ajudou a enterrar Chan.

— Certo. — Chase inclinou um pouco a cabeça para o lado. — Eles estão nos seguindo agora.

Della se concentrou e pôde ouvir o leve som de passos, mas ainda estavam distantes. Sem dúvida, eles achavam que a conversa entre eles estava fora do alcance dos três. Mas, além da força superior, os Renascidos também tinham uma audição extrassensível.

— Devo me virar para olhá-los? — ela perguntou.

— Não — avisou Shawn, baixando a voz. — Vamos para o parque. Conheço um lugar lá dentro onde quase ninguém passa. Vamos ter mais privacidade para fazer perguntas a esses caras.

Eles continuaram descendo pela calçada, os passos ecoando na noite. Shawn falava como se aquilo fosse tão simples... — encontrar um lugar sossegado e fazer algumas perguntas.

Podiam chamá-la de pessimista, mas não achava que seria tão fácil. Um pressentimento, uma premonição talvez, lhe dizia que aquela noite não iria acabar bem.

Para ela tudo bem, disse a si mesma. Ela podia dar conta de três vampiros. As questões do coração eram o que a derrubavam, e seus pensamentos se voltaram para Chan.

*

Eles chegaram ao parque e continuaram a andar por uma trilha que levava até um dos lagos. Só as estrelas e a lua iluminavam a paisagem. Della ouviu passos distantes se misturando com os sons da noite e até detectou o som de algum animal selvagem contrariado buscando um esconderijo.

Depois de alguns minutos, os passos que os seguiam mudaram de trajeto. Della teve a impressão de que os três vampiros achavam que sabiam para onde eles estavam indo e queriam pegar um caminho diferente para preparar uma emboscada.

Ela olhou para Chase e ele fez um sinal com a cabeça, como se tivesse notado a estratégia. Della estendeu a mão e tocou o braço de Shawn, fitando-o com um aviso no olhar. Ele assentiu como se entendesse exatamente o que ela queria dizer.

Eles chegaram ao lago, a lua e as estrelas refletidas no espelho d'água. Continuaram andando ao lado do lago até uma área mais recuada.

Depois de alguns passos, ela sentiu um cheiro forte de gambá. Chase e Shawn gemeram de nojo, ao sentir o fedor. Mas ela não se importava. Della era uma daquelas pessoas esquisitas que na verdade gostavam do cheiro. Ela respirou fundo. Misturado ao fedor do animal, ela detectou outro cheiro. Ah, droga, era cheiro de rato. Três deles. Não, muito mais que três.

Ela desviou o olhar, já brilhante por causa da ameaça que sentia, e fitou Chase. Ele estava com uma das mãos cobrindo o nariz e não pareceu notar. O que será que aqueles vampiros fora da lei esperavam conseguir? Eles estavam obviamente dispostos a seguir seu propósito, esperando que não fossem detectados. Mal sabiam eles.

— Temos companhia.

Ela mal deu o aviso e oito vampiros apareceram e os cercaram.

Com a ameaça agora visível, as presas dela se projetaram.

— Vocês não vão querer fazer isso — disse Shawn.

— Parece que vão, sim — murmurou Chase, os olhos agora brilhantes e as presas à mostra.

— Ei, esse garoto é bem esperto! — disse um dos vampiros fora da lei, apontando para Chase.

— Vai devagar e pega leve — Della sussurrou, avisando Chase, esperando que ele entendesse que deveriam deixar Shawn, o agente encarregado por Burnett, tomar a iniciativa antes de atacarem.

— Mas eu gosto de ir rápido e pegar pesado — disse um dos vampiros delinquentes, balançando os quadris com um movimento vulgar.

Chase grunhiu.

— Calma — Della sussurrou.

— Passa a mochila, Garoto Bruxo — disse um vampiro de cabelo preto à direita de Della.

— Acho que a gente pode resolver isso. Eu tenho um plano — disse Shawn, parecendo muito calmo e no controle da situação. Della admirou sua abordagem tranquila. Não que ela achasse que iria funcionar, mas tinha que reconhecer que ele estava tentando.

— Vamos fazer o seguinte — Shawn continuou. — Eu dou a mochila a vocês e conto onde enterrei mais alguns litros aqui perto. Tudo o que vocês têm que fazer é responder a algumas perguntas.

— Você tem mais O? — perguntou o vampiro que gostava de ir rápido e pegar pesado.

— É isso aí. E tudo o que têm que fazer é responder a algumas perguntas.

O vampiro de cabelos escuros, obviamente o líder, e ainda mais obviamente um delinquente, tirou uma faca escondida na panturrilha. Uma faca bem impressionante — com uma lâmina de uns dez a doze centímetros. Grande o suficiente para causar um bom estrago.

Ela se lembrou da faca que tinha atingido seu peito na sua primeira missão, e que era do mesmo tamanho. Não que pudesse acontecer de novo. Sendo uma Renascida, esse cara não tinha a mínima chance. Ou, pelo menos ela esperava que não.

— Tudo bem — disse o vampiro —, mas, olha só, eu não gosto de perguntas. Gosto de sangue O. Então por que você não me diz simplesmente onde está o sangue e talvez assim você me convença a não te matar. Ou pelo menos te matar bem rápido.

A ameaça fez o sangue de Della ferver nas veias. O vampiro empunhando a faca sorriu, um sorriso tão perverso que Della estremeceu. Não de medo, mas de expectativa. Arrancar aquele sorriso da cara dele ia ser bem divertido!

Ela olhou para Chase.

— Tudo bem, talvez ir devagar e pegar leve não seja uma boa ideia.

— Ainda não — disse Shawn, levantando a mão. Então ele se dirigiu ao líder do bando. — Você vai preferir não se meter conosco. — Ele levantou a camisa e mostrou o distintivo e uma faixa do abdômen malhado.

Uau! Della agora entendia por que Miranda tinha uma queda pelo garoto.

Todos caíram num silêncio mortal. Nem as folhas se moviam. Sem dúvida, o líder dos delinquentes estava analisando suas opções: cooperar, correr como louco ou continuar com a ameaça.

— Não queríamos assustar vocês — disse o vampiro tagarela, rápido e pesado. — Não é mesmo, Marco? — ele perguntou ao líder.

Marco não disse nada a princípio. Aparentemente, não era tão idiota quanto o amigo.

— Eles só estão em três — disse outro vampiro.

Marco, o mandachuva, mudou de postura. Seus ombros ficaram mais tensos, como se estivesse na defensiva. Talvez Della tivesse superestimado sua inteligência.

Os olhos dele ficaram um pouco mais brilhantes, revelando que ele não tinha nenhuma intenção de recuar. Ela quase bateu palmas.

Marco levantou a faca.

— Acho que ganhamos pontos extras se tirarmos um agente da UPF do caminho, não acham, rapazes?

Della viu todos os outros vampiros sacando facas e, sem aviso, atacarem. Os oito de uma vez.

Capítulo Vinte e Seis

Della investiu contra Marco primeiro. Ela agarrou a faca e arremessou-a num tronco de árvore, onde ficou cravada até o cabo. Girando o corpo, deu um bom chute na barriga do vampiro. Isso não foi suficiente para tirá-lo de cena. Então ela o acertou nas bolas. Ele se estatelou no chão com um gemido.

Com o canto do olho, ela viu o vampiro rápido e duro deitado de bruços no chão, desacordado. Chase estava agora investindo contra outro vampiro e parecia que estava se saindo muito bem. Ela virou a cabeça para checar Shawn. Ele tinha duas espadas nas mãos e aquelas lâminas bizarras emitiam luz! Elas faziam Della se lembrar da espada mágica de Kylie. Ele já tinha derrubado alguns, mas com três vampiros golpeando-o com facas, provavelmente precisaria de ajuda.

Della andou até lá calmamente e bateu o dedo no ombro de um deles. Quando o delinquente se virou, com a faca na mão, ela o chutou entre as pernas. Ei... se tinha funcionado da primeira vez, por que não funcionaria da segunda?

Ele caiu no chão e se encolheu até ficar numa posição fetal, gemendo como o líder. Ela avançou mais um passo e ajudou Shawn com os outros dois, mas viu um dos vampiros correndo com a mochila e o sangue O negativo.

E aquilo simplesmente não era aceitável.

— Volte aqui, seu covarde! — Della disparou atrás dele.

O fugitivo corria rápido. Provavelmente sairia vencedor nas Olimpíadas, se não estivesse concorrendo com Renascidos. Ela o pegou pelo colarinho da camisa em menos de trinta segundos.

Ele se virou e investiu com a faca. Ela se desviou. Pegando-o pelo punho, ela girou o braço dele até quase o ponto de quebrá-lo, forçando-o a soltar a arma.

O vampiro deixou a mochila cair no chão também e tentou acertar Della com a mão esquerda. Ela não esperava o ataque e ele conseguiu golpeá-la no queixo. Ela sentiu muita dor, mas a irritação foi ainda maior!

— Abaixa! — Della ouviu o grito de Chase vindo de trás e o farfalhar dos arbustos enquanto ele se aproximava a toda velocidade.

— Não! Ele é meu! — E querendo mudar sua tática um pouquinho, ela fechou o punho e deu um murro no vampiro. Ele caiu no chão, inconsciente.

Ela ainda sentia dor nos nós dos dedos quando ouviu um grito de Shawn em meio à escuridão. De dor ou de raiva, Della não sabia. E não tinha tempo para pensar nisso. Ela e Chase dispararam na direção do bruxo.

O agente loiro estava com o ombro ensanguentado e tinha perdido uma das espadas. Mas seu olhar de determinação deu a Della a certeza de que ele ainda não tinha desistido de lutar. Avançava com passos leves e ágeis, mantendo afastado o vampiro mais alto, o último que restava do grupo.

Della fisgou o olhar de Shawn.

— Quer ajuda?

— Não — ele sibilou ao mesmo tempo que arremetia com tudo e bloqueava outro golpe de faca do vampiro. — Eu dou conta! — garantiu. E deu mesmo. Quando o vampiro desviou os olhos para Della e Chase, Shawn arrancou a faca da mão do malandro. O vampiro deu meia-volta e começou correr, mas de repente ficou paralisado. Não paralisado como a pessoa fica quando está cansada demais para se mexer. Literalmente *congelado*.

Finíssimos cristais de gelo pendiam do nariz dele.

Della olhou novamente para o bruxo e ele ainda estava com o dedo mínimo suspenso no ar.

— Por que você não fez isso logo de cara? — Della massageava o queixo onde tinha levado um soco. Não estava quebrado, mas já tinha inchado um pouco.

— É preciso um segundo de calma para dar certo. Eles investiram rápido demais. E eu sou mais rápido em desembainhar espadas do que em lançar feitiços.

— Ahh... — exclamou Della, sem entender direito aquela coisa de magia.

— Nojento... — murmurou Chase, chegando mais perto para ver melhor a cara do sujeito.

— Você está bem? — perguntou Della, examinando o braço de Shawn.

— É só um cortezinho. — Ele se fez de durão, mas, como já tinha levado uma facada, Della sabia que o corte devia estar ardendo como o diabo.

Shawn olhou em volta, procurando alguma coisa.

— Eu tenho algemas elétricas na mochila, se você quiser começar a prender esses caras.

— Ah, um dos caras ia fugindo com ela. Vou pegar — disse Della, mas, quando ela se virou, Chase já estava voltando com a mochila numa mão e arrastando com a outra o delinquente que ela tinha nocauteado.

— Essa foi fácil — disse Shawn alguns minutos depois, enquanto observava Della e Chase algemando todos os vampiros, com exceção do que estava congelado. — Vocês dois são muito bons.

Shawn olhou para Della e depois desviou os olhos para Chase.

— Burnett está certo. Precisamos roubar você daquele Conselho dos Vampiros.

— Obrigado, mas não obrigado — respondeu Chase.

— Sabia que nós pagamos duas vezes mais?

— Sem chance — repetiu Chase, convicto.

Por que não?, Della queria saber, mas deixou o assunto de lado para pensar nele mais tarde.

Suspirando e sentindo o fluxo de adrenalina diminuir, ela fechou a mão, que parecia ligeiramente inchada por causa do soco, e sentiu o queixo latejar. Um leve grunhido veio do

vampiro congelado, que devia estar descongelando, porque saliva pingava da sua boca. Ela olhou para Shawn.

Della arremessou para ele o último par de algemas. Shawn as pegou no ar e prendeu-as em volta dos pulsos do vampiro congelado.

— Você também não foi nada mal — Della disse a ele.

— Na verdade... — Shawn forçou o vampiro a se deitar no chão ao lado dos outros e depois se afastou um pouco e pegou o celular —, recebi ordens para conseguir informações sem causar problemas. Burnett não vai ficar nem um pouco satisfeito.

— E ele algum dia já ficou? — murmurou Chase, e depois se aproximou de Della e segurou o queixo da vampira.

— Aquele idiota deixou um hematoma em você. — Ele olhou para trás, na direção do agressor inconsciente.

— Não foi nada. — Della se afastou do toque de Chase.

— Acabou. — A voz no telefone ecoou atrás deles. — Sim, ela está bem.

Della revirou os olhos, sabendo que Burnett tinha perguntado dela primeiro, como se ela não soubesse se cuidar. Que constrangedor!

— Eu disse que ele é superprotetor — Chase cochichou, levantando o queixo dela outra vez.

— E você, é o quê? — Ela deu um tapa na mão dele.

— Estamos todos bem — disse Shawn, um pouco mais alto, como se para se certificar de que Burnett iria ouvir.

Ela e Chase olharam para o bruxo e Della inclinou a cabeça para o lado, tentando ouvir a voz do outro lado da linha.

— Os outros estão bem? — veio a voz de Burnett pelo telefone.

— Sim. — Shawn deu uma olhada no seu ombro sangrando.

— Algum problema? — Burnett perguntou, percebendo a mentira.

— Estou com um corte, mas não é nada grave.

Burnett gemeu.

— Conseguimos alguma coisa?

— Bem, as coisas não saíram como que a gente queria... Vamos precisar de um camburão aqui.

Burnett gemeou de novo.

— Quantos são?

— Oito. — Shawn se afastou um pouco mais e Della não conseguiu mais ouvir Burnett.

— Você está bem mesmo? — Chase perguntou a ela, estendendo o braço para pegar a mão que Della tinha usado para nocautear o vampiro.

— Dá pra parar! — ela avisou.

— Ei, vocês dois! — Shawn olhou por sobre o ombro. — Eles estão todos vivos, certo?

Chase deu uma olhada nos oito vampiros enfileirados como peças de dominó.

— Sim, mas eu posso dar um jeito nisso — disse, olhando feio para o vampiro que acertara Della.

*

Della e Chase seguiram o carro onde estavam os vampiros, escoltados pelos seguranças da UPF. Burnett encontrou-os na rua. Andou até Della e levantou-lhe o queixo.

— Não foi nada — ela garantiu, irritada.

— Qual deles fez isso? — ele perguntou com uma fúria silenciosa.

— Isso importa?

— Aquele de camiseta marrom — disse Chase, sem que ninguém lhe perguntasse.

Della olhou carrancuda para Chase e depois voltou a se dirigir a Burnett.

— Por que Shawn, que levou uma facada, passou por aqui e já foi embora e você não ficou todo preocupado com ele?

Burnett franziu a testa.

— Porque o nome do meio da minha filha não é Rose por causa dele. Além disso, eu já marquei uma consulta médica para Shawn. E você, mais algum ferimento?

— Não, estou bem.

— O pulso — Chase respondeu. — Ela nocauteou um dos caras. Deu um belo soco nele.

— Eu estou bem! — ela grunhiu.

Só então Burnett deu uma olhada em Chase.

— Você está bem?

— Nem um arranhão.

— Presunçoso! — Della vociferou.

Burnett olhou para a porta.

— Você pode levar Della de volta para Shadow Falls? Assumimos daqui em diante.

— Não! — Della e Chase falaram ao mesmo tempo.

Della levantou o queixo roxo.

— Eu... nós queremos saber se eles sabem alguma coisa sobre Liam.

A expressão de Burnett endureceu, mas os olhos dele revelavam que ele não estava a fim de discussão. Ele se virou e olhou para outro agente em pé no balcão da recepção da UPF.

— Leve esses dois à sala seis para assistirem aos interrogatórios.

Chase se aproximou de Burnett. Della notou que o vampiro mais velho só era uns dois centímetros mais alto que Chase.

— Eu deveria fazer os interrogatórios — queixou-se Chase.

— Lamento. — A determinação deixou a expressão de Burnett mais severa. — Trabalhe para nós e você terá todos os privilégios. Enquanto isso, fará só que eu mandar.

Os olhos de Chase ficaram um pouco mais brilhantes, mas ele não respondeu. Lembrando-se da resposta negativa de Chase antes, quando Shawn mencionou a possibilidade de ele trabalhar

para a UPF, a curiosidade dela sobre o trabalho com o Conselho dos Vampiros se reacendeu. Por que Chase estava trabalhando para eles? Como isso tinha começado? Havia uma razão para a lealdade que ele demonstrava?

O outro agente, um lobisomem, saiu na frente e fez sinal para que ela e Chase o seguissem. Enquanto Della obedecia, ela se lembrou do cheiro de lobisomem que tinha sentido no restaurante.

O agente abriu uma porta no final de um corredor cinzento e sem graça.

— Eles vão trazê-los um a um... daqui a uns três minutos. Vocês vão poder ver e ouvir todos eles, mas eles não vão poder ver nem ouvir vocês. — O lobisomem foi até uma parede de vidro. Não que ele precisasse explicar. Tanto Chase quanto ela já tinham estado ali antes. — Burnett vai fazer os interrogatórios.

Quando ficaram sozinhos na sala, Della olhou para Chase e sua curiosidade aumentou.

— Porque você é leal ao Conselho dos Vampiros?

— O que quer dizer? — ele perguntou.

— Você parece bem leal a eles.

Os ombros dele enrijeceram.

— Eles não são um bando de malfeitores como vocês costumam pensar. Podemos não concordar com todas as políticas da UPF, mas...

— Eu não disse isso. Estou simplesmente perguntando por que você é tão leal a eles.

Chase pareceu acuado com o questionamento.

— É uma pergunta estranha partindo de você, que defende Burnett mesmo odiando que ele fique te mimando o tempo todo.

O contra-ataque dele, em vez de dar uma resposta direta, só a deixou mais curiosa. Será que ele estava escondendo alguma coisa?

— Não é tão estranho — Della respondeu. — É exatamente por isso que estou curiosa. Eu sou leal a Burnett porque... — Ela fez uma pausa, achando difícil admitir aquilo em voz alta. — Ele é mais do que apenas um trampolim para a minha carreira. Ele é como se fosse da minha família. Qual é a sua desculpa?

Ele não respondeu de imediato. Será que estava inventando uma mentira ou...

— Eu gosto do meu trabalho. Gosto da liberdade que o Conselho me dá. Não é nenhum segredo que acho ridícula a preocupação de Burnett com os agentes.

— Sim, mas Burnett só é assim comigo. Estamos falando de trabalhar para a UPF, não de trabalhar para Burnett.

— Tem razão, mas eu sinto que ele tem bastante influência na UPF. E os outros são exatamente como ele.

Della poderia ter contestado aquele ponto de vista. Ninguém se preocupava tanto quanto Burnett e, embora ela odiasse ser tão mimada, tinha que admitir que gostava dele. Fora isso, Della não podia negar que a resposta de Chase fazia sentido.

— Como você foi contratado pelo Conselho dos Vampiros?

Ele olhou através da parede de vidro, para a sala de interrogatórios vazia.

— Eles ficaram sabendo que sou um Renascido. Então foram me procurar.

Por hábito, ela tentou ouvir o batimento cardíaco dele. Não notou nenhuma alteração, mas ela não podia se esquecer da capacidade dele de controlar esse órgão. Suas suspeitas aumentaram. Será que Chase tinha se virado de costas de propósito, só para Della não notar os sinais de que ele estava mentindo?

Ela estava prestes a chamar a atenção dele para esse fato quando ouviu um barulho. Era um agente, um dos vampiros que tinha ido ajudá-los a transportar os delinquentes para lá, trazendo para a sala um dos suspeitos que seriam interrogados e forçando-o a se sentar numa cadeira.

Alguns segundos depois, Burnett entrou na sala e se sentou do outro lado da mesa, em frente ao pobre vampiro algemado. Burnett carregava um arquivo, que ele abriu sobre a mesa. Seu olhar se fixou nos papéis por alguns instantes. Ele não agia com violência, mas, sendo Burnett, só sua presença já intimidava.

Ele ficou sentado ali sem falar nada. Sem nem olhar para o vampiro. Mesmo por trás da parede de vidro, Della podia sentir a tensão aumentando na sala.

O vampiro não aguentou mais o silêncio.

— A gente não ia machucar ninguém, só queríamos o sangue.

— Engraçado, não foi o que pareceu, não é mesmo? — Chase perguntou a Della.

— Não — ela admitiu.

Lentamente, Burnett olhou para a frente.

— Diga isso para aquele agente que levou uma facada e para a que levou um soco no queixo.

— Ei, aquela mina me deu um chute no saco!

— Você tem sorte de ela não ter arrancado seu saco e jogado badminton com ele...

Chase deu uma risadinha.

— Burnett te conhece bem...

Della deu de ombros, mas não respondeu. Estava ocupada demais observando o que estava acontecendo na outra sala, na esperança de aprender uma coisinha ou duas.

Burnett se reclinou na cadeira e endireitou os ombros, fazendo o garoto do outro lado da mesa parecer menor ainda. Será que ele fazia isso de propósito?

Por fim, Burnett falou, mas olhando novamente para os arquivos.

— Ela geralmente não pega tão leve com otários que ameaçam a vida dela.

— Eu já disse que a gente não ia...

— Jason Von, certo?

Quando o garoto não respondeu, Burnett se inclinou para a frente, os olhos brilhando.

— Esse é o seu nome?

— É — Jason respondeu.

Burnett assentiu.

— Olha aqui, Jason, eu não vou fazer rodeios. Vocês oito vão ficar detidos por tentativa de roubo, e dois de vocês ainda têm um bônus extra por assalto. As celas estão quase cheias. Temos dois lugares em Burton. Não é um passeio no parque, mas Parkrow, nossa outra prisão, aquela é barra-pesada. Só cinquenta por cento do pessoal que entra lá sai vivo. E vinte cinco por cento acaba tirando a própria vida. E os dois primeiros de vocês cinco com ficha mais leve que nos contarem o que precisamos saber vão poder ir para Burton.

Ele tirou uma fotografia do arquivo e deslizou-a pela mesa até ela ficar na frente do vampiro. O mesmo vampiro que de repente começou a parecer jovem demais para estar numa enrascada daquele tamanho.

— Você é um dos que vai ter a sorte de ir para Burton? — Burnett deu uma batidinha na foto com o dedo indicador. — Eu preciso de informações sobre este garoto. — Ele olhou dentro dos olhos do vampiro. — Você o conhece? Já o viu antes? Eu sei que ele andava circulando pela área da gangue de vocês.

O vampiro, que provavelmente não era mais velho do que Della, deu uma olhada na foto e seus olhos se arregalaram de reconhecimento. Nas suas pupilas castanhas Della viu outra coisa. Medo.

— Ele está apavorado — constatou Della.

— Com razão — Chase respondeu. — Eu já vi Parkrow, é o mesmo que ir para o inferno.

— Não — disse Della. — Ele ficou apavorado quando olhou a foto. Ele sabe alguma coisa e está com medo de falar.

O garoto olhou novamente para Burnett.

— Eu...

— Burton ou Parkrow? — perguntou Burnett.

— Eu... ahn... — o vampiro vacilou.

— Muito bem — disse Burnett. — Parkrow. Ele se levantou para sair da sala.

— Não — Della murmurou. — Ele sabe alguma coisa.

Sim, ele sabe. Encontre Natasha.

A voz ecoou na cabeça de Della. Ela olhou para Chase para ver se ele tinha ouvido também, mas aparentemente não tinha.

Ainda pensando na voz, Della farejou o cheiro do lobisomem outra vez. Ela olhou para trás para ver se algum lobisomem tinha entrado na sala, mas não viu ninguém.

Inspirou o ar outra vez, para ver se estava enganada. O cheiro persistia. E a familiaridade que sentiu deixou seus sentidos em alerta. Era o mesmo cheiro que tinha percebido no restaurante.

— Está sentindo esse cheiro? — ela perguntou a Chase.

Ele pareceu confuso, mas ergueu o rosto e respirou fundo.

— Cheiro do quê?

Droga! O fantasma estava tentando lhe dizer alguma coisa. Mas o quê?

Seu olhar se desviou para o garoto novamente, para o medo em seus olhos.

— Não sei merda nenhuma! — ele disse.

Della viu a sobrancelha esquerda do garoto se agitar. Assim como a de Chase quando ele mentia.

Burnett parou na porta.

— Vai se arrepender disso.

Ele está mentindo. O fantasma falou de novo.

Burnett virou a maçaneta.

— Não! — Sem conseguir reprimir o grito, ela deu dois passos na direção da parede de vidro e levantou o punho.

— Não! — Chase investiu como se fosse detê-la.

Tarde demais, ela deu um soco no vidro.

O olhar de Burnett e do vampiro voaram para lá ao mesmo tempo. O garoto pareceu absolutamente chocado, mas Burnett só fez cara feia. Mas não era uma cara feia qualquer. Era uma cara feia que beirava à fúria assassina.

Ele saiu e fechou a porta atrás de si. Sem dúvida para bater um papinho com a pessoa que ousara golpear o vidro. Mas tudo bem. Ela precisava mesmo falar com ele. Della tinha começado a andar em direção à porta quando ela de repente se escancarou e bateu na parede com tanta força que pedacinhos de reboco caíram do teto como flocos de neve.

— Que diabos pensa que está fazendo? — Burnett rugiu. — Nunca interrompa um interrogatório!

Capítulo Vinte e Sete

Chase se aproximou um pouco mais, como se tivesse receio de Burnett bater nela. Della não estava tão preocupada. Não que ela não tivesse medo de Burnett. Ela tinha medo de desapontá-lo, medo que ele visse suas fraquezas. Mas nunca sentira medo de que ele a agredisse fisicamente.

— Desculpe, mas é que ele sabe alguma coisa — Della despejou.

A cara feia de Burnett piorou.

— Eu sei que ele sabe alguma coisa! — Ele jogou as mãos para cima com frustração. — E estava prestes a me contar!

— Não, ele não estava. Ele ia despistar porque está com medo.

— Não, ele ia me dizer a verdade porque está com medo! — Burnett insistiu.

Ela balançou a cabeça.

— Você precisa perguntar sobre o lobisomem.

— Que lobisomem?

— Eu... não sei. Mas se você perguntar... Espere, deixe que eu pergunte, eu vou agir como se soubesse mais e vou arrancar a verdade dele.

— O quê? — Burnett sibilou e, quando viu que Della não respondia, ele desviou o olhar para Chase. — De que diabos ela está falando?

Chase parecia confuso, mas então seus olhos verdes encontraram os dela e ele quase sorriu.

— Eu estou boiando, mas aposto meu braço direito que ela sabe alguma coisa. Se for esperto, vai confiar nela.

Burnett voltou a encarar Della.

— Eu confio nela. Mas ainda preciso de uma explicação.

Della deu. Em uma palavra.

— Fantasma.

*

Della parou do lado de fora da porta, tentando reunir coragem e invocar a adulta dentro dela. Tinha pedido por isso, agora precisava seguir em frente.

Mesmo com a sua temperatura fria de vampiro, ela podia sentir gotinhas de suor se acumulando na testa. Nervoso. Nada mais do que isso.

E se ela estivesse errada? E se só tivesse imaginado o cheiro de lobisomem? E se o garoto não soubesse merda nenhuma mesmo? E se ela falhasse? Tanto Burnett quanto Chase estavam assistindo tudo da outra sala com parede de vidro.

Minha nossa! Onde ela estava com a cabeça para sugerir aquilo?

Encontre Natasha.

Ah, sim, agora ela sabia. A voz. O fantasma.

Endireitando a coluna, lembrando-se de que a vida de Natasha e a de Liam estavam em perigo, varrendo de dentro dela qualquer rastro de insegurança, ela abriu a porta.

Lembrando-se do modo como a presença de Burnett enchia a sala, ela entrou. Não olhou o vampiro imediatamente.

— Eles mandaram *você*? — o vampiro perguntou numa voz condescendente.

Ela cruzou os braços e por fim olhou para ele.

— É por causa do que eu sei.

— O que você sabe? — ele perguntou, os olhos castanhos não demonstrando o mesmo medo que ela viu quando ele estava na presença de Burnett.

Ela engoliu o nó da dúvida. Pensou em pegá-lo pelo colarinho e prensá-lo na parede. Mas suspeitava que Burnett não iria respeitar aquilo.

— O gato comeu sua língua? — ele perguntou, quase sorrindo.

Ela sentiu o risco de fracassar se esgueirando dentro de si, mas não iria desistir sem uma boa briga.

Puxou a cadeira em frente a ele, fazendo com que ela arranhasse o chão de ladrilho, e deixou-se cair no assento.

— Eu sei que você estava prestes a esconder a verdade quando respondeu ao agente.

— Você sabe, é? — Ele deu um sorriso afetado.

Ela queria bater nele.

— Sim, você não estava pensando em contar a eles sobre os lobisomens.

O olhar em seus olhos castanhos dizia a Della que ela conseguiria sair da sala de cabeça erguida.

— Você não entende... — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Merda!

— Me passe os nomes agora e você vai ser levado para a melhor prisão.

Ele literalmente se encolheu de medo.

— Acho melhor tentar a sorte na prisão pior.

— Sério? — Ela se inclinou para a frente, entrando propositalmente no espaço dele, tentando pressioná-lo a falar. — Porque eu estou imaginando que pelo menos metade dos detentos em Parkrow são lobisomens. E membros de gangues — ela acrescentou, rezando para que os lobisomens que ele tanto temia pertencessem a gangues. — E você sabe que vamos conseguir respostas e eles vão presumir que você foi o dedo-duro.

Ele deu um pulo da cadeira, agarrou o encosto com as mãos algemadas e jogou-a de encontro à parede. O móvel espatifou no chão, a alguns centímetros de onde Della estava. Não era bem uma tentativa de agredi-la, era mais um ataque de fúria.

Della levantou a mão para a parede de vidro, onde Burnett e Chase estavam, esperando que eles entendessem que ela estava pedindo que não interrompessem. Deixar o vampiro delinquente

nervoso fazia parte do plano.

Ela deu alguns passos, pegou a cadeira e atirou-a de volta no lugar.

— Sente-se! — ela mandou. E, quando olhou nos olhos dele, ela se deu conta do quanto ele era jovem. Ser jovem não era desculpa para aquele comportamento, mas ela de novo se sentiu privilegiada por ter um primo para ajudá-la na transformação e depois por ter Shadow Falls para lhe dar retaguarda e mantê-la na linha. Será que esse garoto tinha alguém para cuidar dele?

Como ele não respondeu imediatamente, Della tentou outra tática.

— Olha só, eu sei que você está nervoso. E provavelmente com medo. Mas diga o que precisamos saber e aposto que a UPF vai manter você vivo até que consiga mudar o rumo da sua vida.

Ele praticamente caiu sentado na cadeira. Não demonstrava mais nenhuma arrogância, ele parecia... desesperado. Ela conhecia aquele sentimento também.

— Eu... não sei muito. Vi um grupo de lobisomens com esse garoto. Acho que o nome dele era Liam. Marco estava tentando recrutá-lo quando vimos os lobisomens com ele. Ele cedeu rapidinho. Disse que os lobos eram fudidos, disse que pegavam recém-criados e que não valia a pena brigar com eles.

— Qual era o nome da gangue? — Della perguntou.

Quando ele não respondeu, Della deu um murro na mesa.

— Eu não sei! Eles não disseram o nome da gangue. Eu não sei nem se eram uma gangue. — Ele parou de falar um minuto. — Mas ele disse o nome de um dos lobisomens. Um tal de Damian Baker, ou talvez Bryan, um nome com B. Isso é tudo o que eu sei.

Della acreditava nele. Ela começou a deixar a sala, mas então se lembrou do cheiro familiar de lobisomem no restaurante.

— Damian ou um dos amigos dele estavam no Buck’s Burgers? — ela perguntou.

— Eu não sei. Acho que podiam estar.

— Como são esses lobisomens?

— Como todo lobisomem, cães fedorentos.

Sem aviso, Della teve aquela sensação de vazio no estômago. Uma fome tão grande que a barriga até doía, e ela sabia que a sensação era de Natasha.

— Vou precisar mais do que isso! — ela disse, e a sensação de vazio no estômago era um aviso de que precisaria andar rápido, se quisesse encontrar Natasha e Liam vivos.

Burnett interrogou os outros vampiros usando as informações que Della tinha conseguido com Jason Von. Eles acabaram conseguindo mais informações. O nome do lobisomem que tinha sido visto levando Liam era Damian Bond. Burnett estava investigando esse nome no banco de dados da UPF para ver se encontrava mais alguma coisa.

Antes de deixar o escritório da UPF, Burnett chamou Della de lado e disse quanto ela tinha ido bem no interrogatório. No entanto, tomada pelo sentimento de que Natasha e Liam estavam correndo contra o tempo, Della não conseguiu saborear o elogio.

Apesar da ordem de Burnett para que fossem direto para casa, ela e Chase voltaram ao Uck's Burgers. Era quase uma da manhã, o restaurante estava fechado, como a maior parte do comércio, e eles ficaram sentados dentro do carro, no estacionamento, com a capota arriada. Não estavam farejando nenhum lobisomem na área. Tudo estava em silêncio, e eles reclinaram só um pouco o banco, confortáveis em meio à noite e ao silêncio, olhando as estrelas.

— Estou vendo a Ursa Menor — disse Chase.

— É, acabei de encontrá-la.

— Minha mãe adorava observas as estrelas — contou Chase. — Às vezes, à noite, ela colocava nossos sacos de dormir no jardim e ficávamos deitados lá, olhando o céu.

— Parece bem legal — disse ela, olhando para ele. — Você sente muita falta deles?

— Sinto, mas não tanto quanto antes.

Depois de uns dez minutos, pensando em quanto Burnett ficaria bravo se soubessem que estavam ali, ela disse a ele que era melhor irem para casa.

Quando Chase estacionou em frente a Shadow Falls, ela pegou o diário, falou um rápido "até mais" e pulou do carro sem nem abrir a porta. Ela tinha uma sensação maluca de que, se não fugisse, ele tentaria beijá-la.

Quando saiu do carro, sentiu que Chase olhava para ela.

— Te vejo amanhã! — ele disse, saindo do carro.

Ela não olhou para trás, mas que um raio a partisse se não estava sentindo como se uma parte importante dela estivesse ficando para trás. Uma parte dela queria dar meia-volta e pedir a ele que lhe garantisse que iriam mesmo encontrar Natasha e Liam.

— Vou sentir sua falta! — Chase gritou quando ela passava pelo portão de Shadow Falls.

Eu também. O pensamento cruzou sua mente, mas ela se recusou a dizê-lo em voz alta. Então se lembrou de algo e se virou. Antes de falar, Della inclinou a cabeça ligeiramente para ter certeza de que ninguém estava ouvindo. Não escutou nada.

— Não se esqueça de me arranjar uma reunião com o Conselho.

Ela o viu acenando e entrando no carro. Ela ficou parada ali, olhando enquanto os faróis traseiros desapareciam na estrada. Engraçado como o pedido dela tinha feito com que ele fosse embora rápido, quando antes ele não parecia ter nenhuma pressa. Será que isso significava alguma coisa?

Capítulo Vinte e Oito

Eram quase duas da manhã quando ela entrou no quarto. A cabana estava em silêncio. Só o som suave da respiração de Miranda e Kylie adormecidas enchia o espaço. Della tirou as roupas, vestiu o pijama e se arrastou para a cama, abraçando o travesseiro. Sua mente dava voltas, muito agitada para dormir.

Agora, na cama, sentindo um leve arrepio pouco natural, os pensamentos em Chase se dispersaram e foram substituídos por outros pensamentos...

Ela olhou em volta do quarto em busca de algum sinal do fantasma. Não viu nada, mas isso não queria dizer que não havia ninguém ali.

— Você é minha tia?

As palavras pareceram pairar no ar acima dela, numa nuvenzinha de névoa.

Della puxou as cobertas até o pescoço, depois colocou o diário na sua frente e começou a ler. Encontrou a página onde tinha parado antes. Algumas datas não tinham o ano, mas pela letra Della podia ver que eram de uma época em que Natasha ainda estava no secundário.

Curiosa para saber se havia alguma coisa sobre a transformação dela, Della passou para as páginas finais, conferindo a data. Escritas nas últimas páginas estavam as palavras: *Adeus, diário*. Mas a data no alto era 13 de outubro do ano anterior.

O que significava que ler o diário de Natasha não iria ajudar em nada, era só invasão à privacidade. Uma privacidade entendiante, diga-se de passagem, mas mesmo assim era uma invasão. Ela fechou o diário e colocou-o de lado, mas ele de repente se abriu.

Olhando em volta, ainda sentindo um calafrio, ela fechou o diário novamente. Dessa vez, quando ele voltou a se abrir, Della pressupôs que deveria ler a página em que ele estava aberto. Assim como tinha acontecido com a foto no caixão de Chan.

— Ótimo. Mas como isso vai me ajudar a encontrá-la. Ela só descreve coisas normais do dia a dia aqui. — O que Della tinha achado uma coisa chata, verídica e normal pareceu algo bom. Como seria se o seu único problema fosse saber que o cara de quem ela gostava nem sabia da existência dela? Ela costumava ter essa vida, pensou. E Natasha também, ponderou. Agora a vida da garota tinha virado um pesadelo também.

Della olhou para a página do dia 10 de janeiro. Começou a ler.

Mamãe me chamou no quarto dela hoje. Eu sabia o que ela ia me dizer. Ela vai se casar com Tom.

Dela soltou um suspiro. Então a vida de Natasha não era tão perfeita assim. Della lembrou-se da foto do homem mestiço na mesinha de cabeceira da garota. Aquele devia ser o pai dela de verdade. Será que ele tinha morrido ou os pais eram divorciados? Então ela se lembrou do homem do lado de fora da casa, olhando para a janela do andar de cima. Devia ser Tom.

Ela continuou a leitura.

Eu fiz o que devia. Disse que estava feliz por ela. Mas foi difícil. Também é difícil constatar quanto sou egoísta. Quero minha mãe só pra mim. Não quero dividi-la com ninguém. Mas não penso em viver para sempre na casa dela. Vou me formar em menos de um ano. E então ela ficará sozinha. Ela não merece isso.

Não é que eu não goste de Tom. Bem, talvez eu não goste dele, mas também não desgosto. E não acho que ele seja ruim. Eu sei que ele ama minha mãe. E é legal comigo. Mas não é o meu pai. E eu sinto que ele está querendo substitui-lo. Eu não quero que Tom seja o meu pai.

E tê-lo por perto me lembra do pai que eu tinha. É loucura sentir falta de alguém depois de tantos anos. Eu sinto muita falta dele, mas o tempo também faz a gente esquecer. Como a voz dele. Eu costumava achar que sempre me lembraria dela. O jeito como ele me chamava de docinho — mas não me lembro mais. Já se passaram sete anos desde que ele morreu. Eu ainda olho para a foto dele quase toda noite e tento me ver nele. E eu vejo um pouco, mas não muito. Eu gostaria de ter o nariz dele.

Della olhou para a página e percebeu quanto ela tinha em comum com Natasha. Quantas vezes ela não tinha olhado no espelho e se perguntado por que não se parecia mais com o pai, mais com a família dele e com a cultura de que tanto se orgulhava? Talvez o fato de ser mestiça levasse a pessoa a se sentir assim — como se não pertencesse nem a um grupo nem a outro.

Della continuou a ler, mas o diário passou a relatar só coisas mais corriqueiras. Uma briga que ela teve com Tom, a escolha de um vestido para o baile de formatura. Ela leu tudo e só faltavam algumas páginas para o final. O último relato era mais longo do que os demais.

Falta uma semana para eu fazer 18 anos. Hoje mamãe me perguntou o que eu queria de aniversário. Eu sabia que ela perguntaria, como sempre faz. Ela é um doce, quer que a gente ganhe o que quer e não apenas o que ela quer dar. Mas este ano eu olhei nos olhos dela e decidi não mentir. Eu quero a verdade, disse a ela. Sua expressão quase me fez chorar. Me lembrou de como ela ficou quando a polícia bateu na nossa porta e disse que o meu pai tinha morrido na explosão da fábrica. Eu acho que ela tem medo de me perder. Ela não vai me perder, mas vou ficar com raiva se aquilo em que acredito for verdade. Ela deveria ter me contado há muito tempo.

Curiosa, Della virou a página, mas não havia mais nada para ler. Do que Natasha estava falando? Que mentira a mãe teria contado a ela? Della fechou o diário, seus sentimentos em relação à mentira com relação ao pai de Natasha espicaçando-a, enquanto sentia o sofrimento de garota.

Della colocou o diário na mesinha de cabeceira e ficou pasma quando o viu voar dali e bater na parede. E o frio no quarto tornou-se mais intenso.

— Por que você está infeliz? — Della olhou para cima e viu cristais de gelo brancos caindo do teto. Estava nevando em seu quarto.

— Chega dessa merda de frio! — gritou ela e se sentou. — Por que não podemos apenas conversar? Me diga onde está Natasha e eu vou salvá-la. Me diga como vocês duas estão ligadas.

Suas palavras fizeram mais nuvens de vapor pairar no ar. Elas estavam a alguns centímetros dos seus lábios.

— Me conte... me diga quem matou você. E juro por Deus que, se você disser que foi meu pai, eu vou saber que você é uma mentirosa.

Della prendeu a respiração. O coração dela a levou de volta para o tempo em que ficava no escritório na companhia do pai. As risadas que tinham dado juntos. O amor que tinham um pelo outro. Seu pai podia não ter morrido como o de Natasha, mas ela sentia falta dele do mesmo jeito.

— Fale comigo — disse ela novamente. Nenhuma resposta. E aquilo deixou Della furiosa. — Muito bem! Se você não vai falar, então faça o favor de tirar o seu traseiro gelado daqui. — Ela voltou a deitar a cabeça no travesseiro.

Passos soaram na cabana. A porta se abriu. Kylie estava ali.

— Você está bem?

— Não tenho paciência com fantasmas — disse Della com a voz firme, tirando com um tapa um floco de gelo dos cílios.

— Quer que eu durma com você?

— Eu não estou com medo, só de saco cheio. — O coração dela deu uma sacudida anormal. E se Kylie estivesse no modo vampiro teria ouvido. Della não verificou. Ela estava cansada demais para levantar a cabeça.

Kylie foi até a cama e se deitou com ela. Mesmo cansada, Della encontrou forças para contar à amiga sobre o seu dia. Desde a visão no armário de Natasha, até Chase afanando o diário, até a briga no parque, atrás do lago. A frustração dela agora era por causa de Natasha e Liam, que não tinham muito tempo.

— Você não pode fazer mais nada — disse Kylie, mas Della percebeu a desesperança na voz da amiga. Ela, como Holiday, ainda tinha dúvidas se Natasha e Liam ainda estavam vivos. Della se recusava a acreditar.

A temperatura do quarto por fim voltou ao normal. Com uma protetora ao seu lado, Della puxou os cobertores até o queixo — não para se esconder do frio, mas para se manter longe dos

pensamentos de assassinato, fantasmas e duas pessoas presas em algum lugar, correndo contra o tempo.

Della estava quase dormindo quando Kylie fez uma última pergunta.

— Você fez o que Miranda disse?

— O quê? — Della murmurou.

— Abriu seu coração para Chase, para saber se ele é um príncipe ou um sapo?

— Eu acho que ele é as duas coisas — disse Della, e recordou da mão de Chase em seu seio quando saiu da visão. Como era ser tocada por ele. De repente, ela se sentiu muito quente e desejou que o fantasma voltasse e fizesse nevar novamente.

Na quarta-feira de manhã, o toque do celular despertou Della com um sobressalto. Ela se sentou e se lembrou de ouvir Kylie saindo da sua cama e se vestindo para ir à escola, junto com Miranda. Olhando pela janela, viu o sol atravessando a vidraça.

— Merda! — Ela devia ter voltado a dormir depois disso. Se começasse a dormir até tarde e a faltar nas aulas, Burnett provavelmente iria diminuir seu tempo de trabalho.

Ela pegou o celular. Seu coração deu uma sacudida quando ela pensou que poderia ser Steve. Olhando para o número, fechou os olhos, caiu de costas na cama e repreendeu-se por ainda querer que fosse Steve.

Então, a contragosto, atendeu à chamada.

— O que você quer?

— Bom dia, Raio de Sol!

— Vá pro inferno.

Chase riu.

A risada dele se derramou sobre ela como uma calda quente. Maldito seja! Foi então que Della se lembrou do que tinha dito a Kylie. *Príncipe e sapo*.

Ela o ouviu se mexer, quase como se ainda estivesse na cama também.

— Sabe, a única coisa melhor do que ouvir sua voz rouca pela manhã seria acordar ao seu lado. Seu cabelo bagunçado, a luz do sol entrando pela janela e fazendo sua pele macia brilhar. Aposto que você está sexy como o diabo.

Ela passou a mão pelos cabelos, olhou para baixo e percebeu que estava usando o pijama dos Smurfs.

— Eu não apostaria nisso.

— Não me diga. Você está vestindo o pijama dos Smurfs, não está?

Ela mordeu o lábio para não xingá-lo. Ela ficou de boca fechada, não porque estivesse com um palavrão na ponta da língua, mas porque sabia que ele estava certo.

— Você tem um conjunto de calcinha e sutiã que combina com o pijama? — perguntou ele, sem dúvida querendo provocá-la.

— Você realmente é o Pervertido da Calcinha! — ela disse.

— Sou o quê?

— O Pervertido da Calcinha!

Ele riu.

— Não, eu só sou pervertido quando se trata de você! — disse Chase parecendo sincero. — Você está bem?

— Claro que estou. Por quê?

— Anda dormindo tarde. Ficou acordada pensando em mim?

Ela ia começar a dizer que era óbvio que não, mas teria sido uma mentira.

— O fantasma veio me ver — ela disse a verdade, em vez de responder à pergunta dele. — E você? Qual é sua desculpa? — Ele tinha pensado nela? Não, espere, ela não queria saber.

— Minha desculpa para quê? — Chase perguntou.

Della não conseguiu encontrar uma resposta atravessada, então simplesmente a deixou pairando no ar.

— Parece que você ainda está na cama também. Ou isso não foi o barulho do colchão?

— Estou. Quer saber o que estou vestindo?

— Não! — Mas uma imagem se formou na mente dela. Seu rosto ficou quente quando ela se lembrou de quando estava naquele armário, passando a mão na bunda dele.

— Eu fiquei até quase quatro da manhã trabalhando no caso — Ele fez uma pausa. — E pensando em você. — Della o ouviu rolar na cama novamente.

Ela fechou os olhos e não soube o que dizer. Então não disse nada.

— O que ela disse? — Chase perguntou.

— Ela quem? — Della respondeu, a mente num turbilhão, o rosto ainda quente.

— O fantasma? — ele perguntou.

Ótimo, ela precisava mesmo mudar de assunto.

— Esse é o problema, ela não disse nada. Apenas fez nevar.

— Nevar?

— Sim, no meu quarto!

Ele fez uma pausa.

— Você sabe quem é ela?

— Eu não estou bem certa — respondeu.

— Quem você pensa que é? — ele perguntou.

Talvez esse assunto não fosse melhor do que o anterior.

— Que horas são? — ela perguntou, na esperança de desviar a conversa.

— Oito e meia.

— Se eu correr, ainda consigo pegar a primeira aula. Preciso ir.

— Então você não quer saber o que eu descobri sobre o nosso cara, Damian Bond?

Ah, mas que inferno, ela estava caindo na dele. É claro que queria saber.

— O que você descobriu? — Ela se sentou.

Capítulo Vinte e Nove

— Quem você acha que o fantasma é? — perguntou Chase, como se só estivesse disposto a contar as novidades se ela também contasse.

— Eu não tenho certeza absoluta. — Della falou a verdade.

— Então, quem você acha que é? — ele perguntou pela segunda vez.

— Não foi você quem disse que ela era o meu fantasma? — Della rebateu e sentou-se na beirada da cama.

— Não foi *você* quem disse que tínhamos a guarda conjunta? — ele rebateu, como se estivesse frustrado. — Se isso vai nos ajudar a encontrar...

— Se fosse nos ajudar, eu diria, mas agora só estou confusa. Então pare com essa enrolação e me diga o que você sabe sobre Damian Bond.

Ele a deixou sofrer por alguns segundos antes de começar a falar.

— O mais importante é que ele está na Califórnia agora, e já faz três dias. Portanto, não era dele o cheiro que você sentiu ontem à noite.

— Como... Como você sabe disso?

— A UPF não é a única que tem um banco de dados. Eu pedi para o Conselho dos Vampiros fazer um relatório sobre ele. Quando estava indo para casa ontem à noite, eles me ligaram. Ele está numa lista de observação. Já pertenceu a uma gangue que tinha como alvo os vampiros. Supostamente, desistiu, mas nós temos um endereço dele. Eu farei uma visita à casa de Damian. A namorada me disse que ele estava em Los Angeles. Ele faz uns trabalhos de dublê em filmes. Mas está voando para casa na sexta à noite. Acho melhor encontrá-lo na esteira de bagagens, não acha?

A mente de Della girava.

— Sim. — Mas ela não podia negar que tinha ficado desiludida ao saber que Damian não era o lobisomem que ela tinha farejado no Uck’s Burgers. Especialmente porque era esse o cheiro que o fantasma a tinha feito sentir quando estavam assistindo ao interrogatório. Como tudo isso se encaixava?

Expelindo o ar dos pulmões, ela olhou para os dedos dos pés descalços.

— Você já contou isso a Burnett?

— Ainda não. Pensei em contar primeiro para a minha parceira.

Algo na maneira como ele disse “parceira” causou uma vibração no estômago dela. E foi uma vibração boa — como se Della fosse parte de algo... ou alguém... importante.

Ela tirou o cabelo do rosto e voltou a olhar para a porta do quarto quando ouviu passos correndo na frente da varanda da sua cabana. Uma boa farejada e ela reconheceu o cheiro da bruxa.

— Miranda vem aí — Della disse ao telefone. — Eu tenho que ir. Ligue para Burnett e conte tudo a ele. Se não fizer isso, ele vai ficar puto.

— Esse não é o estado normal dele?

— Faça isso e pronto. — Ela desligou quando a porta se abriu e Miranda irrompeu para dentro do quarto.

— O que há de errado? — perguntou Della.

A bruxa respirou fundo como se tivesse corrido.

— Kylie me disse que Shawn foi esfaqueado! — ela exclamou, parecendo um pouco em pânico. — Ele está bem? — Ela ainda tinha o garfo na mão como se tivesse recebido a notícia durante o café da manhã e esquecido de deixá-lo no prato.

Della tomou a decisão rápida de manipular um pouco a verdade. Ei... se Kylie podia bancar a casamenteira, talvez Della pudesse também.

— Eu não sei. Ele estava bem machucado. Eu tenho o celular dele. É melhor você ligar e ver como ele está.

Shawn na verdade estava bem. Depois de tomar alguns pontos, tinha voltado a viver normalmente. Ele tinha dado o número de seu celular para ela e Chase na entrada de Shadow Falls, apenas para o caso de haver mais alguma notícia sobre o lobisomem. Aparentemente, ele ia continuar ajudando no caso.

Miranda franziu a testa.

— Por que eu iria ligar para ele?

— Humm, vamos ver. Talvez porque você esteja tão preocupada que correu do refeitório até aqui com um garfo na mão, para perguntar como ele estava — disse Della.

— Mas... eu não... não somos... amigos.

— Mas poderiam ser.

Miranda revirou os olhos.

— Eu me lembro do que você disse sobre ele exalar feromônios e tudo mais, mas ele é mais velho do que eu.

— Mais velho quanto? Dois anos? Ligue pra ele.

— Mas eu não estou... Eu só...

Della quase podia ler a mente da bruxa.

— Perry ligou?

Um olhar triste e tocante se estampou no rosto da bruxa.

— Não.

— Deixe-me ver se entendi. Perry diz que quer dar um tempo no tal relacionamento entre vocês. Ele vai embora. Você dá a ele um telefone mágico e ele pode ligar a hora que quiser, de qualquer lugar, e ele não se dá ao trabalho de usá-lo. Certo?

O lábio inferior de Miranda tremeu um pouco, mas ela confirmou com a cabeça.

— Então que se dane! Ligue para Shawn!

Della pegou o celular e mandou uma mensagem para Miranda com o número do celular do bruxo.

— Ligue pra ele! — ela sibilou quando o telefone da bruxa apitou. — Nós tínhamos um acordo, lembra?

Miranda fez beicinho e fulminou Della com os olhos, e era difícil fazer as duas coisas ao mesmo tempo, mas ela conseguiu.

— Você cumpriu a sua parte do trato... com Chase? Porque, se não cumpriu, eu não vou...

— Ele colocou a mão dentro do meu sutiã e eu passei a mão na bunda dele. Será que isso pode ser considerado a minha parte do trato?

Uma hora depois, no caminho para a aula de matemática, o celular de Della tocou. Ela olhou para a tela; era uma daquelas chamadas de alguém tentando vender seguros. Mas logo antes de ela enfiar o telefone de volta no bolso, percebeu que não falava com a mãe... havia um século! A mãe não ligava todos os dias, mas pelo menos duas vezes por semana Della recebia um telefonema "só para saber se estava tudo bem".

A constatação ficou dando voltas na cabeça dela, então caiu como um pássaro morto no seu coração. Será que a mãe estava tentando esquecer que ela existia, assim como o pai? Ou talvez ela só estivesse ocupada. Antes que perdesse a coragem, procurou o nome da mãe na sua lista de contatos e ligou.

O telefone tocou uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

E foi para o correio de voz.

— Ei, mãe, sou eu, Della. — *Para o caso de você ter esquecido quem eu sou*. — Eu acabei de perceber que não nos falamos e queria ter certeza de que está tudo bem. — *Eu te amo. Sinto sua falta*. — Me liga.

Della tinha acabado de colocar o celular de volta no bolso quando Holiday apareceu.

— Ei, eu estava procurando você.

— Por quê? A minha mãe ligou? — perguntou Della, pensando que talvez ela só tivesse perdido o telefonema da mãe mais cedo.

— Hã, não. Algo errado?

— Não, eu só... Eu não tenho notícias dela há algum tempo. Ela tem ligado ultimamente para saber de mim?

Holiday pensou um minutinho.

— Não na semana passada. Você está preocupada com alguma coisa? — a líder do acampamento perguntou, captando as emoções de Della.

— Nada de mais — disse Della, e em seguida perguntou: — Precisa de alguma coisa?

— Ah, bem, eu precisava dar uma esticada nas pernas e achei que você podia se juntar a mim.

Della olhou bem para a líder do acampamento.

— O que eu fiz?

Holiday riu.

— Nada.

— Então o que você precisa falar comigo? — perguntou Della. — E não diga que não é nada, porque isso seria uma mentira e *faes* boazinhas não mentem.

Holiday fez uma careta.

— Nós mentimos às vezes. Mentirinhas brancas. — Ela sorriu. — Então, tudo bem, eu quero falar com você, mas você não está em apuros.

— Se você está grávida e quer que eu faça o parto do seu segundo filho, a resposta é não — brincou Della. — Eu não me recuperei do primeiro ainda.

Holiday riu.

— Bem, se você precisar de terapia, pode deixar que eu pago. Venha, vamos caminhar até o lago.

Elas entraram numa trilha na floresta e tudo ficou em silêncio. Os sons dos outros campistas desapareceram, e só um inseto ocasional fazia barulho.

— Você tem certeza de que não estou em apuros? — perguntou Della.

— Eu só estou um pouco preocupada — disse Holiday.

— Com o quê?

— Você... e toda essa coisa de ligação com Chase. Vocês estão passando bastante tempo juntos. Eu só queria ter certeza de que você está... ok.

— Não estamos rebolando os quadris — Della garantiu.

Holiday riu.

— Você tem mesmo jeito com as palavras, mocinha. E, sim, essa era uma das minhas preocupações, mas não é só isso. — Holiday ficou séria novamente. — Então você não está nem um pouco interessada nele dessa forma?

Della chutou uma pedra inocente que por acaso estava na frente do seu pé.

— Eu não diria “nem um pouco”.

— Então, o que você *diria*?

— Eu preferiria não dizer nada. — Ela encolheu os ombros.

Holiday suspirou.

Elas chegaram ao lago e Holiday apontou para a frente.

— Vamos nos sentar no píer.

Elas andaram até o fim da ponte de madeira.

Holiday se sentou, tirou os sapatos e enrolou a barra da calça jeans. Os dedos dos pés mal tocaram a água.

— Hoje está um dia bonito! — ela disse.

— Está mesmo — Della concordou, com sinceridade. Não estava frio, nem calor. O céu estava azul brilhante, as nuvens brancas e o sol estava quente em seus ombros. Della se sentou ao lado

dela e tirou as botas e as meias. A água só causou um friozinho refrescante em seus pés.

— Onde está Hannah? — perguntou Della.

— Eu contratei uma babá para me ajudar a cuidar dela durante parte do dia. Sinto como se estivesse ignorando o meu trabalho.

Depois de alguns minutos, Holiday falou novamente.

— Burnett está investigando essa coisa toda de ligação e existem algumas poucas informações que confirmam o fato de que é real, mas elas são vagas. Muito vagas.

— O que dizem? — perguntou Della, querendo ver se ela sabia mais do que Chase tinha contado.

— Que os dois vampiros ficam ligados emocionalmente. Há provas de que podem ser membros da mesma família, por isso a ligação não é necessariamente romântica.

Um peixe deu um salto a alguns metros do píer e Holiday e Della olharam para ele.

— O que você acha que esse vínculo significa? A ligação entre vocês é romântica? — Holiday perguntou.

— Você sabia que os peixes fazem xixi e cocô na água? — disse Della quando Holiday esticou as pernas e afundou os pés na água.

Holiday revirou os olhos.

— Eu sei. E essa foi provavelmente a pior tentativa de mudar de assunto que eu já ouvi.

— Sim, mas eu não consegui pensar em nenhuma outra coisa — disse Della.

Holiday sorriu e então sua expressão ficou séria novamente.

— O que eu estou dizendo é que o que Chase fez por você foi uma coisa maravilhosa, mas eu não quero que se sinta obrigada a oferecer parte de si mesma que não deseja oferecer.

— Ele não está me pressionando para fazer sexo — disse Della, sabendo que era verdade. A coisa toda do armário tinha sido por causa da visão, não tinha nada a ver com eles. Mesmo que ele tivesse gostado. E ela também, admitiu para si mesma.

— Isso me deixa mais tranquila — disse Holiday, passando o pé pela superfície da água. — Mas você sente algo por ele. Eu posso dizer. E também posso dizer que você não está completamente confortável com isso. E isso me preocupa.

Della chutou a água.

— Eu odeio quando você faz isso, sabe?

— Faço o quê? — Holiday puxou o cabelo por sobre o ombro.

— Lê minhas emoções. — Della franziu a testa. — Porque, embora você esteja certa ao dizer que me sinto desconfortável, não é o que você está pensando. Se eu me sinto desconfortável, é por causa do que eu sinto, não porque ele está tentando me pressionar a fazer alguma coisa.

Holiday olhou para Della.

— E o que você sente?

— É maluquice minha — ela disse.

— Isso faz sentido. — Ela estendeu a mão e tocou o braço de Della. — Eu só quero ajudar. E eu sei que você é uma pessoa muito reservada, mas às vezes ajuda falar sobre as coisas.

— Que coisas? — perguntou Della.

— O que você sente?

Della engoliu a frustração.

— Eu já disse, é maluquice. — Ela suspirou. — Olha, se eu soubesse de verdade o que sinto, eu diria, mas eu não sei. Eu gosto dele? Sim. Me sinto atraída por ele? Sim. Se eu acho que a coisa da ligação é real? — Ela quase disse que não, mas a verdade escapou. — Sim. Mas eu não sei em que medida ou aonde isso vai me levar. Parte de mim confia nele. Parte de mim, não. E então, você conseguiu entender alguma coisa disso, exceto que eu estou completamente confusa e me sentindo meio paranoica?

Holiday sorriu.

— O amor é confuso e pode fazer você se sentir paranoica.

— Eu não disse nada sobre amor — disse Della.

Holiday sorriu.

— Eu não quero dizer um "amor", para o resto da sua vida. Apenas um romance. — Ela se inclinou para trás e olhou o céu. — No entanto, eu não estaria fazendo meu trabalho como líder do acampamento se não contasse sobre as preocupações de Burnett com você.

— Ah, mas que inferno! Ele mandou você falar comigo sobre Chase?

— Não, foi ideia minha, e quando contei a ele, ele... bem, também falou como se sentia a respeito.

— Ele não gosta de Chase — disse Della.

— Ele não confia totalmente em Chase. E *realmente* não confia no Conselho dos Vampiros.

— E eu acho que ele é um tantinho superprotetor.

Holiday sorriu.

— Ele não seria ele mesmo se não fosse superprotetor. Mas tem faro para essas coisas. Então, eu só quero que você seja cuidadosa.

— Eu sou sempre cuidadosa. — *Pelo menos a maior parte do tempo*.

Capítulo Trinta

Della almoçou com Jenny, Kylie e Miranda. Elas pegaram suas bandejas e levaram para trás do escritório, sentando-se sob a sombra das árvores para comer.

Passaram metade do tempo rindo, enquanto Miranda contava sobre alguns de seus feitiços que tinham dado errado. Como no dia em que ela queria remover uma mancha da camisa do pai e acabou removendo todas as roupas dele.

Quando viram que o vizinho idoso "humano" tinha visto a cena, tudo virou um caos. Especialmente porque as roupas desapareceram quando o pai dela estava inclinado, tirando um assado do forno. Momentos depois, o pai estava usando dois pegadores de panela para cobrir as partes.

Della precisava mesmo dar umas risadas. Uma ou duas vezes, ela viu a tentação nos olhos de Miranda para contar o que Della tinha dito a ela sobre Chase e toda aquela história da mão dele e da mão dela, mas a garota deve ter entendido o olhar de Della dizendo "eu mato você" e não abriu a boca sobre o assunto. Della não tinha a mínima necessidade de falar sobre isso.

Especialmente depois da conversinha com Holiday. Não que Holiday a tivesse feito se sentir diferente, ela só não queria que Burnett ficasse sabendo de alguma coisa e realmente começasse a surtar.

Miranda não mencionou se ela tinha ligado para Shawn. Della decidiu que não iria pressionar mais. Tinha que ser decisão dela. Mas, se a amiga começasse a voltar ao modo "sorvete e lágrimas", Della poderia mudar de ideia.

Ela não conseguiria, e não iria, ficar por perto, vendo a amiga sofrer e se castigar por causa da idiotice de um garoto. E, sim, ela considerava Perry um cretino. Miranda gostava dele, e o fato de ele pedir um tempo quando na verdade gostava dela, também era idiotice.

Depois de um almoço tão divertido, o dia pareceu mais leve. Após as aulas, Della esperou Chase no portão da frente. Burnett tinha precisado sair para tratar de outro caso e por isso eles não tiveram antes a reunião habitual para repassarem as regras. O plano era voltar ao Uck's Burgers e ver se ela encontrava algum vestígio do lobisomem.

Quando o Camaro azul de Chase encostou, ela andou até o carro. Fazia meses que não andava tanto de carro e, embora adorasse voar, todo aquele tempo dentro de um carro fazia com que se sentisse um pouco mais humana. Como uma verdadeira adolescente. E isso era bem legal.

Ele parou ao lado dela. Seu cabelo estava despenteado pelo vento, Chase usava óculos escuros e seu sorriso era tão caloroso quanto o sol. Ela sentiu a mesma emoção que sempre sentia quando o via. A ligação? Ou, como Holiday tinha falado, apenas um romance normal? Mas, no momento, Della não queria pensar ou julgar. Quando saltou a porta, caindo no banco do passageiro, ele estendeu para ela um saquinho.

— O que é isso? — ela perguntou.

— Eu comprei mais elásticos de cabelo. Você continua levando todos e não trazendo nenhum de volta.

Ela pegou o saquinho e, quando o virou no colo, mais do que apenas elásticos de cabelo caíram de lá. Uma bonequinha Smurf — uma Smurfette — caiu em seu colo. Ela olhou para ele.

O sorriso dele se alargou.

— Desculpe, mas, quando vi, tive que comprá-la. Sério, eu tentei deixá-la lá, mas não consegui. Ela chamou meu nome e não me deixou ir embora. E você devia ter visto o olhar com que o brutamonte tatuado no caixa me encarou.

Antes que percebesse, ela estava sorrindo de volta.

— Obrigada — agradeceu.

— De nada. — Seus olhos se encontraram e se mantiveram assim por um segundo longo demais.

Ela pegou um dos elásticos e prendeu o cabelo. Ele só ficou observando e ela viu o olhar dele deslizando para os seus peitos por alguns segundos, como se ele estivesse se lembrando do tempo em que tinham ficado no armário.

E, por um breve segundo, ela quase invejou Natasha, que tinha vivido tudo aquilo enquanto ela só tinha vivido alguns segundos. Não era estranho pensar que uma garota que estava enfrentando a morte estava vivendo mais e passando por mais experiências do que ela mesma?

— Precisamos ir — disse Della, lembrando-se de sua conversa com Holiday.

— Tem razão. — Ele ligou o carro e, quando se reclinou no banco, colocou a mão na parte de trás do banco do passageiro, virando o corpo para olhar por sobre o ombro. O movimento foi natural, como se ele sempre o fizesse quando se virava para pegar algo no banco de trás. Mas, enquanto sua mão estava lá, seus dedos roçaram no pescoço dela. O toque, acidental ou intencional, enviou um doce arrepio pela espinha dela.

Ela observou enquanto Chase saía do estacionamento, trocando as marchas. Algo sobre o processo parecia legal. Ela lembrou que, quando era menor e o pai a levava para assistir a corridas de carro, ficava fascinada com os pilotos. Quando olhou para cima, Chase estava olhando para ela novamente.

Depois de alguns minutos apreciando o vento nos cabelos, Della notou que ele pegou uma estrada secundária.

— Aonde você está indo?

— Você já vai ver — disse ele.

Chase dirigiu mais alguns quilômetros e então entrou no que parecia uma estrada rural que terminava num bairro pouco desenvolvido. Lá havia ruas, mas não havia casas. Ele estacionou o carro e, em seguida, saiu e deu a volta até o lado dela.

— O que está fazendo? — ela perguntou, ainda no banco do passageiro, olhando para ele e vendo a si mesma em seus óculos de sol. Por um segundo, a visão a fez se lembrar da velha

Della, aquele que podia só curtir um passeio de carro com um garoto bonito.

— Chega pra lá.

— O quê?

— Senta atrás do volante. Eu quero que você dirija.

— Não. — Ela negou com a cabeça, seu rabo de cavalo balançando para os lados e fazendo cócegas na parte de trás do seu pescoço. — Eu disse que não sei trocar marchas.

— Você não sabe trocar marchas... ainda. Eu vou te ensinar.

— Eu... eu não...

Antes que ela percebesse o que Chase pretendia fazer, ele escorregou para o banco dela, pegou-a no colo e passou-a por sobre o console e o câmbio, depositando-a no banco do motorista. O toque rápido contra seu traseiro enviou outra onda de formigamento através dela.

Ela franziu a testa para ele, mas Chase apenas sorriu. Ele estava se divertindo. E que Deus a ajudasse, porque ela também. Talvez fosse por causa do almoço em que apenas tinha dado risadas com as amigas. Talvez fosse o fato de aquilo ser algo diferente, porque ela podia tentar algo novo sem ter de ouvir Burnett discorrer sobre perigos e regras. Ou talvez ela estivesse cansada da pressão de tudo e, só por um tempinho, quisesse se esquecer e se divertir.

— Vamos lá — ele começou. — Está vendo os pedais? É como um carro automático. Só que ele tem um pedal a mais. O primeiro da esquerda para a direita é a embreagem, o segundo é o freio e o terceiro é o acelerador. Para você ligar o carro e engatar a marcha, precisa pisar na embreagem, então soltar lentamente enquanto pisa no acelerador. É muito fácil. Você só precisa soltar a embreagem enquanto pisa no acelerador. Então tira o pé da embreagem.

Della inclinou a cabeça para o lado, olhando os pedais.

— Não é tão fácil, ainda tenho que trocar as marchas.

— Sim, mas é simples. Quando o carro precisar de outra marcha, você vai ouvir e sentir. Você tira o pé do acelerador e faz a mesma coisa: pisa na embreagem, troca a marcha, em seguida pisa no acelerador de novo.

Ele pegou a mão dela e colocou-a sobre o câmbio. A palma da mão dele ficou em cima da dela para mostrar como trocar a marcha.

— Esta é a primeira. Está sentindo?

Ela sentia a mão dele. Sentia arrepios.

— Sim — Della disse, esperando que a voz não soasse tão trêmula quanto ela se sentia por dentro.

— Aqui é a segunda. — Ele moveu o câmbio para baixo. O polegar dele moveu-se para cima e para baixo ao lado de dedo mindinho dela, enviando todo tipo de sensação maravilhosamente quente para seu coração.

Ele ensinou a ela todas as diferentes marchas. Della tentou arduamente pensar na troca das marchas e não na mão dele sobre a dela.

— Agora você troca. — Chase tirou a mão. Somente o orgulho a impediu de fingir que não se lembrava, para que ele mostrasse de novo.

Ela fez o que ele tinha mostrado. A única marcha que não conseguiu encontrar foi a sexta.

— É bem aqui. — Ele chegou um pouco mais perto, a mão dele pressionando a dela novamente enquanto ele mostrava o leve movimento para baixo e ligeiramente para o lado direito.

— Sentiu?

— Sim. — Ela sentia tudo. Quando ele deslizou o braço esquerdo por sobre a parte de trás do seu assento e quando o antebraço dele roçou o ombro dela. Quando Chase falou bem perto e sua respiração fez cócegas na bochecha dela.

— Pronta pra tentar? — ele perguntou.

Ela olhou para ele. A pergunta ecoou dentro dela. Ela estaria pronta?

Pronta para parar de lutar contra o que sentia? Combater a chamada "ligação", que fazia algo dentro dela se sentir completa?

A resposta sussurrou através da sua mente. *Talvez.*

— Sim — ela respondeu, enquanto um "talvez" era tudo o que podia dar à sua própria pergunta. E ela sabia o que a detinha. Ela ainda não estava completamente certa de que ele não sabia mais sobre quem o tinha enviado para ter certeza de que ela conseguiria passa pelo renascimento.

— Tudo bem — disse ele. — Vamos nessa.

Ela teve que ajustar o assento para que pudesse alcançar os pedais. Respirando fundo, querendo aprender aquilo, ela colocou o carro em ponto morto, pôs o pé na embreagem e virou a ignição. Ela o sentiu observando e abriu um sorriso.

— Até agora foi fácil.

A maneira como ele tinha estacionado obrigava-a a dar marcha à ré no carro, então ela engrenou a primeira marcha. Ela fez o que ele tinha ensinado, colocou o pé no acelerador e liberou lentamente a embreagem. O carro avançou. Uma sensação de vitória envolveu-a, mas desapareceu no instante em que o carro engasgou e morreu.

— O que aconteceu? — ela perguntou, olhando para ele. O sorriso de Chase fez com que ela gemesse de frustração.

— Você tirou o pé da embreagem muito rápido. Precisa soltar mais devagar. Mas quase conseguiu. Tente novamente.

Determinada, ela repetiu os passos. E, dessa vez, o carro andou quase dez metros antes de engasgar e morrer.

Ela rosnou, bateu a mão no volante e lançou um olhar infeliz para ele.

— Tem algo errado.

— Não tem nada errado. É só ter um pouco mais de sutileza. — Ele riu.

— Pare de rir! — disse ela.

— Ei, eu não estou rindo de você. Estou rindo porque... Porque me lembrei de Jimmy tentando me ensinar. E porque eu adoro... estar aqui, com você. Com você não brigando comigo, mas brigando com o meu carro. — Ele se inclinou. — Tente de novo.

Seus lábios estavam tão perto... Então, eles roçaram levemente nos dela.

Capítulo Trinta e Um

— Para dar sorte — disse Chase, então recuou como se não quisesse assustar Della, para não deixá-la ainda mais irritada.

Ela não estava irritada. Ou talvez uma parte dela estivesse, mas ela não queria que essa parte importasse agora.

Quando Della não disse nada, não reclamou, ele a beijou novamente. Dessa vez, o beijo durou alguns segundos.

Ela colocou a mão no peito dele e lhe deu um empurrão de leve.

— Você deveria estar me ensinando a dirigir.

A língua dele se afastou e passou pelo lábio inferior dela.

— Ok — ele disse, seu sorriso tão brilhante que a fazia querer beijá-lo novamente. Então Chase deu um puxão no rabo de cavalo dela. — Lembre-se, devagar e bem de leve.

Sim, ela pensou. Era assim que ela queria levar aquilo. Devagar e bem de leve.

Depois de cerca de mais três tentativas, ela finalmente conseguiu.

— Olha só! — ele disse. — Eu disse que você ia conseguir.

Ela começou a dirigir um pouco mais rápido. O vento era bom; o ronco do motor dava uma sensação boa. Era potente.

— É quase tão bom quanto voar, não é? — ele perguntou, olhando-a passar de uma rua pavimentada para outra.

— Pode ser até melhor — disse ela, trocando as marchas e adorando a suavidade com que conseguia fazer isso. — Até que velocidade ele pode ir? — ela perguntou e olhou para ele.

— Ele é rápido — disse Chase. — Acelere um pouco mais.

Ela olhou em volta e não havia outro carro à vista. Então fez isso. Pisou no acelerador e sentiu o rugido. Olhando de relance para o velocímetro, viu que tinha passado dos 140 por hora.

Estava prestes a diminuir a velocidade quando ouviu a sirene.

— Merda! Meu pai vai me matar! — ela murmurou. Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, antes que pudesse olhar pelo espelho retrovisor, Chase agarrou o volante com uma mão, ergueu o traseiro dela do assento com a outra, e eles trocaram de lugar.

Em seguida, ele desacelerou rapidamente e parou no acostamento.

— O que está fazendo? — ela perguntou, virando a cabeça para ver o carro da polícia parando atrás deles.

— Garantindo que o seu pai não vá matá-la — disse ele. — Porque, se ele magoar você, vou ter que dar uma lição nele, e essa não é a melhor forma de começarmos nosso relacionamento.

Ela estava prestes a dizer que eles não teriam um relacionamento, mas então mordeu o lábio.

— É um conversível; o guarda provavelmente viu que eu estava dirigindo.

— Você estava indo muito rápido, ele não pode dizer com certeza quem estava dirigindo.

Della olhou para ele.

— Certo. *Eu* estava indo rápido. Era eu que...

— Tudo bem — disse ele. — Apenas deixe que eu resolva isso.

— Mas a culpa é minha. Você não devia...

— Eu é que fiz você dirigir.

Ela já podia até ouvir o sermão, o mesmo que seu pai lhe dava cada vez que ela pegava o carro. O sermão sobre o perigo de escrever mensagens de texto enquanto dirigia... Sobre...

— Seu seguro vai subir e...

— Dinheiro não é problema.

— O seu pai... Quer dizer, Jimmy, não vai ficar chateado? Eu não quero você levando a culpa por algo que eu...

Chase enfiou a mão no bolso de trás e tirou a carteira de motorista, pronto para assumir a culpa.

— Tenho 18 anos, Jimmy não é mais responsável por mim.

Della olhou para o carro de polícia novamente, sentindo o estômago embrulhar.

— O que ele está fazendo? Por que não está vindo para cá?

— Calma. Ele está só verificando se o carro não é roubado.

Ela lançou para Chase um olhar de pânico.

— Merda! Não é roubado, é?

Ele olhou para ela de cara feia.

— Eu não sou ladrão de carros.

— Eu sei... Desculpe, é só que... Eu nunca fui parada pela polícia antes.

— Relaxa. Ele não vai prender a gente.

— Ah, meu Deus, eu nem tinha pensado nisso. Aí, sim, meu pai me mataria. E Burnett... ele me mataria outra vez. Onde eu estava com a cabeça? Eu não deveria ter dirigido acima do limite de velocidade. Ah, Jesus, eu coloquei a gente nessa encrenca.

Chase estendeu a mão e tocou o ombro dela.

— Fica fria. Vai ficar tudo bem. Se exceder o limite de velocidade é a pior coisa que você já faz, você é uma boa cidadã. — Então ele sorriu. — Você fica bonita quando está assustada.

Ela bateu na mão dele.

— Eu não estou assustada. Eu estou... preocupada.

— Eu sei, mas vai ficar tudo bem. Prometo. Confie em mim. E ninguém nunca vai descobrir. Nem o seu pai nem Burnett. Vai ser o nosso segredo.

Ela olhou fixamente para os olhos verdes dele. E uma parte dela confiava nele. Mas apenas uma parte.

De repente, ela se sentiu culpada. Culpada por ter tempo para se divertir quando deveriam estar à procura de Natasha e Liam.

Ela lançou outro olhar para o carro da polícia e, por puro nervosismo, começou a bater o pé no assoalho do carro.

— Fala sério, por que está demorando tanto?

Chase tocou em seu ombro novamente.

— Calma ou ele vai pensar que sequestrei você ou algo assim.

— Ok. Eu estou me acalmando. Eu estou. — Ela olhou para a frente. Então, depois de algumas respirações profundas, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Você sabe que vai ficar tudo bem. Nós vamos sair dessa.

Chase tinha acabado de dizer isso, mas, quando ela pensou nas palavras, a voz em sua cabeça não era de Chase. Ela abriu os olhos. O sol, o céu azul, o Camaro, o carro da polícia, tudo tinha desaparecido.

Virado fumaça.

De uma só vez.

Escuridão, tudo o que via era escuridão. Ela piscou novamente.

— Você está bem? — Dessa vez ela reconheceu a voz.

Liam.

— Posso perguntar uma coisa? — ela disse. Ah, pode apostar, Della tinha perguntas também. *Onde estamos?*

— Sim — ele respondeu.

Ela virou a cabeça e mal conseguiu vê-lo. Ele era bonito, mesmo com um dos olhos meio inchado.

Me diga onde vocês estão para que eu possa tirar você e Natasha daí. Ela tentou dizer as palavras, mas elas não saíram. Ela podia estar dentro do corpo de Natasha, mas não tinha controle sobre ele.

Em vez disso, Natasha perguntou:

— Você tem alguém?

— Como assim? — perguntou Liam.

— Tem namorada?

Ele estendeu a mão e tocou o rosto dela.

— Eu acho que depois do que fizemos, três vezes, isso significa que temos... “alguma coisa”. — Ele riu.

Natasha sorriu, mas na realidade ela não estava de muito bom humor.

— Eu quero dizer antes de agora.

Ele hesitou.

— Eu costumava ter. Um ano atrás, mas ela se formou e foi embora estudar na Faculdade do Sul da Califórnia.

— Você a ama? — Natasha espanou a terra do joelho e Della sentiu quanto ela queria que Liam dissesse não.

— Eu achava que sim. Eu queria ir com ela, mas, mesmo com a bolsa de estudos que me deram, minha mãe não podia pagar. Ela já tinha dois empregos para poder pagar meu colégio aqui.

— Então você é inteligente. Eu percebi isso — disse ela.

— Sim — disse ele. — Mas aposto que você não se sai mal na escola também.

— Eu não sou tão inteligente a ponto de entrar na Faculdade do Sul da Califórnia — disse ela. Fez uma pausa, e então perguntou: — Então vocês dois só se separaram quando ela foi embora?

— Não, nós tentamos continuar. Sabe, esperar um pelo outro. Tomar um avião para nos ver quando possível. Mas, depois de algumas semanas, ela conheceu outra pessoa.

— Sinto muito.

— Eu não — disse ele. — Virar vampiro teria colocado um ponto final no relacionamento, de qualquer maneira.

— Sim, é o tipo de coisa que atrapalha um pouco as coisas, não é? — A emoção se acumulou no peito de Natasha e Della percebeu que os sentimentos de Natasha eram muito parecidos com os que ela sentia em relação a ser transformada. A vida tinha sido arrancada dela.

— Por favor, não me diga que você tem alguém! — disse Liam. — Porque eu não vou gostar disso.

— Não tenho, não — disse ela. — Como você, havia uma pessoa, mas eu tinha terminado quando... quando me transformei.

— Você forjou sua própria morte? — ele perguntou.

— Aquele cara da funerária me disse que eu tinha que forjar. Disse que eu ia acabar matando meus pais ou coisa assim.

— Isso é mentira, você sabe. — Ele pressionou os lábios contra a testa de Natasha.

— Não sei, não. No começo é a maior loucura.

— Eu sei, mas eu não sou um assassino nem acredito que você seja. — Ele colocou os braços em volta dela. Ela enterrou o rosto no ombro dele.

— Isso é o que eles querem que a gente seja. Ou queriam. Por que você acha que eles não voltaram?

— Eu não sei.

Della tentou descobrir o que eles queriam dizer com aquilo, mas não tinha informação suficiente.

Um som retumbou acima, como se fosse algum tipo de equipamento de escavação. Natasha olhou para cima.

— Você forjou a sua morte? — ela perguntou a Liam.

— Não, nem tive chance. Aquele grupo de lobisomens me encontrou no segundo dia. Eu estava vagando pelas ruas, sofrendo como o cão. Eles me pegaram e me colocaram com os outros. — Ele fez uma pausa, então ergueu o queixo dela e a fez olhar para ele. — Eu não me importo se vou viver ou morrer. Eu estava a ponto de acabar com tudo quando vi você. Estava

tão assustada... e tudo o que eu queria era fazer com que você se sentisse melhor. Você salvou a minha vida.

— Não, você salvou a minha. E quase foi morto por causa disso. Ela levantou a mão e tocou a sobrancelha e o olho dele.

— Não, só apanhei um pouco. Mas valeu a pena.

Alguns minutos de silêncio se passaram. O estômago de Natasha roncou de fome e seus pensamentos a levaram ao passado.

— Sinto falta deles — ela disse.

— Não daquele namorado, espero — ele disse.

— Não, ele era só... não era nada sério. Sinto falta dos meus pais. Minhas amigas, Amy e Jennifer. Elas eram minhas melhores amigas deste mundo. E eu sei que estão sofrendo. Especialmente minha mãe. Ela me amava tanto... — Natasha começou a chorar.

Liam a levantou do chão e a colocou no colo dele.

— Vamos sair daqui. Então você vai poder revê-los.

— Como? Eles acham que estou morta. — Ela pressionou o rosto contra o peito dele.

— Vamos inventar uma história. Dizer que você foi sequestrada ou algo assim. Vamos dizer que eles enterraram o corpo errado. Ei... Eu vou fazer isso acontecer. De alguma forma, Natasha, eu vou dar um jeito.

Della sentiu o desespero inchar dentro do peito de Natasha.

— A quem estamos querendo enganar?

Natasha agarrou a camisa de Liam.

— Nós não vamos sair daqui, Liam. Nós vamos morrer.

— Pelo amor de Deus! Não diga isso. Vamos sair daqui, sim, então vamos descobrir de que forma outros como nós vivem. Deve haver outra maneira.

Natasha chorou mais alguns minutos, então, finalmente esgotada, ela apenas se inclinou contra ele. Ele sabia exatamente como abraçá-la para fazê-la se sentir... amada.

E ela o amava, ela percebeu. Ela nunca tinha se sentido assim com ninguém antes. Era quase como se ele captasse os pensamentos dela. Ele se inclinou e beijou a testa dela novamente.

— Ah, e se você conseguir uma bolsa de estudos para alguma faculdade, eu vou com você. Eu não vou te perder, ok?

— Você não vai — disse ela. E, embora quisesse acreditar nele, que eles iriam sair daquela vivos, que iriam realmente ter uma chance de viver juntos, ela não conseguiu. Não acreditava.

Mas pelo menos eles tinham um ao outro agora. Ela ergueu o rosto e o beijou. Beijou-o com desejo e paixão.

— Quer fazer aquilo pela quarta vez?

— Eu lhe fiz uma pergunta! — A voz veio de algum outro lugar. E agora não era a voz de Liam, nem de Chase.

Della abriu os olhos rapidamente e o sol quase a cegou.

— Desculpe — disse Chase.

Della se virou e olhou para Chase, ele estava com a mesma expressão atordoada que ela devia ter em seu próprio rosto. Então viu o policial ao lado da porta do motorista e seu olhar nos olhos castanhos — um olhar bem contrariado. Um homem contrariado. Ele parecia um buldogue — que, aliás, precisava ficar um pouco menos diante da sua tigela de comida. Ele até tinha bochechas flácidas como as de buldogues, daqueles que babavam.

— Estamos um pouco nervosos — ela deixou escapar. — Quero dizer, eu estou nervosa. Nunca fui parada pela polícia antes.

— Isso provavelmente porque não faz muito tempo que anda saindo com o senhor Ligueirinho aqui.

Chase perdeu o olhar habitual de superioridade e sua expressão era um pedido de desculpas.

— Eu só estava tentando me exibir para a minha nova namorada — Chase disse ao policial. — Sei que estava errado. Pode me multar se quiser. Mas pelo menos eu a trouxe a esta estrada vazia, para não correr o risco de causar um acidente.

— Para não correr o risco de ser pego, você quer dizer. — O policial franziu a testa e as bochechas balançaram. — Passe a carteira de motorista, filho — ele mandou.

Chase entregou a carteira a ele.

O guarda se afastou, ou melhor, bamboleou para longe. Além de tudo, ele andava como um buldogue. Entrou na viatura outra vez, com as luzes azuis ainda piscando.

Chase olhou para ela. Della não disse nada, mas ele devia ter visto a aflição em seus olhos.

— Nós vamos achá-los.

— Nós *temos* que achá-los — disse Della.

O celular dela tocou. Ela o tirou do bolso e olhou o visor. Provavelmente a mãe dela, que ainda não tinha retornado a sua ligação. Verificou o número.

— É Burnett. Você acha que ele já sabe que nós...?

— Só se tiver um informante em cada delegacia do Texas.

Della se preparou para levar uma bronca.

— Eu não acho isso muito difícil.

Capítulo Trinta e Dois

Burnett não sabia que eles tinham sido parados e multados. Tinha ligado para informá-los de que Shawn não iria encontrá-los no Uck's Burgers. O agente supostamente estava trabalhando em outro caso. O fato de Burnett ter sido vago com relação aos detalhes quase fez Della suspeitar.

A voz de Burnett soou do outro lado da linha.

— Eu acho que seria melhor vocês voltarem para Shadow Falls.

— Não, estamos indo para o Buck's.

— Por quê? Nosso principal suspeito só vai estar na cidade na sexta-feira. Vocês vão perder tempo.

— Não, lembra que eu senti um cheiro conhecido quando estávamos no restaurante aquela noite? Acho que isso significa alguma coisa.

— Eu sei mas... Shawn não vai poder estar lá e...

— Vamos ficar bem — disse ela num tom determinado. — Confie em mim.

Burnett ficou quieto.

— Tudo bem, mas lembrem-se das regras. Não arranjem confusão. Se conseguirem alguma pista, me liguem o mais rápido possível. E... — Ele continuou por mais dois minutos e terminou com: — Mas eu realmente acho que vocês só vão perder tempo.

Felizmente, ele desligou antes que o guarda voltasse para entregar a Chase a multa *dela*.

Infelizmente, trinta minutos depois de se sentarem no Uck's Burgers, Della ficou com medo de que Burnett estivesse certo. Nem ela nem Chase tinham percebido no ar qualquer cheiro de lobisomem. Havia alguns vampiros no lugar, e eles certamente tinham checado Della e Chase, mas, obviamente, decidido não arranjar encrenca.

Chase pediu dois refrigerantes. Lembrou-se de que ela bebia diet e, por alguma razão, isso a agradou. Conversaram sobre banalidades, sabendo que os outros vampiros estavam ouvindo.

Mas, quando eles foram embora, a conversa ficou um pouco menos banal.

— Você conseguiu descobrir se a visão pode nos ajudar? — perguntou Chase.

Della deixou sua mente divagar até a lembrança que poderia facilmente partir seu coração.

— Eles disseram algo sobre alguém querer que eles se tornassem assassinos.

— Eu sei.

— Você acha que alguém está fazendo os recém-criados se tornarem assassinos?

Chase balançou a cabeça.

— Eles poderiam, mas é preciso confiar na pessoa que te manda fazer algo assim.

— E o barulho? — perguntou Della. — Era como se houvesse um equipamento de construção acima deles.

Ele assentiu.

— Mas poderia ser qualquer coisa.

Ela passou o dedo pela borda do copo.

— Nós precisamos contar a Burnett sobre isso. Nem chegamos a contar sobre a outra visão.

— Se você acha que isso vai ajudar, então conte. Eu simplesmente não consigo ver como. — Ele pegou um guardanapo e enrolou-o no dedo de pura frustração. — O que eu não entendo é por que o fantasma está fazendo isso. Nos fazendo ter essas visões sem nenhuma razão. Não estamos conseguindo nada que vá nos ajudar a encontrá-los.

Della sentia a mesma coisa, mas, de repente, a resposta lhe ocorreu.

— Mas nós nos importamos.

— O quê?

— Nós nos importamos. Ela quer que a gente se preocupe com eles.

Chase soltou a respiração e olhou para sua bebida.

— Então ela está conseguindo.

Ele enfiou o canudo no copo.

Os dois ficaram em silêncio, como se estivessem tentando processar aquela ideia. Então Chase olhou para ela e Della viu que ele já não estava mais pensando na visão.

— Por que você não forjou sua morte como a maioria faz? — ele perguntou.

Ela encolheu os ombros.

— Eu tinha Chan e, quando meus pais me levaram para o hospital, porque eu estava doente, encontrei outros sobrenaturais que me deram o telefone de Shadow Falls. Holiday não é muito a favor de vampiros forjando a própria morte.

Ele balançou a cabeça e olhou para seu refrigerante por um tempo.

— Mas, obviamente, não foi tão fácil pra você. Eu ouvi você reclamando do seu pai... e sobre a sua tia. E no dia dos pais eu estava lá, você... parecia bem infeliz sentada ali com eles.

Ela suspirou.

— Houve momentos em que eu pensei que poderia ser mais fácil de outra maneira, mas depois de ouvir o que Natasha disse, não sei. Holiday pode ter razão.

Ele assentiu.

— Você perdeu outras pessoas, também?

Lembrando-se da conversa que ambos tinham ouvido entre Natasha e Liam, Della suspeitou que ele se referia a um namorado.

— Sim. Eu tinha alguém.

— Era muito próximo?

— Eu achava que éramos. Mas estava errada.

— Ele magoou você? — Chase perguntou, e seus olhos ficaram um pouco mais brilhantes com a raiva óbvia.

— Sim. — Ela girou a bebida nas mãos, acompanhando com o dedo uma gota que escorreu pelo vidro, reunindo coragem para fazer a mesma pergunta. — E você?

— Eu tinha só 14 anos. — Ele fez uma pausa, como se essa fosse a resposta, em seguida, acrescentou. — Mas, sim, havia alguém.

— Você a amava? — perguntou Della.

— Era um amor juvenil — disse Chase. — Ela era amiga da minha irmã. Eu tinha uma queda por ela fazia bastante tempo. Até que ela finalmente parou de me olhar como o irmão mais novo.

— Você nunca foi vê-la? Quer dizer, eu sei que ela pensa que você está morto, mas você nunca a observou nem de longe para ver como ela está?

— Não. — Ele baixou os olhos, olhando para o próprio copo. — Ela morreu.

— Como? — perguntou Della, seu peito se enchendo de emoção.

— Ela estava no avião quando a gente caiu.

O coração de Della então realmente se contraiu de dor.

— Sinto muito.

— Eu também. Mas eu a vi depois... ou quase isso.

Della pegou o canudo e agitou o gelo.

— Você quer dizer como um fantasma?

Ele fez uma careta.

— Eu acho que você chamaria assim. Eu estava mal por causa do acidente, e estava meio cá meio lá... com eles. Ou quase lá, se você me entende...

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu entendo. A mesma coisa aconteceu comigo quando eu estava... renascendo.

— Fico feliz que você não tenha decidido ficar lá — disse Chase.

— Você também — Della admitiu.

Ele sorriu.

— Quer saber, acho que ela sabia de você.

Della fez uma careta.

— A sua namorada? Como ela podia saber de mim?

— Ela disse que os espíritos podiam prever o futuro e que eu conheceria alguém que seria um verdadeiro desafio.

— Isso não quer dizer que seja eu! — Della insistiu.

Ele riu.

— Eu não acho que já tenha conhecido alguém mais desafiador do que você.

Ela ergueu o terceiro dedo do copo só um pouquinho.

Ele viu e riu.

— Eu me diverti hoje.

Ela mordeu o lábio.

— Eu vou te pagar a multa. Quem ia adivinhar que iriam nos multar em quatrocentos dólares?

— Sim, mas eu estava 80 quilômetros acima do limite de velocidade.

Della franziu a testa.

— *Eu* estava 80 quilômetros acima do limite.

— E você curtiu cada segundo — disse Chase. — Eu pagaria duas vezes esse valor para vê-la se divertindo de novo.

— Sim, mas você não vai pagar. Vou receber alguma coisa por trabalhar neste caso e vou reembolsá-lo.

— Viu só? Você é um desafio — provou ele. — Eu tenho muito dinheiro, Della.

— E você é só um playboyzinho pentelho! — disse ela, mas não pôde deixar de sorrir.

Seu parceiro estava ou não estava sendo mais um príncipe do que um sapo no momento?

Naquela noite, Della se deitou na cama com a Smurfette sobre a mesinha de cabeceira, olhando para ela.

Por que aquela bonequinha idiota significava tanto?

Porque ele tinha comprado para ela. Porque ele tinha passado vergonha e mesmo assim comprado para ela. Porque era evidente que ele estava pensando nela quando a viu.

Ela se lembrou do aviso de Holiday. *Basta ter cuidado*.

Ela teria, disse a si mesma.

Antes de levar aquilo adiante ela queria...

O que ela queria?

E a resposta veio. Ela queria saber com certeza se podia confiar em Chase. Queria ter certeza de que ele não estava guardando mais segredos.

Enquanto estava pensando no que queria, ela pegou o celular só para ter certeza de que não tinha perdido nenhuma ligação da mãe.

Nenhuma chamada.

Ficou em dúvida se ligava de novo, mas então percebeu que isso a magoaria muito. Se a mãe não se dava ao trabalhado de ligar de volta, Della não ligaria também.

Quinta-feira, logo depois das aulas, o celular de Della tocou. Esperando que fosse a mãe, ela correu e atendeu, sem sequer verificar o número. Não era a mãe. Era Burnett novamente — precisava vê-la. Ela decolou e jurou não pensar na mãe novamente. O líder do acampamento estava esperando na varanda da frente da cabana. Não era um bom sinal.

Ela o seguiu até o escritório dos fundos, porque o escritório de Holiday estava ocupado. Ele se encostou à mesa e fez sinal para que ela se sentasse na cadeira. Um olhar ao redor e Della percebeu que Holiday tinha redecorado a sala — havia um peso de papel de cristal sobre a mesa, juntamente com fotos mais coloridas de Hannah, o orgulho e a alegria de Burnett. No canto da sala havia uma planta, uma planta viva. A sala não parecia mais tão austera.

Não até Della ver a expressão de Burnett.

Alguma coisa estava errada.

— O que foi? — perguntou Della.

— Nós tentamos ir atrás de Damian Bond na Califórnia. Ele não estava onde disse à namorada que estaria e foi demitido do emprego há dois dias. Mas eu verifiquei e, até agora, ele ainda tem uma reserva para um voo na sexta-feira à tarde. Então eu estava pensando, por que você não tira uma noite de folga, fica aqui e descansa um pouco.

— É porque eu dormi tarde ontem, não é? Mas eu estava bem hoje de manhã.

— Não é isso — disse ele. — Bem, talvez um pouco. Você não tem parado um instante. Eu sei que ficou correndo ontem à noite até quase duas da manhã. Você não pode continuar indo até o limite desse jeito. Sei o que estou dizendo, eu sou agente. Você precisa relaxar, respirar um pouco.

Della controlou seu temperamento estourado.

— Está tudo bem. Não preciso dormir muito. Você devia saber disso, também. E ainda estou respirando. Não está ouvindo? — Ela respirou fundo.

Ele franziu a testa.

— Eu posso ver nos seus olhos. Você não pensa em mais nada que não seja esse caso. Você tem que aprender a relaxar. Isso pode te consumir por dentro se não aprender a deixar tudo de lado às vezes.

— Eu vou deixar tudo de lado e relaxar quando encontrar Natasha e Liam. Você mesmo disse que eles não têm muito tempo.

Ele soltou o ar com frustração e Della sentiu que ele sabia de mais alguma coisa. O que não tinha contado a ela?

— Tem outra coisa, não tem?

Quando ele não respondeu de imediato, ela teve vontade de gritar, mas se forçou a ficar sentada e perguntar novamente numa voz calma. Ei... se ele queria que ela ficasse calma para trabalhar no caso, ela ficaria... mesmo que isso a matasse.

— O que você não está me dizendo, Burnett?

Ele contornou a mesa e sentou-se em sua cadeira.

— Um dos outros lobisomens que foi preso finalmente decidiu falar ontem. Ele confirmou o que Jason Von disse. E o que o Conselho dos Vampiros desenterrou nos arquivos dele. Mas... — Ele fez uma pausa. — Ele também disse que faz quatro semanas que pegaram Liam. Ele sabe com certeza porque era aniversário do irmão dele. — Burnett balançou a cabeça. — Della, não há como eles terem sobrevivido tanto tempo.

Ainda controlando suas emoções, ela disse:

— Você estava lá quando o fantasma fez aquela coisa. Ela soletrou a palavra “vivos”. Você viu. Como ainda pode questionar?

— Até Holiday disse que os fantasmas, às vezes... ficam confusos. Talvez Natasha seja o fantasma e ela não queira aceitar que...

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Nós não sabemos se eles foram colocados naquele túnel, ou o que quer que seja, há quatro semanas. Eles podem ter sido trancados lá recentemente.

A expressão de Burnett permaneceu firme e Della viu isso em seus olhos. Ele tinha provas, ou achava que tinha.

— O que mais? Apenas me diga o que você sabe — disse ela, e seu coração ficou apertado com a possibilidade de ouvir o que ela sabia que não queria ouvir. O que sabia que não queria acreditar.

Ele soltou um longo suspiro.

— Eu queria que Holiday estivesse aqui. Ela deve chegar daqui a alguns minutos.

— Eu não preciso de Holiday, Burnett. Só preciso saber o que está acontecendo.

Ele assentiu.

— Eles estavam sequestrando recém-criados e os usando em lutas nos subterrâneos.

Della lembrou-se da visão que tinha tido no dia anterior... agora fazia sentido.

Burnett se ajeitou melhor em sua cadeira.

— Descobrimos que a mesma coisa estava acontecendo em Dallas e conseguimos detê-los. Prendemos os envolvidos lá, e conseguimos até libertar vários recém-criados que tinham sido capturados. Eles estavam sendo trazidos de outros países.

Della continuou ouvindo, mas até o momento, ele não tinha dito nada que provasse que Natasha e Liam estavam mortos.

— Até o outro comparsa falar hoje, não sabíamos o que estava acontecendo aqui. Ele nos deu os nomes dos responsáveis. Às cinco da manhã, prendemos três deles. Achamos que esse Damian Bond poderia ser um deles também.

— Portanto, essa é uma boa notícia — disse Della. — Estamos mais perto de encontrá-los. Por que você...?

— Tem mais. — Burnett cruzou as mãos sobre a mesa. — Soubemos que, quando aconteceram as primeiras prisões em Dallas, eles mandaram avisar os parceiros de Houston para que eliminassem as provas.

— Eliminassem? — Della repetiu. — Eles os mataram?

Ele assentiu.

— Fomos informados sobre uma vala comum. Fica num ferro-velho, onde destruíam e enterravam carros.

Nesse instante, Della se lembrou dos ruídos que ouvira na visão, os sons de equipamentos de grande porte. A dúvida começou a cortar os fios de esperança que ela tinha amarrado tão forte no coração.

— A UPF ainda está recolhendo os corpos, e vamos levá-los para serem identificados. Eu sei que você não quer acreditar, mas há uma boa chance de Natasha e Liam estarem entre as vítimas.

As lágrimas encheram os olhos dela, mas ela não se importou.

Encontre Natasha.

A voz sussurrou na cabeça de Della. A voz estaria errada? Mas o queria dizer a visão: a visão da mulher assassinada por alguém tão parecido com seu pai ou seu tio? Perguntas começaram a

espicaçar seu coração dolorido, sedento de respostas.

Ela enxugou as lágrimas.

— Quanto tempo... antes de termos certeza?

— Pode levar até uma semana para confirmarmos a identidade de todos os mortos.

Della se levantou.

— Tudo bem, mas até que você encontre os corpos de Natasha e Liam, vou continuar procurando. E não vou acreditar que eles estejam mortos até que eu mesma os veja no necrotério.

— Della, você precisa...

— Não! — rebateu Della. — Vou continuar procurando.

— Onde? Você já seguiu todas as pistas.

Ligação de Miao Hon. As palavras de repente ecoaram dentro da cabeça de Della. Não vindas da memória, mas, obviamente, do fantasma.

Mas por quê? A resposta veio com clareza. Pela mesma razão que ela tinha enviado a foto. Sua tia sabia algo que Della precisava descobrir. E talvez, apenas talvez, fosse a informação de que ela precisava para encontrar Natasha.

— Não, eu não segui todas ainda — garantiu Della. Ainda havia a pista que ela estava evitando.

Ela deixou Burnett, sem olhar para trás quando ele chamou o nome dela. Voou da varanda do escritório e se dirigiu para sua cabana. Encontrou a fotografia na gaveta da mesinha de cabeceira, e em seguida foi embora. Ela decolou e saltou o portão. Sabia que o alarme iria soar e Burnett e saberia que era ela.

Della não se importava.

Ela precisava chegar à única pessoa que achava que iria entender como ela se sentia. A pessoa que poderia ajudá-la a fazer o que tinha fazer.

Chase.

Capítulo Trinta e Três

Chase estava na varanda de casa quando ela atravessou o topo das árvores. Ele estava com o celular na mão, o olhar focado em algo mais acima, como se olhasse para ela.

— Ela está aqui — Della o ouviu dizer enquanto se aproximava.

Provavelmente Burnett, talvez muito aborrecido porque ela tinha saído sem a permissão dele. A quem ela queria enganar? Ele devia estar furioso.

Ela não se importava.

Chase desligou o celular e largou-o numa das cadeiras de vime da varanda.

Ela aterrissou em frente à varanda com um baque não muito gracioso.

Della não se importava.

Ele se lançou para a frente como se quisesse segurá-la, mas ela se apoiou no balaústre da varanda.

Chase estava sem camisa. Obviamente não esperava receber visitas.

Ela não se importava.

O rosto úmido revelaria que ela tinha chorado.

Ela não se importava.

Chase olhou para ela preocupado, com ternura nos olhos.

E, maldição, ela se importava! Della se importava com Chase. Ela sabia que ele se importava com ela também. Como tinha chegado a essa conclusão ela não sabia, mas isso não vinha ao caso no momento.

— Era Burnett — ele avisou.

— Ele te contou? — ela perguntou, as emoções se agitando dentro dela, quase a deixando atordoada.

— Só que você ficou aborrecida com as notícias e saiu de lá sem avisar. Ele começou a explicar, mas eu vi você e desliguei. O que aconteceu?

— Eles acham que eles estão mortos. — As narinas dela ardiam e ela teve que engolir a saliva para impedir que mais lágrimas caíssem.

— Mas nós sabemos que eles não estão — Chase disse, chegando mais perto. Ela podia sentir o cheiro dele, o aroma fresco de vento e alguma erva natural.

Quando ele estendeu o braço na direção dela, ela recuou. Tinha que contar a ele. Então queria que ele acabasse com todas as suas dúvidas, convencesse-a de que seus medos não tinham fundamento.

— Mas algumas coisas que eles disseram fazem sentido.

— O quê?

— Burnett disse que havia um cafajeste qualquer organizando lutas entre eles para entretenimento. Lembra que eles disseram que queriam que se tornassem assassinos?

— Lembro, mas como é que isso...

Della contou a ele sobre a organização em Dallas, que a UPF não sabia que havia outros fazendo isso, que aqueles que estavam fazendo a mesma coisa em Houston tinham sido avisados para eliminar as evidências.

Chase arregalou os olhos com as notícias.

— Mas eles ainda podem estar vivos. Isso não significa que mataram todo mundo.

A visão dela borrou um pouco mais com as lágrimas que teimavam em querer cair.

— Eles encontraram uma vala comum. Fica embaixo de um ferro-velho. — Ela engoliu outra vez. — Lembra o barulho do equipamento em cima deles? E se for isso? E se...?

A dúvida se estampou nos olhos de Chase, mas então ele piscou e ela desapareceu.

— Não. O que eu lembro é dos dois conversando, se beijando, rindo e chorando. Eu me lembro deles vivos. Por isso, não. — Ele afirmou com a convicção que ela queria... ela precisava... ouvir. — Eu não acredito. Nós estivemos lá. Sentimos o que eles sentem. Eles não estão mortos. Estão vivos.

— Mas e se estivermos errados? — O estômago de Della se contraiu. — E se eles só quisessem que a gente soubesse.

— Soubesse o quê?

— Eu não sei... talvez que eles se amavam.

Chase balançou a cabeça e depois se aproximou dela e colocou uma mão em cada ombro.

— Eles estão vivos. Eu acredito nisso.

— Eu quero acreditar. — Uma lágrima escorreu pela bochecha dela.

Ele a puxou para si. Ela descansou a cabeça no seu ombro nu, extraindo força e conforto daquele abraço, da proximidade. Mas Della não tinha ido até lá por isso. Sabia o que precisava fazer. O que tinha quase certeza de que era o mesmo que o fantasma queria que ela fizesse.

Ela se afastou.

— Eu preciso que você me empreste seu carro.

— Para ir aonde?

— Eu vou ver minha tia.

— Por causa da foto? — ele perguntou.

— Porque o fantasma quer que eu vá.

Chase estendeu o braço para a cadeira de vime e pegou o celular, em seguida pegou uma camiseta que estava pendurada na cadeira.

— Ela disse isso... que queria que você visse sua tia?

— Mais ou menos.

— Mais ou menos como? — perguntou.

Ela estendeu a mão.

— Você vai me emprestar o carro ou não?

— Não. Eu vou com você — disse ele. — Mas primeiro quero saber o que realmente está acontecendo. — Quando Della assentiu com a cabeça, ele olhou para trás, na direção da porta. — Vou pegar as chaves e os sapatos. Você pode me contar no caminho.

Ela deu a Chase o endereço e ele o colocou no GPS. Só perguntou se ela queria que ele baixasse a capota. Ela disse que não, porque estava com receio de chegar muito perto do seu antigo bairro e ser vista por alguém que a conhecesse.

Della se sentou no banco da frente, a mente tumultuada, pensando em diferentes maneiras de fazer suas perguntas à tia. Perguntas sobre Natasha. Perguntas a respeito do tio e da tia sobre os quais seu pai nunca tinha contado. Depois ela tinha que descobrir uma maneira de pedir que a tia não contasse ao pai sobre a sua visita.

— Explique o “mais ou menos” — disse Chase, interrompendo os pensamentos dela.

— O quê?

— Como é que o fantasma “mais ou menos” te disse para ver sua tia?

Quando ela não respondeu de imediato, Chase insistiu.

— Fale comigo, Della!

— Ela ligou. No dia em que estávamos no armário de Natasha, ela ligou.

— Sua tia ligou para você?

— Não, ela ligou para a mãe de Natasha. Você não lembra que a música parou e a secretária eletrônica anunciou um telefonema de Miao Hon?

Ele arregalou um pouco os olhos.

— Esse era o sobrenome de Chan! Eu não me liguei. Miao é sua tia?

Ela assentiu com a cabeça.

— Por que você não me disse?

— Eu esqueci — ela mentiu, não se importando que seu coração revelasse que não era verdade.

Chase olhou para ela com a testa franzida.

— O que sua tia queria com a mãe de Natasha?

— Não sei. Isso é o que eu acho que tenho de descobrir.

— E por que você acha isso? Será que algo mais aconteceu?

Della contou a ele que, enquanto estava conversando com Burnett, tinha voltado a ouvir mentalmente a mensagem da secretária eletrônica dos Owen.

— Então deve ser importante — disse Chase voltando a olhar para a rua. Depois de alguns segundos, ele parou num sinal vermelho e olhou para ela. — Por que você está com medo de sua tia?

— Eu não estou com medo da minha tia — contestou Della.

— Por que não queria perguntar a ela sobre a foto de Natasha?

Ela hesitou para responder, então apenas disse:

— Ela vai contar ao meu pai.

— Contar o quê? — perguntou Chase.

— Que eu fui vê-la.

— E isso é ruim? Por quê?

Ela balançou a cabeça e olhou para a frente.

— Ele é oriental — Della disse antes que pudesse se conter.

— O que isso tem a ver?

Sentindo-se desconfortável, ela suspirou e estendeu a mão para ajustar o encosto do banco.

— Você não entenderia.

— Eu poderia, se você me explicasse — disse ele.

Ela colocou o encosto do banco mais para a frente, em seguida tateou a lateral para encontrar a alavanca e mover todo o banco para adiante. Della a encontrou e o banco rangeu quando ela o moveu para a frente.

— O que o fato de seu pai ser oriental tem a ver com você não ver sua tia? — ele insistiu.

Mesmo com o banco ajustado, ela ainda não se sentia bem. Foi quando teve que aceitar que era a conversa que a deixava desconfortável.

Em sua cabeça, Della ouviu a voz do pai. *Nós não lavamos roupa suja em público*.

— Ele está com vergonha — ela deixou escapar, admitindo que isso lhe custara todo o seu orgulho. Imediatamente quis recuperá-lo.

— Com vergnha do quê?

— De mim — disse ela, sabendo que não poderia falar aquilo e depois simplesmente colocar um fim na conversa.

— O quê? Por quê... Não entendi.

Ela engoliu a mágoa.

— Eu estou... diferente agora. Ou... ele acha que estou. Droga, eu estou diferente! Só não do jeito que ele pensa. Será que podemos não falar mais sobre isso?

Chase franziu a testa.

— Não até que você comece a falar coisa com coisa.

Ela suspirou.

— Eu estou diferente desde a transformação. Ele acha que estou me drogando ou estou grávida. E que eu roubei coisas dele.

— Mas você não está, e eu também não vejo você roubando nada dele. De modo que não faz sentido.

Ela olhou pela janela, de repente não querendo olhar para ele.

— Eu disse que você não entenderia. — Della fechou os olhos por um segundo, mas, por alguma razão idiota, ainda queria explicar, queria que ele entendesse. — Eu era o orgulho e a alegria dele. E então...

— Então o quê?

Ela piscou, e quando abriu os olhos viu as árvores passando num borrão. Chase estaria correndo muito? Ela olhou para o velocímetro. Ele não tinha ultrapassado o limite.

Não, só ela tinha.

Seu pai teria um ataque se soubesse. E graças a Chase, ele não saberia. Devia isso a ele. Não apenas os quatrocentos dólares, mas o problema que a multa teria causado.

Quando ela olhou para a frente, a expressão dele dizia que ainda esperava uma resposta.

— Ele violou a regra da família de não se casar com ninguém que não fosse oriental também. Por isso tínhamos que mostrar à família dele que éramos tão bons quanto os orientais puros. Eu era melhor aluna na escola do que todos os meus primos e nunca arranjei problema. Mas, quando me transformei, tudo mudou. Minhas notas pioraram, eu ficava... mal-humorada e... ele não queria que sua família me visse.

— Só porque ele violou a regra da família não significa que você tem que pagar por isso. E daí que as suas notas caíram?

Ela balançou a cabeça e percebeu que tinha sido um grande erro tentar explicar.

— Os orientais são pessoas muito reservadas. Eles não querem que ninguém fique sabendo dos seus erros. E eu era...

— Um erro dele? — perguntou Chase e bateu no volante.

— Em certo sentido, sim, mas não como...

— Ah, agora estou entendendo. Seu pai é um grande filho da puta!

— Ele não é! — ela contestou e olhou para ele. Os olhos de Chase pareciam mais brilhantes, como se estivesse com raiva. E ela podia sentir crescendo dentro de si a vontade de defender o pai.

— E o fato de que você ainda se preocupar com ele faz dele um filho da puta maior ainda.

Della balançou a cabeça.

— Chase, parecia que eu era um erro. Quando me transformei e, antes de eu vir para cá, fui pega saindo à noite para conseguir sangue. Eu não estava comendo a comida da minha mãe. Ficava cansada durante o dia. Estava sofrendo porque tinha perdido o meu namorado, eu não deixava ninguém tocar em mim, porque eu estava fria, e eu não era uma pessoa muito agradável.

— A maioria dos adolescentes é assim o tempo todo! — disse ele. — Eu era, e a minha irmã podia ser um verdadeiro pé no saco. Mas os meus pais só balançavam a cabeça e diziam: “Não liguem pra isso, é só coisa de adolescente”.

— Meu pai foi criado numa cultura diferente.

— Eu sei tudo sobre os orientais. Eles não são uns imbecis.

— Meu pai não é um imbecil! — ela rebateu. — Eu poderia ter me esforçado mais para esconder as coisas, fingir...

— Você tinha se transformado na droga de um vampiro! Não era culpa sua!

— Mas ele não entendia isso. E eu não podia contar a ele.

Chase passou a mão no rosto e respirou fundo. Quando olhou para Della, ela viu que os olhos dele tinham voltado à cor normal, verde-claros.

— Sinto muito. É só que isso me deixou tão puto... — Ele suspirou. — Não se preocupe. Eu vou ser educado quando conhecê-lo.

A boca de Della se abriu um pouco.

— O que quer dizer com isso, quando conhecê-lo? Nós estamos indo para a casa da minha tia, não do meu pai. E você não vai nem entrar comigo.

Ele estacionou o carro e Della percebeu que já tinham chegado. O coração dela começou a disparar e ela sentiu um nó no estômago. Olhou para a casinha de tijolos que ficara gravada em sua memória. Ela e a irmã, Marla, tinham passado muitos fins de semana ali, correndo pelo jardim com Chan e Meiling, a irmã mais nova dele. Escondendo ovos de Páscoa nos arbustos, tomando picolés no alpendre, varrendo as folhas caídas até formar uma pilha e, então, brincando de se jogar sobre ela.

Chase se aproximou e colocou a mão no ombro dela, como se compreendesse que as suas emoções estavam à flor da pele.

— Eu não estava esperando que você me convidasse para entrar. — A voz dele estava muito calma, como se ele tentasse acalmá-la também. — E eu quis dizer que vou conhecer seu pai um dia. Vai ficar tudo bem.

Ela ignorou o comentário de que ficaria tudo bem, porque nada parecia bem, e o encarou.

— Por que você vai conhecer meu pai um dia?

Chase a fitou como se ela é que não estivesse entendendo nada agora.

— Porque estamos ligados. — A mão dele ainda estava no ombro dela. E por mais que ela quisesse negar, isso lhe dava algum conforto. Mas perceber isso aumentava um pouco mais seu tumulto emocional.

Della revirou os olhos para ele da maneira como Miranda fazia.

— Você é pirado. E eu não me dou bem com pirados! — Ela apontou o dedo para ele. — Depois que eu sair, pare o carro a algumas quadras daqui e nem pense em bisbilhotar.

Em seguida, abrindo a porta do carro, e sem nenhum plano sobre como lidar com todas aquelas questões — Chase ou as dúvidas com relação à foto de Natasha —, ela andou até a porta da tia.

Lembrou-se de um conselho que alguém tinha lhe dado uma vez. *Finja até que seja verdade*.

Ela esperou até o Camaro azul de Chase desaparecer rua abaixo para tocar a campainha. E quando ouviu alguém andando em direção à porta, teve vontade de sair correndo como um cãozinho assustado. Parecia que até mesmo fingir exigia uma certa dose de confiança. Pelo visto, já não lhe restava nenhuma.

Justamente quando ela estava concluindo que tinha sido péssima ideia ir até ali, a porta se abriu.

— Della? Oh, meu Deus, Della Rose! Você veio me visitar. — A tia saiu e abraçou-a antes que ela pudesse evitar.

— Oh, meu Deus! Você está congelando. Onde está o resto da família? — perguntou a tia, olhando por cima do ombro de Della, como se esperasse ver o pai, a mãe e a irmã dela.

— Estou sozinha — Della se forçou a falar. E essas palavras ecoaram dentro dela. Fazia muito tempo que ela "estava sozinha".

— Então, você ainda está naquela escola?

Naquela escola. Della assentiu com a cabeça e se perguntou o que teriam contado à tia. Se, como o pai, ela achava que Shadow Falls era um acampamento para adolescentes problemáticos ou se ele havia dito outra coisa a ela.

— Bem, entre e saia desse frio.

Della entrou. Ela nem tinha percebido que o clima tinha esfriado até que o calor da casa a envolveu. O ar estava tão quente que parecia até espesso.

A decoração vermelha e dourada da casa estava exatamente igual à de um ano atrás. Sempre lembrava a Della um restaurante chinês, mas era agradável. Havia ainda um enorme aquário de peixes de água salgada perto da porta de entrada.

Della observou um grande peixe amarelo nadar pelo aquário, e depois respirou fundo na esperança de acalmar os nervos. Ela sentia o cheiro, e quase o gosto, de molho de soja. Como em sua própria casa, quando o pai ia para a cozinha ou a mãe fazia algum prato oriental para agradá-lo.

— Olhe pra você! — exclamou a tia Miao, examinando-a de cima a baixo. — Tão crescida! Tudo tem andando bem, de um ano para cá, desde a última vez que a vi?

— Acho que sim — disse Della.

A tia sorriu, mas o sorriso não apareceu em seus olhos. Della recordou quando os sorrisos dela chegavam aos olhos castanhos e vinham acompanhados de uma leve risada. Isso tinha sido antes da morte de Chan — a forjada.

Por alguma estranha razão, Della recordou-se da tia no funeral dizendo que não podia acreditar, que Chan não estava morto, e que uma mãe saberia.

Será que ela sentia isso agora? Será que ela sentia que Chan realmente não estava mais vivo? Della sentiu o ar preso nos pulmões.

Só por causa disso, Della se sentiu culpada novamente. Ela estava viva e Chan tinha morrido. E o sujeito que tinha feito aquela escolha estava esperando no carro. Ela tinha que parar de culpar Chase, mas talvez não tivesse superado completamente a culpa.

— Você finalmente tem peitos, mocinha! — comentou a tia.

— É um sutiã com enchimento. — Della tentou brincar também, mas o bom humor logo se dissipou quando ela percebeu quanto sentia falta da tia. Quanto sentia falta da sua antiga vida.

— Não pode ser tudo enchimento! — disse a tia. E então seu sorriso desapareceu. — Tem algo errado? Todo mundo está bem, certo?

— Sim. Eu apenas... — Ela tinha que pensar rápido. — Eu estava... minha classe foi ao Museu do Funeral. Sabe? Aquele museu maluco cheio de caixões, pessoas embalsamadas e toda aquela

baboseira.

— Ah, meu Deus, mas que tarde mais alegre! — brincou ela. — Para que matéria?

— Ciências. — Ela realmente deveria ter inventado uma mentira melhor, mas era o único museu de que Della conseguia se lembrar por ali.

— Eu queria que Meiling estivesse aqui para ver você. Ela está na biblioteca estudando com as amigas.

— Eu sinto muito, também — disse Della, mas ela não sentia. Precisava falar com a tia a sós. — Percebi que estávamos perto da sua casa e pedi para um colega que estava de carro me trazer para que eu pudesse dizer olá.

— Bem, mande a sua amiga entrar.

Seu amigo. Então Della decidiu que era melhor deixar a tia presumir que fosse uma amiga.

— Ah, não. Ela não para de falar no celular. Facebook e essas coisas.

— As crianças são assim hoje em dia. Eu me recuso a permitir que Meiling leve o dela para a mesa de jantar. As famílias precisam conversar. — Um toque de tristeza encheu sua expressão. Della sabia que a tia estava pensando em Chan.

— Tem razão — Della concordou, mas conversar sobre algumas coisas não era fácil naquela família —, especialmente se tivesse alguma coisa a ver com o passado. Ela tentou pensar num jeito de trazer à tona o assunto de Natasha.

— Vou fazer um chá — disse a tia.

Eu não tenho tempo para nenhum chá!

— Só posso ficar uns minutinhos — avisou Della.

A tia foi para a cozinha e ela a seguiu.

— Só uma xícara. — De repente a tia olhou para a saída do aquecedor, junto ao teto. — Eu juro que meu aquecedor está ligado no máximo. Acabei de verificar.

Della sentiu, então. O calor no ambiente tinha desaparecido, um ar gelado tomara conta da casa, mas não o tipo normal de frio.

Um frio mortal. *Não faça nevar*. *Não faça nevar!*

Enquanto Miao se afastava para ajustar o termostato do aquecedor, Della murmurou baixinho: — Então, *você* é minha tia, Bao Yu? — Dizer o nome dela fazia com que aquilo de alguma forma parecesse mais real.

Nenhuma resposta. E foi aí que ela viu. Como uma mancha num vidro, algo cintilando a alguns metros dela. Lentamente, o brilho tornou-se visível e o fantasma apareceu. Embora ela estivesse de costas para Della, olhando na direção de Miao, Della a observou.

Havia algo familiar no modo como o cabelo preto do espírito caía sobre os ombros. No formato da cabeça. Na curva do pescoço.

A emoção fez o sangue correr mais rápido nas veias de Della.

— Natasha? — perguntou Della. Lágrimas se formaram em seus olhos e seus joelhos enfraqueceram. Holiday estava certa. Natasha estava morta.

Capítulo Trinta e Quatro

— Você disse alguma coisa? — a tia perguntou ao voltar, sem nem reparar no espírito, e por uma boa razão. Ela, obviamente, não podia vê-lo.

O espírito se virou e olhou para Della. O pânico da vampira desapareceu quando ela viu o rosto do fantasma. Ela agarrou o encosto de uma cadeira para se firmar. Não era Natasha. Era a tia. O rosto era o mesmo que ela tinha visto no anuário do seu pai. O mesmo rosto da visão, todo coberto de sangue. Mas as semelhanças entre ela e Natasha eram muito grandes para ser apenas uma coincidência.

Nesse instante, Della soube qual era a mentira que Natasha tinha mencionado em seu diário. Ela tinha sido adotada. E também soube qual era a ligação entre o fantasma e Natasha. Eram mãe e filha.

Natasha era sua prima.

Mas como podia ser possível? Sua tia mal tinha saído da adolescência na época em que Natasha tinha nascido. Della rapidamente fez as contas, calculou as idades e percebeu que a tia talvez tivesse 15 ou 16 anos.

Mostre a ela. As palavras do fantasma pareceram ecoar pela casa, mas Della percebeu que só ela podia ouvi-las.

Mostrar o quê? Então Della de repente soube. Enfiou a mão no bolso para pegar a foto.

— Eu... Chan deu isso para mim. — Era mentira, mas o que mais ela poderia dizer? A verdade certamente não seria suficiente.

A mão da tia tremeu quando ela pegou a foto. Sua respiração ficou mais rápida. Quando ela ergueu os olhos, eles brilhavam com as lágrimas.

— Eu procurei esta foto. — A tia piscou várias vezes e depois engoliu.

— Ela é minha prima, não é? — perguntou Della.

A tia confirmou com a cabeça, em seguida voltou o olhar para a foto. Lentamente, correu o dedo pela imagem de Chan e, então, de Natasha.

— Sim. Eu... — Ela piscou e algumas lágrimas deslizaram dos seus cílios pretos. — Ela apareceu um dia aqui e eu soube que era minha sobrinha antes mesmo de ela falar. Ela é muito parecida com a mãe. — A voz da tia tremeu um pouco. — Eu tive que dizer a ela. Dizer a verdade. Ela chorou e eu chorei com ela.

Bao Yu se aproximou. *Que verdade? Peça para que conte a verdade*.

— O que disse a ela, tia Miao? Qual é a verdade?

— Que a mãe... morreu. Mas Bao Yu a amava. Ela só a colocou para adoção porque nossos pais não aceitaram a gravidez. Eram muito conservadores. E os pais do pai nem sequer aceitaram

que a criança era do filho deles. Ela não teve escolha. Foi obrigada a entregá-la para adoção. Disseram que a criança iria para uma família oriental. Que iriam amá-la.

Eu queria ficar com ela. A voz do fantasma era de desespero. *Eu chorei tanto quando a levaram de mim. Era o meu bebê. Meu!*

Outra pergunta estava na ponta da língua de Della. Ela precisava perguntar, precisava saber.

— Como? Como foi que Bao Yu morreu?

A tia fechou os olhos.

— Ela foi morta. E agora Natasha também se foi. Assim como Chan. Por que a vida nos dá algo tão precioso e depois nos tira?

Natasha não está morta, Della disse a si mesma, e lutou para acreditar.

— Como? Como ela morreu?

— Disseram que foi num acidente de carro. Foi apenas há um mês.

— Não, não Natasha. Como Bao Yu morreu? — A temperatura na sala ficou mais fria. Até a pele de Della ficou arrepiada.

Sua tia Miao cruzou os braços por causa do frio e, se sua expressão era alguma indicação, por causa da lembrança da morte de Bao Yu também.

Olhando por cima do ombro da tia, Della viu Bao Yu parada ali perto, escutando. Quase como se precisasse de uma resposta, tanto quanto Della.

— Eu não sei — disse Miao.

Mas Della ouviu seu coração revelar que as palavras eram uma mentira.

— Eu acho que sabe, sim — disse Della. — Conte. Por favor.

— Não. Essa história não precisa mais ser contada. Há coisas que é melhor simplesmente esquecer. — Ela olhou para Della como se implorasse para a sobrinha aceitar isso.

Della recordou os testes de gravidez que seus pais tinham insistido para que ela fizesse. Será que na época o pai tinha pensado na irmã dele?

— Parece o meu pai falando, e eu acho que ele está errado. Porque você não esqueceu de fato, e nem ele.

— Ah, meu Deus! — A tia apertou os dedos nos lábios trêmulos. — Seu pai vai ficar com muita raiva se eu lhe contar isso!

Della queria insistir, dizendo que ela não tinha contado nem perto do suficiente, mas seus instintos lhe diziam que isso só iria perturbar mais a tia e não iria garantir que ela tivesse mais informações.

— Meu pai não precisa saber — disse ela. — Eu não vou contar a ele nem mesmo que estive aqui. Será o nosso segredo.

A tia pareceu suspeitar da proposta de Della, mas assentiu com a cabeça.

— Me conte o que aconteceu!

— Não, eu não posso. Já contei demais. — A tia ergueu as mãos. — Não vamos mais falar sobre o passado. Chega!

Della sentiu o calor que saía da ventilação acima. Ela olhou por sobre o ombro de Miao e a imagem do fantasma tinha evaporado, assim como o frio.

— Deixe-me pegar o chá — disse a tia, secando as lágrimas ainda em seu rosto. — Nós ainda podemos conversar...

— Me desculpe, eu não tenho tempo, eu... acho que já tenho que ir.

A tia olhou para a fotografia em suas mãos.

— Posso ficar com isto?

Della quase disse não, mas teve a nítida sensação de que era o que Chan gostaria.

— Claro. — Della começou a andar para a porta e a tia a seguiu. Certa de que ela tentaria abraçá-la outra vez, Della rapidamente pegou a maçaneta e já estava abrindo a porta quando sentiu uma mão em seu braço.

— Eu sinto sua falta, Della.

Um nó surgiu em sua garganta.

— Sinto sua falta também, tia.

— Então conserte o que quer que esteja errado na sua vida e volte para a casa dos seus pais. Você pertence a eles, e não àquela escola. Você é uma boa menina. Eu sei disso no meu coração. Então conserte isso.

Não é algo que possa ser consertado. Della arrumou a postura e disse mais uma mentira.

— Eu estou me esforçando.

*

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou Chase quando Della saltou para dentro do carro.

— Vamos embora — disse ela, o coração acelerado, olhando para trás, para ter certeza de que a tia não a tinha seguido até o jardim. Della teria ouvido, mas ainda assim quis se certificar. Então sentiu o suor cobrindo a testa. Nem conseguia se lembrar da última vez que tinha transpirado!

Chase ligou o carro e desceu a rua. Então olhou para ela novamente quando acelerou o motor e engatou a segunda marcha.

— O que aconteceu?

As engrenagens em sua mente giravam enquanto ela pensava no que iria dizer. Ou quanto iria dizer. Será que não confiava nele?

— Agora eu sei qual é a ligação entre Natasha e eu.

— Qual? — Chase voltou os olhos verdes na direção dela.

— Ela é minha prima.

Ele franziu a testa e pareceu confuso.

— Isso é impossível. Vocês são apenas em quatro. Você e Marla, Chan e Meiling.

Ela estranhou o jeito como ele pronunciou o nome dos quatro com tanta familiaridade. Não, não foi o jeito como ele pronunciou, foi o fato de ele saber os nomes. Como ele sabia o nome da

irmã de Chan?

Ocorreu a Della que Chan poderia ter dito a ele. Mas o primo teria dito o nome da irmã dela também? A vampira achava que não.

Della apenas olhou para ele.

— Como você sabe?

— Sabe o quê? — perguntou Chase.

— O nome deles?

Os olhos dele se arregalaram como se a pergunta o colocasse contra a parede. Ele olhou novamente para a rua.

— Estavam no arquivo — disse. — Então sua tia teve outro filho?

Ela ignorou a pergunta para fazer a sua própria.

— Que arquivo?

Ele trocou de marcha novamente. O motor do carro ronronou.

— O arquivo que eu chequei, sobre você e Chan. Assim como o arquivo que eu te mostrei sobre Natasha e Liam.

— Esse era um arquivo da UPF — disse ela.

— Sim, mas os arquivos do Conselho dos Vampiros são praticamente iguais.

Lá vinha ele de novo, a sensação de que sabia mais do que dizia a ela.

— Você ainda está com esse arquivo?

— Não — Chase disse, sem olhar para ela. — Depois que o caso chega ao fim, a gente precisa devolver o arquivo.

— O que mais ele dizia?

— Apenas coisas normais. Onde você morava, os nomes dos seus pais.

Algo não estava se encaixando, mas ela não sabia muito bem o quê.

— Então, se você sabia os nomes dos meus primos, por que não sabia que era minha tia quem ligou enquanto estávamos no armário?

Ele levantou uma sobrancelha e deu um meio sorriso.

— Quando estávamos no armário, minha mente estava concentrada em outra coisa.

Ela franziu a testa para ele. Em seguida, eureca! Seu cérebro descobriu o que a incomodava.

— Então, nesse arquivo que você tinha, havia a informação de que eu era de Shadow Falls.

— Sim.

Ela apertou os olhos.

— Então por que você foi se juntar àquela gangue? Você me disse que se juntou a ela enquanto procurava por mim e foi onde nos conhecemos.

Ele olhou para a frente e suas mãos apertaram o volante.

— Responda, droga! E olhe para mim quando responder!

Ele se virou e encontrou o olhar dela.

— O Conselho dos Vampiros sabia que você estava sendo enviada para aquela missão. Eles não queriam que eu entrasse em Shadow Falls no início, porque estavam com receio de que Burnett descobrisse quem eu era.

— Como? — perguntou ela.

— Como o quê? — Chase perguntou.

— Como você sabia que eu tinha sido designada para aquela missão?

Ele cerrou os músculos da mandíbula.

— Por que estamos falando sobre isso em vez de falar sobre como essa visita vai nos ajudar a encontrar Natasha e Liam?

— Porque eu preciso confiar em você para trabalharmos juntos.

Ele parou o carro numa área de estacionamento, desligou o motor e então bateu a mão no volante.

— Você não confia em mim? Eu te dei meu sangue, passei por aquela transformação com você, que doeu pra caramba, caso não se lembre, e lhe dei um pouco do meu poder. E você ainda acha que estou querendo te prejudicar?

Impelida pela raiva dele, ela contra-atacou.

— Eu não disse que você está querendo me prejudicar. Acho que você está escondendo coisas. Ou não está me dizendo coisas. E só para constar, eu não pedi para você se ligar a mim. Eu me lembro até de ter dito que não queria que você fizesse aquilo!

Ele rosnou, apertou o volante com as mãos, pressionou a cabeça no banco e fechou os olhos.

— Você é a garota mais teimosa...

— Não mais do que você! — ela sibilou. — Basta responder às minhas perguntas. Como sabia que eu tinha sido mandada naquela missão?

Chase virou a cabeça, soltando as mãos do volante.

— E você vai correndo contar para Burnett, certo?

Ela não via razão para mentir.

— Provavelmente.

Ele suspirou alto.

— Então, para ganhar sua confiança, eu tenho que trair o Conselho?

— Sim — disse ela.

Ele pareceu chocado quando Della deixou aquilo bem claro.

Ficou olhando para ela por um segundo como se estivesse decidindo se cedia à vontade dela ou não, e, em seguida, respondeu.

— Temos um espião na UPF. E antes que você pergunte, eu não sei quem é. E pelo que ouvi, ele não contou nada que fosse realmente prejudicial para a UPF.

Ela acreditou nele, não tanto sobre a parte do “realmente prejudicial”, mas sobre Chase não saber quem era o espião. Mas visto que ele estava finalmente respondendo às suas perguntas, ela tinha mais algumas.

— Qual era a sua missão comigo e Chan?

— Como assim? — ele perguntou.

— Qual era exatamente a sua missão? — Della repetiu, sua paciência se esgotando.

— Eu tinha que ficar de olho em você, tentar ajudá-la a passar pelo Renascimento.

— Então você foi enviado para se ligar a um de nós?

— Não, isso ficou totalmente ao meu critério. Eu estava lá para tentar fazer com que você mantivesse a sua força. Eu lhe disse que foi provado que aqueles que estão em melhor condição física têm uma taxa de sobrevida maior. Lembra que eu te fazia correr?

Ela assentiu com a cabeça.

— Agora tudo o que eu preciso saber é por que e quem?

— Por que e quem o quê?

— Por que você foi enviado e quem te enviou?

— Eu acabei de dizer que fui enviado para ajudá-la a passar pelo Renascimento.

— Então eles têm uma lista de todos os possíveis Renascidos?

A expressão dele ficou mais tensa com a frustração.

— Eu não sei se têm ou não... mas sei que sabem que são apenas algumas linhagens que levam aos renascimentos, talvez por isso eles tenham... — Ele passou a mão no rosto e então olhou para ela. — Você sabe tudo que a UPF tem?

Não, ela não sabia. Mas não estava satisfeita.

— Tem que haver uma razão para que o enviassem, Chase. Num mundo perfeito, talvez eles só se preocupassem com as pessoas. Mas este não é um mundo perfeito. E eu não acho que o Conselho dos Vampiros dê a mínima para algumas pessoas morrendo, a menos que seja em benefício próprio que eles se certificam de que elas não morram.

— Eles não são os monstros que você imagina. Os problemas entre o Conselho e a UPF são políticos. Não é porque o Conselho é do mal e a UPF é do bem.

Ela ouviu o que ele disse, mas estava muito ocupada tentando responder às próprias perguntas. De repente, uma resposta lhe ocorreu.

— Eles te mandaram para que eu fosse trabalhar para eles? Ou talvez para que eu fosse um dos seus espiões na UPF? É isso que eles realmente querem? O que eles pretendem?

— Eu já lhe disse que eles querem que você trabalhe para eles.

— Mas era o plano deles o tempo todo? Me salvar, em seguida, usar você para tentar me convencer a me tornar uma traidora?

Capítulo Trinta e Cinco

— Uma traidora? — perguntou Chase. — Então o Conselho dos Vampiros é terrível por perguntar se você quer trabalhar para eles? Que diabos você acha que Burnett vem fazendo desde que descobriu que eu sou um Renascido? O homem por quem você tem tanto respeito é um sacana por tentar me convencer a trabalhar para a UPF? Por falar nisso, por que diabos você acha que ele está trabalhando em Shadow Falls? Ou você não percebeu que muitos alunos estão trabalhando para a UPF? Ele está recrutando a nata dos sobrenaturais.

O argumento de Chase fez Della parar, mas só por um instante.

— Burnett se importa. Ele morreria por qualquer um dos alunos de Shadow Falls. E ele não resolveu se dedicar ao acampamento só para que tivesse acesso aos alunos.

— Ah, eu tenho certeza de que isso nunca passou pela cabeça dele! — disse Chase com sarcasmo.

Della se inclinou para mais perto dele.

— Acontece que eu sei que ele agiu contra a UPF e suas regras para proteger alguém. Ele colocou seu trabalho em risco pela escola. E mesmo que você tenha razão em dizer que ele superprotege seus agentes, por que acha que faz isso? — Ela espetou o peito dele com o dedo. — Não poderia ser porque ele se importa?

— E se ele não for o único? — Chase retrucou.

— O Conselho dos Vampiros não se importa.

Ela foi cutucá-lo novamente, mas ele pegou o dedo dela, com os olhos brilhantes. Chase se inclinou, Della pensou que ele despejaria a sua raiva sobre ela novamente, mas estava enganada.

— Eu não estava falando sobre o Conselho. Estava falando de mim.

Os lábios dele encontraram os dela num beijo com gosto de raiva, paixão... e, humm, ele tinha um gosto bom...

Muito bom.

Ele soltou o dedo de Della e com uma mão segurou a nuca, enquanto a outra envolvia a parte de trás de sua cabeça. A mão de Della caiu sobre o peito dele.

O beijo se aprofundou e o mesmo aconteceu com a confusão de Della.

A língua dele deslizou entre seus lábios. E ela permitiu. Deu-lhe as boas-vindas. Por fim, recuperando a razão, ela se afastou.

— Você não pode simplesmente me beijar para não responder!

— Sério? — Ele a puxou mais para perto e beijou-a novamente.

E, dane-se, ela deixou.

E finalmente o empurrou para trás.

— Responda — exigiu Della, mas sem tanta convicção.

Chase sorriu para ela.

— Eu esqueci a pergunta.

Ela queria tirar aquele sorriso da cara dele, especialmente quando percebeu que tinha esquecido a pergunta também.

Ele passou um dedo sobre os lábios dela, e o jeito sexy com que fez isso indicava que ele estava prestes a beijá-la novamente. Ela agarrou o dedo dele dessa vez.

— Por que você não marcou um encontro comigo e com o Conselho dos Vampiros?

— Eu marquei. Vamos para lá antes de ir ao aeroporto pegar Damian Bond.

— Por que não me disse?

— Eu ia dizer, mas, desde que você apareceu na minha casa hoje, tudo que eu pensei foi em levar você para ver a sua tia. — Ele puxou o dedo e tocou o queixo dela.

— Agora você vai responder às minhas perguntas?

— Que perguntas?

— Natasha é irmã de Chan?

— Não — disse Della, decidindo contar a verdade. — O fantasma é mãe de Natasha. Ela entregou Natasha para adoção.

— Então você tinha outra tia?

— Pelo jeito, o Conselho não tinha essa informação no seu relatório, hein?

— Acho que não — disse ele, parecendo preocupado. Ela quase perguntou se Chase sabia sobre o tio dela. A pergunta estava na ponta da língua.

— Como a mãe de Natasha morreu?

— Ela foi assassinada — disse Della, mas não teve coragem de dizer mais nada.

Perguntas e preocupações rapidamente começaram a se acumular na cabeça de Della.

— Se Chan e eu éramos Renascidos, isso significa que Natasha também será?

— Não é uma certeza, mas as chances são de cinquenta por cento.

Della começou a pensar em outras possibilidades.

— Ouvi dizer que, em famílias que carregam o vírus, as chances de uma pessoa se transformar são, na verdade, de cem por cento. E só quando são bem jovens. — Era por isso que Della não tinha realmente se preocupado com a irmã. — As probabilidades de ser transformada sobem se a pessoa pertence a uma das linhagens com mais propensão para o Renascimento? — Quando ele não respondeu imediatamente, ela perguntou: — Minha irmã e Meiling correm um risco maior de serem transformadas?

Ele assentiu.

— As estatísticas são de que um em cada dez membros das linhagens mais fortes é realmente suscetível a ser transformado.

— Então, o fato de eu estar perto da minha irmã ou da minha prima pode expô-las?

— A exposição só acontece através do sangue. Tal como o vírus HIV. Só estar com elas não vai fazê-las se transformar.

Della reclinou-se em seu banco e tentou digerir o que sabia.

— Ei! — ele disse, tocando o ombro dela. — Não se preocupe com coisas que não aconteceram. Vamos nos preocupar em salvar Natasha e Liam agora.

Della olhou para ele e, sabendo que estava certo, assentiu com a cabeça. Chase falou de novo.

— Você disse que sentia como se o fantasma quisesse que você visitasse sua tia. Descobriu alguma coisa que possa ajudar?

Ela refletiu sobre tudo o que tinha descoberto.

— Eu acho que não. — Olhou para Chase e ofereceu um pouco mais da verdade. — Acho que tem outra coisa.

— O quê?

— Ela quer que eu descubra quem a matou.

— Certo... — disse ele, parecendo desconfiado. — Você acha que sabe quem fez isso?

Ela olhou para Chase e refletiu se devia contar. Quase contou, então se deteve. Estranhamente, não foi porque ela não confiasse nele, mas porque ele já tinha um certo preconceito com relação ao pai dela. Ela não precisava que ele ficasse supondo o pior agora.

— Podemos apenas tentar encontrar Natasha e Liam?

— Ok — ele disse, mas sua expressão dizia que não tinha gostado. — O que você quer fazer? Aonde quer ir?

— Voltar para o Uck's — disse ela.

— Você ainda acha que o lobisomem que farejou no restaurante tem algo a ver com Natasha?

— Acho — disse ela. — E o fantasma também. Foi por causa dele que eu descobri que eram os lobisomens que Jason Von mais temia ontem à noite.

— Então é para o Uck's que nós vamos. — Ele estendeu a mão novamente e colocou uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. — Nós vamos resolver isso.

— Resolver o quê?

— Tudo — disse ele. — Natasha e Liam. Você e eu.

O coração dela deu um salto, e tudo que conseguiu fazer foi concordar com a cabeça.

Chase ligou o carro e, por alguma razão maluca, ela ouviu a voz de Steve em sua cabeça.

Me prometa que, antes de se apaixonar por Chase, você vai se lembrar de que eu amei você primeiro.

Em seguida, ela ouviu a voz de Holiday. *Basta ter cuidado.*

Ah, droga. Será que ela ia realmente se apaixonar por Chase?

Ela ligou para Burnett e disse que voltaria para Shadow Falls dali algumas horas para lhe passar um relatório completo. Ele começou a interrogá-la por telefone, mas ela insistiu que falaria mais tarde. Ele não ficou feliz, mas aceitou depois que ela disse exatamente para onde estavam indo. Ele, obviamente, achou que não havia nada com que devessem se preocupar no Uck's, mas não se importou que eles fossem até lá.

O que chateava Della era que ele estava certo.

Eles não conseguiram nada no Uck's. Mas como havia alguns vampiros lá, pediram duas Cocas e conversaram sobre coisas corriqueiras. Histórias sobre os pais e a irmã dele. Mas por alguma razão, isso não lhe parecia uma coisa corriqueira. Ela queria saber todas essas coisas.

Então ele perguntou sobre o passado dela. Querendo que Chase conhecesse o lado bom do pai dela, ela contou que eles jogavam xadrez e tinham até participado de algumas competições. Contou que o pai a levava para pescar. E da noite do jogo de Palavras Cruzadas, quando a família se reunia para jogar.

Foi em algum momento da conversa que ela entendeu por que o fantasma queria que ela lesse o diário. Quando você se preocupa com alguém, quer saber até das coisas mais insignificantes. Detalhes da vida dessa pessoa. Sua tia, Bao Yu, queria saber dos detalhes da vida da filha.

Eram quase nove horas quando Chase a deixou em Shadow Falls.

— Quer que eu vá com você falar com Burnett? — ele perguntou.

— Não. Pode deixar.

Chase olhou para ela.

— Você vai contar a ele sobre o espião na UPF?

— Eu tenho que contar — disse ela. — Você vai dizer ao Conselho que eu sei sobre o espião, para ele dar o fora de lá?

— Eu já contei, quando você foi ao banheiro, logo depois que chegamos ao restaurante.

Ela suspirou.

— Pelo menos estamos sendo sinceros.

— Trabalhar para grupos adversários não muda o que existe entre nós, Della.

Mas mudaria, ela sentiu. Só não sabia ainda como. E quando mudasse, não tinha ideia de como iria lidar com aquilo.

Mas esse era apenas parte do problema.

— Eu não tenho muita certeza do que está acontecendo entre nós — disse ela.

Chase se inclinou e beijou-a novamente. Ela só deixou que o beijo acontecesse por um segundo. Depois colocou a mão no peito dele e o empurrou para trás.

— Eu posso esclarecer pra você — disse ele. — Chama-se "ligação". E é uma coisa poderosa. Nós pertencemos um ao outro agora.

— Eu tenho que ir. — Ela se afastou e deixou-o ali, sentado no carro. E ela o ouviu indo embora e sentiu o vazio que isso sempre lhe provocava.

Ela entrou e deu a Burnett o relatório completo. E quando contou sobre o espião na UPF, uma parte dela quase se sentiu desleal com Chase. *Trabalhar para grupos adversários não muda o que existe entre nós, Della*. Ela voltou a ouvir as palavras de Chase e, novamente, soube que ele estava errado.

Mal Della contou a Burnett sobre o espião, ele pegou o telefone para falar com alguém da UPF. Foi na mesma hora informado de que um de seus agentes já tinha esvaziado seu escritório e deixado uma carta de demissão.

— Viu por que eu disse que o Conselho dos Vampiros não é flor que se cheire?

Della recostou-se na cadeira.

— Você não tem agentes infiltrados, tentando conseguir informações?

— De que lado você está? — perguntou Burnett.

— Do lado da UPF — ela garantiu —, mas eu não tenho certeza se deveria haver dois lados.

— Diga isso ao Conselho dos Vampiros — ele retrucou. — São eles que se recusam a trabalhar com a gente.

Depois de alguns minutos ouvindo Burnett esbravejar, Della perguntou: — Você não conseguiu mais nada sobre os corpos?

— Eles encontraram um total de vinte até agora.

— Ainda não foram identificados? — ela perguntou, quase com medo da resposta.

— Não.

Ela quase contou a ele que Natasha era sua prima. Só não fez isso porque sabia que ele iria descobrir que a tia dela tinha sido assassinada. Então, iria descobrir a ligação com o tio. Será que ela queria que ele descobrisse isso? Se o tio tinha assassinado a tia, ele não merecia ser descoberto? Sim, merecia, mas ela queria um pouco mais de tempo para encontrar suas próprias respostas antes que Burnett metesse a mão naquela cumbuca.

E não era porque ela pensasse que o pai era culpado.

Não, disse a si mesma, enquanto caminhava de volta para sua cabana. Quando ela olhou para cima e viu as estrelas, em vez de apreciar a noite, percebeu que um outro dia tinha se passado e Natasha e Liam ainda estavam presos.

Ou mortos. O pensamento passou pela sua mente e, por mais que ela quisesse negá-lo, uma parte dela temia que estivesse acreditando no que Bao Yu queria acreditar. E se a tia apenas se recusasse a acreditar que Natasha estava morta?

Chame de amadurecimento, ou fraqueza... Della não sabia; o fato era que ela finalmente aceitou que precisava pedir ajuda e apoio. Em vez de se trancar no quarto, foi até a geladeira, pegou três refrigerantes diet e esperou que suas duas melhores amigas voltassem para casa.

Cerca de quinze minutos depois, elas chegaram, cheirando a fumaça. Obviamente, tinham estado num dos encontros em volta da fogueira.

Quando entraram na cabana e se depararam com Della, e depois viram os refrigerantes diet, pararam de rir.

— O que aconteceu? — perguntou Kylie, e ambas as amigas tomaram seus lugares à mesa.

— Tudo — disse Della. Seus problemas davam voltas em sua cabeça e ela não tinha certeza se poderia resolver qualquer um deles. Impotência. Era isso o que ela sentia. Mesmo que agora soubesse muito mais do que jamais soubera.

Então ela começou falando a verdade, o que deveria ter feito semanas atrás. Ela não era mais um vampiro normal. Ela não contou a elas que Burnett era um Renascido, mas se recusava a guardar mais segredos das amigas.

Elas ficaram sentadas ali, olhando para ela, depois olharam uma para a outra, e em seguida Miranda disse: — Conte algo que a gente já não saiba.

— Vocês sabiam? Como?

— Nós vimos você voando bem mais rápido do que o normal — disse Kylie.

— E, uma vez, você voou pela varanda sem nem precisar correr antes — Miranda acrescentou. — Nós estávamos nos perguntando quando você ia contar. Eu disse a Kylie que ia te dar uma semana, depois disso teríamos que te encostar na parede.

Della fez uma careta.

— Eu odeio que me encostem na parede.

— Por que você não contou pra gente? — perguntou Kylie, quase parecendo magoada.

— Burnett sugeriu que eu não contasse. Então vocês não podem contar para ninguém que sabem.

— O que acontece na mesa da cozinha fica na mesa da cozinha — disse Miranda, virando uma chave imaginária sobre os lábios. Kylie concordou com a cabeça.

— Agora diga o que há de errado — exigiu Kylie.

Della explicou toda a coisa da ligação — que ela não gostava de pensar que era real, mas temia que fosse.

Elas ouviram. Com um ar de pena. Mas não ofereceram nenhum conselho útil. Como poderiam? Não entendiam mais do que ela.

— Você não conseguiu nada mais do fantasma? — Claro, Kylie adivinhara que os problemas de Della tinham a ver com o fantasma.

Della contou o que Burnett tinha encontrado, e então que ela tinha ido ver a tia Miao. Sua voz tremeu um pouco quando ela disse como tinha sido difícil vê-la — alguém de quem ela tinha sido afastada porque os pais pensavam que a filha estava fazendo coisas horríveis. Ela tremeu um pouco quando contou às amigas o que Burnett tinha descoberto e no que agora acreditava.

Kylie apenas ficou sentada ali e não disse nada, mas Della podia perceber que ela concordava com Burnett.

Então ela contou que agora sabia com certeza que o fantasma era da tia Bao Yu, e que Natasha era sua prima.

— O mais louco — continuou Della — é que, quando eu perguntei à minha tia sobre a morte de Bao Yu, era quase como se o fantasma estivesse esperando para ouvir. Como se ela não soubesse o que aconteceu.

— Isso não é tão incomum — disse Kylie. — Especialmente se foi uma morte violenta. Eles criam um bloqueio para se proteger.

— Então, a visão que ela me fez ter pode não significar nada? — perguntou Della.

Kylie hesitou.

— Tem que significar alguma coisa. Talvez seja o que ela acha que aconteceu.

— Será que isso um dia vai ficar mais fácil? — Della murmurou.

— Nem um pouco — respondeu Kylie. — Cada fantasma representa um novo desafio.

Miranda se remexeu na cadeira.

— Não que eu queira mudar de assunto, mas... Bem, para falar a verdade, eu realmente não gosto de falar de fantasmas. Você nos contou sobre a coisa da ligação, mas... aconteceu alguma coisa com Chase esta noite? Algumas mãos ou narizes foram a lugares que não deveriam?

Della suspirou, e rosnou. Ela realmente não tinha planejado falar sobre aquilo, mas por que diabos não falar?

— Ele me beijou. Três ou quatro, talvez cinco vezes.

— Então, com ligação ou não... ele ainda é um sapo? — perguntou Miranda.

— Ele está perdendo as verrugas — Della admitiu.

Miranda olhou para as mãos e, em seguida, voltou a olhar para cima.

— Liguei para Shawn esta tarde.

— Você ligou?! — Kylie perguntou, chocada, até mesmo um pouco desapontada.

— Só conversamos. Eu disse a ele que você contou que ele tinha sido esfaqueado, e nós apenas conversamos. — Ela olhou para Kylie com lágrimas nos olhos. — Eu sinto como se tivesse enganado Perry.

— Você não enganou — Della logo disse. — Ele terminou com você. Ele por acaso te ligou pelo menos?

— Não — disse Miranda. — Mas por que eu me sinto culpada?

— Porque você é uma boa pessoa. — Della balançou a cabeça. — Não, retiro o que disse. Não pode ser isso. Porque eu me senti culpada, e eu não sou uma boa pessoa.

— Sim, você é! — garantiu Miranda, enxugando uma lágrima que tinha rolado pela sua bochecha. — Você é apenas mal-humorada às vezes. E um pouco durona demais. — Ela fungou. — E joga o sorvete das outras pessoas no chão.

Kylie deu uma risadinha.

Della apenas sorriu para Miranda.

— E eu vou fazer isso de novo se você ficar chorando pelos cantos e começar a se entupir de sorvete quando seu nariz começar a escorrer.

— Meu nariz não estava escorrendo — disse Miranda.

— Estava, sim! — disse Kylie. — Mas nós te amamos assim mesmo.

Socks, aparentemente com ciúme por não estar na conversa, pulou sobre a mesa. Della passou a mão pelas costas do gato e o ouviu ronronando. O felino então virou-se e começou a se esfregar em Della, dando beijoquinhas de gato.

— Você não devia deixar que ele te beijasse — disse Miranda.

— Você só está com ciúme porque ele me ama — disse Della, dando um beijo no gatinho.

— Não, não é isso. É porque eu vi quando ele matou um rato hoje.

— Cruzes! — Della colocou o gato no chão e elas começaram a rir.

Della foi para a cama se sentindo melhor, mesmo depois de ter sido beijada por um gato devorador de ratos. Sentindo-se melhor até o celular apitar anunciando a chegada de uma mensagem de texto às três da manhã. Ela se virou, pronta para descobrir quem iria matar no dia seguinte por atrapalhar sua primeira boa noite de sono em semanas.

Seus pensamentos foram para Steve. Ela pegou o telefone e, quando fez isso, viu a Smurfette sobre o criado-mudo, olhando para ela. Pronto! No mesmo instante, sentiu falta de Chase, e todos aqueles pequenos detalhes sobre a família dele que ela tinha descoberto na noite anterior inundaram sua mente. Confusa, ao ver que tanto Steve quanto Chase faziam seu coração bater mais forte, ela pegou o celular.

O número era anônimo, mas ela sabia de quem era a mensagem. Ela não ia matar ninguém.

Porque a pessoa que enviava a mensagem já estava morta.

A mensagem, escrita em letras maiúsculas e em vermelho, simplesmente dizia: ENCONTRE NATASHA!!!

— Estou tentando! — disse Della. Então se sentou na cama e ficou o resto da noite num quarto muito frio, tentando descobrir o que precisava fazer em seguir.

Às cinco da manhã, o celular apitou novamente. Não era o fantasma. A mensagem era simples. *Sinto sua falta. Steve.*

Capítulo Trinta e Seis

— Della? — O senhor Yates, seu professor de ciências, fez sinal para Della se aproximar da mesa dele na manhã seguinte.

Ah, droga! Será que ele ia chamar a atenção dela por ficar divagando e não prestar atenção na aula? Provavelmente. Mas Della dificilmente conseguiria pensar nos estudos. Seus pensamentos passavam do lobisomem fora da lei para Damian Bond, depois para a falta que sentia de Chase, mesmo que não tivessem se passado muitas horas desde o último encontro, e por fim para a constatação de que uma parte dela ainda sentia falta de Steve.

Então havia a questão da reunião do Conselho dos Vampiros. Será que ela descobriria alguma coisa? Será que estava enganada ao pensar que o tio estava por trás do fato de Chase ter sido enviado para ficar de olho nela e em Chan?

E se estivesse, será que isso fazia com que ela não tivesse motivo nenhum para desconfiar dele? E se não tivesse, isso mudaria as coisas entre eles?

— Della? — chamou Yates novamente.

Della levantou-se, para fazer o que o senhor Yates tinha pedido, e ele acrescentou: — Pegue seu material.

Seu material? Isso a fez se lembrar do dia em que tinha sido chamada na diretoria da sua antiga escola. Ela só tinha ido até lá uma vez, e não tinha sido por culpa dela.

Recolhendo o material, ela andou até a mesa do senhor Yates.

— Sim?

— Burnett quer ver você.

Ok, ela estava mais uma vez sendo chamada na diretoria. Mas esperava que não fosse porque tinha feito algo errado. Quando saiu, Miranda e Kylie acenaram para ela.

Todos os tipos de pensamento atravessaram a mente de Della quando ela deixou a sala de aula. E o pior deles fez com que Della quase perdesse o fôlego.

Será que tinham identificado um dos corpos como Natasha ou Liam?

Em menos de um minuto, Della chegou. A voz de Burnett ecoou do escritório de Holiday. Como a porta estava aberta, Della entrou sem bater.

— O que foi? — ela perguntou.

— Não é nada de mais — disse Holiday, captando instantaneamente as emoções de Della e se levantando como se quisesse lhe oferecer seu toque tranquilizante.

Della estendeu a mão, evitando o toque da amiga, pois queria lidar com o que quer que fosse sozinha.

Burnett, apoiado na mesa de Holiday, levantou-se.

— Eu só queria repassar o que vai acontecer hoje à noite no aeroporto.

Della soltou a respiração que estava presa.

— Ok. — Ela acabou de atravessar o escritório, se sentou no sofá e colocou os livros ao lado dela. Aquilo era mamão com açúcar.

— Eu vou com você. Nós encontramos Chase no aeroporto.

Ok, talvez não fosse com tanto açúcar assim, pensou Della. Ela e Chase tinham planos pré-aeroporto que envolviam uma reunião para conhecer o Conselho dos Vampiros, e ela sabia que Burnett iria se opor àquilo.

Ah, mais que inferno! A quem ela queria enganar? Ele faria muito mais do que se opor, ele ficaria possesso!

— Hã... por que Chase e eu não podemos cuidar disso sozinhos?

Burnett olhou para ela e franziu a testa do jeito que sempre fazia quando ia começar a discutir. O fato de ela conhecer as expressões que ele fazia antes de começar a discutir dizia muito sobre o relacionamento entre eles.

— Ele é um criminoso conhecido, com uma ficha de três páginas. Não vou enviar dois dos meus melhores agentes sozinhos para buscá-lo. Estarei lá, bem como um outro agente, para dar retaguarda.

O tom de voz de Burnett lhe dizia que ele não iria ceder.

— Tudo bem, mas vou de carro com Chase. Ele vai me pegar por volta das quatro da tarde.

— O avião só pousa às nove da noite.

— Eu sei — disse ela, sem explicar mais nada.

— Então...? — ele perguntou.

Ela sabia que aquele "então" significava "que diabos vocês estão planejando fazer até lá?", mas ela fingiu que não tinha entendido. Se ele queria saber, teria que perguntar. Não que ela fosse contar. Ela não podia.

— Então eu acho que nós vamos encontrar você no aeroporto por volta das oito, ou mais cedo. Só me diga onde você quer que seja o ponto de encontro.

Ele franziu a testa.

— Não sei exatamente como dizer isso, mas eu não aprovo Chase.

Della sabia para onde a conversa estava se encaminhando, mas não tinha planejado o que fazer a respeito.

— Eu sei que você não aprova. Mas... eu, sim.

Burnett recostou-se novamente contra a mesa de Holiday, que se levantou e deu a volta para ficar quase entre eles. Sem dúvida, a *fae* podia sentir o clima ficando tenso. Ela provavelmente sabia que isso ia acontecer antes mesmo de Della chegar. E aquele olhar nos olhos dela, quase implorando desculpas, dizia a Della para que se preparasse — aquela conversa não seria fácil.

— Eu não confio nele — disse Burnett. — E, se bem me lembro, você também não confiava muito no começo.

— Eu sei, mas trabalhei com Chase durante todo esse tempo e vi um outro lado dele. Além disso, eu me lembro de que Holiday no começo também não confiava muito em você.

Burnett fez uma careta.

— Quer dizer que agora você está comparando você e Chase com Holiday e eu? — Ele virou-se para a esposa. — Pensei que você tinha dito que não havia nada de romântico acontecendo...

Holiday balançou a cabeça.

— Não, eu disse que ela garantiu que eles não estavam fazendo sexo.

Della bufou.

— Estou feliz que vocês dois fiquem falando sobre a minha vida sexual.

Burnett voltou a olhar para Della.

— Então, você está emocionalmente envolvida com Chase?

Ela quase negou, mas depois não conseguiu.

— Mais ou menos. — E, em seguida, na defensiva, acrescentou: — Foi você quem me designou para trabalhar com ele.

— Isso foi antes de eu saber que ele trabalhava para o Conselho e tinha informações sobre um espião na UPF.

— Para começo de conversa, foi ele mesmo quem me contou isso.

— Ele deveria ter nos contado isso há muito tempo.

Burnett ficou em silêncio e, como ela já tinha visto suas técnicas de interrogatório, sabia que ele costumava fazer isso para pressionar. E se essa era ou não a intenção dele, tinha funcionado. Ela se sentia pressionada. Mas não iria ceder. Precisava conhecer o Conselho.

— Você me designou para trabalhar neste caso com ele e eu pretendo terminar este caso com ele.

— E depois? — Burnett perguntou.

E depois? A pergunta deu voltas na cabeça dela e no coração.

— Eu não sei.

Burnett passou a mão no rosto.

— Bem. Mas existem algumas coisas que você precisa saber daqui por diante.

Della assentiu com a cabeça. E ela viu a expressão séria de Holiday, como se a *fae* soubesse o que vinha pela frente.

— Depois deste caso, se você continuar a ver Chase, sua carreira na UPF acabou.

Della sentiu o golpe como um soco no estômago. A dor subiu para a garganta e a apertou. Ela sabia que teria que enfrentar a fúria de Burnett por causa de Chase, mas não esperava isso.

Todas as suas esperanças, os sonhos que ela tinha se empenhado tanto para concretizar desde que chegara a Shadow Falls, seria tudo cortado pela raiz.

— Você faria isso? — perguntou, se esforçando para não chorar.

— Não. — A total sinceridade aprofundou a voz de Burnett e ele balançou a cabeça. — Mas a UPF vai.

Ela olhou para cima, com medo de que uma lágrima caísse.

— Então eu acho que, depois que este caso estiver terminado, eu tenho uma escolha a fazer.

Deixando claro que planejava encontrar Chase, ela se levantou para ir embora. Burnett pegou o braço dela.

— Não me obrigue a fazer isso, Della.

Odeie a mensagem, não o mensageiro, dizia seu coração. Esqueça que o mensageiro sabia quanto ela queria isso. Que desde que começara a trabalhar no seu primeiro caso com a UPF, Della sabia que era aquele trabalho que queria fazer pelo resto da vida.

— Eu acredito em você — disse ela, mas não podia negar que doía muito. Ela se afastou de Burnett e saiu da cabana. Tinha muito em que pensar.

O celular de Della sinalizou a chegada de uma mensagem de texto quinze minutos antes das três. Chase tinha chegado mais cedo. A mensagem dizia que ele iria esperar por ela no carro. Será que ele sentia que não era bem-vindo em Shadow Falls? Burnett o teria confrontado?

Della sabia que o líder do acampamento era bem capaz disso.

Ela atravessou o portão de Shadow Falls e viu Burnett olhando pela janela. Sua respiração ficou presa diante da visão dele. Então ela viu Holiday aparecer ao lado do marido. Provavelmente para tocá-lo para que ele se acalmasse. Talvez tivesse sido melhor se ela tivesse deixado Holiday tocá-la também.

Della tentou não se sentir culpada por decepcionar Burnett, mas não conseguiu. Ela tentou não ficar com raiva, mas não conseguiu também. Como Burnett se sentiria se fosse chantageado para que virasse as costas para alguém?

Alguém com quem ele se importasse.

Alguém que poderia muito bem vir a ser uma parte da sua vida para sempre.

E, sim, era assim que ela se sentia com relação a Chase. Uma parte dela acreditava que os laços entre eles não poderiam ser cortados. A outra parte queria pegar uma tesoura.

A visão de Chase de pé ao lado do carro, olhando para ela, acabou com sua tristeza por decepcionar Burnett, mas não fez grande coisa para acabar com a sua raiva.

De óculos de sol, Chase parecia imperturbável em sua calça jeans e camisa de mangas compridas verde-clara. Mesmo com os óculos, ela sentia o toque do olhar dele. Atraindo-a para si, captando suas emoções, necessitando-a.

Ele precisava dela.

Ela realmente não tinha percebido isso antes, mas notava agora. Ele precisava dela. O sentimento fez a dor no meio do seu peito se espalhar.

— Alguma coisa errada? — Chase andou em direção a ela.

Então Burnett não tinha falado nada para ele.

Quando ele estendeu a mão, ela se afastou e continuou andando até o carro.

— Della? — Chase chamou.

A vampira olhou para ele.

— O que *não* está errado? — perguntou ela, tentando evitar ao máximo falar com ele. Ou tentando decidir se precisava dizer a ele.

— Eu poderia citar algumas coisas — disse Chase, se aproximando. — O céu está azul. Não está chovendo. Vamos dar uma volta com a capota arriada e eu tenho elásticos de cabelo. Mais tarde, vamos pegar um lobisomem filho da mãe, que eu acho que vai nos levar até Liam e Natasha. E acima de tudo... você... E, exceto pelo fato de que parece chateada, está mais sexy do que nunca.

O olhar dele baixou.

— Por sinal, adoro esse jeans. Você o estava usando da primeira vez em que te vi em Shadow Falls. — Ele parou por um segundo e ergueu os olhos. — E eu vou passar a tarde toda com você.

Ele se aproximou um pouco mais e passou um dedo pelo rosto dela.

— E isso, senhorita Tsang, é o que não está errado.

Della pegou o dedo dele.

— Por que você está sempre tocando o meu rosto?

Chase sorriu.

— Porque outras partes ainda não estão liberadas para mim.

Capítulo Trinta e Sete

Della rosnou para ele e pulou dentro carro. Mas seu rosto formigava onde ele a tocara. Chase contornou o carro, abriu a porta e, com agilidade e estilo, sentou-se no banco do motorista.

— Ei, tive uma ideia! Por que você não dirige?

— Não — ela disse.

— Está com medo?

— Medo de não conseguir? Não. Medo de levar outra multa? Sim.

Ele ficou olhando para ela e então se recostou no banco e baixou os óculos para olhar diretamente nos olhos dela.

— Alguma coisa errada?

— Você já perguntou isso uma vez.

— É, perguntei, não foi? — Chase disse sarcasticamente, recolocando os óculos no lugar e cruzando os braços. — Mas eu não me lembro de você ter respondido.

Della olhou para a porta e imaginou Burnett saindo da cabana.

— Vamos dar o fora daqui — disse ela.

— Não até que você me diga o que está errado.

— Vamos indo e eu te conto no caminho. — *Ou talvez não*.

Ele ligou o carro e o motor ronronou, alto, suave e potente. Ele dirigiu para a rua.

— Comece a falar — mandou ele, a voz só ligeiramente mais alta do que o ronco do motor e o vento. Graças à superaudição dos dois, a conversa aos sussurros não era impossível.

— Burnett e outro agente vão nos encontrar no aeroporto.

— Isso não me surpreende. O Conselho vai enviar outro agente também. Esse Damian pelo visto é barra-pesada. — Ele olhou para ela. — Você está preocupada com a reunião do Conselho?

— Um pouco — admitiu ela, achando que assim não seria obrigada a explicar todo o resto. E era verdade. Ela não tinha a menor ideia de como iria arrancar informações deles. Se o tio não estivesse naquele Conselho, ela não sabia como faria para perguntar se eles o conheciam. Não, Della percebeu, o que ela precisava perguntar era por quê. Por que eles tinham enviado Chase para ajudá-la e ajudar Chan? Alguém estava por trás disso, não estava?

— Se você sabe lidar com Burnett, sabe lidar com o Conselho. Não vai ser problema.

E esse era o problema. Ela não sabia lidar com Burnett. A conversa daquele dia era uma prova. O problema não era Burnett, lembrou, era a UPF. Ela não tinha ideia de como lidar com eles.

— Nosso encontro é só às cinco e ainda falta um pouco. Quer fazer hora na minha casa?

— Para quê? — ela deixou escapar antes de perceber que tinha falado como uma garotinha assustada. Mas ela estava assustada, não estava? Não estava pronta para o que ele podia ter em

mente. Ou talvez ele não tivesse nada em mente, mas agora provavelmente achava que ela tinha.

— A gente podia sentar na varanda e observar os pássaros — disse Chase, sorrindo levemente.

Ele estaria tirando sarro dela ou tentando fazê-la pensar que ele não tinha mais nada em mente? Com seus óculos cobrindo os olhos, ela não podia dizer com certeza. Mas tirando os beijos, algumas brincadeiras sexies e o armário — ela não poderia culpá-lo —, ele não tinha tentado fazer nada de mais.

Ele não está me pressionando para fazer sexo. Della se lembrou de ter dito isso a Holiday, e ainda acreditava em suas palavras.

— Tudo bem — disse ela. — Vamos observar os pássaros.

Tudo transcorreu bem. Eles foram para a casa de Chase e se sentaram na varanda da frente. Ele trouxe para ela um copo de sangue O negativo. Estava fresco e picante. Talvez o melhor sangue que ela já tinha provado.

Ficaram sentados ali fora por um tempo sem se falar. Não era um silêncio desconfortável, era tranquilo. Baxter se juntou a eles. De vez em quando, ele cutucava a perna dela com o focinho para que ela fizesse carinho nele. E por um instante, Della se permitiu esquecer o encontro com o Conselho, esquecer a conversa com Burnett.

Vários pássaros pousaram e voltaram a levantar voo. Chase disse a ela o nome de cada um deles. Ela quase riu quando percebeu que ele realmente era um observador de pássaros. Então, caramba! Della percebeu que gostava daquilo também. Miranda iria soltar rojões quando soubesse.

Então a mente de Della a levou de volta para o dia em que ela estivera ali antes. Quando um certo pássaro chamado Steve apareceu.

Não que ela temesse que um dos pássaros fosse ele agora. Steve estava em Paris. E por alguma razão, isso fizera com que ficasse mais fácil se aproximar de Chase. Longe dos olhos, longe do coração.

Não é bem assim, contestou o coração dela. Ela tinha pensado nele. E tinha que admitir que estava ainda mais confusa com relação ao que sentia, também.

Não, isso não era exatamente verdade. Ela sabia o que sentia por Steve. Apesar de estar zangada com ele, por se aproximar dela mesmo sabendo que estava prestes a partir, Della ainda se importava com ele. Gostava dele. Gostava muito. Se sentia atraída por ele.

O que a confundia era que sentia tudo isso por Chase, também.

E mais.

Era a parte do “mais” que a assustava. Antes, ela podia comparar o que sentia por Lee ao que sentia por Steve. A mesma atração. O mesmo tipo de desejo. Mas o que ela sentia por Chase não podia ser comparado a isso. Parecia maior. Mais intenso. Mais poderoso. E ela se sentia mais vulnerável por causa desses sentimentos. Muito mais do que se sentia com Steve.

Seria a ligação? Ela não gostava de pensar que sim, porque não queria que nada tivesse controle sobre ela. Mesmo que, às vezes, a ideia de ceder parecesse muito tentadora.

Chase se levantou da cadeira e ficou na frente dela. Colocou os óculos de sol na cabeça e, em seguida, puxou-a para que ela se levantasse. Deslizou as mãos em volta da cintura dela, e seus dedos ficaram ligeiramente abaixo da camiseta. Inclinou-se para a frente e encostou a testa na dela.

— O que você disse antes? — Os polegares de Chase tocaram a pele nua da sua cintura e ela se perguntou como um simples toque podia parecer tão bom.

— Sobre o quê? — Della perguntou e se afastou um pouco. Ela sabia aonde aquela conversa iria dar. E simplesmente não queria continuar.

— Eu não teria tocado no assunto, mas depois do que você disse...

— Então vamos esquecer o que eu disse.

— Olha, Della, eu não vou negar que, por mais que eu goste deste jeans em você, eu adoraria tirá-lo, mas...

— Essa cantada eu nunca tinha ouvido... De que música brega você tirou? — Ela olhou para Chase.

Ele franziu a testa.

— Me deixe terminar. *Mas*... quando chegar a hora, você é quem vai me dizer quando. Nunca vou pressioná-la para fazer qualquer coisa que não queira. Entendeu? — ele perguntou. — *Você* diz quando, não eu.

As palavras dele deram voltas na cabeça dela e a deixaram meio zonza. Ou será que seriam os polegares de Chase fazendo pequenos círculos na pele macia da sua cintura?

Ele suspirou.

— Só para você saber, se dependesse de mim, eu teria dito "quando" há muito tempo. — Ele sorriu, e embora se sentisse lisonjeada, estava igualmente boquiaberta.

Ela abriu a boca para falar, mas nada saiu por um segundo, e então finalmente disse: — Eu sou... Eu não sou muito de dizer "quando".

Mas o toque dele, a respiração contra a testa dela, causava arrepios em partes de seu corpo que normalmente não ficavam arrepiadas. E ela sabia que o "quando" estava na ponta da língua, enquanto sentia o toque agradável das mãos de Chase em torno dela.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você já disse "quando" antes?

Era isso. A sensação de estar lisonjeada caiu por terra e a de estar boquiaberta prevaleceu. Ele tinha realmente perguntado aquilo? Ela deu um soco no estômago dele.

— Ugh! — Ele pôs as mãos no estômago e olhou para ela. — Isso doeu.

Della olhou para ele.

— Eu sei. Um cara nunca deveria perguntar isso. Você tem sorte de eu não ter te dado um chute no meio das pernas.

Chase deu um passo para trás, e agora parecia confuso.

— Os caras deveriam perguntar isso, sim. Um cara que se importa precisa saber. Você não tem que me dizer agora, mas antes de... chegarmos lá, precisamos conversar.

O constrangimento começou a fazer com que ela se sentisse desconfortável.

— Em primeiro lugar, quem disse que vamos chegar lá?

— Eu... bem, você meio que deu a entender que pensava que eu iria levá-la lá. E nós estamos ligados, portanto são grandes as probabilidades de que a gente chegue lá, uma hora.

Ela olhou para Chase, não acreditando na ousadia dele. Então sentiu o rosto afogueado, como no dia em que enfiara o nariz na virilha dele.

Ele ficou olhando para Della, analisando-a.

— Se você não foi lá ainda, não há por que se envergonhar.

— Eu não estou envergonhada — ela mentiu, e então ficou furiosa por Chase fazê-la se sentir assim. — Você é quem está evitando a palavra "sexo". Eu não sou virgem, só não acho que isso seja da sua conta.

— Ok — ele disse, agora parecendo desconfortável. — Eu estava tentando ser educado.

Ela olhou nos olhos dele.

— Você é virgem?

Chase riu.

Ela quis socá-lo novamente. Com toda a força.

— Não... Não sou.

— Então por que está rindo? Será que é porque você tem uma lista de conquistas e está orgulhoso dela?

— Não — disse ele, sério. E pareceu escolher as palavras antes de finalmente dizê-las. — Acho que estou um pouco envergonhado, também. Eu estava tentando lidar com isso como um adulto. Mas acho que estraguei tudo. Só me dê uma chance.

— Você já pediu isso uma vez. E nunca me disse que tipo de chance queria. Mas eu tenho algumas ideias.

Chase riu.

— Você não vai facilitar, não é?

— Se você quer uma garota fácil, está falando com a pessoa errada.

— Não, você é a garota certa, mesmo sendo difícil. — Ele deu um passo para a frente.

Ela deu um passo para trás, lembrando-se do encontro com Burnett.

— Eu não contaria com isso. — Em seguida, percebendo quanto tempo tinha passado, ela disse: — Nós provavelmente já temos que ir.

— Só quero que te pedir mais uma coisa — disse ele.

— O quê?

— Isso. — E então ela estava nos braços dele. E Chase a estava beijando novamente. E era bom. Bom demais. As palmas das mãos dele subiram pelas costas dela, por baixo da camiseta. O

toque doce trouxe de volta a lembrança da mão dele em seus seios e fez com que Della quisesse dizer “quando”.

Em vez disso, ela se afastou e olhou para ele. Com algum esforço, repetiu para si mesma.

— Temos que ir.

— Sim — ele disse e então tocou o nariz dela como dedo. — Vamos apresentar você ao Conselho. Eles vão adorar.

Dez minutos depois — dez minutos em que ela pensou freneticamente em mil maneiras diferentes de abordar o assunto do tio —, Chase parou no estacionamento de uma das lojas da cadeia de restaurantes Benny’s.

Ela olhou para o restaurante familiar, muito parecido com o que o pai a levava em quase todas as manhãs de domingo. Ou pelo menos costumava levar... porque isso não acontecia mais desde que ela fora para Shadow Falls.

— Você está de brincadeira? — perguntou Della.

— Por quê?

Ela tinha imaginado vários tipos diferentes de locais de reunião com o Conselho dos Vampiros, mas nunca um restaurante que vivia lotado.

— No Benny’s? Vou me encontrar com o Conselho dos Vampiros num restaurante familiar, onde você pode comer ovos e torradas por noventa e nove centavos?

— Eu, pessoalmente, gosto das panquecas — disse Chase.

Della continuou a olhar para ele.

— Sério?

— São boas.

Ela apertou os olhos, sabendo que ele não estava falando sério.

Chase colocou os óculos no alto da cabeça.

— Eles têm um pequeno salão na parte de trás que alugam.

— E o Conselho o alugou para me encontrar? — ela perguntou.

Ele assentiu, como se não visse problema nisso. E talvez fosse só o nervosismo que a fizesse ver a situação como um problema, mas não conseguia deixar de pensar assim.

— Mas eles usam esse lugar como escritório?

— Não — ele disse.

— Mas eles têm um escritório? — ela perguntou.

— Sim.

— Então, não confiam em mim o suficiente para me deixar ir até lá.

Chase franziu a testa.

— Você trabalha para a UPF. Conhecê-los já é um grande passo.

— Burnett levou você ao escritório da UPF.

— Isso é diferente — disse ele.

— Por quê?

— A UPF está no catálogo telefônico, é só procurar na lista de empresas federais.

— Entendi — disse ela. — Porque a UPF é uma organização legítima e dentro da lei, mas o Conselho dos Vampiros não é.

Ele franziu a testa.

— Ah, então a UPF tem mais mérito porque se esconde por trás da fachada de uma organização humana, como se fosse do governo?

— Eles estão apenas se escondendo dos seres humanos. Os sobrenaturais sabem quem eles são.

— Mas, se o Conselho dos Vampiros tentasse abrir um escritório, a UPF faria tudo para fechá-lo e colocar todos na prisão.

— Só se eles cometessem crimes — disse Della.

— Certo. E não ser registrado é crime.

Della tinha refletido sobre isso. Não era diferente do debate entre socialismo e liberalismo. Um acreditava no governo organizado e o outro não queria governo nenhum.

— Eu admito que não vejo por que não ser registrado pode ser crime, mas o problema é que a maioria dos criminosos e malfeitores não tem registro. Eles não querem ser registrados, porque sabem que o que estão fazendo é contra a lei. E porque não têm registro, as chances de fugirem são maiores.

— Ou eles simplesmente não querem ninguém metendo o nariz na vida deles. Nem todo mundo que não é registrado é criminoso.

— Eu sei — disse Della —, mas não faz menos de trinta anos que o Conselho dos Vampiros tinha viveiros de seres humanos e os usava para se alimentar?

— Não foi há um pouco mais de trinta anos que a UPF permitia a caça de lobisomens?

— Então, ambas as organizações têm esqueletos no armário — Della admitiu. — Você não pode negar que a maioria dos crimes praticados contra os seres humanos é de autoria daqueles que se recusam a ser registrados. E para que haja justiça de fato, precisamos de uma maneira de prender os responsáveis.

— É por isso que o Conselho dos Vampiros tem sua própria unidade para tentar lidar com os delinquentes.

— A UPF está tentando fazer com que as diferentes espécies trabalhem juntas.

— Não estamos promovendo o preconceito. Nós só achamos que cada espécie deve se responsabilizar pelos seus.

— O Conselho dos Vampiros está tentando ostensivamente fechar Shadow Falls — ela acusou.

— Sim, na época, eles achavam que o acampamento fazia uma lavagem cerebral nos vampiros adolescentes registrados.

— Esse acampamento que faz “lavagens cerebrais” salvou a minha vida e está salvando a vida de muitos outros.

— Eu não discordo. O Conselho estava errado. E nos últimos anos, pararam suas tentativas de fechá-lo.

— Você é registrado? — Della perguntou, sabendo a resposta, porque Burnett já tinha contado a ela.

— O Conselho achou que isso ia me dar mais cobertura.

— Você já sentiu que isso representou uma invasão à sua privacidade?

Ele hesitou.

— Seja sincero — disse ela.

— Acho que não. Mas isso pode mudar.

Della franziu a testa.

— Nós não vamos concordar nesse assunto, não é?

— Provavelmente não — disse ele. — E eu *não* vou levar você lá, se tudo o que pretende é discutir política.

— Eu não posso fazer perguntas?

— Perguntas sobre o caso? Sim.

— E perguntas sobre o meu caso e o de Chan?

— Eu já respondi a todas elas — disse Chase, a mandíbula firmemente cerrada.

— Talvez eles saibam de alguma coisa que você desconheça. — *Ou talvez você ainda guarde segredos*.

Ele passou a mão pelo rosto como se estivesse frustrado.

— Se você trabalhar para eles, poderá fazer todo tipo de pergunta.

— O que isso significa?

A expressão de Chase endureceu e sua hesitação revelou que ele estava tentando encontrar uma resposta — muito provavelmente algo que não fosse exatamente a verdade.

— Eu só queria dizer que, enquanto você trabalhar para a UPF, o Conselho vai se abrir completamente para você.

— Então, o que eles vão esconder de mim?

— Eu não disse que iriam esconder nada — disse ele.

— Você deixou isso implícito — Della respondeu.

— Eu não deixei nada implícito — disse Chase. — Olhe, vá falar com eles, mas não comece a interrogá-los. Eles não vão gostar. E a última coisa que eu quero ter que fazer é...

— É o quê? — ela disse.

Chase olhou para ela. A honestidade encheu seus olhos.

— Enfrentar o Conselho para defendê-la. Eles não são Renascidos, mas são barra-pesada.

— Você faria isso? — Della perguntou, antes que pudesse se conter.

— Só se fosse obrigado. Mas eu não quero. Então se comporte.

— Eu vou fazer perguntas — disse ela.

Ele fez cara feia.

— Tudo bem, pergunte. Mas não vá surtar se não conseguir respostas.

Eles saíram do carro e caminharam até o Benny’s. O cheiro de bacon e ovos queimados encheu o ar. A anfitriã era um vampiro e, depois de verificar seus padrões e lançar um sorriso sensual para Chase, acenou para que seguissem em frente, até o salão nos fundos.

Della o seguiu, o estômago contraído de nervosismo. Ela quase desejou que não tivesse bebido o sangue na casa de Chase. A porta do salão estava fechada. Embora tivesse autorização para entrar, ainda assim ele bateu.

— Entre. — Della ouviu uma voz baixa e profunda dizer do outro lado.

Chase olhou por cima do ombro, na direção dela, e pronunciou a palavra, “comporte-se” sem emitir nenhum som.

Capítulo Trinta e Oito

Ao contrário da frente do restaurante, o salão de trás tinha cortinas pesadas. E elas estavam fechadas. A única fonte de luz era um lustre em forma de candelabro, com algumas lâmpadas de 60 watts.

Seis homens estavam sentados na longa mesa. O olhar de Della passou rápido por todos eles, em busca de um rosto. O rosto do pai. Ou melhor, do gêmeo idêntico do pai.

Ele não estava lá.

A decepção agitou suas emoções já conturbadas. No entanto, por que ela achou que seria tão fácil? Embora aquilo não significasse que o tio não estava por trás de tudo.

Chase a apresentou. Não citou o nome dos homens individualmente, apenas apresentou-os como o Conselho dos Vampiros. E Della supôs que aquilo era tudo o que iria ouvir.

Eles não se levantaram, mas a cumprimentaram com a cabeça educadamente. Cada um deles tinha uma caneca marrom diante de si. Ela apostava que não havia café naquelas canecas.

Della estudou cada um deles rapidamente. Nenhum era oriental. Dois pareciam americanos, um era nativo norte-americano, outro era afro-americano e os últimos dois eram caucasianos. As idades variaram de trinta e poucos anos a uma centena. Ou, pelo menos, o sujeito hispânico parecia um matusalém.

Por alguma razão, ela se lembrou do dia em que estava na sala do tribunal, diante do juiz e dos jurados da UPF.

Na frente da longa mesa do Benny’s havia duas cadeiras.

— Senhorita Tsang, senhor Tallman — o mais velho do grupo falou. — Por favor, sentem-se. Gostariam de algo para beber?

Della descobriu que sua boca estava um pouco seca, mas não achava que seu estômago aguentaria alguma coisa. Ela se obrigou a andar até a cadeira e a falar.

— Não, obrigada.

— Ouvimos relatos maravilhosos do senhor Tallman sobre a senhorita — outro homem comentou.

— Tenho certeza de que ele exagerou — respondeu Della.

— Eu duvido — disse outro dos seis, um dos homens loiros que parecia ter mais ou menos a idade do pai dela.

— Ela é tudo o que eu disse — Chase falou.

O sujeito mais velho acrescentou:

— Tivemos a satisfação de saber que senhorita queria nos conhecer. E não vamos fingir que não temos esperança de que pretenda se juntar a nós como um de nossos agentes.

Ok, aquela seria uma conversa muito delicada.

— Eu não posso dizer que essa seja a minha intenção no momento. No entanto, sempre gostei de ter opções.

— Decepcionante, mas sincero, mocinha — disse outro.

— Então, por que queria nos conhecer? — perguntou o mais velho.

— Eu acho que posso dizer que era curiosidade.

— Para saber quem somos? — questionou o mais velho.

— Sim. E mais.

— Mais? A que se refere? — perguntou o mais jovem.

Ela se empertigou na cadeira e ouviu Chase se remexer ao lado dela. Não tinha chegado tão longe para ter medo de perguntar.

— Estou curiosa para saber por que motivo vocês enviaram um agente para se assegurar de que meu primo e eu conseguiríamos passar pelo Renascimento.

— Oferecemos nossas condolências pela morte do seu primo — disse o homem afro-americano do Conselho.

Condolências? Ela percebeu que não tinha o direito de ficar com raiva de Chase por não ter conseguido salvar a ela e Chan, mas...

— Vocês não poderiam ter enviado dois Renascidos para nos ajudar e salvá-lo também?

Ela voltou a olhar para o mais jovem do grupo, que parecia mais apto a responder.

— Infelizmente, não temos uma equipe para lidar apenas com esse tipo de situação — explicou ele.

— Então como é que vocês têm uma equipe para verificar cada possível Renascido?

Quando o vampiro não respondeu de imediato, ela disse:

— Existe uma razão para terem enviado alguém para verificar o meu primo e eu?

— É evidente que alguém com seus talentos e habilidades seria um trunfo para a nossa equipe de agentes — respondeu o mais jovem do Conselho agora.

— Então vocês *têm* uma lista de todos os potenciais Renascidos? — Della perguntou. — E enviam alguém para checar todos eles?

— Nós gostamos de nos manter informados — disse o mais velho de novo.

Della teve a sensação de que ele não tinha interesse em responder às suas perguntas, apenas em apaziguá-la.

Ele acenou com a mão envelhecida e continuou.

— Nós nos esforçamos para oferecer ajuda sempre que possível.

Mas não tinham se esforçado o bastante para salvar Chan. Se estivessem tão preocupados, poderiam ter enviado dois agentes, não poderiam?

Ela ouviu Chase sussurrar algo, mas ignorou.

— Então quem os informou sobre meu primo e eu?

— Você está de fato bem curiosa, senhorita Tsang! — o mais velho falou de novo. — E se aceitar trabalhar para nós, terá acesso a uma quantidade colossal de informações.

Della endureceu na cadeira. Por que aquilo quase parecia um suborno? O mesmo que Chase tinha oferecido antes? *Vá trabalhar para eles e conseguirá suas respostas*.

— Supondo que eu esteja *pensando* em trabalhar para vocês, acho que poderiam demonstrar sua consideração respondendo às minhas perguntas agora.

— E nós estamos respondendo — disse o mais velho.

Estão uma ova!

— Há mais alguma pergunta que gostaria de fazer? — o homem continuou. — Talvez uma que possa incentivá-la a se juntar a nós, em nossos esforços para fazer justiça pelos membros da nossa espécie? Se não houver, acho que deveríamos considerar esta reunião terminada.

Algo no tom de voz dele pareceu condescendente.

— Eu não acho que vocês realmente estejam respondendo às minhas perguntas...

— Chega! — Chase sussurrou, estendendo o braço e apertando a mão dela. Então ele se levantou. — Eu agradeço pela atenção de todos.

Della ficou sentada ali tentando decidir se seria sensato falar mais uma vez. Eles realmente não tinha feito nada para provar que ela estava certa, nem para provar que estava errada.

— Faço votos que consiga encontrar os vampiros desaparecidos, Chase. E você também, senhorita Tsang — disse um dos homens loiros.

Chase agradeceu com um aceno de cabeça, em seguida olhou para ela e fez sinal para que ficasse em pé. Quando ela não se moveu, ele pegou a mão dela. Della fuzilou-o com os olhos, pois ele estava literalmente tentando arrancá-la dali.

— Senhorita Tsang? — um dos conselheiros chamou. Ela olhou por cima do ombro, não se importando que seus olhos provavelmente estivessem brilhantes de fúria.

— Se mudar de ideia sobre trabalhar para nós, vai descobrir que há um lugar para a senhorita aqui.

Ela engoliu a resposta que queria dar, algo sobre o dia de são nunca. Então, sem dizer mais nada, saiu da sala e do restaurante tão rápido que provavelmente pareceu só um borrão para os clientes sentados no salão da frente.

Não era nem cinco e meia da tarde, mas o sol já se tinha posto e estava quase escuro. Ela saltou para o banco do passageiro e esperou Chase abrir a porta e deslizar para dentro do carro com uma calma que a irritou.

— Aquilo foi pura perda de tempo! — ela esbravejou.

— Eles responderam às suas perguntas, Della.

— Eles mais se esquivaram das minhas perguntas do que responderam.

— E você acha que com a UPF seria melhor? Acha que, se eu fosse lá fazer perguntas para os figurões da UPF, iria conseguir respostas diretas?

Ela se lembrou do seu pequeno encontro com aqueles figurões da UPF.

— Talvez não, mas por que o seu Conselho apenas não me disse o que eu queria saber, em vez de...?

— Eu me lembro de um deles lhe dizendo que você tinha um talento e uma habilidade que poderíamos aproveitar. Isso pareceu bastante direto para mim.

— Então por que isso não parece verdade?

— Talvez você simplesmente não queira que seja. — Ele fez uma pausa e olhou para a frente do carro enquanto alguém passava. — O que você está querendo descobrir?

Quando ela não respondeu, ele perguntou:

— Quer responsabilizá-los pela morte de Chan?

— Não. Eu queria... — Ela quase contou sobre o tio, sobre o assassinato da tia, em seguida ouviu mentalmente as palavras que ele tinha dito antes no carro: *Se você for trabalhar para eles, pode perguntar o que quiser*.

Ele jurou que não estava insinuando nada, mas... ela ainda tinha alguma dúvida.

— Talvez eu não saiba o que quero — disse ela, e havia alguma verdade nisso. Será que ela realmente queria encontrar o tio, agora que suspeitava que ele havia assassinado a tia?

Chase tirou o carro do estacionamento.

— Acho que já está na hora de irmos para o aeroporto. Você sabe onde vamos encontrar Burnett?

— Ele disse que ia ligar.

O celular dela tocou. Ela o tirou do bolso.

— Falando do diabo...

— Então você admite que ele é o diabo — disse Chase com um toque de humor.

Ela lhe lançou um olhar mal-humorado e atendeu ao telefone.

— Ei, eu estava me perguntando quando...

— Onde exatamente você está? — Burnett rosnou.

— A cerca de vinte quilômetros de Fallen, estávamos indo em direção a Houston.

— Onde?

Della recordou as placas de rua que tinha acabado de ver.

— Estamos na altura do número 290 da Howell Street.

— Espere — disse ele, em seguida, ouviu-o dizer a alguém “Eles estão perto”. E, em seguida: — Della, vocês sabem como ir para o Cooper Airport?

Ela olhou para Chase e ele fez que sim com a cabeça.

— Sim. Chase sabe. Qual o problema?

— Nós colocamos um homem no avião com Damian Bond. Dez minutos atrás, ele percebeu que o cara sentado naquele banco era apenas um sósia. Ele confessou ao nosso agente que Damian pegou um voo mais cedo, um avião menor que deve estar chegando ao Cooper Airport em quinze minutos. Temos certeza que é o voo das dez e vinte e seis da Token Airlines. Já estamos em Houston. Mesmo voando vamos levar uns vinte minutos para chegar lá. Vocês podem chegar em dez se deixarem o carro e voarem. Só não se esqueçam de levar os celulares com a foto que consta na ficha do sujeito.

Della ouviu os dois telefones anunciarem a chegada de uma mensagem. Chase olhou em volta, procurando um lugar para estacionar.

— Fiquem longe das ruas principais — continuou Burnett. — Ainda não escureceu completamente, e eu não quero que vocês sejam vistos.

— Não se preocupe, ninguém vai ver a gente — garantiu Della.

— E não... repito, *não*... confrontem Damian. Basta segui-lo. Ele está carregando uma pistola e gosta de usá-la. Você entendeu?

— Sim — disse ela.

— Você entendeu, Chase? — Burnett rosnou.

— Sim — respondeu Chase, e fez uma careta enquanto parava no estacionamento de uma farmácia, ao lado de algumas árvores.

Perfeito para decolar.

A linha ficou muda. Della apertou um botão e olhou para a foto de Damian Bond. *Prontos ou não, aqui vamos nós.*

Nove minutos e trinta segundos depois, eles aterrissaram num terreno arborizado a meia quadra do aeroporto. Era a primeira vez desde que se tornara uma Renascida que Della voava tão rápido. Se não estivesse tão preocupada com o que estavam prestes a fazer, teria realmente gostado.

O sol já tinha se posto completamente, apenas a oeste o céu ainda tinha um toque de cor para se despedir do dia.

Eles não se falaram. Não havia tempo. Se o voo adiantasse um pouco, poderiam perder a última pista para encontrar Natasha e Liam. O sangue de Della corria rápido nas veias, enquanto ela se preparava para fazer o que fosse preciso para manter Damian na mira.

Ela passou a mão no cabelo agitado pelo vento, enquanto saíam da floresta em direção ao aeroporto.

— Olha lá! — Ela viu as luzes de um avião já aterrissando e correndo pela pista de pouso do aeroporto.

— É provavelmente o avião dele — disse Chase. Eles se apressaram, tentando não chamar a atenção, quando alguns carros entraram no estacionamento do aeroporto. Entraram no prédio, que era praticamente todo de vidro, e viram que havia cerca de vinte pessoas à espera de passageiros no setor de desembarque.

Della observou uma mulher e seus dois filhos ruivos. A ordem de Burnett de apenas seguir Damian parecia uma boa ideia, pois a última coisa que Della queria era que alguém inocente se ferisse.

Seguindo Chase através da multidão, ela pôde ver o avião através das portas de vidro. Os passageiros estavam desembarcando e esperando a bagagem na esteira. Mas, até agora, não tinham visto Damian.

Ela pegou o celular novamente para ver a foto do rosto dele e, em seguida, voltou a colocá-lo no bolso.

— Olha ali o papai! — disse a mulher com os dois filhos, que se aproximaram do vidro. — Cumprimentem para o papai.

Della olhou para Chase.

— Nós vamos apenas segui-lo — ela sussurrou. — Não quero problemas aqui.

— Eu sei. — Ele olhou para a mulher, obviamente sabendo exatamente o que Della estava pensando. — Ali! — disse ele e o olhar dela disparou para o lobisomem que saía do avião. Os holofotes do lado de fora do edifício iluminavam o avião, dando a Della uma boa visão do lobisomem. Com uns 30 anos talvez, Damian usava jeans e uma jaqueta preta, provavelmente para esconder a arma. Seu cabelo escuro estava penteado para trás, dando-lhe um ar de mafioso. Os olhos dele estavam distantes. Os lábios apertados.

Uma mulher saiu do avião ao mesmo tempo que ele e o suspeito, mostrando que não era nem um pouco cavalheiro, entrou na frente dela para descer os degraus primeiro. Sem dúvida, era tão mal-educado quanto mau caráter.

— Vamos ficar mais para trás — disse Della, com medo que Damian visse dois vampiros e suspeitasse de que estavam esperando por ele. Claro que ele iria sentir o cheiro deles, mas, se não estivessem muito perto, ele não poderia suspeitar de que estavam ali por causa dele.

Esconderam-se atrás da multidão, mas Chase ficou entre dois grupos para poder ficar de olho no suspeito. Della foi um pouco mais para a direita, atrás de uma senhora mais velha, para também ter uma boa visão. Os passageiros começaram a entrar no terminal. O tumulto na sala de vidro aumentou, quando as pessoas começaram a se cumprimentar.

— Merda! — murmurou Chase.

— O que foi? — ela perguntou, olhando para ele e percebendo que Chase não estava olhando para Damian, mas para algo atrás deles.

Della se virou e viu exatamente o que o tinha feito entrar em pânico. Dois carros de polícia tinham parado em frente ao aeroporto, cantando pneu. As luzes das viaturas tingiam tudo com a cor azul.

— Será que Burnett chamou a polícia? — Chase sibilou.

— Eu acho que não — disse Della, enquanto observava quatro policiais entrarem às pressas no edifício.

Della pegou o celular para ligar para Burnett, mas, antes que pudesse discar, uma mulher gritou. Uma criança começou a chorar.

Então ouviram um tiro.

Capítulo Trinta e Nove

A bala bateu em algo metálico e ricocheteou pelo saguão.

— Polícia! — gritou um dos quatro policiais atrás deles. — Abaixem-se!

— Largue a arma! — mandou outro.

Todo mundo se jogou no chão. Della e Chase ficaram de cócoras, ambos preparados para perseguir o lobisomem, se necessário. Então Chase colocou o braço ao redor dela, segurando-a e impedindo-a de ver o que estava acontecendo. Recusando-se a ser contida, ela afastou o braço dele.

Damian e outro homem estavam na frente da parede de vidro. Ambos empunhavam armas. Mas Damian tinha algo que o outro não tinha. Ele segurava a menina de cabelos ruivos e vestido cor-de-rosa, mais ou menos da idade de Hannah. Pressionava a arma contra a cabeça da criança aos gritos, enquanto a mãe soluçava no chão.

— Se fizer alguma coisa com a criança você vai se dar mal! — gritou um policial.

Della notou o outro cara com a arma. Ele não era sobrenatural. Será que Damian tinha um cúmplice humano? Então notou que os dois homens lançavam olhares intrigados um para o outro.

Droga. Quais eram as chances de que houvesse dois criminosos no mesmo avião?

Damian olhou para os policiais.

— Larguem as armas ou eu atiro na cabeça dela.

Os soluços da mãe ecoaram com os gritos das outras pessoas no saguão. O coração de Della apertou e ela sentiu os caninos se projetarem e seus olhos arderem à medida que ficavam mais brilhantes.

O outro sujeito só ficou ali parado, com a arma na mão, parecendo atordoado. Della olhou para os policiais, se perguntando de qual daqueles caras a polícia estava atrás. Será que os crimes de Damian tinham se tornado um problema humano, ou os policiais estavam à procura do criminoso número dois?

— Mantenha a cabeça abaixada — ela ouviu Chase sussurrando, mas ela mal podia ouvi-lo sobre os gritos da multidão.

Della abaixou a cabeça, mas olhou para cima, atenta ao que estava acontecendo na frente.

— Estamos em quatro — disse um dos policiais. — E isso não vai acabar bem.

Damian lançou um olhar frio para a garotinha.

— Sim, e nós sabemos para quem vai acabar mal — disse Damian, erguendo a cabeça como se farejasse o ar, sem dúvida, captando o cheiro deles.

— Ele sabe que estamos aqui — Della murmurou, num sussurro quase inaudível.

— Sim, mas não sabe quem somos ainda — sussurrou Chase. — Portanto, fique com a cabeça abaixada. Temos mais chance de pegá-lo.

Sentindo o sangue correr nas veias, ela pôde ouvir seu coração martelando como se quisesse sair pela boca. Os gritos da criança faziam com que Della quisesse investir contra o lobisomem.

— Larguem as armas ou a menina morre! — gritou Damian, mas ele estava ocupado olhando ao redor da multidão, em vez de se concentrar nos policiais.

A mãe gritou novamente e Della viu alguém segurando a mulher. Mas ninguém estava segurando Della.

Ela tensionou os músculos da panturrilha, pronta para disparar, mas Chase deve ter pressentido seus leves movimentos. O braço dele a segurou no lugar.

— Ainda não — disse ele em seu ouvido.

Mas Della não viu alternativa. Ela viu o dedo de Damian procurando o gatilho. Arremetendo com tudo, ela mergulhou sobre ele, rezando para que conseguisse chegar até ele a tempo.

Ainda no ar, viu o Criminoso Número Dois virar a arma na direção dela.

Chase mergulhou na frente dela.

A arma disparou.

Chase! Seu coração parou, mas ela não podia parar. Tinha que salvar o bebê primeiro.

Segundos pareceram minutos. Ela agarrou o braço direito de Damian e torceu até ouvi-lo se quebrar. Ele largou o bebê, mas a mãe saltou para a frente e pegou a criança no ar. A arma de Damian bateu no chão e Della chutou-a, ouvindo-a deslizar pelo piso de ladrilhos. Em seguida, com a força concedida pela fúria, ela o empurrou para baixo. A cabeça do lobisomem bateu no chão duro com um baque.

Outra arma disparou.

Mais gritos. As pessoas começaram a correr, apavoradas.

E a polícia investiu. Della se afastou quando chegaram onde estava Damian.

Seu coração quase parou quando ela se virou para procurar Chase.

Havia pessoas em todos os lugares, caindo umas sobre as outras, na tentativa de se afastar da confusão. Os policiais seguravam o outro sujeito no chão. Outros dois policiais estavam de pé, imobilizando Damian. Ela desviou o olhar e olhou para a direita.

Da direita para a esquerda.

Não conseguia encontrar Chase.

Lágrimas encheram seus olhos. Onde ele estava, caramba?!

Ela sentiu alguém atrás dela, mas seu nariz dizia que não era Chase, então ela ignorou e continuou a procurar por ele.

Mas, em seguida, sentiu o cheiro. Não era Chase, mas outro lobisomem.

— Você está aqui para ajudar? Ou para atrapalhar? — perguntou uma voz atrás dela.

Virando a cabeça, ela viu um dos policiais. Ela tinha ficado tão tensa que não havia percebido o cheiro dele.

Mas uma rápida olhada em sua testa confirmou o que seu nariz já lhe dizia. Ele era metade lobisomem, metade humano.

— Ajudar. Eu estou... estamos com a UPF. — Della voltou-se para procurar Chase, sentindo seu pânico aumentar num ritmo assustador.

O policial pegou Della pelo braço.

— Então você precisa mostrar seu distintivo.

Antes que Della pudesse lhe lançar um olhar furioso, um rosnado soou atrás.

— Solte-a.

Ela se virou, libertando o braço do aperto do policial. Os olhos dela pousaram em Chase, e só então o ar chegou aos seus pulmões.

— Você está bem? — perguntou ela. Em seguida, ela olhou para baixo e viu o sangue empapando a manga da camisa dele. — Você levou um tiro!

— Só de raspão — disse Chase, ainda olhando para o policial.

— Eu ainda não vi nenhum distintivo — disse o lobisomem uniformizado.

O policial poderia ficar pelado e uivar para a lua que Della não estava nem aí. Tudo o que importava era Chase. E ela não confiava na avaliação que ele fizera do ferimento. Estendeu a mão, encontrou o buraco em sua camisa e rasgou-o para ver por si mesma. Ele não estava mentindo. A bala tinha apenas passado de raspão no antebraço.

Ele tinha mergulhado na frente dela para protegê-la. Tinha levado um tiro no lugar dela — arriscado a própria vida. Seu coração começou a disparar em cerca de uma dúzia de direções diferentes, assim como suas emoções. Ela queria dar um soco nele, por fazer algo tão idiota, e queria beijá-lo, porque ele estava bem.

— Feliz agora? — Chase perguntou, olhando para ela.

— Sim — disse Della. Só então ela olhou para trás e reparou que o lobisomem de uniforme estava à espera de respostas. — Eu sou uma agente júnior, trabalhando para James Burnett. Ele e vários outros agentes devem chegar aqui em menos de dez minutos. Nós vamos levar Damian Bond.

O policial provavelmente reconheceu o nome de Burnett, porque seus olhos que tinham começado a ficar brilhantes voltaram à cor normal.

— Bem, é melhor que eles se apressem. E tenham a documentação necessária. Do contrário, eles — e ele acenou com a cabeça para os outros policiais — não vão liberar o cara. E se vocês dois não quiserem ser presos também, é melhor darem o fora daqui.

Chase olhou para Della.

— Eu acho que é melhor.

Della franziu a testa.

— Não até Burnett pôr as mãos em Damian. — O lobisomem era a sua última ligação com Natasha e Liam, e Della não iria correr o risco de perdê-lo.

Chase olhou para o policial.

— Eu acho que vamos ficar mais um pouco.

Uma hora depois, estavam todos na sede da UPF. Burnett tinha chegado ao Cooper Airport em menos de cinco minutos. Ele estava acompanhado de duas viaturas e outros três agentes, que mostraram seus distintivos e sua autoridade, conseguindo irritar o departamento de polícia de Oak, Texas.

Era preciso admitir, essa era provavelmente a primeira vez que o minúsculo departamento de polícia da cidade pegava um cara da pesada — não apenas um, mas dois de uma vez —, e eles não queriam perder o crédito por isso.

No entanto, Burnett, que estava com a papelada em ordem, não parecia disposto a ir embora de mãos vazias.

Ele também livrou Della e Chase da necessidade de depor — insistindo para que a polícia local os deixasse fora do caso e do estardalhaço criado pela mídia, porque eles trabalhavam sob disfarce. Mas antes de partirem, a mãe da criança que Damian tinha feito refém procurou Della e agradeceu-lhe efusivamente, com lágrimas nos olhos.

Um senso de dever cumprido tomou conta dela. Isso era o que ela queria fazer. Mas estaria disposta a perder Chase em troca?

Burnett tinha mandado um médico esperar na sede da UPF para examinar o braço de Chase, logo que chegassem. Naturalmente Chase tentou dispensá-lo, mas Burnett não estava disposto a levar um não como resposta. Disse a Chase para deixar o médico examiná-lo... ou dar o fora dali para sempre.

Chase olhou para Della, bufou, e depois foi para outra sala ser examinado pelo médico.

Depois que a porta se fechou, Burnett se aproximou dela, a preocupação estampada no rosto. A cena no aeroporto tinha sido uma loucura, e essa era de fato a primeira oportunidade que tinham de conversar — não que Della não o tivesse visto com os olhos pregados nela —, desde que ameaçara sua carreira. Ela percebeu uma sensação dolorosa, uma mistura de dor e amor, bem no meio do peito.

Olhou para Burnett e sentiu um nó na garganta.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Sim.

— Você salvou a vida daquela criança. Parece que é boa mesmo com bebês — ele disse, referindo-se também ao parto de Hannah.

— Apenas sorte — disse ela.

Della olhou para a porta por onde Chase tinha desaparecido.

— Ele levou aquele tiro para me proteger.

— Eu ouvi dizer. Que é a única razão pela qual eu me importo o suficiente para fazê-lo ser examinado por um médico.

Della acenou com a cabeça, mas não completamente convencida. Ela sabia que Burnett tinha alguns problemas sérios com Chase, mas de alguma forma também sentia um certo respeito. Ela

só esperava que isso ajudasse quando o caso terminasse e Burnett a pressionasse para pôr um ponto-final no relacionamento entre eles.

Porque, sinceramente, ela não tinha certeza se conseguiria fazer isso.

Se a situação ficasse crítica, ela iria escolhê-lo e renunciar à sua carreira? Rezava para que não tivesse que fazer essa escolha.

— Vá para a sala de espera seis, eu vou interrogar Damian em cerca de cinco minutos e você poderá assistir.

Ela olhou para Burnett e pensou em Natasha novamente.

— Faça-o contar onde eles estão.

— O plano é esse — disse ele.

Damian Bond não estava a fim de falar. Burnett colocou as fotos de Liam e Natasha sobre a mesa. O lobisomem se recusou a olhar para elas. A pressão arterial de Della subiu e seus caninos se projetaram só ao assistir ao interrogatório.

Alguém tinha dado ao lobisomem uma tipoia, e ele ficou sentado ali com o braço apertado contra o peito com tanta força quanto a de seus lábios cerrados. Burnett, parecendo irritado, virou-se para a parede de onde eles assistiam.

— Você sabe quem está ali dentro? — ele perguntou.

Damian não respondeu, mas Burnett disse de qualquer maneira.

— Um agente do Conselho dos Vampiros.

Os olhos do lobisomem se arregalaram um pouco, mas depois ele voltou a fingir que não estava ouvindo. Mas Della o viu olhar para as fotos sobre a mesa.

Será que ele os conhecia?

Burnett continuou.

— Você já ouviu falar no que eles fazem aos lobisomens na prisão do Conselho dos Vampiros? Fazem com que as nossas prisões parecem um dia no spa.

Della olhou para Chase.

— Isso é verdade?

— Nós não temos celas individuais — disse ele. — E como os nossos prisioneiros são quase todos vampiros, um lobisomem lá teria uma vida difícil.

Della estremeceu, se perguntando como seria aquela “vida difícil”.

— E se você não falar — Burnett continuou —, nós concordamos em entregar você para eles.

O lobisomem olhou para Burnett e rosnou.

— Boa tentativa. Mas desde quando a UPF e o Conselho dos Vampiros trabalham juntos?

Burnett se sentou na cadeira em frente a ele.

— Desde quando mais de trinta recém-criados desapareceram e foram vendidos como escravos. Você tem três segundos para começar a falar ou eu vou entregá-lo a eles.

— Se Burnett estiver falando sério, vamos conseguir arrancar respostas desse otário — ameaçou Chase.

Della engoliu em seco e disse a si mesma que era a coisa certa a fazer. Mas o pensamento não caiu bem em seu estômago.

Burnett voltou a olhar para a parede.

— Eu acho que vocês já podem levá-lo — ele começou.

— Espere! — Damian deixou escapar. — Ok, eu vou falar. Mas não fui eu. Ele era meu chefe. Tyler Myers. Ele usava os recém-criados nas lutas. Pagavam muito dinheiro para vê-los lutar, e então ele dividia os lucros. Mas Tyler ficou sabendo que vocês descobriram a operação e fechou as filiais de Dallas, então deu o fora. E livrou-se dos recém-criados.

O peito de Della apertou. Ela sentiu Chase se agitar ao lado dela, como se tivesse receio do que Damian pudesse dizer.

— Quer dizer que ele foram assassinados? — perguntou Burnett.

O ar nos pulmões de Della ficou preso e ela teve que se esforçar muito para não deixar que os joelhos fraquejassem.

— Sim. Mas eu estava apenas cumprindo ordens.

Burnett agarrou o punho dele.

— Quantos? E onde estão os corpos?

Os olhos de Burnett voltaram a ficar incandescentes de fúria e Della sentiu seu próprio olhar mais brilhante.

— Eu não sei. O chefe e os outros se reuniram e se livraram de todos eles. Eu ouvi algo sobre um ferro-velho.

O braço de Chase rodeou a cintura de Della.

— Mas eu juro que não sei onde eles estão — Damian olhou para as fotos. — Mas esses não eram nossos. Eles podem ter ido com os outros, mas não são nossos. Eu me lembro dela.

Chase pegou a mão de Della e ela o ouviu respirar pela primeira vez.

— Ainda não acabou — disse ele.

— Então por que parece que acabou? — perguntou ela, sentindo o nó crescer em sua garganta.

Chase se virou e puxou-a contra ele. Ela descansou a testa em seu peito. Fechou os olhos e farejou sangue. Mas não era o sangue de Chase.

Della se afastou e olhou para ele. Liam, não Chase, olhava para ela.

Capítulo Quarenta

Della tinha passado por aquilo várias vezes — mergulhado numa visão ou o que quer que aquilo fosse —, mas isso não tornava a coisa mais fácil. Especialmente agora, quando sua certeza de que Natasha e Liam ainda estavam vivos tinha se reduzido a um tênue fio de esperança.

Natasha estava reclinada no chão de terra, com o tronco sobre o corpo nu de Liam.

Della se concentrou ao máximo e tentou forçar Natasha a perguntar a Liam onde eles estavam, mas todo o esforço foi em vão, porque ela não falou nada. Só apoiou o queixo no peito de Liam e ela sentiu os seios nus pressionados contra a solidez do abdômen dele.

Liam tirou o cabelo dos olhos dela.

— Qual é a primeira coisa que você quer fazer quando sair daqui?

Natasha franziu a testa, e Della sabia por quê. Ela não achava que eles fossem sair. Mas estava disposta a apaziguá-lo. Voltou a olhar para o peito dele, moveu a mão até um pouco abaixo do ombro direito e traçou o emblema que parecia em parte tatuagem e em parte cicatriz.

— O que você acha de remover as nossas tatuagens? — Ela passou os dedos sobre a tatuagem dele novamente.

Della estudou o símbolo semelhante a uma cruz. Será que significava alguma coisa?

Liam soltou uma risadinha.

— Eu gosto dessa ideia. Que tal irmos ouvir uma banda tocar? Você gosta de dançar?

— Adoro. Às vezes vou com as minhas amigas, Amy e Jennifer.

O barulho veio de novo. O som de máquinas pesadas.

Liam colocou o braço nas costas dela, como se soubesse que o barulho a incomodava.

— Então a primeira coisa que vamos fazer quando sairmos daqui é dançar.

Que barulho é esse? Della gritou na mente de Natasha, esperando que ela ouvisse, mas a pergunta ficou sem resposta.

— Talvez devêssemos tomar um banho primeiro — Natasha brincou. Ela descansou a cabeça no ombro dele e olhou ao redor do ambiente escuro.

Della observava tudo. As paredes eram como blocos, mas o chão era de terra, e havia algo que parecia uma passagem aberta para outra área tão escura quanto aquela onde estavam.

O que era aquele lugar?

— Juntos? — perguntou Liam, com a mão acariciando as costas nuas dela. — Vamos tomar um banho juntos.

— Sim, juntos. — Ela riu e colocou a palma da mão no peito de Liam e olhou para ele. A pele de Natasha era um pouco mais clara do que a dele.

— Sua mãe ou seu pai é negro? — perguntou Natasha.

— Meu pai era mulato.

— Era? Ele morreu?

— Não que eu saiba.

— Você o conheceu?

— Sim, ele vinha me visitar às vezes quando eu era mais novo. Mamãe não gostava dele. — Ele ficou em silêncio por um minuto. — Eles sempre brigavam. A última vez que ele apareceu, eu tinha 13 anos. Tiveram uma briga feia. Ele acusou a minha mãe de tentar me criar para ser branco. Mamãe disse que tudo o que ela queria fazer era me criar para ser um homem bom, e que isso não tinha nada a ver com a cor e tudo a ver com o caráter e que, se ele quisesse me ver, teria que se manter sóbrio e dar um bom exemplo.

— O que ele disse? — perguntou Natasha.

— Ele bateu nela. — O corpo de Liam sob Natasha enrijeceu. — Não era a primeira vez, mas foi a primeira que eu decidi fazê-lo parar — disse.

Natasha se levantou e olhou para o rosto de Liam.

— Ah, meu Deus! O que aconteceu?

— Eu peguei um taco de beisebol. Bati no braço dele. Não acho que tenha quebrado nem nada, mas com certeza machuquei. Disse para ele sair e nunca mais voltar.

— Alguma vez ele voltou?

— Eu acho que não. Mamãe se casou com Hank alguns anos depois. Ele era um cara legal. Negro, também. Mas Hank era vinte anos mais velho do que a minha mãe. Ele morreu de ataque cardíaco menos de um ano depois de terem se casado. — Liam passou a mão sobre as costas dela. — Você não me disse que seu pai morreu?

Natasha fez uma pausa.

— Sim, meu pai adotivo morreu quando eu tinha 11 anos e, quando fui procurar os meus pais verdadeiros, descobri que meu pai biológico estava morto, também.

— Quantos anos você tinha quando descobriu que foi adotada?

— Quase 18. — Ela suspirou. — Mamãe disse que iam me contar quando eu tinha 13 anos, mas, quando meu pai adotivo morreu, ela achou que isso faria com que eu me sentisse pior. — Natasha ficou em silêncio e apenas respirou por alguns segundos. — Eu acho que parte de mim sempre soube. Meu pai adotivo era de família chinesa. Mesmo quando criança, eu ficava olhando para o rosto dele e me perguntando por que não me parecia com ele.

— Você não disse que sua verdadeira mãe já morreu, também?

— Sim — disse Natasha. — Alguém a matou. Mas eles nunca encontraram o culpado.

Ele passou a mão na lateral do quadril dela. Não sensualmente, apenas com ternura, mas havia algo muito íntimo em estar nua sobre outra pessoa.

— Isso deve ter sido difícil, você procurando seus verdadeiros pais e, então, descobrindo que ambos estavam mortos.

— Foi difícil, por um tempo. Mas encontrei uma tia. Ela era boa. E tinha um filho da minha idade.

Eles ficaram em silêncio e, em seguida, Liam perguntou:

— Como é que o seu pai adotivo morreu?

— Acidente de trabalho. Foi de uma hora para outra. Mas minha mãe se casou novamente alguns anos atrás.

— Você se dá bem com o seu padrasto?

— Sim, ele é legal. Bem, muito melhor do que apenas legal... comparado com o seu pai verdadeiro. Ele ama a minha mãe, mas eu sempre tive a impressão de que ele estava apenas esperando que eu fosse embora para que a tivesse só para ele.

— Bem, até aí tudo bem — disse Liam. — Porque, quando a gente sair daqui, vamos ter o nosso próprio canto. Eu me formo em dois anos. Vamos encontrar um apartamento barato. Nós dois podemos ir para a faculdade e trabalhar meio período. Podemos dar conta. Como não precisamos mais de comida, não teremos que nos preocupar em saber quem vai cozinhar. E podemos dividir as tarefas domésticas. Vou levar o lixo para fora. E prometo não deixar cuecas sujas espalhadas pela casa.

Ela riu.

— Eu não sou uma dona de casa muito boa...

— Bom, podemos viver no meio da bagunça, então.

Ela ergueu o queixo e descansou no peito dele.

— Você sempre vai abaixar a tampa do vaso sanitário?

— Vou tentar me lembrar. — Ele riu.

Della sentiu os olhos de Natasha arderem.

— Eu quero isso — ela disse, com a voz embargada. — Quero esse apartamento. Quero viver dando bronca em você por deixar cuecas sujas espalhadas pela casa e por deixar a tampa do vaso levantada. Mas estou com tanto medo de que nada disso vá acontecer! Tanto medo de que isto seja tudo o que vamos ter...

Sábado, às 10h15, Della sentou-se no refeitório, enquanto as visitas chegavam para o dia dos pais. As vozes de todos os campistas e dos pais ecoavam pelo enorme salão e pelas vigas do telhado. Della tentou não deixar que suas emoções se irradiassem pelo ambiente lotado — havia muitos *faes* ali —, mas, sinceramente, o que ela mais queria era encontrar um lugar tranquilo para chorar.

Damian Bond não tinha nenhuma informação. Eles tinham voltado à estaca zero. Ela chegara em casa na noite anterior e ficara olhando para o teto durante quase a metade da noite, sentindo-se inútil e cheia de raiva. Sentindo-se sozinha. Ela sentia falta de Chase. Queria ajudar Natasha e Liam. Salvá-los. Dar a eles uma oportunidade de vida.

Della queria que a mãe ligasse para ela.

Não, ela queria que os pais aparecessem. Onde eles estariam?

As portas do refeitório de repente se abriram. Della levantou os olhos, esperando que fossem eles. Errado. Era a mãe de Derek. Della observou enquanto ela sorria para Derek, que estava

sentado a uma mesa na parte de trás do refeitório, com Jenny.

Della olhou em volta. Kylie, Lucas e a mãe dela estavam conversando sobre a venda da casa dela. Lucas devia estar se acostumando à mãe de Kylie, porque ele parecia bem à vontade, não infeliz, como sempre acontecia quando Kylie o convencia a acompanhá-la nas visitas da mãe.

Miranda estava bancando a bruxinha comportada, sentada ali e ouvindo a mãe falar sobre as próximas competições.

Della pegou o celular para verificar que horas eram. Seus pais estavam quinze minutos atrasados. Estranho. O pai nunca se atrasava.

Mas, pensando bem, talvez ele não viesse hoje. Ultimamente, a cada três visitas ele deixava de vir em uma. Mas a mãe e a irmã, Marla, geralmente eram pontuais. Quanto mais cedo chegavam, mais rápido podiam ir embora. Ou pelo menos era o que parecia.

Olhando para o celular, ela se perguntava se deveria ou não ligar para a mãe. Então decidiu que não. Virando-se para trás, viu Holiday e Burnett olhando para ela com compaixão.

Ah, droga! A última coisa que queria era que todo mundo começasse a sentir pena dela. Ela estava bem. Sua família iria aparecer. Sua mãe nunca perdia o dia dos pais.

De repente, o celular de Burnett tocou. Daquela distância, Della não podia ouvir a pessoa do outro lado da linha, mas Burnett não parecia feliz.

Provavelmente era algo ligado à UPF. Seria sobre Natasha e Liam? Ela inclinou a cabeça para o lado e o ouviu sussurrar para Holiday: — Preciso tratar disso no escritório.

Della o viu saindo. Ela estava morrendo de vontade de saber o que era, mas sabia que perguntar não era a melhor coisa a fazer. Se fossem notícias sobre Natasha e Liam, ele contaria a ela. E, se fosse sobre eles, provavelmente eram más notícias.

Dez minutos depois, o telefone de Della tocou. Ao verificar o número, a respiração de Della ficou presa na garganta. Sua irmã, Marla, nunca ligava.

— O que foi? — Ela se levantou e contornou as mesas do refeitório, afastando-se para ter uma conversa particular.

— Oi — A voz de Marla soou baixa. — A mamãe me pediu para ligar e dizer que não vamos aí hoje.

— Tudo bem — disse Della, lutando contra o aperto no coração enquanto caminhava para fora do refeitório. — Algum problema? — *Ou será que vocês só decidiram desistir de mim?*

— Só um segundo — disse Marla, quase num sussurro.

Della continuou seguindo em direção à floresta, para um ponto onde grandes árvores formavam um pequeno recanto. Ela ouviu a irmã andando, também. Em seguida, ouviu a porta se fechar.

— Desculpe. Eu só queria ir para o quarto, para o caso de papai estar escutando.

Sim, você não gostaria que o papai soubesse que está falando comigo. O humor de Della estava à beira de resvalar para a autopiedade quando Marla falou novamente.

— Está acontecendo alguma coisa, Della. Eu não sei o que é, mas é ruim. Você pode vir para casa?

Para casa? Oh, não!

— O quê? O que está acontecendo?

— É exatamente isso. Eu não sei. Eles não vão me dizer nada.

— Eles estão brigando? — perguntou Della. Seus pais não viviam brigando, eles realmente se amavam, mas já tinham discutido algumas vezes. E Della tinha odiado a tensão que sentira nessas ocasiões.

— Na verdade, não. A mamãe está muito chateada. Toda vez que eu a vejo, ela está com lágrimas nos olhos. E papai está agindo de forma estranha. Ele voltou para casa depois das dez ontem à noite. E, quando chegou em casa, chamou mamãe no escritório e eles ficaram lá conversando até bem tarde. — Ela fez uma pausa. — Você não acha que o papai tem uma amante, acha?

Della abriu a boca de surpresa.

— Não!

Então lhe ocorreu. A razão pela qual seus pais estavam chateados.

— O papai conversou com a tia Miao?

— Eu não sei — disse Marla. — Por quê?

— Nada — disse Della, e fechou os olhos. Merda! Ela tinha feito novamente. Decepcionado o pai e causado dor de cabeça à mãe.

— Eu quero que você volte para casa. Preciso de você. Não gosto dessa merda de ser filha única.

Desde quando sua irmã falava "merda"?

— Eu não posso, Marla. — Ela mordeu o lábio, mas sua garganta ficou apertada ao ouvir o pedido da irmã. Embora fosse muito bom saber que estavam finalmente sentindo falta dela, também era ruim saber que ela nunca poderia voltar para casa. Nunca. Jamais.

— Onde está a mamãe? — Della engoliu o nó que se formava em sua garganta.

— Ela saiu. Disse que estava indo ao supermercado. Mamãe nunca faz compras aos sábados de manhã.

— Vou ligar para ela — disse Della, mas seu estômago embrulhou ao pensar no que a mãe diria sobre ela ir visitar a tia contra a vontade do pai.

Depois de se despedir de Marla, Della ligou para a mãe.

O celular tocou duas vezes e a mãe finalmente atendeu.

— Oi, Della.

A voz da mãe não parecia normal.

— Oi, mãe.

— Eu disse para Marla ligar pra você — disse a mãe. — Será que ela esqueceu?

— Não, ela ligou — disse Della, tentando descobrir uma boa justificativa para ela ter visitado a tia.

— Olha, mãe, eu sei que vocês estão aborrecidos...

— Desculpe eu não ter retornado a sua ligação — disse a mãe. — Temos andado muito ocupados.

Della segurou firme o celular. Sua mãe nunca fora de fazer rodeios. Quando havia um problema, ela sempre contava. E rápido. Então, será que isso significava que o problema não era a visita que Della tinha feito à tia?

Um sentimento de alívio encheu o peito dela, mas, no segundo seguinte, o medo se sobrepôs a ele. Se o que estava errado em casa não tinha a ver com ela, tinha a ver com quê?

— Mãe, o que aconteceu?

— Nada... Della. — A voz da mãe fraquejou. Estava chorando?

Droga, sim, ela estava!

— Mãe, qual o problema? Apenas me diga o que é.

— Sinto muito, querida. Isso não é algo com que você precise se preocupar, ok? Provavelmente não vai ser nada.

— Você está doente ou algo assim, mamãe? — Della lembrou que uma das amigas da mãe tinha descoberto um câncer de mama. — Você encontrou algum caroço no seio ou coisa parecida?

— Não.

— É o papai? É ele...? — Seu coração apertou.

— Ninguém está doente. E você vai ter que aceitar que eu não posso falar sobre isso agora.

— Mãe, isso me assusta. Se tem algo errado, eu preciso saber.

— Agora não, querida. Concentre-se apenas em você. — Ela fez uma pausa. — Eu tenho que ir agora. Eu te amo — disse ela.

Lágrimas encheram os olhos de Della.

— Eu também te amo.

Em seguida, a mãe desligou. Della sentou-se ao lado da árvore e deu vazão às lágrimas. Chorou por tudo que estava errado em sua casa. Chorou porque parecia fazer uma eternidade que a mãe tinha dito que a amava. Chorou porque ela não achava que pudesse salvar Natasha e Liam — e eles nunca iriam alugar aquele apartamento. Todo aquele amor que tinham um pelo outro morreria com eles.

Chorou porque sentia falta de Chase.

Depois de uma boa hora chorando, ela enxugou o rosto. Ligou outra vez para Marla e disse que a mãe não iria falar, mas fez a irmã prometer que ligaria se descobrisse o que estava acontecendo.

— Aguenta firme aí, está bem? — ela disse à irmã.

— Pode deixar — disse Marla, com um ar de solidão.

— Por que você não vai ver a sua amiga Mickie? — perguntou Della. — Saia e se divirta um pouco.

— Eu vou — disse Marla. — A mãe dela vem me pegar daqui uma hora.

— Ótimo! Não faça nada que eu não faria. Nem cigarro, nem álcool, nem sexo. Beijo de língua tudo bem, mesmo que seja nojento.

Marla riu e, em seguida, disse:

— Eu sinto sua falta.

A onda de emoção bateu forte.

— Eu sinto sua falta também.

Della desligou, a dor persistente na boca do estômago, e olhou para o celular. A tentação bateu. *Não faça isso. Não faça isso.*

Ela fez.

Digitou o número.

— Algo errado? — Chase respondeu ao primeiro toque.

— Por que está perguntando isso? — ela questionou, tentando manter a voz firme, ao se lembrar da voz chorosa da mãe.

— Porque você devia estar com a sua família agora.

— Sim, bem... surgiu um imprevisto.

— Eles não apareceram? — Chase perguntou, parecendo ofendido.

— Não, mas isso não importa.

— Sinto muito — disse ele e, em seguida: — Merda! A sua tia contou ao seu pai que você foi visitá-la?

— Não. Eu pensei que fosse isso, mas... Falei com a minha mãe e ela deu a entender que é outra coisa. Tenho certeza de que não é nada sério.

Então, por que você sente que é?

— Eu estava pensando em Natasha e Liam — disse ela.

— Eu também. Estive pesquisando na internet as tatuagens, como a que eles tinham. Se eu encontrasse o artista que as fez, acho que poderia nos levar até eles.

— Essa é uma boa ideia — disse Della. — Por que não pensei nisso antes? Eu podia pedir para Derek fazer isso, também. Ele é bom em pesquisas na internet.

— Talvez ele tenha mais sorte do que eu — disse Chase, parecendo desapontado.

Della recostou-se contra a árvore.

— Você sabe que a primeira vez que eu vi a tatuagem, ela me lembrou... alguma coisa? Como se fosse um emblema que eu já vi antes.

— Mas você não se lembra onde?

— Não.

Houve um momento de silêncio e ela sabia que ambos estavam temendo o pior.

— Eu fiz um esboço da tatuagem — disse Chase. — Você quer que eu tire uma foto e envie para você? Assim pode mandar para Derek.

— Sim, isso seria bom.

Um pássaro pousou na árvore à direita dela. A vampira olhou para ele.

— Um pica-pau vermelho acaba de pousar aqui — ela disse, lembrando que ele tinha apontado para um, no dia anterior, em sua varanda.

Ele riu.

— Eu estou transformando você numa observadora de pássaros.

— Só porque você quer... — disse ela, mas ficou observando enquanto o pássaro se agarrava à casca da árvore e fazia um barulhinho batendo com o bico. O que Miranda tinha dito mesmo? Ah, sim, que a observação de pássaros clareava a aura.

Ela supôs que sua aura estivesse mesmo precisando clarear.

— O que você está fazendo agora? — ele perguntou.

— Falando com você. Observando pássaros.

— Além disso?

— Nada — disse ela.

— Quer dar um passeio? — Ela ouviu a expectativa na voz dele.

O coração dela bateu animado. Em seguida, desanimou outra vez. Burnett ficaria aborrecido.

— Diga que sim. — Chase parecia solitário. E ela sentia o mesmo.

— Sim — Della disse, e então: — Não.

— Sim ou não? — ele perguntou, a decepção evidente na voz.

— Sim, eu quero ir, mas não apenas para um passeio. Eu quero ir ao Uck's. Ver se os lobisomens estão volta.

— Eu estarei aí em dez minutos... ou menos. — Ela pôde ouvir o sorriso na voz dele. E Della podia imaginá-lo em seus lábios.

— Não corra muito! — disse ela.

— Não sou eu quem leva multa por excesso de velocidade — disse ele, rindo, e desligou.

Um minuto depois, Della já estava com a imagem da tatuagem. Ao olhar para ela teve novamente a sensação maluca de que já tinha visto aquela figura em algum lugar... em algum lugar que nada tinha a ver com as visões. Mas onde, caramba?!

Ela passou a imagem para Derek e perguntou se ele podia fazer uma pesquisa para ver se achava alguma coisa. Então ela foi encontrar Holiday para dizer que estava saindo com Chase.

Conhecendo Holiday, ela provavelmente a faria pedir autorização a Burnett, mas Della não se importava. Ela precisava ver Chase. E precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse ajudá-los a encontrar Natasha e Liam.

Della precisava parar de pensar nos problemas da família, pois não fazia nem ideia do que eram. Ela ainda não tinha dado dois passos quando Burnett apareceu. Obviamente, tinha vindo procurá-la.

E seu olhar lhe dizia que outra coisa tinha acontecido. Ela se lembrou do telefonema. Lembrou-se de ter pensado que eram notícias de Natasha e Liam, o que não seria bom.

Precisou de toda sua força de vontade para não se virar e correr. Ela não queria saber o que era.

Capítulo Quarenta e Um

— Seus pais não apareceram? — perguntou Burnett.

Della rezou para que só fosse isso que ele queria perguntar, que seu olhar fosse apenas de preocupação com ela...

— Não, aconteceu um imprevisto e eles não puderam vir.

Ele suspirou e seu ar triste agitou as emoções de Della também.

— O que foi?

— Eles não identificaram ninguém, mas encontraram dois homens afro-americanos e uma garota que parece oriental. Nós não temos o DNA de Natasha. Mas estamos fazendo um teste de DNA para ver se um dos homens é Liam Jones. Em troca de alguns favores, pedi para fazerem o teste o mais rápido possível. Eu te aviso logo que souber de alguma coisa.

Della começou a tremer. Ela queria gritar que não eram eles. Que eles não sabiam com certeza que Natasha e Liam estavam no ferro-velho. Que não podia ser. As lágrimas encheram seus olhos, mas ela piscou para espantá-las.

Ergueu o queixo e encontrou os olhos de Burnett.

— Chase está vindo me pegar e nós vamos voltar ao Uck's para ver se os lobisomens estão por lá.

As sobrancelhas de Burnett se juntaram quando ele franziu a testa. Depois abriu a boca e Della sabia o que ele diria. Que ela estava perdendo tempo. Que não devia ficar saindo com Chase. Mas, então, o olhar de Burnett encontrou o dela bem quando uma lágrima escorria pelo seu rosto e ele apenas suspirou.

— Bom. Não chegue muito tarde.

Ela respirou fundo e correu para o estacionamento para encontrar Chase.

*

Quando ele estacionou, Della teve certeza, pela expressão dele, que Burnett tinha telefonado. Sua garganta se apertou de novo, mas ela jurou que não ia chorar. Chorar não ajudaria. Ela se lembrou de um ditado que o pai tinha uma vez traduzido do chinês. *Chorar não faz nada além de regar a dor e permitir que ela cresça*.

Ela não tinha tempo para que essa dor crescesse.

Chase saltou para fora do carro sem abrir a porta. Foi até ela.

— Burnett contou a você? — perguntou Della.

Ele balançou a cabeça e puxou-a para seu peito.

Ela não resistiu. Nem mesmo quando alguns pais passaram de carro. Ela o abraçou. Nunca tinha precisado tanto de braços ao redor dela quanto precisava dos dele agora.

— Vamos — ele finalmente sussurrou em seu ouvido. — Vamos para o Uck's.

Eles entraram no carro. Ela mordeu o lábio e olhou para ele.

— Será que estamos perdendo tempo?

— Nós não vamos parar de procurar até que tenham uma identificação positiva.

Ela assentiu com a cabeça.

— Concordo.

Eles foram embora, e o vento em seu cabelo e simplesmente o fato de estar sentada ao lado de Chase fizeram com que a dor diminuísse um pouco.

Quando chegaram, viram que eram os dois únicos seres sobrenaturais no lugar.

Eles tomaram um gole de Coca-Cola e conversaram sobre as visões, tentando achar qualquer coisa que pudesse ajudá-los.

— O lugar em que eles estão não parece um ferro-velho, não é? — ela perguntou.

— Eu acho que não — disse ele.

— Que tipo de lugar poderia ser? — perguntou finalmente Della. — Parece que é subterrâneo. Tinha paredes de blocos. — Ela deixou o pensamento dar voltas na sua cabeça. — Há alguns túneis subterrâneos em Houston. Eu sei que Kylie esteve num deles um tempo atrás. Será que é alguma coisa assim?

Ele franziu a testa.

— Eu estive num deles também e não é desse jeito. O lugar em que estão é como... um túmulo ou algo assim.

Ela soltou um suspiro profundo e olhou para o celular sobre a mesa. A qualquer momento agora, Burnett poderia ligar e dizer que tudo estava acabado. Doía muito só pensar nisso.

Della foi encher seu copo de refrigerante diet na máquina, quando sentiu um leve cheiro de... lobisomem.

Ela se virou e olhou para Chase. Ele tinha, obviamente, farejado também, porque já estava de pé.

— É esse cheiro? — perguntou.

Ela inspirou novamente, à espera de que seu banco sensorial começasse a acessar os arquivos antigos. E, em seguida... ela teve certeza.

— É isso aí! — ela sussurrou, e teve que abaixar o lábio superior para esconder os caninos projetados. Não por causa do perigo, mas da sua determinação para não perder a pista dessa vez.

Ela começou a olhar ao redor. Um grupo de três rapazes estava sentado num canto, todos eles de boné.

Ela se aproximou dos três, verificando se eram lobisomens. Um barulho de repente veio da frente do restaurante.

— Onde você está indo? — alguém perguntou.

— Por que diabos ele correu? — alguém perguntou.

Della se virou e correu também; e, quanto mais perto chegava do tumulto, mais forte o cheiro ficava. Ela chegou ao balcão e, como não estava disposta a deixar o lobisomem escapar, saltou sobre ele e disparou entre fritadeiras e grelhas, esquivando-se de vários funcionários de olhar aturdido.

Ela sentiu e ouviu Chase logo atrás dela.

— Vocês não podem entrar aqui atrás! — gritou alguém, que parecia o gerente. Um gerente humano.

Ela o ignorou e seguiu seu nariz até os fundos do restaurante. Correu através de um corredor e, em seguida, por uma cozinha. Mal tinha entrado na cozinha, quando uma porta de aço sólido que levava para fora fechou com estrondo.

— Parem esses malucos! — gritou o gerente.

Della avançou, mas cerca de cinco funcionários do Uck's Burgers a cercaram, parecendo ansiosos para obedecer ao patrão. Chase de repente apareceu às suas costas.

— Humanos demais para usarmos o nosso poder — ele sussurrou no ouvido dela.

A indecisão fervia dentro dela. Ela queria tirá-los do caminho, arrancar a porta das dobradiças e ver quem tinha acabado de passar por ela, mas sabia que Chase estava certo. Burnett havia insistido nessa lição desde o início. Demonstrações públicas de poder eram proibidas.

Ela sentiu os olhos se iluminarem e respirou fundo, tentando se acalmar.

— Quem acabou de sair por aqui? — ela perguntou.

— Quem quer saber? — perguntou o gerente. — Eu vou ter que dizer à polícia quando chamá-la.

— Não se preocupe, eu chamo pra você — Chase pegou o celular.

Ela achou que ele estava ligando para alguém do Conselho dos Vampiros. Mas depois ouviu a voz de Burnett na linha.

— Algo errado?

— Precisamos de ajuda no Uck's. Alguém acabou de correr para fugir de nós e o gerente e seus funcionários não vão cooperar.

— Chego em cinco minutos.

Levou apenas três minutos. Burnett entrou, o distintivo em destaque, preso no cinto. Não pediu permissão para entrar atrás do balcão. Não saltou sobre ele, mas seu comportamento não era menos intimidante. Ficou ao lado de Della e de Chase e deu uma olhada rápida nos dois.

— Vocês são de onde? — perguntou o gerente, olhando o distintivo.

— Da UPF, uma agência que trabalha para o FBI em casos locais.

— Que diabos o FBI está fazendo aqui? — O gerente continuou a falar, reclamando sobre todos os clientes que tinha perdido devido à confusão. Então começou a comentar sobre os assaltos que já tinham sofrido.

Burnett o ignorou e virou-se para Della e Chase.

— O que aconteceu?

— O cara fugiu correndo — disse Chase. — Acho que ele pode ter reconhecido Della e fugido pelos fundos, e esse cara não queria que a gente fosse atrás dele.

— Eu tenho um cofre no meu escritório... — O gerente continuou falando sem parar. — Não posso simplesmente deixar que entrem aqui atrás. Vocês deviam prendê-los — o sujeito careca disse a Burnett. — Eu não acho...

Burnett se virou e olhou para o sujeito com o seu pior olhar de intimidação.

— Cale a boca! — retrucou. — Mais uma palavra e eu mando a vigilância sanitária fazer uma visitinha antes de você jogar fora aquela carne com a validade vencida que está cozinhando. E já vi mais de dez outras violações apenas andando por aqui.

Chase se inclinou.

— Esse distintivo com certeza veio a calhar.

Della olhou por cima do ombro para ele.

— Eu sei. — Aquela tinha sido a primeira coisa positiva que Chase tinha dito sobre a UPF, e ela não pôde deixar de se perguntar se ele não estaria começando a dar o braço a torcer.

Burnett não precisou dizer mais nada para o Senhor Gerente começar a se mostrar mais cooperativo. E quando Burnett perguntou quem tinha saído pelos fundos, ele começou a dar com a língua nos dentes.

— Era um dos meus novos fornecedores. Ele entrou, correu para a registradora e, quando vimos, estava voando para os fundos, tão rápido que mal o vimos. Então, esses dois pularam o balcão como se fossem sobre-humanos.

— Me traga tudo o que você tem sobre esse cara. Agora! — ordenou Burnett quando o homem não se mexeu rápido o suficiente para ele.

O gerente arrancou até o escritório. Antes de Burnett segui-lo, ele se aproximou de Chase e Della e disse em voz baixa: — O teste de DNA deu negativo. Não era Liam.

Della queria beijar Burnett. Droga, Chase parecia tão feliz que até seria capaz de beijá-lo também.

Um sentimento tomou conta dela. Uma sensação de que ela realmente gostava. Esperança. Natasha e Liam estavam vivos e ela ia fazer tudo que estivesse ao seu alcance para se certificar de que ficassem assim. Della teve que engolir quatro ou cinco vezes para não deixar lágrimas de alegria encherem seus olhos.

Quando Burnett seguiu o gerente até o escritório, Chase passou as costas da mão contra a de Della. Um toque suave, mas que dizia muito. Chase sentia a mesma coisa. Esperança. Incrível quanto se aprecia esse sentimento depois que ele é tirado de você.

— O que o Ruivo fez? — um dos caras nos fundos perguntou.

— Ruivo? — perguntou Della. — Esse é o apelido dele?

— É assim que a gente chama ele. Cabelo ruivo e tudo mais.

Cabelo ruivo? A mente de Della começou a ligar os pontos novamente e ela encontrou mais pontos do que esperava. O último cara de cabelos ruivos que ela tinha encontrado estava no

cemitério onde Chan tinha sido enterrado. O cemitério onde os seguranças tinham uniformes puídos.

E nos uniformes havia um... emblema de cruz.

De repente, ela ouviu o comentário que Chase tinha feito antes: *O lugar em que estão é como... um túmulo ou algo assim*. Ela se virou para Chase.

— Eu sei onde eles estão!

Burnett saiu do escritório, parecendo surpreso e um tanto satisfeito por ter conseguido alguma coisa útil.

— Ele trabalhou no cemitério, não foi? Evert alguma coisa, certo? — perguntou Della.

Burnett concordou.

— Como você sabia?

— Eles disseram que o chamam de Ruivo por causa do cabelo ruivo. E Natasha e Liam tinham tatuagens — como um marca — semelhantes ao emblema dos uniformes dos seguranças do cemitério. Eles prenderam os dois lá, Burnett, em algum tipo de tumba subterrânea.

Ele pegou o celular.

— Nós vamos virar esse cemitério de cabeça para baixo se for preciso. Vou pedir para alguns agentes nos encontrarem lá.

Já estava escuro quando chegaram ao cemitério. Della olhou para a lua, a apenas um dia de entrar na fase cheia, o que significava que os lobisomens estavam na sua fase de maior força. Não que isso a preocupasse agora.

Eles aterrissaram na entrada da frente. O luar de prata banhava um portão de metal oxidado, com o símbolo da cruz. Ela queria bater em si mesma por não ter se lembrado daquilo antes. Mas não tinha tempo para isso.

Três outros agentes vampiros apareceram em segundos. Della respirou fundo e sentiu cheiro de lobisomem do lado de fora do portão. E Ruivo estava entre eles.

Burnett emparelhou com os agentes e mandou cada um para um lado do cemitério, por onde eles iriam entrar.

— É mais provável que os guardas não estejam no escritório. Provavelmente estão andando entre os túmulos. Se cercarmos o cemitério terão menos chance de escapar. Vamos pegar esses caras — ele disse, e olhou para a lua. — Lembrem-se, eles estão mais poderosos agora.

Della e Chase foram para o lado oeste do cemitério, como Burnett tinha mandado.

Logo antes de saltar a cerca, Della sentiu um cheiro forte de lobisomem.

Chase olhou para ela, para que soubesse que ele tinha sentido também.

Ele levantou três dedos, e quando baixou o último, ambos saltaram juntos por cima da cerca de quase dois metros.

Entre dois postes enferrujados, Della ouviu lobisomens conversando.

Eles estavam perto. Muito perto.

O som dos seus passos e dos de Chase batendo no chão ecoava no escuro.

A conversa parou. O silêncio ecoou.

Ou os guardas tinham ouvido seus passos ou sentido o seu cheiro. Della não se importou. Ela estava pronta para chutar um traseiro.

Capítulo Quarenta e Dois

Eles estavam em cinco. Mesmo no escuro, Della os viu investindo com tudo para cima deles.

Chase desviou os olhos rapidamente para ela, como que para ter certeza de que Della estava pronta.

Ele podia apostar que sim. Por Natasha e Liam, ela estava pronta para fazer qualquer coisa que fosse preciso.

Ela deu um chute, atingindo o primeiro lobisomem no estômago e fazendo-o voar uns dois metros no ar. Uma árvore esperava por ele. Bateu contra o tronco com um baque agourento, então deslizou para o chão. Sua falta de tônus muscular dizia a Della que ele estava inconsciente.

Um a menos, só faltavam quatro.

Não. Faltavam três. Chase deu um gancho de direita e outro lobisomem caiu no chão, inconsciente.

Mais dois vieram para cima de Della... com facas. As lâminas prateadas refletindo o brilho da lua.

Com o canto do olho, ela viu mais seis lobisomens disparando na direção deles. Droga! Era uma alcateia inteira!

Quatro rodearam Chase. E mais dois vieram se juntar aos outros dois que a cercavam.

Ela ia chutar um deles para ter mais chance, quando outro fincou a faca em seu braço.

Ela sentiu a dor.

Cheirava a sangue.

Aquilo foi o suficiente para deixá-la com muita raiva.

O rosnado de Chase encheu o ar da noite. Temendo que ele estivesse ferido, ela olhou para onde ele estava.

Os olhos dele estavam vermelhos e brilhantes, suas presas completamente projetadas, mas ela teve impressão de que a reação de Chase tinha sido desencadeada pelo ferimento no braço dela. Ele mesmo não estava ferido.

Essa segunda olhada custou caro. Os lobisomens agora estavam mais perto. Muito mais perto. Com mãos, pés, facas, vieram para cima dela de uma só vez. Mas Della usou o seu poder para se defender, bloqueando e até desferindo alguns golpes, enquanto se movia.

Ela pegou um dos lobisomens pelo pulso, girou-o, colocando-o à sua frente, e deixou que ele tomasse por ela alguns golpes de seus amigos. Ele grunhiu, gemeu, enquanto recebia socos nas costelas.

Quando seus amigos pararam de bater, ela usou seu prisioneiro como uma bola de boliche. Chan, que era um campeão de boliche, teria ficado orgulhoso. Ele teria considerado a jogada um *spare*, porque apenas um tinha permanecido de pé.

Justo quando ela investiu para derrubá-lo de uma vez, Burnett apareceu. Pegou o lobisomem pelo braço e jogou-o contra uma árvore.

Della virou-se para ajudar Chase. Mas, em vez disso, ela o viu golpear seu último atacante.

Burnett olhou em volta.

— Considerando as probabilidades, vocês se saíram muito bem.

Então os olhos dele ficaram mais brilhante quando ele se aproximou de Della e sentiu o cheiro de sangue em sua camisa.

— Está tudo bem — ela murmurou. Antes que Burnett começasse a paparicá-la, Chase já estava ao lado dela fazendo justamente isso. Ele arrancou a manga da camisa para ver a ferida.

— Não é nada sério — disse ela.

Logo em seguida, o barulho de passos se aproximando rápido soou nos ouvidos de Della. Todos os três se viraram ao mesmo tempo.

Della inspirou o ar pelo nariz e sentiu cheiro de lobisomem. Mas ele não estava sozinho. Estava sendo perseguido por vários vampiros — os outros agentes da UPF.

Então ela identificou o cheiro em seu banco de memórias.

— Eu conheço esse cheiro! — disse ela e disparou.

À luz prateada da lua, ela avistou Ruivo correndo na direção dela. Ele a viu e deu uma guinada, movendo-se rápido de volta para o bosque de pinheiros altos. Mas não rápido o suficiente.

— O “brinquedinho” está de volta! — Della sibilou quando o abordou, pressionando-o contra a camada de folhas de pinheiro que cobria o chão.

Ela colocou o joelho nas costas dele.

— Se mexa e eu prometo que vou bater em você onde mais dói e você vai ficar semanas falando fino.

Quando viu que ele não iria revidar, Della o fez rolar até ficar de costas e olhou-o nos olhos.

— Onde eles estão? — Medo enchia os olhos do lobisomem e era por uma boa razão. Della não tinha a intenção de pedir duas vezes.

Ruivo, juntamente com os outros lobisomens, contou a mesma história. O proprietário do cemitério, Ramon Henderson, era cúmplice das lutas subterrâneas. Mas quando receberam de Dallas a notícia de que a UPF estava atrás deles, Henderson fez as malas, pegou seus melhores homens e voou para o México.

Eles também admitiram que havia vários recém-criados presos no cemitério, mas tudo o que sabiam era que eram mantidos em câmaras funerárias. Henderson e seus principais homens haviam se encarregado deles, os outros tinham simplesmente suposto que ele tinha descartado as provas.

Havia seis câmaras funerárias no cemitério. Chaves com o número de cada uma delas estavam penduradas na parede do escritório.

As quatro primeiras estavam vazias. Enquanto Della, Burnett, Chase e dois outros agentes corriam pelo cemitério, procurando a quinta câmara, ela repetia a si mesma para não entrar em pânico. Só faltavam alguns minutos para encontrarem Natasha e Liam. *Já estamos chegando. Já estamos chegando*. Ela repetia em sua cabeça, de alguma forma esperando que Natasha e Liam pudessem ouvi-la.

A porta da quinta câmara estava emperrada. Burnett correu de volta para o escritório, encontrou duas marretas num almoxarifado, e ele e Chase puseram abaixo a pesada porta de concreto.

Tão logo ela desmoronou, o mesmo aconteceu com o coração de Della. O cheiro forte de morte exalou como se quisesse escapar dali. Os dois agentes deram um passo para trás.

Burnett, cerrando os dentes, olhou para ela e Chase com empatia.

— Vocês dois ficam aqui — ele disse quando entrou na câmara escura.

— Não! — ela gritou e tentou segui-lo, mas Chase a segurou.

— Deixe que ele vá.

Ela lutou com Chase por um segundo, então leu o motivo nos olhos dele. Se fossem eles, Chase não queria que ela os visse naquele estado. Ele também não queria vê-los assim. Della encostou em Chase e lutou para se agarrar firmemente ao seu fio de esperança recém-descoberto. Mas o cheiro de morte era tão forte que ameaçava destruí-lo.

Em apenas alguns segundos Burnett saiu, com o braço cobrindo a metade inferior do rosto. Seu olhar foi para Della e Chase. Ele baixou o braço e engoliu em seco.

— Quatro corpos. Três do sexo masculino, um feminino. Eles estão em decomposição, não dá pra identificar. — Sua voz saiu grossa como se a visão o enojasse.

— Não são eles — disse Della, o pulso tão acelerado que ela o sentia vibrando na garganta. — Eles estavam sozinhos na câmera.

Burnett olhou para baixo como se procurasse reunir forças, e depois os ergueu.

— Uma mulher e um homem estavam sozinhos num cômodo.

Della sentiu a dúvida cortar seu coração como vidro.

— Ainda resta um túmulo.

Burnett assentiu, aparentemente sem se dar por vencido ainda. Ele se virou para os outros e deu ordens para que alguém chamasse um camburão para levar os corpos.

Depois pegou uma marreta, Chase agarrou a outra, e os três saíram em busca do túmulo. O último ficava no meio do cemitério. Eles não falaram enquanto andaram até lá.

A lua só irradiava luz suficiente para que pudessem enxergar algumas lápides de um branco leitoso. Quando chegaram a um túmulo mais alto que Della, ela achou que seu coração iria parar de bater. Não conseguia sorver oxigênio suficiente para encher os pulmões.

Aquela era a reta final. Se Natasha e Liam não estivessem ali...

A chave não queria abrir o cadeado que pendia da grande porta de concreto. Burnett pegou a marreta e golpeou o cadeado até quebrá-lo.

Tanto ela quanto Burnett precisaram empurrar a porta para abri-la.

A escuridão era espessa dentro do túmulo. Burnett ligou uma lanterna. O feixe de luz moveu-se para a esquerda e para a direita. Apenas uma pilha de blocos de concreto enchia a câmara. Nada de Liam. Nada de Natasha.

Chase soltou um suspiro. Della sentiu-o puxá-la mais para perto, e eles se entreolharam. Ele estava tão perto que ela podia ver que os olhos dele pareciam úmidos e sem esperança. O sentimento de frustração cresceu tanto no peito de Della que ela queria gritar. Ela se agachou no chão, abraçou as pernas e enterrou a cabeça nos joelhos. Eles tinham falhado. Della sentiu-se enjoada, seu estômago estava pesado.

— Você ouviu isso?

Ela reconheceu uma voz e sua respiração estremeceu. Não tinha sido Chase ou Burnett.

— Ouvi o quê? — Ela levantou o rosto, mas só viu escuridão.

— Um barulho — disse Liam.

— Eles devem estar enterrando outra pessoa — disse Natasha. — Eu não quero ouvir.

— Não, foi diferente. Ouça.

— Não, eu estou cansada, Liam. Quero dormir para sempre.

— Não diga isso.

— Eles estão aqui! — Outra voz soou, mais distante, e Della percebeu que era Chase. — Eles estão aqui em algum lugar!

— Eles não estão — disse Burnett. — Nós tentamos.

Della saiu da visão apenas a tempo de ver Chase pegar a marreta.

— Você ouviu isso? — ele gritou, quando bateu na parede de pedra e abriu um buraco no túmulo.

Ele devia estar na visão, também. E em algum lugar no fundo de sua alma, ela manteve apenas o suficiente da visão para ouvir Liam dizer:

— Isso? Você ouviu isso?

— Eles podem nos ouvir! — Della gritou e pulou. Ela virou à procura de uma porta ou de uma entrada no escuro.

Nada. Em seguida, seu olhar recaiu sobre a pilha de blocos de concreto.

— Ali! — disse ela. — Ali embaixo.

Burnett não parecia convencido, mas, quando ela e Chase começaram a atirar os blocos para o lado, ele ajudou.

Dez blocos pesados depois, Della viu a trava de metal que servia para abrir uma porta de aço. As lágrimas de tristeza que ela tinha derramado agora se transformaram em lágrimas de alegria.

Foi preciso que todos os três puxassem a porta para que ela se abrisse.

Della pulou para dentro do pequeno espaço. Mas não viu nada além de escuridão.

Então, ela ouviu. Uma respiração. Inspirou fundo e sentiu o cheiro de vampiros. Dois.

— Natasha? — chamou Della. — Você está aqui? — Sua visão clareou apenas o suficiente para que ela visse outra porta aberta.

— Nós estamos aqui! — disse Natasha, como se tivesse começado a chorar. — Estamos... aqui. Bem aqui.

Della abaixou-se para passar pela porta. Um feixe de luz veio atrás dela. Ela se virou e viu Chase com uma lanterna.

— Encontramos! — Ela sorriu para ele através das lágrimas.

— Eu sei. — Chase lhe entregou a lanterna e ficou ao lado dela. Seu ombro roçou contra o dela e ela se deixou saborear o toque por um segundo.

— Vamos tirar vocês daqui.

Capítulo Quarenta e Três

O doutor Whitman e a família estavam de férias, portanto Burnett precisou chamar um médico diferente para encontrá-los em Shadow Falls. Ele levou o médico e seus pacientes para um dos quartos de uma cabana vaga. Della, Chase, Burnett, Holiday e Hannah estavam todos na sala de estar. Miranda e Kylie tinham aparecido para dar apoio. Miranda abraçou Della, Kylie apenas mostrou o polegar e então elas foram embora.

Chase sentou-se ao lado de Della, como se ali fosse o seu lugar. Ela não discutiu com ele. Formavam uma equipe muito boa. Embora a maior parte dos seus pensamentos girasse em torno dos dois atrás da porta, ela não podia deixar de pensar sobre a mensagem de Burnett para ela e Chase: *depois desse caso, se você continuar a ver Chase, sua carreira na UPF acabou*.

Será que ela realmente teria que fazer essa escolha?

Ela olhou para Chase e se perguntou quais eram as chances de ele vir trabalhar para a UPF.

Por trás da parede, ela podia ouvir o médico examinando os pacientes. A primeira coisa que ele pediu foi sangue extra. Ele tinha trazido algumas bolsas, mas precisava de mais. Burnett saiu e voltou com quatro bolsas de suas próprias reservas.

O médico os deixou se alimentarem e ministrou soro em ambos, enquanto os monitorava. Encontrar Natasha e Liam vivos tinha acabado com o pânico de Della, mas vê-los tão magros e fracos fez com que parte do sentimento voltasse. Ambos mal tinham se mantido conscientes no caminho para Shadow Falls.

Pareciam-se com os velhos retratos de prisioneiros de guerra. O ânimo na cabana agora estava cautelosamente otimista.

Burnett estava na varanda da frente fazendo alguns telefonemas. Provavelmente para garantir que os agentes cuidariam de tudo no cemitério.

Holiday, com Hannah nos braços, foi se sentar ao lado de Della e Chase. Ela ofereceu a Della um toque suave e calmante e então algumas palavras.

— Estou orgulhosa de você. E de você! — disse ela, olhando para Chase.

— Obrigado — disse Chase, e Della viu um brilho de orgulho nos olhos dele.

Hannah sorriu para Chase e agitou os braços.

— Parece que a minha garotinha já tem bom gosto para homens! — Holiday comentou. — Eu tenho medo de que ela seja uma grande namoradeira.

Depois de um segundo, Holiday continuou.

— E estou um pouco decepcionada comigo mesma. Eu tinha sérias dúvidas, porque nunca vi um caso em que o espírito fosse capaz de se conectar com duas pessoas vivas, mas estou começando a descobrir que nada é impossível.

— Estou feliz que tudo tenha acabado bem. — Della olhou para a porta do quarto. — Eles vão ficar bem, não vão?

— Eu não sou médica, mas acho que sim.

Della inspirou e sorveu um pouco mais de ar dessa vez.

— Será que o espírito já fez a passagem? — perguntou Holiday.

Della olhou para Holiday.

— Eu não sei.

— Ah, você saberia se ela já tivesse feito — disse Holiday. — Você vai ver. É bem bonito. A recompensa por todo o seu trabalho. E vale a pena. — Ela tinha um sorriso suave no rosto.

— Então eu acho que ela ainda não fez — disse Della.

— Por que ela ainda está vagando por aí? — Chase se inclinou na direção de Della para perguntar.

— Ela pode querer se certificar de que eles estão bem. Ou pode querer algo mais.

Della recordou a visão sangrenta da tia, morta. E ela sabia, graças a Holiday e Kylie, que muitas vezes o que os fantasmas querem é justiça. Mas como ela poderia oferecer isso se o assassinato tinha acontecido havia tantos anos? E o pensamento de ainda tentar descobrir a verdade quando...

Holiday falou novamente.

— Você já encontrou a ligação entre o fantasma e esses dois?

— Ela é a mãe de Natasha — disse Della, mas não adicionou o fato de que também era sua tia. Ela sabia que isso levaria Burnett a descobrir muitas verdades. E antes que ele começasse a investigar a sua árvore genealógica, Della queria descobrir as respostas por si mesma.

Holiday sorriu.

— Eu devia ter adivinhado. — Ela fez Hannah saltitar em seu colo. — Laços maternos são muito poderosos.

Os pensamentos de Della foram para a mãe e a última vez que tinha falado com ela. Della só podia rezar para que o problema que havia surgido em sua casa estivesse resolvido. Mas assim que tivesse uma chance, ligaria para a mãe.

Vozes ecoaram do quarto e ela ouviu Natasha conversar com o médico.

Della queria falar com Natasha, mas Burnett insistiu para que fossem examinados pelo médico primeiro. E imediatamente.

Por fim, o médico saiu. Burnett entrou na cabana. Holiday, Chase e Della, todos se levantaram. O médico sorriu e de repente o ar ficou mais leve para Della.

— Eles vão ficar bem. Não sei quanto tempo mais poderiam ter aguentado. Vai levar algum tempo para recuperarem as forças. Provavelmente vão ter cicatrizes mais emocionais do que físicas, mas vão ficar bem.

Della inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e fez uma oração de agradecimento. Chase se inclinou e sussurrou em seu ouvido: — Nós conseguimos.

Della abriu os olhos e sorriu para ele.

— Os pacientes precisam descansar — continuou o médico. — Mas, se quiserem fazer uma visita, tudo bem. Só não se demorem muito. Um por vez e sem muita conversa.

Burnett avançou e olhou para Della e Chase.

— Eu tenho que ir para o escritório preencher alguns papéis. Por que vocês dois não vão vê-los e eu faço o meu interrogatório mais tarde.

Della assentiu.

— Ah! — acrescentou o médico. — Eu tentei convencê-los de que descansariam melhor em quartos separados, mas eles se recusaram a se separar. Mas isso não é incomum entre vítimas que passaram por uma grande provação juntos. Recomendo que os deixem ficar juntos por um tempo.

Della apostava que Natasha e Liam ficariam juntos por muito tempo.

O celular de Chase começou a vibrar no bolso. Ele o pegou e olhou para Della.

— É o Conselho, preciso informá-los sobre tudo o que aconteceu.

Della viu Burnett fazer cara feia, mas para seu crédito, não disse nada. Ele beijou a esposa e a filha e saiu.

Depois de alguns segundos, Chase foi para a varanda atender ao seu telefonema. Della ouviu-o contando o que tinha acontecido.

Ela olhou para o médico.

— Tudo bem se eu entrar agora?

— Tudo. Mas se eles estiverem dormindo, não os incomode.

— Entendi. — Ela começou a andar em direção à porta do quarto quando Chase voltou para dentro da cabana. Foi até onde ela estava.

— Eu preciso resolver outras coisas no Conselho pessoalmente. Não devo demorar.

— Tudo bem — disse ela. Antes que Della percebesse sua intenção, ele se inclinou e a beijou. Não foi um beijo cheio de tensão sexual, apenas uma simples despedida, de alguém que se preocupava com outra pessoa. Era muito parecido, Della percebeu, com o beijo que Burnett tinha acabado de dar em Holiday.

Chase sorriu e, em seguida, passou o dedo sobre os lábios dela.

— Eu não vou demorar.

— Nós precisamos conversar — disse ela, disposta a contar sobre o ultimato da UPF.

— Faremos isso — disse ele, e Della viu em seus olhos quanto ele se preocupava com ela.

Chase se virou para ir embora, mas ela pegou a mão dele e puxou-o de volta. E ela o beijou. Esse beijo durou apenas um pouco mais. Ela sabia que Holiday e o médico estavam olhando, mas, pela primeira vez, não se importou.

— Obrigada — disse Della quando se afastou.

— Pelo quê? — ele perguntou, sorrindo.

— Por tudo.

Chase apertou a mão dela.

— Volto assim que puder.

Ela sorriu e o observou sair. Quando o viu dar um salto do lado de fora da varanda, Della sentiu como se uma parte de si mesma tivesse decolado com ele. Então se deu conta de que, de alguma forma, de alguma maneira, ela não ia deixar de ver Chase. Não importava se seus sentimentos deviam-se à ligação. Ela ainda assim os sentia. E o fato de estarem juntos estava certo. Como Natasha e Liam. Como Kylie e Lucas. Burnett e Holiday.

Quando olhou para trás, ela viu que a expressão de Holiday não era de felicidade. Mas Della recusou-se a se preocupar muito. Ia dar tudo certo. Ela tinha que acreditar nisso.

— Eu vou dar uma olhada em Natasha e Liam — disse ela.

— Faça isso — disse Holiday.

Della se aproximou da porta e fez uma pausa. Respirando fundo, não completamente certa do que ia dizer à prima e Liam, ela abriu a porta devagar.

Natasha e Liam estavam em camas de solteiro, mas alguém tinha colocado as duas juntas. Ambos estavam tomando soro. Ambos tinham os olhos fechados.

Della parou na porta, seu olhar procurando Natasha. O médico devia ter usado um pano para pelo menos tirar um pouco da sujeira do rosto dela.

Ela usava um vestido e Della suspeitava que era de Holiday. Estava quase se virando para ir embora quando os olhos de Natasha se abriram.

Della sorriu para a garota, mesmo que fosse difícil vê-la com grandes olheiras escuras sob os olhos e o rosto encovado.

Natasha retribuiu o sorriso e sentou-se um pouco.

— Você não gostaria de descansar agora? Posso voltar depois.

— Não, por favor, entre. — Natasha fez um gesto para ela e em seguida olhou para Liam, que ainda estava dormindo.

Della se aproximou.

— Eu tenho ordens do médico para não ficar muito tempo.

Natasha assentiu com a cabeça.

— Ouvi dizer que você e aquele rapaz foram os responsáveis por nos encontrar.

A indecisão deu voltas na cabeça dela. Será que deveria dizer a Natasha toda a verdade sobre o fantasma? Sim, Della concluiu. Natasha merecia saber. Della se aproximou um pouco mais e se sentou numa cadeira ao lado da cama.

— Na verdade, tivemos muita ajuda.

— A polícia, ou... como vocês a chamam? A UP... alguma coisa?

— A UPF — disse Della. — Eles são como a polícia dos seres sobrenaturais.

Della viu Natasha apertar os olhos para verificar o seu padrão.

— Então você é uma vampira, também?

Della concordou e se lembrou do que ela precisava contar à garota.

— A UPF ajudou, mas... — Ah, droga, como é que ela iria contar? — Na realidade, Natasha, sua mãe é a pessoa que mais merece crédito por encontrar vocês.

— Minha mãe? — Os olhos de Natasha se arregalaram. — Mas eu pensei... Me disseram que ela achava que eu tinha morrido.

— Não, não a sua mãe adotiva. Sua mãe biológica, Bao Yu Tsang.

Agora as lágrimas encheram os olhos de Natasha e ela tocou os lábios trêmulos.

— Eu pensei que ela estivesse morta.

Merda! Della tinha estragado tudo.

— Sim, bem, ela está. Sinto muito. Mas... ela vagou por aqui esses anos todos, provavelmente zelando por você.

Natasha olhou para Della como se ela talvez precisasse de um psiquiatra.

Della hesitou e depois acrescentou:

— Eu sei que parece loucura. Pode acreditar, é um pouco mesmo. — De repente, o frio encheu o pequeno quarto, e Della soube que sua tia estava lá.

— Você está dizendo que o espírito da minha verdadeira mãe ajudou a me encontrar?

Della assentiu.

— Sim, em resumo é isso. — *Exceto que eu estava em seu corpo quando você e o dorminhoco ali estavam fazendo "aquilo"*. Talvez ela não devesse contar a Natasha essa parte.

A garota olhou para as mãos como se estivesse tentando processar o que Della tinha dito.

Della deixou que ela ficasse em silêncio pelo tempo que precisasse.

Finalmente, Natasha ergueu os olhos.

— Meu primeiro impulso é dizer que você está louca. Eu não acredito em fantasmas, mas então... Eu sou uma vampira, e não acreditava em vampiros, até que fui transformada.

— É — concordou Della. — É o tipo de coisa que mexe com a cabeça da gente, não é?

Natasha apenas balançou a cabeça.

— Então, ela disse a você onde me encontrar?

— Bem, sim, quero dizer... É um pouco mais do que isso.

— O que é mais? — perguntou Natasha.

Della suspirou.

— Esta parte pode ficar só entre nós por um tempo?

— Que parte?

— Eu não vou contar nada — disse uma voz masculina.

Della desviou os olhos para Liam, agora de olhos abertos, e pela expressão dele, tinha ouvido o comentário sobre o fantasma também.

— É, você não pode contar, também — disse Della.

— O quê? — perguntou Natasha, parecendo desconfiada.

— Você e eu... nós somos primas — disse Della em voz baixa. — Bao Yu Tsang é... era irmã de meu pai.

Os olhos de Natasha se arregalaram novamente.

— Você é Della? Eu deveria ter te reconhecido. Sua... Quer dizer, a nossa tia, Miao, me mostrou fotos suas.

— Não aquela em que eu estava pelada na banheira com 3 anos de idade, espero — disse Della.

Natasha riu e lágrimas encheram seus olhos.

— Sim, ela me mostrou essa. — Ela respirou fundo. — Nem posso acreditar que estou aqui com você.

Della sentiu a emoção invadir seu coração.

— Eu me sinto assim também. E não é que eu não queira que as pessoas saibam, é que estou tentando descobrir algumas coisas sobre a nossa família, e por ora, queria que isso ficasse apenas entre nós.

— Há algo errado? — perguntou Natasha.

— Não é nada com que precise se preocupar agora. — Della sentiu a temperatura do quarto cair um pouco mais.

Natasha puxou o lençol mais para cima e balançou a cabeça. Então ela pareceu à beira das lágrimas novamente.

— Quando Chan morreu, eu... Eu fiquei devastada. Nós saímos algumas vezes. Fomos ao boliche. Mas a mãe dele, Miao, ficou tão arrasada, que eu me senti muito mal indo vê-la, porque era como se a minha presença fizesse com que ela se lembrasse dele.

Della ia começar a contar a ela que Chan naquela época não estava morto, mas que acabou morrendo depois, mas aquilo levaria muito tempo e despertaria muitas emoções. Mais tarde ela contaria tudo, mas não agora.

— O médico disse para eu não ficar muito tempo. Obviamente, tenho muito a contar a vocês. Mas teremos tempo de sobra.

Diga a ela que eu a amava.

Della lutou contra o frio no quarto.

— Sua mãe, ela amava você.

De repente, Della sentiu que Natasha precisava saber mais.

— Ela queria ficar com você, mas os pais dela eram muito antiquados e ela não teve escolha.

Natasha enxugou uma lágrima em seu rosto.

— Eu sei. Você vai vê-la novamente? Minha mãe?

— Eu mais a ouço do que a vejo. Mas eu a vi algumas vezes.

— Você pode dizer a ela que eu entendo, e que eu tive uma boa mãe e um bom pai? Diga a ela que eu não a culpo. Miao me contou o que aconteceu. Que os pais dela e os pais do meu pai não me aceitaram. Queriam que ela me abortasse, mas ela se recusou. Diga a ela que agradeço por me dar a vida. Ah, e por me salvar agora.

Della ouviu o fantasma chorar baixinho.

— Ela pode ouvi-la.

— Ela está aqui?

Della assentiu.

— Obrigada — disse Natasha.

— Sim, quero agradecer também — acrescentou Liam e estendeu a mão para tomar a de Natasha.

Capítulo Quarenta e Quatro

Mal Della tinha saído do quarto de Natasha, seu celular tocou.

— Oi — disse Chase, e o peito da vampira se aqueceu com a vontade de vê-lo. — Como estão eles?

— Bem — disse Della, embora sentisse tensão na voz dele.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Sim, mas eu não acho que não vou conseguir voltar aí esta noite. O Conselho quer relatórios e tudo mais. Você pode sair amanhã?

— Sim — disse Della, tomando a decisão de fazer aquele encontro acontecer. Ela não se importava de ter que ir contra a vontade de Burnett. — Que horas?

— Nove da manhã? Ou oito. Vou passar com você todo tempo que puder.

— Nove — disse Della. — Vou querer dar uma passada para ver Natasha e Liam novamente.

— Certo. E quando a gente voltar, talvez eu possa visitá-los. É estranho, não é? Eu meio que sinto que os conheço.

— Eu também — disse Della, pensando que seria bom ter Natasha em sua vida.

Chase se despediu e desligou, na esperança de que o dia seguinte acabasse tão bem quanto aquele.

Uma hora mais tarde, Shawn, o agente que os tinha ajudado no caso, apareceu apenas para ver se estava tudo bem. Della, Holiday e Shawn conversaram por um tempo, e então ele e Holiday foram embora.

Depois de se certificar de que Natasha e Liam não precisavam de nada e dar à prima o número dos telefones de Holiday e de Burnett, Della foi para a sua cabana. Miranda e Kylie estavam à mesa novamente, com Cocas Diet.

Miranda tinha lágrimas nos olhos. *Ah, droga*.

— E aí?

Kylie pareceu esperar para ver se Miranda ia responder e, quando viu que ela não ia fazer isso, Kylie fez por ela.

— Shawn veio vê-la.

— E então? — perguntou Della olhando para a bruxa.

— Eu acho que ele gosta de mim e eu não sei o que fazer.

Della se sentou ao lado das amigas.

— Você faz o que quiser — disse ela.

Miranda balançou a cabeça e olhou para Della.

— Você não se sente nem um pouco culpada? Você gostava de Steve, e, então, puf!, simplesmente passou a sair com Chase.

Della engoliu em seco.

— Sim, às vezes eu me sinto culpada, mas então lembro que ele foi embora, não eu. E ele me disse para descobrir o que havia entre mim e Chase. — Ela olhou para Kylie. — É como Kylie. Derek se afastou de Kylie e ela percebeu que ele não era o cara. Lucas era. — Della suspirou. — Eu não quero magoar Steve, mas o que existe entre mim e Chase é maior.

— Mas eu não posso dizer o mesmo — disse Miranda. — E vocês duas disseram que Perry parece o cara certo para mim.

Kylie acenou com a cabeça.

— Talvez ele fosse o cara certo para você, na época. Eu não me arrependo do que eu tive com Derek. Ele estava ao meu lado quando precisei. Eu vou sempre sentir carinho por ele. E acho que as pessoas entram na nossa vida assim. Della precisou de Steve para ajudá-la a esquecer o idiota do ex-namorado, e você precisava de Perry para ajudá-la a se adaptar a tudo por que estava passando.

Por mais que Della normalmente detestasse a porcaria de psicanálise de Kylie, aquilo fazia sentido. Ela provavelmente sempre sentiria carinho por Steve.

Miranda virou a lata de refrigerante nas mãos.

— Eu tentei ligar para ele, e ele nem retornou a ligação. Quero dizer, se ele tivesse pelo menos me ligado, eu perguntaria se ele está saindo com outras pessoas, e se estivesse... Eu odeio Perry! E provavelmente vou tomar sorvete por uma semana. — Ela lançou a Della um olhar de quem dizia: “E não se atreva a querer me impedir!”. — Mas eu poderia dar a Shawn uma chance.

Os olhos da bruxa quase ficaram marejados novamente.

— Você já teve alguma notícia de Steve?

Della se lembrou da mensagem de texto, mas, com medo de que isso fosse magoar Miranda, ela mentiu.

— Não.

— Como estão Natasha e Liam? — perguntou Kylie, mudando de assunto.

— Eles estão bem — disse Della.

— Você deve estar orgulhosa de si mesma — disse Kylie. — Foi você quem conseguiu isso. Você chegou a ver o fantasma fazendo a passagem?

Della balançou a cabeça.

— Não.

— Isso é estranho — disse Kylie.

— Na verdade, não — disse Della. — Eu não acho que ela já tenha conseguido tudo o que quer comigo.

— O que mais ela quer? — perguntou Miranda.

— Descobrir quem a matou. — Só dizer isso já fazia com que Della tivesse certeza. O fantasma precisava saber.

— Eu odiaria ter que fazer isso — disse Kylie.

— Sim, eu também — disse Della, e teve um vislumbre da visão e do homem que se parecia com o pai dela de pé com uma faca ensanguentada na mão. — Eu acho que vou para a cama.

Della dormiu com os olhos pregados na Smurfette, pensando em Chase. Então ela ouviu a pergunta de Miranda: *Você não se sente nem um pouco culpada? Você gostava de Steve, e, então, puf!, simplesmente passou a sair com Chase*.

Ela não devia se sentir culpada, disse a si mesma. Steve provavelmente já sabia que iria partir quando começou a fazer tudo para conquistar o coração dela. Isso tinha sido errado.

Muito errado.

Às seis e meia da manhã seguinte, Della acordou com o telefone tocando. Caramba, será que ela tinha rolado na cama a noite toda? Ela achava que não. Realmente precisava de descanso.

Quando ela pegou o celular, avistou a Smurfette boba e sorriu. Quando viu que o telefonema era de Chase, abriu um sorriso.

— Olá! — disse ela.

— Ainda estava dormindo? — ele perguntou com a voz rouca, como se tivesse acabado de acordar também.

— Sim — disse ela.

— Desculpe, eu te acordei e... Sinto sua falta. Quer que eu encontre você às sete em vez das nove Ela sorriu.

— Não. Tenho que visitar Natasha e Liam, e então avisar Burnett e Holiday que vou encontrar você. — E ela queria ligar para Marla também. Só para se certificar de que as coisas em casa não tinham piorado ainda mais.

Ele devia ter captado alguma coisa na voz dela.

— Você acha que vão criar problema com isso?

— Eu não vou pedir, só vou avisar que vou sair com você — disse ela.

— Porque acha que eles não iriam deixar você vir? — Chase perguntou.

— Vamos falar sobre isso mais tarde — disse ela. Mas eles teriam que ter essa conversa. Ela fechou os olhos. Será que Chase iria trabalhar para a UPF? Um sentimento de apreensão tomou conta dela e o bom humor do início da manhã desapareceu.

— Ok. Então às nove — disse ele. — O que você quer fazer? — perguntou.

Ela sentiu um pequeno tremor percorrê-la. O que ela queria fazer? Estaria pronta para deixar que aquela coisa entre eles passasse para o próximo nível?

— Por que a gente apenas não deixa as coisas fluírem?

— Parece bom. — Ele ficou quieto. — Eu sinto sua falta — disse Chase.

Ela olhou para a Smurfette.

— Eu também.

Della se levantou para tomar banho. Lavou o cabelo, depilou as pernas e até colocou um pouco de maquiagem. Com a toalha enrolada no corpo, atravessou correndo a sala de estar para voltar ao quarto. Kylie e Miranda ainda dormiam e ela preferiu sair antes que acordassem. Precisava admitir que não queria que soubessem dos seus planos, porque ela não sabia o que estava planejando.

Abriu a gaveta de roupas íntimas, encontrou um sutiã preto por baixo dos brancos de todo dia. Ela o tirou da gaveta. A peça de tecido rendado pendeu do seu dedo e ela suspirou. Estava pensando em deixar Chase ver aquele sutiã? Estava pensando em deixar Chase *tirar* aquele sutiã?

Ah, mas que inferno! Ela não sabia. Mas só porque o usaria, não significava que ficaria nua. Ela vestiu o sutiã e depois encontrou uma calcinha preta que combinasse.

Quinze minutos depois, já do lado de fora da cabana, fazendo a curva que levava em direção à cabana de Natasha, seu celular tocou.

Achando que seria Chase novamente, pegou o celular, ansiosa, mas uma breve olhada revelou o número de Burnett.

— O que foi agora? — ela murmurou, rezando para que não fossem más notícias. Rezando para que não fosse para lembrá-la de que seu tempo com Chase tinha terminado.

— Você já está de pé? — perguntou Burnett.

— A caminho da cabana de Natasha e Liam. Por quê?

— Você pode vir ao escritório em vez disso?

— Por quê? — ela perguntou.

— Vejo você em um minuto — disse ele, sem responder à pergunta.

Droga, droga, droga! Seus instintos lhe diziam que aquilo não era bom.

Burnett esperava no escritório de Holiday, que não estava lá, o que talvez significasse que a notícia não era tão ruim assim. Ela tinha notado que, quando as coisas eram muito ruins, ele pedia para Holiday ficar por perto para fazer, com seu toque mágico, que as notícias ruins parecessem mais toleráveis.

Della mal tinha subido os degraus da cabana quando sentiu o cheiro de Holiday e a viu saindo do banheiro. E ela não parecia feliz.

Della respirou fundo e se sentou no sofá antes que insistissem para que ela fizesse justamente isso. Holiday se aproximou e se sentou ao lado dela.

— O que foi? — perguntou Della.

Burnett pegou um grande envelope marrom e se sentou no braço do sofá.

— Eu disse a você que eu tinha algumas preocupações com relação a Chase.

Portanto, aquilo era sobre ela e Chase não se verem mais. Mas Burnett só iria desperdiçar o seu tempo.

— Eu sei. — Della olhou de Burnett para Holiday e de volta para Burnett. — Mas nós trabalhamos juntos nesse caso e foi ótimo. E eu acho... pelo menos, espero, que eu possa

convencê-lo a trabalhar para a UPF.

Burnett olhou para o envelope nas mãos.

— Eu pedi para Hayden ficar invisível e se esconder na cabana de Chase para ver se ele não estava fazendo nada de errado.

Della franziu a testa.

— Isso não foi legal.

— Fique brava comigo se quiser. Mas eu fiz isso porque sabia que você não iria parar de vê-lo. E para deixá-la continuar essa relação, eu tinha que ter certeza.

Della teve um mau pressentimento. Por que Burnett estava lhe dizendo aquilo? Ele achava que tinha pegado Chase fazendo algo ilícito?

Ela olhou para o envelope que ele segurava e soube que continha algo ruim. Algo que Burnett iria usar para tentar mantê-la longe de Chase. Ela não tinha certeza do que havia ali, e não tinha certeza de que iria funcionar.

— Então, o que você tem aí? — perguntou ela.

— Para ser sincero — Burnett disse. — Eu não sei, mas está me intrigando.

— O que está te intrigando?

Quando ele não começou imediatamente a falar nem passou para ela as provas, Della ficou um pouco irritada. Pegou da mão dele o envelope.

Ele franziu a testa, mas ela franziu também.

— Della — disse Holiday como que para tentar acalmá-la.

Della revirou os olhos para a *fae*.

— Ele vai me mostrar isso mais cedo ou mais tarde, não vai? Vamos apenas apressar as coisas.

Capítulo Quarenta e Cinco

Eram fotografias. De tamanho grande. A primeira era de Chase na varanda de casa. Nenhuma prova que o incriminasse.

As mãos dela tremiam com a fúria que sentia por Burnett interferir na sua vida. Ela pegou a próxima foto. Chase sentado na varanda com o binóculo nas mãos. Observação de pássaros. Ah, sim, isso fazia dele uma pessoa horrível!

Ela passou para a próxima foto. Chase de pé na varanda, conversando com alguém. Um homem, de costas para a câmera, andando, por isso ele não passava de um borrão.

Ela passou para a foto que vinha depois. Suas mãos pararam de tremer. Seu coração parou de bater.

— Eu não sei o que isso significa — disse Burnett. — Chase conhece o seu pai?

— Eu... Eu... — Ela não sabia o que responder.

Della sentiu o peito ficando pesado, os olhos arderem, mas nenhuma lágrima se atreveu a cair. Ela estava muito ocupada analisando a foto. Analisando o homem que estava na varanda de Chase. Olhando fixamente para a expressão nos olhos de Chase. Ele estava zangado.

Em seguida, ela mudou o foco para o homem. O mesmo rosto do pai. A mesma altura, mas não era ele. Seu pai não tinha braços musculosos; a barriga do pai, embora ele não fosse gordo, era um pouco mais arredondada.

Aquele não era o seu pai.

Aquele era seu tio.

A emoção tomou conta dela em ondas de dor. Chase havia mentido. Andava mentindo para ela desde o início.

Raiva.

Fúria.

Traição.

E pensar que ela tinha vestido seu sutiã preto. Tinha até pensado em tirar o sutiã preto. Ela tinha praticamente caído de quatro por ele...

Não, ela *não tinha* caído de quatro. Mas, por Deus, ele iria cair! Pra valer.

Iria cair de quatro. E era ela que iria colocá-lo lá.

— Você está bem? — perguntou Holiday.

— Não — ela disse. Por que mentir? Burnett saberia. Mas ela disse isso numa voz baixa e tranquila. — Eu posso ficar com isso? — Ela ergueu a foto e tentou ao máximo falar de um jeito amigável.

Burnett concordou.

— Você vai confrontá-lo?

Ou matá-lo.

— Eu acho que é uma boa ideia. — Ela se levantou.

— Eu acho que não — Holiday se levantou e pegou o braço dela. — Você está muito alterada.

— Ela me parece muito bem — disse Burnett. — Deixe-a ir e conseguir respostas. Ela merece saber que tipo de jogo ele está fazendo. Pelo que sabemos, o pai dela quer que Chase encontre algo ruim em Shadow Falls para desacreditar a escola.

Meu pai não está fazendo nada. Mas Della não disse uma palavra.

Holiday continuou a segurar o braço de Della e olhar para o marido.

— Já ouviu o ditado "o silêncio pode ser mortal"? Ou a expressão "a calmaria antes da tempestade"?

— Eu não vou ficar muito tempo — disse Della. — Preciso falar com ele. *E fazer algo mais*.

— Não! — disse Holiday com vigor. — Vá dar uma caminhada ou uma corrida e, depois, volte aqui daqui alguns minutos e nós vamos reavaliar. Quando suas emoções se acalmarem, você pode ir falar com ele.

Della queria explicar que ela não iria se acalmar.

Como poderia? Ela tinha sido enganada.

Ele tinha brincado com ela.

Nada a deixava mais irritada do que alguém fazendo-a de boba. E ela tinha sido muito boba.

— Espere dez minutos. Dez! — insistiu Holiday.

Della assentiu. Ela tirou o celular do bolso e tirou uma foto da fotografia.

— Não vá antes de voltar para me ver — disse Holiday.

— Eu não vou — disse ela, e estava disposta a cumprir a promessa. Não que isso fosse ser fácil, tudo o que ela queria fazer agora era encontrar o Pervertido da Calcinha e dizer exatamente o que pensava dele. Mas, ela gostasse ou não, Holiday estava certa. Della tinha que planejar o que precisava dizer, porque no momento não tinha vontade nem de colocar os olhos nele novamente.

Ligados uma ova! Como ele podia dizer que era ligado a ela e depois não fazer nada além de contar mentiras? O tempo todo, ele tinha mentido. Chase sabia sobre o tio dela.

De repente, ela se sentiu enjoada. Saiu do escritório e começou a andar em direção à sua cabana, apenas para perceber que não queria falar com Kylie ou Miranda agora.

Um pouco antes de pegar a trilha que dava no bosque, ela ouviu alguém chamar seu nome.

Derek.

— Mais tarde — Della gritou e começou a decolar.

— Não! — Derek gritou. — É importante.

Ela começou a decolar de qualquer maneira, mas palavras soaram em sua cabeça.

Você precisa ouvir isso!

O frio a cercou.

— Ouvir o quê? Por que diabos eu deveria ouvir uma palavra do que você diz? — Della perguntou, falando com nada mais do que uma parede de ar frio. — Não foi você quem colocou Chase e eu juntos para trabalhar nesse caso? Eu poderia ter salvo Natasha sozinha. Eu não precisava dele!

Ela parou e virou-se para Derek, que esperava atrás dela.

— O que você disse? — ele perguntou.

— Eu não estava falando com você. Mas já que está aqui... O que foi?

Ele apertou os lábios, a preocupação enchendo seus olhos.

— Eu... Merda, Della, eu não sei como dizer isso.

— Isso é fácil. Você abre a boca e as palavras saem — disse ela, sem paciência. — Experimente.

Derek assentiu. Suspirou alto.

— Lembra quando você me pediu para verificar novamente com o detetive sobre o caso da sua tia?

Della assentiu com a cabeça.

— Como eu não o vi mais, liguei para ele na noite passada.

— E então? — Ela fez um gesto com as mãos para apressá-lo.

— O detetive me ligou de volta ontem. Ele disse que, depois que olhou os arquivos, verificou o que todos eles ainda tinham em termos de provas. — Derek arrastou os pés um pouco. — Eles fizeram alguns testes com um pouco de sangue que tinham coletado. Foram inconclusivos. Mas agora que os resultados voltaram — ele hesitou —, eles vão fazer uma prisão. Vão prender seu pai, Della. Sinto muito.

Ela ficou parada ali por alguns segundos.

As palavras de Derek davam voltas na cabeça dela. *Lembra que você me pediu para verificar com o detetive novamente sobre o caso da sua tia?*

Seu pai ia ser preso por assassinato e era por culpa dela.

Se ela não tivesse pedido a Derek para investigar, o caso teria sido encerrado. Não teria sido resolvido.

Ela tinha feito isso. Feito isso com seu pai — um homem extremamente reservado, que nem sequer queria pensar sobre o passado. Agora o mundo inteiro saberia. Haveria notícias, fotos nos jornais.

Seu pai seria humilhado. Pior do que isso, seria acusado de assassinato. E se eles o condenassem?

Della engoliu a dor. Lágrimas ardiam em seus olhos. Se ela não o tinha desapontado antes, tinha feito isso agora.

Não apenas ele dessa vez. Isso não iria ferir apenas ele, mas a sua mãe, a sua irmã. Isso poderia destruir sua família. Completamente.

Que diabos ela tinha feito?

Ou, melhor, como diabos ela iria corrigir aquilo?

Seu celular tocou. Ela o tirou do bolso. O número da irmã apareceu na tela.

Della atendeu à chamada.

— Oi. — Sua voz tremeu um pouco ao dizer isso.

— Della? — A voz da irmã veio junto com muitas lágrimas, assim como as que já escorriam pelo rosto de Della. — A polícia veio aqui... eles levaram o papai. — Marla soluçou. — Eles acham que ele matou alguém. A mamãe está arrasada, ela não para de chorar. Você tem que voltar para casa. Você tem que voltar!

Della ouviu o pedido da Marla. Mas como ela poderia voltar? Como iria conseguir sangue se estivesse morando na casa dos pais? Como conseguiria guardar seu segredo da família? Como poderia deixar Shadow Falls?

E como poderia não ir para casa e tentar corrigir as coisas, se tinha sido ela a causadora de tudo?

— Estou indo — disse Della a Marla. — Estou voltando para casa.

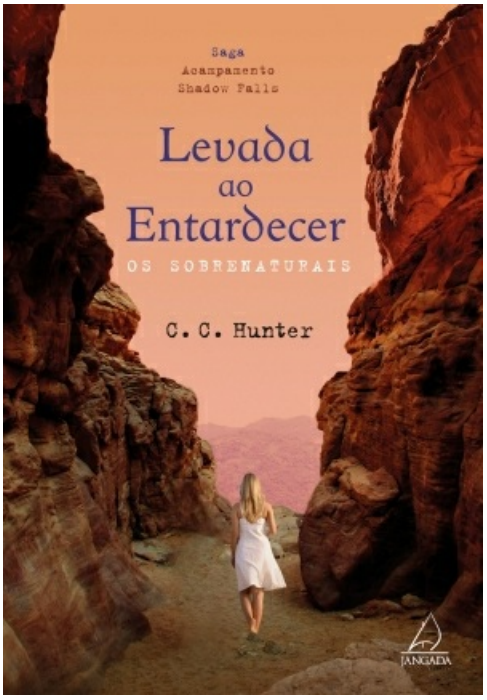

"Inspirador e divertido, estranho e absolutamente maravilhoso.
Uma das melhores histórias que li nos últimos tempos."
– S. J. Watson, autor best-seller na lista do New York Times
OS HUMANOS
MATT HAIG

Os Humanos

Haig, Matt 9788555390425
312 páginas Compre agora e leia

Quando um visitante extraterrestre chega à Terra, suas primeiras impressões da espécie humana são pouco positivas. Ao assumir a forma do professor Andrew Martin, da Universidade de Cambridge, o visitante está ansioso por cumprir a tarefa macabra que lhe foi incumbida e voltar rapidamente para seu planeta. Ele se sente enojado pela aparência dos humanos, pelo que eles comem e por sua capacidade de matar e guerrear. Mas, à medida que o tempo passa, ele começa a perceber que pode haver mais coisas nessa espécie do que havia pensado. Disfarçado de Martin, ele cria laços com sua família e começa a ver esperança e beleza na imperfeição humana, o que o faz questionar a missão que o levou à Terra.

Compre agora e leia

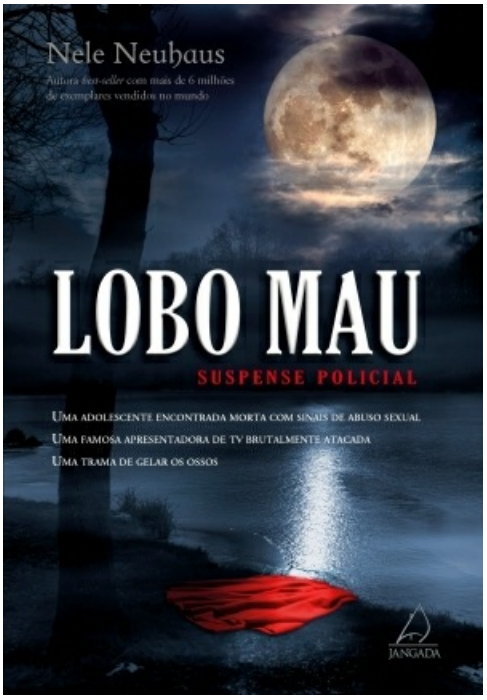

Saga
Acampamento
Shadow Falls
Levada
ao
Entardecer
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
JANGADA

Levada ao entardecer

Hunter, C.C.
9788564850262
384 páginas Compre agora e leia

Neste terceiro livro da saga Acampamento Shadow Falls, Kylie quer saber a verdade por pior que ela seja! A verdade sobre quem é a sua verdadeira família, a verdade sobre os seus poderes sobrenaturais e a verdade sobre o que ela sente com relação a Lucas e Derek. E pra completar, um fantasma vive atrás dela com um aviso terrível: "Alguém vive e alguém morre". Enquanto Kylie tenta desvendar o mistério e proteger aqueles a quem ama, finalmente descobre o segredo da sua identidade sobrenatural. E a verdade é bem diferente e muito mais inesperada do que ela jamais imaginou!

Compre agora e leia


Nele Neuhaus
Autora best-seller com mais de 6 milhões de exemplares vendidos no mundo
LOBO MAU
SUSPENSE POLICIAL
Uma adolescente encontrada morta com sinais de abuso sexual
Uma famosa apresentadora de TV brutalmente atacada
Uma trama de gelar os ossos
JANGADA

Lobo-mau

Neuhaus, Nele 9788564850897
496 páginas Compre agora e leia

Uma adolescente é encontrada morta no rio Meno, nos arredores de Frankfurt. Sua identidade é um mistério. Aparentemente, ela é a terceira vítima de uma festinha regada a álcool que terminou tragicamente, mas a polícia descobre que a água nos pulmões da garota não é do rio, e que seu cadáver mutilado está ali há dias. Pia Kirchhoff e Oliver von Bodenstein, os detetives do best-seller Branca de Neve Tem que Morrer, agora trabalham para descobrir quem aprisionou, estuprou e brutalizou a jovem. Enquanto isso, mais crimes acontecem: a apresentadora de um programa de TV sensacionalista é espancada, estuprada e trancada no porta-malas de seu próprio carro e uma psiquiatra sofre uma morte terrível. A ligação entre os crimes é uma rede de violência e corrupção que atinge a elite da sociedade e o próprio departamento de Pia. Mas talvez seja tarde demais para ela e Oliver descobrirem quem é o lobo mau.

Compre agora e leia


Livro Dois
As Crônicas dos Irmãos Celestiais
Messias
O Primeiro Julgamento
Um romance épico de
Wendy Alec
Jangada

Messias - O Primeiro Julgamento

Alec, Wendy 9788564850873
416 páginas Compre agora e leia

Combinando a interpretação bíblica com a pesquisa histórica e uma narrativa cinematográfica, este livro descreve de maneira sublime a arrepiante conspiração de Lúcifer e a jornada de Jesus entre os homens, numa batalha sangrenta e selvagem em que os vastos exércitos reais do primeiro céu combatem as hordas de decaídos do inferno.

Compre agora e leia

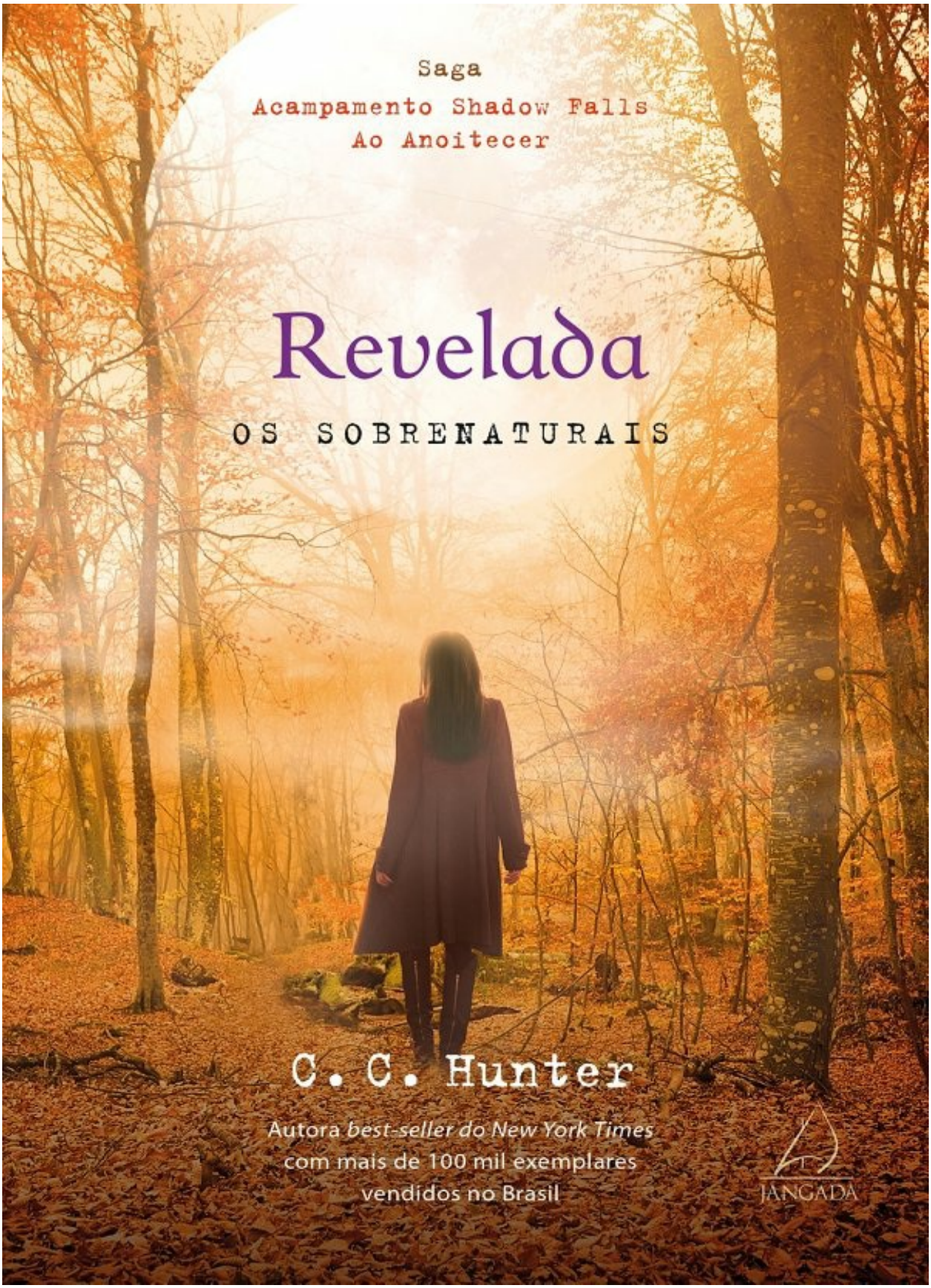

FORTALEZA
NEGRA
A CHEGADA
DA NOVA ERA
Kel Costa
JANGADA

Fortaleza Negra

Costa, Kel 9788564850767
424 páginas Compre agora e leia

Na antiga União Soviética, vampiros, até então considerados criaturas lendárias, surgem inesperadamente e põem fim à Guerra Fria em 1985. Usando seu poder mental extraordinário e sua força sobre-humana, os Mestres da Realeza Vampírica exigem a rendição dos líderes mundiais e se autoproclamam senhores absolutos do planeta. Dez anos depois, vivendo num mundo de relativa paz entre humanos e vampiros, Aleksandra Baker, uma garota de 17 anos, se ressente por não ter a mesma liberdade que os jovens do passado. Além de viver sob o jugo dos vampiros, Sasha, como é chamada por todos, está apavorada com uma nova ameaça, a invasão de predadores letais: os mitológicos! Diante dos terríveis ataques de centauros e minotauros, a família Baker não vê outra saída a não ser se mudar para a Rússia e morar entre os muros do único lugar onde é possível viver livre dos ataques: a impenetrável Fortaleza Negra, reduto da Realeza Vampírica. Mas a ideia de se mudar para a Fortaleza não agrada a Sasha. Ela não gosta de vampiros e, Helena, sua melhor amiga, vai ficar para trás, correndo perigo constante. Mas Sasha não irá descansar até encontrar uma forma de levar Helena para a Rússia e destruir de vez essas criaturas mitológicas que rondam a Fortaleza. A única esperança são as pesquisas do seu pai, que conta com a ajuda de Blake, um prodígio adolescente, que balançará o coração de Sasha. Mas a jovem talvez já esteja envolvida demais com a obscuridade do mestre da realeza vampírica: Mikhail.

Compre agora e leia


Saga
Acampamento Shadow Falls
Ao Anoitecer
Revelada
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
Autora best-seller do New York Times
com mais de 100 mil exemplares
vendidos no Brasil
JANGADA

C.C. Hunter

REVELADA

Shadow Falls After Dark - Livro 3



Título do original: *Unspoken*.
Copyright © 2014 Christie Craig.
Copyright da edição brasileira © 2016 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Star Books Digital

https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Hunter, C. C.
Revelada : os sobrenaturais / C. C. Hunter ; tradução Denise de Carvalho Rocha. — São Paulo : Jangada, 2016.

Título original: Unspoken
ISBN 978-85-5539-067-8
1. Ficção norte-americana I. Título.

16-06731 CDD-813

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura norte-americana 813
e-ISBN: 978-85-5539-074-6

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Ao meu pai, Pete Hunt, sempre serei a sua garotinha. A Cara Bates, minha sobrinha, por sempre estar ao meu lado quando precisei. Para minha mãe, Ginger Curtis, que nunca se esquece de me dizer quanto se orgulha de mim. E para Bob Curtis, meu padrasto, a quem agradeço pelo seu amor e por tudo o que faz.

Agradecimentos

Não poderia ter escrito este livro sozinha. Quero agradecer ao meu marido, Steve, por ser meu alicerce, por fazer as refeições, o café e a leitura de provas de todos os meus livros. Obrigada a todos os meus amigos que caminham comigo, confidenciam-se comigo e dividem o vinho comigo. E obrigada à minha assistente, Kathleen Adey, que me mantém na linha e com tudo em ordem. À minha editora, Rose Hilliard, e à minha agente, Kim Lionetti, que têm de aguentar esta escritora maluca.

Sumário

Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Agradecimentos
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Capítulo Quarenta e Três
Capítulo Quarenta e Quatro
Capítulo Quarenta e Cinco
Capítulo Quarenta e Seis
Capítulo Quarenta e Sete
Capítulo Quarenta e Oito
Capítulo Quarenta e Nove
Capítulo Cinquenta
Capítulo Cinquenta e Um

Capítulo Um

O barulho da porta rangendo ao se abrir preencheu o espaço minúsculo. Antes que Della Tsang ouvisse passos, o cheiro invadiu seu nariz. Outro vampiro. Mas não qualquer vampiro...

Ele.

Chase Tallman. O cara com quem ela lamentava ter uma ligação. Que tinha lhe doado seu sangue para garantir que sobrevivesse a uma rara segunda transformação, e que fizera dela uma Renascida — uma vampira muito mais forte e capaz de ver fantasmas. Não que tivesse pedido por isso ou desejado... principalmente a parte de ver fantasmas.

Os passos dele o levaram até o pequeno cômodo do tamanho de um armário. A porta rangeu de novo ao se fechar. O coração de Della martelava contra o peito.

Ela tinha ido até o inferno à procura dele. Tinha até viajado à França para encontrá-lo e voltara de mãos vazias.

E agora ele simplesmente aparecia.

Ali.

No banheiro feminino da lanchonete Whataburger.

A porta do cubículo ao lado dela se abriu e se fechou. Com certeza ele não iria... Ele não se atreveria a... Ouviu o barulho de alguém pisando sobre a tampa do vaso sanitário.

Ele se atreveu.

Ela olhou para cima. Ele olhou para ela por sobre a parede do cubículo. O cabelo castanho-escuro parecia um pouco mais comprido. Os olhos verdes brilhantes faiscavam de bom humor.

— Mas olha que surpresa encontrar você aqui! — Ele sorriu, sem dúvida ao ver a posição dela — joelhos dobrados, travados no ar, o traseiro suspenso a cinco centímetros do vaso sanitário, o jeans no meio das coxas. Graças a Deus a blusa azul-clara era longa o suficiente para cobrir suas partes íntimas.

Ela puxou o jeans com tudo e fechou o zíper. Sem nunca tirar os olhos de Chase, mas desejando que as mãos estivessem ao seu alcance. Os dedos cravados em torno do seu pescoço. Ele não estaria com aquele sorrisinho idiota na cara agora.

— Não vai nem usar papel higiênico? — ele caçoou.

Ele achava aquilo engraçado? Sério? O cara estava pedindo pra morrer? Será que não tinha a menor ideia de quanto a falsidade dele a magoara?

Se ela não precisasse tanto de informações, já teria acabado com a raça desse vampiro. E de um jeito bem lento e doloroso.

Mas ela precisava descobrir algumas coisas, precisava encontrar o tio dela, o homem que tinha matado a tia e estava deixando que o pai dela fosse acusado do assassinato. E Chase tinha essa informação. Desde o início, e mentira a respeito.

Pouco tempo antes, ela tinha descoberto a verdade. O homem que Chase chamava de Eddie, que o adotara quando ele tinha 14 anos e o ajudara em sua primeira transformação, ligando-se a ele na segunda, era tio de Della.

Quem mandou você?, ela tinha perguntado a Chase mais de mil vezes. E mais de mil vezes ele tinha mentido.

Por mais que odiasse admitir, ela entendia a lealdade de Chase por esse homem. Eddie não só era como um pai para ele, mas Della sabia melhor do que ninguém como um vínculo de sangue entre vampiros podia mexer com a cabeça e as emoções de uma pessoa. Mas a lealdade de Chase pelo seu tio significava que ele tinha sido desleal com ela. Ele tinha feito essa escolha. E ela não se perdoaria se deixasse o próprio pai ir para a prisão pelos pecados do tio.

Disparando para fora do cubículo ao mesmo tempo que Chase, ela encurralou num canto aquele vampiro cínico de um metro e oitenta de altura. Seu sangue corria com fúria nas veias.

Ele estendeu as palmas das mãos para cima, os ombros tensos, mas os olhos sem demonstrar um pingo de medo. Muito pelo contrário, as duas pupilas verde-claras ainda tinham um ar de provocação. Ah, como ela queria dar uma lição naquele palhaço! Della se inclinou para a frente, quase encostando o nariz no dele, para que soubesse que ela não se sentia nem um pouquinho intimidada.

Uma estratégia da qual se arrependeu no mesmo instante. Aquela proximidade, o perfume masculino em torno dela, a atração, o jeito sedutor... tudo aquilo pelo que ela culpava a ligação entre eles, tiravam sua sanidade. Ela lutou contra tudo isso. Não queria!

— O que está te deixando com esse arzinho tão feliz? — ela grunhiu.

— Você! — ele ousou dizer. — Estar perto de você me deixa feliz.

Ela encostou a palma da mão no peito dele, pronta para lhe dar um bom empurrão contra a parede.

— Espere! — ele pediu.

— Por que eu deveria? — ela sibilou.

Os lábios dele se abriram num sorriso ainda maior. Ele apontou para a parede atrás de si.

— A placa diz que você precisa lavar as mãos primeiro.

Aquela foi a gota-d'água. Os caninos dela se projetaram. Os olhos arderam, um sinal claro de que suas íris castanhas, herança do pai oriental, já estavam faiscando de fúria.

— Eu não sou funcionária da lanchonete. — Ela o fulminou com os olhos. A deslealdade dele era uma farpa em seu coração. — Onde está Feng, meu tio?

O ar brincalhão desapareceu do rosto dele e ela foi capaz de jurar que uma sombra de culpa obscureceu os olhos verdes.

— Eu ia te contar.

— Claro que ia.

— Eu não ia... — Ele parou de falar, como se as palavras não parecessem adequadas. Levou cerca de dois segundos para ela perceber o que ele estava a ponto de falar.

— Não ia o quê? Mentir pra mim? Tudo o que você fez até agora foi mentir pra mim.

— Della? — Ela mal registrou seu nome sendo chamado da porta. O fato de estar com as presas projetadas e os olhos incandescentes nem chegou a preocupá-la. Ou melhor, quando ela reparou nisso, já era tarde demais. A porta do banheiro se abriu com tudo.

Chase, numa manobra rápida, trocou de lugar com ela e usou seu braço para esconder o rosto de Della do olhar de Lilly. No entanto, a maneira como ele se inclinou mais para perto, a mão na parede, os lábios a centímetros dos dela, deu a impressão de que estavam trocando beijos — e muita saliva — no banheiro. Ah, sim, como se isso fosse algo que ela de fato fizesse. Todo mundo sabia quantos germes podia se encontrar em banheiros públicos.

— O que...? Della? — deixou escapar Lilly, sua ex-amiga humana, como se estivesse chocada. A garota ficou na ponta dos pés para ver sobre o ombro de Chase.

— É... você?

Della olhou para o lado e escondeu os olhos faiscantes e os caninos projetados.

— Sim.

— Ah, meu Deus! — disse Lilly. — E quem é... você?

Sem dúvida, a pergunta agora era dirigida a Chase. Della não olhou para ver a expressão dele, mas sabia que o vampiro já deveria ter jogado sobre a garota todo o seu charme: um sorriso irresistível e olhos inocentes de um bom menino.

— Um amigo. — A voz dele ainda estava cheia de provocação.

— Estou vendo, um amigo e tanto! — disse Lilly em tom brincalhão. — Você é o famoso Steve?

Os ombros de Chase ficaram tensos. Seu olhar saltou para a Della, o humor em seus olhos desaparecendo e se transformando em mágoa, talvez até mesmo ciúme.

Não que ele tivesse direito de sentir isso.

Della forçou suas presas para dentro e tentou acalmar a vampira dentro dela.

— Não, é só alguém que eu conheço de Shadow Falls.

Sentindo-se mais sob controle, ela cutucou Chase para que ele se afastasse, dando a ela um espaço de alguns centímetros, mas não mais do que isso. Não havia espaço suficiente para ele se afastar mais. Ela se concentrou em Lilly e fez um gesto para Chase.

— Precisamos conversar. Você pode nos dar...

— Não — disse Chase. — Eu só vim dizer oi. Passo na sua cabana mais tarde.

— Não! — Ela lhe lançou um olhar frio. Ele não ia fugir. Della agarrou o braço dele, os dedos se fechando em torno do bíceps. — Prefiro conversar agora. — Ela estampou um sorriso no rosto por causa de Lilly.

— Não seja boba. Hoje é dia do seu clube da Luluzinha. — Ele se soltou com delicadeza dos dedos dela, sem ter de fazer o menor esforço.

Então, antes que percebesse a intenção dele, Chase plantou um beijo rápido em seus lábios. A língua deslizando pelo lábio inferior, enfraquecendo seus joelhos. Aquele gostinho... Aquele beijo rápido tirou o fôlego dela. Fez seu corpo arrepiar. Seu coração ansiar. E ela odiou sua própria fraqueza.

Della respirou fundo, lutando contra a ligação entre eles e, ao mesmo tempo, resistindo ao desejo de despejar toda a sua fúria em cima dele outra vez. Mas antes que pudesse prever o seu próximo movimento, Chase já tinha cruzado a porta e desaparecido.

Lilly, em quem Della não pensava fazia mais de um ano, encostou-se na parede, chocada diante da saída superveloz de Chase.

— Uau, ele é rápido! — Então ela riu e balançou o dedo para Della. — Ora, ora, senhorita Tsang. Quer dizer então que está de segredinhos!

Você nem imagina!, Della quis gritar. O primeiro segredo era mesmo de arrasar. Della não era mais humana. Daí a razão de morar em Shadow Falls, um internato para seres sobrenaturais. Se não fossem os problemas em casa, ela ainda estaria na escola — com os amigos que a compreendiam e não a julgavam por entornar um copo de sangue de vez em quando.

Ela nem sequer entendia por que Lilly tinha aparecido aquela noite. Se sua mãe não tivesse ouvido o convite da garota e insistido para Della ir, ela não estaria naquela festa regada a cerveja. Mas como a família dela não conhecia seus segredos, era meio difícil explicar por que não podia manter as antigas amizades.

— Não, não tenho segredo nenhum — Della mentiu. — Não é o que pareceu. Ele é só... um cara.

— Ele não parecia só um cara.

— As aparências enganam. — Della foi andando em direção à porta. Atravessou o corredor e respirou fundo para ver se ainda conseguia sentir o cheiro de Chase. Soltou um profundo suspiro. Apenas o cheiro de hambúrgueres e batata frita impregnava o ar.

Ainda assim, percorreu o lugar com os olhos, na esperança de ainda vê-lo por perto. Nada.

Chase tinha ido embora. Por que diabos ela o deixara escapar? A resposta esbarrou em suas costas. Literalmente. Lilly. Se Della tivesse usado sua força para detê-lo, a amiga de outros tempos teria se assustado. E depois poderia ter contado aos pais de Della. E com toda aquela confusão acontecendo por causa do pai sendo acusado de assassinato, a última coisa que ela queria era dar a eles mais um motivo para não dormirem à noite.

Ela se virou para Lilly, mas ouviu alguém chamando seu nome.

— Della Tsang?

Della se virou e viu a senhora Chi se aproximando. Ela era uma vizinha idosa que tinha de uma pequena joalheria junto com o marido, a apenas algumas quadras da casa de Della.

— Eu não vejo você há uma eternidade, mocinha!

— Olá! — cumprimentou Della, notando o olhar da vizinha sobre Lilly. — Esta é minha amiga Lilly Shay.

— Como vai? — disse a senhora Chi. Lilly apenas acenou com a cabeça. Mal tinha olhado a mulher nos olhos e já estava tirando o celular do bolso. Será que a mãe dela não tinha lhe ensinado boas maneiras?

— Como vai Chester? — perguntou Della. Antes de passar a morar em Shadow Falls, ela cuidava do gato dos vizinhos quando saíam de férias.

— O mesmo de sempre. Me trouxe um rato morto ontem. Chamei a dedetizadora e disseram que não encontraram nenhum rato na minha casa ou na loja. Onde é que esse gato vai pegar ratos?

— Ele dá suas voltinhas por aí — disse Della, lembrando-se de que tinha visto o gato bisbilhotando o barracão de ferramentas do pai alguns dias antes, quando ela tinha ido, tarde da noite, até um bar de sobrenaturais em busca de sangue.

A senhora Chi deu um tapinha no braço de Della.

— Vou comprar um hambúrguer para Bojing. Ele está na loja... fechando o caixa. — Ela olhou para Lilly. — Muito boa noite. E tenham cuidado. É perigoso duas meninas andando sozinhas por aí. O bairro não é tão seguro quanto costumava ser.

— Pode deixar. — Della observou enquanto a anciã seguia em direção ao balcão da lanchonete. Então estampou no rosto o que esperava ser uma expressão amigável, mas encarou a amiga loira ainda irritada com o seu jeito rude.

— Você já acabou seu hambúrguer?

— Já.

— Então talvez possa me deixar em casa. — Ela não sabia se Chase tinha falado sério sobre conversarem mais tarde ou se poderia acrescentar aquilo à sua lista de mentiras.

Devia ser mentira, mas ela precisava estar lá, apenas para o caso de ele aparecer. Não iria deixá-lo escapar desta vez.

— Estamos indo à casa de Susie assistir a um filme.

— Tudo bem. Lamento, mas hoje não vai dar pra mim. Estou naqueles dias. — Ela apertou a parte inferior da barriga. Claro que era outra mentira. Tio Chico já tinha feito sua visitinha aquele mês e ido embora. Mas a Mãe Natureza costumava atormentar as mulheres com a sua provação mensal, e Della descobriu que as garotas malvadas tinham o direito de usá-la como desculpa quando necessário.

Lilly fez uma careta.

— Mas a sua mãe já me... — Ela fechou a boca e até repuxou os lábios como se quisesse engolir as palavras de volta.

— Minha mãe já... o quê? — perguntou Della, sentindo que Lilly tinha os seus próprios segredos.

A menina revirou os olhos verdes e Della lembrou que nunca se importara muito com o que Lilly dizia. Mesmo antes de Shadow Falls, ela e Lilly já tinham se afastado.

— Desembucha! — exigiu Della.

— Sua mãe me pagou para sair com você.

Della ficou ali, mortificada e furiosa ao descobrir que a mãe tinha pagado alguém para ser amiga dela. Della *tinha* amigos. Tinha as duas melhores amigas do mundo em Shadow Falls.

No momento, não havia nada que quisesse mais do que ir para casa, fazer as malas e voltar para o lugar a que pertencia. Onde não se sentia um monstro.

— Não que eu não quisesse ver você nem nada. Mas não ia recusar vinte pratas.

— Me leva pra casa? — Deixando o cheiro de gordura e carne para trás, Della disparou para fora do restaurante, lutando contra a tentação de voar sozinha para casa. Quando o ar frio do Texas bateu em seu rosto, ela respirou fundo e engoliu as lágrimas que se acumulavam na garganta. Poderia estar dilacerada por dentro, mas nem morta deixaria Lilly saber disso.

Della não abriu mais a boca. Quando o carro parou em frente à sua casa, Lilly olhou para ela. Della precisava reconhecer que a garota parecia arrependida.

— Preciso devolver o dinheiro da sua mãe?

— Não. Fique com ele. — Della saltou do carro e parou diante da porta da frente para escutar. A irmã ia passar a noite na casa de uma amiga. Se tivesse sorte, conseguiria se esgueirar até o andar de cima e evitar um confronto. Ela não ouviu a televisão ligada. Bem devagar, girou a maçaneta e disparou para dentro.

A sala de estar estava vazia, graças a Deus. Chegou à escada e colocou o pé no primeiro degrau quando ouviu os acordes de uma música vindo do escritório do pai. Della se lembrou de quando ficava naquele escritório com ele, jogando xadrez, rindo e

arranjando soluções para os problemas do mundo. Ou, pelo menos, para os problemas dela. Para o que quer que estivesse acontecendo em sua vida, seu pai tinha um conselho.

Agora, não havia mais conselhos. Ele mal notava a presença dela. Como fizera todas as noites durante as três semanas em que ela ficara em casa, ele já tinha se trancado no escritório. Perguntou-se se ele se escondia lá dentro para evitá-la. Pensando bem, com uma suspeita de assassinato pairando sobre a cabeça, ele devia estar se escondendo da vida. Aquela manhã ela o ouvira dizer à mãe que não sabia por quanto tempo conseguiria manter o emprego. As pessoas estavam sussurrando pelas suas costas.

Sinto muito, pai. O nó na sua garganta dobrou de tamanho. Era culpa dela. Culpa dela que o caso arquivado de assassinato de sua tia Bao Yu tinha sido reaberto. Culpa dela que o pai estivesse sendo acusado de assassinato, embora fosse inocente.

Sim, o sangue na faca usada para matar a tia era idêntico ao do pai. Apenas um gêmeo univitelino poderia ter o mesmo sangue. Pena que o tio Eddie, seu gêmeo idêntico, já tinha forjado a própria morte. Algo que a maioria dos adolescentes fazia quando virava vampiro. Viver com uma família humana, tentando esconder a sua nova natureza, era quase impossível. Della sabia disso muito bem.

Nesse instante algo lhe ocorreu. Se tivesse feito o mesmo, se ela tivesse forjado a própria morte, ido embora, nada disso teria acontecido. A família não estaria sofrendo agora.

Ela já tinha colocado o pé no segundo degrau quando a mãe enfiou a cabeça pelo vão da porta da cozinha.

— Por que voltou tão cedo?

Não responda. Não responda. Invente qualquer bobagem. Ela abriu a boca, à espera que alguma mentira se formasse, escapasse dos seus lábios, mas a mesma humilhação que sentira antes espicaçou-a outra vez e seu temperamento explosivo levou a melhor sobre ela.

— Acho que você não pagou o suficiente a Lilly. — Della disparou pelas escadas. Desta vez sem conseguir engolir as lágrimas.

Capítulo Dois

Della entrou no quarto e se jogou na cama, sentindo no peito uma grande bola de dor. Ouviu os passos da mãe e quis bater em si mesma, com força, por não manter a boca fechada. A mãe já tinha muito com que se preocupar. Mas, caramba! Ela não sabia quanto aquilo a deixara envergonhada?

— Della? — A mãe abriu a porta.

— Estou cansada, mãe. Quero dormir — disse com a cabeça enfiada no travesseiro, rezando para a voz não falhar.

O colchão curvou-se sob o peso da mãe.

— Ela... contou a você?

Della assentiu.

— Eu... estava tentando ajudar.

Ela sentiu a mão da mãe nas suas costas. Rolou na cama e se sentou de um salto, não querendo que a mãe notasse sua baixa temperatura corporal. Toda vez que a mãe a tocava, Della via preocupação em seus olhos.

— Eu não preciso de ajuda. — Della puxou os joelhos contra o peito e abraçou-os. — E com certeza não preciso que você pague ninguém para ser meu amigo. Eu tenho amigos, muitos, em Shadow Falls.

— Mas você não está naquela escola agora. Não é como se... Eu não fiz... Ela estava me ajudando a carregar as compras de supermercado e eu comentei que devia vir ver você. Eu não tinha troco, então coloquei uma nota de vinte nas mãos dela e disse que ela poderia nos fazer uma visita.

— Esqueça isso, está bem? — pediu Della.

— Talvez se voltasse a se matricular na sua antiga escola, reencontrasse seus velhos amigos, você fosse... mais feliz.

— Não. Eu sou feliz. Assim que as coisas... se ajeitarem aqui, vou voltar para Shadow Falls.

Lágrimas encheram os olhos da mãe.

— Querida, pode ser que demore um bom tempo para que as coisas... se ajeitem. E o julgamento ainda pode demorar meses.

— Ele não vai a julgamento. Eles vão perceber que tudo não passa de um erro e rejeitar as acusações. — Pelo menos de acordo com o que dissera Burnett, um dos proprietários de Shadow Falls e membro da Unidade de Pesquisa de Fallen (UPF), o equivalente sobrenatural do FBI, e o advogado meio bruxo que ele tinha enviado para ajudar na defesa de seu pai.

Lágrimas encheram os olhos da mãe.

— Eu quero acreditar nisso, Della, mas temos que ser realistas.

Realistas? Della viu a dor nos olhos da mãe. A constatação foi um chute no estômago. Não, um chute no coração!

— Ah, meu Deus! Você pensa que ele... — A emoção encheu sua garganta. — Você acha que ele fez aquilo! Acha que papai matou a irmã? Como pode acreditar nisso? Você o conhece melhor do que ninguém.

— Eu não acho... — A mãe dela engoliu em seco. — São simplesmente as provas...

— Eu não dou a mínima para as provas! Papai não fez aquilo.

— Eu acredito que não. — A mãe limpou as lágrimas dos olhos. — Mas, querida, ele não se lembra do que aconteceu. Estava desmaiado. Não consegue nem afirmar a própria inocência.

A temperatura do quarto no mesmo instante começou a cair. E rápido. Só uma coisa poderia deixar o quarto tão frio e com tamanha rapidez. Elas tinham companhia. E do tipo que não respirava mais...

Ele não estava desmaiado!

As palavras soaram na cabeça de Della, mas apenas para que ela as ouvisse. Seus olhos vagaram pelo quarto. Ali, na frente da janela, suspenso no ar, pairava o fantasma da tia. Ela usava o vestido cheio de sangue outra vez. E flutuava no ar como se uma brisa imperceptível a embalasse. Lágrimas escorriam pelas suas bochechas, mas ela parecia mais irritada do que triste. Era a primeira vez que Della a via desde que deixara Shadow Falls.

Deixe minha mãe falar, Della disse mentalmente.

Era a primeira vez que a mãe dizia alguma coisa sobre o caso do pai. Ele nunca falava com Della sobre a acusação de assassinato, então isso era o mais perto que ela conseguiria chegar de ouvir o que o pai pensava a respeito.

— Me conte o que aconteceu, mãe. — Quanto mais Della soubesse, melhores seriam suas chances de ajudar, mas será que a mãe contaria a ela?

A mãe esfregou as mãos nos braços, tentando afugentar o frio.

— Eu não deveria ter dito nada.

— Não! — contestou Della. — Eu mereço saber.

— Querida, seu pai...

— Eu faço parte desta família. Isso está afetando a todos nós. Não podemos continuar guardando segredos.

Uma lágrima caiu dos olhos da mãe.

— Isso é tudo, eu não sei mais nada. — O frio fazia com que vapor saísse de seus lábios. Della esperava que a mãe não visse. — A única coisa que ele me disse foi que acordou com os paramédicos prestando socorro. A irmã dele já estava... morta. Disse que havia sangue por todo lado. Daquele dia em diante ele nunca mais parou de ter pesadelos com aquela cena. Ficou com muito medo que os pais o mandassem a um psiquiatra e o internassem no St. Mary.

— O sanatório? — perguntou Della.

A mãe assentiu.

— Sharron! — o pai chamou.

O olhar da mãe se encheu de culpa. Ela enxugou as lágrimas.

— Já vou, querido! Estou aqui.

Passos soaram na escada. Ele parou no umbral da porta. Seu olhar pousou sobre Della e, como sempre fazia quando a via, ele recuou um pouco. Talvez não fisicamente, mas por dentro. Piscou e suas pupilas dilataram. O que havia nela que lhe causava tanta dor?

— Ah, você está em casa... — A decepção irradiava da voz dele. Os olhos se desviaram para a mãe. — Pensei que ela tivesse saído. — Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu voltei. Você estava no seu escritório, então não quis incomodar. — Della esperava que isso soasse normal, mas era difícil na presença de um fantasma com sangue pingando do vestido e um olhar assassino fitando o pai dela.

— Por que está tão frio aqui em cima? — ele perguntou. — Você mexeu no termostato?

— Não, senhor — disse Della.

Ele saiu do quarto. Della ficou sentada ali, sentindo o coração doer e o ambiente gelado à sua volta. Voltando a olhar para o fantasma, Della rezou para que não começasse a nevar. O fantasma já tinha feito aquilo uma vez.

A mãe ficou observando o pai se afastar. Fitou a porta vazia por um segundo antes de se virar para Della outra vez. Alívio e mais culpa enchiam os olhos da mãe. Ela apertou a mão de Della, como uma desculpa silenciosa. Por sorte estava tão frio que as mãos geladas da mãe estavam quase na temperatura do corpo de Della.

Então ela soltou a mão de Della e se levantou. Estava quase na porta quando olhou para trás.

— Eu só quero que você seja feliz, querida.

Ao som dos passos da mãe descendo as escadas, Della olhou de volta para o fantasma furioso, que estava ali de pé, sacudindo a cabeça para ela.

Mentira. É tudo mentira. Ele se lembra. Ele se lembra de tudo!

— *Você* se lembra? — perguntou Della, sabendo quanto os fantasmas não eram confiáveis. Aparentemente a morte, a violenta em particular, mexia com a psique do espírito, tornando a recuperação da memória e a comunicação mais difíceis.

O suficiente para saber que ele está mentindo, ela disse.

— Você acha que ele a matou? — perguntou Della.

O espírito ficou ali parado, a dor e a decepção estampadas no rosto.

— E se não tiver sido o meu pai, mas o seu irmão Feng?

Ela inclinou a cabeça para o lado como se lembrasse.

Não, Feng já estava... Ele morreu. Num acidente de carro.

Talvez fosse a hora de dizer a verdade à tia.

— Não, ele é um vampiro como eu e sua filha, Natasha. Você me fez encontrar Natasha, lembra? E havia Chan, também. Chan forjou a própria morte para evitar que os pais descobrissem que ele tinha se tornado um vampiro. Assim como Feng.

Os olhos de Bao Yu ficaram vidrados. O olhar, vazio. Será que ela não tinha entendido?

— Conte pra mim. Me diga em detalhes o que aconteceu. — Della preparou-se para ouvir. Quando a tia não falou, Della acrescentou: — Ou me mostre. — Seu peito se apertou com a sugestão. Os fantasmas podiam fazê-la entrar em seus pensamentos e reviver as experiências deles. Um mês antes, o fantasma lhe dera um vislumbre rápido daquela noite. A visão de alguém de pé sobre a tia morta, com uma faca na mão. Alguém que se parecia com o pai dela.

Se ela conseguisse encontrar o tio, Burnett tentaria obter um julgamento sobrenatural para o pai dela. Talvez até mesmo evitar que fosse julgado. Mas eles precisavam de uma prova. Precisavam do tio dela.

— Estou falando sério — disse Della. — Mostre pra mim.

É muito feio.

Della apertou os punhos.

— Na visão que você me mostrou, Feng estava de pé sobre você com uma faca. Foi ele que matou você? Pense, Bao Yu. Pense.

Não. Feng, ele... ele não tinha a... Chao, ele... O espírito fechou os olhos, como se estivesse revivendo a visão. *Não foi Feng. Foi Chao.*

A aparição se dissipou no ar.

Sumiu.

Della murmurou palavras que a mãe a repreenderia por dizer. Então, com a audição de vampiro, ouviu os pais conversando aos sussurros no andar de baixo. Embora não fosse muito educado, ela pulou da cama e foi até o corredor para ver o que conseguia ouvir. Suas três semanas ali não tinham lhe rendido nada, nenhuma nova informação. Como iria ajudar a desvendar o mistério se os pais não confiavam nela?

— Por quê? — perguntava a mãe ao pai. A voz dela era um mero sussurro, mas seu tom era tenso, cheio de angústia. — Por que você a trata desse jeito?

A respiração de Della ficou suspensa.

— Assim como? — rebateu o pai com rispidez. — Só perguntei se tinha mexido no termostato.

— Não foi o que você perguntou, foi o modo como fez isso. Você não ouviu a resposta dela? "Não, senhor", como se você fosse um general. É como se tudo que você dissesse a ela fosse uma acusação. Ela é nossa filha! Você não a ama?

Della engoliu o nó de dor preso na garganta.

Ela esperou pela resposta do pai, com medo do que ouviria.

— Ela simplesmente não é...

— Não é o quê? — perguntou a mãe.

— Ela mudou. Não é a mesma pessoa.

Mudou? Della encostou-se à parede. Ah, droga, pode apostar que sim, ela de fato tinha mudado. Tinha se tornado uma vampira, mas ele não sabia disso. E de maneira nenhuma ela poderia contar.

— É claro que mudou. Já é uma moça.

— Não, é mais do que isso. E eu não fiz nada errado — o pai rebateu. — Já tem muita coisa acontecendo para que eu me preocupe com... isso. E não entendo por que ela está aqui. Isso só deixa as coisas mais difíceis. Mande-a de volta.

Della colocou a palma da mão sobre a boca. Lágrimas, mais quentes do que a pele dela, rolaram pelo dorso da sua mão.

— Ela está aqui porque te ama! — acusou a mãe. — Você não consegue ver isso?

Soaram passos e a porta do escritório bateu com estrondo.

Della deslizou pela parede do corredor, abraçou os joelhos e ficou sentada ali, dando total vazão às lágrimas. Ela tinha ido para casa porque Marla, sua irmã, havia pedido. Agora Della se perguntava: não seria melhor para todos se ela voltasse para Shadow Falls?

Quantas vezes ainda teria que lembrar? Não pertencia mais àquela família.

Della se levantou, voltou para o quarto e pegou o celular. Procurou o nome de alguém com quem sabia que podia contar. Alguém que estava se tornando mais um pai para ela do que o homem no andar de baixo.

Ela ligou para Burnett.

Capítulo Três

Chase Tallman estava parado do lado de fora da entrada da casa de Della, as mãos apertadas em punhos. A raiva queimando nos olhos. Alguém precisava dar uma lição naquele homem e Chase teria o maior prazer em se apresentar para a tarefa. Será que ele não via quanto estava ferindo a própria filha? O fato de não saber que Della estava ouvindo a conversa não era desculpa.

Chase podia sentir a tristeza de Della. Sentir o nó dentro do peito dela.

Os pais deveriam amá-la incondicionalmente. Os pais dele tinham feito isso. Ele nunca duvidara. Della merecia esse amor também, caramba!

Chase havia aterrissado no telhado da casa, perto da janela de Della. Ela não estava em seu quarto, mas então ele a viu do lado de fora, no corredor, os ombros caídos numa postura de derrota. Della Tsang não suportava a derrota. Atrás daquele ar durão havia vulnerabilidade, mas ela quase nunca entregava os pontos. O que tinha acontecido?

Ele saltou do telhado e ficou ao lado da porta, ouvindo as palavras impiedosas de Chao Tsang. Cada uma delas.

Talvez Feng Tsang, ou Eddie Falkner, como Chase chamava o homem que o criara depois da morte de seus pais, estivesse errado. Talvez Chao *de fato* tivesse matado a irmã. Pelo bem de Della, ele esperava que não, mas naquele momento Chase não tinha uma opinião muito boa sobre o pai dela.

Ele voou de volta para o telhado, querendo consolar Della. O gosto dela, aquele beijo rápido que ele tinha roubado, ainda permanecia em sua língua e ele ansiava por mais. Mas tudo o que queria agora era abraçá-la. Consolá-la.

Agora ela estava de costas para a janela, o celular no ouvido e obviamente distraída, ou teria percebido a presença dele ali.

Ele inclinou a cabeça para ouvir com quem ela estava falando. Com uma distância de alguns metros e uma vidraça separando-os, tudo o que ele podia dizer era que a voz era de um homem.

Sua memória voltou para Lilly confundindo-o com Steve. Aquilo tinha doído. Será que Della havia ligado para Steve em busca de consolo?

— Eu preciso voltar para Shadow Falls. Você pode ligar para o meu pai e dizer que estou com notas muito ruins?

Então era Burnett ao telefone.

Ela fez uma pausa, depois voltou a falar.

— Eu não me importo. Invente alguma coisa. Ele vai concordar. — Os ombros dela ficaram mais tensos. — Não, ele vai. Ele não me quer aqui. — Ela prendeu a respiração. A tristeza transpareceu em sua voz. — Amanhã está ótimo.

Chase soltou o ar com frustração e fúria. Fúria contra o pai dela por ser um filho da mãe e frustração porque... Chase não a queria de volta em Shadow Falls.

Por causa da desconfiança com que Burnett olhava para ele, se Della voltasse, seria quase impossível vê-la. Aquelas últimas três semanas longe dela já tinham sido um inferno. Naquele momento, então, a necessidade que sentia de ficar perto dela obrigou-o a aceitar o que tinha que fazer.

Aquilo mudaria tudo, mas era o mais recomendável. E ele já teria feito, se Burnett não tivesse estragado tudo.

Chase pensou em abrir a vidraça e contar a ela sobre os planos dele, mas se lembrou da raiva que ela estava sentindo. Della iria tentar impedi-lo. Ele não podia deixar que isso acontecesse.

Sabendo que Della acabaria por ouvi-lo ou sentir o seu cheiro a qualquer momento, ele desenhou um coração com o dedo na janela embaçada e foi embora.

Tinha se afastado menos de um quilômetro quando sentiu o odor de lobisomens... e sangue. Mergulhou no mesmo instante, o cheiro ainda mais forte. Felizmente, o sangue era animal. Ele voltou a ganhar altitude e foi cuidar dos seus assuntos particulares.

— O que aconteceu? — perguntou Burnett.

Della segurou o celular com mais força.

— Nada.

— Della?

Tudo bem, era mentira. Mas talvez não. Às vezes, "nada" só significava que doía muito dizer aquilo em voz alta. Ela ouviu um estalo do lado de fora e se virou.

— Só um minuto! — Disparou até a janela e ergueu o nariz. O cheiro de Chase era perceptível. Então viu o coração desenhado na vidraça.

— Droga! — murmurou.

— O que foi? — perguntou Burnett.

Ela não sabia por quê, mas não estava pronta para contar a Burnett sobre Chase. Constrangimento, com certeza, por ela ter deixado que ele fugisse. Não que ela quisesse proteger Chase.

Ela não devia nada a ele.

Mais tarde contaria a Burnett. Com sorte, depois que conseguisse arrancar alguma informação de Chase e descobrir o paradeiro do tio.

— Pensei ter ouvido alguém. — Ela se debruçou no parapeito da janela e perscrutou o céu.

— E então? — perguntou Burnett.

— Não há ninguém aqui.

— Quando foi a última vez que você se alimentou? — Burnett perguntou, com certeza achando que ela não estava em sua melhor forma. E ele talvez estivesse certo. Ela tinha deixado Chase fugir. Não uma, mas duas vezes.

— Quando? — ele repetiu.

Ela sabia que ele não iria contar as duas mordidas no hambúrguer e as três batatas fritas que ela tinha comido no restaurante. Não, ele se referia a sangue.

— Terça-feira. — Ela tinha ido ao bar atrás de sangue.

— Você pode sair de casa à noite? Vou encontrá-la no parque ao lado da sua casa e levo um pouco de sangue.

Ela odiava que ele sentisse que devia cuidar dela.

— Eu posso esperar até voltar para Shadow Falls.

— Não, não é saudável!

— Talvez eu vá até o bar. — Ela não iria, mas Burnett não precisava saber disso.

— Não, não vá ao bar esta noite. É quase lua cheia. Os lobisomens estarão por aí e o bar sobrenatural é o primeiro lugar em que vão. Encontro você no parque ao lado da sua casa.

O estômago de Della roncou quando ela pensou no sangue, provando que Burnet estava certo. Ela precisava se alimentar. Mas algo sobre voltar a morar na sua casa tinha feito com que ignorasse a fome, como se ficar sem sangue fosse ajudá-la de alguma forma a se entrosar mais com a família. Torná-la mais humana. Droga! Ela era patética!

Seu olhar recaiu sobre o coração desenhado na vidraça e ela se lembrou da outra razão por que não podia sair. E se Chase aparecesse de novo?

— Eu acho mesmo que posso esperar. Por que não...

— Della. — O tom de voz dele era sério. Um tom que lhe dizia que qualquer argumento seria inútil.

— Tudo bem. Mas vai ter que ser mais tarde, quando os meus pais forem para a cama.

Talvez até lá Chase já tivesse voltado, ou ela o teria encontrado.

— Eu envio uma mensagem com os detalhes lá pela meia-noite. — Ele desligou.

Della recolocou o celular no bolso de trás da calça e contemplou a noite, sentindo-se solitária.

A lua, quase cheia, pairava no céu escuro. Seus instintos lhe diziam para dar mais crédito à cautela de Burnett. Os lobisomens estavam ganhando força com o brilho lunar

agora.

Embora ela já não odiasse a espécie como um todo, sua condição de vampira nunca a deixaria confiar em vira-latas perambulando pela noite. Poderia topar com um delinquente.

Mas não era um lobisomem que a preocupava agora ou que a fazia sentir um vazio no peito. Não, os responsáveis por isso eram seu pai e um vampiro mentiroso e conivente.

Onde está você, Chase? Que tipo de joguinho está fazendo agora?

Por que ele vinha e depois desaparecia? Por que parecia tão feliz ao vê-la? Ele sabia que seu tio havia matado a tia dela? Será que sabia que ela, Burnett e a UPF estavam à procura do homem? O mesmo homem que tinha ajudado Chase a sobreviver como um Renascido. Será que Chase o estava protegendo?

Ele tinha que estar, não é? Por que outro motivo teria desaparecido de repente depois que ela lhe mandara uma mensagem com a foto dele com o tio?

Ela pressionou a testa contra o vidro frio, lembrando-se do beijo breve, e lutou contra as emoções contraditórias que surgiam sempre que ela se permitia pensar em Chase. Sentimentos que ela gastava muita energia negando, mas que, em breves momentos como aquele, não conseguia refutar.

A maldita ligação sanguínea a deixava emocionalmente presa a ele. Não que isso mudasse alguma coisa.

Será que Chase não era esperto o suficiente para perceber que, por mais que sentisse alguma coisa por ele, se tivesse que escolher entre o pai e ele, o pai levaria a melhor? Seria quase como arrancar seu coração. Mas quem precisava de um coração? A droga do órgão só estava lhe causando problemas!

Chase entrou numa casa daqueles bairros de classe média do subúrbio de Houston. Eddie a alugara pouco tempo antes, usando o nome Jacob Mackey. Ele tinha ficado um mês afastado do seu cargo de cientista pesquisador — um trabalho que o Conselho dos Vampiros tinha lhe propiciado. O cargo tinha salvado não só a sua própria pele, mas a de Chase e Della, e daqueles cerca de vinte outros vampiros que tinham passado pela fase de renascimento nos últimos cinco anos. Eddie era o médico e cientista que descobrira o tratamento da transfusão, além de muitos outros procedimentos que tinham ajudado a salvar sua espécie e outras.

Eddie não se dedicava só à tarefa de garantir melhores tratamentos de saúde para a espécie dos vampiros, mas tinha sido o pai substituto de Chase desde a queda do avião. Depois, quando Chase passou pelo processo de renascimento, ele tinha se ligado a ele de bom grado. Chase lhe devia isso. E, mais importante, ele o amava. Não que trocassem palavras de carinho, mas atitudes falavam mais alto do que palavras.

Razão pela qual aquilo tudo seria tão difícil.

Chase foi até a sala de estar, onde Eddie estava sentado em sua velha poltrona reclinável marrom — a única mobília que levava com ele sempre que se mudava. Na mesa lateral estava a foto emoldurada que também sempre carregava com ele. Kirsha. A parceira de sangue de Eddie, que tinha morrido um ano depois que estavam juntos.

Baxter veio correndo e cutucou a perna de Chase com o focinho.

Eddie lia o jornal e, só quando Chase desabou no sofá, ele olhou para o filho adotivo.

Observou Chase com atenção. Eddie o conhecia tão bem que era inútil tentar esconder alguma coisa. Não que o pai já não tivesse guardado segredos dele. Até que Della tivesse lhe contado sobre Bao Yu, não sabia nada sobre o assassinato.

— Por que está com os olhos tão brilhantes, filho?

— Chao Tsang, seu irmão gêmeo. Talvez você esteja errado. Talvez ele tenha matado sua irmã.

Eddie sentou-se, endireitando a poltrona reclinável com um baque seco. Sua expressão era séria.

— Isso é ridículo. Já contei a você o que aconteceu. Nós vamos encontrar Douglas Stone e obter a nossa prova.

— Você disse que não viu o assassino. E quanto mais eu conheço o seu irmão gêmeo mais...

— Pare! — disse Eddie. — Por que meu irmão faria isso?

— Por que ele iria tratar a filha com tamanho desrespeito? Você tem alguma ideia de quanto ele a está magoando?

Eddie respirou fundo e a emoção encheu seus olhos.

— Você lamenta por ela. Tem uma ligação de sangue com a garota, então é compreensível, mas não o acuse desse jeito. Chao já está enfrentando acusações demais.

— Assim como você — rebateu Chase. — A UPF está na sua cola por causa disso! Está tudo uma loucura. Vá embora. Não me diga para onde está indo, não me ligue. Me deixe fazer o que eu tenho que fazer. Quando Douglas Stone for encontrado e a UPF não estiver mais perseguindo você, eu procuro o Conselho dos Vampiros e eles podem avisá-lo.

Eddie balançou a cabeça, bem devagar.

— Não. Faça o que tem que fazer. Não se preocupe comigo.

Chase passou a mão sobre o rosto. Droga, aquilo era difícil!

— Precisamos da ajuda da UPF.

— O Conselho está cuidando de tudo — Eddie insistiu.

— Você mesmo me disse que o Conselho está procurando Douglas Stone há mais de 16 anos. Não conseguiram encontrá-lo. O que faz você pensar que vão encontrá-lo agora?

— Eles percebem a urgência agora, que a coisa toda tomou grandes proporções.

Chase olhou para o teto tentando encontrar uma maneira fácil de dizer, mas não havia. Ele olhou para Eddie.

— Estou renunciando à minha posição no Conselho.

Para sua surpresa, Eddie não pareceu sobressaltado.

— Para trabalhar para eles? A UPF?

Chase assentiu.

— O vínculo que você tem com ela é tão forte assim? — perguntou Eddie, com uma leve pontada de dor na voz. O que Eddie estava perguntando na verdade era se o vínculo que Chase tinha com Della era mais forte que o vínculo que havia entre eles. Não era. Ele tinha uma dívida de gratidão com Eddie, por vários motivos, mas o que sentia por Della era diferente. — E para ela não é tão forte? — Eddie continuou. — Por que ela não se une a você no Conselho?

— Ela é teimosa, assim como você. — Eddie olhou para a foto de Kirsha. Chase sabia que Eddie não podia contestar. Sabia quanto era forte uma ligação sanguínea. Droga, o homem nunca tinha voltado a se casar! E já tinham se passado dez anos. Ele poderia ter encontrado outras mulheres, mas Chase se lembrava do pai adotivo dizendo que seu coração sempre pertenceria a uma única mulher.

— Você já tentou convencê-la? — perguntou Eddie.

Chase percebeu que precisava falar com toda a franqueza.

— Não é apenas o vínculo. — Ele engoliu em seco. — Eu vejo o bem que a UPF está fazendo.

— E você não vê o bem que o Conselho tem feito?

— Claro que sim, mas o Conselho sempre adotou a política "nós contra eles". Todos os seres sobrenaturais precisam se unir. A UPF está trabalhando para isso. É uma boa meta.

— O fato de acharmos que cuidar da nossa própria espécie é mais importante faz com que sejamos vistos como inimigos?

— Não. Não como inimigos. O Conselho precisa existir. Mas, para governar, precisamos nos unir. Não só aos outros sobrenaturais, mas ao governo federal e à polícia humana.

— Se a UPF conseguir o que quer, o Conselho deixará de existir.

Chase tinha a sensação de que a completa desconfiança de Eddie em relação à UPF era mais do que apenas uma postura política. Mas isso era algo de que Eddie nunca falava.

— Então alguém precisa mostrar à UPF que isso está errado. Eu poderia ser essa pessoa. — Ele apertou os punhos. — Olha, eu não estou dizendo que os procedimentos deles são irrepreensíveis, mas concordo com muitas das políticas que adotam. Unidos podemos fazer mais. Ter mais recursos. Fontes que poderiam nos ajudar a encontrar Stone.

Eddie se voltou para a janela, fitando a noite. A culpa tomou conta de Chase. Tinha sido criado como filho de Eddie durante todos aqueles anos, e Eddie esperava que ele seguisse seus conselhos.

— Eu sei que você não respeita a minha decisão — disse Chase.

— Se me perguntar se eu concordo com a sua decisão, vou dizer que não. — Eddie se virou. — Mas eu o respeito o suficiente para não tentar detê-lo. Você é dono do seu próprio nariz, Chase Tallman. — Um sorriso triste apareceu em seus olhos. — Você é muito parecido com o seu pai. Ele e eu nunca concordamos na política também.

— Então me respeita o suficiente para fazer mais uma coisa por mim — arriscou Chase. — Vá para outro lugar. Para algum lugar em que a UPF não possa encontrá-lo. Para algum lugar que eu não saiba onde é. Assim, quando me perguntarem onde você está, eu não terei que mentir. Porque, se eles não encontrarem Stone, vão atrás de você para que diga a eles.

— Ou vão condenar meu irmão. — Eddie suspirou. Olhou outra vez para a escuridão do lado de fora. Vários segundos se passaram antes que voltasse a fitar Chase. — Se não encontrarem Stone, eu me entrego.

Chase deu um pulo do sofá.

— O quê?! — Ele sacudiu a cabeça. — Não! Vão prender você.

— Ou vão prender meu irmão. Ele não tem culpa nenhuma. Eu já não posso dizer o mesmo.

Capítulo Quatro

— Você não fez aquilo. — Os olhos de Chase queimavam de frustração.

— Não, eu não matei Bao Yu. Teria trocado de lugar com ela um milhão de vezes. Mas me juntei à gangue dos Abutres, Chase.

Depois que Chase descobriu que a tia de Della tinha sido morta, Eddie contou a Chase toda a história.

— Você era jovem e estava assustado.

— Mas o erro foi meu. Eu assumo. Foi por minha causa que eles a mataram.

— Isso não faz de você culpado — insistiu Chase.

Eddie franziu a testa.

— De certa forma, faz, filho.

A calma de Eddie fez Chase cerrar a mandíbula.

— Como? Você optou por não matar ninguém, agora vai pagar o preço por terem matado alguém que você amava. — Ele andou do sofá até a mesa de centro uma vez. Depois duas. Em alguns momentos, Chase tinha desejado que também tivesse morrido com a família, mas Eddie o fizera ver que a vida valia a pena.

— Eu cometi um erro — disse Eddie. — Sou mais responsável pelo que aconteceu do que Chao. E antes de deixá-lo pagar por isso, eu vou pagar. — Os olhos escuros de Eddie encontraram os de Chase com um olhar firme. — Agora respeite a mim e a minha vontade como eu respeito a sua.

Eddie estava falando sério. A emoção apertou o peito de Chase.

— Vou encontrar Douglas Stone. Não vou deixar você ir para a prisão. — E Chase estava falando sério.

Eddie pôs a mão no ombro do filho adotivo.

— Eu não tenho nenhuma dúvida de que você vai fazer tudo que puder. — Deu no ombro de Chase um aperto sincero. — Enquanto isso cuide da minha sobrinha. Você a chama de teimosa, e está certo: os Tsang são cabeça-dura. Mas, filho, você também é teimoso. — Seu sorriso se alargou. — Vocês dois vão formar um bom par.

O conselho de Eddie vinha do coração. Chase devia muito àquele homem, e, certo ou errado, ele sentia como se estivesse virando as costas para ele.

Então lhe ocorreu que o que ele sentia por Eddie, Della sentia pelo pai. Se Chase gostava ou não daquele homem, mesmo que ele não fosse merecedor da afeição da filha, era inegável que Della estava ligada a ele pelo afeto.

— Você precisa conhecê-la — disse Chase. — Ficaria orgulhoso dela.

— Eu não tenho dúvida. Posso ver que você gosta mesmo dela. Será que ela sente o mesmo por você?

— Como eu disse, ela é teimosa.

Eddie sorriu.

— Mas você vai conquistá-la.

Chase colocou a mão sobre a de Eddie. Por que era tão difícil dizer adeus? Parte dele desejava ser exatamente quem Eddie queria que ele fosse, mas Chase não estava cego para os erros e acertos do Conselho.

Chase baixou a mão até Baxter e deu-lhe um bom afago na orelha.

— Leve Baxter para a casa de Kirk. Vou pegá-lo lá. — Não que Chase estivesse com muita vontade de encontrar Kirk. Kirk Curtis era o melhor amigo de Eddie e um membro do Conselho. Estava inclusive com Chase quando encontraram o avião depois da queda.

Eddie assentiu.

— Tem certeza de que James Burnett vai aceitar você depois do que aconteceu? Você já disse que ele é um sujeito difícil.

A mesma pergunta borbulhava no subconsciente de Chase.

— A carta me liberando do Conselho ajudaria.

— Kirk pode providenciar isso. Ele está em seu escritório agora. — Eddie fez uma pausa. — E se isso não funcionar, volte para o lugar a que você pertence.

— Vai funcionar. — Chase recusava-se a acreditar no contrário. — *Tem* que funcionar. — Ele sentiu um nó no estômago ao pensar na possibilidade de que seu pedido fosse negado. Mas até mesmo se tudo corresse às mil maravilhas e Burnett concordasse em aceitá-lo, não seria fácil. Pois de maneira alguma o vampiro o deixaria voltar sem lhe passar um belo sermão.

Se Burnett se excedia em alguma coisa, era em dar broncas. E se havia uma coisa que Chase não suportava era *levar* broncas. Nunca gostara de engolir sapos.

Mas isso teria que começar a mudar. Por Della, ele faria isso.

Despedindo-se com um aceno, Chase deixou a sala de estar. Baxter o seguiu, olhando para ele com a cauda balançando. Chase se ajoelhou.

— Eu volto para te levar comigo. Prometo.

O celular de Chase, enfiado no bolso de trás, apitou com a chegada de uma mensagem. Ele se levantou e puxou-o do bolso.

Seu coração deu um salto quando o nome de Della apareceu. Quando ele partira numa missão, para tentar achar o canalha que havia assassinado a irmã de Eddie, ela tinha tentado entrar em contato com ele. Tinha sido difícil não poder atender ao chamado dela. Tinha doído ainda mais quando ela parou de tentar entrar em contato com ele. Chase leu a mensagem.

Está pondo seu plano em prática agora?

— Apenas o plano de reconquistá-la — disse para si mesmo enquanto saía.

Della tinha dado o braço a torcer e mandado mais uma mensagem a Chase. Agora ela estava com os olhos fixos no telefone, esperando para ver se ele iria responder.

Quando não ouviu a chegada de nenhuma mensagem, andou pelo quarto por mais dez minutos.

Para lá.

E para cá.

Para lá.

E para cá.

Sentindo-se como uma fera enjaulada, notou o relógio na mesa de cabeceira. Não eram oito horas ainda. Seus pais ainda estavam no andar de baixo, e em geral só subiam para o quarto depois das onze.

Ela foi até a janela, abriu a vidraça até a metade e sentiu uma forte lufada do ar frio de novembro.

Chase ainda estaria por perto?

Um leve rastro do seu cheiro ainda pairava do lado de fora da janela, mas não era fresco. Olhando por cima do ombro, Della voltou a consultar o relógio e sentiu o estômago se contrair com a vontade de saltar para o céu escuro e sair no encalço do sanguessuga mentiroso.

Quem sabe bastassem apenas algumas voltas no quarteirão? Talvez ele estivesse por perto. Ela foi até o armário, despiu a blusa colorida e trocou por uma *baby look* preta. Então tirou da mala a peruca preta e o travesseiro extragrande e moldável que tinha trazido de Shadow Falls. Enfiou os dois travesseiros sob o cobertor para fazer parecer um corpo, em seguida ajeitou a peruca sob a parte superior da coberta, deixando de fora só algumas mechas do cabelo liso e preto, para parecer convincente.

Deu um passo para trás e avaliou sua imitação dela mesma. Parecia um pouco o corcunda de Notre Dame. Ela voltou e ajeitou melhor os travesseiros. Afofou-os mais um pouco, depois se afastou outra vez para avaliar o resultado da sua obra de arte.

Droga! Agora ela parecia uma garçonete boazuda do Hooters, com aqueles peitões. Tirou novamente as cobertas e deu um tapão no seu eu de travesseiros, para reduzir os peitos.

Depois foi até a porta para ter certeza de que o disfarce convenceria a mãe quando ela desse aquela passadinha habitual pelo seu quarto, para se certificar de que a filha estava dormindo. No mesmo instante imaginou a mãe descobrindo a falsa Della e ficando superchateada.

Piscando, Della desviou o olhar, mas seus olhos se detiveram no porta-retratos sobre a cômoda. A foto tinha sido tirada num baile, quando ela e o pai estavam prestes a dançar uma valsa. Ela tinha 8 anos. O pai estava ajoelhado, com o braço ao redor da sua cintura. Ela ainda se lembrava do quanto ele a fizera se sentir especial aquela noite.

Então se lembrou das palavras da mãe. *Ela é nossa filha! Você não a ama mais?*

Um nó apertou sua garganta. Della olhou para a janela. Tinha que encontrar Chase, não só encontrá-lo, mas fazê-lo entregar o tio dela à UPF. Levantando-se, pegou o celular e colocou-o no bolso de trás da calça; em seguida foi até a janela e abriu-a. Bem devagar, para não ser ouvida no andar de baixo, ela subiu no telhado. Depois se virou para fechar a janela e deu um salto no ar, mergulhando no céu noturno.

Duas vezes ela voou ao redor do bairro, na esperança de localizar o rastro de Chase. Não sentiu nada. Ou quase nada. Farejou alguns lobisomens. E cerca de trinta metros adiante, viu três jovens. Seriam eles? E se eram, estariam apenas dando uma volta pelo bairro ou procurando encrenca?

Quando voou mais baixo, o cheiro ficou mais forte e ela conseguiu dar uma boa olhada nos três. Não vestiam trajes de gangue, então era provável que não fossem delinquentes, apenas jovens, que por acaso eram lobisomens, divertindo-se num sábado à noite. Ela não podia condená-los por isso.

Quando Della estava prestes a voar mais alto, um dos lobisomens deve ter farejado o seu cheiro. Um deles e logo em seguida os outros dois olharam para cima. Ela viu os três rostos encarando-a e depois franzindo a testa com ar de desagrado. Sem querer arranjar problema, ela correu de volta para casa.

Della tinha acabado de fechar a janela quando seu celular tocou.

Chase?

Ela se apressou para pegar o celular no bolso do jeans.

— Alô? — respondeu antes mesmo de checar o número no visor.

— Della?

Demorou um segundo para ela reconhecer a voz de Natasha e só mais um para se sentir culpada por não ter procurado mais a prima, desde que a deixara em Shadow Falls. Por uma boa razão, é claro: não queria ter de explicar que seu próprio pai tinha sido acusado de matar a mãe da garota. Della e Natasha tinham ficado muito amigas depois que ela e Chase tinham salvado a vida da prima e a do namorado, Liam.

— Oi, Natasha!

— Adivinha quem Liam viu hoje cedo, quando foi visitar a mãe?

— Não faço ideia — disse Della.

— Chase! E ele perguntou a Liam se gostaríamos de morar na casa dele enquanto ele passa uma temporada fora. É claro que sabemos que ele está apenas sendo gentil e nos oferecendo um lugar para ficar. Você já viu a casa dele? Poderia alugá-la num piscar de olhos.

— Já vi, sim. — Della se lembrou do ambiente aconchegante, todo em couro e madeira. A cabana, isolada na floresta, era um convite para relaxar. E a prima estava certa. Chase poderia alugá-la com facilidade.

Della se lembrou do quanto Chase tinha ficado feliz quando encontraram Natasha e Liam.

Fazia menos de um mês, mas parecia ter se passado uma eternidade desde então. Ela na época estava a um triz de se entregar a Chase. Droga! Quase tinha dormido com o vampiro mentiroso!

Ela foi até a janela, onde o cheiro dele era mais perceptível.

— Liam e Chase conversaram um tempão — disse Natasha.

Chase teria contado a Liam sobre o caso de assassinato?

— Você ainda está hospedada na casa dos seus pais? — perguntou Natasha.

— Sim.

— Eu estava preocupada. Olha, sei que o seu pai foi acusado pelo assassinato da minha mãe.

— Chase contou a Liam? — perguntou Della.

— Não, Burnett explicou quando perguntei de você. Não posso nem imaginar quanto deve estar sendo difícil pra você.

Della respirou fundo.

— Ele não matou a sua mãe.

— Eu sei. Burnett contou sobre o nosso outro tio e que vocês dois acham que foi ele quem fez isso. Mas, depois, Chase disse a Liam...

— Eu não me importo com o que ele disse! Meu pai não é um assass...

— Chase não acha que ele seja!

Della ouviu as palavras, mas não as digeriu.

— Então por que ele está protegendo um assassino? Por que não entregou Feng?

— Ele disse que Feng, ou Eddie, como ele chama nosso tio, não a matou também. Mas eles sabem quem a matou. E estão procurando pelo sujeito e se desdobrando para fazer com que seu pai seja inocentado.

Della ficou ali parada um instante, tentando fazer seu cérebro absorver os novos fatos.

— Mas ele mentiu para mim o tempo todo. E depois sumiu quando descobri que ele conhecia o nosso tio.

— Não vou dizer que tenha agido certo — disse Natasha —, mas sei que ele gosta muito de você. E Liam disse que ele estava tentando fazer a coisa certa.

— A única maneira de fazer a coisa certa é entregar Feng para a UPF. Eles que decidam se ele está dizendo a verdade. — Della respirou fundo.

— Onde está Chase? — Ela prendeu a respiração, esperando. Cheia de esperança.

— Ninguém sabe. — Então, depois de um segundo, acrescentou: — Ah, e Burnett está tentando encontrar uma maneira de justificar por que ainda estou viva. Dizer que eu fui sequestrada e eles tinham identificado o corpo errado.

Della achou aquilo um absurdo. Ela estava pensando que todo mundo viveria melhor se ela tivesse forjado a própria morte, e ali estava sua prima tentando desfazer a dela. Quem estaria mais certa?

— Se alguém tem competência para fazer isso, é Burnett — disse Della

Ela só ouviu silêncio do outro lado da linha. Então Natasha falou.

— Eu sei que você ainda tem a sua família, e talvez eu vá ter a minha de volta, mas... neste momento, você é a única família que tenho. Eu queria muito ver você só pra conversar. Por favor.

— Tá, eu prometo aparecer em breve.

Chase estacionou em frente à entrada de Shadow Falls. Burnett com certeza já tinha ouvido o barulho do carro e sentido o cheiro dele. Será que ele já estava se preparando para soltar os cachorros em cima dele, naquele exato momento?

Passando a mão no rosto, Chase lembrou a si mesmo que não devia abrir a boca. Se Burnett permitisse que Chase voltasse para Shadow Falls, iria exigir respeito.

Chase não tinha nenhum problema em tratar alguém com respeito. Ele tinha um problema com Burnett. Não que Burnett não merecesse respeito. Chase não estaria ali se não merecesse. Mas Burnett não respeitava Chase. E embora não gostasse de admitir, a falta de respeito do agente não era gratuita. Mais de uma vez Chase havia mentido para o homem.

Você está certo de que esse Burnett James vai aceitá-lo depois do que aconteceu? A pergunta de Eddie trouxe os temores de Chase à tona.

Como Chase não tinha certeza absoluta de que Burnett de fato o aceitaria de volta, ele decidiu se garantir.

Antes de ir a Shadow Falls, tinha parado no escritório da UPF e entregado uma ficha preenchida se candidatando a agente. No mesmo envelope ele incluiu uma cópia de sua carta de demissão do Conselho e suas próprias necessidades pessoais: queria morar em Shadow Falls e ter Burnett como seu superior.

Seu objetivo era que a UPF pressionasse Burnett a concordar com a sua contratação. Afinal de contas, eles eram os chefes de Burnett.

E pelo que ele sabia, Burnett já tinha recebido um telefonema do escritório da UPF. Chase viu a luz do escritório principal de Burnett se acender.

Então Burnett estava esperando por ele. Respirando fundo, Chase seguiu em frente, para enfrentar o que quer que viesse pela frente.

Será que seria tão difícil assim? Ele já tinha enfrentado Eddie e Kirk. E apesar da conversa com Eddie ter sido emocionalmente difícil, Kirk, que era como um tio para Chase, tinha sido menos compreensivo. Não que isso fosse uma surpresa; por fazer parte do Conselho, Kirk via a atitude de Chase como uma traição. *Eu mesmo treinei você!* As palavras de Kirk ainda ecoavam dentro da cabeça e do coração de Chase.

Ele estava quase no portão de Shadow Falls quando ouviu a voz de Burnett lá de dentro do escritório.

— Vou mandar uma mensagem para ela daqui a pouco e avisar que você vai no meu lugar. Não se esqueça do sangue. E não mencione isso.

Por alguma razão Chase sabia que Burnett estava falando de Della. E "isso" tinha que ser algo a respeito dele próprio.

Através da escuridão Chase viu Lucas Parker abrir a porta e sair na varanda do escritório. Tinha nas mãos uma garrafa com sangue para Della. Se Chase soubesse que ela precisava de sangue, ele poderia ter providenciado.

Sentiu-se um idiota. É claro que ela precisaria de sangue! Tinha ido morar com os pais, fingindo ser humana. Desde que ele se transformara, nunca havia precisado conviver com seres humanos, e, portanto, não tinha pensando nisso. Foi um golpe no seu ego saber que ele tinha deixado Della na mão.

Mais uma vez.

Só mais uma coisa que ele tinha que corrigir por ela.

Os passos de Lucas se aproximaram e Chase olhou para ele. O lobisomem de cabelos escuros e olhos azuis o abordou com um sorriso. Embora Lucas fosse um lobisomem, Chase não tinha nenhum problema com o cara. Poderia até fazer amizade com Lucas. O lobisomem tinha ido contra a própria família e se aliado ao Conselho dos Lobisomens com a intenção de trabalhar para a UPF.

Lucas parou.

— Boa sorte. — Era como se ele soubesse muito bem o que Chase estava enfrentando. — Vai por mim, sempre diga "sim, senhor" e nem pense em bater boca.

Com os ombros tensos, Chase andou até o escritório. Entrou pela porta da frente. A única luz acesa era a do escritório dos fundos. O escritório de Burnett.

Tentando esconder seu desconforto, ele entrou. Burnett estava sentado atrás da escrivaninha. Seus olhos estavam amarelo-claros, um sinal de que o homem já estava irritado.

O vampiro mais velho tinha alguns centímetros de altura e cerca de dez quilos a mais que Chase. Não que ele estivesse com medo — pelo menos não de levar uma surra. O homem tinha outros meios de feri-lo.

Della respeitava Burnett. De certa forma, ele desempenhava o papel de pai para Della mais do que o próprio pai. Se Burnett estivesse determinado a manter Chase longe dela, tudo ficaria mais difícil. Não impossível, porque Chase não permitiria isso, mas mais difícil.

Burnett olhou para a cadeira em frente a ele com um convite no olhar, embora não muito amistoso. Chase puxou do bolso o envelope dobrado, contendo outra cópia da sua demissão e seus requisitos, e colocou-o sobre a mesa.

E se sentou. Em silêncio. O tempo avançava a passo de tartaruga. Seria algum tipo de teste? Decidido a ter outra chance, Chase pigarreou.

— Eu percebi que...

— Voltou, não é? — interrompeu Burnett.

Chase assentiu. Quando o homem não estendeu a mão para pegar o envelope, ele imaginou que Burnett já tinha falado com alguém da UPF e sabia o que havia ali dentro. E pela cara dele, não tinha gostado nem um pouco.

Mas será que Burnett estava com raiva porque Chase impusera a condição de trabalhar sob o comando dele e morar em Shadow Falls, ou estava simplesmente com raiva de Chase?

— Desta vez é diferente — defendeu-se Chase.

— Você espera que eu acredite nisso?

— Eu trouxe o...

— Eu sei — rebateu Burnett, sem deixar Chase terminar.

Chase mais uma vez tentou encontrar o melhor jeito de lidar com a situação.

— Eu seria um trunfo para a UPF.

Os olhos de Burnett brilharam um pouco mais.

— Para a UPF, sim. Para Shadow Falls e para Della... não!

Chase enrijeceu

— Estamos ligad...

— Eu não dou a mínima para quem você é! Você a magoou! — ele gritou, golpeando com o punho a pesada mesa de carvalho e fazendo-a saltar do chão. — Ela já está magoada o suficiente por causa do pai. Não precisa de um cara da sua laia para fazê-la sofrer.

Capítulo Cinco

— Nunca tive a intenção de magoá-la! — Chase sentiu seus próprios olhos ficarem mais brilhantes.

— Sua intenção não significa nada pra mim! — retrucou Burnett. — Você salvou a vida dela e então se mandou. Não uma, mas duas vezes! —Seu punho martelou a mesa mais uma vez.

Chase se perguntou quantos golpes a mesa aguentaria antes de desabar no chão. Mas melhor na mesa do que nele.

— Você não acha que a magoou? — Seus olhos brilhantes desafiaram Chase a negar.

— Acho que sim — admitiu Chase. — Da primeira vez, eu fui embora porque sabia que, quando você descobrisse que eu estava trabalhando para o Conselho, não me deixaria ficar. Da segunda... Eu fui para não causar problema, não para criar um.

— Você foi embora para proteger Feng Tsang e deixar o pai de Della levar a culpa por um assassinato.

Chase ergueu o olhar.

— Eu fui para encontrar o responsável por cometer o assassinato.

— Que no caso é o próprio Feng Tsang — acusou Burnett. — Della viu numa visão...

— Eu não sei o que Della viu, mas Feng não matou a irmã. Mas ele sabe quem foi.

Burnett não parecia convencido.

— Você sabe onde Feng está?

Chase olhou Burnett nos olhos com sinceridade.

— Não.

— Se você soubesse, me diria?

Ele poderia mentir e controlar o batimento cardíaco, mas suspeitava que Burnett adivinharia.

— Não.

— Então você ainda está protegendo esse cara?

— Eu estou tentando proteger quem é inocente. E isso inclui o pai de Della.

Burnett voltou a se inclinar.

— Engraçado, isso é o que eu estou tentando fazer. E você sabe quem é mais inocente do que Chao Tsang? — ele fez uma pausa. — Della.

Ele entendeu o que Burnett estava querendo dizer.

— Você não precisa proteger Della de mim.

— Uma ova que não! — As palmas de Burnett golpearam a mesa mais uma vez. Seus caninos projetados eram uma lembrança nada sutil de quanto ele poderia ser perigoso.

Chase teve que trincar os dentes para não mandar Burnett para o inferno. Em vez disso, ficou ali sentado em silêncio. Total silêncio. Em algum lugar do escritório havia um relógio que marcava os segundos. Chase parou de contar quando chegou aos sessenta.

Burnett por fim se reclinou na cadeira, não numa postura relaxada, mas sem parecer pronto para o ataque.

— Se você sabe quem matou a tia de Della, por que não entrega o cretino para a UPF e pronto?

— Eu preciso de ajuda — admitiu Chase.

— E o Conselho não vai ajudar você?

Chase aprumou os ombros, não para se defender, mas para ser sincero.

— Eles tentaram. O nome dele é Douglas Stone.

Burnett ficou ali sentado sem dizer nada.

— Quem é o sujeito?

Antes que Chase pudesse responder, o celular de Burnett anunciou a chegada de uma mensagem de texto. Assim que a leu, suas pupilas cintilaram de raiva. E, quando tirou os olhos do celular, eles descarregaram toda a sua fúria em cima de Chase.

Ela teria sido provocada por ele ou pela pessoa que enviara a mensagem? Não importava, Chase concluiu, porque no momento ele era o único alvo.

— E agora você me vem esmolar ajuda — Burnett sibilou.

Foi a palavra "esmolar" que tirou Chase do sério.

— *Não* estou esmolando nada! — Ele respirou fundo para acalmar sua revolta, principalmente diante do olhar de fúria à sua frente. — Estou oferecendo meus serviços à UPF.

Burnett se inclinou para a frente outra vez. Chase já o vira espumando de raiva, mas nunca como naquele momento.

— Então ofereça seus serviços a eles, senhor Tallman. Não tente me envolver ou envolver Shadow Falls nisso.

Chase se preparou para a briga. Será que a mensagem era sobre isso?

— A UPF com certeza sabe o valor de ter outro Renascido entre seus agentes. Minhas condições...

Os caninos do homem se projetaram e seus olhos ficaram mais brilhantes.

No mesmo instante, Chase percebeu o erro que tinha cometido. Ele nunca deveria ter tentado fazer uma manobra estratégica para convencer Burnett.

— Minha intenção era...

— Pegue sua intenção e... — ele atirou o envelope na direção de Chase — e vá pro inferno! Saia daqui! Ninguém, nem você nem a UPF, me diz o que eu devo fazer! Não passou pela sua cabeça que eu abriria mão do meu cargo na UPF para proteger aqueles que eu amo? E ninguém — *ninguém* — me força a fazer nada!

Certo, agora Chase sabia muito bem o que tinha feito de errado. Tentara forçar Burnett a aceitá-lo de volta.

A escrivaninha entre eles de repente foi arremessada contra a parede. Burnett James levantou-se, agora em toda a sua glória de vampiro.

Caramba! Aquele tinha sido um grande erro!

— Suma daqui! — Burnett sibilou. — Enquanto ainda pode!

Chase se levantou.

— Olha, eu me toquei que não devia...

— Suma daqui!! — Burnett ordenou.

Chase ouviu o aviso na voz do vampiro e viu também nos olhos dele. Desesperado, mas não a ponto de querer perder a vida, ele se virou e saiu do escritório.

Merda! Merda! Merda! Chase fervia enquanto andava a passos rápidos até a varanda. Ele tinha estragado tudo. Daquele jeito, nunca teria Della de volta.

Daquele jeito, talvez nem merecesse tê-la de volta. Ele deveria saber que o tiro sairia pela culatra.

Della aterrissou no parque em meio às árvores e esfregou os braços para combater o frio, arrependida por não ter vestido um casaco. O brilho da lua se refletia no metal dos brinquedos do parquinho infantil, na clareira a cerca de cem passos de distância. Outro calafrio percorreu suas costas. Havia algo estranho e quase sinistro num parque infantil vazio, como se sua inocência tivesse lhe sido roubada.

Um balanço rangeu quando a brisa fria o agitou. O barulho pareceu alto, como um pedido de ajuda no silêncio da noite.

Ela olhou em volta, para as sombras escuras, e levantou o nariz para se certificar de que não havia ninguém escondido por ali.

Seu telefone bipou. Provavelmente Burnett.

Quando ela puxou o celular do bolso, ouviu um carro se aproximar e o motor sendo desligado. Alguém abriu a porta do carro e, em seguida, ela sentiu o cheiro de lobisomem. Embrenhou-se mais entre as árvores, olhando para o céu com a intenção de planejar sua saída caso o lobisomem viesse até ela. Justo quando clicou no nome de Burnett, ela reconheceu o cheiro. Mesmo antes de ler, ela já sabia qual era o conteúdo da mensagem.

Burnett não tinha vindo. Será que Lucas tinha trazido Kylie? Ela inspirou mais uma vez.

Nada de Kylie. A decepção tomou conta dela. Bem que ela precisava conversar com uma amiga.

Virando-se, viu o namorado bonitão da amiga camaleão cruzando o estacionamento. O lobisomem de 18 anos, de cabelos escuros e mais de um metro e oitenta, segurava uma garrafa térmica na mão. A barriga dela roncou.

— Ei... — cumprimentou Della. Depois acrescentou um obrigada e pegou a garrafa.

— Ok — disse ele.

— Por que Burnett não veio?

— Um imprevisto — disse o lobisomem.

— Um novo caso?

— Eu acho que não — disse Lucas.

Della não tinha certeza se ele estava escondendo alguma coisa ou querendo ser vago.

Lucas não era muito de falar. A maioria dos lobisomens não era. Não que isso desagradasse Della. Ele amava Kylie, uma das melhores amigas de Della, e Lucas era bom para ela.

— Você se importa? — Ela levantou a garrafa térmica.

— Não. Meu trabalho não estará completo até que você faça isso.

Eles foram até o parquinho.

Ela olhou para trás, só então percebendo o que ele tinha dito.

— Burnett instruiu você a não ir embora até que eu beba isto?

Quando ele não respondeu, ela soube que sim.

— Isso é ridículo!

— Ele apenas sabe quanto é difícil ser vampiro enquanto se está tentando conviver com humanos.

Ela sentiu um pouco de conforto ao saber que não era só ela que se sentia assim.

— Eu ouvi dizer que você está voltando para Shadow Falls. — Lucas ficou de pé ao lado dos balanços.

Uma nova onda de dor encheu o peito de Della.

— É verdade — ela respondeu rápido, em seguida levantou o bico da garrafa e bebeu. O fluido doce de O negativo espalhou-se por sua língua e ela teve de lembrar a si mesma para beber mais devagar e saborear. Burnett tinha enviado um sangue de primeira.

— Eu vi Kylie e Miranda antes de sair. Contei a elas — disse ele. — Ficaram eufóricas. Miranda não tinha ninguém com quem brigar depois que você foi embora.

— Nós não brigamos tanto assim. — Ela se deixou cair num balanço e chutou o chão com os calcanhares das botas.

— Sei. — Lucas riu. — Elas sentem sua falta.

Della apertou com força a corrente do balanço. E apenas ficou ali, o assento plástico arredondado do balanço pressionando seu traseiro, e bebeu o sangue, pensando nas duas amigas.

— Eu também — Della disse por fim. Não que ela não conversasse com as amigas, ela conversava cerca de duas vezes por dia. Mas ainda assim sentia falta delas. Sentia falta de tudo e de todos em Shadow Falls. Ali era seu lar. Então, por que o pensamento de voltar doía tanto? A resposta borbulhou da dor em seu peito. Porque seu pai não queria a própria filha por perto.

Depois de tomar mais alguns goles, ela viu Lucas inclinar a cabeça para o lado como se estivesse ouvindo alguma coisa. Normalmente, a audição, a visão e a força de um vampiro eram superiores às de um lobisomem, exceto na época da lua cheia. É por isso que os vampiros tinham que ficar em estado de alerta durante esse período. Ainda assim, ela inclinou a cabeça e escutou para ver se conseguia ouvir alguma coisa.

Sirenes. Várias delas. Ela se levantou e tomou o último gole do seu jantar.

— Vamos dar uma olhada. — Ela ainda não estava pronta para voltar para o seu quarto e continuar lambendo as feridas.

Eles jogaram a garrafa térmica no banco do carro de Lucas. No momento em que saíram do bosque, viram três viaturas da polícia, com sirenes ligadas e faróis acesos, no estacionamento de um centro comercial a cerca de uma quadra dali. Ali ficavam a pequena joalheria dos Chi, uma loja de conveniência 24 horas e uma pizzaria. Será que alguém havia tentado sair com um pacote de cerveja sem pagar?

Lucas parou antes de se aproximar do burburinho e sua expressão endureceu. Della, ainda lutando contra o frio, levantou o rosto e sentiu o cheiro do que tinha feito Lucas franzir o cenho. Sangue. Muito sangue, assim como um cheiro de...

— Lobisomens — Della disse em voz alta. Embora o rastro fosse fraco.

Ela se lembrou de ter visto os três lobisomens andando na rua mais cedo. Vislumbrou em sua mente todos os três rostos, também.

— Precisamos chamar Burnett. — Della estremeceu de frio.

— Não sabemos se os lobisomens têm alguma coisa a ver com isso — disse Lucas, defendendo sua espécie.

Ela não podia culpá-lo. Lucas estava certo. De todas as espécies que habitavam a Terra, os seres humanos eram os piores para causar problemas. E derramamento de sangue.

— Foi um assalto — disse alguém no celular. Uma ambulância chegou e dois rapazes uniformizados saltaram do veículo.

Olhando por trás de um casal em pé na frente dela, Della esperava ver os paramédicos correrem para dentro da única loja aberta, uma loja de conveniência.

Mas eles passaram por aquela porta e...

— Que não seja a loja dos Chi!... — Della murmurou, enquanto tentava abrir caminho em meio às outras pessoas.

Merda! Era a joalheria! Alguém teria arrombado a loja? Mas de quem seria todo aquele sangue? Os Chi fechavam a loja às sete. Aquela hora já deviam estar em casa dormindo.

Outra lufada do ar frio de novembro fez com que arrepios percorressem os braços nus de Della. Ela enfiou as mãos nos bolsos do jeans para aquecer os dedos.

De repente ouviu um miado. Ela olhou para a direita e, para seu alívio, a senhora Chi estava lá, carregando nos braços Chester, o seu grande gato laranja malhado.

— Ai, graças a Deus! — suspirou Della. — O que aconteceu, senhora Chi? O senhor Chi está bem?

— Eu não sei — disse a senhora Chi. — Eu... Eu...

O gato desapareceu. Agora os braços dela estavam vazios. A senhora Chi ofegou junto com Della, e então a mulher olhou em volta, para o chão.

— Chester? Chester?

De dentro da loja, Della ouviu um dos policiais dizer:

— O gato ainda está vivo. Alguém precisa levar este animal a um veterinário. — Della de repente reconheceu o frio. O tipo de frio que vinha com a morte — que vinha com os mortos.

Capítulo Seis

O peito de Della apertou, e ela sentiu dor atrás da caixa torácica. Os calafrios tinham triplicado e perseguiam uns aos outros na sua pele. Ela olhou para sua vizinha idosa, lembrando que, quando tinha se transformado em vampiro e a senhora Chi ouvira falar que ela estava doente, tinha levado uma canja para Della. Será que a anciã sabia...?

A senhora Chi olhou para Della.

— Você viu meu gato? — Em seguida, o pânico tomou conta dos seus olhinhos puxados. — O que aconteceu? Eu trouxe hambúrgueres e então... — Ela se desvaneceu no ar, transformando-se em nada mais do que uma mancha de névoa no meio da noite. Ou será que a névoa estava nos próprios olhos de Della?

— Não — disse Della. — Fale comigo. Quem fez isso com a senhora?

— Quem fez o quê? — Lucas perguntou, agora de pé ao lado dela.

Della ignorou-o e abriu caminho através da multidão, querendo provar para si mesma que estava errada. Justo quando ela ia saltar a fita amarela com que um policial tinha acabado de bloquear a frente da loja, Lucas a alcançou.

— Você não pode ir lá. — Ele se inclinou mais na direção dela. — Della? O que está acontecendo? Você está agindo de um jeito estranho. Daquele jeito estranho que Kylie costuma ficar quando vê fantasmas.

Della ignorou Lucas e ouviu o diálogo dos policiais.

— Quantos? — perguntou um dos paramédicos.

— Dois — alguém respondeu. — Disseram que foi na loja deles. Alguém que foi abastecer o carro viu pela janela o velho caído no chão.

*

Chase tinha pegado o carro e dirigido até algumas estradas secundárias, onde podia pisar mais fundo no acelerador. Tinha até baixado a capota, esperando que o ar frio o ajudasse a pensar num jeito de sair da enrascada em que tinha se metido.

Enquanto o motor rugia, ele lembrou algo que seu pai lhe dissera anos atrás. Chase tinha quebrado a vidraça de um vizinho sem querer, enquanto jogava bola. O velho dono da casa era rabugento e mal-humorado. Chase não estava com coragem de

enfrentá-lo. A mãe tinha concordado em fazer isso por ele, mas, quando o pai descobriu seu plano, ficou muito bravo.

Quando você cometer um erro, filho, enfrente as consequências.

Ele vai gritar comigo, pai.

Bem, vai mesmo. Você quebrou a vidraça dele. Ele tem o direito de gritar.

Chase manobrou o carro e voltou para Shadow Falls.

Estacionou. As luzes estavam apagadas no escritório. Burnett devia estar na cabana que dividia com Holiday. Ele atravessou o portão, sabendo que o alarme tocaria.

Quando subiu o primeiro degrau da varanda, ouviu a voz de Holiday, sem dúvida tentando acalmar o marido. Parecia que essa era a missão de vida daquela mulher.

Chase bateu na porta.

— Seja esperto e dê o fora daqui! — As palavras e a raiva de Burnett atravessaram a porta.

— Eu não vou embora — respondeu Chase.

A porta se abriu. Os olhos brilhantes de Burnett o fitaram.

— Posso entrar? — perguntou Chase.

— Eu preferia que não — avisou o líder do acampamento, mas deu um passinho para trás.

Chase entrou. Holiday atravessou o corredor num passo rápido, trazendo no colo Hannah, a filhinha deles de cabelos castanhos, e colocou o bebê nos braços do marido.

— O que está fazendo? — perguntou Burnett a ela.

— Você me pediu para não deixá-lo matar Chase. Acho que isso não vai acontecer se estiver com Hannah no colo. — A mulher de olhos verdes parecia determinada. — Além disso, a fralda dela está suja e é a sua vez de trocar.

Burnett aninhou o corpinho sonolento contra ele.

— Eu ainda tenho uma mão livre. — Burnett olhou para Chase. — Por que você voltou?

Chase engoliu o nó na garganta. Não era medo, era orgulho.

— Porque me lembrei de algo que meu pai disse. *Quando você cometer um erro, enfrente as consequências.* Eu cometi um erro, Burnett.

— Se você estar se referindo a voltar aqui, eu concordo.

— Não. Cometi um erro tentando pressioná-lo. Você exige respeito, e, acredite ou não, eu o respeito. O que eu fiz foi provavelmente a coisa mais desrespeitosa que alguém poderia ter feito. Estou pedindo para você relevar a minha estupidez. Me deixe ficar aqui.

— Por causa de Della?

— Sim. Mas não só por isso. Eu quero trabalhar para a...

— Eles podem treinar você. — A voz de Burnett soou cheia de raiva.

— Não quero ser um agente da UPF apenas. — Chase enfrentou o olhar duro do homem — Quero ser um ótimo agente da UPF. Quero aprender com o melhor. E você é o melhor que eu já conheci. Della me disse que você assume riscos e viola regras para fazer o que é certo. Esse é o tipo de agente que eu quero ser. Estou pedindo para que seja o meu tutor. Me ensine a fazer isso. Trabalhar seguindo regras e mesmo assim sendo fiel a mim mesmo.

Burnett ficou parado ali, com os olhos ainda flamejantes. O bebê olhou para Chase com um sorriso banguela. O contraste entre os dois olhares só fez o momento ficar mais bizarro.

— Estou pedindo mais uma chance — disse Chase. — Me deixe conquistar o seu respeito. Vou fazer qualquer coisa que for preciso.

A expressão de Burnett arrefeceu um pouco. Ele olhou para a esposa. Ela assentiu. O marido suspirou, olhou para a filha e franziu a testa, em seguida, olhou para Chase.

— Qualquer coisa?

— Qualquer coisa — confirmou Chase.

— Você sabe trocar fraldas sujas de cocô?

O cheiro atingiu o nariz de Chase e seu pomo de adão estremeceu. Ele deu um passo à frente, pronto para cumprir o seu dever.

— Posso aprender.

— Não com o meu bebê — disse Holiday. — É a sua vez, Papai. — Ela apontou para o corredor.

Burnett olhou para Chase.

— Mas eu preciso...

— ... trocar uma fralda. É a minha vez de falar. — Holiday fez um gesto para o marido sair.

Burnett deixou o cômodo com a filha sorridente nos braços. Enquanto ele saía, Chase o ouviu dizer: — Hannah, como você pode ser tão fofa e cheirar tão mal?

— Obrigado — agradeceu Chase, sentindo que a concordância de Holiday com a permanência dele em Shadow Falls significava mais do que ele supunha.

— Não me agradeça. — Holiday se aproximou. — O que você disse não foi brincadeira.

— Eu falei sério.

— Acredito em você. — Ela olhou para o corredor por onde Burnett e Hannah haviam desaparecido. — Você sabe que meu marido pode ser osso duro de roer, mas ele é o homem mais decente que eu conheço. Jurou que nunca causaria mal a ninguém sem necessidade. E nunca quebrou esse juramento. Embora algumas vezes eu precise lembrá-lo disso.

Chase assentiu.

— Ele tem muita sorte de ter você.

— Eu, por outro lado... — ela continuou —, nunca fiz juramento nenhum. E, Chase Tallman, se você magoar Della mais uma vez, eu mesma vou arrancar suas bolas e dá-las de comida a ratos e escorpiões famintos. Fui clara?

Chase fez que sim. Ele teria dito "sim, senhora", mas sua língua se recusou a sair de dentro da boca. Não só por causa da parte do "arrancar as bolas", mas também da dos ratos e escorpiões famintos. Essas palavras nunca deveriam usadas numa frase que mencionasse as suas partes mais sensíveis...

— Agora pode ir andando. Se precisar de um lugar para dormir à noite, a cabana catorze está vazia.

*

— Acho melhor a gente dar no pé — disse Lucas talvez pela oitava vez.

E se a senhora Chi voltasse e pudesse dizer a Della quem tinha feito aquilo? Ela precisava saber. Precisava encontrar os delinquentes e fazê-los pagar pelo crime.

— Eu vi os caras — ela murmurou, o olhar fixo na joalheria, enquanto os paramédicos tiravam um corpo numa maca. Seu peito estava apertado com um nó de dor.

— Viu quem? — perguntou Lucas.

— Os lobisomens. Estavam em três.

Lucas falou num sussurro:

— Não sabemos se foram lobisomens que fizeram isso.

— O cheiro deles está por todo lado! — respondeu Della. — Sinto muito se isso não te agrada, mas nós dois sabemos muito bem o que aconteceu.

— Só porque estavam aqui não significa que mataram alguém — Lucas contestou em voz baixa.

— Só vamos saber com certeza quando começarem a procurar as provas. E, se alguém não avisar logo a UPF, pode ficar impossível encontrar provas.

Lucas fechou os olhos como se tentasse digerir as palavras dela.

— Vamos avisar Burnett. — Della tirou o celular do bolso e digitou uma mensagem.

Chase cobriu os olhos com a mão e suspirou. O cheiro de tinta fresca impregnava todo o cômodo e estava começando a lhe dar dor de cabeça.

Uma batida na porta da cabana ecoou pelas grossas paredes de madeira. Ele nem precisou adivinhar quem era. Tinha ouvido e sentido Burnett do lado de fora no segundo em que sua cabeça encostara no travesseiro. E estava dando graças a Deus por Burnett não ter planejado interrogá-lo aquela noite. Ele já tinha engolido sapos suficientes aquele dia.

— Entre — disse Chase em voz baixa, levantando-se e sabendo que Burnett podia ouvi-lo. No momento em que se vestiu e entrou na sala, Burnett já estava sentado no sofá —

mergulhado na escuridão. Seus olhos não estavam brilhantes, um bom sinal. O homem acenou para a cadeira em frente. Chase obedeceu e se sentou.

— Douglas Stone. — Burnett disse o nome e nada mais. Não chegou a dizer que queria informações, mas isso estava implícito. E como Chase já tinha irritado o homem além da conta, decidiu não abusar da sorte. Levantou-se, foi até a mesa da cozinha e tirou da mochila um arquivo. Então entregou-o a Burnett.

— É tudo o que temos sobre ele.

Burnett abriu o arquivo e folheou-o. O único ruído no ar da noite era o farfalhar de papéis. Por fim olhou para Chase.

— A maioria dessas informações é de quinze anos atrás.

Chase assentiu.

— Eu sei.

A frustração deixou ainda mais severa a expressão do vampiro mais velho.

— Você sabe quanto é difícil encontrar alguém com base nessas informações desatualizadas?

— É bem difícil. Eu sei. Mas não impossível.

— Mas improvável — Burnett sibilou.

— Há um relatório novo de um braço do Conselho no final do arquivo. Alguém chamado Douglas Stone foi interrogado por causa de outro assassinato.

Burnett virou mais algumas páginas, leu e voltou a olhar para Chase.

— Na França? — Respirou fundo outra vez. — É por isso que você estava lá?

Chase confirmou com a cabeça, esperando que o fato de ele ter salvado Miranda Kane deixasse Burnett menos inclinado a despejar a sua ira sobre ele.

— O tio de Della estava com você?

— Sim.

Burnett continuou a encará-lo.

— Mas você não sabe onde ele está agora...

— Não.

— Não sabe porque disse a ele para não contar a você, certo? — Burnett acusou-o.

Mais uma vez, Chase preferiu dizer a verdade.

— Isso mesmo.

Burnett olhou de volta para o arquivo.

— Você veio de mãos vazias da França? Não conseguiu encontrá-lo?

— Temos provas de que alguém com a descrição dele passou por lá, usando o nome Don Williams, e voou de volta para os Estados Unidos. Todas as nossas tentativas de localizar um Don Williams na França e nos países vizinhos deram em nada. Deve ser um nome falso. Agora estão investigando aqui nos Estados Unidos.

— E o que encontraram? — perguntou Burnett.

Chase fez uma pausa.

— Nada ainda. Eu passei semanas procurando. Mas a UPF tem muito mais recursos que o Conselho para encontrar pessoas.

Burnett arqueou uma sobrancelha.

— De fato. Mas, infelizmente, quando a gente procura a verdadeira escória da terra, não é esse tipo de recurso que costuma ajudar. É quem você conhece, outros canalhas como ele, que estejam dispostos a colaborar.

— Então eu devia ter ido atrás da minha própria lista de cafajestes? — Chase perguntou com um toque de sarcasmo, mas logo se deu conta disso e mudou de atitude. — Entendo seu ponto de vista.

Burnett concordou.

— Ah, eu recebi outro telefonema da UPF. Querem que você trabalhe em período integral. Você acabou mesmo o ensino médio?

— Um ano atrás — disse Chase.

— E a faculdade? — perguntou Burnett.

— Fiz um semestre e poderia destrancar a matrícula, mas estou ansioso para começar a minha carreira na UPF.

Burnett fechou o arquivo.

— Trabalhando sob o meu comando e morando aqui, vai ter de seguir regras.

Chase não ligava muito para regras.

— Tenho certeza de que podemos abrir exceções.

Os olhos de Burnett ficaram um pouco mais brilhantes.

— Eu não vou abrir exceções com você. Ou segue as regras ou vai ter de morar em outro lugar.

Chase sentiu um aperto no estômago.

— Quais são as regras? — Se Burnett dissesse que ele não poderia ficar perto de Della, Chase jogaria tudo para o alto.

O celular de Burnett apitou com a chegada de uma nova mensagem. Ele pegou o aparelho e leu a mensagem, franzindo a testa.

Não que Chase esperasse uma boa notícia aquela hora.

Burnett se levantou e enfiou o arquivo debaixo do braço. Depois apontou para o envelope no sofá.

— Esse é o seu contrato, e aí estão as regras da UPF. Vamos conversar sobre as minhas mais tarde. Tenho que ir. — Ele deu uma batidinha com o dedo no arquivo que segurava. — Eu vou ficar com isso.

— Algum problema? — perguntou Chase. — Posso ajudá-lo com alguma coisa?

— Não. — A maneira inflexível com que o homem deu a resposta monossilábica levantou suspeitas em Chase.

— É sobre Della? — Chase se levantou.

— Eu disse que não preciso de ajuda. — Burnett afirmou.

— Espere aí, você não pode...

Burnett deu meia-volta e encarou Chase.

— Sim, eu posso! Você disse que queria conquistar o meu respeito. Então, comece me ouvindo. *Eu* vou cuidar disso.

Chase sustentou o olhar gelado de Burnett.

— Della está em perigo? Diga que ela não está em perigo e faço o que você mandar.

— Ela não está em perigo.

Burnett deixou a cabana. Chase desabou na cadeira e passou as mãos no cabelo. Então pegou o celular e enviou uma mensagem de texto para Della.

Você está bem? Como vão as coisas?

Nenhuma resposta. Será que ela ainda estava chateada?

Tudo dentro dele gritava para ir atrás de Della, mas que droga! Ele sentia que aquele era o primeiro teste de Burnett. Respirou fundo e se lembrou do tom de sinceridade na voz do líder do acampamento ao assegurar que ela não estava em perigo.

Chase podia confiar nele?

E se estivesse errado?

Capítulo Sete

Café. Della não tomava a bebida amarga e escura, mas a garçonete nem perguntou se queriam. Só deixou duas xícaras cheias sobre a mesa como se tivessem pedido.

Por isso Della agora segurava a xícara morna e a girava entre as mãos. Lucas estava sentado à sua frente. Não tinha tocado no café, mas devorava um hambúrguer com a fome de um leão.

Pelo telefone, Burnett tinha insistido para que Della e Lucas se afastassem da cena do crime antes que a mídia mostrasse seus rostos nos noticiários.

— E se a senhora Chi voltar? — Della tinha insistido.

— Se aprendi uma coisa sobre fantasmas desde que me casei com minha esposa é que, se eles querem falar com você, dão um jeito de te encontrar. Tem uma lanchonete 24 horas virando a próxima esquina. Me esperem ali. Vou ver o que consigo descobrir e encontro vocês lá.

Della consultou o celular e viu que eram quase duas da manhã. Por que Burnett estaria demorando tanto? Ela olhou pela janela, na direção da noite fria e escura. Sua mente divagou para longe dos Chi e se concentrou em Chase. E se ele voltasse à casa dela procurando-a? Ela contaria a Burnett sobre a visitinha dele ao cubículo do banheiro?

Passos determinados soaram pela calçada. Della olhou para a porta da lanchonete, esperando ver Burnett. Vestido com um jeans desbotado, camisa preta e jaqueta de couro preto, o vampiro parecia uma força a ser reconhecida.

Ela temia que ele considerasse o assassinato dos Chi mais uma inconveniência do que um caso importante. Mas no momento que viu seu olhar sobre ela, soube que seus temores eram infundados. Apesar da sua aspereza e aparência rude, havia bondade inata nele.

Ele desabou numa cadeira ao lado dela, cumprimentando Della e Lucas com um aceno de cabeça. A garçonete, uma loira platinada de uns trinta e poucos anos, veio balançando os quadris de um jeito sedutor, com uma xícara e um bule de café nas mãos.

— Olá, querido! — Ela colocou a xícara na mesa, inclinando-se sobre Burnett enquanto a enchia até a borda, como se para ter certeza de que ele daria uma boa olhada em seu decote.

Burnett agradeceu com a cabeça e, para desgosto da mulher, nem por um segundo desviou os olhos para olhar os peitos dela.

— Querem mais alguma coisa? — perguntou ela. — Nada mesmo?

— Não, obrigado. Está tudo bem. — O tom de Burnett praticamente a dispensou. Mas era mais prático do que rude.

A garçonete se afastou, muito menos sedutora agora. O olhar de Burnett deslocou-se para Della.

— Meus sentimentos.

Della engoliu um nó na garganta.

— Ela era apenas uma vizinha, mas era... boa. Eu a vi esta na noite no Whataburger. Estava comprando hambúrgueres para o marido. Ela me disse para ter cuidado.

— A que horas você a viu? — perguntou Burnett.

— Um pouco depois das sete.

Ele pegou sua xícara.

— Os sanduíches ainda estavam na embalagem. — Ele tomou um gole do café fumegante. Fez uma careta e engoliu a bebida. — Alguém pode tê-la seguido e ameaçado com uma arma, ou eles já estavam lá dentro.

— Então a porta não estava arrombada? — perguntou Lucas.

— Não.

Della girou um pouco mais a própria xícara.

— Se alguém batesse na porta da loja, eles teriam aberto.

— Mesmo para estranhos e àquela hora da noite? — perguntou Burnett.

— Sim. — Della olhou por vários segundos para a bebida escura e fria em sua xícara. — Se alguém pedisse o dinheiro, eles provavelmente teriam dado também. — Ela olhou para Burnett. — Foram lobisomens?

— Não dá para ter certeza. Havia muito sangue na cena do crime e eu senti cheiro de lobisomem, mas os lobisomens em geral gostam de exibir sua força física nesta época do mês. E nada parecia muito revirado.

— Talvez eles fossem alvos fáceis e os lobisomens não precisassem usar a força física. — O estômago de Della se apertou.

— Pode ser. Já chamei uma perita paranormal para fazer a autópsia. Saberemos mais quando tiver terminado o laudo. É quase certeza de que vai demorar alguns dias. — Seu olhar se desviou para Lucas. — O que você acha?

— Ele vai defender a própria espécie — Della disse com ironia.

Burnett franziu a testa.

— Deixe ele responder primeiro.

— Mas ele já me disse. Não acha que eram...

Burnett pigarreou. Della percebeu que ele tinha razão. Não era em Lucas que ela precisava descarregar a sua raiva.

— Desculpe — disse para o lobisomem. — Eu só... — Aquele maldito nó na garganta apareceu mais uma vez.

— Está tudo bem. — Lucas inclinou-se. — Dói... perder as pessoas de quem gostamos.

Della lembrou que Lucas tinha perdido a avó não fazia muito tempo.

Burnett se acomodou melhor em sua cadeira.

— Então, o que você captou? — perguntou a Lucas outra vez.

— Seis rastros diferentes. Três eram fracos, como se fossem de mestiços.

— Seis? — perguntou Della. Ela se deu conta de que não tinha percebido algo importante. — Os cheiros que eu senti na joalheria, eles não eram... conhecidos. Eu não sei se pertenciam aos mesmos caras que vi mais cedo.

— Você os viu? — perguntou Burnett.

— Foi por volta das sete e meia. Eu saí... por um instante. Senti o cheiro deles e passei a voar mais baixo. Estavam a cerca de meio quarteirão da loja.

— Quando diz que sentiu o cheiro deles, isso inclui sangue?

— Não — disse Della. E se ela sequer tivesse visto os assassinos? Precisava parar de tirar conclusões precipitadas.

— Você conseguiu dar uma boa olhada neles? — perguntou Burnett.

— Sim. Tinham em torno da minha idade, talvez um pouquinho mais.

— Estavam com trajes de gangue?

— Não — disse Della. — Pareciam jovens lobisomens dando uma volta num sábado à noite.

— Pode ser justamente esse o caso — disse Burnett. — Mas mesmo que sejam inocentes, podem ter visto alguma coisa. Você acha que conseguiria descrevê-los?

— Sim — disse Della.

Ele a ouviu descrever os traços faciais dos lobisomens e registrou as respostas no celular.

Depois de colocar o telefone de volta no bolso, Burnett girou a xícara nas mãos como se hesitasse tocar em outro assunto.

— O espírito da sua vizinha te contou alguma coisa?

— Não. Ela estava confusa. — Então Della se lembrou do gato. — O gato dela estava no seu colo e depois não estava mais. Ouvi alguém dizer que o gato ainda estava vivo e que alguém tinha que levá-lo ao veterinário. — Della engoliu outro nó na garganta. — A gente sabe que lobisomens e felinos não se dão muito bem.

— E o fato de o gato ainda estar vivo pode significar que não eram lobisomens — Lucas acrescentou.

Della não podia negar.

Burnett suspirou.

— Saberemos mais quando as autópsias saírem.

— Será que a família já foi notificada? — Della lembrou que a filha deles morava na Califórnia.

Burnett olhou para a sua xícara.

— A polícia está cuidando disso.

Della se lembrou da senhora Chi segurando seu gato listrado. Ela amava Chester.

— Você pode descobrir para onde levaram o gato?

Burnett fez que sim.

O silêncio encheu o ambiente. Apenas garfos se chocando contra pratos.

— Eu quero trabalhar no caso — disse Della.

Burnett levantou uma sobrancelha.

— Você já está trabalhando num caso.

— Você trabalha em dois ou três casos ao mesmo tempo — rebateu Della.

— Eu não tenho 17 anos — disse ele, franzindo a testa.

— Vou fazer 18 mês que vem!

Burnett olhou para Lucas.

— Por que você não volta pra Shadow Falls? Eu levo Della para casa.

Della revirou os olhos. Ela não precisava que a levassem para casa!

Lucas estendeu a mão para pegar a conta.

— Pode deixar que eu pago — disse Burnett, sentando-se na cadeira de Lucas.

Della observou Lucas se afastando, então se virou para Burnett.

— Seu lado machista está mostrando as garras de novo... O que acha de dar um chega pra lá nele?...

— O quê? — Burnett perguntou, com a testa franzida.

Ela sacudiu a cabeça.

— Lucas vai ter que andar mais para chegar até o carro do que eu para chegar em casa. Por que você não foi acompanhá-lo?

Burnett piscou.

— Eu queria conversar com você... a sós.

— Então aquele comentário sobre me levar para casa era só para disfarçar? É isso que está dizendo?

Ele abriu a boca para responder, depois voltou a fechá-la. E ela sabia por quê. Ela ouviu o coração dele acelerar, pronto para contar uma mentira.

— Acho que não...

— Caramba! Tudo bem! — protestou Burnett. — Pode me xingar porque eu queria ter certeza de que vai chegar em casa em segurança.

— Não, vou te xingar por achar que eu não posso cuidar de mim mesma. E não diga que é porque se importa comigo. Porque você se importa com ele também. É porque sou uma garota.

Ele passou a mão no rosto.

— Ok, admito. Posso ser um pouco mais protetor com as garotas. Isso faz de mim um cara machista? Acho que não. Mas posso ouvir Holiday na minha cabeça dizendo que sim.

Ela sorriu com ar de vitória.

— Você deveria ouvir mais a sua esposa.

Os olhos dele ficaram um pouco mais brilhantes.

— Eu deixo que me avise sempre que estou sendo machista, mas é bom que vá se acostumando. Não vou conseguir mudar, porque não vou parar de me preocupar com você. Não mais do que você ou Chase vão parar de me arranjar problema.

Della recostou-se, apreciando o fato de Burnett aceitar que ela não cederia. Porque, caramba!, sim, faria questão que ele...

— Você já viu Chase? — ela perguntou.

Burnett não disse uma palavra. Nem precisava dizer.

— Ele entregou Feng? — ela perguntou, com um fio de esperança, mesmo que o seu coração soubesse que Chase protegeria Feng, assim como ela protegeria o pai.

— Não. Ele está dizendo que um homem chamado Douglas Stone matou sua tia.

— E então?

— E eu só coloquei as mãos na ficha do cara dois minutos antes de a sua mensagem chegar.

— A ficha dele?

— O Conselho dos Vampiros andou procurando o sujeito. Mas não conseguiram encontrá-lo.

Ela afundou na cadeira.

— Você acredita nisso? É bem conveniente, não acha? Meu tio é acusado de assassinato e de repente eles sabem quem matou a irmã dele.

— Você tem razão. Pode ser mentira. Mas não é que ele *não* se lembrasse de quem fez aquilo. A ficha mostra que o Conselho está procurando esse cara há mais de quinze anos.

— Então, se Feng é inocente, por que não sai do esconderijo? Por que não se apresenta e conta tudo à UPF?

Burnett pousou a mão sobre a mesa.

— Talvez porque sabe que, se não o encontrarem, ele vai ser acusado. Ou talvez... esteja escondendo mais alguma coisa.

— O que mais poderia estar escondendo? — perguntou Della.

— Não sei.

— Mas você acredita em Chase?

— Acredito que Chase acredita nisso. Só não sei se ele está certo.

— Então Chase simplesmente apareceu do nada, logo antes de você vir para cá, e deu na sua mão a ficha de quem eles acham que matou a minha tia?

Burnett puxou a xícara mais para perto.

— É um pouco mais do que isso.

Alguma coisa no jeito como Burnett desviou os olhos quando respondeu revelou que havia algo que ela ainda não sabia.

— Ah, mas que bosta! O que você não está querendo me contar?

Burnett olhou para ela.

— Chase se demitiu do Conselho.

— Ele... se demitiu? Mas era tão leal a eles!

Burnett girou a xícara outra vez.

— E... mandou o currículo dele para a UPF.

Ela sacodiu a cabeça. Menos de um mês atrás, quando Della pensava que o relacionamento estava evoluindo, ela tinha sugerido que Chase fizesse justamente isso. Ele tinha respondido que ela é quem deveria trabalhar para o Conselho. Eles haviam tido uma briga.

Então, antes que qualquer uma dessas duas coisas tivesse acontecido, ela descobriu todas as mentiras dele, seus artifícios para enganá-la, e ele tinha fugido.

Então, por que tinha se demitido agora? Será que tinha segundas intenções?

— Você vai contratá-lo?

— Eu não contrato agentes. — Ele fez uma pausa. — Mas, sim, a UPF vai contratá-lo.

— Mas ele foi falar com você sobre isso? — ela acusou. — Então você o ajudou...

— Na verdade, ele foi falar com eles primeiro.

Burnett ergueu a xícara.

— Outra coisa. Duas, na verdade.

— Por que eu tenho a sensação de que não vou gostar?

Quando ele não respondeu de imediato, ela suspirou.

— Apenas me diga.

— Chase vai trabalhar sob o meu comando. E morar em Shadow Falls.

Ele colocou a xícara de volta na mesa. O baque da xícara de cerâmica branca na mesa pareceu pontuar suas palavras.

— Ora, mas isso não é fantástico?! E por quê? — ela perguntou.

— Por várias razões. — Os olhos dele se apertaram. — Embora eu acredite em Chase quando diz que não sabe onde o tio está, não custa nada ficarmos de olho nele para o caso de Feng decidir entrar em contato. Você tem que concordar com isso.

Ela concordava, sim, mas gostava tanto quanto um soco no estômago. Puxou a xícara mais para perto e, quase como se estivesse punindo a si mesma, tomou um gole.

Droga, como era horrível! Teve que se esforçar muito para não cuspir tudo.

— Qual é o outro motivo?

Ele se inclinou um pouco mais para a frente.

— Chase me deixa possesso. Ele é arrogante e cabeça-dura.

Será que lembrava alguém?, Della quase falou, mas mordeu a língua.

— Apesar de estar equivocado às vezes, as intenções dele são boas. Com algum treinamento, será uma grande cartada tanto para a UPF quanto para Shadow Falls.

Ouvir coisas positivas sobre alguém que a tinha magoado tanto era como espremer um limão depois de cortar o dedo com papel. Doía. Uma dor que chegava até o osso.

Burnett a encarou com um olhar severo.

— Você e Chase, vocês vão se dar bem.

— Ah, mas claro que vamos! Vamos ser como unha e carne. — Ou fogo e gasolina. — Você sabe onde ele está agora?

Burnett olhou bem para ela.

— Não pense nem por um minuto que estou dizendo que você tem que fazer as pazes com ele. A decisão é sua e somente sua. E se ele tentar te pressionar, seja do jeito que for, vou chutar a bunda dele com tanta força que vai se ver na França outra vez antes mesmo de recuperar o fôlego.

— Não se preocupe — disse Della. — Quando *tentar* me pressionar, nem vai estar mais respirando! — Ela se levantou. — Ele está em Shadow Falls agora?

Burnett franziu a testa.

— São quase duas da manhã. Você vai voltar para casa. Vou ligar amanhã e falar com o seu pai sobre você voltar para Shadow Falls. Aí você vai poder interrogar Chase.

Capítulo Oito

Já fazia uma hora que a preocupação corroía o estômago de Chase. Ele por fim se vestiu e saiu para dar uma volta ao redor da escola. Voou baixo, diminuindo a altura do voo para passar sob as árvores, só tentando aplacar um pouco a ansiedade que corria pelas suas veias. Ele queria ver Burnett chegar e se certificar de que Della estava bem, antes de sair para interrogar alguns vermes. Sim, porque o pequeno sermão de Burnett tinha dado a Chase algumas ideias.

Della ainda não tinha respondido à sua mensagem. Não que ele achasse que ela responderia. Algo que ele iria corrigir muito em breve. Ele queria que as coisas voltassem a ser como antes. Quando ela ficava feliz em vê-lo. Quando, ao se inclinar para roubar um beijo, ele não corria o risco de perder um olho.

Recordando aquele beijo, ele percebeu que queria mais. Queria tudo dela. Queria protegê-la, tocá-la. Tê-la ao seu lado noite e dia.

Será que bastaria para ela que ele tivesse desistido do Conselho e se tornado agente da UPF? Ou será que ela ainda desejava fazê-lo pagar pelos seus erros do passado? Ele torcia para que não. Mas, conhecendo Della, sabia que ela não o perdoaria assim tão fácil.

Enquanto voava ao longo da cerca de Shadow Falls, viu os faróis de um carro entrando no estacionamento.

Quando Lucas desceu do carro, Chase se aproximou.

— E aí?

— Você está meio atrasado — disse Lucas.

Chase não sabia muito bem como responder, então decidiu não dizer nada.

— Della está bem?

— Sim, está.

— O que aconteceu? — Chase perguntou.

— Um casal de idosos, vizinhos de Della e dos pais, foi assassinado. Parece que Della conhecia bem os dois e gostava deles.

— Mas que droga... — lamentou Chase, lembrando-se da conversa rude que Della ouvira na noite anterior, entre os pais, e sabendo que ela não precisava de mais uma tragédia. — Pegaram os assassinos?

— Ainda não. Burnett está esperando a autópsia.

— Então é um caso para a UPF? Os assassinos eram sobrenaturais?

— Muito provável. — Lucas começou a andar na direção do portão.

— Vampiros? — Chase perguntou, sabendo que isso só tornaria as coisas mais difíceis para Della.

— Lobisomens — respondeu Lucas. — Mas eles ainda não têm certeza.

— Onde foram mortos? — Chase se lembrou do cheiro de lobisomem que sentira ao deixar a casa de Della.

— Num centro comercial no bairro dela.

— Nossa! Eu senti mesmo cheiro de lobisomem e de sangue perto da casa dela ontem à noite, quando passei por lá mais cedo.

— De sangue? E você não foi ver o que era?

— Não. Quer dizer, voei mais baixo, mas o sangue era animal.

Lucas franziu a testa.

— De um felino?

— Eu... não tenho certeza. — Lobisomens, por serem caçadores por natureza, conseguiam distinguir melhor os diferentes tipos de sangue animal. — Por quê?

— Um gato foi ferido também.

— Caramba! — exclamou Chase. — Deviam ser eles, então.

— É melhor você contar a Burnett.

— Vou contar. — Mas ele teria que fazer isso depois do seu compromisso, algo que Chase tinha sérias suspeitas de que Burnett não aprovaria. Convenhamos, Burnett estava prestes a apresentar suas regras, então era melhor que Chase fizesse tudo que fosse possível antes que tivesse de prometer cumpri-las.

Chase passou pelo escritório, ao voltar para as cabanas. Tentou pensar numa maneira de pedir mais informações sobre Della.

— Então Burnett não deixou você vir esta noite? — perguntou Lucas.

— Não — disse Chase, outra resposta franca. Era melhor não tentar esconder mais nada. Ele poderia se acostumar a isso.

O lobisomem encolheu os ombros.

— Acho que foi melhor assim. Della está bem chateada com você.

— Ela te disse isso? — O que mais teria mencionado?

— Não. Ela disse a Kylie. — Lucas franziu a testa. — E Kylie me fez prometer não dizer nada. O que significa que eu preciso aprender a ficar de boca fechada.

— Não se preocupe — tranquilizou-o Chase. — Eu não acho que a antipatia de Della por mim seja segredo pra ninguém agora.

Della voltou para casa. Graças a Deus, Burnett não tinha insistido em acompanhá-la. Mas ele não deixou que ela fosse embora sem antes lhe dar um aviso.

— Tenha cuidado.

Como se ela fizesse outra coisa além de ter cuidado.

— Me passe uma mensagem quando chegar.

Ela revirou os olhos, mas não perdeu tempo mandando-o mais uma vez para o inferno.

Por mais tentador que fosse desafiar Burnett e ir atrás de Chase, ela sabia que o agente ficaria furioso. E Burnett furioso era jogo duro. No entanto, ainda com as emoções à flor da pele, ela fez o caminho mais longo até sua casa apenas para gastar mais energia. E para verificar se havia algum lobisomem perambulando pela região. Mesmo com o coração pesado por causa de Chase, seu tio e a acusação de assassinato contra seu pai, ela tinha a intenção de descobrir quem tinha matado seus vizinhos. Encontrá-los e fazê-los pagar por isso.

Seguindo a linha das árvores, ela voou mais baixo quando chegou perto do centro comercial, perto o suficiente para sentir todos os rastros. Nada. Até o mais leve resquício havia desaparecido. Esquivando-se das copas das árvores, resolveu voltar para casa, mas então viu o bosque onde ficava o parque. Decidida a fazer apenas uma passagem rápida por lá, ela mudou sua rota.

A lua, quase cheia, pulverizava luz sobre as árvores, produzindo sombras. A princípio ela não notou coisa alguma, mas então percebeu. O cheiro almiscarado de lobisomem; mais de um, na verdade. Sabendo do perigo que era enfrentar lobisomens tão perto da lua cheia, ela decidiu apenas voar por ali. Se eles parecessem suspeitos, ela ligaria para Burnett.

Viu, Burnett? Eu tomo muito cuidado!

Ao voar um pouco mais baixo, os rastros ficaram mais intensos e mais familiares. Mas como ela não tinha identificado muito bem os cheiros na joalheria, não tinha certeza se eram dos mesmos lobisomens que vira antes. Ela precisava ver os caras para confirmar.

Antes que avistasse os lobisomens, ela viu outra pessoa. Uma garota. Uma garota humana, se o nariz de Della estava certo. Ela estava correndo, suando, o medo exalando por todos os poros. Della perdeu a garota de vista, quando outro aglomerado espesso de pinheiros ergueu-se do chão. Mas o que ela não perdeu foi o som do grito da menina. Ele se elevou no ar e o terror puro que Della percebeu no grito causou um arrepio na sua espinha.

Dane-se! Já não dava mais para ser cuidadosa.

Ela começou a descer.

Quando passou por um bosque, viu a menina loura, não aparentando mais de 15 anos, cercada por lobisomens. O estranho é que os cheiros não eram muito fortes, talvez nem fossem lobisomens puro-sangue. O que significava que talvez não estivessem em sua força plena, também.

— Eu chamei a polícia, seus idiotas, e eles já estão vindo! — a garota gritou, cheia de bravura, mas o tremor em sua voz denunciava seu medo.

Della contou quatro deles. Com certeza absoluta, ou quase isso, de que conseguiria dar conta de todos os quatro, dependendo apenas de quanta força lunar eles tinham, Della voou para baixo. Sentindo seus olhos ficarem mais brilhantes e seus caninos se projetarem, ela pousou bem no meio do grupo.

Eles perceberam assim que ela aterrissou, ou talvez um segundo antes, porque desviaram os olhos da garota para encará-la. Sem dúvida, a antipatia deles por vampiros fazia dela um alvo ainda mais atrativo. Aqueles lobisomens não eram os garotos que ela tinha visto antes. Mas ela não podia dizer com certeza se eram os lobisomens que tinha farejado na joalheria. Mesmo assim, eles pareciam bem mal-encarados.

Pelo canto do olho, Della viu a garota fugir correndo e sentiu alívio por não ter que se preocupar com ela.

— Desculpe me intrometer — ela disse com ironia, enquanto avaliava a situação. Ela sabia que ficaria bem se apenas conseguisse manter distância e atrair a atenção deles, sem deixar que pusessem suas patas sujas em cima dela. Apurou as orelhas para ouvir a menina, avaliando a distância a que estava. Quando sentisse que a garota já não estava em perigo ou tinha chegado a um lugar público onde os lobisomens não poderiam atacá-la, ela conseguiria sair de lá voando e deixar os vira-latas a ver navios. Então ligaria para Burnett.

Era um bom plano. E um plano que teria funcionado se seus ouvidos não estivessem tão atentos à garota, distraindo-a dos dois lobisomens que se aproximaram por trás. Cada um agarrou-a por um braço.

Com certeza eram lobisomens mestiços, porque o cheiro deles não era tão forte.

Ah, merda! Ela sentiu um punho bater em suas costelas e perdeu o fôlego. Preocupou-se por um instante ao perceber que talvez não tivesse quebrado apenas uma unha. Não que ela fosse facilitar para eles... ou deixar que levassem a melhor.

Ela apenas teria que enfrentar mais alguns socos e pontapés...

— Ah, então vocês querem lutar, não é? Por que não me disseram antes?

Desvencilhando-se das garras de um dos lobisomens, ela desferiu um soco contra mais um que surgiu para confrontá-la. Ele desabou no chão.

Outro correu na frente dela, o punho preparado para golpeá-la. Ela chutou o brutamontes direto nos países baixos. Ele gritou como um filhotinho.

Então ela usou o cretino, que ainda se segurava a ela, como um pino de boliche para derrubar os outros dois que vinham na sua direção.

Estava se preparando para voar quando outros dois saltaram por trás dela.

Merda! Recuou o punho.

Merda! Começou a chutar.

Merda! Tomou um soco forte no estômago.

Chase pousou ao lado do centro comercial, ainda decorado com a fita amarela da polícia indicando a cena do crime. Prendeu o ar nos pulmões, depois de respirar fundo. Um leve rastro de lobisomem pairava no ar, mas não forte o suficiente para que ele pudesse ter certeza de que se tratava do mesmo cheiro com que tinha se deparado mais cedo. Olhando para o norte, em direção à casa de Della, a tentação de ir até lá bateu forte. Muito forte.

Será que Burnett tinha contado a Della sobre ele?

Ela estaria empolgada, indiferente ou chateada?

Droga, ele queria vê-la!

Quase arrancou em direção à casa dela, mas ouviu em sua cabeça o aviso de Burnett. *Você disse que queria conquistar o meu respeito. Então comece a conquistá-lo me ouvindo.*

Reprimindo seu impulso, ele decolou para longe da casa dela, mas quando estava no ar viu duas viaturas da polícia, luzes piscando, descendo a toda velocidade uma rua — uma rua que levava ao parque.

Achando que isso talvez pudesse ter algo a ver com os lobisomens, e se sentindo um pouco mal por não ter checado isso mais cedo aquela noite, Chase acelerou, na esperança de se inteirar da situação antes que a polícia chegasse.

Da posição em que estava, que não lhe permitia uma visão muito boa, viu e farejou o problema. Lobisomens. Com certeza lobisomens, ou pelo menos lobisomens mestiços. Um grupo deles. Ele achava que eram uns seis — não, oito —, todos contra um. Ele respirou fundo e soube no mesmo instante que alguns daqueles caras eram os mesmos com quem tinha cruzado mais cedo. Outra inspiração profunda e seu nariz captou o cheiro de vampiro. A vítima, talvez? Depois o cheiro explodiu em seu cérebro e foi direto para o coração. O ar em seu peito congelou.

— Caramba! — sibilou, rezando para que não fosse tarde demais.

Capítulo Nove

Quando estava a poucos metros do tumulto, Chase viu que Della ainda estava de pé. Sangrando, mas de pé. E o cheiro de sangue da sua parceira de ligação o deixou sedento de mais sangue. Com um rosnado partindo da alma, ele arremessou os lobisomens para longe de Della, dois de cada vez. Seus corpos aterrissaram entre as árvores, um deles chegando a ficar preso nos galhos de um pinheiro.

Ainda envolvida no caos da briga, Della golpeou Chase no queixo. Doeu demais, mas ele nem se mexeu.

— Sou eu! — Chase tentou chegar onde ela estava, mas Della recuou, com o punho ainda fechado.

De repente, o reconhecimento atingiu Della.

— Eu pensei...

Ela prendeu o fôlego e passou a mão sobre o lábio, manchando de sangue a bochecha.

— Você está bem? — ele perguntou, o ar ainda preso em seu peito, a fúria fazendo seu sangue borbulhar e deixando seus olhos incandescentes.

— Eu podia ter dado conta sozinha — ela retrucou.

O fato de ela ainda ter seu orgulho intacto era um sinal de que estava bem.

— Sim, mas eu não quero que você fique com toda a diversão. — Sirenes encheram a noite e luzes azuis brilharam por entre as árvores. Ruídos de pneus guinchando ao parar na orla do parque ecoaram.

— Temos que dar o fora daqui! — ele disse e sorriu. Della não levantou voo. Ele ouviu passos se aproximando rápido e correu para a frente, agarrou-a pela cintura e puxou-a de encontro a ele — onde ela se encaixou à perfeição —, decolando no céu escuro. Eles mal tinham ultrapassado as copas das árvores quando ele ouviu os policiais abordando os lobisomens.

Por uma fração de segundo, ela lutou para se desvencilhar dele.

Olhando para baixo, ela deve ter visto a polícia. Então ficou quieta, seu corpo colado ao dele, o coração batendo de encontro ao seu peito, enquanto Chase voava para longe. Que Deus o ajudasse, mas ele podia jurar que o coração dela estava batendo mais rápido do que o dele.

Seria por causa da sua presença? Ou ela só estava reagindo ao ardor da luta?

— Aterrisse — ela disse por fim.

— Só mais um pouco. — Ele saboreou a proximidade do corpo dela e pressionou o rosto na curva do seu pescoço. O doce aroma da pele dela e do xampu encheu o nariz de Chase.

Sabendo que ela não iria tolerar a proximidade por muito tempo, ele aterrissou num beco a uma quadra da casa dela.

Ela se afastou dos braços dele assim que seus pés tocaram o chão. Ainda desequilibrada, olhou para ele com olhos brilhantes.

— Onde está Feng?

Chase respirou fundo e tentou se enganar, convencendo a si mesmo de que a raiva que ela sentia ainda era resquício da briga com os lobisomens.

— Eu não sei.

— Não sabe porque disse a ele para não contar a você?

Ele quase negou, mas estava cansado de mentir para ela.

— Sim. Feng não a matou, Della. Eu vou encontrar a pessoa que fez isso. E vou livrar o seu pai da cadeia.

Della apenas olhou para ele, a mágoa refletida em seus olhos.

— Por que meu tio não se entrega e diz que é inocente? — Incapaz de se conter, ele estendeu a mão para colocar atrás da orelha uma mecha do cabelo escuro dela. Ela o deteve, levantando a mão, e ele reparou nos hematomas nos dois braços dela e no rosto também.

— Você tem certeza de que está bem? — A vontade de voltar correndo e esmurrar os cretinos que a tinham machucado queimava em suas entranhas.

— Eu fiz uma pergunta! — Ela deu um passo para a frente, seus olhos de um tom laranja brilhante.

Ele teve que pensar por um segundo para se lembrar do que tinha sido perguntado.

— Se Eddie se entregar, a UPF simplesmente vai jogar o assassinato nas costas dele. Eles nem vão procurar esse outro cara.

— Você não pode ter certeza — ela acusou. — E o nome dele não é Eddie!

— Sim, eu sei disso, e você também. Mas desde que ele me resgatou daquele acidente de avião e salvou a minha vida, eu o conheço como Eddie.

Então ele sentiu aquele frio sobrenatural que costumava acompanhar a tia morta de Della. Enfiou as mãos nos bolsos do jeans.

Della olhou para o beco escuro, abrindo e fechando os punhos com força. Ainda seria o pânico, ou a tia estava de volta para causar problema? Então ela se virou para encará-lo.

— Nós precisamos voltar.

— Voltar...? — Estava quase frio demais para pensar.

— Ao parque. Um daqueles lobisomens pode ser o assassino.

— Sim, mas a polícia está lá.

— Não importa. — Ela começou a andar como se fosse decolar.

Ele a pegou pelo braço.

— Importa, sim. Se a gente aparecer, eles vão suspeitar que fazíamos parte da gangue. Eu não acho que Burnett ia gostar de nos tirar da prisão.

— Talvez eles sejam os assassinos de algumas pessoas de quem eu gostava. — A voz dela tremeu e sua respiração fez com que uma nuvem de vapor pairasse diante dos lábios dela. Ela olhou outra vez para o beco.

— Por acaso tem mais alguém aqui? — ele perguntou.

Della se virou para Chase, surpresa.

— Você consegue vê-la?

— Não. — Pelo menos ele esperava que não. Não ia nem arriscar olhar para aquele beco. — Eu só sinto o frio.

— Ela era minha vizinha. — A voz dela ficou embargada de dor e tristeza.

Chase percebeu que Della não tinha se afastado dele. Daria seu braço direito para que ela se recostasse em seu corpo. Della não era do tipo que se apoiava nas pessoas com muita frequência, mas, se ela precisasse, ele queria ser a pessoa a quem ela recorreria.

— Sinto muito — disse ele.

— Você não é o único que sente muito. É por isso que eu tenho que voltar.

Ele apertou mais o braço dela.

— Voltar lá é uma péssima ideia. — Mas ela tinha razão. A UPF precisaria interrogar os lobisomens antes que a polícia humana os soltasse.

— Eu vou ligar para Burnett. — Sem dúvida ele ficaria furioso ao descobrir que Chase estava com Della. Era certeza que Chase levaria uma bronca homérica, mas isso não importava.

O telefone de Della apitou com a chegada de uma mensagem de texto. Como se de repente ela percebesse que Chase a estava tocando, ela olhou para a mão em seu braço e puxou-o; em seguida, pegou o celular do bolso. Depois de ler a mensagem, olhou para a frente, intrigada.

— O que foi? — ele perguntou.

— É Burnett. Ele quer saber se estamos bem.

Chase franziu a testa.

— Ele sabe?

— Parece que sim... — Ela começou a escrever uma mensagem em resposta. Antes que terminasse, Chase sentiu o cheiro do vampiro. E Della também, porque seus dedos

pararam de digitar. Chase sentiu um nó no estômago, preparando-se para enfrentar um furacão.

Burnett ainda não tinha os dois pés no chão quando Della o interpelou: — Nem comece a me passar sermão. Tudo que eu fiz foi pegar o caminho mais longo para casa. E se eu não tivesse feito isso, uma pobre garota teria...

— Eu não vou te passar um sermão — disse Burnett.

Será porque está guardando o sermão para despejá-lo todo sobre mim depois? Chase ficou quieto, temendo o que estava por vir.

— Você está bem? — Burnett perguntou a Della.

— Tudo bem. — Ela parecia ofendida com a pergunta.

— Sentiu o cheiro deles? — perguntou Burnett. — São os mesmos de antes?

— Eles não são os garotos que eu vi andando por aí. Não consegui localizar um rastro forte o suficiente para saber se eram os mesmos da joalheria. Acho que são mestiços.

— Mas eles são os que eu farejei mais cedo, junto com o sangue animal — intrometeu-se Chase.

Ambos, Della e Burnett, pararam para olhar para ele.

— Você esteve aqui antes? — perguntou Burnett.

Della não pareceu surpresa; ela sabia que Chase tinha estado na região. Mas não tinha contado a Burnett. Estaria tentando protegê-lo do grande e malvado Burnett? Chase gostou desse pensamento.

— Sim, antes que eu fosse para Shadow Falls. Por volta das sete.

— Então, mais ou menos na hora do assassinato — disse Burnett. — Você viu os lobisomens?

— Não, apenas farejei.

Burnett ficou em silêncio, como se estivesse tentando digerir tudo.

— O sangue, era de...

— Eu não fiquei tempo bastante para identificá-lo como o de um felino. — Quando Burnett pareceu surpreso, Chase acrescentou: — Cruzei com Lucas quando ele voltou. Ele me contou sobre o gato. Por isso que eu vim aqui, ver a cena do assassinato... para ver se eu ainda podia sentir o rastro dos lobisomens. — *E para ter uma conversinha com uns cretinos...* Mas ele não disse isso.

Burnett não parecia irritado. Será que estava se contendo para soltar os cachorros quando estivesse sozinho com Chase? Burnett olhou para o céu como se tentasse bolar um plano.

— Della — disse ele. — Volte para casa. Direto para casa.

Della franziu a testa.

— Mas...

— Não discuta. Se seus pais descobrirem que você não está em casa, isso só vai complicar as coisas.

Chase viu uma centelha de raiva nos olhos de Della, mas ela assentiu com a cabeça. A garota respeitava muito Burnett. Essa era parte da razão por que Chase o respeitava também.

— Você vai me mandar uma mensagem e dizer se conseguiu uma confissão?

— Vou.

Ela decolou sem se despedir de Chase, nem ao menos lhe lançou um olhar oblíquo, como quem diz: "Vai pro inferno". Ele teria preferido esse olhar do que nada. Isso o magoou um pouco.

Burnett voltou seu olhar sombrio e acusador para Chase.

— Eu não estava planejando ver Della — defendeu-se.

— Eu sei. — Ele começou a caminhar de volta para o parque.

Chase o alcançou.

— Como você sabe?

— Coloquei alguém para seguir vocês.

As palavras de Burnett transpassaram Chase como uma faca.

— Isso é golpe baixo, não acha?

— Não — negou Burnett, sem se preocupar se Chase estava contrariado.

— Então você tem o direito de mandar me seguirem?

— Até que eu confie em você, sim.

E até quando, pelo amor de Deus, isso vai acontecer?! Então Chase usou a lógica.

— Você não mandou me seguir. Eu teria pego o cheiro do cara no ato.

— Não se essa pessoa for Perry — Burnett rebateu.

Perry era um dos melhores matamorfos que Chase conhecia. E os metamorfos bons de verdade podiam alterar o próprio rastro para não serem identificados. Mas Perry devia estar na França... com Steve.

— Perry e... Steve estão de volta?

— Voltaram ontem. — Burnett deu uma olhada rápida em Chase. — E você não vai criar caso por causa disso, entendeu?

Se Steve ficasse longe de Della, Chase não criaria caso nenhum.

— Você é que manda.

— É melhor você entender isso de uma vez por todas — advertiu Burnett. — Ao primeiro sinal de problema, você dança. Steve é meu aluno. Você é um agregado indesejável.

Chase teve que cerrar a mandíbula para não dar uma resposta malcriada.

Depois de mais alguns passos, Burnett acrescentou:

— E como parece que você não tem nenhum interesse em dormir à noite, por que não vem comigo entrevistar os lobisomens?

Chase recordou seu outro compromisso. E percebeu que não seria mais possível cumpri-lo. Talvez no dia seguinte.

— Claro.

— Não! — O grito, o grito de sua mãe, fez Della se sentar na cama de um salto, às sete da manhã. Será que ela tinha sonhado? Só podia ser um sonho, certo? Ela voltou a se deitar.

Às três da manhã tinha recebido uma mensagem de Burnett dizendo que estavam aguardando a autorização para levar os lobisomens para a UPF. Já eram quatro horas quando Della por fim esqueceu a raiva e a lembrança de ter ficado tão perto de Chase e deixou o sono dominá-la. O grito ecoou mais uma vez. Ela voltou a se sentar num salto e então correu para abrir a porta do quarto, descendo as escadas em dois segundos.

Era mesmo a sua mãe.

— O que foi?! — Della gritou, disparando para a cozinha e sentindo a temperatura gelada no cômodo. O frio característico era sinal de que se tratava de... alguém do outro mundo.

A mãe estava na frente da mesa, com as mãos agarradas ao encosto da cadeira de madeira. O olhar fixo em... O coração de Della parou. Sentada à mesa estava a senhora Chi, com a garganta aberta, a ferida expondo os tendões veias e alguma outra coisa desagradável.

Era assim que ela tinha morrido? Alguém tinha cortado a garganta dela? A garganta de Della de repente começou a doer também.

Ela engoliu a náusea e olhou para a mãe. Algo estava muito errado. E não era apenas a garganta da senhora Chi. Era... era... Como a mãe podia estar vendo a senhora Chi?

— O que... é? — Della se forçou a dizer, tentando convencer a si mesma de que se tratava apenas de um mal-entendido. A mãe dela não estava vendo o fantasma. Não poderia estar, poderia?

— A senhora Chi — murmurou a mãe, com terror e lágrimas nos olhos.

Santa Virgem do Pau Oco! A mãe *podia* ver a senhora Chi. Como isso era possível? Talvez fosse apenas um sonho. Della beliscou a perna. Aquilo doeu. Não era um pesadelo.

— Não olhe pra ela. — Della pegou a mãe pelos ombros e virou-a para que ficasse de frente para ela, de modo que não precisasse encarar a mulher morta.

A mãe piscou para Della como se estivesse confusa.

— Eles não mostraram o corpo. Só disseram que...

Foi então que Della percebeu que, por trás da mesa e do corpo ensanguentado da senhora Chi, havia uma televisão. Na tela, um repórter estava na frente da loja dos Chi,

relatando a história de horror que tinha acontecido na noite anterior. O peito de Della queimou outra vez diante da injustiça de tudo aquilo.

Ela desviou os olhos para a senhora Chi. *Sinto muito.*

Respirando o ar frio, tão frio que seus pulmões corriam o risco de congelar, tentou deter o pânico que se avolumava dentro dela. Isso não era nada fácil, não enquanto a senhora Chi olhava com perplexidade para a própria blusa manchada de sangue. Depois levantou a cabeça, expondo a garganta cortada outra vez, e seus olhos encontraram os de Della. *O que aconteceu?*

Passos soaram atrás dela.

— O que aconteceu? — soou a voz sobressaltada do pai.

— O noticiário. — A mãe, com os olhos brilhantes de lágrimas, apontou para a televisão. — A senhora e o senhor Chi foram assassinados na loja ontem à noite. Pobre casal... Quem poderia ter feito uma coisa dessas?

Assassinados? A velhinha levantou da cadeira e... uma bola de basquete suja de sangue rolou pelo chão da cozinha, deixando um rastro vermelho nos ladrilhos brancos até quicar nos pés descalços do pai de Della.

Claro que ele não sentiu nada. Nem viu a bola. Ela estava ali apenas para os olhos de Della. Que sorte a dela! Mas que raios a senhora Chi estava fazendo com uma bola de basquete?

A senhora Chi andou até Della. Seus olhos puxados cheios de perplexidade. *Onde está meu marido? Para onde ele foi?*

Arrepios percorriam os braços de Della.

— Como... como isso pode ter acontecido? — o pai dela murmurou, os olhos fixos na tela da televisão, onde o repórter continuava falando. Então ele se virou e olhou direto nos olhos de Della.

Será que ela ainda estava com hematomas? Della correu a língua pelos lábios, eles não estavam mais machucados. O rosto devia estar recuperado também. Então por que o pai...

— Como isso pode ter acontecido? — ele perguntou novamente, como se... como se a filha tivesse a resposta.

— Eu... eu não sei — Della respondeu, tentando entender a emoção nos olhos do pai. Emoção que parecia muito...

Ele piscou.

— Isso é muito estranho! — Ele saiu a toda da cozinha, quase tão rápido quanto entrou.

Della esfregou o braço para espantar o frio, causado tanto pela presença da senhora Chi quanto pela expressão do pai. Então fitou a mãe.

— O que foi aquilo?

— O quê? — a mãe perguntou, desabando na cadeira.

— Papai... ele está agindo como se...

— Como se o quê?

— Nada — apressou-se a dizer, olhando para onde o pai desaparecera. De repente uma resposta começou a se formar na sua mente, as peças do quebra-cabeça se encaixando e causando uma dor avassaladora em seu peito. Seria por isso?... Ah, Deus, por fim ela estava entendendo o que estava se passando, o que estava se passando havia meses... e a constatação fez com que os alicerces da sua vida começassem a ruir sob os seus pés. E não havia nada que pudesse fazer a respeito.

A não ser desabar também.

Capítulo Dez

Chase se sentou no escritório de Burnett, no quartel-general da UPF. Ele sabia que era a sala de Burnett porque as paredes estavam decoradas com fotos de Holiday e Hannah. Por um segundo, sua mente cansada se perguntou como seria. Ter um filho. Com Della. Não que ele já estivesse pronto para isso. Não, ele ainda tinha que roubar beijos! Não podia nem abraçá-la quando bem quisesse. E isso ele realmente queria.

O corpo dele recordou a sensação de tê-la bem perto dele, durante o voo para longe dos lobisomens. Ele engoliu a frustração, desejando que o remédio para isso não tardasse a chegar.

O computador zumbia, ainda buscando a resposta para a pesquisa de Chase. Ele tinha pedido permissão a Burnett para usar o computador em que estavam instalados os programas da UPF, para fazer uma pesquisa com o nome de Douglas Stone ou Don Williams. Havia seis pessoas na região de Houston com o sobrenome Stone e dez com o nome Don Williams.

Agora Chase esperava que o computador fornecesse o endereço e informações sobre essas pessoas. Melhor ficar ocupado do que apenas sentado ali, tamborilando os dedos na mesa. Mas ficar olhando a tela de um computador não era o mesmo que se ocupar. Ele esticou o pescoço e o fez estalar, para aliviar um pouco a tensão.

O computador continuava dando voltas, assim como a mente de Chase, esgotada pela falta de sono. Ele na verdade só precisava de três ou quatro horas de sono, mas tinha dormindo só duas por noite na última semana e nenhuma na noite anterior, portanto aquilo não tinha ajudado. Nem pensar em Steve de volta a Shadow Falls. Não que ele fosse...

Chase Tallman não estava com ciúme. Não. Mas não podia negar que sentia alguma coisa. Algo que incomodava, como uma cueca muito apertada. E por que diabos ele tinha passado tanto tempo pensando no que Della tinha dito à amiga sobre o metamorfo?

Inclinando-se na cadeira, ele franziu os lábios e levantou os braços sobre a cabeça, desviando os olhos da tela do computador e fitando as persianas. Os primeiros raios de sol derramavam-se através das fendas e ele soltou um gemido. Os lobisomens ainda não

tinham chegado à prisão local. Eles só tinham prendido quatro, três haviam fugido, mas um, aquele que tinham tirado de cima de uma árvore, estava hospitalizado. Talvez Chase devesse estar se sentindo mal por causa disso, mas não estava.

Ainda mais quando pensava no que teriam feito a Della se ele não tivesse chegado a tempo. Claro, ele sabia que ela sabia se cuidar muito bem, mas não com aquele monte de lobisomens tão perto da lua cheia — mesmo se tratando de lobisomens mestiços. Então precisava admitir que tinha ficado satisfeito ao ver todos aqueles ferimentos nos lobos.

O que o fazia se sentir mal era não ter sido capaz de dar nenhuma descrição física de qualquer um dos lobisomens foragidos. Ele tinha ficado tão preocupado em proteger Della que nem chegara a olhar o rosto de nenhum deles. E de acordo com Burnett, que tinha feito a Della a mesma pergunta, ela não tinha conseguido oferecer uma descrição muito boa também.

O computador por fim mudou a tela e lhe deu informações sobre os Douglas Stones e Don Williams. Chase se sentou tão rápido que a cadeira rangeu como se reclamasse de que a pessoa errada estava se sentando nela, como se soubesse que não era Burnett.

Ele mandou imprimir tudo. Depois dobrou a folha e enfiou-a no bolso.

A porta do escritório se abriu. Burnett enfiou a cabeça pela fresta, parecendo muito cansado, considerando que não tinha dormido também.

— Os lobisomens estão aqui. Está pronto?

— Mais do que pronto. — Chase se levantou da cadeira num salto e foi até o homem à porta.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Burnett.

— Vários nomes — disse Chase, tirando a lista do bolso e entregando a ele.

— É um tiro no escuro — disse Burnett, enquanto analisava a lista. — Mas acho que vale a pena investigar.

— Espero mesmo que sim — Seus instintos lhe diziam que seu relacionamento com Della dependia da resolução daquele caso. E uma resolução rápida.

— Você quer fazer o interrogatório? — perguntou Burnett. — Me mostre o que sabe.

— Primeiro vamos ver se você acha que o cheiro de um desses caras é o daquele que estava com o sangue animal — Burnett disse a Chase. Burnett levou-o a cada uma das três salinhas com uma parede de espelho e dutos de ar ligando as duas salas.

Os cheiros eram familiares, mas, com base na briga no parque, ele podia dizer que não eram os mesmos que tinha sentido antes.

— Talvez os culpados sejam aqueles que fugiram — disse Chase.

— Vá descobrir. — Burnett fez sinal para o espelho. — Eles estão com as pernas acorrentadas, mas sem algemas, por isso não chegue muito perto. Vou ficar assistindo, para o caso de você se meter em alguma encrenca.

— Eu já esperava isso... — Chase abriu a porta da primeira sala, em seguida fechou-a com força.

O lobisomem, com não mais do que 18 anos, estava de cabeça baixa. Ele se levantou de um salto, com os olhos brilhando num tom amarelo-ouro. Os pesados grilhões de ferro em volta dos seus tornozelos tilintaram no piso de concreto.

Chase deixou seus próprios olhos ficarem mais brilhante, só para mostrar ao lobisomem mestiço que ele estava levando aquilo sério.

Foi até o lado oposto da mesa de metal, onde havia uma caneta e uma folha de papel. Colocou as mãos sobre a mesa. Inclinando-se, sorveu um grande gole de ar. Quando fez isso, avistou uma mancha de sangue nos dedos do sujeito, o sangue de Della. Ele sentiu seu olhar ficar mais ardente e se obrigou a manter as emoções sob controle. Mas sua vontade era agarrar o imbecil pelo pescoço e girá-lo no ar, ao redor da sala.

— Você é o mesmo cara que... — O lobisomem sorriu. — Um pouco novo para ser agente, não acha?

— A minha idade não lhe diz respeito. O que importa é que eu tenho o que eles precisam.

O lobisomem riu.

— Ah, você anda por aqui com esse ar todo durão, mas quantos amiguinhos você tem atrás desse vidro, assistindo tudo? — Ele gesticulou para o espelho, sabendo obviamente que se tratava de uma janela.

— Não o bastante para me impedir de te dar uma porradas se eu quiser — Chase sibilou.

O lobisomem pulou da cadeira, quase derrubando a mesa. Chase, pronto para agir, pegou-o pelo pescoço e apertou apenas o suficiente para que o babaca soubesse que ele estava falando sério. Em seguida, empurrou-o de volta para o assento.

O lobisomem ofegou.

— Agora, fique quieto aí e me ouça. Você pode conseguir se safar dessa, pegando uma pena mais leve.

— Em troca do quê? — o ladino cuspiu.

Chase encarou o lobisomem com os olhos cor de laranja.

— A garota que você e seus amigos pegaram é amiga minha.

— Não saímos atrás da cadela, ela é que veio atrás da gente.

Chase se inclinou para a frente, com o nariz quase tocando o do delinquente, quase desafiando-o a tentar alguma coisa outra vez.

— Se vocês não tivessem perseguido aquela menininha, ela nunca teria ido atrás de vocês!

— A gente não ia fazer nada de ruim com a menina. A gente só queria dar um susto nela. Ela deveria saber que não pode ficar perambulando pelo parque aquela hora da

noite.

— Você tem desculpa pra tudo, não é? Que desculpa vai me dar para não escrever neste papel o nome de todos que estavam com você?

Os olhos dele brilharam e um rosnado baixo saiu de seus lábios.

— Porque eu não sou dedo-duro.

A mãe de Della estacionou o carro em frente à placa de Shadow Falls. Algo sobre aquele trajeto de volta à escola parecia diferente para Della. Mais definitivo.

Mais doloroso.

Era a coisa certa a fazer, até mesmo o que ela queria, mas doía saber que não era bem-vinda na casa dos pais, saber que aquelas temporadas em casa poderiam muito bem estar chegando ao fim.

Ela sabia que seu pai não iria perder a chance de mandá-la de volta, mas, pelo amor de Deus!, três minutos após desligar o telefone, depois de falar com Burnett, o pai mandou a mãe dizer a Della que devia fazer as malas.

A insistência do pai tinha provocado uma discussão entre os pais. E confirmado o que Della estava começando a suspeitar.

No final, a mãe cedeu às exigências do pai. Della não a culpava. Não podia.

Sem dúvida, a mãe estava chateada por causa da morte do senhor e da senhora Chi, além de estar devastada pelo fato de o marido estar sendo acusado de assassinato. Ela só não tinha mais energia para lutar contra tudo.

Mas teria sido bom se ela tivesse persistido um pouco. Pelo menos para defender a filha.

Marla, por outro lado, tinha batido o pé. Não com os pais, mas com Della. *Vá embora, então. Vá e me largue aqui para enfrentar tudo isso sozinha!*

Della tinha ficado com vontade de gritar com a irmã, dizendo que ela estava fazendo tudo o que podia para ajudar. E que voltar para Shadow Falls não era ideia dela, mas do pai. Ele não queria que ela ficasse. Ela queria muito dizer que não era culpa dela. Mas *era* e ela sabia disso. O pai só estava à espera de um julgamento porque Della, sem querer, tinha feito com que a polícia reabrisse o caso.

Mas não importava mais de quem era a culpa ou a falha. Então ela apenas deixou que Marla pensasse que a ideia era dela.

— Preciso entrar em Shadow Falls? — a mãe perguntou, trazendo Della de volta ao presente, sentada no carro.

— Não. — Della olhou para o portão de ferro, engoliu o nó que teimava em obstruir a sua garganta e estendeu a mão para a maçaneta da porta. — Vejo você em algumas semanas. — Ou pelo menos ela torcia para que isso fosse verdade. Torcia para que o pai não desistisse até daquelas breves visitas.

A mãe dela segurou Della pelo braço.

— Se você concordasse em voltar para sua antiga escola, poderia ficar em casa.

Não, eu não posso. Della engoliu em seco. Ela passara toda a manhã pensando no pai. Tentando descobrir como aquilo era possível. Como ele poderia saber?

— Eu amo isto aqui, mãe — disse Della, esperando que a verdade soasse em sua voz e não a dor. A mãe dela já estava sofrendo o suficiente. Ela não precisava sofrer por Della também.

— E eu te amo — disse a mãe, lágrimas enchendo seus olhos.

— Eu também te amo — respondeu Della, do fundo do coração, onde a dor era ainda pior.

— Eu não entendo. — A voz da mãe estremeceu. — Um ano atrás, a nossa a vida era tão normal! Agora meu marido está sendo acusado de assassinato, minha filha mais velha mora numa escola para jovens problemáticos e meus vizinhos foram assassinados. Como a vida pôde ficar desse jeito?

Della pegou a mão da mãe, esquecendo por um momento a temperatura do próprio corpo. Graças a Deus, a mãe não pareceu notar, mas ela puxou a mão de volta rapidamente.

— Vai ficar tudo bem. Papai não vai ser condenado. Estou com quase 18 anos, então teria que sair logo do ninho de qualquer maneira. Agora este é o melhor lugar para mim, e... as pessoas que mataram o senhor e a senhora Chi vão pagar pelo que fizeram. Vou garantir que isso aconteça.

— Você? — A mãe piscou e algumas lágrimas escorreram pelas suas faces. — Como você vai...

— Quero dizer, a polícia! — ela respondeu, rápido.

A mãe abriu um sorriso triste e secou as lágrimas do rosto. Então estendeu a mão e tocou o rosto de Della.

— Às vezes você parece tão diferente, e outras vezes... Ainda vejo a minha menininha aí dentro.

— Eu ainda estou aqui — disse Della, lutando para não cair no choro, enquanto se perguntava o que o pai via quando olhava para ela. Será que via a antiga Della? Ou via o monstro dentro da filha?

A mãe balançou a cabeça.

— É melhor você ir. E não deixe de estudar. Seu pai me contou que o senhor James disse que você está com notas baixas.

— Pode deixar. — Della pegou a mala de viagem no banco de trás do carro e ficou parada ao lado do portão, o vento frio soprando os cabelos, assistindo enquanto a mãe manobrava seu Malibu dourado e se tornava apenas um pontinho no horizonte.

— Já de volta? — perguntou uma voz, e Della se virou para ver John, um metamorfo, se aproximando a pé.

— Pois é. — Ela mordeu a língua para não dizer que aquilo não era da conta dele, porque isso teria sido rude. Não era culpa dele que ela estivesse de péssimo humor.

Ela disparou para a entrada. Tinha um certo vampiro para interrogar. Se Chase pensava que as perguntas da noite anterior tinham acabado, estava muito enganado. Mas primeiro, o mais importante.

Ela foi até o escritório da escola, depois de ter farejado o cheiro de ambos alguns passos além do portão. Largando a mala no chão, entrou no escritório de Holiday. A *fae* ruiva estava sentada à escrivaninha, a trança grossa sobre o ombro, um livreto de palavras-cruzadas aberto sobre a mesa.

Burnett estava estirado no sofá, com a adorável Hannah, apenas de fralda, sentada de cavalinho em sua barriga. O vampiro durão parecia estar com o humor despreocupado das manhãs de domingo. Os pés dele estavam cruzados nos tornozelos, os ombros relaxados, o cabelo até um pouco despenteado. Ou talvez aquela fosse uma manhã de domingo em que ele estivesse exausto; ela sabia que ele tinha trabalhado a noite toda.

Ele tinha mandado uma mensagem para ela às cinco da manhã, dizendo que os lobisomens não estavam cooperando.

— Algo errado? — perguntou Holiday, seus dons de *fae* captando as emoções de Della.

Della respirou fundo e seu peito estremeceu.

— Meu pai sabe.

— Sabe o quê? — Burnett perguntou, sentando-se e puxando a filha na direção do peito.

— Ele sabe que eu sou vampira.

Capítulo Onze

— O quê? — Burnett pôs-se de pé, colocando Hannah nos braços da esposa. — Como? Você contou a ele? — perguntou Burnett.

— Não. — Por que raios ela faria isso?

— Espere aí. Ele a confrontou? — perguntou Holiday.

— Não, mas agora, por fim, tudo faz sentido. Esse tempo todo, eu não estava entendendo. Sabia que ele estava desapontado comigo, mas ele olhava para mim... de um jeito diferente. Eu não sabia o que era e não podia obrigá-lo a falar. Mas esta manhã, quando eles descobriram que o senhor e a senhora Chi foram assassinados, o meu pai... ele olhou para mim como... como se *eu* tivesse feito aquilo. — Ela engoliu em seco. — Ele está com medo de mim. Ele sabe... — A voz dela falhou. — Ele sabe que eu sou um monstro.

No segundo em que as palavras saíram, Della daria qualquer coisa para trazê-las de volta. Para prendê-las em seu punho fechado e escondê-las no fundo do bolso, tão fundo que pudessem ser esquecidas ali. Porque, com aquelas malditas palavras, ela expressava toda a dor e vergonha que sentia desde que tinha descoberto que havia sido transformada; desde que havia descoberto que, para sobreviver, teria que beber sangue.

— Você não é um monstro. — Holiday contornou a mesa e foi até Della. Provavelmente para tocá-la, para tentar aliviar a dor que estava sentindo. Mas não iria funcionar. Não desta vez. — Della? — Holiday tocou o braço de Della. — Hannah é vampira. Olhe para ela. Você acha que...

— Não é o que eu acho o que importa — ela mentiu. — É o que o meu pai acha... e o que a minha mãe e a minha irmã vão pensar. — *É o que a droga do mundo inteiro pensaria se soubesse que os vampiros existem!*

— Eu acho que você está imaginando coisas — disse Burnett. — Como ele poderia saber?

— Porque viu o irmão gêmeo vampiro matar a irmã.

Burnett pareceu confuso.

— Mas eu pensei... Ele viu o irmão? Ele testemunhou o assassinato?

— Ele foi obrigado. De acordo com a minha mãe, meu pai diz que não se lembra de nada do que aconteceu naquela noite. Que ele estava inconsciente. Mas o fantasma da minha tia disse que ele não estava inconsciente coisa nenhuma.

— Mas a sua tia pode estar errada — rebateu Holiday. — Já falamos sobre isso. Quando alguém está morrendo...

— Mas faz sentido! — insistiu Della. — Vocês não veem? A minha mãe diz que ele ainda tem pesadelos por causa do que aconteceu. Como alguém pode ter pesadelos sobre uma coisa de que não se lembra? Ela disse que ele foi hospitalizado depois do assassinato, não porque estivesse ferido, mas porque surtou. Ele sabe. E agora está com medo de que eu esteja fazendo o que Feng fez com Bao Yu.

— Eu acho que você está tirando conclusões precipitadas. — Holiday mais uma vez apertou com delicadeza o ombro de Della. Ela sentiu a calma penetrando na sua pele, mas sem chegar ao coração.

— Precipitadas? Pelo contrário, eu não sei como não cheguei a essa conclusão antes!

— Olha, eu acho... — Burnett parou. Então inclinou a cabeça levemente para o lado, como se ouvisse alguma coisa.

Ela fez o mesmo e ouviu passos na frente da cabana. Ergueu o nariz e sentiu dois cheiros diferentes. Um era canino. O outro era... Chase. Um sentimento de expectativa varreu-a de cima a baixo. Ela forçou-se a reprimi-lo.

Reprima.

Reprima.

Reprima.

Della se virou e olhou para a frente do escritório.

— Prepare-se, porque já já você vai me ver! — ela disse, alto o suficiente para que ele ouvisse, e andou até a porta.

Chase se preparou para vê-la, mas a emoção que sentiu foi ofuscada pelo eco das palavras dela. Não a ameaça que elas continham — isso ele já esperava —, mas a confissão anterior: *Ele sabe que eu sou um monstro.* O peito de Chase ficou apertado e um profundo sentimento de tristeza comprimiu seu plexo solar. Então essa emoção se transformou em raiva. Raiva do pai dela outra vez.

— Não vá vê-lo agora, Della! — A voz de Burnett veio em seguida.

Chase não se mexeu, lutando contra a antipatia crescente que sentia pelo pai de Della e a decepção pelo fato de Della não estar parada na frente dele. Só quando se convenceu de que ela não estava vindo, ele continuou pela trilha. Deu apenas alguns passos antes de perceber que Baxter não o seguia mais.

— Venha cá, garotão! — ele chamou Baxter, que devia ter começado a sentir o cheiro de Della porque já trotava em direção ao escritório. — Não, Baxter!

O cão parou e olhou para trás, como se dissesse: "Mas Della está lá dentro!"

— Você vai vê-la mais tarde — prometeu Chase, quando o cão voltou a contragosto.

— Acredite, estou tão ansioso para vê-la quanto você... — Ele tencionou os ombros de expectativa, mas sua mente ricocheteou, voltando a se concentrar em outra emoção.

Será que Della realmente acreditava que ela era um monstro?

É claro que acreditava! Ele lembrou com clareza quando sentia quase a mesma coisa na época em que tinha sido transformado. Mas ele tinha Eddie para conter todo aquele lixo emocional. Ela não tinha ninguém. Bem, ela tinha o primo Chan, mas considerando que ainda morava com seus pais não vampiros, não devia ter recebido tantas orientações. E se ele estivesse certo, isso tinha sido meses antes de ela chegar a Shadow Falls.

Será que ela sabia quanto era raro um recém-criado sobreviver àqueles primeiros meses sem um vampiro mais experiente para orientá-lo? Ou, pelo menos, sobreviver com alguma dignidade? A maioria deles se tornava um delinquente ou se matava. Ele precisava fazê-la entender quanto era surpreendente ela ter sobrevivido depois de tudo o que passara.

Ele estava fazendo a primeira curva, quando os pelos da sua nuca se eriçaram. Sentindo como se estivesse sendo observado, parou e olhou ao redor. Não viu nem sentiu nada, apenas a natureza.

Nem Baxter, que olhava para ele confuso.

Isso não significava que eles estivessem sozinhos. Um metamorfo ainda poderia estar à espreita. E um, em particular, veio à mente de Chase.

— Eu não quero arranjar encrenca! — gritou ele. — Mas Della e eu pertencemos um ao outro. Você precisa respeitar isso.

No mesmo instante, ele sentiu algo batendo na sua nuca. Então viu um pássaro voando para longe e nem precisou pôr a mão para saber que era titica de passarinho.

Cada célula do seu corpo quis levantar voo para dar uma lição naquele idiota, mas ele ouviu em sua cabeça o aviso do Burnett: *Ao primeiro sinal de problema, você dança.*

Praguejando baixinho, o olhar ainda fixo no pássaro voando no céu, ele percebeu outro barulho e outro cheiro bem atrás dele. Baxter também. Seu grunhido ecoou no silêncio, e ambos se viraram.

Della olhou para a porta do escritório.

Chase estaria escutando a conversa entre eles? Ela tinha quase certeza. O vampiro não tinha nenhuma vergonha na cara. Mas ela apostava que levar uma surra de uma garota faria com que ele ganhasse uma pequena dose muito necessária de humildade.

— Vocês dois têm que se dar bem ou evitar um ao outro — advertiu Burnett, como se estivesse consciente do que os olhos dela tinham adquirido uma tonalidade amarela. — Sem derramamento de sangue.

Della franziu a testa.

— Você é sempre um estraga-prazer.

Burnett balançou a cabeça como se não estivesse nem um pouco interessado nas observações sarcásticas dela.

— Sente-se. — Ele acenou para a cadeira em frente à mesa de Holiday.

— Já não terminamos aqui? — perguntou ela, pronta para enfrentar Chase no caso de ele lhe oferecer algo que não tinha oferecido a Burnett. Dar uma surra nem sempre significava tirar sangue.

— Não. Eu tenho mais algumas novidades sobre o caso do seu pai e os assassinatos da noite passada. Então, grude essa sua bunda na cadeira e chute a *dele* dos seus pensamentos.

Notícias do caso do pai dela? Chase instantaneamente assumiu o segundo lugar na lista de prioridades dela. Puxou a cadeira e se sentou.

— O que você conseguiu?

Holiday voltou para sua cadeira. Burnett sentou-se na borda da mesa de Holiday. Hannah deixou escapar um arrulho doce, mas a tensão no cômodo não dava lugar à inocência dela.

— Nós conseguimos designar um novo assistente da promotoria para o caso do seu pai. Jerod Mason, ele é *fae*, mas trabalha em muitos casos sobrenaturais que se enquadram nos tribunais humanos.

— E daí? Você conseguiu que um dos nossos ajudasse a colocar o meu pai na prisão?

Burnett franziu a testa.

— Às vezes, a melhor defesa é ter um aliado na promotoria. Jerod vai passar informações para o advogado do seu pai.

— E o juiz? Você disse que estava tentando conseguir um juiz sobrenatural que pudesse encontrar uma razão para retirar as acusações. — O estômago dela doía só de pensar em como as coisas poderiam acabar mal.

— Isso ainda não foi possível. — Ele viu Della de cenho franzido e levantou a mão. — Mas ainda pode acontecer. Esse tipo de coisa pode demorar um tempo. Enquanto isso, falei com Jerod esta manhã. Ele planeja pegar todos os arquivos amanhã e, quando fizer isso, vai tirar cópias e nos passar, assim como para o advogado do seu pai, por isso vamos saber o que vamos enfrentar nos tribunais.

Com quem Burnett estava brincando? Ela já sabia o que o pai dela estava enfrentando. Era acusado de assassinato. Uma acusação que poderia colocá-lo atrás das grades a vida toda, ou pior. No Texas não era rara a pena de morte. O coração de Della bateu com medo só de pensar nisso.

— Não temos uma data? Para o julgamento?

— Não, mas Jerod disse que a promotoria está pressionando para que seja em breve. Temos algumas pessoas que trabalham nos tribunais e estamos tentando marcar uma

data.

— Por que em breve? — perguntou Della, temendo ver o pai ter de passar por isso.

A expressão de Burnett se suavizou, como se o que ele tivesse a dizer não fosse tão fácil.

— Quanto menos tempo eles tiverem para desencavar as coisas, melhor para nós.

— Isso pode não ser fácil para o seu pai — acrescentou Holiday. Hannah soltou outro arrulho, tão doce que destoou totalmente da conversa.

O peito de Della se apertou por causa da culpa.

— Você tem razão. — Ela engoliu em seco. — Ouvi meu pai dizer à minha mãe que não sabia por quanto tempo conseguiria manter o emprego.

— Nós vamos fazer tudo o que pudermos — disse Holiday. — Você sabe disso.

Della acenou com a cabeça, mas o pensamento que quase tirava a sua sanidade era... e se "tudo" não fosse suficiente?

No instante em que Chase e Baxter se viraram, Steve se aproximava pela trilha do bosque.

Confuso, Chase desviou o olhar para o céu, onde o pássaro ainda estava visível, então olhou para o metamorfo outra vez.

Steve não estava sorrindo, mas seus olhos castanhos tinham uma pitada de humor que incomodou Chase.

— Você pensou que aquele era eu. — Agora, o metamorfo sorria.

— É, pensei — admitiu Chase, certo de que sua expressão não era tão bem-humorada quanto a do outro. — Então foi um amigo seu, hein?

Seus olhares se encontraram. A tensão encheu o ar da manhã de domingo. Chase inspirou e o cheiro do metamorfo preencheu seu nariz. O aroma o fazia se lembrar de Della porque Chase sempre o sentia nela quando a conhecera. Algo em que ele preferia não pensar.

Steve olhou para o céu, onde o pássaro voava em círculos.

— Não. Não que eu saiba. — A frequência cardíaca do cara não indicava que ele estivesse mentindo. — Mas ele é meu amigo agora. — Steve sorriu, não mostrando nenhum medo. Algo que Chase admirava, mesmo que isso o incomodasse.

Desde que ele soubera dos sentimentos de Steve por Della, queria encontrar coisas em Steve que ele desprezasse — coisas que o desacreditassem aos olhos de Della.

No entanto, tirando o flerte com a filha do veterinário, Chase não tinha conseguido encontrar nenhum podre no metamorfo. Aquilo tornava as coisas mais difíceis, mas também dizia muito sobre quem Della deixava entrar na sua vida.

Chase engoliu seu orgulho e decidiu fazer a coisa certa, embora fosse a mais difícil.

— Acho que me enganei. Desculpe.

Steve desviou o olhar por um segundo como se estivesse em conflito. Quando voltou a olhar para Chase, havia determinação em seu rosto.

— Não foi só nisso que você se enganou.

Capítulo Doze

Com receio de saber muito bem como aquela conversa ia terminar, Chase cerrou os dentes com tanta força que foi uma surpresa não terem trincado. *Não perca o controle. Não perca o controle.*

— Em que mais eu me enganei? — Ele respirou fundo, esperando que o oxigênio ajudasse a acalmá-lo.

— Sobre eu respeitar que você e Della pertencem um ao outro.

Os olhos de Chase ficaram mais brilhantes quando ele deu vazão à sua natureza de vampiro.

— Cuidado! — ele advertiu o outro e deu a si próprio o mesmo aviso. Seus instintos diziam que Burnett não estava fazendo ameaças vazias quando prometeu expulsá-lo de Shadow Falls caso arranjasse encrenca com Steve.

Steve balançou a cabeça, ignorando o aviso, e aquilo deixou Chase ainda mais irritado.

— Olha só, a única pessoa que eu tenho que respeitar é Della. Não você. Nem a ligação que, na sua opinião, vocês dois têm. E eu, pessoalmente, acho que ela é muito capaz e já está bem crescidinha para tomar as próprias decisões. E você, senhor Tallman, precisa colocar isso na sua cabeça de uma vez por todas.

Steve se virou e começou a se afastar.

Chase fechou o punho com tanta força que a sua mão doeu. Não era a sua cabeça que estava com dificuldade para aceitar as palavras do metamorfo. Era o seu coração. Mas, se Steve pensava que ele iria simplesmente aceitar aquilo e abrir mão de Della, estava muito enganado.

*

Della continuou sentada na cadeira em frente à mesa de Holiday. Ela não iria deixar — não poderia deixar — que o pai fosse para a cadeia. Mas como faria isso ainda era para ela um mistério.

Burnett falou outra vez.

— Quanto ao caso dos Chi, conseguimos as impressões digitais. Infelizmente, havia um monte de impressões na loja. Até agora, não há ninguém compatível com essas

impressões na base de dados da UPF. E temos uma pegada de sapato. Estão tentando identificá-la.

— As autópsias não estão prontas ainda? — perguntou Della.

— Não. Mas estou esperando que os resultados cheguem amanhã.

— E os lobisomens que foram presos?

— Nenhuma das impressões digitais coincide com as deles. Chase disse que não são os mesmos que ele tinha farejado antes com o sangue animal. Ainda assim podem ser do mesmo grupo, só que os culpados pelo assassinato conseguiram fugir.

— Então vamos obrigá-los a nos contar com quem estavam! — Della sugeriu.

Burnett suspirou.

— Nós tentamos. Nenhum deles nos deu qualquer informação.

— Me deixe falar com eles — insistiu Della.

Burnett entrelaçou os dedos.

— Chase já os interrogou. Fez um grande trabalho, devo acrescentar. Ou eles são muito leais ou estão muito assustados. E eu apostaria que estão é com muito medo.

Della balançou a cabeça.

— Então não temos nada?

— Ainda não — disse Burnett. — Mas é cedo.

Holiday equilibrou Hannah em seu quadril.

— Burnett disse que você viu o espírito da senhora Chi? Ela lhe deu alguma pista?

A imagem sangrenta da mulher sentada à mesa da cozinha brilhou na mente de Della.

— Não, ela ainda nem sabe o que aconteceu. Mas... — Della estendeu a mão e tocou o pescoço. — Eu acho que o pescoço dela foi cortado.

— E foi mesmo — confirmou Burnett. — Está no laudo.

Della respirou fundo, tentando absorver a verdade cruel.

— Eu sei que é difícil falar sobre isso — disse Holiday. — Mas às vezes os espíritos tentam nos comunicar alguma coisa de formas estranhas. Eles dizem algo inusitado, ou podem estar vestindo algo que não se encaixa com a sua personalidade. Você não consegue se lembrar de nada fora do comum na visita dela?

— Não — disse Della, querendo tirar a imagem da cabeça. Depois ela se lembrou.

— Espere. Não é verdade. Apareceu uma bola de basquete. Suja de sangue.

— Uma bola de basquete? — perguntou Burnett.

— Sim — disse Della.

Holiday passou Hannah para o outro quadril.

— E aposto que a senhora Chi não jogava basquete.

— Não.

Holiday levantou uma sobrancelha.

— Então, isso é um sinal. Ou o assassino tinha uma bola com ele, ou ela viu o assassino jogando bola. Ou talvez as duas coisas.

— Existe algum parque com uma quadra de basquete perto da sua casa? — Burnett perguntou.

— Sim — Della se agarrou ao seu primeiro fio de esperança e achou que talvez conseguissem encontrar os assassinos.

— Na frente do parque onde pegamos os outros lobisomens. — Ela se levantou. — Devemos ir lá agora?

— Não, eu vou mandar Lucas. — Burnett pegou o telefone. — Se ele cruzar com os lobisomens, eles podem ser mais receptivos.

— Mas...

— Nem comece! — Burnett desviou os olhou do celular e a fitou. — Primeiro, eu já disse que você não está trabalhando neste caso. E segundo, se você for lá, eles vão reconhecê-la ou reconhecer o seu cheiro da noite passada.

— E eu vou reconhecê-los — disse ela. Nesse instante, as luzes da sala piscaram e apagaram. O silêncio de morte de uma queda de energia encheu a sala.

Burnett foi até a parede onde estavam os controles do sistema de alarme. Enquanto apertava alguns botões, continuou falando.

— Assim tão perto da lua cheia, é melhor deixar outro lobisomem lidar com isso.

Um sinal sonoro partiu dos controles.

— Problemas? — perguntou Holiday, olhando para o alarme.

— Provavelmente não.

As luzes voltaram a se acender. Ele olhou para Della.

— Agora vá recuperar seu sono atrasado e descanse. Você está com uma cara de merda.

Holiday puxou a filha mais para perto, pressionou uma mão sobre a orelha dela e fez cara feia para o marido.

Burnett encolheu os ombros como se quisesse se desculpar.

— Desculpa. Quer dizer, você está... um trapo.

Della olhou para Holiday.

— Ele sempre fala palavras tão doces!.. Como você teve tanta sorte?

Holiday riu, em seguida levantou-se e tocou no ombro de Della. Um calor aqueceu o peito da vampira e por um segundo ela desejou que pudesse apenas se render a ele e esquecer todos os seus problemas.

— De vez em quando ele diz a coisa certa. E por pior que seja a escolha de palavras do meu marido, você de fato parece cansada. Vá descansar um pouco. Miranda e Kylie devem estar aqui daqui algumas horas. E eu sei que elas vão vibrar ao saber que você está de volta. E não haverá descanso depois disso.

Della ouviu Burnett contando a Lucas sobre a quadra de basquete. Ela olhou para o vampiro teimoso, então franziu a testa outra vez para Holiday.

— Não é justo. Eu preciso trabalhar neste caso. Conheço as vítimas. Eu me importo, droga! — A voz tremeu, revelando o nó que se formava em sua garganta. — Por que ele não consegue ver isso?

Holiday suspirou.

— Você está trabalhando neste caso. A senhora Chi está procurando você para lhe dar pistas. E quando você está esgotada, suas possibilidades de canalizar um fantasma são menores. Além disso, eu tenho certeza de que Burnett vai inteirá-la dos acontecimentos assim que Lucas voltar.

Della, certa de que não poderia mudar a opinião de Burnett e duvidando de que Holiday fosse ajudá-la desta vez, saiu do escritório pisando duro.

Tinha atravessado a porta da cabana e colocado um pé na varanda quando Holiday chamou-a de volta.

— O que é? — perguntou Della. Seu olhar recaiu sobre Hannah quando o bebê abriu um grande sorriso para ela. Della se sentiu quase culpada por estar com tamanho mau humor.

— Se Chase lhe causar qualquer problema, quero que venha falar comigo. Você entendeu?

— Acho que posso cuidar dele. — Della franziu a testa, insatisfeita com o fato de todo mundo parecer pensar que ela não podia lidar com Chase.

— Sim, mas por que você precisa ficar com toda a diversão? — sorriu Holiday com carinho.

Della se lembrou de Chase dizendo quase a mesma coisa.

— Em que cabana ele está hospedado?

A líder do acampamento hesitou.

— Eu preciso falar com ele. Vou achá-lo de qualquer maneira — disse Della. — Só que vou demorar mais e vai me sobrar menos tempo para descansar.

Holiday franziu a testa.

— Catorze. Mas lembre... sem derramamento de sangue. Só eu posso fazer isso!

— Catorze — Della repetiu, enquanto Holiday fechava a porta. Virando-se para sair, ela notou um pássaro empoleirado na cerca da varanda. Mas com apenas uma coisa em mente, ela continuou andando. Tinha começado a dar o primeiro passo quando sentiu aquele estranho formigamento na espinha. Aquela espécie de formigamento que a gente sente quando alguém está olhando para nós.

Ela olhou para a esquerda. Ninguém.

Olhou para a direita. Nada.

Então se lembrou do maldito pássaro. Deu meia-volta.

Um pássaro preto — tão preto que parecia quase azul — virou a cabeça e olhou direto para ela. Ela se lembrou de ter cruzado com o metamorfo John, ao chegar da casa dos pais.

— John? — ela perguntou, esperando que o pássaro falasse. A criatura emplumada só olhou para ela. — O que foi? — ela perguntou. — O que você quer? — Ele permaneceu em silêncio.

Ela agitou a mão no ar para ver se ele voaria para longe.

Ele não voou.

Um pássaro normal teria se afugentado.

Convencida de que era John, ela deu um passo mais para perto.

— Cai fora daqui ou eu arranco uma pena sua! — ela ameaçou.

O pássaro bateu as asas, mas não deixou seu poleiro. John não costumava ser daquele jeito. O adolescente, apenas metade metamorfo — tinha habilidades limitadas e era tão arisco quanto um camundongo com complexo de inferioridade. Nem conseguiria disfarçar tão bem o cheiro dele. Ela respirou fundo. Nada. Nada além de um pássaro.

— Ok, se você não é John, quem é então? — De repente, a possibilidade de o pássaro ser outro metamorfo, com a habilidade de se disfarçar, encheu sua mente. Mas Steve só deveria estar de volta dali uma semana.

— Steve? — ela sussurrou seu nome, mesmo que aquele fosse um pássaro comum e Steve fosse fascinado por falcões.

Passos de repente ecoaram na trilha que levava às cabanas. Pensando que poderia ser Chase, Della farejou o ar e se virou para ver quem era. Conteve o fôlego quando viu uma figura, com um andar lento e descontraído, surgindo na curva.

Sua mente começou a apreender os detalhes.

Alto.

Ombros largos.

Cabelo escuro, meio encaracolado nas pontas.

Olhos castanhos.

Um olhar penetrante. Um olhar penetrante focado nela. Totalmente focado nela.

Steve.

O coração dela deu um salto. E o mesmo fez o pássaro atrás dela. Ela o ouviu batendo as asas contra o vento e fugir. Parte dela queria se juntar à criatura em voo. Ver Steve a obrigava a sentir emoções das quais queria fugir. Emoções que ainda não estavam muito bem definidas.

Ahh, mas o cheiro de Steve despertava lembranças... Memórias dos dois juntos. Rindo.

Beijando-se.

Conversando.

Então veio a lembrança dele se despedindo dela.

Enquanto Steve continuava andando na direção dela, ela percebeu que, se eles se falassem ali, a conversa estaria ao alcance dos ouvidos de qualquer vampiro nas proximidades.

E visto que um determinado par de orelhas do sexo masculino estava no escritório de Holiday, ela saltou da varanda e se encontrou com o metamorfo na saída da trilha.

Ele parou e sorriu.

Aquilo fez o mundo dela sair um pouco do eixo.

— Olá! — ele disse.

— Oi. — Ela lutou contra a sensação estranha que agitava o seu peito. Della o vira de passagem em Paris, quando tinha ido até lá com Miranda para tentar encontrar o tio. Na ocasião aquilo tinha parecido tão estranho quanto agora. Quando ela partiu, Steve a abraçou e disse que conversariam quando ele voltasse. Chegara a hora de conversarem, mas ela não sabia o que dizer. Os dois ficaram ali parados, olhando um para o outro. O silêncio, mais alto do que os sons da natureza, ecoava em torno deles. Por fim um assunto destravou a língua dela.

— Eu pensei que você só chegaria na próxima semana.

— Sim, mas eles nos deixaram voltar mais cedo. — Ele enfiou a mão no bolso do jeans.

— Então Perry também está aqui? — A mente de Della voou para Miranda.

— Sim.

Por um segundo, ela se perguntou se o pássaro tinha sido Perry. Se era esse o caso, por que ele não tinha dito nada?

Ela sentiu uma mudança no olhar de Steve e se lembrou de Burnett dizendo que ela estava com uma cara de merda. Justamente como uma garota queria parecer quando encontrava seu ex — ou quase ex.

— Você voltou mais cedo também — disse ele. — Tudo certo... em casa?

A sensação estranha multiplicou dez vezes com a pergunta dele. A antiga Della teria contado a ele. Teria aberto seu coração e extravasado toda a dor e angústia. Ele teria passado os braços em torno dela — aninhado a cabeça dela naquele ponto macio entre o ombro e o peito. Seu abraço carinhoso a teria feito se sentir muito bem. Isso poderia ter aliviado um pouco a sua dor.

Mas essa era a antiga Della.

A nova Della não sabia o que fazer. A constatação assustou-a. Ela gostava de se sentir no controle, um passo à frente. Nunca poderia ganhar o jogo se não tivesse uma estratégia. Ou, pelo menos, se não soubesse as regras.

E no que se referia a Steve, ela não tinha pensando numa estratégia e não tinha um livro de regras. Se tivesse, com certeza não estaria tão desorientada. Droga, ela estava totalmente perdida!

— Sim, está tudo bem — ela mentiu.

As palavras mal tinham deixado seus lábios e ela lamentou tê-las dito, porque viu nos olhos de Steve que ele pressentia a mentira.

— Desculpe. — O pedido de desculpas saiu antes que ela pudesse considerar se era uma boa ideia ofertá-lo.

— Está tudo bem — disse ele. — Sério.

Ela não sabia direito o que significava o "sério", mas a parte do "está tudo bem" era apenas Steve sendo agradável e amável. Steve sendo... Steve.

De repente, ela se lembrou de onde estava indo.

Ela se lembrou de Chase.

Um grande nó de emoção se formou em seu estômago.

— Eu preciso ir. Tenho que... ver alguém.

— Vamos conversar mais tarde? — ele perguntou.

— Sim. Claro. — Talvez até lá, ela já não estivesse com cara de merda e não se sentisse tão constrangida. Talvez tivesse uma droga de plano.

Balançando a cabeça, ela deu o primeiro passo na direção da trilha.

— Della? — ele chamou.

Ela se deteve, mas não olhou para trás. Precisava de um segundo para se preparar, estava quase com medo do que Steve ia dizer.

Capítulo Treze

Chase entrou na cabana, deu a Baxter um pouco de comida e água, e apontou para o cão a sua nova cama. O animal estava ocupado demais, farejando o novo ambiente, para dar atenção. Por fim, após checar todos os cômodos e todos os cantos, ele começou a segui-lo.

Abrindo uma das caixas que havia trazido para a cabana, Chase colocou o porta-retratos da família numa mesinha lateral.

Correu o dedo pelos rostos dos familiares e olhou para eles por alguns minutos, sentindo a falta que lhe faziam. Não doeu tanto quanto costumava doer, mas mesmo assim não havia um dia em que ele não pensasse na família.

Baxter se aproximou e cutucou a perna de Chase com o focinho.

— Não é um hotel cinco estrelas, mas já ficamos em lugar muito pior — disse ao cão.

Baxter olhou para cima com seus olhos cheios de sabedoria. Chase quase podia ler os pensamentos do animal.

— Sim — disse ele. — Ela é a razão para estarmos aqui.

Ainda agitado com a lembrança da conversa com Steve, foi até a mesa da cozinha e tirou o laptop da mochila. Pegou a lista de Stones e Williams que tinha conseguido no computador de Burnett na UPF e começou a procurar mapa, planejando visitar cada um deles.

Alguns, pela segunda vez. Porque, depois de um olhar mais atento, viu que alguns deles estavam no banco de dados do Conselho dos Vampiros também. Chase rastreou vários deles.

Sentindo o seu humor sombrio e as noites maldormidas pesarem sobre os ombros, massageou o pescoço. Olhou para trás, em direção à porta do quarto, e pensou na possibilidade de descansar um pouco, mas esperava que Della viesse procurá-lo.

Voltando a se concentrar na tela, quase pulou da cadeira quando Baxter deu um latido alto. O cão olhou para a janela.

Chase apurou os ouvidos, mas tudo o que ouviu foi um pássaro voejando de árvore em árvore.

— É só um pássaro — disse a Baxter, farejando para se certificar de que estava certo. O ar não lhe trouxe mais nenhuma informação, mas ele no mesmo instante sentiu o cheiro

de tinta fresca. E pela aparência do quarto menor, eles ainda não tinham terminado a pintura.

Afastando-se da mesa, levantou a vidraça para deixar entrar um pouco de ar fresco.

Depois abriu a porta da frente e olhou para fora, esperando ver ou ouvir Della chegando. Quanto tempo será que duraria a reunião com Burnett?

Ele se lembrou das palavras dela e da dor em sua voz. *Ele sabe que eu sou um monstro.*

Mas que inferno, ele não tinha que esperar por ela!

— Vem comigo, amigão. Vamos atrás dela.

— Della? — repetiu Steve, como se não estivesse certo de que ela tinha ouvido.

Ela não deu atenção à ideia de simplesmente ignorá-lo e virou-se para enfrentá-lo outra vez.

— Sim?

— Tem certeza de que está bem? — Steve perguntou.

Desta vez, ela decidiu contar a verdade.

— Não. Mas quem precisa estar bem o tempo todo?

Era para ser engraçado, mas ele não sorriu. Só continuou a estudá-la com aqueles olhos castanhos cheios de preocupação. Olhos que pareciam ver através dela.

— É só que você parece...

— Um trapo? Eu sei. Burnett acabou de me dizer.

Ele sorriu desta vez.

— Eu não ia dizer... isso. Você parece abatida.

— Abatida? Eu? — perguntou ela, ofendida. — Prefiro um trapo.

O sorriso dele se alargou.

— Ok, não abatida, talvez apenas cansada.

Por melhor que fosse vê-lo sorrir, ela não teve vontade nenhuma de retribuir.

— É, estou precisando mesmo ficar entre lençóis. — No mesmo instante se lembrou de quantas vezes ela e Steve tinham ficado entre lençóis juntos. Eles se acariciavam, deixando que as coisas fossem só até certo ponto — quase até o fim —, mas nunca tinham cruzado a linha.

Ela vivia com medo. Com medo de que não fosse durar. E tinha razão.

Ele alegou que não conseguia aceitar que ela trabalhasse com Chase, mas a verdade era que estava planejado o tempo todo ir a Paris, para uma escola de metamorfos.

Steve desviou o olhar por um segundo, e ela pôde jurar que ele tinha lido os pensamentos dela.

— Bem, eu tenho que... — Ela acenou. — Até mais tarde.

Ele se despediu com a cabeça e seus olhos se encontraram mais uma vez. Embora ela não conseguisse decifrar a expressão dele, algo lhe dizia que Steve não se sentia mais

confortável do que ela com a conversa. Della se virou e foi embora. Andando. Sem correr.

A cada passo, sentia que ele a observava se afastar. Lembrou que, da última vez que ele estivera em Shadow Falls, ela é que o vira se afastar. E não sabia se isso significava alguma coisa, mas por algum motivo inexplicável sentiu que sim.

Em vez de tomar o caminho da cabana catorze, Della pegou um atalho pela floresta. O dia estava nublado. E sob a copa das árvores, parecia quase noite. A terra úmida perfumava o ar. Gotas da chuva que caíra mais cedo pingavam dos galhos acima e molhavam os braços dela. Uma delas respingou em seu rosto e rolou pela sua bochecha como uma lágrima. Ela ignorou e continuou andando.

Logo percebeu outra coisa que estava tentando ignorar. A sensação de que não estava sozinha. Parando, fez um círculo completo, com os ouvidos atentos, olhando tudo, como que desafiando os problemas a aparecer caso estivessem se escondendo nas sombras.

Nada.

Provavelmente era a falta de sono.

Ou os mortos.

Ela avaliou a temperatura. Fazia frio, mas seria a Mãe Natureza ou um fantasma?

— Senhora Chi? É a senhora?

Ela não viu nada de novo.

— Bao Yu? — sussurrou.

Apenas uma leve brisa e um pássaro distante responderam. Mais algumas gotas de chuva atingiram seu rosto.

Sentindo-se tola, recomeçou a andar. Quanto mais se aproximava da cabana catorze, menos barulho fazia ao caminhar — observando cada passo, sendo mais cuidadosa, para que suas botas pretas não pisassem em nenhum galho.

Ah, de qualquer jeito ele iria ouvi-la e farejá-la antes que chegasse, mas o pensamento de dar a ele menos tempo para tentar inventar uma história lhe parecia uma boa ideia.

Ela viu a cabana e respirou fundo para sentir o cheiro dele, que pairava no ar, mas ainda fraco. Mais fortes eram os pontos onde Baxter tinha levantado a perninha e deixado para o mundo a mensagem de que passara lá.

Ela ficou feliz de não ter que se agachar e fazer pipi para ser notada.

Deu mais alguns passos na direção da estrutura de madeira. Será que Chase estava ali? Quanto mais se aproximava, mais certa ficava de que ele não estava. Quando entrou na varanda, inspirou mais uma vez, verificando se seu amigo canino esperava lá dentro.

Quando estava no escritório, tinha ouvido Chase chamar o cão como se o animal quisesse vê-la. E a verdade era que ela gostaria de ver Baxter, também. Ela deu mais alguns passos.

Nada de Baxter.

Ela quase se virou para ir embora, então parou.

Aquilo que pretendia fazer era errado. Mas mentir para ela também era, e ele tinha feito isso várias vezes.

Ela andou até a porta e girou a maçaneta. Ele não tinha trancado a cabana. Era praticamente um convite.

Ao abrir a porta, ela pôde jurar que ouviu alguma coisa. Parou e apurou os ouvidos. A única coisa que escutou foram os ruídos da mata: pássaros e bichos correndo por ali. Depois notou uma janela aberta.

Olhou em volta. A disposição da cabana era a mesma da que ela dividia com Miranda e Kylie. A sala de estar conjugada com a cozinha, dois pequenos banheiros e três quartos. A mobília era diferente e mais nova. Aquela devia ser uma das cabanas construídas alguns meses antes, quando o acampamento tinha se transformado em escola. Della inspirou e o cheiro de tinta ficou mais intenso.

Ela continuou a inspecionar a cabana e só parou quando viu a fotografia emoldurada de uma família de quatro pessoas. A mãe, o pai, o irmão e a irmã. Chegando mais perto, reconheceu a foto que ele costumava deixar na sala da outra cabana, muito mais confortável.

Ela pegou o porta-retratos. Chase era mais jovem, com 14 ou 15 anos. A fotografia devia ter sido tirada um pouco antes do acidente de avião que matara a família. Quando olhou a foto mais de perto, o cheiro de Chase ficou mais forte. Ela deixou que o odor preenchesse os seus pulmões, chegando até a respirar um pouco mais fundo.

No vidro do porta-retratos, viu uma impressão digital, como se alguém tivesse tocado a imagem. Ela sabia que tinha sido ele. Podia vê-lo fazendo isso em sua mente.

Será que Chase ainda sentia falta da família?

Claro que ele sentia!

Seu coração se condoeu por ele, então ela se lembrou dos seus próprios problemas familiares. Será que as fotos da própria família eram tudo que ela teria deles um dia?

Colocando o porta-retratos de volta no lugar e lutando contra a dor, ela viu um laptop aberto e alguns papéis sobre a mesa da cozinha.

Deixando a dor de lado, recordou a razão que a levara até ali. Para ver se Chase Tallman estava escondendo alguma coisa sobre o tio dela e conseguir, por fim, livrar seu pai da acusação de assassinato.

— O que você anda fazendo, Chase?

Ela pegou os papéis e leu o nome "Douglas Stone".

No mesmo instante se lembrou das palavras de Burnett: *Ele está dizendo que um homem chamado Douglas Stone matou a sua tia.*

Continuou a ler. Chase tinha vários endereços e informações sobre vários Douglas Stone diferentes na área de Houston. Também tinha o nome "Don Williams". Ela não

sabia quem era Don Williams, mas apostaria um litro de sangue O negativo que ele tinha algo a ver com o caso do seu pai.

E que ninguém duvidasse de que ela descobriria.

Ela pegou o celular no bolso e tirou fotos dos papéis.

*

Della voltou ao escritório para pegar as suas coisas, depois foi para a sua cabana. Devia tentar descansar, mas o pensamento de que Chase estava escondendo algo tornou o sono impossível.

Ela deixaria suas coisas na cabana e depois iria encontrá-lo. Então tiraria um cochilo. Ainda não tinha avistado sua cabana quando seu nariz sentiu o cheiro típico deixado por um cão marcando território. Logo em seguida, foi atingida pelo cheiro do dono.

Ela apressou o passo, com a expectativa de encontrá-lo na varanda, mas não viu nada. Depois notou que a porta estava entreaberta. O imbecil tinha acabado de entrar na sua cabana sem ser convidado. Quem ele pensava que era...

Ok, talvez ela não tivesse o direito de se queixar disso.

Não que não tivesse muitas outras coisas de que tinha todo o direito de se queixar. Ela voou até os degraus, jogou suas coisas na varanda com um baque alto e foi confrontar o merdinha.

Capítulo Catorze

Quando abriu a porta, ele estava em pé entre o sofá e a mesa de centro. Sem dúvida, tinha ouvido ela se aproximar a tempo de se colocar de pé. Mas o sofá não tinha tido tempo para apagar a marca deixada pelo corpo dele no estofamento. Os olhos, ela notou, ainda estavam com o olhar preguiçoso de sono.

— Dormindo no meu sofá, hein? — ela acusou, e sentiu Baxter batendo com o focinho na perna dela, implorando por carinho. Inclinando-se um pouco, ela acariciou o cão, na esperança de que um pouco de gentileza a fizesse parecer menos mal-humorada.

Chase passou a mão no rosto, como se estivesse tentando apagar a prova de que estivera dormindo.

— Eu estava esperando você. — Ele tirou o celular do bolso como se fosse ver quanto tempo tinha dormido.

— O que Burnett tanto queria falar com você?

— Onde está meu tio, Chase?

Ele franziu a testa.

— Eu podia jurar que já conversamos sobre isso.

Ela abriu a boca para jogar na cara dele todos os motivos pelos quais nunca acreditaria numa palavra do que ele dizia, quando Chase falou: — Mas eu não me importo de responder novamente. — Ele olhou bem nos olhos dela. — Eu não sei onde ele está. Ele não matou sua tia. E eu estou aqui para ajudar a encontrar a pessoa que fez isso.

— Dormindo no meu sofá? Sem ser convidado? — ela deixou escapar, tentando não pensar na própria culpa por bisbilhotar a cabana dele. Baxter ergueu a pata e colocou-a com delicadeza no joelho dela. Ela mais uma vez coçou atrás da orelha dele.

— A porta não estava trancada.

Sim, ela tinha usado essa desculpa também.

— Ainda assim é errado. — Ela tirou a mão do cão e colocou-a no quadril.

Ele se aproximou e sorriu.

— E parece que eu não sou o único que... fez algo errado. Você foi examinar as minhas roupas? Por quê? Estava curiosa para saber se eu uso cuecas boxers ou slips?

Como diabos ele sabe que eu entrei na cabana? Ela apertou os olhos para ele.

— Suas roupas de baixo não me interessam nem um pouco.

— Nem um pouco? — O sorriso dele se alargou. — Não que eu a culpe, quer dizer, eu também tive que examinar as suas no dia em que nos conhecemos...

— Continua sendo o Pervertido da Calcinha, hein? — ela perguntou com os lábios apertados, lembrando o dia em que ele tinha encontrado a mochila dela e mais tarde comentado sobre suas roupas de baixo.

— Só tarado por Della. — Ele riu.

Quando ela lhe lançou seu melhor olhar "vá para o inferno!", ele parou de rir.

— Ok, então talvez você não estivesse examinando a minha... roupa de baixo, como você diz, mas estava na minha cabana. Eu senti em você o cheiro de tinta fresca.

Chase estendeu a mão para ela.

— Pare! — Della apontou o dedo para ele. — A única razão por que estou tolerando a sua presença aqui é que preciso livrar o meu pai de uma acusação de assassinato. Portanto, ou você me diz alguma coisa a respeito disso ou sai daqui agora.

Ela ficou batendo o pé no chão e esperando para ver se ele diria mais alguma coisa sobre Douglas Stone e aquele tal William. Não que isso significasse que seu tio era inocente. Mas talvez Chase pensasse que era. Talvez o tio o estivesse enganando.

Chase ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Estou aqui para ajudar, Della. — O ar de provocação nos olhos dele desapareceu quando olhou para ela. — Burnett já contou que eu me demiti do Conselho e estou trabalhando para a UPF?

— Sim, ele me deu a má notícia.

Ele revirou os olhos como se a resposta dela o irritasse.

— Eu pensei que fosse o que você queria.

— Eu queria. No passado. Você mentiu para mim.

— Estou dizendo a verdade agora. Não estou escondendo nada. Pergunte qualquer coisa, eu vou responder.

— Sim, bem, mas eu não pertenço ao clube dos que acham que passar a dizer a verdade já não faz de você um mentiroso — ela rosnou. — Será que você é tão ingênuo a ponto de pensar que pode vir aqui agora e fazer tudo voltar a ser como antes?

Ele fechou os olhos como se estivesse frustrado.

Ótimo. Ele merecia ficar frustrado.

Depois abriu os olhos verdes e olhou para ela.

— Della, não brigue comigo. Trabalhe comigo. Nós podemos fazer isso. Vamos fazer isso dar certo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não existe nenhum "nós" aqui, Chase. Existe você e eu. Eu vou trabalhar com você nesse caso, mesmo porque acredito que não saiba onde o meu tio está. A única coisa que

quero fazer é livrar o meu pai dessa acusação. Não confio em você. Mas agora você é a única carta que eu tenho.

Ele suspirou.

— Então acho que vou ter de reconquistar a sua confiança.

— A probabilidade de isso acontecer é quase zero. — Ela levantou o queixo. Ninguém podia dizer que ela não tinha avisado.

Ele ficou ali, apenas olhando para ela.

— Por que você ainda está lutando contra o que sente por mim?

— Porque eu é que escolho o meu destino, mais ninguém. — No momento em que Della disse isso, percebeu quanto era verdade.

— Quem mais poderia escolher o seu destino?

— Você. Essa ligação. Você fez isso sabendo o que ia acontecer.

— Você teria mesmo preferido morrer do que gostar de mim? — Ele parecia magoado e, embora merecesse se sentir assim, ela não podia negar que magoá-lo... a magoava também.

— Eu teria preferido ter tido uma chance de escolher! — ela disparou.

— A vida nem sempre nos dá escolhas, Della! Você escolheu ser vampiro?

— Não, e eu odeio isso também! — Ela engoliu as lágrimas que ameaçavam cair.

— Então você odeia gostar de mim?

A pergunta ficou pairando no ar e ela não sabia o que responder, então simplesmente não respondeu.

Por fim, Chase olhou para ela.

— Isso nem sempre acontece assim.

— O quê? — ela perguntou.

— A ligação. Nem todo mundo acaba junto. Você ainda tem uma escolha. — Sinceridade e mágoa deixavam a voz dele mais grave. — Mas eu vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para provar que sou a escolha certa para você.

— Mentindo pra mim?

— Eu não estou...

— Você mentiu.

— Olha — disse ele, a voz cheia de frustração. — No dia em que Burnett deu a você as fotografias, eu estava indo te contar.

— Claro que estava.

— Eu estava. Se você se lembrar, eu disse que precisávamos conversar. Liguei para você mais cedo naquela manhã e pedi que me encontrasse antes porque... Eu queria contar tudo.

Sentindo-se vulnerável, ela fechou o punho com força.

— Por que você não vai embora?

Ele balançou a cabeça.

— Eddie nunca tinha me contado sobre a sua tia. Eu o questionei sobre isso e foi aí que ele me disse. Então, quando ouvi sobre o seu pai ser preso, fiquei chocado. Voltei a procurar Eddie e foi quando ele me disse o que de fato aconteceu. E tudo o que eu faço desde então é procurar esse cara para livrar o seu pai da cadeia.

— Muito bem! — Ela levantou um dedo. — Até que enfim você disse algo que eu gostei de ouvir. O que o meu tio *disse* que aconteceu? Não que eu vá acreditar. — Ela foi até a cadeira e se sentou.

— Por que ele iria mentir sobre isso? — Chase perguntou.

— Porque ele é culpado do assassinato.

— Ele não é.

— Certo, bem, eu confio nele tanto quanto confio em você. — Ela se inclinou para trás e todo o seu corpo se moldou à almofada da cadeira. No mesmo instante, sentiu a falta de sono deixando suas pálpebras pesadas.

Chase foi até o sofá e se sentou.

— Ele estava numa festa uma noite com a namorada. Estavam indo embora e um cara ficou dando em cima dela.

— Eu quero saber do assassinato, não da vida amorosa do meu tio.

— Eu vou chegar lá — disse ele. — Eddie foi tirar satisfação e eles brigaram. O cara era vampiro. Quando Eddie chegou em casa mais tarde, doente, os pais o levaram para o hospital. Uma jovem enfermeira lá era *fae*. Ela explicou a ele o que estava acontecendo e lhe deu até mesmo um pouco de sangue.

Della ficou sentada ali, lutando contra a compaixão que sentia pelo tio. A história dele era tão parecida com a dela que seu peito doeu. Ela estava tão cansada daquilo tudo...

Então ela sentiu o focinho macio de Baxter na sua perna.

— A *fae* contou a ele sobre uma casa funerária que iria ajudá-lo a forjar sua morte. Eles também ofereciam uma lista de gangues as quais ele podia se juntar. Ele não queria ir por esse caminho, então resolveu ficar por conta própria, mas não conseguiu. Acabou se juntando a uma gangue.

Chase cruzou as mãos.

— A gangue não era das melhores. A iniciação exigia que ele matasse alguém para conseguir sangue. Ele não conseguiu. Então ofereceram a ele mais uma chance. Disseram que, se ele não conseguisse, iriam matar alguém que ele amava. Ele não achava que soubessem alguma coisa sobre a vida particular dele.

A voz de Chase ficou mais grave e Della podia dizer, só pelo tom de voz, quanto ele se preocupava com Eddie, que era difícil para ele contar a história do homem.

Silêncio e emoção pairavam no ar, então Chase continuou:

— Eddie foi dizer ao líder da gangue que ele não conseguiria matar ninguém e que estava indo embora, mas o cara riu. Disse que o castigo já estava a caminho. A princípio Eddie não ficou preocupado; ele rebateu, dizendo que não havia ninguém que ele amasse. Mas, quando ele saiu, o cara o chamou pelo seu nome verdadeiro. Percebendo que eles sabiam sobre ele, Eddie decolou tão rápido quanto pôde. Quando chegou em casa, Yu Bao já estava morta. Um dos membros da gangue, Douglas Stone, ainda estava na casa.

O coração de Della apertou.

— Meu pai? Será que ele viu?

Chase deu de ombros.

— Eddie disse que, quando chegou lá, seu pai estava desmaiado. Eddie e Douglas lutaram. Mas Douglas era muito mais forte. Ainda estavam brigando quando as viaturas, com as sirenes tocando, pararam em frente à casa. Eddie não estava na sua melhor forma, mas conseguiu sair antes que os policiais chegassem lá em cima. Infelizmente, Douglas Stone também. Ele escapou.

Chase fez uma pausa.

— Assim que Eddie se sentiu capaz, foi à procura de Douglas Stone. Mas a gangue tinha se desfeito. Cada um tinha seguido um rumo diferente. Poucos meses depois, ele descobriu sobre o Conselho dos Vampiros. Foi até lá e implorou para que o ajudassem a pegar o cara. Eles procuraram por ele, mas nunca o encontraram. O sujeito ainda está na lista dos mais procurados do Conselho.

Della apenas olhou para ele, tentando absorver tudo, seu nível de exaustão aumentando a cada segundo.

— Quem chamou a polícia?

Chase deu de ombros.

— Eu não sei.

— Tem que ter sido o meu pai.

— É possível.

As imagens que surgiam em sua cabeça eram quase dolorosas demais para que seu estômago aguentasse. Ela sentiu a língua de Baxter molhar a sua mão. Olhou para o cão, usando seus olhos doces e amorosos como um contraponto para a história se desenrolando em sua cabeça. Será que ela acreditava naquilo? Talvez. Ah, mas que inferno, ela não sabia mais em que acreditar!

Della olhou para Chase. Será que acreditava nele? Ele não tinha provado que ela não podia confiar?

— O meu tio trabalha para o Conselho?

Chase assentiu.

— Em termos. Mas não como agente.

— Então o quê?

Ele deu um sorrisinho.

— Eddie diz que ele tem mais cérebro do que músculos. O Conselho o deixou sob o comando de Baylor. Depois, ele estudou para ser médico sobrenatural ao redor do mundo. Ele não trabalha mais apenas como médico, mas tentando melhorar a saúde dos vampiros. Foi quem descobriu as cinco linhagens portadoras do vírus dos Renascidos e como salvá-los. Ele é um bom homem, Della.

— Se ele é tão bom, por que não está aqui agora? Por que não veio me procurar em vez de enviar você? O que ele está escondendo?

Ela viu o jeito como Chase desviou os olhos por um segundo. Depois se virou de costas.

— É Burnett.

— Ele conhece Burnett?

— Não, porque ele é da UPF.

— Mas... — Ela fez uma pausa enquanto tentava entender a resposta de Chase. — Você está aqui e agora até trabalha para a UPF.

— Algumas pessoas são mais politizadas do que outras.

— Essa me parece uma desculpa muito fraca. — E suas pálpebras pareciam cada vez mais pesadas. Della precisava que ele fosse embora para que pudesse descansar. Mas ela estava finalmente conseguindo respostas que pareciam meias verdades.

— Ele vai evitar você agora?

— Ele não faria isso.

Será que aquilo era dúvida nos olhos dele?

— Então não faz sentido.

Ele passou a mão no rosto.

— Eu não sei por que ele odeia tanto a UPF. — Chase suspirou. — Mas seja qual for a razão, não é que... Ele tem um bom coração.

— Quem é Don Williams?

— Eu acho que é um nome que Douglas Stone usa. Tenho o endereço de alguns aqui na região de Houston. Amanhã vou encontrá-los. Você, é óbvio, viu o que eu imprimi.

Ela não negou. Ficaram sentados ali por mais alguns segundos em silêncio, ela com o corpo afundando cada vez mais na cadeira, os olhos cada vez mais pesados.

— Alguma outra pergunta, Della? Vou responder a todas. Não estou escondendo nada.

Será que ela acreditava nele? Ah, dane-se! Estava cansada demais para acreditar ou não acreditar.

Chase se levantou e passou por ela.

— Eu trouxe uma coisa. — Ele tirou uma garrafa de sangue da geladeira, desatarraxou a tampa e tomou um gole. O aroma picante era de O negativo. Ele andou de volta até onde estava e estendeu a garrafa.

— Tome.

As papilas gustativas na língua dela formigaram. Ela não ia tomá-lo.

— Não preciso. — Seu estômago roncou em protesto. — Tomei um pouco ontem à noite. — Ela olhou para Baxter.

— Quanto tempo você ficou sem sangue? Chegou a se alimentar enquanto esteve com seus pais?

— Claro que sim — disse ela.

— Você sabe que, se não se alimenta com regularidade, fica debilitada. Principalmente, quando é um Renascido.

Ela olhou para ele.

— Eu deveria ter te levado um pouco de sangue enquanto estava lá. Não pensei nisso. Me desculpe.

Ela revirou os olhos.

— Eu não sou responsabilidade sua.

— Você sempre vai ser responsabilidade minha — disse ele em voz baixa. Então colocou o recipiente de plástico na mão dela. O aroma de frutas silvestres atingiu sua boca cheia de saliva. Ah, dane-se! Ela se levantou e tomou um gole. O sabor a fez se sentir no céu.

Ela olhou para Chase. O fato de que estar de pé na frente dela e a olhar de cima lhe deu nos nervos, mas, com energia zero, não tinha condições de ficar de pé.

— Eu não preciso que você cuide de mim — disse ela.

— Todos nós precisamos de alguém, Della. Isso não significa que você não seja forte.

Ela começou a se levantar, mas ele se ajoelhou. Seu olhar verde fixou-se no rosto dela.

— Você é linda, inteligente e divertida. Você se importa mais com as pessoas do que precisaria. Você é a coisa mais distante de um monstro que eu conheço, Della Tsang.

Uma dor aguda encheu o peito dela.

— Você estava escutando a conversa. — Se ela não estivesse tão cansada, daria um empurrão nele e o faria cair de bunda. Droga, se não estivesse tão cansada, faria algum comentário grosseiro, dizendo que os elogios dele não significavam nada.

— Não estava escutando, na verdade. Foi sem querer.

Antes que ela percebesse a intenção dele, Chase afastou uma mecha de cabelo do rosto dela e deixou a mão ficar em sua bochecha. O toque era um tormento e uma delícia ao mesmo tempo.

Ela desviou os olhos para o lado e olhou a mão dele.

— Essa é uma boa maneira de perder um dedo.

Como que para provar que não acreditava, ele passou o dedo indicador sobre o lábio inferior dela.

— Descanse um pouco. Venho ver você mais tarde.

Ela o observou sair. Por que não o mordeu? Droga, devia ter mordido!

Foi só quando ela piscou que percebeu que tinha lágrimas nos olhos. E estava tão cansada que nem sabia por que estava chorando. Não que não tivesse razões de sobra.

Capítulo Quinze

O sono nunca fez tão bem a ela. Della não queria acordar, mas, à certa altura, ouviu vozes. Seriam Miranda e Kylie?

Ela rolou na cama e se forçou a abrir os olhos. Seu olhar pousou sobre a cômoda. Uma cômoda branca grande com dois vasos de flores amarelas de plástico como decoração.

— Caramba! — Ela pulou da cama e afundou os pés no tapete azul-claro. Ficou ali, com os braços tensos, a mente rodopiando, tentando explicar a si mesma que ela não tinha uma cômoda branca. Que as paredes do seu quarto em Shadow Falls não eram pintadas de amarelo-claro.

Seu olhar passeou pelo cômodo. Ela não tinha uma cama branca de dossel, tampouco. Nem uma colcha de retalhos cor-de-rosa. Ou...

Um barulho de algo se quebrando ecoou de algum lugar dentro da casa. Então ela ouviu vozes. Não, não vozes: gritos.

Gritos reais, como os de alguém que estava prestes a morrer.

O olhar de Della saltou para o espelho. Seu coração parou ao ver que a pessoa no reflexo não era... ela. Era Bao Yu, sua tia. Em algum lugar no fundo de sua mente, por trás da parede de pânico que arranhava seu consciente, ela percebeu que se tratava de uma visão.

— Você está bem? — Outra voz soou longe, em algum lugar que não era ali. Em algum lugar que parecia seguro, mas que Della não conseguia alcançar. Ela tinha que ficar ali.

Uma voz chamou seu nome.

— Della?

Uma mão pousou sobre seu ombro. Della se virou, rosnou e mostrou os caninos.

De repente, as paredes amarelas desapareceram. Sua visão rodava, anuviada e depois transformada em visão de túnel. Ela piscou e sentiu como se estivesse se movendo. Fechou os olhos, em seguida os abriu. Por um segundo pensou que estava de volta ao seu quarto, mas então algo mudou, tudo mudou. Ela estava deitada no chão, num chão frio de ladrilhos; acima dela um ventilador de teto girava. Sem parar.

Desviou os olhos para a esquerda e viu uma bola de basquete a cerca de trinta centímetros do seu rosto, numa poça de alguma coisa vermelha. Depois olhou para a

direita e viu... viu um gato tigrado amarelo. Della lutou para dar sentido àquilo, e então se deu conta. O gato... Era Chester.

O felino estava deitado ao seu lado, estendendo a pata para ela, a respiração difícil. Logo atrás do gato estava seu marido. Não, o marido da senhora Chi. Mas ela *era* a senhora Chi. Piscou, esperando ver seu peito subir com a respiração. Mas não subiu. Ele estava imóvel. Completamente imóvel.

O pé de alguém pousou entre ela e o gato. Calçava um tênis vermelho brilhante que parecia de pele de cobra.

Será que eu vou ter que afastar você outra vez?, perguntou uma voz. E, então: *Merda, vai atrás dos caras antes que deem com a língua nos dentes. Dá um jeito neles!*

Vá buscar quem?, Della se perguntou. Ela tentou olhar para cima e ver o rosto do assassino, mas sua visão escureceu. Uma luz, muito suave, chamava pela senhora Chi. A fúria da mulher com os assassinos fez seu peito inchar e ela se afastou da luz. Agarrou-se ao que conhecia. Ao aqui e agora.

Um barulho de pele se rasgando encheu seus ouvidos, o gosto de sangue impregnou sua boca. Ela sentiu isso, depois mais nada. Nenhum medo. Nenhuma dor.

Ela estava morrendo.

— Não! — gritou. Mas nada saiu da sua boca. Tudo ficou escuro, e só viu que a bela luz se afastava dela, flutuando para longe. O marido estava no meio da luz, gesticulando para ela vir. Se apressar. Mas não era certo. Nada disso deveria ter acontecido. Ela precisava contar a alguém antes que esses sujeitos odiosos ferissem outras pessoas.

— Della? — Seu nome soou de novo, mas ainda estava longe. Suas visões começavam a se desvanecer. Ela percebeu que não estava sozinha. Viu a silhueta do marido flutuando na direção dela em outra luz. Uma luz diferente. Não o senhor Chi, mas outra pessoa. Alguém... familiar. Chase?

Em seguida, ele se foi. Assim como a luz. Uma faca, o sangue escorrendo da ponta, estava estendida bem perto do seu rosto. O medo a envolveu. Ela sentiu uma gota de sangue cair da arma e molhar sua bochecha. Tentou se encolher, mas seus membros estavam dormentes. Outros respingos de sangue escorreram da lâmina da faca.

Uma estranha sensação de *déjà-vu* inundou sua mente. Ela olhou para cima, na direção da lâmina, para a pessoa que a empunhava. Feng.

Não, não era Feng! Veja a pinta. Lá, ao lado da sobrancelha direita. Ele não é *Feng.*

De repente, lutando para conseguir se mover, Della levantou a cabeça e soltou outro grunhido.

— Não! Não! Não!

A escuridão voltou e ela a acolheu com agrado. Deixou que a engolisse.

Um.

Dois.

Três.

Ela queria ficar lá. No nada, mas alguma coisa, alguém, a trouxe de volta.

— Estou aqui com você. Acabou — disse uma voz masculina.

O que acabou?

Della se sentiu sendo erguida do chão, embalada nos braços de alguém. Sua bochecha se encostou contra um peito masculino sólido. Um sólido peito nu.

Ela ouviu um coração batendo forte. E, assim que o ouviu, o seu próprio coração mudou de ritmo também.

Ela abriu os olhos e viu o olhar verde de Chase sobre ela. A preocupação estampada em seu rosto. Sentiu os braços em volta dela. A frieza de sua pele contra a parte de trás de suas pernas, suas costas nuas. O músculo do peito dele, onde seu rosto descansava. Outra fração de segundo se passou antes que ela percebesse que ele estava se abaixando. Chase se sentou na cama dela.

De repente Della se lembrou de estar conversando com ele, lembrou-se de Chase partindo. Teve uma ligeira lembrança de estar só de sutiã e calcinha antes de rastejar para debaixo das cobertas. Mas fora isso, tudo mais em sua mente estava em branco. Como ele... Por que ele estava...

Com certeza eles não estavam...

— Você está ok? — ele perguntou.

Ela piscou. Ok? Estava praticamente nua e em seus braços e não tinha ideia de como tinha chegado a isso. Como ela poderia estar ok?

Aos poucos, a confusão começou a se desvanecer, a memória voltar. A lembrança de algo ruim. Algo... Seu coração começou a acelerar.

— Não! Não estou ok. — Sua mente estava clareando, dando-lhe um vislumbre de algo aterrorizante.

Desvencilhou-se dos braços de Chase e, desajeitada, caiu sentada no chão, com um baque duro.

Chase se levantou. Seu olhar se moveu para cima. O tronco nu. Ele usava calça jeans, mas o zíper estava aberto. Um rastro de pelos escuros descia pela barriga, desaparecendo sob o elástico do que parecia uma cueca boxer azul-clara justa, da Calvin Klein.

Ela ouviu as palavras dele de antes. *Por quê? Estava curiosa para saber se eu uso cuecas boxers ou slips?*

Della sacudiu a cabeça, achando que aquilo poderia ser um sonho maluco. Olhou para o relógio. Eram quase quatro da tarde. Se aquilo não era um sonho, tinha dormido umas boas duas horas. Fechou os olhos e se obrigou a acordar.

Quando os abriu outra vez, ele estava ali olhando para ela, com os lábios franzidos. Então, lembrando-se de sua nudez, ela se levantou num salto, agarrou o travesseiro e segurou-o na frente do corpo.

Só então se lembrou da visão. Ou visões? Todo horror da cena se derramou sobre ela de uma só vez. O ar ficou preso na garganta. Ela tinha visto Chester, gato da senhora Chi, o senhor Chi e ela tinha visto... a tia.

Seus joelhos cederam e ela caiu de volta na cama.

Chase se sentou ao lado dela.

— Está tudo bem. Respire.

Ela olhou para a frente e se lembrou da silhueta que tinha visto na luz. Lembrou-se de alguém chamando seu nome. Será que Chase estivera ali no quarto, enquanto ela estava tendo a visão? Ou... será que ele estivera... lá? Lá na visão?

— Você estava...? Você viu...?

Ele assentiu.

— Foi diferente do que aconteceu na visão de Liam e Natasha. Era como um filme passando na minha cabeça. Mas não era sua tia, ou a senhora idosa, era você. Quando acordei, eu vim para cá o mais rápido que pude.

Lágrimas encheram os olhos dela, enquanto recordava fragmentos e partes da visão. O coração dela se condoeu pela senhora Chi, e então se lembrou... *Não, não era Feng! Veja a pinta. Lá, ao lado da sobrancelha direita. Não é Feng.*

Ela olhou para Chase. Será que ele tinha ouvido isso também? De repente, soube que ele ouvira.

— Meu pai não fez isso. Ele está apenas confuso. Holiday disse que isso costuma acontecer.

Ela fitou os olhos verdes de Chase. Aquilo que havia nos olhos dele era dúvida?

— Ele não é um homem mau, Chase. Ele era o pai que todas as minhas amigas queriam ter. Sempre que havia uma festa, era meu pai que levava a gente. Ele pegava todas as minhas amigas e nos levava para onde a gente quisesse ir. Algumas noites, depois de um jogo de futebol, ele me levava com as minhas amigas para jantar e tomar sorvete.

Della enxugou as lágrimas do rosto.

— Ele nunca deixou de dançar valsa comigo nas festas de formatura ou em qualquer evento que eu tivesse. Era o meu herói. Eu sempre soube que a minha mãe me amava, mas meu pai... ele me adorava. Se eu tivesse um problema, era sempre a pessoa que eu procurava. E não havia nada que ele não fizesse por mim. Uma vez, quando eu era apenas uma adolescente, minha mãe estava fora da cidade, eu fiquei sem absorvente. Eu estava com vergonha de ir até a farmácia comprá-los. Ele fez isso por mim. E, quando eu tirei as amígdalas, ele ficou no hospital o tempo todo. Ele não é um assassino, Chase. Ele é meu pai. E eu sou a filha que ele adora.

Chase passou os braços em volta dela. Puxou-a contra ele. Ela estava fraca demais para lutar contra ele.

— Douglas Stone fez isso.

Ele pressionou o rosto no cabelo dela e beijou o topo de sua cabeça. A suavidade do beijo fez com que ela ficasse com a respiração presa.

Ela olhou para cima, secando as lágrimas.

— Você acredita nisso ou só está dizendo para eu me sentir melhor?

— Eu acredito. — Ele passou o polegar sob o olho dela como se para pegar uma lágrima que caía.

— Vai acabar tudo bem — disse ele.

Nem todo mundo acaba junto. Você ainda tem uma escolha. As palavras que ele dissera antes vibraram na cabeça e no coração dela.

Em seguida, ele se inclinou — ou será que foi ela? De qualquer forma, seus lábios se tocaram. De alguma forma o travesseiro dela escorregou para o chão. O beijo foi suave e lento, como se ele estivesse com medo de que ela se arrependesse. Della provavelmente se arrependeria, mas, considerando o que tinha acabado de passar, precisava de uma distração. Era disso que se tratava, ela concluiu, nada mais do que uma distração. Um beijo não significava nada. Era só... um beijo.

Ele deslizou a língua pela boca de Della. Ao fundo, ela ouviu passos na cabana. Mas, antes que pudesse voltar seus pensamentos para outra coisa que não fossem os lábios de Chase, a porta do quarto se abriu.

Miranda entrou de repente.

— Você ouviu que Perry está... — A bruxa parou com um sobressalto, os tênis derrapando. Sério, deviam ter até deixado um sulco no assoalho. Os olhos cor de avelã da amiga se arregalaram, a boca entreabriu.

— Ah, me desculpe, eu... vocês dois só... hã, continuem.

Chase saltou rápido da cama, tentando disfarçar, mas algo na maneira como se apressou para fechar o zíper só fez tudo parecer pior.

Miranda deu vários passos para trás e se chocou contra a porta.

Chase olhou para ela.

— Sinto muito — disse ele, parecendo sincero.

Della caiu de costas no colchão, fechando os olhos, e se perguntou como as emoções de uma pessoa poderiam passar, em segundos, de horror, depois para vontade de ser beijada e, em seguida, para a mais profunda humilhação.

— Suma daqui! — ela implorou a ele e escutou para ver se Chase tinha lhe concedido o pedido.

Não se ouviu nenhum som de passos no quarto. Em vez disso, o colchão cedeu quando ele se sentou ao lado dela.

— Você tem certeza de que está bem? Isso foi bem assustador. Eu só... Eu... você... o caso é que...

Quando ele parou de dizer coisa com coisa, ela abriu os olhos e o pegou reparando no que ela estava usando, ou no que não estava usando — aparentemente pela primeira vez.

— Por favor, apenas vá embora.

Os olhos dele subiram até o rosto dela. Devagar. Toda a terna preocupação em seus olhos tinha se transformado em algo diferente. Suas pupilas estavam grandes e o verde dos olhos parecia brilhar com uma espécie diferente de emoção.

— Mas... hã... Você não acha que deveríamos... conversar sobre tudo que vimos?

— Não agora — disse ela, com os lábios apertados e se cobrindo com a almofada de novo. Seu biquíni revelaria mais do que o sutiã e a calcinha, mas, como estes não eram trajes de banho, ela se sentia mais vulnerável.

— Ok. — Ele se virou em direção à porta.

— Não por aí — ela retrucou. — Pela janela.

Ele olhou para trás, apenas o toque de um sorriso nos olhos.

— Se eu me esgueirar daqui desse jeito, aí é que ela vai mesmo acreditar que estávamos fazendo... você sabe o quê.

Della sentou-se e abraçou o travesseiro.

— Você estava sem camisa, suas calças estavam abertas e eu estou de roupa de baixo. E, por alguma razão desconhecida, estávamos nos beijando. Não há nada neste mundo que você possa dizer para convencê-la de que não estávamos fazendo... "você sabe o quê"! Então, por favor saia pela janela.

Ele abriu a vidraça, colocou uma perna para fora e ele olhou para trás, aquele olhar provocante agora mais brilhante.

— Só mais uma coisa.

— O quê? — Ela fez uma careta.

Chase rebateu a expressão dela com um sorriso.

— Na verdade, duas.

— O quê? — ela repetiu com rispidez.

— Primeiro — ele fez uma pausa —, esse... o beijo que acabou de acontecer. Foi escolha sua. Você me beijou.

Ela franziu a testa, porque, caramba, não queria ser lembrada disso.

— Segundo. Você está com o dia errado.

— Hã?

— Você está usando a calcinha da sexta-feira, e hoje é domingo.

Ela jogou o travesseiro nele, então olhou para baixo para confirmar. De fato estava usando uma calcinha do dia da semana.

Ela colocou o braço sobre os olhos e soltou um gemido.

Capítulo Dezesseis

Minutos depois, já vestida, mas ainda sem se sentir preparada para enfrentar o interrogatório da amiga ou o frio mortal que havia retornado, Della ouviu passos na varanda da frente. Ela inspirou o ar gelado e reconheceu o cheiro de Kylie, junto com o de Socks, seu gato.

Ouviu Kylie falar com Miranda. Della não fez questão de ouvir, apenas imaginou o que a bruxa estaria dizendo. Em seguida, um miado alto encheu a cabana. Seria o gato protestando contra a visita anterior de Baxter?

Nesse mesmo instante, a camaleão bateu na porta do quarto de Della.

— Entre — disse Della, como se tivesse escolha.

Kylie entrou primeiro, a expressão séria. Depois se sentou na beira da cama, ao lado de Della.

— Você está bem?

— A gente não estava fazendo nada de mais. Eu tive uma visão, ele viu também e, quando acordou, veio aqui. — Della olhou para Miranda, em pé na porta.

Kylie suspirou.

— Eu não quis dizer que...

— Eu sei que era o que parecia... — Ela franziu a testa para Miranda. — E se eu tivesse visto o que você viu, não acreditaria em mim também, mas...

— Eu não estou perguntando sobre você e Chase, estou perguntando sobre os cinco espíritos.

— Sim, eu tive... — Cinco? *Cinco? Ela disse cinco espíritos?* — Della prendeu a respiração. — Não!

Kylie confirmou.

Della sacudiu a cabeça.

— Dois sim, mas não cinco. Você deve ter trazido três com você, porque eu só tinha dois.

— Tenho certeza de que eram cinco. E eles não estavam aqui por minha causa. Eu não podia vê-los, só senti-los.

— Bem, eu não os vejo também — disse Della, não querendo admitir que estavam ali por causa dela.

— Eles disseram alguma coisa?

— Não. — Della saiu da cama num salto. — Não. E não! — Ela olhou para o teto. Não tinha certeza de para quem ela estava se dirigindo, mas olhar para cima lhe pareceu apropriado. — Dois já é demais. De jeito nenhum, nada disso, como, pelo amor de Deus, eu vou dar conta de cinco! — Então olhou para Kylie. — Eles ainda estão aqui?

— Não. — Kylie se levantou. — Já foram embora.

— Mas eles estavam aqui. — disse Miranda. — As três Cocas Diet que eu pus sobre a mesa da cozinha para a gente conversar assim que vocês terminassem o que estavam fazendo, explodiram. Eu juro que meu nariz quase congelou! — Ela esfregou a ponta do nariz.

Então um baque alto soou na varanda, seguido por uma batida na porta. Burnett.

Todas as três foram para a sala de estar. Miranda correu para a porta.

— Que bom que você está aqui. Tivemos uma invasão de fantasmas.

Burnett franziu a testa, entrou na cabana e olhou para Della.

— Descansou?

— Sim. — Por que ela tinha a estranha sensação de que ele não estava ali apenas para monitorar seu sono? — Lucas conseguiu descobrir alguma coisa na quadra de basquete?

— Não. — Pela expressão de Burnett, ela sabia que ele tinha mais a dizer.

— Então o quê?

— Eu acabei de ser chamado para ir à cena de um crime. Três jovens lobisomens assassinados. Acho que podem ser os três que você viu e eles talvez estejam ligados ao caso dos Chi.

— Pelo menos sabemos quem eram os outros três espíritos — disse Kylie.

— Eles disseram alguma coisa? — perguntou Burnett.

— Eu nem sequer senti a presença deles! — disse Della, esperando colocar alguma distância entre ela e os novos fantasmas.

— Você ainda não está trabalhando no caso — disse Burnett —, mas vai ajudar se puder confirmar que eram os mesmos lobisomens. Você vem comigo?

Della suspirou.

— Sim, claro. — Mas tudo dentro dela gritava não.

Não para não trabalhar no caso. Ela queria pegar os assassinos dos Chi.

Não para os fantasmas. Eles ainda a deixavam apavorada.

Não para ver mais cadáveres. Isso era simplesmente errado!

Não para beijar Chase. Ela não estava pronta para isso.

Agora tudo o que tinha a fazer era descobrir por que raios continuava dizendo sim.

— Tem certeza de que consegue fazer isso numa boa? — perguntou Burnett, um pouco antes de atravessarem a fita amarela da cena do crime.

— Quer parar de se preocupar comigo? Eu já dormi. Eu já comi.

Ele franziu a testa.

— Eu estava me referindo... Não importa.

Ela se lembrou de repente do último corpo que tinha identificado. Uma jovem e seu namorado, assassinados por um vampiro. Della tinha vomitado as tripas depois.

Ela engoliu em seco e jurou não repetir o vexame.

— Eu aguento. — E para provar isso a ele, e talvez até a si mesma, foi na frente e passou por cima da fita amarela, aproximando-se do galpão localizado no lado mais distante do parque. O mesmo parque onde ela tinha encontrado Lucas e salvado a menina dos lobisomens. O parque perto da sua casa.

Quando deu os últimos passos para chegar ao galpão, agora cercado por vários agentes da UPF, lembrou-se de quantas vezes tinha brincado ali quando criança. Será que havia lobisomens por ali na época? Será que sua irmã já tinha vindo ali à noite? O pensamento fez com que o medo se insinuasse dentro dela. Fez uma anotação mental para avisá-la de que aquele lugar era perigoso.

Della avistou três cadáveres enfileirados e cobertos com um lençol. O cheiro de sangue, sangue das vítimas, penetrou no seu nariz. E veio acompanhado de outro, horrível, que Della reconheceu como o cheiro da morte.

Burnett disse algo para um dos agentes. Ela deveria estar ouvindo também, mas estava preocupada demais tentando controlar a vontade de vomitar.

Um dos agentes mais novos, Shawn, o bruxo, que tinha uma quedinha por Miranda, aproximou-se e acenou para Della. Ela retribuiu a cortesia.

— Você está bem? — ele perguntou.

Franzindo a testa, ela confirmou com a cabeça. Estaria muito melhor se as pessoas parassem de perguntar isso a ela.

Outro agente, de terno preto, um lobisomem mais velho, andou até os três corpos e, um por um, puxou os lençóis do rosto das vítimas para Della ver.

Seu estômago revirou, mas ela fez um esforço para vencer a náusea. Enquanto tentava controlar o estômago, olhou de um rosto azulado para o outro e sentiu o coração oprimido. Lembrou-se de quando viu os três adolescentes saindo para uma divertida noite de sábado. Tinham a vida inteira pela frente. Mais do que nunca, ela queria pegar os cretinos que tinham feito aquilo.

— São eles — disse Della e ouviu passos atrás dela.

Ela olhou para Chase e percebeu que não deveria ficar surpresa ao vê-lo ali. Ele estava trabalhando para Burnett agora. Os olhos de Chase, cheios de preocupação, encontraram os dela e ela viu a pergunta em seus olhos: "Você está bem?". Percebendo

que isso alimentava seu lado vulnerável, a emoção em seu peito duplicou. Lembrou quanto tinha sido bom encostar a cabeça no peito dele aquele dia mais cedo.

Seus olhos arderam. Xingando a si mesma mentalmente, ela desviou o olhar e enrijeceu os ombros. A última coisa que queria era que Chase a mimasse na frente de um grupo de agentes.

Pensando bem, a última coisa que queria era precisar que alguém a mimasse. Que diabos estava acontecendo com ela? Percebendo que não precisava mais olhar os cadáveres, ela se afastou alguns metros.

Burnett a seguiu e, atrás dele, Della ouviu os passos de Chase.

— Não temos provas, mas com certeza este assassinato está ligado ao dos Chi.

— Está mesmo — disse Della, lembrando um pouco a visão. — Tenho quase certeza de que esses três passaram pela loja dos Chi, provavelmente farejaram o sangue e viram a cena do crime.

Os olhos de Burnett se arregalaram.

— Como você sabe?

— Uma visão — disse Della.

— Então você viu os assassinos?

— Não o rosto deles. — Fragmentos da visão encheram sua cabeça. — Mas eu ouvi...

— Eu vi o rosto de um deles! — afirmou Chase.

Burnett franziu a testa.

— Você me disse que não tinha visto.

— Não mais cedo, mas... na visão dela.

Burnett coçou a cabeça.

— Você estava na visão dela?

Chase assentiu.

— É verdade — ela afirmou, mesmo sabendo que parecia loucura.

Já estava escuro quando Della e Burnett voltaram para Shadow Falls. Burnett tinha enviado Chase à sede da UPF para passar uma descrição ao agente que desenharia o retrato falado.

Shadow Falls parecia muito silenciosa enquanto ela caminhava para a sua cabana. Della podia sentir o cheiro da fogueira, o que significava que todos estavam na floresta fazendo cachorros-quentes e derretendo marshmallows. Ela ficou em dúvida se iria ou não. Ter outra coisa em mente além dos próprios problemas podia ser bom, mas a ideia de tentar parecer amigável a todos era demais para ela.

A tranquilidade da sua cabana lhe atraía muito mais. Ela continuou andando.

Num canto da sua mente, fragmentos da visão continuavam surgindo. Alguns detalhezinhos continuavam assombrando-a, como se fossem importantes, mas ela não conseguia se lembrar do que poderia ser. Estava quase na cabana quando um pássaro

surgiu no céu e mergulhou na direção dela. Ele não se chocou contra ela, mas chegou perto disso.

Recordando o pássaro na varanda do escritório um pouco mais cedo, Della resmungou: — É você, Perry? Isso não é engraçado! Não estou com humor para pegadinhas idiotas!

Ela ficou parada em meio à escuridão e esperou que o metamorfo respondesse. Nenhuma resposta. Inclinando a cabeça para o lado, ainda podia ouvir os pássaros, ou talvez um pássaro — não dava para saber se era o mesmo — farfalhando nas árvores.

Esperou, impaciente, os segundos se passarem. Então recomeçou a andar, prometendo a si mesma que falaria algumas poucas e boas a Perry quando o visse. Seu celular apitou, anunciando a chegada de uma nova mensagem.

Ela o tirou do bolso e leu o pedido de Kylie para que fosse se juntar a eles. Tentando pensar numa boa razão para recusar o convite sem parecer antipática, ficou parada ali no escuro. Por fim, desistindo, enfiou o celular no bolso do jeans outra vez.

Estava bem em frente à cabana quando avistou uma figura na varanda. Ela respirou e fez uma careta. O que ele estava fazendo ali? Então, um outro perfume flutuou até ela. O que eles estavam fazendo ali juntos?

Capítulo Dezessete

Ele não a vira. Nem a ouvira. Ela poderia dar meia-volta e ir para a fogueira. Fingir que nem chegara a saber que ele estava ali. Lembrou-se das palavras dele: *Vamos conversar mais tarde*.

Ela havia concordado. Mas ainda não tinha a menor ideia do que dizer. Será que ele queria algum tipo de resposta? Com tanta coisa acontecendo, ela estava sem respostas.

Mas então Baxter latiu na direção dela e a curiosidade a espicaçou mais uma vez. O que Baxter estaria fazendo com Steve?

Steve virou-se e olhou na direção de Della.

— Oláááá! — Seu sotaque do Alabama prolongava o final da palavra, como se ela tivesse mais de três letras.

— Oi — respondeu ela.

Steve continuou de pé na varanda, mas Baxter correu na direção dela. Para um cachorro velho, ele tinha muita energia.

— Você tinha companhia. — Steve fez um sinal para o cachorro, que estava se esfregando contra a perna dela. — Ele estava esperando você chegar.

— Sério? — Della ajoelhou-se e olhou nos olhos do cão, confirmando se ele estava bem. Chase não teria posto o cão para dentro?

Ela sentiu Steve observando-a.

— Ele pertence a Chase — ela esclareceu.

Steve encostou-se na grade da varanda.

— É, eu sei.

— Você sabe?

— Lembra que eu sabia onde era a cabana dele? Ele já tinha esse cão.

Sim, ela se lembrava agora e se repreendeu mentalmente por perguntar. Steve já a tinha visto lá com Chase. Eles não estavam fazendo nada de mais, mas Steve tinha ficado magoado.

E ela se sentira muito mal por causa disso.

— Ouvi dizer que você foi ver a cena de um assassinato — disse Steve.

— É verdade — Della olhou para a lua baixa no céu. O silêncio enchia a noite e a fumaça da fogueira distante flutuava no ar frio.

— Você quer conversar? — ele perguntou.

Ela olhou para ele, e seu pânico deve ter transparecido.

— Não sobre nós — continuou ele. — Quero dizer, sei que precisamos conversar sobre isso mais cedo ou mais tarde, mas, agora, eu quis dizer sobre a cena. — Ele arrastou os pés no chão. — Costumávamos falar sobre coisas desse tipo.

Ela olhou para ele e seu coração pulou uma batida com o pensamento seguinte. *Nós costumávamos falar sobre um monte de coisas.* E nesse instante outra dolorosa verdade a atingiu. Steve era apenas mais uma coisa em sua vida que tinha mudado. No entanto, ali estava ele, sem tentar pressioná-la, apenas se oferecendo para conversar, para ouvir. Ajudar.

As palavras de Chase ecoaram em sua cabeça. *Nem todo mundo acaba junto. Você ainda tem uma escolha.*

— Deve ter sido difícil — disse Steve.

Ela se abaixou e se encostou na parede da cabana. Baxter se sentou ao lado dela.

— Foi — Della confirmou.

— Mas essa ainda é a profissão que você quer seguir. — Ele deu um passo mais para perto. — Por que você quer ver esse tipo de coisa?

Ela olhou para ele.

— Eu não quero ver esse tipo de coisa, eu quero evitar.

Steve se sentou ao lado dela, mas não tão perto a ponto de se tocarem. Ela se lembrou das muitas vezes em que havia se sentado ali na varanda com ele. Sentindo-se tão... apavorada com o que estava sentindo.

— Eu não entendo. — Ele pegou um pedaço de palha de pinho do chão da varanda e começou a girá-lo na mão. — Isso dói em você, mas ainda quer fazer isso.

— Mas é bom quando eu encontro a pessoa responsável. Não dói em você ver alguém doente?

Ele quase sorriu.

— *Touché*! — disse ele. — Acho que eu não tinha olhado por esse ângulo, mas você está certa. — Houve um silêncio. Os ruídos da noite ecoaram em torno deles. — Salvei pela primeira vez a vida de uma pessoa enquanto estava em Paris.

Não, primeiro ele tinha salvado a dela. Tinha feito uma transfusão que lhe salvara a vida, mas lembrar disso agora parecia muito pessoal, então ela deixou para lá.

— Como você fez isso? Como salvou a vida dessa pessoa? — ela perguntou.

— Um lobisomem procurou a clínica em que eu estava estagiando. O médico estava fora, atendendo a um chamado. Ele tinha ferimentos internos, estava sangrando muito. Eu precisei operá-lo para deter a hemorragia. Eu estava com muito medo que ele

morresse na minha mão. Mas, quando vi que não ia morrer, isso foi... Eu não sei explicar, mas foi um sentimento poderoso. Nunca tive tanta certeza de que queria ser médico. Foi como uma prova.

— Você vai ser um grande médico. — Della se lembrou do que Chase tinha dito a ela sobre o tio.

— Agora eu só tenho que convencer a minha mãe de que a medicina para sobrenaturais é o caminho certo para mim.

— Tenho certeza de que ela vai ter orgulho de você de qualquer maneira — disse Della.

— Ah, Deus, não vai, não. Ela está fazendo todo o possível para me inscrever na escola de medicina regular. Sei que ela quer o meu bem, mas só não entendo por que não pode me deixar seguir os meus próprios sonhos.

— A maioria dos pais não entende. — Ela pensou em seus próprios pais, no seu pai, e se perguntou o que ele achava que entendia... no que ele acreditava. Em sua mente, Della viu a maneira como o pai costumava olhar para ela naqueles últimos meses. Ele estaria realmente com medo dela?

— Como estão as coisas em casa? — Steve perguntou, como se estivesse lendo a mente dela.

— Uma loucura — disse ela. — Suponho que você tenha ouvido falar do meu pai.

— Sim. Eu lamento. Sei que não deve estar sendo fácil.

Ela concordou com a cabeça.

Depois de um momento, Steve perguntou:

— O que mudou?

— Como assim? Pensei que não íamos falar sobre nós.

— Não, eu não quis dizer... Eu me referi a você voltar para Shadow Falls. Ouvi dizer que você tinha voltado para casa para tentar ajudar.

Ela passou a mão lentamente nas costas de Baxter.

— Minha presença lá não estava ajudando. Só piorou as coisas.

— Não de propósito, tenho certeza — disse ele.

Ela ficou olhando para o cão.

— Não. — Um pássaro gritou no meio da noite. — Acho que meu pai sabe.

— Sabe o quê?

— Que eu sou uma vampira. — Ela olhou para a frente, sem saber por que tinha contado aquilo a Steve. Ela ainda não tinha contado a Kylie ou a Miranda. Chase sabia, mas só porque ele tinha escutado. Mas no segundo em que ela olhou nos olhos do metamorfo, entendeu seus motivos. Era porque ele era Steve. Sempre era fácil conversar com ele. Ele transmitia segurança. Ainda mais do que antes, Della percebeu.

Talvez ele sempre tivesse transmitido essa segurança, mas nem sempre ela se sentira assim. Agora, se sentia.

Não tinha a mesma necessidade de fugir ou de mantê-lo a distância. Ela não sentia nem um pouco de medo. Aquilo, ela percebeu, é que tinha mudado.

E exatamente o que significava?

Chase acabou o retrato falado. Assim que saiu da sede da UPF, pegou o celular e viu que horas eram. Olhando em volta, avistou um pássaro numa árvore. Era apenas uma ave qualquer ou seria Burnett ainda mandando que alguém o seguisse?

Será que ele estava se arriscando?

Lembrou-se do beijo que tinha trocado com Della. Aquele que ela tinha iniciado, não ele. E tinha sido muito bom. Mais cedo ou mais tarde, ela iria entender que eles eram perfeitos um para o outro. Ela tinha que entender, não tinha?

Talvez depois que ela conseguisse livrar o pai da acusação, eles pudessem recomeçar do zero. Um novo começo — em que ela soubesse que era escolha dela, em que os beijos e os momentos de Della quase nua nos braços dele não fossem tão raros.

E a pequena excursão aquela noite poderia tornar isso realidade um pouco mais cedo. Poderia levá-lo a Douglas Stone. Burnett iria ficar chateado, mas, de certa forma, tinha sido sugestão dele mesmo.

Chase digitou o número de Leo.

— Está tudo de pé para mais tarde esta noite? — perguntou, assim que o sujeito atendeu o telefone.

— Está, mas, cara, você tem certeza de que quer vir? Vou dar um jeito de fazer você entrar sem que ninguém veja, mas não posso enviar guardas com você. Vou ser o único cobrindo a entrada dos fundos, o que significa que não posso entrar junto.

— Eu sei — disse Chase. — Vai dar tudo certo.

— Já perdemos três caras este ano. Eles achavam que ia dar tudo certo também. E não estavam lá sozinhos.

— Deixe que eu me preocupo com isso.

— Ok, vou estar aqui às onze, não se atrase.

— Entendi. — Chase desligou e ficou olhando para o celular por um instante. Ele só tinha tempo para voltar para a cabana, dar comida a Baxter e deixá-lo do lado de fora; em seguida, iria para a prisão.

Quando voava sobre Shadow Falls, tinha visto o brilho da fogueira. Será que Della estava lá? Ele a imaginou com Miranda e Kylie. Mas uma imagem menos desejável lhe ocorreu. A imagem dela aninhada nos braços de Steve. O ciúme encheu seu peito.

Por mais tentador que fosse voar mais baixo para ver melhor, ele sabia que isso dispararia o alarme. Assim, voou por sobre o brilho laranja e o cheiro de marshmallows assados e seguiu direto para a entrada.

Ao passar pelo portão, sabendo que a câmera capturaria sua imagem e o deixaria passar, olhou para trás por cima do ombro, para ver se alguém o seguia. Não viu ninguém, mas isso não significava nada. Ele não tinha visto na noite anterior, também.

Pegou a trilha ainda em dúvida se deveria dar uma passadinha na fogueira. Fazendo uma corrida rápida, chegou lá em menos de três minutos. A fogueira era enorme, chamas se estendendo em direção ao céu e os estalos da lenha enchiam o ar da noite. Risos partiam de um grupo de meninas assando salsichas espetadas em varetas. Alguns casais abraçados curtiam a companhia um do outro.

Lucas, saindo detrás de algumas árvores, viu Chase e acenou. Ao lado do lobisomem de olhos azuis estava Kylie. Mas Della não estava com eles. Chase foi até lá.

Kylie sorriu.

— Ei, ouvi dizer que você está de volta.

— É. — Ele observou que o sorriso da garota parecia sincero. Será que isso significava que Della não tinha falado muito mal dele para a amiga? Chase olhou para Lucas e lembrou que Burnett o tinha enviado para seguir uma pista na quadra de basquete.

— Você descobriu alguma coisa lá no parque?

— Não, fiquei lá de tocaia várias horas. Acho que Burnett enviou outro agente para ficar de olho.

Chase assentiu com a cabeça e se concentrou em Kylie.

— Della está por aí?

— Acho que não voltou ainda. — A camaleão tirou o celular do bolso.

— Ela já deveria estar aqui — ele disse.

— Mandei uma mensagem para ela um tempo atrás e disse para vir aqui. — A loira olhou para Chase. — Ela não mandou nenhuma mensagem de volta. Mas pode ter ido pra cama cedo. Acho que teve um dia difícil.

Pela expressão nos olhos azul-claros de Kylie, ela suspeitava de que ele fosse a parte difícil do dia da amiga.

— Obrigado, vou dar uma passadinha na cabana dela.

— Ou apenas deixá-la dormir — disse Kylie.

— Só quero ver como ela está.

— Algo errado? — perguntou Kylie.

Você quer dizer além de eu estar preocupado com a possibilidade de ela estar com Steve?

— Não.

Começando então a se afastar a pé, ele circundou a fogueira e abriu caminho entre os grupos de pessoas, na esperança de localizar Steve sozinho ou, melhor ainda, com outra garota nos braços.

Mas o metamorfo não estava em lugar nenhum. Será que ele e Della estavam juntos?

Chase decolou para a cabana de Della e aterrissou na varanda. Inclinou a cabeça para ver se conseguia ouvir alguém lá dentro. Apenas um gato miando. Então um cheiro o atingiu. Suas narinas inflaram. Sangue.

E não era qualquer sangue.

Era o sangue de Della.

Ele agarrou a maçaneta e se atirou dentro da cabana. A porta bateu na parede com um baque. Seus olhos arderam e os caninos se projetaram quando o cheiro de sangue ficou mais forte. Uma rápida olhada em volta e ele notou que os abajures das mesas laterais estavam caídos, duas cadeiras da cozinha, derrubadas. Uma briga tinha acontecido ali. E ao pensar que era o sangue de Della, seu coração martelou no peito.

Ele correu para o quarto dela. Nada parecia fora do lugar. O que quer que tivesse acontecido devia ter se limitado à sala de estar.

Ele voltou para lá. Um grunhido deixou seus lábios quando viu gotas de sangue no chão perto da porta. Chase saiu e avistou mais respingos nos degraus.

Movido pela fúria e pelo medo, ele decolou, seguindo a trilha de sangue de Della.

Capítulo Dezoito

A trilha de sangue levou Chase para a floresta. O pensamento de que ele deveria avisar Burnett e conseguir ajuda foi contrariado pela certeza de que não tinha mais tempo a perder.

Correu através do bosque, sem se importar que suas roupas se enganchassem em algum arbusto espinhoso. Após cerca de um minuto, ele percebeu que, a menos que a trilha mudasse de direção, ele acabaria na cabana catorze. Sua cabana.

Della teria se ferido e ido procurá-lo? O pensamento de que ela precisara dele e não tinha conseguido encontrá-lo causou mais uma pontada em seu peito.

De repente, a floresta ficou menos densa e ele viu luz na cabana. Ele não tinha deixado nenhuma luz acesa. Alguém tinha passado por lá. Ou ainda estava lá.

Disparando em direção à cabana, ele sentiu o cheiro dela, ainda misturado com sangue. Então ouviu-a dizer: — Eu vou te matar. Juro.

Quem ela queria matar? Não que tivesse que fazer isso; ele faria por ela. O pânico dele era grande demais para verificar de quem era o outro cheiro. Chase subiu os degraus correndo e abriu a porta, pronto para defendê-la.

Ela se virou. Estava com uma blusa branca e calças de pijama cheias de sangue. Baxter estava sentado em frente a ela.

— O que aconteceu? — ele perguntou, o coração quase saltando pela boca.

— Você aconteceu — ela sibilou.

Chase ficou ali, o pânico que comprimia seus músculos aos poucos diminuindo.

— Eu?

— Sim, você deixou Baxter solto. E ele acabou indo à minha cabana.

Chase não tinha deixado o cão para fora, mas... Ele piscou e mais uma vez notou o sangue na camiseta branca dela. Então olhou para Baxter sentado aos pés de Della, a cauda balançando um pouco, a cabeça baixa. Definitivamente a postura de alguém cheio de culpa.

Ela estava dizendo...?

— Baxter nunca iria machucá-la.

— A mim não, mas a um gato sim.

Chase balançou a cabeça.

— Não, ele nunca machucaria um gato. Ele adora gatos. Eddie tinha um e eles eram superamigos. Ele costumava pegá-lo e carregá-lo por todo lado na boca.

— Bem, eu acho que Socks não gosta de ser carregado na boca por todo lado, mesmo que seja para um alegre passeio.

— Droga. O que aconteceu?

— Baxter apareceu na minha cabana. Esqueci que Socks estava lá e deixei que ele entrasse. Eu fui pegar meu pijama e começou a maior confusão. Baxter encurralou Socks. Socks correu. Baxter o perseguiu. Eles derrubaram tudo na cabana. E antes que eu pegasse o gato, o gato me pegou. Ele me escalou inteira para fugir do seu cão.

Chase franziu a testa.

— Você está bem?

— Se eu estou bem? — Ela apontou para a blusa. — Eu fui usada como um poste de escalada.

— E a culpa é do Baxter — disse Chase.

— Não! — Della gritou.

— Você tem razão — disse Chase. — A culpa foi do gato.

— Não! A culpa é sua! Foi você que não prendeu o seu cachorro.

— Não, eu deixei Baxter preso na cabana! — Chase inspirou e percebeu que o cheiro de tinta estava ainda mais forte.

— Aposto que os pintores vieram aqui e o deixaram sair.

— Ah, sim, agora culpe os pintores! — ela rosnou.

— Eu não estou culpando... — Ele reprimiu o riso. Mesmo coberta de sangue, ela parecia adorável em seu pijama. E a blusa branca, com a palavra "Princesa" escrita em rosa, ficava justa no peito, delineando os seios com perfeição. Ela também era agarrada na cintura. E a bainha branca tinha coroinhas cor-de-rosa impressas nela. A bainha era um pouco larga e baixa, deixando uma faixa da barriga de fora. Nossa, ela estava muito sexy!

Ele se aproximou, afastando os pensamentos tentadores, porque agora não havia tempo, e concentrou-se no sangue.

— Você limpou os machucados?

— Não, tive que tirar o Baxter da cabana. E como eu me importo com ele mais do que o dono, não ia deixá-lo correndo solto por aí. Tem lobos lá fora.

— Desculpe. Deixa que eu te ajudo a limpar os machucados.

— Não. Estou indo pra casa. Vou fazer isso lá.

— Espera — disse Chase. — Me deixe pelo menos te dar uma pomada.

— Eu tenho. — Della passou por ele a caminho da porta.

— A que eu tenho é melhor. É feita para vampiros. — Ele andou rápido até onde estava sua mochila e tirou um tubo de lá. Foi até ela para lhe entregar. Della cheirava tão bem, como se tivesse acabado de tomar banho. Xampu e sabonete feminino. Quando seus dedos roçaram a mão dela, o coração de Della disparou e ele pôde jurar que viu suas pupilas se dilatando. — A pomada quem fez foi seu tio. — Ele teve que se forçar a desviar os olhos dos seios dela, onde ele quase podia ver os mamilos.

Ela franziu a testa, mas pegou o tubo.

— Você conseguiu descrever o rosto da minha visão?

— Sim, o artista fez um bom trabalho. Ele consultou o banco de dados, mas não encontrou nada.

Ele ansiava por passar a mão na bochecha dela. Ela parecia tão... macia.

— Então ainda não temos nada concreto.

— Nós vamos encontrá-los — Chase garantiu. — Ainda precisamos repassar a visão. Veja se consegue se lembrar de alguma coisa diferente que possa nos ajudar.

— Então vamos fazer isso já. — O fato de ela concordar tão rápido provocou uma leve sensação de prazer no peito dele. Chase adoraria ficar ali e desfrutar... do que quase podia ver debaixo da camiseta.

— Não posso. Tenho que sair, mas poderia ir à sua cabana na volta. Pode ser tarde. Ou poderíamos fazer isso amanhã à noite. Tenho certeza de que Burnett vai querer que eu trabalhe amanhã de manhã.

Ela ficou ali olhando para ele como se estivesse tentando desvendar algum segredo.

— Você vai sair?

Ele assentiu.

— É sobre o caso?

Ele fez que sim novamente.

— O caso do meu pai?

— Sim.

— Então só espere eu trocar de roupa que vou com você.

Ele balançou a cabeça.

— Não.

Ela franziu a testa.

— Por quê?

— Porque você não pode.

A dúvida encheu os olhos escuros de Della.

— Burnett vai com você?

— Não. Tenho que fazer isso por conta própria.

— Fazer o que por conta própria? — perguntou ela, inclinando um pouco a cabeça para a esquerda. A mão direita descansou em seu quadril. Chase se perguntou se ela sabia

quanto ficava bonita fazendo isso. Como um gatinho tentando parecer durão. Algum dia, quando as garras dela estivessem retraídas e ele não tivesse tanto receio dela, ele lhe diria isso.

— Aonde você está indo? — ela retrucou.

— Burnett me falou uma coisa. Disse que o melhor lugar para conseguir informações sobre marginais como Douglas Stone é com outros marginais. Eu liguei pedindo um favor a um amigo. Um guarda de uma das prisões do Conselho. Ele vai me deixar entrar para fazer algumas perguntas. Eu ia ontem à noite, mas não pude. E não contei a Burnett porque... não há nenhuma chance de eles deixarem que ele entre.

— Então você está escondendo alguma coisa.

Chase franziu a testa.

— De Burnett, não de você. E se eu conseguir alguma coisa, vou contar a ele. Eu apenas... tenho medo de que ele não me deixe ir. Prefiro pedir perdão do que permissão.

— Por que ele não deixaria você ir?

Chase tirou o telefone do bolso e olhou para o relógio. Ele tinha três minutos para sair ou chegaria atrasado.

— Os presos não são os melhores anfitriões. Normalmente, quando alguém entra, é acompanhado de vários guardas. Como eu na verdade não estou trabalhando mais para o Conselho, ele vai me deixar entrar sem que ninguém veja, por isso vou estar sozinho.

— Então me leve junto — disse ela.

Ele balançou a cabeça.

— Ele não deixaria você entrar. — Sem mencionar que Chase não permitiria que ela chegasse perto daquele lugar. Aqueles lobisomens eram a pior escória da sua espécie.

— Então não vá.

A expressão de teimosia dela o fez sorrir.

— Cuidado, senhorita Turrona, quase parece que está preocupada comigo.

Ela fez uma careta.

— Pode baixar a bola. Não é nada disso.

Ele foi até a cozinha e encheu de ração o prato de comida de Baxter. Sentiu o olhar dela e adorou saber que ela estava prestando atenção nele. Ela sempre tinha toda a atenção dele quando estava por perto.

Della deu um passo para mais perto.

— Você sabe se alguém tem informações sobre esse cara? Stone?

— Não. É por isso que estou indo.

Ela se aproximou um pouco mais. Aquilo seria mesmo preocupação nos olhos dela? Sim, era. Chase a beijaria se achasse que sairia impune. O problema era que ele queria muito mais do que um simples beijo. Queria deslizar a mão naquela faixa macia de pele na barriga dela. Queria tirar aquela blusa e...

— Por que você acha que eles vão contar alguma coisa a você? — Della puxou para baixo a blusa como se sentisse que ela o distraía.

Mas era uma distração tão doce...

— Porque não têm nada a perder. Porque podem pensar que isso talvez dê a eles alguma chance de saírem de lá. É uma aposta arriscada, mas eu tenho que tentar. Nós queremos pegar esse cara, lembra?

— Sim, mas...

Baxter roçou na perna dele. Chase se ajoelhou. Depois de coçar atrás das orelhas do cão, ele pressionou a testa contra o focinho. E sentiu um cheiro diferente; a decepção apertou suas entranhas. Ele se levantou. Só conseguia pensar em que parte do doce corpo de Della o metamorfo tinha tocado. Sua cabeça dizia para ignorar o que já sabia e sair da cabana. Seu coração não ouviu.

— Você pode fazer algo por mim?

— Ir com você? Sim. — Ela levantou o queixo.

— Não. Algo muito mais fácil do que isso — disse ele entre os lábios apertados. — Enquanto estou lá fora arriscando a vida para tentar livrar o seu pai da cadeia, você pode não ficar andando por aí com Steve?

Ela abriu a boca para dizer algo, mas ele não ficou para ouvir.

Della irrompeu na cabana com tudo, vestindo seu pijama ensanguentado e mais furiosa do que um guaxinim enjaulado. Já tinha mandado uma mensagem para Chase e pedido que ele mudasse de ideia.

Quando abriu e fechou a porta com força, Miranda soltou um grito alto que poderia ter acordado os mortos. E, considerando que os mortos viviam perambulando por ali, aquilo não era exagero.

— Ela está aqui! — gritou a bruxa no celular. — Mas, ah, Deus! Está cheia de sangue. E eu ainda sinto.

Sente o quê?

— Eu estou bem! — Della falou com rispidez.

Mas era tarde demais. A porta atrás dela se abriu e Kylie correu para dentro da cabana. Sempre que a camaleão estava no modo proteção, parecia um daqueles tubos de neon quando estão enfraquecendo.

— O que aconteceu? — Ela ainda segurava o telefone no ouvido.

— Nada!

Kylie deixou cair o telefone do ouvido, apontou para a blusa cheia de sangue da amiga e acenou para o desastre em que estava a cabana.

— Vou perguntar outra vez...

— Ok. Nada de mais.

Ambas as garotas se aproximaram e ficaram olhando a camiseta ensanguentada de Della.

— Estão vendo? — Ela apontou para os seios. Não estava faltando nenhum pedaço. Os peitos estavam lá e tudo mais. Não que ela tivesse muito a perder...

— Foram apenas alguns arranhões e eles estão todos curados agora. — Ela começou a ir para o quarto, mas Kylie e Miranda a seguiram até a porta.

Miranda levantou um saco de algo que parecia mato, fez um algum tipo de dancinha e espalhou um pouco da coisa verde na cabeça de Della.

— O que é isso? — perguntou Della.

— Ervas para afastar o indesejável. Temos companhia. — Miranda jogou outro punhado de mato seco no ar.

— Quem? — Della perguntou.

— Você conta primeiro, Della. O que aconteceu? — Kylie rebateu. Não estava mais brilhando, mas ainda com aquele olhar de camaleão contrariado sobre ela.

O problema era que Della ainda estava tão irritada com Chase que não sentia a mínima paciência para lidar com a irritação de quem quer que fosse. E ela com certeza não estava gostando nem um pouco daquela coisa verde salpicada sobre ela por uma bruxa que não estava fazendo um pingo de sentido.

Ela deu mais um passo na direção do seu quarto, e suas duas companheiras de alojamento não se moveram.

— Ok, vou contar a versão mais curta. O cachorro de Chase veio aqui e o seu gato não estava a fim de companhia.

— Socks está bem? — Os olhos de Kylie se arregalaram e ela se virou, gritando: — Aqui, gatinho, gatinho.

— Ele está bem. Olha só. — O gato veio rebolando de detrás do sofá. Com todos os olhos sobre o felino saltitante, Della tentou escapulir para o seu quarto.

— Não tão rápido, vampira! — Kylie pegou Della pelo braço e olhou para Miranda. — Pegue as Cocas Diet. É hora de termos uma conversa.

Capítulo Dezenove

Kylie levou Della até a mesa, em seguida apontou para a cadeira. A vampira desabou no assento e deixou o celular à vista.

Della não se importava em participar das discussões à mesa redonda, bebericando Coca-Cola Diet. Ela tinha aprendido que contar as coisas ajudava um pouco. E saber dos problemas das suas duas melhores amigas a fazia se lembrar de que a vida de ninguém era um mar de rosas. O destino não estava tirando uma só com a cara dela. Ele zoava com a vida de todo mundo.

Mas, agora, mais do que a sensação de que estava afundando num poço de problemas, ela estava irritada. E... preocupada com o cara que a irritava. Deveria tê-lo seguido, mas não, aquele pequeno comentário sobre "não ficar andando por aí com Steve" a deixara chocada. Quem ele pensava que era para dizer com quem ela podia andar por aí? Ainda assim, Della se preocupava. Não por escolha própria. Droga de ligação! Ela deu uma olhada rápida no celular.

Estava morta de vontade de ligar para Burnett e contar o que Chase estava fazendo. A única coisa que a impedia era saber que, se fizesse isso, iria deixar Burnet uma fera. Mas, se Chase sobrevivesse a isso, ela teria simplesmente que matá-lo. Aquilo o ensinaria a não assumir riscos idiotas, não é verdade?

— Quem vai falar primeiro? — Kylie abriu a lata de refrigerante, provocando um ruído efervescente na sala.

— Deixa a bruxa falar — disse Della. — Estou doida pra saber por que ela está jogando ervas secas em mim e fazendo suas macumbas.

Miranda revirou os olhos.

— Você deveria estar me agradecendo, não tirando uma da minha cara.

— Eu não estou tirando uma da sua cara, apenas descrevendo do meu jeito o que eu vi.

— Nada de brigas nas conversas de mesa redonda — Kylie insistiu.

Miranda abriu sua bebida.

O som efervescente de fato provocava uma sensação de calma em Della.

Mas, obviamente, não em Miranda, que encarou Della.

— Você está me assustando — a bruxa se queixou. — Desde que voltei esta tarde, tenho sentido um invasor. E então descobri...

— Descobriu o quê? — perguntou Della.

— O invasor.

— Um espírito? — perguntou Della. — Porque, você sabe, onde quer que esteja a senhorita Ghost Whisperer aqui — ela acenou para Kylie — e agora eu — ela franziu a testa —, pode haver alguns rondando. — Ela olhou para o teto. — Só não me fale que são cinco.

— Nada de fantasmas — disse Miranda. — Só uma forte intuição de que alguma coisa ou alguém está nos espionando. Como na época em que eu sentia Mario por aqui, tentando matar Kylie.

— Você já contou a Burnett? — Della deu outra checada rápida no celular.

— Não, eu... quero ter certeza antes de contar a ele, para não preocupá-lo à toa. Você sabe como ele fica quando está... todo preocupado. — Miranda franziu o cenho. — Além disso, posso estar errada.

Della abriu seu próprio refrigerante. O som fez cócegas em seus ouvidos e a deixou um pouco mais calma.

— Você já teve essa sensação antes e descobriu que estava errada?

— Claro! — Miranda pegou o refrigerante e deu um gole.

— Quantas vezes? — perguntou Della, querendo calcular se de fato ela precisava se preocupar com algo ou se Miranda estava apenas um pouco paranoica.

— Não sei muito bem.

— Faça uma estimativa — Della pediu.

— Dez, talvez.

— Duas vezes a cada doze. — *Paranoia.* — Bom saber. Vamos em frente. — Della olhou para Miranda. — Então, mais alguma coisa?

— É uma sensação real — Miranda insistiu.

— Todos nós vamos ficar de sobreaviso. — Kylie olhou para Miranda, e, em seguida, acrescentou: — Então, como foi seu fim de semana?

— Eu odeio falar primeiro — a bruxa reclamou.

— Tudo bem, eu falo. — Kylie inclinou-se um pouco. — Minha mãe está namorando um outro cara. Ele é cinco anos mais novo que ela. O que significa que é apenas quinze anos mais velho do que eu. É uma sensação estranha. E olha só, ela o conheceu no supermercado. Que tipo de cara vai ao supermercado para paquerar?

— Muitos, pelo que ouvi falar — disse Miranda.

Kylie balançou a cabeça.

— Que tipo de coisa eles falam? "Ei, olha o tamanho destes melões"?

Della olhou para o telefone novamente.

— Se não for nos pepinos que ele estiver interessado, ela está segura.

— E pior! — exclamou Kylie. — Meu pai apareceu, e eu posso jurar que ele está flertando com a minha mãe. Quando é que ele vai desencanar? Não é fácil vê-lo olhando para minha mãe daquele jeito quando sei que ela só tem olhos para o "Senhor me Encontre no Corredor dos Legumes".

— Você acha que ele ainda ama a sua mãe? — perguntou Miranda.

— Acho. E sei que ele merece ser um pouco infeliz, porque ele é que foi pego cheio de mão boba pra cima da assistente no elevador.

— O quê? Eles se pegaram dentro de um elevador? — perguntou Della.

— Eu não sei. Só estou dizendo isso porque ele trabalha num edifício. Mas não duvido. A questão é que a culpa é dele, mas ele precisa esquecer a minha mãe. Ah, e Lucas veio e nós saímos no sábado. O que me leva à minha grande queixa com relação a vocês duas.

— Nós duas? — perguntou Miranda.

Della puxou o celular para mais perto.

— O que nós fizemos?

— Vocês não perceberam nada.

— Você tem outro chupão no pescoço? — Miranda virou a cabeça para o lado para verificar o pescoço de Kylie.

— Não. — Kylie tirou o cabelo dos olhos.

O que, Della notou, foi pela terceira vez. Foi quando ela percebeu. E aquilo só significou mais mudanças.

— Você está se referindo a esse anel de noivado?

O rosto de Kylie se iluminou e ela mostrou os dedos.

— É apenas um anel de compromisso.

Miranda pegou a mão de Kylie.

— É um compromisso bem grande...

— Eu sei, não é lindo? — O sorriso dela se alargou.

— Sim. É incrível. — Della deu outra olhada no seu celular.

— O que isso quer dizer? — perguntou Kylie.

— Como assim, o que isso quer dizer? — Della olhou para Kylie.

— Seu tom de voz. E não adianta negar. Eu ouvi.

— Não é nada — disse Della, não gostando que a amiga estivesse usando sua capacidade de ler suas emoções. — Estou feliz por você. — E, no fundo, era verdade. Era apenas... uma mudança.

— Mas...? — perguntou Kylie.

Ah, droga, por que não ser sincera?

— Mas me preocupa que você e Lucas acabem se casando antes que nós três cheguemos à faculdade. Os três mosqueteiros vão se tornar dois. E depois, um, porque

uma de nós — e ela apontou para Miranda — vai acabar matando a outra.

— Eu acabei de dizer que não é um anel de noivado. E o fato de estar usando um anel de compromisso não significa que o casamento vai acontecer mais rápido.

— Eu aposto que Lucas pensa de outro jeito.

— Não, ele não pensa. Ele sabe que estamos planejando ir para a faculdade juntas.

— E o que Lucas está pensando em fazer? — perguntou Della.

— Ele vai para onde a gente for. Assim como você, ele planeja trabalhar para a UPF e é um candidato com todas as chances de ganhar as eleições do Conselho dos Lobisomens, então a faculdade onde vai se formar não é tão importante.

— Só pensei que...

— Então, pare de pensar — disse Kylie. — Ou devo dizer, cismar. Só porque temos namorados não significa que não vamos estar sempre juntas.

— Tudo bem. — Mesmo com a convicção de Kylie, Della não se convenceu totalmente. Tudo na vida mudava. Na maioria das vezes, a pessoa só tinha que aceitar aquilo. E ela estava cansada de ter de aceitar coisas ruins.

Kylie olhou para Miranda.

— Como foi o seu final de semana?

— Terrível! — respondeu a bruxa. — Papai convidou Tabitha para ir em casa e a mãe dela a levou de carro. Minha mãe teve um acesso de raiva e não queria abrir a porta. Do jeito que a minha mãe agiu parecia que a mãe de Tabitha era a segunda mulher e não ela.

E da forma como Miranda contou, estava claro que a bruxa estava com muita dificuldade para lidar com os problemas familiares. Della supôs que ainda demoraria um pouco para a amiga aceitar o fato de ter uma meia-irmã e seu pai ainda estar casado com a mãe dela.

Miranda deu um grande gole no refrigerante.

— Então, minha mãe e meu pai brigaram. Papai passou a noite transformado em jumento. Ah, mas ficou ainda pior. Eu precisei explicar a Shawn por que tinha um jumento na nossa sala.

— Shawn? — Della e Kylie perguntaram ao mesmo tempo. Shawn era um bruxo, a paixão de infância de Miranda, e agora o novo agente gato da UPF que tinha uma quedinha pela bruxa.

— Está saindo com Shawn? — perguntou Kylie. — Eu pensei que você ia ver como as coisas ficavam com Perry primeiro.

— Eu... bem, eu...

Enquanto Miranda despejava palavras aleatórias e desconexas, Della tomou outro gole de refrigerante e, em seguida, verificou seu celular para ver se havia alguma mensagem de Chase. Não havia. Maldição.

— Ele apareceu na minha casa — disse Miranda. — E ainda disse que sabia que eu estava tentando tomar uma decisão e queria me dar espaço. Mas não tanto espaço a ponto de ser esquecido.

— Ele é gato demais para ser esquecido — disse Kylie.

— Mas Perry também — contrapôs Miranda. — Eu o vi esta noite e ele estava... fofo e disse que vai ter paciência. Mas... se ele soubesse que eu estava com Shawn ontem à noite, teria um ataque.

— Bem, deixe que tenha quantos ataques quiser — disse Della. — Ninguém tem o direito de dizer com quem você pode sair ou não. Quer dizer, quem diabos ele pensa que é? Você não pediu para se afastar dele! E se ele decide sair por aí e deixar que o matem, a culpa é dele!

A confusão se estampou no rosto das amigas e ela percebeu o que havia dito. Então encostou a testa no tampo da mesa.

— Eu acho que a vampira tem algumas explicações a dar — disse Miranda.

— É isso aí — Kylie apoiou. — Comece a falar.

*

Chase aterrissou na parte de trás do edifício abandonado na periferia de Houston, onde A Fossa do Inferno estava escondida em algum túnel subterrâneo. Tirando o celular do bolso para ver quem tinha lhe mandado uma mensagem, ele viu o número de Della e quase não a leu.

Então, recusando-se a ser infantil, leu a mensagem. "Me escreve dizendo se você está bem."

Ele cerrou os dentes, lutando contra o sentimento de traição. Sentia-se um idiota por estar com ciúme. Ele sempre achara que o ciúme era coisa de gente tola. Se alguém queria estar com outra pessoa, isso simplesmente significava que ela não queria estar com você e não merecia que você sofresse por ela.

No entanto, lá estava ele... sofrendo. Sentindo-se inseguro. Outra emoção que ele não estava acostumado a sentir. A última vez que ele se lembrava de ter se sentido assim foi com Tami, quando ele tinha 14 anos.

Será que era assim quando a gente de fato se importava com alguém? Droga, ele gostava de Della. E só o pensamento de Steve colocando as mãos nela o deixava enjoado.

Na verdade, ele sabia que o cara provavelmente não tinha colocado as mãos em Della. Chase não tinha sentido o cheiro de Steve nela. O cheiro do metamorfo estava apenas em Baxter. Mas pelo olhar de Della quando ele mencionou Steve, sabia que os dois tinham se encontrado.

Chase estava começando a responder à mensagem dela quando ouviu alguém a distância. Afastando o telefone, ele ouviu. Será que ainda estava sendo seguido por um

agente de Burnett?

Quando um barulho veio do galpão, ele relaxou e tirou a mochila dos ombros.

Andou em direção a um pequeno prédio, que ele sabia que era a entrada dos fundos da prisão. Nesse momento, Leo saiu pela pequena porta.

— Ei! — Chase se aproximou. O homem afro-americano, uns dez anos mais velho do que Chase, era cerca de dez centímetros mais alto e tinha o corpo de um jogador de futebol americano.

Leo balançou a cabeça.

— Eu não sei se acho você um idiota ou se fico impressionado.

Ele abriu a porta do galpão, onde uma escada levava para baixo.

— Vamos ficar com a primeira alternativa. — Chase seguiu o guarda para baixo. O cheiro de corpos suados impregnava o ar. Leo desceu até a metade da escada e se virou, seus olhos mais brilhantes.

— Este cheiro é de sangue O?

Chase assentiu.

— Um litro para você e outro para os subornos.

Leo sorriu e continuou a descer. Seus passos ecoavam nos corredores de concreto à medida que caminhavam até o pequeno escritório. Lá se erguia uma enorme porta de metal com várias trancas de aparência inviolável.

— Você já esteve aqui antes, certo? — perguntou Leo.

— Sim. — Uma vez. Na época, só havia dois prisioneiros.

— Nós fornecemos água e sabão, mas eles não tomam banho. Sabem que o cheiro chega até nós.

— Eu aguento.

— Eles estão trancados nas celas, mas as barras são de metal barato e não resistem à força de alguns deles. Parece que vamos receber barras reforçadas no mês que vem. — Ele olhou para um monitor de vigilância. — Pelo que posso ver, ninguém está solto. Mas cada vez que desço lá, vou com o pensamento de que alguém pode estar solto. Isso salvou a minha vida.

Leo estendeu a mão para a mesa.

— Isso aqui é uma arma de eletrochoque. Você já teve que usar uma?

— Não — disse Chase, tentado a dizer ao outro que não precisava dela. Suas mãos, com a força de um Renascido, poderiam causar muito mais estrago. Mas ele decidiu levá-la. Não estava com medo, mas não era idiota.

Leo puxou a ponta da arma para mostrar como carregá-la.

— Basta puxar o gatilho. — Ele pegou alguns cartuchos extras. — Coloque estes no seu bolso. Aconteça o que acontecer, não deixe que coloquem as mãos nela. Dói pra caramba. Aprendi da maneira mais difícil.

— Entendi. — Chase enfiou os cartuchos extras no bolso.

— Tenha ainda mais cuidado com os lobisomens. Amanhã é a noite deles, estão no auge da força. Se um se soltar, não hesite. Eles estão planejando matar você e é melhor que esteja planejando fazer o mesmo. Eles estão todos no corredor da morte, de qualquer maneira. — Leo balançou a cabeça. — Sério, garoto, perdemos dois guardas e um visitante este ano. Tem certeza de que...

— Eles têm privilégios com relação a visitas? — perguntou Chase.

— Sim. Os visitantes assinam renúncias e pagam pelo próprio enterro antes de descerem. E esse valor não é reembolsável. Sempre levo para a minha esposa algo bonito quando temos alguém idiota a ponto de nos visitar.

Chase sorriu.

— Então tenho certeza de que ela gostaria que houvesse muito mais pessoas idiotas do mundo.

Leo assentiu.

— Você não disse que era Douglas Stone que estava procurando? É o mesmo em que o Conselho está de olho, certo?

— Sim — disse Chase.

— Então está desperdiçando seu tempo, eles já checaram essa pista.

— Que pista? — perguntou Chase, sem saber que havia uma.

— Um dos caras tinha um primo que vinha vê-lo. Ele assinava como Jones, mas eu ouvi o prisioneiro chamá-lo de Stone. Depois que ele foi embora, lembrei de um Stone na lista dos procurados. Liguei para o Conselho e disseram que iriam investigar. Mais tarde, quando o mesmo cara voltou, liguei novamente e disseram que tinham investigado, mas não era o nosso cara.

— Sério? — perguntou Chase. — Com quem você falou no Conselho?

— Eu não sei ao certo, talvez o cara loiro?

— Kirk Curtis? — perguntou Chase.

— Sim, pode ser. Faz um bom tempo.

Chase tentou digerir essa informação. Se Kirk tinha uma pista, ele teria que ter contado a Eddie. Ou talvez não tivesse contado porque não tinha investigado. Ainda assim, algo sobre isso não cheirava bem.

— Quantas vezes esse cara veio visitar o primo?

— Não muitas. Mas veio algumas semanas atrás.

— Qual é o nome do preso?

— Edward Pope — Leo disse. — Ele está na cela número onze. Miserável de uma figa! Gosta de morder.

— Obrigado pelo aviso.

— Você vai ver um corredor principal. Com celas dos dois lados. Fique no meio, alguns desses caras são como polvos e têm longos tentáculos. Eles pegam você e te estrangulam até a morte, isso se não tiverem uma faca improvisada para fazer o serviço.

— Andar no meio — Chase repetiu.

Leo suspirou.

— Não me entenda mal. Ouvi dizer que você é durão, garoto, mas não há nada além de filhos da mãe perversos lá embaixo.

— Já disseram que eu que sou meio perverso também — disse Chase.

Leo colocou a mão na alavanca.

— Você entra. Assim que eu bloquear esta porta, vou abrir o segundo portão. Para sair, tem que bloquear o segundo portão. Eu tenho um olho mágico aqui. — Ele acenou para a aba de metal. — Quando eu confirmar que só você está atrás do portão, abro esta saída.

— Entendi — disse Chase.

Leo franziu a testa.

— Eu tenho câmeras, mas vou ter que desligá-las, caso contrário vão fazer picadinho de mim se descobrirem que deixei você entrar. Então não vou saber se você está com problemas. Você está por conta própria.

— Não se preocupe.

A porta gemeu como se não estivesse acostumada a se abrir. Chase deu um passo para a frente e uma onda de frio tomou conta dele. Um arrepio percorreu a sua espinha. Seria apenas um frio normal ou aquele tipo fantasmagórico de frio?

A porta de ferro se fechou com um ruído alto e metálico de gelar os ossos. Ele supôs que aquele lugar já tinha visto a sua cota de mortes. Mas nem os mortos iriam detê-lo.

O barulho ficou mais alto. O segundo conjunto de barras rangeu quando o último portão se abriu bem devagar. O cheiro de suor e imundície encheu o nariz de Chase e ele teve que se concentrar para ignorar a náusea.

A voz de Leo ecoou do olho mágico.

— Bem-vindo à Fossa do Inferno.

Capítulo Vinte

— Será que ela vai falar ou tirar uma soneca? — perguntou Miranda.

Della levantou a cabeça. Ela não sabia por onde começar, mas então as palavras saíram, quase que por vontade própria.

— Meu pai sabe que eu sou vampira.

— Caramba! — disse Miranda.

— Droga! — exclamou Kylie.

— Eu vou perdê-los. — A emoção apertou a garganta de Della. — Ele vai contar à minha mãe e à minha irmã e então elas nunca mais vão querer me ver de novo.

— Eu não acho que isso vá acontecer — disse Miranda. — Você só precisa provar a elas que ser vampira não faz de você uma pessoa ruim. Todo mundo fica com medo no início. Eu sou bruxa e fiquei com medo, e procurei Kylie. Você costumava fazê-la gritar sempre que estavam no mesmo cômodo.

— Eu não gritava — discordou Kylie.

— Eles nunca vão entender — disse Della.

— Você não sabe com certeza — disse Kylie. — O que ele disse a você?

— Não disse nada. — Della contou a elas sobre o assassinato dos Chi e como seu pai a olhou como se ela tivesse feito aquilo. Então contou o que a mãe tinha dito sobre ele ter sido hospitalizado após o assassinato da irmã. — Por que ele precisaria ser hospitalizado se não viu nada?

Miranda fez uma careta.

— Porque a irmã foi assassinada. Quer dizer, isso por si só já é bem perturbador.

— Talvez — Della admitiu. — Mas se vocês vissem como ele olhou para mim... Tem medo de que eu vá matá-lo ou matar a minha mãe e minha irmã. — Lágrimas ardiam em suas narinas e um nó se formou na parte de trás da garganta.

— Então, você vai confrontá-lo? — perguntou Miranda.

— E dizer o quê? — Della rebateu. — Ei, sabia que eu sou um monstro?

— Você não é um monstro — disse Kylie.

— Conta outra. — Della engoliu a dor. — Mas fui eu que fiz com que desarquivassem o caso e o levassem ao tribunal. E se ele for condenado? Pode pegar pena de morte.

— Não pense no pior — disse Kylie. Depois de um segundo, ela perguntou: — Chase não entregou o seu tio?

— Não, disse que não sabe onde ele está. Mas também falou que meu tio não matou a minha tia. Que foi outro vampiro.

— Você acredita? — perguntou Miranda.

— Eu não sei em que mais acreditar. — Della suspirou. — Amanhã vai chegar da promotoria o arquivo do caso do meu pai.

Kylie virou a lata de refrigerante na mão.

— Talvez você descubra o que seu pai disse à polícia e, então, saberá com certeza se ele viu o assassinato.

— É. — Della olhou outra vez para o celular, e quando levantou os olhos tanto Miranda quanto Kylie a estavam examinando com os olhos.

— De quem é essa mensagem que você tanto espera? — perguntou a bruxa.

— Eu não estou... Eu... Ah, que inferno! — Ela respirou fundo. — Chase está fazendo algo idiota. — Ela contou às amigas sobre a vista de Chase à prisão.

— E você não vai ligar para Burnett? — perguntou Kylie.

— Não, porque se a situação fosse inversa e ele contasse a Burnett sobre mim, eu nunca contaria nada pra ele de novo. Ele está trabalhando no caso do meu pai. Eu preciso que confie em mim.

— Mas, se alguma coisa acontecer a ele, você nunca vai se perdoar — Kylie disse.

— Você vê em que situação ele me colocou? — Della falou com irritação.

— Bem, e se você me contasse e eu então contasse a Burnett? Não seria culpa sua.

— Ele ainda assim ficaria chateado.

— Mas mais comigo do que com você — disse Kylie.

Della olhou para o celular pela centésima vez.

— Vamos dar a ele mais trinta minutos. Se ele não entrar em contato comigo, então você pode ligar para Burnett.

Miranda virou a lata de Coca-Cola nas mãos.

— Você viu Steve?

Della franziu a testa.

— Sim. Ele ouviu dizer que eu tinha ido identificar alguns corpos e veio me ver para saber se eu precisava falar sobre isso.

— Que atencioso... — disse Miranda.

— Sim — disse Della. — Steve é atencioso.

— Mas? — perguntou Kylie.

— Mas ela se preocupa mais com Chase — disse Miranda, colocando as palavras na boca de Della.

— Não. — Della sentiu o coração bater ao som de uma mentira. — Eu ficaria preocupada com Steve também se ele estivesse em perigo.

— Ficaria mesmo? — perguntou Kylie.

— Sim — ela disse, mas a resposta veio com um tremor no coração também. — E se eu não ficasse, seria por causa da ligação. De modo que não contaria. Porque... Porque... Não foi escolha minha me preocupar. — Mas ela ouviu as palavras de Chase: *Você ainda tem uma escolha.*

Ela tinha?

— Em tudo na minha vida parece que eu não tenho escolha. Tudo está mudando e eu não fui consultada. É a minha droga de vida, e eu sou apenas uma mera espectadora.

— Eu tenho que discordar disso — disse Kylie. — Nunca conheci ninguém que lutasse tanto quanto você contra qualquer coisa.

— Sim, mas só porque eu luto não significa que tenha conseguido mudar alguma coisa. Fui transformada numa vampira e nada que eu tenha feito mudou isso.

— Não mudou, mas você está aqui em Shadow Falls porque teve coragem de ligar para Holiday — disse Kylie. — Nem sempre podemos mudar o que acontece, mas sempre temos controle sobre como enfrentamos as coisas.

— Você está falando como Holiday outra vez e bancando a psicanalista — acusou Della.

— Desculpe — disse Kylie, sorrindo. — Às vezes, a sabedoria dela simplesmente toma conta de mim...

— Ninguém gosta de gente muito espertinha... — Della retrucou, sem falar a sério.

— Você o beijou? — perguntou Miranda.

— Dã, você viu — disse Della.

— Não Chase, Steve. Você beijou Steve?

— Não — disse Della. — Só conversamos.

— Você queria beijá-lo? — perguntou Miranda.

Della apertou a lata.

— Eu... Eu não sei. Não pensei nisso.

— Mas você pensou sobre isso com Chase, certo?

— Não — retrucou Della. — Eu não pensei. Só aconteceu.

— Humm — cismou Miranda.

— Não venha com esse "humm" pra cima de mim — rebateu Della. — As coisas entre mim e Steve são diferentes agora.

— Diferentes como? — perguntou Miranda.

Della tentou definir o que sentia e por fim disse:

— Ele está... Ele parece mais seguro.

— Isso é bom — disse Kylie.

— É? — Della não tinha certeza. Ela não tinha tido muito tempo para pensar sobre isso desde que havia enfrentado a briga de cão e gato depois que ele tinha ido embora.

Falando em "seguro", ela tinha que checar quanto tempo tinha se passado. Já seria hora de Kylie ligar para Burnett?

Chase entrou no longo corredor, onde apenas duas lâmpadas de baixa voltagem iluminavam o espaço. O som de pés se arrastando ecoou enquanto os prisioneiros vinham espiar por trás das grades. O frio no ambiente ainda era intenso, mas Chase decidiu ficar com os vivos em vez de se preocupar com os mortos.

— Sinto cheiro de carne fresca — um dos prisioneiros disse, os olhos já incandescentes. Com a lua cheia do dia seguinte, ele estaria no ápice da sua força. Ele estendeu a braço para fora, e só faltaram alguns centímetros para que tocasse Chase. Ele sentiu os braços de outro prisioneiro atrás dele. Leo não estava brincando sobre ficar no meio. Um passo para um lado ou para o outro e Chase estaria ao alcance de algum deles.

Ainda assim, Chase não reagiu. Ele sabia que podiam sentir o cheiro de medo.

— Carne nova — disse outro prisioneiro.

— Sinto o cheiro de sangue — disse o ocupante da cela seis, o rosto pressionado contra as barras. Chase estudou a testa dele para ver o seu padrão. Vampiro.

Continuou avançando até chegar à metade do longo corredor, onde avistou a cela onze. O ambiente estava na penumbra. Chase pensou ter visto um homem na cama, mas não tinha certeza.

— Sim, tenho sangue. — Chase tirou a mochila do ombro.

Isso fez com que outros prisioneiros se aproximassem das barras.

— E vou dá-lo a quem puder me contar o que quero saber.

— Por um pouco desse sangue aí, eu entregaria até a minha mãe — disse um homem da cela oito.

— Estou procurando um homem chamado Douglas Stone. Vampiro, com quarenta e poucos anos. — Chase continuou observando a cela onze, esperando o Senhor Pope mostrar sua cara feia e algum interesse. Chase desenroscou a tampa da garrafa.

O cheiro encheu seu nariz, quase se sobrepondo ao fedor do lugar, e ele sabia que os outros podiam sentir o cheiro também.

— Eu conheço esse cara — disse o sujeito da cela oito. — Vou te dizer exatamente onde ele está, logo que me passar essa garrafa.

— De onde você o conhece? — Chase ouvia o batimento cardíaco do homem. E teve de se concentrar também no barulho de um dos lobisomens tentando retorcer uma das barras. Chase só rezava para que elas aguentassem o tempo necessário para que ele conseguisse as informações.

Chase tomou um longo gole do sangue.

— Alguém mais quer experimentar?

— Por que você está procurando esse cara? — A voz veio da cela onze.

— Tenho algumas perguntas para ele. — Chase olhou para dentro da cela.

O homem saiu das sombras. Cabelos pretos e olhos azul-escuros. O nariz parecia que tinha sido quebrado mais vezes do que pôde ser consertado. Uma cicatriz ia de um olho até o lábio.

Devia ter sido uma luta suja. Literalmente suja, porque os vampiros se curavam muito rápido e não costumavam ficar com cicatrizes. Eles eram como gatos, mas, e se a ferida estivesse suja e infeccionasse, tinha que ser reaberta. Pelo que parecia, o rosto de Pope tinha sido reaberto várias vezes.

O vampiro inspirou como se apenas absorver o cheiro de sangue já alimentasse a sua alma. Inclinando-se para a frente, ele passou os punhos pelas barras, dando a Chase uma visão ainda melhor de seu rosto cheio de cicatrizes.

— Você sabe onde eu poderia encontrar Stone? — Chase tomou outro gole de sangue, esperando que Pope se convencesse a responder antes que Chase tomasse a garrafa toda.

— Talvez eu saiba. — O prisioneiro lambeu os lábios e os olhos ficaram verde-claros com o cheiro.

— Você sabe onde ele mora? — Chase ouviu o coração do homem.

— Eu sei por onde ele anda. Nunca fica no mesmo lugar. — Ele colocou a mão através das barras. — Me passa o sangue e eu te digo o que sei.

— Eu te falei que eu sei! — gritou o cara da cela oito. O braço dele saía através das grades. — Me dá essa garrafa!

Chase ignorou o vampiro mais velho. Bebeu quase tudo, só deixando umas poucas gotas preciosas, para só então entregar a garrafa a Pope. — Toma isso só para sentir o gosto. Se sua informação parecer legítima, tenho outra garrafa na mochila.

O homem pegou a garrafa.

Chase podia ouvi-lo engolir, tentando sugar até a última gota.

Ele ouviu um rosnado do lobisomem na cela um, enquanto tentava retorcer as barras. O tempo de Chase estava acabando.

— Ele compra e vende casas em Houston — disse Pope. — Agora me entrega esse maldito sangue!

— Eu preciso de mais do que isso. — Chase olhou de volta para a cela do lobisomem e viu que ele já estava passando o braço e parte do ombro pelas barras retorcidas. Felizmente, o peito não tinha passado ainda.

Rosnando, ele olhou para Chase. Seus olhos brilhavam num tom cruel de laranja e ele se agarrava às barras, voltando a fazer força para retorcer o metal.

— Existe um Douglas Stone em algum lugar na parte antiga dos Heights — disse Pope. — Agora me dá mais sangue.

— Onde nos Heights? — Chase puxou a arma de eletrochoque da cintura do jeans, apenas para o caso de o lobisomem se libertar antes que ele tivesse a informação de que precisava. Então, com a outra mão, tirou da mochila a garrafa de sangue.

— Última garrafa — disse ele, desatarraxando a tampa. — E estou com sede.

— Ele tem uma piranha com quem mora numa casa perto da Main com a Chestnut, no centro de Jamesville.

— Endereço? — Chase começou a beber.

— Eu não sei o maldito endereço! — ele rosnou. — Mas espera. É ao lado de um restaurante mexicano barato. Bem do lado. — Ele enfiou a mão por entre as barras para pegar o sangue.

Chase ouviu a verdade em suas palavras e considerou a possibilidade de entregar a garrafa. Então, decidindo acreditar no homem e achando que ele já tinha sofrido o suficiente na vida, passou a garrafa. Depois olhou por sobre o ombro, para o lobisomem, que ainda pressionava as barras.

Pope engoliu o sangue todo de uma vez. Chase começou a recuar.

— Você não tem chance, garoto — disse Pope, só afastando a garrafa dos lábios o suficiente para falar. — Acha que eu não sei quem você é? — O vampiro com cicatrizes riu.

Chase parou, quase certo de que o homem estava mentindo, mas...

— Quem você acha que eu sou?

— Ele me contou sobre você. Você é filho daquele médico. Não filho de fato, porque ele é asiático. Stone sabe que você está procurando por ele. Sabe que o médico está sempre atrás dele. Mas não vai encontrá-lo, porque o Conselho não vai deixar que o encontrem.

Chocado, Chase fez uma pausa.

— Por que o protegem? — perguntou Chase, sentindo a temperatura da sala cair.

Saia. Saia agora.

Chase ouviu a voz feminina, sabia que ela não pertencia a este mundo, mas não podia lhe dar ouvidos, não agora.

— Por que eles protegem um assassino?

— Não importa — disse Pope. — Ah, mas você não deveria meter o nariz onde não foi chamado. Ele vai acabar com a tua raça.

Nesse exato instante, ouviu-se um ruído metálico, seguido pelo barulho estridente de uma barra se chocando contra o chão de concreto. Chase se virou ou pelo menos tentou se virar. Ele devia ter se esquecido de ficar no meio do corredor e se aproximou um pouco demais das celas. Um braço o agarrou, fechou-se em torno do seu pescoço e algo afiado se cravou em suas costas, transpassando a pele.

A dor nas costas não tinha sido completamente registrada quando ele viu o lobisomem se desvencilhar das barras de metal e investir contra ele.

— Eu vou comer o seu fígado! — disse o lobisomem com o braço em volta do pescoço de Chase.

Vai uma ova!, Chase pensou. Ninguém iria comer o seu fígado.

Capítulo Vinte e Um

— É isso aí, vou ligar para Burnett — Della resolveu, atirando do outro lado da sala a lata vazia de refrigerante que usava como bola antiestresse. Socks, que ainda tinha espírito de filhote, correu atrás dela. Della pegou o celular.

— Pensei que você ia me deixar fazer isso. — Kylie colocou a mão sobre a de Della.

— Não, Chase vai saber que forcei você. Eu posso muito bem fazer isso. — Ela pegou o celular e estava prestes a teclar quando o aparelho apitou.

— É Chase. — Ela sorriu quando o aperto no peito diminuiu.

Mas então leu a mensagem.

Na frente da escola. Preciso de ajuda.

— Merda! — Della pulou da cadeira.

— O que foi? — perguntou Miranda.

— Ele está no portão da frente. Vou até lá. Vejo vocês depois. — Fechou a porta num baque.

Um Corvette vermelho estava estacionado em frente. Ela atravessou o portão, sabendo que o alarme registraria sua saída, mas não se importou.

Um homem saiu pela porta do motorista. Ela o reconheceu como um dos homens do Conselho dos Vampiros. Onde estaria Chase?

Della se aproximou com cautela. Mas o olhar de preocupação no rosto dele e o cheiro de sangue — do sangue de Chase — provocou um nó no seu estômago.

— Olá mais uma vez — cumprimentou o vampiro loiro. — Sou Kirk. Nós nos encontramos quando...

— Eu sei quem você é. — Della lembrou quanto o Conselho a tinha feito se sentir frágil. Seu olhar se desviou para o carro; não viu mais ninguém nele.

— Onde está Chase? — Ela sentiu seus olhos arderem.

— Relaxe. Não estou aqui para criar problema. Chase está deitado no banco de trás.

Della disparou para o carro enquanto as perguntas começavam a se formar. Como Chase tinha acabado nas mãos daquele homem? Ele teria mentido sobre ir à prisão? Será que tinha mesmo deixado o Conselho?

— Eu queria levá-lo a um médico, mas ele se recusou. Disse que você cuidaria dele.

As perguntas dela se interromperam com essas palavras. Cuidar dele? Ela não era nenhuma enfermeira.

— Ele precisa de sangue rápido. Disse que tem o suficiente na cabana dele.

— Como ele está? — ela perguntou, mas não esperou resposta. Em vez disso abriu a porta do carro e levantou o assento da frente para ver por si mesma. O cheiro de sangue a atingiu com tudo. Seu estômago se apertou.

— Parece grave — disse Kirk.

As palavras provocaram uma dor aguda no coração de Della. Chase estava deitado ali, meio morto, a camisa coberta de manchas vermelhas. Seus olhos estavam fechados. Estaria consciente? Ele poderia estar...?

Ela não respirou até que ver o movimento em seu peito.

— O que aconteceu? — Ela olhou para Kirk por cima do ombro.

— Só um probleminha — disse Chase, antes que Kirk respondesse.

Della voltou a cabeça para ele e viu suas pálpebras tremerem até se abrirem.

— E não é tão grave. — Ele se mexeu.

— Você precisa de um médico? — ela perguntou.

— Eu me sentiria melhor se ele me permitisse levá-lo até um — Kirk falou. — Posso levá-lo em menos de cinco minutos.

— Não. — O tom de Chase foi tão inflexível que parecia transmitir algo mais.

Della olhou para o sangue na camisa e se preocupou ao ver quanto o ferimento parecia grave. Claro, vampiros se curavam, mas, se algum órgão fosse atingido, eles podiam morrer.

— Mas se você precisa...

— Não. — Os olhos de Chase encontraram os dela como se ele estivesse tentando lhe dizer alguma coisa, mas — ah, que droga! — ler pensamentos não era sua especialidade.

Chase empurrou as costas contra o assento para se sentar.

— Tudo que eu preciso é um pouco de sangue e da pomada. — Ele caiu de volta no assento. — E talvez um pouco de ajuda para sair do carro.

Ela afastou o banco da frente para que pudesse chegar até Chase.

— Você precisa da minha ajuda? — perguntou Kirk.

Chase olhou para ela e balançou um pouco a cabeça, negando a ajuda.

— Não — disse Della. — Posso cuidar disso sozinha.

Ela tirou Chase do carro. Ele se apoiou nos ombros dela e ela teve que passar o braço ao redor do seu quadril para impedi-lo de cair. Quando fez isso, ele se retraiu de dor. Foi quando Della percebeu que a camisa dele estava mais ensanguentada na parte de trás do que na da frente.

— Vá para casa — disse Chase para o vampiro mais velho. — Eu vou ficar bem.

Enquanto levava Chase até o portão, ela ouviu Kirk se afastando. Quando viu que já tinham se afastado o suficiente para o outro vampiro não ouvir, ela disse: — Você tem explicações a dar.

— Posso apenas me concentrar em não desmaiar agora e explicar mais tarde? — A dor era evidente em sua voz, e o peito dela se encheu de emoção ao vê-lo daquele jeito.

— Você precisa de um médico — disse Della. O cheiro de sangue era avassalador.

— Me dê quinze minutos depois de beber sangue e passar a pomada e, se eu ainda estiver muito mal, chame o seu bom amigo Steve.

Della franziu a testa diante do tom de voz dele e da ideia de chamar Steve. Não que ela duvidasse que o metamorfo ajudaria Chase. Ele faria isso.

Dois passos depois do portão, seu celular apitou com a chegada de uma mensagem de texto.

— Deve ser Burnett — disse ela.

— Não conte... — Chase não terminou.

Eles continuaram andando, e quando chegaram à entrada da trilha, Chase disse a ela: — Della?

— Sim.

— Ela me salvou.

— Quem te salvou? — Della sentiu o peso de Chase recair um pouco mais sobre ela, deixando seu corpo um pouco mais pesado.

— Sua tia. Ela... ela apareceu e todo mundo a viu. Eu a vi. Ficou todo mundo apavorado.

— Todo mundo quem? — perguntou ela, mas estava mais preocupada em fazê-lo chegar à cabana do que em ouvir a história.

— Eles estavam me atacando. Os prisioneiros. Acho que pensaram que ela era um anjo da morte. Isso me deu tempo para pegar a arma de eletrochoque. Acho que o lobisomem mijou nas calças de tanto medo. — Chase riu, mas a risada soou fraca.

— Você deveria ter me levado com você — ela retrucou. E depois ficou com raiva de si mesma por não tê-lo seguido.

— Della? — ele murmurou, como se não tivesse ouvido a bronca.

— Que é?

— Eu te amo.

— Você não está morrendo! — ela sibilou.

Ele riu.

— Eu não disse que estava... Mas apenas para o caso de estar. — Os joelhos dele cederam. Ela o segurou e percebeu que ele tinha desmaiado.

Ela sustentou o peso de Chase nos braços e correu o mais rápido que pôde para a cabana catorze.

Della falou com Chase durante todo o trajeto, mas ele não respondeu. Ela irrompeu com tudo cabana adentro e quase tropeçou em Baxter. Tentou outra vez acordar Chase.

— Levanta e abre os olhos, cara. Você está me escutando? Você tem que acordar! — Della foi direto até o quarto maior e colocou Chase na cama. Ele não gemeu, nem mesmo se agitou. Baxter deu um pulo para cima da cama, foi descansar ao lado dele e choramingou. Os olhos escuros do cão encontraram os dela, como se pedissem para que ela fizesse alguma coisa.

— Estou tentando — ela justificou.

Sentada na beirada do colchão, com o pânico se acumulando em suas entranhas, ela tomou o rosto dele nas mãos.

— Chase, abra os olhos, droga!

Ciente de que ele precisava de sangue, ela correu até a geladeira e encontrou quatro garrafas. Sem saber mais o que fazer, sentou-se e encheu a boca de sangue. Depois derramou o sangue da própria boca nos lábios dele, mas ele não engoliu. Então, com medo de que ele fosse sufocar, ela virou a cabeça dele. O sangue gotejava da sua boca, manchando de vermelho o lençol branco. Ela observou outra mancha de sangue aumentar de tamanho em torno do peito do vampiro, empapando a colcha marrom-clara. Ele estava perdendo muito sangue.

— Merda!

Levantando-se e mal conseguindo respirar, ela se lembrou da capacidade de Kylie de curar. Pegou o telefone e ligou para a amiga. O telefone tocou uma vez.

Duas.

Três vezes.

Então ela ouviu o correio de voz. Droga! Até minutos atrás a garota estava na cabana que dividia com Della e Miranda.

— Onde você está? Venha para a cabana catorze. Preciso de você aqui!

Ela andou de um lado para o outro no quarto, de olho em Chase, observando para ter certeza de que ele estava respirando. Baxter tinha se aproximado e agora apoiava o focinho no braço do dono. Mas seus grandes olhos escuros ficavam se desviando para ela como se dissesse para ela fazer algo rápido.

Será que deveria ir atrás de Kylie? E deixá-lo ali sozinho?

Então ela se lembrou das palavras de Chase: *Me dê quinze minutos depois de eu beber o sangue e passar a pomada e, se eu ainda estiver muito mal, chame o seu bom amigo Steve.*

Por um segundo, ela se preocupou em quanto aquilo iria parecer estranho, mas, antes que o segundo terminasse, já tinha digitado o número de Steve e esperava que ele respondesse.

Ele atendeu no primeiro toque.

— Olá! — Bastou uma palavra para ela perceber quanto ele estava feliz em ouvir a voz dela.

— Preciso que você venha à cabana catorze. Chase está ferido... É grave.

Ela respirou fundo.

— Sinto muito. — Ela percebeu que ele tinha desligado. Estaria vindo? Estaria com raiva porque...? Chase gemeu. Della correu para a cama e pegou a mão dele.

— Chase? Você consegue me ouvir? — Ela levantou a cabeça dele e segurou a garrafa de sangue junto a seus lábios. — Beba um pouco de sangue. Você precisa de sangue.

Ele não bebeu e sua cabeça caiu para o lado.

Ela ouviu alguém subir os degraus correndo. Inspirou e sentiu o cheiro de Steve. Ele não bateu, apenas entrou correndo.

— Aqui.

— O que aconteceu? — Steve largou uma maleta no chão e foi até a beira da cama.

Baxter rosnou.

— Não, Baxter! — pediu Della, e então: — Eu... na verdade não sei. Ele foi a uma prisão para ver se alguém lá tinha informações sobre o assassino da minha tia.

— Pensei que o seu tio...

— Meu tio disse que foi outro vampiro que a matou.

— Há quanto tempo ele está inconsciente? — perguntou Steve.

— Só alguns minutos.

Steve viu a garrafa na mesa de cabeceira.

— Você conseguiu dar sangue a ele?

— Não. Ele desmaiou.

Steve tirou uma cânula intravenosa, agulha e um saquinho como os de soro.

— Tire as roupas dele e veja se os ferimentos são graves enquanto preparo isso. E... tire o cachorro de cima da cama.

Della fez sinal para Baxter descer. Ele não gostou, mas obedeceu. Ficou do outro lado da cama, olhando para Steve, como se dissesse que não iria se afastar mais do que aquilo.

Della começou a despir Chase, e a visão da ferida em seu abdômen a fez prender a respiração.

— É grave. — Sua voz tremeu.

— Ele é um vampiro. — Steve pegou o sangue e o despejou no saquinho. — Se é apenas perda de sangue, ele vai ficar bem. Tire a calça também — Steve disse. — Para ter certeza de que não tem mais nenhum ferimento.

O fato de estar despindo Chase só ficou ainda mais estranho quando ela começou a desabotoar seu jeans. Ela viu a cueca boxer verde justa no corpo e se lembrou do dia em que ele tinha brincado com ela, dizendo que ela estava interessada em saber que tipo de cueca ele usava. Agora, seu único interesse era ter certeza de que ele viveria para

provocá-la de novo. Seu peito doeu novamente com o medo de que não sobrevivesse, de que ela nunca mais o ouvisse provocá-la outra vez, ou ver os olhos dele se iluminarem com um sorriso.

— Ele não tem nenhum ferimento nas pernas — disse ela, tirando o jeans e jogando-o sobre a cômoda.

Quando voltou a olhar para Chase, lembrou-se de quando tinha tocado as costas dele e achou melhor verificar se tinha algum ferimento ali também. Ela o virou de lado. Com as mãos em seu peito nu, notou quanto a respiração dele estava superficial.

— Tem outra ferida na parte de trás. Ah, Deus! É grave, também. — Ela cerrou o punho. — Por favor, não deixe ele morrer, Steve.

Os olhos de Steve encontraram os dela por um segundo.

— Vou fazer tudo que posso.

Ele desviou os olhos e pendurou a bolsa de sangue na parte de trás da cama. Depois fez com que Della saísse do caminho.

— Vou colocar a intravenosa e depois examino os ferimentos.

Della ligou para Kylie mais uma vez. Ninguém respondeu.

— Onde está você? Por favor, venha à cabana catorze. — Se a magia de Steve não funcionasse, talvez Kylie desse um jeito. Mas nem mesmo Kylie conseguira curar Della durante seu renascimento, e também não tinha sido capaz de salvar Ellie, a vampira.

Della sentiu lágrimas rolarem pelo seu rosto e as enxugou com o dorso da mão.

— Me diga que ele vai ficar bem — pediu Della para Steve.

— Pegue um pouco de água quente para limpar as feridas — ele pediu com pressa.

— Ah, e vou pegar a pomada. Acho que está na cozinha.

— Que pomada?

— É feita para vampiros. — Ela foi até a sala.

Depois de pegar a pomada, ela estava quase entrando no quarto quando ouviu um rugido de dor ecoando pela cabana.

Ela voou para dentro do quarto. Steve estava limpando o ferimento do abdômen. Ou tinha limpado. Agora, segurava o pano ensanguentado sobre Chase, enquanto Baxter se apoiava na cama com as patas dianteiras, os lábios arreganhados, rosnando.

— Pra baixo, Baxter! — mandou Della. — Estamos tentando cuidar dele também.

Steve olhou para ela.

— Talvez você precise segurar Chase. — Ele franziu a testa. — Mas ele pode te machucar...

— Ele está consciente? — Ela passou a pomada para Steve.

— Não totalmente. Mas está reagindo à dor. Pode ser perigoso.

— Ele não vai me machucar — disse ela, acreditando naquilo com todo o coração.

— Pode não saber que é você.

— Ele vai saber. — Della sentou-se no pequeno espaço ao lado de Chase, na borda do colchão. Quando o tocou pela primeira vez, ele rosnou outra vez.

Steve estendeu o braço para ela como se estivesse pronto para puxá-la se Chase a atacasse.

— Talvez seja preciso amarrá-lo.

Lágrimas vieram aos olhos dela, percebendo quanta dor Chase devia estar sentindo.

— Ele é muito forte. Vai conseguir se soltar.

— Então vamos chamar Burnett — disse Steve.

Ela balançou a cabeça.

— Chase não vai me machucar. Eu sei disso.

Steve franziu a testa.

— Mas você não é a única no quarto — disse Steve. — E considerando o relacionamento que temos... me matar pode ser um dos itens da lista de coisas a fazer antes de ele morrer...

— Ele foi falar com você? — perguntou Della.

— Sim. Hoje mais cedo.

Steve e Chase tinham conversado? Della colocaria aquele pequeno fragmento de informação num recanto da sua mente para refletir mais tarde.

— Ele não faria mal a você, também. — E ela acreditava nisso. — Até sugeriu que eu te chamasse se ele não começasse a melhorar logo.

Steve pareceu ceder.

Ela se inclinou para baixo.

— Chase, sou eu, Della, ok? Steve está aqui. Ele está tentando limpar suas feridas. Eu sei que dói. Mas tem que ser feito. Então vou te segurar, para que Steve possa fazer isso. Por favor, não lute contra nós.

— Ele talvez não possa ouvi-la. — A dúvida soou na voz de Steve.

— Ele está me ouvindo — disse ela.

Bem devagar, ela apoiou as mãos no peito dele.

Capítulo Vinte e Dois

— Temos que fazer isso — Della repetiu para Chase no que ela esperava que fosse uma voz calma, apesar de calma não ser nada do que ela estava sentindo. Culpa, ela sentia. Uma tonelada de culpa. Olhou o rosto dele. Os olhos estavam fechados; a pele, muito pálida; a expressão, vazia. O rosto de Chase nunca estava sem expressão. Por que ela não tinha impedido que ele fosse? Ou, pelo menos, insistido para ir com ele? Por quê, droga?!

Então ela o segurou com mais firmeza. Ele não rosnou. Ela olhou para Steve.

— Tente outra vez.

Steve franziu a testa como se discordasse, mas voltou a limpar a ferida.

Chase gemeu e arqueou o pescoço para trás, empurrando a cabeça contra o travesseiro. Baxter saltou para o outro lado da cama, mas não rosnou nem arreganhou os dentes. Agora parecia entender que estavam tentando ajudar.

— Será que ele não precisa de uma cirurgia? — perguntou Della, com medo de que Steve dissesse sim.

— Acho que não.

— Levar pontos?

— Normalmente não se dá pontos em vampiros. Vocês se curam rápido, caso não...

A pausa que ele fez causou em Della uma certa preocupação.

— Caso não o quê...?

— Caso não tenham sido privados de sangue por muito tempo. E a ferida não infeccione...

— As feridas dele parecem infectadas? — ela perguntou.

— Ainda não. Mas a infecção só aparece depois de algumas horas. É quando a ferida está se curando que os sinais começam a aparecer.

— E se isso acontecer?

— Vamos ter que abrir as feridas e voltar a limpá-las — disse Steve, quando terminou de limpar a grande perfuração no abdômen de Chase. — Agora vire-o.

— Passe a pomada primeiro.

Steve pegou o tubo que tinha deixado na mesa de cabeceira.

— Eu não sei o que é isso.

— Chase diz que funciona.

— Mas poderia...

— Não tem perigo. Meu tio que inventou.

— Seu tio?

— Ele é médico ou cientista de pesquisa médica.

— E talvez um assassino — Steve frisou. — Você confia nele? — Será que ela confiava no tio? Não sabia, mas se deu conta de que confiava em Chase, com relação a isso pelo menos, e ele acreditava em seu tio.

— Eu confio na opinião de Chase. Passe a pomada.

Steve abriu o tubo sem rótulo e passou no ferimento.

Chase soltou outro rosnado baixo. Baxter ergueu a cabeça e choramingou.

— Agora vamos virá-lo. E eu preferia que o cão ficasse fora da cama.

Della virou Chase e fez Baxter descer da cama outra vez. Chase gemeu. Della sentiu um nó no estômago, ao perceber os músculos dele se contraindo e sabendo que ela estava lhe causando dor.

Steve limpou o ferimento e cobriu-o com a pomada. Depois ela colocou Chase de costas novamente e Steve começou a se afastar. Mas então franziu a testa e se inclinou para examinar a ferida.

— O que foi? Alguma coisa errada? Está infectada? — perguntou Della, não gostando do interesse súbito de Steve.

Ele olhou para cima, perplexo.

— Não, a ferida já está se fechando.

— Isso é bom?

— É... estranho. — Ele olhou para a bolsa de sangue. — Quase não há nenhum vestígio de sangue. Geralmente... leva mais tempo. — Ele olhou outra vez para a ferida. — Mas, sim, eu acho que é bom. Ele não vai mais perder sangue. Vamos apenas torcer para que não contraia nenhuma infecção. — Steve pegou o tubo. — O que tem nesta pomada?

— Eu não sei — disse Della. — Se a ferida já está cicatrizando e não parece infectada, isso significa que ele está fora de perigo? — Ela queria ouvir Steve dizer que Chase ficaria bem.

— Não necessariamente — disse ele. — Mas é um bom sinal.

Ela tentou se tranquilizar com a resposta, mas não estava adiantando muito.

— Então quanto tempo falta para ele ficar consciente?

— Isso depende da quantidade de sangue que perdeu. Parece que perdeu muito. Posso ficar aqui com ele, se você quiser ir.

— Não, você pode ir. Vou ficar. Pode deixar que eu assumo agora. Se precisar de você, eu ligo.

Ele fez que sim com a cabeça e, pela sua expressão, ela viu que ele estava deduzindo muitas coisas com base no pedido dela. Todo aquele constrangimento que ela temia que a situação provocasse borbulhou para a superfície.

Olhando para a cama outra vez, ela se aproximou e colocou a coberta sobre o corpo quase nu de Chase. Não porque achasse que ele estava com frio, mas para cobri-lo um pouco. Ela não gostaria que a deixassem seminua se estivesse inconsciente.

Ela fez sinal para Steve segui-la para fora do quarto.

— Eu... Chase foi ferido tentando ajudar a limpar o nome do meu pai. Eu tenho o dever de ficar ao lado dele até ter certeza de que vai ficar bem. — Mas essa não era a única razão, e ela sabia muito bem. A verdade estava lá, bem no fundo, onde ela não tinha tido tempo de sondar.

Quando Steve não respondeu, ela acrescentou: — Chase e eu não estamos... juntos. — Não era mentira, então por que isso fazia o seu coração dar cambalhotas?

Steve sorriu. Não um sorriso genuíno, mas perto disso.

— Está tudo bem, você não tem que se justificar, Della.

Não? Ela observou-o voltar para o quarto e recolher suas coisas, e uma outra pergunta lhe ocorreu. O Steve de antes não precisaria de uma justificativa?

Quando ele saiu, deu um abraço nela. Ela fechou os olhos e tentou encontrar conforto naquele abraço, mas tudo o que sentia era constrangimento. E então a mesma sensação de antes a envolveu, a que dizia que as coisas tinham mudado.

— Obrigada. — Ela se afastou.

— Eu acho que Chase é quem precisa me agradecer. — Steve correu a mão pelo antebraço dela. — Nós ainda precisamos ter aquela conversa.

— Eu sei.

Ele sorriu, e dessa vez foi um sorriso de verdade. Mas seus olhos ainda pareciam tristes.

— Só deixe que ele se movimente depois que se passarem várias horas. Assim que recuperar a consciência, faça-o beber sangue. Se não tiver acordado quando a intravenosa tiver acabado, me ligue e eu venho aplicar outra. Examine os ferimentos pelo menos a cada hora. Se eles começarem a ficar vermelhos ou inflamados, me ligue imediatamente.

Ela assentiu com a cabeça, então ficou ali parada, observando-o se afastar. Por algum motivo, embora ela não tivesse decidido ainda o que sentia por Steve, ou o que iria ou não acontecer entre eles agora, sentiu que *ele* tinha decidido. Será que ele tinha fechado a porta à possibilidade de voltarem a ficar juntos?

Della ainda não tinha concluído como se sentia sobre isso quando ouviu um gemido de Chase. Todos os pensamentos sobre Steve foram atirados pela janela e ela correu para verificar como Chase estava.

Quando chegou à porta do quarto, viu-o tentando se sentar.

— Não! — Ela correu para o lado dele. — Não se levante. — Ela o fez se deitar novamente.

Chase olhou para ela. Em seguida, pegou-lhe a mão.

— Fique aqui — ele pediu.

— Eu vou ficar. — Ela apertou a mão dele.

— Bem aqui.

— Eu não vou a lugar nenhum — assegurou ela.

Ele respirou fundo.

— Você estava certa.

— Sobre o quê?

— O Conselho. Eles... eles não são... — Ele se recostou no travesseiro.

— Não são o quê? — ela perguntou. Chase ficou inconsciente outra vez. — Não! Chase, acorde. — Ela tocou o peito dele. — Você precisa beber sangue. Por favor.

Ele não se moveu. Baxter ganiu.

Frustrada, ela baixou o lençol para verificar a ferida. Não parecia inflamada, mas, caramba, agora ela se perguntava se não deveria ter pedido a Steve para ficar.

E se ela deixasse de notar alguma coisa? E se ele piorasse?

Um barulho — um leve baque do lado de fora da janela do quarto a fez levantar a cabeça. Ela viu um pássaro, uma gralha preta, empoleirado no peitoril.

Lembrou-se do pássaro que vira mais cedo. Também era uma gralha. Preta. Ela deu um passo. O pássaro alçou voo e depois de abrir as asas e planar, voou para longe. Será que era o mesmo pássaro? Ou apenas uma coincidência?

Claro que não! Della não acreditava em coincidências. Quem a estaria observando? E observando Chase? Tinha que ser um dos metamorfos dali, não é?

Ela não tinha tempo para ficar ali refletindo. Algo — ou alguém — pisou com força na varanda da cabana e a porta se abriu com uma pancada. Della correu para a sala de estar, os caninos já se projetando.

Kylie, obviamente no modo vampiro, irrompeu cabana adentro.

— O que foi?

Della respirou e desejou que sua disposição para a luta diminuísse.

— É Chase — disse, feliz por ter Kylie ali. — Ele foi ferido.

Ela se virou e correu para o quarto. Kylie a seguiu. Della parou ao lado de Chase e tirou o lençol para mostrar a Kylie a ferida. Para sua surpresa, ele parecia ainda melhor do que alguns minutos atrás.

Baxter ainda estava deitado do outro lado da cama, abanando o rabo com a presença de Kylie.

— Estava bem ruim, mas ele está se curando rápido — disse Della. — Steve disse que ainda existe o risco de ele contrair uma infecção. Nós não sabemos quanto sangue

perdeu, que é provavelmente a razão por que ainda está inconsciente. Você acha que poderia ajudar?

Kylie olhou para o ferimento de Chase.

— Eu não sei se minhas habilidades de cura funcionam no caso de perda de sangue. Mas estou disposta a tentar.

Della observou Kylie se sentar na borda do colchão e descansar a mão no ombro de Chase.

Só então o telefone de Della anunciou a chegada de uma mensagem de texto. Com ela soou outro apito, vindo do bolso do jeans de Chase. Ela tirou o celular do bolso.

— É Burnett — disse Kylie, enquanto lia a mensagem.

Problemas. Encontre-me no escritório.

— O que ele disse? — perguntou Kylie.

— Não muito, mas já passa das onze e ele está chamando para uma reunião, por isso não pode ser bom.

— Droga. — Kylie olhou para a calça jeans na cômoda, que continuava apitando. — Pode ser sobre o pressentimento de Miranda de que alguém está nos espionando. É por isso que eu não vim mais cedo: fui com ela e esqueci o celular.

— Ah, que ótimo! — disse Della, com ironia.

Kylie suspirou.

— Acho que você vai ter que contar a ele sobre Chase.

— Eu sei — Della murmurou. — Isso não é formidável? — Ela olhou para o vampiro inconsciente seminu, em seguida voltou a olhar para Kylie. — Você pode ficar aqui enquanto vou ouvir o sermão de Burnett? Não deve demorar muito. Ele é excelente no que faz.

Kylie abriu um meio sorriso.

— Claro, mas talvez seja melhor você tirar essas roupas ensanguentadas.

Della olhou para as manchas no jeans e na camiseta. Ela não tinha nem notado.

Deu instruções sobre como Kylie deveria cuidar das feridas de Chase.

— Vou cuidar bem dele. Prometo. Agora vá, antes que Burnett perca a paciência.

Della voou para fora do quarto, passando na sua cabana para trocar de roupa e, em seguida, se preparando para enfrentar Burnett.

Capítulo Vinte e Três

O grupinho de alunos de Shadow Falls em quem Burnett confiava para ajudar a manter a escola em segurança lotava a sala de espera do escritório principal quando Della entrou.

A voz de Burnett soava, depois fez uma pausa enquanto ele esperava que ela se juntasse ao grupo.

Della entrou e acenou para Lucas, Chris, Fredericka e Derek, enquanto atravessava o cômodo. Miranda, com um grande sorriso no rosto, estava ao lado do líder. O orgulho brilhava nos olhos dela, sem dúvida por dar a Burnett a informação sobre o intruso.

O olhar de Burnett encontrou os dela com toneladas de perguntas cintilando nos olhos escuros. Seu atraso com certeza o preocupara, porque ela sempre chegava primeiro em reuniões como aquelas. A troca de roupa tinha levado mais tempo do que previra. Demorou para encontrar um jeans e uma camiseta mais limpos na pilha de jeans e camisetas sujos. E com o faro de vampiro, sua ideia de sujo nem sempre coincidia com o de outras pessoas.

— Onde está Chase? — perguntou Burnett.

Os ombros de Della enrijeceram. Por que ele estava deduzindo que ela estava com Chase? O fato de estar com ele não significava coisa alguma. Ele ainda assim não deveria deduzir nada.

Ela reprimiu seu desejo de responder com um comentário mal-humorado.

— Vou explicar num minuto. — E esperava que fosse de fato apenas um minuto. Não queria ficar ali por muito tempo.

Burnett hesitou, como se estivesse considerando se a chamava para uma conversinha em particular, mas, em seguida, voltou a se concentrar no grupo.

— Como eu estava dizendo, achamos que o intruso deve ser um metamorfo. A eletricidade oscilou ontem. Estou achando que deve ter sido quando ele se esgueirou para dentro de Shadow Falls.

— Como você sabe que é um metamorfo? — outro lobisomem, amigo de Lucas, perguntou.

— Não sabemos ao certo — disse Burnett. — Mas nosso sistema mede o índice de calor com base no número de residentes e leva em conta as diferentes temperaturas corporais. O sistema pode captar uma perturbação quando um metamorfo muda de forma dentro dos nossos limites. Verifiquei ontem e reparei que houve uma leve alteração, mas não me preocupei, achando que era um caso pontual. Depois que Miranda me procurou para me contar do seu pressentimento, verifiquei outra vez. Houve mais de uma perturbação, e essa é a causa da minha preocupação.

Della franziu a testa.

— É uma gralha preta.

Todos os olhos se voltaram para ela. Burnett pareceu meio confuso, meio irritado.

— Você já sabia?

— Eu vi o pássaro. No começo pensei que era um dos nossos metamorfos, mas, depois, ele apareceu outras vezes.

Nesse momento os passos de duas pessoas soaram do lado de fora. Todos os vampiros viraram-se para a porta. Uma voz familiar se fez ouvir no meio da noite. Uma voz que ela não ouvia fazia um tempo. Perry?

— Acha que eu não ia reconhecer você?

Della inclinou a cabeça para ver se descobria com quem ele estava falando. Os passos se aproximaram, chegando aos degraus da varanda.

— Encontrei o intruso! — anunciou Perry, entrando no escritório com outro metamorfo louro e de olhos brilhantes. Exceto que, ao verificar o padrão, Della percebeu que ele era metade metamorfo e metade humano.

Ela quase podia ouvir os pensamentos de todos na sala, e eles combinavam com os dela. O cara que estava na frente de Perry poderia facilmente ser tomado como seu irmão gêmeo.

— O nome dele é Sam. — Perry segurou o braço do rapaz e olhou-o com desprezo. — Ele é um dos meus primos que perdi de vista há muito tempo.

— Acha mesmo que ele estava aqui para ver você? — perguntou Della, certa de que era isso que Perry estava prestes a dizer e já recusando a explicação. Por que o primo de Perry a estaria seguindo para todo lado ou indo à cabana de Chase? Esse sujeito tinha más intenções, e ela teve a sensação de que de alguma forma isso tinha algo a ver com ela ou Chase.

— Não — disse Perry. — Ele não sabia que eu estava aqui. Já confessou que foi enviado por uns cretinos para espionar alguém aqui. Mas não quer me dizer mais nada.

Acontece que Della já sabia.

— Douglas Stone. — Ela atravessou a multidão para ficar bem na frente do imbecil. — Foi ele que enviou você, não foi?

A forma como o sósia de Perry olhou para Della, desviando os olhos, fez com que ela soubesse que tinha acertado na mosca. O que não sabia era se isso significava que Chase estava certo: seu tio não tinha matado a irmã.

— Bom trabalho! — Burnett disse para Perry. — Saiam todos, exceto Perry e o primo. — Burnett apontou para a porta que dava para o escritório de Holiday.

Della deu graças a Deus, louca para voltar para Chase, e fechou a porta atrás dela.

Ela tinha posto um pé no primeiro degrau da varanda quando ouviu Burnett rosnar.

— E Della!

Ela parou, soltou um suspiro e deu meia-volta, o tempo todo se perguntando como duas palavras poderiam provocar tamanha frustração. Ela voltou a entrar.

— Você disse...

— Eu posso ficar, certo? — interrompeu Miranda. — Foi por minha causa que o encontramos. — A bruxa parou junto da porta do escritório de Holiday e assistiu enquanto Perry empurrava o primo, com uma cara muito infeliz, para dentro do escritório.

Burnett olhou para Miranda. Della quase podia vê-lo tentando controlar o seu temperamento. Seus ombros caíram e suas mandíbulas se abriram. Por que ele nunca tentava controlar o temperamento quando se tratava dela?

— Sim, foi por sua causa — disse ele. — E eu agradeço, mas vamos continuar sem você a partir daqui.

Miranda fez uma cara de frustração e começou a sair da sala, mas parou ao lado de Della.

— Tudo bem? — sussurrou, a pergunta revelando que a bruxa tinha ouvido a mensagem que Della mandara para Kylie.

— Explico mais tarde. — Della desviou os olhos para Burnett, de pé a alguns metros de distância e de cara feia para ela.

Pelo menos o vampiro grande e malvado esperou até que Miranda tivesse saído para começar a falar.

— Na verdade, acho que você vai começar a explicar agora mesmo. E começar me dizendo por que Chase não está aqui. Eu mandei uma mensagem para vocês dois.

Caracas! Tudo tinha acontecido tão rápido que Della não sabia como começar a explicar.

— Sim mas... hã, Chase tipo... Ele...

— Desembucha! — exigiu Burnett.

Della teria despejado tudo desde o início, mas uma barulheira veio do escritório de Holiday. Com o canto do olho, viu uma gralha preta sair voando do escritório.

Como estava mais perto da porta, Della fechou-a sem demora, para evitar a fuga do pássaro. Isso, no entanto, acabou não sendo necessário. Burnett, quase como se esperasse

que a gralha fosse tentar fugir, ou por ter caçado e comido aves no jantar durante a maior parte da vida, estendeu a mão e pegou o pássaro do ar.

— Vá dar uma olhada em Perry! — Burnett mandou, enquanto fulminava o emplumado, cativo em sua mão.

Della encontrou Perry um pouco tonto, depois de levar uma pancada com o abajur na cabeça. Mas ele ficou bem. Depois de alguns minutos, Burnett perguntou novamente sobre Chase. Ela confessou tudo. Se o rosto cor de pimentão e os palavrões eram alguma indicação, Burnett não aceitou muito bem as notícias. Della, no entanto, estava muito preocupada com Chase para ficar traumatizada.

A primeira coisa que Burnett fez foi chamar Holiday e pedir que ela desse uma olhada em Chase. Então ligou para Steve, pedindo que ele encontrasse Holiday na cabana, onde ela avaliaria se seria necessário chamar outro médico.

— Posso ir agora? — Ela queria estar lá para ouvir a avaliação de Steve.

Burnett pareceu confuso.

— Você não quer ouvir o que o primo de Perry tem a dizer?

— Você não pode me contar depois?

Ele a examinou com atenção.

— Assim como você me contou que Chase está ferido? — Franzindo a testa, ele acenou com a mão. — Pode ir. Eu te conto depois. Mas vamos conversar sobre isso.

Nada como um sermão adiado. Ela voou dali e chegou apenas a tempo de ouvir Holiday chamando o doutor Whitman. Os ferimentos de Chase agora pareciam infectados.

Chase acordou com o estômago vazio, a ânsia por sangue era quase dolorosa.

Ele abriu as pálpebras e olhou para o teto, sentindo-se desorientado. Uma vaga lembrança de ir para a prisão, de... sentir dor. Muita dor. Fragmentos de memória começaram a se encaixar. Um lobisomem tinha escapado, outro tinha lhe enfiado uma faca na barriga. Em seguida, o fantasma havia aparecido.

Leo, o guarda, tinha chamado o Conselho.

Ele contraiu os músculos, preparando-se para sair da cama e partir em busca de respostas, quando sentiu dois cheiros diferentes. Baxter. E então um muito mais doce do que o do cão.

Della.

Tomando cuidado para não se mover, ele olhou de lado através dos cílios. A necessidade de respostas foi ofuscada pela crescente necessidade de apenas... ficar ali. Naquele momento, com ela, ao lado dele. Adormecida. Na cama.

Um sorriso, aquele que brotava naturalmente quando ela estava por perto, abriu-se em seus lábios. Procurou manter a respiração regular, para não acordá-la.

Ela estava deitada de lado, as duas mãos juntas embaixo do rosto. Seus cílios escuros eram tão longos que tocavam a pele macia sob os olhos.

A pele um pouco mais escura embaixo dos olhos indicava que ela não tinha conseguido descansar muito. Quanto tempo estaria... ali? Quanto tempo tinha se mantido ao alcance da mão dele, compartilhado sua cama e até mesmo seu travesseiro? Ele se ressentia de ter dormido, sentindo o desperdício de tempo, quando poderia ter ficado olhando para ela.

Ela estava deitada tão perto que ele podia sentir sua respiração, uma leve cócega, em seu pescoço. Uma mecha de cabelo escuro cobria sua bochecha. Ele ansiava para estender a mão e afastá-la. Tocar o cabelo dela era uma das coisas que ela não o impedia de fazer. Ou pelo menos não sempre.

Mal sabia ela quanto ele adorava tocá-lo. Não que não houvesse outras partes que ele desejava tocar. Ainda assim, os fios escuros eram macios, muito mais macios do que o seu próprio cabelo, e sempre desprendiam um aroma... o aroma que o cabelo de uma garota deveria ter. Uma mistura de frutas e flores.

Ele lutou contra a necessidade de correr os dedos através dos fios longos e escuros, sabendo que, quando acordasse, aquela proximidade iria acabar. Ela se afastaria.

Dela sempre se afastava. Ele continuou dizendo a si mesmo que chegaria o dia em que ela não se afastaria mais. Não seria mais arriscado tocá-la. Pois ela iria tocá-lo também.

Ele observou os lábios tão... rosados! Com um formato perfeito. Queria pressionar sua boca contra a dela. Saboreá-la. Queria... Seu olhar baixou até a parte de cima da blusa, onde as ondas suaves de carne pressionavam o tecido de algodão. Lembrou-se de quando ela estava apenas de calcinha e sutiã, quando ele tinha ido à sua cabana outra noite.

A bem da verdade, ele já a vira nua quando ela estava doente, no início da segunda transformação. Tinha gravado aquela visão em sua mente e a recapitulara muitas vezes.

O que ele não daria para tirar as roupas dela... Cada centímetro de tecido... e depois as suas próprias e senti-la contra ele, pele contra pele.

A perfeição do momento bateu em seu peito e, então, esgueirou-se mais para baixo, onde o seu corpo se enrijeceu de desejo. Fechando os olhos, fitando a escuridão em sua mente, ele se forçou a reprimir os seus instintos mais primitivos. A última coisa que queria era parecer um tarado. Ela não merecia aquilo.

Ele a sentiu se mexendo, ouviu sua respiração ficando mais rápida. Ela estaria... Ele abriu os olhos.

Ela olhou para ele, as pálpebras ainda pesadas, sensuais e cheias de sono. Achou que ela se levantaria na mesma hora, para aumentar o espaço entre eles.

Ela não fez isso.

— Você está acordado! — Ela sorriu. Nossa! Ela era linda quando sorria...

— Você dormiu comigo. — Ele estendeu a mão para tocá-la.

Foi quando aconteceu. Ela se afastou. Mas pelo menos não saiu da cama. Apoiou-se no cotovelo. E franziu ligeiramente a testa.

— *Você* me implorou para não ir embora.

Ele sorriu.

— Então isso é tudo o que preciso fazer para ter você na minha cama? Implorar? Teria feito isso meses atrás.

Ela se levantou num salto, mas ele notou que a expressão dela não ficou tão distante quanto sempre ficava quando se afastava.

— Você precisa beber sangue.

Ele a observou enquanto se afastava.

— Um beijo de bom-dia até que seria bom! — ele gritou, acariciando Baxter, que se aproximou um pouco mais.

Ela se virou e franziu a testa.

— Não quero arruinar o seu dia, carinha. Mas você quase morreu ontem à noite.

Ele riu, então vasculhou a mente atrás de algo mais de que conseguisse se lembrar. Ele se lembrou de insistir para que Kirk o levasse até ali... até ela. E como ele tinha certeza de que ela faria, Della tinha cuidado dele. Mais uma prova de que ela se importava. Que a muralha que tinha construído entre eles estava aos poucos desmoronando.

— Você me salvou — disse ele.

— Não, eu não gosto de você tanto assim — disse ela. — Steve e o doutor Whitman fizeram isso. — Ela andou para longe da cama.

Ele afastou o lençol para se levantar. Viu que estava apenas de cueca. Será que ela tinha...? Um sorriso chegou aos lábios dele quando pensou em Della despindo-o e na conversa que tiveram sobre sua cueca.

Chase se levantou. Os joelhos fraquejaram, mas ele se manteve de pé.

Ela caminhou de volta, ignorando a nudez dele, e entregou-lhe uma garrafa de sangue. Quando seus dedos se roçaram, um doce formigamento percorreu-o, indo do braço até o coração.

O fato de ela estar ali, acordando ao seu lado, mesmo ele estando apenas de cueca, fez com que o momento parecesse quase perfeito. Só seria perfeito se ela estivesse quase ou completamente nua, mas ele precisava se contentar com o que tinha.

Ele estendeu a mão para ela. Ela deu um passo para trás.

— Volte para a cama e beba o seu sangue. — Ela pegou a garrafa, tirou a tampa e em seguida colocou-a de volta nas mãos dele. — O médico disse que passaria aqui pela manhã para ver como você está.

— Eu estou bem. — Ele virou-se para a cômoda para pegar o jeans.

Ela ficou entre ele e a mobília.

— Cama!

O movimento deixou-a tão perto outra vez que ele pôde sentir o aroma do cabelo dela, ou do xampu, não importava. Tudo o que sabia era que tinha gostado.

— Só se vier comigo. — Ele ergueu as sobrancelhas para ela.

Ela rosnou. Os olhos brilharam, a boca se franziu num belo arco e os ombros se arquearam para trás, valorizando os seios pequenos. Eles podiam ser pequenos, mas eram lindos. A imagem dela de calcinha e sutiã surgiu em sua mente outra vez. Ele sorriu.

— Você nunca ficaria furiosa comigo se soubesse quanto fica sexy quando está com raiva.

Ela fez cara feia.

— Será que você pode parar de fazer de conta que não foi nada? Você quase morreu, Chase. Primeiro por causa da hemorragia e depois por causa da infecção. E para seu governo, se eu nunca mais tiver que ver as suas entranhas novamente, vou agradecer.

— Eu não estou tentando... — Chase fez uma pausa e olhou para ela. — Burnett sabe?

— Tive que contar a ele — disse Della. — Douglas Stone enviou alguém para espioná-lo. E ele conseguiu passar pelo alarme.

— O quê? Espere aí. Eles o pegaram?

— Sim.

— E então? — perguntou Chase.

— O espião é primo de Perry, mas eles não se viam havia muito tempo. E a última notícia que tenho é que ele ainda estava se recusando a falar. Burnett levou o cara para a sede da UPF.

Chase estendeu o braço, desviando-se de Della, e pegou a calça jeans sobre a cômoda.

— Então temos que fazê-lo falar. — Ele suspirou. — Antes de fazerem picadinho de mim ontem à noite na prisão, descobri que Stone sabe que estamos atrás dele, e parece que ele está sendo protegido. Eu preciso descobrir o que o Conselho dos Vampiros sabe.

Capítulo Vinte e Quatro

— É por isso que você não confiou no cara que te trouxe noite passada? — perguntou Della.

Chase franziu a testa.

— Aquele era Kirk.

— Mas você não confiou nele. Deu pra ver pelo jeito como o tratou.

A dor brilhou nos olhos de Chase. O tipo de dor emocional que ela conhecia muito bem.

— Ele era como um tio para mim. Praticamente ajudou Eddie a me criar.

— Ele ainda assim podia estar escondendo alguma coisa — ela insistiu.

— Como eu disse, preciso descobrir o que sabem sobre Stone.

— Você não vai a lugar nenhum agora. — Della puxou a calça jeans das mãos dele e fez uma pausa quando ouviu passos na varanda da frente. Bastou uma respiração profunda para ela descobrir quem era. Holiday entrou na cabana.

— Olhe para mim — Chase pediu. — Eu não pareço bem?

O fato de ele não ter percebido que Holiday estava lá fora era para ela uma prova de que ele não estava bem.

— Volte para a cama.

Holiday entrou no quarto. Algo na expressão dela provocou em Della uma sensação de alarme.

— Eu não me importo que você pareça bem... — Holiday fez uma pausa. Ela arregalou os olhos, sem dúvida ao ver Chase sem roupas. — Obedeça à Della e volte para a cama.

Mais baixa do que Della e pesando menos de 50 quilos, Holiday não tinha um punho de ferro, mas era como se tivesse. Quando a *fae* ruiva falava, as pessoas ouviam.

Chase começou a recuar até desabar na cama. Então, como se digerisse o que Holiday tinha dito, ele pegou o lençol e jogou-o sobre o corpo. Seu rosto brilhava com um sorriso.

O fato de não parecer constrangido por estar de cueca na frente de Della significava algo. Mas era apenas mais uma coisa que ela não tinha tempo para avaliar agora.

— Isso é ridículo — ele murmurou.

— Ridículo é você quase permitir que o matem. Mas eu vou deixar meu marido tratar disso com você. Estou aqui para ver como está e para dar isto a Della.

Ela levantou um grande envelope pardo.

— O arquivo da promotoria sobre o caso do meu pai — adivinhou Della, com esperança de que estivesse certa.

Holiday assentiu.

— Foi deixado aqui meia hora atrás. Fiz uma cópia para Burnett. Ele vai verificar quando estiver de volta. Eu teria esperado um pouco antes de dar a você, Della, mas ela insistiu para que você visse agora.

— Ela quem? — perguntou Della.

— Sua tia — Holiday franziu a testa. — Obviamente, existe algo nesse relatório que ela quer que você veja. E não está com muita paciência. Derrubou a minha estante quando não fiz, no mesmo instante, o que ela mandou.

Della pegou o envelope.

Holiday continuou:

— Na maioria dos casos, um espírito se liga apenas a uma pessoa, porque a energia dele é limitada. Sua tia é provavelmente o fantasma mais cheio de energia que eu já vi. Além disso, ela está com raiva e confusa, o que me preocupa.

Della ofegou.

— Ela nunca iria me machucar.

— Mesmo assim — continuou Holiday. — Não estou dizendo que ela faria isso de propósito, mas, quando um espírito é muito poderoso, ele não sabe medir essa força ou se está se excedendo. — A *fae* suspirou. — É uma medida extrema, mas existe um exorcismo que podemos tentar.

— Um exorcismo? — Della se lembrou das suas visões nos últimos meses. As coisas que ela tinha descoberto sobre a tia. Que Bao Yu tinha sido forçada a desistir da filha por ser mãe solteira, que tinha perdido o namorado por causa disso e, aos 19 anos, sido brutalmente assassinada.

Della não fazia ideia do que aconteceria com Bao Yu se fosse exorcizada, mas já não tinham feito o suficiente contra ela? Sua tia podia estar confusa sobre quem era seu assassino, mas a razão que a levara a se apegar a esta vida era o seu desejo de resolver todas as coisas pelas quais tinha sido forçada a passar. Para encontrar as respostas de que precisava. Quem era Della para negar isso a ela?

— Não. — Della pegou o envelope.

— Espere — Chase falou. — Se ela é perigosa, talvez...

— Não. Você mesmo me disse que foi ela quem salvou você na noite passada.

— Sim, mas, como Holiday disse, ela pode não ter intenção de agir mal. Ela poderia...

— Não. — Della olhou para Holiday. — Assunto encerrado!

Holiday foi embora, mas Chase não desistiu de falar sobre a questão da tia.

— Estou preocupado que alguma coisa possa acontecer a você — ele insistiu.

— Então pare. Eu não sou sua namorada para você se preocupar — Della insistiu.

— Assim como eu não sou seu namorado? Certo? — Ele soltou um rosnado baixo. — Então o que você está fazendo aqui, Della? Por que passou a noite aqui?

— Não faça com que isso pareça ter mais importância do que tem — ela disse a Chase, e depois disse a mesma coisa para si mesma.

Franzindo a testa, ele se reclinou nos travesseiros e fechou os olhos. Ela não sabia se Chase estava sonolento por causa do processo de cura ou se estava pensando.

Ela abraçou o arquivo e pensou em ir embora. Precisava analisá-lo. Seu olhar desviou-se para a porta.

A voz de Chase a impediu de sair.

— Esse cara, o primo de Perry, que apareceu. Ele não machucou ninguém, não é?

— Não. E não acho que poderia. Ele é apenas metade metamorfo.

Chase assentiu. Seus olhos se encontraram.

— Vamos ler o arquivo?

"Vamos"? A palavra ficou dando voltas na sua cabeça. Ela apertou o envelope com mais força.

Quase foi embora, mas percebeu que ambos tinham um motivo para querer resolver o assassinato de Bao Yu. Chase queria livrar Eddie da acusação de assassinato, ela desejava o mesmo para o pai. Foi a primeira vez que percebeu que ela de fato acreditava nisso. Acreditava que o tio não tinha assassinado a tia. O fato de o primo de Perry aparecer e sua conexão com Stone é que a convencera ou será que ela só queria acreditar em Chase agora?

Ah, inferno, não importava a razão. E só porque ela acreditava, isso não significava que tivesse perdoado o irmão de seu pai. Se ele fosse outro tipo de homem, teria aparecido para ajudar.

— Sente-se aqui e vamos lê-lo juntos. — Chase apontou para a cadeira. Della sentou-se e começou a ler. Ouviu-o se levantar.

Não disse nada, mas podia sentir os olhos dele sobre ela. As palavras dele se repetindo em sua cabeça. *Estava preocupado que algo pudesse ter acontecido a você.*

Ela podia sentir a preocupação dele. E não estava pronta para aceitar que Chase tinha o direito de estar preocupado. Ainda assim entendia como ele se sentia, visto que ela tinha quase morrido de preocupação nas últimas doze horas.

Tinha chegado até a deitar na maldita cama com ele, para que pudesse ouvi-lo respirar, com medo de que a respiração parasse.

Mas agora que sabia que ele não estava morrendo, preferia negar esses sentimentos.

O plano dela não era afastá-lo?

Nem todo mundo acaba junto. Você ainda tem uma escolha. As palavras dele ecoaram em sua cabeça, e elas pareceram menos verdadeiras do que na ocasião em que ele as dissera.

— Dá pra parar? — ela por fim murmurou, olhando para Chase.

— O quê? — ele perguntou.

— De ficar me encarando. Eu não consigo ler.

Os olhos verdes dele se estreitaram numa carranca.

— Então eu posso ver o que você já leu até agora? — Ele estendeu a mão.

Ela recomeçou a ler. As primeiras páginas não tinham nada de novo. Horários, datas em que os policiais chegaram ao local. Ela passou a página a Chase assim que terminou de ler. Então se concentrou na transcrição do telefonema para o número de emergência.

Seu coração parou. Ela olhou para ele.

— Foi meu pai quem ligou para o 911! — disse ela. — Ele não ficou inconsciente o tempo todo.

Chase olhou para ela, os olhos arregalados de preocupação e talvez até de medo. Só então ela sentiu a temperatura do quarto.

E percebeu que Chase não estava olhando para ela.

Della olhou por cima do ombro e, atrás dela, com uma faca se projetando do peito, estava Bao Yu.

— Vê agora? — o fantasma disse, com lágrimas escorrendo dos olhos. Levantando o braço, ela puxou a faca. O sangue jorrou da ferida.

Ela usou a faca para apontar para os papéis na mão de Della.

Vê agora? Ele não estava inconsciente. Ele fez isso! Ele me matou!

— Não! — protestou Chase. — Douglas Stone fez isso.

A tia olhou para Chase. Fúria estampada nos olhos. Ela arremessou a faca. A lâmina afundou no colchão, bem entre as pernas de Chase.

Della estava certa de que a faca, uma parte da visão, não era real. Não tinha sido uma ameaça real a Chase ou às suas partes íntimas.

Mas, a julgar pela palidez em seu rosto, Chase não via as coisas dessa forma.

Capítulo Vinte e Cinco

Onde, pelo amor de Deus, andava Burnett? Chase tinha até tentado ligar para ele, mas ninguém atendeu.

Della tinha ido embora depois que Chase tentara convencê-la a deixar Holiday se livrar do fantasma.

Uma hora depois, vestido, entediado e furioso por ter sido impedido de sair do quarto, ele voltou a se deitar na cama e tentou diminuir sua agitação acariciando Baxter. O cão estava deitado ao seu lado na cama, deleitando-se com a atenção.

Quando Baxter adormeceu, Chase levantou-se. Sobre o sofá ainda estavam espalhados os papéis sobre a UPF que Burnett tinha lhe dado. Precisando de algo para passar o tempo, ele abriu e leu o contrato e a lista de regras da UPF. A regra número 26, aquela sobre cada agente ser automotivado e responsável por decidir que riscos assumir era bem interessante, e Chase a guardou na memória para se defender quando Burnett decidisse lhe passar um sermão.

Olhando para o celular pela centésima vez, ele rosnou. Alguém precisava ir procurar Douglas Stone. Alguém precisava descobrir o que o Conselho sabia.

O fato de Douglas Stone tê-lo encontrado primeiro deixava Chase muito contrariado — e por várias razões.

Ele estaria colocando Della e outras pessoas de Shadow Falls em perigo? Chase queria ficar perto dela, mas não para colocá-la em perigo.

Os pensamentos de Chase foram interrompidos por passos na direção da cabana. Passos pesados. Pesados demais para serem de Della.

Achando que era a pessoa que ele mais temia ver — Burnett — e sem querer parecer fraco, ele pulou da cama e começou a se dirigir para a porta.

No momento em que os passos chegaram ao alpendre, Chase detectou o cheiro. Não era Burnett, mas outra pessoa que ele não tinha vontade de ver.

Estar em débito com alguém jamais agradara Chase.

Passou a mão no cabelo e esperou pela batida de Steve.

Steve estava na varanda, parecendo tão feliz em estar ali como Chase parecia estar em vê-lo.

— Vim examinar seus ferimentos.

— Não é necessário. Estou bem.

— Tá, vou fingir que acredito — disse Steve. — Prometo que não vai doer.

Chase apertou a mandíbula.

— Por favor — pediu Steve. — O doutor Whitman me pediu para fazer isso.

Chase puxou a camisa. O metamorfo se inclinou para examinar a pequena marca rosada na pele.

— Parece bom. — Steve endireitou o corpo.

Chase encontrou os olhos de Steve.

— Por que você fez isso?

— Fiz o quê? — perguntou Steve.

— Salvou a minha vida. — De repente Chase se lembrou de algo. — Ou você não limpou a ferida muito bem de propósito, esperando que a infecção me matasse?

Steve franziu a testa.

— Para sua informação, eu limpei a ferida várias vezes. E se não tivesse feito isso, a infecção teria matado você antes de o doutor Whitman chegar aqui. — Então fez uma pausa. — Agora vire-se e me deixe ver as suas costas, para que eu possa me mandar daqui quanto antes.

Chase se virou. Steve levantou sua camisa.

— Você fez isso porque Della pediu? — perguntou, na esperança de chamar a atenção do metamorfo para o fato de Della se importar com ele.

Chase sentiu sua camisa de volta contra a pele. Steve suspirou.

— Eu fiz isso porque sou médico. Se eu deixasse você morrer só porque não vou com a sua cara, não conseguiria viver em paz comigo mesmo.

Percebendo que ele estava agindo como um namorado ciumento, Chase afastou os sentimentos indesejados e encarou Steve.

— Desculpe. Obrigado. — Chase estendeu a mão.

Steve não a pegou.

— Não precisa me agradecer.

Ok, talvez depois de acusar o cara de tentar matá-lo, ele não devesse culpar o metamorfo por não lhe dar a mão.

— Posso te pagar? — Chase perguntou, ainda tentando fazer as pazes. — Diga qual é o seu preço.

— Pode ficar com o seu dinheiro. — Steve se virou para sair, mas, antes que alcançasse a maçaneta da porta, ele se virou. — Na verdade, há uma maneira de você me pagar. Visto que eu salvei a sua vida.

Chase ficou tenso. Agora ele estava arrependido de ter tentado parecer simpático.

— Se esse pagamento envolver de alguma maneira o meu relacionamento com Della, você pode ir para o inferno. E vou ficar feliz em ajudá-lo a chegar lá, se você...

— Dá um tempo! — Steve disse com rispidez. — Não sou ignorante a ponto de acreditar que você conseguiria fazer a cabeça de Della por causa de um acordo entre nós. E eu a respeito o suficiente para nem sequer tentar. Ela vai fazer o que achar melhor. Você não tem controle sobre as decisões dela. E se acha que tem, isso só serve para mostrar que você não a conhece direito.

As palavras e a insinuação de Steve ofenderam Chase.

— Você vai respeitar a decisão dela quando ela me escolher? — perguntou Chase.

— Vou aceitar. Assim como tenho certeza de que você vai respeitar quando ela me escolher.

— Não. — Chase balançou a cabeça. — É aí que eu e você somos diferentes. Eu nunca vou parar de lutar por ela. Você pode acreditar que é porque eu não a respeito, mas acho que é porque eu a amo mais do que você a ama. Porque sei, com cada célula do meu ser, que ela pertence a mim.

Eles olharam um para o outro durante vários segundos, tensos e longos, em seguida Steve se virou para a porta. Foi quando Chase percebeu que o metamorfo não tinha chegado a dizer o que queria em pagamento. E, caramba, ele realmente não gostava de estar em dívida com quem quer que fosse.

— Se o pagamento que você quer não tem nada a ver com Della, então o que é? Não gosto de ficar devendo nada pra ninguém.

Steve deu mais um passo em direção à porta, em seguida virou-se. Resquícios de raiva ainda ardiam nos olhos dele, mostrando a Chase que, independentemente do que o metamorfo queria, ele queria muito, caso contrário já teria ido embora.

— A pomada — disse Steve. — Aquela que o tio de Della inventou. Ele concordaria em revelar a fórmula?

Chase sentiu seus ombros relaxarem.

— Vou perguntar, mas, conhecendo Eddie, se ele achar que vai salvar vidas, vai dizer que sim. Pode demorar um tempo. Pelo menos até esta confusão terminar.

Steve parecia prestes a sair, mas depois falou de novo:

— Você sabe que a sua opinião sobre o tio de Della é bem melhor do que a dela, não é?

— Ela não o conhece — justificou Chase. — Quando isso acontecer, vai concordar comigo.

Steve deu de ombros.

— Pelo bem de Della, espero que você esteja certo.

Quando o metamorfo saiu, Chase murmurou um "obrigado".

Steve continuou andando, mas Chase ouviu as palavras dele:

— De nada. Mas ainda não vou com a sua cara.

— Perry está se sentindo péssimo — disse Miranda ao se jogar na cama de Della, que tinha voltado da cabana de Chase para ler o arquivo e feito isso várias e várias vezes. Esperava encontrar alguma coisa que ajudasse a livrar o pai da acusação de assassinato. Os passos de Miranda na varanda a tinham acordado de um sono profundo — só para ter de enfrentar os mortos...

Della pôde sentir o frio se aproximando.

— Será que o primo dele contou alguma coisa a Burnett? — perguntou Della, olhando ao redor e esperando que estivesse errada sobre a presença do fantasma.

— Perry disse que Burnett não tinha terminado de falar com ele. Tinha sido chamado para tratar de outro caso.

Della tentou prestar atenção na bruxa, mas era difícil. Ela podia ouvir a senhora Chi na sala de estar. *Aqui, gatinho, gatinho.*

Socks entrou correndo na sala e pulou na cama.

— O que foi? — Miranda perguntou ao gato, pegando-o no colo.

— Cuidado — advertiu Della —, ele tem garras afiadas.

— Não fale assim dele — disse Miranda. — Só arranhou você porque tinha um cachorro aqui.

— Tem razão — disse Della. — Mas ele com certeza não gosta de fantasmas também.

Os olhos castanhos de Miranda se arregalaram.

— Tem um fantasma... aqui? Agora?

Della queria mentir, para não assustar Miranda, mas ela viu a amiga ficar toda arrepiada, tanto de frio quanto de medo. Então fez que sim com a cabeça.

— Ah, merda... — Miranda colocou o gato no chão.

Gatinho. Gatinho. A voz da senhora Chi ecoou outra vez. O som sobrenatural fez com que o medo causasse um arrepio na espinha de Della.

— É sua tia? — perguntou Miranda, e a respiração da bruxa provocou uma nuvem de vapor.

Um baque soou na sala de estar.

Socks voou do colchão, bateu na parede, deu uma pirueta no ar e correu para debaixo da cama de Della.

Se não fosse morrer de vergonha depois, Della teria seguido o gato.

Outro baque soou e Della voltou a olhar para a porta, bem quando uma bola de basquete cheia de sangue rolou para dentro do quarto.

Então a senhora Chi apareceu, com uma expressão confusa e patética. A culpa afugentou o medo de Della. Ela tinha ficado tão preocupada com Chase e com o arquivo do pai que nem chegara a pensar na vizinha idosa.

O olhar triste da senhora Chi encontrou o de Della. *Onde está Chester?*

— Este não é Chester.

— Quem é Chester? — perguntou Miranda.

— Um gato — Della respondeu, sem tirar os olhos ou o coração da senhora Chi.

— Seu fantasma é um gato? — Miranda se abraçou para espantar o frio. — Isso está ficando cada vez mais bizarro.

Eles fizeram de novo, disse a senhora Chi.

— Quem fez o que de novo? — perguntou Della.

— Você está falando com um gato morto? — perguntou Miranda.

Machucaram alguém.

— Quem eles machucaram? — Quando o espírito não respondeu, Della formulou outra pergunta. — Você sabe os nomes dos caras que estão fazendo isso? — Della fez sinal para Miranda ficar quieta.

Não. A velha olhou para a bola de basquete. *Mas eu mostrei a você.*

— O que você me mostrou? — perguntou Della.

Você viu.

— O que eu vi? — Della se levantou. — Não vi o suficiente para poder detê-los.

Você viu, a senhora Chi repetiu e, em seguida, ela e a bola de basquete desapareceram.

Della pegou o celular e ligou para Burnett. A ligação caiu na caixa postal.

— Ligue para mim — Della disse no correio de voz e correu para a porta.

— Onde você está indo? — Miranda perguntou, assustada, pulando da cama.

— Falar com Chase — ela disse, percebendo que não tinham chegado a conversar sobre a visão. Talvez ele tivesse uma ideia do que as palavras da senhora Chi significavam.

— Posso ir junto? — perguntou Miranda. — Não quero ficar aqui com um gato morto. — Então a garota fez uma pausa. — Ou você e Chase pretendem ficar pelados de novo?

— Nós não estávamos pelados — Della rebateu.

— Se eu tivesse chegado alguns minutos depois, vocês estariam.

Della rosnou e quis negar, mas não tinha certeza se a afirmação da amiga era completamente falsa.

— Não havia um gato morto. Apenas uma pessoa... morta... — Então, encolhendo-se com a maneira como isso soou e esperando que a senhora Chi não estivesse ao alcance da sua voz, ela acrescentou: — Uma doce velhinha. — Ela estremeceu mais uma vez. — Talvez não tão velhinha assim.

— Eu ainda assim vou com você. — Miranda se levantou, olhando ao redor do cômodo como se estivesse com medo de que algo pudesse saltar sobre ela. — Por que eu tenho que ficar com duas colegas de alojamento que são ímãs para fantasmas?

— Você apenas tem mais sorte do que o resto — disse Della.

E, pelo jeito, Della era uma sortuda também, porque nesse momento Kylie chegou à cabana e a bruxa decidiu não acompanhá-la.

Capítulo Vinte e Seis

Os passos pesados que golpearam o chão até a porta revelaram a Chase a identidade do seu visitante, antes mesmo que ele captasse seu cheiro.

— Entre — disse Chase, embora duvidasse que Burnett considerasse o convite necessário.

O homem irrompeu na cabana. Chase não perdeu um segundo.

— Você conseguiu arrancar alguma coisa do cara que Stone enviou?

— Que diabos você estava pensando? — Burnett esbravejou.

— Eu não fazia ideia que Stone sabia onde eu estava!

— Não estou falando disso! Estou falando de você ir àquela maldita prisão!

— Estava agindo de acordo com os conselhos que recebi de outro agente.

Burnett se aproximou, os olhos brilhantes de raiva.

— Que agente idiota aconselharia...

— Você! — disse Chase, orgulhoso de si mesmo. — Você me disse que, para encontrar a escória, eu precisava perguntar a outra escória. Os prisioneiros da...

— Eu nunca teria deixado você ir sozinho!

— Sozinho era a única maneira de eu entrar! — Chase tencionou os ombros e recordou a sua única defesa. — De acordo com a regra 26, espera-se que um agente...

— Espera-se que você tenha bom senso para saber quais são os riscos.

— Eu estava consciente dos riscos — defendeu-se Chase.

— Não, você não estava. Você se acha invencível. Na verdade, você é inexperiente e burro!

— Eu só seria burro se não tivesse conseguido nenhuma pista.

— E quem teria nos passado essa pista se você não tivesse saído de lá vivo? — Burnett rosnou.

— Mas saí.

— Acha que eu já não vi isso antes? A primeira agente que me pediu para treiná-la tinha 19 anos. Ela achava que nada poderia atingi-la. Assumiu um risco idiota e foi atrás de um assassino sozinha. Quando cheguei lá, a única coisa que pude fazer foi segurar a

mão dela enquanto morria. Ela me deixou com a incumbência de contar à mãe que a filha estava morta. Eu me recuso a ter de contar a outro pai que o filho está morto!

Eu não tenho pais, Chase quase disse, mas se conteve.

— Talvez fosse melhor eu ter contado a você. Tem razão. Foi mal. Mas podemos começar a trabalhar na minha pista agora?

— "Talvez"? — Burnett grunhiu, depois olhou para Chase. — Estamos falando da Fossa do Inferno, não estamos?

Chase assentiu, um pouco surpreso ao ver que Burnett a conhecia.

— Eu pesei os riscos e decidi ir — explicou Chase.

Burnett suspirou.

— Sabe de uma coisa? Eu estava errado. Me desculpe. Quero dizer, saber pesar os riscos é uma habilidade importante, não é?

— Claro — concordou Chase, sentindo que Burnett estava por fim reconhecendo que ele tinha razão.

Burnett assentiu.

— O que você acha de mandarmos Della para lá, confirmar se a pista que você conseguiu é mesmo boa? Vou ligar para ela agora mesmo. — Burnett pegou o celular e começou a digitar um número.

A respiração de Chase ficou presa. Burnett não teria discado o número de Della, disse a si mesmo. Era só encenação.

— Della — disse Burnett. — Estou na cabana de Chase. Você pode nos encontrar aqui em cinco minutos? Precisamos combinar uma coisa.

— Estou a caminho. — A voz de Della soou do outro lado da linha. O sangue de Chase borbulhou de frustração.

Burnett colocou o celular de volta no bolso.

— Eu quero que ela saiba dos riscos que vai correr antes de decidir fazer isso.

Agora Chase já estava trincando os dentes. Em seu coração, sabia que era só o jeito de Burnett mostrar seu ponto de vista. O homem nunca mandaria Della àquela prisão. Chase só queria que a didática de Burnett não fosse tão radical.

Burnett levantou uma sobrancelha.

— O que foi?

Chase engoliu em seco.

— Ok. Foi muito arriscado. Você venceu.

Burnett passou a mão no rosto e depois olhou Chase nos olhos outra vez.

— Eu não quero vencer! Isso não é uma droga de jogo. É vida ou morte. Se neste momento eu achasse que posso ir a UPF e fazer você ser chutado de lá, eu faria isso. Mas, não, é cedo demais, eles só colocariam você sob o comando de outro agente. Então,

quando você acabasse morto, eu ficaria remoendo isso, achando que poderia ter salvado seu traseiro se não tivesse te passado adiante.

Burnett se aproximou de Chase, chegando tão perto que ele podia até contar os cílios do agente.

— Mas eu juro por Deus, garoto, que, se você fizer outra burrada dessas, vou encontrar um jeito de fazer você ser expulso da UPF. E não pense nem por um minuto que não estou falando sério. Vou inventar uma merda qualquer sobre você e o Conselho. Vou plantar provas.

Ele colocou o dedo no peito de Chase. Parecia mais um homem expondo seu ponto de vista do que fazendo uma ameaça.

— Porque para mim é muito mais fácil continuar vivendo depois de acabar com a sua carreira do que depois de assistir a sua morte. Está entendendo o que eu estou dizendo?

Chase assentiu.

— Estou. — E por mais assustador que fosse, Chase acreditava que Burnett estava falando sério.

— Ótimo! — Burnett deixou-se cair no sofá. — Agora sente-se aqui e me diga o que você conseguiu com o seu erro idiota.

Chase contou tudo a Burnett. Mesmo o que não queria contar sobre sua suspeita de que alguém do Conselho sabia mais sobre Stone do que estavam dizendo.

— Nunca pensei que Stone pudesse estar de olho em mim. A última coisa que eu queria era trazer problemas para Shadow Falls. Se você acha melhor, posso encontrar outro lugar para ficar.

Burnett pareceu avaliá-lo.

— Não acho que seja necessário neste momento.

— A última coisa que quero é pôr em perigo...

— Se esse garoto, Sam, é tudo que Stone tem na manga, não estou preocupado.

Burnett se inclinou para a frente.

Chase odiava a discordar de Burnett, mas...

— Você pode não estar preocupado, mas o garoto conseguiu entrar. E, por mais que ele não pareça ameaçador, o próximo cara...

— O fato de ele ter conseguido entrar foi erro meu — disse Burnett. — Eu deveria ter verificado assim que as luzes piscaram. Não vou cometer esse erro outra vez. — O homem se inclinou para a frente. — Se eu sentir que sua presença aqui se tornou uma ameaça, vamos voltar a conversar. Até lá, você fica.

O tom de Burnett deixou claro que aquilo era uma ordem. Uma ordem que Chase não achava que o agente tinha o direito de dar.

Della pousou na frente da cabana de Chase. Ela aguçou a audição para ouvir a conversa e entrou. Eles olharam para ela e Burnett fez sinal para que se sentasse.

— De quem, no Conselho, você suspeita? — Burnett perguntou a Chase.

— Eu não tenho certeza, mas talvez possa investigar mais falando com o guarda da prisão. Talvez ele saiba mais do que pensa.

Della não deixou de perceber que Chase relutava em admitir que suspeitava de Kirk.

Burnett franziu a testa.

— Você não volta àquela prisão. Não chega nem perto dela. — Seu tom de voz era mais grave.

— Tudo bem — acatou Chase.

Della não tinha certeza do que estava se passando entre aqueles dois, mas Chase parecia estar jogando limpo.

Bastou um momento de silêncio para a paciência dela se esgotar.

— O que você precisava me falar?

— Vamos começar com uma boa notícia — disse Burnett. — Acabei de falar com o agente que está tentando consertar as coisas para Natasha poder voltar ao mundo humano. Amarramos algumas pontas soltas e agora o desaparecimento dela está associado ao de Liam.

— Então ela vai voltar para casa? — perguntou Della.

— Nós ainda temos algumas coisas para acertar, mas sim. — Ele fez uma pausa. — Agora a má notícia. Houve outro assassinato. Estamos supondo que sejam os mesmos assassinos dos Chi e dos jovens. Um casal, de vinte e poucos anos, foi encontrado num outro parque, a pouco mais de um quilômetro dos outros crimes.

Della assentiu.

— A senhora Chi apareceu para mim há cerca de quinze minutos e me disse que eles tinham ferido outras pessoas. Eu liguei pra você.

— Eu estava a caminho de Shadow Falls. — Ele hesitou. — Ela disse algo que possa nos ajudar a pegá-los?

— Não. Mas ela ainda estava com a bola de basquete. Você mandou um agente investigar na quadra de basquete do parque?

— Mandei. Ninguém apareceu.

— Existe alguma quadra de basquete no outro parque?

— Eu acho que sim — disse Burnett. — Vou colocar alguém lá para checar. E verei a possibilidade de colocar outros agentes em parques próximos que tenham quadras de basquete.

— Eu ficaria feliz em fazer isso — disse Chase.

Burnett fez que não com a cabeça.

— Você resgatou Della, eles podem te reconhecer. Além disso, o médico disse que você precisa ir mais devagar hoje.

Della lembrou-se da razão pela qual tinha ido até ali.

— A senhora Chi disse algo... algo que me levou a acreditar que ela acha que eu não captei alguma coisa na visão. Como Chase estava na visão também, pensei que, se compararmos nossas lembranças, talvez possamos descobrir alguma coisa.

— Vocês deveriam ter feito isso logo depois da visão — disse Burnett.

— Não deu. Aconteceram outras coisas... — disse Chase.

Mudando de assunto, Della perguntou:

— As autópsias ficaram prontas?

— As do senhor e da senhora Chi, sim, mas não as dos jovens lobisomens. — Burnett hesitou. — Sem dúvida um crime praticado por lobisomens. Algumas marcas de mordida, mas nada que os identifique. Portanto, nenhuma prova para ajudar a capturar os assassinos. Eles estão fazendo testes de DNA, mas, a menos que os assassinos já tenham sido presos pela UPF, isso não vai ajudar.

— Então, eles vão se safar da acusação de assassinato? — Della perguntou, a frustração crescendo, não apenas por conhecer os Chi, mas por saber que os assassinos estavam perto da casa dos pais — perto da sua irmã, que provavelmente frequentava os parques onde os assassinatos tinham acontecido.

— Não se eu puder evitar — disse Burnett. — A mesma perita que fez a autópsia dos Chi está fazendo a dos jovens lobisomens. Ela vai me ligar assim que terminar.

Inclinando-se para a frente, Burnett colocou as palmas das mãos nos joelhos.

— Holiday me disse que trouxeram os arquivos da promotoria. Ainda não tive a oportunidade de analisá-los. Vocês encontraram alguma coisa que possa ajudar?

O coração de Della disparou com a pergunta. Ela odiava dizer aquilo em voz alta.

— Ajudar, não. Prejudicar, sim. — Ela respirou fundo. — Foi meu pai que ligou para o serviço de emergência. O promotor anotou que a história dele agora é outra, porque ele está alegando que ficou inconsciente o tempo todo.

Burnett franziu a testa.

— Pelo menos o advogado dele está a par disso agora.

Chase se inclinou.

— Foi uma experiência muito traumática. As pessoas bloqueiam as coisas. Acho que qualquer juiz vai entender que a situação pode ter afetado a memória dele.

As emoções de Della nublavam sua capacidade de ouvir coisas positivas.

— Mas essa não é a imagem que eles estão tentando pintar. Eles vão dizer que ele matou a irmã e depois perdeu a cabeça. — O que tornava tudo mais difícil era no que a própria irmã dele acreditava.

Burnett pareceu ler a mente de Della ou pelo menos o rumo dos seus pensamentos.

— Holiday está preocupada que o fantasma possa...

— Não! — contestou Della. — Eu não vou deixar Holiday mandá-la embora ou afugentá-la. — Ela olhou para Chase, rezando para que ele não se intrometesse na

conversa e pusesse mais lenha na fogueira. Ele não abriu a boca, mas seu olhar dizia que era justamente isso que queria fazer.

Ela engoliu a necessidade de ceder às lágrimas e encarou Burnett.

— Você não conseguiu um juiz amigável ainda?

— Ainda não — disse Burnett. — Mas estamos tentando. Desistir de ter esperança não vai ajudar.

— Eu não estou desistindo. Só estou preocupada.

— Conseguimos a pista do Douglas Stone. E agora temos este primo de Perry — disse Chase, para consolá-la.

Della olhou para Burnett.

— Sam contou alguma coisa?

— Eu tive que interromper o interrogatório para ir à cena do crime. Vou deixá-lo cozinhando por um tempo. — Burnett juntou as mãos e olhou para baixo. Ela conhecia aquele olhar. Ele tinha algo mais a dizer e com certeza não era bom.

— Mais alguma coisa? — Os músculos do seu estômago enrijeceram a ponto de doer.

Capítulo Vinte e Sete

— Recebi um telefonema do nosso infiltrado no escritório do promotor — disse Burnett. — Eles marcaram a data do julgamento. É daqui a duas semanas.

— Nós temos duas semanas para provar que meu pai é inocente? — A voz de Della fraquejou. — Nunca vamos conseguir.

— Sim, nós vamos — afirmou Chase.

— Escute o que ele diz — disse Burnett. — Tudo o que precisamos é de uma pista.

Burnett pegou seu celular para verificar a hora.

— Por que vocês dois não repassam a visão? Em cerca de uma hora... — ele olhou para Chase — se quiserem, vocês dois podem vir me ajudar a interrogar Sam.

— Vou estar aqui — afirmou Chase. — Amanhã, além de procurar a namorada de Stone, também gostaria de começar revisitando os Douglas Stone suspeitos, me concentrando naqueles que já visitei.

— Mas eu pensei que você não tinha conseguido nada com eles — disse Burnett.

— Não consegui, mas, como Pope ressaltou, Stone disse que eu estava procurando nos lugares errados.

— Alguma dessas pessoas com quem você falou eram vampiros ou sobrenaturais? — perguntou Burnett.

— Não.

— Então, como Stone ficou sabendo que você estava fazendo perguntas por aí?

— Eu não sei, mas meus instintos me dizem que ele sabia.

Burnett suspirou.

— Então acho melhor você seguir os seus instintos.

Della sentou-se um pouco mais ereta.

— Eu gostaria de ir com ele.

— Você tem aula — disse Burnett.

— Eu poderia perder um dia ou dois. Droga, eu poderia faltar duas semanas.

Burnett franziu a testa.

— Você não pode...

— O que eu vou perder? Aulas sobre política russa, descobrir o que a droga do x é para o y e tentar decifrar o tema de *Orgulho e Preconceito*? Nós estamos correndo contra o tempo. Isso pode significar a vida do meu pai! — Desta vez, lágrimas encheram seus olhos.

Burnett olhou para Chase, quase como se buscasse o consentimento dele. Mas que inferno? Ela com certeza não precisava da permissão de Chase.

— Eu a protejo — disse Chase.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou Della. — Me dá licença que eu vou ali arranjar um pênis, para que o gênero "uma linguiça e duas almôndegas" pare de pensar que eu preciso de um homem para me proteger.

Tanto Chase quanto Burnett pareceram surpresos com a reação dela, ou talvez tenha sido a descrição dela dos órgãos genitais masculinos, mas o que eles esperavam?

Burnett pigarreou.

— O que importa é que estejam seguros. Se qualquer um dos dois sentir que estão em perigo, quero que recuem e me liguem.

Chase assentiu.

Burnett se levantou.

— Agora repassem a visão e me encontrem no escritório daqui uma hora. — Burnett saiu e, dali a um minuto, Chase começou a rir.

— Uma salsicha e duas almôndegas?

Eles passaram trinta minutos contando a visão um para o outro. O que não os levou a lugar nenhum. Chase não disse nada de que Della não se lembrasse. Frustrada, e sentindo como se o tempo estivesse se esgotando, ela se levantou e se dirigiu para a porta.

— Della? — chamou Chase, tentando impedi-la.

— Encontro você no escritório.

— Aonde você está indo? — ele perguntou já ao lado dela.

— Preciso pensar — respondeu, abrupta.

Ele colocou os braços ao redor da cintura dela. E ela deixou. Mas, quando sentiu que estava prestes a começar a chorar, afastou-se e disparou para fora.

Ela correu. Uma vez. Duas vezes. Circulou por todo o terreno de Shadow Falls, na esperança de controlar algumas de suas emoções. Não adiantou, mas pelo menos ela já não corria o risco de chorar.

Chegou ao escritório de Burnett alguns minutos mais cedo. Perry esperava do lado de fora.

Como não tinha falado com ele desde que ele voltara, Della ofereceu um rápido "Bom regresso".

Perry deu de ombros.

— Que belo regresso eu tive! — Ele franziu a testa. Ela teve o palpite de que ele estava se referindo ao primo.

— Você vai conosco falar com ele? — perguntou Della.

Ele assentiu.

— Talvez eu possa colocar algum juízo na cabeça dele desta vez — disse o metamorfo. Fazendo uma pausa, ele olhou para baixo e depois acrescentou: — Sinto muito. Você sabe que eu não o via fazia mais de doze anos. Eu não tinha conhecimento de nada disso.

Della reconheceu a culpa nos olhos de Perry.

— Eu sei. Ninguém está te culpando.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans.

— Ainda assim eu me sinto mal. Mas... — Ele fez uma pausa. — Não acho que Sam seja um cara ruim. Acho que ele está com medo, e não apenas de Burnett, mas do tal Stone.

— Talvez ele devesse ter pensado nisso antes de ir trabalhar para o cara. — Ela no mesmo instante lamentou a aspereza em sua voz e recordou como se sentia com relação a Chan, seu primo. Ele era praticamente um delinquente, mas ela ainda assim o amava. A morte dele continuava a assombrá-la.

— Verdade — Perry disse, e ficou quieto.

— Ele ainda é seu primo. Isso não vai mudar.

Perry suspirou.

— Eu sei. E é... esquisito. Vê-lo. Foi muito estranho, como eu o reconheci no mesmo instante. Nunca pensei que fosse alguém da minha família.

Miranda tinha confidenciado a Della que Perry fora abandonado quando pequeno. Sem dúvida aquilo tinha sido uma punhalada. A única coisa pior do que isso era ser abandonada pela família aos 17 anos... Mas aquele não era o momento de pensar nos problemas dela.

— Isso deve ser uma barra — disse Della.

— Pode apostar. — Perry olhou para o bosque. — Ele sabe onde minha mãe e meu pai estão.

Della percebeu as emoções dele, mas não soube o que dizer.

— Você vai atrás deles?

Perry deu de ombros outra vez.

— Não sei. Eles com certeza não me quiseram no passado. Por que iriam querer agora?

Ela sentiu a emoção se agitar dentro dele. Ela não podia dizer que ele tinha lágrimas nos olhos, mas os olhos do metamorfo pareciam mais brilhantes.

— Estou melhor assim — disse Perry, parecendo irritado. — Por que eu iria querer vê-los? Não estou nem aí com eles!

Ela ouviu o coração dele entoar a melodia da mentira. Ela sabia tudo sobre gostar de alguém que não retribuía esse sentimento. Deu nele uma cutucada com o cotovelo.

— Você pode querer vê-los só porque está curioso. Ou talvez porque queira que eles saibam que estavam errados a seu respeito. Que você cresceu e se tornou alguém que teria sido motivo de orgulho. — Ela suspirou. — Ou talvez você só queira dizer uns desaforos, mostrar o dedo para eles e depois virar as costas. Não que você tenha que fazer isso. Mas poderia.

Perry sorriu, mas, quando seu olhar encontrou o dela novamente, Della viu lágrimas cintilando em seus olhos.

— Obrigado — disse ele.

— Pelo quê? — perguntou Della.

— Não sei. Ouvir, talvez. Dizer a coisa certa.

Ela franziu a testa.

— Eu sou bem ruim nisso.

— Que nada! — disse Perry. — Na verdade, não é tão ruim assim.

— Sabe quem é muito boa nisso? — ela disse.

— Quem? Miranda? — ele perguntou.

— Hmm, não, eu ia dizer Kylie. Ela é um pouco como Holiday. Diz toda aquela porcaria que você não quer ouvir, mas você sabe que ela está certa e, apesar de não gostar, precisa ouvir. Mas eu aposto que Miranda é boa nisso também.

Ele balançou a cabeça.

— Bem que eu gostaria de conversar com Miranda. Ela ainda está bancando a durona comigo. — Arrastando os pés, ele olhou para o céu. Quase cinco da tarde, o sol era uma grande bola amarela.

— Você sabe se Miranda está saindo com aquele agente da UPF?

O que ela podia dizer? *Sim, ela saiu com ele semana passada e queria beijá-lo.*

Merda. Merda. Merda. Della não queria ficar no meio daquilo. Mas de certa maneira ela estava. Bem no meio. Pior, ela era a causa de tudo aquilo.

Pela primeira vez, Della se sentia culpada por incentivar a amiga a dar uma chance ao bruxo. Perry passaria a odiá-la se soubesse.

Mas, na época, o metamorfo tinha praticamente chutado Miranda. E por mais que Perry fosse um bom amigo, Miranda era muito mais.

— Ela está? — Perry perguntou outra vez.

— Eu... — Por ser um metamorfo, Perry não podia saber que ela estava mentindo, mas mentir para alguém de quem ela gostava lhe dava dor de estômago. Mas, droga, era justamente por isso que ela não gostava de ouvir confidências nem ser o ombro amigo de ninguém!

Logo em seguida, Burnett aterrissou na varanda. Salva pelo vampiro. Della respirou aliviada. Era um alívio temporário, mas naquele momento ela agradeceu.

— Onde está Chase? — perguntou Burnett.

— Aqui — disse Chase, chegando.

— Então vamos conseguir algumas respostas.

Todos entraram na sala de observação, com a parede de espelho. Através dele, Della viu Sam sentado à mesa, parecendo perdido e assustado. Antes que qualquer um falasse com Sam, eles iriam esperar a chegada de outra agente, que tinha interrogado Sam rapidamente. Ela não tinha chegado ainda.

Outro agente enfiou a cabeça para dentro da sala.

— Se ele — o homem apontou para Chase — está trabalhando neste caso, você precisa fazê-lo assinar o contrato agora.

— Vamos acabar logo com isso. — Burnett levou Chase para fora da sala, deixando Della com Perry. Antes que a porta se fechasse, Shawn — o Shawn de Miranda — passou pela porta.

Depois de olhar para o primo por alguns segundos, Perry começou a andar em direção à porta.

— Eu já volto — ele disse. Perry já estava com um dos pés do lado de fora da porta quando Della percebeu o que ele poderia estar prestes a fazer.

— Ei! — chamou ela.

Ele olhou para trás.

— O que foi?

— Não vá arranjar problemas.

— Eu não vou — disse Perry. — Só preciso de um pouco de ar.

— Tem muito ar aqui dentro.

— Só um instante. — Ele saiu.

Della ficou sozinha na sala, então olhou para o primo de Perry.

A porta se abriu, levando-a a perceber que a sala era à prova de som. Ela não estava conseguindo ouvir nada que estivesse acontecendo do lado de fora daquelas paredes. Ela olhou para trás, esperando que Chase ou Burnett aparecessem, mas uma mulher, jovem, apenas alguns anos mais velha do que Della, entrou na sala. Seu terninho preto identificava-a como uma agente. Della, por hábito, checou a testa dela e notou que era metade vampira e metade *fae*.

— Ah, oi, pensei que Burnett estivesse aqui — disse ela.

— Ele foi assinar alguns papéis com Chase Tallman — Della respondeu.

— Sou Trisha.

— Sou Della...

— Eu sei quem você é — disse a garota.

Della a estudou.

— A gente se conhece?

— Não. Acabei de ouvir sobre você. Que está pensando em trabalhar com a gente.

— Foi Burnett quem disse? — Della sentiu uma ponta de orgulho.

Trisha confirmou.

— Não acredite em metade do que ele diz — disse Della.

— Ah, ele só disse coisas boas a seu respeito. Disse o suficiente para que eu ficasse com pena de você.

— Pena de mim? — Della se encolheu. Que diabos Burnett teria dito à moça? Algo sobre os seus pais?

— Quer dizer, eu me expressei mal. Quis dizer que ouvi o suficiente para saber o que você está tendo de enfrentar.

Della ainda não tinha entendido e sua expressão parecia mostrar isso, porque Trisha continuou: — Quando vim trabalhar aqui, recebia ordens de Burnett. — Ela sorriu. — Tive que pedir transferência.

— Ah, você está se referindo ao fato de Burnett ser um porco-chauvinista?

A garota sorriu.

— Isso pode soar um pouco forte.

— Não, não é — disse Della. — Eu digo isso a ele o tempo todo.

Trisha riu.

— Parece que Burnett encontrou alguém à altura dele. Mas, quando você estiver aqui, se quiser que eu treine você, ficarei honrada.

— Obrigada — agradeceu Della. Ela não tinha pensado ainda no período de treinamento para se tornar agente, e por alguma razão isso lhe causou um arrepio de expectativa. Como se essa parte da sua vida estivesse mais próxima do que ela pensava. Com todos os problemas recentes, ela quase tinha se esquecido de toda empolgação que a expectativa de ser agente lhe causava.

Ela voltou a olhar para Trisha, que parecia estar esperando que Della dissesse alguma coisa.

— Mas eu com certeza vou continuar com Burnett. Ele é um pé no saco, mas eu posso ser também. Então formamos uma bela dupla.

A agente riu.

— Bem, parece que vocês dois se dão bem. Para ser sincera, eu me arrependi da minha decisão de pedir transferência. Ele é um bom agente.

— Então os outros agentes aqui não são tão superprotetores?

— Bem, todos eles têm um pouco de testosterona demais, só não tanto quanto ele. Mas depois de conhecê-la, acho que você tem estrogênio suficiente para colocá-los em seus lugares.

De repente, na outra sala, Sam levantou-se e bateu com força na porta.

— Vocês vão me deixar aqui o dia todo?!

Della e Trisha olharam para o garoto através do espelho bidirecional.

— Ele já parece bem frustrado para começar a falar. Burnett me pediu para dar uma amaciada nele mais cedo, mas o cara não estava respondendo a nenhuma pergunta.

— Ele tem que falar — insistiu Della, pensando no pai e no tempo que escoava rápido. Em duas semanas ele poderia ser enviado para a prisão.

— Eu li o garoto quando estava lá — disse a agente, e Della supôs que ela estava se referindo à sua capacidade *fae* de ler as emoções. — Ele não é ruim, só está com medo. Mas vivemos todos com medo, não é?

— Sim. — A garota devia ter lido as emoções de Della. Mas será que podia ler o suficiente para saber que a vampira não estava com medo por si mesma, mas apenas pelo pai?

Duas semanas.

Capítulo Vinte e Oito

— Basta entrar e falar com franqueza — Burnett disse a Perry.

Chase ficou ao lado de Burnett, enquanto o agente falava com o metamorfo.

— O que vamos fazer? Usar aquela velha tática de interrogatório? Eu sou simpático, enquanto vocês dois dão porrada nele? — perguntou Perry.

Chase ouviu a preocupação na voz de Perry, e, sem dúvida, Burnett também.

— Não vamos tratá-lo com brutalidade... *ainda* — disse Burnett. — E se ele falar, vamos facilitar as coisas para ele.

Chase não tinha certeza se concordava com isso, mas não achava que tivesse o direito de discordar.

— Ok — Perry acenou para Chase. Mas o aceno rápido de cabeça não tinha nenhuma pretensão amigável. Na visão de Chase, Perry devia ser amigo de Steve.

— Vá com Trisha. — Burnett fez sinal para a agente, que começou a sair da sala. — Ela vai te mostrar o caminho.

— Parabéns pela contratação! — disse Trisha, encontrando o olhar de Chase.

— Obrigado. — Chase apertou a mão da agente, um verdadeiro sentimento de orgulho enchendo seu peito. Ele tinha assinado os papéis. Agora era oficial. Chase Tallman era um agente da UPF. Até ganharia um crachá e dois ternos pretos. Não que Chase quisesse usá-los. Mas o crachá, sim, ele gostava da ideia de usá-lo. Era bom... pertencer a um lugar.

Claro, ele tinha pertencido ao Conselho, mas havia sido muito mais uma decisão de Eddie do que dele. Agora, sim, tinha sido decisão dele. Aquele era, Chase constatou, seu primeiro emprego de verdade.

Não que precisasse de dinheiro. Seus pais haviam deixado tanto dinheiro que ele nem sabia o que fazer com ele. Mas, pensando bem, aquele não era apenas um trabalho. Era uma carreira. Era algo que provavelmente definiria a sua vida a partir dali até o dia em que estivesse pronto para se aposentar.

Não tinha sido nada parecido com uma cerimônia, mas de certa forma era assim que ele via. Parte dele desejava que Della tivesse estado lá. Porque ela deveria estar presente. Suas vidas estavam ligadas.

Ele se lembrou da conversa com Steve e aquela que tivera com Della um pouco antes. *Você ainda tem uma escolha*. Ele não tinha mentido para ela, Della tinha uma escolha de fato, mas, caramba, era quase sua missão de vida garantir que ela o escolheria.

— Bem-vindo à equipe! — cumprimentou-o outro agente.

Chase acenou com a cabeça, mas percebeu que a única pessoa que não o tinha felicitado era a que andava ao seu lado agora: Burnett.

Será que ele ainda estava pensando na conversa sobre a sua ida à Fossa do Inferno? A conversa ainda estava na cabeça de Chase, também. Por mais que ele odiasse admitir, Burnett tinha razão. Chase se sentia invencível. Ninguém tinha ficado mais chocado do que ele quando sentiu aquela faca improvisada cravada em suas costas. Se não fosse o fantasma, Chase não tinha certeza se teria conseguido sair dali vivo.

— Estou planejando deixar você orgulhoso — disse Chase a Burnett.

— Faça isso permanecendo vivo — disse Burnett, confirmando que Chase estava certo sobre os pensamentos do homem.

— Pode deixar — respondeu Chase, enquanto caminhavam de volta para a sala onde tinham deixado Della.

Della, com o celular no ouvido, olhou para eles e em seguida para baixo, enquanto levantava um dedo.

— Sim. Não devo chegar muito atrasada. Vou dar uma passadinha aí.

Chase sintonizou o ouvido, esperando ouvir com quem Della tinha feito planos e temendo que fosse com o bom médico, Steve.

— Ótimo! — respondeu uma voz feminina. — Traga Chase com você.

Ele reconheceu a voz da prima de Della. Chase gostava de Natasha e do namorado dela, Liam. E se lembrando do tratamento frio que recebera de Perry, ficou feliz por saber que tinha amigos.

Della olhou para ele. Ele fez que sim com a cabeça, para avisá-la de que ele aceitava o convite, mas ela só disse:

— Vamos ver.

Que diabos?

— Olha, é melhor eu desligar agora — continuou Della. — Vejo vocês daqui a pouco. Ah, e como eu disse, fiquei feliz que as coisas deram certo.

— Eu também — disse Natasha. — Não se esqueça de passar aqui. Mal posso esperar para te ver.

— Até já. — Della desligou.

— Você está pronto para fazer isso? — Della acenou para Sam atrás da janela.

— Perry vai primeiro — disse Burnett. — Depois Chase e eu.

— Eu não?

— Acho que não vai ser preciso — disse Burnett.

Chase viu Della se encolher, mas ela tentou reprimir a frustração. Estava sempre fazendo isso. Exceto com ele. Ela não se controlava quando estava com ele. Pelo menos não quando estava com raiva.

— Perry foi tomar ar — disse Della.

— Acabei de encontrá-lo no corredor. — Burnett fez uma pausa e olhou para trás, na direção de Chase. — Enquanto isso, o senhor Tallman tornava a coisa oficial. Ele é um agente. Conseguiu seu distintivo, ternos e tudo mais.

Della sorriu para Chase e pareceu um sorriso genuíno — o tipo de sorriso que chegava aos olhos e os deixava um pouco mais brilhantes. Ele queria ver aquilo muitas outras vezes. Vê-la feliz, despreocupada.

E ele veria, seus instintos lhe diziam. Assim que os problemas com o pai dela fossem resolvidos.

— Parabéns, senhor Tallman! — disse Della, a voz soando sincera.

— Obrigado. — Se Burnett não estivesse no cômodo, Chase teria se aproximado para lhe dar um beijo, porque ele tinha aprendido que, sempre que ela se permitia sorrir, isso significava que estava de guarda baixa. E só assim ela deixava que ele chegasse perto.

O que ele não daria para que ela vivesse de guarda baixa! Embora soubesse que precisava ser paciente, não podia negar sua crescente frustração.

— É uma sensação agradável — disse ele, estendendo o braço e esperando que um aperto de mão refreasse o seu desejo por um beijo.

Parecia que ela não ia aceitar o cumprimento quando ele viu que a guarda de Della tinha voltado a subir. Mas ela mesmo assim deu a mão a ele. Chase aproveitou o momento e passou o polegar pelos dedos de Della, esperando que ela sentisse aquela mesma fagulha maravilhosa que ele sentia. Tocá-la era como espetar o dedo numa tomada. Nada o fazia se sentir mais vivo.

Rapidamente ela retirou a mão e, pela maneira como seus olhos se arregalaram, ele soube que ela tinha sentido a mesma eletricidade. Então, pelo amor de Deus, por que tinha que lutar contra ele?

Em seguida, através do espelho, Chase viu Perry entrar e se sentar em frente ao primo, Sam. Os dois se pareciam tanto que poderiam se passar por irmãos.

— Enviaram você aqui para me amolecer primeiro? — perguntou Sam.

— Talvez — disse Perry. — Olha, você tem que dizer a eles o que sabe, senão vai comer o pão que o diabo amassou.

— Eu não fiz nada além de invadir aquela escola. Isso vai fazer com que eu seja condenado pelo resto da vida? — O sarcasmo exalava da voz do metamorfo.

— Você não entendeu ainda? — perguntou Perry, os olhos adquirindo um tom dourado. — Você estava ajudando aquele cara, Stone, e isso significa que vai ser cúmplice de tudo o que ele fez. E pelo que eu ouvi dizer, ele é um assassino.

— Espera aí, mas eu não machuquei ninguém. E, eu sei, ele é um cara da pesada. Se eu der com a língua nos dentes, vai vir atrás de mim.

— Então diga a eles o que querem saber e deixe que peguem o cara. Se você for para a cadeia, sabe que esse cara vai pensar que você abriu o bico e o dedurou. Se ele é tão barra-pesada quanto você diz, tem amigos da pior espécie. Ele vai mandar te matar. Você quer morrer?

Graças a Perry, Chase e Burnett levaram apenas alguns minutos para fazer o metamorfo dar a ficha toda de Stone.

— Eu conheci o cara no Get-Along Bar. Um lugar conhecido por ser ponto de encontro de mestiços como eu. Ele era vampiro, mas tinha um padrão meio estranho... era mistura de outra raça também. Disse que seu nome era Michael Higby, mas alguém me disse que ele também usava o nome Stone. Ouvi dizer que ele contratou um monte de clientes do bar que estavam numa pior para fazer trabalho pesado para ele. Foi assim que cheguei aqui. Mas correm boatos de que ele tem uma gangue chamada Bastardos.

— Que tipo de gangue é? — perguntou Burnett.

— Não sei. Como eu disse, ele era... vampiro... Em sua maior parte, pelo menos. Ele se aproximou de mim e disse que precisava de um metamorfo para invadir uma escola. Eu iria espionar um... — Ele olhou para Chase. — Você. Ele queria saber o que você estava fazendo naquela escola. Não parecia nada ilegal. Achei que você fosse como um filho desaparecido ou algo assim. Eu só estava tentando reunir uma família, sabe?

— Mas que história mais tocante... — disse Chase, não parecendo nada tocado.

— Como é a aparência desse cara?

— Ele tem em torno de 40 anos. Mais de 1,80 m. Anda sempre na maior estica. Tem o cabelo castanho e, como eu disse, tem esse padrão que é só um pouco diferente. — O metamorfo suspirou. — Isso é tudo que eu sei, então posso me mandar agora?

— Hmm, ainda não — disse Chase.

Sam franziu a testa.

— Mas eu não fiz nada. Quer dizer, tudo bem, eu invadi a escola, mas foi Higby ou Stone ou seja como for que vocês queiram chamá-lo que tramou tudo. Tudo o que eu fiz foi voar por cima da cerca, quando ele me disse para fazer isso.

— E como é que você desligou a nossa eletricidade? — perguntou Burnett.

— Ele mandou um dos caras que trabalham para ele fazer algo nos postes do lado de fora da escola. Eu... não feri ninguém.

— Que informações você deu a ele? — perguntou Chase.

— Nenhuma — disse o garoto.

Chase e Burnett olharam para ele como se não acreditassem.

— Eu não passei nada. Juro. Podem verificar o meu telefone. Eu ia passar, mas fui desviado por aquela garota. Então vi meu primo que havia muito tempo tinha perdido

de vista.

— Que garota? — perguntou Burnett. — Alguém entrou com você?

— Não, a que estava lá. De cabelo preto, vampira. Com uma bela bunda.

Chase soltou um grunhido.

O garoto deu a eles um número de telefone e o endereço do bar.

— E agora? — perguntou Sam. — Posso ir?

— Ainda não — disse Burnett. — Estou enviando um retratista para fazer um esboço. Então acho que vamos mantê-lo aqui por alguns dias.

— Mas eu disse a vocês tudo que eu sabia — protestou Sam.

— Sim — concordou Burnett —, mas podemos precisar de você para nos ajudar a prendê-lo.

— Eu não concordo com isso.

— Você não parece gostar da ideia de ficar na prisão, também — Burnett disse.

Sam franziu a testa.

— Eu poderia muito bem estar na prisão. Por que você não me deixa voltar para aquela escola? Tem uma paisagem melhor. — Ele sorriu. — Principalmente aquela gostosa. O nome dela é Delia ou algo assim?

— Você vai ficar aqui — sentenciou Chase.

Burnett andou até Sam e estendeu a mão.

— O que quer? — disse o garoto.

— Seu celular — disse Burnett.

— Você vai devolver? — perguntou Sam.

Burnett não respondeu, e ele e Chase saíram. O vampiro mais velho parou e digitou algo em seu telefone como se enviasse uma mensagem.

Ele olhou para Chase.

— Você já ouviu falar dessa gangue, os Bastardos?

— Nunca — disse Chase. — E você?

— Não, o que é estranho, porque conhecemos todas as gangues que estão circulando por aí. Mas vou consultar alguns informantes e ver se temos alguma gangue nova na cidade.

Outro agente se encontrou com eles no corredor. Burnett entregou-lhe o celular de Sam.

— Me mande uma mensagem assim que descobrir alguma coisa.

— Talvez seja só um jeito que Stone usou para impressionar o garoto — disse Chase, vendo o agente com o celular se afastando apressado para cumprir sua missão.

— Espero que sim.

— Como eu disse, eu poderia deixar Shadow Falls e diminuir a chance de...

— Ainda não. — O celular de Burnett anunciou a chegada de uma mensagem. Depois de checá-la, ele olhou para Chase. — Preparado?

— Sim. — Chase seguiu Burnett pelo corredor. — Você quer que eu verifique o bar?

— Não — disse Burnett. — Ele conhece você. Já tenho dois agentes a caminho de lá. Nós vamos ao necrotério.

Os passos de Chase vacilaram e uma fina camada de suor se formou em sua testa. Merda! Nem quinze minutos depois de assinar seu contrato, ele já se perguntava se seria cedo demais para pedir demissão.

— Estamos indo ao bar? — perguntou Della quando Burnett voltou para a sala. Pelo que Della sabia, era a melhor pista que eles tinham para chegar a Stone.

— Não, mandei Trisha e Shawn para lá — disse Burnett.

— Mas...

— Não! — repetiu Burnett. — E antes que você pergunte, já tenho dois agentes verificando o número de telefone. Enquanto isso, terminaram a autópsia dos três lobisomens. Perry vai ficar aqui. Acho bom nós três irmos para lá.

— Por que não vou ver se consigo encontrar alguma informação sobre a gangue dos Bastardos? — ofereceu Chase.

— Já mandei um agente fazer isso também — disse Burnett. — E estou pegando leve com você agora. Depois que voltarmos do necrotério, você pode ir com Della ver Natasha.

Della observou a carranca de Chase.

— Ele não tem que vir comigo — contestou Della.

— É lua cheia — disse Burnett. — Ninguém sai sozinho.

Depois de um rápido trajeto, Della entrou no necrotério com Chase e Burnett. Passaram pela recepção e por um corredor branco que tinha a aparência e o cheiro de um ambiente totalmente esterilizado. Ele abriu uma pesada porta e entrou em outra sala. Bem mais fria.

Uma mulher de avental branco estava na sala digitando num computador. Ela olhou para trás e Della viu seu padrão de bruxa. Burnett fez apresentações rápidas e todos se cumprimentaram com a cabeça.

— Diga que tem algo para mim — disse Burnett.

— Eu tenho. — Ela sorriu. — Alguns fios de cabelo. Já mandei analisar. Com certeza são de lobisomem, e algumas marcas de mordida podem servir como prova também. Acabei de enviá-las para análise. — Ela fez sinal para Burnett chegar mais perto.

Della não o seguiu. Em vez disso, ficou onde estava e deu uma olhada mais atenta na sala. Atrás da mulher havia três mesas, onde podia-se deduzir que estavam os três jovens lobisomens. Os corpos estavam cobertos com lençóis brancos.

As formas dos corpos fez Della se lembrar de quando viu o corpo do primo dentro de um saco preto, antes ser baixado na sepultura. Ou seria o cheiro, ela se perguntou, que lhe trazia aquela lembrança? Será que o corpo de Chan e aquele saco preto tinham o mesmo cheiro do necrotério?

Ela inspirou, tentando afastar o frio, o cheiro e a dor. Então, como sempre, o peito se agitou com a culpa por ter superado a maior parte da dor.

Ela ouviu Chase se mover e parar ao seu lado direito. Quando fitou seu rosto, quase engasgou. A pele dele estava da cor dos lençóis. Embora fosse bom saber que ela não era a única a se sentir vulnerável, ficou surpresa. Chase tinha trabalhado com o Conselho por quase dois anos; com certeza já tinha visto a morte de perto antes.

— Nós vamos esperar lá fora — Della falou e pegou o braço de Chase antes de dar a Burnett chance de responder.

Chase resistiu apenas por um segundo, então saiu com ela.

— Novo nesse tipo de trabalho, hein? — Ela ouviu a mulher dizer antes de a porta se fechar.

Della parou no corredor. Chase afastou-se e nem sequer olhou para ela. Ele se encostou na parede branca e fechou os olhos.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Tudo bem — ele disse, o tom de voz tão frio quanto o ar da sala em que estavam.

— Tem certeza? — perguntou ela quando ele não abriu os olhos.

— Eu disse que estou bem — Chase respondeu, impaciente.

— Mas você parece...

— Mas que droga! Será que pode só me dar um tempo! — Ele se afastou da parede e começou a andar.

Ela ficou ali por alguns segundos, tentando decidir se ficava irritada com a reação dele ou preocupada. A preocupação ganhou e ela disparou atrás de Chase.

Ela o encontrou encostado no carro de Burnett.

A noite tinha afugentado cada lasca de cor do céu, mas a lua cheia brilhava em toda a sua plenitude, dando ao estacionamento um brilho quase prateado.

Ele a viu e Della o ouviu murmurar um palavrão, deixando claro que ela não era bem-vinda. Ela não deu a mínima e continuou caminhando na direção dele.

Capítulo Vinte e Nove

Ela estava a ponto de xingá-lo também, quando viu sua expressão ao chegar mais perto. Dor, tristeza, culpa. Emoções que ela mesma tinha acabado de tentar afastar também.

Então ela resistiu e não fez nenhum dos seus comentários sarcásticos. Seus passos soavam muito altos. Ela se encostou no carro ao lado dele. Seu braço quase o tocou. A escuridão fria os cercava e a temperatura morna do corpo dele chegou até ela.

Por vários segundos nenhum dos dois falou. Mas, por mais incrível que pudesse ser, ela podia sentir a dor que exalava dele.

— Isso me lembrou Chan — disse Della, achando que, se ela se abrisse, talvez ele fizesse o mesmo.

Ele balançou a cabeça e ela o sentiu transferir o peso para a outra perna.

— Eu sou um idiota — ele disse, deixando transparecer um resquício de raiva na voz.

— Pois é. — Ela esperou que ele explicasse.

Mas Chase não explicou. Não tinha que explicar, ela disse a si mesma. Ela também não gostava de ficar se abrindo com ninguém.

Mas Della queria que ele se abrisse com ela. E ao mesmo tempo que queria, isso a assustava. Porque a lembrava de quanto as coisas entre eles tinham ficado confusas, indefinidas. Ela se importava com ele, mas não queria se importar. Confiava, mas não cem por cento.

Chase se mexeu de novo, como se estivesse desconfortável, e ela olhou para ele, só para encontrá-lo olhando para ela. Mas que droga! Doía vê-lo assim, a dor persistente em seus olhos.

O que o estava fazendo sofrer tanto?

— Sinto muito — disse ele.

— Tudo bem, mas, você sabe que, se está agindo como um idiota com alguém, ajuda se explicar pelo menos o motivo.

Respirando fundo, ele parecia prestes a desabafar quando o barulho de uma porta se abrindo ecoou na escuridão da noite. Passos soaram.

— Vocês dois estão prontos para ir embora? — perguntou Burnett.

— Sim — respondeu Della.

Ela foi no banco da frente e deixou Chase se sentar atrás.

— O que você conseguiu? — perguntou Della, na esperança de disfarçar o estranho silêncio.

— Marcas de mordidas, alguns fios de cabelo e uma confirmação de que eram lobisomens. Nada que vá entregar os assassinos numa bandeja, mas já é um começo. Eu me esqueci de perguntar, vocês descobriram alguma coisa quando compararam as lembranças da visão?

Ela viu Burnett olhar pelo retrovisor, para verificar como Chase estava. Será que Burnett entendia mais do que ela a reação de Chase?

— Nada de novo — disse Della, resistindo ao impulso de se voltar para trás e verificar por si mesma como Chase estava.

Burnett os levou de volta para o escritório da UPF.

— Tomem cuidado e não fiquem fora até tarde — ele disse enquanto se afastavam, sem tirar os olhos de Chase. — Você ainda está se recuperando.

Chase assentiu. Enquanto davam meia-volta antes de levantar voo, ela pensou que ele iria explicar o que tinha acontecido no necrotério. Engano seu.

Ela não comentou nada, mas o silêncio dele a magoou.

Cinco minutos depois, Chase aterrissou a vários metros da sua cabana, em meio a um bosque. Ela aterrissou com ele, sem saber por que Chase tinha optado por andar o resto do caminho.

No momento em que pisou no chão, ele começou a andar.

Ela acertou o passo para caminhar no mesmo ritmo que ele.

Seus passos ecoavam através da noite, acompanhados do barulho ocasional de algum animal silvestre correndo para longe. O ar frio os cercava e a lua derramava seus raios do céu escuro, sussurrando por entre as árvores como renda líquida.

Chase parou de andar. Então respirou fundo.

Ela parou ao lado dele, esperando sem falar nada.

— Eu não gosto de necrotérios — disse Chase.

Ela olhou para ele. Podia ver seu rosto, e a dor ainda persistia nos poços verdes dos seus olhos.

— Acho que ninguém gosta.

Ele expirou outra vez.

— Não consegui nem ir ao funeral deles. Supostamente eu estava morto também. — Ele recomeçou a andar.

E isso foi suficiente para que Della entendesse. A dor encheu seu peito. A imagem do Chase mais novo dizendo adeus à família num frio cômodo branco que cheirava a antisséptico encheu sua mente e ela teve de engolir em seco para evitar que as lágrimas inundassem seus olhos.

— Eddie me perguntou se eu queria vê-los pela última vez. Eu disse que sim. O pensamento de nunca mais vê-los outra vez era... doloroso demais.

Sem nem perceber o que estava fazendo, Della estendeu a mão e pegou a dele.

— Ver seus corpos foi... — Ele soltou um suspiro. — Minha mãe estava... sem um braço. O corpo de meu pai também não estava inteiro. Eu não consegui nem olhar para a minha irmã. Lembro de ter desejado que Eddie não tivesse me salvado. Que o quarto corpo que tinha meu nome na etiqueta presa ao dedo do pé fosse realmente meu. Eu não queria viver sem eles.

Della apertou ainda mais a mão dele.

— Ele nunca deveria ter deixado você vê-los. — A fúria com a atitude do tio encheu o coração de Della. Tudo o que ela precisava: outra razão para não gostar do tio.

— Não, eu tinha que fazer isso. Tinha que dizer adeus. Não foi culpa de Eddie. Ele tentou me preparar.

— Não dá pra preparar ninguém para isso — disse Della.

— Eu apenas... Eu não fui a nenhum outro necrotério desde esse dia.

— Sinto muito — disse ela, e depois de alguns segundos de silêncio, sentiu que ele não ia dizer mais nada. Mas ela não largou a mão dele até chegarem à cabana, e mesmo depois não deixou de se entristecer por Chase.

Natasha saiu da cabana e os recebeu na varanda. A lâmpada lançava um halo ao redor dela. Usando um vestido amarelo sem mangas, ela parecia vestida para a estação errada. Tinha um sorriso no rosto e seus olhos, retratando muito mais sua ascendência chinesa do que Della, brilhavam de felicidade. Sem dúvida, o pensamento de voltar para casa enchia a prima de alegria.

Della esperava que a mãe adotiva da prima recebesse a filha em casa de braços abertos e não notasse as mudanças que acompanhavam sua nova condição de vampiro. Será que a prima já tinha pensado alguma vez naquilo?

— Estou tão feliz que vieram! — disse Natasha. — Liam e eu decidimos fazer alguns testes de sabores. E vocês dois vão ser nossas cobaias.

— Cobaias? — perguntou Della.

— Sim — confirmou a prima. — Depois que fomos transformados, não temos comido comida de verdade. E, nas próximas semanas, vamos morar com nossos pais, por isso decidimos ver quais alimentos ainda são palatáveis. Ficamos cozinhando o dia todo.

Della fez uma careta.

— Eu não sei, não...

— Ela topa. — Chase deu uma cotovelada em Della, ao subir os degraus.

— Vai ser divertido — disse Natasha. — E vocês não têm que comer tudo, só provar. — Ela abriu caminho para dentro da cabana.

Da cabana exalava um aroma de diferentes alimentos. Liam, vestindo jeans e uma camisa polo, estava na cozinha mexendo alguma coisa sobre o fogão.

— Olá! — Liam sorriu. — Minha namorada tem me escravizado na cozinha.

— Não é verdade! — Natasha se aproximou de Liam. — Eu sou novata na cozinha.

A prima parecia bem feliz.

— Temos até bebidas alcoólicas. — Ela olhou para Chase. — Vi que você tinha cerveja na geladeira. Isso significa que ainda bebe, certo?

— Sim — disse ele. — Mas tem que ser muito gelada.

— Ok, a cerveja vai para o freezer. — Ela colocou algumas garrafas no congelador. — E Liam trouxe uma garrafa de vinho da casa da mãe dele.

Della fez uma careta.

— Eu não gostava dessas coisas nem antes de me transformar.

— Bem, talvez isso tenha mudado. — Natasha foi até o armário da cozinha e tirou de lá quatro taças.

Liam riu.

— Juro, ela ficou nessa euforia o dia todo. — Seu olhar voltou-se para Della. — Principalmente desde que soube que vocês viriam. Parece que parou no posto e encheu o tanque de felicidade!

— Bem, eu concordo — disse Natasha. — Em alguns dias vou ter minha vida de volta e, depois... — ela correu e beijou Liam outra vez —, você e eu podemos começar nossa própria vida. — Ela olhou para trás, na direção de Della. — Não há nada errado em ser feliz.

Não, Della pensou, a não ser pelo fato de que isso a fazia perceber que seu tanque de felicidade devia estar furado. Ou talvez saber que era responsável pela acusação de assassinato do pai simplesmente sugasse toda a felicidade da sua vida.

Chase entrou na cozinha.

— Acho que fazia tempo que esta cabana não tinha um cheiro tão bom!

— Sim, mas me disseram que certos alimentos podem ter um cheiro bom, mas um gosto péssimo — disse Liam.

— Verdade — concordou Chase.

Della observou Chase. Aquela tinha sido a casa dele, mas ele não parecia se sentir deslocado ali, agora que Liam e Natasha eram os anfitriões.

O olhar de Chase encontrou o de Della e ele sorriu. A dor em seus olhos tinha desaparecido. Era evidente que ele não tinha nenhum vazamento no seu tanque de felicidade.

Ela desviou o olhar.

Natasha contemplou os alimentos que Liam colocou sobre a mesa.

— Estou curiosa para saber se todos nós vamos apreciar ou não as mesmas coisas. Ou se os nossos gostos vão variar.

Della se aproximou.

— Eu acho que eles variam. Alguns vampiros de Shadow Falls adoram pizza. Eu, nem tanto. — Ela viu um bolo de chocolate sobre um prato de vidro. — Uma vez, Kylie estava na maior fossa, comendo calda de chocolate com uma colher. Derramei um pouco no meu sangue e ele desceu muito bem.

Natasha tirou a rolha do vinho, em seguida encheu as quatro taças.

— Eu gosto de sopa de cebola ao estilo francês — disse Della. — É um dos poucos pratos de que ainda gosto.

Natasha entregou a Chase uma taça de vinho.

— Você primeiro.

Chase ergueu a taça para olhá-la, como se fosse um ótimo conhecedor de vinhos. Sua mente parecia divagar, e Della podia jurar que viu o mesmo indício da dor que inundara seus olhos antes.

— Bolinhos de chuva — disse ele.

— O quê? — perguntou Della.

— Minha mãe costumava fazer. Ela dizia que tinham gosto de amor. Uns seis meses atrás, vi alguns numa padaria. E pedi um. Pensei que teriam um gosto ruim. Mas não. Talvez fosse nostalgia. Comprei uma dúzia.

Ele tomou um gole do vinho.

— E então? Como está o vinho? — Natasha perguntou a Chase, passando à prima uma taça.

— Bem... — Chase estalou os lábios. — Tem gosto... de alguma porcaria azeda. — Ele se virou para a pia e cuspiu tudo.

Todos riram e concordaram. O vinho já estava descartado.

A conversa começou a girar em torno da volta de Natasha para casa.

— Assim que a minha mãe superar o choque, vou apresentar Liam a ela.

— E Deus me ajude. — Liam franziu a testa, pensativo.

Natasha revirou os olhos.

— Ele está preocupado com a possibilidade de a minha família e meus amigos não gostarem dele porque tem ascendência afro-americana. E daí? Eu sou meio chinesa!

— Não é a mesma coisa — disse Liam, mas ele passou os braços em volta dela.

— Nem todo mundo é racista — disse Della.

— Mas são muito poucos os que não são — disse Liam. — Ainda assim, não vou fugir.

Liam puxou o cabelo de Natasha e beijou o pescoço dela. Isso era... de certa forma, quase erótico. Só assistir a cena já provocou um formigamento na espinha de Della.

— Eles vão te adorar. Assim como eu. — Natasha arqueou o pescoço para trás e eles se beijaram. Um desses beijos suaves que duram um pouco demais para ser em público.

Della desviou os olhos e, sem querer, encontrou o olhar de Chase. O olhar que ele lhe enviou era quase tão perturbador quanto assistir Natasha e Liam se beijando.

Nas horas seguintes, sentaram-se na grande mesa de madeira da casa de Chase, experimentando comida e dando risada. Embora fossem quatro vampiros sentados à mesa, Della reparou que, num certo sentido, aquele era o jantar mais normal — humanamente normal — que ela tinha em muito tempo. Parecia que havia algo reconfortante no fato de se sentar em torno de uma mesa cheia de comida.

Ocorreu-lhe que ela não tinha se esforçado muito para se entrosar com os pais. Em vez de temer seus jantares, ela deveria ter encontrado alimentos que poderia comer e prepará-los para sua família. Deveria ter aproveitado a hora do jantar para incentivar a conversa entre eles, em vez de se sentir um monstro e, portanto, se comportar como um.

Se apenas...

Seu peito estava pesado quando ela se perguntou se teria uma segunda chance para fazer as coisas de um jeito mais gentil.

Della por fim olhou para o relógio. Já passava das oito.

— É melhor eu voltar ou Burnett vai ter um ataque.

— Tem razão — concordou Chase. — É melhor a gente ir. Foi divertido. Obrigado.

— Não, eu é que agradeço — disse Natasha. — Por tudo! Salvar as nossas vidas e nos deixar ficar aqui. Era exatamente o que precisávamos.

— Bem, podem voltar quando quiserem. Fiquem com a chave — disse Chase a Natasha, mas estendendo a mão e colocando uma isca de frango entre os lábios de Della.

Della ficou tão surpresa que comeu. Não era de todo ruim. Depois Chase passou o dedo sobre o lábio dela.

Della sentiu um rubor cobrir seu rosto e percebeu que Liam e Natasha estavam assistindo e sorrindo. Chase não sabia que ela podia muito bem comer sozinha?

— Você não vai voltar a morar aqui? — perguntou Natasha.

— Não, por enquanto. Acho que vou ficar em Shadow Falls.

— O quê? — Della balançou a cabeça. Ela pensava que ele tinha ido morar na escola, porque Liam e Natasha estavam na sua cabana. — Este lugar é dez vezes melhor.

— Sim, mas Shadow Falls tem algo que este lugar não tem. — Natasha sorriu.

— Não — disse Della. — Você já viu as cabanas de lá.

— Tem você — respondeu Natasha.

Della olhou para Chase. Ele não negou. Só piscou para ela. Piscou?

Primeiro ele lhe dava comida na boca e agora piscava para ela?

— Você está ficando louco — disse ela.

— Somos todos um pouco loucos — disse Liam, pegando uma taça de sangue para fazer um brinde.

Eles saíram na varanda. Natasha puxou Della para o lado.

— A minha mãe...? Você ainda vê o espírito da minha mãe?

Della assentiu com a cabeça e decidiu não mencionar que Holiday queria realizar um exorcismo para que ela fosse embora.

— Sim.

— Você pode dizer a ela que estou feliz? Muito feliz?

— Vou dizer a ela.

A prima a abraçou.

— Chase é um cara legal — ela sussurrou no ouvido de Della. — Pare de lutar contra o que sente por ele.

Della não respondeu, mas lhe ocorreu que, se ela estava *de fato* lutando contra o que sentia por ele, estava fazendo um péssimo trabalho. Todos os dias ele chegava mais perto... não só do ponto de vista físico, mas do emocional também. E que ideia era aquela de lhe dar comida na boca?

Ela olhou para os rapazes.

Chase apertou a mão de Liam.

— Ei — disse Chase —, eu reparei nos seus tênis. São daquele modelo novo da Nike?

— Uma imitação, com certeza — disse Liam. — Minha mãe me deu. Ela não pode pagar pelos genuínos.

Della olhou para os tênis azuis brilhantes de Liam, com solas estranhas e... pronto! De repente seu mundo virou de ponta-cabeça. Ela não estava nem mesmo de pé. Mas deitada de costas sobre... um piso frio e ensanguentado de concreto.

— Della? — ela ouviu Chase chamar. — Está tudo bem?

— Sim. — Ela piscou e as coisas aos poucos voltaram a entrar em foco. O rosto dele e, em seguida, a peça do quebra-cabeça que faltava se encaixou no lugar. — Nós temos que ir.

Ela acenou, pulou os degraus da varanda e começou a correr.

Chase foi atrás dela.

— O que foi?

— Eu sei o que esqueci sobre a visão.

— O quê?

— Os tênis. — Della continuou a correr.

— Tênis? — Os passos dele seguiam no mesmo ritmo que os dela na escuridão.

— Um dos assassinos tinha um par de tênis muito estranhos. Vermelhos, e eles pareciam de pele de cobra. Eu posso estar errada, mas por alguma razão não acho que o filho da mãe usaria imitações. Posso apostar que ele os comprou. E se eu estou certa e eles

são tão caros como eu acho que são, então devem ser poucos os lugares que os vendem. Se pudermos achar quem vende esse tipo de tênis, poderemos descobrir quem os comprou. E nós vamos ter o nome de pelo menos um assassino.

Ela levantou voo, esquivando-se dos galhos de árvores e tentando se apressar ao máximo para fazer sua pesquisa na internet. Embora não se tratasse do caso do pai, ele ainda se sentia bem em pensar que estava mais perto de capturar os assassinos do senhor e da senhora Chi.

Capítulo Trinta

Della e Chase pousaram no estacionamento e passaram pelo portão de Shadow Falls. Vozes, risos e música ecoavam do refeitório. Pelo cheiro, tratava-se de uma festa da pizza. Como já tinha no estômago mais comida do que tinha ingerido nas últimas semanas, ela foi direto para a trilha. Chase caminhava ao lado dela. De vez em quando, seu braço roçava no ombro de Della.

Será que ele estava fazendo de propósito?

Enquanto sua mente se concentrava na tarefa de identificar o mistério do par de tênis, seu coração parecia preso às coisas que tinha descoberto sobre Chase aquela noite. Ele tinha visto os corpos dos pais num necrotério e isso ainda o entristecia. De vez em quando ainda bebia cerveja gelada. Associava bolinhos de chuva com amor e estava hospedado em Shadow Falls apenas para ficar mais perto dela.

Ela se lembrou de ter segurado a mão dele, oferecendo apoio emocional depois de ele contar por que tinha saído às pressas do necrotério. Lembrou-se de acordar na cama ao lado dele, sentindo-se muito feliz por ele estar vivo. Lembrou-se até de como se sentiu naquele breve segundo, quando ele colocou em sua boca aquela droga de isca de frango.

Então veio a lembrança de como ela tinha ficado feliz quando ele se sentiu envergonhado ao se ver de cueca diante de Holiday, mas não diante dela.

E esse último pensamento a levou a lembrar quanto ele ficava gato só de cueca. Toda aquela pele à mostra. Os músculos ondulando sob a pele.

Ah, mas que inferno!

Lembrar aquilo tudo fez despertar coisas que ela não queria que despertassem.

Pensou em Natasha e Liam. Ela apostava que aqueles dois já estavam só de roupas íntimas ou talvez nus, abraçados um ao outro.

Será que algum dia ela viveria isso... outra vez?

Respirou fundo e repetiu duas palavras em sua cabeça. *Agora não.*

Talvez.

Era possível.

Ela poderia, pelo menos, pensar na ideia depois que resolvesse o problema do pai.

E encontrasse os assassinos do senhor e da senhora Chi.

Quando confiasse que o que sentia era... real, e não apenas por causa do sangue partilhado.

Ela olhou para Chase. Ele olhou para ela. E sorriu.

Seu coração deu um salto.

Depois acelerou. Ela tinha sentido aquilo antes, antes de saber que ele ainda estava mentindo. Ela tinha até pensado em vestir *lingerie* preta...

Será que... ela podia confiar... podia confiar nele outra vez?

Então ela afastou o pensamento. Por que raios estava pensando naquilo?

Só duas semanas.

— Você tem um plano para amanhã? — perguntou Della.

— Um plano? — Ele falou como se estivesse perdido em seus próprios pensamentos.

— Para onde estamos indo, afinal? É melhor ver se conseguimos encontrar essa tal namorada dele ou ir verificar os endereços do Douglas Stone?

— Não pensei nisso ainda.

Ela tinha um palpite de que ele não tinha pensado porque, como ela, estava pensando em outras coisas.

Eles chegaram à trilha que levava à cabana dela, e ela começou a descê-la.

— Quer vir à minha casa para fazermos isso? — Chase perguntou. — Meu computador é dez vezes mais rápido do que o que está na sua cabana.

O pensamento de ficar a sós com ele — sem se preocupar com a possibilidade de Miranda ou Kylie aparecerem — parecia perigoso.

— Eu gosto do meu computador.

— Você gosta? — Ele parecia confuso.

— Sim — ela retrucou. — E se você tentar colocar comida na minha boca outra vez, vai se arrepender. — Ela continuou andando pela trilha.

Três minutos depois, Della estava no seu computador, na mesa pequena da cozinha. Fazia uma pesquisa sobre tênis caros de pele de cobra.

— Bingo! — Ela olhou para Chase em pé atrás dela. — São esses.

— Muito bem! — Ele parecia impressionado. — Agora faça uma pesquisa para descobrir onde eles são vendidos em Houston.

Quando ela digitou a pergunta, sentiu-o se inclinar para ver a tela do computador. Sua mão desceu até o encosto da cadeira dela e os nós dos dedos tocaram seu ombro. Um formigamento percorreu lentamente sua espinha, fazendo com que digitasse "Houston" errado três vezes.

Ela teria afastado a mão dele, mas se fizesse isso ele saberia. Saberia que seu toque fazia coisas malucas e maravilhosas na pele dela.

Por fim, ela digitou direito. Depois esperou até que o computador pesquisasse.

— Olha só, seu computador é lento. — As palavras dele agitaram o cabelo dela.

— Qual o problema em esperar mais alguns segundos? — No mesmo instante o computador apitou, anunciando um novo e-mail.

Ela ignorou e esperou que o computador concluísse a pesquisa.

Ele finalmente cuspiu as informações. Della empurrou para longe os pensamentos sobre o toque de Chase.

— Quatro lojas. — Ela olhou para trás com um sorriso. — E olhe! — Ela apontou para a tela. — Esta fica a um pouco mais de um quilômetro do parque onde os assassinatos aconteceram.

— Você quer ligar para Burnett? — perguntou Chase.

— Você faz isso — disse Della. — Eu vou anotar esses endereços para irmos amanhã.

Enquanto ela coletava dados do seu jurássico computador, escutou Chase colocar Burnett a par de tudo. Mais de uma vez, Chase deu a ela o crédito por encontrar a pista. Uma ou duas vezes, o sentiu olhando. Ela se virou para trás e descobriu que estava certa. Ele estava encostado na geladeira, parecendo super à vontade ali, com o celular no ouvido, mas os olhos colados nela.

— Você conseguiu alguma coisa sobre a gangue ou o número que Sam lhe deu? — perguntou Chase.

Della ouviu a resposta de Burnett.

— Ainda não.

Virando-se, ela copiou o resto dos endereços num documento do Word e imprimiu. Enquanto esperava que o computador acionasse a impressora, deu uma olhada no e-mail para ver se era da irmã.

Chase desligou o telefone e ela ouviu seus passos se aproximando. Ele se inclinou por cima do ombro dela.

— Burnett pediu para enviarmos uma lista das lojas por e-mail.

Enquanto ela abria a janela de um novo e-mail e copiava e colava a informação para enviá-la a Burnett, sentiu Chase respirando em seu pescoço outra vez. O suave fluxo de ar da sua respiração fez sua mente rodopiar.

Della apertou a tecla "enviar". Ou tentou. O computador tinha que pensar sobre isso também. Tentando não reagir à proximidade de Chase, ela olhou para a tela sem ver nada. Então o sentiu chegar mais perto e respirar fundo.

— Você está cheirando o meu cabelo? — ela perguntou, esperando que seu tom parecesse irritado, embora naquele momento a única coisa que a irritava era a sua falta de irritação.

Na sua cabeça, viu Liam afastar o cabelo de Natasha e beijar seu pescoço.

— Sim — respondeu Chase, seu sorriso complementando aquela única palavra.

— Então pare — disse ela.

— Mas ele tem um cheiro tão bom...

Ela o sentiu afastar seu cabelo para um lado, assim como Liam tinha feito com Natasha. O toque de seus dedos parecia plumas.

— E seu cabelo é tão macio.

Ele apertou os lábios contra a parte de trás do pescoço dela.

— Sua pele tem um gosto... doce.

Ela fechou os olhos.

— Acho melhor... você parar.

— Você acha? — perguntou ele. — Mas e se eu fizer isso em vez de parar?

Seus lábios se moveram para beijar a lateral do pescoço dela, enviando todos os tipos de arrepios maravilhosos pelas suas costas, braços, seios e outras partes ainda mais para baixo.

— Pare! — disse ela, um pouco mais firme.

Ele parou, mas não se afastou.

— Por que, Della?

— Eu não estou pronta para isso. Ainda estou... — *Eu vesti lingerie preta para você da última vez e veja o que aconteceu.*

Ele se afastou. Algo na rapidez com que fez isso, pareceu... errado. Ela olhou por cima do ombro.

— Não está pronta? Por causa dele?

Ela apenas olhou para Chase.

— O quê?

— Ele quer falar com você — disse Chase.

— Do que está falando?

— Do e-mail. Esse maldito e-mail! Olhe para a tela — ele disse com irritação. — Você tem três e-mails de Steve. Todos com a mesma linha de assunto. "Precisamos conversar." Que raios ele precisa falar com você?

Ela franziu a testa, olhou para o computador e clicou para sair da tela.

— Ah, mas que inferno! — disse ele. — Vejo você depois. — Ele começou a se dirigir para a porta.

Della deixou-o chegar lá para falar.

— Não.

Ele se virou.

Seus olhos verdes brilhantes expressavam raiva.

— Não o quê, Della?

— Não aja assim — disse ela.

— Assim como? — ele perguntou.

— Como... como se eu estivesse fazendo algo errado. Como... se você estivesse com ciúme. — *Como se tivesse o direito de estar com ciúme.*

— Eu não estou com ciúme — disse ele e ergueu os braços atrás da cabeça, exibindo os músculos dos braços.

Ela ficou tão entretida com os músculos que quase não percebeu o pequeno soluço do coração dele, denunciando a mentira. E ela não queria ouvir. Porque essa era a primeira vez que ela ouvia o coração dele saltar por causa de uma mentira.

Quer dizer então que às vezes Chase não conseguia esconder a verdade. Ela gostou de saber isso.

Chase deve ter sentido ou ouvido o próprio coração saltar, porque sua expressão mudou.

— Ok, estou com ciúme. Mas como você se sentiria se fosse o contrário?

— Ao contrário? — ela perguntou.

— Como você se sentiria se eu lhe dissesse que Cindy está me ligando e pedindo para eu me encontrar com ela?

Ela se levantou e, antes que pudesse evitar, disse:

— Depende. Quem é Cindy?

— Ela não é ninguém. Apenas um nome, apenas o nome de uma garota. Uma garota que me quer pelo meu corpo.

Por alguma razão aquilo lhe pareceu muito engraçado. Ela sentiu os próprios lábios se repuxarem num sorriso.

— Quer dizer que existem garotas que o querem pelo seu corpo? — *Não que eu as culpe.*

Ele olhou para Della por alguns segundos e ela viu a raiva se desvanecer de seus olhos.

— Claro que sim. Olhe para mim.

Uma risada escapou dos lábios dela.

— Você não acha que tem um ego grande demais?

— Não — ele disse, sorrindo, mas então suspirou. — Só tenho um problema, Della. — Ele se aproximou e parou bem na frente dela. Olhou dentro dos seus olhos. — Eu quero te tocar. Eu quero... o que Natasha e Liam têm. Eu quero te beijar quando tiver vontade de beijar, quero checar e me certificar de que você está usando a calcinha do dia certo da semana, quero fazer amor com você, quero acordar com você na cama, como acordei esta manhã. Você tem alguma ideia de como isso foi bom?

Ela desviou o olhar e, em seu coração, ouviu aquelas duas palavras que já tinha ouvido antes. *Agora não.*

Ela olhou para ele.

— Agora não.

— Por quê? Por que não agora? Se não é Steve, então é o quê?

— Porque eu não confio...

— Caramba! — Ele ergueu as mãos, cheio de frustração. — Eu fiz tudo que podia para te mostrar que... que você pode confiar em mim. Eu saí do Conselho, respondi a todas as

suas perguntas. Não menti. Nem uma vez, Della.

— Não é em você que não confio. — No momento em que ela disse isso, soube que não era cem por cento verdade e seu coração a denunciou. — Talvez seja você um pouco, mas é principalmente nisso que eu não confio. — Seu coração não discordou dessa afirmação.

Ele balançou a cabeça como se estivesse perplexo.

— Nisso. — Ela acenou com a mão entre eles.

— Você está se referindo a quê?

— Nesse... sentimento. Os calafrios. As emoções. E o medo. Tudo isso, Chase. Você me dá o seu sangue e de repente eu fico obcecada por você. Como você sabe que tudo isso é real? E se acordar um dia e não sentir mais nada?

— Você não confia no amor?

Della sacudiu a cabeça.

— Claro que não, eu não confio no amor. O amor me fez tomar muito pontapé na bunda para eu poder confiar nele.

— Você não pode...

— Sim, eu posso — ela retrucou. — Posso fazer o que eu quiser. — Seu peito parecia pesado, dolorido. — Mas nós não estamos falando de amor, Chase. Por que você está jogando mais lenha na fogueira? Estamos falando de um vínculo. Uma reação química. Algo que ninguém pode nem mesmo definir e que acontece quando um Renascido doa sangue para outro Renascido. Isso não acontece há tanto tempo assim para que se possa saber se esse vínculo de fato é duradouro.

— Della, eu sei... — Ele parou de falar e acenou para a porta.

— Não, você não sabe.

Ele colocou a mão nos lábios.

Della ouviu um baque na varanda.

Burnett entrou.

— Eu disse para me enviar os nomes...

Seu olhar oscilou de Chase para Della.

— O que está acontecendo?

— Nada — ambos disseram ao mesmo tempo e, em seguida, o som de dois corações pulando batidas soou no ar.

Burnett apenas levantou uma sobrancelha.

— Ok. Mas podem me dar os nomes das lojas que vendem aqueles tênis caros?

— Eu já enviei. — Della checou o computador. Foi então que ela viu que o e-mail não tinha sido enviado. — Estou enviando agora.

Della ouviu mais alguns passos na trilha lá fora.

Então a voz de Miranda se fez ouvir.

Burnett se virou e saiu.

Kylie e Miranda entraram.

Todo mundo só olhou para todo mundo e tudo ficou ainda mais complicado.

Kylie e Miranda deram de ombros uma para a outra, como se estivessem concordando que algo não estava parecendo muito bem.

Céus! Claro que não estava.

— Ãh, bem, acho que vejo você, então, pela manhã — disse Chase para Della. — Às sete?

— Tchau! — ela retrucou, seu peito tão apertado que sentia como se o coração fosse rachar ao meio.

Esperou até que ele estivesse fora do alcance da voz e, em seguida, virou-se para suas duas melhores amigas, que estavam lá esperando pacientemente por uma explicação. Uma explicação que elas não iriam obter.

— Vou para a cama. Não quero ficar choramingando. Não quero um refrigerante diet. Não quero explicar o que aconteceu ou por que sinto como se uma fada maluca tivesse entrado aqui e deixado tudo de pernas para o ar.

Ela quase tinha chegado à porta quando Miranda falou.

— Mas eu queria perguntar sobre Perry. Você falou com ele hoje à noite? Ainda acha que eu deveria sair com Shawn? Não podemos apenas falar sobre isso?

A voz chorosa da amiga tocou o coração de Della. Ela se virou. Toda a culpa que tinha sentido quando falou com Perry voltou a borbulhar dentro dela.

— Sim, falei com ele, e não!

— Não o quê? — perguntou Miranda.

— Não, eu não vou falar sobre isso. Aliás, me desculpe por eu ter te dado algum conselho sobre Perry ou Shawn. Não me ouça. Nunca me escute! Nunca! Nunca! Nunca! — Ela moveu os braços para cima e para baixo, sentindo como se fosse um pássaro tentando voar, mas não conseguindo se conter.

— Por quê? — perguntou Miranda, olhando para Della como se ela tivesse perdido o juízo. E talvez tivesse mesmo.

— Porque é melhor — Della rebateu.

— Isso não é explicação. Você é uma das minhas melhores amigas. Por que eu não deveria ouvir você?

— Porque eu sou uma idiota — Della despejou. — Se algum conselho sair desta boca — ela apontou para os próprios lábios —, não escute. Basta virar as costas e ir embora. Correndo. A toda velocidade. Porque eu não sei nada sobre amor, ou sobre romance, ou sobre a diferença entre uma ligação e amor. Sou uma sem noção! Sem noção! — ela repetiu.

Della deu dois passos e, em seguida, meia-volta.

— E... estou mudando de xampu, por isso o meu cabelo não cheira assim tão... e... Cindy, se ela quer o corpo dele, que fique com ele!

Ela entrou no quarto pisando duro e bateu a porta.

Infelizmente, bateu com força demais e a porta saiu das dobradiças, desabando no chão de madeira.

Rosnando, ela se virou, encaixou a porta no batente, em seguida se deixou cair na cama, afundando o rosto no travesseiro.

— Quem é Cindy? — ela ouviu Miranda perguntar.

Della gemeu e puxou o travesseiro sobre a cabeça.

— Não faço a menor ideia. — A voz de Kylie ainda conseguiu atravessar a espuma do travesseiro.

— Devemos tentar falar com ela? — perguntou Miranda.

— Não — disse Kylie. — Acho que ela só precisa ficar sozinha e pensar.

E, como Della já estava sozinha no quarto, foi justamente isso que ela fez nas horas seguintes. Pensar.

Capítulo Trinta e Um

Ela ainda não confiava nele. Chase rolou na cama pela quinta vez e tentou arrumar o travesseiro para acomodar melhor a cabeça. Não conseguia dormir. O travesseiro cheirava a Della e ele se lembrou de acordar e vê-la ali, pertinho dele. Ele atirou o travesseiro do outro lado do quarto. Rolou na cama outra vez, apenas para perceber que o maldito colchão cheirava a Della também. Passou a mão sobre ele, no lugar onde ela tinha dormido ao lado dele, enquanto estava inconsciente.

Respirando fundo, ele correu a palma da mão pelo rosto, apenas para perceber que até a mão dele cheirava a ela.

Com nitidez ele se lembrou de que ela sustentara o seu peso durante a caminhada até sua cabana. Embora o apoio emocional que ela havia lhe dado tivesse sido maravilhoso, o fato de ele ter se descontrolado no necrotério fez com que se sentisse um fraco. E ele não queria que ela o visse assim.

Chase podia estar errado, mas queria ser forte por ela, queria estar sempre presente para que ela se apoiasse nele. Não que Della Tsang fosse alguém que costumasse se apoiar nos outros. Mas se isso um dia acontecesse, Chase queria que fosse nele.

Fazia quatro anos desde o... necrotério. Era de se pensar que ele tivesse superado.

Chase fechou os olhos e afastou as imagens da família na sala branca e fria, e evocou as imagens deles esquiando no Colorado. Seu pai beijando sua mãe. A mãe servindo bolinhos de chuva. A irmã rindo.

Tempos felizes.

Tentando manter os bons pensamentos para afugentar os ruins, ele se lembrou de como tinha se sentido ao assinar o contrato com a UPF naquele mesmo dia. Um passo em direção ao seu futuro. Sentando-se, acendeu a luz do abajur e pegou o crachá da UPF que Burnett lhe dera. Ele precisava voltar a se concentrar na investigação.

Pegou o celular. Era meia-noite. Um momento perfeito para falar com Leo. Ele encontrou o número de telefone do guarda.

— Pensei que você já tivesse apanhado o suficiente na Fossa do Inferno — respondeu Leo.

— Mas é um lugar tão encantador! — disse Chase com sarcasmo.

— Garoto, pensei que você já estava no bico do corvo. Não sei como saiu da sala com todos os membros no lugar.

— Gosto dos meus membros — disse Chase.

— É o que parece — disse Leo. — Se está querendo outra chance com Pope, vai ficar desapontado.

— Não estou — disse Chase. — Mas por que eu ficaria desapontado?

— Aquele filho de uma cadela bateu as botas. Outro lobisomem escapou noite passada.

— Ele matou outros prisioneiros também? — perguntou Chase.

— Não. Por alguma razão o tal lobisomem teve uma briga com Pope.

Chase armazenou a informação para examinar mais tarde.

— Olha, eu estava meio grogue quando deixei a prisão aquela noite. Tem certeza de que foi com Kirk que você falou sobre Stone?

— Foi Kirk que veio buscar você, não foi? — perguntou Leo.

— Sim.

— Bem, agora que você falou sobre isso, estou lembrando que não foi ele, foi o velhote.

— Powell? — perguntou Chase.

— É. O cara mais velho.

Chase se sentiu mais aliviado quando soube que não tinha sido Kirk, um bom amigo de Eddie.

A primeira coisa que Della fez na manhã seguinte foi ligar o computador, checar seus e-mails e enviar uma mensagem para Steve.

Simples. Breve. Duas palavras.

Agora não!

Enquanto Della estava tentando colocar a porta do quarto de volta nas dobradiças, Kylie entrou, parecendo sonolenta no seu pijama cor-de-rosa.

— Quer ajuda? — perguntou a camaleão.

— Se não se importa — disse Della, e no mesmo instante se sentiu mal por ter sido ríspida com as amigas.

— Pronto — disse Kylie, pegando a porta. — Vou segurá-la enquanto você coloca o parafuso no lugar.

Em alguns segundos, a porta estava de pé. E como só uma das dobradiças tinha de fato quebrado, embora não fechasse direito, pelo menos a porta não parecia danificada.

— Você está bem? — perguntou Kylie, assim como Della sabia que ela perguntaria.

— Não, mas estou me acostumando a fingir — ela respondeu. — E ouvi Chase se aproximando da cabana, então não tenho tempo para refletir sobre a minha desgraça.

— Vocês vão tomar o café da manhã juntos? — perguntou Kylie. — Você acordou cedo.

— Não, vou faltar nas aulas para ajudar no caso do meu pai. — Ela suspirou. — Eles marcaram o julgamento para daqui duas semanas. Menos de duas semanas agora. —

Dizer isso fez com que o ar fugisse dos seus pulmões. E se eles não conseguissem descobrir nada? E se ele realmente fosse condenado?

— Sinto muito — lamentou Kylie. — Talvez à noite a gente possa pegar umas Cocas e ter uma conversa.

— Talvez — respondeu Della, em voz baixa, ouvindo Chase se aproximar. — Ainda estou tentando descobrir o que sinto com relação a tudo isso, e não sei se consigo explicar sem surtar como na noite passada.

Kylie reprimiu um sorriso.

— Bem, foi divertido assistir ao seu surto.

— Nem me lembre. — Della começou a abrir a porta.

Com a maçaneta ainda na mão, viu Chase no primeiro degrau da varanda, as costas largas iluminadas pelo sol da manhã.

Em vez do jeans e da camiseta que ela estava acostumada a vê-lo vestir, ele estava com um terno preto e uma camisa azul-clara de cambraia, tudo caindo muito bem nele. Lembrava até um daqueles modelos sexys dos comerciais de roupa masculina.

Então, por algum motivo inexplicável, o traje impecável de Chase a fez se lembrar de coisas que ela provavelmente iria perder nesta vida. Coisas que tinha perdido para sempre quando deixara o mundo humano para trás. Coisas como bailes de formatura ou aquelas valsas bobinhas. Pôr um vestido longo e posar para aquelas fotos idiotas em frente a alguma parede de flores.

Ela não tinha pensado que queria aquelas coisas, mas ao ver Chase tão elegante em seu terno, desejou que ainda tivesse a opção de tê-las, se quisesse. Desejou que não fosse errado querer passar os dedos sob aquele paletó e sentir os músculos do abdômen de Chase. Desejava que o julgamento de seu pai não a impedisse de encontrar algo próximo à felicidade.

Depois de outra olhada de cima a baixo no homem de terno, ela se sentiu muito malvestida em seu jeans e blusa azul de decote canoa. Ainda parada com a porta aberta, quase voltou correndo e trocou o jeans por calças pretas.

— Você não vai sair sem me dizer quem é Cindy! — Miranda gritou do seu quarto.

Ok, nada de errado com o jeans.

Della fechou a porta com um pouco mais de força do que o necessário. E se o sorriso satisfeito de Chase e a sobrancelha arqueada fossem uma indicação, ele tinha ouvido a bruxa.

Era um belo começo para o seu dia!

Cindy? Então Della tinha mencionado a conversa com a amiga, hein? Pelo pouco que sabia sobre as garotas e suas amigas, ser citado numa conversa era muito melhor do que não ser.

Razão pela qual ele estava chateado com o fato de ela ter mencionado Steve na conversa com a amiga humana.

Ele se esforçou para deixar esse pensamento de lado e decidiu focar o positivo e não o seu ciúme idiota. Iria passar o dia inteiro com Della.

O positivo também era sua conclusão final sobre o que ela dissera na noite passada. Ouviu a voz dela em sua cabeça: *Nós não estamos falando de amor, Chase*. Ele planejava conversar com ela sobre isso, também.

Ele a observou parada na porta numa espécie de estupor e o jeito como olhava para ele. Estava se sentindo meio ridículo vestindo um terno, mas o olhar apreciativo de Della mudou isso.

— Bom dia! — disse ele, sentindo-se um pouquinho mais confiante.

— Dia — disse ela, sem dúvida deixando propositalmente de fora a palavra "bom".

— Não vai dizer nada? — ele perguntou.

— Sobre?

— O meu terno?

— Combina com você — disse ela.

Ele quase riu.

— Burnett quer nos ver em seu escritório antes de sairmos. — Ele esperou até que ela chegasse nos degraus.

— Será que tem novidades?

— Disse que não tem nada de muito revelador.

Franzindo a testa, ela fechou a porta e desceu os degraus, o tempo todo se esforçando muito para ignorá-lo — e, sim, ele tinha reparado que ela estava de fato ignorando-o. E enquanto fazia isso, se esforçava muito para analisá-la sem que parecesse óbvio.

Na mesma hora ele notou o tom arroxeado em volta dos olhos dela. Aquelas discretas meias-luas estavam quase escondidas pelos longos cílios inferiores, mas ele havia notado. E ele a conhecia o suficiente para saber que eram um sinal claro de uma noite insone.

Ele com certeza não havia dormido muito melhor, mas não tinha olheiras como ela.

Será que ela tinha pensando nele?

— Eu trouxe o endereço das lojas — disse Della.

— Acho que é sobre isso que Burnett quer falar — disse Chase, temendo um pouco ter de contar a ele sobre Pope e o que tinha descoberto.

Quando chegaram ao escritório, Chase apressou os passos e abriu a porta para Della.

Ela revirou os olhos para o gesto de cavalheirismo.

— Por favor, não comece a fingir que é um cavalheiro só porque está vestindo um terno.

— Quando foi que não me comportei como um cavalheiro?

— A primeira coisa que me vem à mente é aquele dia em que você escalou o cubículo do banheiro feminino quando eu estava sentada no vaso. Mas só me dê uns minutinhos e eu tenho certeza de que vou poder te dar uma lista das dez melhores.

Ele riu.

— Você tem uma memória de elefante. — Ele entrou na cabana.

— E você tem os modos de um babuíno — ela respondeu.

— O zoológico está chegando! — a voz de Burnett vibrou de dentro do escritório de Holiday.

Della franziu a testa. Reprimindo um sorriso, Chase a seguiu até o escritório. Holiday, sentada em sua mesa, cumprimentou-o com a cabeça e Chase sentiu seus músculos se contraírem. Desde que ela o tinha ameaçado, ou melhor, ameaçado suas partes íntimas, ele a tinha evitado. Burnett se sentou na beirada da mesa com a filha nos braços.

O bebê soltou um gritinho quando eles entraram e estendeu os braços.

— Acho que alguém quer você. — Burnett estendeu a criança em direção a Della.

Della pegou o bebê do colo de Burnett.

— Ela tem bom gosto.

Certo, então a criança gritou outra vez e estendeu os braços para Chase.

— Tem razão — disse Chase e riu.

— Retiro o que disse — Della murmurou.

Holiday riu.

— Você parece... sexy, Chase.

— Você disse o quê, Holiday? — protestou Burnett, de brincadeira.

— Obrigado — disse Chase, seu mal-estar diminuindo. — E ele cai bem, também. — Ele lançou a Della uma rápida olhada.

— Tome. — Della estendeu o bebê. Chase deu um passo para trás.

— Eu não saberia segurar isso.

— Isso? — disse Della e Holiday ao mesmo tempo.

— Quero dizer "ela".

Della fez uma careta para ele e, em seguida, virou-se para Burnett. A criança olhou para o pai e começou a agitar os bracinhos.

— *Papa papa.*

— Ouviram isso? — Burnett abriu o maior sorriso de que Chase se lembrava. — Ela está dizendo papai.

— Ela só está fazendo sons — disse Holiday.

— Você só está com ciúme, ela disse papai antes de mamãe.

— Não estou — disse Holiday, mas ela de fato parecia estar. — Não parecia "papai", não é? — Ela olhou para Chase.

— Não... Eu não... Eu acho que não.

— Está vendo? — Holiday riu.

— Não quero tirar os holofotes da nossa princesinha aqui, mas... — Della focou em Burnett e ajeitou a criança nos quadris. Apesar de parecer insegura, a facilidade com que ela lidou com o bebê surpreendeu Chase. Ela continuou: — Você conseguiu alguma coisa no bar?

Chase observou o sorriso nos olhos de Burnett esmorecer.

— O número que Sam nos deu é de um telefone descartável. Ninguém atendeu.

— Será que ele sabe que Sam foi pego? — perguntou Della.

— Não sabemos, mas é uma possibilidade.

— E eu suponho que ele não tenha aparecido no bar também, certo? — perguntou Della, seu tom espelhando as frustrações de Chase.

— Ele não apareceu, mas fizemos algumas perguntas por ali e confirmaram a história de Sam.

— A gangue? — perguntou Chase. — Você tem alguma coisa?

— Ainda estamos confirmando algumas coisas — disse Burnett. — Os boatos que correm nas ruas é os de que a gangue é nova por aqui. Mas tem raízes na França. A maioria dos membros é uma mistura de espécies, o que significa que seus poderes são limitados, por isso não a estamos considerando uma grande ameaça neste momento.

O contato visual direto de Burnett com ele parecia dizer que o líder do acampamento não estava preocupado por Chase estar morando em Shadow Falls. Chase não tinha certeza se concordava.

— Então Sam era um membro? — perguntou Della.

— Não, mas Stone poderia estar tentando recrutá-lo. — O celular de Burnett apitou; ele verificou e, em seguida, olhou para a frente. — Eu preciso resolver algo esta manhã, mas queria ir com vocês às lojas de calçados. Então confiram alguns desses endereços e vejam se conseguem falar com a namorada de Stone. Vamos nos encontrar em algum lugar para verificar as lojas de tênis juntos mais tarde.

— Entendi — disse Chase.

Della entregou o bebê a Burnett.

Burnett pegou a criança, fazendo a tarefa de segurar algo tão pequeno e frágil parecer fácil.

— E lembrem-se, ao menor sinal de perigo, quero vocês dois batendo em retirada e ligando para mim.

— Estamos sabendo — disse Della.

Burnett franziu a testa.

— E não façam nenhuma merda que eu tenha de limpar depois.

— Não se preocupe — disse Chase.

— Certo — disse Burnett. — E no caso de vocês não saberem, quando digo "merda" quero dizer: sem cometer nenhuma invasão, sem transgredir nenhuma lei, sem truculência. — Ele olhou para Chase. — Você está com o seu crachá?

Chase assentiu.

— Tudo que vocês fizerem se reflete depois em nós, sobrenaturais. Para todos os efeitos, vocês devem parecer seres humanos. Nada de pular edifícios altos ou levantar carros. Mantenham as presas fora de vista. Entenderam?

— Sim. — Chase ressentia-se da insinuação de que ele poderia pôr tudo a perder, mas sabia que era melhor não discutir. Então ele se lembrou: — Falei com Leo na noite passada. O guarda da prisão.

— E então? — perguntou Burnett, e seus olhos se arregalaram de interesse.

— Ele disse que, depois de ver Kirk, quando ele veio me buscar, percebeu que o tinha confundido com um dos outros membros do Conselho. Powell.

— Então alguém está escondendo alguma coisa?

Chase fez que sim com a cabeça, tentando não se sentir como se estivesse traindo o Conselho. E ele não deveria se sentir assim, porque, se algum deles sabia sobre Stone, eles é que haviam traído Eddie.

— Me deixe perguntar uma coisa — disse Burnett. — Já que você ainda tem contatos na prisão e alguns membros do Conselho, quais são as chances de fazê-los transferir Pope para uma das nossas instalações? Assim poderíamos interrogá-lo.

— Impossível — sentenciou Chase. — Leo me disse ontem à noite que Pope foi morto.

— Que conveniente — disse Burnett.

— Eu gostaria de poder discordar — disse Chase.

Burnett assentiu.

— Bem, vocês dois podem ir, mas estou falando sério: não façam nenhuma merda.

Hannah saltitava no colo de Burnett.

— *Meda. Meda. Meda*! — ela balbuciou.

Holiday olhou para o marido.

— Eu vou lavar a sua boca com sabão todos os dias durante um ano!

— Tchauzinho — disse Della, lançando a Burnett um sorriso de despedida e saindo da cabana. Chase estava bem atrás dela. Eles riram.

Assim que estavam fora do alcance da audição de Burnett, Della perguntou: — Você acha que eles mataram Pope porque ele falou com você?

— Eu... Eu suspeito que sim — disse Chase.

— Então o que você vai fazer?

— Ainda estou tentando descobrir — disse ele.

Capítulo Trinta e Dois

Quando chegaram ao Camaro de Chase, ele tirou as chaves do bolso.

— Quer dirigir?

Ele se lembrou dela dirigindo seu carro e sendo surpreendida em alta velocidade pelos policiais. A lembrança quase trouxe um sorriso aos seus lábios.

— Não, obrigada — disse Della, saltando para dentro do carro sem abrir a porta. Quase se sentou em cima de uma sacola plástica que estava no banco da frente.

Ela a tirou de debaixo do traseiro e, quando fez isso, uma embalagem com doze salsichas para cachorro-quente caiu no assoalho do carro.

— Para que isso? — perguntou quando ele se ajeitou atrás do volante.

— Ah, para o caso de termos problemas — disse ele.

— Que tipo de problema?

Ele ignorou a pergunta.

— Você se importa se eu baixar a capota? Ou não quer despentear o cabelo? — Quando ela não respondeu, ele acrescentou: — Eu ainda tenho aquelas coisinhas de cabelo no porta-luvas.

Ela fez uma careta e deixou as salsichas no assoalho do carro.

— Eu não me importo com o meu cabelo.

Ele girou a chave na ignição, reclinou-se um pouco no banco, em seguida olhou para ela.

— Fale a verdade.

— Sobre o quê? — ela perguntou.

— Você se importa. E eu não estou me referindo ao seu cabelo. — Chase ergueu a mão e, antes que ela pudesse argumentar, ele continuou: — Eu sei, ouvi tudo o que você disse ontem à noite. Sobre você não pensar que isso é real ou que não é amor. Mas, depois que eu saí, percebi o que mais você disse.

As sobrancelhas dela se juntaram.

— O que mais eu disse?

Ele estendeu a mão entre os assentos e pegou os óculos de sol. Depois de colocá-los, voltou a olhar para ela.

— O que mais você disse? Ah, sim: os calafrios, as emoções. Então falou algo sobre ficar obcecada por mim.

Ele deslizou os óculos para baixo e olhou para ela por cima das lentes.

Os olhos arregalados e a boca entreaberta lhe diziam que ela estava à procura de uma resposta, mas não conseguia encontrar. Incrível! Della sempre tinha uma resposta na ponta da língua. Ele adorava isso nela.

Chase continuou:

— Eu só quero que você saiba que para mim tudo bem. É um bom começo. E sei disso porque sinto a mesma coisa. A diferença entre você e eu é que eu sei que a coisa é real.

Ela ainda não disse nada, então ele continuou:

— Com certeza porque eu não fui muito sincero com você no começo. Você precisa de tempo para confiar nisso, para confiar no amor, e para confiar em mim, e eu entendo. E vou estar aqui quando você finalmente confiar. — Ele empurrou os óculos para cima e ligou o carro.

Quarenta e cinco minutos depois, eles estacionaram na frente da primeira casa da lista de residências de Stones. Della olhou ao redor. Era uma casa não muito bonita num bairro não muito elegante. Um cão, que parecia ser um cruzamento de pit bull com diabo-da-tasmânia, estava acorrentado a um cano cravado no chão.

Chase olhou para ela.

— Eu estava me referindo a este tipo de problema.

Della se lembrou da embalagem de salsichas e não pôde deixar de sorrir. Então olhou em volta. A casa ao lado tinha uma placa com a inscrição CONDENADA no quintal. Ela olhou para os dois lados da rua. O lugar parecia um ótimo local para um laboratório de metanfetamina. Mas será que era um bom lugar para um vampiro foragido? Bem provável. Ela com certeza esperava que sim.

Só faltavam duas semanas.

Quando Chase desligou o motor, o cão se levantou e deixou escapar um rosnado baixo e grave.

— É do tipo amigável — disse Della, percebendo que Chase poderia dizer a mesma coisa sobre ela. Eles não tinham conversado desde a saída do estacionamento. O que ela poderia dizer? Ah, queria muito dizer que ele era tão esperto e inteligente que as suas mentiras saíam da sua boca sem que ele precisasse fazer muito esforço. Queria acusá-lo de pensar que parecia muito sexy naquele terno preto e de óculos escuros. Mas ele de fato parecia sexy, e ela o conhecia bem o suficiente para saber que estava sendo sincero. Só que a resposta era... *Agora não*. E ela repetiu isso para si mesma.

— Pegue as salsichas — pediu ele.

— Você vai tentar passar dando salsichas a ele? — Della perguntou.

— Isso é melhor do que o que eu dei a ele três semanas atrás.

— O que você deu a ele? — perguntou ela.

— Uma mordida na minha bunda. — Ele riu. — Achei que poderia esfregar a barriga dele e fazer amizade.

— Ele mordeu você? — Della não pode deixar de rir.

— Não a ponto de machucar muito — disse Chase e estendeu a mão atrás para tocar a bunda.

Eles saíram do carro.

— Então esta casa pertence a um dos Stones que você já investigou? — ela perguntou, sentindo o cheiro de lixo e vendo dois latões de metal transbordando na varanda da frente.

— Sim.

— Lembre, Burnett já excluiu esta daqui da lista e acha que deveríamos passar para a nova lista de Stones.

— Ele também disse para eu seguir meus instintos. Sinto que posso ter deixado de notar alguma coisa. Quero dar uma volta por aí, só para ter certeza.

O cachorro latiu, chamando a sua atenção outra vez. O animal raspou o solo como um touro pronto para atacar. Então investiu contra eles.

Os lábios arreganhados, os dentes expostos; o pelo na parte do pescoço arrepiado e a baba escorrendo pelas bochechas. Ele chegou mais perto. Então mais perto ainda.

Merda! Quantos metros tinha aquela corrente?

Della estava prestes a dar um rápido passo para trás quando Chase disse: — Tudo bem.

Então, infelizmente, ou felizmente, dependendo do lado em que se estava, quando estava a cerca de trinta centímetros o totó chegou ao final da corrente. Quando alcançou o limite, foi puxado com tudo para trás e aterrissou com um baque no chão. Ele não ficou ali por muito tempo.

— Acho que ele deve ser resultado de um cruzamento maluco entre raças — disse Chase.

— Coitado — disse ela com sinceridade. A maioria dos animais agressivos era assim devido à forma como os donos os tratavam.

— Abra a embalagem de salsichas.

— Por que não voamos simplesmente por cima dele até a varanda? Não tem ninguém em casa. — Ela acenou com a mão, indicando os arredores da casa.

— Por duas razões — disse ele. — Uma é que devemos parecer humanos, lembra?

— Eu não acho que Burnett quis dizer...

— A segunda... — ele interrompeu — é que a corrente chega até a porta. Como você acha que ele conseguiu morder a minha bunda? — Ele esfregou o traseiro. — Eis o que vamos fazer. Você vai jogar as salsichas e, enquanto ele estiver mastigando, eu vou arrancar aquele cano do chão e reposicioná-lo para que a corrente não chegue até a varanda.

— E se ele não estiver interessado nas salsichas?

— Então vou tentar fazer um carinho na barriga dele outra vez. — Ele sorriu. — Sei como fazer um carinho. Basta perguntar a Baxter. A qualquer hora que você precisar...

— Minha barriga não precisa do seu carinho. — Ela atirou metade de uma salsicha e, em seguida, olhou para Chase. — Não deixe que ele te morda.

— Vou tentar. — Chase decolou. Em tempo recorde, puxou o cano de metal do chão e chegou mais perto do cão para reposicioná-lo.

O cão, percebendo o movimento da corrente, voltou-se para Chase e rosnou. Della jogou outra salsicha.

O animal estava com tanta fome que esqueceu Chase e foi à caça do seu lanchinho.

Chase cravou o cano de metal no chão.

— Feito. — Ele virou de costas.

Della jogou o resto das salsichas para o animal faminto e em seguida atravessou o quintal até a varanda. Na porta da frente, pendurada num ângulo torto, havia uma placa: SE O MEU CÃO ENCRENCA NÃO FOR CAPAZ DE ASSUSTAR VOCÊ, MINHA ESPINGARDA É.

Ela olhou para Chase.

— Você acha que poderia fazer carinho na barriga dessa espingarda também? Já dei todas as salsichas para o Encrenquinha ali — ela sussurrou.

Ele sorriu.

— Você falou mesmo com alguém da última vez que veio aqui?

— Sim, um humano, com uns 60 anos, quase tão "amigável" quanto o cão. Quando perguntei se ele era Douglas Stone, disse que não e que estava apenas passando uns tempos aqui com um amigo. Ele estava mentindo. Só não sei se mentiu sobre o seu nome ou sobre ficar aqui com um amigo. Ou as duas coisas.

Della respirou fundo para ver se sentia algum rastro de vampiro. Ela não sentiu nada, mas, com o fedor intenso do lixo, o cheiro poderia não ser detectado.

Chase inclinou a cabeça para o lado, apurando os ouvidos para ver se havia alguém dentro da casa. Della fez o mesmo.

— Dá pra ouvir uma TV ligada num cômodo nos fundos — disse Chase.

Della sentiu um frêmito de emoção percorrê-la. Se fosse Douglas Stone, o calvário de seu pai poderia acabar ali.

— Você quer bater na porta enquanto dou a volta até os fundos, para o caso de ele tentar fugir? — ela perguntou.

— Não, se ele tentar fugir por trás, você vai para a esquerda e eu vou para a direita.

Ela olhou para o olho mágico no meio da porta.

— Se for o mesmo cara, talvez não atenda. Por que você não fica longe e me deixa falar com ele? Se eu conseguir fazê-lo dizer que seu nome é Douglas Stone, vamos saber que é

o nosso cara, certo?

— Tudo bem. — Chase foi até uma janela perto da porta e espiou lá dentro. Então olhou para ela. — Eu posso ver a porta de entrada daqui. Se ele tiver uma espingarda mesmo, aviso pra você cair fora. E você faz o que eu mandar.

— Acha mesmo que vou obedecer você? — ela perguntou com sarcasmo e, em seguida, fez sinal para ele se mover um pouco para trás. — Não deixe que ele te veja.

Della bateu na porta. E ficou ouvindo.

Quando ninguém respondeu, ela bateu outra vez.

— Que é, droga? — alguém gritou lá de dentro.

Capítulo Trinta e Três

Chase ficou bem perto do parapeito da janela, esperando poder ver o dono da casa, sem que este pudesse vê-lo.

— Ele está vindo — disse Chase quase num sussurro. — Não está armado.

Chase apertou os olhos para enxergar o padrão do sujeito em sua testa.

— Humano. — Chase tinha certeza de que era o mesmo cara com quem tinha falado antes.

— Cai fora daqui! — o homem gritou, mas continuou andando em direção à porta.

— Só preciso de alguns minutos do seu tempo — gritou Della, e Chase notou que ela tinha acrescentado um tom mais sedutor à voz.

— Quem é você? — O homem colou o olho no olho mágico da porta.

— Sou de uma empresa que reforma e vende imóveis, e queria perguntar sobre algumas casas desocupadas desta rua.

Puxa, Della conseguia inventar uma história bem rápido!

— Pode perguntar o que quiser — Chase ouviu o filho da mãe dizer e depois correr a mão pelo cabelo e murchar a barriga de cerveja, que parecia ter levado anos para crescer.

Ele abriu a porta. Chase chegou mais perto, para o caso de o cretino querer encostar um dedo em Della, mas ficou colado à parede, onde não poderia ser visto.

— Olá! — cumprimentou Della, assim que a porta se abriu. — Meu nome é Charlotte Nance. — Ela sorriu e inclinou a cabeça para o lado como um filhotinho fofo. — Estou interessada em alguns imóveis da rua e queria saber se o senhor poderia me dizer quem são os proprietários.

— Você parece muito jovem para já trabalhar no mercado imobiliário — comentou ele.

— Minha mãe diz que é bom começar cedo, porque já vou estar muito bem daqui a alguns anos.

— Sua mãe está certa, querida. Além disso, gosto de gente jovem.

Chase viu um músculo na bochecha de Della começar a se contrair. Algo lhe dizia que aquilo poderia significar problemas.

— Alguma dessas casas está à venda? — ela perguntou, ainda conseguindo manter o tom sedutor na voz.

— Bem, havia um casal de drogados que morava numa delas, mas acho que estavam alugando. Parece que se mudaram há uns dois meses. Ninguém sai nem mesmo para cortar a grama do quintal. A casa ao lado está condenada. Pegou fogo no ano passado e mais ninguém apareceu por lá.

O cachorro latiu e Chase viu o homem esticar a cabeça para fora, com certeza se perguntando por que o animal não estava fazendo seu trabalho.

— Você pode entrar, se quiser. Meu cachorro adora comer carne fresca como você no almoço. Eu, por outro lado, não mordo. Não com muita força, pelo menos.

Chase reprimiu o desejo de mostrar ao cara a força com que ele próprio podia morder. Della hesitou por um segundo. O músculo do rosto dela continuava a se contrair.

Ela colocou um sorriso no rosto, mas não era de verdade.

— O senhor é o dono da propriedade? Senhor... Me desculpe, não perguntei o seu nome.

— Stone — ele disse. — Mas me chame de Doug. Todas as minhas amigas me chamam assim.

Sim, Chase podia apostar que o cara tinha muitas "amigas".

— Ah, bem, deixa, então. Se o senhor não tem os nomes...

— Aposto que tenho no meu caderno de endereços. — Ele enfiou a cabeça para fora outra vez, mas por sorte não olhou na direção de Chase. — Você está sozinha, docinho?

Algo na pergunta colocou Chase em alerta. Ele quase saiu do seu esconderijo, mas Della lhe lançou um olhar enviesado e fez que não com a cabeça, disfarçadamente.

O homem estendeu a mão, mas Della se moveu mais rápido. Deu um passo para trás e a mão encardida dele não alcançou a dela por centímetros.

— Não se faça de difícil — disse o homem. — Pego umas cervejas na geladeira e poderia fazer negócio com a sua empresa.

— Desculpe. Tenho que encontrar uma casa para comprar. — Ela começou a se afastar, mas não muito rápido. Então lançou a Chase um olhar que dizia que ela tinha o controle da situação.

O idiota estendeu a mão para segurá-la. Della virou-se e, com uma subida rápida do joelho, fez o sujeito desmoronar de quatro no chão.

Sem truculência tinha sido a regra de Burnett. E não tinha sido um golpe truculento, apenas direto. O cara levantou-se, mas com as duas mãos protegendo as partes íntimas e a boca aberta, sem conseguir emitir nenhum som. Sem dúvida, ele ia cantar com voz de soprano por algum tempo.

— Desculpe — disse Della, com sarcasmo. — Acho que sou alérgica a tarados. Tenho contrações involuntárias no joelho sempre que encontro um por aí.

Eles voltaram para o carro, mantendo-se sempre fora do alcance do cão.

— Preciso me lembrar — disse Chase sorrindo — de nunca provocar nenhuma alergia em você.

— Tivemos muita sorte — disse Chase, vinte minutos depois, seguindo atrás de um carro até o interior de um condomínio fechado de apartamentos. Della olhou em volta. Não era nada de alto padrão, mas parecia um lugar decente. Ele estacionou bem atrás de um edifício e apertou um botão para levantar a capota.

— Só me dei conta de uma coisa agora — disse Chase.

— O quê? — perguntou Della, ainda examinando a área.

— Este apartamento é apenas a alguns quilômetros de onde Pope disse que a namorada de Stone morava.

— Portanto, este é outro Stone que você já visitou, certo?

— Sim. Passe esses arquivos que estão embaixo do seu assento. Não me lembro por que não o considerei suspeito. — Inclinando-se para a frente, ele olhou em volta. — Se bem me recordo, uma mulher atendeu à porta.

— E ela era humana? — Della perguntou ao puxar uma pasta de sob o assento.

— Era. — Ele pegou o arquivo e o abriu, começando a ler suas antigas anotações.

— Ok, eu me lembro agora. A mulher disse que o namorado tinha ido a uma loja comprar material para consertar um dos outros apartamentos. Comentou que ele era o faz-tudo do lugar. Não voltei porque não achei que alguém como Stone teria um emprego para se sustentar ou uma namorada humana.

— Então não vamos perder tempo aqui — disse ela.

Ele olhou ao redor outra vez.

— Talvez eu esteja errado. Mas meus instintos me dizem...

— O que os seus instintos lhe dizem?

— Está vendo aquilo? — Ele apontou para o edifício.

— O quê? — perguntou Della.

— Este lugar tem câmeras. — Ele olhou para Della. — Você se lembra do que Burnett disse? Que parecia um tiro no escuro, porque, se eu não senti o cheiro de Stone, como ele poderia saber que eu tinha vindo aqui?

— E é verdade? — ela disse, sem entender.

— Bem, se Stone tem acesso às câmeras, sua namorada não precisaria me reconhecer. Ele poderia apenas olhar a gravação.

— Tudo bem — disse Della. — Mas e a sua teoria de que ele não é do tipo que tem um trabalho de verdade? Isso me pareceu lógico. E quanto à namorada humana?

Ele olhou para Della e seus olhos se arregalaram, como se descobrisse algo.

— Lembra do interrogatório de Sam? Ele disse que ouviu dizer que Stone contratava os clientes para fazer o trabalho pesado por ele.

Ela assentiu com a cabeça.

— Bem, talvez consertar apartamentos seja o trabalho pesado. Olhe as vantagens. Stone consegue morar aqui de graça, tem uma câmera para ver quem entra e sai e

amigos em dificuldade para trabalhar para ele por nada. Ou talvez ele os deixe morar aqui de graça.

— É possível — disse ela, e bem nesse instante uma brisa fresca trouxe o cheiro de um lobisomem.

— Você sentiu esse cheiro? — ela perguntou e olhou em volta, sem ver ninguém.

— Sim. Lobisomem, mas não é forte — disse ele. — Talvez um mestiço. E talvez um membro da gangue dos Bastardos.

— Que apartamento é? — Della estendeu a mão para a maçaneta da porta, ansiosa para pegar o cara.

— Calminha aí — disse Chase.

— Por quê? — perguntou Della.

— Acho que a gente precisa avisar Burnett primeiro.

— Por quê? — ela repetiu.

— Se Stone estiver aqui, pode ser perigoso.

— Para ele, não para nós — disse Della.

— Não sabemos quantos amigos dele moram aqui.

— Só estamos sentindo um cheiro fraco.

— Outros lobisomens poderiam estar atrás dessas portas. Principalmente se forem mestiços. O cheiro deles pode ser indistinguível.

Ela franziu a testa.

— Burnett pode estar do outro lado da cidade. Não estou a fim de ficar sentada aqui e deixar esse cara fugir.

— Ele não vai fugir. Vamos esperar. — Chase tirou o celular do bolso.

Della ouviu quando Chase informou Burnett e deu o endereço, um pouco contrariada por ele não achar que podiam lidar com aquilo sozinhos.

— Tudo bem — disse Burnett. — Chego em dez minutos se não pegar trânsito. Vou ligar para mais alguns agentes e mandar que nos encontrem aí. Não fiquem fora do carro. E mantenha Della na coleira. Sei que ela está ansiosa para entrar.

O olhar de Chase deslocou-se para ela.

— Pode deixar. — Ele desligou.

Della olhou para ele.

— Ah, você acha que vai me manter na coleira, é isso?

— O que eu ia dizer a ele? — Chase deu de ombros.

— Talvez que não achasse que eu precisava de uma coleira.

— Ele só quer ter certeza de que você está segura.

— Desde quando você fica do lado de Burnett? Pensei que nem gostasse dele.

Chase suspirou.

— Ele acaba cativando a gente.

Della assentiu.

— É verdade, mas age como se eu não pudesse cuidar de mim mesma.

— Se ele de fato pensasse assim, não teria nem cogitado a ideia de torná-la uma agente.

— Se dependesse dele, eu não me tornaria mesmo.

Por um segundo, Chase desviou o olhar outra vez para os apartamentos.

— Ele perdeu uma agente que estava treinando. Parece que foi difícil para ele. Acho que se lembra dela quando olha pra você.

Della ficou ali parada, olhando para ele.

— Como você...? Ele te disse isso? — ela perguntou.

— Não que se lembra dela ao ver você, mas ele me contou sobre ela. E eu meio que percebi isso.

— Ele simplesmente contou isso a você?

Chase olhou para Della como se ela estivesse com ciúme. E, sim, talvez estivesse um pouco.

— Não é como se estivesse me fazendo confidências. Mas me falou, sim, do temperamento dele. Estava me passando o maior sermão porque eu tinha ido à prisão e me disse que tinha perdido uma agente que estava treinando e não pretendia perder outro.

Eles ficaram sentados ali no carro em silêncio por alguns minutos. Della pegou o celular e verificou seus e-mails para não deixar que o silêncio mexesse com seus nervos.

Mas, quando encontrou um e-mail da irmã, não sentiu mais que checar e-mails fosse algo que trouxesse alívio ao seu estresse. Decidiu não lê-lo. Seu novo lema de duas palavras funcionou bem neste caso também. *Agora não.*

Della colocou o aparelho no bolso. Então sentiu Chase observando-a.

— Pare — ela disse.

— Pare o quê?

— Não fique me encarando.

— Desculpe, só queria dizer... obrigado.

— Pelo quê?

— Pela noite passada. A coisa toda do necrotério.

O coração dela se apertou ao se lembrar.

— Ainda acho que Eddie deveria levar um tiro por levá-lo lá.

O silêncio encheu o carro.

— Ele não é má pessoa, Della.

— O que a esposa dele disse? Uma mulher saberia que não era a coisa certa a fazer.

— Não havia nenhuma esposa.

— Nunca houve? — ela perguntou. — Por quê? Ele é gay?

O queixo de Chase caiu.

— Não. Ele sai com garotas às vezes.

— Então é mulherengo.

— Não. Ele era casado. Disse que seu coração pertenceu a uma única mulher. E nunca levou nenhum outro relacionamento muito a sério.

— O que aconteceu com a esposa dele? — perguntou Della. — Ela o deixou?

Chase fez que não com a cabeça.

— Ela era pesquisadora da área médica como ele. Aconteceu uma explosão.

Della viu a expressão de Chase ficar mais séria.

— Sinto muito — disse.

— Eddie tinha acabado de sair do prédio. Acho que ele sentiu como se devesse ter morrido com ela.

— Isso é triste — disse Della.

— Sim — concordou ele. — Eles tinham uma ligação de sangue.

Della desviou o olhar, não querendo pensar nisso.

— Ele ainda assim não deveria ter deixado você ir ao necrotério.

— É a mesma coisa que ir a um funeral — disse ele. — Mas eu meio que entendo você. Não gosto do seu pai, também.

Ela olhou para Chase.

— Eu disse que ele nem sempre foi assim. Meu pai era um homem paciente, gentil e achava que eu era a menina dos olhos dele.

— Sinto muito — disse ele. — É só jeito de falar... — Ele soltou um profundo suspiro. — Só estou dizendo que me sinto protetor com relação a você, também. Como você em relação a Eddie.

Ela queria negar, mas não conseguiu. Lembrou que tinha ouvido o coração de Chase dar um salto na noite anterior, por ter mentido quando disse que não estava com ciúme.

— Você de fato não sabe onde Eddie está?

— Não. — Chase olhou para ela sem piscar, como se, deixando-a olhar no fundo dos seus olhos, ela pudesse ver a verdade ali.

— Dói saber que você ainda não acredita em mim.

— Eu não sei em que acreditar. — Por alguns instantes ela não disse nada. — Como você vai descobrir se alguém no Conselho sabe alguma coisa sobre Stone?

— Acho que vou falar com uma pessoa — disse ele e ainda parecia irritado.

Della hesitou.

— Você não acha... que eles podem ferir você, acha?

— Acho que não — disse ele. Mas não pareceu muito convincente aos olhos de Della.

Outro silêncio caiu como uma garoa no carro.

— Ei! — Chase por fim disse. — Sem dar na vista, olhe aquele cara saindo do apartamento dez... à sua direita. Consegue ler o padrão dele? — Chase levantou o nariz e

farejou.

Della virou a cabeça devagar.

— Acha que é Stone?

Capítulo Trinta e Quatro

Tomara que seja Stone! Tomara que seja Stone! Della afastou o cabelo do ombro, tentando parecer normal.

— Não, é muito jovem, mas pode ser um dos seus trabalhadores braçais — disse Chase.

Della o localizou. O sujeito tinha cabelo castanho, cerca de 20 anos e vestia jeans e camiseta preta. Mas estava longe demais para que ela pudesse verificar seu padrão.

— Ele está com uma caixa de ferramentas nas mãos.

— Eu sei — disse Chase.

Sem querer que ele a pegasse encarando, ela olhou ao redor por alguns segundos, para disfarçar. Mas, quando os passos dele o levaram para mais perto do carro, Della voltou a encará-lo.

— Mestiço de lobisomem — ela sussurrou e desviou os olhos, porque, se ela podia ler o padrão dele, ele também podia ler o dela. — Acha que ele pode sentir seu cheiro?

— Nem todos os lobisomens mestiços têm a capacidade de farejar rastros — disse Chase, mas, em seguida, murmurou: — Merda. Ele está vindo para cá.

Tudo o que Della viu foi Chase puxando-a para mais perto e colando os lábios nos dela.

— O que está fazendo? — perguntou Della quando a boca de Chase se fundiu com a dela.

— Assim ele não vai poder ler os nossos padrões. — Seus lábios continuaram a massagear os dela. — Além disso, foi você que me ensinou esse truque. No bar, lembra?

Ela preferia não se lembrar. Os passos na direção do carro ficaram mais próximos. Assim como os lábios de Chase.

— Me beije, Della. — Ele passou a língua pelo lábio inferior dela. — Não me obrigue a fazer todo o trabalho.

Ela abriu a boca. A língua dele deslizou por entre os lábios dela. Seu hálito tinha um gostinho de pasta de dentes, um gostinho de... Chase. E de algo muito proibido.

Ele passou a mão esquerda pelo cabelo dela e delicadamente sustentou sua cabeça. Com um puxão suave, ele a trouxe para mais perto. Ela parou de lutar contra ele e se deixou levar — para um lugar onde não havia nada além de doçura e possibilidades.

Um lugar em que aqueles passos quase não eram ouvidos.

Onde o limiar entre fingir um beijo e beijar de verdade ficava meio indefinido.

Chase se inclinou para trás. Della abriu os olhos e olhou para ele.

Seu coração disparou e ela se sentiu perdida no gosto dele, no toque suave da sua mão atrás do seu pescoço. O sorriso nos olhos dele a acalmou. Ela olhou em volta.

— Para onde ele foi? — ela conseguiu perguntar.

— Apartamento dezesseis. — Ele mergulhou de volta para dar outro beijo. E ela deixou. Em seguida, percebendo o que estava fazendo, ela colocou a mão no peito dele e afastou a boca. Não chegou a empurrá-lo, mas pensou nessa possibilidade.

— Tem certeza? — ela perguntou.

— Sim. — Ele roçou os lábios contra os dela outra vez.

— Então é melhor a gente parar. — Ela se afastou apenas alguns centímetros. Com a mão ainda em volta do pescoço dela, ele se aproximou ainda mais e recuperou aquele espaço minúsculo.

— Nós não temos que parar. — Ele sorriu. Seus olhos verdes estavam tão próximos que ela podia ver suas íris, ainda saborear a sua língua, ainda sentir sua respiração no queixo.

— Temos, sim — disse ela, com muito mais firmeza.

— Por quê? — Ele apertou os lábios contra o canto da boca de Della.

— Porque Burnett está parado ao lado da sua janela.

*

Chase saiu do carro, certo de que ser pego aos beijos ali seria muito mais humilhante do que ser mordido na bunda por aquele maldito cachorro da semana anterior. Sentiu-se ainda pior quando viu que não estava ali apenas Burnett, mas também a agente Trisha, que conhecera no dia anterior, e Shawn, o agente bruxo que tinha uma queda por Miranda, a companheira de cabana de Della.

— Já viram Stone? — perguntou Burnett. — Ou estavam muito ocupados?

— Não Stone, mas um mestiço de lobisomem e humano acabou de entrar no apartamento dezesseis. E foi por isso que estávamos... escondendo os nossos padrões. — E aquilo soou muito mais convincente quando ele mencionara a Della do que para Burnett.

— Ah, era isso que vocês estavam fazendo? — perguntou a agente, sorrindo.

Burnett franziu a testa.

— Será que ele farejou o cheiro de vocês?

— Parece que não — respondeu Chase.

— Qual é o apartamento de Stone?

— Apartamento dois — disse Chase. — Ao lado do escritório.

— Tudo bem — disse Burnett. — Vocês dois...

Burnett não chegou a terminar. A porta do apartamento se abriu e quatro rapazes saíram de lá.

Quando deram de cara com os agentes, todos os quatro dispararam em direções diferentes.

— Veja se Stone está no apartamento dele ou no escritório — mandou Burnett, decolando.

— Eu verifico o apartamento dois — disse Trisha, correndo.

Chase decolou logo depois, atrás de outro lobisomem, e viu Della e Shawn fazendo o mesmo.

Ao executar um movimento rápido, seus pés bateram contra o pavimento e Chase sentiu uma pontada na lateral do corpo, lembrando-o de que não estava totalmente curado. Ele ignorou e continuou.

O cara era rápido, mas não tão rápido assim. Chase estava a poucos metros dele, o cabelo escuro voando ao vento. O odor do corpo do lobisomem encheu o espaço aéreo de Chase. Suas narinas inflaram, quando o cheiro lhe pareceu familiar.

Um segundo antes de agarrar ao ombro do rapaz, ele se lembrou de onde se deparara com o lobisomem antes.

Aquele era o mesmo cretino que tinha agredido Della.

Ele derrubou o cara no chão. Depois caiu em cima dele. O mestiço de lobisomem tentou se desvencilhar, mas Chase colocou a mão na parte de trás da cabeça do sujeito e empurrou o rosto dele contra o chão com firmeza suficiente para que percebesse a sua força.

— Não se mova — Chase sibilou. — Ou faça isso e vou ganhar meu dia.

Sua fúria aumentou agora que tinha certeza de que aquele cara era um dos que estivera no parque. Ele se lembrou com clareza do instante em que viu um dos punhos do mestiço de lobisomem recuar para atingir Della, e Chase teve que se esforçar para não deixar que os seus olhos ficassem ardentes.

Agarrando o cara pelo braço, arrastou-o através do estacionamento até seu carro.

Burnett o encontrou no meio do caminho, levando de reboque um dos outros fugitivos. Shawn estava colocando outro no banco de trás de um sedã preto. Trisha, do lado de fora do apartamento dois, sacudiu a cabeça, avisando que Stone não estava lá.

Chase se virou para procurar Della. O estacionamento estava vazio.

Onde diabos ela estava?

Della se moveu rápido, farejando o ar. O cara tinha desaparecido entre os prédios de apartamentos. Ela sentira o cheiro de lobisomem ao saltar do carro de Chase, mas tinha deixado isso para trás enquanto farejava o novo odor. O que ela agora tentava fazer era seguir um vampiro e talvez o rastro de um bruxo. Com certeza um mestiço.

Contornou vários carros, achando que o cara poderia estar escondido. Ele não estava ali.

Então ouviu um grito. O grito de uma criança. Vindo de uma construção a distância. Ela decolou, esquecendo, de uma vez por todas, a regra de Burnett que proibia a truculência.

O grito foi silenciado. Della continuou avançando. Viu a porta de um apartamento sendo aberta. E ouviu um grito abafado lá dentro.

Por um segundo ficou em dúvida se entrava ou não. Um gemido soou mais uma vez. Della disparou para a frente.

Parou assim que o viu. O vampiro tinha o braço em torno de uma criança e cobria sua boca com a mão. Na outra, segurava uma faca. A menina, de pele escura, com fitas amarelas no cabelo, tinha lágrimas escorrendo pelo rosto. Parecia apavorada. O que não era nenhuma surpresa.

— Solte a criança! — disse Della, lutando para evitar que os olhos ficassem mais brilhantes. Não por causa da regra de Burnett, mas por medo de assustar a garotinha.

— Afaste-se da porta — ele sibilou, os olhos verdes fosforescentes e suas presas agora visíveis. Ele tirou a mão da boca da menina e puxou-a para mais perto. Em seguida, colocou a faca em sua garganta.

A garota soltou um grito fraco. Della verificou o padrão dele enquanto se afastava da porta. Ela tinha razão. Vampiro. Dominante com um traço de bruxo.

— Estou me afastando — disse Della. — É só largar a garota e eu deixo você ir.

O coração de Della deu um salto. Se ele tentasse fugir com a menina, ela teria que detê-lo. Não havia dúvida de que mataria a garota se fugisse com ela.

A Della não faltavam forças para capturá-lo, mas ela teria coragem de tentar, sabendo da rapidez com que aquela faca poderia cortar a garganta da criança?

O olhar da menina encontrou os dela. O marginal pressionou a faca um pouco mais.

— Se manda — disse Della. — Eu não vou persegui-lo. Basta soltar a menina. Ela é uma criança. Não fez nada.

O vampiro agarrou a criança e arremessou-a através da sala.

Della pulou no ar e pegou a menina antes que ela batesse na parede, aterrissando no meio da sala de estar.

Então puxou a garotinha contra ela.

— Está tudo bem — disse Della, mas ela teve que desviar o olhar do rosto da criança, quando sentiu seus olhos arderam de fúria.

Mas aquilo nem chegou a ser um problema, porque a menina enterrou o rosto no ombro de Della e começou a soluçar.

Segundos mais tarde, Chase entrou correndo. Seus olhos estavam brilhantes, suas presas meio projetadas.

Ela balançou a cabeça. Ele assentiu e correu para fora.

Segundos mais tarde, Shawn entrou. Fez um sinal com a cabeça e ela sabia o que ele queria dizer. Ela devia passar a criança para ele e cair fora.

Antes que fizesse isso, deu um último tapinha nas costas da menina.

— Pronto, acabou.

— Você fez a coisa certa — disse Burnett a Della, trinta minutos mais tarde.

Uma van já tinha chegado e levado os três mestiços embora. A menina tinha sido levada ao hospital apenas para se certificarem de que estava bem. Stone não estava mais lá. A síndica dos apartamentos, uma humana idosa que mantinha um cigarro apagado pendendo dos lábios, deu a eles a má notícia. Douglas Stone tinha juntado seus trapos e dado o fora algumas semanas antes. Só tinham ficado aqueles quatro "amigos" dele, que o haviam ajudado a se mudar do apartamento.

Burnett pediu a Chase para ficar com Della do outro lado da rua, onde eles estacionaram ao lado de um restaurante fast-food e assistiram enquanto Burnett, Trisha e Shawn tratavam com a polícia.

Como Della era menor de idade, Burnett não queria que ela fosse envolvida no caso. Eles tinham mudado a história; Trisha agora era a oficial que tinha salvado a menina. Não que Della se importasse. A garota estava segura, era isso que importava. Mas não era tudo o que importava.

— Ele escapou — disse Della. Para sua surpresa, sua voz soou calma, mas por dentro ela ainda não tinha parado de tremer. Ficava vendo aquela garotinha e a faca em sua garganta.

Chase estava ao seu lado. Muito perto. Ela sentia o ombro dele contra o dela. Mas não tinha forças para empurrá-lo.

— Mas isso poderia ter terminado muito pior — disse Chase.

— Ele está certo — disse Burnett. E então perguntou: — Você está bem?

— Vou ficar — assegurou ela, e seu coração não saltou denunciando uma mentira. Ela ficaria bem, só não estava bem naquele momento.

— Você conseguiu alguma coisa com os lobisomens?

— Ainda não — disse Burnett. — Mas vamos conseguir. — Ele se aproximou e colocou a mão no ombro dela. — Você salvou aquela menina, Della. Fez a coisa certa.

— Eu sei — disse Della. — Mas nós ainda não temos Stone. E em alguns dias meu pai vai a julgamento por assassinato.

— E nenhum de nós está desistindo. — Burnett olhou para Chase. — Por que você não a leva de volta para Shadow Falls?

— Não! — protestou Della. — Você não me ouviu? O tempo está se esgotando.

— Mas...

— Não — ela repetiu. — Ainda não fomos à casa da namorada de Stone.

Por um segundo, Burnett pareceu que iria discutir com ela, em seguida soltou um profundo suspiro.

— Tudo bem, vamos — concordou Burnett. — Eu encontro vocês lá.

— Podemos fazer isso sozinhos se você quiser ir para a UPF fazer os interrogatórios — sugeriu Chase.

— Não — disse Burnett. — Eu vou. Não deve demorar muito.

— Espere! — Chase tocou a testa. — Acabei de me lembrar.

Della olhou para Chase.

— O cara que eu peguei. Eu o conhecia de outro lugar.

— De onde? — perguntou Burnett.

— O mestiço de lobisomem que eu peguei. Reconheci o cheiro dele. Eu ia te dizer, mas então tudo aquilo aconteceu. Ele é um dos caras que atacaram Della aquela noite e aquele que cheirava a sangue de animais mais cedo naquela mesma noite. Ele faz parte do grupo que matou os Chi e os outros lobisomens.

— Tem certeza? — perguntou Burnett.

— Se tenho certeza de que ele matou os Chi? Não. Mas tenho certeza de que é o mesmo cara sujo de sangue e o mesmo que atacou Della no parque.

Della o ouviu, mas teve que se esforçar para entender o que Chase estava dizendo.

— Espere aí. Você está falando que Stone, ou pelo menos sua gangue, está envolvida no assassinato dos Chi também?

— Para que lado eu vou? — Chase perguntou a Della alguns minutos depois, quando entraram no carro para tentar encontrar a namorada de Stone. Ele preferia que Burnett tivesse insistido para que ele levasse Della de volta a Shadow Falls. Dava para ver que ela ainda estava abalada. Era evidente.

Ele teria ficado abalado também. Já tinha resgatado uma mulher das mãos de um pilantra antes, mas quando se tratava de uma criança, as coisas ficavam mais tensas ainda.

— Não importa — disse Della.

Chase estendeu a mão e pegou a dela.

— Vai ficar tudo bem.

Ela balançou a cabeça.

— Não, se não encontrarmos Stone não vai ficar tudo bem.

— Nós vamos pegá-lo. — O peito de Chase ficou apertado quando ele viu o brilho das lágrimas nos olhos de Della.

Ela enxugou o rosto.

— A síndica do condomínio disse que Stone foi embora e a maioria dos seus ajudantes também. Qual é a chance de esses caras saberem onde ele está? Eles com certeza não sabem, já que ele nem se deu ao trabalho de levá-los com ele.

— Eu diria que a chance é muito boa — disse Chase. — Eles sem dúvida eram da gangue.

— Eu gostaria de acreditar nisso — disse Della. Mais algumas lágrimas caíram de seus olhos. E por um segundo ele quis dizer a Della que Eddie não iria deixar o pai dela pagar pelo crime — que ele se sacrificaria, mas Chase tinha prometido não deixar isso acontecer. E ainda pretendia não deixar.

— Ainda não acabou. — Chase começou a seguir em direção ao carro. E ele estava determinado a encontrar Stone e certificar-se de que nem Eddie nem o pai de Della pagariam pelo assassinato.

Della tentou empurrar o sentimento de tristeza e melancolia para o fundo do peito enquanto Chase dirigia. Mas tudo o que sentia era o tempo se escoando. Por causa dela, seu pai poderia ser condenado por assassinato. Por causa dela, poderia pegar pena de morte. Não havia como ignorar aquele sentimento de tristeza.

Chase estacionou no meio-fio.

— Qual é a casa? — ela perguntou, olhando para fora.

— Pope disse que ficava ao lado de um restaurante mexicano vagabundo. Todas essas três casas são adjacentes a este centro comercial.

Della desceu do carro; o cheiro de comida mexicana impregnava o ar. Cebola, carne grelhada. Mesmo que ela pudesse gostar do sabor de cebola, o cheiro era quase insuportável. Mas, pensando bem, poderia ser por causa do cheiro de alho misturado a ele.

Ou seria outra coisa?

Ela farejou um leve aroma de algo realmente repugnante. Viu Chase levantar a cabeça, como se tentasse identificar o cheiro também.

Burnett estacionou ao lado deles.

Os três caminharam até virar a esquina. Ninguém disse nada; por mais ilógico que parecesse, era quase como se tudo o que sentissem fosse algo ruim prestes a acontecer.

As três casas alinhadas na rua estavam pintadas de diferentes tons de azul.

Duas crianças brincavam do lado de fora da primeira. A mente de Della voltou para a menina com a faca na garganta. Ela piscou, afastou o pensamento e lutou contra o desejo de pedir às crianças que entrassem.

A segunda casa tinha uma placa de ALUGA-SE pregada na porta da frente. Burnett se dirigiu à varanda. Della o viu inclinando a cabeça para o lado, ouvindo para saber se havia alguém lá dentro. Então ele levantou o rosto novamente como se tentasse farejar algum cheiro.

Della e Chase continuaram seguindo em frente e subiram os degraus da varanda da casa de número três. Della ainda não tinha colocado os dois pés no último degrau

quando o cheiro aumentou dez vezes. Um cheiro muito, muito ruim. Ela deu mais um passo em direção à porta.

— Espere. — Chase segurou o braço de Della e impediu-a de chegar mais perto.

— Por quê? — perguntou Della e colocou a mão sobre o nariz. Ela mal teve tempo para cobri-lo quando o ruído a atingiu. Um zumbido. Ela olhou pela janela da varanda e sua primeira impressão foi de que o vidro tinha virado líquido e se mexido. Mas não, não era vidro em movimento, só moscas. Milhares de insetos, zumbindo para todo lado e cobrindo o lado de dentro da janela.

O fedor chegou até ela, atravessando a palma da mão que cobria o nariz. E Della instintivamente soube que a namorada de Stone tinha entrado num caminho sem volta.

E "sem volta" era a palavra-chave.

Capítulo Trinta e Cinco

Seguindo as ordens de Burnett, Chase deixou Della em Shadow Falls, depois voltou à cena do crime. Chegou lá apenas a tempo de ver pessoas com trajes de segurança retirando um corpo da casa, pedaço por pedaço.

Chase já tinha visto muitos crimes horríveis, mas aquele era de longe o pior.

Ele ficou ao lado de Burnett.

— Não vou ficar em Shadow Falls por mais tempo — disse Chase. Tudo o que ele podia pensar era em Della ou outra pessoa correndo o risco de se deparar com o monstro que fizera aquilo.

Pela primeira vez, Burnett não discutiu.

— No escritório, temos um quarto de casal na parte de trás.

— Não, Natasha está voltando para casa hoje, não está?

— Sim — disse Burnett.

— Então vou ficar na minha cabana.

Burnett franziu a testa.

— Eu preferiria que...

— Eu sei que você preferiria que eu ficasse no escritório, mas prefiro ficar lá. Sou um agente, não um aluno de Shadow Falls.

Burnett concordou.

— Tudo bem. — O homem passou a mão pelo cabelo. — Não conte isto para Della, ela já está com a cabeça cheia, mas acabei de colocar dois agentes para vigiar a casa dos pais dela.

— Por quê? — perguntou Chase.

— Porque não acredito em coincidências — disse Burnett. — Se vocês estão certos e os mestiços de lobisomem de fato fazem parte do grupo que assassinou o senhor e a senhora Chi, então é a gangue dos Bastardos que deve estar fazendo isso. Todos os três assassinatos que estamos investigando foram cometidos a menos de quatro quilômetros da casa de Della. Isso me fez pensar, por que ali? Talvez Stone não esteja tão preocupado em procurar você, mas sim o tio de Della. Ele pode estar vigiando a casa de Della, pensando que um de vocês pode aparecer por lá. Se suspeitamos que o pai de Della viu o

assassinato, então Stone pode pensar que o pai dela sabe sobre o irmão e entrou em contato com ele.

— O perito definiu a causa da morte da namorada de Stone como homicídio — Burnett disse a Della no dia seguinte, quando ela entrou no escritório.

No dia anterior, Burnett tinha feito Chase levá-la de volta para Shadow Falls, antes que tivesse que chamar a polícia humana e outros agentes para virem ajudar na investigação do assassinato de Jamie Brown, a namorada de Stone. Della tinha passado a tarde e a noite do dia anterior remoendo tudo e se preocupando. Kylie e Miranda tinham tentado fazê-la falar e Della tinha resistido. Mais uma vez.

Conhecendo Miranda, ela provavelmente estava chateada, mas Kylie... Kylie sempre era mais compreensiva, e devia ter dito à bruxa para dar um tempo a Della. Mas esse tempo não iria durar muito.

Como não havia outras pistas sobre o caso do pai, Della não tinha desculpa para não ir às aulas. Como faltavam quinze minutos para a de inglês, ela já tinha se levantado e saído da cabana.

— Um dos lobisomens mestiços nos deu alguma pista para investigar? Você já comprovou que os dois casos estão ligados? — ela perguntou e, pronto, no mesmo instante, o cheiro da morte se esgueirou até a sua memória sensorial. Ela na verdade já tinha vomitado duas vezes naquele dia.

O olhar de Burnett lhe revelou a resposta antes que ele abrisse a boca.

— Não, mas vou voltar lá daqui a pouco e tentar mais uma vez. Ouvi dizer que você preferia não ir à escola — disse Burnett.

— Mas eu não tenho outra saída — ela respondeu.

Depois que ela deixou a aula de inglês, voltou para a sua cabana e escreveu à irmã outro e-mail, perguntando se as coisas estavam indo bem. O e-mail que ela tinha recebido no dia anterior e só tinha lido no meio da noite, depois de desistir de tentar dormir, era apenas mais uma mensagem ríspida dizendo que ela não perdoaria Della por abandoná-la.

Della tinha respondido ao e-mail, tentando explicar que não tinha sido escolha dela, mas é claro que a irmã não iria acreditar.

Naquela manhã Della também tinha telefonado à mãe, para saber em que pé estavam as coisas. Ninguém tinha atendido.

Será que já estava acontecendo? O pai tinha proibido todo mundo de se comunicar com ela? A possibilidade de que ele soubesse que ela era uma vampira parecia cada vez mais provável.

Della desabou na cadeira em frente à mesa de Burnett.

— Sabemos que a namorada foi assassinada. Como é que isso ajuda?

— A UPF já começou a investigar o caso.

Lágrimas encheram os olhos dela.

— Não estamos chegando a lugar nenhum. Não temos nada para provar que o meu pai é inocente.

— Temos o dr. Timmons, que é um advogado muito bom, e temos um membro da promotoria trabalhando conosco.

— O juiz? Alguma novidade sobre isso? — perguntou Della.

Algo nos olhos de Burnett lhe disse que ele tinha notícias, mas não eram boas.

— Já designaram um juiz para o caso.

— E ele não é um dos nossos? — perguntou ela, sentindo uma lágrima deslizar pelo rosto.

— Não, mas a UPF ainda está tentando mudar isso.

Ela balançou a cabeça.

— Se ele for condenado, Burnett, não vou conseguir conviver com isso. Juro, eu não vou.

Burnett franziu a testa.

— Della, sei que é difícil, mas você está olhando tudo isso da maneira errada. Mesmo que haja um julgamento agora, o dr. Timmons disse que está certo de que temos uma boa chance de ganhar.

O nó de dor se apertou um pouco mais no peito de Della.

— Eles têm o que acham que é o sangue do meu pai na arma do crime.

— Eu sei, mas ele estava lá durante o ataque. Eu falei com o dr. Timmons esta manhã. Ele disse que a polícia se esqueceu de tirar fotografias de seu pai, ou que eles as perderam. Ele vai argumentar que o seu pai tentou defender a irmã e sofreu um pequeno corte que passou despercebido.

Della parou para pensar nisso.

— O arquivo da polícia não disse se ele foi para o hospital — disse Della, lembrando-se.

— Eu sei. O advogado perguntou ao seu pai. No começo, ele alegou que não se lembrava, em seguida disse que todo mundo estava atordoado demais com a morte da irmã.

— Minha mãe disse que ele foi mais tarde, mas para um hospital psiquiátrico. — Ela pensou um pouco naquilo. — E se ele lembrou de algo depois e contou enquanto estava lá? Isso seria ruim. A regra do sigilo entre médico-paciente vai impedir que consigam alguma informação?

Burnett franziu a testa.

— Seu pai não mencionou esse período em que ficou no hospital. Até agora, a promotoria não trouxe isso à baila. Nós não sabemos se estão apenas sendo negligentes e não descobriram que ele ficou lá, ou se o promotor-chefe tem medo de abrir esses

registros por receio de que isso possa convencer seu pai a mudar a apelação, alegando insanidade mental.

Della se concentrou naquilo por um segundo.

— Mas o dr. Timmons poderia conseguir esses arquivos. Talvez haja alguma coisa lá que possa ajudar no caso do meu pai.

Burnett recostou-se na cadeira.

— Se ele fizer isso, vai ser obrigado a mostrá-los à promotoria.

Della engoliu em seco.

— Ele não foi atrás deles porque tem medo de que haja algo desfavorável nesses arquivos? Então, o que você está dizendo é que o advogado acha que o meu pai está mentindo. E se for esse o caso, então o meu pai viu o irmão no modo vampiro e ele sabe o que eu sou. Eu estava certa: ele está com medo de mim.

Burnett franziu a testa.

— O dr. Timmons está apenas sendo cauteloso. Sei que é difícil, mas não olhe pelo lado negativo. Que tal se eu lhe der uma boa notícia?

— Sobre o caso do meu pai? — perguntou Della.

Burnett suspirou.

— Sua pista sobre os tênis de pele de cobra nos deu o nome de um lobisomem. E ele tem um registro. Há uma notificação de alerta e eu tenho vários agentes atrás dele agora.

Della tinha se esquecido totalmente disso.

— Então, o cara que Chase capturou e reconheceu não era um deles?

— Não sabemos com certeza. Eles não estão falando ainda. Mas o que nós acreditamos é que o cara dos tênis de cobra e aquele que Chase derrubou estavam ambos envolvidos.

— É nisso que Chase está trabalhando? — perguntou Della. Ele tinha passado na cabana dela na noite anterior, mas ela se recusara a vê-lo. Após a sessãozinha de amassos no carro e de tudo que tinha acontecido depois disso, ela não saberia o que dizer a ele.

Chase não tinha tentado vê-la aquela manhã e parte dela tinha ficado decepcionada.

Burnett hesitou.

— Não, ele deve estar tentando descobrir outra coisa.

— Sobre o caso de meu pai?

Burnett concordou.

— Então por que não estou com ele? — Ela se sentou. — Você disse que eu podia trabalhar neste caso.

Burnett ergueu as mãos.

— Ele tinha que fazer isso sozinho. Ia tentar descobrir o que o Conselho dos Vampiros sabe.

— Sozinho? — perguntou Della.

— Chase confia num dos membros do Conselho, um tal de Kirk Curtis. Ele está esperando que Curtis esclareça alguma coisa sobre por que o senhor Powell estaria tentando proteger Stone.

Della respirou fundo.

— Mas e se esse Kirk estiver envolvido também? Poderia atrapalhar tudo e até colocar Chase em perigo. Você não deveria ter deixado que ele fosse sozinho.

Burnett franziu a testa.

— Chase foi categórico ao dizer que o senhor Curtis não está por trás disso.

— E se ele estiver errado? — perguntou Della.

No caminho de volta para a cabana, Della mandou uma mensagem para Chase. *Me liga!*

Ela ficou com o celular na mão, à espera de uma mensagem ou de um telefonema dele. Ele não escreveu nem ligou. Era bem o que ela precisava! Outra coisa com que se preocupar.

Ela percorreu todo o caminho até a cabana e o celular não tocou. Della entrou, ficou de pé no meio da sala de estar e se sentiu claustrofóbica, como se as paredes estivessem se fechando sobre ela. O pensamento de sair para correr e gastar energia a tentava, mas por que gastar energia em exercícios físicos quando podia gastá-la em algo mais útil?

Ela foi para o quarto, pegou arquivo do caso do pai e voltou a sair para lê-lo.

Leu algumas linhas, em seguida olhou para o celular.

— Por favor, dê algum sinal de vida! — ela murmurou.

Ela pegou o telefone e estava na metade da mensagem, insistindo para que Chase tivesse cuidado, quando o aparelho tocou. Ela aceitou a chamada no ato e colocou o celular no ouvido.

— Chase?

— Della?

— Mãe. — Della fechou os olhos.

— Quem é Chase?

— Um amigo — disse Della. — Está tudo bem?

— Sim, estou retornando sua chamada desta manhã — a mãe explicou.

— Eu sei, só queria... Queria saber como você está.

O silêncio do outro lado da linha fez os olhos de Della arderem outra vez. Conhecendo a mãe, ou ela estava tentando descobrir uma maneira de amenizar as coisas ou inventando uma mentira.

— A verdade, mãe.

— Estamos resolvendo as coisas. Você não deve se preocupar.

Della ouviu a mentira na voz da mãe. Assim como ouviu a dor em sua voz. A mãe estava prestes a desabar, e Della não estaria lá para apoiá-la. Ninguém estaria. A irmã estava ocupada com os seus próprios problemas. O pai estava no fundo do poço por

causa da acusação de assassinato. E tudo era culpa de Della. Tudo. Ela tinha feito isso com eles.

— Como eu posso não me preocupar? E o papai, está bem?

A respiração da mãe estremeceu, um sinal revelador de que ela sucumbia às lágrimas.

— Meu celular está tocando. Preciso atender.

Não havia outra chamada. Della teria ouvido o toque do celular.

— Por favor, mãe — disse Della, mas já era tarde demais. A mãe tinha desligado.

Della ligou de volta, mas a ligação foi parar no correio de voz. Ela abraçou os joelhos e deixou que as lágrimas corressem, chorando junto com a mãe.

Kirk não estava no escritório do Conselho. Não havia ninguém lá. E, quando Chase olhou pela janela, viu que os móveis também não estavam mais no lugar.

Eles tinham se mudado. Tudo dentro da lei, temendo que a UPF pudesse pegá-los. E, sem dúvida, com Chase trabalhando para o lado inimigo, eles provavelmente estavam preocupados com a possibilidade de que pudesse entregá-los.

Embora ele não criticasse a decisão do Conselho, entendia o raciocínio deles, ainda doía saber que eles o consideravam um inimigo.

Ele tinha se sentido aliviado ao saber que a UPF não exigiria que ele lhes passasse informações sobre o Conselho. Mas descobriu, surpreso, que Burnett, ou seja, a UPF, tinha mais informações sobre o Conselho do que imaginava. Eles sabiam até a localização da Fossa do Inferno.

Confio em Kirk, Chase tinha dito a Burnett. E ele confiava. Kirk, amigo de Eddie, sempre estava por perto quando Chase era mais novo. Mas será que Kirk sabia que Powell estava protegendo Douglas Stone?

Chase voltou para o carro e dirigiu para Brown Lake, a casa de Kirk nos últimos dez anos. O lugar onde Chase havia passado muitas férias de verão desde que tinha sido transformado.

A única preocupação de Chase era que a casa do lago fosse o esconderijo de Eddie. Ele esperava que não. Não queria ter que mentir para Della ou Burnett, dizendo que ainda não sabia onde Eddie estava. Nem queria ouvir Eddie dizer que ele iria se entregar.

Chase sabia que Eddie tinha informações sobre o caso do irmão. Mas o tempo ainda não tinha se esgotado. Chase ainda tinha um pouco mais de uma semana para rastrear Stone. E ele não iria fazer corpo mole.

Enquanto seus pneus devoraram o asfalto, seu celular apitou no bolso do terno preto. Ele o pegou e leu a mensagem sucinta de Della.

Se ele ligasse, ela perguntaria onde ele estava indo. Não poderia mentir. Mas não queria falar sobre isso agora.

Ligaria mais tarde, quando tivesse certeza de que Eddie não estava lá. Quando soubesse que não tinha nada sobre o que mentir.

*

Sentada na varanda, Della já tinha lido e relido tantas vezes o arquivo que praticamente o decorara. Mas ela fazia isso mais uma vez. E por fim encontrou algo que não tinha notado antes. Na transcrição da chamada para o número de emergência, seu pai tinha dito que *ele* tinha invadido a casa, mas que *eles* tinham machucado a irmã. Então era mais de um agressor!

O que o pai realmente tinha visto? Tentou imaginar o que ele devia ter pensado ao rever o irmão gêmeo, que pensava estar morto.

Tentou imaginar o que Bao Yu devia ter pensado, frente a frente com um vampiro. Será que ela tinha visto Feng de fato? Ou será que o choque é que a fez culpar o pai de Della?

Uma peça do quebra-cabeça estava faltando. Uma brisa fria passou por ela.

— É você, Bao Yu?

Della recordou a preocupação de Holiday de que o fantasma pudesse de alguma forma feri-la. Ela não acreditava nessa possibilidade, mas não podia negar o arrepio de medo percorrendo a sua espinha.

Della estava tão absorta no pensamento sobre a tia que não ouviu uma pessoa se aproximando até que uma sombra obscureceu a varanda.

Capítulo Trinta e Seis

Chase estacionou o carro em frente à cabana de dois andares de Kirk, construída sobre palafitas. A varanda, na verdade, pairava sobre a água. O sol do meio-dia estava no meio do céu e a água o refletia em brilhos diamantinos. Nenhum carro estava estacionado na garagem.

Mas Kirk e os amigos nem sempre saíam de carro. Ele desligou o motor e saiu. Ergueu o rosto na brisa, captando o cheiro do lago, bem como um traço fugaz de vampiros. Mais de um.

Relaxou quando não detectou o cheiro de Eddie. Outra corrente de ar e reconheceu os rastros dos membros do Conselho. Outros lhe eram estranhos.

Chase ficou em dúvida se ia embora ou não. Ele na verdade queria conversar com Kirk sozinho.

Claro, se tinha farejado o cheiro deles, um deles com certeza teria farejado o seu.

Ir embora não era mais uma opção.

— Olá! — disse Della e olhou para Steve, tentando reprimir a expressão de preocupação ao vê-lo. Se ele viera "conversar", bem, tinha chegado na hora errada. Porque ela já estava com a cabeça cheia no momento.

— Posso entrar? — ele perguntou.

— Eu não estou com disposição para...

Ele entrou de qualquer maneira. Ela parou de tentar não demonstrar preocupação e franziu a testa.

— Como você está? — ele perguntou e olhou para ela como Steve sempre olhava, com preocupação e paciência.

— Péssima! — ela admitiu. — Hoje não sou muito boa companhia. Então porque não...

— Eu ouvi alguma coisa sobre o que aconteceu. Não deve ter sido fácil.

— Eu sei, mas...

— Della, você está me evitando. Mais cedo ou mais tarde, precisamos conversar.

— Então, vai ser mais tarde. — Ela fez menção de se afastar.

Ele a segurou.

— Não faça isso.

— Não faça o quê? — Ela se desvencilhou dele e então se sentiu uma megera outra vez, mas não teria que ser uma megera se as pessoas a deixassem em paz! — Olha, sinto muito, mas já tem muita merda acontecendo na minha vida. Não dá pra amontoar mais ainda em cima da pilha.

— Tudo bem! — ele retrucou. — Mas não fuja. Sente-se. Por favor. — Os olhos castanhos e quentes a fitaram com doçura. — Fale comigo.

— Você é surdo? Será que não me ouviu? Eu não...

— Não precisamos falar sobre nós, estou me referindo a essa *outra* merda. Você não tem que passar por tudo isso sozinha.

Ela não estava passando, lhe ocorreu. Tinha Chase, mas podia não ter quando ele voltasse, porque ela iria matá-lo por não lhe mandar ao menos uma mensagem de texto. E ela tinha Kylie e Miranda — embora, depois das patadas do dia anterior —, elas pudessem não estar mais a fim de ficar ao lado dela. Mas Della não disse nada disso.

Olhando para Steve, ela deixou escapar:

— Desculpe. — Ela relaxou e abraçou os joelhos cobertos com o jeans. — O julgamento do meu pai é daqui a poucos dias. Minha irmã me odeia. Minha mãe está morrendo por dentro. Eu sei que meu pai está pirando. Tenho certeza de que ele sabe que eu sou uma vampira. E a culpa é minha. Eu causei isso a todos eles.

Ela poderia continuar falando e contar a ele que quase tinha visto uma garotinha sendo degolada com uma faca e sobre o cheiro da morte que continuava em suas narinas, mas não falou nada. Mesmo que não estivesse conseguindo lidar com tudo isso.

Ela pressionou a testa contra os joelhos e engoliu em seco, tentando lutar contra a vontade de chorar.

— O que Burnett diz de tudo isso? — perguntou Steve.

— Ele apenas continua me dizendo que a coisa não é tão ruim quanto parece. Mas a polícia tem uma arma com o DNA do meu pai nela. Ou melhor, com o DNA do meu tio, mas eles não sabem que ele está vivo.

Steve franziu a testa.

— Dá pra ver como isso está sendo difícil para você. O que é isto? — ele perguntou, apontando para os papéis.

— É um arquivo da promotoria sobre o caso.

— Uau! Você pegou?

— Burnett é que conseguiu. Venho tentando encontrar algo que possa ajudar.

Steve pegou o arquivo.

— Posso ver? Talvez você precise de um novo par de olhos.

Chase clicou no botão para erguer a capota do carro. Trancou as portas e, em seguida, começou a andar em direção à porta. Sem dúvida, estavam esperando por ele agora.

Ele inclinou a cabeça para o lado e tentou ouvir se estavam conversando. Ouviu um pato grasnando no lago, chamando um companheiro, um peixe espirrando água e o motor de um barco em movimento no lago.

Mas nem uma palavra veio da casa.

Ele cruzou a entrada de automóveis. Os pelos da nuca se eriçaram. Sentindo que alguém o observava, olhou para cima e no mesmo instante as cortinas na janela da frente se agitaram, voltando ao lugar.

Passou a mão na nuca, lutando contra a sensação de que problemas o aguardavam. Mas tratava-se de Kirk, ele disse a si mesmo. Ele confiava nele.

Não confiava? Neste exato momento Chase viu dois guardas na parte de trás da propriedade.

— Cheguei num momento ruim? — perguntou Chase, sabendo que os membros do Conselho, lá dentro, estavam ouvindo.

— Sim, mas já que você está aqui — foi a resposta de Kirk no interfone —, entre.

— Eles não chegaram a prender seu pai naquela época, certo? — perguntou Steve a Della quando terminou de ler.

— Não — disse Della. — Mas, segundo o detetive amigo de Derek, que leu o antigo arquivo do caso, ele era o único suspeito. Só não foi preso porque não tinham provas suficientes para levá-lo ao tribunal.

Steve voltou a olhar para o arquivo.

— Então, sabemos que ele ligou para o 911, mas depois disse que não se lembrava de nada. Verificaram se ele levou alguma pancada na cabeça?

— O arquivo não diz nem mesmo se foi levado para o hospital. Meu pai não ajudou muito. Ele diz que não se lembra, e meu tio disse a Chase que, quando chegou, meu pai estava inconsciente.

— E você não acredita nele? Ou acredita? — perguntou Steve.

— Eu não sei — disse Della. — Quer dizer, esse cara, Douglas Stone, ele de fato existe. Não é flor que se cheire e estava atrás de Chase para impedir que ele tentasse provar isso. Então talvez eu acredite que meu tio de fato seja inocente. Ah! — Ela pegou o arquivo, virou as páginas e apontou para uma linha. — E eu acabei de encontrar nas transcrições da chamada para o número de emergência que meu pai disse ao operador que "ele" invadiu a casa, mas que "eles" estavam machucando sua irmã. Isso não quer dizer que havia duas pessoas lá naquela noite? E praticamente comprova a versão do meu tio, porque ele disse que Douglas Stone chegou lá antes dele.

Steve ficou ali em silêncio, pensando.

— Mas por que ele pensaria que seu tio estava agredindo a própria irmã?

— Eu não sei. Talvez estivesse inconsciente quando Feng chegou lá e apenas a ouviu gritar ou algo assim. Mas o principal é que minha mãe disse que, pouco depois de tudo

isso acontecer, eles tiveram que internar meu pai no hospital St. Mary, aquele hospital para loucos. Essa é mais uma prova de que ele viu alguma coisa. Mas o advogado do meu pai tem medo de requisitar os arquivos porque acha que podem conter alguma informação que prejudique meu pai.

— Ou poderia provar que ele foi atacado e por isso há o sangue dele na faca. Esses arquivos podem na verdade ajudar no caso.

Um sentimento de frustração brotou dentro dela e começou a extravasar. Della gemeu. Bem alto.

Percebendo quanto ela devia parecer louca, disse:

— Sinto muito.

— Pelo quê? — perguntou Steve.

— Por ser uma chata. Eu avisei que não seria boa companhia.

Steve hesitou.

— Você tem certeza de que era a Instituição Psiquiátrica St. Mary?

— Isso é o que minha mãe disse, por quê?

— Bem, e se você conseguisse pôr as mãos naqueles arquivos e descobrir se iriam ajudar ou prejudicar o caso do seu pai? E se ajudarem, você pode dizer ao advogado para conseguir que eles sejam reabertos e utilizados como provas.

— Como? — perguntou Della.

Steve deu de ombros e pareceu hesitar um pouco antes de dizer.

— Minha mãe vai lá um dia por semana. Ela é voluntária e visita os pacientes que não recebem visitas. Não sei se guardam os arquivos antigos lá, mas é possível.

— Sua mãe entregaria esses arquivos para mim? — perguntou Della, sem acreditar.

— Ah, claro que não! — admitiu Steve. — Só estou pensando que, se eu descobrisse onde eles guardam esses arquivos, poderia ir lá e deixar uma janela aberta e você poderia dar uma olhada neles.

— Ah, meu Deus, eu te amo! — disse Della, abraçando-o.

Levou apenas um segundo para Della perceber o que tinha dito e se dar conta do quanto aquilo deveria ter parecido estranho. Seus braços em torno de Steve. Os braços de Steve ao redor dela.

Certamente Steve não tinha achado que ela estava falando sério ao dizer que o amava... de verdade.

Ou tinha?

Ah, mas que inferno!

Chase tratou de se apressar ao subir os degraus. Viu os dois guardas começando a vir na direção dele, quando atravessou a porta da frente.

Kirk esperava na entrada, junto com os outros membros do Conselho.

Chase observou o rosto de Kirk, tentando decifrar sua expressão.

— O que está havendo?

Chase ouviu os passos do guarda na varanda.

— Parem! — Kirk rosnou. — Não vai haver derramamento de sangue!

Os passos se detiveram.

Chase olhou para o homem que ele tinha aprendido a amar e confiar, e foi então que percebeu que havia algo errado. Kirk sabia de Stone. Todo o Conselho estava envolvido no assunto.

— Por que vocês estão protegendo Douglas Stone?

Powell deu de ombros, como se admitisse sua derrota.

— O sujeito que você chama de Douglas Stone é meu filho.

Chase olhou de Powell para Kirk.

— E você sabia que ele matou a irmã de Eddie e mentiu para ele durante todos esses anos?

— Eu não sabia a princípio — disse Kirk.

— Nenhum de nós sabia — retrucou Powell.

Chase sentiu seus olhos ficando incandescentes e encarou Powell.

— Seu filho é um monstro! Ele não só matou a irmã de Eddie, mas matou também uma mulher, pouco tempo atrás. Eu vi quando levaram o corpo dela para fora de uma casa ontem. Pedaço por pedaço. E alguém da gangue que ele lidera quase matou uma criança.

— Eu não estou surpreso — disse Powell. — Há anos parei de tentar desculpar o comportamento dele. Eu sei o que ele é. Sei que precisa ser detido.

Chase olhou para Kirk.

— Então qual é o problema? Diga onde ele está e eu vou atrás dele.

— Esse é o problema — disse Kirk.

A fúria de Chase aumentou.

— Você está protegendo Stone, mesmo sabendo o que ele é?

— Não o estamos protegendo — disse Kirk. — Mas tentando detê-lo. Matá-lo não é um problema. Mas você não pode levá-lo para a UPF.

— Por que não? — perguntou Chase.

Assim que Steve foi embora, Della entrou. Três minutos depois, quando Miranda e Kylie chegaram, após a última aula, Della sentou-se à mesa da cozinha. Ela tinha três Cocas Diet esperando na geladeira e um pedido de desculpas na ponta da língua.

— Parece que a vampira por fim decidiu falar — disse Miranda.

Kylie deu uma cotovelada na bruxa.

— Sim, e como somos suas amigas, estamos prontas para escutar.

— Sinto muito. — Della levantou-se e pegou as três Cocas Diet. — Eu estava insuportável, não estava?

— Estava mesmo. — Miranda concordou, jogando os braços ao redor de Della num daqueles abraços de urso que quase a sufocavam. — Mas, como Kylie disse: nós te perdoamos. Sempre vamos te perdoar. Mas odeio quando vejo que você está sofrendo e você não quer falar com a gente! — O abraço dela estava realmente apertado. — Então, será que você pode não fazer mais isso, por favor?

— Vou tentar, de verdade — Della conseguiu dizer. — Mas, falando em sofrer, você pode parar de me abraçar agora?

Miranda a soltou.

Todas se sentaram nos lugares designados.

— Quem vai falar primeiro? — perguntou Kylie.

— Acho que Della deveria falar — anunciou Miranda. — Ela é a que está pior.

Della não gostava de falar primeiro, mas não se opôs.

— Minha vida está uma droga.

— Vamos precisar que seja mais específica — disse Miranda.

— Toda vez que pensamos que temos uma pista sobre Douglas Stone, o cara que provavelmente matou a minha tia, ele escapa. Agora, ele não só é responsável por matar minha tia, mas a gangue dele matou o senhor e a senhora Chi. Minha mãe está surtando. Minha irmã me odeia. Eu sou com certeza o que meu pai pensa que eu sou, um monstro. É claro que eu já disse isso a vocês, certo?

Kylie confirmou com a cabeça.

Della suspirou e continuou:

— Chase acha que o Conselho dos Vampiros sabe algo sobre Stone e ele foi até lá esta manhã para descobrir e não tivemos mais notícias dele. Estou morta de preocupação, achando que algo pode ter acontecido. E vocês podem achar que as coisas não poderiam ficar piores, mas podem! Eu disse a Steve que o amo.

Capítulo Trinta e Sete

— Por que Stone não pode ser entregue à UPF? — perguntou Chase, sua paciência diminuindo, e muito rápido. — É melhor alguém começar a explicar.

— Eddie já estava conosco havia quase um mês — Powell começou a falar. — Nós o estávamos ajudando a procurar um homem chamado Douglas Stone. Foi quando eu vi o esboço do retratista que fiquei preocupado, mas ainda em dúvida, porque no desenho a semelhança com meu filho não era tão grande assim. Eu o confrontei. Ele jurou que não era ele. Acreditei. A mãe dele mora na França. Ele foi morar com ela. Mas quatro anos depois, voltou para os Estados Unidos. Alguns velhos amigos dele apareceram. Um deles mencionou uma gangue à qual pertencia. É a gangue a que Eddie se juntou. Foi quando eu soube com certeza.

O velho teve de parar para recuperar o fôlego. Se Chase não tivesse visto com os próprios olhos o monstro que o filho dele era, poderia ter sentido pena do pai.

— Eu disse que ele precisava se entregar. Que eu iria falar com Eddie e talvez ele concordasse em pedir ao resto do Conselho para pegar mais leve com ele.

O velho fechou os olhos.

— Ele me chamou de idiota. Disse que eu nunca iria entregá-lo. Falou para eu verificar os arquivos e ver o que havia lá.

— Que arquivos? — perguntou Chase.

Kirk deu um passo à frente.

— Todos eles, Chase. Todo o trabalho que o Conselho fez ao longo de mais de cinquenta anos estava catalogado nesses arquivos. O filho de Powell jurou que, se alguma coisa acontecesse a ele, iria vazar as informações para a UPF.

— Mas você nunca contou a Eddie? — perguntou Chase.

— Não. Stone deixou o país. Nós, na verdade, pensamos que ele tinha sido assassinado. Mas há alguns meses, ele voltou. Pegamos os arquivos, mas o filho de Powell fugiu.

— Ele sabe coisas, Chase — disse Powell. — Se for pego pela UPF, poderia arruinar a todos nós.

— Se vocês são culpados de coisas como as que ele fez, então talvez precisem mesmo ir à ruína — Chase disse com rispidez.

Kirk sacudiu a cabeça.

— Não é o que pensa, Chase. As coisas erradas que fizemos eram justificadas. Era uma guerra. Estávamos protegendo aquilo em que acreditávamos.

— Então por que vocês estão tão preocupados? — perguntou.

— Porque não seria assim que a UPF ou o governo veriam as coisas — Kirk insistiu.

— Conte tudo a ele — disse Powell.

— O quê? — Chase insistiu, olhando para o mais velho dos membros do Conselho.

Powell olhou para Kirk, que assentiu com a cabeça, em seguida o velho começou a falar.

— Não fomos só nós. Foi Eddie, também.

Chase fechou a mão em um punho.

— Ele não era um agente. Por que participaria?

— Kirsha — disse Kirk. — A esposa de Eddie. Ela foi morta por um agente da UPF.

Chase recordou as histórias que Eddie lhe contara.

— Não, ela morreu numa explosão no laboratório médico. Eddie me contou.

— Sim — disse Kirk. — Mas a explosão foi provocada pela UPF. Eddie tinha acabado de descobrir o tratamento para a Aids. Estava prestes a divulgar a descoberta. A UPF não queria que o Conselho ficasse com o crédito, de modo que roubaram a pesquisa dele e, em seguida, com receio de que tirássemos a patente, colocaram uma bomba no laboratório.

— Eddie e Kirsha não deviam estar lá, mas Kirsha esqueceu a bolsa. Quando entraram no prédio, ouviram alguém sair correndo. Eddie mandou Kirsha esperar lá dentro enquanto corria atrás do intruso. Ele tinha acabado de pegar o homem quando... o edifício explodiu. Eddie perdeu a cabeça. E matou o agente da UPF.

Chase mal podia respirar. Ele não queria acreditar, mas a antipatia que Eddie tinha pela UPF fazia todo o sentido agora.

Chase se virou e contemplou o lago através da janela, o coração em Eddie. Pensava em quanto ele odiava a UPF por terem lhe tirado a sua parceira de sangue. E agora Chase tinha se juntado a eles para conseguir ficar com a sua própria parceira de sangue.

Havia justiça em algum lugar deste mundo?

— Mas, veja bem — Kirk disse —, tudo isso vai ficar para trás se você puder fazer com que Stone seja liquidado antes de a UPF pôr as mãos nele.

Chase se virou e olhou para Kirk.

— Você não está me pedindo para fazer justiça. Você está me pedindo para matar um homem.

— Ele merece morrer — disse Kirk. — Você estaria poupando o que a UPF gastaria para encarcerá-lo e fazer um julgamento.

— Uau! — exclamou Miranda. — Você ama Steve! Eu estava pensando que Chase é que ouviria isso. Achei que Steve estava fora do páreo.

— Eu não quis dizer isso — disse Della. — Quer dizer, eu gosto dele, mas eu não... o amo pra valer... Vocês entendem?

Se as expressões das duas melhores amigas eram uma indicação, elas não entendiam. E talvez Della não devesse se surpreender. Com certeza o que estava dizendo não fazia o menor sentido.

Ou fazia? Ela ouviu outra vez as palavras de Chase.

Você precisa de tempo para confiar nisso, para confiar no amor e para confiar em mim, e eu entendo.

— Claro que vocês não entendem. — Della deixou cair a cabeça sobre a mesa com um baque alto.

— Espere! — disse Kylie. — Não entre em pânico, estou tentando entender. Você gosta de Steve, mas não o ama, como... não é amor de verdade, certo?

Della levantou a cabeça.

— Sim, mais ou menos.

Kylie falou outra vez.

— Antes você disse que Steve a fazia se sentir segura. Será que ele ainda faz você se sentir assim?

Della analisou a questão e lembrou-se de quando estava sentada com ele na varanda.

— Sim, ainda me sinto segura com ele. — Ela se lembrou de quando o abraçou. Tinha sido estranho, mas não inseguro.

Miranda saltitou da cadeira.

— E seguro é bom, certo?

— Sim — disse Della. — Mas o amor não é seguro. Não para mim. Entenderam?

— Não. — Miranda olhou para Kylie. — Você entende alguma coisa do que ela está dizendo?

Kylie olhou para Della com aquela expressão de quem pede desculpas.

— Acho que não.

— Tudo bem — disse Della, tentando pensar em como explicar. — Steve costumava ser assustador. Quero dizer, eu estava sempre com medo, porque sentia alguma coisa por ele. Era como uma sombra me seguindo e isso me fazia querer correr e não parar mais.

— E agora Steve não a assusta mais — disse Kylie, ainda parecendo incerta.

— Exato. — Della inspirou.

— Eu ainda estou perdida — disse Miranda.

Kylie estendeu a mão para Miranda.

— Acho que estou começando a entender.

Chase saiu da casa. Ele viu dois guardas vampiros em pé ao lado da varanda e passou por eles. Parte dele gostaria que tentassem algo; uma boa luta cairia muito bem agora.

Só uma luta. Ele não queria matá-los. Não era um assassino. Chase começou a descer as escadas.

— Chase? — Kirk disparou na frente dele. — Eu sei que é difícil.

Chase olhou para ele.

— Difícil é saber que você enganou Eddie durante todos esses anos. O que significa que você me enganou.

— Eu estava protegendo Eddie, Chase. — Os olhos de Kirk ficaram mais brilhantes com a raiva provocada pela acusação. — O que você acha que aconteceria a ele se a UPF descobrisse que ele matou um dos seus agentes? Você tem pregado sua apologia de justiça há anos, Chase. Mas onde está a justiça em Eddie ser condenado à morte? E isso é o que eles vão fazer. Você sabe disso. — Kirk balançou a cabeça. — Eddie matou o homem que assassinou a mulher que ele amava. Você pode culpá-lo por isso?

Chase olhou para a superfície do lago. Seu peito estava apertado.

— Talvez não haja justiça neste mundo.

— Não faça isso pelo Conselho. Faça por Eddie. O caso é que a UPF está atrás de Stone. Nós não podemos deixar que qualquer um dos nossos rapazes saia atrás dele e corra o risco de ser pego. Você poderia fazer isso.

Ele entregou a Chase uma folha de papel.

— Essa é uma lista de lugares que o filho de Powell frequenta. Uma lista de todos os amigos dele. Cuide disso.

Chase pegou o papel e olhou para o homem que ele não respeitava mais.

— Se eu matar Stone sem entregá-lo para a UPF, o pai de Della vai se julgado por assassinato. E...

— E você trairia Eddie por causa dela? — Kirk rebateu.

O amor e a devoção que Chase tinha por Eddie cresceu em seu peito a ponto de doer.

Chase encarou Kirk com a expressão contrariada.

— Você não entendeu? Eddie me contou sobre seus planos. Se ele souber que o irmão gêmeo vai ser condenado por esse assassinato, vai se apresentar e confessar um assassinato que ele não cometeu. De qualquer maneira, eu perco Eddie!

— Não, você não vai perdê-lo — disse Kirk. — Vou falar com Eddie. Posso falar com ele para que desista disso. Além do mais, você nem sabe se eles vão condenar o pai dela. Os advogados podem tirá-lo dessa. Sabemos que a UPF está cuidando disso. Você cuida de Stone. Eu cuido de Eddie.

Chase ficou ali se perguntando como o homem que um dia ele tinha respeitado tanto poderia lhe pedir uma coisa daquela.

— Prometa, Chase — pediu Kirk. — Prometa que vai cuidar disso.

Sem dizer uma palavra, Chase entrou no carro e se afastou dali.

Por que Della tinha tentado explicar? Ela não conseguiria.

— Sim, acho que entendi — disse Kylie e olhou para Della.

— Steve não a assusta, mas Chase, sim, certo?

Della respirou fundo. Ela não queria admitir, não porque não fosse verdade, mas porque admitir aquilo era o mesmo que admitir outra coisa. Mas ela não podia mentir para as amigas.

— Certo. — Della voltou a deixar a cabeça cair na mesa.

— Eu imaginava — disse Kylie.

— Imaginava o quê? — perguntou Miranda.

— Della tem medo de se apaixonar. E Steve não a assusta, porque ela não está mais apaixonada por ele. Está se apaixonando, ou já está apaixonada, por Chase. Portanto, ela ama...

— Não diga isso! — pediu Della. — Por favor. Só não diga.

No mesmo instante o celular de Della tocou. Ela quase pulou da cadeira. Pegou o celular no bolso.

— É Chase? — perguntou Miranda. — Então diga a ele que você o ama.

Della olhou para o número.

— Não. — Della se levantou. Ela não faria isso. Não poderia dizer a Chase que o amava. Porque ainda não confiava no amor. — Não é Chase. É Steve. Eu preciso falar com ele... em particular. — Ela começou a andar em direção ao quarto, mas, ao lembrar que a porta não estava se fechando direito, saiu da cabana.

— Eu não entendo — Della ouviu Miranda dizer. — Ela acha que está apaixonada por Chase, mas Steve liga e ela dispara para fora, porque precisa de privacidade. Essa garota está com uns parafusos soltos, isso é o que eu acho.

Preocupada que Miranda escutasse a conversa, Della se embrenhou na floresta para falar com Steve. Ele tinha conversado com a mãe. Ela estaria no escritório do sanatório na manhã seguinte. Steve iria cabular as aulas da manhã e iria visitá-la. Antes de sair, ele planejava transformar-se em algo bem pequeno, para que pudesse se esgueirar pra fora de Shadow Falls e descobrir onde os arquivos antigos eram guardados. Se ele os encontrasse, deixaria uma janela aberta para Della poder entrar e ler os arquivos ela mesma.

De início, Della pensou em contar o plano a Burnett, mas e se ele se recusasse a deixá-la colocá-lo em prática? Não podia deixar que ele a impedisse.

Mas tinha certeza de que Chase entenderia. Então uma constatação a atingiu. E a atingiu em cheio. Ela confiava nele. Ele iria ajudá-la.

Quer dizer, isso se ainda estivesse vivo! Por que diabos ele não tinha mandado uma mensagem ou telefonado?

Enviou outra mensagem para ele. *Onde você está?*

Então colocou o celular no bolso e começou a voltar para a cabana. Saiu do bosque e tinha acabado de entrar na trilha quando ouviu alguém andando. Deu meia-volta. Ouviu os passos. Ergueu o nariz. E em seguida decolou.

— Onde você estava? — perguntou a ele.

— Estava acabando de mandar uma mensagem de texto para você — disse Chase.

— Mas eu te mandei umas cinco mensagens!

— Sinto muito — disse ele, mas não parecia estar se desculpando de fato. — Foi um dia maluco.

Ela olhou para Chase, notando algo diferente.

— O que aconteceu?

— O que você quer dizer? — perguntou Chase.

— Eu quero dizer, o que aconteceu? Burnett disse que você estava indo confrontar Kirk. Você fez isso?

— Sim — disse ele.

— E então? — perguntou ela, impaciente.

Ele passou a mão no cabelo.

— Então que Douglas Stone é filho de Powell.

— Caramba! — exclamou Della. — Será que meu tio sabe disso? Ele estava protegendo...

— Não! — Chase quase gritou. — Ele não sabe. O Conselho o enganou.

— Então eles estavam protegendo Stone durante todos esses anos?

— Ele deixou o país. Não conseguiram encontrá-lo.

— Mas ele está aqui agora. Eles o estão escondendo?

— Não. Até o pai dele sabe que ele não vale nada. Quer detê-lo também.

Della tentou entender.

— Mas então por que Powell não seguiu a pista de Stone na prisão? Tem certeza de que o pai dele não sabe onde ele está?

— Eu não acho que Powell esteja mentindo — disse Chase. — Concordaram em nos ajudar a encontrá-lo. Querem pegá-lo também.

— Você contou a Burnett?

— Sim. Acabei de sair do escritório dele e, se não acredita em mim, pode perguntar a ele.

— Eu não quis dizer... — Della ficou olhando para Chase. Algo não parecia normal. Então ela percebeu o que era. Ele não estava sorrindo. Ele quase sempre sorria.

— Algo mais aconteceu? — perguntou ela.

— Não — disse Chase.

Ela se aproximou e olhou bem no rosto dele.

— Não minta para mim.

Ele franziu a testa. Então, de repente, levantou o rosto e o verde de seus olhos ficou de um tom néon brilhante.

— Que tal *você* não mentir pra mim? — Chase rosnou.

— Eu não estou mentindo — disse ela, sem saber de que diabos ele estava falando.

— Ok, me diga, Della. Por que o cheiro de um certo metamorfo está impregnado em você toda? — Ele se inclinou. — No seu cabelo. — Ele se inclinou mais para baixo. — No seu peito? — Ele se virou e correu o nariz sobre os ombros dela. — Nas suas costas. Você estava nos braços dele, não estava?

Ela se virou e ficou ali, sem ter certeza do que podia ou deveria dizer a ele. Mas não gostava que Chase ficasse farejando-a como se ela fosse uma cadela suja.

— Quer saber? — sibilou. — Eu tive um dia miserável e pra mim chega. Dane-se. Vou dar o fora daqui. — Ele decolou.

Della começou a voar atrás dele, mas depois parou. Ela não tinha feito nada errado. Tudo bem, tinha abraçado Steve, mas não tinha sido um abraço de verdade. Ah, ela tinha dito a ele que o amava, mas, como por fim admitiu para Miranda e Kylie, não amava Steve de fato. Ela estava... muito perto de admitir que amava Chase.

E se Chase tivesse perguntado de uma forma razoável sobre a razão de estar com o cheiro de Steve, ela teria contado. Droga, estava pensando em contar a Chase sobre o plano de Steve e pedir que fosse com ela.

Mas, se ele ia ficar todo ofendido por causa de Steve, com certeza encontraria uma razão para dissuadi-la de ir buscar os arquivos do pai.

Ela se virou e voltou para sua cabana pisando duro.

Miranda e Della ainda estavam à mesa da cozinha.

— Esqueçam o que eu disse — ela falou com rispidez. — Chase não me assusta mais. Ele apenas me tira do sério!

Ela disparou para o quarto e bateu a porta, esquecendo que ela não fechava. O último barulho que ouviu antes de aterrissar de cara na cama foi a porta caindo e se estatelando no chão.

Capítulo Trinta e Oito

Por mais irritada que Della estivesse, deixou o celular na mesa de cabeceira para que pudesse ouvi-lo quando Chase mandasse uma mensagem ou ligasse para pedir desculpas.

Eram quase três da manhã quando caiu no sono. Não que tivesse pensado nele o tempo todo. Ele não estava nem na lista dos cinco assuntos em que ela mais pensava. Ou talvez estivesse.

O celular não chegou a tocar nem anunciar a chegada de uma mensagem de texto. Mas, ainda assim, essa foi a primeira coisa que ela verificou quando acordou pela manhã.

Nada.

Aquilo doía, droga. Quando é que ele tinha começado a ser tão cretino?!

Ela se aprontou para a escola bem cedo, achando que ele poderia aparecer antes de ir trabalhar. Errado de novo.

Cretino!

No almoço, Steve mandou uma mensagem e disse que seu plano havia funcionado. Ele tinha encontrado uma sala no décimo andar, onde todos os arquivos antigos estavam encaixotados. E tinha até deixado uma janela aberta para ela.

Della mandou uma mensagem de volta e perguntou se ele iria com ela aquela noite.

E, como ela esperava, Steve disse sim.

Depois da última aula, ela foi andando até a cabana de Chase, mas ele não estava lá. Então, foi até o estacionamento da escola, para ver se o carro de Chase estava lá. Não estava. Mas o de Burnett estava.

— Estou aqui atrás! — gritou Burnett, quando ela chegou ao escritório.

Della entrou no escritório de Holiday, sem ter muita certeza do que pretendia dizer. Então se lembrou de que precisava avisá-lo de que ela e Steve iriam sair.

— Já de volta do trabalho? — ela perguntou, sem querer tocar, logo de cara, no assunto que a trouxera ali.

— Sim — ele confirmou, olhando por cima do laptop. — Está tudo bem?

— Não, na verdade — disse ela. — Diga que temos um novo juiz para o caso do meu pai e eu vou ficar melhor.

Ele franziu a testa.

— Não tive nenhuma notícia ainda.

— Portanto, não tivemos a sorte de encontrar Stone?

— Não. Chase conseguiu mais alguns endereços com alguém do Conselho, para verificarmos. Mas...

— Foi isso que ele foi verificar agora? — perguntou ela.

— Não, ele fez isso esta manhã. E não encontrou nada.

Burnett voltou a olhar para o computador.

— Então ele está trabalhando no caso dos Chi agora?

Burnett olhou para cima como se estivesse quase confuso.

— Não, fizemos isso mais cedo também.

Ela não queria perguntar, mas as palavras simplesmente saíram da sua boca sem querer.

— Então, onde está Chase agora?

Burnett hesitou.

— Suponho que na cabana dele.

— Não, passei lá e o carro não estava.

Burnett franziu a testa.

— Eu não quis dizer aqui, eu quis dizer na cabana *dele*. — Burnett se sentou mais ereto. — Ele não contou que estava se mudando para lá de novo?

Ela se lembrou das palavras de Chase: *Dane-se. Vou dar o fora daqui.*

— Sim, ele meio que contou — disse ela, magoada.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês dois? — perguntou Burnett.

— Eu não tenho ideia do que está havendo com ele — disse ela, para não ter que mentir. E era verdade. Ela não sabia o que tinha acontecido a Chase. Claro, ele já tinha demonstrado ciúme de Steve antes, mas nunca assim... surtando daquele jeito.

— Ele estava meio estranho hoje — disse Burnett.

Della quase contou que ela e Steve estavam pensando em sair, mas isso parecia muito estranho depois de falar sobre Chase.

— Bem, tenho dever de casa.

Não que planejasse fazê-lo.

Ela decolou, e quase como se quisesse — esperasse — provar que Burnett estava errado, foi até a cabana catorze.

Entrou. Olhou em volta. Foi até o quarto. Estava vazio.

Ela olhou para a cama onde tinha ficado com ele quando não sabia se ele iria viver ou morrer. Quando voltou a inspirar o ar, sentiu o perfume dele. Chase não estava ali, mas

seu cheiro ainda pairava no ar.

O coração dela quase se partiu então.

Ele tinha feito aquilo com ela outra vez. Invadido sua vida, feito com que ela acreditasse na sua conversa sobre amá-la e depois desaparecido.

Seu peito encheu-se de uma dor profunda e depois se enrodilhou lá no fundo, juntando-se a todas as outras dores e arrependimentos que ela tinha.

Será que nunca iria aprender e parar de abrir seu coração para os garotos?

— Onde você está indo? — Miranda perguntou a Della aquela noite, quando ela saiu do banheiro com seu jeans e uma camisa preta.

— Sair. — Ela estava com o celular na mão. Pretendia mandar uma mensagem de texto para Holiday antes de atravessar o portão, dizendo que estava saindo para tomar um café com Steve. Preferia pedir perdão do que permissão. E quem tinha dito isso a ela? Um certo vampiro que tinha se esgueirado para longe dela!

— Você vai sair com Chase? — perguntou Miranda, e Kylie olhou por cima do computador.

— Ele pediu desculpas? — perguntou Kylie.

Della tinha contado a elas na noite anterior sobre o pequeno surto de ciúme de Chase. Mas não havia mencionado que ele tinha se mudado de Shadow Falls. Quem gosta de admitir que está fazendo papel de idiota? E isso é o que ela tinha feito. Acreditar em Chase. Acreditar que ele realmente a amava.

— Não. — Ele não tinha se desculpado. Della se sentia mal, ou pelo menos um pouquinho mal, por ocultar a excursão que faria à noite, mas ela sabia que Kylie era uma daquelas pessoas que não infringe regras e tentaria convencê-la a não ir. Ou, pelo menos, a contar a Burnett.

Della não queria correr o risco de que ele colocasse algum empecilho. Não. Ela sabia que aquilo seria algo fora da lei. Mas era para ajudar o pai.

— Vou sair para tomar um café com Steve. — E não era mentira, porque ela pedira que Steve a acompanhasse justamente para que não precisasse mentir.

Della ouviu as duas amigas ofegarem de surpresa.

— Com Steve? — estranhou Miranda.

— Tchau, a gente se vê depois — disse Della, já se despedindo.

— Ei, espere aí! — chamou Kylie, disparando pela sala e bloqueando a porta da frente. — Pode dizer o que está acontecendo?

— Nós vamos tomar um café, é isso que está acontecendo.

— Ela está mentindo? — perguntou Miranda a Kylie. — Acione o seu lado vampiro e descubra.

Franzindo a testa para a bruxa, Della se despediu outra vez:

— Tchau, garotas. Não vou chegar tarde. — Ela segurou Kylie com delicadeza pelos ombros e tirou-a de frente da porta.

Então, sentindo-se estranhamente sentimental, ficou tentada a deixar escapar um *eu amo vocês* ou *obrigada por estarem aqui*. Mas não conseguiu encontrar as palavras. Então saiu sem dizer nada.

Della seguiu Steve até o interior da cafeteria, na esquina do Hospital St. Mary. Foi no mesmo instante envolvida pelo cheiro de grãos de café moídos. Como algo poderia ter um cheiro tão bom, mas um gosto tão ruim? Ela foi com Steve até o balcão vazio e tentou decidir se queria "fingir que bebia" alguma coisa ou se tinha mesmo que beber algo com Steve. Ele sabia que ela odiava café.

Steve fez o pedido à atendente.

— E você? — perguntou a Della.

— Nada — respondeu Della, mas em seguida baixou os olhos para os bolinhos sob o balcão de vidro. Seu coração se contraiu. *Eles têm gosto de amor*, Chase dissera.

— Espere — disse ela quando a garota começou a se afastar. — Vou querer um bolinho de chuva.

— Nunca vi você comer doces — comentou Steve.

— É contra a lei que eu queira um agora? — ela retrucou e em seguida quis morrer por ser tão grossa.

Plim. Plim. Plim. Sininhos estranhos começaram a tocar na sua cabeça, alertando-a de que a conversa entre eles estava começando a entrar num terreno movediço. Ela teria que parar aqueles malditos sinos. Mas a única maneira era ter, de uma vez por todas, aquela conversa que Steve tanto queria.

Agora não.

De fato aquela era uma péssima hora. Como se virar para alguém que está com a maior boa vontade para ajudar você e dizer: *Ah, aliás, sabe quando eu disse que te amo? Então, na verdade não te amo tanto assim.*

E, sim, isso era o que ela precisava dizer a ele. Não importava o que sentia por Chase. O fato era que não amava Steve de verdade e ele merecia alguém que o amasse. Ele era um cara incrível.

A atendente colocou o bolinho num saco sobre o balcão e Della pegou o dinheiro.

— Eu pago — disse Steve.

— Não, eu pago, e estou pagando o seu também.

— Não, eu posso...

— Você está me ajudando. — Della colocou uma nota de vinte dólares sobre o balcão. — Fique com o troco — disse à garota. Então se afastou do balcão e achou uma mesa vazia num canto.

Steve se sentou ali alguns minutos depois, com uma xícara fumegante de algo com um cheiro bom e gosto amargo, e uma fatia de bolo.

— Obrigado — disse ele.

Ela assentiu com a cabeça e pegou um guardanapo, desejando de repente que tivesse pedido um café também, apenas para ter algo com que manter as mãos ocupadas. Mas, pensando bem, ela tinha o bolinho de chuva. Olhou para a guloseima, ainda dentro do saco.

Depois olhou para Steve e os suaves olhos castanhos do metamorfo encontraram os dela. *Agora não*. Ela desviou o olhar.

Então Steve estendeu o braço para pegar o bolinho. O braço dele estava a meio caminho quando ela colocou a mão sobre a dele e o deteve.

— O que vai fazer? — ela perguntou.

— Nada, só queria uma mordida.

— Não.

Ele olhou para ela com uma expressão confusa.

— Ok.

Plim. Plim. Plim.

Ela puxou o bolinho para mais perto.

E olhou para ele.

— Eu não te amo — ela deixou escapar. Ah, caramba, por que tinha dito aquilo?

Steve estava tomando um gole de café. Devia ter ficado chocado com as palavras dela, porque aparentemente a bebida desceu errado. Ele engasgou e cuspiu o café pela boca, e... talvez até pelo nariz. Não foi algo bonito de se ver.

Então, parou de cuspir e passou a tossir.

— Merda! — ela murmurou e entregou a ele um guardanapo.

Steve o pegou e cobriu os lábios.

— Desculpe — ela disse, quando ele virou o rosto para o lado e usou o guardanapo para limpar o rosto.

Quando ele voltou a olhar para a frente, tinha lágrimas nos olhos. Com certeza era por causa da tosse e não... Que fosse a tosse, por favor!

Ele encontrou o olhar dela e então... caiu na risada. Riu pra valer, gargalhou na verdade.

Ela só ficou olhando.

— O que é tão engraçado?

— Você — ele disse. — Nós.

— Eu não vejo nada engraçado. — Ela correu o dedo pela borda da mesa e fitou o bolinho outra vez.

— Ei — ele disse, sua voz fazendo-a erguer os olhos. — Eu entendi o que você quis dizer na noite passada. E também percebi que você se sentiu desconfortável ao dizer.

— Sério?

— Sério.

Ela assentiu com a cabeça. E foi então que pensou no comportamento de Steve desde que ele tinha voltado.

— Você também não me ama, não é?

Isso dissipou o humor dos olhos dele.

— Bem, eu... gosto de você, mas... — Ele virou a xícara nas mãos. — Estamos finalmente tendo a nossa conversa?

— Contanto que não fique chateado comigo e não desista de me ajudar esta noite... — Mal tinha dito isso e desejou não ter dito.

Ele franziu a testa.

— Você me conhece e sabe que eu não faria isso.

— Desculpe. Eu sei. Estou apenas... — Morrendo por dentro. — Confusa no momento.

— Você quer começar?— ele perguntou.

— Eu odeio ser a primeira a falar. — Ela olhou para o bolinho sobre o saco, estendeu a mão e partiu um pedaço. — Foi mal. Você pode ficar com um pedaço se quiser.

— Tudo bem. — Ele sorriu.

Ela deu uma mordida. O açúcar e a canela agradaram suas papilas gustativas, mas as outras coisas, a massa pastosa, pareciam mais pasta de dente.

Ela se forçou a engolir, no entanto.

— Ok, vou falar primeiro. — Ele respirou fundo. — A questão é: eu gosto de você. Muito. E se... algumas coisas não tivessem acontecido, tudo poderia ser diferente agora.

— Coisas? — ela perguntou.

Ele soltou um longo suspiro.

— Desculpe, não é isso que eu quero dizer. — Ele franziu a testa e olhou para a xícara. — Estou meio confuso também. Um pouco. Mas não tanto a ponto de não dividir meu bolinho com você. — Ele sorriu e ela sabia que era uma piada.

Ela também sabia que, às vezes, Steve brincava quando estava nervoso.

Eles se encararam por alguns minutos.

— Vou falar a verdade — disse ele. — Há uma parte de mim que ainda fica incomodado com Chase. Mas algo que você me disse antes de eu ir embora me fez pensar.

Ela mordeu o lábio.

— Eu disse um monte de coisas. — Ela não sabia e nem se lembrava o quê. Estava mesmo chateada com ele.

Ele sorriu, um sorriso triste.

— Você me perguntou por que eu tinha feito você gostar de mim se eu sabia que estava indo embora.

Ela assentiu com a cabeça e a mesma dor de antes sussurrou no seu coração.

— Você estava certa. Eu estava planejando partir. Não sabia com certeza se iria conseguir a vaga em Paris, mas estava esperando que sim. E acho que apenas presumi que você ia entender porque era pelo bem da minha carreira. Eu quero ser médico. Quero isso mais do que qualquer coisa.

— Se você tivesse me dito...

Ele ergueu a mão.

— Só me deixe terminar, por favor. Acho que não falei porque isso teria me feito perceber quanto a minha fantasia com relação ao futuro — o que eu sonhava realizar — na verdade não coincidia com o meu... com o meu futuro com Della. Aquele que eu tinha esperança de ter também. Eu sabia que, se fosse para Paris, havia uma pequena chance de eu ser escolhido para a Academia Internacional de Medicina... e fui. — Os olhos dele brilharam com orgulho.

— Parabéns! — disse Della.

Ele agradeceu com um aceno de cabeça.

— Depois de me formar em Shadow Falls, vou morar na França por um ano para me formar em Medicina, então pelos próximos quatro anos vou morar na Alemanha, no Japão e depois na Suíça.

Ele pegou o café.

— Então, embora eu não goste de saber que você escolheu Chase em vez de mim...

— Mas...

Ele ergueu a mão e a silenciou.

— Por fim percebi que também escolhi a minha carreira em vez de escolher você. Ou estaria fazendo isso caso a Academia me aceitasse.

Balançando a cabeça, mas ainda precisando de algo para ocupar suas mãos, ela puxou o celular do bolso e correu dedo pelas bordas.

— Isso não significa que eu não goste de você — continuou Steve. — Por mais louco que pareça, ainda gosto pra caramba. E ainda estou meio chateado com Chase, mas...

— Eu entendo. — Ela olhou para ele, tentando pensar em algo para dizer que o fizesse se sentir melhor. — Você simplesmente gosta mais da sua carreira.

Ele franziu a testa de novo e ela percebeu que poderia não ter sido a coisa certa a dizer.

— E você gosta mais de Chase. E talvez até mesmo da sua carreira.

Ela olhou para o bolinho.

— Eu não sei... Chase e eu... Não sei se é amor. — *Ele já me deixou.* — Quero dizer, a ligação de sangue...

— Pare — disse Steve. — E olhe para mim — ele insistiu.

Quando ela levantou o olhar, ele continuou:

— Eu não sei como a transfusão afetou vocês dois. Mas, Della, você sentiu algo por Chase desde que ele apareceu pela primeira vez. Você já estava meio apaixonada antes de receber o sangue dele.

Ela não negou.

— Ainda assim é complicado. Ele me enganou e agora...

— E agora ele está trabalhando para a UPF, ajudando você a conseguir livrar o seu pai da acusação e... e ele te ama. Ele me disse, Della. E não vai desistir de você.

Ele já desistiu.

— Mas isso não significa que tenha que ser tão durona com ele. Eu sei como você é. Quando alguém chega perto demais, você começar a empurrar a pessoa para longe. Pare com isso. Eu sei que alguém te magoou, mas as outras pessoas, pessoas que gostam de você, não deveriam ter de pagar pelos erros que alguns idiotas cometeram no passado.

A emoção apertou a garganta de Della. Será que ela tinha afugentado Chase? Ela se lembrou de quando disse a ele que não o amava, mas ele também não tinha dito que a esperaria?

Talvez esperar não incluísse pensar que ela estava se encontrando com Steve. Talvez ela devesse tentar explicar isso já. Mas, se Chase era capaz de se afastar após um pequeno mal-entendido, será que ela era tão importante assim para ele?

— Obrigada pelo conselho — disse ela, e sem saber por quê, estendeu a mão e deu outra mordida no bolinho. Em seguida, mais uma. Não estava com um gosto melhor, mas ela não conseguiu resistir.

Ela queria gostar do bolinho.

E também queria saber que gosto tinha o amor.

Capítulo Trinta e Nove

Chase estacionou na frente de sua cabana, saiu do carro e ficou ao lado da porta aberta, à espera de Baxter.

— Vamos lá! — disse Chase quando o cão voltou a se acomodar no banco, como se dissesse que planejava dormir no carro. — Vamos dormir dentro de casa esta noite. Eu prometo. — Baxter não tinha achado a varanda muito confortável. Nem Chase, mas o que importava? Ele mal tinha dormido nas noites anteriores. Passara as últimas oito horas de trabalho com Burnett, em seguida tinha decolado e trabalhado outras doze horas vasculhando Houston em busca de Stone. E ainda não tinha a menor ideia do que faria quando encontrasse o filho da mãe.

Matar o homem antes que ele fugisse, sabendo que isso poderia impedir o pai de Della de se livrar da cadeia, ou entregá-lo e deixar que Stone enfrentasse o Conselho e Eddie?

— Vamos, saia do carro — Chase mandou. Baxter tinha ficado deprimido desde que Chase o levara para a cabana. Devia estar chateado com as longas horas de trabalho do amigo ou talvez sentindo falta de Della.

Chase também sentia.

Ele mesmo já estava se sentindo muito infeliz, mas muito infeliz mesmo, para ter de lidar com a depressão do cão.

Droga, Chase sentia falta dela. Mas tinha prometido que não mentiria mais. E se ela o questionasse sobre o que tinha conversado com Kirk, ele teria que mentir.

— Anda, Baxter. Vamos entrar.

O cão obedeceu.

Chase deu a volta até o banco traseiro e pegou as suas compras em dois sacos separados.

Ele tinha ido comprar um aromatizador de ambientes para conseguir dormir dentro da casa. Mas, quando passou pela lanchonete no interior do supermercado, viu uma placa anunciando a sopa de cebola da casa. Então pegou uma porção de sopa também.

Della tinha dito que gostava. Talvez ele aprovasse o sabor também.

Ele entrou, com Baxter em seus calcanhares. Tirou o spray do saco de supermercado.

— Talvez você queira voltar lá pra fora — disse ao cão. Aquele spray para tirar odores desagradáveis do ambiente fedia, mas ele preferia sentir aquele cheiro do que a outra opção.

O cão saiu, então Chase começou a pulverizar a casa. De cômodo em cômodo. E praticamente esvaziou a lata no quarto.

Só esperava que o produto de fato cumprisse o prometido.

O lugar cheirava a feromônios. Feromônios muito, muito felizes.

Liam e Natasha deviam ter feito sexo como coelhos. Tudo bem, eles tinham lavado os lençóis e até acendido uma vela perfumada, mas Chase ainda podia sentir o cheiro.

O cheiro de feromônios não costumava incomodá-lo. Chase gostava de sexo. Principalmente quando ele mesmo o fazia. Mas o problema era que aquele cheiro só aumentava a saudade que sentia de Della. Só o fazia desejá-la ainda mais. Querer transar com ela ainda mais.

Não que ele fosse pressioná-la. Nunca. Imaginava que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. E tinha esperança de que fosse mais cedo, porque ele sempre fora otimista.

Ele a amava. E estava pretendendo manter aquela droga de promessa — não mentir para ela —, mesmo se isso significasse que não poderia vê-la até que tudo tivesse acabado.

Aquele cheiro, no entanto, também o fizera se lembrar de que tinha sentido o cheiro de Steve por todo o corpo dela. Eles não tinham feito sexo — ele teria percebido pelo cheiro dos feromônios —, mas pensar nela nos braços de Steve o irritou profundamente.

E se havia uma coisa em que Chase era muito bom quando estava chateado era agir como um idiota. E ele tinha agido assim. Tinha batido todos os recordes de idiotice!

Devia ter dado a ela uma chance de se explicar. Ele devia ter se desculpado. Mas não tinha feito isso, porque sair pisando duro tinha sido mais fácil. Desde o momento em que ela o virá, tinha começado a perguntar sobre a visita dele a Kirk. Se ele tivesse ficado lá, nem que fosse alguns minutos a mais, ela teria feito uma pergunta que ele não poderia responder e teria que mentir. E não queria mentir. Não estava mais fazendo isso.

Ele tinha prometido a ela.

E Chase de vez em quando podia ser um idiota, mas não quebrava promessas. Motivo pelo qual não as fazia com muita frequência. E se recusara a dar a Kirk a sua palavra.

Entrando na cozinha, jogou a lata de spray no cesto de lixo. Então pegou uma colher e a mochila onde estava a sopa e se sentou na cadeira. A cadeira em que Della tinha se sentado na outra noite.

As palavras de Kirk ecoaram na sua cabeça. *Além do mais, você nem sabe se eles vão condenar o pai dela. Os advogados podem tirá-lo dessa. Sabemos que a UPF está cuidando disso.*

Ele podia correr esse risco? Estava planejando matar o homem? Conseguiria cometer um assassinato? E não importava o jeito como Chase olhava para isso, era isso que era.

Assassinato.

Ele deixou a colher de lado, em seguida tirou do bolso do seu casaco preto a folha de papel que Kirk tinha lhe dado. Seis dos dez endereços que Stone frequentava já estavam riscados. Depois de algumas horas de sono, ele voltaria à sua busca.

Pegou a embalagem de sopa e destampou-a.

Ainda estava quente, o vapor espiralando. Mas o queijo ralado que ele tinha visto a mulher colocar por cima estava preso à tampa.

Tentou raspá-lo, mas o queijo não saiu. Ele desistiu e pegou a colher.

Chase tomou a primeira colherada. E olhou para a tampa. Talvez com o queijo ficasse bom, porque, sem ele, o gosto era bem ruim. Ruim *mesmo*.

Tomou outra colherada. Lógico, sabia que só porque amava Della isso não significava que tinha que gostar das mesmas coisas que ela.

Ele ainda assim não parou de comer. Porque... Porque... Droga, não sabia por quê. Só estava tomando a sopa porque Della gostava.

Não, ele não ia parar de tomar. Mandou tudo pra dentro. Cada colherada daquela gororoba nojenta.

*

Steve e Della saíram da cafeteria. O céu estava escuro. A lua, ainda grande no céu. Só uma lasquinha dela faltando. Mas aquela sem dúvida era a noite mais segura para se sair na rua, porque os lobisomens estavam todos de ressaca depois da transformação mensal.

O vento estava frio, mas não frio demais. Isso a lembrou de que não via um fantasma havia muito tempo.

Quando chegaram à parte de trás do hospital, a escuridão ficou mais densa. Apenas seus passos ecoavam na noite.

— É bem ali — disse Steve, apontando para cima. — Décimo andar. Segunda janela da esquerda para a direita. — Ele olhou ao redor como se para ter certeza de que ninguém estava olhando. — Encontro você lá em cima?

Della fez que sim e voou para cima.

Havia um parapeito de cerca de trinta centímetros de largura, com espaço suficiente apenas para apoiar seu bumbum. Ela tinha acabado de se empoleirar ali quando percebeu que estava sentada sobre um monte de titica de pombo.

Ah, e aquilo cheirava mal...

Era nojento.

Assim como Steve prometera, a janela estava entreaberta.

Della levantou a vidraça mais uns vinte centímetros. O cheiro de papel velho, parecido com o de uma biblioteca antiga, encheu seu nariz. Ela girou o tronco e entrou. Seus pés mal haviam atingido o chão quando Steve aterrissou no parapeito da janela, com a aparência tão régia quanto um autêntico falcão peregrino. O coração dela deu um salto. Ela quase o amava.

Mas ainda não era amor pra valer...

Ele voou para dentro.

Batendo as grandes asas, as centelhas mágicas apareceram em torno dele enquanto voltava a assumir a forma humana.

— Encontrei uma lanterna quando estava aqui — ele sussurrou, virando-se para olhar ao redor. — Eu acho que deixei bem...

— Ali... — disse Della, localizando a lanterna no chão, embaixo da janela.

Ele a pegou e ligou. Colocou a mão sobre o foco, como se o achasse muito brilhante. O nervosismo dele a deixou inquieta. Ela inclinou a cabeça para escutar se havia alguém nas proximidades. Não ouviu barulho nenhum.

— Corremos o risco de encontrar mais alguém aqui? — perguntou ela.

— Há uma lavanderia ao lado. Pelo que sei, as pessoas trabalham lá noite e dia. E o lugar tem uns três seguranças. Portanto, precisamos ter cuidado.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Mas não estou ouvindo ninguém. Então, pode relaxar.

Ele franziu a testa.

— Estamos invadindo o lugar. Não podemos relaxar.

— Vamos encontrar o arquivo. — E, quando ela se virou, percebeu que aquilo daria trabalho. Fileiras de prateleiras de metal enchiam o cômodo. E cada fileira continha caixas e mais caixas empilhadas, pilhas que chegavam quase até o teto, numa sala de quase dez metros de altura.

O olhar dela passou de um canto a outro do cômodo.

— As caixas estão identificadas? — perguntou Della.

— Algumas têm datas — Steve sussurrou.

Eles foram até a parte da frente da sala, parando na primeira fileira de arquivos. Ela pegou a lanterna de Steve e iluminou as caixas empilhadas.

Mal se conseguia distinguir a inscrição. Ela teve que se aproximar da caixa para ver o ano, 1960, escrito a lápis.

— Que ano estamos procurando? — perguntou.

— O ano de 1995 — disse Della.

Levaram quinze minutos para encontrar o ano certo. Infelizmente, parecia que tinha sido um ano bem movimentado. Eram mais de quarenta caixas.

Uma agulha no palheiro...

Ela escalou a prateleira de metal e jogou dali uma caixa. Steve a pegou. Franzindo a testa, ela se deu conta de que, se não tivessem sorte, aquilo poderia demorar uma eternidade.

O pior é que quem quer que tivesse organizado os arquivos não tivera o cuidado de colocá-los em ordem. Alguns estavam em ordem alfabética, outros não.

Eles estavam nos últimos seis quando Della começou a se preocupar com a possibilidade de não encontrarem o que queriam. De ter arrastado Steve até ali e o obrigado a ajudá-la a violar a lei inutilmente.

Foi então, quando pegou uma das últimas caixas que não tinham aberto ainda, que ela sentiu. Um calafrio.

— Eu acho que está aqui — disse ela. Tirou a tampa da caixa. Um dos arquivos estava mais alto que os outros.

Havia um nome na etiqueta: CHAO TSANG.

Chase só conseguiu manter o andar compassado enquanto levava Baxter para dar um passeio. Depois disso, não se conteve mais e saiu em disparada.

Ele queria vê-la. Apenas dizer a ela que sentia muito por ter agido como um babaca. Se ela começasse a fazer perguntas de novo, ele iria embora.

Correndo para dentro de casa, ele encheu a tigela de Baxter.

— Eu já volto — disse ao cão.

Poucos minutos depois, já atravessava o portão de Shadow Falls. Burnett olhou pela janela do escritório quando ele entrou. Chase apenas acenou.

Ao se aproximar da cabana de Della, ouviu vozes. Subiu os degraus e bateu na porta antes de inspirar e farejar o ar. Então sentiu um cheiro estranho — provavelmente o da camaleão — e de bruxa. Miranda.

O que ele não farejou foi Della.

A porta se abriu e Miranda é que estava lá. Ela sorriu. Depois seu sorriso diminuiu. Não, não diminuiu; desapareceu. *No mesmo instante!* Num segundo ele estava em seu rosto e no seguinte não estava mais!

— Chase? — O pânico encheu os olhos dela. Então a bruxa olhou para trás. — Kylie, olha quem está aqui! Chase. Venha falar com Chase.

Kylie apareceu ao lado da bruxa.

— Oi, Chase — disse Kylie, mas, como a outra, parecia... sem jeito.

— Você sabe onde Della está?

— Não. Não tenho a menor ideia — a bruxa deixou escapar. E seu coração deu um salto.

O olhar dele fitou os olhos castanhos arregalados dela.

Kylie limpou a garganta, sem dúvida tentando avisar à bruxa para ela não mentir. Mas era tarde demais.

— Ela está bem? — ele perguntou a Miranda.

A garota fez que sim com a cabeça.

— Está aqui em Shadow Falls ou saiu?

A cabeça dela não se moveu. Mas seus olhos se desviaram para a direita, na direção de Kylie.

— É a sua vez. — Então a bruxa fugiu, desaparecendo dentro de um dos quartos.

Chase olhou para Kylie.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Ah, Miranda se comporta de um jeito estranho às vezes — disse ela.

Ele a analisou.

— Onde está Della?

— Eu não sei exatamente onde ela está.

Seu coração não saltou.

— Ela está com alguém? — perguntou.

Ela piscou.

— Ela estava sozinha quando saiu.

Garota inteligente, mas ele sabia muito bem quando alguém estava dando uma resposta evasiva.

— Obrigado. — Ele saiu e foi direto para cabana nove. Para a cabana de Perry, Steve e um novo lobisomem chamado Caleb.

Ele bateu na porta. Caleb abriu.

— Steve está aí?

— Não — disse ele, num tom sincero e despreocupado.

— Sabe onde ele está?

— Saiu com uma garota, eu acho.

Della olhou para o nome do pai no arquivo. O leve friozinho se tornou um frio de enregelar os ossos.

Ela se abaixou e tirou o arquivo da caixa, mas a pasta estava vazia. Completamente vazia.

Você continua procurando uma prova. Ela não existe. Por que não acredita em mim?

Della olhou para cima, o ar gelado preso nos pulmões ao avistar a tia morta estendida no chão, uma faca no peito. O sangue vazava devagar, manchando de vermelho a camisola branca.

Ele fez isso. Eu o vi mais de uma vez. Eu sinto a dor, a traição, e eu o vejo puxando a faca do meu peito. Eu o vejo parado lá com a lâmina gotejando sangue.

— Ele não faria isso! — disparou Della.

— Della? — perguntou Steve.

Bao Yu deu um salto do chão. *Vá em frente, olhe. Olhe cada caixa. Você não vai encontrar nada, porque não existe prova nenhuma.*

A tia subiu na prateleira de metal e começou a jogar as caixas lá de cima. O barulho ecoava pela enorme sala.

— O que... o que está acontecendo? — perguntou Steve.

— Merda! — murmurou Della, percebendo que não era uma visão, que as caixas de fato estavam se movendo. Ela subiu na prateleira. — Pare! — gritou, enquanto a tia pegava e jogava outra caixa. A caixa caiu no chão com estrondo.

Della se pôs na frente da morta e tentou pegar a caixa, mas não conseguiu.

Steve gritou alguma coisa de baixo, mas Della estava muito ocupada tentando controlar o espírito irritado para ouvir.

Então, de repente, seis ou sete caixas flutuaram no ar. E começaram a voar pela sala. Bateram nas paredes com baques altos e provocaram uma chuva de papel.

Steve gritou algo para ela outra vez. Della saltou da prateleira. Seu coração disparou ao ver a tia atirar mais caixas no ar.

— Nós temos que sair daqui! — disse Steve com pressa.

Mas era tarde demais. Ela tinha ficado tão distraída, tentando deter a tia, que não notou que tinham companhia agora. Viu o guarda em pé na porta, uma arma e uma lanterna apontadas para ela.

— Não se mova! — gritou o guarda. — Ou juro que vou atirar.

Capítulo Quarenta

O coração de Della martelou dentro do peito. O guarda estava a uns bons quinze metros dela. Ela pensou na possibilidade de pular pela janela e sair voando, mas como explicar isso depois? E, embora fosse rápida, não sabia se conseguiria escapar de uma bala.

Ela desviou os olhos para a janela onde Steve estava, acenando para ela vir.

As prateleiras altas atrapalhavam a linha de visão do guarda, impedindo-o de ver Steve.

— Vá você! — ela sussurrou.

— O quê? — perguntou o guarda.

— Não — Steve respondeu num sussurro.

— Cai fora. Traga ajuda! — disse ela, enquanto mais papéis caíam do teto.

— Não se mova! Eu vou atirar. Juro que vou — o guarda gritou.

— Burnett? — perguntou Steve.

— Chase — ela disse sem pensar. E pelo canto dos olhos, viu Steve se transformar de novo em pássaro e voar para longe.

— Tem mais alguém com você? — perguntou o guarda.

— Não — respondeu Della ao guarda, levantando as mãos. — Apenas eu. Mais ninguém. — O fantasma jogou outra caixa do alto de uma prateleira e ela caiu aos pés do homem.

— Quem mais está aqui? — perguntou o guarda, olhando para o topo da prateleira.

— Só eu! — disse Della novamente e olhou para o fantasma. *Por favor, pare. Por favor.*

A caixa atirada em seguida bateu com tudo na cabeça do guarda. Della o viu perder o equilíbrio, como se escorregasse numa casca de banana. Os pés dele saíram do chão e o sujeito se estatelou no chão com os braços estendidos.

E, nesse instante, a arma disparou.

Chase desabou na cama. Não que pensasse em dormir; só estava esperando que a vontade de vomitar passasse. As três cervejas geladas e a garrafa de vinho de gosto amargo não tinham caído nada bem. Ou será que tinha sido a maldita sopa?

Ele fechou os olhos para que o quarto parasse de rodar, em seguida ouviu uma batida na janela. Ele olhou para cima e viu o pássaro. Então viu as faíscas estalando contra a

vidraça.

Dois segundos depois, farejou o cheiro do metamorfo. Que diabos Steve queria ali?

Já não bastava que tivesse acabado de ter um encontro com a parceira de sangue de Chase? Será que o cara queria se gabar por causa disso? Será que ele era um idiota?

Chase pegou a calça jeans e a camiseta e foi até a porta.

Steve estava lá. Sem fôlego.

Chase só ficou parado ali. Com a respiração pesada também e tentando não vomitar.

— O que é? — perguntou Chase. Mas no mesmo instante ele sentiu. O cheiro de Della.

Apertou o punho e lutou contra o desejo de acertar o sujeito na cara.

— Della... — disse Steve, tentando recuperar o fôlego.

— O que tem Della? — perguntou Chase, com um mau pressentimento.

— Ela... ela precisa de você.

No mesmo instante Chase correu para a varanda e vomitou todo o álcool que tinha passado a noite consumindo.

Então se virou para trás, limpou a boca com as costas da mão e perguntou:

— Onde ela está?

*

Della estava sentada em frente a uma escrivaninha, no escritório principal do hospital, tentando ao máximo parecer educada e perfeitamente equilibrada. Não era fácil, porque nenhuma das duas coisas era muito natural para ela.

Ainda mais depois de constatar que sua pequena aventura não tinha dado em nada.

E agora tudo o que ela queria era saber quem já tinha roubado os arquivos do pai.

Será que tinha sido o promotor? Será que agora eles tinham nas mãos provas para incriminá-lo?

Della havia se recusado a dizer seu nome, esperando que isso bastasse para impedi-los de chamar a polícia.

Não que tivesse ficado em silêncio o tempo todo. Pediu mil desculpas e explicou que estava andando pelo hospital mais cedo aquele dia, antes da hora de fechar, e sem querer acabou trancada na sala do andar de cima.

A mulher responsável, a senhora Applebee, se o nome no crachá estava correto, perguntou várias vezes se Della era uma foragida. Ela disse que não. A mulher não acreditou, mas, considerando a história do guarda, a dela até que não era tão ruim.

— Ela consegue mover coisas — o guarda começou outra vez. — Estou dizendo, a garota estava jogando caixas em cima de mim com a força da mente. Olhava para cima e lá vinha uma caixa. E foi então que minha arma disparou.

Della não sabia se era isso mesmo que tinha acontecido, mas tinha visto a caixa cair sobre ele. O que ela tinha certeza era que a bala do revólver tinha passado a centímetros

do seu corpo.

Nesse momento, ela notou que o guarda moveu sua cadeira alguns centímetros para mais longe dela. Com certeza faria xixi nas calças se Della rosnasse para ele.

Ela poderia ter sentido pena dele se não tivesse farejado uísque em seu hálito. E pela expressão da senhora Applebee, ela também tinha recebido uma baforada de uísque na cara. Poderia até ser esse o motivo por que tinha hesitado em chamar a polícia. Isso e o fato de que ele tinha usado sua arma embriagado e atirado numa adolescente indefesa.

Quem sabe Della pudesse usar isso a seu favor?!

Até agora não tinha tentado explicar a confusão das caixas derrubadas e dos arquivos espalhados pelo chão. Mas, se o guarda continuasse falando daquele jeito, como se tivesse fugido de um manicômio, Della talvez nem tivesse que explicar nada.

Ela olhou para o relógio na parede. Quanto tempo Chase ia demorar ainda? A qualquer momento a mulher podia chamar a polícia.

Ela havia escondido sua habilitação, o cartão de crédito e o telefone no sutiã, mas se eles a revistassem e, que Deus não permitisse!, tentassem ligar para a sua mãe... De jeito nenhum Della poderia deixar que isso acontecesse. A mãe dela já tinha problemas demais.

Ela olhou para a porta, imaginando se valeria a pena correr. E ela poderia fazer isso: a senhora Applebee tinha confiscado a arma do guarda e a colocado sobre a escrivaninha.

Justo quando a ideia de correr lhe pareceu uma boa saída, ela se lembrou das câmeras do lado de fora do escritório. Eles tinham uma gravação com o rosto dela.

Onde estaria seu salvador?

Nesse exato momento seu peito esquerdo começou a vibrar. Quer dizer, seu celular começou a vibrar. Felizmente, ela conseguiu silenciá-lo antes que notassem.

Della olhou de novo para a porta. Por que estavam demorando tanto? Droga. De repente, se lembrou de que Steve devia pensar que Chase ainda estava em Shadow Falls. O que significava que Steve procuraria ajuda em outro lugar. Seu peito se apertou e ela esperou ver Burnett entrando por aquela porta a qualquer momento, bufando como um touro furioso.

Mas, a essa altura, até isso seria melhor.

— Estou dizendo, ela estava jogando caixas em cima de mim com a força da mente. Ela tem poderes. Eu já vi pessoas com poderes assim na televisão.

A senhora Applebee franziu a testa.

— Senhor Kelley, quanto o senhor bebeu esta noite? — Então o olhar da mulher se deslocou para Della. — E você, mocinha, diga-me o seu nome ou vou chamar a polícia!

*

Depois de Steve ter por fim recuperado o fôlego e conseguido falar, Chase entrou na cabana e em menos de trinta segundos vestiu seu terno preto oficial. Sentindo que estava com um bafo horrível, enfiou a mão na lata de lixo e pegou o spray de aromatizador de ambientes. Só ar saiu da lata.

Ou talvez não. Ele lutou contra a vontade de vomitar outra vez.

Entregando as chaves do carro a Steve, Chase disse ao metamorfo para encontrá-lo no St. Mary. Convenhamos, no céu escuro não havia limites de velocidade nem multas para quem dirigisse embriagado.

Em tempo recorde, ele aterrissou ao lado do hospital. Correu a mão pelo cabelo e deu uns tapinhas para espanar o terno. Era incrível como voar a quase duzentos por hora podia deixar uma pessoa sóbria.

Não que ele soubesse muito sobre ficar sóbrio ou embriagado. Tudo bem, ele bebia um copo de uísque quando Eddie oferecia, mas aquela tinha sido a segunda vez que bebia tanto a ponto de ver tudo girando à sua volta. E, como da primeira vez, não gostou nem um pouco.

Ele caminhou até a frente do hospital, aliviado ao não ver nenhuma viatura. Como ele rezou para não chegar depois que já tivessem levado Della embora!

Della precisa de você. As palavras de Steve ecoaram na sua cabeça. Ele nunca tinha ouvido palavras mais doces. E ouvi-las da boca de Steve fez com que ficassem mais doces ainda.

Foi até as portas de vidro, pegou o interfone e apertou um botão.

— Posso ajudá-lo? — perguntou uma voz masculina.

— Sim, estou aqui por causa da denúncia. A invasão. Veja — ele disse, olhando para uma câmera —, estou segurando meu distintivo.

Chase ouviu um zumbido e entrou.

Ele imaginou que não tinha a menor chance de resolver aquilo sem que alguém ligasse para o escritório da UPF e Burnett ficasse sabendo de tudo, mas Steve dissera que ela tinha pedido a ajuda dele, não de Burnett. Desde que a vida dela não corresse perigo e não houvesse nenhum risco, não havia nenhum meio de ele decepcioná-la.

Não importava que ela o desapontasse confiando em Steve para colocar em prática todo aquele plano, sem contar nada a ele. Chase só esperava que aquela coisa toda do encontro fosse parte do disfarce.

*

Alguém bateu na porta do escritório e Della prendeu a respiração, na expectativa de que fosse o seu resgate. Ela não seria exigente. Aceitaria qualquer um. Qualquer pessoa que não fosse um policial de verdade pretendendo ligar para os pais dela.

— Pois não? — perguntou a senhora Applebee.

Uma enfermeira enfiou a cabeça pela porta.

— Tem alguém aqui para falar sobre a garota.

Della respirou fundo. Sentiu um grande alívio quando captou o cheiro de Chase — junto com um cheiro de aromatizador de ambientes...

— Quem chamou a polícia? — a senhora Applebee perguntou e, em seguida, olhou para o guarda.

— Ela deve ter feito isso com a mente — disse o guarda.

— Eu não sei — respondeu a enfermeira.

— Deixe-o entrar — disse a senhora Applebee.

Chase entrou. O coração de Della deu algumas cambalhotas. O olhar do vampiro pousou em Della por apenas um segundo, então se concentrou na senhora Applebee.

— Senhora — ele disse, respeitoso, estendendo o distintivo.

A mulher olhou para o distintivo e depois para ele, como se estivesse satisfeita, ou talvez um pouco contrafeita. Nervosa.

Chase usava seu terno preto — estava um pouco amassado, mas o visual desleixado combinava com o de um policial cansado. O cabelo estava penteado para trás, um pouco desalinhado, como se tivesse enfrentado uma situação difícil. Ele parecia um policial. Sua altura e a largura dos ombros, acompanhados da barba por fazer, disfarçavam bem a sua verdadeira idade. Ele parecia... maravilhoso. Como seu cavaleiro da armadura reluzente.

Então caiu a ficha. Definitivamente. Ela o amava. Um nó apareceu em sua garganta e ela engoliu. *Agora não! Agora não!*

— Disseram que alguém invadiu o hospital — disse Chase. A senhora Applebee acenou com a mão na direção Della.

— Sim, não sabia que tinham chamado a polícia.

Chase olhou para Della.

— Parece uma foragida.

Chase devia ter ouvido o diálogo entre eles na sala, antes de entrar.

— Ela jura que não, mas... não está cooperando.

— Eles nunca cooperam — disse Chase. — Mas uma noite numa cela de verdade costuma soltar a língua deles.

— Qual é seu nome? — perguntou Chase.

— Eu não sou uma foragida! — disse Della, repetindo a história inventada de que tinha entrado na sala e ficado trancada lá. Depois, sentindo que Chase poderia precisar de munição, ela disse: — O guarda atirou em mim. Com uma arma de verdade. Balas de verdade. E está embriagado.

Os olhos de Chase arderam. Ela os viu percorrer seu corpo à procura de sangue. Então ele se virou para o guarda.

— Você atirou nela?

— Não! Ela jogou uma caixa em cima de mim e a arma disparou.

— Eu não joguei uma caixa em cima de você. Ela deve ter caído — defendeu-se Della.

— Eu... Eu sei o que isso parece — disse a senhora Applebee. — Peço desculpas.

Chase voltou-se para a mulher e Della podia quase ver sua mente maquinando uma forma de tirar vantagem daquilo.

— Ela causou algum prejuízo ao hospital? — perguntou Chase.

— Fez uma bagunça nos nossos arquivos antigos — disse a mulher.

— E fez isso com a força da mente — repetiu o guarda.

Chase olhou para o homem e, em seguida, para a senhora Applebee.

— A senhora tem consciência de que vocês dois poderiam estar numa situação bem delicada? Esta garota poderia ter sido morta.

O rosto da senhora Applebee ficou branco, enquanto o do guarda ficou vermelho, ou mais vermelho ainda.

— Tudo bem, eu bebi um pouco, mas sei o que vi. Ela estava atirando caixas em mim e ela estava no chão e as caixas estavam vindo de cima.

— Peço desculpas por ele — disse a senhora Applebee. — Contratamos uma empresa de segurança terceirizada. Não estávamos cientes de que...

— Ela é telepata ou bruxa. — O guarda arriscou dizer, enquanto andava em direção à saída.

Chase olhou para a senhora Applebee.

— Sem dúvida, isso poderia ser um problema. Para a senhora e para a nossa... foragida. A senhora vai prestar queixa?

— Bem, eu... — Seu olhar se desviou para Della. — Tentei resolver isso sem a intervenção da polícia. Mas ela não quer me dar nenhuma informação.

— Se eu fizer essa jovem cooperar, nos dando informações, e depois levá-la para casa, a senhora estaria disposta a não prestar queixa? — perguntou Chase.

A mulher pareceu surpresa, mas aliviada.

— Bem... sim, quero dizer, nada de ruim aconteceu, certo? — Ela olhou para Della e sorriu.

— Você vai cooperar? — Chase perguntou a Della num tom oficial.

— Eu só quero ir para casa. — disse Della, tentando parecer desesperada. Pensando bem, não era tão difícil. Ela *estava* desesperada.

Tinha invadido um hospital e não havia descoberto nada com isso.

Capítulo Quarenta e Um

Eles deixaram o escritório. Della teve que se conter para não sair dali correndo. No momento em que ficaram sozinhos, Chase perguntou: — Você está bem?

— Sim. — Seu coração batia forte. Enquanto andavam na direção da saída, o ombro dele roçou no dela e o toque provocou uma dor aguda em seu peito.

Chase acenou para o guarda e as portas se abriram.

Saíram do hospital. O ar frio atingiu o rosto de Della e ela sentiu e saboreou o gosto da liberdade. Chase continuou andando até chegar ao fim da calçada. Depois parou e olhou para o estacionamento do outro lado da rua.

— O guarda realmente atirou em você? — Ele continuou a olhar em volta.

— Sim, mas a caixa caiu em cheio em cima dele. Pode ter sido um acidente.

— Você jogou a caixa nele? — Chase olhou para os dois lados da rua como se estivesse procurando alguma coisa, ou alguém.

— Não — disse Della. — O fantasma jogou.

Ele parecia prestes a dizer alguma coisa, mas Della estava ansiosa para deixar logo aquele lugar antes que a senhora Applebee mudasse de ideia, então não esperou para perguntar: — O que você está procurando? Podemos sair daqui e conversar mais tarde?

— Steve está com o meu carro. Ele deveria...

O ronco de um motor soou no meio da noite e alguém estacionou o carro de Chase numa vaga do outro lado da rua.

— Merda! — disseram Della e Chase, ao mesmo tempo. Porque o cheiro que chegou até eles não era o de Steve.

— Que diabos você estava pensando? — Burnett perguntou, enquanto dirigia para fora do estacionamento. Chase logo explicou que eles tinham liberado Della sem chamar a polícia. Então Burnett disse a Chase para voltar sozinho e encontrá-lo em Shadow Falls.

No momento em que Della entrou no carro, começou a explicar que a culpa era dela, não de Chase, mas então percebeu que, se Steve era quem devia estar dirigindo o carro de Chase, Burnett provavelmente sabia o que tinha acontecido.

— Eu estava achando que meu pai podia ser condenado à pena de morte. — Ela desviou o olhar, com medo de que ele visse as lágrimas em seus olhos. E não era porque tinha sido pega em flagrante. Ela não estava nem aí com o fato de ter sido pega. O que a chateava era o fato de ainda não ter conseguido nada. Nada que ajudasse o pai.

Depois de piscar para afastar as lágrimas, ela olhou para Burnett.

— O arquivo não estava lá. Alguém o levou. E se foi a promotoria? E se...

— Não foram eles... — disse Burnett.

— Como você sabe? — ela perguntou.

As mãos do vampiro apertaram o volante.

— Porque eu já estou com ele.

O coração dela deu um salto.

— Você está com o arquivo?

Ele assentiu.

— Quando... Mas... por que não me contou? Eu não teria feito isso se... — Ela viu a expressão dele endurecer. Seu silêncio dizia tudo.

— Tem algo ruim nesse arquivo, não tem?

Burnett suspirou.

— O que importa é que, se a promotoria de fato procurá-lo, não vão encontrá-lo. Eu o destruí.

— O que estava escrito ali? Será que o meu pai viu o assassinato? Ele sabe sobre... a existência de vampiros?

Ela viu o pomo de adão de Burnett subir e descer.

— Droga! Me diga.

— Ele falou que foi atacado pelo que ele se referiu como um monstro, mas depois... disse que matou a irmã.

— O quê? — ela ofegou. — Ele não fez isso. — Fechou as mãos em punhos, com vontade de bater em alguma coisa. Arrancou o cinto de segurança e ele se partiu em sua mão.

— Della, não estou dizendo que ele tenha feito isso. Eu... Estou dizendo que ele disse ao médico que fez isso. Mas isso nunca vai vazar. Eu destruí o arquivo.

— Você fez isso mesmo?

— Sim — confirmou ele.

— Ele disse por que pensou que fez isso?

— Não. Apenas disse que fez. Isso foi tudo que ele disse.

Ela ficou ali sentada, sofrendo.

— Ele não fez isso. Sabemos que aquele outro cara é que fez. Stone fez isso.

— Eu sei. Foi por isso que eu não disse nada a você.

Ela inspirou o ar com um tremor e eles seguiram em silêncio durante os quinze minutos seguintes. A mente dela continuava dando voltas. Tentava compreender. E não

conseguia.

— Por que ele disse isso? — ela murmurou.

— Porque estava confuso — disse Burnett. — Talvez, na cabeça dele, não proteger a irmã foi o mesmo que matá-la.

Era como se Burnett já tivesse tentado encontrar um motivo para a confissão do pai. Mas será que ele acreditava mesmo nisso? Será que ele não achava que o pai dela tinha matado a irmã? Della se lembrou de Bao Yu e das visões. As acusações.

Nada disso poderia fazê-la acreditar que seu pai era um assassino.

Poucos minutos depois, outra preocupação a atingiu.

— E se o médico testemunhar?

— Ele faleceu no ano passado. A menos que consigam encontrar uma enfermeira — e isso vai ser difícil porque eu mesmo já procurei e não encontrei —, isso não vai acontecer. Como eu disse, já destruí o arquivo. Ele não servirá como prova.

Della puxou os joelhos para cima do banco e os abraçou. Nesse mesmo instante, soube que Burnett tinha feito aquilo por ela. E ela apostava que ele não tinha dito nada à UPF.

— Obrigada. — Ela apoiou a cabeça nos joelhos e se entregou às lágrimas. Em silêncio.

— O que aconteceu lá? — perguntou Burnett. — Você disse a eles o seu nome? Eles ligaram para a UPF?

Della contou a ele sobre o fantasma, sobre o tiro que o guarda disparou contra ela e como tudo aconteceu.

Burnett rangeu os dentes. Ela de fato o ouviu rangendo os dentes. Ele não podia repreendê-la pelo que tinha feito. Porque ele tinha feito o mesmo. Só que tinha sido bem-sucedido.

— Você tem sorte de não ter levado um tiro daquele guarda — disse ele com os lábios apertados.

— Eu sei. — Ela olhou pela janela e tentou não pensar.

— Vamos ter que tomar alguma providência com aquele fantasma.

— Ela não fez mal a ninguém. Não estava jogando as caixas nele, estava apenas atirando-as da prateleira. *Vá em frente, olhe. Olhe cada caixa. Você não vai encontrar nada porque não existe prova nenhuma.*

— Mas Della...

— Não vem com essa, Burnett. Por favor. Ela só quer respostas. — *Nós todos queremos*, Della pensou. Por que o pai dela achava que tinha matado a irmã? Não fazia sentido. Porque ela sabia, sabia com cada fibra do seu ser, que o pai não mataria ninguém. Ele tinha até comprado uma arapuca para pegar um rato que morava no sótão. Depois, levou o bicho para o bosque e soltou-o. A mãe tinha até feito piada com isso, e ele brincava também, dizendo que o rato o fazia se lembrar da mãe dele.

Eles passaram o resto do trajeto em silêncio. Quando Burnett estacionou o carro, Della procurou por Chase. Não o viu. Farejou o ar. O cheiro dele pairava no ambiente. Devia estar esperando no escritório.

— Vá descansar um pouco. — Burnett saiu do carro.

Ela começou a se afastar e, então, virou-se.

— Você acredita em mim agora, Burnett? Meu pai disse que viu um monstro. Ele viu Feng aquela noite e você lembra que eu contei que ele disse à minha mãe que o irmão era frio como eu. Ele sabe que sou uma vampira?

Burnett inspirou.

— Nós não sabemos.

Mas Della sabia. Ela sabia disso assim como sabia o próprio nome. Seu pai achava que ela era um monstro. E era por isso que não a amava mais.

Della estava quase na cabana quando Chase aterrissou bem na frente dela.

Ela não teve tempo de secar as lágrimas.

— Sinto muito — disse ele, puxando-a contra si.

Ela não resistiu.

Seu aroma penetrou nas narinas dela, e ela desistiu de fingir e chorou um pouco mais.

Ficou ali durante vários segundos. Os braços dele em volta dela. A cabeça em seu peito. O coração partido.

A mente de Della dava voltas, pensando no que queria dizer.

Ela o amava.

E não tinha feito nada errado com Steve.

Seu pai sabia que ela era um monstro.

— Vai ficar tudo bem — ele sussurrou, perto de sua orelha.

Ela se afastou.

— Não, não vai. Ele sabe, Chase. Meu pai sabe. E, no arquivo, está escrito que o meu pai disse que matou a irmã. Por que ele diria isso?

— Eu não sei. — Chase secou as lágrimas do rosto dela. — Della, me ouça. Eu prometo que vou dar um jeito nisso. Ok?

Ela olhou nos olhos dele.

— Como?

— O que importa é que eu vou — garantiu ele.

Ela piscou e havia algo escondido nos olhos dele, no seu tom de voz.

— O que você vai fazer?

— Apenas confie em mim. Você pode fazer isso? — perguntou.

E de todas as coisas que ele poderia ter dito, essa foi a que a fez demorar mais para responder.

— Se você tem um plano, eu preciso saber...

Ele ficou parado ali, com as mãos firmes nos ombros dela.

— Eu não tenho tudo planejado ainda, mas estou trabalhando nisso.

— Trabalhando em quê?

Ele tirou as mãos dos ombros dela.

— Eu preciso falar com Burnett. — Chase começou a se afastar.

— Não. — Ela agarrou o braço dele. — Você sabe alguma coisa. O que não está me contando? — Ele desviou os olhos. — Não minta para mim, Chase. O que está acontecendo?

— Eu não menti. Prometi que não iria mentir. E cumpri minha promessa.

— Mas você não está me dizendo alguma coisa.

— Della, eu estou tentando resolver isso. Pode me dar um tempo? Vou fazer a coisa certa.

— Qual é a coisa certa? — ela perguntou, agora certa de que ele estava escondendo algo. — O que pretende fazer?

— Pretendo fazer tudo que for humanamente possível para livrar o seu pai da cadeia. Eu acredito que ele é inocente.

— Eu sei que ele é inocente — Della insistiu. Mas ainda havia algo que Chase não estava dizendo. A mente dela disparou. — Kirk lhe disse algo? Ele sabe onde Stone está?

Quando Chase não respondeu, ela perguntou:

— Você já falou com Burnett sobre isso?

— Não. — Ele suspirou.

— Você sabe onde meu tio está agora, não sabe?

— Não. Della, por favor, apenas...

— Apenas o quê? Confiar em você? Está me pedindo para confiar no cara que não está fazendo outra coisa exceto mentir para mim? Que fugiu de mim duas vezes? Não, três vezes, porque você me deixou outra vez.

— Burnett achou muito perigoso eu ficar aqui.

— Por que você não me contou? Por que não me ligou nem mandou uma mensagem? Por que não me escreveu quando foi ver Kirk?

Quando Chase não disse nada, ela apenas continuou olhando para ele.

— Eu tenho que ir — disse ele. — Burnett está esperando.

— Que diabos você não está me dizendo, Chase?

Ele se inclinou e beijou-a.

— Que eu te amo.

Em seguida, ele voou para longe.

Della ficou ali, imersa num mundo de dor. Era possível amar alguém em quem não se confia?

Chase aterrissou na varanda do escritório. Ele ouviu Burnett andando de um lado para o outro na sala de Holiday. Chase passou a mão no cabelo, depois olhou por cima do ombro, para se certificar de que Della não o seguira.

Então fitou a porta do escritório. Certo ou errado, ele tinha que fazer aquilo.

Entrou e ouviu a cadeira do escritório de Holiday ranger, como se protestasse sob o peso de uma pessoa.

— Estou aqui — disse Burnett, em seu tom mal-humorado normal.

Chase entrou. O homem estava sentado ali, os ombros eretos, os braços cruzados e os olhos fixos em Chase com a mesma expressão que seu tom de voz denunciava.

— Você deveria ter me ligado. Essa coisa toda poderia ter acabado muito mal.

— É. Eu provavelmente deveria.

Chase se sentou. A cadeira também gemeu em protesto. Assim como o coração de Chase. Eddie o salvara. Ensinara. Protegera.

Ele olhou para Burnett.

— Algo errado?

Chase sentiu o nó na garganta apertar.

— Eu preciso de ajuda — disse Chase.

— Com o quê? — Burnett descruzou os braços e se inclinou para a frente, agora mais curioso do que irritado.

— Estou numa baita encrenca. — Chase passou a mão no rosto.

— Que encrenca?

Chase desviou o olhar, sem saber por onde começar. Seu olhar pousou numa foto de Holiday com Hannah no colo.

— O que... o que você faria se alguém matasse Holiday?

Capítulo Quarenta e Dois

Della estava sonhando. Ela era Bao Yu. Então acordou e se recusou a dormir outra vez. Depois a viu quando não estava mais dormindo.

Viu a faca sendo arrancada do seu peito. O sangue escorrendo da lâmina. O rosto do seu pai olhando para ela. Ela se esforçando para levar aos pulmões seu último suspiro.

Em seguida, morreu. Ou sua tia morreu. Várias e várias vezes.

E cada vez que ela passava por aquilo, um pouco antes de perder a vida, Della sentia a tia lamentar e chorar por algo diferente.

As pessoas que ela iria perder. O amor que nunca seria capaz de dar. Uma criança da qual ela tinha desistido e para a qual nunca poderia dizer "eu te amo". A chance de consertar todas as coisas que tinha feito errado.

Della foi para a aula, esperando esquecer tudo aquilo. Saiu depois da aula de Ciências, quando viu que isso não aconteceu.

Exausta, mental, física e emocionalmente, ela se dirigiu ao escritório. Nessa caminhada, um passo após o outro, tudo que Della podia ouvir eram as palavras de Burnett. *Ele disse que foi atacado por um monstro.* Será que o pai suspeitava mesmo que ela era uma vampira?

Holiday levantou os olhos quando Della entrou, então ofegou.

Devia ter sentido o tumulto interior de Della.

— Eu não posso mais. Simplesmente não posso.

Holiday correu para ela e envolveu-a em seus braços.

— Eu sei. Eu sei.

Della inclinou-se contra ela e soluçou. Ela não se importava de parecer fraca. Não se importava de estar encharcando de lágrimas e sabe-se lá mais o que o lindo suéter verde de Holiday. Simplesmente não se importava.

Ou será que se importava demais?

Ela se importava com Bao Yu. Ela se importava com o pai. Ela se importava... que ele a considerasse um monstro. Ela precisava corrigir isso. Tudo isso. Mas como?

— Está tudo bem. — Holiday passou a mão nas costas de Della.

Um pouco da dor a deixou com o toque de Holiday, mas nem de perto o suficiente. Principalmente quando viu a cena outra vez. A visão. Ela era sua tia e a faca estava sendo puxada do seu próprio peito.

Della se afastou dos braços de Holiday e apertou os olhos com as palmas das mãos, desejando que a visão fosse embora.

— Eu já vi isso, pelo menos, cinquenta vezes hoje. E estou vendo isso agora. O que ela quer de mim? Será que quer que eu diga que ele é culpado? Eu não posso. Ele nunca encostou um dedo em nós. Não faria isso. E não faz sentido. Por que a teria matado? Se outra pessoa tinha ido lá para isso? O que ela quer?

— Eu não sei. — Holiday se aproximou e acariciou as costas de Della.

Della abriu os olhos.

— Ela está me punindo porque eu ainda amo meu pai?

— Não. Ela não punindo você — disse Holiday. — Ela quer entender também e acha que você pode ajudá-la.

— Mas como? O que eu posso fazer? — E nesse exato instante Della descobriu a resposta. Ela sentiu um arrepio de pavor, mas era a coisa certa a fazer. Aquilo iria acontecer mais cedo ou mais tarde.

— Eu sei o que posso fazer — disse Della. — Falar com o meu pai. Ele tem que saber que não fez isso. Se ela o ouvir dizer isso, vai acreditar.

Holiday franziu a testa.

— Ok... Eu entendo por que você acha que isso vai funcionar, mas... — Ela fez uma pausa. — Como é que você vai explicar isso sem contar a ele...

— ... a verdade? — Della terminou por ela. — Talvez seja a hora de contar.

Holiday sacudiu a cabeça.

— Com o julgamento se aproximando e um fantasma irritado, não sei se esse é o momento mais apropriado para esse tipo de conversa.

— Será que existe um momento apropriado para esse tipo de conversa?

— Pode haver um momento melhor. Eu vou dizer o que fazer. Por que, em vez disso, você não deixa que eu tente fazê-la ir embora? Estive lendo sobre isso. Não iria fazer mal a ela. Apenas impedi-la de agir.

— E você acha que isso não faria mal a ela?

Holiday fez uma careta, mas não pôde negar.

— Não — disse Della. A ideia dela era melhor.

Olhando por cima do ombro, ela notou o sol entrando pelas janelas de Holiday. Os raios luminosos incidiam nos cristais pendurados por todo o escritório e projetavam espirais de cores rodopiantes nas paredes.

Não era hora de tentar um voo à luz do dia.

Ela poderia esperar até a noite, mas, caramba, havia chance de ter um ataque de nervos até lá. Além disso, queria falar com o pai sozinha, não na presença da mãe. Ele devia estar no trabalho. Era o lugar perfeito. Ele não iria surtar demais. Não com os colegas de trabalho por perto.

— Que tal uma xícara de chá de camomila? — sugeriu Holiday.

Della não queria chá, mas, ao olhar a escrivaninha de Holiday, ela mudou de ideia.

— Um chá seria ótimo — mentiu, sem nem se sentir culpada por isso.

Claro, mentir era errado e roubar carros era crime. Mas isso não a impediu de surrupiar as chaves do Corolla prateado e sair dali de fininho antes que Holiday a chamasse para perguntar se queria açúcar no chá.

O celular de Della tocou. O número de Holiday apareceu na tela.

Della não aceitou a ligação, e por uma boa razão. Era perigoso falar no celular e dirigir ao mesmo tempo. Oh, sim, ela usaria essa desculpa.

Tentando lutar contra o sentimento de urgência que fluía em suas veias, dirigiu sem nunca ultrapassar o limite de velocidade. Já era ruim o bastante dirigir um carro roubado. Ela não precisava ainda tomar uma multa por excesso de velocidade. Não, Chase não estava ali para tomar a multa por ela.

Agora não. Agora não! Ela não queria pensar nele. Seu coração só ficaria mais apertado. Chase estava escondendo alguma coisa dela. E se estava pensando nela, não poderia enviar uma mensagem de texto? Telefonar? Sim, poderia. Mas não tinha feito isso.

Uma hora mais tarde, Della estacionou o carro em frente ao local de trabalho do pai.

Inclinou-se e olhou para o prédio alto no nordeste de Houston. Sentiu uma leve brisa fria. Foi quando percebeu que, desde que engendrara aquele plano, as visões de morte tinham se interrompido. Parecia que a tia estava feliz com a decisão da sobrinha.

Ela saiu do carro, entrou e apertou o botão do elevador, rumo ao nono andar. O ar frio roçou na sua pele enquanto os números dos andares cintilavam.

Lembrou-se do alerta de Holiday sobre o fantasma irritado e o aviso de que talvez não fosse o momento mais apropriado para conversar.

— Nada de jogar caixas! Nada de jogar nada! — ela advertiu o fantasma.

As portas do elevador se abriram.

Della saiu e seguiu em direção à sala onde o pai trabalhava.

A recepcionista, uma senhora de ascendência chinesa que atendia pelo nome de Lucy, olhou para ela e cumprimentou-a com um sorriso falso. Mas o sorriso se tornou real quando reconheceu Della.

— Ora se não é a senhorita Tsang! Como você cresceu! Olhe só! É quase uma adulta agora.

Sim, havia algo sobre o roubo de um carro que provavelmente a faria ser julgada como uma adulta. Claro que a invasão que ela cometera na noite anterior tinha sido um crime

adulto também. Ela era apenas uma criminosa comum agora.

— Pois é. — Della forçou um sorriso. — Eu queria falar com o meu pai. Posso entrar na sala dele? — E já foi andando em direção à porta. Mas, ao girar a maçaneta, não ouviu o clique indicando que estava destrancada.

Della deu três passos para trás e olhou para Lucy.

A mulher balançou a cabeça com uma expressão triste.

— Bem, eu... eu...

Será que o pai tinha dito para não a deixarem entrar? Ele estaria com medo dela?

— Seu pai não está.

— Foi almoçar mais tarde? — perguntou Della.

— Não. Ele... não vem há duas semanas. Disse que precisava se concentrar no...

— ... julgamento — disse Della. Mas havia um problema. E dos grandes. Ela tinha ficado em casa na semana anterior e ele tinha saído para trabalhar todos os dias. Será que ele não tinha contado à mãe? Envergonhado por não estar conseguindo lidar bem com a situação?

Era provável.

Della forjou outro sorriso e correu para a rua, sentando-se no seu carro roubado. Seu peito doía por seu pai. Por toda a sua família.

Ela quase mudou de ideia. Confrontá-lo sobre isso iria magoá-lo. Mas era tão errado assim precisar da verdade?

E foi então que ela se deu conta. Bao Yu precisava da verdade. Della não. Ela sabia a verdade. Seu pai não tinha matado a irmã.

Mas ela não tinha ido até ali só por causa disso. *Ele falou que foi atacado por um monstro.* Era para fazê-lo olhar para ela. Fazê-lo saber que ela não era o monstro que ele achava que era.

Della respirou fundo.

— Onde está você, pai? Onde está se escondendo?

Só para ter certeza de que o pai não tinha sido sincero sobre as faltas no trabalho, Della ligou para a mãe.

Ela atendeu.

— Por que não está na escola?

— Estou no intervalo. — *Um longo intervalo.* — Papai está aí?

— Não, está no trabalho. Algo errado?

Oh, sim.

— Não. Eu só senti falta dele. — Seu coração se apertou quando ela percebeu quanto aquilo era verdade. Ela sentia falta dele havia meses. — Até mais tarde.

Ela ouviu a mãe dizer o nome dela.

— Até mais tarde — Della prometeu.

Ela descansou a cabeça no volante e tentou pensar. Onde é que o pai iria passar o dia se não estava no trabalho?

Chase e Burnett andavam pela casa vazia, em frente à qual havia um aviso de despejo. Eles tinham ido no carro de Chase, mas Burnett insistira em dirigir. Chase não sabia se Burnett não confiava nele ao volante ou se só gostava de dirigir seu carro. Esperava que fosse este o caso.

Aquele era o terceiro lugar da lista de Kirk a que eles tinham ido naquele dia, e pelo visto era mais um endereço que eles simplesmente riscariam da lista. Chase não poderia deixar de se preocupar com a possibilidade de que aquela se revelasse uma busca inútil.

— Eu não entendo por que ele estaria em qualquer um desses lugares se morava e trabalhava no apartamento.

— Eu verifiquei, e todos os endereços foram comprados há pouco tempo em nome de várias pessoas diferentes, mas um deles era Don Williams, o nome falso que ele usava na França. Ou ele alojava os membros da gangue nesses imóveis ou queria ter vários esconderijos.

Burnett não tinha prometido ignorar qualquer informação sobre Eddie que Stone pudesse dar, mas prometera que ele mesmo interrogaria Stone e não divulgaria nada até que tivesse investigado tudo pessoalmente.

E como Burnett tinha ligado para Chase às cinco horas aquela manhã e dito para encontrá-lo no escritório da UPF, Chase suspeitava que Burnett já tinha feito algumas investigações.

Subiram até a varanda, ambos com o rosto erguido para sentir qualquer cheiro e ouvir qualquer sinal de alguém escondido ali dentro.

Chase não tinha percebido nada.

— Qual o próximo endereço? — perguntou Burnett, enquanto voltavam para o carro.

Antes que Chase pudesse falar, o celular de Burnett tocou.

— Oi, querida — ele respondeu.

Chase se afastou para dar a Burnett privacidade. Mas parou de andar quando ouviu a palavra que Burnett sempre usava quando havia um problema.

— Merda!

Della estacionou em frente ao restaurante. O cheiro de arroz frito impregnava o ar. Era o mesmo restaurante que pertencera aos avós. O piso superior era agora utilizado como depósito, mas tinha sido a residência do pai durante os primeiros sete anos de vida.

O casal chinês que tinha comprado a casa de seus avós ainda eram os donos. E o pai sempre a levava ali. Enquanto tomavam sopa picante e comiam arroz frito, ele costumava contar a ela sobre a mãe, o pai e a irmã dele. Mal sabia Della que, durante todas aquelas conversas, ele não estava falando a verdade sobre os outros dois irmãos.

Sim, o fato de ele ter um irmão gêmeo e outra irmã que nunca mencionava.

Afastando a raiva, ela se inclinou para a frente, tentando ver através da janela de vidro e verificar se havia clientes sentados às mesas.

Numa mesa de trás, sentado sozinho, ela o viu. Segurava um jornal nas mãos, mas ela podia ver a lateral de seu rosto e sua postura. E a maneira como seu cabelo estava arrepiado na parte de trás o denunciava.

Lágrimas encheram seus olhos. O pai tinha se escondido durante todos aqueles dias para não ter que dizer à mãe que não conseguia suportar a suspeita no olhar dos colegas de trabalho. Aprumando os ombros, ela afastou o sentimento de pena, porque estava prestes a aborrecê-lo muito mais.

Mas já era hora.

Por Bao Yu e por ela mesma.

— O que foi? — Chase perguntou quando Burnett desligou o celular e começou a andar mais rápido em direção ao carro.

— Sua namorada — disse Burnett.

— Minha o quê?... Della? — Ninguém nunca a tinha chamado assim e Chase gostou.

— Sim. Ou você fica aos amassos com alguma outra garota enquanto trabalha num caso?

— Não. — Chase sorriu. — Só com ela. — Então notou a expressão de Burnett. — Algo errado?

— Sim. Ela pegou o carro da escola e foi confrontar o pai.

— A respeito do assassinato?

— Provavelmente a respeito de tudo.

— Isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Della tem certeza de que o pai sabe sobre ela ser um vampiro — disse Chase.

Burnett balançou a cabeça.

— Sim, e seu maior medo é que ele pense que ela é um monstro. Ela não precisa saber se está certa ou não.

Burnett discou um número.

— Della está na rua, tentando ir ver o pai. Você a tem na mira?

— Sim — disse Shawn, do outro lado da linha.

— Della está num Corolla prata 2013. Não deixe que ela fale com ele. Estou a caminho só por precaução.

Burnett desligou.

— Vamos ver se a cabecinha quente vai me responder.

Cabecinha quente, Chase pensou. Sim, era uma boa descrição.

Chase ouviu Burnett gravar uma mensagem de voz.

— Della, eu preciso falar com você. Agora! — Burnett rosnou. Ele olhou para Chase. — Você acha que ela atenderia a um telefonema seu?

Considerando as últimas conversas entre eles, Chase duvidava muito, mas pegou o celular assim mesmo. E deixou quase a mesma mensagem.

Ele encontrou o olhar de Burnett.

— O que você sabe?

Burnett recomeçou a andar na direção do carro de Chase.

— Eu sei que o pai de Della é um idiota. E sei que ela tem um fantasma bem contrariado andando atrás dela.

— O que mais? — perguntou Chase, sabendo que havia mais alguma coisa.

Burnett franziu a testa.

— Quando eu liguei para contar ao pai que Della precisava voltar à escola, ele me disse que não queria que ela voltasse para casa outra vez. Nunca mais.

Burnett passou uma mão no rosto com frustração.

— Então, ontem, ele enviou um e-mail anônimo à polícia dizendo que Della era suspeita do assassinato dos Chi. E deu à polícia o nome de Shadow Falls.

— Mas que filho da mãe! — Chase sibilou, os olhos ficando incandescentes.

— Até agora, não entraram em contato conosco — disse Burnett —, mas se o caso dos Chi não for solucionado quanto antes, eles vão fazer isso.

— Alguém precisa dar uma lição nesse homem! — disse Chase. — E eu me candidato! Vamos já. — Chase parou ao lado do carro. — Talvez aquele desgraçado tenha de fato matado a irmã!

Burnett negou com a cabeça e destrancou o carro, mas não entrou.

— Ele não matou. Mas algo aconteceu naquela noite que o fez pensar que matou. — Burnett soltou um profundo suspiro e piscou, como se estivesse tentando controlar a própria raiva. — Pode acreditar, eu olhei embaixo de cada pedra, de cada folha que o homem pisou. Procurei em todos os lugares, na esperança de encontrar o menor motivo que fosse para dar um cacete naquele sujeito!

— O modo como ele trata Della não é motivo suficiente? — perguntou Chase, de mau humor.

— Sim, mas a droga é que ele é um homem decente. É um bom marido e, até Della se transformar, era praticamente candidato ao troféu Pai do Ano. Por que você acha que ela o ama tanto?

— Mas veja como ele a trata agora!

— Eu sei. E também gostaria de socá-lo para ver se enfio algum juízo na cabeça daquele idiota. Mas a única coisa que faz sentido é que a transformação dela tenha trazido de volta todas essas lembranças terríveis. Acho que até então ele estava

conseguindo esquecer ou acreditar que tudo não passava de um sonho. Agora ele está com medo. E não teme por si, mas pela família.

— Então não vamos dar uma surra nele, vamos apenas falar com ele.

— Não agora — disse Burnett. — Precisamos dar um fim nesse julgamento. Se ele não aparecer, pode prejudicar o caso. E ambos sabemos que, se for considerado culpado, Della não vai suportar.

Della andou até a porta. Colocou a mão na maçaneta. *Eu te amo, pai. Só preciso entender, e você tem que entender isso.*

Ela tinha ensaiado o que iria dizer no trajeto até ali. Respirou fundo e, segurando o ar nos pulmões, entrou no restaurante. Passou pela mesa onde, o pai tinha contado a ela, ele fazia a lição de casa todas as noites. Passou pela enorme escultura de leão que seu pai costumava escalar quando criança. Passou pela foto de seus avós, que ainda estava pendurada na parede.

Por fim, sentou-se em frente ao pai.

Ela viu o jornal enrijecer na mão dele. E só então ela respirou.

Só então percebeu seu erro.

O cheiro do vampiro encheu seu nariz.

— Olá, Della — disse o tio.

Capítulo Quarenta e Três

Della ficou ali sentada, o corpo paralisado, enquanto o tio baixava o jornal. Seus olhos, seu rosto, todas as feições eram uma cópia das do pai. Todas as razões pelas quais ela não gostava daquele homem passaram pela mente de Della, mas seu coração lembrou que no início ela ansiava por conhecê-lo. Desejava ter um membro da família que pudesse entendê-la, que não iria olhar para ela como se ela fosse um monstro.

Della não conseguia falar.

Ele a analisou.

— Você pensou que eu era o seu pai, não é?

Incapaz de mentir — ele saberia —, ela apenas assentiu.

— Desculpe desapontá-la. — Ele sorriu. — Gostaria de tomar um chá?

Ela fez que não com a cabeça, ainda tentando descobrir o que dizer. Droga, o que sentir.

— O seu pai costuma vir aqui? — ele perguntou.

Ela assentiu novamente.

— Este lugar me traz lembranças. — Ele olhou ao redor. — Não mudou muito. Aquela mesa ali era onde fazíamos a nossa lição de casa. Seu pai e eu gostávamos de escalar aquele leão. Mamãe costumava ralhar com a gente e nos dizer que o leão ia pegar um de nós um dia. — Seu olhar pousou na foto. — Você sabe que aqueles são os seus avós?

A voz dele também era parecida com a do pai. O peito de Della se apertou ainda mais.

— Por quê? — Ela forçou as palavras a saírem da boca. — Por que você não me procurou antes? Por que enviou Chase em vez de vir você mesmo? Por que não salvou Chan? — As lágrimas encheram seus olhos. — Por que não procurou a UPF quando meu pai foi preso por assassinato? E por que... por que você deixou Chase ir ver os pais no necrotério?

Ele olhou para sua xícara.

— Você tem um bocado de perguntas.

Ela secou uma lágrima com a mão.

— Eu mereço respostas.

Ele suspirou.

— Por onde eu começo? — Ele fez uma pausa. — Eu não a procurei porque você estava ligada à UPF. Tenho minhas razões para não confiar neles. — O tio olhou para baixo

outra vez. — Eu queria salvar Chan.

— Então por que você não fez isso? — Della sentiu a temperatura da sala baixar. Ela ignorou; só queria ouvir o que ele tinha a dizer.

— A última vez que tentei estabelecer uma ligação de sangue com alguém, a pessoa morreu. Meu sangue não é mais útil. Entenda, teria sido injusto pedir a Chase para se ligar com qualquer um de vocês. E eu não pedi. Só se deve estabelecer uma ligação com alguém quando se tem afeto por essa pessoa. Porque é preciso abrir mão dos próprios poderes. Dar a ela uma parte da sua alma.

Della se lembrou de Chase contando sobre a esposa de Eddie, mas ela não quis dizer que sentia muito e só esperou que ele continuasse.

O tio acrescentou um saquinho de açúcar à sua xícara. Pedaços de folhas de chá espiralaram até a borda. A colher tilintou contra a porcelana.

— Eu pedi a Chase para preparar você e Chan para enfrentar o Renascimento sozinhos. Chase disse que Chan era muito fraco para sobreviver, mesmo que alguém se ligasse a ele. Isso doeu em Chase. Mas ele descobriu que você era forte. Sentiu que você poderia sobreviver ao processo. Mas você intrigou aquele garoto. — O tio sorriu. — Ele me contou algumas das suas peripécias. Eu percebia na voz dele. Sabia que Chase iria fazer a ligação, mesmo antes que ele soubesse. — Ele ergueu a xícara. — Chase me disse que, se fizesse isso, você iria lutar contra ele. Ele sabia muito bem como você era.

O tio dela fez outra pausa.

— Qual era mesmo a outra pergunta? Ah, sim. O necrotério? Essa é uma pergunta que eu não esperava. Mas gosto dela, porque indica que você parou de lutar contra a ligação.

— Isso eu ainda não sei — disse ela, lembrando que Chase tinha se afastado outra vez.

— Ok, como eu posso explicar o necrotério? — Ele olhou para cima. — Não foi a minha ideia mais brilhante. Mas como sou alguém que foi obrigado a se afastar da família, eu não tive a oportunidade de me despedir. Então ofereci a ele essa opção.

Feng pegou seu chá e tomou um gole.

— Agora está satisfeita? Eu gostaria de ouvir...

— Você esqueceu uma.

Ele arqueou uma sobrancelha.

Com o canto do olho, ela viu Bao Yu sentada a uma mesa, olhando para eles. A mesma em que os irmãos costumavam fazer a lição de casa. Ela se limitava a olhar. Tinha uma aparência jovem e alguns livros com ela. Será que tinha reconhecido Feng?

Afastando a tia da mente para se concentrar no tio, Della inclinou-se para a frente.

— Mesmo não gostando da UPF, quando meu pai foi preso por assassinato, por que você não deu as caras? Tudo isso teria sido muito mais fácil. Em vez de desperdiçar nosso tempo procurando você, poderíamos estar procurando Stone.

— Eu disse a Chase que, se meu irmão corresse um sério risco de ser condenado, eu me apresentaria e confessaria o crime. Para a polícia, não para a UPF. Já sabia como fazer com que acreditassem em mim.

Della ficou sentada ali, com o coração dolorido.

— Teria sido bom se Chase tivesse me contado isso.

— Ele não deve ter contado porque jurou que isso nunca aconteceria.

Della balançou a cabeça. Não importava por quê. Era apenas mais um segredo que ele tinha guardado dela. Outra mentira.

Ela encontrou o olhar do tio.

— O que Chase está escondendo de mim agora sobre o encontro dele com Kirk?

O tio reclinou-se na cadeira.

— Que encontro com Kirk?

Della fitou o tio.

— Ele não contou nem a você? Você não está sabendo? — *Pelo menos ele não tinha mentido sobre isso.*

— O quê?

— Douglas Stone é filho de Powell. Todo o Conselho sabia disso há anos.

— Não... — Feng murmurou. — Eles não o fariam isso... Kirk não faria.

Della viu o sentimento de ser traído nos olhos dele, que ficaram mais brilhantes.

— Por que eu mentiria sobre isso? E pior. Acho que Kirk está obrigando Chase a fazer alguma coisa contra a vontade dele. E eu não gosto disso.

Seu tio colocou uma nota de cinco dólares sobre a mesa e se levantou de repente. Deu um passo e se virou para olhar para ela.

— Você vem?

— Para onde?

— Quer respostas ou não?

Depois de quase uma hora no carro, Della quebrou o aparente código de silêncio e perguntou:

— Para onde estamos indo?

O tio dirigia um Malibu dourado. Nada muito chamativo, mas ainda assim tinha cheiro de novo. Ele tinha ficado quieto e, por alguma razão, isso a perturbava. Assim como Bao Yu no banco de trás.

Della desviou os olhos para a tia. Ainda jovem, ainda silenciosa.

As palmas de Della começaram a coçar. A mãe dela não lhe dizia sempre para não entrar em carros com estranhos?

Aquele homem ao volante podia ser seu tio, mas ainda era um estranho. Mas como Chase lhe dissera que o tio tinha perdido a maior parte dos seus poderes de Renascido, ela poderia subjugá-lo se preciso.

Agredir um homem que se parecia tanto com seu pai não seria fácil. Mas não era isso que mais a assustava. Era o que ele planejava fazer.

— Eu já disse. Conseguir respostas — ele explicou quando ela o interpelou outra vez. Depois colocou as duas mãos no volante e simplesmente olhou para a frente.

Della notou a janela começando a embaçar.

— Você pode explicar melhor?

Ele por fim olhou para ela, e a dor em seus olhos lhe dizia que ele estava pensando na traição do amigo.

— Primeiro vamos ter que bater um papinho com Powell. Então acho que vamos ver meu amigo Kirk.

Era com isso que ela estava preocupada: falar com Kirk.

— Por que você não liga para Chase simplesmente? Ele vai contar tudo.

— Ele me pediu para não ligar, nem entrar em contato com ele. Não quer ter de mentir para você.

E como aquilo fazia ela se sentir? Chase tinha cortado de propósito o contato com alguém que poderia ter ajudado no caso do pai dela. Ela deixou aquilo de lado por ora.

— Que tal se eu lhe der permissão para ligar para ele? Você pode dizer que estamos aqui, frente a frente, então ele não teria que mentir.

— Eu prefiro ouvir a história inteira. Espero que eles me digam mais do que disseram a Chase. — Ele se inclinou e ligou o desembaçador.

— Você acha que vão contar tudo a você? — Ela viu vapor sair dos lábios dela e tentou não deixá-lo perceber que estava tremendo.

— Com algum incentivo, talvez — disse ele.

— Tudo bem — disse Della. — Vou ser sincera com você. — Ela encaixou as mãos entre as coxas para mantê-las aquecidas. — Quero saber a verdade, mas nas últimas vinte e quatro horas eu quase fui denunciada por invasão à propriedade privada e roubei um carro. E pode incluir agressão nessa lista, embora não fosse culpa minha. Não que alguém vá acreditar. De qualquer forma, já cometi crimes demais. Se cometer mais um, vou estar de fato encrencada. É como na Lei de Murphy.

Ele olhou para ela. Seus olhos estavam brilhantes e sérios. Depois ele riu.

E, por Deus, era a primeira vez que ela ouvia uma risada como a de seu de pai depois de muito tempo, então riu com ele.

— Você não cometeu realmente todos esses crimes, não é? — ele perguntou, quando acabou a graça.

— Sim, acho que cometi, sim. — Ela deu uma rápida olhada na tia e em seguida voltou a olhar para Feng.

Ele franziu a testa.

— Tudo bem, não se preocupe. Acho que consigo fazer você escapar dessa sem ser presa. E, se eu não conseguir, vou dizer que forcei você a vir comigo.

Ela não tinha certeza se ele estava brincando, mas concordou:

— Tudo bem.

— Agora, eu posso fazer uma pergunta? — Ele passou a mão no para-brisa para desembaçar o vidro. — Pode me dizer quem está no banco de trás com a gente?

— Venha, vamos terminar o que começamos — disse Burnett para Chase.

Chase desviou os olhos da casa e encarou Burnett. Já passava das cinco horas da tarde. O pai de Della já tinha voltado para casa. Pasta na mão, como se tivesse trabalhado o dia todo, em vez de ficar na Starbucks.

— E se Della voltar?

— O meu agente vai detê-la. E eu tenho alguém vigiando as ruas. Nosso tempo vai ser mais bem aproveitado se encontrarmos Stone. E precisamos ir até o outro endereço do nosso fã de tênis caros. Se o pegarmos, a polícia não vai poder suspeitar que Della cometeu o assassinato.

— Como esse cara estava na gangue, ele pode estar na companhia de Stone — Chase presumiu.

— Os outros que com certeza participaram do assassinato, ele deixou para trás. Algo me diz que ele ficou para trás também. Acho que Stone colocou pessoas vigiando a casa de Della e alguns de seus rapazes perderam a cabeça e cometeram os assassinatos. Pode ser até por isso que foram deixados para trás. Stone não quer chamar atenção agora.

— Tudo bem — disse Chase, vendo a lógica. — Mas por que não podemos nos separar? Ganharíamos tempo.

— É muito perigoso. — Burnett começou a voltar para o carro de Chase.

— Eu não sou mais um de seus alunos. Sou um agente. — Ele puxou a etiqueta do paletó. — No caso de você não ter notado o terno.

— Você acha que eu ia enviar um agente iniciante para cuidar de um caso sozinho?

— Eu não sou iniciante. Trabalhei dois anos para o Conselho.

— Sim, muito estranho eles não terem enviado a sua ficha. — Burnett parou ao lado do carro.

Chase franziu a testa.

— Posso pelo menos dirigir o meu próprio carro?

— Não — disse Burnett. — Você não está pensando em vendê-lo, está?

— Não. — Chase se acomodou no banco do passageiro e ligou para Della. A ligação caiu no correio de voz. Mais uma vez. Onde diabos ela estava?

Della sentiu o telefone em seu bolso vibrar novamente. Quem seria dessa vez? Não que ela fosse verificar. Se não soubesse quem era, não se sentiria culpada. Ou muito culpada.

Holiday iria odiá-la. Burnett iria bater nela. Kylie e Miranda não iriam mais falar com ela. Chase iria...

Agora não.

O olhar de Della deslocou-se para o céu tingido de vermelho, roxo e cinza. Apenas uma pequena parte do grande sol alaranjado pairava sobre o horizonte ocidental. Ela se lembrou das pescarias que tinha feito com o pai. Ela odiava pescar, mas estar com ele durante todo o dia, apenas sentada à beira d' água e conversando sobre tudo, desde peixes até futuros noivos, era uma de suas melhores lembranças da infância.

— Você vai me dizer? Quem está ali, no banco de trás? — o tio perguntou outra vez.

Della respirou fundo.

— Você está segurando firme o volante?

— Sim. Por quê? — Ela viu as mãos dele apertarem mais o volante do carro.

— Porque... Eu já a vi fazer coisas malucas com carros. — Della engoliu seco e deu outra olhada rápida na garota do banco de trás.

Ela parecia tão jovem e inocente, mascando chiclete e apreciando o passeio! Não era o mesmo espírito que tinha destruído a sala de arquivo do St. Mary. Teria sido Feng ou o fato de ver a casa da infância que mudara a aparência e a atitude dela?

Ela olhou para o tio.

— Então você pode sentir fantasmas também?

— Senti-los, nem tanto. Mas posso sentir a temperatura, e está parecendo o polo Norte aqui dentro. Além disso, você fica olhando para alguém aí atrás o tempo todo.

— É Bao Yu — disse Della.

Della viu os ombros do tio afundarem alguns centímetros, como se o peso do mundo tivesse desabado sobre eles.

— Pensei que ela tinha ido embora depois que você e Chase encontraram a filha dela.

— Ela precisa de respostas também. — Della de repente percebeu que o tio poderia ser capaz de dar respostas a ela.

— Diga a ela que eu sinto muito. Eu sou o responsável. Fizeram aquilo por minha causa. Eu não faria o que eles mandaram. Fui para ajudar, mas cheguei lá tarde demais.

Della lançou outro olhar à tia. Ela estava mais velha agora, mas não vestia o vestido branco ensanguentado. Parecia que só usava o vestido quando perdia o controle.

Ele estava morto. Como pode estar vivo?, perguntou Bao Yu.

— Ele não estava morto. Eu disse a você. Ele é um vampiro, como eu. Como Natasha.

O tio olhou para Della, então olhou pelo espelho retrovisor.

— Você a vê?

— Sim — respondeu Della e hesitou antes de falar, mas decidiu que aquilo tinha que ser feito. — Ela acha que meu pai a matou.

Ele me matou! Ele mesmo admitiu isso! Quando eu o encontrei no hospital. Ele disse ao médico.

Della respirou fundo.

— No prontuário do hospital... Quando meu pai foi hospitalizado, ele admitiu isso também.

O tio negou com a cabeça.

— Não. Douglas Stone fez isso.

— Você viu? — Della olhou por cima do ombro e, como era de se esperar, o vestido sangrento estava de volta.

— Não... não exatamente. Mas, quando cheguei lá, Chao estava inconsciente no chão, ao lado do telefone. Eu ouvi alguém no meu antigo quarto. Encontrei... Stone estava de pé sobre ela. Ela estava com a faca cravada no peito. Era a minha faca. — A dor ecoou em sua voz. — Eu o persegui para fora do quarto.

— Meu pai viu você? — perguntou Della.

Seu tio assentiu.

— Estávamos lutando no corredor. Eu o vi correr para o quarto onde Bao Yu estava.

Ele fez isso. Eu mostrei a você!

Della viu outra vez a cena em sua cabeça. A tia no chão. Uma faca projetando-se do seu peito. Quando ela estendeu o braço, encontrou outra mão na faca. A faca foi puxada. A dor a atingiu. A dormência começou. A última coisa que viu foi o irmão, segurando a faca. O sangue gotejando da lâmina.

Nesse instante, Della percebeu uma coisa. Em toda visão que ela tinha lhe mostrado, o pai nunca... a esfaqueava.

— Eu sei o que aconteceu. — Lágrimas encheram os olhos de Della e ela olhou primeiro para o tio e depois para a tia. — Você, tia, estava tentando arrancar a faca. Meu pai viu e achou que estava ajudando. Mas você morreu em seguida. Você pensou que ele a matou. Ele pensou que tinha matado você.

O carro saiu de controle — Della viu Feng lutando para recuperar o controle, então Della só viu uma árvore vindo na direção deles antes de tudo ficar branco. Totalmente branco.

Capítulo Quarenta e Quatro

Chase observou enquanto Burnett desligava o motor. Cerca de uma dezena de trailers enchiam o pequeno parque. Uma luz dourada irradiava das janelas. Ele e Burnett farejaram o ar ao mesmo tempo, testando-o para ver se sentiam o cheiro de lobisomens.

O olhar de Burnett se desviou para Chase.

Chase assentiu.

— É ele.

— Você farejou alguma coisa além de lobisomens?

— Humanos. E pode haver mais de um lobisomem. — Chase olhou para o papel que Burnett lhe entregara. — O endereço diz número oito. Deve ser mais nos fundos.

Quando Burnett estendeu a mão para a maçaneta da porta, o celular tocou e ele verificou o número.

— Fale rápido — disse Burnett ao telefone, enquanto saía do carro.

— Encontramos o Corolla, mas não Della. — A voz de Shawn chegou aos ouvidos de Chase.

— Onde você encontrou o carro?

— Verificamos todos os lugares em que o pai esteve nestes últimos dias, achando que Della poderia ter ido procurá-lo. O carro está estacionado em frente a um antigo restaurante chinês em Chinatown.

— Você verificou na região? — Burnett franziu a testa para Chase.

— Sim. Ela não está aqui. Quer que a gente pegue o carro?

— Não — disse Burnett. — Ela vai voltar para buscá-lo. Deixe alguém aí... e continuem procurando. Encontre-a. — Burnett desligou.

Chase ouviu a preocupação na voz de Burnett e sentiu dez vezes mais. Ele também sabia que o que mais assustava Burnett era que Stone pusesse as mãos em Della. E pode apostar que isso também aterrorizava Chase.

Ele tinha visto o que aquele homem tinha sido capaz de fazer à própria namorada. Ele só podia imaginar o que ele faria a um estranho.

Passaram os primeiros cinco trailers. Chase ouviu pessoas dentro deles.

— Você vai para a porta da frente e bate — disse Burnett. — Eu vou para a parte de trás e os detenho quando tentarem fugir.

— Eu poderia ir para a parte de trás — Chase ofereceu.

Burnett franziu a testa.

— Eu cuido disso. — Então ele olhou ao redor. — Temos que fazer isso sem alarde. Sem muitas testemunhas. Entendeu?

Chase fez que sim e começou a ir para a varanda da frente do trailer número oito, enquanto Burnett o contornava.

Ele entrou na varanda e, logo antes de bater, ouviu o som revelador de uma espingarda sendo engatilhada.

Chase se moveu. Só que não rápido o suficiente.

Della empurrou o *airbag* do rosto e olhou para o tio.

Ele estava fazendo a mesma coisa.

Ela sentiu o cheiro de sangue antes de vê-lo escorrer da testa.

— Você está ok?

— Sim. O volante enlouqueceu. — Ele tocou a testa. — Só um galo. E você?

— Tudo bem. — Só depois de dizer que estava tudo bem Della moveu os braços e as pernas. Nada machucado.

O motor do carro engasgava e chiava. Ela olhou para o banco de trás, preocupada — só para se sentir uma idiota, porque a tia já estava morta, não podia se machucar. Mas ela não estava mais lá.

O tio saiu do carro. Della tentou fazer o mesmo. Teria saído se a porta do carro abrisse. Ela deu um empurrão e o barulho do metal rangendo encheu a noite. Ficaram em pé fora do carro.

Feng olhou para o veículo.

— Eu avisei — disse ela.

Ele assentiu.

— Nunca gostei desse carro de qualquer maneira. — Então ele olhou para o céu. — Fica ainda a alguns quilômetros daqui. — Ele a olhou de cima a baixo. — Tem certeza de que você não está ferida?

— Claro — disse ela.

— Então consegue voar?

Ela garantiu que sim.

Chase saltou para trás, caindo no chão.

A dor atingiu seu ombro quando a bala passou de raspão. Mas se não tivesse recuado, poderia não estar mais vivo. Soltou um rosnado e sentiu o cheiro do próprio sangue.

Irritado, pulou de volta na varanda. Empurrou o que restava da porta, esperando que a espingarda não fosse de cano duplo, pronta para derrubar quem estivesse pela frente.

Mas alguém já tinha feito isso. Burnett tinha dominado os dois sujeitos, as algemas da UPF em seus pulsos. Chase viu a porta dos fundos do trailer no chão.

O alívio encheu os olhos de Burnett quando Chase apareceu. Depois ele fez uma careta.

— Eles te acertaram!

— Só de raspão. — Ele se aproximou e pegou a espingarda. A adrenalina ainda corria através de seu corpo, seu ombro ardia e ele lutava contra a vontade de cobrir de porrada os dois lobisomens mestiços, agora estendidos de bruços no tapete manchado.

Então ele percebeu o que havia nos pés de um dos sujeitos.

— Belos tênis! — disse Chase.

— Bonitos mesmo. — Burnett se levantou e pegou o celular do bolso do paletó e fez uma chamada. — Precisamos de uma van para levar os dois.

Eles aterrissaram num terreno arborizado, perto de uma cerca. O tio deu um passo, depois parou. Della não tinha certeza de onde estava, mas o bairro parecia elegante. Tinham passado por várias casas imponentes. Grandes como edifícios de apartamentos.

— Está vendo aquela casa? — perguntou o tio.

Della olhou por entre as ripas de metal da cerca. Podia vê-la a meio quarteirão de distância.

— Sim.

— Com que rapidez consegue correr até lá e derrubar a porta?

Della olhou para ele.

— Vou invadir outra propriedade particular?

— Eu não acho que ele vá chamar a polícia.

Ela hesitou.

— Por que eu não bato na porta simplesmente e pergunto se posso entrar? Posso ser convincente.

Ele franziu a testa.

— Porque no segundo em que nos aproximarmos mais da casa, um dispositivo de segurança vai ser acionado e uma placa de metal eletrificada vai descer sobre todas as janelas e a porta da frente.

— Nossa. — Ela fez uma careta e olhou para a casa.

Feng continuou:

— Vai demorar trinta segundos para o metal baixar e eletrificar. Tempos atrás, eu conseguiria cruzar essa distância em quinze segundos. Você acha que consegue?

Della suspirou.

— Talvez. De quem é a casa? — Ela respirou fundo, mas não estava perto o suficiente para conseguir captar qualquer cheiro.

— Powell.

Ela mordeu o lábio.

— Você acha que Stone está lá?

— Eu não sei. Mas aposto meus caninos que Powell sabe onde o filho está.

O pensamento de prender Stone e evitar o julgamento fez Della afastar a sensação de que estava infringindo regras demais.

— Ele é o cara mais velho, certo? — perguntou Della.

— Sim.

Della olhou para Feng e inclinou a cabeça para ouvir seu coração.

— Você não vai matá-lo, vai?

— Não. Eu prometo.

Della assentiu.

— Então, estou pronta.

*

— Você podia muito bem confessar — Chase rosnou para o lobisomem descalço na sala de interrogatórios. — Agora você está na nossa mão. Vai se dar mal.

— Não vão conseguir arrancar uma palavra da minha boca — disse o lobisomem.

— Sério? — Chase, sentindo os caninos inferiores se projetarem, tirou a foto do arquivo que segurava. — Você sabe o que é isso? É uma imagem de uma pegada de tênis, seu idiota! E adivinha? Até amanhã, o nosso pessoal vai ter provas de que o tênis é seu, e você vai estar encrencado.

— Eu não sou o único que usa esses tênis! — rebateu o lobisomem mestiço.

A porta da sala se abriu. Burnett acenou para Chase sair e vir falar com ele.

Chase bateu a porta ao deixar a sala.

— O que foi? — A frustração e a preocupação com Della deixavam todo o seu corpo tenso. — Você a encontrou?

— Não, mas você vai perder tempo com esse interrogatório. Ele não vai falar. E, como você disse, amanhã eles vão identificar o tênis e vamos tê-lo na nossa mão. Não perca mais energia com ele.

Chase não detestava Burnett por estar certo, ele só detestava a ideia de estar errado.

— Ok, vamos voltar para nossos últimos dois endereços e encontrar Stone.

Burnett balançou a cabeça.

— Eu não durmo há 38 horas e estou apostando que você não dorme há 48.

— E não vou dormir até que a gente saiba onde Della está.

— Nem eu — disse Burnett. — Mas nós dois precisamos beber um pouco de sangue e, pelo menos, tentar relaxar; do contrário, só vamos atrapalhar. Eu já enviei alguns agentes para os outros dois lugares da lista. Neste momento, ambas as casas estão vazias. Falei para vigiarem o local e, se alguém aparecer, vão me ligar na mesma hora.

— Mas...

— Não discuta — disse Burnett. — Fizemos progressos esta noite. Amanhã, quando tivermos a prova, vou considerar o caso dos Chi resolvido. Della nunca precisará ficar sabendo que o pai a denunciou à polícia.

*

Della começou a tomar impulso.

— Espere! — disse o tio. — Se a placa de metal começar a descer, pare. Você entendeu?

Della assentiu.

— Com certeza isso não vai matá-la, mas vai doer pra caramba. E se eu devolver você para Chase com um arranhão, ele vai arrancar a minha cabeça.

— Você não vai me devolver a ninguém! — disse Della.

— Eu não quis dizer... Desculpe — disse ele.

— Vamos fazer isso de uma vez — disse ela.

Ela deu vários passos para trás para pegar impulso. Ouviu os alarmes tão logo atravessou o portão. O vento jogou fios do seu cabelo nos olhos. Ao se aproximar da varanda, ouviu um clique, como se as placas estivessem prestes a descer.

Ela acelerou e tentou arrombar a porta com o ombro, batendo com força total.

Doeu demais, mas valeu a pena: a porta rachou ao meio. Della caiu de lado no assoalho da casa.

Os ruídos de clique pararam. Ela ouviu o tio aterrissar na varanda e correr para dentro.

Ela disparou para dentro e o cheiro a atingiu.

Não era tão ruim quanto o cheiro na casa da namorada de Stone, mas perto disso. Ela pôs a mão sobre o nariz.

— Bem, você não precisa se preocupar que eu o mate — disse o tio.

Della se virou e lá, no chão do corredor, estava o homem idoso do qual ela se lembrava da sua primeira e única reunião do Conselho. Considerando-se a idade dele, Della poderia suspeitar que tinha sido morte natural. Mas não havia nada de natural na faca cravada em suas costas.

— Qual é o endereço daqui? — perguntou Della, desviando o olhar.

— Por quê? — perguntou o tio.

Ela pegou o celular.

— Porque estou ligando para Burnett.

Capítulo Quarenta e Cinco

A contragosto, Chase disparou para fora do escritório. Ele tinha acabado de se sentar no banco atrás do volante. Não tinha sequer fechado a porta quando Burnett apareceu ao lado do seu carro.

— Vamos voar — disse ele.

— Para onde? — Chase saiu do carro.

— Della — disse Burnett. — Ela está na cena de um assassinato.

— Stone? — perguntou Chase, batendo a porta do carro e guardando as chaves.

— Não, Logan Powell. — Ele pegou o celular e gritou uma ordem para alguém.

— O quê? Como Della encontrou Powell? — perguntou Chase.

— Não sei. Ela não deu muitos detalhes. — Burnett decolou.

Chase decolou atrás dele.

Dez minutos depois, Chase e Burnett aterrissaram em frente a um grande sobrado.

— Será que pertence a Powell? — perguntou Burnett.

— Não sei — disse Chase. — Nunca estive aqui. — Ele com certeza não entendia como Della tinha chegado ali.

Ao se aproximar, avistou Della sentada na varanda. O músculo no seu peito — seu coração — relaxou pela primeira vez desde que soubera que ela estava desaparecida.

O cheiro da morte o atingiu. Quando ele se aproximou, o cheiro de Della chegou até ele. Mas, em seguida, sentiu outro cheiro, um fraco rastro de vampiro, o que significava que ele não estava mais no local. Isso certamente decifrava o mistério de como Della tinha chegado ali.

Eddie.

— O que aconteceu? — perguntou Burnett quando se aproximaram.

Della se levantou.

— Eu não sei, já o encontrei morto.

Chase se aproximou, querendo abraçá-la, mas o olhar irritado dela o deteve. Ele esperou que ela mencionasse Eddie. Della não fez isso.

— Quem estava com você? — Burnett levantou o rosto outra vez para farejar o ar.

O olhar de Della encontrou o de Chase. Ele assentiu.

— Meu tio.

Burnett balançou a cabeça e olhou para Chase.

— Você sabia que ela estava com ele?

— Não! — disse Chase, ao mesmo tempo que Della.

— Eu encontrei Feng quando fui à procura do meu pai.

— E por que ele trouxe você aqui? — perguntou Burnett.

— Eu disse a ele que Stone é filho de Powell. Ele pensou que talvez Powell pudesse nos revelar o paradeiro do filho.

Burnett olhou para a porta.

— A porta estava quebrada quando você chegou aqui?

— Não, eu fiz isso.

Burnett balançou a cabeça outra vez e suspirou alto.

— Você tocou em algo mais?

Ela fez que não.

— Ok. Volte para Shadow Falls.

— Mas...

— Nem pense em discutir comigo! — ameaçou Burnett. — Você tem ideia de como estávamos preocupados com você? Volte para Shadow Falls. Agora!

— O carro — disse ela.

— Eu disse para Shadow Falls!

— Ele está na Peach Street e...

— Eu sei onde ele está! — Burnett passou a mão pelo cabelo. — Outros agentes vão aparecer aqui a qualquer minuto. Se quiser uma carreira na UPF, é melhor dar o fora daqui agora.

Chase viu Della acenar com a cabeça. Ele também viu as lágrimas em seus olhos. Deu um passo na direção dela. Mas ela decolou.

— Você tem que ser tão duro com Della? — Chase rosnou.

Burnett o ignorou e disparou em direção à casa. Chase o seguiu.

Parou quando viu o corpo de Powell no corredor. Chase nunca tinha convivido com o homem, mas vê-lo morto o tocou.

Burnett olhou para ele.

— Precisamos mascarar o cheiro de Della. Vá à cozinha, encontre alguns temperos, qualquer coisa com um odor forte, coloque numa panela com água e ferva. Depois limpe suas impressões e jogue tudo fora. Rápido.

Quarenta minutos depois, Della pousou no estacionamento da escola. Por melhor que fosse estar em casa, no momento ela preferia estar em qualquer outro lugar que não fosse ali. Sabia o que, ou melhor, quem, esperava por ela.

Della já tinha se acostumado a discutir com Burnett. Holiday era outra história. Burnett ficava furioso. O tipo de raiva com que Della sabia lidar. Holiday em geral ficava decepcionada. Isso era bem mais difícil.

A brisa da noite roçou no rosto de Della e ela hesitou, fechando os olhos. Seu coração doía, sua mente dava voltas. Então, sabendo que não podia mais adiar, andou até o portão. O ligeiro clique do alarme anunciou sua entrada.

Ela ouviu o rangido de uma das cadeiras de balanço brancas da varanda da frente. Através da escuridão, podia ver a silhueta de uma mulher miúda.

Della não sabia o que dizer. Não estava arrependida do que tinha feito. Mesmo considerando tudo o que havia acontecido, o encontro com o tio tinha sido... bom.

Holiday levantou-se.

Della subiu até a varanda. A *fae* de cabelos ruivos franziu a testa. Holiday não era de franzir muito a testa.

— Desculpe aborrecer você... — disse Della. — Sei que estava preocupada. Mas eu tinha que ir. E... o carro está intacto.

— Não é o maldito carro que me interessa! — Holiday disse, colocando os braços ao redor de Della. — Nunca mais faça isso com pessoas que te amam!

Della descansou a cabeça no ombro de Holiday por alguns segundos antes de se afastar.

— Agora sei o que aconteceu — disse Della.

— Quando?

— Na noite em que Bao Yu morreu. Meu pai não a matou. Bem, não... de verdade. Ele queria ajudá-la. Encontrou-a e ela estava tentando puxar a faca do peito. Ele fez isso por ela. E essa é a última coisa de que ela se lembra.

Holiday suspirou.

— Ela sabe?

— Eu acho que sim. Mas não sei se acredita ainda.

— Se foi isso mesmo aconteceu, ela vai perceber agora.

Holiday recuou e olhou para ela.

— Você está exausta. Já se alimentou hoje?

Della fez que não com a cabeça.

— Tem um pouco de sangue na geladeira da sua cabana?

Della assentiu.

— Então vá se alimentar e dormir um pouco. Kylie e Miranda estão mortas de preocupação, mas não deixe que a mantenham acordada até muito tarde. Burnett disse que vai falar com você pela manhã.

Della mal tinha descido os degraus da varanda, quando dois carros entraram no estacionamento. Um deles era uma viatura da polícia com as luzes piscando.

Eram quase dez horas da manhã quando pelo menos seis agentes entraram na casa. Chase manteve a boca fechada e deixou Burnett explicar tudo. Quando um agente perguntou como tinham encontrado a cena do crime, Burnett disse que isso constaria no seu relatório mais tarde. O que precisavam fazer era coletar e encontrar provas.

Felizmente a ordem de Burnett não foi questionada. Chase ainda não sabia como Burnett iria explicar aquilo.

Até o momento, não havia nada na casa de Powell que provasse que ele era do Conselho. Mas visto que Burnett conhecia o nome completo de Powell, alguém na UPF iria deduzir.

Calçando luvas, Chase ajudou dois agentes a revistar uma escrivaninha na parte de trás da cozinha. Encontrou um caderno de endereços. Quando o folheou, encontrou endereços antigos de Eddie. Fazendo o possível para agir disfarçadamente, quase tentou arrancar a página, então, em vez disso, decidiu guardar o caderno todo para servir de prova. Mesmo que investigassem os endereços, não encontrariam nada.

O agente responsável pela remoção do corpo estimava que o assassinato se dera cerca de 72 horas antes. Isso significava que Powell devia ter morrido no mesmo dia em que Chase o vira.

O fato de Powell provavelmente ter sido morto pelo próprio filho fez Chase sentir um pouco mais de pena do velho. Será que Stone sabia que o pai tinha se voltado contra ele?

— Chase? — Burnett o chamou do outro cômodo.

Chase foi até lá e, quando viu a expressão no rosto do homem, soube que alguma coisa estava errada.

Burnett estava terminando uma ligação telefônica. O agente se virou para Trisha.

— Temos algo que precisamos resolver em outro lugar. Você pode assumir aqui?

— Deixa comigo.

Quando saíram da casa, Burnett murmurou:

— Os policiais estão em Shadow Falls, interrogando Della.

O peito de Chase se encheu de uma raiva ardente. Se ela descobrisse que o pai a tinha delatado à polícia, ficaria arrasada. E, se isso acontecesse, Chase teria que quebrar algum osso do pai dela. De preferência o pescoço.

Holiday tinha mandado Della esperar numa das salas de reunião do escritório principal, com ordens estritas para ficar ali quietinha. Depois ela ouviu Holiday sair até o estacionamento para conversar com a polícia.

Não estavam perto o suficiente para que Della pudesse ouvir o que diziam. Ela quase foi até lá fora, mas, considerando que já tinha desobedecido a *fae* uma vez aquele dia, decidiu não sair.

Pouco tempo depois, ouviu passos entrando na cabana. Um pensamento insano lhe ocorreu. Será que estavam ali por causa dela?

Dois policiais entraram e sentaram-se em frente a ela na mesa. Holiday sentou-se ao lado dela. Um deles devia ser detetive, porque vestia um terno; o outro usava uniforme.

— Senhorita Tsang. — O detetive se apresentou e apresentou o outro oficial.

— Sim — Della respondeu, o coração martelando no peito. Ela se perguntou se aquilo seria por causa da invasão no hospital. Então outro pensamento lhe ocorreu. Será que Holiday tinha chamado a polícia quando ela furtou seu carro? Não, ela não faria isso.

— Estamos aqui por causa do senhor e da senhora Chi. Você está ciente do que aconteceu a eles? — perguntou o sujeito de terno.

A palma de Holiday pousou sobre a mão de Della, oferecendo-lhe um toque de calma. Calma que Della não queria. O que ela queria era entender. Puxou a mão e colocou-a sob a perna.

— Sim, estou ciente. — Ela olhou para Holiday e depois de volta para a polícia. — Por que está me perguntando isso? — Della se inclinou para a frente.

O sujeito gorducho de cabelos castanhos e uniforme fez cara de zombaria. Não tinha um rosto bonito, e com aquela expressão de zombaria ficava ainda pior.

— Eu acho que você está confundindo as coisas — disse ele. — Não viemos aqui para que você possa fazer perguntas. Viemos para *fazer* as perguntas. E você pode cooperar e respondê-las ou podemos levá-la. Nunca esteve na cadeia, senhorita Tsang? Não é um local agradável.

A respiração de Della ficou presa na garganta.

— Basta responder às perguntas — disse Holiday com a voz calma. Mas Della viu a fúria no brilho dos olhos da amiga. Desta vez, não havia preocupação ou amor misturados a ela. Era fúria simplesmente. E Della não era o alvo.

Della se lembrou de ouvir Holiday ligar para Burnett antes que os policiais deixassem as viaturas. O diálogo tinha sido rápido.

— A polícia está aqui. — Era quase como se ela já estivesse esperando por isso.

— Você conhecia o senhor e a senhora Chi, certo? — perguntou o outro policial.

— Sim — disse Della. — Eram meus vizinhos e eu cuidava do gato de estimação deles.

— E onde você estava na sexta à noite?

Todo o ar dos pulmões de Della saiu.

— Vocês pensam... vocês acham que...?

— Basta responder às nossas perguntas, senhorita Tsang — o oficial feio advertiu.

— Eu estava fora... com um amigo. Vi a senhora Chi num restaurante.

— Que restaurante?

Della estava prestes a responder quando ouviu um baque na varanda do escritório. A porta se abriu e ela sentiu o cheiro de Burnett.

Ele invadiu a sala, já mostrando o distintivo.

— Boa noite. Sou James Burnett, um dos proprietários de Shadow Falls, e sou da Unidade de Pesquisa Federal. Fui encarregado recentemente do caso dos Chi e acabei de capturar os assassinos esta noite.

O policial uniformizado gozador se levantou.

— Você é de onde?

— Da UPF — respondeu o detetive. — Um departamento do FBI. — Ele olhou para Burnett. — Eu não sabia que o caso tinha sido transferido.

— Não foi. — Burnett olhou para Della, quase como se estivesse conferindo como ela estava. — Nós pedimos para ajudar. Uma das minhas alunas — ele acenou para Della — tinha amizade com as vítimas.

— Não disseram nada sobre o assassino ter sido pego — justificou o policial uniformizado.

— Nós o pegamos esta noite, não preenchemos a papelada ainda. Se quiserem, vou ter a maior satisfação em deixá-los fora dessa. — Pelo tom de voz dele aquela não era uma sugestão. Burnett acenou para a porta.

— Espere! — disse Della.

Todo mundo olhou para ela.

— Por que vocês acham que eu...

— É melhor deixarmos os policiais irem. — Holiday colocou a outra mão no ombro de Della.

— Não! — disse Della. — Quem... quem disse que eu estava envolvida?

— Alguém apontou você como suspeita — disse o detetive.

As coisas de repente ficaram claras. E Deus do céu! Como doeu!

— Meu pai? — ela perguntou num fio de voz. — Ele disse que eu fiz aquilo, não foi?

As lágrimas encheram os seus olhos. A lembrança de como ele a olhara antes de ela sair atravessou seu coração.

— Por que seu pai disse que você fez aquilo? — perguntou o policial gorducho.

— Porque ele pensa que eu sou um monstro. — Della olhou para Holiday e lembrou-se da ligação que ela tinha feito para Burnett.

— Você sabia, não é? Sabia que ele tinha dito aos policiais que eu era uma assassina!

Della saiu da sala antes que todo mundo a visse chorando. Antes que testemunhassem seu coração se partindo.

Enquanto corria, seus pés batendo no chão duro e frio, o absurdo da situação lhe ocorreu. Ela estava tentando livrar o pai do assassinato enquanto o pai estava tentando fazê-la ser condenada. Talvez aquilo fosse justo. Era por culpa dela que ele estava sendo acusado.

Ela teve que parar para recuperar o fôlego quando percebeu que o pai de fato pensava que ela tinha matado alguém. Mesmo com todas as evidências apontando para ele, ela

nunca acreditou que o pai pudesse ter assassinado a irmã. O que ela tinha feito para que ele passasse a odiá-la tanto?

E a resposta veio com clareza. Ela era um monstro.

Della estava quase em sua varanda quando viu Kylie na janela, com o celular no ouvido. Holiday devia ter ligado para ela.

Della não queria ninguém tentando fazê-la se sentir melhor. Elas não conseguiriam.

— Della! — alguém chamou seu nome.

Reconhecendo a voz dele, ela se virou e olhou para Chase.

— Vá embora. Some daqui! Eu não quero ver você. Eu não quero ver ninguém!

— Você está magoada — disse Chase. — Eu sei. Só quero ficar com você. Abraçá-la.

— Eu não quero que você fique comigo. Nunca mais quero que você me abrace! Meu tio me disse, Chase. Você sabia que ele se entregaria e não deixaria meu pai ir para a cadeia. Por que não me contou?

Ele passou a mão na nuca e a culpa encheu seus olhos.

— Porque eu não ia deixar isso acontecer. Ele não matou a irmã.

— Nem meu pai! — Admitir isso em voz alta tornou toda aquela mágoa muito pior.

Ela balançou a cabeça.

— E você o proibiu de entrar em contato com você. Porque sabia que, se ele ligasse, você teria que mentir. Mentir para mim, assim como sempre mente! E o que Kirk lhe disse, você está escondendo de mim também.

Ele sacudiu a cabeça.

— Della...

— Não! — ela gritou e empurrou-o, fazendo-o cair sentado. — Afaste-se de mim! Você já fez isso tantas vezes, não custa fazer mais uma vez. E dessa vez, não volte.

— Você não está falando sério — ele disse, mas não se levantou do chão. — Está apenas chateada.

Ela fez que não com a cabeça e avançou até ficar quase em cima dele.

— Ouça o meu coração, Chase. Ouça a verdade. — Ela enxugou as lágrimas. — Você disse que seria escolha minha deixar essa ligação continuar ou não. Eu estou escolhendo, Chase. Acabou. Faça o favor de me deixar em paz!

Ela subiu as escadas da varanda, passando por Kylie, que estava na porta, e foi para seu quarto.

Capítulo Quarenta e Seis

Chase se levantou. As palavras de Della o cortaram como uma faca afiada. Mas era o sofrimento dela que ele sentia mais.

Ele começou a subir a varanda, mas Kylie bloqueou a sua passagem.

— Acho que talvez seja melhor você deixá-la sozinha por um tempo.

Chase passou a mão no rosto.

— Ela só está chateada — Kylie disse a ele, tocando seu braço. Ela tinha se tornado *fae*. Podia senti-la tentando acalmá-lo.

Ele balançou a cabeça e teve que engolir para não deixar a emoção se transformar em lágrimas.

— Ela não estava mentindo quando disse... — Droga, aquilo doía.

Kylie se aproximou.

— Às vezes, quando o coração se parte, ele não sabe o que quer e não reconhece a diferença entre a verdade e a mentira. Dê um tempo a ela.

— Vou dar. — Ele se virou e foi embora.

Holiday chegou, apressada.

— Ela está bem?

— Não — disse Chase. — Não está. Alguém precisa ficar com ela, mas ela com certeza não quer que seja eu.

Chase parou no escritório para falar com Burnett.

— Posso matar o pai dela agora?

Burnett franziu a testa.

— Vá para casa dormir. Eu ligo se alguém aparecer nas duas casas onde você acha que Stone pode estar. Se eu não ligar, vou buscá-lo às seis da manhã.

Chase não tinha sequer se lembrado de que tinha deixado o carro em algum lugar. Droga, ele não se importava.

— Eu sinto que deveria estar fazendo alguma coisa.

— Vá descansar para que possa fazer algo mais tarde.

Chase começou a se afastar, mas Burnett o interrompeu: — Espere.

Ele olhou para trás.

— Você tem como entrar em contato com Eddie?

— Eu poderia ligar para Kirk. Por quê? Você quer prender Eddie? — *Não seria o final perfeito para aquele dia infernal?,* Chase pensou.

Burnett balançou a cabeça.

— Não. Não vou deixar que nada que Stone diga prejudique Eddie. Mas eu gostaria de falar com ele. Não vou pedir que me dê o número do telefone dele, mas você poderia pedir que ele ligasse para mim?

Chase passou a mão no rosto.

— Eu não acho que ele vá fazer isso.

Burnett suspirou.

— Olha, eu não posso culpar Eddie pelo que ele fez. E se tivesse sido eu, teria matado aquele agente também. Mas eu gostaria de, pelo menos, saber que Eddie não planeja se vingar da UPF mais tarde.

— Você não acha que ele já não teria feito isso, se esse fosse o seu plano?

— Eu ainda assim gostaria de falar com ele.

Chase foi para sua cabana. Ele deu comida a Baxter e foi passear com o cão. Bebeu um copo de sangue. Em seguida, foi para a cama e ficou olhando o ventilador de teto girar.

Você disse que era minha escolha deixar essa ligação continuar ou não. Eu estou escolhendo, Chase. Acabou. Faça o favor de me deixar em paz!

Baxter pulou na cama e apoiou a cabeça no braço de Chase. Era como se o cachorro soubesse que o dono estava morrendo por dentro.

Pegou o celular, e pensou em ligar para ela, mas para quê? Della só lhe diria para deixá-la em paz.

Então, como percebeu que não poderia ficar mais magoado do que já estava, ele ligou para Kirk e deixou uma mensagem dizendo que precisava falar com Eddie. Droga, se ele conhecia Eddie, sabia que ele não iria falar com Kirk.

Mas dez minutos depois, o telefone tocou.

— Alô? — atendeu Chase.

— Filho? — disse uma voz do outro lado da linha. E era a voz do homem que tinha ficado ao seu lado desde a queda do avião. O homem que o tinha abraçado quando ele chorou a morte dos pais.

Chase começou a dizer algo, mas sua voz fraquejou.

— O que aconteceu, Chase? — disse Eddie.

— Tudo — disse Chase, sem saber como explicar. Será que Eddie pensaria que Chase o tinha sacrificado para salvar o pai de Della? O homem não merecia ser salvo.

Como Eddie não se sentiria traído por Chase? Ainda mais depois de já se sentir traído por Kirk.

— O que foi? Fale comigo.

Depois de alguns minutos, Chase perguntou:

— Você falou com Kirk?

— Pela primeira vez, agora mesmo. Só para me avisar que você ligou. Ele não atenderia aos meus telefonemas e não estava em sua casa no lago. Mas disse que eu poderia ligar depois de conversarmos. Como um amigo pode agir dessa maneira? — Eddie perguntou.

Chase empurrou a cabeça no travesseiro.

— Eu não sei.

— O que Kirk pediu para você fazer, Chase?

— Matar Stone e não entregá-lo à UPF. Kirk prometeu convencer você a confessar ter matado a sua irmã.

— Eu não entendo — disse Eddie.

— Ele pegou os arquivos, Eddie. Stone estava chantageando o Conselho para que não o entregassem.

— Isso não é desculpa. Kirk deveria ter me dito. Pensei que ele fosse meu amigo.

Chase engoliu em seco.

— Kirk me contou sobre Kirsha. E sobre o agente que plantou a bomba.

Houve um silêncio.

— Ele não deveria ter contado.

— Olha, eu posso entender por que você fez aquilo. E eu falei com Burnett. Ele vai tentar dar um jeito.

Ele ouviu o homem que tinha sido seu pai durante os últimos quatro anos soltar um rosnado baixo.

— Eu não preciso que um agente da UPF tente "dar um jeito", Chase — Eddie sibilou. — Eu matei o sujeito que matou Kirsha e faria isso outra vez se ele aparecesse hoje. E outra vez amanhã.

— Eu sei. E não culpo você. É por isso que contei a Burnett. Ele não o culpa também. Se eu pegar Stone, não vou matá-lo.

— Kirk nunca deveria ter pedido isso a você — disse Eddie.

— Eu sei. — Ele respirou fundo. — Olha, Burnett concordou em não deixar que nada que Stone disser prejudique você, mas...

— O quê? — perguntou Eddie.

— Ele quer falar com você. Estou passando uma mensagem com o número dele. Ligue pra ele.

— Não prometo — disse Eddie.

— Tente.

Eddie desligou.

Chase mandou uma mensagem com o número de Burnett, em seguida voltou a olhar para o ventilador de teto.

Só em torno das três da manhã por fim adormeceu. Eram cinco e meia quando o despertador tocou. Ele se sentou, esperando que o grande nó de dor em seu peito tivesse desaparecido.

Não tinha.

Seu celular anunciou a chegada de uma mensagem. Seu coração pulou, achando que podia ser Della.

Era Burnett. *Esteja lá em 30 minutos.*

Chase mandou uma mensagem de uma palavra. *Della?*

Ele recebeu uma mensagem de duas palavras. *Sem conversa.*

Baixando o telefone, foi para o chuveiro. Sentia-se impotente.

Em torno das oito horas, recebeu a comprovação de que a marca de tênis combinava com a pegada do lobisomem mestiço. Chase tinha que dar a notícia a Burnett. Isso era bom e ele desejava que pudesse estar lá quando o pai de Della recebesse a notícia de que tinham capturado os assassinos.

Às nove, Burnett pediu a Chase para arquivar algumas fichas. *Arquivar fichas?* Ele estava falando sério? Depois disso, pediu para que ele fosse buscar o café da manhã de Sam, o primo de Perry, que ainda estava em prisão temporária. Chase estava começando a se sentir como se fosse a secretária de Burnett.

Quando Chase voltou, Burnett encontrou-o na entrada. Entregou o saco com o café da manhã para a recepcionista — distribuindo ordens — e fez sinal para Chase segui-lo.

— Conseguimos alguma coisa?

— Uma faxineira acabou de entrar na casa da Vermont Street — Burnett disse. — Quando ela sair vamos abordá-la e ver o que ela sabe.

Burnett parou perto de uma van branca estacionada em frente.

— Tome. — Ele entregou a Chase um copo que estava segurando. — É para você. A mistura que costumo tomar no café da manhã. O negativo com um pouco de B positivo.

Chase pegou o copo.

— Não estou com fome.

— Beba. — Burnett desviou os olhos para Chase. — Eddie disse que você fica insuportável quando não se alimenta pela manhã.

Chase olhou para ele.

— Eddie ligou?

— Sim.

— E então?

— Eu tenho um plano. — Burnett deu a partida.

— E você não vai me contar? — ele respondeu.

— Primeiro, precisamos pegar Stone.

Frustrado, Chase olhou pela janela. Então percebeu que estava sendo um idiota. Burnett o estava ajudando.

— Obrigado.

— Não é um favor. É o que é certo.

O silêncio tomou conta da van e então Burnett falou.

— A UPF faz muita coisa boa, mas eu nem sempre concordo com suas políticas.

Era a coisa que ele mais respeitava em Burnett. O homem valorizava as regras, mas as infringia quando necessário.

— Como você sabe quando fazer isso? — perguntou Chase — Quando fazer o quê?

— Quando contrariar a política deles? Quero dizer, o que você se pergunta: "O que Jesus faria nessa situação"?

— Todo mundo tem uma bússola moral — disse Burnett.

— Mas nem toda bússola aponta na mesma direção.

— Você só tem que se preocupar com a direção da sua. — Ele expirou. — Eu pergunto a mim mesmo: se eu for pego, vai ter valido a pena? Se a resposta for sim, eu faço. — Ele olhou para Chase. — E não pense nem por um minuto que eles não vão demiti-lo.

Chase olhou pela janela a paisagem desfocada: árvores, edifícios, carros, pessoas. O mundo não tinha parado, então por que ele sentia como se o mundo dele tivesse? A visão de uma cabeça-dura de cabelos castanho-escuros encheu sua mente.

Ele odiava ter que perguntar, mas sua preocupação superou o orgulho.

— Alguma notícia de Della?

Burnett não olhou para ele, mas cerrou a mandíbula.

— Holiday disse que ela ainda não saiu do quarto. Miranda e Kylie estão planejando intervir, se ela não aparecer em breve. Ela não está respondendo às suas ligações ou mensagens?

Chase engoliu em seco.

— Ela... me pediu para ficar longe.

— Às vezes as mulheres dizem coisas que não querem dizer — disse Burnett.

— Sim — disse Chase, mas ela parecia estar falando sério.

O sol entrava pela janela de Della, prova de que, embora ela se sentisse morta por dentro, a vida continuava seguindo em frente.

Era tarde. Ela tinha mesmo dormido. Bem, ao menos um pouco. Pelo menos visões de facas ensanguentadas não a mantiveram acordada. Não que não tivesse pensado na morte. Só não tinha pensado na de Bao Yu.

Será que sua tia tinha aceitado a verdade de que o pai de Della não a tinha matado? Della não sabia, mas ela mesma já tinha aceitado.

E sabia o que tinha de fazer.

Saindo da cama, inclinou a cabeça para se certificar de que Kylie ou Miranda não estavam lá fora esperando para dar o bote. Por mais que as amasse e soubesse que só queriam ajudar, ela não precisava do tipo de ajuda que incluía abraços e lágrimas.

Havia apenas um tipo de ajuda de que precisava.

Nenhum barulho se ouvia na cabana, então Della foi tomar banho. Abriu uma gaveta e tirou dali uma calcinha limpa. Escrita na frente estava a palavra: "terça-feira".

Ela se lembrou de quando Chase a viu com a calcinha da segunda-feira e riu porque tinha colocado a do dia da semana errado.

Lembrou-se de ter dito a ele que estava tudo acabado.

Agora não. Agora não.

Ela terminou de se vestir e foi até o escritório para começar a colocar sua decisão em prática.

— Eu não faço nada errado. Só limpo casas — disse a jovem latino-americana, olhando para Chase e Burnett sentados em frente a ela, na lanchonete até onde a tinham seguido.

Chase viu medo nos olhos arregalados dela. Uma das mãos acariciava as costas da criança inquieta que ela tinha amarrada à cintura.

— Nós não estamos dizendo que você fez algo errado — disse Burnett. — Só precisamos fazer algumas perguntas.

— Eu já pedi a cidadania. Estou esperando a papelada. Mas tenho que trabalhar agora, minha nenê precisa de fraldas e ir ao médico. O pai dela não ajuda.

— Senhora Galvez, não somos da imigração — disse Chase. — Não estamos interessados na sua papelada. Estamos investigando o homem que é dono da casa que a senhora acabou de limpar. Precisamos saber sobre ele. Entende?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu não o conheço bem. Trabalho para ele há apenas dois meses. Consegui o emprego porque limpava a casa da *señora* que morava lá antes. Fui limpar a casa no dia em que ela se mudou e ele me viu e me pediu para continuar a limpar para ele. Ele e os amigos só entram e saem.

— Ele tem muitos amigos que se hospedam lá? — perguntou Burnett.

— Muitos.

— Quantos aproximadamente? — perguntou Chase.

— Às vezes uns doze, às vezes oito. A casa só tem quatro camas. Dormem em sofás e no chão. — Ela se inclinou. — Fazem uma grande bagunça. Não são gente muito limpa.

Burnett se inclinou para a frente.

— Com que frequência a senhora limpa a casa?

— A cada quinze dias.

— Ninguém estava em casa hoje, certo? — perguntou Chase, apenas se certificando.

— Certo.

— Isso é comum? — perguntou Burnett. — Ele costuma desaparecer? Como faz para pagar a senhora?

— Ele às vezes está em casa, às vezes não. Gosto mais quando ele não está. Deixa o dinheiro na mesa da cozinha.

— O seu dinheiro estava lá hoje?

Ela confirmou com a cabeça.

— Eu digo a ele: sem o dinheiro, nada de faxina.

Chase olhou para Burnett e sabia que o parceiro estava pensando a mesma coisa. Stone não deixaria o dinheiro para a empregada se tivesse fugido da cidade.

Burnett olhou para a jovem mãe.

— A senhora sabe onde ele trabalha ou onde fica quando não está em casa?

Ela negou com a cabeça.

— Eu não faço muita amizade com os meus clientes.

— Mas viu algo na casa que poderia nos dar uma pista?

Ela balançou a cabeça outra vez.

— Sinto muito, não sei.

— Obrigado — disse Burnett.

— Posso ir agora? — perguntou ela.

— Sim — disse Chase. — E se eu fosse a senhora, parava de faxina na casa dele.

Ela se deteve.

— Ele é um homem ruim?

Burnett confirmou com a cabeça.

Ela ofegou e Chase viu nos olhos da mulher que ela precisava do dinheiro da faxina. Saiu carregando o bebê, que quase parecia pesado demais para ela. A mãe não parecia muito mais velha do que a criança.

— Espere! — Chase puxou a carteira. — Obrigado por falar conosco. — Ele entregou todo o dinheiro que tinha na carteira para ela. Deviam ser apenas uns duzentos dólares, mas podiam sustentá-la até que encontrasse outra casa para limpar.

Ela pareceu hesitar.

— Por favor, pegue. É uma gratificação por falar conosco.

— Obrigada. — Balançando a cabeça, ela pegou as notas da mão dele e foi até o balcão da lanchonete, fazer o seu pedido.

— Eu vou reembolsá-lo — disse Burnett.

— Não precisa — disse Chase.

Eles saíram da lanchonete.

— *Señor*, *señor*! — A senhora Galvez veio correndo até eles. — Acabei de me lembrar. No mês passado, levei a minha irmã para me ajudar a limpar. Ela viu o *señor* Stone e alguns amigos dele em casa. Ela me disse que ele pediu que limpasse outra casa que ele

tem ali perto. Na semana seguinte, perguntei se ele queria que eu limpasse a outra casa, também. Ele me disse que não tinha outra casa. Acho que a minha irmã presta atenção nas coisas. Talvez ele tenha um amigo que seja dono da casa.

— Qual é o endereço? — perguntou Burnett.

Capítulo Quarenta e Sete

— Eu preciso da sua ajuda. — Della desabou na cadeira em frente à escrivaninha de Holiday.

Compaixão, empatia e toda uma série de emoções se estamparam no rosto da amiga. Della tinha certeza de que a *fae* estava morrendo de vontade de tocá-la para tentar aliviar a sua dor. Mas às vezes a dor era uma coisa boa. Forçava a pessoa a se concentrar no problema. Talvez até mesmo encontrar uma solução.

— Tudo bem — disse Holiday. — Qualquer coisa. O que você precisa?

Della pegou uma caneta na escrivaninha de Holiday. As palavras estavam na ponta da língua. Tudo o que tinha que fazer era despejá-las. Ela fez um clique com a caneta. O leve ruído encheu o pequeno escritório. Clique. Clique. Clique.

— Eu... Eu preciso que você me ajude a planejar a minha morte.

Os olhos de Holiday se arregalaram.

— Qualquer coisa, menos isso.

— Isso não é aceitável. — Della franziu a testa. Clique. Clique. Clique.

— Mas Della...

— Você me deu sua palavra de que, se eu tentasse do seu jeito... que se eu tentasse ficar em contato com a minha família e não funcionasse, você ia me ajudar a forjar a minha própria morte. — Ela colocou o dedo de volta na ponta da caneta. — Você até já ajudou Jonathon a fazer isso.

Clique!

— A vida de Jonathon em família era problemática.

— E a minha não é? Meu pai acha que eu poderia fazer picadinho de uma doce vizinha e do marido dela. — Ela apertou a caneta tão forte que achou ter ouvido o plástico fino rachar.

— E a sua mãe, Della? E a sua irmã? Você as ama.

Della sentiu um nó na garganta.

— Por que diabos você pensa que estou fazendo isso? — Clique. Clique. Clique. — Elas vão viver melhor sem mim. Se eu tivesse feito isso quando cheguei aqui, nada disso teria acontecido. Meu pai não seria julgado por assassinato.

— Mas agora...

— Eu não quero que seja agora, neste exato momento. Só depois do julgamento. Mas logo depois. — Ela jogou a caneta de volta na mesa de carvalho. A caneta saltou uma vez, caiu da mesa e se quebrou em cerca de quatro pedaços diferentes.

Della se levantou e saiu.

Della foi correr e estava quase de volta à cabana quando o celular tocou. Seu coração doía, sua cabeça doía. Não havia ninguém com quem ela quisesse falar. Eles só iam tentar convencê-la a desistir da ideia de morrer. E a verdade era que ela sentia como se já estivesse morrendo por dentro.

Deixou o telefone tocar. Ele parou. Ela esperou para ouvir se iam deixar uma mensagem. Ele não apitou.

Por alguma razão que nem sequer entendia, verificou para ver quem ela tinha ignorado. Seu coração esperava que fosse Chase. Não era Chase. Sua respiração parou.

E sua mãe, Della? E sua irmã? Você as ama. As palavras de Holiday ecoaram em sua cabeça.

Ela não esperava que fosse a mãe.

Será que havia algo errado?

Ah, inferno, ligou para a mãe. Ela atendeu.

— Della — a voz da mãe fraquejou, lágrimas soaram em sua voz.

— Algo errado? — A mão de Della apertou o celular tão forte quanto o seu coração estava apertado no peito.

— Você precisa vir me ajudar a pôr algum juízo na cabeça do seu pai.

Della pôr juízo na cabeça do pai? Ele não falava com ela havia meses!

— O que aconteceu?

— Ele simplesmente... ele dispensou o advogado e disse que vai para a delegacia de polícia confessar o assassinato.

— O quê? — perguntou Della.

— Você me ouviu.

— Ele não fez isso, mãe. Só puxou a faca do peito dela.

— O quê? — A mãe dela parecia confusa. *Ah, e agora?*

— Estou a caminho. Não deixe que ele vá à delegacia. Não importa que você tenha de bater na cabeça dele ou se sentar em cima dele. Não deixe que ele vá!

Della começou a levantar voo, mas o dia estava claro ainda. Merda! Merda! Merda! Ela voou de volta ao escritório e correu para dentro.

— Holiday, eu preciso...

Ela não estava lá. Della tirou o celular do bolso e discou o número da *fae*. Um telefone tocou na escrivaninha dela. Holiday devia ter esquecido o aparelho lá.

O olhar de Della recaiu sobre as chaves do carro, numa caixa de madeira sobre a mesa.

Sua hesitação só durou um segundo. Ela pegou as chaves e escreveu um bilhete rápido. *Problemas em casa*. Saiu.

A adrenalina fluía pelas veias de Chase enquanto Burnett dirigia devagar pela frente do sobrado. A estrutura parecia um exaurido elefante branco. Os tijolos tinham sido pintados de branco e o telhado na garagem havia cedido. O quintal estava coberto de mato.

Três carros estavam estacionados na frente da casa e um rock pesado pulsava no ar. A distância, um trovão pareceu ecoar na mesma toada.

— Tem gente em casa — disse Chase.

— Sim. — Burnett estacionou do outro lado da rua.

— Vamos pela frente ou por trás? — perguntou Chase.

— Calminha aí. — Burnett baixou a cabeça e olhou para a casa. — Pode haver mais de dez lá dentro.

— Me deixe dar uma volta por aí e te digo o que eu ouvir e farejar.

— Você chega mais perto e se Stone, ou um lobisomem puro-sangue, estiver lá dentro, vão farejar o seu cheiro.

— Então vamos invadir o lugar. Acho que podemos dar conta deles.

Burnett franziu a testa.

— Eu acho que você poderia ter morrido na noite passada se não tivesse ouvido a espingarda sendo engatilhada. Se tiverem armas, esses caras podem estar fazendo o mesmo agora.

— E daí? Você chamou reforço? — perguntou Chase.

A carranca de Burnett se aprofundou e ele olhou outra vez para a casa, como se a analisasse.

— Se Stone estiver aí, será mais fácil se estivermos só você e eu.

Ele apontou para a parte de trás da van.

— Tenho uma maleta no porta-malas. Traga-a aqui e pegue os dois coletes que estão sobre o banco.

Chase colocou a maleta e um dos coletes ao lado Burnett.

— Esse colete pesa uma tonelada! Vai me atrasar.

— Vai atrasar a sua morte, também.

Burnett colocou o colete por cima do terno. Chase tentou, mas a coisa era muito apertada.

— É muito pequeno — disse Chase.

— Tire o casaco e a camisa — disse Burnett.

Frustrado, Chase fez isso. Então voltou a vestir o colete preto.

Burnett olhou em volta.

— Sorte que parece que os vizinhos não estão em casa.

Ele abriu a maleta. Nela havia duas armas de aparência estranha, que pareciam saídas de um filme de ficção científica.

— Tranquilizantes? — perguntou Chase.

Burnett fez que sim.

— Dispara seis tiros. Tudo que você tem a fazer é mirar e puxar o gatilho.

— Fácil.

Burnett concordou.

— O importante é lembrar de...

— Atirar neles antes que atirem em você — disse Chase.

— Eu ia dizer "acertar a parte superior do tronco", pois assim vai agir mais rápido, mas o que você disse é importante também.

Eles saíram e começaram a atravessar a rua.

Burnett falou outra vez enquanto atravessavam o gramado da frente. Caía uma garoa fina.

— O tranquilizante demora cerca de cinco segundos para fazer efeito. E leva apenas um segundo para eles puxarem o gatilho. Portanto, não vai ser uma disputa de igual pra igual se tiverem armas de verdade.

Chase assentiu.

— Você vai pelos fundos desta vez. — Chase começou a contornar a casa. — Tome cuidado! — Burnett sussurrou.

— Esse é o meu lema.

Della estacionou na rampa da garagem. Será que tinha chegado a tempo? Assim que saltou do carro, sentiu o cheiro de sangue. Ela olhou por cima do ombro, quase certa de que o cheiro vinha do outro lado da rua. Mas aquilo a assustou, de qualquer maneira.

Ela correu para dentro.

— Mãe? — gritou.

O barulho de uma porta batendo encheu o silêncio estranho e perturbador. Foi até a cozinha, achando que poderia encontrar a mãe lá. Mas nem conseguiu passar da porta de entrada.

— Ah, mas que maravilha! — disse uma voz masculina, vinda da sala de jantar.

Della respirou fundo para farejar o ar e saber quem ela estava enfrentando. Mas a mãe devia ter feito molho de tomate, porque tudo o que sentia era o odor nauseante de alho. Ela se virou. Uma checada rápida na testa do intruso revelou que era mestiço de lobisomem.

Ela poderia dar conta dele.

Ainda assim, o coração batendo forte, o medo fazendo seu vampiro interior vir à tona para servir e proteger, ela inclinou a cabeça para a direita, na esperança de detectar se havia mais alguém ali.

O som de uma respiração pesada veio do pequeno escritório atrás da casa.

— Estamos com a família toda aqui agora! — o lobisomem gritou.

Numa das mãos, ele segurava um taco de beisebol; na outra, uma foto emoldurada — um retrato de família, tirado no parque um pouco antes de Della ter sido transformada.

A fúria cresceu em seu peito. Ela adorava aquela foto.

— Largue isso!

— O quê? Isto? — Ele levantou o porta-retratos. — Ou isso? — Ele ergueu o taco.

— Na verdade, as duas coisas — ela sibilou.

Ele desferiu um golpe. Della agarrou o taco com as duas mãos e viu um brilho de medo nos olhos do lobisomem. Por uma boa razão. Mas o mais estranho era que ele não pensou em verificar o padrão dela. Seu maior erro.

Ao sentir outra vez o cheiro de sangue, ela no mesmo instante reparou na espessura do taco de beisebol. Seu coração se apertou.

Quem aquele cafajeste miserável já tinha atingido com ele?

Capítulo Quarenta e Oito

Chase contornou a lateral da casa, se agarrando para passar pelas janelas e chegar à parte de trás. A garoa engrossava. A música tocava tão alto que ele podia sentir o chão vibrar embaixo dos seus pés. Esperava conseguir ouvir quando Burnett batesse na porta da frente.

Respirando fundo, Chase sentiu o cheiro de lobisomens, fraco, como o dos lobisomens mestiços — cinco ou seis talvez. Mas nenhum cheiro de vampiro chegou ao seu nariz. Ele só esperava que Stone estivesse em algum lugar lá em cima e seu cheiro estivesse fora de alcance.

Ele ouviu vozes abafadas pela música. O som da guitarra em volume alto o impedia de decifrar o que diziam, mas percebeu que um deles era do sexo feminino. Será que a mulher fazia parte da gangue?

Chase se encolheu por dentro. Ele odiava ter de agredir garotas.

Continuou seguindo na direção dos fundos da casa e pulou o portão, chegando ao quintal dos fundos. A distância, ouviu mais um trovão. Uma tempestade se aproximava. Ele olhou para cima e viu nuvens escuras se aproximando. O cheiro de tempestade impregnava o ar.

Nesse exato instante, avistou a porta de trás e ouviu Burnett bater na da frente. Escondeu-se atrás de um arbusto e preparou a arma tranquilizante.

Passos vieram apressados na direção dele.

— Isso mesmo — murmurou baixinho. — Venha aqui para fora.

A porta se abriu. Três figuras apareceram. Dois caras. Uma mulher. Um sujeito segurava uma pistola. Chase acertou-o com o tranquilizante primeiro.

O homem parou e olhou para baixo, como se não pudesse acreditar que algo o tivesse atingido.

A garota diminuiu o passo; o outro sujeito correu em direção à cerca.

Chase disparou atrás dele. Agarrou o sujeito pelos tornozelos e puxou-o para trás. Ele desabou no chão. Com tudo.

Mas, óbvio, não com força suficiente.

O lobisomem conseguiu se safar e desferiu um soco. Chase se antecipou e desceu o braço... literalmente.

O cara caiu.

Ao ouvir gritos de dentro da casa, Chase deu um giro, voltando-se para trás, com a intenção de capturar a garota e verificar como Burnett estava se saindo.

Ela estava agachada ao lado do lobisomem atingido pelo tranquilizante.

— Pare aí! — Chase avisou. — Não gosto de machucar garotas, mas...

— Por favor, não me machuque! — ela implorou em voz baixa.

— Eu não vou machucar você. Mas não se mova — ele ordenou.

Ela não obedeceu.

Disparou contra ele. A reação de Chase veio uma fração de segundo atrasada. Ele viu a arma na mão dela. Quase em câmera lenta, viu seu dedo acionando o gatilho e a arma disparar.

Della, pronta para bater no lobisomem com o taco, parou quando ouviu a voz de um estranho nos fundos.

— Traga ela pra cá!

O grito de Marla e os suspiros da mãe e do pai encheram os ouvidos de Della e atingiram seu coração.

Engolindo em seco, ela baixou o taco, limpou o sangue dele no jeans e se virou.

O lobisomem usou o taco para empurrá-la para a frente, fazendo-a andar.

A mãe e o pai estavam no sofá e o outro lobisomem mestiço estava parado ao lado deles, segurando uma arma apontada em sua direção. A mãe estava pálida. Seus olhos azuis, arregalados, e Della viu uma marca de soco em seu rosto. Alguém tinha batido nela. O estômago de Della revirou.

O pai tinha sangue escorrendo do lábio e seu olho estava inchado, provas de que tinha tentado resistir. Será que o sangue que ela tinha limpado no jeans era dele?

O vampiro de cabelos loiros, ou pelo menos em sua maior parte vampiro, estava em pé junto à janela. Stone.

O assassino sem escrúpulos segurava o braço de Marla. Sem dúvida, seu aperto firme iria deixar hematomas. A irmã estava com o rosto molhado de lágrimas e mantinha a cabeça afastada de Stone.

Só então Della notou que os olhos do homem brilhavam e ele tinha deixado os caninos à mostra. Era evidente que gostava de assustar as pessoas. E estava conseguindo.

— Solta minha irmã! — disse Della para Stone.

Marla soltou outro grito.

— Vai ficar tudo bem — ela disse para a irmã, sem tirar os olhos de Stone, o tempo todo lutando para manter as presas dentro da boca e os olhos sem brilho.

— Claro que vai. A irmã mais velha vai salvar o dia. — Stone riu, o som pesado. Cruel. O coração de Della martelou contra o peito.

— Eu adoro garotas corajosas! — disse Stone.

— Mas você só pegou uma delas. Pego a outra? — perguntou o lobisomem que apontava a arma para os pais.

O pai fez menção de se levantar.

— Quieto! — O lobisomem colocou a arma na cabeça da mãe de Della. — Ou vou espalhar os miolos dela pela casa toda.

O pai voltou a desabar no sofá e Della viu o desespero nos olhos dele.

Ele tinha visto o que havia acontecido com a irmã. Agora estava acontecendo com sua própria família.

A mente de Della dava voltas. Ela olhou rapidamente ao redor e decidiu que pegar a arma agora era o mais importante.

Mas então viu o dedo do lobisomem no gatilho. Será que seria rápida o suficiente para arrancar a arma das mãos dele antes...

O impacto da bala atingiu Chase e o fez cair de costas no chão. Todo ar que estava em seus pulmões foi expulso de uma vez só.

Será que o colete tinha detido a bala? Com certeza, mas ainda assim ele não conseguia respirar.

— Isso é o que você ganha sendo mole com as garotas. — A mulher correu para a cerca, achando que ele estava morto, ou perto disso.

Agora que ela o tinha irritado, ele se sentia mais vivo ainda. Chase se virou e apontou para ela a arma com tranquilizantes. Ela tinha acabado de escalar o muro. O dardo a atingiu bem no traseiro.

Ela parou, as pernas fraquejaram, então deslizou para trás. Continuou de pé, com o lado bom do traseiro encostado na cerca, oscilando de um lado para o outro como se lutasse contra a droga.

Com uma mão no peito, Chase ficou de pé e puxou a arma da mão dela.

— Eu não sou mole!

Ela caiu para trás, inconsciente.

Pancadas e baques soaram dentro da casa. Ainda lutando para respirar, Chase disparou para dentro.

Burnett virou-se; seus olhos brilhavam e suas presas estavam à mostra. Sangue escorria do seu braço e Chase viu uma faca sangrenta ao lado do rapaz inconsciente, com um dardo tranquilizante na garganta.

Dois outros sujeitos estavam desmaiados no assoalho de madeira.

— Você está bem? — perguntou Burnett, o brilho em seus olhos desaparecendo.

— E você? — disse Chase.

— Só um corte.

— Vou dar uma olhada lá em cima. — Chase subiu os degraus de três em três. Seu nariz lhe dizia que não havia ninguém lá. Mas, caramba, ele queria muito encontrar Stone.

Checou todos os cômodos.

Quando voltou a descer, os três caras dentro da casa estavam algemados e Burnett estava do lado de fora imobilizando os outros três.

— Nada de Stone — Chase lamentou ao sair.

— Me ajude a levar esses caras lá pra dentro — Burnett pediu. — Temos outro problema.

— O que agora?

— Della deixou Shadow Falls há quarenta minutos. Liguei para avisar Shawn que ela talvez aparecesse. Ele não está respondendo. Mandei os agentes virem pegar esses caras.

Um calafrio percorreu o corpo de Chase.

— É onde Stone está.

Chase não esperou para ouvir Burnett dizer que ele não poderia voar. Com sorte haveria nuvens suficientes para mantê-lo fora da vista. Menos de dois minutos depois, Burnett estava voando ao lado dele.

*

Della sorveu o ar por entre os dentes, concentrando-se em não perder o controle e deixar o vampiro assumir. Era preciso admitir, sua família já estava bem traumatizada, não precisava ficar ainda mais.

Atrás dela, ouviu Stone respirar fundo, como se apenas agora ele estivesse começando a sentir o cheiro dela.

— Olha pra mim!

Della se virou. Ele olhou na testa dela e arregalou os olhos. Deveria saber que ela era um vampiro, Della pensou, mas não tinha a menor ideia de que era uma Renascida. Ela planejava certificar-se de que ele saberia na primeira chance que tivesse.

— Ora, ora! — exclamou Stone. — Isso é de família. Agora você pode me dizer onde o seu tio está? Porque se disser, posso pensar em deixar um ou dois de vocês vivos.

A mãe deixou escapar um soluço.

— Eu já disse que o irmão dele morreu anos atrás.

Della ouviu o pai deixar escapar um pouco de ar dos pulmões. Ele sabia, Della pensou. Ou pelo menos uma parte dele sabia que Feng nunca tinha morrido.

Stone olhou para os dois lobisomens.

— Por que só estou descobrindo isso agora? — Ele fez um gesto para Della, obviamente se referindo ao fato de ela ser um vampiro. — Vocês não estavam vigiando a casa? — perguntou aos comparsas. — Sei que não podem sentir cheiro de porcaria nenhuma, mas será que não conseguem nem ler um padrão?

— Joey e os outros caras estavam fazendo isso — disse o lobisomem com a arma em punho.

— Não — Stone disse com rispidez. — O que eles estavam fazendo era causar problemas. E eu disse para vocês vigiarem.

Della achou que aquele seria o momento mais apropriado para atacar e pegar a arma. Mas Stone moveu a mão e agarrou o pescoço de Marla.

— Eu tenho que conseguir ajuda de mais alguém — disse Stone, olhando para Della. Em seguida, ele se concentrou nos pais. — Espera aí! Por que a mocinha não está se mostrando como é?

Um sorriso se espalhou pela sua boca.

— Eles não sabem, não é?

Della olhou para ele. A fúria encheu seu peito.

— Bem, você não acha que é hora de saberem? — Ele empurrou Marla para uma cadeira e pegou Della pelos cabelos, virando-a para os pais e Marla, de modo que pudessem vê-la.

— Faça seus olhos ficarem bonitos para eles!

Capítulo Quarenta e Nove

A dor se espalhou pela sua nuca. Stone puxou o cabelo de Della com mais força. Podia sentir o cabelo sendo arrancado do couro cabeludo.

Ela observou o lobisomem com a arma; ele ainda a apontava para a mãe dela.

Será que ela conseguiria ser rápida o suficiente?

— Vamos lá, mostre a eles! — Stone gritou em seu ouvido.

Lágrimas encheram os olhos dela. A fúria tomou conta de seu peito e ela não conseguiu impedir. Seus olhos ficaram ardentes. Seus caninos se projetaram e ela ouviu a mãe ofegar.

Stone soltou uma risada.

— Pare de machucá-la — o pai dela gritou.

Della viu o lobisomem começar a puxar o gatilho. Ela estendeu o braço para trás, agarrou Stone pelo pescoço e jogou-o em cima do cara com a arma.

A arma explodiu. O lobisomem caiu, mas no mesmo instante virou de costas, a arma ainda na mão. Della pulou sobre o sofá, passou sobre os pais, agarrou ambos, Stone e o lobisomem, pelo pescoço e voou para o outro lado do cômodo, batendo seus corpos contra a parede de tijolos.

Ainda pairando no ar, ela ouviu a porta da frente sendo aberta com um estrondo. Pensando que pudessem ser mais membros da gangue, olhou por cima do ombro. Chase invadia o cômodo. Seu olhar encontrou o dela. Alívio encheu seu peito. Ela não estava mais sozinha.

Em seguida, ouviu a mãe gritar. Della olhou para trás, achando que a mãe estava com medo de Chase, mas foi então que ela viu a irmã cair na frente na cadeira. O cheiro de sangue novo encheu o nariz de Della.

— Não! — Della gritou e soltou os dois criminosos, voando na direção da irmã. Os pais dela já estavam sobre a menina. Della viu Marla respirar, mas o sangue escorria do seu ombro. Muito sangue.

— Deixem Marla comigo — disse Della. — Posso levá-la a um hospital rápido.

Os pais hesitaram.

— Eu não sou um monstro! *Eles* são os monstros! — gritou Della e, pela primeira vez, ela mesma acreditou naquilo.

A mãe tocou o braço do pai.

— Deixe Della levá-la.

Chase estava parado ao lado de Stone e dos outros lobisomens enquanto olhava pela janela e via Della levar a irmã até a porta dos fundos e voar para fora.

A mãe e o pai de Della se levantaram como se também quisessem ir para o hospital. A porta da frente se abriu e mais dois agentes entraram.

Um deles era um agente do sexo feminino, uma *fae*, e ela foi direto até os pais de Della.

Colocou as mãos sobre as costas deles. As posturas tanto do senhor quanto da senhora Tsang mudaram de imediato.

— Venham — ela disse. — Vamos conversar. — Ela os conduziu até a cozinha.

Burnett se aproximou. Seus olhos estavam vermelhos brilhantes. Ele se agachou e olhou para os três bandidos.

— Qual de vocês vai me dizer onde está o meu agente que estava sentado no carro aqui em frente? Vou contar até três, então vou começar a atirar. — Ele puxou a arma.

— Um.

— Dois.

Ele atirou em Stone.

— Ops, esqueci de dizer três.

Os dois outros lobisomens ofegaram.

Stone tentou se levantar, mas voltou a cair. Os dois lobisomens pareciam aterrorizados, sem perceber que era apenas uma arma tranquilizante.

— Devo começar a contar de novo? — Ele olhou para os outros dois, e Chase adivinhou que ele os estava avaliando para descobrir qual deles estava mais disposto a falar.

— Um. — Ele atirou num dos lobisomens mestiços.

— Ele está no galpão do outro lado da rua — o outro lobisomem deixou escapar.

Burnett olhou por cima do ombro.

— Você cuida disso? — Mas o outro agente já estava saindo.

Então Burnett olhou para trás e atirou no segundo lobisomem. Depois se inclinou para a frente.

— Você conhece bem aquele guarda da Fossa do Inferno?

— Muito bem — disse Chase.

— Acha que consegue lembrar como chegar lá? Eddie disse que ele e Kirk iriam encontrar você no local. Ligue para ele.

Della andava de um lado para o outro no pequeno quarto. Toda uma equipe de médicos e enfermeiros estava atendendo à irmã. Ela tinha ficado lá com eles na sala de emergências até que um dos médicos notou sua presença.

— Tire-a daqui.

No início, ela tinha se oposto, mas então um deles disse: — Você não quer o melhor atendimento para sua irmã?

Della assentiu com a cabeça e outros dois enfermeiros a levaram para a sala de espera. Ah, eles fingiram que estavam apenas tentando confortá-la. Não sabiam que ela tinha ouvido o médico dizer para detê-la e chamar a polícia.

— Você quer algo para beber? — perguntou a enfermeira.

— Não. — Della continuou piscando e olhando para o chão na esperança de esconder os olhos brilhantes. Sangue — o sangue da irmã — manchava a sua blusa. Cada vez que ela andava de lá para cá, repetia a mesma oração. *Não deixe que ela morra. Por favor, Deus, não deixe que ela morra.*

Ela ouviu vozes do outro lado da porta. Devia ser a polícia. Della não se importava. Só arranjariam problema se tentassem levá-la para fora do hospital. Ela teria que ferir alguém. E não hesitaria em fazer isso.

De repente a porta da salinha de espera se abriu e Burnett entrou. Ele mostrou o distintivo aos dois enfermeiros.

Della desatou a chorar e ele a puxou contra ele.

— Eles me disseram que ela está prestes a ir para a cirurgia — disse Burnett. — Kylie já está a caminho.

Della o afastou. Então ofegou.

— E os meus pais?

Burnett olhou para os dois enfermeiros.

— Podemos ficar a sós um minuto?

Eles saíram.

— Deixei um agente com eles. Vou trazê-los aqui assim... que for mais seguro.

— Mais seguro? — perguntou Della, e seu primeiro pensamento foi que algo mais tivesse acontecido, mas depois ela percebeu o que ele queria dizer. Ele não iria — não poderia — deixá-los chegar ali gritando e dizendo que tinham visto vampiros.

— Não é culpa deles — disse Della. — Você não pode impedi-los de vir. Sei que estão mortos de preocupação. Se Marla não resistir... — A garganta de Della apertou.

— Acho que vão estar aqui em breve. Estou apenas me certificando.

Della notou o sangue em Burnett.

— O que aconteceu?

Ele franziu a testa.

— Shawn. Um agente. Estava vigiando a casa. Eles o pegaram. Acabei de trazê-lo.

— Shawn, o Shawn de Miranda?

Burnett confirmou.

— Ele não...

— Não. Está indo para a cirurgia também.

Cinco minutos depois, Kylie apareceu.

Mal a amiga tinha entrado e o médico enfiou a cabeça pela porta.

— Ela está sendo preparada para a cirurgia. Vou mandar uma enfermeira vir aqui dar notícias.

— Podemos vê-la? — perguntou Della.

— Não temos tempo a perder.

Burnett voltou-se para Della e Kylie e deu uma olhada na porta que ainda estava entreaberta.

— Doutor, posso por favor ter uma palavrinha com o senhor? — Ele gesticulou para o médico.

Della e Kylie correram para fora da sala. Della levou Kylie ao pronto-socorro, para onde tinham levado Marla.

Duas enfermeiras estavam de pé em volta dela, monitorando-a e limpando algo em seu peito.

— Vocês não podem ficar aqui agora — avisou uma das enfermeiras.

— Só precisamos vê-la por um segundo. Por favor — disse Kylie. Ela é irmã dela.

Quando a enfermeira pegou um telefone para ligar para alguém — para expulsá-las de lá, com certeza —, Kylie se aproximou e colocou as mãos nos pés de Marla.

— Precisamos de alguém aqui, agora — disse a enfermeira ao telefone.

Della ficou entre a enfermeira e Kylie, preparando-se para lutar se fosse preciso.

Depois de apenas alguns segundos, Kylie disse:

— Podemos sair agora.

Della olhou para trás e Kylie estava brilhando.

As duas enfermeiras ofegaram.

— Será que isso funciona? — perguntou Della, mordendo o lábio enquanto saíam.

Kylie sorriu.

— Tenho certeza que sim. Acho que tudo que precisam fazer agora é extrair a bala.

Della, percebendo que Kylie ainda estava brilhando, tirou sua blusa de capuz e entregou a ela.

Duas horas depois, Della se sentou ao lado da irmã, na sala de recuperação. Ela não tinha acordado, mas o cirurgião — que estava surpreso por constatar que a bala quase não causara dano algum — tinha lhe assegurado que Marla ficaria bem.

Burnett apareceu por um instante e avisou que Shawn também ficaria bom.

— E meus pais? — perguntou Della.

— Devem estar aqui em breve. Vai ficar tudo bem — disse ele. Mas Della tinha medo de acreditar. Não parecia que tudo ficaria bem.

Burnett saiu. Della olhou para a irmã, preocupada com o que iria dizer a ela. Em apenas alguns minutos a cortina se abriu de novo. Della esperava ver uma enfermeira, mas a mãe dela entrou.

Estava com uma aparência horrível. Seu rosto estava pálido, o nariz vermelho e os olhos inchados de tanto chorar.

Della esperou para ver o medo e a repulsa transparecerem nos olhos da mãe, mas isso não aconteceu. Ou Della não suportou vê-los. A mãe se aproximou, embora um pouco mais devagar agora. Ela olhou para Marla e não desviou o olhar até o peito da filha se erguer um pouco, para o ar entrar nos pulmões.

A mãe soltou um suspiro profundo e triste.

— Eles disseram que ela vai ficar bem — disse Della.

A mãe encontrou seu olhar outra vez.

— Eu sinto muito — disse Della.

A mãe puxou Della para os seus braços.

— Por quê? Você não fez nada errado. Se não tivesse aparecido, estaríamos todos mortos.

Della estreitou o abraço e, pela primeira vez desde que tinha sido transformada, não se preocupou que a mãe a tocasse ou que se assustasse ao perceber a temperatura baixa do seu corpo.

A mãe se afastou e secou as lágrimas do rosto da filha.

— Sou eu quem tem de se desculpar. Eu... nós... Eu gostaria que você tivesse nos contado. Esses últimos nove meses poderiam ter sido muito diferentes.

— Não é uma coisa fácil de dizer — justificou Della.

A mãe balançou a cabeça e disse:

— Nem fácil de ouvir, também. Mas as coisas vão mudar agora.

Será? Della se perguntou. O pai não estava ali. E ela tinha quase certeza de que sabia por quê.

A mãe dela soltou um suspiro.

— Seu pai está na capela. Ele fez algo terrível, Della. Estou furiosa com ele, mas quer se desculpar com você.

Della tinha imaginado que ele estava prestes a dizer à polícia que ela poderia ter matado os Chi.

— Por que você não vai lá enquanto eu fico com Marla — disse a mãe.

Della concordou com a cabeça, mas, ao sair, parou e se apoiou contra a parede. Mais lágrimas caíram de seus olhos. O que iria dizer ao pai? Será que ele nunca olharia para ela sem ver um monstro?

Miranda e Kylie se aproximaram. Miranda a abraçou. Della a abraçou de volta e sustentou o abraço.

— Você está bem? — perguntou Miranda, e foi quem pôs fim ao abraço.

— Meu pai quer falar comigo — disse ela.

— Então vá — disse Kylie.

— Se ele disser algo cruel, vou jogar um feitiço de coceira nele — disse Miranda, sacudindo o dedo mindinho.

Della, com lágrimas ainda escorrendo pelo rosto, não conseguiu reprimir um sorriso. Então se lembrou.

— Como está Shawn?

— Ele já saiu da cirurgia e está passando bem — disse Miranda. — Os pais disseram que eu vou poder visitá-lo daqui a pouco.

— Ótimo!

— Vá ver o seu pai — disse Kylie.

Della assentiu com a cabeça e saiu, mas, quando chegou à sala de espera, ouviu vozes. Ela parou e empurrou a porta apenas alguns centímetros. Seu olhar percorreu a sala, passando de rosto em rosto, todos muito preocupados.

Levou um segundo para perceber quem é que ela estava procurando.

Ele não estava ali. Não havia nenhum vampiro na sala.

Ela se lembrou de algumas coisas que tinha dito a ele. E supôs que não merecesse vê-lo ali. Então se lembrou daquele segundo em que ela o vira entrar na casa de seus pais. Ela tinha sentido... Bem, não tinha mais se sentido sozinha.

Depois se lembrou do que tinha descoberto com Eddie. Chase ainda escondia coisas dela. Será que ela não tinha direito de ficar chateada?

Enrijecendo as costas e afastando os problemas relacionados a Chase para se preocupar com os problemas relacionados ao pai, ela seguiu as placas indicando a localização da capela.

Capítulo Cinquenta

Kirk e Eddie encontraram Chase na Fossa do Inferno. Ele assinou os papéis para que Douglas Stone, ou Connor Powell, passasse a ser o mais novo residente.

Com Kirk por perto, Chase não tinha dito nada a Eddie sobre a conversa que tivera com Burnett. Mas, pela breve conversa, Eddie não parecia guardar nenhum rancor de Chase.

Chase tinha percebido uma certa tensão entre os dois homens. Eddie disse a Chase que o encontraria lá fora, e Kirk entrou com ele pelas portas dos fundos da prisão para apresentar a Stone sua nova residência. A papelada foi feita e o guarda levou Stone para sua cela.

Quando Chase ia sair, Kirk o chamou de volta.

— Eu estava errado por lhe pedir para cuidar disso do jeito que fiz.

— Sim, você estava — disse Chase.

Kirk olhou para a saída e franziu a testa.

— Nunca quis enganar Eddie. Era sempre para protegê-lo.

Chase sentiu sinceridade na voz do homem, mas Eddie é quem deveria decidir isso.

— É tarde — disse Chase.

Kirk estendeu a mão.

— Agora que você trabalha com a UPF, posso ter esperanças de que haja algumas mudanças para melhor?

Chase recordou as vezes em que Kirk tinha ficado ao lado dele e de Eddie, apoiando-os, e não pôde deixar de apertar a mão do homem.

— Obrigado.

Uma vez lá fora, Eddie foi ao encontro dele.

— Você está bem? — o pai substituto perguntou.

Chase assentiu.

— E você?

— Tudo bem. — Eddie colocou a mão no ombro de Chase. — Estou orgulhoso de você, filho.

— Mesmo que eu trabalhe agora para a UPF? — perguntou Chase.

— Mesmo assim — disse ele. — Como está a irmã de Della?

— Burnett me mandou uma mensagem dizendo que ela vai fazer ficar bem.

— Ótimo.

— Obrigado por ligar para Burnett — disse Chase.

Eddie assentiu.

— Se ele não fosse um agente da UPF, eu poderia até gostar dele.

— Eu já disse. Ele é um bom sujeito.

Eddie sorriu.

— Ele me faz lembrar do seu pai.

— Qual deles? — perguntou Chase. — Eu tenho dois. — Ele encontrou os olhos de Eddie, deixando claro o que ele queria dizer.

— Eu te amo, meu filho! — disse Eddie, e os dois se abraçaram.

Della entrou na capela. O pai estava sentado na primeira fileira. As luzes estavam apagadas, exceto por algumas velas tremeluzentes. Ela secou as lágrimas dos olhos.

Viu o pai olhar por cima do ombro. O peito dela se encheu de emoção, mas ela se forçou a se sentar ao lado dele.

Ele tinha a cabeça baixa, as mãos cruzadas.

— Eu sou uma pessoa detestável — ele disse.

Mais lágrimas umedeceram os olhos dela.

— Não, você não é. Você viu coisas terríveis muito tempo atrás e eu o fiz se lembrar de tudo outra vez.

Ele ainda assim não olhou para ela.

— Fui eu quem disse à polícia que você poderia ter matado o senhor e a senhora Chi.

— Eu sei — disse Della.

Ele olhou para ela.

— Você sabia?

— Sim — disse ela. — E é por minha causa que você foi preso por assassinato. Foi por minha causa que eles reabriram o caso, para que eu pudesse descobrir sobre... Feng e Yu Bao.

— Sim, mas o senhor James me disse que você nunca achou que eu fosse o assassino. Nem quando recebeu o arquivo com a minha confissão. Você acreditou em mim, e eu a entreguei à polícia.

Ela sentiu outra onda de emoção percorrê-la.

— É diferente — disse. — Eu não testemunhei algo terrível que me fez duvidar de você.

— Sim, você testemunhou. — As lágrimas encheram os olhos dele. — Você me testemunhou nestes últimos nove meses. Eu tratei você tão mal! Como pode me perdoar?

Ela se aproximou e pegou a mão dele.

— Porque foram nove meses, e você me tratou maravilhosamente bem por mais de dezessete anos.

Ele passou os braços em volta dela e ali, na pequena capela do hospital, Della conseguiu ter seu pai de volta.

Depois de alguns minutos, ela sentiu a temperatura baixar na sala escura. Olhou ao redor, quase com medo do que a tia pudesse fazer se ainda não acreditasse na inocência do pai.

— Você não matou a sua irmã — ela disse, esperando que Bao Yu ouvisse também.

— Eu puxei a faca — disse ele, e sua voz tremeu um pouco. — Posso ter matado minha irmã. Ela estava tentando fazer isso e eu apenas... me pareceu que a faca a estava machucando. — Ele colocou a mão sobre os olhos e os soluços tristes do pai encheram a pequena sala na penumbra.

Eu já estava morrendo, disse Bao Yu. *Já tinha visto a luz. Ele estava tentando me ajudar. Eu queria tirar a faca. Não é culpa dele.* O olhar encontrou o de Della. *Por fim eu me lembrei. Graças a você.*

Della olhou para o altar e a cruz, e para onde a tia estava. Ela sorriu para Della. Com lágrimas nos olhos, disse "obrigada" sem emitir nenhum som.

— Ela já estava morrendo — disse Della. — Tenho certeza de que você fez isso por ela... porque pensou que só ajudaria. — Ela apertou a mão dele. — O homem que entrou na sua casa, o homem de fato ruim, foi ele quem a matou.

O pai concordou com a cabeça.

— O senhor James me disse isso também.

Della olhou para a tia.

Bao Yu se virou e olhou por cima do ombro, e Della quase engasgou quando a parede dos fundos da capela pareceu se abrir. Onde antes estava a parede agora havia o que parecia o mais bonito pôr do sol que ela já vira. Cores tão brilhantes, tão... diferentes de qualquer coisa que já tivesse divisado. Bao Yu se virou e de repente a senhora Chi apareceu. Ambas acenaram para Della, em seguida afastaram-se, as cores aos poucos se desvanecendo.

Mas a sensação de calor, o suave inchaço no peito de Della não desapareceu.

— Você viu isso? — perguntou o pai.

— Viu o quê? — perguntou Della, chocada.

— Essas cores, como um arco-íris aparecendo na parede.

— Sim — disse Della. — Eu vi.

— Talvez seja um sinal de que coisas boas vão acontecer a partir de agora.

— Sim — Della sorriu. — Acho que foi um sinal.

Eles ficaram ali sentados, no silêncio pacífico. Ambos olhando para a parede, como se esperando que mais cores surgissem.

O pai falou outra vez.

— O senhor James também me disse que você viu Feng.

— Eu vi — disse ela. — Ele é um homem muito agradável. Parecido com alguém que eu conheço — ela disse e sorriu.

— Eu gostaria de vê-lo — disse ele.

— Aposto que ele gostaria de ver você também.

Quatro dias depois, Chase ofereceu a Eddie um copo de sangue e eles se sentaram em sua grande mesa de jantar. Baxter descansava aos pés do visitante. O cão adorava Eddie quase tanto quanto amava Chase.

— Della me ligou hoje — disse Eddie.

A notícia o magoou. Ela não tinha encontrado tempo para ligar para Chase. Ele pegou o copo e tomou um gole lento para esconder suas emoções.

— Os tribunais arquivaram o caso contra Chao. O advogado de defesa solicitou um novo teste de DNA do sangue encontrado no vestido de Bao Yu e, quando foram colher o material, viram que o vestido tinha desaparecido. Temendo que fossem acusados, a promotoria decidiu abandonar o caso.

— Sério? — disse Chase, tomando outro gole. — Engraçado como essas coisas acontecem.

Eddie olhou para ele.

— Vejo que você acendeu a sua lareira há pouco tempo...

— Esfriou muito nesses últimos dias.

— Tem razão — disse Eddie. — Você poderia ter arranjado um monte de problema queimando aquele vestido, sabe?

— É verdade — disse Chase. — Mas se eu fosse pego, teria valido a pena? Teria. Além disso, eu não fiz isso sozinho.

— Teve a ajuda de quem?

— Della tem um monte de amigos em Shadow Falls.

Eddie assentiu.

— Ela disse que meu irmão quer me ver.

— Isso é bom! — disse Chase. Há muitos anos ele ouvia Eddie dizer que sentia falta do irmão gêmeo.

Burnett também contara a ele que o pai de Della tinha admitido quanto fora idiota e estava realmente tentando fazer as pazes com a filha. Talvez o homem não fosse tão idiota assim, afinal.

— Você ligou ou mandou uma mensagem pra ela? — perguntou Eddie.

Chase tomou outro gole lento.

— Ela me mandou não fazer isso.

— E desde quando você faz o que as pessoas mandam? Você nunca me ouviu.

— Ela sabe onde estou. Já disse a ela o que eu sinto muitas vezes. — *E ela nunca me disse que sentia o mesmo. Isso dói.*

Eddie se inclinou para acariciar Baxter. Quando se endireitou, deixou a coleira de Baxter sobre a mesa.

— "Nunca vire as costas para um desafio" — disse ele. — Não é isso que está escrito nesta coleira? Houve um tempo em que você dizia que esse era seu lema. Não pare de fazer isso agora, meu filho.

— Xeque-mate — anunciou Della, sorrindo para o pai.

— Ok, preciso praticar mais — disse ele.

Della apenas sorriu. Sabia que ele a deixara ganhar de propósito, e ela o amava por isso. Deus, ela o amava! Amava toda a sua família.

— Mais uma partida? — ele perguntou.

— Eu tenho que parar. — Della franziu a testa. — Prometi à mamãe que iria ajudá-la a fazer frango empanado para o jantar e prometi a Marla que assistiria *Crepúsculo* com ela. — Della fez uma careta.

Marla tinha voltado para casa no dia anterior. Os médicos ainda estavam atordoados com sua recuperação.

O pai sorriu.

— Sua irmã está tentando mostrar que aceita você.

— Sim, bem, ela poderia apenas dizer isso. Assistimos a esse filme anos atrás. Quem já ouviu falar de um vampiro que brilha no sol?

Ele se inclinou.

— Marla é como sua mãe. Ela tem dificuldade para dizer as coisas às vezes. Não é como você e eu.

Era verdade, Della percebeu. Quando se expressavam, ela e o pai não adoçavam as coisas como a mãe e a irmã.

Ele se inclinou para trás em sua cadeira.

— Você tem certeza de que não quer ficar em casa e terminar o ano em sua antiga escola?

Della fez uma careta.

— Eu gosto de Shadow Falls. Lá estão minhas duas melhores amigas. — *E Chase mora ali perto.* Mas por que isso importava ela não sabia. Pelo menos uma centena de vezes, ela tinha lhe escrito uma mensagem, apenas para deletá-la em seguida.

Ele escondia coisas dela. Isso não era o mesmo que mentir?

— Ok, não vou tentar convencê-la. Mas ia comprar um carro novo para você, se reconsiderasse.

— Isso é suborno! — disse Della. — Um golpe baixo.

Ele suspirou.

— Ok, não posso suportar a ideia de você ir embora.

— Estou com quase 18 anos.

Ele suspirou e ergueu as mãos.

— Você sabe que ainda vou lhe comprar um carro. Eu ia fazer isso de qualquer jeito quando você se formasse no colegial.

Ela se levantou e abraçou-o.

— Pode ser com câmbio manual?

— Você não sabe trocar marchas com um câmbio manual! — disse ele.

— Aprendi. — Ela se lembrou de suas aulas de volante com Chase. O coração dela deu outra cambalhota. Será que nunca pararia de sentir falta dele?

— Vou deixar você ajudar a escolher seu carro.

— Obrigada. — Ela o abraçou outra vez.

Engraçado como ultimamente ela tinha se tornado quase tão viciada em abraços quanto Miranda.

Domingo, quase oito da noite, toda a família dela foi de carro para Shadow Falls. Eles se abraçaram, se beijaram e Marla até chorou.

— Vou estar de volta em duas semanas. — Della ficou parada no portão, vendo-os ir embora. Então, chorou. Pela primeira vez, sabia que eles iam sentir falta dela. Sabia que ainda tinha um lar. Sempre teria.

Ela se virou e olhou para a placa de Shadow Falls. Ali era sua casa também.

Ficou surpresa ao ver que Kylie e Miranda não estavam no portão esperando por ela. Elas já tinham ligado cinco vezes naquele dia, perguntando que horas ela chegaria.

Della atravessou o portão.

— Ei! — Miranda ligou do refeitório. — Estou pegando algumas Cocas, você pode ajudar?

— Claro. — Antes que entrasse no refeitório, os cheiros a atingiram. Vampiros, metamorfos, *faes*, bruxas, lobisomens, mais metamorfos... Todo o grupo deles. Ela ainda estava surpresa quando gritaram, "Bem-vinda ao lar!".

Ela quase não segurou as lágrimas. Todos foram tão gentis! Durante mais de uma hora, ela ficou rindo com todos da sua família de Shadow Falls, Holiday e Burnett, e a pequena Hannah, Jenny e Derek, Perry e Miranda. Lucas e Kylie. Jonathon e Helen. Até Fredericka e Chris tinham vido lhe dar as boas-vindas.

Quando Della estava pronta para voltar para a sua cabana, Burnett perguntou se podia vê-la no escritório.

— Algum problema? — perguntou, ao entrar no escritório de Holiday.

— Não — disse Burnett. — Bem, um pequeno.

— O quê? — Certo, então algo se esfregou na sua perna.

Ela olhou para baixo.

— Chester? O que ele está fazendo aqui?

— Lembra que você me pediu para descobrir em que veterinário o gato dos Chi estava?

— Sim — disse Della.

— Bem, não sei por que acabei me tornando a pessoa responsável, mas a filha dos Chi ligou para o veterinário e disse que não poderia ficar com o gato. Então tive que ficar com Chester. Holiday não confia em Hannah com um animal de estimação ainda. Você acha que ele pode ficar com você?

— Mas que ótima ideia! — Della pegou o gato no colo.

— Ele tem um transportador.

Ela começou a sair acompanhada do gato.

— Della? — chamou Burnett.

— Sim?

— Você falou com Chase?

Um nó se formou em seu peito.

— Não.

— Ok.

Ela começou a andar outra vez e parou quando ele falou.

— É estranho.

— Por quê? — ela perguntou.

— Ele trabalhou com muita dedicação no caso do seu pai.

— E escondeu coisas de mim. Eddie tinha dito a ele que se entregaria à polícia e confessaria. Ele não me contou.

— Sim, mas você sabe outra coisa que é estranha?

— O quê?

— Vocês dois estavam fazendo a mesma coisa. Tentando salvar seus pais. Mas apenas um de vocês parecia apoiar o outro.

Ela ficou ali, sentindo as emoções se agitarem. Visto daquela maneira, ela de fato parecia uma megera.

— Stone estava chantageando o Conselho. Ele tinha arquivos que colocavam todos em risco, até mesmo o seu tio. O Conselho prometeu a Chase que, se ele matasse Stone, eles protegeriam Eddie. Ele não fez isso, porque sabia que, se Stone morresse, seu pai ainda poderia ser condenado. Arriscou mandar Eddie para a cadeia para salvar seu pai da mesma acusação.

— Ele fez isso? — perguntou ela e percebeu que não só parecia uma megera como era de fato uma. Uma megera da pior espécie.

— Sim.

Ela olhou para a mesa de Holiday. Um plano começou a se formar.

— Você acha que eu poderia pegar o seu carro emprestado mais tarde? Eu poderia... sair e comprar ração e outras coisas para Chester.

Ele sorriu.

— Desta vez você vai pedir? Pensei que só ia pegar as chaves e sair daqui a toda. — Ele pegou as chaves e as jogou para Della.

Sorrindo, ela começou a andar, então se virou.

— Burnett?

— Sim.

Ela procurou as palavras certas.

— Por um tempo, nestes últimos meses, senti como se tivesse perdido meu pai. Mas você foi uma espécie de *backup*. E ainda é. Obrigada.

Ele sorriu.

— Eu sinto o mesmo.

Capítulo Cinquenta e Um

Della foi para sua cabana e ela e as amigas fizeram uma sessão Coca Diet na mesa redonda da cozinha.

Riram ao ouvir Miranda se lamentar de sua vida amorosa. Ela estava passando algum tempo com Shawn desde que ele tinha sido ferido. Como amigos. Apenas amigos. Mas agora Perry tinha anunciado que iria ficar fora mais um mês para tentar encontrar os pais.

— Ele disse que foi você quem sugeriu que ele devia procurá-los. — Miranda franziu a testa para Della. — Não é que eu ache errado, eu só... estou confusa.

Elas conversaram por mais alguns minutos. Della colocou a lata de refrigerante na mesa.

— Estou confusa também. Estou prestes a fazer algo que pode ser uma idiotice.

— O quê? — perguntou Kylie.

— Estou indo ver Chase.

— Isso não é idiotice — disse Kylie.

— Também não acho que seja — disse Miranda.

Elas concordaram em tomar conta de Chester, enquanto Della voltava para seu quarto.

— Eu pensei que você fosse ver Chase.

— Eu vou, mas vou tomar uma ducha primeiro.

O queixo de Miranda caiu.

— Você não está indo só falar com ele, está?

— Cale a boca! — disse Della.

— Que tipo de *lingerie* vai vestir? — Miranda brincou. — Apenas para o caso de não saber, hoje é domingo.

— Eu nunca deveria ter contado a vocês — disse ela.

— Você tem que contar. Isso está no livro de regras das melhores amigas! — disse Miranda quando Della começou a se afastar.

Della dirigiu até o supermercado. Não o mais próximo, mas outro, a mais de trinta quilômetros de distância. O que ficava mais perto não tinha o que ela precisava. Tudo comprado, ela voltou para o carro. O telefone anunciou uma mensagem de texto.

Achou que era Marla ou Kylie e Miranda.

Não era.

Era Chase. A mensagem era curta, doce e ia direto ao ponto.

Ainda estou aqui.

Ainda sinto sua falta.

Ainda amo você.

Ela começou a digitar de volta, então decidiu apenas surpreendê-lo. Vinte minutos depois, estacionou na frente da cabana dele.

Chase saiu na varanda. Não estava usando camisa. Não que ela se importasse. Ele ficava muito bem sem camisa.

Ele ficou ali parado, olhando-a, como se não pudesse acreditar que ela estava lá. Então ele e Baxter por fim desceram correndo os degraus da varanda.

— Você está aqui! — Ele não tentou beijá-la. Então ela ficou na ponta dos pés e o beijou.

Ele a puxou contra si.

— Nossa, eu senti tanto a sua falta!

— Eu também.

Dentro da cabana, ele a abraçou outra vez. Ela inclinou a cabeça e encostou no peito dele. Sua pele nua causava uma sensação tão boa...

— Ah, eu esqueci. — Ela correu para fora, pegou o saco do supermercado no carro e se apressou a voltar, entregando a ele.

Mal o saco deixou a ponta dos dedos e ela se lembrou do que mais tinha comprado.

— Espere! — Ela pegou o saco de volta. Infelizmente, ele ainda o segurava e o papel se rasgou ao meio. O pacote com doze preservativos e a embalagem da padaria caíram no assoalho de madeira.

Chase olhou para baixo. Num segundo, Della pegou os preservativos. Mas não a tempo de Chase não vê-los.

— Não se atreva a dizer uma palavra ou vou mudar de ideia.

— Nem uma palavra — disse ele, mas tinha um sorriso bobo na cara. — Você sabe, eu já tinha alguns.

— Ah, você achou que ia precisar, é?

— Eu *esperava* precisar deles. Então, por que comprou? Você coleciona ou algo assim?

— Eu... Esqueça. — Ela sorriu.

Ele riu, em seguida, pegou a embalagem da padaria que Baxter tinha começado a farejar. Quando a abriu, seu sorriso desapareceu. Ele olhou para cima, e pareceu... não triste, mas sério.

— Bolinhos de chuva?

Segurando os preservativos atrás das costas, ela confirmou com a cabeça.

— Você... você disse que tinham gosto de amor.

Ele colocou os bolinhos em cima da mesa e a beijou. Um beijo suave e quente.

— Eles têm. — Ele pegou um bolinho.

— Prove um — disse. E estendeu um para ela.

Ela fez que não com a cabeça.

— Desculpe, provei um semana passada e tem um gosto horrível.

Ele soltou uma risada.

— Ah, tudo bem. Provei sua sopa de cebola e botei tudo pra fora. Mas pode ter sido o vinho, é verdade.

Ela riu e se inclinou, colocando o queixo no peito dele.

— Nós não temos que gostar dos mesmos tipos de comida. Apenas um do outro.

— Eu gosto — disse ele. — Eu te amo.

— Eu também te amo. — Ela colocou uma mão no peito dele. A que não estava escondendo os preservativos atrás das costas.

— Desculpe, fui uma completa megera. Estava com medo, confusa.

— Você não é uma megera — disse ele e colocou a mão em cima da dela.

— Não, deixe eu terminar. Preciso dizer isso. — Ela engoliu em seco. — Eu só conseguia pensar que, se meu pai fosse condenado, seria tudo culpa minha. E embora eu soubesse que Eddie é como um pai pra você, nunca levei em consideração que você estava tão assustado quanto eu com a possibilidade de ele ser preso. Quero dizer, eu meio que sabia, mas estava sendo egoísta.

— Pare — disse Chase, levando a mão aos lábios dela. — Você é a pessoa menos egoísta que eu conheço.

— Eu afastei você — ela deixou escapar. — Não queria admitir quanto gosto de você. E não é apenas a ligação, Chase. Steve definiu isso muito bem. Ele me disse que eu era louca por você antes mesmo de receber o seu sangue. E ele está certo. Eu já era... louca por você.

Ele sorriu.

— Eu sou louco por você, também.

Inclinando-se, ele pressionou os lábios contra os dela. O beijo foi suave, doce, mas logo se tornou ardente. E Della foi ficando mais e mais consciente de que estava segurando um pacote de preservativos atrás das costas.

Em algum lugar na cabana, ouviu-se o ponteiro de um relógio se movendo, contando os segundos.

Ela se afastou.

— Que horas são?

Ele olhou por cima do ombro.

— Onze e cinquenta e oito, por quê?

— Precisamos começar, então.

— O quê? — perguntou.

— Posso tirar a roupa? — Ela jogou os preservativos no sofá.

Os olhos dele se arregalaram.

— Bem, eu... Certo.

Ela olhou para ele e deu uma risadinha.

— Eu acho que você está corando.

— Eu não estou — disse ele.

Sim, ele estava. Mas ela gostava disso. Saber que tudo aquilo era meio novo para ele também. Pelo menos um pouco.

Ela puxou a camiseta, então gingou os quadris para tirar a calça jeans. E ficou diante dele apenas com a roupa de baixo.

O olhar de Chase percorreu-a de cima a baixo, e ela teve certeza de que ele gostou do que viu.

Ele se aproximou. Sua mão envolveu delicadamente a cintura dela.

Seu toque suave provocou arrepios em sua pele e a expectativa a percorreu, mas ela afastou a mão dele.

— Ei, Pervertido da Calcinha, você está deixando de notar uma coisa. — Ela recuou e acenou com a mão para cima e para baixo ao longo do seu corpo seminu.

Ele franziu a testa.

— Deixando de notar... o quê? Eu já notei que... você é maravilhosa.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu estou com o dia certo. — Ela apontou para a calcinha.

Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou. O som soou como música aos ouvidos dela. E estar ali com ele soou como mágica. Então ele a puxou contra ele. Os dois riram e ficaram abraçados a noite toda.

Della não se lembrava de nada parecer tão certo. Estar com ele, ao lado dele. Sentindo sua pele nua contra a dele. Ela o amava. Adorava como ele a fazia se sentir sexy e bonita. Adorava como respeitava seu ritmo e a tocava como se ela fosse uma obra de arte.

Nove meses antes, o mundo de Della estava de cabeça para baixo. Ela odiava que tudo tivesse mudado. Odiava quem ela era. O que ela era. E agora, no entanto, percebia que aquelas mudanças a tinham levado até ali. Até Chase. Até a carreira que queria. Até as suas duas melhores amigas e a todos em Shadow Falls.

Às vezes, pensou, as mudanças não eram tão ruins assim.